REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

COLLABORADA

POR

MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS

E

REDIGIDA

POR

SEBASTIÃO JOSÉ RIBEIRO DE SÁ.

SEGUNDA SERIE. TOMO IV.

UNDECIMO ANNO: 1851—1852.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

Rua dos Fanqueiros, 82.

1852

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE UNDECIMO TOMO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PARTE LITTERARIA.

NOTICIAS E COMMERCIO.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 1. QUINTA FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1851. 11. ANNO.

COMEÇANDO hoje o decimo primeiro anno da publicação, o redactor da Revista julga dever substituir o prologo do presente volume por um sincero agradecimento aos seus Assignantes do reino, e do imperio do Brazil, pelo acolhimento que, ha tantos annos, teem feito a este Jornal.

O plano da REVISTA será o que tem sido até hoje; e não se pouparão esforços nem despezas para o progressivo melhoramento de cada uma das suas principaes divisões.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INDUSTRIA FABRIL.

Fabrica de tecidos dos Srs. Bernardo Daupias e Comp.ª

A fabrica de que vamos fallar, popularisa-se pela variedade dos seus productos, pelas differentes posições da sociedade a que dirige a sua producção. Todas as classes comparecem no seu mercado.

Quem visitou a Exposição da Industria de 1849, deve lembrar-se da elegante loja improvisada, em que os productos da fabrica dos Srs. Daupias ostentavam o acerto do tecido, o brilho das cores, a variedade da combinação dos fios, e o destino variado de tantos artefactos differentes. A maioria de taes productos foi, pela primeira vez, fabricada em Portugal, mas nenhum foi obra expressa para a Exposição — todos se tiraram dos que andam no giro do commercio, desses que já ha tempo são, pelos consumidores, preferidos aos estrangeiros. Esta fabrica é uma das mais bellas e illustres filhas da Pauta de 1837: e o seu admiravel progresso plenamente prova, como no systema de protecção o agricultor se abraça ao fabricante.

Entrae na fabrica, que está situada ao Calvario no bairro de Belem, ide pela parte do mar — subi para esses grandes armazens que olham para o Tejo, e vede como as lãs, elemento precioso da nossa agricultura, prova de que a creação dos nossos gados vae começando, ahi estão a proclamar bem alto o auxilio que o tear presta ao trabalho do campo. Esses armazens chamaram-se outr'ora terecenas, eram deposito de trigo estrangeiro que nos vinha alimentar. Entam faltava-nos trigo, e ao mesmo tempo tambem nos faltavam muitos productos fabris que temos; e ao presente que muitos productos novos sahem das fabricas apenas infantes, o trigo nacional já busca por vezes deposito para exportação, e um portuguez, por nós já citado com louvor, o Sr. Corrêa, introduz em Portugal a raça dos merinos.

Supponde que a povoação circulava no paiz, não se finando na ignorancia do isolamento — que as necessidades da vida se desenvolviam e aproximavam no paiz — e que os productos da fabrica Daupias tinham o consumo que em tal caso lhe era devido — só nesta fabrica dobraria o consumo dos valores agricolas representados na lãa. Seis mil arrobas que ella está gastando por anno, subiriam a dez mil, das quaes só uma parte muito pequena deixa de ser nacional.

Começou esta fabrica na rua da Horta, freguezia das Mercês: — e para se calcular quanta intelligencia, zelo e actividade se empregam no cuidar uma destas plantas industriaes que ainda

não conhecem a terra para onde são transplantadas, recordaremos que na Exposição de 1844 — os productos appresentados eram superiores aos que figuraram em 1840, sendo em 1844 que os seus tapetes, representados por tres differentes padrões, annunciaram um dos mais lindos e admiraveis productos da fabrica, que então tinha por motor, uma machina da força de 6 cavallos, empregando cerca de 100 operarios.

A variedade dos seus productos constava de onze amostras; e cinco annos depois esta variedade só quazi em amostra, apresentava ao publico trinta e sete productos, em completo estado de fabricação — o que pareceu provir de muitas fabricas: mas nessa época, a força da machina era já de 24 cavallos, a fabrica estava no seu novo edificio, e mais de 400 operarios lhe deviam o sustento e o de suas familias.

E' mister visitar a fabrica para comprehender como em um só edificio, em resultado de um só systema de trabalho, se fabricam todos os seguintes generos expostos com tanta honra em 1849.

BERNARDO DAUPIAS E COMP. COM FABRICA DE LANIFICIOS AO CALVARIO EM ALCANTARA.

Alcatifas finas para salas. — Ditas meias finas, ditas. — Ditas para escadas. — Tapetes para sofá, largos. — Ditos, dito, estreitos. — Fazendas para morey, differentes cores. — Ditas para vestidos. — Ditas para colletes. — Mantas de seda para senhora. — Ditas vareje. — Capas para creanças. — Cobrejões á hispanhola. — Jalecas forradas de pello. — Ditas de malha. — Cintas á hispanhola. — Ditas riscadas. — Gravatas de differentes qualidades e cores. — Bonets de lã. — Barretinhos. — Trancinhas de lã. — Cordão preto. — Ligas e galões. — Lã para bordar. — Ditos de dois fios. — Çapatos para senhoras, finos. — Ditos meios finos, forrados. — Camisolas e ceroilas de lã e algodão. — Chailes de malha, differentes qualidades e cores. — Ditos tartans, ditos. — Ditos, ditos dobrados. — Ditos nanreantes sortidos. — Ditos kabeles. — Ditos inglezes. — Ditos Allemagne. — Ditos pretos para luto. — Ditos estampados. — Ditos de seda e lã. — Ditos de seda.

Para vêr as mil transformações das materias primeiras, que produzem taes effeitos, é preciso entrar pelo lado da rua do Calvario. A' entrada, logo se deixa vêr parte das suas longas officinas, estendendo-se sobre o terreno sem se alargarem muito. Entre os diversos ramos do fabrico, avultam, o fiar, cardar e pentear lã — o tecer a lã só, e juntamente com o algodão, ou ligada á seda — a tecelagem de ponto de malha e a tinturaria para uso da fabrica. O movimento da machina é da força de 24 cavallos, como já dissemos, é a força motora da fabrica, juntamente com 436 operarios, os quaes se compoem de 131 homens, 218 mulheres, 42 rapazes e 45 raparigas: — os teares de tecidos são movidos pelos tecelões.

As horas uteis de trabalho são 12 nos dias maiores e 11 nos mais pequenos.

Emprega annualmente como materias primeiras:

PARA TECIDOS.

Nacionaes.	*Estrangeiros.*
5 a 6 mil arrobas de lã suja.	500 a 1000 arrobas de lã suja de Hispanha ou Inglaterra.
3 a 4 mil arrateis de fio de linho e estopa.	3 a 4 mil arrateis de fio de algodão.

PARA TINTURARIA.

4.000 arrateis de acido nitrico.	800 arrateis de massa de anil.
1.000 arrateis de acido sulfurico.	1.500 de cochonilha.
600 arrateis de vitriolo de Chypre.	1.200 arrateis de urzela preparada.
3.000 arrateis de cremor de tartaro.	2.000 arrateis de estanho.
	2.500 arrateis de pau amarello.
	3.000 arrateis de pau de St.ª Martha.

A lã entra suja na fabrica, e ahi é lavada, fiada, tingida e tecida, e ahi mesmo os diversos productos recebem os ultimos preparos, ou o seu acabamento, como dizem os fabricantes.

O consumo é no paiz e nas possessões do ultramar.

Desde os armazens em que se lava a lã, desde o quarto em que as mestras de tecelagem leem o desenho, que á semilhança do original que o prelo reproduz, se vae reproduzir na machina aos milhares de exemplares, até ás officinas em que os operarios desenvolvem os differentes ramos, é para louvar a ordem que serve de regulamento para tudo.

Os sacrificios feitos para levar um estabelecimento fabril ao grão de perfeição, em que está a fabrica do Sr. Daupias, devem ter sido muitos e de grande valor.

As suas machinas são das mais perfeitas que existem em Portugal. — Alguns dos mais habeis mestres de Paris tem vindo a pezo de oiro, e á custa do proprietario da fabrica, transportar para

a nossa terra processos de trabalho, que ficam sendo nacionaes e constituindo o patrimonio dos operarios portuguezes. São estes serviços publicos de tal ordem, que não sabemos de premio bastante digno para os recompensar — e só a estima geral, e as bençãos que o futuro lança sobre o nome do homem emprehendedor, que é causa de taes elementos de verdadeira prosperidade, pódem servir de incentivo para que o exemplo seja seguido.

Esta fabrica para não decahir, precisa que os direitos protectores se conservem — tirae da pauta esses direitos, com referencia aos artefactos de lã, alterae-os sem tino nem estudo, e um dos mais completos estabelecimentos fabris de Portugal deixará de existir.

Entre os seus productos, merecem especial e mui honrosa menção, as suas alcatifas e tapetes, producto nacionalisado pelo Sr. Daupias: e tanto a qualidade destes artefactos como a belleza dos seus desenhos e o effeito vivo das côres não os differença dos que habitualmente vem do estrangeiro. Nos chales, a variedade da fabricação é immensa — e acompanhada pela variedade do gosto. — Em geral é grande a perfeição do seu trabalho, e já tem expellido do mercado muitos chales estrangeiros.

Além dos productos que a fabrica destina para o grande consumo, a mais alta sociedade encontrará no mercado, provindo tambem das suas machinas, bellas e ligeiras mantas, fazendas escuras de lã e outros productos de apurado gosto e perfeitissima execução, tanto em tecido como em obra de ponto de malha.

Provando os seus trabalhos, feitos depois da Exposição, que os seus proprietarios trabalham sem descanço, e não adormecem á sombra dos seus merecidos louros, ganhos nas lides industriaes.

Foi com a mais completa justiça, que o jury de 1849, conferiu a esta fabrica uma medalha de prata, fundamentando pelo seguinte modo tão merecida honra para a intelligencia e para o trabalho.

« Os Srs. B. Daupias e Comp.ª, com fabrica de fiação e tecidos ao Calvario, exposeram — varios massos de fio de differentes cores e grossuras; diversos tapetes, alcatifas de sala, e peças para ellas se fazerem, tudo de elegante desenho e bem harmonisadas cores; chailes laborados por diversos feitios, e peças de escocezes ao gosto de orleans, proprios para vestir senhoras; barretes, cintas, e uma infinidade de outros artefactos de seductora apparencia, e tão perfeitamente acabados, que já no ultimo inverno arrojaram dos mercados nacionaes a concorrencia de manufacturas similhantes de fabrico estrangeiro, d'antes tão preferidos no consumo.

« A secção do jury, apreciando a honra e utilidade que resulta ao paiz, de alimentar em si um estabelecimento onde se elaboram objectos commerciaes tão variados e perfeitos, não podia, sem compromettimento do seu dever e da sua intelligencia, deixar de votar, como effectivamente votou, ao Sr. Daupias e Comp.ª, uma das poucas medalhas de prata que tem á sua disposição, como signal do elevado merito que encontra em todos os productos da sua fabrica. »

(Relatorio da secção de tecidos, pag. 102 do Relatorio Geral da Exposição de 1849.)

Na exposição de 1849 — esta fabrica recebeu de SS. MM. a Rainha e El-Rei a honra de escolher varios dos seus productos.

O contrabando, mormente das cintas hispanholas e outros generos, isto é, dos productos de mais facil fabrico, e dos quaes o consumo auxilia o despendioso fabrico dos mais perfeitos — muito póde prejudicar esta fabrica e outras de lanificios. E sobre este ponto seria mui conveniente que uma commissão, especialmente nomeada pelo governo e que já tem, pelo que nos consta, alguns trabalhos feitos, accudisse com alvitres, que, pelo mesmo governo, fossem aproveitados para diminuir a prejudicial influencia do commercio illicito no estado prospero das nossas fabricas, e no giro regular do commercio legal.

Os Srs. Daupias e Comp.ª devem progredir animados na sua carreira industrial — que para elles é uma carreira de gloria e de triumphos, e para o paiz, que, hoje é sua patria, uma honra tão proveitosa que os devem presar e respeitar como dos homens mais uteis ao trabalho nacional e ao incremento da riqueza publica.

Em resultado de todos os seus esforços — os productos da sua fabrica são gosados e admirados por todo o paiz — nas salas dos ricos e nas pousadas dos pobres — nos palacios da capital e do Porto, e nos campos e nas aldeas.

E se no Paço Real, onde o representante da firma social, o Sr. Barão de Alcochete, é recebido, com a estima que merece o seu caracter e o seu amor ao trabalho, e á nossa e sua terra, os tapetes da sua fabrica adornam algumas salas, os seus productos mais inferiores completam o vestuario do lavrador e o de muitos operarios. E' até o caso de dizer — que pela qualidade e variedade dos seus productos, a fabrica Daupias tem alcançado que, desde o throno até á choupana, o seu trabalho seja proveitoso, conhecido e honrado.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XIX.

Apparecendo em fim nos jornaes francezes nova carta de M. Blanqui, do Instituto, appressamo-nos a publical-a. É datada de 14 de Julho ultimo.

« As minhas precedentes terão habilitado os leitores para formar opinião sobre o caracter geral da Exposição Universal.

Todos agora concordam no ponto que eu fixei logo nos primeiros dias de meus estudos, isto é, que a lucta do mundo industrial só existe em realidade entre a França e a Inglaterra, e que as demais nações só tem assistido como espectadoras a este memoravel torneio.

A India ingleza, a China, a Turquia compareceram representando o passado, e a Russia, a Australia, e os Estados-Unidos, annunciando o futuro. Porém, a verdadeira contenda fabril, torno a repetir, é entre a França e a Inglaterra, tendo por auxiliares e padrinhos a Allemanha, a Suissa, a Belgica, a Hespanha, a Italia, potencias mui intelligentes, mui adiantadas, mui attentas ao terreno.

Temos visto quaes eram os caracteres distinctos da superioridade franceza. Exposemos como os nossos operarios, sempre artistas, até nos objectos mais vulgares, sendo os mais habeis sapateiros assim como são os primeiros fabricantes de sedas, sabiam dar á materia formas elegantes e compensar pela graça inimitavel do trabalho o que por ventura lhe falte pelo que toca á ferramenta, á organisação economica e a capitaes. O simples resumo da exposição ingleza rematará este parallelo, que deixará de ser possivel sobre as mesmas bases dentro em poucos annos, se a França adquirir o capital e a Inglaterra a elegancia, para o que estas duas nações caminham com passo desigual mas continuo.

Tem sido bastante censurada a Inglaterra por ter feito para si o que se chama partilha do leão, pelo menos quanto ao espaço, porque occupa exactamente metade de todo o destinado á exposição universal. Mas não se tem reflectido que essa metade foi tão bem recheada que em verdade não ha motivo para queixa, e vendo-se os espaços vasios mal disfarçados nos lotes das outras nações, pergunta-se o que fariam ellas de mais amplo espaço, se lho tivessem concedido. Demais disso a Inglaterra estava em sua casa, e era natural pensar que a sua modestia não chegaria ao ponto de apparecer desalinhada n'uma festa industrial a que convidava o mundo inteiro. Não faltariam então maiores clamores de que era uma cilada, e de que a Inglaterra convidára os povos para roubar-lhe os segredos, ao passo que escondia os seus.

A Inglaterra nada occultou: expoz os productos proprios e as materias primas das suas colonias, dispoz esta immensa encyclopedia n'uma ordem admiravel, a ordem que reina em a sua industria como em a sua politica, como na sua sociedade regrada donde tem sabido tantas maravilhas. Poz tudo patente, publicou tudo, até as menores particularidades de seus processos, de suas operações: forneceu todas as plantas, perfis, e desenhos de suas forjas, e descobriu á vista de todos até as phases mais minuciosas de suas explorações subterraneas; acham-se no palacio de cristal amostras de todas as minas de carvão, de ferro, de cobre, de estanho que ella possue em ambos os hemispherios. A rainha e as principaes personagens do reino não tiveram por desdoiro fornecer o seu contingente, e figurar na primeira classe entre os expositores.

Póde, pois, contemplar-se pela primeira vez o panorama da industria ingleza e correr com a vista até os menores meandros desse rio immenso que leva ondas de oiro e de riquezas: a fonte é agora visivel, e conhece-se, sem a menor duvida, o segredo dessa producção colossal que fez a Inglaterra o paiz mais florescente do mundo. É da perfeita intelligencia que reina entre o capital e o trabalho que procedem tantas maravilhas; é pelo mutuo apoio que se prestam, em vez de perder o tempo em luctas rancorosas, que os seus esforços communs deram em resultado a creação de productos que são hoje a admiração de todos os povos.

A industria metallurgica é o ponto de partida desta opulencia sem igual. Os seus materiaes elementares não são bellos e attrahem pouco a attenção do vulgo; porém, os inglezes de nenhum se esqueceram, e é curioso vêr os homens especiaes percorrerem silenciosamente, de caderneta na mão, as galerias que não contém senão estas amostras de tão pouca apparencia e de *tanta realidade*. Abri o catalogo ao acaso: — areia encarnada de Collinson, para fundidores, produzindo as mais bellas fundições: areia de Reigate, mui procurada para a fabricação do vidro; specimen de areia branca em Tamworth, empregada mui vantajosamente no cristal; Kolin (barro de porcelana) de Martyn para as loiças de Straford; argila de Truro propria para formar os fornos, louças de Killaloe, granitos de Escocia, marmores de Portland, porphydo de grão brando de Newquay para revestimento de fornos etc. Não ha uma só destas amostras de areias ou terras que não seja origem de consideraveis riquezas, que não dê occupação a milhares de braços,

Tal é o aspecto severo da parte fundamental da industria ingleza, que se completa nos outros seus elementos pela mais bella collecção de metaes que existe no mundo, e de productos metallurgicos simples ou compostos, distribuidos por ordem methodica e facil de estudar. Mineraes de ferro, de cobre, de estanho, de manganese; ferro, fundições, aços de todas as proveniencias e de todas as dimensões, carris de caminhos de ferro, armações de leito, tornos, cadeias continuas ou á Vaucanson, ancoras de navios, martellos, maços, nada falta. Em seguimento a essas materias primeiras ou elaboradas, dilata-se como um immenso parque de artilheria, o arsenal inteiro das maquinas, cuja nomenclatura circumstanciada exigiria só per si mais de um volume, e que estão todas postas em acção, como já disse, por meio de depositos de vapor collocados da parte de fóra do edificio.

Esta encyclopedia viva e activa, servida por operarios das diversas provincias e das diversas corporações, com os trajos de suas terras e de suas profissões, excitou uma sensação extraordinaria. Deu ao publico uma idéa mui elevada da industria ingleza, que todavia não se deve comparar ao aspecto sombrio e silencioso das outras maquinas europêas, con-

demnadas á immobilidade: os grandes apparelhos de MM. Derosne e Cail para o fabrico do assucar, os de M. Chapelle para o do papel continuo, as nossas bombas, os nossos aparelhos de distillar, se podessem funecionar na exposição de Londres não teriam produzido impressão menos viva; mas, evidentemente não se pódem comparar em numero e deixam muito a dezejar pelo que respeita a variedade.

As maquinas agricolas inglezas, sobre tudo, revelaram ao mundo um systema completo de meios de que ninguem mostrava ter o menor conhecimento, e que provam todos os recursos que, neste paiz, a cultura deriva da industria fabril. É evidente que os inglezes preparam ou para melhor dizer vão effectuando, ha pouco tempo, uma verdadeira revolução na arte de cultivar a terra; tratam-na com desvelos e melindres infinitos. Comprehendem muito que ao cabo de tudo e apesar de suas tendencias industriaes e commerciaes, a terra sempre é a base mais solida de toda a prosperidade, e dir-se-hia que para ella é que fazem trabalhar as suas forjas e os seus navios. Não podeis imaginar a que auge tem subido o seu cuidado neste ponto. O maquinismo a vapor decididamente apossou-se do dominio agricola, e já começam a debulhar trigo, cortar palhas, puxar a charrua, construir os canos de *drainagem* (exsicamento do solo), com maquinas a vapor portateis da força de alguns cavallos. Assisti no Shropshire a experiencias curiosas de cava mechanica, que estão em caminho de bom exito.

A variedade dos bellos instrumentos de agricultura é superior ás mais atrevidas hypotheses, e só ella seria bastante para attrahir a Londres todos os agricultores da Europa. Com o soccorro daquelles engenhosos auxiliares os inglezes triumpharam a pouco e pouco de todos os obstaculos do seu clima, do seu torrão, e mesmo de todas as concurrencias que lhes acarretou a reforma economica. Conseguiram alinhar as espigas de trigo, como os hortelões mais destros fazem ás latadas de legumes nas hortas: fazem brotar os trigos como querem na aresta dos regos em os terrenos humidos e no fundo dos regos em os terrenos enxutos; em breve farão quanto quizerem da naturesa amoldada, obediente ás suas ordens, como um servo habil e disciplinado: não me cançarei de convidar os agricultores francezes a fazer viagens pelos grandes condados agricolas da Inglaterra, o Norfolk, o Yorkshire, o Shropshire e a Escocia. Quem póde prever qual será o futuro da nossa terra de França cultivada segundo a arte ingleza? Ide alli, e examinae o que virdes.

Apoz as maquinas em ponto grande e as maquinas agricolas vem os instrumentos de *precisão*; a Inglaterra de certo expoz bellissimos; mas os nossos os excedem; e desde os chronometros até os pharoes, desde os oculos até os pianos e orgãos mantemos nossa primazia nas sciencias como nas artes. Devemos sómente advertir os que julgassem poder deitar-se a dormir com uma segurança fallaz, que se M. Freiner creou uma eschóla de construcção de pharoes, eschóla toda franceza e temporariamente sem rival, os inglezes por seu turno tambem agora se fizeram mestres nesta arte difficil e caminham já quasi a par de nós.

Só Erard, o terceiro do nome, está sendo, tanto em Londres como em Paris, o fabricante de pianos por excellencia. O sopro violento das revoluções não póde abalar a sua dynastia que reina em ambos os lados da Mancha. Não quero deixar de mencionar de passagem o seu admiravel piano, no estylo á Luiz IV pelo exterior, e á moda Erard no interior, que tem excitado no mais subido gráu a attenção dos entendedores. — O orgão de M. Ducroquet abafou a voz de todos os outros, sobretudo sendo tocado por M. Danjou, que não é somente organista de nomeada mas tambem habil escriptor.

A Inglaterra offerece principalmente estudo interessante aos francezes em todas os ramos da industria dos tecidos, em que ella aspira a dominar como soberana. Já se disse quanto havia a dizer da sua superioridade na fiação e tecelagem do algodão, na qual tem desenvolvido um vigor que parece dever chegar aos extremos limites. É necessario vêr os seus teares mechanicos para formar justa ideia do que é hoje esta industria.

Temos presentes fios do n.º 2016 e preços correnses que demonstram evidentemente a impossibilidade actual para qualquer povo trabalhar com eguaes condições, quando não as obtenha. No entanto, esperando a hora afortunada em que os transportes, o carvão de pedra, o ferro, e o credito sejam accessiveis em França e com as mesmas facilidades que em Inglaterra, devemos aproveitar-nos da nossa superioridade artistica e compensar pelo trabalho das estamparias o que nos falta do lado da fiação e tecelagem.

A exposição ingleza provou que na industria dos tecidos de algodão ninguem póde roubar-lhe actualmente a palma do *branco*, como dizem os homens da arte, nem a dos lisos. Mas, examinando-se as suas chitas de Manchester e mesmo as de Glasgow a par das de Mulhouse, fica evidente que a vantagem é nossa, e que tirariamos grande proveito de estampar os estofos que os inglezes fabricam mais barato. A questão se deslindará pouco a pouco, deste modo, na pratica industrial. Os pannos da India foram admittidos em França para serem estampados, e as nossas fabricas lucraram com esta tolerancia. Que excellentes resultados não colheriamos da livre introducção dos aços para uma infinidade de industrias, que pagam tão caro este elemento indispensavel de tantos fabricos uteis!

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo I.

« A VERDADE DE UM RIFÃO NO ADRO DE S. DOMINGOS. »

— « Ninguem me diga: « eu desta agua não beberei. » Padre Procurador, não somos nada neste mundo. »

— « E' verdade, Thomé das Chagas. Então que quer? Pagam-se os peccados. »

— « E eu sem pregar olho toda a santissima noite... e vai, e sahe-nos uma destas! Os nossos padres como estão? »

— « Mortificadissimos!... Apesar de toda a grandesa de alma isto chega ao vivo. «

— « Pois não! E o excommungado papel não haverá meio de se lhe acudir? »

— « A Provisão do Desembargo do Paço? Eu não sei, por mais que scisme. E' *Cæsar in Cæsare!* Sempre é ir de El-rei para El-rei. Como os padres de S. Roque hão de rir-se a esta hora! »

— « Pois elles com isto tem alguma coisa? »

— « Teem tudo, Thomé. V. mercê não percebe, mas percebo eu. A pedra veio da sua mão; e os padres da Companhia atiram certo... Não importa! O jogo continúa, e no fim se verá quem perde. »

— « Não suppunha. Ora esta! Com que andam os Jesuitas no caso?

— « Em tudo, irmão Thomé. Nestes reinos, faz-se alguma coisa que elles não cubram com a sua roupeta? »

— « Parece impossivel!... Até no Desembargo do Paço?... »

— « Em toda a parte. A Companhia apparece á cabeceira de El-rei, se adoece, no seu oratorio se resa, á mesa dos seus tribunaes se despacha... »

— « Então se está em todos os logares?... »

— « Sabe e aconselha tudo, é verdade. Só da Santa Inquisição não venceu por ora nada, nem hade conseguir, em quanto florescer a Ordem dos Pregadores, instituida para confusão dos herejes e açoite dos hypocritas... Aqui tenho o texto do primeiro sermão na capella real, e que mandem refutar-me pelos seus casuistas e doutores... O que lhe digo Thomé das Chagas, é que o plano dos Jesuitas, o negro e maldicto plano delles... »

— « Jesus da minha alma! »

— « E' abolir a Santa Inquisição, e enterrar nas suas ruinas a ordem de S. Domingos. A inveja rala-os. »

— « Por isso as prophecias são tantas e o povo anda tão inquieto. Sabe V. Rev.^ma^ o que dizem?... Que hade nascer em Babylonia o Antechristo. O certo é que para as bandas da Sé apparece já um lobishomem; e ao pé de Santa Engracia queixam-se os visinhos de que sahe... »

— « Um demonio!... Pois atreve-se com essa chôcha cabeça a prescrutar os altos mysterios de Deus? Não são precisas maravilhas. O Antechristo nasceu já. «

— « Santa Barbara, S. Jeronymo! *Abrenuncio! Vade retro!* »

— Cale-se, homem. Que escarcéos são estes? Mas a culpa é só minha. Para que lhe estou eu a fallar de coisas superiores á sua rasão? Deixemo-nos disto. Mas a Provisão, esta pedrada na cabeça, hei de ficar assim com ella? Vamos. »

— « Uma esmolinha por alma dos fieis defunctos, minha devota!

Gritou o Sr. Thomé, interrompendo *ex-officio* o dialogo, já cortado pela subita meditação, em que o padre mestre se abismou.

Em quanto este passeia preocupado e fallando só, e aquelle apára a esmola na pia bandeja, observemos de perto os protogonistas da scena. Entremos no escorregadio campo das explicações pessoaes.

E' justo principiar pelo mais graduado.

O mestre Fr. João dos Remedios, da ordem de S. Domingos, ex-Definidor e dignissimo Procurador do convento de Lisboa, era um frade de nome na côrte e na egreja. A opinião dos eruditos vacillava entre elle e o padre Chagas, prégador de grande fama. Se o padre Chagas limava mais os sermões e possuia o segredo de commover o auditorio, o Sr. Fr. João não conhecia emulo na vehemencia dos affectos e nas explosões de uma voz sonora. Formado *in utroque jure* gosava no foro da reputação de ser um segundo Pêgas. Se o negocio valia a pena, Sua Reverencia fechada na riquissima livraria do convento, cobria quatro cadernos de papel da sua lettra garrafal, e lançava sobre a parte adversa uma allegação fulminante, que fazia pular a veneranda cabelleira ao Desembargo do Paço, e roer as unhas ao douto patrono contrario.

Quando muito, inculcava cincoenta annos o sabio procurador; porém a certidão de baptismo, menos citada por elle do que as ordenações, addicionava uns cinco ou seis de mais acima da conta redonda. — Apesar de gordo, os movimentos não tinham nada de acanhados ou desairosos; a figura era mais vistosa do que esbelta. Arredondado e muito cheio o seu rosto, com duas covinhas aos lados das faces, quando ria, espiritualisava-se com facilidade; e a bocca fina e chistosa dava-lhe grande animação: as mãos bem tratadas e macias, e o pé bem calçado e pequeno, tinham elegancia, e distincção. Já se vê, que vivendo no seculo, sem vaidade, podia contar com

o voto das damas, que é voto absoluto em objectos desta importancia.

Sem ser Lavater, custava pouco a notar que a applicação constante ás lettras sagradas e profanas, e o uso do pulpito, imprimiam em sua reverencia um cunho particular. As inflexões e os gestos do padre procurador tinham aquella exageração theatral, que é uma segunda natureza para os que fallam em publico muitos annos. A estatura seria desempenada, se o trabalho do bofete a não tivesse curvado um pouco. O olhar teria mais viveza, e o sorrizo mais agrado, se o primeiro não adormecesse tanto a miudo, e o segundo brincasse com menos ironia aos cantos da bocca. A oscillação do labio superior, alguma coisa grosso, e a das azas do nariz bastante vivas, depunham que o frade doutor não era tão humilde e paciente, como o estado monastico requer. Em fim, grandes entradas em uma testa espaçosa e elevada, e a ruga da profunda reflexão cavada na fronte, asseguravam que a agudeza do espirito e o talento existiam alli para compensarem os defeitos de um caracter sincero e forte, mas irascivel e imperioso.

Mais gordo do que magro, como se disse, mesmo até mais obezo do que gordo, as côres florescentes do rosto eram um testemunho irrefragavel da sua inclinação ás doçuras da vida, e mais ainda aos prazeres da meza. O Sr. Fr. João trazia um barretinho curto, deitado para a nuca, deixando assim descoberta sempre a parte anterior da cabeça, que era realmente bella. A Provisão do Desembargo do Paço, enrolada na mão; servia-lhe de leque ou de compasso, segundo a ira lhe fazia subir o sangue ao rosto, ou lhe descompunha o gesto em accionados violentos. Durante o dialogo, que ouvimos, o padre mestre tinha puchado e repellido o barretinho da testa para a nuca umas poucas de vezes, e batido o pé com impeto outras tantas. Via-se bem que o reverendo batalhava com a ira, que era o seu demonio familiar, e que o demonia mais vezes ganhava a palma, do que a santa doutrina theologica.

Em tudo era o segundo interlocutor o antipoda do sabio jurisconsulto, que dado á conversação e gostando muito de fallar elle só (quando não estava preocupado), encontrava no irmão Thomé o ouvinte mais paciente e convencido, que a verbosidade podia exigir para se apascentar.

Trinta annos seriam a edade do milagreiro, se caras, como a delle, tivessem edade possivel, ou a deixassem colher em flagrante. Era um esqueleto estupendo e desengonçado, com os ossos em reacção permanente contra a carne, com os nervos a encordoarem a secura da pelle verdenegra que o cobria: em fim parecia um paradoxo da figura humana, desses que a natureza fórma a capricho, quebrando o molde para não ficarem cópias.

Aos doze annos, tinha já a altura de um homem e a magreza de um galgo; e até aos vinte ainda espigou que mettia medo.

O esganado pescoço sustinha a cabeça do Sr. Thomé, cabeça esguia adiante, e alterosa na corôa, aonde se empinava uma nuca insolente, servindo de prégo á peruca alaranjada, ignobil capacete de clinas e estopa, que vinha arripiar-se em molhos estupentados sobre o cabeção da golla, e armar um bico de sanefa quasi á flor das sobrancelhas, espavoridas á raiz da mais depremida testa.

Seguia-se a cara do honradissimo servo de Deus. Imaginem-se uns queixos afunilados, revirando-se alguma coisa para a barba; sobre os queixos grude-se a pelle côr de coquilho, collada ás maçãs do rosto, acerejadas de roxo-terra e um pouco proeminentes; arme-se esta quasi caveira, forrada de pergaminho, de um nariz de ponta de lanceta, com a corcóva e o cavalete de rigor; e depois de considerado este escandalo de carne e osso, digam se era possivel que Deus creasse uma figura tão exotica, sem missão especial.

Os gestos condiziam com a pessoa. Escarnecer do proximo é peccado; mas qual seria o Santo, que deixasse de se rir, vendo os pés eternos e inchados de cotovellos pondo os calcanhares a meia legua um do outro? Quem ficaria serio, quando aquelle esqueleto rompia em compasso funebre a sua marcha, içado em duas pernas de cegonha, e dando aos braços com a elegancia das asas de um morcego. A todas as outras prendas acrescia um ar de bolina que lhe derreiava o lado esquerdo, e um geito de pescoço, que o fazia cabeciar para o hombro direito. Em odio á linha recta a barba fincada no peito, furava-o se tivesse córte, e as costas podiam servir de modello a um arco de ponte.

Enormes oculos de azelha, apertando o nariz, proporcionavam ao nosso devoto a commodidade de lançar a sua vista de lince por debaixo dos vidros. As cannellas sem barrigas de pernas, enfiavam-se em meias bicolores, de lã grossa com pontos azues nos buracos numerosos, calções velhos e çujos, com largas passagens,

e bello xadrez de remendos, serviam de bainhas ás coxas delgadas como floretes. Côr de pulga a véstia encolhia-se no encovado peito, para dançar em plena folga sobre o supposto ventre. Já no fio a casaca-gibão, verde-garrafa, e de uma baeta lansuda, fugia do corpo ao dono, como os judeus ao fogo do Santo Officio.

O Sr. Chagas, (Deus tenha tido misericordia com a sua alma!) animava as graças da phisionomia, por meio de um risinho amarello e beato. Quando alguma coisa merecia o seu agrado (caso raro) ouviam-se em applauso estrepitoso as estridulas gargalhadas do devoto, desafinadas em falsete. Debaixo dos beiços sorvidos, em crua guerra com as gengivas, encavalleiravam-se os mais negros e limosos dentes, arremettendo pela bocca fóra. Os olhos vesgos, enviusando a vista por duas frestas; e a voz de tiple muito agrodoce, salgavam todas as reticencias e momices abeatadas, que elle chamava as suas maneiras.

Sobre o trajo profano o irmão Thomé, verdadeiro cabide humano, pendurava aos hombros o inseparavel balandrau das almas, desbotado e roto, com um registo de S. Domingos e do Rozario cosido á murça, e seu relicario de prodigioso tamanho pendente de um fio de vistosas camandulas. Em uma das mãos trazia a salva, representando as almas do purgatorio, entre alabarintadas chammas. A outra dava a beijar aos fieis um nicho de porta de vidro, rallo de mealheiro por baixo, e dentro S. João Baptista e a sua ovelha.

O todo deste embirrento figurão era mais astuto, do que boçal. A simplicidade estava por fóra, e a velhacaria por dentro. Eis em resumo a vera effigie do Sr. Thomé das Chagas, andador das almas, primeiro servente do padre Fr. João dos Remedios; e sacristão da missa dos Domingos e Quintas-feiras, no oratorio de Diogo de Mendonça Corte Real, secretario das Mercês, de el-rei D. Pedro II, nosso senhor.

Resta dizer mais, que o logar da scena era o adro do convento de S. Domingos de Lisboa; e a hora, as sete horas da manhã do dia 20 do mez de Novembro de 1706.

Já se vê que o dialogo, que ouvimos, foi um pouco matinal; mas nossos avós eram madrugadores, seguindo ainda o antigo adagio que diz: « deita-te ao sol posto, mas ergue-te com estrellas no céu. » Demais, tendo a Provisão do Dezembargo sobre o bufete podia o padre procurador conciliar o somno? Depois de voltas e mais voltas na cama, levantou-se; poz-se á janella a espreitar o dia; puniu o gato; acordou os seus dois canarios e o verdilhão; e por fim aos primeiros clarões da aurora, resolveu-se a ir tomar um banho de ar. Vestiu-se; pegou na Provisão; desceu á portaria; e como o inverno era secco, d'ahi a alguns minutos, tinha o gosto de tiritar de frio, gelado como um sorvete.

Deitando os olhos pela praça achou-a deserta. Chegando ao cunhal viu os vinte e cinco arcos, que se abriam para o rocio, desde a Bitesga até ao adro do convento, e augmentou a sua melancolia. Tão cedo, dormia tudo. Nem uma das duzentas logeas portateis, que se armavam debaixo dos arcos apparecia ainda. Ninguem pregava o toldo diante da testada dos logares; não se movia um adelo, capellista, ou fanqueiro a arrumar o panno de linho, as rendas, ou as chitas da sua feira. Os proprios mariolas, tão buliçosos e activos, ressonavam profundamente nas suas possilgas. Defronte do cunhal do primeiro arco, ao murmurio das aguas, o Neptuno do Rocio, da peanha do chafariz, estendia o tridente com marmorea indifferença.

Fr. João rondou de passeio toda a arcada até á escadaria do grandioso Hospital de Todos os Santos, pelo sitio aonde ainda hoje estão S. Domingos e a Praça da Figueira. Depois, quando voltava scismando, perto do cruzeiro do convento, appareceram-lhe as estiradas pernas do irmão Thomé, a quem o zelo dava azas e que vinha a galope pedir alviçaras pelo resultado da demanda, que não podia suppor perdida.

Duas palavras, agora, para explicar o enigma da Provissão, que tirava o somno ao padre Procurador e fazia da cara do Sr. Thomé a publica-fórma de um « *Miserere*. »

O Hospital de Todos os Santos era proprietario de alguns dos arcos do Rocio, e arrendava-os aos logistas por dois mil réis annuaes cada um. A ordem de S. Domingos possuia os arcos do lado do adro e debaixo do dormitorio de cima, e os frades contentaram-se muito tempo com a metade do preço exigido pelo Hospital. Tudo corria em santa paz, quando eleito Provincial novo, este, contra o voto do seu definitorio, levantou a renda para dar uma bofetada sem mão na soberba do seu visinho. Ardeu Troya! Os vendilhões gritaram « aqui d'el-rei », protestando sem pejo nem temor contra uma lesão enorme, que os fazia pagar a elles as culpas de terceiro.

Em tão melindrosas circumstancias, o ante-

cessor de Fr. João, chamado Fr. Chrisostomo Borrego, cahiu na simplicidade de citar os refractarios para arredarem as tendas da parede sob pena de dois mil réis de multa. Não esperaram por segunda intimação os vendilhões; e requerendo vestoria ao Senado da Camara, vieram pôr a feira diante da testada dos arcos. Daqui se originou a perdição dos frades. Com o Auto de Vestoria os belfurinheiros provaram que não occupando terreno do convento lhe não deviam pagar nada; e a demanda, muito feia desde o principio, concluiu pela famosa Provisão do Dezembargo, declarando as testadas dos arcos livres, e absolvendo os feirantes de arrendamento e aluguel pelas occuparem. Ainda por cima o convento pagou as custas! Deste modo, os padres de S. Domingos deram os seus arcos de graça pelos quererem alugar muito caros.

Quando Fr. João dos Remedios entrou a servir, o negocio estava muito mal figurado; tratou de lhe valer; mas era tarde. Pouco habituado a revezes, este cahiu-lhe como um raio em cima da cabeça; e não o querendo imputar á notoria injustiça da causa, preferiu attribuil-o ao odio antigo e á rivalidade entre S. Roque e S. Domingos, entre os Jesuitas e os Prégadores. Se elle se enganava não se sabe; mas que a Provisão deu grande gosto aos padres da Companhia, é caso averiguado.

Desta opinião do Procurador da Communidade nasciam as pesadas reflexões que lhe ouvimos, a respeito dos filhos de Santo Ignacio, visinhos e inimigos da ordem inquisitorial.

O padre mestre Remedios ainda estava informando o Sr. Thomé do succedido, e o nosso Andador, moralisando o caso com o notavel adagio —« ninguem me diga, eu desta agua não beberei » —, quando um homem, escapando pelas costas do Dominico e do seu acolyto, ainda no maior calor da sua conversação, passou por elles como uma sombra, e foi cozer-se com a pilastra do primeiro arco, depois de observar os oradores. O chapeo de abas largas e copa baixa era um chapeo de Jesuita, e carregado na testa encobria-lhe a parte superior do rosto. A capa de panno preto embuçada escondia-lhe a barba e o corpo todo. Donde se collocou, tudo podia vêr e ouvir perfeitamente.

Um quarto de hora depois, outro homem, atravessando do palacio do Duque de Cadaval, entrou na egreja, e feitas as suas devoções tomou agua benta, e veio para o adro assentar-se no poyal da cruz levantada defronte da portaria. Alli, cofiando uma cabelleira mal empoada e de guedelhas á antiga, especie de floresta virgem, poz o chapeo de lado sobre a copa, arregaçou os punhos de Hollanda encardidos, afinou o laço da gravata, e sacou por fim do bolso da esbeiçada casaca de tafetá com botões do tamanho de rodinhas de fogo um tinteiro de chiffre e um cotto de penna. Depois, montando o joelho direito a cavallo no joelho esquerdo, principiou a rabiscar em um papel com o maior socego do mundo.

Assim dispostas as figuras succedia, que o sabio theologo tinha, nas suas costas, o homem embuçado, e o Andador das almas cobria com a longa pessoa o risonho escrevente; tudo isto de certo sem nenhum delles se ter ajustado, nem o pensar, á excepção do Jesuita. Esse é provavel que soubesse a razão por que alli se achava.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

A VIRGEM E O SEPULCHRO.

Á Exc.ª Sr.ª D. Maria Amalia Machado.

Elle était de ce monde, où les plus belles choses
Ont le pire destin,
Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin.

MALHERBE.

I

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

Vi-a risonha dominar na festa
Entre os aromas d'encantadas flores.
Manso — baixinho — cada qual protesta
Render-lhe preito, conquistar-lhe amores.

Na walsa doida, perpassando airosa,
Prestes caminha do sepulchro á beira;
Brisa travêssa que desfolha a rosa,
Tambem baloiça virginal roseira.

Pobre donzella! que a walsar te esqueces
Que a vida é curta, que o tufão vem perto!
E tu, sonhando, virgem te adormeces
Fallando em festas... E o sepulchro aberto!

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste!
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge de ha muito sepulchral cypreste!

II

E dura a festa. E na walsa
Como a donzella vae bem!
Como a bellesa realça

Da virgem que á festa vem.
Nos espelhos crystalinos,
Quantos labios purpurinos
Não vão estudar seus hymnos,
Contar as mágoas que tem!

Só tu não foste, donzella,
Teus encantos consultar!
Solitaria philomela
Soltas teu canto ao luar.
É que a febre te devora;
E na face que descora,
Talvez luz de nova aurora
Mais não torne a fulgurar!

É triste presentimento
Que lhe dá tamanha dôr,
Ou pelo seu pensamento
Se crusou sonho de amor?
Não, ai não. Pensa na dança!
Já sôlta lhe ondeia a trança;
E sem vêr que a walsa cança
Ei-la a walsar! Que furor!

Já sôa de novo a orchestra;
Começa a walsa outra vez!
Do baile á virgem mais destra
Descora, desmaia a tez!
Matou-a a walsa? Quem sabe!
Antes que a festa se acabe,
Talvez que uma flor desabe
Do tronco... murcha talvez!

III.

E dura a festa! E na festa
Todos lhe chamam rainha.
E o calor das salas cresta
Alva rosa, que definha!

E dura a festa! E da balça
Alegre rouxinol canta;
E a virgem, doida, na walsa
Inda move a leve planta!

E dura a festa! E os lumes
Accesos brilham nas salas.
Que de invejosos ciumes
Transluzem por entre galas!

E dura a festa! Cançada,
Já quasi morta, caminha.
E todos dizem « coitada »
Era do baile a rainha!

IV

É findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe!
É findo o baile. Que de murchas flores
O chão alastram dos salões doirados,
Onde inda ha pouco vecejavam bellas
E vivas de mil côres! Que de rosas
N'um frenetico baile se não murcham!
Que enganosas esp'ranças não acabam
Ao acabar um baile, onde o delirio
Viva luz da razão tolhe aos sentidos!

E Ella!... Aonde está? Que é feito d'Ella?
Quem do baile á saída emfim a aguarda?

— O sepulchro!
— Perdido forasteiro
Que nas trevas da noite se alevanta,
Como termo final aos sonhos vagos
Que a donzella sonhou no baile ardente,
Entre os aromas que recende o lyrio,
E os protestos d'amor que o peito escaldam!
É findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe.

V

Depois já morta desbotada e fria,
Li-lhe nas faces um palor funereo:
A walsa doida que seus passos guia
Conduz d'um baile para o cemiterio!

Alli, á sombra do copado arbusto,
Dorme a donzella que na walsa expira,
Como um som triste, mas solemne e augusto,
D'um canto ameno que expirou na lyra!

Alli não podem festivaes clamores
Jámais da campa desperta-la á vida,
Nem tristes eccos de fieis amores
Ouvi-la em troca soluçar sentida!

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

L. A. PALMEIRIM.

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA.

Explicação.

Devemos aos nossos leitores do Brazil uma franca explicação sobre o facto de se publicar no Maranhão, quasi ao mesmo tempo que em Lisboa, o excellente e consciencioso trabalho historico e litterario, Um Capitulo da Historia Contemporanea.

Tendo nós sempre respeitado com o maior escrupulo os direitos da propriedade litteraria, não temos nunca reproduzido para a REVISTA artigos publicados em quaesquer outros jornaes do reino ou do Brazil.

Em data de 16 de Dezembro de 1850, se dignou o illustre auctor do Capitulo da Historia Contemporanea remetter-nos o seu escripto, e foi em mais de meio da sua publicação na REVISTA, que tivemos noticia de que se publicava tambem no Maranhão.

Esperamos que ninguem, nem o proprio auctor do escripto, nos levará a mal uma explicação, que a lealdade do nosso proceder nos obriga a dar ás pessoas que honram este jornal com a sua assignatura.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Suicidio. — E' por certo lamentavel que estes actos, que podemos reputar oriundos do desalento e de certa doença moral, sejam agora mais frequentes entre nós do que em tempos ainda pouco remotos. Na semana passada succedeu mais um destes casos fataes e deploraveis. Manuel Bastos, casado, pae de tres filhos ainda menores, morador na rua de S. Miguel, parochia de Santa Isabel, suicidou-se com um tiro, no dia 9 ás 7 horas e meia da manhã. Dias antes tinha mandado a familia para uma casa em Campolide; circumstancia que revela em certo modo que a intenção de se matar fôra premeditada com bastante antecipação, e não filha de algum instantaneo impulso de desespero e desmancho mental. Diz-se que o infeliz encostára a bocca da espingarda ao pescoço, e a disparára, mettendo o pé direito, que tinha descalço, n'um laço que armou no gatilho; ainda foi conduzido ao hospital de S. José, onde expirou duas horas depois: tambem se diz que o motivo de sua funesta resolução fôra achar-se alcançado em tres ou quatro contos de réis. Na vespera tinha traspassado a loja de confeitaria, de que era dono, na rua nova do Almada.

Passeio de São Pedro de Alcantara. — Consta-nos que o passeio de cima vae prolongar-se, indo occupar o logar, que hoje alli occupam varios barracões que alli ha, que servem de aquartelamento de tropa.

Factos relativos á Exposição universal de Londres. — Eis as disposições que se tomam todas as noites para a segurança dos objectos de arte e de preço encerrados no recinto da Exposição.

Ao aproximar da noite passa-se uma rigorosa revista ao edificio; accendem-se depois alguns bicos de gaz que facilitem aos guardas descobrir as pessoas, que podessem escapar-lhe á primeira revista. Sessenta homens da policia *(policemen)*, auxiliados por vinte e quatro sapadores mineiros, estão constantemente a pé durante a noite nas differentes partes do edificio: um destacamento numeroso de bombeiros está igualmente de serviço no interior; e o telegrapho electrico permitte a communicação instantanea com as partes mais remotas da metropole. Finalmente, uma força militar sufficiente postada na immediata visinhança do edificio, poderá dentro em poucos minutos prestar auxilio em caso necessario.

Objectos perdidos na exposição e não reclamados até o meado de Julho: 271 lenços de assuar, 65 braceletes, 183 broches, 118 chapelinhos de sol, 77 alfinetes de chale, 46 veus, 14 chapeus de sol de seda e 6 de paninho, 2 botões de camisa, 57 catalogos e outros livros, 35 molhos de chaves, 44 lenços de senhoras, um par de galochas, 8 chaves de trinco, um par de chinelas, 10 punhos de camisa de mulher, 3 carteirinhas, 9 leques, 4 anneis, 12 lunetas, 16 canetas de lapis, 28 pares de luvas, 15 pulseiras, um relogio d'oiro com grilhão, um didal, 30 sacos de diversos tamanhos, uma saia, duas caixas, um oculo de punho, 10 pares de oculos, 8 facas, 25 bengalas, 14 chales, 2 reguas de marceneiro, 3 frasquinhos de agua de cheiro, 3 estojos de chapeus de sol, 3 pregadeiras de alfinetes, uma nota de banco prussiana de 5 dollars, 11 bolsas contendo desde 6 pence até 5 lib. 9 sch. 4 d. dinheiro achado avulso 2 lib. 10 sch. e meio penny.

— A concorrencia dos estrangeiros ainda não afrouxou. Ha pouco entrou nas docas o barco a vapor sueco, Estrella do Norte, da marinha real, conduzindo a seu bordo 80 passageiros visitantes da exposição.

— A commissão executiva já tinha pago a quantia de quatro mil libras, por conta das despezas do corpo de *policemen* encarregado da vigia e guarda do palacio de cristal.

— A exposição dos Estados-Unidos do norte d'America havia receber, dentro em poucos dias, consideraveis e interessantes additamentos, sobre tudo em objectos d'arte, entre outros os bustos de Franklin e do inventor do telegrapho electrico.

Theatro francez. — Dentro de algum tempo vamos ter a fortuna de possuir, por alguns mezes, uma Companhia Dramatica franceza. Anda-se em ajustes com os actuaes alugadores do theatro D. Fernando, para concederem licença para alli se darem as representações da Companhia franceza. Esta Companhia vem aqui de passagem para Madrid onde se vae estabelecer.

Morte de um celebre historiador. — Aos 24 de julho passado, alguns minutos antes da meia noite, falleceu o doutor Lingard, famoso historiador de Inglaterra, na sua residencia de Hornby. Estava enfermo ha tempo, e havia algumas semanas que se predizia este deploravel successo. Contava 81 annos de edade; por sua expressa recommendação será depositado e seu corpo no collegio de Ushau, com o qual tivera n'outro tempo relações officiaes.

Ha uma traducção franceza da obra do doutor John Lingard pelo estimavel auctor da « Historia dos reis e duques de Bretanha », Mr. de Roux. Intitula-se « Historia de Inglaterra desde a primeira invasão dos romanos até os nossos dias, correcta, revista e augmentada pelo auctor com muito interessantes notas »: 15 volumes em 8.º Accresce a continuação desde a revolução de 1688 até ao presente, por Mr. Marles, revista, approvada, e annotada por Lingard, 7 volumes: ao todo 22 vol. in 8.º

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 2. QUINTA FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XX.

Objectos expostos por S. M. a Rainha de Inglaterra, S. A. R. o principe Alberto, e S. A. R. o principe de Galles, nas quatro secções do palacio da Exposição.

POR S. M. A RAINHA.

Em a nave principal do nascente. — N.º 98. Retrato de S. M., de tamanho natural, em busto, pintado em porcelana de Sévres por A. Ducluzeau, conforme um retrato por F. Winterhalter. Pintado em 1846.

97. — Retrato de S. A. R. o principe Alberto, do tamanho natural, em busto, pintado em porcelana de Sévres por A. Bezanget, conforme um retrato de F. Winterhalter.

Estes retratos são expostos por S. M. e o principe seu esposo, conjunctamente.

140. — O grande diamante de Runjeet-Singh, soberano de Lahor, o qual se denomina *Koh-i-Noor* ou montanha de luz.

Classe 30. *Secção das Bellas-Artes.* Cofresinho de joias no estylo do 15.º seculo, executado na manufactura de M. Henri Elkington em Birmingham, pelos desenhos de L. Grunner, Esquire. Esta caixinha de bronze doirado, prateado por electrotypia, é ornada de medalhões de porcelana contendo os retratos de S. M., do principe Alberto, e do principe de Galles, copiados das miniaturas de R. Thornburn, Esq.: as medalhas menores representando os profis de SS. AA. os principes e princezas, foram modeladas á vista do natural por Leonardo Wyon, Esq.

Classe 23. *Galeria central do Sul.* 350. — Meza folheada, doirada, e prateada por electricidade, producto da manufactura de MM. Elkington. A superficie da tabua desta meza é a reproducção, por meio do electrotypo, de uma peça da arte de ourives, verdadeira obra prima, copiada por M. H. Elkington sob a direcção do cavalheiro de Schlick. Os oito assumptos tratados em baixo-relevo representam Minerva, a Astrologia, a Geometria, a Arithmetica, a Musica, a Rethorica: a figura central representa a Temperança rodeada dos quatro elementos. Em baixo desta peça ha uma inscripção em honra do artista Os desenhos foram feitos por Jorge Stanton, artista ainda mancebo, empregado de M. Elkington, e alumno da eschola de desenho de Birmingham.

353. — Um berço de buxo da Turquia, lavrado por W. G. Rogers, segundo os desenhos de seu filho, symbolisando a união da casa real de Inglaterra com a de Saxe-Coburgo e Gotha. As armas da rainha, cercadas de ramadas, de flores, copiadas do natural, e de aves figuram n'um escudo central aos pés do berço. Na redouça correspondente ha esculpida uma cabeça, imagem da *Noite*, representada nas feições de uma formosa mulher adormecida, coroada de dormideiras, repousando sobre azas de morcegos, e rodeada pelos sete planetas.

O exterior da cabeceira do berço representa o brazão do principe Alberto, o escudo de armas occupa o centro, e entre os arabescos de folhagens que serpeiam veem-se as seis cimeiras com o motto em allemão, por baixo; no balouço está uma cabeça representando o *Somno* com a barba involta n'um veu que remata em cada ponta por um ramilhete de dormideiras.

Da parte de dentro da cabeceira estão grupados anjos da guarda; por cima tem a corôa real pousada em cama de folhagens. Os frisos e balaustres, que formam a porção mais importante do corpo do berço, são compostos de rosas, de folhas, de dormideiras, de borboletas, e de passarinhos; ao passo que por baixo está disseminada grande variedade de cravos esculpidos ao natural. As bordas e a parte interior são enriquecidas com insignias da realeza e emblemas do repouso.

Classe 24 — *Galeria central do norte* 1. 27. 20. — Um par de candelabros de cristal ricamente lapidado, de 8 pés de altura, levando cada um 15 velas. O fuste é composto de cristaes prismaticos, passando de quatro palmos e meio o comprimento. Foram desenhados e executados por F. e O. Osler, fabricantes em Birmingham, e em Oxford-Street n.º 44.

Classe 19. — *Galeria central do norte.* 1. 30. 156. — Um tapete de Axminster, desenhado por L. Gruner, Esq., e manufacturado em Glasgow por M. Dowbiggen.

379. — Um tapete de lã de Berlin, feito por cento

e cincoenta senhoras inglezas. Tem de comprimento 30 pés por 20 de largura; foi fabricado pelo seguinte modo: — o padrão originariamente desenhado e pintado pelo artista, foi subdividido em porções quadradas distinctas, que foram confiadas ás senhoras para o bordado; feita a bordadura, foram reunidos os quadrados para recompor o desenho, que além de rhomboides e de florões, contém emblemas heraldicos. As iniciaes das pessoas que concorreram para a feitura do tapete estão collocadas em ornatos que formam a bordadura exterior. As diversas partes do desenho são ligadas entre si por grinaldas ou fitas de folhagens, que partindo de um centro commum correm formando mil roscas caprichosas por toda a superficie do tapete. Uma commissão dirigiu todo este trabalho. Os desenhos são de M. J. W Tapworth; os padrões foram illuminados e executado o bordado sob a inspecção de M. W. B. Simpson.

Classe 19. — *Galeria meridional.* 15 *a* 17. 337. — Tapete de Axminster, executado pelos desenhos de L. Gruner, Esq., na fabrica de MM. Blackmore irmãos, em Wilton, por MM. Watson, Bell & C.ª

POR S. A. R. O PRINCIPE ALBERTO.

Transept ao sul 15. — Grupo de marmore figurando *Theseu e as Amazonas*, esculpido em Roma por J. Engel, natural da Hungria, alumno da academia real.

Classe 3. — 107 Tres especies de grãos colhidos nas quintas reaes de Windsor, a saber, trigo, aveia e feijões.

Classes 12 *e* 15. — *Avenida principal do poente.* — 500 Dois vestidos de brocado, manufacturados por T. Gregory e irmãos, em Shelf proximo a Halifax, Yorkshire: a trama é da lãa cachemira das cabras mandadas crear por S. A. R. no parque de Windsor.

Dois chales e uma amostra de panno forte fabricados por T. Haley e Filho, Bramley, proximo a Leeds. A materia prima provêm inteiramente da mesma lãa cachemira.

A lãa das cabras de Cachemira, de que estes objectos são fabricados, consiste em duas materias distinctas, chamadas lãa e *Kemp* (clina ou pello). A lãa é de grande belleza e muito macia ao tacto, e neste particular é sem duvida mui superior á mais bella lã de cordeiro do continente, e igual á do Thibet. O Kemp pela sua aspereza e inferioridade faria má vista até nos tecidos mais vulgares.

Logo depois da tosquia as duas lãas acham-se tão misturadas que parecem lãa grosseira da mais baixa qualidade, mas examinando-as de perto em breve se descobre que uma parte do producto é de qualidade superfina. Separa-se a boa da ordinaria, fevera por fevera, trabalho feito á mão porque ainda não ha maquina que o suppra, sendo tão difficil como fadigoso; uma pessoa não póde estremar mais de meia onça de lãa no espaço de doze horas.

Depois da escolha é necessario apartal-a para fazer urdidura como na fabricação dos chales; mas, a pequena quantidade de lãa produzida não permittiu seguir-se este processo na manufactura dos chales expostos por S. A., que daquelle modo teriam sido muito mais lindos. Comtudo, obteve-se este resultado nos vestidos, cuja urdidura é de seda, sendo portanto precisa pouca lãa para a trama.

O panno grosso exposto é fabricado inteiramente dos cabellos duros ou Kemp separados das bellas feveras de lãa. O Kemp é geralmente reputado sem valor.

Classe 27. — 140 Um troço de carvão *parrot* em parte polido, das minas de West Wemyss.

141. — Um banco de jardim, feito pelos desenhos de L. Gruner, esq., por Thomaz Williams Waun, de carvão *parrot* extrahido das propriedades do contra-almirante Wemyss em Fifeshire.

Classe 30. — 350 Duas pranchas para mezas, de pedra do Derbyshire, lavradas segundo os desenhos do referido Gruner por M. Woodruff em Bakewell no estylo do XV seculo, imitando o mosaico de Florença.

351. — Candelabro no estylo do XV seculo desenhado por L. Gruner, esq., modelado por Ant. Trentanove, e executado á imitação de *giallo antigo* por L. Romoli.

Nos quarteis de cavallaria fronteiros á Exposição. — Casas modelos para as classes operarias demonstrando praticamente os melhoramentos que podem introduzir-se nas habitações dos trabalhadores. — Estes modelos construidos de tijolos foram desenhados por M. Henri Roberts.

POR S. A. R. O PRINCIPE ALBERTO EM NOME DE S. A. R. O PRINCIPE DE GALLES.

Avenida principal do nascente. 98. — Escudo offerecido por S. M. o rei da Prussia ao principe de Galles em memoria do baptismo deste, tendo sido S. M. prussiana o padrinho.

Os ornamentos pintados neste escudo, para o qual o proprio rei deu o risco geral, foram desenhados pelo doutor Pedro de Cornelio, e os ornatos de architectura pelo conselheiro Stuler. A execução das outras obras, isto é, de ourives, de esmalte etc. foi confiada a M. G. Hossauer, o trabalho de modelar a M. A. Fischer, o de cinzel a M. A. Mertens, e o de ornamentação lapidaria a M. Calandrelli.

No centro do escudo está a cabeça do Salvador do mundo. O repartimento do meio, cercado de duas linhas de ornatos é dividido por uma cruz em quatro repartimentos mais pequenos que contem representações emblematicas dos sacramentos do Baptismo e Communhão, com seus typos correspondentes tirados do Antigo Testamento, Moysés fazendo brotar agua do rochedo, e a chuva do manà. Nas extremidades dos braços da cruz estão figurados os quatro evangelistas escrevendo o que viram e ouviram da sagrada doutrina que devia communicar ás gerações futuras a salvação da humanidade, e verter as fontes inexgotaveis da revelação e da clemencia divina. Nos pontos extremos dos arabescos que circumdam os evangelistas veem-se as virtudes cardeaes, Fé, Esperança e Charidade, e a Justiça Christãa. Em toda a circumferencia do circulo estão os doze apostolos: S. Pedro fica immediatamente collocado debaixo da figura da Fé, e tem da direita e da esquerda S. Filippe e Santo André, por baixo da figura da Esperança está S. Thiago tendo aos lados S. Bartholomeu e S. Simão; debaixo da Charidade está S. João com S. Thiago Menor e S. Thomé, e abaixo da Justiça Christãa fica S. Paulo; á sua direita e esquerda estão S.

Matheus e S. Judas Thaddeu, dispondo-se a correr o mundo, para ensinar, baptisar, e propagar o reino do Redemptor.

O relevo que cerca a borda do escudo representa a traição de Judas, a Expiação do Salvador e a Resurreição.

Outra porção reproduz a entrada triumphal de Christo em Jerusalem; a terceira a vinda do Espirito Santo, a pregação do Evangelho e a fundação da Igreja. O quarto repartimento contem uma allegoria do nascimento do principe de Galles e da visita do rei da Prussia por esta occasião, acompanhado pelo Barão Humboldt, o general von Natzmer e o Conde von Stolberg, e a sua recepção por S. A. R. o principe Alberto e o duque de Wellington.

Tambem alli ha um cavalleiro de S. Jorge calcando aos pés um dragão.

Esta bem trabalhada peça artistica denomina-se *o escudo da Fé;* e tem uma inscripção latina, cujo sentido é o seguinte: — «Frederico Guilherme, rei da Prussia, a Alberto Eduardo, principe de Galles, em memoria do seu baptismo celebrado aos 25 de Janeiro de 1842.

ASSOCIAÇÃO AGRICOLA DA EXTREMADURA.

Parece que finalmente vae cessar a falta, por nós tantas vezes apontada e lamentada, de uma associação agricola na Extremadura.

Algumas pessoas, convencidas da absoluta necessidade de acabar com esta vergonha nacional, sollicitaram e alcançaram do Governo a approvação dos Estatutos, que ao diante publicamos com a maior satisfação. Pesa sobre essas pessoas a grave responsabilidade de não deixar perder a grande idéa civilisadora, que se contém em taes Estatutos, que já alcançou a sancção de uma pratica util e honrosa na Sociedade de Agricultura Michaelense, que na situação em que está o nosso paiz bem se póde chamar associação modelo.

O patriotismo e a intelligencia dos seus fundadores nos offerecem garantias de que, em nossa opinião, levarão ao cabo um pensamento de tão incontestavel e directo proveito para os verdadeiros interesses de Portugal. O quadro ainda bem pouco animador do nosso estado agricola lhes offerece ampla margem para importantes trabalhos.

É verdade que o clima e o solo ajudam por quasi toda a parte a nossa producção agricola, mas tambem é verdade que apesar deste facto, ainda ha pouco importavamos cereaes: e é patente a todos os olhos que as nossas serras e estradas estão ermas de arvoredo — que os pastos artificiaes são apenas conhecidos — que os gados, primeiro elemento da riqueza agricola, e base da industria dos lanificios, póde-se dizer que ainda os não possuimos — que o fabrico do azeite, começa agora a sahir do estado primitivo e rude deste processo — que a creação do bicho da seda e o plantio das amoreiras, são como fontes de oiro que a nossa indolencia está esperdiçando.

Temos vinho e com abundancia, mas não devemos assentar exclusivamente a base do nosso regimen economico em um ramo, que até certo ponto póde depender da moda.

Devemos crear outros recursos que provenham das mais principaes necessidades da vida.

Falta-nos absolutamente a instrucção agricola. A todas estas faltas póde acudir em grande parte a projectada associação, á qual não póde faltar o auxilio de todos os homens que acreditam em que a civilisação em Portugal é um facto possivel — e o seu urgente desenvolvimento uma necessidade, que se não póde sem receio deixar de satisfazer por mais tempo.

Pela nossa parte julgamos um dever, e uma consequencia do que tantas vezes temos escripto, o saudar com verdadeira satisfação os Estatutos a que nos parece conveniente dar publicidade.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Artigo 1.° A Sociedade de Agricultura estabelecida em Lisboa tem por objecto a solução racional de todas as questões de cultura pratica e de economia agricola, que podem interessar ao progresso effectivo em Portugal da primeira das nossas industrias.

Art. 2.° Para obter este fim, a Sociedade, logo que se ache definitivamente constituida, dividir-se-ha em tantas secções, quantas forem aquellas em que julgar, depois de constituida, dever dividir-se, attentas as especialidades da sciencia, e as circumstancias agronomicas do paiz. Os socios inscrever-se-hão livremente em cada uma dellas na conformidade das suas inclinações e estudos.

Art. 3.° Como meio essencialissimo para promover o gosto deste genero de applicações entre as classes estranhas á vida rural, a Sociedade terá desde logo em particular consideração a horticultura, e a jardinagem, secção ou secções em que poderão inscrever-se as senhoras que quizerem honrar a Sociedade com a sua cooperação.

Art. 4.° As secções reunidas constituirão a assembléa geral, que se reunirá infallivelmente todos os annos, desde 15 de outubro até 15 de novembro, épocha que se poderá alterar quando a assembléa o julgar conveniente. Uma mesa annual composta de presidente, vice-presidente, e dois secretarios, dirigirá os trabalhos da assembléa. Além dos cargos que formam a mesa, haverá um thesoureiro encarregado de receber e distribuir os fundos da Associação, na fórma dos regulamentos. A Sociedade, depois de constituida, supplicará a sua magestade el-rei, que acceite o titulo de seu protector perpetuo, não só como prova de consideração pela sua pessoa, mas tambem em attenção aos esforços que sua magestade tem empregado e emprega para promover o adiantamento de varios ramos de cultura.

Art. 5.° Cada secção será dirigida por uma commissão permanente de tres membros eleitos por ella no seu gremio. Destes o mais votado servirá de presidente, e os outros de assessores. As commissões reunidas, presididas pela mesa da assembléa geral, constituirão o conselho de administração. As condições de admissão de novos socios, a épocha da renovação das commissões, a fórma dos trabalhos das secções, quer separadas quer reunidas, as convocações das assembléas geraes extraordinarias, e todos os mais actos pertencentes á economia e desenvolvimento da sociedade, serão fixados pelo regulamento ou regulamentos internos. Pertencerá ao conselho de administração

a iniciativa destes regulamentos, que serão revistos annualmente na épocha da reunião ordinaria da assembléa geral, propondo o Conselho a esta as alterações que a experiencia tiver mostrado serem convenientes ou necessarias.

Art. 6.° A Sociedade empregará todos os seus esforços para que nas provincias se fundem associações agricolas, analogas a ella no objecto da sua instituição, mas perfeitamente livres, e com as quaes possa estabelecer uma correspondencia constante, da qual resultem luz e força para mais facilmente se obterem os fins patrioticos da Sociedade.

Art. 7.° A assembléa geral na sua primeira reunião fixará a joia que cada socio deve pagar, quer seja um dos fundadores, quer seja posteriormente admittido, bem como a quota mensal com que cada um delles ha de contribuir. Esta quota será, porém, fixada de novo cada anno na assembléa geral, que deve ser convocada de 15 de outubro a 15 de novembro.

Art. 8.° A Sociedade procurará obter por concessão do governo, por arrendamento, ou por outro qualquer meio legitimo, o uso de um ou mais terrenos aptos para nella ou nelles se construir um ou mais predios rusticos-experimentaes, onde se possam afferir pelas condições agronomicas do paiz as culturas e os methodos que a sciencia reputa em these como mais racionaes e progressivas.

Paço das Necessidades, em 2 de Julho de 1851. — *José Ferreira Pestana.*

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

Chamamos hoje a mais seria attenção do Governo e da imprensa sobre a importante carta, que ao diante publicâmos do nosso illustre e mui patriotico correspondente de Pernambuco o Sr. Antonio Bernardo Coutinho. O perfeito conhecimento dos factos aqui referidos, manifestado em toda a carta, e o credito que nos merece quem a escreve — são motivos que nos dispensam de accrescentar quaesquer considerações á eloquencia e verdade dos factos, que a carta perfeitamente prova.

14 de Agosto de 1851.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Carta.)

Sr. Redactor. — Pelo vapôr Paraense entrado hontem dos portos do Sul, recebemos jornaes do Rio, e nos do Commercio do dia 3 do corrente, vejo que entrara naquelle porto, vindo do Fayal, a escuna Milheiro 1.°, portugueza, capitão Manoel da Rosa Martins, com 35 dias de viagem, 3 passageiros, e 118 colonos!!! Para os quaes em o seguintes jornaes, se lê o seguinte annuncio. « A bordo da Escuna portugueza Milheiro 1.°, fundeada defronte da Prainha, ha colonos de ambos os sexos e idades para se ingajarem, entrados hontem do Fayal; trata-se com o capitão a bordo, ou na rua d'Alfandega n.° 39, sobrado. » Que bella maneira de trazer passageiros?! 121 passageiros em a escuna Milheiro 1.°!!! e ainda traz 16 pessoas de tripulação!!! Oh Sr. redactor não haverá meio de acabar com este infame trafico de escravos brancos? Veja o Sr. Ministro da Marinha o caso que as auctoridades fazem das ordens que se expedem pela repartição! Veja o Sr. Ministro do Reino, se este navio podia sahir sem o Governador Civil dar os passaportes! Veja o Sr. Ministro dos Estrangeiros, se os Consules, ou o Ministro portuguez no Rio, lhe deram parte deste, e de outros carregamentos, como eu lhe avisei, Sr. redactor! O governo que já pagou a despesa da primeira expedição desta provincia para Mossamedes, que sabe que por subscripção foi a segunda, e sabe que da Bahia foi outra que é terceira; a qual alli chegou em o dia 27 de Fevereiro, como logo eu mostrarei, com a copia de uma carta que d'alli vi; e deve saber que do Maranhão deve sahir outra; porque não olhará para as medidas que lhe cumpre tomar em tal conjunctura? Não terá alguma noticia favoravel daquella colonia, que faça publicar, e com ella animar aos que habitam em Portugal? Será preciso que, os que para alli foram para trabalhar, estejam fazendo relatorios das suas diligencias, e soffrimentos, para virem aqui aos seus amigos, pois para aqui é que todos elles tem mais relações, pela demora que já aqui tiveram, (depois que sahiram de Portugal) para então d'aqui os remetter-mos para Portugal, com dispendio de tempo, que ás vezes não temos sufficiente para este trabalho; despesa de portes de cartas, e obrigação em que ficamos para a imprensa ahi os publicar?! Quando o governo tem as suas auctoridades, que só pódem mais fielmente informa-lo, e o seu jornal aonde as fizesse imprimir; mas, qual a noticia que a tal respeito se encontra? Ainda não será tempo de se saber que resultado tem obtido a gente que do Brasil para alli tem hido; que progresso apresenta aquella colonia em agricultura, e por consequencia em commercio, ou de importação ou exportação? Eu pedi em cartas de 2 e 7 do corrente, estas informações a pessoas que idas d'aqui, sei que tem bastante curiosidade, mas que talvez não tenham tempo, e jámais poderão ter facilidade em as obter verdadeiras por falta de dados, que só as auctoridades possuem: como vou ter (pois já mandei assignar) todas as folhas de Lisboa e Porto, veremos se os particulares são mais cuidadosos do que o governo; e se com estas noticias, bem positivas, se convencem estes de irem para alli, digo estes, os que estão em o Brasil; e os que estão em Portugal, e que cá não devem vir, nem sahir de lá para fóra; a industria agricola, e fabril, deve ser o seu padre nosso constante; jámais emigrarem, seja para aonde for. Para provar-lhe a fortuna a que os conduzem os taes alliciadores que os seduzem, até espalbando dinheiro para os tentarem, (os agentes) e que tudo depois elles pagam, bem pago, quando chegam ao Brazil; vou copiar alguns annuncios, que constantemente se acham em os jornaes; o seu maior valor é todo o rigor da lei contra os que se retiram das casas para que são contractados: e contra quem lhe der asylo.

Eu ainda não pude comprehender como judicialmente isto se faz; vejo um rapaz de 14 annos que será levado aos tribunaes; já a causa se faz respeitar,

mas que horror nos não deve causar, quando vir-mos que a justiça concede mais direitos, ou melhores, a quem tem mais dinheiro, ou empenhos; e o que terá um colono, além dos seus algozes? Taes são os mesmos, que nos annuncios vai vêr, como tendo contractado com elle (que sabe o rapaz de 14 annos?) taes são os capitães que os trazem, que sabe-se como os tratam; taes são os consignatarios, e donos dos navios, e estes ainda em maior escalla. O contrabandista faz remessa a outro contrabandista, embora toda a giria da argumentação para se acreditar o contrario; ora o rapaz sabe da sua terra sempre enganado, salvo quando elle foge á farda, ou a algum crime, (ás vezes até amoroso;) chega ao mar, dão-lhe de comer e beber sempre miseravelmente, deshumanamente, barbaramente, por isso chega á vista de terra, levanta as mãos ao céo, e lança quantas pragas sabe proferir a quem é o culpado do seu tormento; imagina que elles estão findados, o que só mais tarde conhece que errou. Pois o mesmo que os alliciou, e enganou, ou o seu representante quer que elle lhe dê bem depressa o lugar despejado, e por isso o primeiro malvado que apparece pelos annuncios (que vão copiados) é homem honrado pela informação daquelle que o quer vêr pelas costas; e lá vai o contracto fazer-se com um rapaz de 14 annos, (sem ter quem lhe doa a sua ingrata sorte). Este honrado homem, mais velho, que contracta, já se vê que que hade saber amarrar a victima, para bem se recompensar da quantia que por elle paga aos taes protectores, que o foram buscar a Portugal para o felicitar; e segue a regra ordinaria; se tem escravos trata-os melhor do que o branco, pois que elles custam-lhe mais dinheiro, e se morrerem elle perde-o, quando a sua conveniencia é que elles vivam muitissimos annos; o branco é outra a conta, hade trabalhar muito e no peior, porque satisfeita a quantia, ou o praso do contracto, póde o diabo leva-lo, que elle já nada perde, e vai contractar outro desgraçado, ao qual succede outro tanto, e assim por diante. Nisto como em todas as coisas, ha honrosas excepções, mas muito poucas. A épocha da febre bem o evidenceiou, ahi foi publicado o relatorio da Sociedade de Beneficencia em o Rio de Janeiro, que bem se explicou, em quanto á conducta da maior parte dos patrões para com caixeiros, quanto mais para com colonos.

Qual é pois a situação do colono quando contracta? É a do maior gráo de escravidão, só a esperança da melhora o sustenta para encetar a mudança; mas elle fica obrigado a cumprir sempre mais do que rasoavelmente se podia ajustar, (dentro de casa) e se não tem valor para tanto, e foge, tem as penas da tal lei rigorosa, que elle só então sabe que o faz punir, mas que não lho disseram antes de embarcar em Portugal.

Qual é o negocio válido em Portugal sendo ajustado com individuo a quem a lei não conhece com a idade, e circumstancias precisas, para se julgar emancipado? Serão válidos os negocios feitos com rapazes de 14 annos?! Mas vê-se serem em o Brazil! Qual será o homem que se dignará fallar neste objecto em côrtes, ou em o Governo? Quando se porá termo a tantas vergonhas e barbaridades?! Quando se porá um destes barbaros alliciadores, armadores, (ou donos de navios), capitães, consignatarios, tripulações, Consules, Encarregado de Negocios, Governador Civil, Ministro de Estado, Capitão do Porto, ou de qualquer modo ou maneira culpado nesta vergonha e desgraça, n'um degredo por toda a vida, se não houver castigo maior?

Eu já lembrei, Sr. redactor, algum modo de reprimir, e até mesmo de extinguir este criminoso negocio; se alguma medida não apparecer para chegar áquelle fim, eu renegarei de me considerar portuguez, antes quererei ser mouro! Maldição eterna a quem assim abandona uma nação! Nunca mais se poderá permittir, que um individuo sem chegar á idade de se governar, siga do seu lar patrio para aonde acha tanta depravação; nem mesmo aos que já são homens se deve consentir, sem lhe mostrar o que por cá lhe succede, embora elle persista; e nesse caso siga ainda que para o inferno, jámais se poderá queixar e soffrerá para seu devido castigo. Como vai vêr ha de todas as idades e sexos, com todo o rigor da lei ameaçados.

Em jornal de 3 de Maio de 1851, lê-se: « Gratifica-se a quem aprehender ou der noticia na rua da Candelaria n.° 47, dos colonos seguintes: Francisco Machado Borges de 59 annos, Bartholomeu Corrêa de 28 annos, Alexandre Joaquim da Silva de 20 annos, e José Menezes de Oliveira de 19 annos, todas as idades prescriptas são provaveis, sendo o primeiro e o quarto naturaes da Ilha Terceira, o segundo e terceiro da Graciosa, todos chegados a este porto em 27 de Fevereiro do corrente anno, vindos da Ilha Terceira, na barca Brasileira Maria 2.ª, e se evadiram do deposito do Lazareto: o primeiro no dia 9 de Março, o segundo no dia 11, o terceiro no dia 18, e o quarto no dia 29 de Abril. O annunciante protesta desde já, e sempre com todo o rigor da lei contra os ditos colonos pelas suas passagens, e contra quem os tiver em seu poder. Rio de Janeiro de 2 de 1851. — João Lopes da Costa, affretador da barca Maria 2.ª

No jornal de 2 de Maio, lê-se o seguinte « Gratifica-se a quem aprehender ou der noticia, no largo do Carpim n.° 75, de um colono natural da Ilha Terceira, vindo para esta no patacho Visconde de Bruges em 7 de Janeiro, por nome João Ferreira, de 14 annos de idade, cabellos e olhos castanhos, arrastando a voz quando falla, tem muitas verrugas nos pés; o qual acha-se *contractado* a servir por um anno, e desapparecera no dia 29 do corrente, protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Rio 30 de Abril de 1851. — Dr. Paulo Costa.

Egual vem em o do dia 1, e no do dia 29 d'Abril, lê-se: « Fugio hontem 27 do corrente, da rua d'Assembléa n.° 24, uma colona vinda ha pouco tempo das Ilhas em o brigue Oliveira, por nome Jacinta Isabel, é baixa e cheia de corpo, com cara de quem bebe muito, e tem cabello cortado. Roubou uma porção de prata, jojas, dinheiro em papel e prata, roupa, protesta-se contra quem a acolher, não só pelo resto da sua passagem na fórma da lei, como pelos objectos roubados, e gratifica-se a quem della der noticia. — Antonio José Baptista Bastos.

Faço-lhe remessa, Sr. Redactor, deste impresso que incluo, para egualmente fazer vêr á essa gente, que depois de tão penoso tirocinio, se algum destes martyres chega a adquirir alguma coisa, e quer ganhar a sua pataca, tem pela frente as sentenças que

nelle apparecem; será talvez de bom effeito o verem, que cá consentem que venham portuguezes, só para se empregarem em a agricultura, ou talvez consintam que elles façam fretes; pois para qualquer outro emprego, não querem; vejam que querem que se prohiba que tenha loja de alfaiate, sapateiro, ourives, ferreiro, marceneiro, funileiro, carpinteiro, etc., se não pagar uma licença annualmente de 800$000 rs. a 2:000$000 rs., o que acho muito a proposito: e em todo este projecto só falta dizer que fica livre de morrer das febres; no entanto tem uma virtude este projecto, assim como os seus auctores, que é serem bastantes em numero para fazer executar aquelle (quando por lei) e dizerem com bastante antecedencia, para se estar prevenido com tempo. Eu julgo que isto merece ser ahi publicado em letras bem visiveis, para ser bem visto por quaesquer curtos da vista; e para mais rapidamente chegar ao conhecimento dos que não sabem lêr, dar-se aos cegos, para elles apregoarem; e até aos rapazes das cautellas, visto o muito que elles transitam e gritam. No entanto, aqui se appresenta a somma dos portuguezes chegados em o mez de Março ao Rio de Janeiro, 787, aos quaes se lhe dá o pomposo nome de escravos brancos.

Eu, Sr. Redactor, vou em romaria a qualquer Santo que goze de muita fé, para lhe mostrar o quanto eu fico agradecido, quando estes Srs. fizerem voltar os navios que taes carregamentos trazem, pelo mesmo caminho, com todos os taes passageiros; e mais me contentarei se o capitão ficar preso, e o consignatario, ou dono, ou affretador tiver um degredo por toda a vida, e em logar em que possa durar pouco tempo com vida; não peço que seja morta qualquer pessoa, porque entendo que esta attribuição só á natureza compete, em os casos mesmo mais graves que se conheçam; porque, pela qualidade de crime, nenhum mais revoltante eu encaro, do que o dos taes Srs. donos, affretadores, e consignatarios dos mesmos navios. Cumpre todavia mostrar que são tambem navios brazileiros, que se empregam em ir buscar os taes escravos brancos, para virem tirar aos mesmos brazileiros os logares no commercio; o que é falta de patriotismo, e elles não devem commetter, para se poderem queixar dos portuguezes; pois se me queixo é só dos portuguez, que cá os trazem, para elles contratarem aos 14 annos. As cartas que seguem são as que eu copiei, e notei acima.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo II.

MAIS VAL SÓ QUE MAL ACOMPANHADO.

Depois do episodio da esmola o padre procurador e o devoto acolyto ficaram callados, um defronte do outro, alguns instantes. As sobrancelhas do Sr. Thomé das Chagas, ora subiam á raiz do cabello, ora baixavam a tocar nas capellas dos olhos, o que neste digno cavalheiro significava que reflectia no caso, não percebia nada, e desejava muito perceber. Fr. João scismava carregando na ruga frontal, e brincando com os pollegares um em roda do outro. Era o seu gesto usual, quando compunha.

A final o andador arremetteu ás suas duvidas com denodo, expelliu da garganta o pigarro matutino, e com a vozinha doce como pastilha e arrastada como perguiça do Brazil, continuou o dialogo, interrompido pela sua jaculatoria ás almas.

— «Com que — disse em tom insinuante — V. Rev.^ma julga que o papel não tem cura, e é obra...»

— «Dos herejes, dos christãos novos, dos inimigos de Deus e da sua gloria. Digo, creio, e affirmo, irmão Thomé» — respondeu Fr. João irado.

— «É muito, padre mestre. Atrever-se esta gente.... Jesus! E então no Desembargo do Paço.... Bem rosna o povo, e no fim de tudo, é elle que tem rasão. Lá de cima, donde se espera o exemplo vem o peccado! Estamos perdidos, devoto S. Domingos da minha alma!

Mas Fr. João dos Remedios já o não escutava. Distrahido voltou-se com impaciencia, foi direito ao homem do tinteiro, poz-se diante delle sem o vêr, e abrindo a provisão leu-a a meia voz, fazendo-se a cada linha mais corado do que uma romã. Thomé das Chagas cuidava entretanto, que o padre mestre estava dictando e que o outro servia de seu escrevente; por isso não fez maior reparo, e entrou a scismar tambem, olhando para as barcarolas dos çapatos com a mesma complacencia, com que o perú ha de olhar para as pernas do pavão.

Quem estava em braza era o homem do poial, victima innocente da hermeneutica do procurador, que plantado a dois passos delle lhe tirava a luz, e lhe fazia ainda em cima voar o papel, com o vento da capa, que o frade estava a traçar com impeto repetidas vezes.

Por fim o pobre homem, desenganando-se, poz-se de pé, cortejou o seu algoz com ar supplicante, e disse-lhe com certo requebro:

— «O padre mestre dá licença? Sou poeta de casa do Sr. Duque, e amigo intimo.... do escudeiro particular de S. Ex.^a Sahi de casa e vim até aqui por arejar, e para vêr tambem se

acho a chave de um soneto, que se me engasgou na segunda quadra.... Agora mesmo.... »

De tudo isto apenas chegou aos ouvidos do frade absorto a penultima palavra. Nem sequer viu aquelle homem roliço, curtinho, flexivel, e todo cortezias, que de pé, em quarta posição de dança, e bocca cheia de rizo, o comprimentava, meniando o chapelinho amaçado, do modo mais obsequioso do mundo.

— « Agora? — atalhou o aerio frade, cuidando que respondia ao irmão Thomé. — Agora! Sabe o que se póde fazer? »

— « Sei, sim Sr.; agora segue-se acabar o meu soneto, ouvir a minha missa, e ir almoçar do que Deus nos dá, se V. Rev.^ma^ não ordena o contrario.... »

O poeta, estava um arco dizendo isto; tinha o braço na mais elegante curva, e o pé lançado airosamente com toda a galla da corte, esperando talvez uma cortezia, e o campo livre em resposta; mas se esperava illudiu-se.

— « *Opus et oleum perdidi!* » — exclamou elle, ouvindo o frade pagar os seus primores com a mais secca e impertinente interjeição.

— « Hum! » — exclamou Fr. João dando aos hombros, e mudando de posição. Desta vez ficou de todo ás escuras o poeta.

— « V. Rev.^ma^ perdoará, mas, como tive a honra de lhe dizer, medito um poema, um soneto. Prouvera a Deus que me visse livre delle!... Tem conceito e consoante obrigado.... Mas na verdade estou prégando aos infieis; o padre nem vê nem ouve; e o peior ainda é que pegou de estaca defronte de mim. E esta! »

— « É caso irremediavel. » — proseguia Fr. João, passeiando sempre do mesmo lado e fallando alto ao pé do poeta.

— « Que tal! Irrremediavel! mas veja, Reverendissimo, tenha consciencia. Deita-me a perder — gritou o magarefe de methaphoras com grande impaciencia. — Irremediavel é só a morte. Deixe-me V. Sapiencia dois minutos vêr a Phebo, o divino Apollo por alguns chamado Hypérion, e se consultando com elle eu não achar a rima.... »

— « Não acha nada, não tem sahida..... — replicou Fr. João absorto. — Digo-lhe que não ha sahida. — Não é capaz.... »

— « Pois sustento eu que sim, que ha, e que sou capaz; e tanto sou que já achei.... ouça o padre....

Temendo ser enfadonho,
Agora os sonhos envio;
Sendo que foi *desvario*....

Fr. João parecia escutal-o attento.

— « Então? Que me diz o Rev.^mo^? É magnifico, optimo, não? O que foi o sonho senão o que são todos os sonhos: — erros do capricho, cuidados da alma, cathalogos da memoria, e enganos da idêa? Logo o que são sonhos? Desvarios! E o que é desvario? Sonho, perfeito sonho. Eis aqui *secundum artem* como o seu creado Bernardo Pires achou o mais engenhoso conceito e a mais opulenta rima.... Mas isto succede só a quem bebe do fino em Aganippe como hei de provar na dedicatoria, que servirá de postilhão a Appollo.... »

E o modesto cultor das Musas, no enthusiasmo do seu triumpho, amarrotava de gosto as calças imperines, largo e impertinente anachronismo a que o condemnava a bolsa; e com a outra mão sacudia pela manga o nosso padre procurador, que tendo o indece curvado diante da bocca, em ar de quem apanha uma idêa vadia, o fulminou com um furibundo — « deixe-me! »

— « O frade não está em si, o frade viu bixo — resmungou o poeta descontente. — Que demonio de homem! Que o deixe? Mas é inverter as rimas. Eu é que morro porque elle me desassombre a mim. Não se irá este espantalho daqui? Ao menos, Rev.^mo^ — gritou com força — livre-me da sua capa, por todos os Sanctos do Paraizo! É o manto de Niobe, é a noite da imaginação, é o carcere das Musas... ora graças a Deus, foi-se. Por lá o tenham bastante tempo, que não deixou saudades.

Sendo que foi desvario...

Veremos se fecho entretanto a quadra. »

Na abstracção o padre procurador deixando o poeta em paz, foi esfregando a testa e abrindo a caixa do tabaco, procurar o seu primeiro pouso. Alli tomou a sua pitada de amostrinha, sorvida de vagar e em tres tempos, escorvou e carregou o nariz, e recolhido o lenço na manga, tocou na tampa da caixa o rufo do costume com os dois dedos da mão direita. Foi então que de todo cahiu em si, e olhando deu por Thomé das Chagas de joelhos e braços abertos á porta da igreja, com a bandeja das almas e o nicho de S. João adiante de si.

Mas o padre mestre tinha necessidade de desa-

fogo, e o andador das almas servia-lhe de vaso para expectorar as iras.

— « Thomé, irmão Thomé! » — chamou o reverendo impaciente.

— « Estou á primeira missa, meu padre. Ahi vou aos pés de V. Rev.^{ma}.... »

— « Ande. Tenho que lhe dizer. Irá logo da minha parte á rua da Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça com uma carta.... Quero por fim saber!.... Esta provisão não é natural. Tractam de metter o alvião aos cunhaes do nosso convento; tentam arrazal-o pelos alicerces....

— « Santa Maria, Mãi de Deus, orai por mim peccador! — gritou o irmão das almas desenroscando de um impeto a sua eterna pessoa. — Deitar a baixo uma Babylonia destas, quem é o impio?... »

— « Thomé das Chagas, V. mercê excedeu-se. Ao convento do nosso padre S. Domingos chama Babylonia? Lembre-se que era a cidade da profanação, a mãi dos vicios, e veja o erro que disse. Não responda. Sei que o não fez por mal: peccou venialmente.... »

— « Mea culpa, mea maxima culpa! Prometto duas coroas a Nossa Senhora e uma estação ao Santissimo, mais o jejum de pão e agua Sexta feira.... »

— « Está bom, está bom. Não é preciso tanto. Gosto de o vêr devoto e com temor de Deus. Está absolvido. Tornando ao que lhe ía dizendo: esta gente não descança em quanto não subverter tudo. Atiram de longe á Inquisição, porque tem medo de se chegar; mas em nós se vingam e por nós começam. *Inde iræ!* A Ordem dos Prégadores primeiro, e o Santo Officio depois, eis o plano. No fim mettem-se de dentro como na Universidade e nas eschólas, como em toda a parte, segundo o costume delles. »

— « Perdoe-me padre procurador, mas eu não creio. Pois ha hereje capaz de tirar os autos de fé ao povo, uma consolação tão grande aos fieis de Christo.... »

— « Por isso mesmo! O amor do povo enfurece-os; por elle sobre tudo é que aborrecem mais a Inquisição. Da primeira vez foi o padre Antonio Vieira quem traçou o projecto. Deus lhe tenha perdoado! Ficaram mal é o mesmo; renovam. Enganaram-se da primeira vez? Não importa; emendam desta o golpe.... A que horas estará levantado Diogo de Mendonça? »

— « Com as seis o acha V. Rev.^{ma} ao bufete. »

— « E são? »

— « Isto são sete horas, o muito. Mas daquí á Calcetaria ainda é um bocado. »

— « Não importa, esperemos as oito. Digo-lho eu, Thomé das Chagas, o ultimo cometa não appareceu debalde. Prognostica mortes, guerras e ruinas. Veremos aonde tudo isto ha de ir parar! Metteram o reino nesta guerra por causa do allemão.... »

— « Do archiduque, segundo diz el-rei de França? »

— « Do rei catholico, D. Carlos III, segundo diz em Portugal el-rei D. Pedro, e em Londres os seus amigos herejes.... »

— « Bem mo prognosticou hontem a santinha da tia Perpetua das Dores, dando-me a beijar o rozario, depois do terço — Thomé, filho, encommende-se muito a Deus. O Ante-Christo corre ás soltas por Hispanha, e de Hispanha a Portugal não é senão um pulo. »

— « Coitada da serva de Deus. Oxalá que assim como ella houvesse muitas! Mas a culpa disto sabe de quem é? Esta provisão ha de se dizer que foi feita no Terreiro do Paço. É falso; não foi. Donde veio, e quem a dictou foram os padres de S. Roque. É obra da Companhia de Jesus.

— « Pois não ha temor de Deus? Padre mestre, esses herejes são da Companhia de Judas, e não da de Jesus. Mereciam, Deus me perdoe! que lhes queimassem as roupetas na fogueira, e os entaipassem vivos no Santo Officio. »

— « Thomé. Não diga isso... »

— « Digo e affirmo. E ao Desembargo da mesma maneira. Eu cá arrastava-o de carocha e sanbenito ao primeiro auto de fé. »

— « E o presidente da mesa tambem? »

— « Porque não? Reverendissimo quem acompanha com herejes, hereje é. »

— « O Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, meu senhor? Exclamou o poeta que á bocado roía as unhas de desesperação, interrompido pelo dialogo. — Não é no presidente do Desembargo do Paço, no Duque meu amo, que o mochilla deste gato pingado põe a bocca excommungada? Ouçamos o colloquio. Segundo parece, promette muito. »

— « Thomé das Chagas — observou Fr. João que se tinha rido da justiça musulmana do digno milagreiro — sabe que mais? Se o ouvisse alguem de casa do Duque, ou de S. Roque, V. mercê não via sol nem lua na cadêa. Tome um conselho. Falle menos e respeite mais os padres da Companhia e o Duque de Cadaval.

— « Salva não fosse a minha alma, padre mestre, se eu deixasse de fazer o que disse. Jesuitas, Desembargadores, e judeus, que são todos o mesmo, levava-os de sociedade até ao auto da fé... Quanto ao Duque, oiço rosnar, que está sendo alma e correio dos herejes; e apesar de dizerem que elle é esmoler e temente a Deus, cá para mim sei, *que nem tudo o que luz é oiro*... De El-rei não admira, depois da doença; anda-lhe a cabeça á roda... »

— « Ah mofino judas! Sezões te peguem — rugio o poeta exacerbado. — O que aquelle salafrario desenrola! Felizmente apanhas-me de papel e penna. Os padres da Companhia e o Desembargo ao lume. Bem! Cá escrevo. O Duque meu amo alma e correio de herejes. Não tem duvida; cá assento. Em fim El-rei, nosso senhor, que Deus guarde, maluco, ou pouco menos, pois lhe anda a cabeça á roda. Fica registado. Deixa estar meu Longuinhos, chupado das bruxas, que vais dar um par de voltas á roda da forca. Deito já a correr para o palacio. Nós veremos, deixa estar! »

E o nosso poeta, assentando o chapéo sobre a cabelleira com o punho, arrancou a trote para o Paço do Duque, com a espada a bater-lhe nas barrigas das pernas, e as abas da ampla casaca, enfunadas ao vento. Ia aos pulinhos, e cantarolava em voz esganiçada estes maus versos hespanhoes:

Non dirá mi Señor Padre,
Si es de menor sentimiento,
Ver muerto al dueño querido
Que ver-lo en poder ageno.

Nem o Sr. Fr. João, nem o virtuoso Thomé, o viram atravessar a praça, porque o primeiro olhava ha bocado para um velho, que estava alli perto fallando com um soldado, e o segundo passava miuda revista a todas as peças do seu mealheiro. Assim o nosso Bernardo Pires escapou ás reflexões dos dois respeitaveis inqueridores; e qual outro Orestes, vexado das furias, foi depositar no seio do escudeiro, seu amigo, os segredos, que lhe enchiam o coração de fel.

Entretanto o padre mestre não tirava os olhos do velho; e este a passos lentos tambem se aproximava cada vez mais da portaria, conversando sempre com o soldado. A vista do reverendo exprimia assombro e uma especie de terror; o seu espirito lutava com a memoria; excessivamente abertos e sem pestenejar, os olhos do theologo não largavam o recem-chegado, estudando-lhe feições e gestos com uma tenacidade incrivel; via-se que o Procurador de S. Domingos duvidava e cria ao mesmo tempo; observava-se que lhe subia do coração á bocca um nome, mas que temia illudir-se julgando impossivel existir ainda a pessoa, a quem pertencêra. Eis a causa da sua curiosidade, se era só curiosidade o sentimento que o agitava.

Fr. João, por fim, não se poude ter, e foi direito aos dois homens, que naquelle momento chegavam justamente ao cruzeiro do convento. O Sr. Thomé, apesar de ser bem pouco feminino em tudo, herdara de nossa mãi Eva boa dose do peccado original, e tinha terriveis cocegas de escutar quanto se passava á roda da sua veneranda pessoa; o Sr. Thomé, pois, como verdadeiro discipulo da devota Perpetua das Dôres, a melhor bruxa golbilheira do seu bairro, foi-se aproximando pé ante pé, com passadas de lã, e ouvido á lerta, para tentar fortuna. O focinho piedoso do santarrão dava ares do focinho do gato, quando fareja a presa, e cosido com o chão faz a policia da sua gula, para que não lhe escape a ceia. Mas por mais cauteloso, que se mostrasse, o nobre Thomé perdeu o melhor da scena. Peccou, talvez, por excesso de prudencia! Á sua chegada, já estavam concluidos os preliminares da conferencia, e o padre mestre, benzendo-se e chorando de alegria, já apertava nos braços com o maior extremo, o mesmo velho espigado, rijo, e esperto, que lhe causara tamanha sensação apenas o vira. O Andador das almas foi, portanto, constrangido a contentar-se com a parte menos interessante da peripecia. O Procurador de S. Domingos estava perguntando ao seu amigo Philippe da Gama como alli viera ter direito.

— « Eu t'o digo em duas palavras — respondeu este. Para se ir bater á porta duas cousas são precisas — ter casa e saber aonde ella é. Com mil demonios! Eu estou fóra ha doze annos, e sem noticias pelo menos ha sete completos. Quem tem bocca vai a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa não é Roma, é uma loba; e um homem não póde andar por ella toda a perguntar á gente que vê: « faz favor, dá-me noticia do sujeito da capa parda? » Por tanto, puz-me a scismar, e eis o que fiz. Lembrou-me o meu antigo amigo Fr. João e o seu convento; se não deu ainda os fios á teia, ninguem melhor sabe ensinar-me a casa. Se morreo, paciencia! Talvez algum dos frades possa valer-me neste apuro. Vim por isso direitinho como um fuso ao Rocio. Na rua dos Ourives vejo um homem parado e pergunto-lhe:

«conhece o padre Fr. João dos Remedios da ordem de S. Domingos? «Que resposta cuidas, que me deu o excommungado?

« *What do you say?* »

Era inglez! Safei-me. Entro na rua dos escudeiros, acho outro estafermo embasbacado para uma porta, pergunto o mesmo, e diz-me:

« *Whas verlangensie!* »

Era allemão. Caspite! Pernas para que te quero. Já bem azoado chego ao Rocio, e descubro um soldado, fallo-lhe, e chapa-me

« *Che siete voi per capo di Caio Mario?* »

Fiquei varado! Por fortuna passava aquelle soldado portuguez ou gallego, que não sei ainda o que é, e com um boticão arranquei-lhe meia duzia de palavras, que o maldito vendeu a tostão cada uma...

Dize-me Fr. João, isto é Portugal, ou que demonio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de todas as nações?»

—«Veiu na armada dos alliados, e está chupando a olha da panella portugueza. Edificam a Torre da Asneira, e fazem a confusão das linguas, como vês. Vamos ao que importa. Já almoçastes?»

—«Estou em jejum natural.»

—«Então vamos á minha cella. Temos muito que fallar, e em quanto almoças saberás noticias...»

—«Haja methodo, Fr. João. O homem não vive só de pão. Minha mulher?»

—«Está bem. Inconsolavel com a tua perda, e chorando seu marido como deve e elle merece.»

—«Obrigado, Fr. João, muito obrigado. São favores! Com que escapou á magoa da minha morte aquella santa creatura? Ainda bem. E as pequenas?»

—«Louvado seja Deus, estão lindas como duas perolas. Somente a mãi queixa-se de que acha a mais nova um tanto leve da cabeça. Verduras da idade.»

—«Está feito! E onde está ella?»

—«Quem, Cecilia?»

—«Sim homem, a mais nova.»

—«Metteu-a a mai em Santa Clara no mosteiro, a vêr se educada lá assentava da cabeça. A mais velha, tua filha Thereza, tem muito juizo e vive com tua mulher em caza do commendador, do tio della, homem honrado, bom catholico, e menos mal de bens da fortuna.»

—«Hum! ora muito me contas. Famoso! Veremos tudo isso.»

—«Não tens mais pressa do que eu. Almoças e vamos logo.»

—«*Meno furia*, Fr. João, como diria o homem de *Caio Mario*. Uma ressurreição não é obra grossa que se leve assim de uma corrida. Isto da gente sahir da cova e apparecer á familia, é pouco sadio... Não quero desgraças. Demos tempo ao tempo. O peior está passado.»

—«Já não digo nada, Philippe. Tu o lês, e tu o entendes.»

—«Está claro. A proposito, disse Philippe, virando e revirando o chapeo aprezilhado e guarnecido á antiga — podes dizer-me se minha mulher tomou estado em segundas nupcias?»

—«Ora essa! Uma Senhora virtuosa e recolhida!.. Deus te perdoe. Pois se te digo que ainda não deixou de chorar a tua falta.»

—«Ahi mesmo é que a pulga morde. Não gosto de fontes de lagrimas, nem mesmo da que ha em Coimbra... mulher que chora muito seu marido, é porque procura outro. Acredita-me. E se diante do segundo chora o primeiro, quer-lhe metter ciumes. Ah, ah! Entendo, agora entendo; o tio, o Commendador, que especie de homem é? Aposto que ainda não fez quarenta annos, e que choram ambos a minha morte, em sancta paz?»

—«E eu sem te perceber! Tens razão. Põe mais quarenta e acertas a idade do Commendador.»

—«Oitenta annos?»

—«Exactos. Pois, atreves-te a suppor?»

—«Fr. João, nada de juizos temerarios! Visto continuar viuva minha mulher, e ter oitenta annos o Commendador, mudo de opinião. Em almoçando vamos de passeio tomar posse. Servirei de procurador aos meus fallecidos direitos.»

—«Então estás bom da molestia?»

—«Fr. João o que dizem as obras de misericordia? Consolai os tristes e visitai os enfermos. Vou consolar os tristes.

—«Ainda bem, ainda bem. Mas almocemos primeiro. Espere-me Thomé, que eu não tardo. Tem de levar a carta, que lhe disse, á Calcetaria.»

—«Sim, Reverendissimo.»

O padre subiu depois para a cella com o seu

amigo Philippe, e o nosso andador, depondo o seu devoto nicho de S. João, plantou-se á porta da igreja, caçando as esmolas dos fieis, que iam sahindo, ou que vinham entrando. O seu ar compungido e focinho penitente eram um iman abençoado, que nunca deixava de atrahir a piedade das beatas, sobre tudo a das velhas e jubiladas.

Neste momento, o homem, que no capitulo antecedente deixámos escondido com tanta cautella, atraz da pilastra do primeiro arco, sahiu do seu pouso a furta-passo, torceu pelas costas do milagreiro, e pondo-lhe de leve a mão no hombro, disse com grande suavidade.

— « Irmão Thomé, *pax Christi!* »

Uma cobra, levantada aos seus pés de repente, não fazia dar ao andador das almas tamanho pulo, como elle deu, nem o obrigava a virar-se logo com tanto sobresalto. Aquella era a saudação usual da Companhia de Jesus; restava saber se tambem seria Jesuita quem a dava. Era! A palidez do Sr. Thomé não se enganava. Via diante de si a fatal roupeta.

O Jesuita mostrava setenta annos; os cabellos eram raros e brancos como neve, naquella cabeça, que tinha a puresa e a poetica inspiração dos mais bellos typos do apostolado, como os concebeu o pincel dos grandes mestres... Alguma cousa curva, a sua estatura, apezar disso, parecia elevada e magestosa. Segundo se via, a idade carregando sobre ella, e ainda mais talvez os trabalhos do que a idade, inclinavam a fronte para o chão, como a arvore antiga se descahe do tronco e quebrando-se, a pouco e pouco vem beijar a terra: mas nos momentos de ardor religioso, ou de enthusiasmo vivo, a fronte do Jesuita, sabia aliviar-se do pezo, e sacudindo os annos como Lazaro o seu sudario, era capaz de se levantar orgulhosa e firme, de um impeto juvenil, pondo no céu a vista, a esperança, e o pensamento, e doirando-se nestas occasiões de um resplendor particular.

As rugas, cruzavam-se na testa, cujas entradas altas iam perder-se nas raras madeixas prateadas, que se annellavam, acompanhando o rosto, cujas feições nobres eram sobre o comprido, cujas faces eram desmaiadas da palidez usual nos que, vivendo de mais a vida do espirito, trazem estampados no rosto os cuidados da intelligencia. Ainda bellos, eram pequenos, mas expressivos os seus olhos. Meigos no repouso do animo, e um pouco tocados daquella doçura transparente, que sabe afiar a vista e enturval-a, para ferir ou esconder, podiam illuminar-se, querendo, e reflectirem nas chamas concentradas ou em relampagos terriveis ás vezes, toda a eloquencia da paixão, da cholera e da amizade... Nestes momentos, pouco vulgares, era uma transfiguração completa: remoçava-se a phisionamia, apagavão-se os signaes da idade, o corpo crescia magestoso, a cabeça pousava-se erecta, os olhos ardiam mais e diziam tanto, como os do mancebo mais novo na existencia e mais forte nos trabalhos.

Ninguem tão simples e affavel como o padre; os seus braços estavam sempre abertos para todos; o sorriso dormia e accordava com elle; o coração, morto para o rosto, e a alma sem espelho na vista, se gemiam ou se allegravam, era dentro de si mesmos, longe do exame e da indiscrição dos homens. Aquella face passiva e risonha; aquella voz igual e sem paixão; aquelle olhar transparente e sempre tão fundo que não deixava entrever um segredo, eram abysmos aonde perdia o estudo e a analyse o observador mais sagaz. A vontade fazia o poder do jesuita; e á força de vontade, para vencer os outros, principiou vencendo-se a si. Nunca o semblante humano foi uma mascara tão perfeita; nunca ninguem, antes ou depois, soube escravisar mais despoticamente o espirito e a materia.

Só uma coisa não sabia occultar: — o genio! Poucos seriam mais humildes, e apezar disso, e talvez por isso, era tal a dignidade do seu porte, as suas maneiras respiravam tanta grandeza, daquella que vem de Deus; e mesmo serena e de proposito apagada, a sua vista raiava com tanto poder, que sem o conhecerem, quantos o viam inclinavam-se em espirito diante delle, advinhando um desses homens, que são potencias da terra por ordem e lei da intelligencia, como os reis pelo direito do sangue e do nascimento.

Ao andador das almas foi o que succedeu. Apenas o encarou, e viu fitos nos seus os olhos do jesuita, dizendo tanto e parecendo inertes, apenas sentiu aquelle sorriso fino descer-lhe do rosto á alma, e tocar-lha no mais intimo, a mão posta de leve pareceu-lhe que pesava no seu hombro como uma torre; e abysmado passou logo de roxo a azul, e de azul a cor de enxofre; em dous segundos a cara prodigiosa do santarrão parecia um arco iris na variedade dos cambiantes. Entretanto sua paternidade não lhe dizia mais do que isto:

— « Filho, vi dalli e ouvi tudo. Sabe, que gostei muito do seu modo? V. mercê foi bem,

foi optimamente. Quer dar-me uma palavra?»

Porque o seguiu o Sr. Thomé sem resistencia, mudo como um defuncto, e cambaleando como um ebrio?

Porque a Companhia de Jesus era aquelle padre. Impenetravel nos designios, suave nas fallas, mas terrivel nas obras!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Tempestades e inundações. — Noticias de Strasburgo na data de 3 do corrente referem que as aguas levaram a ponte de Renchen, e derribaram outra na linha do caminho de ferro de Baden: a planicie contigua parecia um vasto mar.

No dia 31 de Julho foi arrastada pela violencia da inundação a formosa ponte de pedra construida ha poucos annos entre St. Nazaire, e St. Jean-en-Royans. O phenomeno denominado tromba ou manga de agua foi causa da cheia do rio la Bourne. As obras da ponte haviam custado dezeseis contos de réis.

De Lyon contam que as chuvas que tinham cahido em torrentes nos ultimos tres dias de Julho e no primeiro de Agosto nos departamentos do Rhodano, do Drome, do Jura e do Isère e outros circumvisinhos: todos os rios transbordaram e as alluviões causaram consideraveis estragos particularmente abaixo de Lyão. A população desta cidade teve grandes sustos á vista do extraordinario engrossamento do Rhodano, mas por fortuna as aguas começaram a baixar na manhã do dia 4, e a mudança do tempo desvaneceu as ameaças de perigo. As duas margens do rio, abaixo da mesma cidade, soffreram gravissimos prejuizos; os terrenos mais chãos alagaram-se; as médas de pão foram levadas das eiras; os campos de batatas e de outras raizes ficaram assolados.

O Guiers fez muitos damnos; inundou toda a planicie de St. Laurent du Pont, e destruiu completamente a estrada de Fourvoirie. Em Voiron o Monge tambem sahiu do alveo mas felizmente não causou extraordinarios prejuizos. — Em Voreppe a maior parte das prezas foram arrazadas pela cheia. Custou inauditos esforços recolher o Roize ao seu leito nos sitios onde appresentava maior risco. Em Allevard numeram-se muitos desastres: o Breda engrossado pelo derretimento das neves e geleiras das serras derrocou e levou na torrente uma casa e duas fabricas no 1.° deste mez; em a noite desse dia para 2 todas as prezas e pontes foram arrazadas, e ás seis horas da manhã derribou os edificios todos de uma fundição, despejando os armazens de ferro e carreando as maquinas.

Vaulnaveis estava inteiramente inundada, perdendo-se muitas casas. O Isére subia doze palmos acima do seu limite ordinario.

Da Suissa não são melhores as noticias quanto á irrupção subita das aguas. Cahiram excessivas chuvas nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto: vieram acompanhadas de um vento quente, que os habitantes chamam *fohn*, e que soprou com violencia pelos Altos-Alpes, occasionando nas geleiras (*glaciers*) um derretimento de neve fóra do costume: todas as correntes que tem origem nas regiões alpestres entumesceram-se de um modo prodigioso, e attingiram as aguas tal altura que não ha memoria de lá terem chegado.

Os districtos banhados pelo Aar e por seus affluentes, no cantão de Berne, são os que mais padeceram; sobre tudo o Oberland bernense, região magnifica e picturesca que os estrangeiros frequentam muito na estação actual, ficou assolado. A maior parte das pontes levou a cheia; e na que atravessava de Unterseen para o logarejo de Aarmuhle muitas pessoas perderam a vida. É incalculavel o damno em searas e outras colheitas e nos edificios.

O flagello não foi menos desastroso no paiz de Valais. No cantão de Friburgo havia trinta annos que não se via inundação similhante. Ha perdas muito consideraveis no cantão de Schwyg e n'outros mais. — O lago dos Quatro-Cantões elevou-se a um nivel tal que as vagas invadiram a porção mais bonita do povo de Fluelen.

No reino de Wurtemberg e no grão ducado de Baden causou avultados perjuizos a mesma calamidade. Até os ribeiros se converteram em torrentes: tal era a abundancia das chuvas e a violencia do temporal. Os caminhos de ferro soffreram bastante ruina.

Apparição. — Na manhãa de 13 de Maio ultimo um fazendeiro dos arredores de Harwich passava por uma eminencia dentro de suas propriedades, e captivou-lhe a attenção uma leve nuvem ou especie de neblina, de notavel apparencia e perfeitamente circular, elevando-se lentamente do valle proximo. Resplandecia o sol, e como aquelle vulto surgia no espaço aereo, com a mesma fórma, parecendo-se muito ao circulo luminoso que se vê deredor da lua, reparou o homem que a nuvem continha uma circumferencia interna muito mais pequena, mas bem traçada, contendo como dentro em moldura uma figura humana de dimensões colossaes.

Cumprimentou o spectro, que retribuiu a cortezia logo que lhe foi dirigida. Depois seguiu para diante alguns passos, e voltando ao mesmo logar, achou a sombra sempre visivel, continuando a saudar e a imitar todos os movimentos delle observador, prova evidente de que era a reproducção da sua propria imagem naquella nuvem.

Esta apparição é identica pelo seu aspecto e fórma ao famoso espectro de Brocken na cordilheira do Hara no reino d'Hanover; tem de mais os accessorios dos circulos luminosos de que não encontramos menção nos viajantes alemães. Bem entendido que a grande differença das alturas deve necessariamente fazer mais pequeno este espectro do que o alemão; mas, nem por isso deixa de ser um phenomeno interessante aos olhos da sciencia.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 3. QUINTA FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1851. 11. ANNO.

ADVERTENCIA.

O Redactor da REVISTA, sahindo do reino por alguns dias, póde assegurar aos leitores do jornal, que o plano da redacção continuará a ser o mesmo e em conformidade com as instrucções, que deixa em Lisboa a pessoa encarregada de o substituir.

Todas as cartas devem continuar a ser-lhe dirigidas ao Escriptorio, rua dos Fanqueiros n.º 82, porque ahi se lhes dara o competente destino.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DOCUMENTOS INDUSTRIAES.

Restituição dos direitos do algodão estampado no paiz—Contrabando —Certidões de descarga.

Publicâmos hoje tres importantes documentos, que por si nos dispensam de quaesquer reflexões em particular ácerca de cada um delles.

A questão dos algodões foi já por nós tratada, e só nos resta cumprir o dever de declarar que o Sr. Conselheiro Ferrão, como Ministro da Fazenda, recebeu os delegados da Sociedade Promotora da Industria Nacional, por tal fórma, e attendeu tanto as considerações que lhe foram appresentadas, que seria grave injustiça não lhe tributar, em nome das fabricas do paiz, um bem merecido louvor. Esperamos que o Sr. Fontes, um dos mais conhecidos e illustres defensores dos nossos foros industriaes, não deixará morrer as esperanças que o seu antecessor havia feito nascer. O negocio das certidões, pela segunda vez sollicitado pelo nosso corpo commercial, é de si tão simples e justo, que nos parece impossivel que o Sr. Fontes não satisfaça breve aos desejos de tão respeitavel classe.— Quanto ao contrabando consta-nos que o Sr. Ministro do Reino, prestando a maior consideração á representação da Sociedade, pozera em pratica o alvitre ahi lembrado.

Eis aqui os documentos a que nos referimos, e sobre os quaes chamamos a attenção do Governo e dos nossos leitores.

27 de Agosto de 1851

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Senhora.—A Sociedade Promotora da Industria Nacional, cumprindo-lhe zelar os interesses legaes de todos os differentes ramos do trabalho nacional, creados e desinvolvidos em virtude das leis protectoras da industria, sanccionadas com o Augusto Nome de V. Magestade, respeitosamente vem hoje perante o Throno, pedir a promulgação de uma providencia urgente para se accudir ao decadente estado que ameaça a industria da estampagem e tinturaria do algodão. Estas causas são, Real Senhora, estranhas á mesma industria, que diariamente progride na perfeição dos seus productos; mas são dependentes de factos economicos que lhes são estranhos, e por que o direito que paga sobre o algodão de que faz materia primeira, não a deixa aproveitar da sahida que na Africa e no Brasil teriam os seus productos, se a importancia desse direito não as desviasse de competir em preço com os productos estrangeiros.

A Sociedade havendo examinado este grave negocio por todos os meios ao seu alcance julga que só a restituição dos direitos aos algodões exportados para todas as nossas possessões e paizes estrangeiros, poderá evitar o grave prejuiso que está ameaçando uma avultada somma de capitaes, e um grande numero de operarios.

A Sociedade já se dirigiu para este fim ao Corpo

Legislativo, e ao presente novamente o faria se o parlamento estivesse aberto; mas como V. Magestade se serviu nas actuaes circumstancias assumir os poderes extraordinarios que julgou convenientes para bem da causa publica, a Sociedade recorre a V. Magestade, levando á sua Augusta Presença a representação que dirigiu em tempo ás Côrtes e que teria repetido se não fossem dissolvidas.

Senhora, não só subsistem ao presente as mesmas rasões que dirigiram o pedido da Sociedade, e que convenceram as Commissões respectivas da Camara dos Srs. Deputados a approvar o projecto de Lei a que tal pedido se referia; mas cada dia são mais fortes e ruinosas para a industria nacional.

A Sociedade por tão ponderosos motivos pede a V. Magestade que haja por bem acudir com a providencia que sollicita a uma das mais importantes classes de merito da industria nacional.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade, 9 de Agosto de 1851. — Assignado — *Visconde da Carreira*, Vice-Presidente da Sociedade.

Senhora. — Dizem os abaixo assignados, negociantes, e proprietarios de diversas fabricas, que tendo por vezes não só os signatarios, como muitos outros interessados, reclamado providencias contra o vexame que soffrem, e contra o tropeço ao seu giro commercial, por serem constrangidos a mostrarem certidão de terem realisado para o seu destino os generos, e mercadorias, nacionaes, e nacionalisados, exportados d'uns para outros portos portuguezes do continente e ilhas, veem hoje, fundados nas mais judiciosas rasões, e abrigo de auctoridade irrecusavel, pedir a abolição de tão irregular, e oppressora disposição, consignada no Decreto de 16 de Janeiro de 1837.

O Ministro da Fazenda já reconheceu a necessidade de se derogar aquella disposição, e appresentou na Camara dos Srs. Deputados, em sessão do 1.º de Julho de 1850 uma proposta de lei, datada do mesmo dia, como se vê no *Diario do Governo* n.º 153, do dito anno a paginas 800, *in fine*, resalvando, com algumas excepções, o que entendeu proficuo ao fisco, e á sua fiscalisação. Sobre tres pontos se póde visar esta questão. O primeiro que é o dos interesses do fisco, não póde offerecer objecção, porque o direito de sahida do porto, para porto nacional, é tão modico, que seria pueril pensar em fraude, quando as auctoridades tem em si os meios de reconhecel-a, sendo o dono do navio obrigado a appresentar effectivamente a certidão da descarga geral, tornando assim superflua a appresentação parcial dos generos carregados no mesmo navio. O segundo, que é o economico, é de primeira intuição que constranger os negociantes, para effectuarem pequenas remessas, a lavrarem termo de fianças, e incommodarem os seus correspondentes, e vice-versa, com o encargo de sollicitarem das Alfandegas certidões das entradas dos generos remettidos, e vae de encontro aos axiomas economicos de facilitar a acção commercial, para que ella seja o mais ampla possivel, e por conseguinte a mais proficua. E o terceiro é juridico, visto que é um aphorismo sabido, que quando a lei pela sua disposição póde ser illudida, o abuso é o seu resultado; e na verdade sendo o negociante obrigado somente a prestar as fianças no caso do despacho ser superior a 100$000 réis, aconselha-se por este modo a que faça remessas em pequenas porções, mas assim vem ao commercio uma acção lenta, que é quasi não ter vida, comprimindo os commerciantes a subdividir os despachos, o que augmenta o trabalho das casas fiscaes, e das commerciaes. Em conclusão a disposição do Decreto de 16 de Janeiro de 1837 é vexatoria, induz a fraude, e embaraça o commercio de cabotagem e interno, tão vantajoso para todos os paizes. Por tanto

P. a V. Magestade a graça de que na situação actual, de haver o Governo assumido a si poderes extraordinarios, promulgue, como lei, a proposta a que alludem.

Lisboa 13 de Agosto de 1851.

E R. M.

(Com 41 assignaturas).

Senhora. — A Sociedade Promotora da Industria Nacional não satisfaria ao seu fim, se não empregasse os meios ao seu alcance para proteger o commercio e a industria manufactora do paiz, e se não ponderasse a V. Magestade o que a bem da Nação entendesse por mais conveniente.

Adoptar medidas para desenvolver a industria, e dar maior amplitude ao commercio, e deixal-as frustrar pelo arrojo de alguns ousados contrabandistas, que attrahidos por um sordido ganho perturbam a marcha regular e acção activa daquelles ramos de riqueza publica, é centuplicadamente peior do que abandonar o commercio e a industria á sua propria acção e natural tendencia; e por certo o Governo de V. Magestade não deseja que haja no paiz este meio destruidor da ordem social, cuja existencia actual no reino do Algarve só póde explicar-se por que o desleixo de algumas auctoridades não tenha feito saber ao Governo de V. Magestade uma serie de factos deste genero alli occorridos.

Uma proposta appresentada n'esta Sociedade, deu logar á nomeação d'uma Commissão, que investigou os casos mais frisantes de Contrabando, praticados na costa do Algarve, conhecendo em resultado, depois de zelosas, fidedignas e aturadas informações, que os factos de contrabando no reino do Algarve são em grande quantidade, e muito repetidos; tornando-se assaz escandaloso o que desde algum tempo se tem praticado pelo porto de Tavira, onde se empregam (segundo informações) não menos de vinte barcos em tão pernicioso trafico, contrabandeando em grandes porções de ge-

neros e vitualhas; sendo notavel que até já se aventuram a introduzir generos de muito volume e infimo preço, o que manifesta claramente o desafogo com que operam por não receiarem o rigor do castigo, e estarem seguros da impunidade.

Se o Governo de V. Magestade não atalhar com remedio prompto estes males, o commercio licito soffrerá profundamente; a industria manufactora definhará de dia para dia; o fisco perderá grande parte de seus rendimentos; e o que é peior a moralidade publica se perverterá a ponto que, sendo impossivel o remedio, a sociedade seja um perfeito cahos.

Ao tractar deste assumpto, não póde a Sociedade Promotora da Industria deixar de lembrar ao Governo de V. Magestade a conveniencia de mandar alli pessoa de sua confiança para tomar informações, e conhecer da verdade de taes factos; e ao mesmo tempo de se adoptarem provisões proporcionadas á gravidade do delicto, passando a pena imposta actualmente aos contrabandistas, além da perda dos generos; e se os empregados publicos, quando eonniventes, não forem severamente punidos, nada se conseguirá que possa proficuamente impedir o contrabando.

Conclue a Sociedade sollicitando com vehemencia as mais promptas medidas para a repressão do contrabando, particularmente para o que se faz pelas costas do Algarve, e principalmente pelo porto de Tavira, por ser o mais escandaloso; esperando confiadamente que o Governo de V. Magestade saberá rebater tanta audacia, e empregar o maior rigor para que cesse tão nocivo trafico, garantindo assim os legitimos interesses publicos, que da continuação delle seriam altamente damnificados.

Deus prolongue a vida de V. Magestade como é mister. Lisboa e sala das sessões da Sociedade Promotora da Industria Nacional, 5 de Agosto de 1851. — (Assignado) — *Joaquim José da Costa de Macedo* — Vice-Presidente da Sociedade.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXI.

— «Iremos gastar cem mil libras n'um jardim de inverno, ou dotaremos escholas de desenho em Birmingham, Manchester, Glascow etc. etc.»

Tal é o titulo de uma carta impressa, que M. Francis Fuller, membro da commissão executiva da grande exposição, dirigiu ha pouco ao presidente da junta de commercio. Não deixará de ter influencia no publico a opinião de um homem, que por seus particulares esforços concorreu muito para aplanar as difficuldades que desde a origem se appresentaram na realisação da Exposição Universal. Á vista da recente decisão que manda subsistir o palacio de cristal até maio de 1852, julgou que devia neste intervallo chamar a sisuda attenção de seus compatriotas sobre o futuro destino do edificio e principalmente quanto ao emprego de cem mil libras que ficarão de sobra em poder da commissão regia. Tratando a questão profundamente, differe da opinião de M. Paxton e de M. Henry Cole: faz completa justiça ao talento do primeiro; porém a gloria de M. Paxton é indepente da conservação do palacio de cristal: não fallando em toda a imprensa europea, o *Illustrated London New* (a *Illustração* ingleza) seria sufficiente para assegurar a immortalidade do seu nome. Embora desappareça o palacio de cristal, a imaginação das aias das creanças, para as entreter e enlevar, creará outro ainda mais maravilhoso que o demolido, e a honra e fama desse prodigio pertencerá a M. Paxton. Deve, portanto, o engenhoso architecto, considerar-se desinteressado na questão que vae debater-se. Outro tanto não póde dizer-se de Cole, que em seu folheto combateu galhardamente pelos seus deuzes penates. Este Sr., membro influente da commissão executiva, foi proclamado — ignora-se ainda porque — o Luiz Bonaparte da grande Exposição, o homem indispensavel no palacio de cristal, em virtude do que recebe por seus serviços o salario annual de 800 libras. Consequentemente pediu a conservação do palacio de cristal, isto é, a prorogação do seu poder lucrativo: como homem habil, que sabe donde sopra o vento, generosamente offereceu transformar o templo da industria em jardim de inverno para uso dos trens pomposos e brilhantes cavalcatas da taful West-End.

Não se pense que M. Fuller menospresa as flores, os arbustos, as arvores; sem ser bucolico gosta, como outra qualquer pessoa, das bellezas da natureza quer vegetal quer animal. Um jardim de inverno, onde em dia chuvoso se contemplasse commodamente lindas creanças, e bonitas amas sorrindo-se para os namorados, senhoritas aristocraticas espanejando-se á vista dos seus admiradores, ageis cavalleiros alardeando suas galas, e equipagens douradas proseguindo em magnifico prestito; tudo isto (concordamos na mais completa boa fé) offereceria uma vista soberba, e faria contraste frisante com o espectaculo das ruas, onde se veria a população industriosa, exposta á chuva, patinhando lamas para se encaminhar cada um ás suas occupações. Porém M. Fuller é bastante incredulo para deixar-se persuadir de que este contraste, posto que delicioso por certa face, possa contribuir para o progresso das artes, o adiantamento da sciencia, o aperfeiçoamento da industria.

Pondo de parte todas as acanhadas objecções suscitadas contra a conservação do palacio de cristal, no seu entender a verdadeira questão é esta: — Será este edificio transformado em jardim d'inverno para accrescimo de fausto dos ricaços do West-End, que tem já para seus recreios, Saint-James'Park, Green-Park, Hyde-Park, e os jardins de Kensington? O juro das cem mil libras será empregado no costeio do novo jardim, ou servirá para dotar e tornar florecentes as escholas de desenho das grandes cidades fabris, escholas que jazem n'um deploravel estado?

M. Fuller duvida que a classe industrial das provincias, que subscreveu para a grande exposição, tivesse jámais a lembrança de crear um jardim de luxo para a tafularia de Londres. Julgando que não é necessario accrescentar os prazeres dos afortunados neste mundo, declara-se a favor da instrucção do povo e

do progresso das artes; pensa que as cem mil libras pertencem de direito á industria, e devem ser applicadas a tornal-a mais florecente.

Pela sua parte M. Paxton publicou em os jornaes dos primeiros dias de Agosto nova carta em apoio da sua broxura a pró da conservação do palacio de cristal. Sem repetir os argumentos que produziu na carta a lord Campbell, observa que a maioria das pessoas que requerem a demolição do edificio são habitantes da visinhança, ás casas dos quaes tira a vista, e que desejam dar vulto ás suas queixas para prepararem a exigencia de indemnisações no caso de ficar de pé o palacio da exposição. Não tem rasão; (diz M. Paxton) porque, tiradas as tabuas que formam o socco ou rodapé do edificio e as lonas que o cobrem na totalidade, esta construcção offerecerá um ponto de vista extremamente agradavel ás casas visinhas e de certo lhes dará maior valor. Demais disso, MM. Fox e Henderson obrigam-se a substituir aquellas tabuas por vidraças e a pôr em bom estado o tecto e mais partes do edificio mediante a despeza de doze a quinze mil libras; obrigam-se mais a fazer as repartições e trabalhos de conservação durante o periodo de 21 annos pela quantia de 5:500 libras annuaes.

Factos relativos á exposição. A Illustrated London News de 9 do corrente diz na *Chronica* — «A collecção portugueza enriqueceu-se com um specimen maravilhoso de bordado a cabello, tão delicada e perfeitamente desempenhado, que parece um esboço feito com tinta da China. Pendurou-se da moldura um microscopio para que os visitantes possam examinal-o de mais perto e minuciosamente.

A cidade de Nuremberg mandou ultimamente uma imprensa typographica, que foi collocada no repartimento supplementar da Alemanha, detraz dos Estados-Unidos: é um prelo que parece admiravelmente ordenado e de bom trabalho.

O repartimento dos Estados-Unidos tambem recebeu a figura em gesso de Oliver Twist, heroe de uma celebre novella de M. Charles Dickens, modelada por um esculptor americano. Á mesma exposição anglo-americana tinham chegado novos objectos que se estavam desempacotando; consistem principalmente em carroagens, vinte caixões de novos instrumentos agricolas, e alguns aparelhos para mondar ou limpar o algodão. Diz-se que as charruas ligeiras americanas são mui bem acolhidas pelos lavradores inglezes, e que de dia para dia ganham mais credito. Só dentro em quinze dias foram encommendadas por diversos proprietarios ricos dos districtos agricolas mais de um cento daquellas charruas.

M. M. Buckland e Topliss expozeram já no mez actual uma nova *cigarreta* ou pipo de fumar, cujas vantagens são incontestaveis: a extremidade que se mette na bocca obra como um filtrador, e absorve o oleo empyreumatico e o principio narcotico, que causam tão perniciosos effeitos, podendo assim o fumante gosar unicamente do aroma.

Faz-se notavel na exposição ingleza uma maquina magestosa por suas dimensões; é a prensa hydraulica que serviu para levantar a famosa ponte — tubular, toda de folha de ferro, que o engenheiro Stephenson lançou ha pouco tempo sobre o estreito de Menai, a fim de que o caminho de ferro, por onde vai a mala da Irlanda, podesse seguir até Holyread na ponta occidental da ilha de Anglesey. Esta maquina prende a attenção por ser colossal, mas toda a sua importancia deriva da ponte a que serviu. É com effeito um verdadeiro progresso na arte das grandes construcções: tem dimensões prodigiosas; consiste n'um tubo feito de chapas de folha de ferro encabeçadas umas nas outras, que repousam sobre tres pilares de modo que os dois arcos centraes tem o tremendo alcance de 139 metros (631 palmos proximamente). Esta mesma ponte se vê reproduzida na galeria central da Exposição em um bonito modelo em ponto pequeno, que até mostra miudamente o processo de elevar o tubo á altura em que está suspenso nos ares.

Esperava-se na terça feira 5 deste mez, fixado para a procissão dos *Teatotallers* (pessoas que fizeram voto de substituir pelo uso do chá o do vinho e mais bebidas espirituosas) que o numero dos visitantes da Exposição se augmentaria com 20:000 desses peregrinos da temperança; addicção que devia elevar a 80:000 o numero dos concurrentes, que nas terças feiras ordinariamente é de 60:000. Mas houve engano quanto aos teatotallers, que não são mais de 6:000: em summa, a quantidade total dos visitantes nesse dia foi 68:069 pessoas.

Ainda são, como acima se vê, frequentes as remessas de novos objectos. Entre outros, notam-se tres colmilhos ou dentes de elephante, que são os maiores que tem vindo á Europa: cada um mede 12 palmos e 6 pollegadas de comprido, 22 pollegadas de circumferencia; pesam 164 arrateis: foram trazidos recentemente do Cabo de Boa Esperança.

Consta por via fidedigna que S. M. a Rainha Victoria comprou na exposição portugueza a seda azul estrellada de oiro exposta pelo Sr. Carvalho.

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

(Continuado de pag. 18)

Sr. T. P. da M. Estima. — Pernambuco.

Loanda 1 de Março de 1851.

Amigo e Sr. — Participo-lhe que me acho arrumado em uma excellente casa, ganhando 25$000 rs. por mez, e que me acho prompto para o seu serviço; seu primo desarranjou-se da casa em que estava, mas logo se arranjà. Dos colonos que vieram para esta cidade só dois é que não se arranjaram, um por que é uma *lesma*, o outro por ser de costume embriagar-se, que é o F... A C..., (aqui enche 12 linhas com coisas proprias de rapazes, e segue):

A rapaziada de Mossamedes dividiram-se pelo centro da Colonia, uns foram para os Gambios, terra muito fertil, e regada por um rio, ponto de muitas esperanças para a lavoira, e commercio; outros para o Hila, aonde se vae montar um engenho pelo Governo, para o que a escuna *Falcão* já sahiu daqui carregada de canna, para plantações: outros foram para o Bumbo com o Costa e o Moreira, montar os seus engenhos, aonde se acham muito contentes, e com muitas esperanças; Deus se digne proteger este torrão.

Já se acabaram mais cinco casas na povoação pertencentes á gente da segunda expedição que dahi veio, e estão fazendo mais; esquecia-me dizer-lhe que no Giraú (perto das hortas) se arranjaram umas salinas, e os auctores foram muito felizes, pois tem tirado sal, egual ao de Setubal, e com muita abundancia.

Mossamedes, á primeira vista, atterra os animos mais resolutos, mais depois de se examinarem os seus contornos, já se cria outra alma; o homem sente-se com toda a anterior coragem; fique certo que o não estar mais prospera esta Colonia deve-se ao Bernardino.

Ha dias chegaram do Rio de Janeiro dez colonos, e esperamos o navio «General Rego» de lá com mais outra expedição, em que dizem vem duzentos mocetões, veremos: assim como que o governador desta recebeu aviso do Ministro da Marinha para esperar outra expedição do Maranhão. A exportação de Mossamedes em o anno de 1849 a 1850 em cera, marfim, urzella e peixe secco, foi de 120:000$000 réis. Ahi deve ter chegado o Pavão que dahi veiu, o qual sendo governado pela mulher, aqui não quiz ficar, apezar de ganhar por dia 2$500 réis; veja se elle ahi ganhava similhante jornal. O Manjaricão parece que se quer retirar, a que tambem não admira, visto ter mulher e filhas, e póde ser verdade que duas dellas estavam falladas para cazarem, como aqui alguem me diz.

Fique certo, caro estima, que Mossamedes é uma terra muito boa, e hade ser feliz quem se dedicar ao campo, a fazer progredir a agricultura, tendo saude ponto em que felizmente muito ganha esta provincia, presentemente, ao Brazil; aqui sabemos o que ainda está succedendo em essa provincia, na Bahia, Rio de Janeiro, Pará e outras.

Se tiver alguma carta para mim, fará favor de ma remetter ainda que seja pelo Rio, pondo a direcção para casa de J. C. de Bittancourt. — Saude e felicidade, e sou de v. attento venerador e criado. — José Antonio Pinto Guimarães.

P. S. O Rangel e o Coutinho foram para os Gambios, o primeiro encarregado de fazer uma pequena fortaleza.

Presadissima filha do meu coração. — Pernambuco. Mossamedes 27 de Fevereiro de 1851.

Com muito gosto pego na penna para te dizer da minha saude, que felizmente é boa, e de teu mano egualmente. Já te escrevi por dois navios, e ainda não tive resposta tua. Aqui não ha regalos, que se possa mandar algum, a povoação é muito pequena, ha muitas terras, mas ás vezes faltão as chuvas em tempo proprio; dá-se muito bem o milho e outras plantas, tres vezes no anno; por hora o negocio é pouco, mas espera-se que vá melhorando, o clima é muito bom, tanto que de Benguella vem quem é doente, aqui tomar ares,

Aqui estou com casa de chocolate, caffé, comida, e bebida etc. (como sabes era minha tenção) por hora em ponto pequeno, os lucros são pequenos, já comprei uma casa, e estou acabando outra de pedra e cal, que deve estar prompta daqui a dois mezes; tambem comprei um pequeno sitio (quinta) no qual tenho de hortelão o Antonio Gallego, e me dá hortaliças e fructas, tanto para gasto de casa, como para vender.

Minha filha, faz muita diligencia para fazer bom negocio, e mais teu mano, pois eu ainda quero que nos juntemos outra vez, ou aqui, ou em Portugal, que isto é muito bonito; para o conceito do publico, e para mim de eterna consolação; teu mano José Pedro esta na minha companhia, mas pouco me ajuda; é aqui o mesmo que era n'essa. Eu já te disse para me mandares algumas fazendas, porém que seja tudo muito barato, que é para vender igualmente barato; no caixão das obras de folha, não me mandes cocos, que aqui não se vendem. Diz ao Sr. Francisco Barbosa que em tendo navio me mande tres barricas de assucar mascavado, uma do branco, quatro de farinha de trigo, e seis saccas da de mandioca, e qualquer outra cousa, que elle veja cá se venda; e a conta, que eu pagarei tudo promptamente como costumo.

Teu padrinho morreu em Qoanda. Faz da minha parte muitas visitas a todos, e escreve-me a miudo; esta serve igualmente para teu mano. Esta tarde entrou neste porto, vinda da Bahia, uma barca com colonos que aqui já esperavamos, dizem que vem 200, veremos. — Tua mãe que muito te estima. — Margarida de Jesus.

Em 21 de Maio.

Sr. Redactor. Eu quiz enviar esta em o vapor Teviot, mas elle não me deu tempo, por isso a augmentarei, e com que será? desgraçadamente com a chegada de mais dos taes escravos brancos.

No dia 10 deste entrou no Rio a galera portugueza Flora, capitão Antonio Martins Fiuza de Oliveira, em 42 dias do Porto, 35 pessoas de tripulação, e 150 passageiros. No mesmo dia 10, a escuna portugueza Leonor, capitão João Joaquim Gomes, em 40 dias do Fayal, 15 pessoas de tripulação e 137 passageiros. Ora aqui temos desde o dia 2 a 10 de Maio entraram em o Rio de Janeiro 408 portuguezes, fora alguns dos homens da tripulação que haviam de ficar, pois estes navios jámais podem pagar a tanta gente; metade mesmo é suficiente para a sua manobra; podemos contar 440 pessoas!!! Já disse bastante, em esta data a tal respeito; esse povo, especialmente do Porto, deve fazer justiça a esses monstros, que ahi vão pejar os navios; aliás ficarão sem gente; e cá andarão fugidos uns, presos outros, penando em o martyrio dos contractos outros, e todos em a mais aviltante situação.

Concluirei dando a v. copia do annuncio que o consulado inglez fez, para governo de quem quizer daqui escrever para Portugal, e para qualquer outro ponto; eu dezejo que appareça em a imprensa, qual a regra que ahi se segue para as cartas e jornaes politicos e litterarios que se remettem para o Brazil, em as mallas dos vapores inglezes; pois que ainda o não achei em algum.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo III.

UM RETRATO EM UM CONVENTO.

No principio do seculo passado toda a Lisboa corria ao mosteiro de Santa Clara, de religiosas seraphicas, attrahida pela sumptuosidade das funcções divinas e pelo agrado seductor do locutorio.

Alli desciam as devotas bellas tão compadecidas, e brilhando com tanta graça, que o mundo desmaiava ao pé da sepultura, aonde os olhos das defunctas eram tão lindos e sabiam dizer tudo!... Segundo affirmam os poetas contemporaneos, a prisão dos corações do calipha Haraun-Areschild, não era nada ao pé do encanto dos maviosos sorrisos, que os seduziam. E a verdade é que ainda hoje rescendem aos perfumes freiraticos aquelles sonetos e glosas, em que os vates, accesos na sacra chamma, refinavam a vida, muito mais ideal que a ronceira existencia desta época de prosa ruim, e de algarismos falsos.

Estavam então em moda «os amores freiraticos» indigno termo applicado por legulejos mal creados á casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros, não ousando profanar o objecto querido. Pelo menos assim explicavam os amadores estas embiocadas paixões, tão melindrosas como sentimentaes. Se era isto só, ou alguma coisa mais, que responda a consciencia delles; a minha ha de suppor sempre o melhor.

Mas el-rei D. Pedro e os rabugentos ministros do seu conselho, diziam das paixões seraphicas coisas capazes de erriçar os cabellos a um cossaco do Wolga! Como a raposa achava as uvas verdes, elles achavam immoral a pasmaceira no locutorio, e deitaram um alvará contra os Narcisos da clausura, que levantou alaridos medonhos. O effeito da carrancuda lei, como era de esperar, foi salgar mais o gosto ao peccado (se peccado havia) com a desobediencia publica. A ala dos freiraticos namorados ficou firme, jurando exterminar os meirinhos e alcaides até á quinta geração. Assim a ferocidade theologica de sua magestade serviu apenas para empoar de uma nuvem de pasquins e satyras os devotos cabelleiras do seu conselho; clero, nobreza e povo riram-se da justiça; e as freiras teimosas e queixosas continuaram a vir chorar á grade *com os parentes* a tyrannia beata da lei, zombando sempre das penas do fanatico decalogo.

E como não havia de succeder assim? Eram tão delicados os seios que o burel castigava, e tão gentis as faces que a ciosa toalha amortalhava! Não seria grande crueldade obrigar as bellas captivas, tão cedo enterradas em vida, a romperem de todo com o seculo? Porque e para que? Se bem serviam a Deus, que mal faziam as innocentes, olhando por distracção uma ou duas horas para o mundo? É certo, que nem ellas fugiam, e alguma até desejava enganar-se de longe que fosse, com a sua imagem; nem os homens deixavam as portas do paraiso aonde moravam anjos tão meigos e amigos da terra. Reinava alli em toda a força o verso de Goethe:

«Amor, és immortal! sorris nas campas!»

As memorias do tempo vem cheias destas paixões, flores sem fructo, todas gelo por fóra como a sepultura em que se crearám; mas ainda quentes por dentro do incendio, que as abrasou. Seculo singular, em que as dores excruciantes do amor se consolavam com a severidade; em que a espiritualidade do affecto imperava sobre os sentidos!... Escrava dos impossiveis sentimentaes, a poesia procurava as trevas, cantando em um limbo, donde a esperança nunca descubria o ceu por mais que subisse, aonde os anjos não podiam trazer a redempção por mais que descessem!

E apesar disto eram felizes ou julgavam sêl-o. Podesse fallar a sombra de D. João V, do rei freiratico por excellencia, que ella o diria.... Quando o Salomão portuguez buscava o devoto asylo do mosteiro de Odivellas, a magia da solidão era grande, pois tão adormecido se esquecia alli, e tanto a custo o arrancavam della. Destas viagens ao ceu, como rei discreto, D. João V guardou segredo; e dos contos que o povo fez, e do mais que então se disse, só Deus sabe a verdade!

No anno de 1706, todos os dias sobre a tarde, bellos ranchos de fidalgos, mais ou menos numerosos, saíam pelo postigo do arcebispo, e vinham, de galope, desfillar ao adro de Santa Clara. Á mesma hora, tambem, as jelozias do mosteiro deixavam entrever as lindas captivas, que não se cançavam de applaudir o garbo e a destreza dos cavalleiros.

Até á noute recebiam-se as visitas no locutorio; depois de escurecer tudo vinha para o adro

illuminado, que era o theatro desta côrte primorosa. O mote cruzava-se com a glosa; as palmas do repentista inspirado com a estrepitosa ovação do seu antecessor. A serenata interrompia o madrigal, e o solau, acompanhado á viola, suffocava o pomposo elogio de ignorada deidade. O soneto, o poema-rei destas palestras de Apollo, ou sem sabor ou sibilino, coxeava atraz do conceito obrigado. As freiras de cima, e os cavalheiros de baixo, ligavam aquelles alambicados trocadilhos, favos de mel, libados no famoso livro dos «Christaes d'Alma.» Nada igualava as delicias destes serões ao divino, em que a reclusa, pondo a vózinha em ponto de rebuçado para engraçar mais, lembrava o achrostico, esse terrivel «capo lavoro» do outeiro, cujo enigma ajustado e decorado entre a musa e o vate cantava as finezas de um novo Petrarcha aos ouvidos nada crueis da segunda Laura.

Choviam então em manná de abundancia sobre o parnaso ambulatorio os papeliços de pastilhas e os gulosos fartes com o sabido sobscripto de equivocos, agudesas galantes, e zelos adocicados. De ordinario a despesa poetica do outeiro era feita pela imaginação alugada de famintos Elpinos, ditosos por vestirem com as suas pennas as gralhas loquases, a preço de uma casaca ou de um jantar.

Na tarde do mesmo dia, em que o sol nascia tão aziago para o convento de S. Domingos, as noviças e educandas do opulento mosteiro, assentadas em estrado baixo, nas deleitosas varandas que circundavam os jardins do claustro, sonhavam com a hora apetecida de se deixar a costura pelo passeio da tarde. Umas defronte das outras, estas lavravam ou cosiam finissimas cambraias; aquellas bordavam de branco ou de matiz; e algumas faziam as rendas á franceza, eterna desesperação dos bilros contemporaneos.

Da sua poltrona de pau santo, com assento de moscovia e espaldar esguio, cravejado de pregos amarellos, a soror regente espreitava por cima do livro e por debaixo dos oculos a inquieta phalange confiada á sua vigilancia. E apesar do *scio!* sacramental da veneravel madre, e em despreso da sua auctoridade, o chilreado mormurinho de risitos e de vozes não parava. A conspiração tramava-se mesmo em face do poder despotico, tão severo em reger aquelle povo feminino.

Das duas meninas, assentadas no lado opposto á cadeira da regente, uma trajava o habito e o veu branco das noviças, e a outra vestia á secular, com elegante simplicidade. A janella regral, que abria para a varanda, estava no meio dellas, e por isso ou combinando os bordados, ou fallando entre si, espaireciam a vista pelo céo e pelas flores, cochichando naquella voz timida e suave, que faz o deleite das confidencias intimas de duas amigas formosas.

A secular teria dezaseis annos, quando muito, e era Cecilia, a filha de Filippe da Gama, de quem o sr. Fr. João fallára ao seu antigo amigo, dando-lhe noticias de casa. A noviça chamava-se Catharina de Athaide, e pertencia a uma familia pobre, porém illustre da côrte; perdendo sua mãe em tenra idade entrou para o convento de nove annos, a esperar o tempo da profissão.

Cecilia era um tanto baixa; tinha aquella estatura que á força de mimosa e delicada parece fragil nas donzellas; que á mulher feita accrescenta um atractivo mais, quando a symetria das proporções lhe realça a graça. A flexibilidade, em que o corpo cedia com desleixo natural ás mais caprichosas ondulações, revestia os seus menores gestos e meneios de infinita gentileza.

O rosto não tinha a pureza seria e quasi sempre fria do typo classico; era animado da expressão meridional, menos correcta e mais ideal, cuja mobilidade reflecte a alma, e traduz a vida em toda a opulencia juvenil. A tez, sem ser da alvura deslavada e marmorea das ruivas, era branca, porém a miudo illuminada das rosas transparentes, que acende a menor comoção do sangue ou do espirito na phisionomia portugueza. As posições da cabeça, com o requebro da mais casta voluptuosidade, exprimiam sempre alguma cousa, na graça e no abandono quasi infantil, em que se esqueciam. Pequena e engraçada a bocca não se descompunha com o riso solto, que tanto desforma a formosura, abria-se como a flor abre o botão; e se podia ser accusada era do recato, com que escondia de mais dentes admiraveis pela igualdade e pureza do esmalte.

Sobre o collo pousado em toda a elegancia grega, verdadeiro collo de garça dos poetas, brincavam em spiras luxuriantes os cabellos castanhos cendrados. Uma fita, posta em *bandó*, retinha as tranças, que depois de emoldurar o rosto, esperguiçavam os anneis perfumados pelo mantinho de seda preto, que tanto fazia sobresahir o mimo e alvura da pelle. Os cabellos assedados, que soltos arrastavam pelo chão, apanhados na corôa de uma cabeça do mais perfeito modello, pareciam seguros apenas por uma rosa branca, seu unico enfeite.

Vendo-se o pé estreito e arqueado dir-se-hia que só alcatifas saberia pisar, tão breve e subtil se pousava no chão. As mãos na brancura transparente, azulada de veias finissimas e esfumadas, mostravam aquelle melindre aristocratico, que é a sua belleza. Os dedos, de um côr de rosa tibio, afilavam-se nas pontas com o geito provocador, que faz julgar a vida paga, sentindo-os castos e trementes entre outros dedos extremosos.

Mas o prestigio da vista é que lhe dava um enlêvo irresistivel. Eram negros os olhos, não daquelle preto escuro e firme, que só diz imperio; mas do outro preto, tambem fechado como a noite, mais raro ainda, que fuzila reflexos azulados, por effeito da luz, subindo a iuflammar a pupilla, e rosando-se ao atravessar o claro escuro da orbita. Debaixo de sobrancelhas, desenhadas com estrema pureza em arcadas de uma curva ideal, estas pupillas assetinavam-se, banhando a vista em brilho cristalino, e humidas de fluido suave, vinham sobresaltar a alma, insinuando-se no coração!

Era fascinadora e invencivel a sensação electrica de taes olhos! E ou os seus raios, aveludados nas sombras das palpebras, temperassem a intensidade da luz, ou na sua magnetica transparencia se accendesse o fogo da paixão, é certo que dizia tanta cousa rara a ternura delles, é provavel que fosse tão terrivel a explosão da sua ira, que depois de vistos uma vez, ficavam ardendo n'alma para sempre.

Nenhuma phrase póde exprimir a melancholia celeste, que tomavam, quando meio adormecidos e elevando-se languidos para o ceu, pareciam subir em um raio de sol, e perderem-se com elle no infinito. A graça, a seducção, e o imperio fascinador de taes olhos, mais arabes do que peninsulares, mais de israelita que de circassiana, sem as covinhas arredondadas aos cantos da espirituosa bocca, sem a animação daquellas portuguezas feições, faria suppor que o berço de Cecilia era um rosal de Bagdad, ou mais exacto, algum oasis da Palestina.

O justilho com guarnições de telilha, modelando o seio virginal, apertava sobre a esbelta cintura, deixando advinhar formas elegantes, que a idade devia arredondar. Se no corpo, como já disse, predominava o mimo delicado e um pouco fragil da flor; a perfeição de alguns contornos, e a expressão de outros, revelavam já em muitas cousas a mulher, cuja belleza, rica de seiva é ainda tenra e melindrosa de musculos. Olhando para Cecilia via-se bem que o rosto, se as paixões acordassem, havia de agitar-se com ellas; que o sangue impetuoso seria prompto em inflammar o coração; e que os olhos, agora serenos, se acaso se volvessem irados, poderiam fusilar em um instante com as tempestades d'alma.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIX.

Apparição.

Era ainda noite escura, acabavam de dar cinco horas no relojo do palacio real de Salvaterra, e Luiz de Mendonça já estava apé.

O moço fidalgo passeava rapidamente de um para outro extremo de uma immensa sala; e só de tempos a tempos parava para se aproximar da larga chaminé, onde ardia um tronco de pinheiro com chamma viva e brilhante.

O vento soprava em continuas rajadas, fazendo estalar as janellas e zumbindo pelas fendas das portas com um som agudo e triste. Fóra ouvia-se o ramalhar das arvores sacudidas pelo vento, o ciciar do matto varrido pelo furacão, o bater da chuva que cahia em torrentes, e a agua dos brejos, que se haviam tornado em vastas lagoas, correndo em ruidosas catadupas para se ír confundir com as aguas do Téjo.

Os mil ruidos da tempestade formavam um temeroso concerto, a que os latidos e uivos das matilhas fexadas nas cavalhariças reaes davam um character lugubre e fantastico. As grossas gotas que, infiltrando-se por entre as telhas mal juntas do telhado, cahiam a espaços eguaes no ladrilho da sala, pareciam querer marcar o compasso áquella orchestra extravagante. Luiz de Mendonça escutava, por instantes, os rugidos da tempestade com pavôr. Na solidão, nas horas funebres da noite, quando tudo que vive parece calar-se na superficie da terra para deixar mais poderosa e livre a natureza, ou apenas soltar longos gemidos de angustia, a alma do homem, ainda quando os padecimentos, as maguas, as desillusões a tem robustecido, não póde eximir-se ao susto, ou antes á influencia poderosa das supersticiosas recordações da infancia.

A fantasia do solitario mancebo vagava desvairadamente pelas recordações e pelas esperanças, pelo passado e pelo futuro da vida. Ora se lhe figurava vêr diante de si, graciosa, ligeira,

com os olhos a luzirem-lhe como estrellas, os cabellos soltos em profusos anneis, com um sorriso de amor a deslizar-lhe nos beiços, a bella cigana Aza por quem elle sentira os fogosos ardores da primeira paixão; ora lhe parecia vêr sahir das aguas de um mar tempestuoso o cadaver hirto e hediondo, que, ao fitar nelle os olhos envidraçados, lançava do peito um grito cavo, lugubre, prolongado, que por fim se confundia com os bramidos do vento. Depois estas tristes fantasmagorias desvaneciam-se, e Luiz de Mendonça sentia-se transportado a um camarim sumptuoso, e ahi, de joelhos aos pés da rainha, com o coração a pular-lhe no peito de alegria, beijava as mãos alvas e graciosas de que elle vira, no dia da toirada real, desprender-se aquelle lenço de finissima cambraia, que era o seu unico thesouro.

Então elle tirava do seio o lenço, que a rainha lhe déra, e beijava-o, unia-o ao coração, orvalhava-o de lagrimas com vivos transportes de alegria, ardentissimas expressões de amor.

Subitamente parecia-lhe ouvir uma gargalhada fria e desdenhosa; e a voz da rainha, sonora e vibrante, dizer: — Lauzan é um dos mais galantes cavalheiros da França.

Logo depois, como para lhe suavisar o amargor de tão pungente magua, passava-lhe na imaginação escandecida a suave, a casta, a candida imagem de Thereza, melancolica como a saudade, terna e affavel como a amizade.

Mas aquella noite de vendaval mais era para imaginações pavorosas que para branduras e alegrias. Os rugidos do vento, e o marulho das torrentes, influiam profundamente no espirito do moço fidalgo: e por isso a cada idéa fagueira que tinha se associava logo uma triste ou temerosa idéa. A lembrança de Thereza trouxe-lhe logo a triste recordação do amigo assassinado.

Luiz de Mendonça estava ainda scismando na sorte funesta de Francisco de Albuquerque, naquelle amor irresistivel, que o levára a uma morte prematura, naquelle desapparecimento do Corte-Real ainda não explicado, quando sentiu tres ou quatro pancadas rijas dadas n'uma porta da sala, que deitava para a praça do Palacio.

Aquellas pancadas inesperadas fizeram-lhe um extranho sobresalto. Eriçaram-se-lhe os cabellos, e a mão estendeu-se involuntariamente para o canto da casa onde estava encostada a espada. Porém, reflectindo melhor, sentiu que era uma deshumanidade deixar á chuva e ao frio quem batia, talvez para pedir soccorro. Correu á porta: abriu-a rapidamente: mas quando deu com os olhos no homem que entrou de pulo na sala, recuou espavorido, e foi-lhe preciso encostar-se á parede, para não caír redondamente no chão.

— Jesus, Maria! — murmurou Mendonça.

— Que noite infernal, meu caro amigo! — exclamou Francisco d'Albuquerque; porque era elle quem causara tão grande terror a Luiz de Mendonça. — Julguei que ficava afogado ahi nesse Tejo. Mas escapei; e posso felizmente abraçar-te.

Mendonça hesitou um instante; vendo, porém, o capitão diante de si, vivo, bem vivo, a rir e a escorrer em agua deu dois passos para elle.

— Da-me um abraço anda, que estou com saudades de apertar nestes braços um amigo.

— Pois tu não morreste?

— Bem vês que não — disse Francisco rindo, e deitando sobre uma cadeira o capote molhado que trazia, fexando a porta, e aproximando-se do lume. — Não morri: e se queres ter disso um bom desengano da-me alguma coisa que se coma, se ha.

Envergonhado do terror que mostrára á vista do seu amigo, Mendonça por fim aproximou-se delle, abraçou-o com sincera alegria; e correu depois a buscar-lhe uma perdiz assada, um pão, e uma borracha de vinho que tinha n'um armario.

— Com que, me julgaste morto? — perguntou Francisco d'Albuquerque, sentando-se para comer. — Pois é verdade; estou morto, perfeitamente morto.

— Estás morto, mas fazes bem pela vida — acudiu Mendonça sentando-se ao lado do capitão; e pondo-lhe a mão no hombro como para melhor ainda se desenganar de que não era uma aparição que tinha diante de si.

— Estou morto para o mundo, para todos excepto para Margarida, para o padre Manuel Fernandez, e agora tambem para ti.

— Cedo resuscitarás. Voltas para o serviço do Sr. Infante.

— Não. Volto para o paraiso, donde vim para te salvar a vida.

— Do paraiso vieste, para me salvar a vida?

— Para te salvar a vida, que está em grande risco. Viram-te sair do paço, pela portaria das damas...

— Fui lá com um recado de sua Alteza.

— Não te pergunto porque lá foste, não o quero saber — acudiu o capitão com um sorriso.

— Ai, não penses, Francisco, não penses.

que sou feliz. O vaticinio da excommungada bruxa, da maldita cigana Zaida vae-se cumprindo. O meu amor cada vez é maior; e ella...

—Isso em ti é uma loucura. Que podias tu esperar, quando pozeste a mira tão alto, senão penas, soffrimentos, dores d'alma sem remedio.

—Mas ella...

—É rainha.

—Tem olhos...

—Que só vem o que está tão alto como ella.

— Que descem ás vezes tambem. A rainha tem olhos para vêr, e coração para amar simples fidalgos, em cujas veias não corre sangue real.

— Que dizes? O amor fez-te enlouquecer!

—Olha, Francisco d'Albuquerque, — prorompeu Mendonça, com um gesto nobre, e deitando para traz a cabeça como se quizesse sacudir uma idéa que o atormentava — olha, eu bem sei que este amor é uma loucura que me ha de custar a vida talvez e que nunca hei de ser correspondido, que nem se quer hei de escutar uma palavra de commiseração. Tenho a alma temperada por desgostos, por desenganos amargos; conheço o mundo e a vida; mas para vencer este amor não tenho forças em mim. Hei de morrer com elle.

—Bem se vê que estás namorado deveras.

—Estou e sem esperança. A rainha já amou; mas o homem que ella amou, um fidalgo francez, o Duque de Lauzan, não soube apreciar a sua ventura..., não quiz o amor dessa mulher divina.

—Como soubeste?..

—Ouvi-o, não te posso dizer como, ouvi-o da propria boca da rainha.

—Então deves ter esperança. Já vês que o seu coração não é de pedra.

—Já teve coração de mulher — acudiu Luiz de Mendonça — mas agora tem coração de rainha. A rainha, não repitas a ninguem o que te vou dizer...

—Estou morto, e os mortos não falam.

—A rainha só pensa em se engrandecer. Quer dominar tudo aqui, e ha de consegui-lo porque tem alma para isso.

—E tu ama-la tanto, conhecendo-a assim?

—Já te disse que este amor é uma sina má, que me arrasta ao abismo. Sinto-o, sei-o de certo: mas não lhe posso resistir.

—Ambos nos perderemos pelo amor.

—Ah! Não me contaste ainda esse milagre da tua resurreição — interrompeu Mendonça — sou um egoista que só penso e só fallo de mim. Conta-me, conta-me tudo.

Então Francisco d'Albuquerque contou longamente ao seu amigo a historia dos seus amores com a Calcanhares, e a resolução em que estava de fugir com ella. E quando acabou de fallar já era dia claro.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Projecto de festas por oito dias em Paris. — Erigiu-se nesta capital uma junta administrativa das festas em honra da industria universal, por subscripção nacional, organisadas por MM. H. Horeau, Ch. Place, e Ruggieri, sob a protecção do commercio de Paris.

Os fundos colligidos serão depositados no banco de França, e restituidos integralmente no caso que a subscripção não chegue á quantia marcada pelo governo. O programma é o seguinte.

«— Estas festas, trazendo a Paris uma grande afluencia de estrangeiros, promovem mui consideravel movimento de capitaes. Pode affirmar-se que augmentarão á população fluctuante mais de trezentos mil viajantes, que despendendo cada um, termo medio, 300 francos, produzirão dez milhões.

«As provincias produzem, fabricam; Paris despende e consomme. Portanto, exactamente fallando, Paris não é mais que uma vasta bacia donde o capital, vasado em abundancia, se reparte por milhares de canaes para todos os pontos do territorio francez.

1.° Dia. — Festa publica exterior. — Marcha triumphal da Industria universal. Banquete de mil talheres na Bolsa do Commercio, e recepção das senhoras nas galerias superiores, ricamente armadas e illuminadas; ser-lhes-ha offerecido um refresco pelos commissarios da festa.

2.° Dia. — Exposição de agricultura, de horticultura etc. — Ás duas horas: — Concorrencia das sociedades coristas e das sociedades de harmonia e concertos no jardim de Luxemburgo, sob a direcção de Mr. Sax. Estas diversas sociedades virão encorporadas, precedidas de suas respectivas bandeiras.

3.° Dia. — Congresso musico em a sala das funcções, nos Campos Elysios, sob a direcção de M. Sax.

Ás oito horas da tarde. — Concerto e illuminação no Palais — National, no Luxemburgo, e na praça des Vosges.

4.° Dia. — Solemnidade musical e litteraria em honra dos homens illustres de todos os paizes no Pantheon francez.

5.° Dia. — Representação de uma dança heroica entremeada de canto, recitados e baile, por 2:500 executantes: nesta grande obra passarão successivamente á vista dos espectadores todas as phases da civilisação: auctores MM. Mery, Felicien David, e Lacombe.

6.° Dia. — Festas no parque de Versalhes.

Ao meio dia. — Jogo das aguas dos repuxos e cas-

catas. Á mesma hora, na sala da opera do Palacio, representação de uma das obras magistraes da comedia franceza.

Á noite. — Illuminação do parque das cascatas, que repuxarão illuminadas.

Ás oito e meia. — Representação da dança; *Alcina, ou a ilha encantada*, sobre uma jangada construida no canal grande, e do mesmo modo que se representou em 1665 perante Luiz XIV: terminará pelo incendio da ilha no meio de um fogo de artificio.

7.° Dia. — Grande baile em obsequio dos premiados, nacionaes e estrangeiros, na Exposição de Londres, dado na sala dos Campos Elysios: os nomes daquelles, inscriptos em ricos brazões, farão parte da decoração da sala, que admitte 25:000 pessoas. Os aparadores serão abundante e magnificamente guarnecidos.

8.° Dia. — Festa publica exterior.

Ás dez horas da manhã. — Solemne *Te Deum* de acção de graças e benção das bandeiras de todas as nações do globo, composto expressamente por M. Berlioz e por elle dedicado ao principe Alberto. Será desempenhado no templo de Notre-Dame, em beneficio das instituições de publico soccorro da cidade de Paris: far-se-hão convites á associação de musica sagrada de Londres, e ás de Bruxellas e de Lille, para que possam mandar deputações de cantores a esta solemnidade musical.

Á noite. — Bailes e espectaculos publicos, illuminações geraes e fogos de artificio nos Campos Elysios, na praça do Trone e no Luxemburgo.

A subscripção é voluntaria e nacional, e será recebida de todos os pontos do territorio da republica. A somma total está fixada em milhão e meio de francos. A quota das subscripções individuaes não é limitada: todavia o minimo é cinco francos.

Cada subscripção terá um numero de ordem e um numero de serie. Cinco francos, minimo da subscripção, dá direito á tirada á sorte, de trinta mil logares, repartidos egualmente por via da sorte e por series, nas salas dos concertos, espectaculos, banquetes, logares reservados para vêr os fogos de artificio etc.; e demais disso a uma *tombola* por serie: — de uma medalha commemorativa, prata dourada: — uma medalha de prata — duas medalhas de bronze: — um exemplar rico do relatorio das festas:

Cincoenta francos dão direito a um logar certo no baile, ou no banquete da Bolsa, ou no espectaculo, ou no grande concerto. E demais aos lances da tirada á sorte acima indicada.

100 francos além das vantagens geraes precitadas, dão direito a um logar certo no baile, um logar certo no banquete: — ou dois logares para homem e senhora no baile: — ou um logar certo no espectaculo.

500 francos, além do titulo de fundador, dão direito a dois bilhetes do baile, para homem e senhora: — um logar na meza em o banquete da Bolsa: — um convite para a recepção das senhoras: — dois logares com assentos para os fogos de artificio e para a festa de Versalhes: — uma medalha de prata dourada: — um diploma em pergaminho: — um exemplar rico do relatorio das festas.

Meninas perdidas. — Immenso numero de provincianos continúa a chegar em cada comboy que os caminhos de ferro despejam todas as tardes na metropole britannica; o caminho do Norte bem depressa transportará todo o condado de Cambridge e paiz circumvisinho, por quanto por 4 schellings (800 rs. proximamente) se póde fazer a viagem, de ida e volta, de Royston a Londres com a faculdade de ficar 15 dias na cidade.

Ultimamente os *policemen* acharam, na sua busca de bengalas e chapeus de sol, meia duzia de raparigas muito moças chegadas da provincia com algum parente: felizmente haviam tido com ellas a precaução de lhes pôr rotulos e numeração como fardos de fazenda; traziam a marca de Bristol, donde procediam, pelo que depois de lhes dar de almoçar reconduziram ao aprisco aquellas ovelhas desgarradas.

Modelo de estatua. — M. Baily, membro da Academia das Bellas-Artes, de Londres, acaba de terminar o modelo da estatua do fallecido Roberto Peel Esta obra representa o insigne estadista de pé e na attitude que tomava habitualmente orando na camara dos communs. A parecença é extrema e deu logo na vista de pessoas que conheceram o illustre defunto. A estatua será fundida em bronze e de 15 palmos de altura; ha de ser inaugurada em Bury (Lancashire) terra natal de Sir Robert Peel. O pedestal será ornado de baixos relevos contendo emblemas do commercio, da agricultura e de varias industrias, que são devedoras de seu desenvolvimento ao cidadão prestante, cuja perda a Grã-Bretanha deplora.

Eclipse do sol. — No dia 28 do passado houve eclipse total do astro da luz, só visivel distinctamente nos paizes septentrionaes: muitos principes alemães foram expressamente a Hamburgo por este motivo. O governo inglez enviou á Suecia e á Noruega seis astronomos para as necessarias observações, distribuidos pelos seguintes logares: — O doutor Robertson, director do observatorio de Edimburgo, para Bergen; o professor Peter Smith, á distancia de 30 milhas ao norte de Bergen; M. Dunkin, do observatorio de Greenwich, para Christiania, capital da Noruega; o professor Airy, astronomo de S. M., para Frederiksvaem; M. George Humphry, a Christiansand; M. John Miland, a Gothemburgo na Suecia. — No dia 9 do dicto mez havia chegado a Christiania, com o mesmo intento, M. Antoine d'Abbadie, o celebre viajante na Africa.

M. Guenal, inventor de um curioso apparelho uranographico, admittido á grande exposição, acaba de publicar uma brochura, de que tomamos o seguinte extracto.

« Sendo a terra e a lua corpos opacos que não póde a luz atravessar, produzem uma sombra atraz de si. Quando, em sua revolução, a lua passa pela sombra da terra cessa de receber os raios do sol e desapparece à nossa vista: ha então eclipse da lua.

Quando do contrario a lua se interpõe entre o sol e a nossa terra, achando-se esta na sombra da lua cessa de vêr o sol; ha então eclipse do sol.

Os eclipses só pódem ter logar nas syzigias; porém, como a orbita lunar é inclinada sobre o plano da ecliptica, e esta inclinação muda continuamente de logar, dahi vem que na maior parte das syzigias a lua acha-se ora acima ora abaixo deste plano, e é

por isso que não ha eclipse da lua em cada opposição, nem eclipse do sol em cada conjuncção.

Para que o phenomeno succeda é necessario que os tres corpos estejam em linha recta ou quasi; isto é que a lua nas syzigias deva ainda achar-se no seu nó ou muito perto do seu nó. O eclipse será total ou parcial, conforme o astro desapparecer no todo ou em parte.

A porção da orbita em que a lua deve achar-se, na conjuncção ou na opposição para que haja eclipse, está na maquina uranographica coberta de uma camada de pintura branca; o arco assim designado não se estende inteiramente a 17 gráus de cada lado do nó; além destes limites o astro estaria já ou muito elevado para o hemispherio do norte ou mui descido para o hemispherio austral, para poder appresentar as condições de eclipse.

O tempo da revolução synodica dos nós é de 346 dias proximamente: comparando-a a 29 dias e meio, que é o tempo da lunação, vê-se que estes numeros estão quasi na proporção de 223 para 19. Por tanto, passadas 223 lunações ou em cada periodo de 18 annos e 11 dias, o sol e a lua se tornam a achar na mesma posição em relação ao nó lunar; devem, pois, os eclipses voltar pela mesma ordem, o que fornece um meio simples de os predizer. — »

Em Kœnisberg, em Dantzick, em Dirschaw, onde o eclipse foi total, reinou uma obscuridade como a da noite por espaço de tres minutos, durante os quaes viam-se grande numero de estrellas, distinguindo-se perfeitamente muitas como Venus, Jupiter e Mercurio.

Os astronomos francezes, MM. Mauvaís e Goujon que foram a Dantzick estudar o phenomeno escreveram a M. Arago participando-lhe que o tempo os favorecêra podendo fazer observações completas. Cinco minutos antes da conjuncção dos dois astros chegou-se a receiar que o eclipse não fosse visivel, tão coberto estava o céu; porém limpou muito a proposito. Em quanto não mandam mais amplas informações deram conhecimento do que observaram relativamente ás *protuberancias luminosas*: no eclipse de 1842 estas tocavam o disco da lua, e no de 1850 nos pontos denominados ilhas de Sandwich, eram em pequena quantidade: neste de 28 de julho um dos pontos luminosos avermelhados estava inteiramente separado a dois minutos de distancia para fóra da orla da lua; o outra das protuberancias tinha fórma curva á guiza de crescente ou meia lua com appendices mui extraordinarios.

Ao mesmo tempo alguns curiosos faziam observações thermometricas mui completas, em toda a duração do eclipse, com instrumentos levados de Paris. Observações analogas se fizeram simultaneamente no observatorio da capital da França: serão reunidas e comparadas por M. Arago. Igualmente operou M. Carvalho nos Pyrenneus em uma grande altura por cima de Cauterets sobre o pico de Monné estando a atmosphera serena. De outras observações mais deu M. Arago conta á Academia das Sciencias.

Nova linha de vapores. — O jornal inglez *Express* annuncia ter-se feito uma reunião em Dublin no dia 6 do corrente, por convocação especial do lord-mayor, para se ouvirem as explicações de M. Horacio Greely sobre as suas tenções e de seus amigos da America para o estabelecimento de uma linha de vapores entre a Irlanda e os Estados-Unidos. — M. Greely exprimiu o dezejo de que o governo fizesse com os seus vapores algumas experiencias de ancoragem no porto de Galway para conhecer que vantagens offerece.

O presidente do grande caminho de ferro occidental, M. Ennis, assegurou por parte da companhia emprezaria do mesmo que esta empregaria todas as diligencias que lhe competissem para lograr-se a realisação do pensamento da reunião: tambem fez saber que tendo-se recusado os Estados-Unidos a annuir ao convite da companhia, a mesma promettera um premio de 600 libras ao capitão de todo o barco a vapor que effectuasse em nove dias completos o trajecto de Nova York a Galway, com um premio addicional de dez libras por hora de menos nos nove dias completos.

Os jornaes de New-York publicam o contexto da carta, escripta por M. Ennis para a America com as offertas a que o mesmo se referiu. É provavel que este projecto, primeiramente abandonado, se renove agora. M. Greely fez uma viagem á Irlanda com esse intuito.

Furacão. — Escrevem de Varsovia que no dia 25 de Julho levantou-se um espantoso tufão n'algumas partes do reino de Polonia, arrancando arvores pela raiz, arrebatando tectos de edificios, devastando campos cultivados; muitos homens e grande numero de gado foram mortos; mais de 200 familias ficaram sem abrigo nem sustento. No mesmo dia, outro temporal violento fez estragos na Galitzia.

Quando em Lisboa estamos soffrendo (e do mesmo modo os habitantes de Madrid) o intensissimo calor dos dias caniculares, apenas temperado a intervallos por ventanias fortes; de França, da Irlanda, e das regiões do Norte nos trazem os jornaes noticias de tempestades, de inundações, de tufões e outros temporaes assoladores.

Em Paris a trovoada do dia 9 desfechou a centelha electrica sobre duas casas da rua Menilmontant: na 1.ª n.º 129 o fluido electrico, depois de haver causado estragos nas chaminés, cimalhas e vidraças, entrou por uma alcova do quarto andar e assombrou uma senhora viuva, queimando-lhe os cabellos, o braço direito e as pernas; dalli passou á casa n.º 131 onde fez menos perjuizos; tendo estalado o tecto da casinhola do guarda-portão sahiu pela porta sem offender este homem nem sua filha que se entretinham em seu trabalho naquelle pequeno local.

As trovoadas e alluviões dos rios caudalosos destruiram nas provincias centraes da França em grande extensão a maior parte das colheitas; com tudo, observam as folhas commerciaes que estas calamidades locaes não terão muita influencia nos grandes mercados; nos de Bordéos, Tolosa, Bayonna e Marselha ha tendencia para baixa nos preços, por quanto a colheita no sul foi satisfactoria.

Cartas de Noruega referem que em a noite de 7 de Julho cahiu neve em Tellemarken, em tal quantidade que cobriu a terra á altura de quatro palmos e meio.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 4. QUINTA FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXII.

E' notavel o esquecimento ou menospreço de um producto industrial nas resenhas analyticas dos talentosos escriptores que successivamente tem procurado dar idéa geral da Exposição em Londres, muito mais sendo esse producto o vehiculo das suas observações, como tem sido de todas as lucubrações e trabalhos do intendimento em longa serie de seculos.

O papel é o auxiliar da imprensa, um dos conductores principaes do pensamento humano, um dos agentes mais activos da civilisação; é esta a sua destinação nobre e de immenso alcance, e que cumpre contemplar sem ter em menos conta os innumeraveis serviços que o papel presta a outras industrias.

M. F. Morel, dando o devido pezo a estas considerações, repara a ommissão dos seus predecessores. — A França (diz elle) consome tão consideravel quantidade de papel, que apenas lhe basta a que produzem as suas numerosas fabricas. Todavia os expositores deste ramo em Londres são menos numerosos do que era de esperar; citam-se entre os principaes, os celebres Montgolfier, as fabricas de Annonay e de Gueurres, as sociedades anonymas do Marais (Sena e Marne) e de Joucle (Vosges) etc. O papel ordinario é de boa qualidade relativamente, e manifesta, quanto ao preço, a realisação de um grande progresso. Os Montgolfier mandaram excellentes papeis de meia côr para desenhar, papeis para vinhetas brancos e de côr, e uma especie muito notavel denominada *pergaminho animal*. Este pergaminho é tão macio e flexivel que todos o tomaram por papel vulgar. Algumas amostras desta pellicula artificial são preparadas com um certo verniz graxo, que o torna mui proprio para os cartuxos de artilheria.

Figuram na Exposição com todas as fórmas, e por todos os preços, papel de impressão, de cartas, de embrulho, de desenho, cartão, papel de armação de salas tanto rico e elegante, como ordinario e trivial. Os preços modicos apparecem sobretudo no papel de impressão e no de escripta; e são muito para louvar por isso os fabricantes, porque comprehenderam que eram esses os objectos de primeira necessidade, da necessidade mais indispensavel em todas as condições, e nas diversas graduações de recursos das escalas sociaes.

A fabrica de Dellingen, da Prussia, teve a feliz idéa de expor amostras do papel fabricado desde 1760 até 1850; facilitando assim abranger-se n'um lance d'olhos os aperfeiçoamentos realisados successivamente no periodo de 90 annos. — MM. Ebast, de Berlin, exposeram alguns formosos exemplares estampados e admiravelmente envernizados de papel para cartas, e alguns ensaios do papel destinado ás notas do Banco prussiano.

A Inglaterra dedicou pequenissimo espaço a este ramo importante de suas manufacturas. Fabricam-se annualmente na Grã-Bretanha 130 milhões de libras de pezo de papel, cujo valor passa de trinta milhões de cruzados, e produz no orçamento um rendimento de perto de tres milhões e meio: nove decimos desta quantidade são consumidos no paiz.

Posto que em pequeno numero, os expositores de papel inglez, appresentaram-se todos com excentricidades. M. Johnson, o celebre fabricante de papel de escrever em Saint Mary-Cray, e M. Spicer exposeram um rolo de papel de 2,500 jardas de comprimento, e uma folha de papel fusco de 13½ palmos de largura com 630 palmos de comprimento; cartões e bilhetes de uma fórma bem inventada e nova; papel de cartas singularmente bello e rico.

Outro mandou uma folha de papel continuo de 1.380 braças de comprimento. Este papel é empregado nas fabricas de louça vidrada como vehiculo destinado a receber as impressões das chapas gravadas, que devem ser transportadas pelos burnido-

res á faiança não envernizada. E' mui consistente e forte; tanto que um jornal inglez conta que o proprietario de uma fabrica de louça, com esse papel torcido á maneira de corda, reparou rapida e efficazmente os tirantes partidos de uma carroagem. Uma folha deste papel da largura de dois palmos resiste facilmente a um pezo de 220 arrateis.

Cita-se igualmente o celebre papel azul de Dewney, empregado pelos fabricantes de gomma para capa de sua fazenda, e que deve supportar a prova de uma forte cocção sem perder a côr; — da mesma fabrica ha os cartões envernisados que servem na acção de lustrar os pannos com o cylindro; e os papeis fuscos em que se embrulham os objectos mais delicados de aço polido sem risco de ferrugem.

Em summa, mencionàremos a Suissa que enviou á Exposição papel pautado para musica digno de ser louvado, e excellente papel para gravura; — Roma, que se distinguiu pelo seu bello papel para desenho; — e a Toscana, pelo seu bom papel denominado mechanico. A Belgica sustentou a sua antiga reputação; e não ha que dizer ao papel que trouxe de toda a qualidade. A Hollanda conserva-se na sua cathegoria. A Russia, posto que atrazada em relação ás outras nações industriaes da Europa, dá mostras de caminhar para o aperfeiçoamento; até para a India tem mandado amostras do seu fabrico neste genero; o seu papel distingue-se principalmente pela delgadeza e pouco pezo.

Até aqui M. Morel. Em todas estas narrações de jornalistas e de seus correspondentes temos espreitado se vem cousa, boa ou má, em honra nossa ou como advertencia para emenda, relativa á exposição portugueza. Não deixamos de mencionar as poucas phrases, que nos tem dedicado, e que chegaram ao nosso conhecimento. E' verdade que vimos dois artigos no *Morning Chronicle* de 10 e 14 de julho ultimo, em que se trata da exposição portugueza; mas o começo é emphatico e em parte inexacto, e inexactas são tambem parte das asserções por elles espalhadas, salvo os encomios devidos ao nosso clima, situação geographica e fertilidade de territorio, que ninguem póde roubar-nos ou escurecer. Devemos crer que esses enganos procederam ou de precipitação escrevendo sem prudente averiguação, ou de informações superficiaes e menos verdadeiras. Ahi-se diz, por exemplo, que os cinco grandes rios navegaveis, Tejo, Douro, Minho, Mondego e Guadiana, *dispensam Portugal de estabelecer grandes estradas e caminhos de ferro; não podendo desejar o paiz vias de transporte mais economicas e seguras do que essas grandes arterias de continuo vivificadas pelas torrentes e neves das serras hespanholas.* Além do absurdo desta asserção, sabem todos que os nossos principaes rios, e muito menos os tres ultimos citados, não são navegaveis em tamanha escala como o artigo suppoem.

Elogiando-se no mesmo, e com rasão, o assucar refinado dos Srs. Pinto Bastos, diz-se que: — « A cana de assuçar é cultivada em Portugal como nas provincias meridionaes de Hespanha, e da-se muito bem. » — Ocioso é refutar aqui em Lisboa similhante proposição.

Todavia, como os indicados artigos dão idéa, posto que succinta, da nossa exposição, e contem louvores imparciaes a muitos dos nossos productos; e porque a inexactidão daquellas e de outras proposições dão logo na vista do leitor portuguez sem carecer de commentario; inseriremos no proximo n.º a versão dos mesmos artigos.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

1 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet, residente em Lisboa.

Este mineral acha-se em muita abundancia na provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Aljustrel, freguezia dita, sitio denominado dos Algares. Neste logar encontram-se abundantes vestigios de ter sido antigamente explorado, sem que seja conhecida a épocha da sua exploração.

2 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral acha-se na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de S. Thiago do Cacem, freguezia dita, no sitio denominado — Oiteiro das sete tijellas.

3 LIMONITE. — (*Pysoolithico*) *Oxydo de ferro hydratado.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral acha-se com bastante abundancia na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Grandola no sitio dos Algares, serra da Caveira, logar denominado das Minas de Grandola. Acham-se grandes vestigios de exploração que teve logar em differentes épochas, entre as quaes a ultima foi em 1620.

4 FERRO MAGNETICO OXYDADO. — *Ferro oxydado octaedrico.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral encontra-se na provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Borba, junto ao logar denominado — Oiteiro da mina.

5 *Calcareo carbonatado ferrifero.* — Expositor, Carlos Bonnet.

Este mineral existe na provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Moira, freguezia de Santo Amador, no sitio denominado da Crujeira. — Foi achado nos trabalhos antigos de exploração, e algumas vezes vem acompanhado de um pouco de oxydo carbonato de cobre.

6 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.*

7 LIMONITE. — *Oxydo de ferro hydratado.*

8 OCRE AMARELLO.

Estes tres mineraes encontram-se em muitas partes na provincia do Minho, districto de Vianna.

9 MINERAL DE COBRE ETC. ETC. (Não foi ainda analysado.) Expositor e proprietario da mina, José Ferreira Pinto Bastos.

Este mineral encontra-se na provincia da Beira, districto de Aveiro, no sitio denominado — Mina de Palhal.

Esta mina está em principio de exploração.

10 PYRITO DE COBRE. — *Sulfureto de ferro e de cobre.* — Expositor e proprietario José Ferreira Pinto Bastos.

Este mineral encontra-se no Alemtéjo, districto de Béja, concelho d'Ajustrel, freguezia dita, no sitio de S. João do Deserto. Nesta mina já se tinham feito bastantes trabalhos, que continuam; — a porção de mineral já extrahido ainda não foi lançado no commercio.

11 COBRE PYRITOSO, COM COBRE NATIVO. — Expositor Carlos Bonnet.

Encontra-se nas provincias do Alemtéjo, districto de Béja, concelho d'Alvito, freguezia de Villa Nova da Baronia, no sitio denominado das Ferrarias: foi encontrado nos vestigios de uma exploração antiga.

12 GALENA. — *Chumbo sulfurado.*

Encontra-se em differentes partes na provincia do Minho, districto de Vianna.

13 GALENA. — *Chumbo sulfurado.* — Expositor e concessionario da mina Antonio José Duarte Nazareth.

Encontra-se na provincia da Beira, districto de Coimbra, concelho d'Arganil, freguezia dicta, na serra d'Aveneira.

14 STIBINE. — *Antimonio sulfurado.* — Expositora e proprietaria a Companhia Perseverança, no Porto.

Acha-se em abundancia nas provincias do Minho, districto do Porto, concelho de Vallongo, freguezia dicta, junto á povoação. — Esta mina foi ha poucos annos explorada, e parte dos seus productos foram mandados para Inglaterra; porém agora estão suspensos os trabalhos.

15 GALENA ANTIMONIAL. — *Sulfureto de chumbo e de antimonio.*

Acha-se na provincia do Minho, districto de Vianna.

16 CASSITERITE. — *Estanho oxidado.* — Expositora e proprietaria a Companhia Perseverança, no Porto.

Encontra-se na provincia do Minho, districto do Porto, freguezia de Rebordoza. — Este mineral encontra-se disseminado nas antigas alluviões, e nas rochas de pegmatite decomposta. Foi explorado ha poucos annos e extrahiram-se de 25 a 30 quintaes; — por agora estão suspensos os trabalhos.

17 ANTRACITE. — Expositora e concessionaria temporaria a Companhia das minas de carvão de pedra do Porto, cuja residencia é em Lisboa.

Esta mina está situada na provincia do Minho, districto do Porto, concelho de Gondomar, freguezia de S. Pedro da Cova. Pertence ao estado, e acha-se em exploração desde muitos annos. De tempo a tempo é posta em arrematação. O producto mineral é abundante, e emprega-se nos usos domesticos, principalmente no Porto e Lisboa.

18 LIGNITE. — Expositor, José Joaquim Roque Delgado.

Acha-se em quantidade na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho da Lourinhã, freguezia dita. — Este combustivel encontra-se em camadas nos serros junto ao Oceano. Existe tambem em muitas outras partes do mesmo concelho, e dos concelhos visinhos.

19 CARVÃO DE PEDRA. — Expositor e proprietario, Raymundo Verissimo de Sousa Lacerda.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Santarem, freguezia de Valverde.

20 LIGNITE. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho dito, freguezia de S. Pedro de Muel.

21 GRAPHITE. —

Acha-se na provincia do Minho, districto de Vianna.

22 GRAPHITE PLOMBAGINE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Acha-se na provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Marvão, freguezia de S. Salvador, sitio denominado dos Almagreiros. Existe em grande quantidade, mas até hoje não se fizeram applicações.

23 ASPHALTO. — Expositor e concessionario, Marquez de Subserra.

Encontra-se em quantidade na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho de Alcobaça, freguezia dita. — Esta mina está em exploração, e seus productos são empregados.

24 AREA BITUMINOSA. —

Faz parte da precedente mina, e é empregada conjuntamente com o Asphalto.

25 ASPHALTO. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia da Estremadura, districto de Leiria, concelho dito, freguezia de S. Pedro de Muel.

Fórma uma camada de 60 palmos de espessura, e está situada mesmo á borda do Oceano. Esta mina está em principio de exploração.

26 ASPHALTO — *em obra, da referida mina.* — Expositor, Goulard.

27 CARVÃO MINERAL. — Expositor, Goulard.

Acha-se na provincia de Santarem, freguezia de Valverde.

28 ACIDO HIDROCHLORICO — *Acido muriatico.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos residentes em Lisboa.

Esta fabrica existe na provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho d'Alhandra, sitio da Verdelha. — Este producto fabrica-se em grande escala para uso das artes, sendo obtido pela reacção do sal, e acido sulfurico. Ambos os materiaes são de producção nacional.

29 ACIDO SULFURICO — *Oleo de vitriolo.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28.

Este acido é obtido nas camaras de chumbo pela combustão do enxofre com o nitrato de soda; as materias primas são de producção estrangeira; porém em certas occasiões algum enxofre é importado das possessões portuguezas. É a unica fabrica deste producto que existe em Portugal.

30 ACIDO NITRICO — *Agua forte.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.º 28. Obtido com o nitrato de soda, e acido sulphurico.

31 CARBONATO DE POTASSA — *Sal de tartaro.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

Laboratorio chimico, analitico e consultivo, estabelecido em Lisboa, no Carmo. Obtido pela combustão do sarro de vinho. — Materia prima portugueza e muito abundante.

32 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de tartaro.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.

Fabrica, vide n.º 31. Obtido do tartaro crú, ou sarro de vinho.

33 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de tartaro,*

puro 1.ª qualidade. — Expositor, Agostinho Joaquim Ferreira.

A fabrica é situada junto a Lisboa, no sitio de Porto Brandão, e especial deste producto manipulado em grande escala.

34 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, ordinario*, 2.ª classe. — Expositor e fabricante Agostinho Joaquim Ferreira.

Fabrica, vide n.° 33.

35 TARTARO-VERMELHO — *Sarro de vinho tinto.* — Expositor Agostinho Joaquim Ferreira.

36 TARTARO-BRANCO — *Sarro de vinho branco.* — Expositor Agostinho Joaquim Ferreira.

37 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, ordinario*, 2.ª qualidade. — Expositores e fabricantes Serzedello & Comp.ª

Laboratorio de productos chimicos situado junto a Lisboa, no sitio da Margueira, deposito em Lisboa, no largo do Corpo Sancto.

38 BITARTARATO DE POTASSA — *Cremor de Tartaro, puro*, 1.ª qualidade. — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª

Fabrica, vide n.° 37.

39 CREMOR DE TARTARO EM PÓ — *Cremor de Tartaro.* — Expositores e fabricantes Garland Laydley & Comp.ª

A fabrica de chimica está situada na Figueira.

40 CREMOR DE TARTARO PARDO, 2.ª qualidade. — Expositores e fabricantes Garland Laydley & Comp.ª

Fabrica, vide n.° 39.

41 CREMOR DE TARTARO PARDO — 1.ª qualidade. — Expositores e fabricantes, Garland Laidley & Comp.ª

Fabrica, vide n.° 39.

42 NITRATO DE POTASSA — *Salitre refinado.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª

Fabrica, vide n.° 37.

43 SAL MARINHO REFINADO. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Producto extrahido das aguas salgadas do Tejo, no sitio chamado Marinha Nova, perto de Lisboa.

44 SAL MARINHO REFINADO EM PEDRAS. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Fabrica, vide n.° 43.

45 SAL MARINHO EM PEDRAS. — Das marinhas de Setubal.

46 SAL MARINHO EM CRISTAES. — Das marinhas de Setubal.

47 SAL COMMUM. — Das marinhas de Setubal.

As marinhas chamadas de Setubal são immensas e bem conhecidas.

48 SAL MARINHO EM CRISTAES. — Expositor e productor Barão de Samora Corrêa.

Fabrica, vide n.° 43.

49 SAL COMMUM EM PEDRAS. — Este sal é tirado de nascentes de aguas salgadas, que existem na provincia da Estremadura, districto de Santarem, concelho de Rio Maior. É conhecido no paiz como o melhor, sob a denominação de sal de Rio Maior.

50 SULFATO DE SODA — *Sal de Glauber.* — Expositores e fabricantes Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.° 37.

Preparado directamente com o acido sulfurico e carbonato de soda, ambos materiaes nacionaes.

51 CARBONATO DE SODA — *Soda purificada.* — Expositores e fabricantes Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.° 37.

Extrahido de soda ordinaria do commercio, de producção nacional.

52 CARBONATO DE SODA — *Cristaes de soda.* — Expositores e fabricantes Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.° 28.

Extrahido da soda artificial,

53 SODA ARTIFICIAL. — Expositores e fabricantes Ignacio M. Hirsch e Irmãos.

Fabrica, vide n.° 28.

Extrahida de materias primas nacionaes. É a unica fabrica d'este genero.

54 CAL EM PEDRA. — Expositor e productor Francisco Antonio Machado.

Provincia da Estremadura, districto de Santarem.

Ha muitas fabricas deste genero em Portugal. A materia prima é nacional.

55 CAL PARDA. — Provincia da Estremadura, districto de Santarem, Concelho de Abrantes.

56 CAL PARDA. — Provincia do Minho, districto de Vianna.

57 CAL PARDA. — Provincia do Minho, districto de Vianna.

59 CAL CARBONATADA SILICIOSA. — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Grandola, freguezia dita, sitio das Fontainhas.

Esta pedra calcarea fornece uma cal magra e ligeiramente hydraulica.

59 GESSO — *Cal sulfatada.* — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de Cezimbra, freguezia dita.

Mina explorada, da qual se extrahe uma grande parte de gesso para os usos ordinarios das artes.

60 BARYTINA — *Barytes sulfatada.* — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia do Alémtejo, districto de Béja, concelho do Cercal, freguezia dita, sitio denominado Serra da Mina.

Encontram-se vestigios de exploração.

61 NITRATO DE BARYTES. — Expositores e productores, Serzedello & C.ª

Fabrica, vide n.° 37.

Empregado nos fogos artificiaes.

(Continúa.)

MEIO DE PREVENIR AS INCRUSTAÇÕES NAS CALDEIRAS DE VAPOR.

Nos *Annaes dos caminhos de ferro* achamos o seguinte, usado por M. Babington.

«O auctor procurou na electricidade voltaica um meio de preservar das incrustações as caldeiras do vapor ou quaesquer outras, pondo-as em contacto com um metal mais oxydavel do que o das mesmas caldeiras, e collocando esse metal oxydavel no interior, immergido em agua a ferver, e em contacto metalico com a caldeira. Para este effeito solda no interior e com a solda macia ordinaria uma folha de zinco em posição vertical, e de modo que as suas faces estejam em contacto com a agua quando se en-

che com este liquido. A superficie do zinco relativamente á molhada do interior da caldeira deve estar na relação de 1 para 15, não contando senão uma só face de zinco.

Com o tempo o zinco se corroe; mas este effeito é lento; quando está muito minguado solda-se nova folha para substituir a gasta; e se a caldeira é de grande capacidade podem soldar-se duas, tres, ou maior numero em differentes pontos, tendo sempre cuidado que a superficie total de uma das faces dessas laminas esteja para a superficie molhada da caldeira na relação acima indicada.

Acha-se (diz o auctor) por este meio que a acção voltaica, que se desenvolve entre o zinco, o metal da caldeira e a agua, se oppoem á formação das incrustações que se juntam ordinariamente no interior das caldeiras, e são tão nocivas á sua conservação.

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

(Continuado de pag. 29)

Diario de Pernambuco 8 de maio. — Consulado britannico em Pernambuco.

Faz-se publico que por ordem do correio geral de Grã-Bretanha em conformidade de um convenio entre o governo de S. M. B. e o Governo de Portugal, serão expedidas e recebidas as malas para Lisboa, deste consulado, pelos vapôres da carreira sem pagamento de porte algum aqui, restando ao agente do dito correio tomar conta ao pezo total das cartas e o numero das gazetas que vão, pondo-lhe o respectivo sello da data, não pago, e remettendo a nota do pezo, e numero ao agente britannico em Lisboa, e aqui se ha de cobrar pelo mesmo o respectivo porte á rasão 468 rs. por onça das cartas e 2 ditos por cada gazeta.

Na chegada dos vapôres do sul as malas devem logo estar promptas, e immediatamente se ha de affixar na porta do consulado a ultima hora do recebimento, e depois não se receberá mais cartas nem gazetas, por qualquer empenho que se pertenda fazer; isto conforme as ordens geraes, e para o bom andamento do despacho e serviço publico. Regula isto sómente para Lisboa, e quaesquer cartas ou gazetas achadas no sacco para qualquer outro porto ou logar ficam sujeitas a serem detidas e encaminhadas pelo agente depois de receber o respectivo porte aqui de 445 rs. por meia onça; mas serão incluidas como para Lisboa todas as cartas e gazetas que se acharem no sacco para o reino de Portugal, e assim encaminhadas para Lisboa em direitura, sem que possa haver reclamação alguma por erros ou lapsos seus a este respeito.

Recife 6 de Maio de 1851.

Ao Christophles, Vice-Consul. — Tendo de concluir, Sr. Redactor, cumpre-me fazer uma confissão, e é, que tenho-me dirigido á imprensa litteraria, para que se não pense que aqui anda espirito de partido, que se lhe attribuiria pelo jornal a que me dirigisse, tanto os que lessem lá, como aqui; eu mesmo não olho como politica aquillo que respeita tão de perto, e em tamanho gráo, aos interesses geraes de todos os membros da Nação Portugueza. Da politica do Brazil eu nada sei mais, que respeitar todos os Brazileiros, e em quanto eu poder transitar sem ser incommodado, como sempre me tem succedido, nada me auctorisa a levantar a menor queixa. A sua imprensa é que faz bem vêr, que o mar não é de leite; e ainda nesta, eu vejo que exagerados é que produzem o mal, de ambos os lados; no entanto é forçoso reconhecer que a trovoada se vai formando. Em Portugal desejo que governe aquelle ou aquelles que melhor ou mais se chegarem para a lei, que sejam affastados sempre aquelles que sabem mais sofismal-a que executal-a; esta habilidade, tem por resultado, maiores prejuizos; e a desgraça para mim não tem encantos. Não devo esperar que anjos desçam da alta região em que os imaginamos, para vir governar sem alguns erros; mas erros involuntarios são menos prejudiciaes; que os estudados com todo o esmero. Igualmente me falta vaidade para escrêver para o publico, mas a modestia não me priva de informar do que souber aquelles que tão corajosamente manejam a penna, e que constantemente vejo o empenhados, em arrancar Portugal á sua muita e tão antiga apathia. Eis a rasão porque lhe tenho dirigido as minhas informações, e pedidos; incitado pela leitura dos seus escriptos, e pelo que nelles encontrei em os n.os 18 e 37 do novo anno.

Já terá ahi chegado o projecto apresentado em a Assembléa do Rio de Janeiro para no dia 7 de Setembro de 1870 ficar extincta a escravatura em o Brazil. Eu procurarei vêr as reflexões que a imprensa faz a tal respeito, e em relação aos estrangeiros que aqui residem. Tendo enviado alguns escriptos á redacção da Revista Popular, espero vêr em o dia 2 de Junho, se sobre elles se diz alguma coisa, assim como pedia que depois, toda a mais imprensa se encarregasse de reproduzir o que aquelle jornal disser. O meu tempo é muito pouco, por isto, e pelas minhas fracas ou nenhumas habilitações, eu peço desculpa, para que relevem meus erros, e me considere sempre

Seu constante leitor.
A. B. COUTINHO.

IMITAÇÃO DO MARFIM E DO OSSO.

Mr. Chevreton é inventor de um processo novo para esta imitação, a qual se faz preparando o alabastro, o gesso, e outras variedades do sulphato de cal, pelo modo seguinte: —

Lavram-se ou esculpem-se os objectos, que se pertendem, em pedaços de alabastro ou de gresso cru, ou moldam-se em gesso cosido, e submettem-se por quarenta e oito horas a uma temperatura que se vae elevando gradualmente de 125 a 175 gráos centigrados. Esta operação expelle a agua e torna esses objectos opacos, alvos e quebradiços. Feito isto são expostos ao ar por tres ou quatro horas, e depois mergulham-se n'um banho de verniz duro ordinario, ou de azeite de oliveira, ou de outra materia gordurenta, ou de cera derretida, até que fiquem saturados.

Neste estado são immergidos por um instante em agua no calor de 30 a 50 gráos, repetindo esta immersão de quarto em quarto de hora até completa saturação. A final deixam-se na agua até adquirirem o gráo de dureza conveniente. O tempo requerido para isto depende do tamanho dos objectos; os de pequeno volume só exigem duas horas, os mais volumosos dez horas. Querendo-se os objectos de côres, mergulham-se em banhos corados em vez d'agua pura. Depois de serem tratados da maneira acima descripta podem ser polidos com cré, ou ao torno se a sua fórma o permittir.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo III.

UM RETRATO EM UM CONVENTO.

(Continuado do n.° antecedente.)

D. Catharina de Athaide, a noviça, era formosa tambem, porém de uma belleza mais severa. As feições muito regulares e delicadas tinham uma seriedade, que infundia respeito. No rosto, sempre pallido, pouco da alma se reflectia; a tranquillidade era a sua expressão ordinaria. A luz dos olhos, em que brilhava o fino e claro azul da saphira, parecia um tanto frouxa, temperada pela reflexiva quietação a que os costumára, para nunca revelarem os segredos mais intimos do coração. A estatura não era acima da usual, mas o seu ar de nobreza um pouco perpendicular a fazia suppor uma ou duas linhas mais alta. As mãos bonitas apesar de magras; e a côr da pelle tirante á alvura fria das louras, completavam a phisionomia da noviça, phisionomia séria, grave, pouco expansiva, e por isso mesmo indicando um caracter capaz de nutrir affectos profundos, e de morrer delles, sendo infeliz, sem se humilhar ao menor queixume. A opposição entre o genio sensivel e buliçoso de Cecilia, e a terna e concentrada amizade de Catharina era sem duvida a verdadeira causa da intimidade, que as unia.

D. Catharina de Athaide podia ter mais dois annos do que a sua amiga, mas a experiencia da reflexão é precoce quasi sempre em caracteres como o seu. Costumada a conter-se e a observar, nunca cedia ás sensações repentinas, desconfiando muito de si, e não pouco dos outros, tambem. A honrada pobreza da sua casa, cuja fidalguia fôra desattendida pela ingratidão real, servia-lhe de estimulo para redobrar o resguardo do seu tracto. Se vivesse em opulencia, a bondade do coração inclinal-a-hia á convivencia familiar das outras meninas; mas com a sua estreiteza de meios intendeu que devia ser cortez e agradavel, sem esquecer o sangue donde procedia, nem permittir aos outros que o esquecessem.

Com Cecilia dava-se a excepção unica, admittida por D. Catharina no seu invariavel systema. Á educanda soffria e perdoava tudo. Com a impetuosidade de genio, que lhe era natural, a filha de Filippe da Gama ria e chorava sem motivo, e quasi sem provocação; e momentos depois passando da altivez á humildade, e do desdem á compaixão, não sabia explicar a rasão destas variações. Como acontece ás vezes, enganar-se-hia com ella quem tomasse a sua exaggerada sensibilidade por indicio de fraquêza de vontade; debaixo das apparencias de leviandade encobria grande firmeza de animo. Um pouco dada á travessura é á malicia do epigramma, e viva como fogo, Cecilia era o idolo do convento, aonde todos a adoravam.

Julgando seu pae morto na India havia sete annos, amava a mãe com um extremo arrebatado, e tinha ao commendador uma affeição quasi filial; este pela sua parte idolatrava a « menina bonita » e não podia passar um mez sem a vêr. Com sua irmã Theresa, Cecilia parecia mais secca e reservada, o que procedia do ar de auctoridade com que a mais velha a aconselhava em muitos casos. No fim de tudo tinha um coração de oiro, ainda verde das illusões da mocidade, ainda virgem nos infinitos thesouros de abnegação e sensibilidade, que o enriqueciam. Aquelle, a quem uma vez ella chegasse a amar com verdadeira ternura, devia reputar-se um homem ditoso.

Depois do retrato, que acabamos de fazer — a um « sim » de labios aonde o amor sorria com tanta graça, a uma promessa de olhos tão eloquentes na paixão, só Deus podia pôr o preço, se é que ha na terra preço que os pague.

Capitulo IV.

SE O HABITO NÃO FAZ O MONGE, O VÉU NÃO FAZ A FREIRA.

Como dissemos, as duas amigas estavam assentadas na casa do lavor; Cecilia bordando uma escarpa com a sua actividade febril; Catharina matizando um panno de frontal com o costumado socego.

A educanda, com a barba entre os dedos, de vez em quando jogava um sorriso travesso á sua companheira, e, apesar da provocação directa, esta não levantava os olhos, mas sorria-se. Pareciam ambas cançadas de fallar tanto do que tinham longe do coração e tão pouco do que occultamente sentiam.

Por fim Cecilia impaciente deixou escorregar o bordado de cima dos joelhos, e atirou a agulha com enfado, inclinando-se depois para a sua amiga. Assim esteve esperando minutos que uma palavra lhe désse a nota do dialogo; porém esperou debalde: D. Catharina não disse nada. A pobre Cecilia, afrontada com o silencio, e exhalando um grande suspiro, resolveu-se a romper o tiroteio.

— « Aborrecido dia, Catharina! » exclamou ella com impeto. — Ai, menina, muito feliz és tu! »

— « E sou, bem vês » replicou a noviça com o mais duvidoso sorriso.

— « Olha, minha Consolação, continuou Cecilia, dando-lhe este nome como é costume entre amigas nos collegios — não sabes o que eu, se fosse má, devia dizer da tua resposta? »

— « E porque não dizes, minha Alegria? » observou Catharina com toda a tranquillidade.

— « Porque tenho medo desse teu ar. Depois, affligias-te se eu fallasse. . »

— « Não, minha joia; tu nunca me affliges. »

— « O callado é o melhor. »

— « Pois eu digo, já que tu não queres. Achas que vivo muito triste, para ser feliz? Enganas-te, meu amor; fui sempre seria. Que choro muito com saudades do mundo, para me desapegar sem pena delle? O coração, sim, chora, porque é de carne; mas o espirito está contente. Sem sacrificio não se serve a Deus, nem ha merecimento em o servir. Disse-te que era feliz, e sou; porque tenho tudo o que desejo »

— Não, Catharina; conheço-te, leio-te por dentro, vês? Basta de brinco! »

— « Tu sabes que sou pouco amiga de rir. Não brinco, fallo serio. »

— « Fallas serio? Ora dize, dissimulada, dasme noticia de certo retrato, que de relance vi uma vez? . . .

— « Que retrato? . . . Tens lembranças! »

E a bella noviça, vermelha e assustada, levava as mãos depressa ao seio, no gesto de sumir alguma coisa. Cecilia olhava para ella sorrindo, e este olhar malicioso mais augmentou a confusão da sua amiga.

— « Não te assustes, menina, disse a educanda rindo. Não é coisa do outro mundo. Fallava daquelle retrato, que disseste que se perdeu. Ora, se me não engano, achado está, e muito perto do teu coração. »

— « Percebo agora, acudiu Catharina gracejando constrangida. É verdade, trago um retrato, mas é o de meu pae. »

— « De teu pae, ah! Fazia-lhe tres idades. Sabes com quem se parece o teu retrato? »

— « Não. Alguma idéa tua! »

— « Com certo official, que por horas de sésta, todos os dias vejo parado na rua, defronte da tua janella, d'onde não tira os olhos. . . »

— « Pelo amor de Deus, Cecilia! »

— « Jesus, que medos! E por tão pouco ficas branca como uma defunta? Então, que tem, menina? Se vi um homem olhar da rua, por isso não morro mais cedo, creio eu. »

— « Mas é que são tudo supposições. Esse retrato. . . digo, esse moço não tem nada que se esconda. É. . . hade ser meu irmão. »

— « Ora vejam. Sendo dois irmãos nunca me fallaste senão de um! Estavas mal com este, não? »

Era tão penetrante a ironia de que Cecilia affectava a sua falsa inocencia, que duas lagrimas saltaram dos olhos da noviça, desenrolandose vagarosas pelas faces. A azougada menina, cuja travessura as fazia correr, estava morta por desatar a rir; mas em presença daquella dôr viva e sincera, deitou-se-lhe nos braços abraçando-a e beijando-a com extremosa effusão.

— « Perdoa-me, Catharina! Foi malfeito. Tu não merecias. . . Mas tambem porque te encobres da tua amiga? . . Cuidas que ella não sabe guardar um segredo? »

— « Não, minha joia. Sei que tens juizo, mas não usas delle sempre. »

— « Obrigada! Estou então absolvida. És minha amiga? »

— « Éstás; sou. — Mas não tornes. Affligisteme, meu amor. »

E sorrindo com bondade, por entre as lagrimas mal enchutas, D. Catharina deu-lhe um beijo com infinita amizade.

— « Não ha remedio! — proseguio ella depois. Confessar-me-hei a este padre tão curioso; vejamos! O que hei de eu dizer, menina? »

— « Tudo. Quero saber tudo. » E o dedo de Cecilia, erguido para o ar, ameaçava a penitente.

— « Promettes segredo? »

— « Juro. E tu, a mim, promettes? »

— « Pois tão nova, já tem segredos o teu coração, Cecilia? »

— « Oh, se tem! E porque não? e talvez maiores do que julgas... A gente cresce agora depressa, Catharina. Olha, meu amor, sei muitas cousas; advinho muitas mais; e uma dellas é esta — tu amas! Farás a tua confissão pelo primeiro mandamento. »

— « Amo! » — murmurou a noviça, tremula de voz, quasi ao ouvido da sua amiga. » Amo sem esperança, sem mais esperança do que a de não chegar a ver o fim do meu engano, se é engano; da minha illusão, se me illudo. Bem vês o triste amor que é. »

— « E não juras em vão? Amas e crês como em ti? »

— « Firmemente! Mas de que serve? »

— « De tudo. Não professaste; és livre; darás a tua mão... »

— « Ai Cecilia, não! O habito é mortalha. Devo a meu pai este sacrificio pela sua ternura. Não ha logar, no mundo, onde eu caiba senão a cella do convento... Dos bens, que tivemos, só ha em nossa casa hoje a gloria de um nome que deve acabar como principiou, honrado e puro. Uma filha dos Athaides, querida, não entra em casa de ninguem mendiga... Não podendo ser esposa de nenhum homem, serei esposa de Christo... é como se faz na minha familia. »

— « Pois levando-lhe esse coração, e tanta belleza, não lhe levas um dote, que não tem preço? »

— « Achas bastante? Talvez elle dissesse o mesmo, o amor cega. E depois?... Não, estou resolvida. Ficarei sepultada aqui. »

— « Mas porque o vês ainda, porque o não desenganas? »

D. Catharina olhou fito para Cecilia; e pegando-lhe na mão depois com força, disse naquelle tom affogado, que ás vezes é mais vehemente do que a mais alta voz:

— « Porque a paixão que lhe tenho póde mais do que o dever. No dia em que o perdesse estalava o coração no peito. Tenho medo de mim, tenho medo delle nesse dia, vês?! Deus te livre, pela sua graça, de um amor assim; é a alma, é a fé, é a salvação ou a morte de minha vida inteira. Não o desengano, porque ainda me desejo enganar a mim. Sou uma fraca mulher e a morte faz-me horror, sobre tudo a morte lenta e inconsolavel, que me espera. Quero esgotar de todo esta illusão suave. E como acordarei eu della meu Deus... Percebes? Entendes agora porque me callo, devendo fallar? Sabes porque não lhe digo que morro, que morri para o mundo e para elle? Porque em cada dia vivo só os poucos momentos que o vejo. »

Ella chorava dizendo isto, e Cecilia unia as suas lagrimas ao pranto amargoso, que a desesperação exprimia dos olhos da sua amiga. Cingindo-a com os braços e cubrindo-a de carinhos, a pobre menina exclamou com enthusiasmo ao mesmo tempo:

— « Minha amiga, minha irmã, hei de salvar-te, porque se eu lhe disser, elle tambem ha de... »

— « Elle! quem? — interrompeu Catharina com um gesto de terror — Cecilia será certa mais uma desgraça? Amas como eu? Dize! aonde o viste, quando, como? Querida menina, olha bem, põe a vista em mim?! »

Cecilia ouvia-a sorrindo com tristeza. Pouco a pouco os olhos accenderam-se, a vista fusilou; e bella como um anjo que se eleva das miserias humanas na mais radiosa innocencia, disse exaltada e convencida.

— « Olha Catharina, se foi bem se mal, não sei, o que sei é que o sinto sempre ao pé de mim e que está em tudo o que eu penso, e vejo. Ainda elle não chegou e já está fallando, já olha para mim e me chama: minha alma está cheia da sua imagem, o meu espirito vive com o delle, na ausencia. Dia e noite o coração repete-me com jubilo duas palavras, que são o seu nome, e o meu amor. Por este homem, Catharina, deixava-te sem receio, eu que te adoro... Minha mãi, que me estendesse os braços, querendo elle, via-me fugir até do ceu para o seguir... Meu amor, não chores, perdoa! Vês tu; se elle póde mais do que eu!... Não padeces tambem tu? não soffres ainda tanto: quando duas almas que se amam assim, chegam a unir-se, dize, dize, não apagam em minutos, em um sorriso, as lagrimas de muitos annos? »

— « Cala-te, cala-te! Essa vida promette-a a esperança, mas não a dá o mundo, não se vive senão no ceu. »

— « Tambem na terra. Crê e ama como eu, Abraça-te com a fé e verás... »

— « Oxalá! Mas, minha Cecilia, accrescentou Catharina com affectuosa tristeza, és tão nova ainda, tão sincera! Esse coração engana-se, confia muito demais.. Toma sentido! Não tens pai que te defenda. Meu amor, acautela-te; nunca tiveste irmão para te vingar. »

—« Bem sei, Catharina. Sou orphã, é verdade, mas o nome de meu pai é obrigação, e na falta d'outrem eu o defenderei até de mim. Não tenho irmão, mas tenho animo e vontade: e para não precisar de vingança basta que me respeite como devo. Eu mesma servirei de irmão e de pai ao meu amor e a mim; e Deus que lê na minha alma sabe se prometto com fé e se creio com fervor... »

E por um gesto sublime, Cecilia, reflectindo nos olhos a exquisita sensibilidade do coração, ajoelhou lentamente aos pés de Catharina, levantando a mão ao ceu, como quem pronuncia um voto irrevogavel.

A noviça olhou para ella sem severidade. Conhecia-a muito para duvidar da abnegação, que exprimiam as suas palavras. Sabia, que esta paixão embora fosse um mal, era já um mal irremediavel. Por experiencia sabia mais, que no primeiro amor, quando se crê e se adora assim, esse amor é a propria vida e só com ella expira. Foi, portanto, para sondar a chaga e sem esperar remedio, que D. Catharina perguntou com melancolia:

—« Dir-me-has como elle se chama? »

—« O nome que todos lhe dão não sei. De mim quer só aquelle nome tão doce, que diz só a bocca da irmã e da esposa. Chama-se João. »

—« É fidalgo? »

« Não sei; mas todos me parecem pequenos ao pé delle. »

—« É nobre? »

—« É, se eu o amo! »

—« É rico? »

—« Para mim. Não te disse que o amo? »

—« E se fosse pobre? »

—« Amava-o. »

—« Se fosse mechanico? »

—« Amava-o!... »

—« Se te levasse longe dos teus e de mim? »

—« Amava-o!... com amor de filha, de irmã, e de amiga, com todo o amor que nos dá o ceu, e o coração encerra.

—« E enganando-te não o aborrecias? »

—« Não! »

—« E preferindo outra não o odiavas? »

—« Não! »

—« E se elle não podesse, ou não quizesse senão amar, acceitavas? »

—« Morria, ou acceitava! » Murmurou Cecilia sem hesitar.

—« Mesmo um amor sem nome; digamos tudo, mesmo um amor sem esposo? »

—« Sim! Tudo menos arrancar a alma do corpo, para arrancar a sua imagem. »

—« Então Cecilia, exclamou Catharina, soluçando, e com as mãos erguidas, então boa ou má eis a tua sorte. E' o primeiro e o ultimo dos teus amores; para ti acabou-se o riso e a alegria; fugiu a mocidade. Colheram-te, pobre coração! A tua alma, que eu conheço, está aos pés desse homem, vencida, escrava, para elle a perder ou a salvar! Cecilia, és mulher. Não; não procures as illusões da meninice, porque perdidas não tornam; cuidas que podem voar, livres, como dantes?.. se o teu senhor mandar, o coração até do ceu ha de cahir á sua voz, como a avesinha ferida cahe na terra para morrer. »

—« E que importa, se elle amar, se fôr feliz? »

—« Feliz! Deus o permitta. Possam amar-te, querido anjo, como tu deves ser amada, para viveres... Não é a hora do passeio? Vamos ao jardim; quero saber tudo. »

E dando o braço a Cecilia, a noviça desceu adiante de todas para tomar o sitio que desejava. Com effeito apenas o sino bateu a hora suspirada, as agulhas ficaram no ar sem dar mais um ponto, e os bastidores desertos não viram mais um fio; em toda a casa do trabalho se fez uma verdadeira mutação de theatro. Aquelle bando de pombinhas, doidejando e correndo em tropel, rindo, e fallando alto, foi a saltar os degraus das escadas precipitar-se na cerca, não esperando por ninguem, nem olhando para traz.

A regente depois de metter os oculos entre a folha do livro ascetico, que estava lendo, coxeando de sciatica chronica, e cançando da sua asthma incuravel, sahiu logo atraz para acompanhar o enxame, já dividido em ranchos, vagueando pelas areadas ruas do jardim; estas regando a roseira ou o alecrim predilecto, aquellas esmigalhando pão aos peixes do tanque, e as mais novas provocando os dois caxorrinhos da abbadessa, cuja beatifica digestão foram perturbar os latidos dos seus quadrupedes validos.

Entretanto debaixo de um carramanchão retirado, Cecilia e Catharina, as duas amigas, de mãos dadas e com o rosto chegado, conversavam com a maior viveza.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

CANTO DO NAUTA.

Que es mi barco mi tesoro,
Que es mi Dios la libertad,
Mi ley la fuerza y el viento,
Mi única patria la mar.

J. DE ESPRONCEDA.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar.
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar.

Tenho aqui os meus amores:
Nasceram nas frescas aguas
A sorrir.
Não os troco pelas flores,
Que a terra, entre fundas maguas,
Faz florir.

Melhor patria, nem tão bella,
Do que o revolto Oceano
Deus não dá.
Aqui não sorri donzella;
Mas em troca vil tiranno
Cá não ha.

O mar, é symb'lo robusto
Da liberdade que o mundo
Deve á Cruz.
O nauta, mysterio augusto,
Que o poder de Deus profundo
Nos traduz.

Se á noite o nauta adormece
Deitado nas pranchas duras
Do baixel,
Vaidades do mundo esquece.
Tem estrellas, lindas, puras,
Por docel!

De manhã, se os ternos cantos
Não ouve das avesinhas
A trinar,
Diz comsigo: Tambem prantos
Não sabem nas faces minhas
Deslisar.

E não sabem. Se a tormenta
A rugir levanta irados
Escarcéus.
Do peito a prece rebenta,
E sem prantos maguados
Sóbe aos céus.

Ao nauta que importam flores,
Se vivem sempre captivas
Em jardim?
Que querem dizer amores
Que morrem, quaes sensitivas,
Dando o sim!

Se irada ruge a procella,
Apraz-me vel-a raivosa
Rebramir;
Porque é então que revela
Na vaga que espuma irosa
Seu carpir.

Que patria que é esta minha!
Aqui tudo é liberdade,
Não ha lei;
Nem o orgulho definha,
Calcado pela vaidade
D'um máu rei!

Se em furia sibilla o vento,
Pelos erguidos e rôtos
Mastareus;
Nem um ai, nem um lamento,
O nauta em sentidos votos
Manda aos céus!

Não manda. Lá tem a esp'rança
Que lhe diz que da procella
Nasce a paz;
Como do mar em bonança
A vaga que se encapela
Nuvens traz.

Nasci nas ondas. Não tenho
Nem ciumes, nem inveja
De ninguem.
Boiando n'um fragil lenho,
O nauta mais não deseja
Do que tem.

É livre. Que mais precisa?
Nem o prendem amorosos
Vís grilhões.
Se manso o mar se deslisa,
Conta os astros luminosos
Aos milhões!

Poz nelles os seus amores;
Poz no mar a esp'rança sua
Mais em Deus.
Se não vê no bosque as flores,
Envia queixoso á lua
Os ais seus.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar,
Mais grandezas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar.

L. A. PALMEIRIM.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Illuminação no Passeio.— Este espectaculo que não deixou de ter certa novidade pela sua dispo-

sição, e pela escolha do local, satisfez, e mais do que geralmente se esperava, a grande maioria do publico lisbonense; que concorreu não tanto pelo natural incentivo da curiosidade como em virtude da applicação do producto. Não pequeno louvor e gloria cabem aos membros da commissão directora do Asylo da Mendicidade, e da que predispoz e dirigiu a illuminação, pelo extremado empenho e incansaveis diligencias para alcançar-se bom resultado e a contento geral. Foi um pensamento philantropico, levado á pratica por um modo agradavel para nós que nos iamos desacostumando de diversões e festas publicas, se não quizermos mencionar escandalos e indecencias de acanhados e grutescos arraiaes em honra (melhor diriamos em menoscabo) de algumas devotas imagens.

A funcção, se não igualou o que nos contam das festas parisienses, esteve luzida e apparatosa; o obelisco illuminado fez bom effeito, assim como toda a frontaria da cascata ao cabo da espaçosa rua central do Passeio; a profusão de balões de variegadas cores, suspensos em fiadas presas de arvore a arvore, as estatuas que sustentavam na cabeça cestos luminosos, em summa toda a ornamentação póde chamar-se brilhante, não porque resplandecia mas pelo bom gosto da collocação.

No Domingo a mais escolhida sociedade desta capital frequentou o Passeio publico illuminado; computou-se em quatro a cinco mil pessoas o numero dos visitantes; e affirmam-nos que o rendimento das entradas, dos baazares, das cadeiras etc., orçou por tres contos de réis. Na terça feira, a safra a beneficio do mesmo Asylo de Mendicidade tambem devia ser avultada (porquanto foi mais numerosa a concorrencia) se bem que o preço das entradas estava, segundo o programma, reduzido a metade, 240 réis. É de crer que hoje (ultima noite) não afrouxe, antes augmente, a afluencia de espectadores. — Esperamos no proximo numero da REVISTA, com dados mais exactos, offerecer mais amplas informações.

Naufragios nos mares da China. — A mala que sahiu de Hong-Kong no dia 24 de junho veio recheada de desastres maritimos. A baleeira franceza *Narval* naufragou nas costas da Corea. M. de Montigny, consul francez em Chang-Hai, sabendo desta fatalidade, partiu com o seu interprete e M. Macdonald em demanda da equipagem, porquanto havia bem fundados temores de sua má sorte. A pequena expedição visitou primeiro a ilha de Kelpoert, e percorreu depois o grupo das ilhas Amherst, onde o ruim tempo lhe não permittiu por espaço de muitos dias desembarcar, nem deitar ferro, nem fazer observações astronomicas.

Depois de perseverantes esforços, M. de Montigny conseguiu saber por alguns pescadores a paragem onde estava detida a tripulação da barca baleeira, e no 1.° de maio obteve o seu resgate, exactamente no momento em que esses desafortunados iam ser remettidos a Kin-Kitao, capital da Corea, para passarem por uma inquirição, e sabe Deus que tratamentos! M. Macdonald publicou no *North-China-Herald* uma curiosa narração desta viagem.

Deu logar a uma similhante missão a perda total do vapor de guerra inglez *Reynard*, o mesmo vapôr de maquina de helice que no anno passado levou á foz do Pei-ho uma carta autographa da rainha Victoria para o imperador da China.

Um brigue inglez, o *Velocipede*, tinha-se perdido em 17 de maio, com um rijo tufão, sobre o recife Prata, um dos mais perigosos do mar da China; e graças ao animoso capitão que se atreveu a partir para Hong-Kong na lancha com alguns homens, houve noticia de que a equipagem estava n'um ilheu deserto, exposta a todas as privações.

O governo de Hong-Kong fez sahir o brigue de guerra *Piloto* e o vapôr *Reynard* para o logar do naufragio. Diz-se que se tomaram todas as providencias de precaução contra perigos que effectivamente se conheciam, e ordenou-se a bordo de ambas as embarcações a mais stricta vigilancia; mas, apezar de todas as cautelas, o *Reynard* encalhou n'um banco de coral aos 31 de maio pelas quatro da manhã, estando o mar perfeitamente bonançoso, o capitão e o primeiro official sobre a cuberta, e muitos vigias na prôa e mastro da mezena. A acção combinada da maquina e do velame foi insufficiente para fazer recuar o navio fortemente entalado no coral, e como pelo meio do dia se tornasse marulhoso o mar, a tripulação teve de procurar refugio na mesma ilhota árida, onde os marinheiros do *Velocipede* extenuados de fome e sêde esperavam a hora do resgate.

Foi forçoso aos botes do *Pilot*, que felizmente se conservara mais ao largo, tomar um accrescimo consideravel de naufragos, e abandonar o casco do *Reynard* ao furor das vagas, sob pena de serem arrastados pelas correntes, mui violentas naquellas paragens. Os instrumentos nauticos foram os unicos objectos que houve tempo de salvar; tudo o mais tragaram as ondas sem exceptuar as roupas dos officiaes e da maruja.

Nestes naufragios ninguem pereceu. Não foi assim em o navio de Liverpool *Larpent*, dado á costa nas praias do sul da ilha Formosa, cuja equipagem os naturaes barbaramente assassinaram á excepção de tres homens recolhidos por uns chinas que referiram aquelle horroroso desastre.

Se não fosse coisa sabida o quanto são fortes e variaveis as correntes desde o estreito da Sunda até para lá do Japão e da Corea, difficilmente se comprehenderia como ha tantos sinistros em mares sulcados annualmente por milheiros de navios. Precisamente porque estão sempre expostos a esses riscos, deveriam os navegantes redobrar a vigilancia, e desconfiar de calculos de derrota baseados unicamente na barquinha e na agulha.

Museu de novo genero. — É uma collecção annexada agora ás maravilhas de Versalhes; e vem a ser, n'uma construcção especialmente erecta no Trianon para este destino, a exposição de todas as obras de arreios e de carroagens que se fabricavam em França desde uma épocha remota até os nossos dias, bem como as provenientes de diversas nações do Levante e de Africa.

Os grandes coches historicos que estavam desprezados nas cocheiras do palacio de Versalhes, e que o publico não podia vêr, serão expostos nestas galerias. São dez em numero; o coche da sagração de Carlos X, o do baptismo do rei de Roma, o Topazio, a Victoria, a Turqueza, a Brilhante, a Cor-

nalina, a Amethista, a Opala, e a berlinda funebre de Luiz XVIII.

Aqueductos de vidro. — Consta que por encommenda da auctoridade local se estão fundindo na fabrica de vidros da Corunha varios tubos desta materia, com o objecto de se applicarem á formação do encanamento por onde são providas as fontes publicas. Se o ensaio, como ha rasão de esperar, (diz o *Corunhez*) satisfazer os desejos de seus auctores, se terão conseguido grandes vantagens no aprovisionamento daquelle liquido: — em primeiro logar evitar-se-hão as filtrações e por consequencia a perda de agua: em segundo logar será muito facil tirar qualquer corpo estranho que interrompa a corrente, por quanto sendo cristallino o tubo, bastará descobril-o para conhecer donde existe o obstaculo; *tertió*, dar-se-ha menos vezes este inconveniente, porque o vidro não se presta ás adherencias como o barro e outros materiaes dos encanamentos.

Assassinio. — Carlota é uma desgraçada rapariga que fugira ha annos de casa de seus paes para se entregar á devassidão e á libertinagem.

No dia 31 do passado assassinou com duas facadas, junto ás Pedras da Patriarchal, um individuo que, parece, fôra prevenir o seu amasio de que não voltasse á sua casa para não ser victima de uma traição que lhe estava preparada.

A criminosa evadiu-se para longe de sua habitação, porém no dia seguinte estava em poder da justiça.

Novos caminhos de ferro. — Pelas cartas recentes de Alexandria consta que o vice-rei do Egypto assignou com o representante de M. Robert Stephenson um contracto para a construcção do caminho de ferro de Alexandria ao Cairo. A via ferrea terá uma extensão de 130 milhas, e atravessará o Nilo pela cabeça do Delta. As obras devem começar com toda a brevidade e continuarão sem interrupção, visto dar-se a casualidade de se poderem aproveitar os materiaes que Mehemet-Ali havia colligido para o caminho projectado atravez do deserto.

O conselho federal suisso redigiu um projecto de decreto para a execução de um cruzamento de caminhos de ferro que será formado pelos planos de R. Stephenson. Uma grande linha atravessaria toda a Suissa do lago de Constança a Genebra, passando por Zurich, o valle de Limmat, o valle do Aaar, Arau, Soleure, Yverdun, Morges e Genebra. A esta linha, arteria principal da Suissa, viriam prender-se um caminho para Bâle (Basilea) destinado a unir a Suissa aos caminhos de ferro francezes e alemães, um caminho para Berne, outro para Lucerna, outro que partindo do lago de Constança subisse o valle do Rheno até Coire no centro dos Grisões, e podesse de futuro ser prolongado atravez dos Alpes pelo Lukmanier até a Lombardia; finalmente duas linhas menos importantes, porém destinadas a ligar á principal arteria os dois centros de população de Thunn e de Schaffhouse, e por ultimo outra linha de Briasca a Locarno.

Desastre. — No dia 26 do passado desabou o andaime em que alguns operarios do Arsenal da Marinha andavam trabalhando no concerto da Náu *Vasco da Gama*. Parece que ficaram maltractadas algumas pessoas, entre ellas um carpinteiro de machado, por nome Antonio Perfirio d'Oliveira, que falleceu pouco depois de entrar no hospital. Este infeliz deixou na miseria mãe, e uma irmã, de quem era unico abrigo.

Esbroamento de montanha. — A *Gazet a de Schwitz* (cantão suisso) traz algumas particularidades deste phenomeno que ameaça Biberegg.

A montanha desaba n'uma extensão de mais de duas leguas. Na opinião do engenheiro Muller, e conforme o estado daquelles logares, não é um esbroamento subito, mas um aluimento progressivo e vagaroso o que se teme, e que accarretaria graves perigos, principalmente para o districto inferior de Steinen em razão do engrossamento do rio Aaar e da consequente alluvião.

O aluimento já é consideravel. Uma sebe entre duas pastagens sahiu mais de duzentos passos para diante: entre os movimentos parciaes de terreno ha um de 4:000 pés de comprimento por 2:000 de largura: centenares de troncos de pinheiros estalaram e rojaram para a falda do monte. Julga o engenheiro que seria o maior sinistro deste genero succedido na Suissa depois da catastrophe acontecida em Goldau.

O povo do districto emprega a maior actividade em auxiliar as obras intentadas para obstar aos estragos, e parece que as já feitas dão favoravel resultado.

A familia argelina. — O bello jardim de Vauxhall, ornamento e jactancia do bairro de Kesington; sobre a margem direita do Tamisa, contém ao presente uma familia de naturaes de Argel que assentou alli seu abarracamento. O cabeça de casal chama-se Yousouff Ben Ibrahim, e sua mulher Alcha, duas raparigas de 14 e 16 annos (uma irmã da mulher e outra do varão) e um rapaz de 5 annos, por nome Mustaphá, completam o pessoal desta pequena tribu. Os trajos picturescos destas cinco pessoas, a physionomia singular e attractiva das que pertencem ao sexo feminino, sobre tudo da mais nova, o modo insinuante com que offerecem aos visitantes cigarrilhas e lenços d'algibeira, tudo junto justifica o empenho do publico em examinar a tenda argelina.

Duvida-se que similhante exhibição ou exposição tivesse voga em França ou mesmo em outro paiz, onde não viria á cabeça de ninguem a idéa de mostrar argelinos por dinheiro: mas o publico de Londres não é de ruim contento em assumpto de curiosidades, e o jardim de Vauxhall está sendo mais frequentado por aquelle motivo. Talvez que se uma familia parisiense se lembrasse de mostrar-se tambem por dinheiro tirasse igualmente proveito.

A familia argelina recebe em Vauxhall brilhante hospitalidade; e M. Wardel, director do estabelecimento, que bem conhece o publico da sua terra, não se enganou ajuntando este espectaculo a todos os divertimentos que offerece aos seus freguezes.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 5. QUINTA FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXIII.

1.º artigo do *Morning Chronicle* sobre a exposição portugueza. — Em que se tornou essa Betica afortunada de que faz Telemaco tão deliciosa pintura? Como tem descahido em nossos tempos a tanta fraqueza e abatimento a Lusitania, patria de Camões, de Vasco da Gama que teve a honra de ensinar ao occidente o grande caminho maritimo das Indias; esse paiz que soube manter por seculos seu dominio em parte do continente africano e metade do continente meridional da America? — E todavia Portugal moderno não perdeu as vantagens materiaes que a sua situação meridional e maritima lhe affiançára sempre; unicamente, em vez de centuplicar essas vantagens pelo energico desenvolvimento da força moral, a nação portugueza cahiu no desalento que prostra assim os homens como os povos em certos periodos da sua existencia, abandonou-se ao ruim conselho da apathia e desesperação, n'uma posição invejavel por tantas nações menos favorecidas.

Portugal não tem que desculpar-se, como o restante da Peninsula, com a falta e impossibilidade de communicações internas [1], não tem de galgar como a Hispanha desde o Oceano até Madrid, tres cordilheiras de serras, quasi a distancia egual umas das outras; a sua capital não é situada á beira de um rio *inaquoso*, como a metropole castelhana: cinco grandes rios navegaveis, o Téjo, o Douro, o Mondego, o Minho, e o Guadiana, que o atravessam gradualmente na sua largura, o dispensam de estabelecer grandes estradas e caminhos de ferro.

[1] Vid o que dissemos, annunciando estes artigos do jornal inglêz, em o nosso precedente numero.

Que meio de transporte mais economico e mais seguro poderia desejar um paiz do que essas grandes arterias sem cessar vivificadas pelas torrentes e as neves das serras hispanholas? Os rios são « caminhos que andam » — como disse Pascal.

Nada veda a Portugal fazer circular no interior, e conduzir ao mar, vehiculo geral do commercio externo, tanto os productos naturaes com que a natureza o dotou largamente, como os productos industriaes que tão facil sería crear pela transformação das materias primeiras, que o seu territorio fornece em tamanha cópia.

Sendo o porto de Lisboa dos mais bellos do mundo, e não obstante o difficil accesso da barra do Porto á foz do Douro, não seriam sufficientes estas duas estancias maritimas para a centralisação d'um trafico mil vezes mais consideravel do que é actualmente o commercio portuguez?

As nações septentrionaes, Russia, Suecia, Dinamarca e Polonia, justamente attribuem sua pobreza relativa á parcimonia de um torrão que não podem fecundar os raios do sol constantemente baço ou encuberto. Porém, Portugal favorecido simultaneamente pelos calores tropicaes nas praias do mar e nas planicies, por brizas temperadas nas lombas e ladeiras das serras, de que modo poderá dar rasão do grão inferior a que desleixadamente desceu na cathegoria de paiz productor, industrial e commerciante?

Por mais complicada que porventura seja a situação economica de Portugal, cumpre, todavia, confessar que a sua exposição dá positivas esperanças de melhor futuro. Lá estão todos os elementos de verdadeira regeneração industrial, posto que as amostras expostas sejam muito incompletas e muitos productos não estejam alli representados. Portugal decidiu-se muito tarde a mandar o seu contingente á Exposição Universal; quando se resolveu, já os expositores não tinham senão tres mezes para prepararem as suas remessas. E' pois o espaço occupado pela exposição portugueza muito mais pequeno ainda que o repartimento reservado quer á Suecia, quer á Dinamarca; mas contém

productos infinitamente mais variados que os dessas nações septentrionaes.

As amostras de mineraes, por exemplo, são mui numerosas: infelizmente, a maior parte das minas donde se extrahiram, estão por explorar, em parte por incuria, e ainda mais por falta de capitaes sufficientes para os adiantamentos assaz consideraveis, que sempre exige a abertura de uma mina em um paiz para onde os aparelhos mechanicos devem vir de fóra, e ser transportados com grande despeza ao local da exploração. O monopolio que o Estado faz neste ramo de industria é sem duvida uma das causas que obstam a que a mineração e a metalurgia recebam no mesmo paiz todo o desenvolvimento a que poderiam chegar; porquanto não faltaria o combustivel fossil em auxilio da industria, uma vez que se désse o primeiro passo na pesquiza e lavra dos thesouros metallicos, que de certo o solo portuguez encerra. E não seriam então providos, pelo uso daquelle combustivel economico, de um motor, que lhes falta hoje, os apparelhos da lavra de minas?

Bastaria talvez o generoso impulso de um só homem para pôr em acção o movimento industrial que restituiria em breve commodidades e animação a povos desfallecidos na mingua e ocio, por não haver quem saiba tomar a iniciativa dessa regeneração.

Assim como todas as industrias de um paiz são solidarias, e nenhuma póde sumir-se (salvo sendo substituida) sem que as demais fiquem abaladas; do mesmo modo não póde crear-se uma industria nova sem que todas as outras achem nella, directa ou indirectamente, origem de proveitos.

E não será verdade que, se as minas de Portugal fossem exploradas, como era mister, o carvão de pedra portuguez, que é mais resistente que o carvão inglez e arde por mais tempo, seria immediatamente procurado?

A exposição portugueza offerece bellissimas amostras de cereaes, trigos molles de qualidade superior, centeio, cevada, aveia, milho; avultada quantidade de legumes farinaceos; finalmente, todas as producções que poderia appresentar a agricultura elevada ao mais subido gráu de prosperidade. Como é, pois, que em meio de taes riquezas, Portugal importa das nações estrangeiras a maior parte do trigo que consome? [2] A rasão é ter sido substituida em grandissima escala a cultura dos cereaes pela das vinhas; e a este respeito, até certo ponto, ha compensação. Porém, julgamos que é chegado o tempo de pôr limites em toda a Europa ao desenvolvimento excessivo que, nestes ultimos annos, tomou a cultura das vinhas em ponto grande. Portugal, e assim outros paizes vinicolas, obraria bem se augmentasse a producção cereal sacrificando parte de suas vinhatarias.

Além destes productos vegetaes, acham-se na exposição portugueza grande numero de outras substancias alimentares, ou proprias para o fabrico de oleos como azeitonas, amendoas; mas nenhuma dellas, á excepção do azeite de oliveira, tem importancia commercial ou industrial. Portugal tambem mandou fructas seccas, e conservas de fructos, pimento, alcaparras, e bem assim tabaco etc. Expoz mais um caule de linho canhamo de extraordinario comprimento, e para que sobresahisse seu merecimento, pozeram-lhe a par uma estriga de bella fevera, flexivel e macia, acompanhada de uma serie de fios de varias grossuras.

A canna d'assucar é cultivada em Portugal, como nas provincias meridionaes da Hispanha, e da-se muito bem. [3] O assucar refinado que expozeram os Srs. Pinto Bastos e C.ª em nada cede ao assucar dos tropicos; mas o caso é saber se o assucar fabricado com as cannas cultivadas em Portugal poderá luctar em barateza com o das colonias, quando a cultura da cana e a refinação do assucar na mesma localidade tiverem chegado a certa perfeição

2.º Artigo do *Morning Chronicle.* — A industria textil poderia achar em Portugal todas as materias primeiras que emprega, desde a pita (agave americana) e o canhamo commum até a lãa e a seda. Porém, soffocada no seu germen por falta de capitaes e segurança, a industria portugueza nem póde aproveitar essas riquezas, nem dar impulso á sua producção; apesar disso, todos esses productos são representados na Exposição por specimens mais ou menos numerosos, mais ou menos curiosos. A lãa, que devera ser collocada á frente das materias primeiras, pois que é o unico producto deste genero que se exporta consideravelmente para paizes estrangeiros, só é representada por tres pequenas amostras de lãas pretas e brancas.

Ha um bellissimo specimen de fibra de piteira; porém, não se appresentaram as transformações successivas desta substancia em tecidos, cordas, e obras de serigueiro. Esta materia textil, que em lustre não é excedida por qualquer outra fibra vegetal, tem o brilho e suavidade da seda; mas é notorio que não resiste á humidade, e por conseguinte não póde ser destinada senão a mui limitados usos; não deve, pois, Portugal procurar nella elemento de prosperidade ou base de uma industria nova.

As amostras de seda em bruto que nos appresenta a exposição portugueza são em pequeno numero; em compensação offerece uma bella collecção de se-

[2] Tanto isto é falso, que o proprio mercado inglez já se tem provido, em alguns annos, das sobras da nossa cultura. Em 1838 só importamos do estrangeiro 367 moios e 8 alqueires de cereaes; e de 1839 a 1846 nem um só bago; em 1847, anno de lucta civil e de colheita insufficiente, recebemos de fóra 13:290 moios; cremos que a excepção occasionada por duas calamidades não faz regra Em 1848 exportámos 1:930 moios de trigo e 14:484 moios de milho. A nossa producção agricola no mesmo anno excedeu ao consumo interno 69:631 moios.

[3] Já deixamos apontado este engano do articulista em o n.º de quinta feira passada.

das que fazem honra aos artistas portuguezes e aos criadores dos bichos de seda, se todas ellas, como se affirma, são fabricadas exclusivamente com seda indigena. Os veludos pretos de J. Moreira e de R. J. Martins; os tecidos de ouro e prata de J. S. M. Porto; os veludos escocezes, os gros-de-Naples, as sedas azues grenadinas para colete, e o moiré branco de T. Pimentel; os setins de phantasia, as sedas de cor e os damascos de J. Jorge, não figurariam mal na exposição de outra nação europea. Por isso Portugal tem provimento para si neste ramo de industria; por quanto no quadro de suas importações e exportações não figuram sedas quer n'uma quer n'outra parte. [4] Todavia, é claro que a situação meridional deste paiz lhe permittiria effectuar grandes lucros exportando esta producção em bruto, se o desenvolvimento da industria setifera não fosse detido pelo estado de abatimento que nesse paiz pesa sobre todas as industrias conjunctamente e sobre cada uma dellas em particular.

A mesma exposição tambem appresenta algumas amostras de rendas fabricadas á mão, inferiores ás de Hispanha, e por consequencia mui distantes dos magnificos specimens expostos pela França, a Inglaterra, a Belgica e a Suissa: depois da applicação do tear á la Jacquard ao fabrico das rendas, é esta uma industria perdida sem recurso para os paizes desprovidos de maquinas e condemnados a lutar com os braços do homem contra a força colossal do vapor.

Os pannos expostos pelos Srs. Larcher irmãos, Mello irmãos, Corrêa irmãos; os cobertores de lãa, do Sr. B. Daupias; são objectos correntes e bem fabricados. Outro tanto se póde dizer do panno de velas, dos riscados e lonas de J. Barbosa. Mas é mister declarar ao mesmo tempo que a maior parte dos tecidos de lãa e de linho, á excepção dos barretes de lãa, que Portugal consome, são importados do estrangeiro. [5]

A galeria superior do repartimento portuguez foi destinada á exposição das obras de marcenaria. Ahi se acham tambem alguns tapetes de mesa e de sala, encorpados e macios e de bom desenho, devidos á fabrica de Daupias & C.ª; uma sella para cavallo, trabalho trivial; uma cadeira d'encosto para entrevados ou doentes, sendo produzidas as diversas inclinações, que toma, por duas rodas collocadas lateralmente: — este traste é inspirado por um bom pensamento; é de incontestavel utilidade nos hospitaes; mas a sua construcção o classifica logo á primeira vista entre as curiosidades mechanicas pertencentes á infancia da arte; porquanto cada uma das rodas tem exactamente a fórma e as dimensões da roda do leme de uma nau de linha: assim, o aparelho que poderia dirigir duas embarcações carregadas com tres mil homens, duzentas e quarenta peças de artilheria, e um material immenso, é applicado naquella obra para mover um pobre invalido. E não revela isto de um modo convincente o abismo, que póde existir em mechanica entre duas differentes applicações da mesma ideia?

Nos moveis expostos pela industria portugueza, e que são em geral de fabrico inferior, distingue-se uma secretaria d'ebano embutido de marfim, de optimo trabalho; uma mesa de chá com a prancha superior de marmore vermelho, cujo granito formado de innumeraveis fragmentos imita o mosaico irregular da parquetagem recamada de puzzolana; e um armario de acajú, de um estylo extremamente simples e de bom gosto.

As flores artificiaes tomam grande espaço na exposição portugueza; mas, os fabricantes de Lisboa ficaram mui distanciados do seu compatriota, sr. Constantino, cujas obras artisticas produzem tanto effeito na exposição franceza.

Os cristaes, a porcelana, a faiança, a serralheria, os instrumentos cirurgicos, as lithographias, a esculptura em madeira e em marfim, tambem estão representados na exposição por excellentes productos. Digamos, com tudo, que o cadeado da corrente que prende Prometheu ao seu rochedo é dos anachronismos mais ridiculos, e que o abutre que lhe roe as entranhas parece-se muito com a ave inofensiva que salvou o Capitolio. Mas que importam estes defeitos, se é o primeiro passo de uma renascença artistica, pela qual passará talvez Portugal antes de vêr restaurada a sua prosperidade industrial e commercial.

Em summa, nada symbolisa melhor o estado actual de Portugal do que o diamante bruto, que faz parte das joias da sua corôa, e do qual acha-se o modelo na exposição, entre os productos da ourivezaria britannica; é o mais volumoso que existe no mundo; o seu valor relativo é de 125 milhões de francos (50 milhões) pelo menos [6]; mas ainda não o despojou da sua capa terrea o lapidario. Seria curioso calcular o capital que representaria hoje aquelle seixo perfeitamente inutil, se tivesse sido vendido immediatamente depois do seu descobrimento. A enorme quantia procedente desse calculo daria a idéa das immensas perdas, que são resultado diario da apathia industrial e commercial em que Portugal tem cahido. Felizmente a exposição deste paiz, cujas partes principaes analysamos summariamente, indica que já se desperta a actividade de que se podem esperar excellentes resultados.

---

[4] Não é inteiramente exacto.

[5] Esta asserção, tomada em sentido absoluto, não é verdadeira.

[6] Em tudo isto parece-nos haver engano e exaggeração.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo V.

PETRUS IN CUNCTIS EST PETRUS IN VINCULIS.

A passo cheio, mas não precipitado, o jesuita adiante e logo atraz o andador das almas, ambos chegaram ao arco das portas de Santo Antão. O primeiro risonho e sereno; o segundo cada vez mais escravo do terror.

O dia amanhecêra limpo e claro; o ar estava frio e secco; e nas ruas o silencio era completo. Todas as portas e janellas fechadas davam testimunho do recolhimento dos visinhos.

O jesuita parou debaixo do arco, e de leve, muito de leve, pousou outra vez a mão no hombro do honrado Thomé. Se visse desabar a abobeda não se encolhia mais o milagreiro — tremendo, como varas verdes.

A voz do padre acompanhou o gesto; — era uma voz limpida e vibrante; quasi tão suave como o timbre da voz feminina; mas que, apesar da melodia tinha um agro-doce que arranhava mais do que a rudeza de algumas fallas asperas. Certo geito estrangeiro na accentuação das vogaes dava um cunho particular ás menores phrases.

Algumas vezes a vista parecia desbotada, e armava-se então de uma doçura felina que fazia esfriar as pessoas para quem olhava. O sorriso, impenetravel, era acerado de ironia, e cortava como o fio de um stilete. Nestas occasiões a amabilidade do padre metia medo.

Em geral o semblante do jesuita era nesta occasião espirituoso e reflexivo; a vista profunda e penetrante, dessas que em um relance medem e veem tudo; e a bocca, risonha ou séria, sempre em guarda nunca descobria o pensamento.

As feições bem accusadas, a testa alta e bombeada, e o nariz aquilino, viril, e bem formado, caindo com graça, retractavam na mais pura expressão o typo das phisionomias italianas, cuja finura e profundidade engana facilmente os observadores pouco acostumados a interpretal-as. A idade, rareando os cabellos, coroava de cans e de magestade uma figura, aonde o dedo de Deus imprimia com distincção o cunho indelevel do genio e da grandeza.

A sorrir, e sempre um favo de mel nas palavras, o reverendo padre, rompeu as hostilidades, deixando cahir amigavel, mas um pouco mais pezada, a mão direita no hombro da sua victima.

— « Como já lhe disse, filho; gostei de o ouvir, gostei muito. Vê-se bem o seu zelo pela religião, e o grande temor de Deus. Depois, é bom catholico, ama e respeita a santa inquisição. Fallou bem, fallou optimamente. Convenceu-me! »

Este elogio succarino amargava como absynto ao honrado andador. Extatico, com a peruca na mão, e os olhos de sentinella ao sorriso do padre, Thomé afinava os ouvidos, penando a fogo lento, e em trances mortaes, todos os seus peccados. O jesuita observava, sorria-se para dentro, e fingia-se desentendido.

— « Não responde? Noto agora: v. mercê não está bom; tem alguma coisa? »

— « Não é nada; estou melhor! » O devoto engasgou-se sem folgo para mais. Muito desejava acrescentar: « Tão bom te visses tu, desalmado hypocrita! » mas faltou-lhe o animo.

— « Está melhor? ora ainda bem. Não nos adoeça. Sabe do que isso procede provavelmente? E' do calor que toma pela religião. A carne não póde com o espirito. . . ? E eu, filho, receio que venha ainda a fazer-lhe muito mal o seu espirito. . . Ora pois! Repito; gostei de o ouvir; pareceu-me tibio o padre Fr. João; desconhecia-o! Será bom apertal-o. Olhe, Thomé, tenho scismado; o seu conselho de curar a heresia a ferro e fogo, digo-lhe que o acho menos mau!? mas dos executores é que vae tudo. Com pequenas correcções na forma, estou em que será muito util, e agradavel a Deus e á egreja. »

— « Misericordia! *Peccavi*, reverendo padre, *peccavi!* »

— « Quem não pecca, filho? Como ía dizendo; acho-lhe razão, porque é das obras de misericordia castigar os que erram. Disse muito bem. V. mercê tem genio e habilidade. . . para casos de consciencia. Tirei informações a seu respeito e satisfizeram-me. Não havemos de consentir que a luz de um entendimento claro se esconda nessa humildade . . . Não deseja figurar? Pois sim! Isso é muito louvavel. . . mas todos hão de conhecel-o ao menos!. . As nossas missões da America pedem homens, assim zelosos da cura das almas e do serviço de Christo. »

— « Valha-me Deus! Errei contra a companhia; mas, v. paternidade, accuda-me pelas chagas do Salvador! Não me deite a perder! »

— « Socegue, filho. Se lhe digo que estimo a sua habilidade? — e que v. mercê tem muita é inegavel. Ora, fallou da Companhia de Jesus. A esse ponto ia eu chegar agora. Ainda assim! Teve caridade comnosco. Castiga o corpo, e lembra-se da alma. — Foi onde gostei mais de o ouvir. Estava inspirado! O embusteiro, o hypocrita, posto a nossa capa, nem por isso é mais jesuita do que o moiro ou o idolatra. No seu coração escarneceu de Deus e da Companhia; e entre a salvação de um e a salvação de todos optar pelo interesse maior é a doutrina do instituto. »

— « Milagrosa Virgem do Cabo, valei-me! » — murmurou o irmão das almas, cujo pavor crescia em proporção da sinistra amabilidade.

— « Invoca a Mãe de Deus? Boa fonte procura! Louvo-lh'o muito. Tornando á Companhia. Dizia eu que o seu conselho era bom; e reflectindo, acrescento, que o acho optimo. É preciso um exemplo, e vamos dal-o; senão ouça: É da cidade de Evora, não? »

— « Sou, meu padre. Lá nasci e me crearam. »

— « Muito bem. Então está no caso de nos ajudar, se quizer, a servir a Deus e á religião. Sendo de Evora, conheceu por força um tal Onofre Crespo, algum tempo familiar do nosso padre Simões. Havia de conhecer! . . Elle é da sua idade, trinta annos, pouco mais ou menos. »

O Sr. Thomé, ouvindo a citação fez-se pallido, e sentiu fugir o lume dos olhos. Tres vezes apalpou o chão com os pés, como quem experimenta as pernas para uma boa corrida; e outras tantas consultou o rosto do jesuita com os olhos ancieosos. Inutilmente! A eterna affabilidade do padre desarmava a sua penetração.

A pergunta era naturalissima; e não teria assustado o milagreiro, se não reflectisse que os jesuitas, por desgraça, sabiam quanto queriam. A intensidade do medo, e a violencia do ataque, restituiram-lhe a clareza do entendimento. Apenas percebeu por onde vinha o assalto armou-se de prudencia e de simplicidade. O padre advertiu a mudança, e sorriu-se de novo. Applaudia-se talvez por encontrar adversario mais forte do que suppunha.

— « Que figura tem esse Onofre Crespo, meu padre? — perguntou o devoto com a possivel serenidade, depois de poucos instantes de pausa — « Ha de haver signaes — v. paternidade, de certo os mandou tirar. Está averiguada a historia do crime? . . . se elle commetteu crime. Com esse apontamento talvez eu podesse lembrar-me. . . . Ainda que sahi tão novo da cidade que pouco me recordo. . . . »

— É natural. V. mercê tinha vinte annos, quando mudou de terra, segundo me disseram. Ha de lembrar-se. Foi por esse tempo. »

— « Esteja v. paternidade certo; se eu o conhecer! Nada ha que eu não faça pelo interesse da santa religião.

Como bom tactico o Sr. Thomé cobria a retirada com uma demonstração sobre a frente do inimigo. — « Sendo comigo — dizia para si — o jesuita descalça-se, e apanhe-o. Sendo com outro, se o conheço, denuncio-o, do ceu lhe venha o remedio; se não o conheço, ambos estamos salvos. Em todo o caso a caridade começa por nós. »

Mais animado com este raciocinio, o andador accommodou a peruca, afinou as caminhulas, e armou-se da sua não vulgar e dissimulada impudencia. O jesuita, com um risinho falso, estava-o lendo por dentro. Era evidente que o padre assistia em espirito á desaforada comedia, que em monologo corria na alma do milagreiro.

— « Falle com juizo — respondeu s. paternidade com todo o socego; nem se esperava menos do seu zelo. Quer saber os crimes do hypocrita e conhecer a arvore pelo fructo? É justo. Felizmente temos aqui as copias. A Companhia sabe que os seus inimigos não descançam, e conta com elles. Está armada! Ora leia á sua vontade. »

E o jesuita, metendo a mão no seio, tirou um maço grosso, e entregou-o ao Sr. Thomé, sempre com o riso na bocca; ao mesmo tempo, disse-lhe:

— « Sabe lêr, bem sei, e até seus principios de grammatica. Sei mais aonde estudou, e quem foram seus mestres.

— « Gosto pouco disto — resnava o devoto entre dentes: — Este padre sabe de mim pelo menos a metade do que eu sei, e queira Deus, que não saiba tudo. Em fim! . . . veremos! Ha de correr, como uma lebre, aquelle que me apanhar. »

E abriu o maço com algum tremor nos dedos. Em quanto lia, arrepiando as sobrancêlhas e engolindo em sêcco, a vista escrutadora do padre não perdia o menor dos seus movimentos; era um exame de consciencia feito *in anima vili* segundo o methodo jesuitico.

Em substancia resavam os papeis dos proces

de um Roberto Macario, verdadeiro cavalheiro de industria ao divino, e famoso mestre na consumada arte de enganar o proximo.

Onofre Crespo, natural de Evora, e filho de paes incognitos, fôra recolhido por caridade em casa de uma beata viuva, chamada Perpetua das Dores. Antes de ser conhecida por hypocrita, a beata era confessada do padre Simões, lente de theologia no collegio dos jesuitas, e engomava a roupa para aquella piedosa casa. Quando Onofre tinha doze annos entrou nas classes do collegio, e estudou latim, logica, e rethorica. Aos dezoito principiou a ouvir theologia, e a ajudar á missa do seu mestre e protector, o padre Simões. Parecia o exemplar do perfeito devoto. Ninguem fallava menos, nem resava tanto, conservando-se mais tempo de joelhos e braços erguidos. Vejamos como se aperfeiçoaram estas prendas.

O padre Simões costumava depois do jantar distrahir-se com um passeio pela cidade, levando em sua companhia o Sr. Onofre Crespo. Uma tarde entrou com elle na loja de certo ourives, seu amigo, homem rico e honrado, e poz-se a apreçar prata lavrada, até o valor de cem moedas, tudo objectos diversos. Era uma encommenda e como queria servir regateou, sahindo por fim muito suado, e sem concluir o ajuste, porque desejava saber a vontade do comprador. Fazia vento quando voltaram para o collegio, o padre constipou-se, e ficou surdo do defluxo. Tres dias depois, justamente no dia em que fazia vinte annos, o virtuoso Onofre appareceu de manhã na loja para levar a prata da parte do jesuita, dizendo ao ourives que fosse com elle se queria receber o dinheiro. Ainda era cedo, e quando entraram na egreja, o padre Simões estava confessando a Sr.ª Perpetua. «Espere um instantinho, — disse o devoto ao ourives — eu aviso o padre mestre.»

Com effeito chegou-se a elle, e em quanto a penitente começa em jaculatorias espirituaes, que atroam a egreja, o Sr. Onofre abaixa-se e muito chegado ao jesuita profere algumas palavras, que o ourives não percebeu, graças ás exclamações da beata; mas que não o inquietaram em virtude da resposta da padre, dada muito alto, como é costume dos surdos. Virando-se para elle, o confessor disse: «Pois sim, sim. Com muito gosto, é um instantinho em quanto avio esta devota e logo lhe fallo.» Depois reparando no cesto, que o Sr. Onofre trazia na mão, accrescentou: «Leve-me isso para o meu quarto, e com cuidado.» O nosso Onofre não esperou segunda ordem; rodou sobre os calcanhares, e sahiu immediatamente da egreja, fazendo a sua cortezia aos santos com a mais esperneida compuncção.

Quando a beata se levantou para resar a sua penitencia, o padre Simões, chamando o credor, assoou-se, saudou-o com a mão, e disse: «ajoelhe e diga o acto de contricção» — v. paternidade perdoará, mas eu não venho confessar-me. — «Essa é boa! Pois não quer que eu o ouça?» — Sim Sr., mas não é de confissão: vim para receber as ordens do padre mestre. — «Quaes ordens?» — Aquella continha que sabe. — «Não percebo! v. mercê está em seu juiso?» — Por signal em jejum ainda, v. paternidade é que está distrahido. Fallo da prata. — «Ah! Pois não! Desculpe! esta cabeça! É negocio feito, já sabe. Appareça por cá amanhã cedo, para o acabarmos. Não quer mais nada?» — Beijo as mãos de v. paternidade. — «Não se esqueça. Traga a conta e o recibo?» — vem tudo, padre mestre.

Naquelle dia faltou ao jesuita o seu andarilho Onofre; mas não lhe deu cuidado; tinha pedido licença para ir a uma romaria, a seis legoas de distancia da cidade, e julgou-o de viajem. Na manhã seguinte davam nove horas, e entrava o ourives pela cella do padre mestre com a saudação usual: — Deus seja nesta casa! — «E o ajude a v. mercê — respondeu o religioso, chegando-lhe um moxo para defronte do maciço contador de páu santo torneado em que escrevia.» — Aqui está agora a relação da prata, e o preço das peças marcado á margem. — «Dê cá. Assim é que eu gosto. Contas claras.» — Agora se v. paternidade quer, vamos conferir o dinheiro. — «Se o acha certo para que é isso? E a prata?» — Veiu á que o padre mestre mandou. — «Pois sim; mas que é della?» — Naturalmente está onde v. paternidade a poz — replicou o ourives rindo. — «Onde eu a metti?! Está zombando? Pois não me dá a prata e quer que eu saiba aonde a guardei?» — Não dei a prata? — acudio o mercador fazendo-se branco. — Desde hontem aonde está ella senão em poder do padre mestre?

— «Não brinque. Falle serio. — «Muito serio fallo eu. Por signal que V. paternidade me disse que voltasse hoje pelo dinheiro.» — «Pelo dinheiro? Ahi está outra. Oh, Sr. Innocencio Pires, não me faça cahir em scismas! Pelo amor de Deus! Pois o rapaz, o Onofre não lhe levou hontem o

dinheiro, seriam oito horas da manhã? Cem moedas em dobrões de oiro, contados pela minha mão?»

— «V. paternidade falla muita verdade; mas eu não vi nem um ceitil, quanto mais cem moedas em dobrões. Quando mandou buscar a prata...» — «Eu? Não mandei tal! Até lhe pedi que m'a guardasse! Não leu a minha carta?» — «A sua carta? Qual carta? Não me deram senão este recado hontem da parte de V. paternidade, que entregasse a prata e fosse logo ao collegio. O Sr. Onofre depois metteu a prata no cesto, e eu acompanhei-o á igreja, onde por ordem do padre mestre esperei que a devota acabasse a confissão.»

Um raio fulminava menos o jesuita. Percebeu que estava roubado, e roubado duas vezes. — «Não recebeu o dinheiro? perguntou convulso.» — «Nem cinco réis! E o padre mestre não tem a prata?» exclamou o ourives atterrado. — «Nem uma culher! Meu amigo, estamos roubados, V. mercê na sua prata, e eu no dinheiro alheio... O que é isto?»

E o jesuita, empurrando com força os papeis em cima do contador, deu com a vista em uma carta, fechada, lacrada, e com sobrescripto para elle. Abriu-a, leu-a, e rôxo de raiva, passou-a em silencio ao ourives. Este poz os oculos e todo tremulo leu alto o que se segue:»

«Meu respeitavel mestre! V. paternidade, e eu enganamo-nos um com o outro. Servia-o para ganhar algum remedio para a velhice, e até hoje affirmo-lhe que não sei a côr do seu dinheiro. O padre mestre suppoz que eu me habilitava para santo, por isso me poz quasi a jejum de pão e agoa. Ora o nosso moralista o padre Baunius, previu na *Summa Peccatorum*, *editio quinta* — *pag. mihi* 213 e 214, este caso de consciencia, onde diz: «que póde o servo a quem não pagam, «pagar-se por suas mãos, com tanto que não «tire mais do que lhe deverem, sendo pobre e «desamparado.» Sou pobre, e ainda por cima orphão. Cá levo por tanto, seguindo tão bom conselho, os vinte dobrões e mais a prata no valor de duzentas moedas. «É quanto calculo, «que devia receber em oito annos de serviço, e «não o faço caro. Ficam os calções e a roupeta, «que V. paternidade me deu, porque bem exa-«minados, estão uma rede de pardaes. Tambem «deixo a Summa de Baunius, ainda marcada «*citato loco*, mas descance V. paternidade, de-«corei-a primeiro. Ajuizo que o padre mestre «dará o dinheiro por bem empregado, vendo o «fructo das doutrinas de um dos melhores Ca-«suistas da companhia. Com elles protesto viver «e morrer, dando ao excellente mestre que m'os «ensinou, os parabens pelo gosto que lhe hade «causa o meu exemplo. Se o dinheiro se foi, a «gloria da theologia fica, e ainda assim V. pa-«ternidade comprou barato. Conto acabar muito «rico e ir como um foguete direito ao ceu. Re-«commende-me a Deus nas suas orações, e seja «amigo deste seu discipulo, que lhe beija as «suas mãos. *Benedicite*, padre mestre! Até ao «dia de juizo.»

— «Ah patife, ah hypocrita! — gritou o jesuita desesperado com o roubo, e sobre tudo com a citação do padre Bauny, cuja doutrina pouco mais, ou menos, era a invocada pelo Sr. Onofre Crespo. «Para isto aqueci a vibora! Bem feito! Sabe o que elle me disse na igreja? Que tinha V. mercê grande devoção de se confessar comigo.» — Percebe V. paternidade? A prata não sahia das minhas mãos se não oiço o padre mestre dizer: «leve-a ao meu quarto!» — Mas eu julguei que era a minha roupa! — «Nada; era a minha prata.» — «Velhaco! Patife!»

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXI.

O jogo das canas.

O sol era esplendido e o ceu de um azul vivo e luminoso, o ar fresco corria brandamente por entre os ramos das arvores despojados de folhas. As avesinhas do campo pulavam sobre as arvores e as estevas, lançando de quando em quando um gorgeio de alegria, como se sentissem aproximar-se o tempo das flores. Era um dia de inverno, mas daquelles que excedem em formosura os mais perfumados dias de primavera.

A uma das janellas do pallacio real de Salvaterra estava a rainha D. Maria Francisca: um justilho de velludo violeta realçava-lhe a alvura do pescoço, que se entrevia atravez de finissimas rendas; os cabellos caiam-lhe com profusão, aos lados das faces, em aneis, em que se entretecia um tenue fio de perolas. Os olhos da gentil princesa fixados na esquina do palacio pareciam esperar impacientes alguem: de momento a momento batia com a mãosinha branca e mimosa

no parapeito da janella e depois, voltando-se para Ninon d'Amurande, que estava de pé por de trás della, exclamava: — Ainda não vem!

De repente entrou na praça do palacio, que estava preparada para nella se correrem canas, o Infante D. Pedro, montado n'um brioso cavallo branco. D. Pedro vinha vestido de seda côr de violeta; no chapeo ondeavam-lhe magnificas plumas brancas: dos copos da espada pendia um lindo fiador tambem violeta bordado de oiro.

Sua Alteza atravessou a praça fazendo caracolar o cavallo, n'um meio galope elegante, e parando debaixo da janella em que estava a rainha, tirou o chapeo que meteu debaixo do braço esquerdo, e curvou-se até quasi tocar com a fronte no pescoço do cavallo.

A rainha respondeu a esta respeitosa saudação, indireitando-se e fazendo uma graciosa mesura, com todos os tempos e requebros que exigia a etiqueta daquelles tempos cumprimenteiros.

Um sorriso sympatico curvou harmoniosamente os beiços da formosa franceza, e os seus olhos responderam com um olhar que lhe illuminou instantaneamente a phisionomia á frase apaixonada que se lia nos do Infante quando ergueu a cabeça.

Via-se que o Infante ganhara muito no coração da rainha, desde que a côrte viera para Salvaterra. Era claro, que as relações entre os dois reaes cunhados se haviam tornado mais intimas: não pela amisade, mas sim por um sentimento naquelle caso menos innocente, e singello. Aquelles amores, apenas nascentes, haviam tomado talvez por alguma dessas causas quasi imperceptiveis e insignificantes, que são a origem ás vezes das grandes tempestades do coração, incremento bastante, para que a rainha não podesse, apesar do seu genio artificioso, occultar a alegria que lhe causava a presença do Infante.

— Como elle vem hoje guapo! — disse a rainha para Ninon.

— Sempre o vi com os mesmos olhos — respondeu esta.

— Tambem eu — acudiu a rainha. — Mas elle hoje vem, que parece um dos mais gentis cavalheiros da nossa corte.

— A mim parece-me. . . — e a travessa dama parou, fingindo hesitação.

— Que te parece?

— Ora não digo.

— Diz, que mando eu.

— Por ordem de sua magestade, digo, que me parece estarem os olhos de sua magestade vendo hoje melhor do que nunca.

— Ainda hei de ficar mal comtigo — acudiu a rainha com um gesto de ameaça, e sorrindo ao mesmo tempo.

— Deus tal não ha de permittir.

Este dialogo passou-se sem que a rainha despregasse um instante os olhos de D. Pedro, que fizera estacar o cavallo diante da janella do paço, e, immobil como se fôra de pedra, ficára em extatica admiração.

Em quanto esta scena se passava, n'um quarto situado na parte mais alta de um dos lanços lateraes do palacio que, por arruinado, deixára de ser habitado, estavam dois mancebos espreitando, pelas fendas de uma janella desconjuntada e feita de tabuas carunchosas, os gestos da rainha e de Sua Alteza.

— Olha como é formosa! — dizia um.

— Vê como o Infante a sauda com gentileza — acudia o outro.

— É uma graça que não tem egual! — exclamou o primeiro.

— Oh se tem! — murmurou o segundo. — Ai Margarida, Margarida, tu vales mais do que uma rainha!

— Que mesura tão perfeita! É a Sua Alteza, que ella comprimenta.

— Não vês a alegria que Sua Alteza traz pintada na cara.

— Ella sorri-se. . . olha para o infante. . . e de que modo. Jesus, se me não enganam os presentimentos! Quem póde acreditar na felicidade! Não quero, não posso vêr mais: como elles olham um para o outro!

E o homem que fez estas exclamações, interrompidas e entrecortadas por murmurios inarticulados, recuou alguns passos e foi-se esconder no fundo do quarto, a que davam luz não só as fendas da janella, mas os largos buracos do sobrado e do tecto.

Já o leitor conheceu de certo, que os dois mancebos, que se escondiam na parte arruinada do palacio de Salvaterra, eram os dois heroes da nossa historia. Um escondia-se porque estava morto, o outro para que o não matassem.

— Não fujas, não te vás, Luiz de Mendonça — disse da janella Francisco d'Albuquerque. — Ahi vem entrando na praça El-rei, e muitos fidalgos. Lá dá com Sua Alteza: fallaram-se: a côrte olhou toda para a rainha. Encaminharam-se para o arco grande: apeiam-se. Vem vêr a rainha, que se vae metter para dentro.

A estas palavras Mendonça deu um pulo até á janella, e viu ainda de relanço a senhora dos seus pensamentos, no momento em que se recolhia da janella.

— Tu pódes vêl-a; de longe é verdade, mas pódes — proseguiu o capitão. — Eu, porém, não posso vêr Margarida, nada sei della...

— Sabes que ella te ama?

— É verdade; mas por isso mesmo tenho mais saudades.

Os dois mancebos, depois destas palavras, sentando-se cada um no seu poial da janella, ficaram calados a cogitar nos seus amores.

Entre tanto na praça ia-se juntando gente bastante; criados do paço, e ociosos de Salvaterra, que vinham para assistir aos jogos e exercicios, que quasi todas as tardes os principes e os fidalgos faziam defronte da rainha.

Não tardou effectivamente muito que se enchessem tambem as janellas do palacio de damas, desembargadores, clerigos, e fidalgos velhos; e o parapeito, que circumdava a praça, de mancebos nobres, dos que não tomavam parte nos jogos daquella tarde. Appareceu em fim a rainha; e mal ella assomou á janella, um capitão seguido de alguns soldados da guarda tudesca varreu da praça quanto nella havia.

Logo que a praça ficou despejada duas esquadras de pagens fidalgos, uma vestida de violeta outra de vermelho, sem chapéos, e conduzindo á mão azemolas carregadas de caixotes com canas e alcanzias para servirem nos jogos, entraram lentamente na praça; e foram, separando-se ao chegarem ao meio da arena, depôr os cofres das munições nos pontos oppostos em que estavam marcados os dois castellos das quadrilhas que deviam combater naquella tarde.

Dispostas as coisas na praça para os jogos poderem começar, entraram logo em duas linhas, uma de que era mourão El-rei, e outra de que era mourão o Infante, seis cavalleiros. Os que acompanhavam El-rei vinham da direita, todos vestidos de vermelho, chapéos de plumas, polainas prezas com fitas da côr dos vestidos, e os cavallos enfeitados tambem de vermelho: os que acompanhavam D. Pedro traziam como este vestidos côr de violeta.

As duas quadrilhas caminharam a passo até ao meio da praça, com as espadas na mão, e de modo que os dois reaes irmãos formavam a primeira parelha: ahi todos tiraram os chapéos, que meteram debaixo do braço da rédea, saudando logo depois a rainha com as espadas. Feito este cumprimento, as duas linhas affastaram se uma da outra ladeando e, depois de terem saudado em roda todos os espectadores, foram postar-se junto aos cofres onde tinham guardadas as canas e as alcanzias, que lhes deviam servir para o combate.

Cumpre-nos dar agora aqui ao leitor uma idéa rapida dos jogos das canas, e das alcanzias, para que possa perceber a conversação a que o vamos fazer assistir.

Collocadas as quadrilhas em dois pontos oppostos da praça destinada para o jogo das canas, sahia de uma dellas um cavalleiro armado de uma cana verde a desafiar os da outra quadrilha. Ao chegar á esquerda dos contrarios o quadrilheiro, que ia levar o desafio, ladeava até vir collocar-se em frente destes, e então lançava ao ar a cana, tirava immediatamente a espada, para varrer os arremeços do inimigo, e levantando o cavallo ao galope voltava para junto dos seus. Da quadrilha desafiada, porém, sahia um cavalleiro a perseguil-o; arremeçando-lhe uma ou duas canas, e buscando tocal-o.

Isto que se passava com os dois primeiros cavalleiros, repetia-se com todos os outros: e o jogo terminava ordinariamente correndo os cavalleiros de ambas as quadrilhas, parelhas, isto é, galopando aos pares até ao meio da praça, e recuando depois a passo, sem se affastarem um do outro os dois que formavam a mesma parelha, e sem descruzarem as espadas.

O jogo das alcanzias, que ás vezes se fazia conjunctamente com o das canas, era mais variado e divertido do que este. Alcanzias eram umas bollas muito frageis de barro seco ao sol, do tamanho de laranjas, dentro das quaes se metiam flores ou confeitos. Os cavalleiros neste jogo vinham armados de escudosinhos de metal ou de coiro, em que traziam pintadas as suas armas e emblemas: e atiravam uns aos outros as alcanzias, que traziam no bolço. A destreza neste jogo era acertar no corpo ou no cavallo do adversario, e aparar no escudo todos os golpes.

— O Infante não desprende os olhos da rainha! — exclamou Luiz de Mendonça, seguindo com a vista os movimentos de D. Pedro.

— Lá sahe elle da quadrilha, para desafiar El-rei — acudiu Francisco de Albuquerque. — Bem! como faz ladear com graça o cavallo. E o modo arrogante com que lançou ao ar a cana! Lá vae El-rei perseguindo-o. Nem uma vez lhe tocou. Brava maravilha! Cortou a cana, como se fôra uma penna, sem esforço!

— E sem tirar os olhos da rainha!

— El-rei está fulo de raiva!

— Não vês como a rainha bate as palmas a cada proeza de Sua Alteza! Ella ama-o!

— Agora ahi vae o Conde de Castello Melhor jogar com o Conde de Val de Reis.

— Pouco me importa, quem joga as canas. Não quero, não posso vêr mais — interrompeu Mendonça com um suspiro; e afastou-se outra vez da janella.

— Estar aqui preso; e não podêr vêr lá de mais perto — acudiu elle depois de alguns minutos de silencio. — Depois de ámanhã ha uma caçada; e eu hei de ir a ella disfarçado em moço do monte. Seja como for, hei de ir.

— E eu tambem. Diogo Cutilada disse-me hontem, que Margarida chegava esta noite a Salvaterra. Na caçada é occasião de lhe eu fallar. Quero acabar com esta vida de saudade e martyrio por uma vez! Exigirei de Fr. Pedro de Sousa o cumprimento da promessa que fez a Margarida, e se elle faltar á sua palavra, irei ter com o padre Fernandes, e esse de certo nos livrará, a mim e a Margarida, deste padecimento horrivel.

— Diogo ha de vir logo. Vou mandar dizer a Sua Alteza, que estou aqui prompto para receber as suas ordens; e depois explicar-lhe-hei a causa do meu desapparecimento, que lhe hade ter parecido estranho.

— Agora vão jogar as alcanzias — atalhou o capitão, interrompendo o seu amigo. — Lá vae El-rei provocar o Sr. Infante.

— Que differença entre a destreza de Sua Magestade e a de Sua Alteza.

— Acertou uma alcanzia no chapéo de El-rei.

— Cahiu-lhe. Outra alcanzia na cabeça do cavallo.

— O cavallo espantou-se. El-rei não se póde segurar.

— Se não fora o Sr. Infante pôr-se a pé e segurar-lhe o cavallo tinha dado uma queda desastrada.

— Que immensa força tem Sua Alteza.

— A rainha fez-lhe signal! — exclamou Luiz de Mendonça. — Lá lhe deitou o ramo de flores que trazia preso no justilho! Ai! o que não dera eu por aquelle ramo!

— Tens o que vale mais que um ramo de flores, que seca e se reduz a pó: tens o lenço que apanhaste na tourada real, e que a rainha te deu.

— Mas não com aquelle sorriso, aquelle olhar apaixonado com que deu as flores a Sua Alteza.

— Tu não és principe.

— Um louco é que eu sou.

No entretanto o sol tinha-se escondido por detraz dos montes, e começava a escurecer. Acabados os jogos na praça, apenas haviam ficado alguns dos valentes da patrulha de El-rei, e os moços da cavalhariça. Pelas janellas do paço começou a vêr-se o clarão de luzes, e a ouvir-se o rumorejar das vozes dos fidalgos, que se juntavam nas salas de recepção da rainha.

Os dois moços fidalgos de Sua Alteza, cada um sentado em seu poial da janella donde tinham assistido aos jogos reaes, seguiam com os olhos os vultos que percorriam a praça, e as sombras mais ou menos graciosas que se aproximavam ou se afastavam das janellas illuminadas do paço, em quanto a imaginação lhes esvoaçava perdida e sem rumo pela fantastica região dos sonhos; umas vezes desenhando a historia brilhante de uns amores ditosos, outras entenebrecendo o futuro com imagens pavorosas.

A bulha de passos que se aproximavam, e o ranger da porta do quarto que se abria, veio chamar á realidade os dois desvairados fantasiadores. Ambos deram um pulo, e levaram a mão ás espadas; porém vendo entrar o velho Diogo Cutilada, com uma lanterna na mão esquerda, e um cesto na direita, tornaram-se a sentar tranquillamente.

O velho soldado collocou a lanterna no canto da casa que ficava mais afastado da janella, depositou o cesto ao pé da lanterna, e aproximou-se de seu amo.

— E ainda está vivo o meu sr. Francisquinho! Não me farto de o vêr! — disse elle — Que tempos estes nossos! Bem se vê que o Encuberto...

— Margarida já chegou? — atalhou Francisco de Albuquerque.

— A Calcanhares... perdão, meu capitão a sr.ª D. Margarida?

— Sim, homem. Sabes se já chegou?

— Não senhor; não chegou ainda, que eu saiba. Mas dizem que virá hoje.

— E o tinteiro trouxestel-o? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Ai! sr. Luiz que trabalho tive para alcançar um tinteiro. Não ha senão dois no paço; um da rainha, e outro do sr. Antonio Cavide, thesoureiro da casa.

— Mas trazes tinteiro e papel?

— Trago, sim senhor.

E mettendo a mão no cesto tirou um enorme tinteiro de latão, uma penna de pato e uma folha de papel grosso e amarello como um pergaminho velho.

— Aqui está tudo. — E Diogo apresentou com ares de triumpho a Luiz de Mendonça o que tanto lhe custara a alcançar.

Luiz de Mendonça escreveu immediatamente ao Infante, participando-lhe quanto lhe havia succedido depois que chegára a Salvaterra, sem com tudo lhe dizer quem lhe trouxera a noticia de que El-rei tinha dado ordem para o assassinarem; e entregou a carta a Diogo para que a levasse a Sua Alteza.

O velho Cutilada, porém, só sahiu do quarto onde se haviam escondido os dois criados de D. Pedro, depois de ter posto sobre um dos poiaes da janella um perum assado e uma garrafa de vinho que trazia no cesto, e de ter escutado attentamente as recommendações de seu amo, que lhe exigiu o mais inviolavel segredo sobre a sua ressurreição, e lhe ordenou que viesse dar-lhe parte da chegada de Margarida, mal ella desembarcasse em Salvaterra.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ILLUMINAÇÃO DO PASSEIO.

Convidar a reunir-se espontaneamente n'um centro, a fim de empenha-la n'um acto de caridade, uma grande massa de população, dando-se a circumstancia de uma festa esplendida, nova entre nós: — tal foi o pensamento que se levou a execução nas tres brilhantes noites em que desfructamos a illuminação do Passeio publico desta capital. — A gloria desta concepção e da sua realisação cabe inteiramente ao Sr. José Isidoro Guedes; consignando aqui o seu nome, não fazemos mais do que repetir o testemunho de louvor que temos ouvido da boca de nossos concidadãos illustrados, patrioticos, imparciaes, e prezadores da propagação e estabilidade dos estabelecimentos de beneficencia em a nossa patria.

Com viva satisfação podemos agora dar parabens áquelle cavalheiro, e á benemerita commissão, e mais pessoas que o coadjuvaram, pelo resultado vantajoso de tão boa lembrança. Accejte-os, pois, porque não os obscurece a sombra da lisonja; e a sua consciencia lhe dirá que os merece. Como recompensa superior á mesquinhez dos encomios, lá estão as benções do ceu invocadas pelas vozes sinceras e agradecidas da velhice desamparada, que tem achado cabeceira em que repouse, pão de que se alimente no abrigo, que lhe presta a piedosa instituição do Asylo da Mendicidade.

Este pensamento, e creio que nos podemos exprimir assim, dotou o Asylo com um fundo annual, que será um dos principaes ou talvez maiores subsidios para a sua sustentação, a par das philantropicas subscripções das pessoas bemfazejas. Claro está que as despezas da illuminação para o anno proximo serão grandemante atenuadas pelos preparativos e ornamentos permanentes que lhe ficam deste primeiro, se bem que primoroso, ensaio; ajudando incontestavelmente as lições da experiencia. A concorrencia do publico não faltará então, assim como desmentiu nesta bem succedida tentativa os agouros de pseudo-prophetas, e até os receios de animos, não mal inclinados, mas timoratos.

Para em tudo ser feliz esta solemne funcção da caridade publica, a Providencia concedeu noites serenas e bonançosas, comparativamente ás anteriores, e ás ordinarias mudanças atmosphericas, tão frequentes em o nosso clima na estação proxima do equinoxio autumnal.

Dissemos que esta festa era nova nova entre nós; porque um simulachro de illuminação no Passeio, em a nossa primeira épocha constitucional, distou muito e muito da actual festa, segundo o testimunho ocular de pessoas mui capazes de estabelecerem a comparação: a disposição, o methodo, a ornamentação, os baazares, tudo agora foi absolutamente novo. — Com effeito, o espectador assim que transpunha o espaço onde está collocado o grande tanque circular do Passeio sentia uma impressão deliciosa, que lhe enlevava os olhos e simultaneamente consolava a alma; a sensação physica era agradavel pelo aspecto daquelles milhares de lumes convenientemente distribuidos e pelo matiz das côres, resplandecendo entre a folhagem do arvoredo soturno áquella hora, pela variada harmonia das musicas, que tocavam alternadamente nas duas ultimas noites bem desempenhadas peças de musica, pelo giro continuo e encruzado dos concorrentes, e finalmente pelos lances de vista grandemente picturescos, tomados de alguns pontos, como por exemplo; desde o obelisco elevado ao meio da rua central até o topo e até á entrada do Passeio; da varanda superior á cascata; e nas ruas lateraes aquella abobeda multicor e ondeante formada pelos pequenos balões. As talhas ou urnas, contendo luzes, assentadas nas banquetas de verdura a espaços entremeadas com as cariatides que sustentavam grupos de balões de varias côres, como cestos de pomos apinhados, tambem eram de singular gosto e produziram bello effeito. Não nos espraiaremos em descripções do que foi geralmente apreciado, e com tanto maior ventura que o louvor andava na boca de todos, e todos davam por bem empregado não só o obolo que lançavam no mealheiro do pobre desvalido, mas o tempo que alli passavam recreando-se. O socego, a boa ordem realçou o espectaculo.

Do acolhimento que recebeu do publico esta bem concebida e generosa idéa fallarão mais eloquentemente os algarismos do que palavras accumuladas. Não estamos habilitados para appresentar o saldo a favor do Asylo, e se aproximadamente nos constasse

não nos anticipariamos á publicação das respectivas contas.

Na primeira noite, 31 de Agosto ultimo, o producto foi o seguinte:

3:204 bilhetes a 480 réis.........	1:537$920
Entradas das creanças............	54$370
Nos dois baazares..............	1:166$650
	2:758$940

Concorreram 3:317 pessoas incluindo os menores.

Na segunda noite, 2 de Setembro:

5:169 bilhetes a 240 réis........	1:240$560
Entradas das creanças............	59$190
Nos dois baazares...............	1:520$235
	2:819$985

Concorreram 5:415 pessoas.

Na terceira noite, 4 de Setembro:

6:511 bilhetes a 240 réis........	1:562$640
Entradas das creanças............	88$310
Nos dois baazares..............	1·678$955
	3:329$905

Concorreram 6:879 pessoas:

Folgamos de vêr assim medrar um pensamento generoso e util em a nossa terra; e porque temos viva fé nos melhoramentos sociaes, auguramos-lhe mais vantajosos resultados nos annos futuros.

Hampton-Court. — Este castello ou palacio real é objecto de frequentes visitas dos viajantes que vão a Londres vêr a exposição universal. Desde o mez de janeiro para cá, mais de 300:000 curiosos tem ido admirar aquelle soberbo palacio, notavel por muitas causas. Estando a cidade situada sómente a 17 kilometros (4 ¼ milhas geogr.) de Londres, é para os inglezes o mesmo que Versalhes para os parisienses. Os passeadores alli concorrem em bandos a verem o palacio que é construido de tijolo. Encerra obras primas dos mais famosos pintores, como Raphael, Rubens etc. Muitas camaras são forradas de tapeçarias tecidas com arte maravilhosa, e attribuidas á rainha Mathilde, filha de Malcolm, rei de Escocia, casada com Henrique 1.°, rei de Inglaterra, fallecida aos 30 de abril de 1218, dia em que é celebrada a sua festa. Este castello é situado no meio de um parque magnifico: foi edificado pelo cardeal Thomaz Wolsey, celebre ministro de Henrique 8.°, nascido em 1471 e morto em 1530. A historia deste ministro, que depois de haver subido ás maiores dignidades do reino, incorreu no desagrado regio e morreu na maior miseria, é um grande exemplo da fragilidade das grandezas humanas.

Gigante cavallo marinho. —Chegou a Londres em 22 de Agosto uma enorme cabeça de hippopotamo, destinada ao museu do arsenal militar de Chatam. O animal a que pertencia esta cabeça, fôi morto no Cabo da Boa-Esperança no rio Kieskamma por um ajudante de cirurgião inglez assistido de alguns cafres. Era o maior hippopotamo que se tem visto na parte meridional da Africa; media mais de 13 pés da origem da cauda até a cabeça, e o corpo tinha pelo menos outro tanto de circumferencia.

Marinha militar dos Estados-Unidos. — Segundo os ultimos documentos officiaes, a força da marinha de guerra da republica anglo-americana compõe-se de 11 náus de linha, um pontão, 12 fragatas de 1.ª classe, 2 de 2.ª, 21 chalupas, 4 brigues, 5 escunas, 14 vapôres, navios de deposito 6: total 76 embarcações, montando 2.108 peças de artilheria.

Exercito britannico. — O *Piloto de Londres* traz a seguinte estatistica. — A infanteria do exercito britannico consta de 113 regimentos ou batalhões, repartidos do modo seguinte:

Inglaterra e Escocia, 20 regimentos. Irlanda 14, Indias Orientaes 24. Outras possessões orientaes 14 e dois batalhões de reserva. Mediterraneo 12. Indias Occidentaes 6. America do Norte 7, e dois batalhões de reserva. A força total da infanteria é de 60:332 officiaes e soldados. A força total do exercito, comprehendendo a cavallaria e artilheria, é de 103:000 homens.

Numero dos pobres em Inglaterra. — O total dos pobres soccorridos nas 606 *uniões* e parochias da Inglaterra e paiz de Galles no 1.° de Julho ultimo era de 813:099; isto é 15.591 ou dois por cento menos do que na mesma data em 1850. Esta conta não comprehende as parochias collocadas sob uma legislação especial, pelo acto de Gilbert, e o 43.° decreto da rainha Isabel, sendo perto da decima parte da população total.

Congresso scientifico de França. — No dia 12 de Setembro corrente celebra-se a 18.ª sessão, que neste anno tem logar na cidade de Orleans. A belleza local da cidade, a sua situação central, a facilidade de suas communicações com todos os pontos da França, e mais que tudo a importancia das questões interessantes que hão de ser tractadas, persuadem que será uma solemnidade das mais notaveis e assás concorrida.

Um concerto *historico*, organisado pelas diligencias da sociedade philarmonica, uma exposição de objectos artisticos e de antiguidades, uma festa agricola, uma exposição de horticultura, uma excursão archeologica, serões artisticos e litterarios, darão folga aos sabios de seus ponderosos trabalhos. Demais disso, Orleans possue uma bella collecção, unica em França, de casas deliciosas de pedra e de madeira dos seculos XIV, XV e XVI, em perfeito estado de conservação.

A commissão directora já tinha recebido numerosos assentimentos de fóra da França; porém, qualquer que seja a affluencia dos estrangeiros, os seus alojamentos estavam preparados antecipadamente, e uma commissão especial foi incumbida de transmittir-lhes, á medida que forem chegando, todas as informações e esclarecimentos de que porventura careçam.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Propriétario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 6. QUINTA FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXIV.

Aproveitaremos hoje as observações de M. Morel, a respeito da parte que tomou a Alemanha neste grande concurso.

« Nas sciencias, nas lettras, nas artes, tem a Alemanha feito as suas provas. Era esperada na Exposição Universal; com effeito compareceu, mas com certa demora, com certa negligencia, e como se não carecesse de um concurso para vêr proclamados os seus progressos em todas as fórmas da actividade industrial.

« A Alemanha divide-se na Exposição em tres grupos principaes, a saber, os estados não comprehendidos no Zollwerein (liga d'alfandegas), o Zollwerein, e a Austria. Os estados da Alemanha septentrional, não comprehendidos naquella liga, mostraram mediano empenho na remessa dos productos do seu territorio ou da sua industria, e á excepção da cidade de Hamburgo, todos se acommodaram facilmente n'uma coxia entre duas vigas. Até o Hanover, ligado por tão estreitos vinculos á Inglaterra, não tem mais de onze expositores: entre os raros productos naturaes enviados deste paiz, nota-se asphalto em bruto e preparado para diversos usos, e entre os objectos manufacturados, armas de luxo por M. Tanner, fabricante hanoverianno.

« A exposição de Bremen distingue-se unicamente por algumas obras de prata, lavradas com esmero, porém com o cunho do antigo genio germanico, pouca graça e muito symbolismo.

« O grão-ducado de Oldenburgo só expoz dois objectos de mera curiosidade; um modelo em cortiça do castello de Heidelberg, monumento de paciencia e de imitação: — um negalho de fio de linho fiado á mão, e que tem 1,500 jardas de comprimento, posto que não pese mais da quinquagessima parte de um arratel; não passa de um raro esforço, depois que as maquinas apearam da sua preponderancia as rodas e os fusos das camponezas.

« O Mecklemburgo-Schwerin appresenta uma collecção notavel de armas de fogo, e navalhas de barba adamascadas. Expoz mais amostras de madeira carbonisada, carvão de lenha, e de turfa pulverisado para servir de estrume, carvão de turfa para o fabrico do aço; vinagre de madeira, preparado principalmente para a conservação dos coiros curtidos, e destinado a substituir com vantagem as preparações arsenicaes que para o mesmo fim se empregam na America do sul.

« A cidade de Lubeck expoz conservas alimentares, armas, marroquins, coiros envernizados, um pianno liso, e bordados; ao passo que outra cidade tambem hanseatica, Hamburgo, forneceu á Exposição um contingente numeroso e variado de productos naturaes e manufacturados. O Holstein reuniu-se a esta cidade, e somente enviou cinco objectos, entre os quaes os entendedores admiram as amostras de obras de serigueiro, procedentes das fabricas de Altona. Os refinadores de Hamburgo appresentaram assucar de canna cristalisado, e moldes de pão de assucar de um brilho excellente por dentro.

« A industria dos moveis de luxo é a que predomina na exposição hamburgueza. Excita justamente a attenção dos visitantes do palacio de cristal um traste, que não se sabe que nome se lhe ha de dar; é feito de madeira roxa (palixandro) embutido com muito gosto, e serve ao mesmo tempo de carteira de escriptorio, de toucador, de meza do xadrez e de gueridon. Finalmente, as bellas-artes são representadas, da parte da cidade de Hamburgo, por uma linda estatua de M. W. Engelhardt, por uma figurinha em bronze de Ricardo coração de leão, e uma serie methodica de grandes desenhos de frisa, recordando as principaes scenas do Edda, e as tradições da mythologia do norte. Para dar desta frisa uma idéa em baixo re-

levo, M. Engelhardt modelou parte em gesso; é de mui puro gosto e de excellente effeito.

« Os instrumentos de musica expostos pela Alemanha do norte, são relativamente assas numerosos, mas não offerecem singularidade, á excepção de um par de timbales, cujas differentes toadas se regulam por meio de uma chave girante, posta aos lados do instrumento.

« Os cristaes e vidros são raros; todavia admira-se uma taça de cristal, onde o habil artista, M. Bohm, gravou a batalha de Arbelles. MM. Bufe de Cuxhaven enviaram dois modelos de navios, a que juntaram os desenhos e planos destas construcções, até em suas mais minuciosas circumstancias.

« Eis-aqui as principaes feições da exposição alemã, exceptuando o Zollwerein e a Austria: está bem longe de comprehender todos os productos naturaes e fabrís que lhe são proprios, e de que deveria offerecer resumo. Mas tendo-se quasi inteiramente abstido de concorrer o Hanover, o Holstein, Bremen, e Oldenburgo, não se podia esperar de uma cidade quasi exclusivamente commercial, como Hamburgo, uma exposição mais rica e mais completa do que a fornecida por ella.

« A exposição de armas e de quincalheria do Zollwerein, offerece real interesse aos productores inglezes e francezes; as fabricas de Solingen, de Reimscheid, de Nuremberg, de Sulh, de Iserlohn, expedem suas fazendas para todas as praças commerciaes, e por preço tão baixo que é impossivel fazer-lhes concorrencia neste ponto.

« E havemos de concluir dahi, como observa um escriptor competente, que os fabricantes inglezes e francezes devam baixar o preço da mão d'obra, isto é, o salario de seus operarios para descerem ao nivel do Zollwerein, e tirar-lhe assim os mercados de que estão de posse? E' evidente que não; pois que resultará necessariamente o contrario. Quando os fabricantes alemães se tiverem convencido da sua inferioridade, pelo exame dos productos que expõe a Europa occidental, conhecerão a necessidade de melhorar o seu fabríco, para não ficarem muito atrazados. Ora, o meio unico que lhes permittirá alcançar esse resultado será levantar o preço da mão d'obra em suas officinas, e por consequencia o preço da venda em todas as praças commerciaes, que fornecem ainda com exclusão das nações industriaes, onde é mais subido o salario e a somma de commodidades dos operarios é mais consideravel.

« Desta maneira, os mercados de venda do Zollwerein para objectos de quincalheria, cutelaria e serralheria são invadidos cada dia mais pelos productos das nações mais adiantadas, porque a navegação a vapor e os caminhos de ferro augmentam rapidamente em todos os pontos do globo os meios do bem-estar geral e por consequencia as exigencia dos consumidores.

« A Alemanha central fez na Exposição um alarde consideravel de todos os instrumentos antigos e ferramentas que ainda se empregam onde o vapor não substituiu a mão do homem. Correndo a vista por todas essas amostras de buris, cepilhos, limas, enxós, serras direitas, brocas, admira-se o como soube o homem por tão diversas formas afeiçoar o ferro e o aço para domar analyticamente a resistencia da materia inerte. Mas ao mesmo tempo pergunta-se que será feito de tudo isso quando o vapor tiver todas as applicações, que já hoje é tão facil prever.

« A grande parte das quincalherias do Zollwerein parecem-se tanto pela fórma que é quasi impossivel não as reputar exactamente similhantes: deste modo, os cadeados e fechaduras, que appareceram em mui avultado numero, são evidentemente feitos pelo mesmo modelo: bastaria expor algumas dezenas de amostras, em vez de tresentas ou quatrocentas, para dar exacta idéa desta manufactura. As fouces, que se exportam principalmente para a Polonia e para a Russia, bem indicam que este instrumento, tão formidavel nas recentes insurreições da Polonia, não tem passado por nenhuma casta de melhoramento desde a sua invenção, que se perde na escuridade das eras; pelo que é mui curioso comparal-o no pensamento com as maquinas de ceifar expostas pelos americanos.

« Em geral a serra direita predomina na exposição alemã, onde se veem raros exemplos de serras circulares. Este simples facto demonstra que os braços do homem ainda são empregados em Alemanha em operações trabalhosas, quando os industriaes francezes e inglezes ha muito tempo tem confiado essas operações aos motores mechanicos.

« Os specimens de lima são em muita quantidade, mas na fórma e qualidade mal excedem o mais trivial que neste genero conhecemos. Outro tanto se póde dizer da cutelaria, machados, fieiras, cabos e tornos, expostos na sala das maquinas. Sobresahem, todavia, as obras melhor trabalhadas da fabrica Linder de Solingen, e as que procedem de Reimscheid, que são de incontestavel superioridade tanto pelo que toca ao material como á mão de obra.

« Os cobres de lavores ficam muito abaixo dos de Paris e de Inglaterra, e as redes metalicas não chegam de modo algum ás que se fabricam em Schelestadt e Strasburgo.

« A Saxonia é muito pobre em quincalherias; expoz, porém, uma taboleta de obras finas de cuteleiro que não assentaria mal no mostrador de Sheffield ou de Chatellerault; e logo ao pé uma pequena maquina destinada a furar perolas e coraes, a qual annuncia trabalho adiantado e habil.

« A industria dos enfeites de ferro de Berlin está bastante decahida de seu antigo esplendor, sobre tudo depois do desenvolvimento que tomou em França o fabrico dos bronzes artisticos; por isso, nessa especialidade só ha obras mediocres, exceptuando, comtudo, leques de mui delicado trabalho, e adereces de mulher feitos com apurado gosto.

« As armas brancas occupam consideravel logar na exposição de productos metalicos do Zollwerein: é um fabrico em que se empregam milhares de braços. Uma casa de Solingen expoz modelos de todas as espadas adoptadas nos exercitos da Europa, alfanges adamascados á persa que decepam um cano de espingarda quasi tão facilmente como a haste de uma lança, folhas em fitas, alfanges lisos, e uma espada de honra de precioso trabalho, destinada ao general Klapka, o celebre defensor de Comorn. »

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 40).

62 NITRATO DE STRONCIANA. — Expositores e productores, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
63 SULPHATO DE FERRO NATURAL.
Vianna do Minho.
64 SULPHATO DE FERRO ARTIFICIAL — *Caparosa verde.* — Expositores e fabricantes, Ignacio M. Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Extrahido directamente do ferro e do acido sulphurico.
É empregado nas tinturarias.
65 SULPHATO DE FERRO — *Caparosa verde.* — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Extrahido de pyrites de ferro natural.
Empregado nas artes de tinturaria e estamparia.
66 SULPHATO DE COBRE — *Caparosa azul.* — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Extrahido do acido sulphurico sobre o cobre.
Emprega-se na tinturaria.
67 SULPHATO DE COBRE AMMONIACAL. — Expositor e productor, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado nos fogos artificiaes.
68 SULPHATO DE COBRE — *Caparosa azul.* — Expositor e fabricante, Ignacio Miguel Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Empregado nas artes.
69 SULPHATO DE ZINCO — *Caparosa branca.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas artes.
70 MURIATO DE ESTANHO — *Sal de estanho.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas tinturarias.
71 ALVAIADE — *Carbonato de chumbo.* — Expositor e productor, Mario Norziglio.
Fabrica em Lisboa, no Poço do Bispo, unica deste producto em Portugal.
72 NITRATO DE CHUMBO. — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na estamparia.
73 CHROMATO DE CHUMBO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado nas pinturas a oleo
74 IODURETO DE POTASSIUM — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina.
75 ACETATO DE POTASSA — *Terra folhada.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
76 TARTARATO DE POTASSA E SODA — *Sal da Rochella.* — Expositores e fabricantes, Serzedello e Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
77 CHLORURETO DE CAL. — Expositores e fabricantes, Ignacio Miguel Hirsch & Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
Empregado nas artes.
78 BIOXIDO DE MERCURIO — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina veterinaria.
79 BICHLORURETO DE MERCURIO — *Solimão.* — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
Empregado na medicina.
80 BISULFURETO DE MERCURIO — *Vermelhão.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado nas artes.
81 TARTARATO DE POTASSA E DE ANTIMONIO — *Emetico.* — Expositores e fabricantes, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
Empregado na medicina.
82 QUARTZ LATEO.
Encontra-se em Abrantes. — Serve para o fabrico do vidro.
83 KAOLIN.
Provincia da Beira, districto de Aveiro, concelho d'Ovar, freguezia de S. Vicente d'Ovar.
Empregado no fabrico da porcelana.
84 KAOLIN FELDSPATHICO.
Porto, Rio Tinto.
85 KAOLIM ORTHOSICO.
Porto, Rio Tinto.
86 KAOLIN.
Porto, Rio Tinto.
87 ARGILLA BRANCA REFRACTARIA.
Provincia da Beira, Rio Vouga.
88 ARGILLA PRETA REFRACTARIA.
Provincia da Beira, Rio Vouga.
89 FELDSPATHO ORTHOSE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Estremoz, junto á villa, ao lado do nascente.
É deste barro que se faz a loiça muito estimada, chamada loiça de Estremoz.
90 GRANITO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Acha-se em Sines.
91 GRANITO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Monsaraz, freguezia de Corral, a meia legua leste d'Aldeia.

92 SYENITE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho dito, freguezia de Beringel, junto a Beringel.

Esta rocha é susceptivel de um bello polimento.

93 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Arrayollos, no caminho entre esta villa e o Vimeiro.

94 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Serpa, freguezia dita, sitio denominado da Pedra Longa.

Esta pedra é susceptivel de polimento e faz um bello effeito.

95 GRANITO SYENITICO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Montemór-o-Novo, junto á villa sobre a ribeira.

96 SYENITE PORPHYROIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, a um quarto de legua oeste de Montemór-o-Novo.

97 DIORITE PORPHYROIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Arronches, freguezia dita, a um quarto de legua da villa, estrada de Campo-Maior.

98 HYALONITE, passando ao *micaschisto* e contendo o *amphibole*. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Montemór-o-Novo, freguezia de Safira, sitio do Telegrapho.

99 SYENITE GRANITOIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Cavide, freguezia de Alter Pedroso, junto á Aldêa

Esta pedra, sendo polida, é de um bello effeito.

100 SYENITE GRANITOIDE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho d'Alvito, freguezia do Tourão; junto á povoação, sobre as margens do ribeiro Enxarrama.

101 PEGMATITES, passando a *protogina*. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, dentro da cidade. A maior parte das casas são edificadas com esta pedra.

102 GRANITO.

Provincia do Minho, districto de Vianna.

103 GRANITO.

Provincia do Minho, districto de Vianna.

104 GRANITO.

Provincia do Minho, districto de Vianna.

(Continúa.)

MAQUINA DE CONSTRUCÇÃO NACIONAL.

Sendo um dos objectos especiaes deste jornal vulgarisar todos os factos honrosos para a nossa industria, transcrevemos do *Nacional* do Porto com muito gosto o seguinte breve artigo.

Hontem pelas 9 horas da manhã tivemos a satisfação de assistir a um espectaculo que sobremodo nos agradou: experimentou-se na fabrica do Sr. José Barbosa, na rua de Fernandes Thomaz, uma machina de vapor para dar movimento ás machinas de fiação d'algodão e seda.

Esta machina é de *media pressão*, sem condensação, e é de uma simplicidade e elegancia admiraveis; e não obstante trabalhar pela primeira vez, e com a velocidade de 54 voltas por minuto, era tal a justeza e o bem acabado de todas as suas peças que não se sentia a mais leve tremura.

A caldeira é cilindrica; a chamma e o fumo, depois de percorrerem a parte inferior da mesma caldeira, entram n'uma *conducta* que a cerca em todo o seu comprimento para augmentar a superficie da evaporação, e aproveitar grande parte do calorico do fumo. Tem fluctuador com *assobio de alarme*, para avisar o dono do estabelecimento quando o fogueiro se descuide de introduzir a devida quantidade de agua na caldeira, que é quasi sempre a causa das explosões.

Tanto a machina como a caldeira foram construidas na muito acreditada fabrica do Sr. Henrique Petters, de Lisboa.

Congratulamos sinceramente o Sr. José Barbosa pelo grande desenvolvimento que vai dar ao seu estabelecimento, que, depois de prompto, será um dos melhores do Porto. É assim que se ganham titulos á estima publica, e é assim que nós desejamos vêr empregados os capitaes.

A esses que tanto gritam contra a associação, pedimos-lhes que deem um passeio até o estabelecimento do Sr. José Barbosa, que alli verão um bello exemplo dos principios que tanto abocanham. De um lado está a actividade, a intelligencia e o genio emprehendedor do sr. José Barbosa, e do outro estão proprietarios e capitalistas ricos da nossa provincia, que não se humilharam antes pelo contrario se exaltaram muito dando a mão e associando-se com um artista portuense.

Escusado será dizermos que assistiram muitos fabricantes, negociantes, e outras pessoas distinctas — e que todos admiraram a machina, e fizeram elogios, bem merecidos, ao constructor.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo V.

PETRUS IN CUNCTIS EST PETRUS IN VINCULIS.

(Continuado de pag. 56.)

Emquanto os padecentes deploram o roubo

e apertam as mãos na cabeça, o devoto por ares e ventos chegava a Monte-Mór. Perto da villa, descubriu de longe um cavalleiro muito bem montado. « Alli está o que me era preciso. Vinha do ceu um cavallo assim! » Dizendo isto comsigo entrou a scismar e apeou-se do macho, que estava no lastimoso estado da mulinha do Palito Metrico:

« Cortabat fios almæ quicumque videnti! »

Quando o marchante (era marchante o homem) se chegou ao pé delle, achou-o á borda do poço desfeito em lagrimas:

— « Salve-o Deus, que tem v. mercê? »

— « Ah, sr., não me diga nada. »

— « Qual! O que o afflige? Diga; desaffogue! »

— « Não tem remedio. Cahiu-me no poço a imagem de Nossa Senhora. Era de oiro, e não sei nadar. »

— « É só isso »

— « Acha pouco? Se não fosse prenda de minha mãe, não me affligia tanto. Mas deu-m'a ella á hora da morte... »

— « Console-se, que ha remedio, homem! Eu nado como um peixe e se lhe não tiro a imagem do fundo do poço, ninguem a tira. Segure-me o cavallinho, e livre-o de algum couce do macho, olhe que elle não se confessa. Está bom. Cuidado com essas bolças, que não estão vazias! Sentido! — Se larga da mão esse demonio saiba que o não apanha senão em Aldea-Gallega — é um virote a fugir. »

Dizendo isto o marchante despia-se na maior boa fé e deitava-se ao poço. A agua andava funda e o bocal não se podia alcançar debaixo com a mão. Apenas o pobre homem mergulhou, o devoto *Onofre* saltou no cavallo, segurou as bolças, e enrolando a roupa n'uma trouxa, prendeu-a á garupa. Depois chegou-se á bocca do poço e todo assucarado perguntou para baixo:

— « Está lá? »

— « Cá estou! »

— « Deixe-se estar. Ainda não achou? »

— « Não vejo nada! »

— « Pois eu já achei. Aonde quer que fique o cavallo e as bolças? »

— « Ah ladrão! Espera! Aqui de El-rei! Espera! »

— « Não enrouqueça sem precisão? Está-se aboberando; fique de gaiola, e dê muitas graças a Deus, porque não tem grilhão ao pé nem grade á roda. Sahe fresquinho como uma alface. Adeus. Saude. Olhe, o seu fato vae na garupa, escusa de procurar por elle! Para outra vez seja mais leve em vir ao de cima d'agoa, e menos facil em se deitar á boia. »

O triste marchante esconjurou-se dentro do poço mais de quatro horas, e o honrado Onofre não parou senão em Aldêa-Gallega, aonde entregou o cavallo quasi arrebentado, dizendo da parte da sua victima, que a esperassem por todo o dia seguinte, infallivelmente. Depois destas duas proezas veio para Lisboa, aonde constou que mudára o nome, mettendo-se donato na Penha de França. A sr.ª Perpetua das Dores, digna mãe adoptiva deste bom moço, vivia tambem na côrte com elle, e ambos se remediavam, comendo os ovos da gallinha de ouro apanhada em Evora e Monte-Mór.

O andador acabando de lêr os papeis estava frio de neve e cuberto de suores. O jesuita nunca tinha tirado os olhos de cima delle. Apenas viu a leitura concluida, estendendo a mão, disse:

— « Que me diz filho? Tinha genio o hypocrita! Forte pena! É verdade vamos aos signaes... esquecel-os-ia eu? Nada; cá estão. E esta!... É V. mercê tirado por uma penna. Nem dois irmãos gemeos?! Que singularidade! »

— « Jesus bento nome de Maria! V. paternidade atterra-me! Isso é engano. »

— « Está claro; o que ha de ser? Um mero acaso!... Entretanto mau é. Bem sabe os innocentes, que morreram de uma falsa similhança, por illusão da justiça; diz-se depois, eu cuidei, eu suppuz, mas o morto não resuscita. Deus nos livre de inimigos, e de más parecenças, sobre tudo, em devassa aberta, ou em denuncia ao Santo Officio. »

— « V. paternidade zomba! accudiu o devoto sorrindo com uma visagem avinagrada. »

— « Fallo muito serio. É peior parecel-o, do que sêl-o. Não disse nem digo outra coisa. »

— « Corpo Santo do meu Deus! É possivel que o justo pague pelo peccador? Que sirva de crime a cara a um innocente... »

— « Então! Nunca ouviu que pela bocca morre o peixe? Aqui o innocente morre por ter a cara do peccador. Não se amofine porém, o homem ha de apparecer... »

— « Mas V. paternidade percebe que o nome, a menor differença de feições... »

— « Valha-nos Deus, Thomé, valha-nos Deus! Eu percebo, bem vê. Os moralistas são da sua opinião, e tambem eu sou; mas que quer! Se

os ministros ateimam, e não sentenceiam senão pela contraria! Noto a reconvenção, não preciso que a faça. V. mercê defende-se com a differença do nome? Ora muito bem. Mas os juizes hão de responder, e aqui entre nós com sua rasão talvez, que os nomes mudam e as pessoas ficam! Terá de justificar, terá de provar, bem sei que não é nada para um homem honrado, que nunca se chamou Onofre, que sempre foi Thomé. Isto, já se vê, é fallar por exemplos, nada mais. Não se assuste.»

—« É que V. paternidade pinta tanto ao vivo!» observou o devoto arripiado como um janeiro.

—« Ha muito do vivo ao pintado, não tenha receio. Mas parece um laço do demonio. Ora oiça: são os signaes: «Rosto comprido e olhos pardos. Um pouco vesgo.» Observe mais, escute! «Altura? Um palmo acima da ordinaria.» Tal e qual! — Thomé encolheu-se. —« Côr esverdeada, tirante a cobre.» — O devoto sentia a cara em brasa, e julgou-se côr de pimentão. —« Nariz aquilino e uma verruga na ponta.» O nosso amigo metteu as unhas a igual verruga para a degolar. «Maneiras beatas e um ar no lado esquerdo.»

—« É mentira — berrou o milagreiro — é mentira! — Isto foi geito de nascença.»

— *Reum habemus confitentem!* — disse o padre de modo que o andador ouvisse; e mais alto accrescentou: «Ora pois! Nelle é um ar, em V. mercê é que foi um geito de nascença; póde admittir-se. Digo-lhes, porém, que a similhança é fatal... Occorre-me agora! Temos o remedio ao pé de casa. Dê-me um abraço pelo que vou dizer. Sabe que chegou o nosso padre Simões, e está em S. Roque? Pois é verdade. — Bem velhinho, coitado, mas rijo ainda. Quiz assistir aos exames. Iremos lá, e elle nos dirá... Tem alguma coisa, filho?»

Toda a impudencia do irmão das almas soçobrou com este ultimo golpe. Conheceu que estava dentro do laço e que todos os meios de se escapar tinham sido previstos com engenho e astucia superior. Então, mas tarde, entendeu o conselho salutar do dominico — «que a respeito dos jesuitas o melhor era fallar menos, e acautelar-se mais.» A forca e a fogueira já lhe dançavam diante da vista. Sentia o corpo em brasa e a garganta preza.

Por isso, depondo a dissimulação, deitou-se aos pés do jesuita, que o levantou com benevolencia, sem se desarmar do seu sorriso.

—« Pelo que vejo teme que se enganem os olhos do padre Simões? Não estranho; é natural. Mas que remedio? V. mercê queixava-se da heresia e da impiedade; até confundia a nossa roupeta com os peccadores que a vestem; um exemplo é indispensavel: magoa-me vêl-o afflicto; mas, diga, no meu logar, o que fazia?»

—« Fui temerario, meu padre, e Deus castiga-me. Se a justiça sabe estou perdido...»

—« Não o quero enganar; não se precipite. Não creio, não posso acreditar que V. mercê tenha medo de si a esse ponto. Seja forte, anime-se. Ora pois! Fallou da companhia sem temor de Deus e sem charidade christã? Se o seu coração lh'o diz, — que eu, repito, gostei de o ouvir e acho que fallou muito bem — se o seu coração o accusa, pense, excogite coisa do serviço da companhia, em que faça a reparação... O mal paga-se com o bem, ha de ter ouvido alguma vez.»

—« Oxalá que eu podesse, meu padre!»

—« Todos podemos alguma coisa. Ha inimigos, e mal de quem os não tem; ajudemo-nos uns aos outros... Siga por este thema, que ha de acertar. Diga-me: porque se não ha de pôr uma pedra em cima do tal roubo de Evora? Assim como assim o dinheiro está perdido; o que lhe parece? Deixemos o homem, e não se falle mais nisso.»

—« Acho excellente — justissimo!»

—« Previ logo que merecia a sua approvação. Então, ainda não achou nada no capitulo das operações moraes?»

—« Meu padre — exclamou o devoto em ancias — não attinjo, não descubro.»

—« Admira! Ora torne a reflectir: vá de vagar. O adagio diz: ajuda-me que eu te ajudarei. Temos inimigos. Ora se V. mercê podesse, se V. mercê quizesse, a companhia por exemplo resistia melhor aos seus; e com os padres de Jesus da sua parte o sr. Thomé achava-se tambem mais forte; figurei a hypothese: agora tire a conclusão. Ainda não entende?

—« Começo a perceber, meu padre.»

—« Estimo! Vamos optimamente. Com verdade, responda-me, não leva uma carta á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, creio eu; da parte do padre João dos Remedios, de S. Domingos, ao secretario de estado de El-rei nosso senhor? Tenho uma idéa confusa... Veja se me ajuda. Estou perdido de memoria!...»

—« É o que V. paternidade diz. Levo-a em sendo oito horas.»

—« Optimo! Pode-me dizer agora o cami-

nho, que conta seguir para casa de Diogo de Mendonça?»

—«Irei por onde V. paternidade quizer.»

—«Valha-o Deus, homem! Pois eu quero, ou peço alguma coisa? Se deseja servir a companhia, se o seu coração o accusa de ter formado juizos temerarios a respeito della, digo só que eu iria de caminho por Santo Antão, e reconciliava-me com algum dos padres, comigo por exemplo, antes de entregar a carta.»

—«Mas é ir a Roma para chegar a Paris, reverendo padre.»

—«E duvida, por um pedaço mais, ganhar indulgencias da viagem?!... Indo por Hespanha chega mais depressa, é verdade, mas póde cahir nas mãos dos inimigos. Indo de volta, por Italia, demora-se, mas chega com certeza. A paciencia, filho, faz prodigios.»

—«Mas se não levo a carta fechada, se a entrego aberta...»

—«Aberta ou fechada quem fallou da carta? depois V. mercê deve notar que ha olhos que lêem tudo, até por cima do sobscripto. O Sr. Thomé põe a sua carta, aonde quer; para tratar primeiro da sua alma; ella é o importante. Observe que não estou suggerindo traição nem inconfidencia — longe de mim tal idéa. V. mercê não abre, não mostra, nem lê a carta. Agora se outro o fizer por interesse ou por curiosidade o que temos nós com isso? *Non mea culpa*, acabou-se!»

—«Irei por Santo Antão, *de caminho*, como V. paternidade aconselha...»

—«Observo-lhe que eu não aconselho nada. Deus me livre. Entenda-mo-nos! Quem aconselha participa do acto praticado... o que tenho feito apenas é dizer: «em seu logar, no seu caso de V. mercê, ia á Calcetaria passando por Santo Antão. Percebe?»

—«Percebo de mais, meu padre.»

—«Por onde tenciona voltar?»

—«Virei pedir a absolvição á casa professa de S. Roque.»

—«Fará muito bem. É preciso tempo sempre para formar uma verdadeira contricção. Vejo que intende as cousas — havemos de dar-nos perfeitamente. Ouve? Em chegando, mande chamar, logo, o padre Simões; hade reconcilial-o com muito gosto.»

—«O padre Simões! Jesus do ceu!»

—«Socegue. O nosso querido irmão tem a vista cançada — não conhece ninguem. Hade-o tractar com muita caridade!»

—«Posso então ficar certo?»

—«Certissimo, filho. Tudo bem pensado, estou pela sua opinião. Deixaremos em paz o Onofre. Diga-me, sabe de uns papeis da inquisição, que tinha o padre Fr. João dos Remedios, ha coisa de dois dias? — Tenho aqui uma nota...»

—«Eu verei. Sendo preciso V. paternidade póde contar...»

—«Pois não conto! Por ora, não. Veremos depois. Ande, vá com Deus que se faz tarde. Não quero que o nosso padre procurador espere por minha culpa. Quanto ao tal Onofre Crespo, se ouvir fallar delle...»

—«O que heide fazer?» — exclamou o devoto ainda tremulo.

—«Resar-lhe por alma, filho. Agora me lembra que falleceu.»

—«Deus o tenha á sua vista?» exclamou o andador, levantando os olhos ao ceu.

E com um sorriso falso ambos se apartaram seguindo cada qual para seu lado. O Sr. Thomé voltou para S. Domingos; o jesuita entrou para o seu collegio.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

I

O Lamina.[1]

D'alto peito, gorda perna;
Corpo esbelto, e bem fornido,
Alvo dente, bom cabello,
Penteado, e bem vestido;

Ha *velho — adonis — gaiteiro*,
Pifio Lamina; sem tento,
Que, se o vissem desfardado,
Sem as calças de *talento*,

Sem comprada cabelleira,
Sem o queixo elefantino;
Mais terror causára vel-o,
Do que o fantasma de Nino!

Quem julgar podéra nunca,
Ser torcida de algodão
Demolhada em *pas-chuli*,
O que vira, e homem não!

Que, o negrinho da suiça,
E das faces o rubôr,
Era branco deslavado,
Coberto d'alheia côr.

[1] Não temos, creio eu, palavra, que abranja, a um tempo, a dupla idéa de *velho-aperalvilhado*. Na falta de melhor termo adoptei — *lamina*; por me lembrar tel-o visto, em alguma comedia antiga, sob aquella acepção.

Que, no seu andar pausado,
No cadente bracejar,
Da cansada natureza
Seguia os módos e o ar.

Que, se no alto da ladeira,
Que subíra, attento pára,
Fingindo, em coisas vulgares,
Achar descoberta rara;

Ao longe, como quem busca,
Deitando vitrea luneta;
Passado tempo, marchando,
Depois de prévia careta;

Era estudo, e fingimento;
Arte, que vencer procura,
As faltas, que se não suprem;
Que, só tental-o é loucura.

— Se veste pesado fato,
Se come só carnes brancas,
Não é por gosto, é por força
Dos annos, que lhe vão d'ancas.

Se falla, e pára tossindo,
Se a custo as pernas arrasta,
É que a propria natureza,
Já não lhe é mãe, é madrasta.

E embora, dê longas horas
Ao 'spenicado *toilete*,
Os *cosméticos* não tapam
Carquilhas e joanête.

Debalde, a edade occulta.
Dando ao fogo a certidão;
O seu nome já soava
Nas guerras do Rossilhão.

Finja modos de mancebo,
Ande em sua companhia;
Usos seus, seu traje imite,
Já no baile, até ser dia;

Já dançando, já polkando,
Em finezas derretido,
Torturando a pobre dama,
Com palavras sem sentido;

Coitado! nenhuma illude.....
— Não é vida, amor, paixão,
D'insulsas, geladas frases,
Palavroso carrilhão.

É lance d'olhos furtivo,
Ondo brilha ardente luz;
Que, na voz de humano peito,
Palpitando se traduz.

Não é discurso estudado,
É frenetico improviso;
É supremo extasi d'alma,
Imagem do paraiso.

Ha fogo d'ardentes annos
Nessa vida, nesse amor:
Ao sobir d'agra montanha,
Ha movimento, ha calor.

Mas lá nos confins da edade,
Pobre de ti — creatura!
Cada momento é um salto,
Caminho da sepultura......

— Julga as damas cordeirinhos
Elle, a si, julga-se lobo;
E não vê, senil patéta,
Que só faz papel de bobo!

Seus galanteios escutam,
Dão-lhe á dança mão de par,
Umas vezes, por maldosas,
Outras, para disfarçar.

E dest'arte, vão cumprindo
Seu d'amor, doce preceito,
Por demais, a mão lh'emprestam,
Que apertou certo sugeito:

Havendo, dama, tão destra,
Em pontos de judiaria,
Que ao pobre Lamina estafa
Na *polkante* picaria:

Que, a cadencia de seus passos,
Encarece; — (á parte ri);
Que, seu par foi na *primeira*,
Na segunda *vis á vis:*

Que, braceira vae com elle,
Pelas salas, em passeio,
Porque diz: — ninguem d'um morto,
Tem ciume, nem receio:

E se emtanto a mamã olha,
Vê ao lado homem sesudo;
Abre o leque, — abâna, abâna,
E descança, que viu tudo! —

— Seus passinhos ameudando,
Corpo em dupla curvatura,
Niveo braço, ancho sopésa,
E, sem-sal caricatura,

Vae co'a dama conversando,
Que responde — sim, ou não;
D'outrem côrte recebendo,
A quem só dá atenção,

O paspalho, então estuda,
Dulcifica, a frase apura:
E *goloso*, diz comsigo:
Esta sim, tenho eu segura.

Se algum passa, e cumprimenta
Olha-o elle, com desdem.
« Importuno! (diz) — É muito
Não attendem a ninguem,

Nem, por verem, que *Vossencia*,
Praticava *intimamente*...»
— Eu! com quem? (diz ella rindo.)
Fallo assim a toda a gente. —

«Todavia — interromper-nos;
É de pouco delicado...»
— Ao contrario, seus discursos
São de moço bem creado. —

«Eu não, digo... — digo... digo...
Ella risse: — elle confuso,
Eis-lhe a voz, presa nas fauces,
Como porca em parafuso.

Já tranquillo, então prorompe
Em desculpas: — faz-se amavel:
Julgando boiar afunda-se;
Que a deidade, inexoravel,

Volve o rosto desdenhosa,
Vae direita onde se assente;
Larga o braço, — mal corteja,
E diz baixo — impertinente! —

O velho, retira *in albis*,
Sem, ao menos, ter merecido
Expressão *lenta* de affecto,
Esperançosa de sentido.

Ha depois novo derriço:
Algum, mais desfructador,
Chega ao velho, e de mansinho,
Chama-lhe — *conquistador!*

Alcunha-o de rei do baile,
Roubador da perfeição,
O verdugo dos mancebos,
Centro de bella attenção...

O basbaque, abrindo a bocca,
Em alvar, feia careta,
Agradece, faz que néga,
E, d'um sorvo, engole a peta.

Firme então, na crença louca,
Eil-o, qual judeu errante,
No *madâmico* serviço,
Andarilho circumstante.

Serve o chá, o doce, a neve:
Vae com ellas, ao *toilette;*
Diz-lhe as horas, — elogia-as;
Acompanha-as ao retrete,

Vae cem vezes á janella,
Espreitar, se chóve, ou não;
Por vêr — desce e sobe escadas,
Se chegou sege, ou carrão.

Uma, pede o seu *regalo*,
Outra, a *touca d'abafar;*
Esta, o *chaile*, aquella a *capa;*
Chega o Lamina a suar,

Coberto de *redingótes*,
Pardessus, e o mais da lista,
Qual, de feira, adelo errante,
Ou cabide de modista.

E cercado, — como o fôra,
Por cadetes, um sargento,
Entre a feminil gralhada,
Distribue-lhe o fardamento.

Vão descendo: — elle acompanha;
Vae metter na carruagem
As que póde. — Já partiram.
Caminhando na bagagem,

Já, por lama, frio, chuva,
Eis o Lamina embuçado,
Indo, em passo de patrulha,
A tossir, — de queixo atado.

Chega a casa, sem resfolgo;
Bateu, uma, outra argolada;
Bem o ouve, mas não abre,
A ciosa ama — creada.

Eil-o bate novamente,
Inda mais lhe bate o queixo;
Té, que alfim, puxam a corda,
F da porta, aberto o fecho,

Entra, e sobe tateando,
Ás escuras, que a malvada,
Por pirraça, a luz apaga,
Quando o sente pela escada.

— Boa noite — diz submisso,
Em tom de lamentação;
Tentando, com humildades,
Serenar o seu dragão.

Debalde; zelosa furia,
Em creada d'homem só,
Se, demais, este é carola,
Na irmandade do chinó,

É qual bomba, dentro em casa,
Rebentando em mil pedaços,
Que suffoca, estruge, esmaga,
Com fumo, bulha, estilhaços.

Mais que espada alexandrina
Que o nó-gordio desatára,
É de lingua ciumenta,
Feminil, a força rara.

— Entretanto, a custo, o velho,
Põe-se em trajo de frasqueira;
Copo d'agua na banquinha,
O relogio á cabeceira;

E qual torta, estranha folha
Em bainha ferrugenta,
Assim, co'mirrado corpo,
Os lençoes, de vagar tenta.

Eil-o jaz. Mudo silencio
Só do quarto é perturbado
Pelo certo *tique-tique*
Do relogio pendurado.

O *maltez* entra de manso,
Salta á cama do patrão,
Acaçapa-se, ennovella-se,
Em fim, toma posição,

Quando a c'ruja da criada,
Que se não falla rebenta,
Vem trazer a lamparina,
E resmunga a mofinenta:

— Esta vida não é vida,
Tenho a paciencia gasta
São que horas, — quasi dia...
Para escrava já me basta.

Isto por uso e costume,
Deitar-me de madrugada!
Cuidarão que sou de ferro?
Que sou negra? — Sou criada...

Cuidam essas senhoritas,
Essas bonecas de trapo,
Que todo o mundo é doninha,
E só ellas são o sapo?!

Serão... — para esses basbaques,
Que, em vendo sáia de gomma,
Pasmam logo, nem que viram
O Padre Santo de Roma!

Cá por mim... — figas demonio!
Diz, e ao dito faz segunda
Feio gesto apropriado;
Cospe fóra, e segue a tunda:

Ah que se... Josefa Antunes,
Uma a uma... todas juntas,
Ora, aqui ás mãos colhera,
Saíriam... só defunctas —

«Vá, Josefa, deite-se, ande.
Não diz, que é tarde, que é dia?
Não dê, que fallar ao mundo.
Basta já de gritaria.»

— Isso mesmo! — Em casa, a negra,
Soffra, calle, — nem boqueje;
Os cavallões, lá por fóra,
Esses sim; — andam de sege!...

Mas, que me cortem a lingua,
Nem assim, m'heide callar. —
«Ó mulher, vá; não m'incita;
Por quem é, va-se deitar.»

«Não quero.» — Eil-a desata
Em berreiro esganiçado,
Foge o gato espavorido,
Salta o velho encanzinado:

Uma grita, outro ameaça;
Ella, quer-se ir logo embora;
Elle abranda, tosse, e pede
Que não vá: — eil-a, que chora...

Tambem elle!... Santo chôro,
Que serêna o vão furor;
Como, em camara comprada,
Deputado apagador.

— Assim, da esfalfada vida
Passa o resto sem bonança;
Em casa, ciume e trombas,
Por fóra, dura esquivança.

Teimoso socio, constante,
De risivel, louca empreza;
Por vencer, luctando morre,
A invencivel natureza.

Contrafeita creatura,
Inimiga do destino;
Quasi mumia semi-morta,
Dando-se ares de menino:

Eis o lamina. — É retrato,
Só contorno, a lapis preto;
Sem sombras; — por acabar...
Não sei mesmo, se esbocêto.

5 de Setembro de 1851.

J. DA C. CASCAES.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Viajante portuguez. — Um jornal de Barcelona diz a respeito das «Viagens ao Oriente» do Sr. José da Silva Porto, que alli se publicam, o seguinte: — «O interesse que inspira o conhecimento dos paizes que visitou, alguns dos quaes ainda não tinham sido bem estudados; a assignalada tendencia da nossa épocha para saber as leis e costumes de outros homens e sua historia e civilisação; os elementos que teve o auctor para desempenhar este assumpto na longa serie de 23 annos consagrados a tão arriscadas tarefas; nos fazem esperar com bom fundamento o feliz exito de sua recommendavel publicação.

«O Sr. Porto sahiu proscripto de Portugal, sua patria, no anno de 1828; dirigiu-se á America Meridional e depois de ter percorrido esta e a do Norte, passou ás ilhas de Sandwich, e destas ao continente Austral, á ilha da Nova Guiné, e pelo archipelago das barolinas visitou a China e correu a Asia. Tomando outro rumo seguiu a immensa costa de Guiné, e passando do archipelago de Cabo-Verde á Africa occidental, onde residiu, visitou a oriental e dirigindo-se desta pelo Oceano indico passou o estreito de Bal-el-Mandeb e pelo Mar Vermelho chegou a Suez e atravessou o deserto deste nome até á capital do Egypto. No Cairo mudou de proposito e projectou uma larga peregrinação naquellas regiões. Remontando o Nilo até Memphis examinou as vastas ruinas

de Thebas, as colossaes pyramides, os oasis verdejantes. Ao deixar a patria de Sesostris, cruzou de novo o deserto e navegando pela segunda vez no Mar Vermelho visitou Meca e progredindo pela Palestina encaminhou-se aos montes Sinai e Horeb, e dalli á terra de Canaan. Com o bordão de peregrino adorou os logares santos, subiu o Golgotha, aproximou-se aos cedros do Libano, ás margens do Jordão, aos valles de Sichem, de Bethlem, de Nazareth, e assentou-se sobre as ruinas de Tyro e de Sydon. Dizendo religioso adeus aos logares que viram nascer e morrer o Redemptor do mundo, continuou sua viagem para Alepo, e atravessando a vasta peninsula da Asia Menor entrou pela Stambul dos turcos na antiga Byzancio.

« Além disto o Sr. Porto nestes ultimos annos penetrou por tres vezes no oriente, percorrendo e estudando a Syria, o Egypto, a Palestina.

« Tão dilatada serie de viagens reunida ao exame continuo das leis e habitos dos povos que visitou, ao estudo da sua historia e monumentos, á observação das bellezas artisticas e naturaes, deu-lhe um conhecimento vasto e profundo de mui importantes ramos do saber humano. Por estas rasões cremos que será lida com interesse a publicação do Sr. Porto e que proporcionará idéas para examinar, emoções que sentir, tanto ao politico como ao poeta, ao philosopho como ao historiador, e em geral a todos os apaixonados de viagens. »

Factos relativos á Exposição de Londres. — Constando que o encerramento da Exposição seria definitivamente no dia 11 de Outubro, muitos expositores estrangeiros se dirigiram á commissão executiva para saberem se poderiam pôr á venda em leilão ou de outro modo, mesmo no edificio da Exposição, os objectos que para alli mandaram. Respondeu-se-lhes negativamente. Os commissarios regios não tem a menor intenção de se desviarem da regra que estabeleceram de não permittir venda alguma no edificio de Hyde-Park. Comtudo, os expositores que quizerem dispor de suas fazendas tem inteira liberdade de o fazer em outra qualquer parte, entregando-as, porém, sómente passado o dia 15 do mez proximo. Nesta épocha, os expositores, quer tenham vendido quer não, deverão retirar tudo o mais breve possivel, porquanto os commissarios terão de pagar aluguer do edificio a contar do dia do encerramento.

— Calcula-se que até fechar-se a Exposição a receita subirá a quatrocentas mil libras esterlinas (quatro milhões de cruzados). As despezas totaes montarão a metade desta quantia, restando por tanto duzentas mil libras disponiveis para objectos de utilidade publica.

— A corveta de guerra franceza *Licorne*, e o vapôr *Tanger* chegáram a Woolwich, e immediatamente passaram a Deptford, depois de terem desembarcado a polvora em Purfleet. O motivo da visita destes dois navios explica-se pela seguinte ordem do almirantado communicada ao commodore Henrique Eden, superintendente dos estaleiros de S. M. B. em Woolwich: — « Almirantado, 19 de agosto. Tendo o governo francez annunciado a sua intenção de enviar a Londres pela corveta *la Licorne*, commandada por Mr. Jehenne, e escoltada pelo vapôr *le Tanger*, os alumnos da eschola naval de Brest, ordenamos que sejam admittidos a visitar os arsenaes, e o departamento naval na Exposição. Devo tambem dizer-vos que é da intenção de suas senhorias que façais favoravel acolhimento ao capitão Jehenne e empregueis todo o cuidado em que os alumnos possam visitar o arsenal ou qualquer outro estabelecimento publico que lhes convenha examinar. — Os dois navios ficarão aqui por seis semanas, prazo da licença concedida aos alumnos para verem a Exposição e os arsenaes. »

Avantajadas producções vegetaes. — Diz o *Echo* do Porto que Bernardo Pereira, caseiro em Guifões, teve um pé de milho que produziu treze espigas ou maçarocas, outro doze, e outro oito. — Escreve o redactor do mesmo jornal que um amigo seu havia comprado um melão que pezava uma arroba e um arratel, pelo preço de 210 réis.

Ascensão ao Monte-Branco. — M. Alber Schmith, litterato inglez e mais tres compatriotas seus, alumnos das universidades de Oxford e Dublin esperavam havia oito dias em Chamounix que o tempo lhes permittisse trepar aos cumes do gigante dos Alpes. A final aos 11 de agosto passado, a atmosphera poz-se limpa; e João Tairraz, um dos mais experientes guias do valle, não hesitou em aconselhar a subida, e tomou o commando tendo escolhido quinze de seus camaradas, que pela maior parte haviam já feito ou tentado a perigosa viagem.

Fizeram-se ápressa os preparativos; colligiram-se entre outros comestiveis sessenta frangos, dezoito quartos de carneiro, sessenta garrafas de vinho velho, tres de aguardente de Cognac, duas de Champagne, em summa, quanto aquelles habitantes das montanhas calcularam necessario durante tres dias para 16 guias e os quatro inglezes. Moços de fretes, que acompanham sempre os guias para lhes poupar as forças, carregaram uns com as munições de boca outros com as lanternas, cobertores etc. e tambem iam munidos de grossas taxas para os sapatos.

No dia 12 ás oito da manhã, os viajantes e os guias, providos todos de oculos verdes e de veus nos chapeus, e armados de grandes bordões calçados de ferro, partiram de Chamounix, os guias a dois e dois e os moços carregados atraz. As mulheres e os amigos que ficaram na falda da serra assistiram á partida sem receios nem lagrimas; o céu estava tão puro, e os caminhantes eram tão moços e robustos que não havia que suspeitar perigos.

Feitas as despedidas, cada um procurou paragem donde melhor podesse acompanhar com a vista o progresso dos ousados viajantes; uns sobiram até a cruz de Flegére, outros ao monte Brevent. Primeiro viram-os passar felizmente além da grande geleira de Bossons; encontrarem em Pierre-de-l'Echelle a escada que se deixa alli e que serve para galgar as fendas do gelo, e chegarem á raiz dos rochedos denominados Grands-Mulets. Alli separaram-se dos portadores da comida e mais objectos, tomaram lenha de alguns troncos dos ultimos pinheiros que se topam naquellas alturas, e ás quatro e meia da tarde achavam-se sobre o fraguedo dos Grands-Mulets, onde tinham de passar a noite. Viu-se que accenderam lume e se deitaram de redor, depois a noite os escondeu aos olhos dos habitantes do valle.

João Tairraz, capataz dos guias, contou assim a ascensão. — «Vendo que ninguem dormia, que a noite estava clara e que as historias lugubres que os guias referem não deixavam de inspirar inquietações na comitiva, dei ás onze e meia o signal de marcha; quatro de meus homens tomaram lanternas, ammarraram-se uns aos outros por uma corda e foram descobrir caminho; encontraram um fojo immenso que não existia no anno passado, e gastaram-se tres quartos de hora para achar a extremidade: o restante da companhia poz-se silenciosamente em marcha.

Amarrados uns aos outros saltamos muitas fendas, das quaes a mais larga tinha seis pés, servindo-nos de ponte a escada, e tendo aberto no gelo duzentos a tresentos degraus que iamos alargando cada um de nós a subir, assim chegamos ao cimo do Monte-Branco ás nove da manhãa, seguidos de tres mancebos guias voluntarios.

Nenhuma nuvem se descortinava no horisonte, e dei parabens a mim mesmo por ter abalado tão cedo dos Grands-Mulets, porque tivemos de soffrer menos pela rarefacção do ar, e achamos a neve bastante solida para poder com o nosso pezo.

Os viajantes e alguns guias cederam á necessidade do somno que os perseguia. Ao cabo de dez minutos de descanço, bebemos vinho de Champagne á saude da rainha d'Inglaterra; e depois de havermos contemplado extaticos a Suissa, a Sardenha, a Lombardia, o Jura e uma parte da França, principiamos a descer alegremente e sem perjuizo. Nos Grands-Mulets recolhemos os nossos cobertores e resto de mantimentos que deixaramos alli, e viemos dar ás cinco horas da tarde á cascata do peregrino, onde as cavalgaduras esperavam os viajantes.»

Pelo fim da tarde, fogos de artificio annunciaram que da planicie era vista a caravana; toda a aldea sahiu ao encontro dos viajantes, e vimol-os entrar em Chamounix a dois e dois na mesma ordem da partida; mas não eram as mesmas caras alvas e rosadas, nem os olhos vivos, nem o andar ligeiro da vespera; os viajantes traziam o rosto de um vermelho sanguineo como se lhe houvessem esfolado a epiderme; os olhos injectados de sangue eram os orgãos que mais padeceram. Alguns tiveram de ficar em casa por alguns dias com uma pala diante dos olhos. Não obstante estes leves inconvenientes, causados pela reverberação do sol em a neve, todos voltaram mui contentes da viagem e jactanciosos de se terem juntado vinte pessoas no cume do Monte-Branco, cousa que, no dizer dos anciãos de Chamounix, nunca se tinha visto.

Esta ascensão (acrescenta a carta, que acabamos de extractar) custará a cada um dos viajantes quarenta libras esterlinas pouco mais ou menos.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 7. QUINTA FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

A Commissão encarregada da illuminação do Passeio Publico em beneficio do Asylo de Mendicidade tendo acabado de dar contas do resultado da grande festa da caridade que teve lugar nas noites de 31 de Agosto findo, 2 e 4 de Setembro corrente, tem ainda um dever a cumprir, o de agradecer ao publico em geral e a todos os bemfeitores do Asylo em particular a coadjuvação e auxilio que tão obsequiosamente lhe prestaram.

Se o pensamento desta festa foi coroado dos melhores resultados é sem duvida isso devido ás provas de simpathia e de caridade que a instituição do Asylo de Mendicidade merece aos habitantes desta capital.

A maneira franca e generosa, com que tantas pessoas concorreram com donativos para a rifa, a boa vontade com que por parte do Governo de Sua Magestade se prestaram as musicas militares desta capital, e outros objectos. — A protecção que a Commissão achou na Exm.ª Camara Municipal, nos Exm.os Governadores Civil e Militar e Commandante da Guarda Municipal, a boa vontade, zelo e dedicação com que muitas Sr.as da capital se prestaram ao improbo trabalho de vender as sortes da rifa, a coadjuvação que a Commissão recebeu da empreza do Real Theatro de S. Carlos, e a dedicação e serviços que lhe prestou o Sr. Onofrio Cambiaggio, a boa vontade com que todos os artistas das musicas militares se prestaram gratuitamente, o zelo com que os professores os Srs. Branco e Soller ensaiaram a grande orchestra, o valioso auxilio que prestaram os caixas da Companhia do Tabaco, e os bons serviços que fizeram muitos dos seus empregados, a renuncia que a companhia da Illuminação a Gaz fez da importancia de dezoito mil e quatrocentos réis que lhe pertencia pela illuminação do obelisco, o emprestimo gratuito de cadeiras que fizeram a Associação Mercantil de Lisboa, a Direcção do Banco de Portugal, a Companhia das Lezirias, e a Commissão administrativa do Theatro de D. Maria II, a promptidão e boa vontade com que os camaroteiros dos Theatros de D. Maria e de S. Carlos se prestaram gratuitamente á venda dos bilhetes, e emfim muitos outros serviços que seria longo enumerar, foram um poderoso auxilio que a Commissão recebeu, e que muito influiu no bom resultado dos seus trabalhos.

Cumpre finalmente á Commissão agradecer, em nome da pobreza desvalida, a todas as pessoas que tão caritativamente a coadjuvaram, e ainda que este agradecimento ha de ser feito directamente a quem pertence, nem por isso a Commissão deve deixar de consignar no registo publico da imprensa serviços que honram tanto as pessoas que os praticam como o paiz a quem ellas pertencem.

Lisboa 17 de Setembro de 1851. — Os membros da Commissão — *José Isidoro Guedes*, presidente. — *Antonio Joaquim d'Oliveira*, thesoureiro. — *Francisco Ribeiro da Cunha* — *Manuel Gomes da Costa S. Romão.*

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XXV.

A Austria appareceu na Exposição com todas as suas possessões, com todos os povos que formam o seu vasto imperio, italianos, bohemios, hungaros, alemães genuinos; e com essa diversidade de productos que resulta da differença de raças, que abrange a sua dominação. A' imitação da Inglaterra, a Austria poz-se em campo com um exercito inteiro de productores e de expositores; não é, pois, extraordinario que com o auxilio de todas essas vantagens da força e do acaso conquistasse um dos primeiros gráos no concurso industrial de Londres. Com os povos não alemães ganha ella victoria industrial. Poder artificial, gloria emprestada!

Todavia, o escriptor que copiamos, menciona os productos propriamente austriacos, que merecem admiração; e entre elles os que foram expostos pela typographia imperial, servindo-se neste logar das proprias palavras de M. Blanqui, que já transcrevemos neste jornal, art. XII sobre a Exposição, pag. 493 do vol. 3.º da 2.ª serie.

A exposição austriaca distingue-se tambem pelos seus ferros da Styria, pelos chales ordinarios que rivalisam com os de Nimes, pelos pannos de lã

ordinarios que são mui procurados, e pelos trastes de madeira, que, se accusam falta de gosto, revelam comtudo grande fortaleza e arrojo no traçado e perfil.

Os cristaes de Bohemia conservam a sua superioridade, sobretudo na ausencia das fabricas francezas, que em St. Louis e Baccarat, por exemplo, fazem prodigios, e que se abstiveram de comparecer; mas porque se abstiveram?... Porque os senhores fabricantes são prohibicionistas.

M. Morel, deixando este assumpto passa a tratar dos varios diamantes que fulguram no palacio de cristal, representando só elles á sua parte valor de mais de 150 milhões de francos.

A peninsula indica, o Brazil, Borneo, a Siberia, e a vertente occidental dos montes Uraes, são as regiões quasi unicas onde se encontram diamantes. O seu logar geologico parece ser uniformemente n'um terreno de seixos roliços, presos por uma especie de cimento de areia ferruginosa... Desde os mais remotos tempos, tem sido celebrada a India pela belleza e volume de seus diamantes; os mais famosos foram achados nas provincias de Golconda e Visapur.

As principaes minas de diamantes do Brazil foram descobertas em 1728; a mina mais rica desta região é a de Mandagra, ao norte do Rio de Janeiro; ahi se apanham os diamantes mesmo no leito do rio. Extrahe-se a areia ou saibro, poem-se a seccar, e depois se formam com a denominação de *cascalho* monticulos que se deixam até á estação das chuvas: procede-se então á operação da *lavagem* ou passagem do saibro por agua, que é feita com o maior cuidado, e os negros occupados neste trabalho são rigorosamente vigiados. O escravo que acha um diamante de peso excedente a 17¼ *quilates*, 70 grãos, recebe sua carta de alforria.

O diamante é cristallisado em forma octaedra, quando se parte os seus fragmentos ficam octaedricos. Os diamantes tiram para a côr esverdeada, para amarello, azul, e côr de rosa; porém, o mais estimado é o branco ou incolor. A arte de lapidar estas pedras preciosas foi introduzida por Luiz Burgher de Bruges, no anno de 1456. O seu peso e preço calcula-se por quilates, e são necessarios 150 para uma onça. Avalia-se a differença de valor de dois diamantes em rasão da fórma e do quadrado do seu pezo. O preço medio de um diamante bruto no commercio é de 50 francos por quilate (oito mil réis, tomando o franco a 160 réis); o mesmo diamante lapidado custará 200 francos (32$000 réis) o quilate.

O calculo seguinte fará comprehender o rapido accrescimo de preço que esta lei dos quadrados dá aos diamantes: — um diamante lapidado de tres *carats (quilates)* vale 1:800 francos; de quatro, 4:000 francos; de cinco, 5:000 francos; de dez, 20:000 francos; de trinta, 180:000 francos, de quarenta, 320:000 francos; de cincoenta, 500:000 francos; de sessenta, 700:000 francos; de cem, 2.000:000 francos, etc.

Entre os mais notaveis que existem, contando o Koh-i-noor *(montanha de luz)* e o Nizam (de que fallámos já começando a tractar da Exposição), ha o diamante azul de M. Hope, exposto no palacio de cristal, e que peza 177 grãos; o diamante do grão Mogol de que falla Tavernier, e que pezava perto de 450 quilates; o diamante que serviu de olho ao famoso idolo de Sheringham, e que peza 195 quilates; o *regente* que pertence á França, e tem de pezo 136 quilates; e o do grão-duque da Toscana, que peza 139 quilates.

As minas do Brazil dão annualmente dez a treze libras de diamantes, dos quaes sómente 800 a 900 quilates são proprios para a arte de lapidario; o resto serve para eixos dos relojos de preço, para cortar o vidro, e afeiçoar e pulir as pedras preciosas.

Entre as outras pedras que brilham como joias ou adereces, e que são, segundo se diz, uma das mais formidaveis tentações da formosa metade do genero humano, a saphira occupa um dos primeiros logares: a sua transparencia e bella côr a collocam na estimação dos lapidarios quasi a par do diamante. As saphiras azues são muito estimadas, e conhecem-se pela denominação de orientacs; ás vermelhas chama-se rubins orientaes, ás amarellas topazios, ás rôxas ametystas. As mais lindas saphiras azues vem de Ceylão, e os rubins mais ricos sahem das montanhas de Avá, as mais pequenas pedras da mesma especie encontram-se na Saxonia, na Bohemia, e mesmo na Alvernia.

A esmeralda, de magnifica côr verde, transparente e carregada ao mesmo tempo é a altiva rival da saphira e do rubim, chega até ao valor do diamante: os mais bellos specimens vem do Peru, onde as acham n'uma especie de schisto cinzento misturado com quantidade maior ou menor de carbonato de cal. Muitas taboletas da Exposição de Londres contém preciosas esmeraldas, que as visitantes não cessam de admirar. A granada, de menos valia, abunda na Alemanha. A chrysolita é uma especie de topazio Branco. O quartz ou acido silico cristalisado lapida-se tambem como joia; se imita na forma a chalcedonia e é colorido diversamente pelos oxydos metallicos, toma os nomes de olho de gato, de chrysopasio, de onyx, de sardonyx, etc.: tem apparencia vitrea e a fractura é conchoide. Lapidarios inglezes e escocezes composeram com ellas para a Exposição enfeites de muito bom gosto.

A opala preciosa, porque tambem ha opala commum, alcança ás vezes o preço do diamante: acha-se na Hungria, nas ilhas de Feroe e no Mexico. Finalmente, a turqueza é sobretudo estimada sendo azul ou pelo menos predominando nella esta côr.

DESCOBRIMENTOS DE MR. ADOR — NOVO SYSTEMA DE ILLUMINAÇÃO.

Em todos os tempos o homem encaminhou as suas faculdades para os meios de melhorar a sua sorte e as condições da sua existencia. Em todas as epochas se manifestou esta especie de inclinação instinctiva para um alvo determinado, a perfeição, quanto é possivel a perfeição sahindo da mão do homem. Deste modo cada geração tirou proveito dos descobrimentos das que a precederam, e acarretou sua pedra para a construcção do edificio que tinham começado as anteriores.

É uma lei natural; sem ella não haveria progresso; e o progresso é inherente á natureza humana. A todos esses aperfeiçoamentos successivos devemos os resultados inesperados em todos os ramos dos conhecimentos ao alcance da nossa especie. Porém, os que realmente merecem esse nome, os que produziram revoluções na industria, nas artes e nas sciencias, não foram feitos senão por homens de grandissimo talento, homens raros, e que são outros tantos marcos que a Providencia colloca de distancia a distancia para servirem de guias aos outros, e para ella chegar ao complemento de seus designios. — É notavel que esses homens de engenho superior só encontraram em sua vida obstaculos e perseguições: presta-se testemunho de louvor e de justiça ás suas obras, quando os inventores tem cessado de existir. A ignorancia recusa á primeira vista acreditar, porque lhe parecem impossiveis os resultados que se annunciam: o egoismo, a ambição, a inveja, funesto e deploravel trio, amendrontados *só* com a idéa de perfeição procuram denigrir o que não souberam inventar.

Não nos admiremos hoje, se os descobrimentos relativos ás coisas mais usuaes, e que dão os mais proveitosos resultados, ficarem por muito tempo na obscuridade; não querem examinal-os, receiam conhecel-os; ou então suspeitam que não ha adiantamento possivel; e nesse caso muito se enganam, porque as obras do homem são e serão sempre susceptiveis de aperfeiçoamento.

Quantos melhoramentos não se tem introduzido nas applicações do vapor como força motriz?... Tantas maravilhas excitam quotidianamente a admiração dos povos, e nos mostram a capacidade de que é susceptivel o homem.

A tarefa torna-se cada vez mais difficil, mas não é impossivel: — *o gerador trinitario de calorico, de força motriz, e de luz,* do quimico Ambrosio Ador, é um testemunho brilhante. O doutor Titon aconselhando o exame das circumstancias referidas nas exposições de experiencias concludentes, feitas por homens competentes, trata tão sómente do systema de illuminação imaginado por Mr. Ador; o qual, reunindo as vantagens hygienicas ás economicas tem o cunho da perfeição.

Desde o começo das sociedades a conservação da saude é um objecto da primeira entidade; os homens encarregados do destino dos povos erigiram em leis os preceitos da hygiene, e até se valeram da auctoridade da religião para que os observassem povos ignorantes e rudes, incapazes de avaliarem a utilidade desses regulamentos. Depois, todos os esforços dos homens dedicados a beneficiar a humanidade determinam-se por esta tendencia. Estas poucas palavras dispensam o que se poderia dizer da hygiene na epocha em que vivemos.

Attinge-se a perfeição n'um systema de illuminação, tendo-se exposto á vista uma luz artificial que é, por assim dizer, a continuação da luz solar pela sua pureza, e immobilidade, e pela uniformidade com que são distribuidos n'um local os raios luminosos.

O gaz ordinariamente empregado dá uma luz azulada e amarellada, sobretudo desde que, empregando-se o *contador*, se distilla o carvão desmedidamente. Obtem-se assim um gaz rico em hydrogenio, pobre em carbone, e por tanto em *força de alumiar.* Como consequencia da impureza do gaz, a chamma é vacillante, e todos conhecem os funestos effeitos desta scintillação sobre o orgão da vista. — Outra vantagem do systema Ador é a ausencia desses productos de alcatrão, oleosos, resinoides, cuja combustão produz uma fumaça negra e densa, e um cheiro que provoca nauseas, e tosse muitas vezes teimosa em pessoas que não tem os orgãos respiratorios muito irritaveis. Demais, este fumo incompativel com a saude enxovalha promptamente os tectos, os papeis, as cortinas etc. Todos estes inconvenientes se evitam pelo emprego do systema que o doutor Titon elogia.

«Não terminarei (diz elle) sem dar succinta indicação dos processos praticados por Mr. Ador para que o seu methodo de illuminação reuna as condições essenciaes que deixo apontadas; o que me fornecerá occasião para dizer duas palavras sobre a simplicidade dos aparelhos e a facilidade com que se podem montar com pouca despeza em qualquer logar.

O problema resolvido é este: — «procurar corpos *comburentes* e combustiveis de preço barato, e pôl-os em relação entre si em proporções taes que se combinem pela lei dos equivalentes quimicos.» — Deste modo sendo a combustão inteira e completa, não fica residuo algum nocivo, resultando economia, e pureza da chamma.

Para este effeito, gaz hydrogenio puro, desprendido pela reacção do acido sulphurico sobre a agua, e aparas ou limalha de zinco ou de ferragem velha, chega a uma bola ouca posta nos bicos e cheia na terça parte ou metade com um hydrocarburo. Favorecido pela leve elevação da temperatura, o gaz hydrogenio duplica de volume bem depressa naquella esphera; satura-se da força illuminadora, por excellencia, o carbone; e chega á extremidade do bico a por-se em relação com o duplo ou o triplo de ar atmospherico; deste modo a substancia illuminadora arde com maior intensidade, e evita-se a perda consideravel (quasi metade) que necessariamente tem logar quando o gaz não é dilatado.

Por esta fórma, o gaz é tirado da agua, o oxygenio é tomado do ar, e o carbone dos hydrocarburos d'antes refugados no commercio e hoje de excessiva barateza. Finalmente o acido sulphurico dá, com o oxygenio da agua e o metal, sulphato de zinco ou de ferro, cujo valor é conhecido.

Com o apparelho de Mr. Ador, que o franquea para ser examinado, rua Favart n.° 18 (em Paris), póde qualquer fabricar o gaz, alumiar-se como quizer, independente de seus visinhos, quer nas cidades, quer nos campos, quer n'uma habitação solita-

ria. Ao contrario, com a illuminação actual é necessaria quantidade bastante de consummidores para occupar um laboratorio que fabrica o gaz em ponto grande. Não se creia que o aparelho de Mr. Ador não é applicavel á illuminação actual; tambem nella produzirá economia, e sobretudo um excellente resultado em rasão do beneficio obtido pela dilatação a que é submettido o gaz antes de se pôr em relação com o oxygenio da atmosphera.

O sabio quimico obviou a todos os inconvenientes do systema de illuminação, e alcançando tão brilhantes resultados assegura uma economia de mais de 50 por cento.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 64).

105 POUDINGUE QUARTZICO.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de S. Thiago de Cacem, freguezia de Melides.

É empregado para fazer mós de moinhos.

106 CALCAREO ARGILLOSO SILICIO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho dicto, freguezia de St.ª Victoria.

Empregado na construcção de mós de moinho.

107 CALCAREO SEDIMENTOSO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Moura, freguezia dicta, junto á villa.

Empregado na construcção de mós de moinho.

108 CALCAREO COM SERPENTINA. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Vianna.

Toma um bom polimento.

109 PEDRA LITHOGRAPHICA. CALCAREO LITHOGRAPHICO. — Expositor, Dejant, residente em Lisboa.

Serra da Arrabida, Estremadura.

110 PEDRA LITHOGRAPHICA. — Expositor, Dejant.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, junto á villa de Cezimbra.

111 PEDRA LITHOGRAPHICA. — Expositor, o Contracto do Tabaco.

Da Serra da Arrabida.

112 PEDRA LITHOGRAPHICA. — Expositor o Contracto do Tabaco.

Da Serra da Arrabida.

113 PEDRA LITHOGRAPHICA. — Expositor, Duque de Palmella.

Das propriedades do Duque de Palmella em Calhariz.

114 PEDRA LITHOGRAPHICA. — Expositor, Dejant.

De Cezimbra.

115 MASSASSES. — Expositora, a Inspecção das Obras Publicas.

Das ilhas dos Açores.

116 TETIM. — Expositora, a Inspecção das Obras Publicas.

Das ilhas dos Açores.

117 BAGACINA. — Expositora, a Inspecção das Obras Publicas.

Das ilhas dos Açores.

Estes tres productos servem misturados com cal, para fazer um betume hydraulico, chamado argamassa.

118 SERPENTINA. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Béja, concelho de Castro Verde, freguezia dita, a 10 minutos S S E da villa.

119 PEDRA METAMORPHICA, PARECENDO ENRITE. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Castro Verde.

Toma um magnifico polimento, tornando-se de um bello effeito.

120 CALCAREO CRISTALINO — em francez chamado, *Marbre rougeveiné*. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, freguezia de St.ª Iria, sitio, outeiros das Cruzes.

121 MARMORE VIOLACEO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Estremoz, freguezia dita.

122 MARMORE BRANCO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Borba, freguezia de S. Thiago de Rio de Moinhos. Nas serras ao S O de Borba.

123 PORPHYRO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Vianna.

124 MARMORE ENCARNADO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia da Estremadura, districto de Lisboa, concelho de S. Thiago do Cacem.

125 BRECHE CALCAREO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Ponte de Sor, perto da villa.

126 SERPENTINA COM CALCAREO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Vianna.

127 MARMORE ROSADO COM VEIOS VERDES. — Expositor Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Campo Maior.

128 MARMORE ROSADO E BRANCO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, serra do Ficalho.

Este marmore sendo polido, é de magnifico effeito.

129 MARMORE ROSADO E BRANCO EM FITAS. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, serra do Ficalho.

130 MARMORE VERMELHO COM VEIOS BRANCOS. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, freguezia de St.ª Iria, sitio, outeiro das Cruzes.

131 PORPHYRO VERDE E BRANCO. — Expositor, Carlos Bonnet.

Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Castro Verde, freguezia dita.

132 MARMORE ROSADO COM VEIOS VERDES. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Portalegre, concelho de Campo Maior.
133 MARMORE BROCATELLE. — Expositor Dejant.
Provincia do Alemtejo.
134 MARMORE VIOLACEO COM VEIOS PRETOS.
Provincia do Alemtejo, districto de Evora, concelho de Estremoz.
135 MARMORE.
De Vallongo, sitio, Mato do Conde.
136 MARMORE.
Da Serra de Monsanto, sitio d'Oliveira das Mesquitas.
137 MARMORE.
De Oeiras, sitio da fonte de Campolisa.
138 MARMORE.
Ribeira d'Alcantara, junto aos Arcos das Aguas Livres.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VI.

DE UM ARGUEIRO FAZ-SE UM CAVALLEIRO.

O padre Fr. João dos Remedios e o seu amigo Filippe, descendo do dormitorio, chegavam ao cruzeiro, quando o relogio dava oito horas da manhã; ao mesmo tempo, ainda tremulo da visão do terrivel Onofre Crespo, apparecia o sr. Thomé das Chagas, do lado de Santo Antão. O procurador entregou-lhe a carta, e o devoto, depois de beijar a manga, como Judas beijou a Christo, partiu direito para o collegio dos jesuitas.

— « Agora estamos desembaraçados; podemos ir » — disse o dominico ao seu amigo.

— « Fr. João, cada qual é como Deus o fez. Assim não quero. Sou teimoso; escusas de te cançar; nem que me levem arrastado vou! »

— « Valha-me Deus, Filippe! Queres que eu appareça adiante, e prepare o animo de tua mulher?... »

— « Quem te pega?. Dize-lhe, ouves? que sou o maior amigo do heroe elogiado: e não a enganas. Tens até licença para fazeres um poema epico. Anda; põe-te ao fresco; dispõe essa gente.... »

— « Só uma coisa te peço, Filippe; trata o commendador com respeito. É homem de qualidade, grande sabio, e está costumado a toda a contemplação: talvez o aches um tanto exquisito; mas excellente de coração. Não ha ninguem isempto de defeitos, tu o sabes. »

— « Pois sim, vae socegado. Poremos o commendador macio que nem um veludo, não tenhas cuidado. Acredita que não me obriga a virar de bordo com toda a sabedoria! Ao primeiro tiro, disparo-lhe a metralha, e bum! leva salva real; tu verás. »

— « Deus permitta! Então, daqui a meia hora?... »

— « Está dito. Daqui a meia hora. Ouve cá. O commendador é curioso, gosta de raridades? »

— « Foi sempre o seu vicio. »

— « Famoso homem! E de animaes? Tenho uma idéa. Bem! Dou-lhe um presente de deitar a mão abaixo. Mas é que elle merece-o. Quem levou para casa minha mulher, e aturou as verduras das raparigas? Adeus Fr. João. »

O commendador Lourenço Telles morava na rua das Arças. A sua casa, de dois andares, tinha varanda saccada. A parede sahia por cima da porta, abocetada em fórma de armario, muito similhante a algumas, que ainda hoje vemos no antiquissimo bairro de Alfama. A rua era menos estreita e mal assombrada do que as da visinhança; podia passar por alegre em vista dellas. Lourenço Telles occupava a casa toda; e em perto de cinco annos, só tres ou quatro vezes tinha sahido a pagar algumas visitas de cumprimento.

Na sala, aonde o commendador persistia mais, rasgavam-se tres janellas grandes; e a claridade animava-a entrando á vontade. As paredes eram forradas de coiro vermelho com lavores de prata; a papeleira de pau-santo, lavrada com primor, e ornada aos cantos de cabeças de cherubins, e as columnas torcidas de capiteis floridos, attestavam a opulencia do velho erudito. Um escriptorio (secretária) precioso de charão, embutido em arabescos chinas, e ornado de armarios de portas de espelho, defronte da papeleira, tinha a gaveta cahida, e sustentava uma escrevaninha de feitio e dimensões curiosas. Cadeiras de costas e pés arrendados, abertas em bellissima talha, vestiam o aposento; nos assentos representavam, em matiz delicado, algumas scenas da Eneiada, e os espaldares variados retratavam as mais raras aves do Ganges e do Nilo. Eram bordadas na Asia, e a perfeição do trabalho parecia inimitavel. As altas estantes, torneadas e entalhadas a capricho, vergavam com

o peso dos volumes. Em um bofete, coberto de damasco, brilhavam duas jarras do Japão, daquelle barro transparente como vidro, daquelle azul e oiro finissimos, cujo segredo hoje se perdeu, talvez. Duas talhas da India, grandes e magestosas, aos cantos da casa, descançavam sobre leões doirados. As cortinas das janellas, e os reposteiros das portas, em varetas prateadas, ondeavam as prégas de vistosa tela verde, apanhadas em cordões de seda, com belotas de oiro.

A cadeira do commendador era semi-circular, assento de estofo carmesim, costas abertas em grinaldas de rosas, imitando um açafate de flores; pés de garra, com seu globo nas unhas. Feitio esbelto e caprichoso, em que a arte se combinava com a commodidade. Diante de si um velador grande, tambem de pau-santo, de pé lavrado de passarinhos em ramos de acantho, servia de banca de escrever a Lourenço Telles, e viam-se em cima delle varios livros, um covilhete com arroz cozido, e um pucharo de geleia especial. Ao lado um contador de pau da India, marchetado de griphos de madre-perola, com sphinges nos pés, sustentava dois pagodes de marfim e uma curiosa fonte chineza.

O commendador devia ter sido o que se costuma dizer um bonito homem; e, apesar dos seus oitenta annos, e dos estragos da doença, a sua velhice não era repugnante. Os olhos azues um pouco distingidos de côr, porém de uma luz ainda clara; a pelle branca e rosada, posto que cheia de rugas; a bocca fina e pequena; e as boas proporções do corpo, davam-lhe muito agradavel apparencia. As feições regulares e o ar obsequioso, infundiam respeito, e não constrangiam. O sorriso, abrindo a phisionomia, era jovial e chistoso, porém rara vez ironico. Via-se no sabio octagenario o tipo cortezão em toda a pureza. Na realidade, poucos homens tinham visto e observado mais o mundo; poucos o teriam gosado tanto, vivendo na sociedade escolhida cincoenta annos, como elle, sem commetter um sollecismo de ceremonial, ou esquecer a mais insignificante formalidade. Nestes pontos era e fôra sempre o manual da polidez; e em toda a parte, por onde viajou, deixára honrosa memoria de si. Escravo da moda, Lourenço Telles parecia o Mathusalem mais namorado de Lisboa. Um moço peralvilho — um frança, como então se chamavam os petimetres — não o excedia no apuro, que ainda dedicava ás ruinas da eclipsada elegancia.

A cabelleira penteada e lustrada de preciosos oleos, soltava em toda a frescura dos polvilhos, sobre os hombros, as bolsas de canudos annellados, a que só dava a sezão devida o calor do forno. Os çapatos de salto, com tacões vermelhos, tinham o verniz transparente, que o gosto de então exigia imperiosamente. Os topes ou rosetas de fitas, em vez de fivelas, assentes longe do peito do pé, disfarçavam a sua grandeza, tornando-o á vista mais breve e airoso. A volta de cambraieta de rendas era daquellas, que enroladas no pescoço por uma ponta, devia o criado ajustal-a com força para ficarem justas, e o sangue rebentando das faces. Calções estreitos do corte mais moderno; botões de diamante nos punhos do camisote; bordadura esplendida na vestia; franjões de oiro no canhão das luvas, esquecidas em cima da cadeira; e roupas de chambre de seda « primavera », de flores e ramos largos, soltas por cima do fato, completavam o esmerado vestido do velho-menino. O chapeu, guarnecido, e apresilhado com primor, estava ao lado do espadim de copos dourados, e punho cravejado. A bengala de unicorne, de castão de oiro, com sua esmeralda engastada, via-se ao lado da cadeira. Toda aquella mumia, (porque a magreza do commendador era extrema) rescendia aos aromas mais custosos.

Um gato de casta franceza, quasi da especie, hoje chamada « Angorá » estava deitado aos seus pés, branco e assedado como um arminho, indolente e gordo como um sultão, enroscava-se em um coxim, com as patas dobradas debaixo da cabeça, enrolando o corpo na voluptuosa curva, que exprime a suprema beatitude da raça felina. Um dos olhos meio fechado espreitava a sala, em quanto o outro dormitava, piscando-se com delicias, como para dizer á restea do sol que o aquecia: — sou completamente feliz!

Da outra parte, sobre meia columna de nogueira, pousada em uma peanha, um papagaio cabaceiava no poleiro ou dava bicadas no comedoiro, soltando roladas stridulas.

De vez em quando, Lourenço Telles dava uma colher de arroz ao Lindo, e pedia-lhe o pé, interrompendo para isso a mais interessante leitura; ou deixava engulir uma sopa de geleia ao gato, com eminente risco de uma farpa nos calções, ou na meia de seda côr de rosa. O que se notava neste velho singular, era a graça innata, que lhe realçava as acções, ainda as mais ridiculas. Era a naturalidade e o ar de grandeza, que revestia este mixto de ancião e de mancebo,

fallando de erudição como um sabio, discorrendo como um philosopho, e figurando como peralvilho impenitente!

Em cima do velador estavam abertas muitas cartas com as assignaturas de D. Luiz da Cunha, do conde de Tarouca, e de Diogo de Mendonça, provando que era activa a sua correspondencia com estes homens eminentes. Papeis de versos em francez e castelhano, as obras de Tacito e de Virgilio, o *Orlando* do Ariosto, e as tragedias de Pedro Corneille, encadernadas em veludo, a par do livro de Horacio, aberto e sublinhado, quasi em cada verso, attestavam que lhe era familiar a conversação das musas antigas e modernas.

O commendador não estava só; fazia-lhe companhia um homem alto e delgado, de presença gentil, e tracto mavioso. A cabeça deste não se ornava dos fataes massacrôcos de canudos, que se enrolavam pelos hombros de Lourenço Telles; entradas grandes em uma testa elevada e calva, da mais bella expressão; a pelle fina, e côr de rosa frouxo; o rosto comprido sobre o oval, os olhos rasgados e cheios de animação; e uma bocca pequena e séria, com soffriveis dentes, compunham aquella profunda, clerical, e serena phisionomia, capaz de inspirar um excellente painel de S. João Chrisostomo. Os gestos do personagem eram graves e compassados; o riso discreto; as palavras poucas e pesadas a minutos. A estatura arqueava-se alguma coisa, como é de uso nos eruditos; o corpo, apesar de magro, tinha certa elegancia; as tibias extensas e nada grossas tornavam-lhe as passadas longas e magestosas. Vestia sempre côres escuras; e o talhe meio secular e meio profano não desmentia a gravidade da presença. A bengala de castão de porcelana japoneza, de feitio exotico, servia-lhe mais de taboleta, que de encosto; assim como a antiquissimo annel egypcio, de um só rubim, mettido no dedo á maneira episcopal, era ostentado com estudado desleixo. Sinetes de camafeus, em vidrilhos pretos, pendiam dos dois relojos que trazia. Este uniforme scientifico-prelaticio, tinha a vantagem de poder figurar aos credulos, que o sabio era pelo menos bispo *in partibus infidelium*. Toques originalissimos no gesto solemne, e na contracção mimica do rosto, completavam este retrato. A caixa de oiro oval, de tampa lavrada, abria-se lentamente, e levantava o sabor das citações ao oraculo com a classica pitada.

Esta figura agradavel, e nada antipathica, fazia-se chamar o abbade Silva, posto que muitos lhe negassem a abbadia, e que outros maliciosos jurassem que nem ordens sacras tinha. O abbade honrava as casas dos fidalgos de frequentes visitas; e servia de conselheiro aulico aos seus illustres amigos nos casos intrincados. Com as senhoras docil e sociavel a ponto de se lhe prestar como escudeiro servente; umas vezes, oh excesso de civilidade! qual ama carinhosa, levando os cachorrinhos de fralda nos braços; outras, feito estribeiro ou volantim, e sustendo na fuga a hacanea valida ás delicadas clientes. Finalmente senhor dos segredos de toucador, e modista masculino, compondo á franceza ou á alemã esses empinados toucados, cujas grimpas foram as delicias de nossos avós. Genio universal a arte poetica e a arte da cosinha, os tractados scientificos ou os roteiros de bailes e de festejo eram versados por elle com mão diurna. Não admira, pois, que esta utilidade humana, cujo theatro era a boa companhia, tivesse de mais ainda a rara prenda de ser para os estudiosos um archivo ambulante de noticias microscopicas, um catalogo eterno de suppostos manuscriptos, que se dignava condecorar de titulos imaginarios. O erudito cobria a nudez do espirito e a pobreza do sizo com a sua dignidade perpendicular; e affectava a sciencia infusa, esbrugando as phrases e deixando-as cahir a uma e uma como perolas. Era auctor de cinco tractaditos notaveis pela magreza do texto e hydropica inchação das notas, e ainda mais pela exquisitice dos assumptos.

No primeiro, confessou dez annos cavara as minas historicas até averiguar, se acaso certo viso-rei da India morreu ou não de bexigas doidas! No segundo, (a obra prima) doze annos consumiu em apurar a natureza do milagre, que despegou as pernas a Affonso Henriques. E para eterna gloria da sua época, descobriu um pergaminho cheio de nodoas, que era (dizia elle) uma doação authentica toda do punho do conquistador de Lisboa « *de mui buena lettra* » em que se declarava ter S. mercê El-rei sido curado pela virtude da famosa receita da podrága, achada na caveira de St.º Thyrso pelo seu ayo Egas Moniz. No terceiro opusculo (coisa sublime!) chegou a reunir uma collecção de maximas authographas de todos os reis de Portugal, começando em Luso e Abidis, e acabando em D. João IV, com a qual vingou os reaes garafunhos do esquecimento calygraphico. Finalmente, as paginas mais variadas da sua penna eram sem questão duas memorias consagradas a provar que as bar-

bas de D. João de Castro entraram ruivas quando as empenhou em Goa, e sahiram pretas quando as resgatou. Cinco paginas de texto, em cada uma, locupletadas com setenta paginas de notas enchiam de erudição este ensaio capillar; só a venda avulsa rendeu para o escriptor charidoso vestir seis orphãos de ambos os sexos.

O commendador e o abbade conversavam havia tempo de obras classicas e de estylos litterarios. O Aristarcho ecclesiastico opinava a favor dos modernos, o erudito secular defendia a sabia antiguidade. Ambos revolviam nomes, datas, e titulos de livros, com a facilidade do anatomico estudando *in anima vili*.

— « Sustento! — exclamou o commendador — Abram Tacito, e verão. Nenhum moderno e capaz de escrever assim. Dou o melhor diamante se apparecer exemplo. »

— « Ah, commendador, e a poesia? Faça uma excepção a favor de Ariosto, o divino? »

— « Abbade, antes d'Ariosto existiu Apuleo! Antes do Orlando houve o Burro de Oiro. — Gosta de pinturas livres, de phantasias vivas? Ahi as acha. Os modernos não o excedem. »

Observando isto Lourenço Telles sorvia com delicias uma pitada, e fechando a caixa, cuja tampa representava uma Venus em admiravel nudez, deu na tira da camisa dois piparotes para sacudir o tabaco.

— « Nenhum dos modernos, — continuou elle depois — « nenhum, disse com uma phrase o que Tacito insinúa quando quer. Por exemplo: « *ipsa etiam pace sævum!* » «Era cruel até a paz! » — Meu amigo hoje ha outras glorias, mas em historia, *caput obnube!* Esconda-se o rosto! Os Tacitos e os Polybios não se repetem. «

— « Mas a clareza, passando por Tacito, faz-se obscura como a noite? — sugeriu o padre.

— « Ditos escholasticos! Não o conhece quem quer, é verdade; mas conversado com familiaridade percebe-se logo. » Acudiu o erudito esfregando as mãos com velocidade.

— « O que é defeito, hade concordar — proseguiu o abbade pouco lisongeado da esfregação de mãos do seu amigo. » — Lembra-se de Horacio?.... A brevidade torna-me sibilino? *Brevis esse laboro obscurus fio?*

— « Parece-lhe então Horacio claro? Pois eu não acho; e lido com elle todos os dias. Veja a Ode *Cur me querelis exanimas tuis!* o poeta jura ser inseparavel de Mecenas até na morte... »

— « Jurou falso! — interrompeu o ecclesiastico, rindo estrepitosamente. Mecenas se esperou o amigo inseparavel, fez muito mal... »

— « Perdoe! Calumnia Horacio: *Non ego perfidum dixi sacramentum!* E é verdade. Não pronunciou voto perjuro. Para eterno lucto das Musas, seguiu o seu *carpere iter comites parati*; morreu no mesmo anno. »

— « É a versão vulgar, atalhou com um sorriso vaidoso o critico abbacial. — Mas os homens doutos, Sr. Lourenço Telles, separam-se do vulgo servil dos commentadores. Em um manuscripto rarissimo, que achei na Bibliotheca do Duque enriquecido de preciosas notas de Petrarcha, o erudito, descubri a verdadeira data da sua morte. »

— « Abbade, está bem certo de que o viu? — perguntou o commendador com ironia. — Póde saber-se o titulo desse prodigio, se existe o titulo? »

— « Amanhã! Vi o manuscripto, Sr. Lourenço Telles. Digo-lhe que o vi » — respondeu o ecclesiastico, corando e balbuciando.

— « Pois, Sr. abbade, já não é pouco; parece-me que ninguem mais o tornará a vêr. A mim hoje basta-me isto. *Obiit Horatius anno ætatis* 59, *eodem quo Mecenas.* O que significa: Horacio morreu de 59 annos de idade, no mesmo anno, em que falleceu Mecenas. É o que dizem todos, até nova ordem do seu manuscripto imaginario. Será modesto mas é verdadeiro. »

— « Imaginario? — exclamou o abbade alçando a dextra com dignidade — « imaginario; Sr. Lourenço Telles, louvado Deus sei latim, e agradeço-lhe a traducção infantil, com que me regalou. Quanto ao Petrarcha, elle e eu rimonos da simplicidade dos remendões de livros que são o seu Evangelho. »

— « Linda imagem! Pois não! O Sr. abbade já não póde acompanhar senão com Petrarcha para se rir da minha simplicidade. Excellente! Mas sabe uma coisa? O seu manuscripto aposto que existe na lua, aonde pára aquelle famoso livro dos *Pavões*, que me fez procurar tres mezes e que teve a crueldade de imputar ao pobre Garcia de Resende, que Deus tem em santa gloria? »

— « Quem não vê, não acha — respondeu o ecclesiastico em ar de mofa. — O Sr. commendador entende mais de cortezias e mesuras, do que de antigas lettras. »

— « *Non ego offendar nugis!* Os piparotes não me tocam. — exclamou Lourenço Telles com os olhos scintillantes. — Conheço-me! Oxalá que outros fizessem o mesmo! »

— « Oh modestia rara! » — atalhou o abbade com indignação.

— « De certo — proseguiu o erudito com as faces acesas — mas graças a Deus ainda não fiz o ridiculo papel de muita gente, traduzindo *centimanus Gias*, por Gias de mão na cinta. »

— « É falso! » — gritou o abbade dando um pulo.

— « Não se agonie! fallo de um parvo, não fallo de um sabio da sua reputação. O socio de Petrarcha!.. » — Lourenço Telles aqui abaixou a cabeça com malicia, e riu-se alto e muito tempo.

— « A allusão errou o alvo! » — bradou o reverendo critico fulo de de raiva.

— « Não me parece! » — respondeu o velho secamente.

— « Sr. Lourenço Telles » — continuou o abbade — « saiba que despreso as satyras, e que me compadeço dos satyricos. »

— « Faz muito bem! Dão-lhe n'uma face, e offerece a outra? Que mais? »

— « Que mais? » — proseguiu o ecclesiastico recrudescendo com a zombaria provocadora do velho sabio. — « Não ignoro, que a velhice é caduca e pueril. »

— « Obrigadissimo! Isso é tão falso como grosseiro. Continue! »

— « Sim sr., continuo. E sendo pouco, admira que o vento da vaidade entre na cabeça ouca de algumas mumias, e sussurre lá por dentro. É disto que procede haver tanto sabio inedito, tanta sanguesuga de citações!.. A plebe dos auctores posthumos é maior do que a plebe de Athenas, que vendia o voto... »

— « Pare um momento, abbade, deixe-me extasiar! Nunca houve retrato mais parecido: dou-lhe os parabens! » — Dizendo isto Lourenço Telles estava roxo de cholera, tinha-se encostado á sua muleta, e tomava rapé a miudo e com soffreguidão, indicio vehemente do furacão que o revolvia — « Olhe não falta á sua maravilha senão um rotulo » — proseguíu exaltado. — « Ponha-lhe o nome do indigesto collector de patranhas, do inimigo jurado da verdade e da rasão, e diga affoito: *Ecce homo!* Aqui está o alarve! Perdoe a traducção livre. De certo, quem inventou as garatujas latinas dos reis Luso e Abidis, e teve o despejo de affrontar a seriedade publica attribuindo a uma caveira a cura das pernas de Affonso Henriques, quem fez isto sem lhe cahirem as faces no chão, está julgado! »

— « Não me altera com a invectiva! » — acudiu o abbade rangendo os dentes. — « Estou sereno, rio-me, veja! » — De feito quiz rir-se, porém o esforço heroico malogrou-se, e sahiu-lhe uma ejaculação, que era o meio termo entre um frouxo de chôro e um espirro.

— « Deixe a capa de Cesar, abbade! » — exclamou o implacavel commendador. » — Não se ria assim, que faz dó. Sirva-lhe isto de lição para se expôr menos de outra vez. Não fallo da carta authentica de Affonso I, isso é abaixo da critica. São romances, que em o sr. morrendo ninguem faz, como ninguem os tinha feito antes... Á proposito! apure-nos bem a molestia do Viso-Rei. Animo! Olhe que ha muita gente boa capaz de morrer de bexigas doidas. »

— « A baba de um Bavio não deslustrou as paginas de Ennio! » disse o ecclesiastico repoltreando-se, branco de cera, e cruzando a perna com indifferença olympica.

— « Julga? » — perguntou o velho erudito com escarneo. » — O Sr. abbade é um poço de sciencia, pertence já em vida á posteridade. Salve modesto Ennio! »

— « Compadeço-me da sua ignorancia. » — acudiu o abbade com a voz cava e irritada — « O Sr. D. Affonso Henriques, filho dà rainha D. Thereza...

— « E do Conde D. Henrique... » — ajuntou Lourenço Telles, rindo.

— « Neto do rei de Castella... » — continuou o ecclesiastico.

— « Justo! Neto de seus avós? Pelo amor de Deus; não me recite uma das suas notas immortaes. »

— « Chamado pelos contemporaneos o *Conquistador*... »

— « Pelo contemporaneo Faria e Sousa? Ora adeus! Querem vêr que lhe achou a lettra como lhe descubriu o retrato? »

— « Não me confundem as interrupções, esteja certo. Continuarei. Soube escrever como um clerigo. »

— « *Comme um clerc!* Francez puro. Bellissimo! É digno da veracidade caligraphica de Luso e Abidis! »

— « Repito-lhe, a sua ignorancia é lastimosa! » — acudiu o abbade aceso em vivissimas côres e com uma aurora boreal a invadir-lhe a calva.

— « Tem rasão. Sem ella não se escrevia um livro sobre as barbas de D. João de Castro. »

— « As barbas são historicas! »

— « As barbas sim, mas a côr não. Porque omittiu o barbeiro que as cortou? A posteridade devia conhecel-o. Tenha paciencia! Não nos deixe

a historia côxa á falta desta perna especial. »

— « Escarneça, zombe dos heroes. Metta a ridiculo as glorias patrias. »

— « Rio-me da miseria da apologia. »

— « Os morcegos do Parnaso espantam-se da novidade... »

— « Fazem peior; mordem-se de inveja, abbade! »

— « As gralhas honram-se não publicando nada. »

— « Se os papagaios abocanham tudo! »

Estava neste grau de amenidade a disputa, e chammejavam os olhos dos dois athletas, quando Jasmin, o escudeiro do commendador, ousou devassar o tear de Penelope, com o recado de Filippe da Gama, que bateu á porta durante o conflicto dos eruditos. O padre mestre Remedios tinha prevenido Lourenço Telles da visita do seu amigo, e por isso era já esperado. A proxima entrada de um estranho lembrou aos belligerantes classicos o famoso: *Quos ego!.. Sed motus præstat componere fluctus.* »

Olharam, pois, um para o outro com indizivel expressão, e a um tempo correram a mão pela testa; enchugaram a bocca com o lenço almiscarado, e de repente deram á phisionomia a serenidade, que muitas vezes cobre o maior odio, servindo de mascara aos bons actores na sociedade culta. Depois Lourenço Telles, sentou-se, engatilhou o rosto em um sorriso obsequioso; consultou um espelhinho oval e doirado, que tinha ao pé de si, e achando-se irreprehensivel no semblante e no vestido, ordenou a Jasmin que fizesse entrar o capitão, preparando-se para o receber com a graça primorosa da sua experimentada polidez.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Futuro destino do palacio de cristal. — Escreve o *Morning-Chronicle*: — « Já não pode existir incerteza quanto á conservação do edificio de Hyde-Park, e emprego de parte das sobras da receita, que será consagrada a objectos analogos aos da exposição. Os commissarios regios, sem considerarem como coisa por sua natureza má a creação de um jardim de inverno em parte do edificio, pensam que, limitando-se a dar auctorisação para fundar-se um estabelecimento desse genero, não desempenhariam os deveres impostos até pelo caracter do grande facto que produziu a enorme receita, cujo emprego se discute agora.

O estabelecimento principal que tem de formar-se será o museu industrial do instituto das artes e officios. Em torno desse virão grupar-se uma grande eschóla de desenho, uma galeria de pintura, collecções de botanica, de entomologia e outros ramos de historia natural, e de antiguidades. Ha campo para tudo isto e para um passeio ornado dos mais bellos productos de horticultura e das mais lindas plantas de estufa. »

Caminho de ferro piemontez. — A construcção do caminho de ferro de Turin ao monte Cenis e do monte Cenis a Chambery e á fronteira suissa está decidida; contractou-o uma companhia ingleza, que já mandou proceder aos estudos da linha. Terminado o caminho, e mettendo na conta a passagem do monte Cenis que se fará pela estrada ordinaria, poderá vencer-se a distancia de Turin a Paris no espaço de 24 horas.

Telegrapho submarino. — O cabo metallico que deve estabelecer uma communicação submarina entre a França e a Inglaterra, por meio da electricidade, estará prompto dentro em poucos dias. Eis aqui a sua composição: no centro estão quatro fios de cobre de um millimetro (5 pontos $\frac{13}{56}$) de diametro, postos nos quatro cantos superiores de um quadrado de um centimetro (4 linhas $\frac{43}{100}$) de lado. Estes fios estão no meio de um cylindro de gutta-percha, cercado todo exteriormente de arame (fio de ferro) galvanisado. O diametro do cabo assim preparado é quasi de cinco centimetros (pouco mais de uma pollegada e tres quartos). É bastante flexivel para poder ser enrolado no porão de um navio grande que o desenroscará e estenderá atravessando o canal da Mancha. Pelo seu pezo se entranhará até o fundo do mar, e as agitações da agua concorrerão para affundal-o mais no lodo ou na areia. Desta maneira achar-se-ha cerrado o abysmo que ainda separa as duas mais poderosas nações do globo.

Londres. — No anno de 1849 esta capital consumiu 4:600:000 *quarters de trigo* (o quarter anda por 20 alqueires de Lisboa), 240:000 bois e vaccas, 1.700:000 carneiros, 28:000 vitellas, 33:000 porcos, tres milhões de salmões, 43:200;000 *gallons* (o *gallon* regula pouco mais de duas canadas e meia de Lisboa) das cervejas denominadas *porter* e *ale*, dois milhões de *gallons* de licóres espirituosos de diversas classes, e 65:000 pipas de vinho.

Os 360:000 bicos de gaz que a illuminam consomem em cada vinte e quatro horas treze milhões de pés cubicos de gaz Os canos de agua fornecem diariamente 44:383:328 *gallons*. Mil navios trazem annualmente a Londres tres milhões de toneladas de carvão de pedra.

Ha nesta capital 23:547 alfaiates, 28:579 sapateiros, e mais de 40:000 costureiras e modistas. Os creados de servir compoem um exercito de 161:701 individuos. Se todas as ruas de Londres fossem encabeçadas umas nas outras teriam tres mil milhas de comprimento. Percorrem incessantemente as ruas desta immensa cidade 3:000 omnibus e 3:500 carroagens

etc., empregando 40:000 cavallos, sem contar as carroagens particulares e as carroças.

Banco de coral. — Descobriu-se ha pouco no Mediterraneo, a diminuta distancia da costa da Algeria e do porto de la Calle, um banco de coral que ainda não havia sido marcado desde a occupação franceza em 1830. As indagações a que se procedeu e differentes objectos achados no mar demonstraram do modo mais evidente que este banco de coral fôra explorado n'outro tempo, na épocha em que a França possuia o estabelecimento denominado « Bastião de França » — que fornecia os formosos productos desse genero, a que então davam o nome de coral real, e que se abandonou pelos annos de 1698. Mas a circumstancia que offerece particular interesse scientifico é ter-se recomposto depois, a ponto de ser considerado como totalmente novo, o dito banco de coral, que na épocha referida reputavam esgotado.

O facto de tão consideravel reproducção é mui curioso. Prova a verdade, hoje admittida, de que os coraes ou madreporas são zoophytos (animaes-plantas) pertencendo a dois reinos da natureza, de origem commum a grande numero de substancias polyposas. Magnificas amostras daquelle coral foram mandadas para Argel, e vae fazer-se outra remessa para o museu de historia natural de Paris.

A mulher soldado. — Por decretos especiaes de 15 de agosto de 1851 o presidente da republica, precedendo proposta do ministro da guerra condecorou entre outros militares com a ordem nacional da Legião de Honra, Angelica Maria José Brulon (com o grau de cavalleiro) alferes de veteranos, com 7 annos de serviço, 7 campanhas, 3 ferimentos, tendo-se distinguido em muitas occasiões, principalmente na Corsega defendendo um posto contra os inglezes em 5 de prairial do anno 2.° (24 de maio de 1794).

O novo cavalleiro que foi comprehendido na lista com o nome de Mr. Brulon, não é senão a viuva Brulon, que nasceu em 1771, actualmente official nos invalidos, e que ha 52 annos goza da estima e da veneração de seus antigos camaradas de gloria. Foi filha, irmã e mulher de militares que morreram em serviço activo no exercito de Italia: seu pae serviu 38 annos sem interrupção de 1757 a 1796; seus dois irmãos foram mortos no campo de batalha na Italia; seu marido morreu em Ajacio em 1791 depois de sete annos de serviço.

Tendo entrado aos 21 annos (em 1792) no 42.° de infanteria, no qual morrera seu marido e ainda servia seu pae, tornou-se logo tão recommendavel por seu honroso procedimento quer como mulher quer como militar, que obteve auctorisação de continuar no serviço não obstante o seu sexo. Serviu 7 annos e fez 7 campanhas (de 1792 a 1799) com o nome de *Liberté* no regimento que veio a ser a 83.ª meia brigada, e depois no 57 de linha na qualidade de soldado fusileiro, cabo de esquadra, furriel, sargento. Em muitas circumstancias, especialmente no ataque do forte de Gesco em a ilha de Corsega, e no cerco de Calvi, deu provas de valor e de coragem heroica. São muitos os numerosos certificados authenticos de seus brilhantes serviços. Impossibilitou-se pela ferida de um estilhaço de bomba na perna esquerda, no dito cerco, pelo que foi admittida ao hospital dos invalidos.

Viagem na Africa central. — Receberam-se em Londres no fim do mez passado cartas de M. Richardson e dos doutores alemães M. M. Barth e Overweg, datadas de 28 de fevereiro ultimo. Estes sabios viajantes haviam partido de Tripoli no começo do anno passado para o centro d'Africa, na intenção de penetrar pelas rogiões ainda desconhecidas dos europeus. Por ultimo a expedição sahiu de Ahir, onde se demorára algum tempo. O doutor Barth tinha feito uma excursão a Aghades e entrára em a Nigricia dirigindo-se para o lago Tchad deredor do qual estão situados diversos estados que promettem aos viajantes descobrimentos importantes. Poucos dias depois do Natal chegaram a um logar chamado Demergú, donde partiram para Zinder, e ahi separaram-se os tres viajantes. M. Richardson foi pelo caminho directo a Kouka, pouco distante das margens do lago Tchad, capital do imperio do Bornú. O dr. Overwerg fez um rodeio pelo oeste para visitar o paiz de Adav e ahi dedicar-se a estudos geologicos. O dr. Barth encaminhou-se por Tessana e Katschena a Kanu, terra donde datou as suas cartas. Os tres viajantes deviam encontrar-se em Kouka; acharam-se de boa saude e nada fatigados da viagem: as suas munições de boca estavam quasi findas. As fazendas de que se muniram á partida foram mal escolhidas; e apenas poderam tirar metade do preço que lhes custaram. Esperavam achar em Kouka os auxilios que de ha muito lhes eram annunciados, bem como cartas da Europa de que estam privados desde junho do anno ultimo. Mas não desanimaram um só instante. Conceberam o projecto de se aproximarem o mais que fosse possivel aos mananciaes do Nilo superior, depois d'explora-das as visinhanças do lago Tchad.

O doutor Barth remetteu um relatorio muito extenso da excursão de Tentelfust a Aghades, onde foi testemunha da investidura do novo sultão, do nome de Abd-el-Kader. Poude reunir nessas localidades quantidade de materiaes relativos á historia, topographia, e ethnographia dos paizes que percorreu ao sul do Sahara e até agora desconhecidos dos europeus.

Este relatorio, que existe em poder de lord Palmerston, é acompanhado de um glossario completo das linguas do Haussa e do Eughedeju, de alguns itinerarios e de muitos mappas: julga-se que, por ser tão interessante para a sciencia geographica e ethnologica, será publicado brevemente.

Bella floresta. — No *Observador* de Coimbra encontramos o seguinte pequeno artigo que nos causou viva satisfação.

« Os estereis e desertos areaes, que d'antes se encontravam logo á entrada do campo estão hoje povoados de bellos e viçosos choupos que os Srs. Pinto Bastos plantaram ainda muito antes de 1840.

É magestosa essa floresta d'alamos e salgueiros que se estende campo abaixo, ornando d'uma alameda verde e frondosa uma espaçosa e comprida estrada. O terreno outrora esteril e inculto está hoje convertido n'uma fertil e rica propriedade. Só em madeiras os Srs. Pinto Bastos tem alli dentro de poucos

annos o valor de mais de 80 mil cruzados, calculando-se que não andarão por menos de quarenta mil os pés d'alamo plantados.

A festa d'Hartwell. — Os amigos da paz universal e da temperança deram no fim do mez passado a sua decima funcção annual no parque de Hartwell, logar que foi habitado por Luiz XVIII durante o seu desterro. A festa constou de illuminações, e de discursos em louvor da grande exposição industrial e da paz universal: esteve a ponto de ser interrompida por uma trovoada que se mostrou ameaçadora no horisonte, mas que fez a mercê de ir estalar a cinco milhas de distancia do parque.

M. Suringar, de Amsterdam, que na sua patria dedica parte da sua riqueza a obras de charidade, foi o primeiro, na qualidade de presidente, que tomou a palavra: seguiram-se-lhe alguns oradores notaveis. Concluiu-se o festejo sem perturbação do prazer dos convidados, e todos se retiraram mui satisfeitos da musica, do fogo artificial, e dos discursos que com igual profusão lhes offereceram.

Academia de sciencias turca. —No dia 17 de Agosto ultimo celebrou-se em Constantinopola a inauguração da Academia de Sciencias e litteratura, fundada pela Sultána valida. Verificou-se este acto com grande solemnidade assistindo o Sultão e os principaes dignitarios do imperio: o grão-vizir e o presidente da nova corporação recitaram notaveis discursos sobre as vantagens da sciencia.

Novo livro de M. de Lamartine. — Um dos mais acreditados jornaes francezes escreve o seguinte sobre a obra recente deste insigne escriptor. — «Nunca houve publicação litteraria que logo na sua apparição obtivesse tão completo e legitimo triumpho, como a *Historia da restauração.* O publico vivamente excitado pelos extractos que deram os jornaes quiz rapidamente possuir a obra que anda hoje nas mãos de todos. Certificando a voga da nova composição do illustre auctor da *Historia dos girondinos*, podemos asseverar, sem receio de que o resultado nos desminta, que não será menos duradoura do que brilhante.

M. de Lamartine escreveu esta historia com aquelles toques vividos e vigorosos, aquella superioridade de concepções, e a imparcialidade que caracterisam o escriptor insigne, o homem d'estado, o historiador de consciencia. Tal é a opinião que a primeira edição, promptamente esgotada, creou no animo de todos os leitores.

Emigração irlandeza. — Em Março de 1841 a população da Irlanda era de 8.175:124 individuos e no fim de 1846 ascendia a quasi nove milhões. Todavia, em 30 de Março de 1851 essa população não passava de 6.515:794 almas, numero ainda depois reduzido por emigrações successivas.

O recenseamento dos Estados-Unidos appresentava a totalidade de 23 milhões de pessoas, que se decompõe, conforme os mappas estatisticos de M. W. Robinson, pela seguinte maneira:

Irlandezes de nascimento, 3 milhões, de origem irlandeza 4 e meio milhões: francezes e outros homens da casta celtica, quer de nascimento quer de origem, 3 milhões: alemães de nascimento, ou de origem, 5 e meio milhões; anglo-saxonios de nascimento ou de origem 3 e meio milhões, homens de côr, livres ou escravos, 3 milhões e meio.

Collige-se dos mesmos mappas que no principio do corrente anno o total da população irlandeza, tanto de nascimento como de origem, montava a 14 milhões de individuos, dos quaes 7 milhões e meio habitavam nos Estados-Unidos, onde compunham a parte mais industriosa e mais emprehendedora da população activa.

Pelo que precede póde presumir-se que no fim da decada de 1860 e 1861 a população irlandeza subirá de 14 a 16 milhões, dos quaes, se a emigração continuar na rasão da quarta parte de 1 milhão por anno, haverá 12 nos Estados-Unidos ao passo que na Irlanda só ficarão 4 milhões, compostos do que ha mais pobre e mais energico em o povo irlandez. Deste modo os Estados-Unidos conterão tres vezes mais irlandezes do que a propria Irlanda. *(Morning Chronicle.)*

BIBLIOGRAPHIA.

Acham-se á venda, nos logares do costume, a sseguintes muito recentes obras do *Sr. Antonio Feliciano de Castilho.*

LEITURA REPENTINA — Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições se aprenderem a lêr impressos, manuscriptos e numeração — 8.° um vol. ornado de um grande numero de gravuras, 480 réis.

COLLECÇÃO DE QUADROS — Com as figuras, em grande, da leitura repentina, para as escólas, e uma breve explicação do modo de se usar delles, 240 réis.

TABOADA DE MULTIPLICAÇÃO — Para se aprender em poucas horas, com uma explicação breve e clara do methodo mnemonico, para lhe servir de completo esclarecimento; tudo, uma só folha de papel, 60 réis.

TRACTADO DE METRIFICAÇÃO PORTUGUEZA — Para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições; obra approvada pelo conselho superior de instrucção publica do reino, para uso das escólas — 1 vol. 200 rs.

TRACTADO DE MNEMONICA ou *Arte para aprender muito em pouco tempo.* — Seguida de mais de 300 formulas em verso, contendo a mnemonisação de outros tantos factos historicos — 1 vol. 480 réis.

A FELICIDADE PELA AGRICULTURA — 1 vol. 480 réis.

CAMÕES — Drama, estudo historico-poetico, seguido de notas para se lerem — 1 vol. 480 réis.

Obras no prelo ou proximas a entrar-nelle.

NOÇÕES RUDIMENTAES — Para uso das escólas. — Segunda edição — 1 vol.

ESCRIPTA REPENTINA — Para servir de complemento á leitura repentina — 1 folheto.

DICCIONARIO DE RIMAS E ESDRUXULOS.

CURSO DE LINGUA LATINA FACIL E APRAZIVEL.

ARTE DE DECLAMAR EM LINGUA PORTUGUEZA.

OBSERVAÇÕES E ESTUDOS *sobre o melhor modo de fallar e escrever em portuguez.*

RHETORICA — Para se aprender sem mestre.

RUDIMENTOS DE MORAL — Para uso das primeiras edades.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 8. QUINTA FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O ELECTRO-MAGNETISMO ASSOCIADO AO VAPOR NOS CAMINHOS DE FERRO.

Falla-se muito n'um descobrimento a que parece estar reservado brilhante porvir, e que foi objecto de uma nota communicada á Academia das Sciencias de Paris, em 5 de Maio de 1851. Este descobrimento (diz M. Victor Meunier) deu motivo a uma serie de experiencias a que assistimos, e como o facto é de interesse geral procuraremos expol-o claramente e ao alcance de todos.

Então de que se tracta? De uma coisa que ha de parecer bem insignificante! Tracta-se simplesmente de um meio novo para fazer adherir as rodas das locomotivas aos *rails* (especie de calhas) sobre que rodam. — « Visto isso, não é nada com nosco » — dirão os que se presumem interessados no movimento das sciencias só nos dias em que estas lhes appresentam o espectaculo de grandes effeitos theatraes. — Desculpem-me os senhores; mas essa coisa tão pequena é importante para todos. Eis o que terá logar, assim que a solução proposta fôr reconhecida valiosa; — as despezas de *exploração* ou costeio dos caminhos de ferro em circulação serão reduzidas: as despezas de *estabelecimento* ou construcção dos que se estão fazendo, serão infinitamente menores do que até agora; por consequencia o preço dos transportes diminuirá. Além disso tornam-se accessiveis ás locomotivas regiões que em rasão do terreno mui accidentado parecia deverem ser privadas para sempre de caminhos de ferro. Portanto, a vida e o movimento por preços mais baratos, dilatado o campo da civilisação, um espaço sempre crescente condensado em tempo cada vez menor; eis as vantagens de que vem recheada esta pequena innovação!

Com effeito, quem não percebe que se fôr diminuido o numero das obras d'arte, dos *tunnels* (ou perforações das montanhas) dos cortes, etc., necessarios na construcção dos caminhos de ferro; se se fizerem notaveis economias da materia primeira, por exemplo diminuindo o peso dos rails; se forem restrictas de um modo assaz consideravel as despezas de conservação do caminho, enfraquecendo a força dos agentes que o deterioram; quem não comprehende, digo, que a somma destas innovações constituirá um immenso progresso? Quem não admittirá que na sua realisação é interessado o genero humano?

Ora, para que se realise ha um obstaculo principal: e sabeis qual é? Existe sobre tudo, para não dizer unicamente, no modo actual de adherencia das rodas motrizes das locomotivas com os rails. E' principalmente este modo de adherencia que faz tão dispendiosos os caminhos de ferro, limitando muitissimo a inclinação das rampas; é

por tanto o que oppõe maior obstaculo ao progresso dos caminhos de ferro. Invente-se um processo que não tenha os defeitos deste; e realisar-se-hão as vantagens que deixo enumeradas. Cumpre accrescentar que se poderão aproveitar as forças motrizes por preços baratos, ou produzidas por maquinas leves que os physicos poderão offerecer á industria; quando até agora, por mais seductoras que fossem as suas offertas, era forçoso rejeital-as. Bem se vê que esta questão, que se appresenta em termos tão simples, não é uma pequena questão. Eis-ahi exactamente em que é admiravel a sciencia, o que a distingue de prompto dessa arte de esperdiçar as forças e de matar o tempo, que é chamada politica. Em materia scientifica, as mais pequenas circumstancias geram incalculaveis resultados; na politica, muita bulha, fumo, pó, para nada!

O que, aos olhos dos amigos das sciencias, duplicará o merecimento do novo meio proposto, vem a ser consistir elle no emprego do electro-magnetismo, isto é, de uma força que até agora ficou na reserva, e que ainda não entrou na grande campanha da industria, cujo resultado não será a tomada de uma capital, mas que rematará constituindo todo o genero humano pontifice supremo da creação.

Ha annos que se investiga muito o electro-magnetismo com intuito industrial, mas ainda não se conseguiu fazel-o rival do vapor. Aguardando, não que desaposse o vapor, mas que partilhe com elle o imperio da locomoção; já vemos que o electro-magnetismo associa-se ao vapor no proprio theatro de seu mais estrepitoso triumpho, o caminho de ferro.

Ninguem ousará dizer, posto que muito se deva esperar, o que nos dará uma força conhecida ha poucos annos, e que por ensaio, e como amostra dos serviços que prestará aos homens, já nos deu o telegrapho electrico, isto é, a abolição das distancias em objectos de correspondencia.

Expliquemos agora o descobrimento, dizendo primeiro que é devido a M. J. Nicklés, vantajosamente conhecido pelos seus trabalhos quimicos. Foi suscitado por MM. Amberger e Cassal que vieram consultar este sabio, ainda novo na idade, ácerca dos auxilios que as sciencias physicas podem fornecer para a resolução desse grande problema da adherencia.

Quando se inventou a locomotiva (apenas ha vinte e cinco annos!) appresentaram-se sabios a demonstrar, de um modo irrefragavel segundo elles, que as locomotivas não justificariam a sua denominação, visto que o vapor que se produz no interior não teria outro resultado senão fazer girar as rodas sobre o eixo, e a maquina se não boliria.

Se considerarmos que as rodas, em rasão da sua fórma circular, não tocam os rails senão em espaço mui restricto; que, além disso, as superficies em contacto são mais ou menos polidas, reconheceremos que a prophecia não era tão absurda como parece á primeira vista. Houve esperanças de a desmentir fazendo endentar as rodas nos rails; mas, finalmente, assentou-se na idéa, hoje praticada em toda a parte, de dar ás locomotivas um pezo consideravel, e de fazer pezar este accrescimo de carga sobre as rodas motrizes. Por esta rásão, no caminho de ferro de Orleans, onde se diligenciou diminuir, quanto possivel, o pezo das locomotivas, nem por isso as construiram de pezo inferior a 23 toneladas (23,000 kilogrammas.) A carga excessiva é condição *sine qua non* da adherencia, e por conseguinte da locomoção: pelo que fazendo-se encommenda de uma locomotiva, não se limita a mencionar a força requerida; mas encommenda-se de tal ou tal pezo; e para desempenhar esta condição é accrescentada á carga util uma certa quantidade de lastro ou pezo improductivo, de chumbo ou de ferro.

Facilmente se comprehenderão os inconvenientes deste processo. Este pezo enorme que carrega sobre as rodas motrizes estafa e deteriora rapidamente a via ferrea. Tornou necessario o emprego de rails de 40 kilogrammas, obrigou a augmentar o numero de travessas de atracar, por consequencia alteou as despezas de construcção e de conservação. — Quando um trem sobe uma rampa, a adherencia diminue, e não só uma porção daquella sobrecarga é inutil, mas até influe de um modo desfavoravel. Com effeito, se n'uma superficie plana o pezo obra perpendicularmente sobre os rails, naquelle caso obra obliquamente, na direcção da gravidade, e tende portanto a fazer descer o trem.

Porém, o caso mais grave é este: — « As perturbações atmosphericas, chuva, nevoeiro, etc. diminuem muito a potencia da sobredita sobrecarga. Por isso, se alguma maquina, que tem suficiente adherencia para o tempo seco, fôr colhida de improviso pela chuva, será obrigada a ficar parada até que outra maquina venha ajudal-a. Assim acontece frequentemente no inverno; por consequencia, temos demora, despeza, risco de sinistro. — Calcula-se que a chuva e o nevoeiro faz baixar dois terços a adherencia devida ao pezo.

Mesmo em tempo ordinario, a adherencia pelo *sobrecarregamento* é cheia de inconvenientes. Para fazer *desatracar* um trem, ou por outros termos, para o por a caminho, é mister espalhar areia sobre os rails, e para esse effeito se adapta uma tremonha ás locomotivas. Em caso de nevoeiro, os cantoneiros devem polvilhar a via ferrea. Este processo dá em resultado necessario gastarem-se mais as rodas: além de que alguns grãos de silicia são sempre lançados nas superficies de fricção do mechanismo, e as deterioram rapidamente.

Finalmente, é evidente que a incerteza quanto á quantidade de adherencia que a sobrecarga póde produzir n'um momento dado, constrange a adoptar declives de mui tenue inclinação. Esta necessidade tem immensa influencia nas despezas para se montar um caminho de ferro; multiplica os tunnels e as vallas profundas. Se fôra possivel adoptar ram-

pas mais ingremes, poder-se-hia em multidão de casos seguir traçados muito mais economicos, e consequentemente dotar com os caminhos de ferro localidades que delles serão privadas em quanto persistirem nas condições actuaes.

Faz desapparecer todos estes inconvenientes o processo de MM. Nicklés, Amberger e Cassal, consistindo em produzir a adherencia sem sobrecarregamento do motor. Antes de dizermos como isto se consegue, poremos duas palavras sobre os electro-imans.

Um pedaço de ferro *doce* ou temperado *(fer doux)* ao qual se communicam artificialmente por meio da corrente electrica as propriedades da magnete é o que se chama electro-iman. Nada mais facil de praticar. Tomai um carrinho de dobar, por exemplo, novellos de algodão *(bobine)*, introduzi-lhe um cylindro de ferro temperado, enrolai no carrinho um arame ou fio metalico recamado de seda. Feito isto cada vez que pozerdes as duas extremidades deste fio em contacto com os dois polos de uma pilha electrica, e por consequencia a corrente electrica circular no fio, o ferro será transformado em iman; perderá esta propriedade cada vez que a corrente fôr interrompida, isto é cada vez que um dos fios fôr afastado do polo da pilha com que estava em contacto. E a *magnetisação (aimantation)* se produzirá e cessará conforme a circulação fôr completa ou interrompida, n'um momento indivisivel, instantaneamente, com a rapidez do raio. Neste principio é fundado o telegrapho electrico.

Explicado isto, nada tão simples como o aparelho imaginado por M. Nicklés.

Supponhamos dois carriteis á imitação dos carrinhos que mencionamos, feitos em ponto grande; façamos entrar nesses carriteis as partes inferiores das duas rodas motrizes; um fio metallico, coberto de seda, se enrolará nos dois carriteis, e as duas extremidades desse fio poderão ser postos em relação com os polos de uma pilha electrica. Por tanto, cada vez que se estabelecer este contacto as duas rodas ou pelo menos as partes inferiores das rodas, as que descançam sobre os rails, serão transformadas em iman; ora, como o iman attrahe o ferro as rodas attrahirão os rails, isto terão adherencia com os rails.

Nada ha mais simples, como se vê; e toda a gente fara a mesma pergunta que para comnosco fizemos á vista daquellas interessantes experiencias. » Porque não tinha já lembrado isto? « Todavia, a nossa admiração de nenhum modo diminue o merito da invenção; sabido é que as idéas simplices não são as que primeiro se appresentam.

DO USO DA BOFAREIRA [1] DAS ILHAS DE CABO VERDE PARA EXCITAR A SECREÇÃO DO LEITE.

Com a devida auctorisação, é porque convém vulgarisar a seguinte noticia para convidar os naturalistas e os clinicos a fazerem sérias investigações sobre o assumpto, tomámos do excellente *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* (n.° de junho ultimo) a informação sobre o uso da Bofareira, lida n'uma recente sessão da Associação britannica em Edimburgo pelo Dr. William, practico inglez bem conhecido pelo estudo que fez da febre amarella que grassou em Cabo Verde no anno de 1846.

« Durante o tempo, em que estive commissionado pelo governo inglez na investigação official da natureza e historia da epidemia da febre amarella, que grassou na ilha da Boa Vista em Cabo Verde no anno de 1846, tive occasião de observar os effeitos de um remedio frequentemente empregado alli, e em outras ilhas daquelle archipelago, para accelerar e augmentar o corrimento do leite dos peitos das puerperas, nos casos em que aquella secreção appareceia tardia ou deficiente em quantidade. Reconheci egualmente; que em casos de necessidade aquelle remedio podia ser empregado com um fim ainda mais importante; a saber, para produzir leite nos peitos das mulheres fóra do estado do puerperio, ou que não haviam parido ou amamentado crianças já muitos annos antes.

As folhas da planta chamada na linguagem do paiz Bofareira, mas que é na realidade o *ricinus communis* dos botanicos, e algumas vezes as folhas da *Jatropha curcas*, que ambas pertencem á familia natural das *euphorbiaceas*, são os meios pelos quaes se obtem estes interessantes, senão extraordinarios resultados.

A Bofareira cresce na maior parte, senão em todas as ilhas de Cabo Verde. Aquella, que os naturaes empregam para os fins mencionados é denominada por elles Bofareira branca, differençando-a por este modo de outra, que parece não ser mais que uma variedade da mesma especie, isto é, da Bofareira vermelha. A branca, que possue as qualidades galactopoieticas, é conhecida dos naturaes pela ligeira côr verde dos peciolos da folha, em quanto que o peciolo da folha da chamada Bofareira vermelha é de um vermelho purpura. Esta ultima é cuidadosamente evitada; por ser considerada como poderoso estimulante, e quando empregada alguma vez, por engano, em logar da branca, produz o corrimento immediato e muitas vezes immoderado do menstruo.

Nos casos de puerperio, quando tarda o apparecimento do leite (circumstancia frequente naquellas ilhas) prepara-se um cosimento, fervendo bem um manipulo da Bofareira branca em seis ou oito libras de agua commum. Os peitos são banhados com este cosimento durante 15 ou 20 minutos, e depois cobertos com uma camada não espessa das folhas cosidas, as quaes devem ficar alli permanentes, até perderem de todo a humidade por meio da evaporação, e provavelmente em parte pela absorpção. O processo

[1] *Ricinus communis* dos botannicos, cujo nome trivial portuguez no continente é *Carrapateiro*.

de fomentar com o cosimento, e de applicar as folhas, é repetido a curtos intervallos, até que o leite corra em seguimento á sucção operada pela criança, o que ordinariamente tem logar no decurso de poucas horas.

Nos casos, em que se pertende a secreção do leite nos peitos das mulheres, que ha annos não teem parido, nem amamentado crianças, o modo do tractamento adoptado é o seguinte. — Tomam-se dois ou tres manipulos das folhas do *ricinus*, e cosem-se como acima se diz. O cosimento é lançado ainda fervente em um largo vaso, sobre o qual a mulher se colloca de maneira a receber o vapor sobre as coxas e orgãos de geração, evitando cuidadosamente, por meio de roupas applicadas em torno, que o vapor tenha sahida para outra parte. A mulher permanece nesta posição por dez ou doze minutos, até que o cosimento arrefecendo um pouco, ella possa banhar as partes indicadas por 15 ou 20 minutos mais. Os peitos são então pelo mesmo modo banhados, e maciamente friccionados com as mãos, sendo depois applicadas as folhas pola fórma já descripta. Estas differentes operações são repetidas tres vezes durante o primeiro dia; no segundo dia repete-se o lavatorio ao peito, a applicação das folhas, e a fricção tres ou quatro vezes; no terceiro dia, o banho do vapor já indicado, a fricção, a applicação das folhas, e a fomentação dos peitos, são de novo empregados. Dá-se então o peito á criança, e na maioria dos casos encontra abundante copia de leite.

Quando succeda não ser segregado o leite ao terceiro dia, continua-se o tractamento por mais um dia; se acontece falhar ainda, abandona-se a tentativa, e considera-se a pessoa como não susceptivel da influencia da Bofareira.

As mulheres de peitos bem desenvolvidos experimentam mais facilmente a acção da planta. Quando os peitos são pequenos e rugosos, a planta parece operar mais sobre o systema uterino, provocando logo a menstruação, se a épocha della ainda se acha distante, ou dando logar a um fluxo immoderado, se a épocha della está proxima.

A exposição ao frio é completamente evitada para o bom exito do tractamento; abstendo-se as mulheres para este fim de lavar com agua fria as mãos ou os pés.

Maria, mulher mulata, de 30 annos de edade, alta e forte, bem conformada, regularmente menstruada, mãe de tres filhos, dos quaes o mais novo tinha tres annos, e havia sido desmamado na edade de um anno, foi submettida á minha observação pela complacencia do Dr. Almelda, da Boa Vista, na manhã do dia 30 de junho de 1846, para o effeito de nella ser observada a acção de Bofareira. Ella assegurou que, quando seu ultimo filho foi desmamado, desapparecera inteiramente o leite de seus peitos dentro em poucos dias. Não reconheci nella signal algum de gravidez. Os peitos eram como os das mulheres negras em geral, que tem tido filhos, pendentes e molles; não apparecia nelles vestigio algum de leite fazendo-se uma forte expressão na papilla.

Os banhos, as fomentações, a applicação das folhas, a fricção, a sucção, etc., foram empregados pela maneira e ordem já descripta. No segundo dia manifestava-se pela expressão da papilla alguma sorosidade leitosa, e algum augmento de volume na porção areolar do peito. No terceiro dia reconheceu-se augmento na quantidade do leite, e ao mesmo tempo menos aquoso. Na manhã do quarto dia existia evidente augmento na parte inferior do peito, e o leite correu abundantemente, logo que a criança effectuou a sucção. [1]

O uso da Bofareira, nos casos de puerperio, para accelerar o corrimento do leite, é frequente, porém comparativamente raro como meio de formar e preparar uma ama de leite: deram-se todavia alguns casos deste ultimo genero, em consequencia da morte de mães, que amamentavam seus filhos durante o progresso da epidemia na Boa Vista, em 1845 e 1846, que dizimou uma população, que consta pela maior parte de negros, e alguns europeus, portuguezes e inglezes, e uma pequena proporção de sangue mixto negro e europeu. Com tudo, geralmente fallando, este uso da Bofareira é poucas vezes aproveitado, e só quando a morte durante o parto, ou uma prolongada doença depois delle torna necessario que alguma mulher caritativa se submetta a bem da criança á influencia da Bofareira.

O filho de um rico proprietario da ilha de S. Nicoláo, homem robusto e de excellente saude, foi amamentado por uma mulher, cujo leite foi produzido pela acção da Bofareira. Esta mulher havia tido dois filhos, ainda moça; o marido morreu logo depois do nascimento do segundo filho, e ella conservou-se no estado de uma virtuosa viuvez; prestando-se generosamente muitos annos depois da morte do marido á influencia da Bofareira, para lactar o mencionado individuo, que é muito conhecido do meu amigo o Sr. George Miller, daquella ilha.

O Sr. Rendall, consul geral inglez nas ilhas de Cabo Verde, referiu-me que uma senhora, natural da Boa Vista, hoje residente em Santo Antão, e mulher de um consul estrangeiro, teve uma filha em 1843. Tendo muito pouco leite, obteve de uma antiga creada, que esta submettesse á acção da Bofareira, e assumisse as funcções de ama de leite, o que effectivamente se verificou, sobrevindo abundancia de bom leite, apesar de não ter tido filho algum nos dez annos anteriores. A criança achava-se em Março de 1847 com a melhor saude, e bem desenvolvida. Em summa, diz o Sr. Rendall, as mulheres que usam da Bofareira, acham-se em dois ou tres dias em disposição conveniente para alimentar o filho de uma rainha.

Não me foi possivel averiguar por observação propria, nem ainda por informação exacta, qual é a acção da Bofareira sobre as mulheres virgens, e sobre aquellas, que ainda não tiveram filhos apesar de não serem virgens. Com tudo, com referencia a estas ultimas, uma habil parteira assegurou ao meu intelligente amigo, o Sr. George Miller, de S. Nicoláo, que o effeito da administração da Bofareira é o mesmo, que se observa nas mulheres que já tem tido filhos.

[1] O Dr. William Browne, cirurgião da marinha real, obteve os mesmos resultados das experiencias, que fez em duas mulheres, quando foi cirurgião do navio Madagascar, na ilha da Boa Vista, durante o anno de 1844.

(Nota do auctor.)

Em alguns casos, mas raros, o cosimento da Bofareira é administrado internamente, com o fim de auxiliar a acção da sua applicação externa.

Sinto não haver sido informado da supposta differença na acção da Bofareira branca e da vermelha, durante o tempo que estive em Cabo Verde, porquanto podia ter examinado a acção desta ultima no proprio local.

As sementes das duas plantas mencionadas acabam de ser examinadas em Inglaterra pelo distincto naturalista o Sr. William Hooker, o qual me dirigiu o seguinte esclarecimento. — « As plantas, que vós designaes pelos nomes de Bofareira branca a vermelha, são ambas não só do genero *ricinus*, mas da mesma especie, a saber, *ricinus communis*, que é a planta que ministra o oleo de mamona. Nos nossos jardins, bem como por toda a parte as plantas apresentam variedades, e as vossas duas plantas variam um pouco na fórma e grandeza da semente, e especialmente na côr, mas pertencem á mesma especie. » Não obstante deverem ser consideradas as mencionadas plantas como simples variedades da mesma especie, é comtudo possivel, que tenham differentes propriedades, pois o mesmo tem logar com certas variedades de outras plantas, como o tomilho, a hortelã, etc.

Taes são os factos, que posso communicar a respeito deste galactopectico de Cabo Verde, que julgo dignos de serem verificados em Inglaterra. Se a acção desta planta em nosso clima for similhante á que apresenta dentro dos tropicos, cumprirá fazer novas investigações debaixo do ponto de vista hygienico, medico, e medico-legal.

Nota. O Dr. Tyler Smith, a quem fiz vêr esta noticia antes da minha ida para Edimburgo, escreveu-me dizendo-me, que elle tem experimentado a Bofareira em differentes casos, segundo a maneira que fica descripta, e que os effeitos da planta criada em Inglaterra justificam os factos, que expuz com referencia ao uso della nas ilhas de Cabo Verde.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 64).

139 MARMORE.
Freguezia de S. Domingos de Rana, sitio dos Xerinhos.
140 MARMORE.
De Linhó, junto á Ribeira de Barcarena.
141 MARMORE.
Ermida de St. Amaro, junto á Oeiras.
142 MARMORE.
Rio Secco, junto á tapada d'Alcantara.
143 MARMORE.
Logar de Rana, dita freguezia.
144 MARMORE.
Côr azul, de Cintra.
145 MARMORE.
Pimenteira, junto á Fonte de Caieiro.
146 MARMORE.
Dentro da tapada d'Ajuda, a cima da Fonte.
147 MARMORE.
Freguezia de S. Domingos de Rana; junto a Matto Largo.
148 MARMORE.
De Penha Longa, em Cintra; na quinta de Martinho de Mello.
149 MARMORE.
Pimenteira, junto á Fonte de Caieiro.
150 MARMORE.
Rio Secco, freguezia d'Ajuda.
151 MARMORE.
Serra de Monsanto, sitio da Oliveira das Mesquitas.
152 MARMORE.
De Oeiras, sitio das Alberjas.
153 MARMORE.
Pedreira d'Alcolena, em Belem.
154 MARMORE.
Rio Secco, freguezia d'Ajuda.
155 MARMORE.
Serra de Monsanto, sitio dos Olivaes.
156 MARMORE.
De Oeiras. calçada do Torneiro.
157 MARMORE.
Pedreira d'Alcolena, em Belem.
158 MARMORE.
Termo d'Alverca, junto á Alhandra.
159 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Massassezes.
160 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Massassezes.
161 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Pedreira do Duque.
162 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal dos Bertholdos.
163 MARMORE.
De Vialonga, sitio das Arrotêas do Espragal.
164 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Almargem.
165 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Flamenga.
166 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos dos Negros, freguezia do Almargem.
167 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos dos Negros, freguezia do Almargem.
168 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte do Valle.
169 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fente do Valle.
170 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Penedos da Olella, freguezia do Almargem.
171 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Rio Trancão.
172 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle do Monte.
173 MARMORE.
De Vialonga, sitio do casal da Abobereira.
174 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal dos Cavalleiros.
175 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal dos Cavalleiros.
176 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle do Monte.

177 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal de St.ª Cruz.
178 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle de St.ª Cruz.
179 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Valle de St.ª Cruz.
180 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
181 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
182 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Fonte Santa.
183 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal de Monte Abrão.
184 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal de Baronto.
185 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do casal de Baronto.
186 MARMORE.
Da Povoa, junto a Penella.
187 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio do Casal do Carniceiro.
188 MARMORE.
De Villa Fria, dentro do logar.
189 MARMORE.
Do Barrocal, junto a Tavira.
190 MARMORE.
Provincia do Algarve, Tavira entre o convento de St.° Antonio e as Freiras.
191 MARMORE.
De Sares, do Lorvão.
192 MARMORE.
Freguezia de Bellas, sitio dos Casaes de Cambra.
193 MARMORE.
De Villa da Ega.
194 MARMORE.
De Villa da Ega.
195 MARMORE.
Do sitio das Salemas.
196 MARMORE.
Do sitio de Caenga.
197 MARMORE.
Do sitio da Caenga.
198 MARMORE.
Da villa da Ega.
199 MARMORE.
Do Barrocal, St.ª Margarida, junto a Tavira.
200 MARMORE.
Do Barrocal, serro do Cavaco, junto a Tavira.
201 MARMORE.
Junto ao Forte das Maias.
202 MARMORE.
De Pero Pinheiro, caminho de Mafra.
203 MARMORE.
Regueira de Pedrouca, junto a Aldêa do Moio.
204 MARMORE.
Torre da Aguilha, junto ao Casal.
205 MARMORE.
Freguezia de Tires, Cova da Onça, junto ao Açougue.
206 MARMORE.
Do 1.° Banco do sitio de Abroil.
207 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
208 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
209 MARMORE.
Do Vialonga, sitio dos Galvões.
210 MARMORE.
De Vialonga, sitio dos Galvões.
211 MARMORE.
De Vialango, sitio da Eira de Poina.
212 MARMORE.
De Vialonga, sitio da Eira de Poina.
213 MARMORE.
De Vialonga, sitio das Arroteas do Casal das Pilotas.
214 MARMORE
De Vialonga, sitio das Arroteas do Casal das Pilotas.
215 MARMORE.
De Vialonga, sitio da St.ª Cruz, pedreira do Móco.
216 MARMORE.
De Vialonga, sitio da borda do Matto.
217 MARMORE.
De Vialonga, sitio da borda do Matto.
218 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Matto de Domingos Matheus.
219 MARMORE.
De Vialonga. sitio das Cascalheiras do Espragal.
220 MARMORE.
De Vialonga, sitio da tapada do Conde.
221 MARMORE,
De Vialonga, sitio da tapada do Conde.
222 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rio de Troia.
223 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rio de Troia.
224 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Casal do Sapinho.
225 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Carrapeto de Cima.
226 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Rigango.
227 MARMORE.
227 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Calhandriz.
229 MARMORE.
De Vialonga, sitio do Calhandriz.
230 MARMORE.
De Vialonga, sitio de Cascalheiras do Espragal.
Esta collecção de 96 marmores de n.° 136 a 231, é extrahida do Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e por ella mandado á Exposição.
231 BRECHE.
Da Serra d'Arrabida.
232 MARMORE.
233 MARMORE.
234 MARMORE.
235 MARMORE.
236 MARMORE.
237 MARMORE.
238 MARMORE.
239 MARMORE.
240 MARMORE.
241 MARMORE.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VII.

ULISSES ABRAÇA PENELOPE!

O dominico tinha dito ao commendador, que Filippe era recem-chegado da India e amigo velho do marido da senhora; acrescentando que trazia duas excellentes noticias, consistindo a primeira em ser falsa a sua morte; e a segunda em que o deveriam esperar por todo o mez na volta da náu de viajem, que estava a chegar. Executando as instrucções recebidas, o padre preparou o animo de Lourenço Telles para sopportar como christão a entrada de seu sobrinho. Em quanto os dois antiquarios se feriam no seu pugilato litterario Fr. João passou ao interior da casa e principiou a confortar a sr.ª Magdalena da Gama para a dispor a resistir á alegria repentina da boa nova, que vinha annunciar-lhe.

Assim precedido pelo seu embaixador, Filippe apresentou-se no *Sancta Sanctorum* do sabio latinista, devidamente annunciado pelo cartaz. Entre portas, o capitão da India, com o tremendo chapeo de tres quinas arvorado na mão, inclinou-se, piscou os olhos como se lhos assombrasse o sol, e com o balanço de corpo, caracteristico dos embarcadiços, decidiu-se a introduzir a sua pessoa sem maiores preambulos. O commendador aberto de phisionomia, affavel e obsequioso, pousou as mãos no maciço velador, levantou-se algum tanto firmado n'ellas; e fez-lhe uma profunda cortezia. O abbade *regis ad exemplum* empunhou a bengala, e appoiado no seu castão, elevou-se á altura requerida, abaixou a cabeça as linhas precisas, e tornou a cahir lento e solemne no assento da cadeira.

Filippe da Gama tinha promettido ao religioso, seu amigo, duas coisas pouco faceis: — luctar com a erudição do commendador, e deixal-o encantado. Com a sinceridade desabrida, e o genio inflamavel, que lhe conhecemos, a tentação do marido da sr.ª Magdalena sobre o seu erudito parente, devia exceder as forças do tentador. Dos bons estudos, que tinha cursado, o nosso capitão apenas retinha de memoria os farrapos dos cartapacios e esses mesmos não os entendia. Quanto á cultura e delicadeza das maneiras, em conflicto com o primoroso Lourenço Telles, o digno Sindab portuguez o que podia fazer senão serzir alguma lentejoula mareada ás felpudas amabilidades do marujo e do soldado, formado nas pragas do convez, e doutorado na eschola do sertão?

O capitão empregou a meia hora de espera, concedida ao padre seu amigo, em engenhar o plano de operações para casa do tio sabio; em colligir o drama da sua vida; e aproximar o desenlace, a peripecia final, em que devia dizer o: «conheces-me?» de rigor, nos braços da esposa. A par da importancia do assumpto não se esqueceu de beliscar a memoria, e de vilicar o cerebro para obter o sacrificio de tres phrases de Cicero, e de uma sentença moral, bagagem scientifica bem leve, mas a seu vêr sufficiente. Depois de armado dos pés até á cabeça, na sua opinião, levantou a aldraba, e com grande confiança deu entrada na sala achando-se em presença dos Aristarchos, ainda ensanguentados da discussão horaciana.

— «Faz favor de entrar!» — acudiu logo o obsequioso commendador. — «Queira desculpar se recebo tanta honra assentado, mas estou preso por ordem de quem póde: « — acrescentou com um surriso amargoso. — «O sr. abbade Silva, meu amigo, fará as minhas vezes. Então vem cançado? Está suado? O seu chapeo incommoda-o!

— «Nem cançado, nem suado, muito agradecido. Tenho andado milhares de legoas pelo sertão, sem me virem os bofes á bocca; quanto mais com duas passadas do Rocio aqui; eu não costumo suar no inverno com frio. Irra! está de fazer da gente caramellos!»

— «Vê-se que o sr. viajou muito no sertão!» — suggeriu o abbade forcejando de balde por desapossar Filippe do chapeo casquete. Isto passava-se ainda ao pé da porta da entrada. De repente o capitão resolvido a entrar em batalha, e um pouco agoniado pela requintada polidez dos dois eruditos, sacudiu o pescoço, carregou o sobr'olho, enxotou o abbade com a mão sem nenhuma ceremonia, e dizendo comsigo: — «vou deixal-o embaçado!» — dirigiu ao commendador a seguinte phrase de Cicero: — «*Meam erga te benevolentiam facile perjicies*! [1]

Ao mesmo tempo arremettia á cadeira de Lourenço Telles, cuja vista extatica exprimia o maior

[1] Facilmente verás a benevolencia que me inspiras. Filippe estropia o latim, dizendo: *perjicies* em logar de *perspicies*.

espanto, diante da vehemencia, e da crueza sapiente do seu hospede. O abbade Silva, encolhendo os hombros, tornou a sentar-se, tocando cravo por distracção sobre o castão japonez da apparatosa bengala.

Entretanto o commendador, citado em latim, julgou da sua honra, acudir á lingua sabia no estilo de Cicero: — « *Mihi in vestris commodis augendis grata animi benevolentia defectura non est.* » [2]

O erudito pronunciava cada palavra com o rigor, e o perfume classico do amador entendido. Todavia comsigo murmurava: — « Que especie de homem será este? »

Por desgraça, Filippe da Gama, segundo notamos, tinha o ouvido latino muito surdo; repetia de cór, e nem percebeu o que disse nem o que lhe responderam. Por isso, em quanto o douto interlocutor se banhava na pura latinidade, o capitão, perdendo os arções do primeiro bóte, valeu-se dos caxorros de proa, e segundo tinha protestado ao frade, disparou ao acaso outra balla rasa. — « *Quæro cur tam subito mansus est?* » [3]

Lourenço Telles deu um pulo, e chegou para si a campainha de prata, para esconjurar as silabadas e os erros que lhe escorcharam os ouvidos. O desproposito era flagrante. Quanto ao abbade, levantou os olhos ao céu, desencruzou as extensas pernas, e aproximou o chapeo de borlas verdes. Ambos se julgaram em presença de um maniaco. — « *Medoro torce il nazo*! » — acudiu o auctor do Opusculo sobre as bexigas do Viso-Rei.

O capitão lanhava o latim, mas de italiano, percebia alguma coisa, assim como do inglez e hespanhol, em virtude da sua intimidade com os negociantes destas nações. Sem demora deitou ao abbade um olhar mortifero, e voltando-se mais para elle, chapou-lhe muito serio a memoravel sentença:

« Bellum est sua vitia nosse! »

Um salto do compilador de notas, o risito amarelo do commendador ao epigramma classico, e um mio stridulo do gato valido, formaram um accordo perfeito, depois da valente citação.

Filippe, obedecendo aos repetidos signaes de

[2] Tenho o maior desejo de vos ser em tudo agradavel.

[3] Pergunto, qual é o motivo, porque tão de repente amançaste? Filippe estropia a phrase, dizendo *mansus est* em vez de *mansuetus fueris!*

Lourenço Telles tinha arrastado um tamborete, e procurando a melhor posição, não reparou, que um dos pés ameaçava a cauda de *Minete*. Ao sentar-se cahiu em peso sobre ella, e arrancou ao martyrisado gato os lamentos, que retalhavam o coração do sabio commendador. Este desesperado, agitou-se fazendo por sorrir, consolando a victima com sopas de geleia, e dizendo ao mesmo tempo com muito agrado ao seu hospede: — « Não é nada! Agradeço infinitamente o seu incommodo! Toma um copo de vinho, uma culher de doce? Se me fizesse o obsequio de se chegar mais. . . estou um pouco surdo. »

Era um meio delicado de salvar o gato de segundo encontro; porém o raio foi cahir mais longe. Ainda não tinha dito estas palavras já uma especie de terremoto abalava a columna na sua peanha, sacudia a gaiola, e derrubava o papagaio de cabeça para baixo, dançando, suspenso no grilhão, entre gritos agudissimos. Filippe voltou-se admirado, ao passo que Lourenço Telles, branco e convulso, exclamava — « Santa Barbara! » — precipitando-se em soccorro do papagaio. Chegou tarde porém; a mão nervosa do capitão já empolgava a ave pela cabeça, e a repunha no poleiro, mais magoada do soccorro do que da queda.

— « Pelo que vejo o sr. commendador é amigo de brutos? » — perguntou Filippe limpando a lingua aos cantos da bocca, e introduzindo a furto um rebuçado de tabaco.

— « Sim, Sr., sou curioso » — replicou o velho com certa finura ironica. — « Já creei quatro cães, oito gatos, e tres papagaios. *Minete*, que vê, é bisneta da « Sultana » que trouxe de França na minha ultima viajem. Estou com muita pena! Morreu o meu sauguim de uma colica de uvas. . . . »

— « São animaes friorentos! Sabe, este seu papagaio não é feio. Falla bem? »

— « Ensinei-o eu! »

— « Pois, Sr., se o apanhasse no Brazil, quando fui á rossa em Minas Geraes. . . .

— « Não o deixava escapar? . . . »

— « Está brincando! Sal, pimenta, e espeto com elle! olhe que é um bocado saboroso. »

— « O Sr. come papagaios? » — acudiu o Commendador espavorido, e abanando as mãos para chamar o sangue ás extremidades.

— « Cômo, sim Sr., e tambem macacos. Digo-lhe que são gostosos. Parecem mesmo creanças assadas! » — E Filippe ria-se com visivel satisfação.

— « Que homem ! » — disse o abbade recuando a cadeira, em quanto os olhos azues do seu amigo se espantavam com terror.

— « E se nos não devora, não é por sua culpa ! » accrescentou Lourenço Telles, sorrindo contrafeito.

O capitão estava tão contente que julgou magnifica a sensação causada pelas suas opiniões quasi antropophagas.

— « É verdade. » — continuou com certo orgulho — « Prefiro o papagaio. É carne vermelha, aromatica, e saborosa, Quero ensinar a cosinhal-o. Supponha o sr. commendador, que matamos este. Agarram-se-lhe as azas. . . . »

Aqui a acção ía seguir a palavra, quando Lourenço Telles seriamente assustado lhe suspendeu docemente o braço, dizendo :

— « Então, o Sr. pretende comer o meu papagaio ? »

— « Nada, por ora não. Era dar idéa. . . . »

— « Mas eu não gosto de idéas ; digo, não gosto de guizados exoticos. »

— « São scismas. Tudo vae do costume. Na America, por exemplo, quando me deram carne de cobra a primeira vez, qual ! nem á mão de Deus padre. Depois chuchava nella como rebuçado ! »

— « Cobras ! Tambem come serpentes ! » murmurou o commendador quasi parvo de nojo.

— « O congro não é tão bom. Pois o lagarto ? Delicioso ! Branco e tenro como frango. »

— « Este homem, se entra na arca de Noé não deixa senão os ossos ! » — rosnava o abbade abismado. Lourenço Telles torcia-se como um parafuso, e a custo reprimia o que lhe vinha á bocca. Vendo os olhos do hospede fitos no gato com certa complacencia, disse-lhe rindo de um riso forçado :

— « Ía apostar, que tambem me diz que não desgosta de gato, e que é bom ? »

— « De certo. Parece lebre. E em mojangé : asseguro-lhe que se grita por mais. »

— « *S'il a le cœur aussi dur que la tête, nous sommes perdus !* »[1] observou o Commandante ao abbade, que respondeu com um gesto de acquiescencia. E tocando a campainha com força, virando-se para Filippe, disse :

— « Vou mandar chamar a senhora. Ha de estar anciosa de o vêr. »

— Estou ás ordens do sr. commendador. »

A cortezia refinada do erudito penava a fogo lento. A entrada abrupta do capitão, o seu latim salpicado, e as violencias commettidas contra o gato e o papagaio, a par da nauseabunda saliva do tabaco, e dos cruentos dogmas sobre a arte da cosinha, causavam-lhe um tedio, um horror, e uma afflicção, que o cobriam de suores frios, inspirando-lhe a deliberação de sacudir pela porta ou pela janella o grosseiro personagem, que se introduzia em sua casa com tanto desafogo. Mas, escravo da polidez, levou a heroicidade a ponto de continuar o dialogo :

— « Viajou muito, segundo observo. »

— « Menos mal ! Tenho visto meu bocado de mundo. Andei pela China, pela India, e pela America. . . mas como o sr. commendador ainda não vi senão uma pessoa. »

— « Lisonjeia-me ! E em que me pareço com ella ? »

— « Em ser um janeiro penteado. »

— « Com effeito ? »

— « Pelas sete orelhas de Belzebut ! Aposto que o sr. commendador não morre antes de encommendar a mortalha, para ír um palmito á cova. . . . »

Lourenço Telles agradeceu o insulto, como se fosse um elogio. Estava ardendo, mas reprimia-se.

— « Acha-me exotico ? »

— « Nada ! Acho-o divertido. Assim embonecrado e com os pés para a cova, sabe quem me parece ? O Rajá de Singapura. Com noventa annos feitos deu-lhe em casar com uma rapariga de quinze, e toda a noite das bôdas andou n'uma dobadoura. Por signal que dois dias depois foi a pique.

O abbade desatou a rir e o commendador acompanhou-o visto não ter outro remedio.

Neste momento Jasmin, o creado francez de Lourenço Telles, entrou na sala participando que a senhora vinha já. Jasmin era muito formalista, e dez annos mais novo do que seu amo. Trazia á cabeça uma cabelleira immensa, das mais fartas de que havia noticia.

O abbade Silva, como bem educado, entendeu que um terceiro era demais ; por isso, e para se eximir da affabilidade do nosso Filippe da Gama, pegou no chapeu, comprimentou amigavelmente o seu illustre adversario, e encaminhou-se para a porta da escada, precedido por Jasmin. O douto clerigo notára certo ruido forte na escada, mas o calor da conversação e a singularidade della, tinham-no distrahido. Agora, aproximando-se da porta, sentiu-o cres-

[1] Se o coração do homem é duro, como a cabeça, estamos perdidos.

cer, e olhou para o escudeiro, que punha a mão na chave.

O capitão perguntava nesta occasião a Lourenço Telles:

— « Como gosta de animaes, dois de mais, não lhe fazem transtorno? »

— « São o meu recreio! »

— « Pois, se dá licença, offereço-lhe. . . . . »

Não pôde acabar. Apenas se abriu a porta da escada para sahir o abbade, entrou de roldão no aposento um tropel medonho. — Um macaco disforme, descomunal, horrendo, precipitou-se, cingido de uma corrente pela cintura. De rastos, atraz delle, vinha um preto corcunda, procurando contel-o inutilmente. Ladrando e arremettendo, um cão de compridas felpas, e gigantescas proporções, entrou cubrindo a retaguarda do ruidoso sequito. Era o presente de Filippe da Gama; era o « Tigre » e o « Simão » com que esperava captar a benevolencia do seu parente. *Proh pudor!* O creado velho deu um salto de medo, gritando com força « Morbleu! » O abbade, sem gota de sangue no corpo, pozse em defeza com a bengala em guarda de florete. O commendador, aterrado com a invasão, segurava-se meio de pé ao seu velador. Só o nosso capitão ria e esfregava as mãos, gritando ao abbade — « *Torce il nazo Medoro!* »

O macaco, verdadeiro Simia Satyrus de Lineu, investiu pela casa, arrastando em ar de ceppo o pobre preto atraz de si. Apenas avistou o escudeiro e o clerigo, foi direito ao primeiro e pelou-lhe a cabeça da vistosa peruca, arreganhando os dentes; foi direito ao segundo tirou-lhe a bengala das mãos, quebrou-lha no corpo, por fortuna era fina; e usurpou-lhe o respeitavel chapeu abbacial, regalando o dono ao mesmo tempo com uma sova de coices. O pobre antiquario cahiu, e todo amarrotado e vexado, conseguiu salvar-se da ira do mono. — Feita assim a sua preza, Simão chegou-se ao espelho, encaixou a cabelleira e encapellando-lhe por cima o chapeu do abbade, deu um salto á gaiola do papagaio, aggarrou-a, poz uma das mãos no hombro do commendador, e depois um pé, e guindou-se deste modo á janella que dava para o telhado, cuja beira escolhera para recosto, em quanto embalava o « Lindo » no meio de guinchos e biocos infernaes.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Orago da freguezia de Santos o Velho. — Hontem a irmandade dos Santos Irmãos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, invocação da parochial igreja de Santos, celebrou, como de uso annual, a sua festa. N'outros annos, ainda em nossos dias, quando as posses da irmandade eram mais avultadas e as circumstancias da epocha favoreciam, foi esta festa mui pomposa, e, como vulgarmente se diz, das mais rijas de Lisboa. Limitada depois a uma solemnidade decente, mas que não passa de missa de capella; hontem, por um caso excepcional, fez-se com todo o esplendor de musica instrumental, composto o côro dos melhores professores da capital. Concorreu a circumstancia de que o Padre Domingos da Silva, natural da freguezia, tendo recebido ordens de presbytero, cantou nesse dia missa nova; foram ministros assistentes os reverendos priores, de Santos o Padre Pedro, e da Lapa. A solemnisação deste acto veio em auxilio da irmandade, a bem da qual muito se empenha o zelo louvavel do Sr. Francisco José Leano, e de outros irmãos.

A capellinha em que estão collocadas as imagens dos Santos Martyres estava bem armada, e o altar bem alumiado e adornado. Esta capella, que é toda de boa cantaria, fica logo á mão direita na entrada que precede a porta principal da igreja parochial, virada ao poente: é bonita, apesar de ter o tecto baixo e ser falta de claridade. Está exactamente collocada por cima da pequena catacumba que foi primitiva sepultura dos corpos dos Santos, que hoje se veneram no real mosteiro das commendadeiras de Santos o Novo, situado ao oriente da cidade sobre a estrada que vae a Xabregas.

Na mesma capellinha, uma porta ao lado direito dá serventia para um patim que recebe luz bastante da janella, rasgada na muralha do sul com sua grade de ferro, e que tem vista do Tejo; por este acanhado espaço ha communicação para a casa de despacho da irmandade; e descendo uma escada assaz estreita, de 12 degraus de um palmo de altura, voltando logo as costas ao norte damos de frente com a pequena catacumba, que está resguardada por um cancello de ferro, de trabalho facil mas de bom gosto, bem como outro á entrada da capella superior; ambos foram assentes naquelles logares em 1821, anno em que a irmandade com essa obra e varios retoques e reparações gastou para cima de seiscentos mil réis, entrando a pintura do tecto allusiva ao premio do martyrio dos santos padroeiros, representando tres anjos que seguram palmas e corôas: — não se vê mui distinctamente pela falta de luz: mostra certo grau de merecimento no seu pintor, José Thomaz: — a inscripção, com pertenções a versos, diz assim:

« Pela fé ao martyrio se entregaram
« Santos irmãos que de morrer nunca acabaram. »

Por cima da porta lê-se outra, insculpida na pedra, do theor seguinte;

« Toda a gloria do mundo é vento, é nada,
« Só a gloria de Deus é eternisada. »

A capella que fica por debaixo da primeira e que denominamos catacumba é de paredes forradas de azulejo, e terá 16 palmos de comprimento, 14 de altura no centro, e 10 de largura; no topo fronteiro á porta ha junto á parede um altar ou antes banqueta que serve para collocar na vespera e dia da festa seis castiçaes com cirios accesos, bem como são postos outros seis deredor da lapida rasa no meio do pavimento deste pequeno recinto, para que se possa ler este breve lettreiro.

« Proprio logar em que foram sepultados os Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia em tempo do emperador Diocleciano no anno de 307.»

Encostadas ao altar mencionado ha tres pedras em distancias eguaes, assentes sobre bases quadradas da grossura de tres ou quatros dedos pouco mais ou menos; são todas tres semilhantes, e terão cada uma dois palmos e meio de altura por outro tanto de largura; foram para alli trazidas no originario estado de toscas e escabrosas, mas depois as poliram, á excepção de um pequeno espaço no alto; agora apresentam quatro faces com quatro quinas ou arestas que se vão esbatendo até se desvanecerem na parte superior que é convexa e lisa, menos na pequena porção que deixaram em bruto. — Dizem as lendas dos Santos Martyres e tambem a tradição, que a estas pedras de grande pezo foram amarrados os corpos dos tres bemaventurados irmãos quando depois de muitos tormentos e recebido a final com a degolação a palma do martyrio, foram mandados lançar ao meio da corrente do Téjo por ordem do tyranno executor da vontade do perseguidor do christianismo, Diocleciano. Sobre o nome desse proconsul ou presidente nas Hespanhas ha divergencia nos escriptores; querem uns que se chamasse Publio Daciano e outros Tarquino. Diz mais a tradição que as volumosas pedras não impediram que os corpos dos Santos boiassem e sahissem á praia junto do local onde os christãos furtivamente lhes deram sepultura.

Os nossos escriptores de maior nomeada sempre tiveram os Santos Verissimo e suas duas irmãs, por filhos de Lisboa; entre outros o arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica desta Diocese, Luiz Marinho no livro das antiguidades e grandezas de Lisboa, o licenciado Jorge Cardoso no Agiologio; e além destes e outros que deixo de apontar, escreveram o mesmo os hespanhoes Ambrosio de Morales e Alonso de Villergas e mais outros estranhos. Que foram lisbonenses tambem consta pelo breviario do arcebispado de Lisboa. O Padre Carvalho na Corographia até refere a tradição que os faz nascidos no sitio desta cidade chamado das Pedras Negras. O chronista Fr. Bernardo de Brito diz — « São estes Santos patrões e defensores particulares da cidade de Lisboa, como naturaes della, e com milagres notaveis mostraram em muitas occasiões quanto a tinham á sua conta etc.

Custa-nos pois a explicar o empenho com que Fr. Agostinho de Santa Maria trabalha no 1.° tratado da Historia Tripartita em querer provar que os tres Santos irmãos nasceram em Roma se bem que padeceram martyrio na Lusitania; e isto com bem fracos fundamentos em nossa opinião, pois que todos se estribam em os nomes romanos dos Santos, e n'uma lenda manuscripta, em latim, e de auctor anonymo, circumstancia que só per si a torna suspeita, sendo vulgarissimos e numerosos os exemplos de similhantes apocriphos. Esse papel possuia-o o mosteiro das Commendadeiras de Santos. que tambem é da invocação dos mesmos Santos Martyres. — É verdade que Fr. Agostinho escreveu por segurança estas phrases: » — ainda assim porque se não diga que dou mais credito ao livro manuscripto que á opinião de tantos e tão graves auctores, e que sendo portuguez abraço a opinião de um só desprezando a de todos e privando a minha nação desta honra, deixo esta materia indecisa.

Cumpre notar de passagem que o cardeal Baronio diz, que os Santos lusitanos Verissimo, e seus irmãs Maxima e Julia padeceram martyrio no anno de Christo 303, com o que não concorda a inscripção da sepultura. Com o andar dos tempos e cessando as perseguições os christãos erigiram no local desta uma pequena ermida, que até na dominação dos mouros conservaram, sendo-lhes permittido celebrar ahi os officios divinos. El-rei D. Affonso Henriques depois da tomada de Lisboa erigiu Templo mais amplo, junto ao qual seu filho edificou em 1192 um convento para os freires da ordem militar de Santiago, no proprio sitio que veio occupar depois o palacio dos marquezes d'Abrantes. El-rei D. Affonso III mandou os freires para Alcacer do Sal, vindo para a habitação destes religiosas da mesma ordem de Santiago. Tendo D. João II mandado construir o novo mosteiro ao oriente da cidade, como já dissemos, e que por isso se chama mosteiro de *Santos o Novo*, para ahi se transferiram as religiosas em 1490 levando comsigo os corpos dos Santos Martyres. A antiga igreja ficou com o nome de *Santos o Velho* em rasão do primeiro convento; e se erigiu depois em paroquia, que o cardeal rei D. Henrique quando foi arcebispo de Lisboa desmembrou da freguezia dos Martyres em 1566, como consta da constituição do antigo arcebispado folhas 73. As casas contiguas foram vendidas pelas commendadeiras a D. Luiz de Lencastre pelo preço de dez mil cruzados.

Suicidio premeditado. — Terça feira, 30 de Setembro, ás 11 horas da manhã, enforcou-se o Sr. João Alves Renda, dono d'uma fabrica de pão na rua de S. João da Praça.

Não consta ao certo quaes fossem os motivos que o levaram a praticar este acto de desesperação; ha com tudo rasão para suppor que fôra effeito de desarranjo mental, por quanto lhe foi encontrada uma carta do seu proprio punho, datada de 19 de Setembro, em que dizia: — *« que não criminassem ninguem, porque fôra elle que attentara contra os seus dias; e que desejava ser conduzido* a pau e corda *ao Hospital de S. José, a fim de se lhe fazer autopsia, para se conhecer a causa da sua morte!* »

Uma providencia sanitaria e de limpesa. — A Camara Municipal, para a conta das muitas obras de reconhecida utilidade publica a que tem mandado proceder, deve tomar a providencia que reclamam os proprietarios e moradores da Carreira dos Cavallos, sitio para onde o Hospital de alienados estabelecido em Rilhafolles, faz o despejo das immundicies, á falta de cano real. Ouvimos áquelle-

habitantes e donos de predios que não remedeia inteiramente o mal a medida, adoptada pela camara, de mandar diariamente as carroças espalhar caliça e caldeal-a com as immundicies para as transportar; porquanto no acto da limpeza, e ainda depois, é tão insuportavel o fétido que grande parte dos moradores tem largado as casas; o que toda a gente póde observar, pois que os melhores predios, e que não são poucos, acham-se devoluto. Estando tão proximo o cano real (na rua da Inveja a tiro de bala da Carreira dos Cavallos) não ha duvida que a sua prolongação removeria aquelles prejuizos e incommodos. É pois uma obra de necessidade urgente.

Causa extraordinaria da perda de um navio. — O *Apollo*, formoso barco movido por vapor, que fazia carreira entre Rotterdam e Londres, perdeu-se no meado de Setembro, em o banco de Knoch, que demora não muito distante da entrada do Tamisa. Diz-se que fôra causado este sinistro por uma variação da bussola, que fez com que o capitão seguisse direcção differente da que presumia percorrer. O *Apollo* era de ferro: — nas construcções desta natureza acontece formar-se um polo magnetico em uma ou outra parte, conforme a posição que o navio occupou no estaleiro. A bussola em vez de obedecer ao magnetismo terrestre, que mantem a agulha na linha Norte — Sul, obedeceria á attracção especial do ferro do navio, se não fossem collocados compensadores tocados na pedra de cevar que destruam esta influencia. Porém, sendo estes compensadores, ou a força que combatem, sujeitos a soffrer algumas modificações que porventura não se percebam, a bussola segue a sua variação e engana o navegante que confia nas suas indicações, ordinariamente infalliveis. Tal parece ter sido a causa da perda do *Apollo* e de outros navios; porque produz-se o mesmo effeito, postoque em menor grão, até nos navios de madeira, particularmente nas latitudes elevadas, em rasão da proximidade do polo magnetico da terra.

Nau Vasco da Gama. — Este bonito vaso da nossa decadente marinha sahiu do dique do Arsenal, onde esteve a concerto, no dia 27 do passado: antes das duas horas da tarde já fluctuava no meio do rio. A obra que se lhe fez é segura e bem acabada, e correu depressa. A nau *Vasco* de 80 peças, foi construida no Arsenal de Lisboa pelos constructores, Manuel Clemente de Barros e Joaquim Jesuino da Costa, e lançada ao mar em 2 de Setembro de 1841.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 9. QUINTA FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O INVENTO DE M. ADOR.

Muito depois de termos visto o artigo do Dr. Titon que inserimos em o numero de 25 de setembro, nos veio á mão outro de M. Victor Mercier, nos seguintes termos.

« O talento industrial tem andado tanto caminho, desde que uma longa paz lhe deixou livre o impulso, que seria difficil acompanhal-o sem desvio em as numerosas carreiras que tem percorrido. Para sermos claros e concisos, fallaremos agora somente do vapor, por occasião de uma memoria, obra verdadeiramente notavel, intitulada: — « O gerador trinitario de calorico, de força motriz, e de luz, de Ambrosio Ador, chimico.

O vapor é hoje a mais poderosa alavanca industrial; porém, quantas tentativas e ensaios se tem de fazer; porque ainda estamos bem longe da perfeição! O preço das maquinas é mui subido; carecem de entretenimento diario mui dispendioso, a combustão é immensa, os perigos frequentes; em summa, como diz M. Ador com rasão e nas formulas mais lucidas — as chaminés appresentam, não contando as despezas de construcção e a sua pouca duração, inconvenientes molestos. Deixam escoar-se, inteiramente perdida, uma grande parte do calorico; produzem fumo incommodo e aborrecido; applicadas ás locomotivas e aos barcos de vapor, cortam o ar em detrimento da força motriz, etc. »

Por um systema novo, resultado admiravel de longos estudos e de experiencias legalmente comprovadas, cujas particularidades offerecem ao leitor instruido tão vivo interesse na Memoria de M. Ador, occorre-se a todos os inconvenientes agora existentes. Em apoio de seus raciocinios claros e concisos, estampas gravadas mostram aos olhos os novos modelos, cuja descripção já o intendimento tem conhecido no texto.

A primeira leitura desta memoria causa viva impressão, e faz desejo de a tornar a lêr; quereria poder dar aqui uma analyse, porém seria isso enfraquecer a força das expressões e raciocinios. Fallarei, portanto, das principaes vantagens do invento, que ninguem rasoavelmente negaria a não ser por vontade de negar a evidencia.

O systema das maquinas é completamente alterado; são muito menos pezadas, muito menos complicadas, e por metade do preço; e por certo que só isto seria objecto muito attendivel; porém, a economia na combustão é de uma alta importancia, porquanto se reconheceu que seria de mais de 45 por cento. Attentos taes resultados, que trazem tamanhas consequencias no que respeita ao custo actual dos productos das fabricas de vapor, ao das viagens nas locomotivas e barcos de vapor, escusado é fallar de outras vantagens do *gerador trinitario*, taes como, suppressão de chaminés, de perdas de calorico, etc.

Em sua longa carreira de estudos e de experiencias, M. Ador, antes de chegar aos aperfeiçoamentos que expõe, e para se defender contra a ignorancia, a estupidez, e a inveja, teria (como é uso dizer-se) de combater com uma das mãos e de trabalhar com a outra; porquanto, sendo os homens de genio raros, quando surge algum, as mais das vezes a multidão arreda delle os olhos, como se a sua cabeça radiante deslumbrasse a vista. Muitas vezes contestamos o merito evidente ou o entibiamos com mesquinhas contrariedades; e que se tira dahi?.. Ficarmos na escuridão, quando poderiamos alegrar os olhos com as ondulações da luz que ía illuminar-nos.

— Depois de algumas queixas contra a antiga indolencia do povo francez, em materia de inventos, o citado escriptor prosegue assim: —

« Na Memoria de M. Ador, que todavia não consta de mais de cincoenta paginas, ha capitulos admiraveis: não posso deixar de citar dois, que são para todos os leitores uma lição de physica das mais novas e interessantes. O primeiro trata das

misturas de corpos com substancias que por sua reunião prudentemente combinada, nas condições requeridas, produzem combustiveis completos, representando os dois conductores de uma machina electrica em actividade, produzindo o phenomeno da combustão. M. Ador tratou este assumpto como profundo mestre. No outro capitulo expõe as suas experiencias para demonstrar a possibilidade de *queimar* a agua no seu estado natural ou no de vapor, isto é, sem que seja decomposta pela intervenção de metaes, de machinas electricas, e de acidos. Vê-se ahi que o proprio M. Ador, em consequencia de uma audaz manipulação, se penetrou de assombro e sobresalto á vista dos pasmosos resultados que obteve. Ouçamol-o agora sobre este ponto.

« Passados alguns minutos, qual foi o meu assombro vendo sahir da vasilha um diluvio encantador de diamantes inflammados, os mais resplandecentes, em fórma de paveia immensa, que tomou o espaço de mais de seis metros quadrados de um vasto subterraneo, d'antes tenebroso, mas que de subito se encheu de uma luz tão viva que os meus olhos não a podiam supportar. Pela primeira vez deram-me calafrios que me correram todo o corpo. Julguei-me de repente transportado para as immediações de um sol formoso que me despedia milhares de seus raios magnificos, mas temerosos vistos de perto. Era, em fim, um volume de fogo que reunia a uma luz offuscadora um calor da maior intensidade, isto é, a belleza e o poder. »

Se M. Ador professasse um curso de chimica explicando-o deste modo, as suas lições seriam complexas, porque teriam muita parte de litteratura. Se não receiasse alargar-me muito, fallaria tambem da comparação que o auctor faz, em outra parte, da combustão animal com a que é produzida nos melhores fogões empregados na industria: é de uma profundidade inaudita e resultado de longas observações, adaptando-se optimamente a esta reflexão, com que termina um capitulo. — « Parece que para a maior parte dos homens, a lingua mais difficultosa de aprender é a da natureza, que desde a creação lhes dá lições com perseverança e paciencia. »

« Conclue, manifestando o pezar de que M. Ador não seja compatriota nosso, e que não venha o seu nome dar novo esplendor á coroa de nomes immortaes com que a França engrinalda a fronte.

ESCHOLA DE COMMERCIO EM PARIS.

A Exposição de Londres fez palpaveis os dilatados horisontes que se patenteiam á mocidade, uma vez que seja iniciada nos estudos industriaes e commerciaes para que possa entrar na carreira das diversas profissões praticas da vida social e trabalhadora com perfeito conhecimento de causa. Nessas carreiras é que os mancebos poderão achar verdadeira independencia, a independencia que deriva da instrucção applicavel á pratica, do trabalho, e da valia individual do homem. Vendo-se a immensa variedade de objectos expostos no palacio de cristal, facilmente se conjectura que o commercio póde quotidianamente adquirir novas ramificações pelo conhecimento de grande numero de materias primas e de productos por assim dizer *ineditos*.

É por isso que M. Duhamel, cujas observações recopilamos, destina um artigo á recommendação dos estabelecimentos, dignos de se imitarem nos paizes civilisados, e que tem por objecto habilitar individuos capazes de entrarem nessas carreiras e profissões verdadeiramente livres, e que estão abrigadas das variações e das vicissitudes da politica. Dentre os institutos que tem direito á especial attenção das familias menciona com merecido elogio a *Eschola superior de commercio de Paris*, fundada em 1820 por Chaptal, Laffitte, Ternaux, e Casimiro Perier, e dirigida ha vinte annos por M. Blanqui, membro do instituto, professor do conservatorio das artes e officios. Mais de cinco mil alumnos nacionaes e estrangeiros sahiram della desde a sua fundação; e posteriormente patrocinada pelo estado, que sustenta certo numero de pensionistas, não cessou de fornecer ao commercio muitos filhos de sua educação instruidos e distinctos.

O ensino em a eschola de commercio, organisado por seus eminentes fundadores, homens praticos por excellencia, abrange em primeira linha o estudo das linguas vivas, falladas e escriptas sob a direcção de professores naturaes dos paizes onde se fallam, e com o auxilio dos recursos naturalmente offerecidos aos nacionaes pelos compatricios que vem de terras estranhas; porquanto é tal a reputação deste instituto que a terça parte dos alumnos, de que se compoem o pessoal, em todas as epochas da sua existencia, são estrangeiros.

No anno corrente figuraram entre os premiados, (a par dos mancebos francezes) americanos do norte e do sul, inglezes, alemães, hespanhoes, gregos de Athenas, armenios de Constantinopola e de Smyrna. A eschola superior de commercio é o primeiro estabelecimento de França, e talvez da Europa, para o estudo das linguas vivas.

A contabilidade em todos os seus ramos fórma o segundo elemento da instrucção professional: dois professores, encarregado um da theoria e outro das applicações, iniciam os discipulos em todas as partes desta sciencia hoje tão importante. — Contabilidade agricola, fabril, commercial, financeira, a todas se attende, e os alumnos a todas são obrigados, exercitando-se em boa idade naquella vigilancia rigida e minuciosa que por fim actua nos caracteres e lhes imprime certa madureza precoce e reflexiva. O ensino da contabilidade é inteiramente pratico para o termo dos estudos. Suppoem-se o discipulo estabelecido n'uma praça de commercio; confia-se-lhe um capital; escriptura os seus livros, faz transacções, compra e vende conforme os preços effectivos das differentes praças da Europa postos á sua disposição, e dirige-se em tudo como um verdadeiro e sisudo negociante.

Ninguem de fóra calcula bem a influencia que esta pratica simulada do commercio tem no espirito dos

mancebos, e as vantagens que lucram para entrarem depois no campo positivo do negocio. Chegam lá com uma experiencia fortalecida pelo estudo profundo do Codigo do Commercio, cujas applicações lhes são ensinadas; muitos, familiarisados cedo com o consulado maritimo, com as obras de Pardessus, de Locré, de Bravard-Veyrières, vieram a ser excellentes juizes consulares. A Economia politica lhes faz conhecer ao mesmo tempo a organisação dos bancos, o modo por que os capitaes operam, a theoria dos fundos publicos, e todas as elevadas questões industriaes da nossa epocha.

Os alumnos da Eschola superior de Commercio não estariam habilitados para a sua importante missão, se não estudassem a origem, a qualidade, as variedades, os direitos de entrada de todas as materias primas. Um museu especial, modelado pelo grande museu da bolsa de Paris, e que ainda ha pouco se augmentou com muita quantidade de novos productos vistos na Exposição de Londres, lhes facilita este estudo tão agradavel e interessante.

Cada objecto importante, e inumeraveis fazendas secundarias estão representadas por amostras authenticas: os assucares, café, cacáo, chá, todas as drogas, as materias de tecidos, lãs, sedas e algodões, canhamos, linhos, cachemiras, de todas as procedencias, figuram naquelle museu com as suas variedades; e os alumnos se exercitam no modo de as conhecer, estudando-as sob os seus diversos aspectos.

A chimica ensina-lhes a descobrir as falsificações e as fraudes, ainda infelizmente mui numerosas no commercio.

Não mencionaremos, senão por lembrança, os cursos accessorios de desenho linear, de escripta, de geographia e historia, de cambios, de litteratura, que completam este amplo ensino especial, donde tem sabido tantos guarda-livros habeis, juizes consulares distinctos, e chefes de casas opulentas.

Os alumnos desta eschola gozam da vantagem inapreciavel de acharem collocação com a maior facilidade, e de serem muito procurados pelos seus conhecimentos praticos.

Um conselho presidido pelo ministro do commercio e composto dos homens eminentes nas sciencias e na industria procede aos exames no fim de cada anno. Este conselho distribue os diplomas obtidos em resultado dos exames, e confere as medalhas de prata e de bronze concedidas pelo governo aos discipulos que mais se distinguiram.

MAQUINA DE VAPORES COMBINADOS.

Diversos jornaes dos Estados-Unidos, entre elles o *Courrier*, publicaram informações mais ou menos particularisadas sobre uma nova maquina inventada e transportada para a União americana por um engenheiro francez, M. Trembley, de Lyão.

Esta maquina é da força de 15 a 20 cavallos e funcciona diariamente nos estabelecimentos industriaes de MM. Stillmann, Allen & Comp.ª

O principio fundamental do invento é o calor latente, como no vapor da agua, passando inteiramente n'um liquido em ebullição a uma temperatura baixa com a qual esse vapôr é posto em contacto, calor que é perdido nas outras maquinas. — Podem egualmente empregar-se o ether sulphurico, o chloroformio, o chlorido e o sulfuro de carbone.

Deste contacto resulta a vaporisação do liquido e a condensação do vapôr da agua. O novo vapôr formado pela condensação do vapôr da agua tomado no *escapamento* (evasão do recontro) do cylindro em que funccionou, serve para mover o embolo (*piston*) de um segundo cylindro que vem accrescentar sua força á do primeiro.

Por esta feliz combinação, o inventor duplica a potencia por uma quantidade dada de combustivel: obtem-se essa mesma potencia reduzindo 50 por cento a quantidade de carvão despendida nas melhores maquinas de condensação. A mesma agua e o mesmo liquido alternativamente condensados e vaporisados em vasos cerrados ajudam-se constantemente, salvo as leves perdas sem importancia que necessitam uma alimentação parcial.

Este invento é applicavel a todas as maquinas fixas e ás de navegação, destinado sobretudo a effectuar nesta uma revolução, em virtude da economia de peso e de espaço, e por evitar a incrustação das caldeiras, consequencia particular da condensação do vapôr d'agua.

ESCRAVATURA BRANCA.

Para prova da iniqua alliciação, que distrahe do archipelago dos Açores numerosa porção de braços trabalhadores, e os vae sepultar no inhospito clima da Cayenna ingleza, com igual, senão peior condição á dos que emigram das mesmas ilhas para o solo brazileiro, transcrevemos do *Açoriano* de Ponta Delgada os seguintes documentos. Vê-se que as auctoridades civis tem dado algumas providencias para obstar áquelle mal; cumpriria, porém, que o governo pozesse á disposição dessas auctoridades alguma força maritima, que as coadjuvasse opportunamente.

Governo civil do districto de Ponta Delgada. —... Sr. — Rogo a V. o obsequio de inserir no jornal que tão dignamente redige a carta que inclusa lhe remetto, e que acaba de me ser entregue.

Não podendo ninguem duvidar que ella foi escripta em Demerara, como se vê dos differentes carimbos que tem no subscripto, nem tão pouco de que foi escripta por um infeliz patricio nosso, é justo que quanto antes se lhe dê a maior publicidade, para bem da santa causa em que todos nos achamos empenhados, e para desengano desses infelizes, que ainda se alimentam com a esperança de irem áquella terra buscar fortuna, alliciados por pessoas, que se não pejam de os enganar e sacrificar, para lucrarem com tão vil e abominavel trafico.

Deus guarde a V. Palacio do governo civil em 15 de setembro de 1851.

... Sr. Redactor do *Açoriano Oriental.*

O governador civil

Felix Borges Medeiros.

Demerara 12 de julho de 1851.

Minha estimada mulher Thereza de Jesus. Em primeiro logar muito estimarei que estas duas regras tenham a fortuna de irem encontrar a minha querida mulher e toda a nossa estimada familia etc.; minha mulher participo-te que cheguei a esta terra a salvamento com 18 dias de viagem e ao presente fico de saude graças o Pae do Ceu. Minha mulher eu sem ti não sou nada, porque és a vista dos meus olhos tambem te peço que me perdoes, sem causa nem motivo fazer-te o que te fiz, mas paciencia, Deus é bom Pae e não Padrasto, se acaso eu cahi neste erro o L.... da Silva da Calhete, é que me revirou o sentido, estando encostado á torre da Matriz nem só eu, senão outros taes e quaes a mim marceneiros, e carpinteiros: te peço que não venhas para esta terra, que era divida que eu devia ao diabo: querendo Deus, durante um anno hei de estar á tua vista minha rica querida mulher, eu só conheço a tua falta. Manda-me dizer se acaso estás em casa de meu pae, ou em casa de teu cunhado Antonio, trata bem tuas sobrinhas, e olha bem a quem alugas a nossa casa da figueira preta; para baixo seja do alugador que na casa morar e de lá para cima seja para tu desfructares: se debulhastes a couvinha manda-me meia maquia e se vendestes paciencia, que cá me hei de remediar: conforme a falla que o dono do patacho me deu, eu contava ir agora quando o navio fosse, porque ganhava dinheiro; alguns visinhos nossos que estejam dirigidos para vir com similhante maroto, diz a meu pae, que deve participar ao governador civil, para não os enganarem como enganaram a nós, veja meu pae se denuncia a João Ignacio Peixoto: minha mulher, estranhei em tu me mandares perguntar por tua sobrinha e não me mandares a roupa, ou estivesse ou não estivesse, que elle era portador certo; agora nada mais tenho a dizer nesta occasião senão que acceites muitissimos abraços e beijos, que só com vista, ou morte terão fim, muitas saudades a meu estimado pae, e juntamente lhe peço a minha benção e dize-lhe, que lhe mando lembrar que tenha sentido em ti em algumas afflicções que tiveres, dá-me muitas saudades a todos os nossos visinhos e visinhas, toda a pessoa que por mim perguntar: agora adeus, adeus até o Altissimo Senhor ser servido de nos tornarmos a vêr, se Deus fôr servido d'aqui a um anno eu hei de estar aos teus pés. Sou este teu marido que te estima e venera até fim da sua vida.

Francisco Jacinto Ventura.

Procuradoria Regia junto á Relação dos Açôres. — Illm.° e Exm.° Sr. — Para que V. Ex.ª possa ficar inteirado de que pelo ministerio publico a meu cargo se presta a esse governo civil a devida coadjuvação, para a efficacia das diligencias, que V. Ex.ª julgue necessaaio empregar, com o fim de reprimir e obstar ao commercio da emigração dos habitantes desta ilha para Demerara, ou algum outro paiz estrangeiro, sem passaporte legitimo — cabe-me a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a inclusa copia do officio circular, que, em data de 10 do corrente, enviei a todos os meus delegados sobre o mesmo assumpto, a fim de que não fiquem impunes os auctores, ou cumplices no crime, de que se tracta, e em que não pódem deixar de comprehender-se os alliciadores, em vista da doutrina e legislação, deduzida no meu dito officio, d'onde V. Ex.ª conhecerá, que eu me não conformo com a opinião do meu delegado nesta comarca, em quanto reputaria a simples alliciação, para aquelle fim, como um acto innocente, e fóra do alcance das leis criminaes, segundo o que V. Ex.ª me participou no seu officio de 5 do corrente. Pelo que ordenei logo ao dicto delegado, que interpozesse o competente recurso do despacho do juiz de direito, proferido em conformidade daquella opinião, como annunciei a V. Ex.ª no meu officio de 6 deste mez; e não tendo até agora conhecimento da execução, ou resultado da minha ordem, nesta data a renovo, porque em vista do auto, que por copia acompanhou o ultimo officio de V. Ex.ª, com data de 7, claramente se conhece, que a alliciação, a que se refere, tinha por objecto a sahida dos alliciados sem passaporte.

Pelo systema da nova legislação criminal os que prestam ajuda, conselho, e favor, para o commettimento dos crimes, são reputados e punidos como os proprios delinquentes — Alv. de 28 de Julho de 1751, 1.° de Julho de 1752, § 6, e 14 de Novembro de 1757 § 3, e 4. É por isso, que a seducção ou alliciação dos soldados, para desertarem, é considerada um crime gravissimo, e como tal punida, ainda que os alliciados não desertem, por não poderem, ou não quererem annuir á seducção — Alv. de 15 de Julho de 1763, e dito de 29 de Julho de 1832.

Não póde ser avaliada, por outro modo, a alliciação de quaesquer cidadãos, para deixarem a sua terra natal, sem passaporte, ou perpetrarem algum outro crime — a differença póde sómente consistir na gravidade do delicto, e intensidade da pena: mas não deixa, por isso, a simples alliciação de ser um acto criminoso, que muitas vezes será mais que conselho, favor, ou ajuda, quando for a causa primaria, e unica da sua perpetração.

São estas as minhas idéas fixas ácerca de tão ponderoso assumpto; assegurando a V. Ex.ª de que na sua conformidade regularei o meu procedimento, e continuarei a expedir, nos casos occorrentes, as necessarias ordens a todos os agentes do Ministerio Publico, dependentes desta Procuradoria Regia.

Deos guarde a V. Ex.ª Secretaria da Procuradoria Regia em Ponta Delgada 12 de setembro de 1851.

Illm.° e Exm.° Sr. governador civil do districto de Ponta Delgada.

O procurador regio.

Antonio Joaquim Nunes de Vasconcellos.

Segue a copia a que se refere o officio acima transcripto, e que é desnecessario trasladar, não sendo mais do que o desenvolvimento da doutrina do mesmo officio.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

242 MARMORE.
243 MARMORE.
244 BRÊCHE
Da serra d'Arrabida.
245 MARMORE.
246 MARMORE.
O Expositor destas 16 pedras de n.° 232 a 247, é Dejante, com fabrica de serração de pedra, movida por vapôr, á Boa-Vista, em Lisboa.
247 MARMORE. — Expositor e proprietario, Joaquim de Figueiredo, residente em Vianna do Alemtejo.
Extrahido de terrenos pertencentes ao Expositor, e por elle mandado preparar.
248 MARMORE. — Expositor e proprietario, Joaquim de Figueiredo, residente em Vianna do Alemtejo.
Extrahido de terrenos pertencentes ao Expositor, e por elle mandado preparar.
249 MARMORE. — Expositor e fabricante, Dejant. Fabrica, vide n.° 232 a 247.
250 MARMORE. — Expositor e fabricante, Dejant. Fabrica, vide n.° 232 a 247.
251 MARMORE.
252 MARMORE.
253 MARMORE.
254 MARMORE.
255 MARMORE.
256 MARMORE.
O Expositor destes 6 marmores de n.° 251 a 257, é Joaquim de Figueiredo (vide n.° 248 e 249) que os fez extrahir das suas propriedades em Vianna do Alemtejo, e alli mesmo os mandou preparar por sua conta.
257 MOSAICO DE MARMORE DO ALEMTEJO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Composto de 60 amostras, e diversas pedras d'armamento, e foi preparado na fabrica de Dejant, em Lisboa.
258 MARMORE BRANCO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Da provincia do Alemtejo.
259 MARMORE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, Serra do Ficalho.
260 MARMORE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa, Serra do Ficalho
261 BRECHE VERDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Monsaraz, sitio de Roncão.
262 FOLHA DE MARMORE BRANCO COM VEIOS PRETOS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Esta folha de marmore, está cortada de tal fórma, que parece vidraça.
263 FOLHA DE MARMORE BRANCO COM VEIOS PRETOS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Preparado como vidraça.
264 FOLHA DE MARMORE COR DE ROSA COM VEIOS. — Expositor, Carlos Bonnet.
Preparado como vidraça, e muito transparente, na fabrica de Dejant, em Lisboa.
265 MARMORE PRETO. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
De Cintra.
266 MARMORE VERMELHO COM CONCHAS BRANCAS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Deve observar-se que não vão descriptas as localidades dos marmores expostos por Dejant, por elle as não ter manifestado a publico.
267 MARMORE PRETO E BRANCO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
268 MARMORE AMARELLO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
269 MARMORE BRANCO, E UM POUCO COR DE ROSA.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
270 MARMORE BRANCO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
271 MARMORE BRANCO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
272 MARMORE AZUL FERRETE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
273 SCHISTO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
274 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica do Porto, no Bulhão.
275 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica do Porto, no Bulhão.
276 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica nas Janellas Verdes, Lisboa.
277 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica nas Janellas Verdes, Lisboa.
278 TIJOLO REFRACTARIO.
279 TIJOLO REFRACTARIO.
280 TIJOLO REFRACTARIO.
281 TIJOLO REFRACTARIO.
282 TIJOLO REFRACTARIO.
283 TIJOLO REFRACTARIO.
284 TIJOLO REFRACTARIO.
285 TIJOLO REFRACTARIO.
286 TIJOLO REFRACTARIO.
287 TIJOLO REFRACTARIO.
288 TIJOLO REFRACTARIO.
289 TIJOLO REFRACTARIO.
290 TIJOLO REFRACTARIO.
291 TIJOLO REFRACTARIO.
292 TIJOLO REFRACTARIO.

Deve observar-se que o expositor destes 15 tijolos de n.° 278 a 292, é José Ferreira Pinto Bastos, com fabrica em Vista Alegre, perto d'Aveiro.

293 PEDRENEIRAS.
Rio Maior.
294 PEDRA D'AFIAR.
De Bragança.
295 PEDRA D'AFIAR.
De Bragança.
296 TRIGO LOBEIRO.
Provincia da Estremadura.
297 TRIGO DURAZIO RIJO.
Provincia da Estremadura, districto de Lisboa.
298 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho, Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
299 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, José Joaquim Roque Delgado.
300 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho, provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
301 TRIGO RIJO.
Provincia da Beira, concelho da Figueira.
302 TRIGO RIJO PALHOÇA.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem, de boa qualidade para massas.
303 TRIGO RIJO.
Provincia do Alemtejo.
304 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
305 TRIGO RIJO.
Provincia da Estremadura.
306 TRIGO RIJO PRETO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
307 TRIGO GIGANTE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora.
308 ESPIGA DE TRIGO GIGANTE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora.
309 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, João Rodrigues d'Azevedo.
310 TRIGO RIBEIRO.
Da Gollegã.
311 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, Anselmo Manuel Xavier.
De Benavente.
312 TRIGO RIBEIRO.
De Benavente.
313 TRIGO RIBEIRO.
De Setubal.
314 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.
315 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.
316 TRIGO DURAZIO MOLAR. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
317 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, João Vicente d'Almeida.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
318 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, Antonio da Silva Junior.
De Benavente.
319 TRIGO RIBEIRO.
De Alcacer.
320 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.
321 TRIGO RIBEIRO.
Da Figueira.
322 TRIGO MUGE.
Da Figueira.
323 TRIGO MOLLE RIBEIRO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura.
324 TRIGO TREMEZ.
Alcacer.
325 TRIGO TREMEZ. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.
326 TRIGO TREMEZ. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
327 TRIGO MOLAR DURAZIO — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.
328 TRIGO DURAZIO MOLAR. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, districto de Lisboa.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VII.

ULISSES ABRAÇA PENELOPE!

(Continuado de pag. 94.)

Não é facil pintar o pavor e a indignação de Lourenço Telles. Tremulo de susto procurava o florete e não o achava, tinha-se resolvido a varar o mono. Olhava inflammado para o nosso capitão, que ajudando a erguer o abbade, esgotava da janella um copioso vocabulario de pragas contra o macaco. Neste terrivel transe o cão, espectador rosnante até alli, decidiu-se a entrar em scena; o que fez saltando no gato, que a sua presença obrigava a assoprar com o contra-baixo de uma ronca prolongada. O infeliz «Minete», feito um ouriço, debaixo da cadeira de seu dono, repellia o dente com a unha, e com arte favoravel sustentava o assalto de que ficaram cruentos signaes no focinho do inimigo e nas pernas do commendador. O velho erudito entre as garras do gato e os dentes do cão, perdido de cholera, descarregava ás mãos ambas, e de cutello, um volume monstro das obras de Santo Agostinho sobre o dorso canino.

Este episodio durou minutos. Filippe, o creado,

e o preto, conseguiram por fim desapossar o macaco da sua presa, e desalojar o cão. Simão foi algemado com a sua corrente; e Tigre contido pela bengala de seu dono. A paz renasceu no agitado aposento, e olhando uns para os outros, e vendo-se quaes ficaram do combate, os actores da farça, proromperam n'uma gargalhada estrepitosa e cordeal; Jasmin com a calva nua; o abbade roto e amarrotado; e o commendador com um mappa geographico nas meias, das unhas de «Minete.» Esta rizada, que celebrou a concordia do reino animal, era repetida da rua por quantos viam prezo á janella sacada um mono disforme, enfeitado com sua cabelleira de caxos, e chapeu de clerigo.

Seguiu-se Filippe da Gama a dar as explicações sobre o attentado; o orador provou a boa intenção e absolveu-se do resto. O discurso foi acceito; Lourenço Telles era muito cortez para lhe observar a differença que havia entre um sauguim e o hediondo mono, que mettia a sua casa a saque. Apezar disso não se esqueceu de chamar Jasmin e de lhe dizer ao ouvido com ira concentrada: «*Empoisonnez-moi le singe au plutôt! Quel animal affreux!*»

O abbade applaudiu, e Jasmin ouviu a ordem cruel com visivel satisfação.

Entrava então na sala a sr.ª Magdalena da Gama, e o commendador, encostando-se ao braço do abbade, retirou-se, precedido por Jasmin com o papagaio, e seguido de «Minete» que se retirava magestoso com as honras da guerra. Lourenço Telles ao pé da porta viu o padre Fr. João, e a despeito da sua polidez não poude conter-se, que lhe não dissesse:

—«Padre mestre, o seu amigo é um homem inaudito. Come lagartos e papagaios; desfécha em latim com as pessoas, que não conhece; e acaba por introduzir em minha casa um macaco, que moeu o abbade, roubou a peruca ao meu escudeiro, e por um segundo não almoça o meu papagaio. Gosto pouco de o vêr com a senhora. Em todo o caso Jasmin não o perderá de vista

Ce monsieur du lion là
Est parent de Caligula.

Ah, inimitavel Lafontaine! Até logo Fr. João; é nosso hoje?»

O frade abaixou a cabeça, e encolheu os hombros. —«Valha-me Deus com este Filippe! Sempre hão de parar nisto as suas graças!»— E foi atraz do commendador para lhe desvanecer os preconceitos.

Entretanto o honrado Filippe tinha o coração melhor do que a cabeça. Vendo sua mulher com o luto de viuva, e lendo no seu rosto as saudades e as lagrimas de muitos annos, custou-lhe a reprimir que a não apertasse nos braços. Passou-lhe da idéa a novella que tinha urdido, e faltou-lhe o animo para exacerbar a dôr nas chagas vivas desta alma magoada. Em presença de Magdalena esqueceu-se do que soffrera e lembrou-se do muito que a sua ausencia a fizera padecer. A felicidade, que o mundo póde dar, promettia sorrir-lhe naquelles olhos ainda bellos, quando os enchugasse; chamava-o por aquella bocca fiel em guardar os juramentos, que uma vez pronunciava. Confuso e perplexo, o capitão ora olhava para o chão, ora embebia a vista em sua mulher, sciamando sobre o que devia dizer. Magdalena rompeu o silencio, depois de breve pausa.

—«Aqui estou, sr.! Venho receber da sua bocca a vida ou a morte. Fr. João disse-me...»

—«Fr. João é um asno!—exclamou Filippe. Se lhe disse que seu marido era morto enganou-a. Posso jurar-lhe que está vivo. Ninguem o sabe melhor do que eu.»

Magdalena levantou os olhos com viveza, mas não os fitou na pessoa que lhe fallava. Comtudo percebia-se que o som da voz a fazia estremecer.

—«Fr. João é incapaz de mentir—respondeu com alguma severidade.—Apenas me informou de que tinha chegado da India um amigo seu e de meu marido, que Deus haja; e com um suspiro Magdalena accrescentou:—Fr. João disse-me depois, que havia esperanças vagas..... Em fim disse-me que noticias exactas só o sr. as podia dar.»

—«Fr. João fallou bem—acudiu Filippe com enthusiasmo.—Mais exactas ninguem, sr.ª Magdalena. Ora diga-me: tinha muito apego a seu marido?»

—«Ah, sr.!»

—«Não ha rosa sem espinhos; bem sei; Filippe é vivo, mas póde ter casado na India...»

—«Meu marido sabia que tinha mulher e filhas, meu marido não casava. E o sr. se fosse amigo delle tambem não dizia essas coisas á sua viuva.»

—«Salva tal agoiro! Mas se lhe affirmo, senhora, que Filippe não morreu!... É boa! Acredite sr.ª Magdalena, o seu homem não tem

maior amigo do que eu e Fr. João. Póde crer. Mas a verdade primeiro. Filippe escapou duas vezes por milagre, está vivo e são, e volta qualquer dia. . . . »

— « Bem dito sejaes, meu Deus! — soluçou Magdalena, levantando as mãos ao ceu com effusão. — Agora, senhor, podeis levar-me, já não faço falta. Minhas filhas tem o amparo de seu pae! »

E as lagrimas, desta vez serenas, correram de alegria por aquellas faces, que o pranto cavara tantos annos.

— « A sr.ª Magdalena é boa mulher de seu marido, é excellente mãi de suas filhas. Deus hade-lh'o pagar. » — Disse o capitão, que sentia os olhos arrasados de agua, e que roia as unhas com ancia para disfarçar.

— « Cumpro o meu dever. »

— « Por dever só não se ama assim. Extremo é mais do que dever. »

— « Amo-o, como a mulher deve amar o esposo da sua alma, o pai de seus filhos, e a alegria do seu coração. . . Não sei que haja no mundo maior extremo.

— « Esquece o amor de mãi? »

— « Tem rasão. Póde ser que estremeça mais a minha Cecilia, talvez ame a minha Thereza. »

— « Hem! Estimo! Sabe que Filippe está velho, rabujento, e somitigo? é verdade. »

— « Acha leve a sua cruz, para elle a trazer sem tristeza e enfermidade? Quinze annos de trabalhos, ausente de mulher e filhos, exposto a tantos perigos mortaes, um rapaz, quanto mais elle que não era moço, não supportava sem ficar velho e desenganado, sem perder o gosto do mundo, como eu perdi. »

— « Pois eu, minha senhora. . . Faz favor de olhar para mim. Que tal me acha? »

— « Eu? Que hei de achar? »

— « Perdoe — alguma coisa acha por força. Que tal lhe pareço, diga sem ceremonia? »

— « Essa é boa! Muito bem. »

— « Um! Esperto e bem conservado? Graças a Deus sempre rijo e valente, e, mesmo pobre como Job, alegre que nem um passarinho. »

— « É a maior fortuna que póde ter. »

— « Diz muito bem, sr.ª Magdalena. Que lhe palpita esse coração de um marido nos meus termos? »

— « Sr. capitão! Lembre-se que sou mulher de um amigo seu! »

« — Lembro, lembro. Aqui para nós. Filippe não merecia a Deus uma senhora tão bella e virtuosa. . . É um maganão! »

— « Se para isto me desejou fallar, ha de permittir. . . »

— « Não permitto. Quero, mando que fique. Tenho direito. . . »

— « Cáia em si, veja o que diz. Sinto ser obrigada a observar-lhe que tem bem pouca delicadeza de sentimentos. Como senhora deve respeitar-me; como mulher, e mulher infeliz de um amigo seu, devia ter compaixão de mim. E entre tanto ha meia hora. . .

Filippe estava extasiado; mas ainda luctava para não revelar o incognito. Emfim não se póde ter, e no estrebilho popular disse estas palavras da cantiga:

« Ai, esposo da minha alma,
Ai, triste de mim sem ti!
— Que darias tu, senhora
A quem n'o trouxera aqui? »

Magdalena escutou, com sobresalto, a cantiga valida de seu marido. Via-se que os seus olhos anciosos advinhavam o segredo, mas que receiava enganar-se ainda.

— Ha meia hora, que te fallo, e não me ouves; que te chamo e não me respondes? Magdalena, o que davas tu a quem trouxesse teu marido aqui? Um beijo por ti, outro por nossas filhas querida mulher. . . Deus não quiz que morressemos separados, quando sempre vivemos unidos. »

— « Filippe! Filippe! marido da minha alma! »

— « Muito mudado estou, pois minha mulher me não conhece! »

— « Agora, agora! Sinto, conheço. . . Perdoa! Custava-me a crer tanta felicidade. Estou costumada á desgraça, Filippe!. .

— « Pois julgaste, querida mulher, que outro, primeiro do que eu, havia dizer-te que teu marido vivia? Olha o teu annel, lembras-te? O retrato de nossa filha, vêl-o? »

— « O coração devia dizer-me, os olhos deviam vêr que eras tu, esposo da minha alegria. E eu duvidei! Meia hora pude estar ao pé de ti sem te conhecer! A voz tinha-a na alma, sabes? as feições é que não me pareciam tuas. Estás tão mudado, tão branco, barba e cabellos! E não admira; com tantos trabalhos! E eu pareço a mesma? »

— « Estás a mesma, a mesma és sempre; a minha santa mulher. Que é das nossas filhas; quero-as vêr, quero-as beijar. Estou soffrego.

Duas vezes que tive a morte ao pé de mim chamei por ellas e por ti, primeiro que chamasse por Deus! »

— « E sem Deus, estavas comigo agora? Fizeste mal, Filippe. »

— « Não, Magdalena; tens razão. Vamos vêr.., »

— « Hoje achas só Thereza. Cecilia está em Santa Clara. »

— « Não para freira espero em Deus! Louvado seja a Providencia, temos cabedal para dotar nossas filhas ambas. »

Neste momento a porta da sala abriu-se, e o commendador entrou pelo braço de Fr. João dos Remedios, que vinha contendo o riso. O abbade seguia-o, lamentando com Jasmin a perda do seu chapeu.

— « Então minha sobrinha fallou bastante de seu marido com este sr. » — perguntou Lourenço Telles, sentando-se na cadeira. — « Trouxe-lhe boas noticias. Como se demorava. . . »

— « Ah, meu tio, trouxe-me a consolação, que podia dar-me neste mundo. Trouxe meu marido! »

— « Seu marido? » — exclamou o commendador estupefacto. — « Onde está elle? »

— « Aqui em corpo e alma » — atalhou Filippe saudando-o — « *Ecce homo*! Este é o marido, e esta é a mulher, falta só a sua benção, tio! »

— « Seja feita a vontade de Deus! » — gritou Lourenço Telles engolindo uma grande culher de geleia para se reanimar. — « *Post fata quiescit*! Sobre queda couce — murmurou contricto — Sobrinho esta casa chega, escusa de procurar outra. »

— « Obrigado, tio. Era a minha tenção. »

— « Mas podia não ser a minha. Agora como parentes e com franqueza vou pedir-lhe tres coisas. »

— « Diga, tio. »

— « Não traga monos nem caens de fila. Não coma diante de mim cobras nem gatos. Quanto ao papagaio. . . »

— « Fica perdoado? Concedido tio, e eu ganho por cima. Preste-João! »

O negro corcunda chegou-se.

— Leva o Simão e o Tigre á cella do sr. Fr. João, em S. Domingos. Depois volta que tens que fazer. »

— « Nada, ponho embargos! A minha cella não é pateo de bixos. »

— « Cala-te, Fr. João, nem sejas creança. Deixa-me viver bem com o tio. . . Dá o mono a quem quizeres. »

— « Com essa condição. . . »

— « Agora, sobrinho, tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Abbade Silva, erudito respeitado de toda a côrte, e auctor de varias obras. »

— « Sou um seu admirador. »

— « Espere! Iam-me esquecendo duas coisas essenciaes. Se lhe não custar muito, falle-me em portuguez; e se quizer mascar tabaco... »

— « Mau! » — resmungou Filippe.

— « Póde mascal-o... »

— « Bem! » — exclamou o capitão animado.

— « Na cosinha ou no quintal. Nesta sala nunca. »

— « Amen! Se nos dá licença, tio, adeus até ao jantar. »

— « Sem ceremonia, se acaso se desgostar do papagaio... »

— « V. mercê come-o? »

— « Isso é no Brazil. Cá dou-o de presente. Tenho uma arara, e gostava... »

— « Veremos! A casa é grande; é natural que chegue. Adeus, filhos, vão, estejam á sua vontade. » E vendo-os saír accrescentou:

— « Então que diz a isto o nosso Fr. João? »

— « Que altos são os juisos de Deus! »

— « E o abbade? »

— « Que vae tudo bem; e melhor iria se eu não ficasse sem chapéu. »

— « Pois eu digo que ha méia hora tinha vontade de deitar meu sobrinho da janella abaixo; fez um barulho incrivel, padre mestre! Mas agora... »

— Agora, commendador! »

— Agora, para que hei de mentir? Acho-o bom homem e de excellente coração. No fim de tudo queria obsequiar-me... Ha de pulir-se; ha de pulir-se, com o uso da côrte. Jasmin! Hoje é festa nesta casa. Jantam cá o abbade, o sr. Fr. João, o meu sobrinho Filippe. . . quero um ou dois pratos da tua mão. Um dia não são dias. — Sabes que o macaco vae viajar — accrescentou baixinho. — O preto leva-o á cella de Fr. João. »

— « Pobre sr. Fr. João! »

— « Olha, Jasmin, diz a meu sobrinho, que o mande antes pôr em casa do abbade. Quero que aprenda a dizer em que anno morreu Horacio. Anda, Jasmin. É uma idéa optima! »

O creado sahiu logo, e d'ahi a pouco o negro expellia diante de si o monstruoso Simão, que passando pelo abbade arreganhou os dentes, emquanto o commendador ria e esfregava as mãos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Outro serviço do telegrapho electrico. — Já annunciamos a collocação do cabo electrico submarino que liga a França á Inglaterra.

M. Arago em sessão da Academia das Sciencias de Paris expoz os serviços que os telegraphos electricos podem prestar á navegação. Ha muitos annos que houve a lembrança de construir no Havre de Grace um pequeno observatorio para dar aos navios que sahiam a hora de Paris. Graças aos telegraphos electricos aquella construcção torna-se inutil; por essas communicações instantaneas poderá transmittir-se aos navegantes que desafferrem dos portos francezes a hora de Paris, determinando a marcha dos differentes chronometros relativamente aos chronometros da capital.

O observatorio inglez de Greenwich vae ligar-se por uma communicação electrica ao telegrapho internacional submarino, e o governo francez pela sua parte facilita similhante communicação para o observatorio de Paris; de modo que por meio da juncção destes dois notaveis estabelecimentos scientificos será mui facil, por experiencias repetidas centenares de vezes e com muito mais certeza e facilidade de que pelas observações geodesicas, determinar as differenças de longitude entre os dois observatorios mencionados.

Livro de Hygiene. — O doutor Dancel, medico das cadeias de Paris, acaba de publicar a 2.ª edição da sua obra: — *Preceitos fundados na chimica para diminuir a gordura e obesidade sem alterar a saude.* Vende-se em casa do auctor, rua Saint-Georges, n.º 29, por tres francos.

Lista das ultimas 13 naus de linha que se lançaram ao mar, no arsenal de marinha de Lisboa, cujos nomes se liam na armação da tribuna real, no mesmo arsenal, quando se lançou ao mar a nau Vasco da Gama, em 2 de setembro de 1841.

Martim de Freitas	de	64	peças em	1762.
Conde D. Henrique	»	80	»	1763.
D. João de Castro	»	64	»	1764.
Affonso d'Albuquerque	»	64	»	1765.
S. Sebastião	»	64	»	1767.
Principe Real	»	110	»	1768.
Medusa	»	74	»	1780.
D. Maria I	»	74	»	1788.
Rainha	»	74	»	1791.
Vasco da Gama	»	74	»	1792.
Principe do Brazil	»	74	»	1804.
D. João VI	»	74	»	1816.
Vasco da Gama	»	80	»	1841.

Progressos da civilisação. — Já se vão conhecendo os felizes resultados da Exposição universal de Londres para a união reciproca dos povos. Nos ultimos dias de setembro, M. de Kergolay appresentava á Sociedade central d'agricultura de França dois membros do grande jury internacional: M. de Ladde, delegado da Russia e director dos estabelecimentos agricolas creados pelo governo russiano, antigo alumno da eschola franceza de Roville, e M. Ashbel-Smith, deputado de Texas, o novo estado recentemente encorporado na União americana.

Feitos os cumprimentos do estilo, M. Ashbel-Smith, exprimindo-se em francez com grande pureza de linguagem, offereceu á Sociedade um pão do seu paiz, na composição do qual entra grande porção de succo de carne de vacca, e descreveu minuciosamente a maneira de o preparar e as suas numerosas e effectivas vantagens. — A America e a Europa começam a praticar o preceito do Evangelho: — instrui-vos uns aos outros. Oxalá que o exemplo seja imitado!

Augmento de fabrico. Diz o *Pilot* de Londres que reina grande actividade nas fabricas de cutelaria de Inglaterra. Entre outras casas consideraveis, M. Davis, inventor do *norman razor*, (uma navalha de barbear) Leadenhall Street, n.º 69, City, occupa ha dois mezes o duplo dos operarios que empregava nas épochas mais florecentes do seu estabelecimento. Este habil fabricante deve essa vantagem tanto á superioridade das suas fazendas como ao seu systema de economia commercial: — o augmento das transacções produzido pela reducção dos lucros.

Viagens aerias. — Tem requintado a mania de viajar pelos ares. Em Londres são mui frequentes as ascensões, em Paris quasi diariamente se verifica alguma. Não ha muitas semanas que os parisienses viam simultaneamente nas regiões atmosphericas tres magnificos globos aerostaticos: — a *cidade de Marselha* em que ia Luiz Godard; *Petin*, dirigido pelo celebre Poitevin, sustentando tres cavallos e seus cavalleiros; a *Aguia*, dirigido por Godard senior.

Tambem não ha muito que entreteve a attenção publica uma experiencia extraordinaria feita pelo intrepido aeronauta, Affonso Chevelin, mui nomeado pelas perigosas habilidades que faz no trapezio que pendura do seu balão. Este artista, dotado de agilidade, força e robustez não vulgares, permaneceu por espaço de onze minutos com os pés no ar e de cabeça para baixo, perante uma commissão de medicos. Nessa postura almoçou perfeitamente. Durante a prova esteve pendurado d'uma corda na altura de vinte pés do chão. Finda a tarefa declarou que nunca tinha almoçado com tamanha satisfação.

Desastre maritimo. — A correspondencia particular do *Courrier de Marseille* dá noticia de um terrivel sinistro acontecido em Mont-Formose, costa da India. O vapor *Pachá*, pertencente á companhia peninsular e oriental, e o *Erin*, que seguia derrota para a China, abalroaram um de encontro ao outro em a noite de 21 de julho: o embate foi tremendo, o *Pachá* sossobrou em poucos minutos; parte de seus passageiros, acordados pelo abalo, poderam subir á coberta e agarrar-se a objectos fluctuantes; alguns salvaram-se a nado, porém, dezeseis succumbiram nas ondas, entrando em o numero dessas victimas do lastimoso successo um tenente e um commissario de

bordo. O *Pachá* trazia da China 400:000 piastras fortes (pezos-duros), e em Singapura havia tomado mais 30:000. a maior parte destes valores não estava segura. Apezar das avarias que teve o *Erin*, poude este navio chegar ao porto de Singapura, mas em deploravel estado: carregava mil caixas de opio que foi forçoso desembarcar, para serem vendidas por conta dos seguradores.

Novas riquezas metalicas. — O *Times* de 20 de setembro publica observações assignadas por M. Clarke sobre a natureza das minas de oiro da Australia. Na sua opinião, o eixo e os flancos das cordilheiras da Australia são da mesma epocha geologica que os dos montes Uraes: porém, o mais curioso é que a existencia das particulas auriferas coincide por toda a parte com a das ossadas de animaes antediluvianos. Na Russia acha-se o oiro d'envolta com os ossos dos *mamouths;* da mesma maneira na California encontraram-se ossos gigantes nas camadas auriferas. Nos penhascos auriferos e districtos da Australia descobriram-se cavernas cheias de esqueletos, e fragmentos, não soterrados dos animaes extinctos que a sciencia denominou *dipolodron* e *notothorium*.

O general Marceau. — No dia 21 do mez passado, inauguraram os habitantes da cidade de Chartres a estatua deste seu patricio. Á sua memoria havia sido levantado um monumento proximo a Coblentz sobre um rochedo fortificado que tomou o nome de Forte Marceau; teve porém de ceder logar a novas fortificações. A imprensa de Paris e os moradores de Coblentz reclamaram a reconstrucção do monumento; então, o rei da Prussia, Guilherme III, mandou erigir sobre uma pequena eminencia a leste do Forte Frantz, e a alguma distancia do Rheno, uma pyramide construida de pedras de lava, debaixo da qual se collocou uma urna com os despojos mortaes do valente general. As inscripções das quatro faces do monumento referem as suas proezas.

Marceau foi soldado aos 16 annos, e general aos 22; morreu de uma bala com 26 annos de idade, commandando a ala direita do exercito de Sambre-e-Meuse, depois da retirada da Franconia, ao sahir do bosque de Hoechstenbach, no anno IV da republica.

Lord Byron, consagrou á sua memoria as strophes 56.ª e 57.ª do 3.º canto do *Child Harold*, que dizem assim:

«Proximo a Coblentz, n'um terreno que sobe em suave ladeira, uma pyramide pequena e singela corôa a collina verdejante e cobre as cinzas de um heroe, nosso inimigo: porém isto não nos priva de venerar a memoria de Marceau. Sobre a sua joven cabeça mais de um fero soldado se debulhou em lagrimas deplorando aquella morte que invejava, porque succumbira pela França, combatendo para reconquistar seus direitos.

«Foi breve, valente e gloriosa a sua juvenil carreira. Dois exercitos o choraram; seus amigos e inimigos tomaram luto. O estrangeiro que faz alto neste sitio, deve orar pelo repouso dessa alma intrepida, porque foi campeão da liberdade; e do pequeno numero daquelles que não ultrapassam a missão do rigor que ella impõe aos que empunham a sua espada: conservou a pureza d'alma, e por isso os homens o prantearam. Tão humano quanto valente, o general Marceau foi chorado pelos francezes e lamentado pelos inimigos. Ferido em Hoechstenbach, conduziram-no morto a Coblentz. Suspenderam-se as hostilidades durante os funeraes do mancebo heroe; o exercito austriaco honrou a sua memoria com salvas de artilheria.»

As victimas do trabalho. — O relatorio da justiça criminal de França, do anno de 1849, dá noticia de que no mesmo anno aconteceram 8:717 mortes accidentaes. Eis os numeros que especialmente se referem ás classes operarias.

As victimas mortas ou esmagadas por carros, carroagens e cavallos foram 781, e por esbroamento de terrenos ou desmoronamento de construcções 301. As rodas dos moinhos mechanicos e as explosões nas minas fizeram perecer 113, e as explosões das machinas de vapor 21. Nas pedreiras e nos caminhos fragosos para chegar ás mesmas morreram 92 individuos; 778 cahiram de andaimes ou de outros sitios elevados; 368 foram asphyxiados pelo fumo e fogo; 145 pereceram por outros diversos accidentes. Tal é o martyrologio do trabalho!

Chá e seda da China. — A importancia do commercio do chá e seda que se faz na China, sobretudo ha uns poucos de annos, tem contribuido para augmentar consideravelmente o valor destes productos, que subiram no corrente anno a um preço de mais 9 a 10 por cento do que em 1850. Apezar desta subida de preço, só do 1.º até 16 de julho ultimo se exportaram dois milhões de arrateis de chá e 780 balas de seda nova.

A exportação de chá para a Grã-Bretanha durante os mezes de abril, maio e junho do anno preterito, tinha sido de 63.390:000 libras. No primeiro trimestre do mesmo anno fôra de 54:000. As exportações para os Estados-Unidos na mesma epocha foram 28.292:000 libras, para o continente da Europa 2.651:000; e para a Australia 1:578:000 libras. A totalidade das exportações da China no anno de 1850, segundo as informações officiaes, foi de 96:311:000 libras, e a da seda de 19.190 balas.

Temporaes. — A corveta *D. João I* soffreu um tremendo temporal em Wampôa, que a forçou a arribar a Macau: desde 30 de abril, até 19 de agosto, foi obrigada a capa rigorosa, e depois a correr com o tempo; com tudo a corveta foi o navio, que menos soffreu, visto que o vapôr de guerra inglez *Reynard* e uma barca se perderam no Baixo da Prata. A corveta americana *Marian*, a fragata hespanhola *Bilbau* estiveram perdidas, e soffreram grossas avarias, assim como muitas outras embarcações.

Barriga esfaimada não attende a nada. — Este adagio, que sob diversas formulas existe em todos os povos, teve nos ultimos dias do passado agosto nova e horrivel confirmação no districto de Oestmark, provincia de Wermeland na Suecia.

Uma rapariga da aldeia de Elka voltava do moinho com um pequeno farnel de farinha; tres homens lhe sahiram ao encontro e lhe pediram a farinha, e

como recusasse, mataram-na á paulada, e roubaram-lhe o sacco devorando logo o conteudo.

Estec rime atroz teve fundamento desgraçadamente na espantosa fome que flagella a provincia Wermeland; e que é tal que os habitantes estão reduzidos a pizarem e moerem cascas de arvores para lhes servir de alimento, misturando-as em alguns logares com o centeio verde, isto é com os bagos ainda em leite, quando os podem haver; e além disso aproveitam a planta cortando a haste em miudos como se faz á palha para os gados.

Dois dos assassinos foram prezos; são mancebos de 20 a 24 annos, cujos actos anteriores eram irreprehensiveis.

Cholera em Argel. — Este flagello que açoita ha tempo bastante parte daquella importante colonia franceza, declina para a sua extincção. Em Oran de 2 a 9 de setembro só houve 8 casos novos, 6 mortos no hospital militar, e 7 na população civil.

Em Mostaganem, de 28 de agosto a 5 de setembro occorreram 30 casos; e houve nove mortos, sendo cinco militares.

Em Mascara. Tlemcen, e Sidi-bel-Abés não appareceram novos insultos da molestia; em Arzew já se não fazem boletins, por ter desapparecido.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, *por José da Motta Pessoa de Amorim.* — Publicou-se a 7.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia profana. — Continuação da historia da Grecia.

Vende-se a 20 rs. a fl. na Rua Augusta, n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

GABINETE DE LEITURA MEDICA NO HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ.

Lembrámo-nos de colligir no hospital de S. José todos os jornaes portuguezes de medicina, cirurgia e pharmacia, para constituir um gabinete de leitura, que, além de outras vantagens, tivesse a de propagar um pouco mais a litteratura medica portugueza pelos facultativos da capital, que frequentam este estabelecimento. Para isso dirigimo-nos aos srs. redactores dos referidos jornaes, os quaes se prestaram com a melhor vontade, a remetter-nos, gratuitamente, os seus periodicos. Aproveitamos esta occasião para lhes agradecermos a promptidão de suas remessas e o bom acolhimento que teve esta nossa lembrança.

Temos, pois, já o *Escoliaste medico*, o jornal de Medicina e Sciencias accessorias, o de Pharmacia e de Sciencias accessorias, o da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, offerecidos pelos seus redactores, ou associações a que pertencem, e o *Esculapio* offertado pelo nosso collega e amigo o Sr. Klerk. Falta-nos só receber a Gazeta Medica do Porto, que esperamos em breve, por já a havermos pedido, por parte de um collega relacionado com o habil redactor deste jornal, e do Sr. Klerk que lhe escreveu no mesmo sentido.

O gabinete de leitura medica, actualmente só provido dos jornaes portuguezes, vae em breve ser enriquecido com os melhores jornaes das sciencias medicas de Italia, Inglaterra, França e Hespanha, alguns offerecidos pelo Sr. Dr. Barral, e outros a que a Ex.ma Commissão Administrativa do hospital vae subscrever de prompto.

A sala da leitura com as convenientes commodidades, deve estar prompta para o effeito até 20 do corrente.

A consequencia deste preparatorio será a publicação de um jornal proprio do hospital de S. José, essencialmente de medicina pratica portugueza. A Commissão Administrativa do estabelecimento, de commum accordo com o Governo de Sua Magestade, incumbe-se de dar providencias necessarias para a confecção deste interessantissimo periodico já ha muito desejado, e reconhecido necessario, por todos os facultativos do hospital Esta empreza dará, certamente, á Ex.ma Commissão que a promove, e aos facultativos que a executarem maior gloria do que aquella que lhe teem já grangeado as salutares reformas, que teem levado a effeito no estabelecimento que dirigem.

Todos os facultativos do Hospital serão collaboradores da *Gazeta do Hospital de S. José.* Destes um pequeno numero constituirá uma Commissão de Redacção.

Foi por occasião de visita dos Ex.mos Sr. Presidente do Conselho de Ministros, e Ministro do Reino ao Hospital de S. José, de que sahiram summamente satisfeitos, que foi lembrada a SS. EE.as a confecção d'um jornal medico, verdadeiramente portuguez, em que se patenteassem ao publico os mil variados e importantissimos casos pathologicos occorridos no Hospital de S. José, com as reflexões competentes a cada um, a comparação experimental dos diversos methodos de tratamento e o seu resultado, e tantos outros objectos dignos de toda a consideração. Os Srs. Ministros apoiaram a lembrança e prometteram coadjuval-a.

Congratulamo-nos pois com os nossos collegas pelo que já havemos obtido, e pelo que é licito esperarmos para bem da humanidade, da sciencia, e da classe.

Lisboa, 3 de outubro de 1851. A. M. BARBOZA.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 10. QUINTA FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O ELECTRO-MAGNETISMO COMO FORÇA MOTRIZ.

Ha vinte annos que se trata de applicar o electro-magnetismo como força motriz, para o que se tem feito numerosos ensaios na Europa e na America.

Em 1838, com auxilio de uma bateria galvanica de volume assaz mediocre, Jacobi fez mover sobre o Neva, a rasão de tres milhas por hora, um barco de 28 pés de comprimento e 7 e meio de largura, que demandava tres pés de agua, equipado com 14 pessoas; a experiencia foi repetida muitas vezes, ora descendo ora subindo pelo curso do rio.

Em 8 de dezembro de 1842, uma locomotiva electro-magnetica, construida por M. Davidson, foi ensaiada no caminho de ferro de Edimburgo a Glasgow. A locomotiva percorreu perto de milha e meia a rasão de 4 milhas por hora: o pezo que puxava era de 6 toneladas (6:000 kilogrammas).

Apezar destas tentativas que mencionamos por exemplo (postoque poderia citar-se um cento), as maquinas electro-motoras ainda não foram empregadas nas grandes operações industriaes. Comtudo ha um trabalho especial em que levam a todas decidida vantagem, o que é devido á diligencia de M. Froment. Este habil constructor de instrumentos, um dos homens mais competentes na materia, fabrica maquinas electro-motoras, cujas disposições variadas são todas mui engenhosas, e usa dellas para pôr em movimento maquinas de dividir, em especial as que traçam divisões nos limbos dos circulos destinados á medição de angulos. A grande regularidade do jogo de suas maquinas permitte alcançar-se neste trabalho delicado extrema precisão. As de mais força que M. Froment tem construido não excedem a força de um cavallo.

Um engenheiro que ha dois annos se occupa com saber e perseverança nas diversas applicações da electricidade, deu-se tambem ao assumpto de que fallamos; as suas experiencias tiveram por alvo o dispendio da força e determinar exactamente a natureza do serviço que póde prestar no estado presente dos conhecimentos humanos. A direcção que M. Dumont deu aos seus trabalhos é a que convem para activar os progressos do electro-magnetismo. Com effeito, o meio de realisar promptamente todos os melhoramentos que se desejam, é pôr á disposição da industria quanto antes as machinas que sabemos construir, embora sejam imperfeitas, attendendo-se ao valor absoluto da força e da despeza: — por quanto existe agora entre a theoria e a pratica uma reciprocidade de serviços, que se explica perfeitamente pela *solidaridade*, sempre em augmento, da sciencia e da industria. A officina deve muito ao laboratorio, e não lhe será ingrata. A applicação industrial dos descobrimentos póde erigir-se em methodo de investigação.

As experiencias de M. Aristide Dumont foram feitas em duas maquinas essencialmente differentes nas forças e nas condições de andamento: uma de rotação, outra de movimento directo e alternativo. A pilha de que se serviu era a de *Bunsen*.

A machina de rotação consiste n'uma *cruzeta* como a das azas ou velas dos moinhos de vento, de ferro fundido, montada sobre uma construcção de madeira, e munida na circumferencia de 26 chapas de ferro temperado, entre as quaes se collocaram outras placas de madeira para subtrahir a circumferencia da cruzeta á influencia do magnetismo; á direita e esquerda sobre a base de madeira se pozeram quatro electro-imans, dois de cada lado. — Cada par de electro-imans está disposto no sentido inverso do outro; os da direita correspondem ao centro das duas proximas chapas de ferro temperado, os da esquerda acham-se em frente de duas chapas de madeira. A corrente da pilha é dirigida successivamente aos electro-imans da direita e da esquerda por um distribuidor de electricidade ou commutador ordinario collocado no eixo da cruzeta.

A segunda machina consiste simplesmente n'um electro-iman munido da sua *armação* ou guarnição,

que está fixa na extremidade de uma alavanca que levanta um pezo. A communicação ou interrupção da corrente tem logar pelo proprio movimento da *armação*.

Nas experiencias feitas com a machina de rotação a pilha funccionava com dezeseis elementos; e operou só com seis elementos nas que se fizeram com a segunda machina.

Na primeira machina o desenvolvimento foi por segundo, termo medio, de $\frac{20}{100}$ de kilogrametro; e o pezo do zinco queimado em cada elemento, de 7 grammas 50 por hora. Resulta, pois, que a machina de rotação consummiria por hora, e por força de cavallo, 45 kilogrammas de zinco pelo que a machina de rotação, aliás commoda pelo emprego immediato da força produzida, não é vantajosa no que toca á despeza.

A força, termo medio, desenvolvida pela segunda machina foi de $\frac{61}{100}$ de kilogrametro. Como se vê, é pelo menos tres vezes mais consideravel do que na machina de rotação, posto que se empregasse um só electro-iman e a pilha operasse com seis elementos em vez de dezeseis; o que representa, guardada a proporção do numero dos elementos da pilha e dos electro-imans empregados, uma força trinta e duas vezes mais consideravel do que no primeiro caso.

No entanto não augmentou a despeza de zinco em a mesma proporção; porque foi termo medio de 12 grammas 40; isto é, para produzir uma força igual, a machina de movimento directo não queima senão a quinta parte do zinco queimado pela de rotação. Donde se concluiu que a segunda machina consomme por hora e por força de cavallo 8 kilogrammas 280 de zinco sómente.

M. Aristide Dumont tomou este resultado para base de seus calculos sobre o custo actual da força electro-motora. Segundo esses calculos, a machina de movimento directo e alternativo não despende por hora senão 20 centimes ao muito, produzindo uma força media de $\frac{61}{100}$ de kilogrametro por segundo.

A força obtida é, como se vê, pouco consideravel e mui cara: 18 centimes por hora para produzir uma força electro-magnetica que se eleva a $\frac{61}{100}$ kilogrametro, representa uma despeza de 20 francos por força de cavallo e por hora. Ora, a despeza pela machina de vapor nas mesmas circumstancias não passaria de dez centimes, isto é duzentas vezes menos do que pela machina electrica.

E de tudo isto tiraremos por consequencia que a força electro-motora não seja por ora susceptivel de emprego algum? Muito pelo contrario; pois que os seus usos podem ser numerosos. Ha multidão de officios que dispoem de pequenos capitaes, onde somente se carece de uma tenue potencia mechanica, e onde o resultado que mais se deseja é produzir a força ou impulso, instantaneamente, e quando se queira, sem que resultem dessa irregularidade perdas sensiveis. Ora, estas condições difficilmente se realisam por meio do vapor, que exige sempre apparelhos dispendiosos, e que muitas vezes se tornam incommodos nas pequenas industrias. Em os casos numerosos em que se carece só de pequenas forças, o electro-magnetismo prestará efficazes serviços. Póde introduzir-se em toda a parte sem perigo, sem grandes despezas, subdividir-se infinitamente com os aparelhos mechanicos mais simples, e penetrar nos orgãos mais variados e mais intimos desses aparelhos.

Citemos um exemplo; a força de $\frac{61}{100}$ de kilogrametro produzida com a segunda machina de seis elementos, e com a despeza de 18 centimes por hora, seria sufficiente para levar a seis metros de altura, n'uma hora só de trabalho, a agua necessaria para o trafego caseiro de uma familia de quatro pessoas, contando 60 litros por cabeça e por dia.

Cumpre accrescentar, que na conta da despeza se deve fazer deducção do valor do sulphato de zinco produzido, e attender a que nos apparelhos algum tanto consideraveis, a mesma pilha poderia servir simultaneamente para a producção da força e da luz.

Ha, portanto, fundamento para acreditar que uma força motriz nova tomará logar entre as que servem ao genero humano; e será por certo um grande acontecimento.

Pôr n'um estado de dependencia que por si constitue uma especie de domesticidade potencias naturaes, propriedades dynamicas da materia, é adquirir o poder de crear á vontade e de multiplicar infinitamente a *animação servil* dessa população de machinas, paciente, docil, habil, infatigavel; é por consequencia libertar o homem de trabalhos excessivos e penosos; é a miseria vencida, o bem-estar conquistado; é o homem restituido á vida da intelligencia e do sentimento, desempenhando o seu cargo de administrador das coisas creadas, de collaborador da potencia creadora. — Em quanto não forem conquistadas todas as forças, faltará um florão á sua coroa, uma provincia ao seu imperio, não estará competentemente armado para a tarefa ainda mysteriosa que lhe incumbe neste mundo; faltar-lhe-ha um elemento de prosperidade, de poder, de dignidade. Nada em summa ha mais solemne e magestoso, mais dramatico do que estes estudos, em que a multidão não se julga interessada, porque ha seis mil annos tem-na ensinado sempre a largar a presa pela sombra.

O inglez Pare asseverava, n'uma assembléa reunida em Birmingham, que todas as machinas de vapor existentes no globo em 1833 representavam o trabalho de 400 milhões de homens, isto é, trabalho igual ao de quasi metade da população de toda a terra. E em que proporção não augmentou desde 1833 esta raça de escravos, cuja fecundidade não tem outros limites senão os que o homem lhe quizer assignalar? Não temos presentes algarismos exactos; mas, se observarmos que em 1827

as maquinas de vapor existentes representavam (somente o trabalho de 200 milhões de homens; e que dentro de seis annos tinham duplicado; não poderemos duvidar, que hoje o seu trabalho excede muito o de todo o genero humano reunido. Por isto se avalie o interesse politico e social que offerece o estudo das forças. Longe de afrouxar este movimento, é manifesto que está mui proximo do seu ponto de partida, e que ainda não adquiriu toda a sua velocidade!

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

329 FARINHA DE TRIGO RIBEIRO.
330 CENTEIO.
Provincia do Minho.
331 CENTEIO.
332 CENTEIO.
Provincia do Minho.
333 CENTEIO.
Provincia do Minho.
334 CENTEIO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
335 CENTEIO.
Provincia da Beira, Castello Branco.
336 FARINHA DE CENTEIO.
337 MILHO.
Provincia do Minho, Vianna do Castello.
338 MILHO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.
339 MILHO.
Provincia da Beira, Castello Branco.
340 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho, Caminha.
341 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho.
342 MILHO BRANCO. — Expositor e productor, Rodrigues da Costa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
343 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho, Vianna.
344 MILHO AMARELLO.
Provincia do Alemtejo.
345 MILHO LAGE.
Açôres.
346 MILHO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
347 MILHO.
Provincia do Minho, Caminha.
348 MILHO. — Expositor e productor, José Peixoto da Silveira.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
349 MILHO.
Provincia do Minho, Vianna do Castello.
350 CEVADA MOXA.
Provincia da Estremadura.

351 CEVADA MOXA.
Districto da Estremadura.
352 CEVADA. — Expositor e productor, Antonio Saraiva d'Albuquerque.
Beira.
353 CEVADA.
Alemtejo.
354 CEVADA.
Estremadura, Lisboa.
355 CEVADA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
356 AVEIA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
357 AVEIA.
Alemtejo.
A provincia do Alemtejo e a parte da Estremadura, a que chamam Riba-Tejo, são as mais abundantes em trigo, e as do Minho e Beira Alta em milho. A Beira Baixa e Tras-os-Montes, produzem especialmente muito centeio. A aveia pertence quasi toda ao Alemtejo, e cultiva-se nas planices chamadas do Campo de Ourique.
358 FEIJÕES AMARELLOS. — Expositor e productor, Antonio Frederico Carvão.
Estremadura, Santarem.
359 FEIJÕES AMARELLOS. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
360 FEIJÕES AMARELLOS.
Minho, Vianna do Castello.
361 FEIJÕES ENCARNADOS.
Minho, Vianna do Castello.
362 FEIJÕES ENCARNADOS.
Beira, Castello Branco.
363 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Antonio Henriques.
364 FEIJÕES BRANCOS.
Minho, Vianna do Castello.
365 FEIJÕES BRANCOS. — Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
366 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Antonio Francisco Carvão.
Estremadura, Santarem.
367 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
368 FEIJÕES PARDOS.
Minho, Vianna do Castello.
369 FEIJÕES FRADES. — Expositor e productor, José Peixoto da Silva.
Estremadura, Santarem.
370 FEIJÕES FRADES. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
371 FEIJÕES FRADES.
Minho, Vianna do Castello.
372 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, José Cesar.
Estremadura, Santarem.
373 GRÃOS DE BICO.
Estremadura, Azambuja.
374 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.

Alemtejo, Serpa.
375 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
376 FAVAS. — Expositor, Visconde de Benagazil.
377 FAVAS. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
378 ERVILHAS.
379 LENTILHAS.
380 ALFARROBAS. — Expositor Carlos Bonnet.
Algarve.
381 XIXAROS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
382 TREMOÇOS.
383 ARROZ REDONDO.
Estremadura.
384 ARROZ CAROLINO.
Estremadura, Coina.
385 ARROZ REDONDO. — Expositor e productor, Conde de Belmonte.
Estremadura, Otta.
386 ARROZ CAROLINO. — Expositor e productor, Conde de Belmonte.
Estremadura, Otta.
387 ARROZ EM CASCA.
Alemtejo, Evora.
388 ARROZ REDONDO.
Alemtejo, Evora.
389 MILHO MIUDO. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
390 MILHO PAINÇO. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
391 AMENDOAS MOLARES.
Algarve.
392 AMENDOAS DURASIAS. — Expositor e productor, Manuel Ferreira Brettes.
Estremadura, Torres Novas.
393 AVELLÃS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Santarem.
394 NOGÕES.
Estremadura, Torres Novas.
395 NOGÕES. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
396 NOGÕES. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
397 NOZES.
398 CASTANHAS PILADAS.
Beira, Castello Branco.
399 BOLOTAS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.

400 MENDOBI. — Expositor e productor, Ayres de Sá Nogueira.
Estremadura, termo de Lisboa.

401 MENDOBI. — Expositor e productor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angella.
401 CYPRESUS ESCABUTUS. *Chufas.* — Expositor e productor, Marquez de Loulé.
Estremadura, termo de Lisboa.
401 RIEMO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
402 FIGOS PASSADOS.
403 PERAS PASSADAS.
404 AMEIXAS PASSADAS.
405 AMEIXAS PASSADAS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
406 GINJAS PASSADAS. — Expositor e productor, Estevão José da Silva Alves.
Beira, Guarda.
407 AMEIXAS PASSADAS.
408 UVAS PASSADAS.
409 PECEGOS PASSADOS. — Expositor e productor, Rodrigo Pereira Mendes.
Estremadura.
410 PECEGOS PASSADOS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura.
411 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
412 FIGOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
413 PECEGOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
414 PERAS DOCES SECCAS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
415 ALPERCES DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
415 DAMASCOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
416 DIVERSAS QUALIDADES DE FRUCTAS SECCAS DOCES. — Expositoras, as freiras de Coimbra.
Beira, Coimbra.
417 FIGOS DE COMADRE. — Expositor e productor, J. L. Gomes.
Algarve.
418 FIGOS PASSADOS. — Expositor e productor, J. L. Gomes.
Algarve.
419 FIGOS DE COMADRE. — Expositor e productor J. L. Gomes.
Algarve.
420 PECEGOS SECCOS DOCES.
Estremadura, Lisboa.
421 FIGOS DOCES SECCOS.
422 MARMELADA.
Estremadura, Lisboa.
423 MARMELADA.
Estremadura, Lisboa.
424 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
425 PERAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
426 PECEGOS DOCES SECCOS.
Beira, Coimbra.
427 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
428 DAMASCOS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
429 TANGERINAS DE CALDA.

Estremadura, Lisboa.
430 FIGOS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
431 GINJAS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
432 PECEGOS DE CALDA.
Estremaduara, Lisboa.
433 AMENDOAS COBERTAS.
Estremadura, Lisboa.
434 AMENDOAS COBERTAS.
De Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes.
435 CIDRA DE CALDA.
Estremadura, Santarem.
436 LARANJA AZEDA DE CALDA.
Estremadura, Santarem.
437 PERAS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
438 AMENDOAS COBERTAS DE CHOCOLATE.
439 AZEITONAS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
440 AZEITONAS. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
441 AZEITONAS. — Expositor e productor, Saraiva d'Albuquerque.
Beira, Guarda.
442 AZEITONAS PRETAS.
Estremadura, Lisboa.
443 AZEITONAS D'ELVAS.
Alemtejo, Elvas.
444 PIMENTÕES.
445 MALAGUETA.
445 CAFFÉ.
Madeira.
446 CAFFÉ.
Angolla.
447 CAFFÉ.
Moçambique.
448 CAFFÉ.
Timor.
449 CAFFÉ.
Cabo Verde.
450 CAFFÉ.
S. Thomé.
451 ALCAPARRAS.
Estremadura.
452 PÓS DE GOMMA.
Alemtejo, Evora.
453 PÓS DE GOMMA. — Expositor e productor, Manuel Maria Holbeche.
Estremadura, Santarem.
454 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
Estremadura, Lisboa.
455 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
456 ASSUCAR EM PÓ. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
457 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
458 GOMMA COPAL. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
459 PEZ.

Estremadura, Santarem.
460 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Lopes Calheiros.
Estremadura, termo de Lisboa.
461 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Lopes Calheiros.
Estremadura, termo de Lisboa.
462 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor. Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
463 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
464 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
465 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Joaquim José da Costa Macedo.
Estremadura, Gollegã.
466 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Joaquim José da Costa Macedo.
Estremadura, Gollegã.
467 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Larcher.
Alemtejo, Portalegre.
468 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Larcher.
Alemtejo, Portalegre.
469 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde do Farrobo.
Estremadura, Alhandra.
470 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde do Farrobo.
Estremadura, Alhandra.
471 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José Borges Pinto.
Alto Doiro, Folgosa.
472 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José Borges Pinto.
Alto Doiro, Folgosa.
473 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.
474 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VIII.

PELO AMOR SE GANHA O CEU!

Catharina e Cecilia conversaram, muito tempo, no jardim, na mais intima confidencia. Desmaiou o sol na copa das arvores; o ceu princi-

piou a empallidecer com as primeiras sombras do occaso; e nos caracoleiros e madresilvas, a cantiga dos rouxinoes já ía adormecendo em notas expirantes, até se calar de todo. Estava proxima a hora, em que a terra se banha na luz pallida e saudosa do crepusculo.

Entretanto, nem o rapido fechar da tarde, nem os raios do sol, descorados já, e o bulicio nos tufos de myrtho, e nos taboleiros de flores, nem a alegria das companheiras, que a rir e a correr passavam diante dellas, desapertavam as mãos, unidas, das duas amigas, ou seccavam as lagrimas que fugiam serenas e quasi desapercebidas dos olhos de ambas. Algumas vezes as rosas do pejo acendiam-se no seu rosto; outras a pallidez da commoção affugentava-as. Para ellas o mundo encerrava-se no coração, a alma que vivia do amor fervoroso, que a esperança da solidão inflama de saudades e cuidados.

Cecilia foi a primeira que fez um esforço para romper a fascinação deste colloquio. Levantando-se de repente, arrancando a mão d'entre as da sua amiga, olhou com viveza em redor de si; Catharina seguiu-a com sobresalto. Apenas entraram na rua principal do jardim viram a regente e um padre da companhia de Jesus. Os modos inquietos e escrutadores, com que este par seraphico observava tudo de uma e outra parte, sem alterar a solemnidade dos passos, indicavam que procurava alguem.

— « É soror Monica » — exclamou Cecilia.

— « É o padre Ventura! » — disse Catharina com alvoroço.

— « Não te dizia eu? » — tornou a primeira.

— Cecilia, não sabes, que quem espera, desespera? » — respondeu a segunda.

A presença de um padre jesuita no jardim de Santa Clara, e sobretudo nas horas de recreio, era um acontecimento pouco ordinario. Comtudo parecia evidente, que S. Paternidade tinha merecido as sympathias das noviças e educandas, porque em logar de fugirem ao seu encontro, procuravam-no beijando-lhe a manga, e fazendo-se muito vermelhas, quando tocava de leve com o dedo na face a alguma. Havia já tres mezes, que o conheciam, e sabendo a qualidade de visitador e reformador, em que fôra investido pela Santa Sé, (o que o trazia ao convento repetidas vezes) imploravam a sua intercessão, sempre efficaz, para mitigar o rigor dos castigos, impostos pela prepotencia da abbadeça. S. Paternidade não se escusava, e salvo um pequeno sermão á paciente, accudia sempre em auxilio das opprimidas. Assim tinha attrahido a confiança daquella população feminina, que debaixo do glorioso pendão de S. Francisco caminhava pela estrada da graça e da salvação.

Cecilia não podia demorar-se muito tempo na mesma idéa. Emquanto o padre e a regente mediam as passadas, virou-se para Catharina e disse em ar magoado:

— « Hoje morre á sêde a minha roseira branca! »

— « E o meu craveiro amarello? » — respondeu Catharina.

— « Olha, acudiu Cecilia, o padre já nos viu, e chama-nos! Então! Não eramos nós a quem procuravam?!... »

— « A ti, póde ser; mas a mim, porque? »

— « Porquê? Não sei; mas é a ambas. Olha o dedo da regente, que parece um ponteiro... faz-nos signal; estás desenganada? Vamos? »

Partiram, ligeiras e airosas, como duas garças, que fugissem ao bello grupo de Canova. No meio da lameda encontraram o religioso e soror Monica. O jesuita, por caridade, encurtava o passo para não esfalfar a pobre freira, cujo cançaso, exacerbando-se em frouxos de tosse, lhe tomava a respiração n'uma pieira cavernosa. A sciatica não concorria menos para tornar desiguaes e lentos os seus movimentos. O padre tinha os cabellos brancos, a fronte ampla e os olhos penetrantes e reflexivos do jesuita, que vimos conversar *amigavelmente* com o sr. Thomé das Chagas no Arco de Santo Antão. Era sempre a mesma bocca, em que florescia um sorriso eterno, era o mesmo rosto passivamente affavel, e a mesma expressão diplomatica. S. Paternidade, desde que chegou a distancia propria, fallava á freira com os labios, e ás duas amigas com a vista; e é justo accrescentar, que a linguagem muda dos olhos foi mais eloquente do que as doutas palavras da sua homilia.

— « Pois sim, vae muito bem, leia a madre Santa Thereza, que lê um santo livro. Grande doutrina! A « Mistica Cidade de Deus » tambem. Vou mandar-lha e os « Exercicios » do nosso patriarcha Santo Ignacio.... verá que bons guias lhe dou para acertar no caminho da graça.... Mas aonde está esta querida soror, a madre abbadeça? »

— « V. Paternidade sabe, que já lhe mande i recado. São horas de já ter acordado da sua sesta » — respondeu soror Monica, no tom plangente e precioso, que é caracteristico das freiras velhas.

— « Algum motivo ha, esteja certa. O peior é demorar-se. . . . Se tivesse a bondade soror Monica! Se repetissemos o recado! »

A regente exhalou um suspiro capaz de comover um Adamastor, acrescentando com enfado:

— « Não percebo, padre mestre. V. Paternidade não é pessoa que se faça esperar. . . . Eu mesma vou. Meninas fiquem. »

— « Os deveres desta santa casa desculpam tudo » — observou o jesuita, sorrindo-se. Não lhe era desconhecida a lucta capitular, que fizera inimigas mortaes as duas veneraveis religiosas; e tinha boas rasões para se limitar a uma perfeita neutralidade.

Soror Monica retirava-se coxeando, quando Cecilia é Catharina chegavam ao pé do jesuita, e beijando-lhe a manga, lhe tomavam a benção. Apenas a regente esteve a boa distancia, o padre Ventura deu alguns passos mais para ellas, e pegando na mão a ambas, respondeu á saudação com bondade paternal. A sua voz era entre seria e jovial. Toda a intenção estava na vista e não nas palavras, segundo o costume.

— « Deus as faça santas, filhas, e as abençoe! Então D. Catharina, vamo-nos alegrando? Estamos já mais conformados com o habito ou ha ainda grandes saudades do mundo, que nos não deixam amar a Deus como boa religiosa? »

Catharina corou; tremula e confusa nada respondia; mas Cecilia acudiu logo com a costumada impetuosidade:

— « Acha V. Paternidade, que Deus quer promessas que excedam as nossas forças?

— « Cecilia! » — interrompeu a sua amiga.

— « Ah, a minha doutora! » — observou o jesuita com o seu riso fino. — « Respondo com outra pergunta: ponha o caso em si a minha donzella Theodora, e diga: se tivesse de escolher entre os deveres de boa filha, e a illusão dos sentidos, que o seculo chama amor, deixava morrer seu pae de penna, ou obedecia-lhe, sacrificando-se? »

— « Não ha pae que morra da felicidade de sua filha. »

— « Muito bem. Compara então a gloria de servir a Deus com a fallivel alegria que illude os homens? Então que diz? »

— « Meu padre, digo só o que me ensinaram. Deve-se amar a Deus sobre todas as coisas, e depois a nossos irmãos, como a nós mesmos. »

— « Excellente! Sabe que aproveita a doutrina nesta casa? » — redarguiu o padre no mesmo tom. Depois tornando-se serio disse: — « D. Catharina, meditei sobre o seu caso; e communiquei-o, sem revelar a pessoa, entende-se, aos mais sabios dos nossos padres. É verdade; e o que julga que disseram elles? »

— « Que devia professar? »

— « Respire. Nem tanto; disseram; que entre o amor de Deus, e o amor humano, não ha preferencia rasoavel. . . . não acha, tambem? »

— « Decidem então que eu não posso escolher? »

— « Tambem não decidiram. Distinguem! Os nosssos casuistas são agudos em distincções! Se o coração se entrega exclusivamente a Deus, ha a vocação sincera, o esposo acceita a esposa. Mas se a alma recahe nas saudades do mundo e se lembra mais da terra, Deus não quer, Deus não permitte um vinculo que a bocca fórma e o coração desmente. Não é este o seu caso, D. Catharina? »

— « Ah padre Ventura! Sou indigna da graça de Deus, bem vejo! »

— « Afflictos nos vêmos; pois sim; mas, animo, e resignação! Entre dois males irremediaveis, optar pelo menos é o dever do christão. Deus não manda impossiveis; amor e obediencia á sua Lei, é o que Elle ordena. Abraham não matou Isaac. . . . Medite neste exemplo; humilhe-se, e tenha fé. »

— « Bem humilhada estou na presença da minha fraqueza! O que posso fazer, se Deus me não chama, se tenho o coração escravo das prisões do mundo? E meu pae, o que dirá meu pae, se chega a saber? . . . »

— « Seu pai não é um tyranno, ha de conformar-se com a vontade de Deus. Uma alliança virtuosa e honrada é sancta aos olhos da Infinita Bondade. Nem todos podemos servir a Deus da mesma maneira. »

— « Ai, padre Ventura! Conhece meu pai, e sabe a firmeza da sua vontade. Disse uma vez que não me podia casar; e essa alliança. . . »

— « Ha de fazer-se. . . As coisas é que mudaram, não foi seu pai, D. Catharina. Uma affeição honesta em que envergonha? O Conde suspira pelo momento de possuir uma esposa virtuosa; sei-o; disse-mo elle. Havemos de convencer seu pai. O Conde de Aveiras, amigo e valido do Principe Real, que amanhã (quero dizer), que de um instante para outro, altos juizos de Deus! póde subir ao throno. . . »

— « V. Paternidade não ignora a ingratidão da corte, e a nossa familia. . . »

— «Sei tudo, filha!.. mas confiemos em Deus. Um genro poderoso vale muito, e seu pai tem pratica do mundo, percebe as coisas. Esteja certa, não resiste. Peço oito dias. . . »

— «Oito dias? E julga V. Paternidade que meu pai approva. . . »

— «Ha de approvar.»

— «E Deus?»

— «Lembre-se de que padeceu para a salvar, e veja se póde querer um sacrificio superior á nossa força? Diga-me: e se houvesse meio de conciliar-mos as duas coisas, servindo a Deus, e vivendo no mundo, ficava mais tranquilla?»

— «Oxalá, meu padre!»

— «Dê muitas graças a Deus; o meio existe. O habito não faz o monge ha de ter ouvido; e a verdadeira clausura é o recato da alma, e a innocencia do coração. Com o vestido secular, e a liberdade do corpo póde ser escrava de Deus. Temos os exercicios para mortificar o espirito, a obediencia a superiores espirituaes para nos impor um vinculo sagrado; ha a abnegação da pessoa e da vontade para interesse, santo interesse! de muitos. . . e tudo isto faz o sacrificio completo. Se quizer, D. Catharina, será mulher de seu marido, e esposa de Deus, quanto á graça da perfeita religiosa. . . »

— «Aonde, e de que modo, padre Ventura?»

— «No instituto do Patriarcha Santo Ignacio. Póde ser terceira do sociedade de Jesus. Quanto ao mais creia em Deus e tenha esperança. A paciencia vence tudo.»

O padre duplicou a força a esta promessa com um gesto magestoso e expressivo. Virando-se depois para Cecilia acrescentou em tom jovial:

— «E a menina bonita o que diz? Não ha nesse coração pequeno e alegre nenhum peccado escondido, que se confesse?»

— «Ai padre Visitador, nenhum!» — respondeu ella vermelha como uma rosa e dando á bocca o meio sorriso travesso, que tão engraçada a tornava. — «Não tenho amores; a mim ninguem me quer.»

— «Sim? Vejam a loucura dos homens? Pobre freirinha! Hei de dar-lhe uma noticia para a consolar.»

— «Mas, eu não estou triste!

— «Ainda bem. Lembra-se de seu pai?»

— «Oh, muito, muito! — acudiu Cecilia, cahindo logo em melancolia reflexiva. Tenho-o presente, como se o visse. Olhe, padre mestre quantos são hoje do mez?»

— «Porque?»

— «Porque está fazendo doze annos que elle me teve nos braços e me beijou a ultima vez. Querido pai! Partiu e não tornou mais. . . Mal sabia eu que se despedia para sempre.»

— «Engana-se; ha de vel-o.»

— «No céu. Elle era bom; e está lá.»

— «Espero em Jesu Christo que lá iremos todos. Mas seu pai, Cecilia, não morreu. . . »

— «Meu pai?.. E V. Paternidade não me dizia nada! Ah, a minha mai, a minha querida mai!.. »

— «Então! Não são coisas, que se levem a chorar, . . . Lagrimas e desmaios?.. E para a tristeza o que reserva então? Alegrias taes, quando Deus as manda, eleva-se o espirito ao céu, e acceitam-se com jubilo.»

— «Mas não se chora de alegria? Meu pai vivo! Ainda o tornarei a vêr!»

— «E mais depressa do que julga. Está em Lisboa, em sua casa. Chegou hoje. É natural que venha aqui, amanhã. Como elle ficará satisfeito de vêr uma filha. . . digna do seu amor se proceder bem sempre.»

— «Ah, padre Ventura, se elle soubesse! Catharina, querida, agora mais do que nunca peço a tua amisade. . . Diz-me o coração que chegou a hora. . . »

— «De alguem lhe ter amor?» — atalhou o jesuita em tom malicioso. Depois tomando ar serio, mas não severo, proseguiu: — «D. Catharina percebe, e eu entendo. Socegue Cecilia. O Conde de Aveiras é o maior amigo, que tem um cavalheiro moço, que a viu em S. Domingos faz hoje cinco mezes; que lhe declarou o seu amor uma sexta feira á noite, aqui neste jardim quinze dias depois; e que, hontem, ainda hontem, lhe escreveu por certa beata uma carta para lhe dizer, que viria esta tarde ao convento, custasse o que custasse. . . Não é tudo assim, D. Catharina?»

As duas meninas olharam uma para a outra tão pasmadas, tão confusas, que o padre Ventura não póde suster o riso apesar da sua gravidade. Nenhuma se atrevia a fallar de envergonhada.

— «Admiram-se? Não estranho. São milagres da nossa roupeta! Cecilia eu não censuro, nem approvo. Os jesuitas, ha de convencer-se, são melhores do que diz a madre abbadeça, que é uma santa pessoa. . . »

— «Mas quem revelou a V. Paternidade?.. » interrompeu Cecilia com as faces a arder.

— «Provavelmente alguem que o sabia. Filha, nada se faz, que se não descubra. Repito;

não condemno, nem approvo, entenda-me bem! Isto não é o casamento de D. Catharina... Conhece o amigo do Conde de Aveiras? Se não sabe, pelo menos suspeita quem elle é, e o que hade vir a ser?..»

—«É o homem, que amo! Não sei mais, nem preciso» atalhou Cecilia em um repente de enfado. O jesuita olhou para ella alguns instantes, leu no seu rosto a verdade e a innocencia, e meneou a cabeça com mais pezar do que severidade.

—«Ah, Cecilia, receio que do coração venha a sua morte. Já tem idade; deve meditar: olhe que o sacrificio é grande aos olhos de Deus, e immenso aos olhos do mundo.»

—«V. Paternidade assusta-me!» — exclamou Catharina, a quem não escapou a intenção, com que o jesuita proferiu as ultimas palavras.

—«A verdade assusta, filha. — Respondeu elle. — Se a sua amiga soubesse o que fazia, era menor o mal. Antes de entregar assim a sua alma, devia saber a quem... Deus permitta que se não arrependa e depois chore. Não digo mais; não sei senão isto.»

—«E eu — acudiu Cecilia exaltada — sei que o amo e que sou amada. Que não terei esposo, ou que será elle...»

—«Valha-nos Deus! Quer fazer de mim seu confidente? Eu não entendo de paixões mundanas. Confessor posso absolver da culpa, uma vez que o coração seja bom; e o seu é bom, Cecilia, oxalá que a cabeça assentasse um pouco. Amigo, digo-lhe que fez mal, que faz muito mal em se fiar dos olhos. Lembre-se de seu pai; veja o desgosto de sua mãi... Sobre tudo, o mundo, respeite o mundo. Quanto ao mais Deus é menos rigoroso do que alguns theologos... e ha exemplos. Se a culpa aproveita a nossos irmãos, se a mentira os salva, peccámos sempre mas é peccado muito proximo da virtude... Um instante de sincera contrição póde laval-o. Judith, tambem, peccou; gloriosa culpa, que foi a liberdade do seu povo! Nada é absoluto neste valle de lagrimas. Se fossemos perfeitos eramos santos. Mas de véras, não sabe quem é o amigo do Conde de Aveiras?»

—«E V. Paternidade?» — exclamou Catharina.

—«Eu?! Não vê que estou perguntando? Cecilia, tracte de se confirmar na verdade antes de decidir. Olhe para a sua consciencia e lucte em quanto tiver forças; se não poder vencer-se procure remir o peccado pelo exercicio da virtude... A voz do mundo nem sempre é verdadeira; ouça antes a voz do ceu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios do que os fins.»

—«Não entendo, padre Ventura!» — replicou Cecilia ingenuamente.

—«Entenderá um dia. Não é a madre abbadeça, que alli vem? Pois sim, filhas, ha diversos modos de ganhar o ceu. Cecilia, a verdadeira virtude não está na bocca do mundo; D. Catharina lembre-se do que eu disse do nosso Instituto... Amem e esperem ambas, e serão salvas!... Ora venha a nossa querida abbadeça, que já nos ia tardando.»

—«V. Paternidade bem sabe o pezo da minha cruz.... Deus m'a tire depressa de cima dos hombros!» — exclamou a freira com maneiras beatas e affectadas.

—«Ora pois, louvado seja Deus por tudo!»

—«Aonde quer V. Paternidade que o receba?»

—«Aonde lhe fôr mais agradavel, Eu não escolho.»

—«Meninas, não sabem que a hora do recreio acabou? Beijem a mão do sr. padre Ventura, e peçam-lhe venia...»

—«Dá licença, querida madre?... Cecilia ha de receber um recado de casa. Não sabe? Seu pai, que diziam morto, está vivo, e chegou a Lisboa.»

—«Deu graças a Deus por tamanho milagre, Cecilia?» — exclamou a abbadeça.

—«Já cumpriu os seus deveres; parece-me que não ha inconveniente em a deixarmos vêr o seu parente... creio que é parente?...»

—«É primo!» — atalhou Cecilia intrepidamente.

—«O seu primo» — repetiu o padre com egual denodo — «Naturalmente não são coisas, que se digam diante de todos em um locutorio. A gravidade do negocio desculpa...»

—«E onde está o seu parente, menina?» — interrompeu a abbadeça.

—«Na grade, segundo me informam» — observou o jesuita. — «É melhor irmos para a casa da secretaria, que se póde reputar *extra clausura*; e deixaremos os dois primos em liberdade... bem vê, querida abbadeça, este caso sahe da regra geral...»

—«Apesar disso, é contra o uso. Entretanto V. Paternidade manda! Menina, vá subindo; eu dou as ordens. Assistirei á sua visita.»

—«Excellente! Assim não ha peccado. Vamos!»

E tomando pela rua, que ia dar á porta reservada, o padre Ventura mostrou que sabia perfeitamente o caminho. A abbadeça seguia-o, rosnando:

— «Não percebo tal breve de Roma, nem tal visita! O padre santo não podia nomear o nosso guardião em logar deste jesuita? Nossa Senhora nos acuda!»

— «Não, soror; disse o padre virando-se com ar severo — Sua santidade sabe que não é permittido ao guardião ser juiz em causa propria. Querida madre, não se esqueça, peço-lh'o muito, de que não peccamos só por obras; por temeridade de pensamentos ainda ás vezes se pecca mais .. Cuidado em não cahir!»

Esta ultima advertencia tinha dois sentidos. Podia referir-se á lição moral, que acabava de dar, e ser o seu epiphonema; ou sómente alludir ao movimento sobresaltado, que escapára á freira, vendo-se colhida em flagrante murmuração contra o seu visitador. Fosse o que fosse S. Paternidade continuou a subir a escada com o socego ordinario; e a abbadeça, corrigida pela finura do ouvido italiano, e seriamente assustada pelo ar de auctoridade, que vira assumir ao jesuita, não proferiu uma só palavra mais. Assim chegaram ambos á secretaria do mosteiro.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Necrologio. — O dia 14 de Setembro foi de luto para os anglo-americanos; pela uma hora da tarde o illustre romancista, Fennimore Cooper, falleceu na sua residencia de Cooperstown. Havia muitos mezes que o estado de sua saude causava graves inquietações a seus amigos; e em julho com esperança de a restabelecer pela mudança d'ares e de regimen, voltára a residir no campo; mas esta precaução foi inutil, e depois de algumas alternativas ora para melhor ora para peior, não obstante os desvelos com que era tratado, succumbiu o distincto escriptor á molestia que o minava, quando estava a completar sessenta e dois annos.

Fennimore Cooper nasceu em Burlington, Nova Jersey, a 15 de setembro de 1789. O magistrado Cooper seu pae possuía terras consideraveis no estado de Nova-York, e ahi fundou a habitação de Cooperstown, que seu filho fez celebre. O joven Fennimore recebeu em Burlington de um preceptor particular os primeiros elementos da educação classica, continuou seus estudos em Albany sob a direcção de um ecclesiastico, que o emmestrou em todos os preparatorios para entrar no Collegio Yale, onde foi admittido em 1802. Nenhuns indicios então mostrava de propensão litteraria; era um rapaz de boa saude, impetuoso, mui pouco docil, cujo animo independente não se casava bem com a vida collegial. A inclinação instinctiva para a carreira maritima e a paixão pelas aventuras o moveram a sollicitar admissão na marinha de guerra; e com effeito em 1805 entrou neste serviço, no qual permaneceu por espaço de seis annos. Grande influencia teve para o diante em seus escriptos esta primeira parte da sua carreira publica, que o habilitou para descrever com a mais escrupulosa verdade o modo de vida que adoptára, as manobras que repetidas vezes tinha mandado effectuar: dahi vem a incontestavel superioridade dos seus romances maritimos.

Em 1810 abandonou Cooper a marinha afim de casar com a senhora que lhe sobreviveu para lamentar sua perda. Foi então morar em Westchester nas cercanias de New-York; mas, aqui se deteve pouco tempo, passando a fixar residencia no seu patrimonio de Cooperstown, onde se dedicou inteiramente á litteratura e á composição dos romances que lhe grangearam fama.

Antes desta epocha havia dado á luz seu primeiro ensaio sob o titulo *Precaução*, que estava bem longe de inculcar as obras que se lhe seguiram. Foi o *Espia* o romance que assentou os primeiros alicerces de sua reputação, em breve consolidada pela apparição dos *Pionners*, (gastadores ou roteadores) apoz os quaes não tardou o «Derradeiro dos Mohicanos.» A nomeada de Cooper transpoz rapidamente o oceano; e essas obras primas de tamanha novidade, vertidas em muitas linguas, vieram collocar-se apar das creações de Walter Scott: na opinião de muitos, em bem pouco cedia ao bardo escocez.

Logo depois da publicação do *Derradeiro dos Mohicanos*, ahi por 1826, Cooper fez uma viagem á Europa, onde se demorou muitos annos e deu ao prelo successivamente *o Algoz de Berne*, *o Corsario vermelho*, *a Campina*, que consumaram a sua celebridade. Ao mesmo tempo seu caracter lhe adquiria mui honrosas amizades.

Depois de seu regresso aos Estados-Unidos continuou a dar á luz numerosas obras, porém menos notaveis quanto á originalidade; o aspecto de outro hemispherio, de outra sociedade inspirou-lhe, ao que parece, a preferencia de assumptos estranhos ás florestas, ás planicies, onde anteriormente o seu genio se espraiava á vontade. Tentou pôr na Europa o theatro de alguns romances, e nesta parte obteve effeito mediocre.

Tambem desde então intrometteu a satyra politica nas suas composições; e como cedia a varias preoccupações, e as suas antipathias eram numerosas, desses livros desappareceram o cunho de originalidade e certa serenidade superior que caracterisavam suas precedentes obras. Cooper havia sido poeta da natureza quasi no estado virgem; e fez-se muitas vezes historiador parcial ou antes critico acintoso de alguns defeitos e caprichos do seu tempo; no que tanto perdia o seu valor moral como litterario.

Todavia essas maculas desvanecer-se-hão na perspectiva do futuro; as formosas paginas que entremeou até nos romances, cujo enredo é apoucado, e o pensamento pouco generoso, farão esquecer as diatribes

disparatadas e as declamações triviaes: A sua memoria será estimada em razão das composições que popularisaram seu nome em todos os paizes onde a imaginação impera. Essa popularidade universal lhe assignala logar dos mais eminentes entre as glorias litterarias do seculo actual.

Cooper não é tão sómente escriptor americano, é um escriptor cosmopolita; revelou um novo mundo aos leitores de todos os paizes; alguns dos personagens de seus livros são typos dignos de figurarem a par dos de Walter Scott, ao passo que as paginas em que pintou o oceano, as selvas, os desertos, estão repassadas de tanta magestade, belleza, e poesia, como ninguem possue em igual grau. Portanto, a perda de Cooper não só causa pena a seus compatriotas, mas a todas as pessoas com quem o pozeram em communicação os seus livros; e são estas innumeraveis na Europa.

O numero dos romances de Fennimore Cooper é trinta e quatro. Por ora não nos consta que haja traduzidos em portuguez mais de tres; — o *Espia*, *o Piloto*, *o Derradeiro dos Mohicanos*. O ultimo que publicou (em 1850) intitula-se — *the ways of the hour*. Escreveu, alem disso, algumas obras de outro genero, como a Historia da marinha dos Estados-Unidos e a biographia dos mais afamados officiaes da mesma; Eshoços da Suissa, e Excursões n'outras partes da Europa; sem contarmos mais algumas publicações de menor monta, onde infelizmente toma muito espaço a politica.

— No dia 28 de setembro poucos minutos antes da meia noite falleceu na sua residencia do palacio real de Berlin o principe Frederico Guilherme Carlos da Prussia, irmão de Frederico 3.°, e tio do actual reinante. Nasceu em Postdam aos 3 de julho de 1783, e casou em 1804 com a princeza Maria Anna de Hesse Homburg. Serviu activamente no exercito durante a guerra com a França que terminou tão desastrosamente na batalha de Jena. Na acção de Auerstadt, que precedeu aquella batalha, o principe mandou uma carga de cavallaria, e teve o cavallo morto.

Em 1808 foi enviado a Paris com a missão de obter de Napoleão abatimento nos pezados encargos impostos á Prussia pelas condições do tratado de Tilsit. As observações que teve logar de fazer nessa epocha ácerca do andamento do governo francez lhe deram conhecimento de que o povo prussiano em breve se libertaria per si mesmo do jugo imperial.

A fatal campanha de Napoleão na Russia em 1812 deu o signal do rebate contra o poder invasor; a Austria, a Prussia, e a Russia formaram alliança: sobre tudo, o povo prussiano moveu-se com enthusiasmo á voz de Frederico 3.° Durou a lucta nos dois annos de 1813 e 1814, e desfechou na destruição do imperio francez na batalha de Waterloo. Nesta campanha o principe Frederico trabalhou nas batalhas de Katzbach, e de Leipsick.

Na acção de Gross-Gonchen, que atalhou a marcha de uma divisão franceza sobre Berlin, quando Napoleão commandava em Dresda, o principe Frederico á testa dos couraceiros de Brandemburgo repelliu a força franceza, e nesse conflicto perdeu o cavallo.

Commandou uma brigada na divisão do marechal York, e com ella trabalhou na batalha de Laon no progresso do exercito alliado sobre Paris, e foi presente no derradeiro conflicto ás portas da capital da França.

Em Waterloo commandou a reserva da cavallaria na quarta divisão dos prussianos. Durante o longo periodo de paz que se seguiu a 1815, o principe foi em tres diversas occasiões governador da fortaleza de Moguncia, e em 1830 governador geral das provincias do Rheno. Em 1846 enviuvou; e em 1849 perdeu seu filho, o principe Waldimiro, que no decurso de suas viagens pela India, assistiu ás operações militares de sir H. Hardinge contra os sikhs. — Deixa um filho, e duas filhas: o principe Adalberto, Maria, rainha da Baviera, e Isabel casada com o principe Carlos d'Hesse.

(COMMUNICADO.)

O *Liberal do Mondego*, jornal de Coimbra, publicou a seguinte commemoração.

«Falleceu hontem n'esta cidade, e sepultar-se-ha hoje na igreja do Carmo, o doutor na Faculdade de Mathematica, Augusto Freire de Carvalho Macedo, Professor de Geometria e Mechanica applicadas ás Artes e Officios do Lyceo Nacional de Lisboa.

Nascido em Coimbra aos 24 de outubro de 1822 recebeu nesta cidade, a par de uma educação esmerada da parte de seus carinhosos pais, os primeiros rudimentos das letras, para as quaes mostrou desde logo grande inclinação.

Seus tios, cujo nomes são bem conhecidos no nosso mundo politico e litterario, os illustres José Liberato Freire de Carvalho e Francisco Freire de Carvalho, apreciadores destas felizes disposições, e antevendo nelle um digno successor do seu bom nome, chamaram-no para Lisboa, onde continuou, sempre com grande aproveitamento, no estudo das Humanidades. Seguiu depois ali o Curso das Aulas do commercio, que completou com distincção.

Tendo depois decidido seus tios, que viesse formar-se na Faculdade de Mathematica, obteve durante o Curso, um premio e honras de *accessit;* e concluida a formatura nesta Faculdade em 1844, seguiu depois o anno de repetição, e feitos todos os actos grandes, nella se doutorou em 31 de julho de 1845.

Tendo-se em 1846 aberto concurso para o primeiro provimento da cadeira de Geometria e Mechanica applicadas ás Artes e Officios, nelle foi provido por tempo de tres annos. Findos estes, e aberto novo concurso, foi proposto e depois definitivamente provido na propriedade, em consequencia do seu muito distincto exame de opposição.

O tempo que lhe sobrava dos estudos das sciencias, dedicava-o á litteratura de que foi sempre muito amante. O seu nome acha-se inscripto entre os dos Socios do Instituto Dramatico de Coimbra, e os do Gremio Litterario de Lisboa.

Havia fallecido nesta cidade, ha perto de tres mezes, seu pae. Este golpe causara-lhe uma dor viva, que procurou adoçar vindo passar as ferias á casa paterna com a sua extremosa familia. Já no seio della, e no meado do mez passado foi atacado de sezões diarias, que não cederam aos remedios, degenerando ultimamente n'um typho, que, apesar do

empenho e cuidados dos sabios facultativos e das mais fortes diligencias dos seus, não foi possivel debellar, terminando-lhe a existencia na noite de hontem 9 de outubro com 29 annos de idade.

A nós que o vimos nascer, que o vimos medrar arbusto esperançoso, que apreciadores das suas modestas, mas excellentes, virtudes publicas e privadas, contáramos ter nelle durante a vida um amigo certo, só nos resta chorar a sua perda, e honrar a sua memoria, apresentando-nos já a consagrar-lhe estas linhas mal traçadas,

Paz e descanço á sua alma.

Resignação e conforto aos seus parentes e amigos.»

Coimbra 10 de outubro de 1851.

Trovoada no Algarve. — O nosso correspondente de Loulé, o Sr. J. J. Jara nos informa de que no dia 25 do mez passado estourou sobre aquella villa e seus contornos uma tempestade horrorosa, que poz nos habitantes grandissimo susto. Das duas horas da tarde por diante começaram a condensar-se nuvens carregadas, vindo do norte, e embatendo n'outras não menos caliginosas que corriam do sul e de leste; encontraram-se com temeroso estrondo as trovoadas, e eram tantas as cordas d'agua, tão rija a chuva de pedra que as ruas e estradas alagaram-se, as vidraças faziam-se em muitas casas em estilhaços: o maior impeto da tormenta durou um quarto d'hora; em todo o resto do dia não se derreteu a pedra que cahira. Nos campos, sobretudo nas vinhas, olivaes e mais arvoredo fez estragos avultados, além disso matou muitas cabeças de gado lanigero e suino.

A quadra naquelle concelho tem ido pessima para a saude dos povos; n'outros annos grassavam alli durante o estio as febres intermittentes, mais ou menos pertinazes e fataes; porém no actual os catharros tem sido tão agudos que dos atacados escapam poucos, á excepção (caso raro!) das pessoas idosas.

ANNUNCIO.

Real Theatro de S. Carlos.

A empreza do real theatro de S. Carlos tem a honra de participar ao respeitavel publico que as representações da segunda epocha terão principio no domingo 19 do corrente.

As primeiras partes de canto e baile escripturadas para esta epocha são as seguintes:

Primeiras damas absolutas sopranos. Marietta Arrigotti, Carolina Sanazzaro — primeiros tenores absolutos os srs. Eugenio Musich, Luiz Guglielmini — primeiro baritono absoluto sr. Mancusi — primeiro baixo absoluto Fortunato Goré — baixo comico Horacio Bonafós — baixo *in genere* sr. José Maria Celestino — primeiros bailarinos sérios do genero francez Genovefa Monticelli, e Valentino Cappon — primeira bailarina séria sr.ª Gonzaga Cappon — primeiras bailarinas para passos sr.ªˢ Sophia Constanzo, Michellna Devecchi, Erminia Cagnoli, Romilda Pizzala — mestre compositor sr. Valentino Cappon.

Partes secundarias, coristas e corpo de baile do costume, e na conformidade do contracto da empreza.

A presente epocha theatral será de sete mezes, a principiar do dia da primeira representação. A assignatura será de noventa recitas, com quatro operas novas além de outras escolbidas de entre as mais applaudidas. Haverá tambem *divertissements*, *pas de deux*, tercettos, quartettos, bailados etc. etc.

A primeira opera será *Lucia de Lammermoor*, musica do mestre Donizetti, e será executada pela sr.ª Marietta Arrigotti e pelos srs. Musich, Mancusi, Celestino, e Bruni.

Haverá um intermedio de dança composta pelo sr. Valentino Cappon. Em breves dias irá tambem á scena a opera *Nina*, musica do mestre Coppola para debute da sr.ª Sanazzaro e dos srs. Guglielmini. Goré e Bonafós. Vae-se tambem ensaiar uma linda dança em tres actos intitulada — *Rainha das Flores*.

Preço das assignaturas.

Frizas	216$000
1.ª ordem	283$000
2.ª ordem de 53 a 62 inclusive	216$000
» de 50 a 54 e 63 a 67 inclusive	189$000
» de 47 a 57 e 68 a 70 inclusive	171$000
3.ª ordem	144$000
Cadeiras de platéa superior por cada serie de 15 recitas	7$200

Os pagamentos d'assignaturas serão feitos adiantadamente. Os dos camarotes em tres prestações, a primeira no acto da assignatura, a segunda no dia da vigessima oitava recita, a terceira no dia da quinquagessima oitava recita.

As assignaturas da platea superior serão pagas adiantadas no principio de cada serie.

Para as representações a beneficio ou extraordinarias serão preferidos os srs. assignantes com tanto que declarem em tempo competente que querem ficar com o seu camarote, ou logar da platea,

Os srs. assignantes da ultima epocha serão preferidos na presente, uma vez que até ao dia de quinta feira 16 do corrente declarem que querem continuar. Esta preferencia não dá aos srs. assignantes antigos o direito de ceder a outros o uso do camarote, e constando á empreza que quem usa habitualmente do camarote não é o proprio assignante ou sua familia, ou seus socios na assignatura, os quaes deverão ser notificados á empreza no acto de se fazer a mesma assignatura poderá dispor á sua vontade do camarote, restituindo a importancia das recitas que faltassem para completar a serie paga adiantadamente.

A empreza declara por fim que no caso de effectuar a escriptura de mad. Stoltz reserva a si o direito de augmentar os preços nos dias em que representar esta insigne artista, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de renunciar o seu camarote nestes mesmos dias.

Lisboa, Theatro de S. Carlos em 12 de outubro de 1851.

O emprezario — *O. Cambiagio & Comp.ª*

2.ª SERIE. TÓMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 11. QUINTA FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PRESTIMO DA GOMMA ELASTICA.

A gomma elastica, borraxa, ou caoutchouc, ainda ha muitos annos prestava para bem pouco, e se tivesse desapparecido do mercado não se daria pela falta. Mas agora é uma substancia, que os sabios e industriaes estudam por se lhe descobrirem qualidades assás apreciaveis. E quantas substancias vegetaes ou animaes não são desconhecidas ou reputadas hoje de pouco valor, que se converterão em riquezas, graças aos progressos da industria?... Apenas a gomma elastica tinha passado pelas provas de utilidade encontrava já um concurrente, e desse emulo, *gutta-percha* [1] até o nome era ignorado, ainda não ha sete annos, por todo o commercio europeu.

Antes de fallarmos das novas experiencias feitas com a gomma elastica, para o que nos servirá uma compilação ingleza *The Chimical Record*, daremos a sua historia em resumo.

O caoutchouc, gomma elastica ou borraxa, é produzido por diversas arvores; as que o dão em maior abundancia são a *siphonia caoutchouc*, a *urceola elastica*, a *ficus elastica*, e a *hœvea guianensis*. A primeira cobre immensa extensão de terreno na America central e a gomma que produz é a que melhor se presta ao fabrico. A *ficus elastica* abunda na Asia no paiz de Assam n'uma extensão de quatro leguas e meia quadradas. A *urceola* é commum nas ilhas do Archipelago Indico. A *hœvea* acha-se em grande copia na America meridional desde o Orenoco até o Amazonas. Do Pará se exporta para Lisboa alguma borraxa.

E' uma arvore de crescimento tão rapido que em cinco annos adquire a altura de 200 pés e o seu tronco mede 20 a 30 pollegadas de circumferencia. Póde produzir 50 a 60 libras de seve ou succo em cada anno sem que padeça na vegetação, não obstante ser extrahida a seve, como a do maná, por incisões no tronco e ramos; sendo posta a seccar é essa a gomma elastica.—A arvore que dá a gutta-percha cresce principalmente nas florestas da peninsula de Malaca e da ilha Samatra, e apresenta completo contraste com as precedentes: a sua vegetação é extremamente vagarosa, carece de 100 annos a 120 para chegar ao pleno crescimento, e só se obtem o producto sacrificando a arvore, porquanto derribada esta acha-se a gutta-percha no estado de coagulação entre o lenho e a casca.

A gomma elastica, conhecida na Europa no meado do seculo passado, e que no começo do presente só prestava para apagar os vestigios do lapis e para se fazerem borraxinhas com pipos apropriadas a diversos, mas limitados, usos, era empregada em serviços grosseiros, desde tempo immemorial, pelos selvagens aborigenes das regiões tropicaes. A fim de a moldarem a seus usos, estes indios faziam botijas ou outros vasos ôcos de barro, seccos ao sol, e por fóra destes moldes, a que tinham dado a figura que pertendium obter, estendiam succo vegetal do caoutchouc até á grossura requerida; estando secco quebravam o molde por dentro e tiravam pelo bocal do vaso formado da gomma os pedaços de barro, e dest'arte fabricavam borraxas, umas como garrafas e outros objectos.

A gomma elastica é uma das substancias dotadas de maior elasticidade; o grau do seu elaterio observa-se nas pélas. O calor abranda-a, o frio endurece-a, e é susceptivel de estirar-se muitissimo. Toda a difficuldade em aproveital-a para a industria consistia em achar o segredo de a dissolver, porquanto até se mantinha indissoluvel no alcohol. Fervida n'agua dissolve-se em parte a superficie, mas de modo que duas tiras recemcortadas postas em agua fervendo se tornam a unir depois de bem

[1] É extrahida de uma arvore da India, a Camboge ou gutteira; tambem se denomina *guttagamba*. Em as noticias do telegrapho electrico submarino se terá visto a utilissima applicação desta gomma.

apertadas. Porém, em breve, repetidas tentativas deram em resultado que o ether sulphurico a dissolve, sendo bem purificado em agua: o oleo de termentina abranda-a mas custa muito a seccar. Ultimamente, logrou-se dissolvel-a perfeitamente, e sem alterar as suas propriedades, com o naphta purificado que se extrahe do alcatrão do carvão de pedra, o dissolvente mais barato que se podia achar em Inglaterra. Este processo é conhecido ha doze annos, e ha tantos que a gomma elastica começou a ter importancia na industria. — O primeiro uso que della, depois de preparada, foi untar os instrumentos d'aço, dando-lhes uma capa transparente para perserval-os da ferrugem; depois serviu para fazer algalias, assim como tubos de todas as fórmas para conduzir gazes. Posteriormente foi applicada á preparação de telas ou tecidos differentes ficando como se fossem um só e sem lhes alterar na minima coisa as duas superficies distinctas. Por ultimo, fabricam-se com esta gomma cabos, sogas, tirantes, cordas para a sirga, suspensorios para homens, ligas, cordões, e até sobrecasacas para o inverno, e muitos objectos variados.

A importação da gomma elastica na Inglaterra no primeiro quartel deste seculo computava-se por quintaes e agora faz-se por toneladas. Já em 1837 se tinha organisado em Londres uma companhia com um capital de dois milhões de cruzados para o commercio exclusivo deste genero; e constándo que existiam variedades do mesmo vegetal, productor da mesma gomma, nas Indias orientaes. estabeleceram-se feitorias em varias partes da Asia, para promover o meio de alcançar-se a maior quantidade para o consumo. A estas diligencias se deve em parte o descobrimento da gutta-percha.

Sómente depois de se descobrir o processo denominado *vulcanisação* do caoutchouc, cobrou verdadeira importancia esta gomma preciosa. Esse processo parece que fôra descoberto em 1843 por M. Thomaz Hancock, e consiste no seguinte.

Uma tira de caoutchouc mergulhada em enxofre derretido absorve uma porção, e ao mesmo tempo soffre alterações consideraveis na maior parte de suas propriedades. Neste estado não influem nella as differenças de temperatura; o frio já não a endurece, e o calor não a embrandece, salvo sendo tão forte que a destrua. Porém, o mais importante é que a sua elasticidade fica muito augmentada e permanece constante. Por esse processo, uma esphera solida da gomma elastica vulcanisada, de 63 e meio millimetros de diametro, tendo sido comprimida n'um laminador cujos cylindros tenham uma separação de 6 e meio millimetros, recobra exactamente a sua fórma primitiva, sem conservar vestigio algum da compressão a que foi submettida.

Outro exemplo: — um tubo de gomma elastica, assim preparado, de 57 centimetros de diametro, fechado hermeticamente n'um cylindro, foi exposto a uma pressão de 200:000 kilogrammas: desenvolveu-se muito calor e a excessiva elasticidade da substancia despediu para traz com terrivel violencia um *volante* que pesava cinco toneladas (cinco mil kilogrammas) que tinha servido para fazer a experiencia.

Um inglez, M. Hodges, propoem empregar esta enorme força elastica para levantar massas pesadas. Pequenos bocados de caoutchouc, denominados pelo inventor *forças adquiridas (power-purchases)* são successivamente distendidos e aferrados ao peso que deve levantar-se; quando um numero sufficiente destas *forças adquiridas* está fixado no peso, a sua força elastica combinada o levanta do chão.

Dez destes aparelhos que tinham individualmente força correspondente a 25 kilogrammas levantaram juntos 250 kilogrammas. Cada sustentador tem o comprimento de 15 centimetros e pesa perto de 40 grammas de gomma elastica vulcanisada. Se estes dez carregadores fossem estendidos até o limite da sua elasticidade (que não é o da sua força de coherencia) levantariam 320 kilogrammas. — Esta potencia, posto que obedeça á lei commum das forças mechanicas, differe muito das forças conhecidas, para que se possa distinguir como uma nova potencia.

O mesmo principio é applicavel ao reboque dos barcos, e pode igualmente servir para levantar ancoras etc. — Por um principio inverso, as forças adquiridas podem empregar-se como potencia de projecção; por exemplo, certo numero destes agentes poderia ser ajustado a um tubo da feição de peça de artilheria, construido para arremeçar os arpeus: esta applicação prestaria eminentes serviços na pesca da baleia. O uso do canhão carregado de polvora é impraticavel, porque o estrondo espanta e afugenta os cetaceos, e por isso os marujos são obrigados, como todos sabem, a ir em frageis embarcações, correndo os maiores perigos, vibrar o arpeu á mão. — O novo processo já foi experimentado vantajosamente; uma peça de 80 carregada como acima se disse despediu uma bala á distancia de 120 metros; outras balas chegaram a 200 metros e a mais. — Um arco construido pelo mesmo principio, sendo elastica só a corda, deitou um virotão de 76 centimetros á distancia de 170 metros. Novas experiencias obterão mais perfeitos resultados, descobrirão novas e uteis applicações daquella substancia por tão longo lapso de tempo despresada.

CAMINHOS DE FERRO NOS ESTADOS UNIDOS.

O director de um caminho de ferro dos Estados-Unidos da America, M. Derby, colligiu n'um relatorio particularidades mui interessantes relativas aos progressos materiaes desta região.

O primeiro caminho de ferro americano foi aberto em dezembro de 1829. Era uma linha mediocre de 13 milhas de extensão entre Baltimore e Elicott's Mills. Como foi empregado este curto periodo de vin-

te e dois annos desde então para cá? Avalie-se pelo que vamos referir.

Os caminhos de ferro patentes á circulação percorrem agora um curso de 10:287 milhas ou 16:552 Kilometros (4:138 leguas). — Os caminhos em construcção formam ao todo uma extensão de 10:092 milhas ou 16:238 Kilometros (4:059 leguas). Total — 8:197 leguas. Advirta-se que a circumferencia da terra é de nove mil leguas.

Dentro de pouco tempo os Estados-Unidos possuirão um systema de caminhos de ferro, por tal maneira que se todas as linhas que o compozerem, em numero de 355, fossem encabeçadas umas nas outras, bastariam para cingir o globo inteiro com uma cinta de ferro.

A quarta parte de um seculo, e uma nação que apenas terá o vigessimo da população, ainda tão rareadas da terra, são sufficientes para levar a cabo tão prodigiosa extensão de obras. Á vista destes algarismos eloquentes, quem não ficará absorto contemplando o poder dos recursos de que o homem dispoem, graças á sciencia! Esse poder até parece desproporcionado com as dimensões do theatro em que se exercita.

Quem creou tal poder? Nenhum conquistador, nenhum grande do mundo: foi um plebeu que observava curiosamente na sua infancia as gotas de vapor que se condensavam na tampa de uma chaleira. Depois de Watt, segue-se Stepheson, segue-se Seguin: e com elles todos os homens de genio, que laboriosamente estudaram as condições da producção da força, e que, pelos aperfeiçoamentos que todas as industrias lhes devem, tornaram realisaveis os dados da theoria.

Citamos os caminhos de ferro americanos: — a que somma chegariamos, se á precedente ajuntassemos o total dos caminhos de ferro inglezes, francezes, alemães, etc.! . . . Os railways em circulação na Gran-Bretanha e Irlanda em 31 de dezembro do anno ultimo formavam um comprimento de 6:621 milhas: e tudo isto quasi que data de hontem! As locomotivas, em numero de perto 2:500, que só na Inglaterra andam diariamente caminho igual a 22 vezes a circumferencia do globo terrestre, não existem realmente senão depois da invenção das caldeiras tubulares, isto é. desde 1828: ha 23 annos! Quando é que se construiu o primeiro barco de vapor, isto é, a primeira tentativa que não foi abandonada depois do ensaio? . . Em 1807 pelo americano Fulton em New-York. Os barcos de vapor só foram vistos em Inglaterra em 1812.

Em 1816 Mr. Andriel passou a Londres a comprar um barco proprio para dar aos parisienses ideia da nova navegação. Que viagem! Que aventuras! Que perigos! Que delonga! Sahindo de Londres a 9 de março, deitou ferro junto á ponte de Sena a 28 do mesmo mez, ao termo de dezenove dias de navegação, tempo sufficiente hoje para fazer duas vezes o trajecto do Atlantico, por quanto o *Baltic* acaba de effectuar esta viagem em 9 dias, 13 horas e 50 minutos.

Todos sabem que o telegrapho electrico é de mui recente data: pois os americanos já os estabeleceram na extensão de 15:000 milhas!

Todos estes inventos tão modernos encasaram já nos costumes; nos povos que os possuem tornaram-se tão indispensaveis como os utensilios vulgares e desde remotas eras conhecidos. A epocha actual é igualmente notavel pelo genio inventor, pela rapidez da execução e pela força de assimilação: tudo prova que a humanidade progride com um movimento accelerado. A rapidez das communicações pelo vapor e a electricidade são o symbolo da actividade que tem adquirido o espirito humano.

D'antes carecia-se de explicar por que era tão pequena a somma de melhoramentos que presenceava cada geração, e dizia-se: — o progresso deve referir-se não á duração da vida individual, que é medida mui pequena, mas á duração indeterminada da humanidade. Tal explicação já não é necessaria: o mesmo homem poude vêr a machina de Watt, a illuminação a gaz, a locomotiva, o paquete transatlantico, o daguerreotypo, a galvanoplastica, e mais de cincoenta descobrimentos, cada um dos quaes seria bastante para assombrar um seculo inteiro.

MOLESTIA DAS UVAS EM FRANÇA.

O conselho de hygiene e de saude do departamento do Isére, que o prefeito encarregára de estudar a influencia que podiam ter na saude publica quer as uvas atacadas do mal, quer o vinho proveniente de fructos sãos e de fructos contaminados, tendo experimentalmente reconhecido que dahi não vinham resultados perjudiciaes, confirmou-se nesta opinião por uma segunda série de experiencias. Eis uma parte do seu relatorio ao prefeito.

« — A commissão fez trazer para o laboratorio da faculdade de sciencias uma quantidade de uvas pisadas sufficiente para encher uma quartola de um hectolitro (seis almudes mui proximamente) desfundada e posta como tina. Escolheram-se uvas contaminadas e quanto foi possivel o mais proximas da madureza, postoque nesta parte não estivessem como se desejava.

« A uva cortada foi mettida na tina no dia 25 em uma casa aquecida moderadamente por uma *poele* (fogão portatil) de modo que favorecesse a fermentação vinosa, que se desenvolveu immediatamente e continuou sem interrupção até a segunda feira á tarde, 29 do mez. Portanto a vinificação operou-se pelo modo ordinario.

« Em todo este tempo sahiu da vasilha um cheiro vinhoso puro e inteiramente semelhante ao de vindima de boa qualidade. Sangrou-se a tina naquella segunda feira, e o vinho appresentou as qualidades proprias dos vinhos novos provenientes de uvas mal sasonadas. Tem côr fraca, e pouco balsamico quasi se não pega aos dedos: tem o aroma caracteristico dos vinhos recentemente feitos, o sabor acerbo e acido, mas são, sem deixar resaibo, nem offerecer gosto algum estranho ao vinho. As suas qualidades acidas manifestam-se pela acção sobre o papel azul de girasol que tinge fortemente de vermelho: este acidulo é devido a uma grande quantidade de acido tartrico livre; e deitando-se-lhe uma solução de tartatro neutro de potassa, fórma-se um precipitado abundante de tartatro acido da mesma base.

« Finalmente cada um de nós bebeu o conteudo de

uma ou de muitas colheres de sôpa e até um copo cheio deste vinho, sem experimentar outros effeitos mais do que poderia produzir qualquer outro vinho da mesma qualidade, proveniente de uvas no mesmo grau de madureza e não atacadas do mal.

«Muitas pessoas estranhas á commissão que acompanharam as nossas experiencias beberam tambem sem inconveniente na saude, postoque consumissem quantidade sufficiente para fazerem effeito, se as houvesse, as qualidades perniciosas do mesmo vinho.

Este mal que dá nas uvas, e que se desenvolveu no decurso deste anno tem causado em França tão graves apprehensões como o das batatas. Mr. Bouchardat, pessoa mui competente em taes assumptos, diz que a molestia reinante é sempre acompanhada do desenvolvimento de um insecto microscopico, *oidium Tuckeri* e se originára nas estufas destinadas a culturas forçadas, donde se espalhou para fóra. Nas estufas de Inglaterra e da Belgica se descobriu este insecto, sendo provavel que já tivesse apparecido antes de 1845, epocha em que attrahiu a attenção de Mr. Tucker, jardineiro em Margate. Em França, nas estufas de Mr. de Rotschild manifestou-se esta especie de bolor helminthico, primeiro diminutamente em 1847 e 1848, e depois de um modo mais intenso em 1849; dalli propagou-se pelas parreiras circumvisinhas, e invadiu as vinhas de Suresnes e Puteaux. Passadas algumas semanas, a mucedinea irradiava em ponto grande em Charrone, Montreuil, Saint-Mandé, Conflans, faux-bourg St.° Antoine, e até na formosa collecção do Luxemburgo; em Montrouge, sobretudo, nos magnificos parreiraes de Madama Prevot, rua de Orleans, todos os insectos morbiparos da vinha parece que fizeram reunião. Nas visinhanças de Grenoble todos os fazendeiros concordam em que o insecto das uvas nascera no meio das culturas forçadas; se tal é, cumpriria prohibir, por meio de providencias administrativas, na proximidade das vinhas essas culturas.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

475 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.
476 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
477 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
478 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José d'Albuquerque Mello.
Beira.
479 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José d'Albuquerque Mello.
480 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.
481 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
482 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
483 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde de Linhares.
Estremadura, Alpiarça.
484 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Cende de Linhares.
Estremadura, Alpiarça.
485 AZEITE D'OLIVEIRA.
Minho, Vianna do Castello.
486 AZEITE D'OLIVEIRA.
Minho, Vianna do Castello.
487 OLEO D'AMENDOAS DOCES.
488 OLEO D'AMENDOAS DOCES.
489 OLEO D'AMENDOAS DOCES.
490 OLEO DE NOZES.
491 OLEO DE RICINO.
492 OLEO DE RICINO.
493 OLEO DE PURGUEIRA.
494 AZEITE DE PURGUEIRA. — Expositor e fabricante, Burnay.
Estremadura, Lisboa, em Alcantara.
495 OLEO DE LINHAÇA. — Expositor e fabricante, Burnay.
Estremadura, Lisboa, em Alcantara.
495 AZEITE DE MENDOBI. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Bis.
Angola.
496 LINHAÇA. — Expositor e fabricante, Vicente Burnay.
Estremadura, Lisboa.
496 AZEITE DE PALMA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Bis.
497 ESSENCIA DE ALFAZEMA. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
498 ESSENCIA DE ROSMANINHO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
499 ESSENCIA DE ZIMBRO OU JUNIPERO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
500 ESSENCIA DE LIMÃO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
501 ACIDO CITRICO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
502 ACIDO TARTARICO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
503 ACIDO OXALICO. — Expositor e fabricante, J. Husch e Irmãos.
Fabrica, vide n.° 28.
504 ACIDO TARTARICO. — Expositor e fabricante, Serzedello & Comp.ª
Fabrica, vide n.° 37.
505 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
506 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
S. Thomé.

506 UZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
S. Thomé.
Bis.
507 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Moçambique.
507 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Minho, Vianna do Castello.
Bis.
508 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Cabo Verde.
508 URZELLA DE ROCHA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Madeira.
Bis.
509 URZELLA D'ARVORES. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Estremadura, Cabo da Roca.
510 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
Beira, Guarda.
511 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
Algarve.
512 SUMAGRE EM PÓ. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
513 SUMAGRE. — Expositor, Manuel Baptista Monteiro.
514 CASCA DE SOBREIRO.
515 ALCOOL ABSOLUTO. — Expositor e fabricante, Francisco Mendes Cardoso Leal.
Fabrica, vide n.° 31.
516 SALSA PARRILHA.
Santarem.
517 CAPSULAS DE COPAHIBA. — Expositor e fabricante, P. F. Norberto.
Estremadura, Lisboa.
518 MOSTARDA. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
519 MACARONI.
Estremadura, Lisboa.
520 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
521 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
522 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
523 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
524 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
525 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
526 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
527 MASSAS DE ITALIA.
Estremadura, Lisboa.
528 MASSAS DE ITALIA
Estremadura, Lisboa.
529 BOLAXAS DE DIFFERENTES QUALIDADES.
Estremadura, Lisboa.

530 CANHAMO EM PLANTA. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Estremadura, Calhariz, perto de Setubal.
Quinta modello, dirigido pelo Sr. Gagliarde, agricultor italiano.
531 CANHAMO PREPARADO. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.° 530.
532 CANHAMO PREPARADO. — Expositor, e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.° 530.
533 LINHO EM PLANTA. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.° 530.
534 LINHO. — Expositor e productor, Duque de Palmella.
Quinta modello, vide n.° 530.
535 PITA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
536 JUNCO.
Estremadura, Santarem.
537 JUNCO.
Estremadura, Santarem.
538 ALGODÃO. — Expositor e productor, Ayres de Sá Nogueira.
Termo de Lisboa.
539 ALGODÃO.
Algarve.
540 ALGODÃO.
Algarve.
541 MANDIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
542 MANDIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
543 TAPIOCA. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
544 CARDO. — Expositor e productor, Manuel Maria Holbeche.
Estremadura, Santarem.
545 PALITOS CHAMADOS MARQUINHAS.
546 PALITOS. — Expositor e fabricante, Silva.
Fabrica, em Lisboa.
547 PALITOS CHAMADOS DE FLOR DOBRADA.
Coimbra.
548 PALITOS. — Expositor e fabricante, Silva.
Fabrica, em Lisboa.
549 PALITOS CHAMADOS DE DOIS BICOS.
Coimbra.
550 PALITOS CHAMADOS PASINHA.
Coimbra.
551 PALITOS CHAMADOS DE FLOR SINGELLA.
Coimbra.
552 UMA CAIXA FEITA DE DIVERSAS QUALIDADAS DE MADEIRAS DO PAIZ. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Serpa, districto de Beja, Alemtejo. As madeiras de que é formada a caixa são producção das propriedades do expositor. A caixa é obra dos operarios das aldêas.
553 PINHO MANSO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das mattas nacionaes de Leiria.

554 MADEIRA DE AMEIXOEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Da Villa das Caldas da Rainha, dicto de Leiria.

555 MADEIRA DE AVELEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Collares, proximo a Lisboa.

556 MADEIRA DE OLIVEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

557 MADEIRA DE CASTANHEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Alemtejo, Portalegre.

558 PINHO BRAVO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das Caldas da Rainha.

559 OLMO OU AMIEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Santarem.

560 MADEIRA DE AMOREIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

561 MADEIRA DE ZAMBUJEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

562 PINHO CERNEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

Das mattas nacionaes de Leiria.

563 MADEIRA DE FAIA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

564 MADEIRA DE FREIXO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

565 MADEIRA DE CEREJEIRA. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

566 MADEIRA DE CIPRESTE. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Santarem.

567 MADEIRA DE SOBREIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Villa Viçosa, districto d'Evora.

568 URME OU URMEIRO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

De Lisboa.

569 CHOUPO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo IX.

D'ONDE NÃO SE ESPERA VEM O BEM!

As ordens da abbadeça foram cumpridas sem demora; antes de Cecilia entrar na sala da secretaria, já lá esperava o seu parente.

Este não esperou sem grande inquietação o momento de a vêr na grade, a esta hora deserta. O seu desassocego percebia-se no passeio impaciente, em que media o apposento, contando os minutos; e no ar sobresaltado, com que olhava para a porta, se ouvia algum ruido. Depois disto é inutil dizer, que se lhe abriu o paraiso diante dos olhos, no momento em que foi convidado a trocar a importuna publicidade do locutorio pela casa reservada aonde podia fallar, sem ser escutado por freiras curiosas e avidas de enredos.

A disciplina do convento fôra violada. O favor que se lhe concedia, era uma excepção, de que gosavam só os principes, os cardeaes, os bispos, e os confessores da ordem; o saudavel terror incutido pelo jesuita conseguiu mover a veneravel abbadeça a auctorisar uma innovação, que ía servir de saboroso pasto ás murmurações das filhas de S. Francisco.

Logo que o primo de Cecilia entrou, fechou-se sobre elle a porta, e appareceram, primeiro a abbadeça e o padre Ventura, e logo depois a educanda, que tinha vindo de volta. Os dois religiosos, serios, e revestidos da gravidade fria, que diz a um desconhecido, que o recebemos, mas nos acautelamos: Cecilia, vivamente agitada, comprimindo o tremulo coração com a mão ainda mais tremente. Encontrando o olhar affectuoso, mas discreto, do hospede, a pobre menina sorriu com tanta suavidade e timidez, que o jesuita deixou escapar um gesto de receio; mas cahindo em si poude conter-se, e em um instante os olhos explicaram tudo ao seu amante.

O parente de Cecilia mostrava dezoito annos, e talvez ainda os não contasse completos. Tinha o corpo bem proporcionado e esbelto; a presença agradavel e insinuante, apezar dos ares de grandeza, que tornavam quasi aprumada a sua estatura, dando certa côr altiva aos gestos. As sobrancelhas desenhavam uma curva muito viva, excessivamente escuras e bastas talvez descessem pezadas de mais, carregando os olhos. As pupillas pardas raiavam luz tão clara, illuminando-se á menor commoção, que bem poucas pessoas poderiam soffrer, sem abaixar a vista, o relampago que as fulminava. Era a mesma força e magestade, que deu a Luiz XIV a vantagem de atterrar tanto com um volver d'olhos, como com as mais severas palavras, que profere a bocca do rei.

O rosto do mancebo, mais trigueiro do que alvo, pouco rosado, era animado e nobre de feições; correspondia bem á expressão da vista. A testa elevada e espaçosa, serena reflectia a intelligencia, contrahida inculcava a impetuosidade do animo. Os beiços cheios e vermelhos, com o superior alguma coisa revirado e terso, annunciavam um caracter viril; o beiço inferior muito mais grosso e descahido, indicava grande propensão aos deleites sensuaes. Menos séria, esta bocca, aonde ás vezes a ironia se espiritualisava com chiste, podia adoçar repentinamente a severidade da phisionomia. O nariz quasi aquilino não descahia na ponta, e as asas bem indicadas e faceis de se entumecer inculcavam um genio forte e irritavel. Em todo o seu aspecto lia-se vontade firme, talento prompto, genio ardente, e constancia de idéas, muito prompta em degenerar em obstinação. A delicadeza da pelle e a pureza das veias, azulando-se transparentes como finissimas sombras, provavam que o typo aristocratico era conservado na sua familia em toda a perfeição.

Os cabellos sem pós nem peruca fugiam soltos pelos hombros, enrolando-se em anneis de bello castanho claro. A mão pequena, cheia, e macia, parecia mão de senhora. O pé airoso e pequeno pizava com graça; os movimentos respiravam elegancia e dignidade desafectada; as maneiras eram naturaes, e dotadas de exquisita distincção. Bonitos dentes brancos e iguaes appareciam quando sorria, no meio do carmin dos beiços, ainda corados de todo o calor da juventude. O seu porte inculcava mais o fidalgo e o militar, do que o plebeu e o negociante. Até a voz sonora tinha a firmeza de tom, e a inflexão imperiosa, que dá o uso do poder ás pessoas mais affeitas a mandar do que a obedecer.

Trajava uma casaca sem enfeite nem bordadura; porém a volta ornada de rendas preciosas, posta ao pescoço com o desgarre cortesão, brigava com a modesta apparencia da vestia e dos calções. O camisote de fina cambray escondia-se mal, e aos botões de brilhantes que o ornavam; dois rubis de grande valor, esquecidos nos sinetes do relojo, desmentiam a simplicidade estudada do resto do fato. A espada, boa folha de Toledo, propria para duello, e bem lavrada, pendia de rico talim. As luvas de canhão viam-se enroladas dentro dos copos da espada. De seda côr de rosa a meia vestia tão justa que parecia estalar na perna; e os çapatos com rosetas ou topes de fita, nada tinham que invejar aos do fidalgo mais primoroso. No dedo brilhava um annel com tres diamantes, e no chapeu uma presilha sem joias accommodava-se á mediania de parte do trajo. A um observador não podia escapar que o mancebo, privando-se de quanto fórma a opulencia do vestido, não se despira dos objectos que são inherentes á verdadeira aristocracia; a finura da roupa branca, e o valor das pedras, que trazia, accusavam-no de querer disfarçar uma posição em tudo muito superior ao que representava.

A sala, em que se achavam, tinha duas janellas altas, abertas em vãos profundos, uma uma quasi ao fundo, mas do mesmo lado da parede, a outra, collocada á ilharga da porta, por onde entrara o primo de Cecilia. Quem se recolhesse ao cubiculo formado pela primeira janella nem via nem era visto pelas pessoas entretidas no recanto da segunda. No meio da casa levantava-se um enorme bofete de páu santo torneado, carregado de livros e papeis de escripturação. Defronte, na parede opposta ás duas janellas, estava um grande crucifixo, sobre uma banqueta doirada, com duas alampadas accesas. Uma duzia de cadeiras de assento e espaldar de muscovia acabavam de vestir o apposento.

A vista do mancebo primeiro fitou-se nos olhos pequenos e sagazes e na bocca sumida e barba avançada da abbadeça, que da sua parte não o examinava com menor attenção. Dahi passou a estudar o rosto sereno e impassivel do padre Ventura; porém a vista deste, não menos firme e mais profunda, encontrou a sua sem se abaixar, e nada disse ou deixou advinhar. A cor subindo ás faces do primo de Cecilia, e a fronte carregando-se de repente, apenas chamou um ar de riso aos labios do jesuita. O seu aspecto era todo respeito frio e civilidade discreta; mas os olhos ousavam mais: e firmes declaravam que nada do que via era para elle segredo, que sabia conhecer as pessoas, porém que as não descubria; e que estava disposto a conter qualquer palavra ou acto donde resultasse prejuiso aos outros.

A abbadeça, respondendo com uma secca mesura á cortesia bem pouco profunda do mancebo, rompeu o silencio.

—« O Sr. padre Ventura disse-me (expõe ella) que o senhor é primo desta menina, e traz noticias importantes... Entendemos que este logar era mais conveniente do que o locutorio para uma conversação de tal natureza. Póde fallar... desculpará de certo que o meu dever me obrigue a assistir á sua conversação » — O rosto do

primo de Cecilia tomou de subito as cores afogueadas do orgulho offendido, os olhos a principio timidos, fusilaram de cholera, e teve de morder os beiços, fazendo-lhe sangue, para reprimir uma resposta severa que lhe subiu á bocca; conteve-se mas ficou callado. Sómente ouvindo citar o jesuita encarou-o de novo com attenção, examinou-o em um olhar perscrutador, e inclinou de leve a cabeça para elle. Era facil perceber, que scismava no modo porque um padre que não conhecia advinhava os seus segredos, e lhe servia de protector silencioso. Do jesuita a sua vista recahiu sombria e concentrada sobre a abbadeça a quem se não dignou honrar com uma só palavra.

O padre Ventura sobretudo o que temia eram as imprudencias, e achava o primo de Cecilia muito moço e muito irascivel, para subjugar as paixões, diante da provocação deliberada de uma freira contumaz e quizilenta; além disto lia nos olhos da educanda (e o padre visitador sabia ler no rosto dos outros, como em livro aberto) que ella tremia iguaes receios, e presentia proxima a tempestade: por isso, o nosso jesuita previdente e valedor interpoz-se a tempo para evitar uma scena violenta, recorrendo, segundo o seu costume, aos melifluos circumloquios que ninguem empregava com mais habilidade.

— «Se dá licença, veneravel irman, interrompeu elle, não acho inconveniente em ficarem aqui os dois primos um instante... são negocios de familia, negocios caseiros, como se diz no mundo... Cecilia não é freira, não se lhe póde applicar a disciplina em todo o rigor.., Depois, confesso-lhe que pouco me devo demorar, e vou communicar-lhe coisas que não podem passar dos seus ouvidos.»

— «Obedeço, padre visitador!» — replicou a abbadeça com azedume. — «São ordens de V. Paternidade, não posso faltar; mas sempre digo que lavo as minhas mãos e não respondo senão por mim.»

— «E não faz pouco, minha irman. Eu responderei do resto. Bem vê, não ha escandalo; uma secular póde receber os seus parentes e ouvil-os em termos honestos, á vista de pessoas maiores de toda a excepção... o perigo, respeitavel madre, o grande perigo são os abusos, que desgraçadamente vemos em tanta casa de Deus... não fallo desta, Deus me livre. Esperemos que dê um exemplo util, advertindo pela sua austeridade a relaxação das outras. O peccado irremissivel, como eu dizia, é converter-se a clausura em abrigo, em aprisco de amores profanos e quasi publicos, e abrindo-se os rallos dos locutorios ao vicio e á seducção. Eis o mal; mas ha de curar-se com a ajuda de Deus. Esperemos tudo delle.»

— «Menina! — gritou a freira, convulsa e suffocada, — sabe quem manda aqui? Já ouviu as minhas ordens? Veja o que o seu parente lhe quer, e depois, peça-lhe licença, e retire-se immediatamente. Irá fazer as suas orações áquelle oratorio.»

E o dedo mirrado e eterno da veneravel serva de S. Francisco indicava uma porta, fronteira á da entrada, que dava para a capellinha interior aonde costumava fazer as suas devoções. Cecilia abaixou a cabeça, pallida e desorientada; o mancebo desfechou uma vista de odio mortal tão ardente, que se a freira o visse, esfriava até ao coração. O unico a quem o rasgo de auctoridade da abbadeça não alterou foi jesuita, a quem a seta era apontada; apenas um sorriso amargo e desprezador lhe fugiu pelos beiços, encrespando levemente os cantos da bocca. Revestido logo de ar severo, e tornando a estatura erecta de um só movimento cheio de magestade, não precisou senão de levantar para ella os olhos para lhe abater a soberba, e a confundir na vaidade. É verdade, que a chamma que luziu nos olhos do padre brilhava tão viva; é certo que o gesto, de que a acompanhou era tão firme e tão poderoso, que o proprio parente de Cecilia, pouco affeito a deixar-se dominar, não soube encubrir as suas sensações, e recuou involuntariamente. Entretanto nem um dos musculos da face do jesuita se descompoz com a ira, se ira havia nelle; nem uma só nota acre ou resentida lhe tremeu na voz; sómente, por effeito natural do sentimento da superioridade, a sua voz lenta encheu o aposento, sahindo vibrante, e accentuada da bocca do filho de Santo Ignacio. Aproximava-se mais do timbre metalico do sermão; mas não revia a menor expressão de cholera, ou de paixão. Era fria, pausada, e grave como de costume.

— «Cecilia — disse elle com a maior serenidade — póde ouvir e responder. Esteja em quanto lhe fôr preciso; e prohibo-lhe que deixe este quarto sem minha venia. Falle sem temor, a esta janella, que ha de ter muito que dizer e que saber!... Não lhe recommendo modestia e circumspecção, porque lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si e a esta casa. É quanto basta.»

— «V. paternidade esquece que eu estou aqui,

ou julga que já não sou a prelada deste convento?» — atalhou a abbadeça verde de orgulho, e de desesperação.

— «Eu já lhe perguntei alguma coisa, madre abbadeça? Ou essa interrogação impropria involve a temeridade e a desobediencia de querer pedir-me contas? Ora bem! Espero no Senhor que a soberba e a rebellião não achem guarida nesta santa casa; mas se por desgraça se introduziram aqui, temos na igreja de Deus o remedio... por mais altas e seguras, que se julguem. Vamos, querida irmã, já lh'o disse, pouco posso demorar-me.»

Balbuciante e tremula a abbadeça seguiu o padre visitador em um estado, que fazia compaixão. Viu erguido o braço, e tremeu que descesse sobre o seu convento, armado de rigor. Aonde ha vontade e poder a occasião não falta, e a sua consciencia accusava-a de graves negligencias em mais de um ponto. Decidiu-se, portanto, a evitar segundo conflicto, e a devorar esta humilhação, como aviso salutar, embora fosse amargoso. Da sua parte o jesuita, satisfeito da victoria, ou fazendo pouco caso della, voltou logo á doçura, que lhe era habitual. Obtido o fim, e dada a demonstração precisa, entendia optimamente que o meio de colher as vantagens não consiste em apertar de mais o arco. Foi por isso que os dois religiosos se retiraram ao cubilo da primeira janella, deixando em plena liberdade a filha de Filippe da Gama e o seu amante, que seguindo o conselho do padre Ventura se recolheram ao vão, aonde podiam estar sem serem vistos nem ouvidos. A abbadeça e o jesuita desappareceram logo no recanto protector, que os separava completamente da educanda e do mancebo.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

MOSTEIRO DE CELLAS EM COIMBRA.

No celebre valle de Vuimarães [1], e na extremidade do mais famoso arrabalde de Coimbra, se ergue o antigo mosteiro de Cellas.

Em 1210, segundo Cardoso [2], ou 1215, segundo Bayam [3], o fundou a infanta D. Sancha [4], com permissão d'el-rei D. Affonso, o Gordo.

Era raro n'aquelle tempo, em Portugal, o uso de conventos de freiras. Se algumas mulheres piedosas resolviam consagrar-se a Deus, curavam logo de edificar, e cercar de alto muro, umas cazinhas, entre si pouco distantes, mas inteiramente separadas, sem portas nem janellas, apenas com algumas estreitas frestas, por onde se escoasse a luz, e introduzisse o alimento.

Aqui encerradas, a modo de anachoretas, consumiam seus dias neste peculiar genero de penitencia. [5]

Cellas chamavam ás casinhas, *encelladas* ou *emparedadas* [6] ás suas moradoras; e porque ao tempo, em que se fundara o mosteiro, já no valle residiam muitas encelladas, com estas e outras, vindas de Alemquer, o povoou a infanta, dando-lhe o nome de *Santa Maria de Cellas de Vuimarães.* [7]

É de nobre architectura; quando não fôra monumento respeitavel por tão eximia funda-

[1] Neste valle matou el-rei D. Fruella, cruelmente, ás punhaladas, a seu irmão, o infante Voimarano. *Fr. Bernardo de Brito.* — M. Lusit. 2. p. c. 8. — *Gasco* — *Antig. de Coimbra* — cap. 21. — Alguns historiadores querem, que neste valle collocasse tambem seus arraiaes el-rei D. Fernando, o Magno, quando veio á conquista de Coimbra.

[2] *Diccionario Geographico.*

[3] *Portugal Glorioso e Illustrado com a vida e virtudes das bemaventuradas rainhas santas*, *Sancha*, *Thereza*, *Mafalda*, *Isabel*, *e Joanna*, etc. por *Joseph Pereyra Bayam.* — Liv. 1.º n.º 20.

[4] A infanta D. Sancha nasceu em Coimbra, em 1176, e falleceu a 13 de março de 1229. Foram seus paes, el-rei D. Sancho I, e a rainha D. Dulce. Foi beatificada a 12 de setembro de 1704, pelo papa Clemente XI. — Concedeu-se termo de reza e missa para o bispado de Coimbra, e religião cisterciense, a 14 de setembro de 1709; e se estendeu a mesma graça a todo o reino e seus dominios, em 11 de fevereiro de 1713. — *Bayam* — *Port. Glorioso.*

[5] *Fr. Franc. a S. Augustino Macedo*, *in vit. Teresiae et Sanciae* — cap. 27, pag. 107.

[6] Sobre *emparedadas* póde vêr-se o *Elucidario*, do P. *Santa Roza de Viterbo.*

[7] Quero advertir uma coisa, ácerca do nome deste mosteiro de Cellas, que por ser costume chamarem a estas mulheres, que então se recolhiam, encelladas, e aos recolhimentos cellas, á differença das encelladas da ponte *(do Mondego)* chamaram a estas cellas de Vuimarães, por ter este nome aquella quinta, em que se o mosteiro fundou, e não por outras imaginaçõss. — *Chronica de Cister* — Liv. 6.º fl. 459.

dora [8], conseguira essa preeminencia pelo magnifico da fabrica.

Um portico elegante, coroado pelas armas reaes portuguezas, ainda sem castellos [9], orladas das de Leão [10], dá entrada para um pateo espaçoso, cantado pelo nosso Tolentino em bellas quintilhas. [11]

Fica-lhe em frente um vistoso mirante, e o templo, que é de fórma circular.

Tres vastos dormitorios, e varias officinas, constituem o resto do edificio. [12]

Uma numerosa communidade de religiosas, de distincta nobreza, habitava, outr'ora, esta amplissima casa, uma das mais ricas da ordem cisterciense; ao presente seis ou sete monjas, cortadas de privações e molestias, arrastam sua pezada existencia nos vastos aposentos, em que suas predecessoras a passaram descuidosa e abastada.

Mais alguns dias, e desapparecerão estas venerandas reliquias das piedosas filhas de Sancha [13]; mais alguns dias, e ficará deserto o mosteiro.

Inda mal, que poderemos dizer com um dos mais illustres dos nossos poetas: [14]

Nada quebra o remanso da morte
Pelas gothicas, vastas arcadas:
Nem dos quicios ranger vagaroso,
Nem murmurios de lentas passadas.
. . . .
Porém, como se ao sopro do archanjo
A trombeta final retumbasse,
E da vida o tumulto na terra
Ao terrivel signal expirasse,

Assim do orgão calou a harmonia,
E dos coros os hymnos calaram,
E os fulgores das lampadas frouxos
Das vidraças não mais transsudaram.

R. DE GUSMÃO.

[8] As familias reaes, portugueza e espanhola, o visitaram, quando estiveram em Coimbra.

[9] Muito depois da fundação do mosteiro é que el-rei D. Affonso III ao escudo das armas portuguezas accrescentou, por orla, sete castellos de prata em campo de sangue, que são as armas do reino do Algarve. — Vid. *Nobiliarchia Portugueza*, de *Villas-Boas* — pouz. XXIV — pag. 200.

[10] Depois da morte de Santa Sancha, tomou sua irmã, Santa Thereza, debaixo da sua protecção, o seu mosteiro de Cellas, como ella lhe deixou recommendado, e o augmentou muito em rendas, edificios, e no numero das freiras. — *Bayam Port. Glorioso*, etc. — E' de crer, que esta Santa rainha nos edificios, que construisse ou restaurasse, mandasse unir ás portuguezas as armas de Leão, de cujo reino fôra rainha, gozando, como gozou, até á sua morte, deste titulo, dado pelos papas, e principes da christandade.

[11] Neste pateo se representava, todos os annos, pelo Espirito Santo, a burlesca mascarada do *imperador de Eiras*, da qual se lembra o conselheiro *João Pedro Ribeiro* nas suas *Reflexões Historicas*, *parte* 1.ª n.º 11, ao relatar algumas das praticas supersticiosas do nosso reino. — Creio que em Lisboa tambem se praticava esta usança; deprehende-se do titulo de umas cantigas, que vem nas *Obras Poeticas* de *Pedro Antonio Correa Garção*.

[12] O bispo de Coimbra, Dom Affonso de Castello-Branco, fez construir um destes dormitorios, o de Santa Clara. — Gasco — *Antiguidades de Coimbra* — cap. XXII — pag. 120.

[13] São muitas as religiosas, que neste mosteiro floresceram em virtudes; de uma, que nellas se extremou e foi insigne poetiza, nos deixou honrada noticia *Antonio de Sousa de Macedo* nas suas *Flores de Hispanha*:

« Doña Helena de Sylva, monja de Sam Bernardo en el monasterio de *Celas de Coimbra*, que murió santamente, dexó compuesto en verso castellano un libro de la Passion de Christo, por alto estylo, y lindo modo de consideracion, egualando en el assumpto y ingenio la famosa imperatris Athanais, o Euxodia, que de los versos de Homero compuso la vida de Christo, y la celebre Romana Proba Falconia, que de los de Virgilio hizo lo mismo. »

[14] *Poesias* por *A. Herculano* — O Mosteiro Deserto — pag. 186.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Exposição industrial em Londres. — Diz a *Illustração* de Londres que a curiosidade publica augmentára na rasão do curto espaço do tempo que restava até o encerramento official e definitivo da exposição. No dia 6 estavam cem mil pessoas dentro do palacio de cristal; a vista das galerias era magnifica.

A commissão regia decidiu que na segunda feira 13 e terça 14 de outubro, isto é nos dois dias de admissão depois do encerramento em 11 de outubro, fossem unicamente admittidos os expositores e seus amigos: cada expositor recebia uma senha que lhe dava entrada gratuita com a faculdade de introduzir duas pessoas tambem gratuitamente. A mesma senha servia, porem só para o expositor, como bilhete de admissão á sessão solemne de 15 de outubro.

Alguns jornaes haviam publicado nos primeiros dias de outubro suppostas listas de premios e recompensas para algumas das trinta classes da exposição universal; porem, taes listas são completamente inexactas, nem merecem confiança alguma. A commissão régia prudentemente estatuiu que as decisões do jury não seriam publicadas senão na sessão solemne e depois de fechada a exposição.

Agulha de Cleopatra. — Tracta-se em Inglaterra de transportar o obelisco conhecido pela denominação de «Agulha de Cleopatra.» Os inglezes residentes no Egypto assentam que o monumento não val as despezas da viagem. Está bastante deteriorado, e descuberto n'uma extensão de 35 pés: a base fica a distancia de 20 pés da praia, e será preciso para o tirar, fazer uma brecha nas muralhas de Alexandria.

Explosão. — Em Zante, capital da ilha do mesmo nome no archipelago das Jonias, aconteceu uma lamentavel desgraça no meado do mez ultimo.

Um merceeiro que negociava occultamente em polvora, guardava-a em barris n'um armazem subterraneo. Em o dia 18 de Setembro, já de noite, pegou fogo n'um barril: o incendio resultante da explosão cresceu rapidamente, e de subito estourou nova explosão, mais forte que a primeira: era o resto da polvora que se inflammara.

A catastrophe destruiu tres predios de casas. Cincoenta e quatro soldados e seu major que acudiram a principio a prestar soccorro foram mortalmente feridos e assim mais cincoenta paysanos. Ao todo, para cima de cento e oitenta pessoas tiveram feridas ou contusões. São inexplicaveis o terror e consternação dos habitantes.

Ainda mais oiro. — Noticias frescas da America britannica annunciam a descoberta de oiro no valle do rio Chandine, Baixo-Canadá. Este descobrimento attrahiu ao sitio numerosos aventureiros, entre os quaes 500 americanos dos que tomaram por officio a pesquisa do metal precioso, e outros mais da Nova Brunswick; já se organisaram cinco sociedades ou companhias para animar os emprehendedores e ajudal-os em seus trabalhos. Descrevem alguns a região das novas minas com a dilatada superficie de tres mil milhas quadradas. O metal acha-se nos leitos das correntes e nas montanhas circumvisinha; encontraram-se bocados de oiro adherentes a pedaços da quartz; mas ainda os exploradores não deram com veia aurifera de quartz.

Telegrapho submarino. — No dia 5 do corrente foi vista em Paris a primeira participação transmittida por aquelle telegrapho estabelecido de Dover a Calais, como já sabem os nossos leitores. Foi impressa directamente pela machina de M. Jacob Brett: e diz — «impressa pelo telegrapho submarino, para o Sr. Conde de Orsay.» Está, por tanto, fixada de um modo incontestavel esta rapidissima e singular communicação entre a França e a Inglaterra.

Theatro de S. Carlos. — Segunda feira ultima, foram abertas as portas do theatro de S. Carlos á impaciencia dos *dilettanti*, a quem já tardava este *rendez vous* da mais escolhida sociedade da capital. A casa estava completamente cheia, e a curiosidade do publico era grande, por serem contradictorios os rumores que corriam ácerca do merecimento dos artistas de novo escripturados para esta segunda época theatral da actual empresa.

A peça escolhida foi a *Lucia de Lamermoor*, uma das bellas flores da coróa de Donizetti. Fez o papel de protagonista a Sr.ª Arrigotti. Esta artista está longe de ser bonita, mas a expressão da sua physionomia, a vista penetrante de seus grandes olhos pretos, e distincção e força de sua acção, compensam-na da perfeição das feições que a naturesa lhe negou, e mostram logo á primeira vista que ella é filha da peninsula Iberica. A sua voz é de *soprano sfogato*; não muito sonora mas de um timbre puro, vibrante, e argentino; e na sua extensão pouco commum, e em todos os pontos agil, e flexivel. A Sr. Arrigotti soffria visivelmente uma forte commoção ao entrar na scena: é uma especie de homenagem que todos os artistas rendem ao publico no dia de seu debute. Elles sabem, por grande que o seu merecimento seja, que uma recepção má póde prejudical-os, e perdel-os na sua carreira: — o seu talento está exposto ás provas d'um grande jury. E por isso que a primeira representação d'uma peça, e principalmente por occasião do debute d'uma companhia, é considerada em toda a parte como um ensaio geral. Seria exigir o impossivel querer que o artista debutante, diante d'um grande concurso que não conhece, conservasse a firmeza da sua voz, e o sangue frio necessario para supportar um acolhimento frio, ou o que é peor ainda signaes de desapprovação. — Em todos os paizes civilisados, os espectadores são sempre indulgentes no dia do debute, as demonstrações de reprovação n'um dia tão solemne para o artista nunca são dadas senão no fim da peça; e muito bem vingou a generalidade do publico alguns signaes de desapprovação que foram dados em um pequeno circulo da platéa por quem *é exigente de mais*. Em todos os paizes civilisados, dizemos, quando se conhece a emoção, ou o receio de um artista debutante, são-lhe prodigalisados applausos para lhe dar coragem: e, se a final se conhece que o defeito vem da falta de merecimento, o publico está no seu direito de significar a sua reprovação. Porém, a Sr.ª Arrigotti, como artista distincta que é, soube vencer todas as difficuldades, cantando muito bem a sua *Cavatina*; no 2.º acto foi igualmente feliz, mas onde obteve todos os suffragios, e nos deu a verdadeira medida do seu talento foi no magnifico *rondó* do 3.º acto, o qual, escripto para Madame Persiani, tem sido cantado sempre no nosso theatro meio ponto mais baixo pelo menos, e foi talvez esta a primeira vez que tivemos occasião de conhecer em toda a sua verdade este chefe d'obra musical. A Sr.ª Arrigotti deve estar satisfeita pelos applausos com que o publico corôou seu incontestavel merecimento, e tanto mais de apreciar quando parecia haver uma prevenção pouco favoravel a seu respeito, mas era impossivel resistir á agilidade, ao vigor, e á perfeição com que esta eximia artista percorria todos os pontos da escala, ou subindo ou descendo, conservando sempre a mais perfeita intonação.

Quanto ao baritono Sr. Mancusi, encarregado do

papel de *Asthon*, não podemos ainda formar um juizo seguro do seu merecimento. Consta-nos que acabava de ter uma inflammação de garganta que precisou de remedios energicos, e pareceu-nos que a sua voz se ressentia deste incommodo, augmentando assim a emoção do seu debute.

Quanto ao Sr. Musich, *(Edgardo)* é artista assás conhecido do publico, mas não deixaremos de dizer que cantou perfeitamente, e foi além do que se esperava.

Parece-nos, por quanto se póde julgar de uma primeira representação, que os tres mezes de repouso que acaba de ter, lhe vigorisaram a voz, e na grande e difficil *aria* do 3.° acto cantou com um mimo, e expressão tal, que o publico não costumando ser muito indulgente com este artista, o recompensou com bem merecidos applausos.

O Sr. Celestino desempenhou muito bem o papel de *Bidebent*, e felicitamo-lo por entrar de novo n'um theatro onde continuará a dar provas do seu talento, e da sua vocação para a arte lyrica.

Resta-nos fallar dos conjuges Cappon, que debutaram em um *pas de deux*, e bailado de doze dançarinas. De quanto se póde julgar por esta primeira composição coreographica, dizemos, que o sr. Cappon tem boa figura, agilidade, muita elevação e força: o seu genero tem mais de brilho do que graça. Parece-nos, comtudo, que deveria dar mais attenção ao modo de concluir os seus passos, a fazer um estudo severo nas attitudes que toma, por que algumas dellas não se poderiam desenhar com proveito artistico. Não queremos, comtudo, negar-lhe as honras de um bom bailarino, e estas observações que fazemos são só no interesse de aperfeiçoar os dotes que a natureza lhe concedeu.

Quanto á sr.ª Cappon tem uma figura agradavel, e as suas fórmas são regulares e proporcionadas. Não é uma dançarina de força, e as suas attitudes e o final dos seus passos não são perfeitos; comtudo julgamos que ella satisfez completamente, e excedeu mesmo o que ha direito a esperar da parte que lhe pertence desempenhar na actual companhia, e são merecidos os applausos que o publico lhe deu, bem como a seu marido.

Parece que em breve irá á scena a opera *Nina* do maestro Coppola, em que debutarão a sr.ª Sannazaro, e os outros artistas ultimamente escripturados.

O navegador Franklin. — Sir John Ross chegou a Inglaterra, procedente do porto de Strauraer. Constou que as informações que trazia tendem a confirmar o que diziam os esquimaos no verão passado; isto é, que os navios de sir John Franklin se tinham perdido na parte superior da bahia de Baffin no outono de 1846, e que parte das equipagens fôra assassinada por uma tribu hostil, residente nessas paragens. M. Ross, já bem conhecido por anteriores viagens polares, está persuadido de que Franklin nunca passou o canal Wellington, e voltava a Inglaterra na occasião do desastre.

O interprete esquimao prestou juramento perante um magistrado em Godhavem, quando repetiu os seus primeiros depoimentos. M. Ross trouxe, para serem traduzidos, os documentos esquimaos escriptos por esse interprete. M. Ross não voltaria tão depressa á Grãn-Bretanha e renovaria as suas pesquizas na bahia de Baffin, se tivesse provisões para passar segundo inverno.

Pitança commutada. — Ha hoje um anno, sopravamos nós o pó de um codice do seculo XVI, para ler á infancia popular do bairro da Sé a deixa que uma tal Sr.ª *Caterina Fernandez* lhe fizera, de um saco de castanhas, e uma canastra de maçãs, que lhe seria *deitada* todos os annos, no dia de S. Crispim e S. Crispiniano, a 25 de outubro, dando aos irmãos da confraria dos sapateiros umas casas a par da ermida de S. Crispim para satisfazerem este legado. E concluiamos: Quem está hoje comendo estas maçãs e castanhas que pertencem aos rapazes, segundo a expressa clausula da testadora?

Algum tempo depois de publicada esta denuncia archeologica, procurou-nos o syndico da confraria de S. Crispim, homem do officio, mas zeloso do credito da sua corporação, mostrando-nos uma sentença pela qual se prova que as casas onde estava imposto aquelle chistoso onus, se haviam demolido para fazer a actual ermida, o que ainda assim se não poude effectuar sem a ajuda de outro visinho, segundo se vê da seguinte memoria alli exarada:

« A corporação dos sapateiros, que constitue a irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, quiz e desejou ter uma ermida propria para o culto dos seus santos: D. Affonso de Menezes, filho do Conde de Penella, cedeu então á corporação e irmandade um terreno com uma amoreira que possuia junto á barbacan da muralha da cidade, um terreno foreiro á cidade em duzentos réis, cuja cessão lhe fez graciosamente, convindo o senado não só, mas perdoando o foro annual para que o terreno ficasse livre á irmandade, attendendo ao honesto fim da edificação da ermida, de que se lavrou escriptura em 8 de janeiro de 1564. »

Declaramos pois em descargo de consciencia, que os rapazes não estão lesados; porque esta pitança foi remida ou commutada, com todas as solemnidades do estylo, e que os mestres sapateiros estão absolvidos da censura que lhes podia caber pela falta de cumprimento deste legado.

E tambem é de justiça louvar o pundonor com que esta confraria acudiu a reivindicar o seu credito, que mãos alheias, mas innocentemente, tinham supposto maculado.

25 de Outubro de 1851.

T.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 8.ª folha do tomo 3.° e contém:

Historia prophana. — Continuação da historia da Grecia e Roma.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 12. QUINTA FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

Encerramento. — Premios aos expositores portuguezes.

Terminou, finalmente, no dia que estava marcado, 15 do corrente, o espectaculo mais solemne e magestoso, por isso que era util e pacifico, que tem appresentado o nosso seculo, civilisador por antonomasia. Encerrou-se a exposição da industria de todas as nações.

Ás dez horas da manhã todas as portas estavam abertas, excepto as da entrada central da parte do sul, reservadas aos commissarios regios estrangeiros e locaes, aos jurados, e ás senhoras dos expositores.

Todos os expositores, os membros da Sociedade das Artes, os presidentes e secretarios das commissões locaes, entravam pelo lado occidental ou britannico do edificio. Os membros das commissões locaes e outros assistentes tinham entrada pela parte oriental.

Ao meio dia em ponto, o principe Alberto chegou ao palacio de cristal ao som das acclamações de todos os circumstantes; fez seus cumprimentos por varias vezes. Vinha vestido á côrte, sem outro distinctivo mais do que a Estrella, e a fita da ordem da Jarreteira. Tomou logar no throno indico, tendo á direita lord John Russell. Estavam presentes o conde Carlisle, o bispo de Londres, e o conde Granville.

O visconde Canning, que presidia ao conselho dos jurados, appresentou á commissão regia as suas decisões, e leu um extenso relatorio sobre os trabalhos dos mesmos jurados, applicando-se principalmente a demonstrar que fôra feita justiça aos expositores de todas as nações, e de todas as classes, não reconhecendo a exposição distincção alguma ou cathegoria de nações. O numero das medalhas de premio concedidas é de 2:918; o numero das medalhas do conselho ou commissão 170: os expositores foram 17:000. O total dos premios, comprehendendo as menções honorificas foi de 5:084.

Eram trinta e quatro as secções de jurados, cada uma com seu presidente, compostas de igual numero de subditos britannicos e de estrangeiros. Os presidentes de todas essas secções formavam uma commissão denominada « *conselho de presidentes* » e dahi vem que os premios conferidos por elle foram denominados « *medalhas do conselho.* »

A concessão das *medalhas de premio* teve por bases a excellencia do producto ou da mão de obra, attendendo á utilidade, belleza, barateza e outros elementos de merito conforme a natureza dos objectos. A das medalhas maiores — *as do conselho* — assentou em a novidade de invenção ou de applicação quer nos materiaes quer nos processos da industria, ou na originalidade combinada com a grande belleza do desenho ou risco.

O principe Alberto, depois de haver recebido das mãos de lord Canning os volumosos relatorios dos jurados, dirigiu aos presidentes das secções destes os agradecimentos da commissão regia. Os peritos que foram associados aos trabalhos appreciadores dos diversos jurados, são comprehendidos nestes agradecimentos.

Os commissarios regios (diz o *Standard*) não se limitarão sómente á publicação dos nomes das pessoas premiadas; darão á luz tambem os rela-

torios motivados, o que será a verdadeira historia do progresso da industria humana.

Os nomes deviam ser publicados na *Gazeta de Londres* do dia 17; no entanto só os conhecemos pelas listas impressas no *Times*, no *Morning Post* de 16 e n'outros jornaes.

A commissão regia, no seu discurso, agradeceu nos termos seguintes os estrangeiros pela cooperação cordeal e apoio que da parte delles não cessou de receber a Exposição.

«— A harmonia que constantemente reinou entre os homens eminentes que representavam tantos interesses nacionaes não é possivel que termine com o acontecimento que a produziu. Seja ella um feliz presagio do futuro! Roguemos á Providencia Divina que permitta a continuação desta benevolencia e preciosa emulação amigavel dos povos, que tão poderosamente contribuirá para a unidade entre as nações, para a paz e concordia entre os homens. »

O principe Alberto, que fallou com tanto fervor quanta clareza, foi muito applaudido; e no acto em que os commissarios estrangeiros foram chamados ao estrado do principe para receberem seus agradecimentos, estrondosos applausos se levantaram em todo o ambito da sala.

O bispo de Londres adiantando-se um tanto sobre o estrado, pronunciou em meio de geral silencio e com toda a solemnidade uma formula de oração e acção de graças a Deus Todo-Poderoso, por haver disposto os corações de tantos povos a esta concorrencia generosa, a esta pacifica emulação geralmente admirada.

No fim da oração subiu ao maior auge o enthusiasmo dos assistentes. O principe Alberto cumprimentou o publico. Os commissarios estrangeiros despediram-se delle respeitosamente, e em breve toda aquella multidão escoou-se em silencio.

Neste grande concurso, nesta variada feira, obtiveram os expositores portuguezes os premios que adiante relacionâmos, o que não será reputada pequena gloria por quem reflectir em o numero total dos expositores, attendendo igualmente a que só aos expositores inglezes, que occupavam metade do palacio de cristal, foram concedidos 2:039 premios, e 3:045 aos expositores de todas as demais nações, avultando entre estas a França, a Austria, a Belgica, os Estados-Unidos, a Suissa. Basta dizermos que a nossa exposição sobresahiu entre as dos Estados pequenos e até entre as de alguns muito mais populosos.

Na 6.ª secção de jurados, a de maquinas para manufacturas, foi um dos membros o sr. Guilherme Kopke, que vem assim designado — «Guilherme Kopke, Portugal, engenheiro machinista. »

Na 25.ª secção, a das manufacturas ceramicas, isto é porcelanas, faiança etc. lemos o nome do sr. Augusto Pinto, Portugal.

Damos em seguida o documento official publicado no *Diario* de hontem, com a enumeração dos premios conferidos aos expositores portuguezes.

SENHORA! Em cumprimento da commissão que Vossa Magestade Houve por bem encarregar-me por Decreto de 13 de Setembro do corrente anno, tenho a honra de mui respeitosamente levar á Regia Presença de Vossa Magestade a relação dos premios conferidos a Portugal pelo Jury da Exposição dos productos de todas as Nações.

A relação destes premios foi-me officialmente communicada depois da sessão do encerramento no dia 15 do corrente mez.

Cumpre-me tambem levar á Augusta Presença de Sua Magestade, que Sua Alteza Real o Principe Alberto, como Presidente da Commissão Real da Exposição, particularmente agradeceu a cada Commissario estrangeiro a parte que a sua respectiva Nação tinha tomado neste grande facto industrial, cabendo-me a honra de ser encarregado por Sua Alteza Real, de transmittir ao meu Paiz e meu Governo os sentimentos de consideração e de agradecimento que em nome da Commissão Real lhes tributava.

Cumpro estes deveres com a maior satisfação pela gloria e honra que dos premios conferidos resulta para Portugal.

As paginas da historia em que estão registados os grandes feitos dos Augustos Maiores de Vossa Magestade serão gloriosamente continuadas registando os feitos do trabalho que pela protecção concedida pelo Governo de Vossa Magestade á industria fabril e á agricultura illustrem o reinado de Vossa Magestade. Os premios concedidos pelo Jury da Exposição dos productos de todas as Nações attestam que Portugal sabe aproveitar os seus recursos naturaes — que a sua agricultura melhora — e que a sua industria fabril nos primeiros annos de desenvolvimento já veio colher algumas palmas entre os triumphos das Nações mais industriaes; e portanto, sendo uma das mais duradouras recordações da histo-

ria industrial portugueza, constituem um dos mais honrosos feitos do trabalho que se póde levar ao pé do Throno de Vossa Magestade. Taes são, Real Senhora, os sentimentos que me animam, tendo a honra de fazer subir á Presença de Vossa Magestade a relação dos portuguezes premiados na grande Exposição universal, como sendo uma prova de que Portugal possue os elementos precisos para na grande e pacifica lucta da civilisação do mundo ter um logar tão honroso como o que, na historia dos mais ousados combates, foi ganho por seus heroicos antepassados.

Deos guarde a Preciosa Vida de Vossa Magestade. Londres, 16 de Outubro de 1851. — O Commissario Regio de Portugal, junto aos Commissarios de Sua Magestade Britannica, para a grande Exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

Premios conferidos a Portugal.

CLASSE 1.ª

Menção honrosa.

Numeros, nomes, e objectos.

1295 Mina do Braçal — Amostras de chumbo.

110 e 111 Dejeant — Pedras lithographicas.

112 Real Contracto do Tabaco — Ditas.

991 e 1014 M. A. da Silva — Amostras de chumbo granisado.

CLASSE 3.ª

Medalha de premio.

412 a 416 Alexandre Pinto da Fonseca Vaz Fructos seccos em doce.

403 a 418 a 420 J. L. Gomes — Ditos.

1203 a 1207 Real Contracto do Tabaco — Charutos e rapés.

Menção honrosa.

441 Visconde de Fonte Boa — Azeitonas pretas.

401 Marquez de Loulé — Cyperus escabutus — Chuffas.

ter 593 J. B. de Mattos — Mel.

CLASSE 4.ª

Medalha de premio.

590 Governador de Angola de 1850 — Pau de tacula.

497 Francisco Mendes Cardoso Leal — Essencia de alfazema.

578 e 579 Marquez de Loulé — Collecção de madeiras.

Menção honrosa.

462 Francisco Tavares de Almeida Proença — Azeite de oliveira.

473 Almeida Silva & C.ª — Dito.

458 Francisco Rodrigues Batalha — Gomma copal.

620 Manoel Ferreira Bretes — Cêra branca.

478 José de Albuquerque e Mello — Azeite de oliveira.

460 João Lopes de Calheiros — Dito.

465 Joaquim José da Costa de Macedo — Dito.

617 Manoel Lucas de Carvalho — Cêra branca.

535, 453 481 Marquez de Ficalho — Pita, gomma de Evora, azeite de oliveira, e cêra.

... Genovefa Gonçalves — Fetos.

454 Manoel Maria Holbeche — Pós de gomma.

467 João Larcher — Azeite de oliveira.

483 Conde de Linhares — Dito.

... Duque de Palmella — Canhamo.

471 José Borges Pinto — Azeite de oliveira.

629 José Ferreira Pinto Basto — Carvão animal, grosso.

538 Ayres de Sá Nogueira — Algodão.

CLASSE 10.ª

Medalha de premio.

633 Antonio Polycarpo — Estojo de instrumentos chirurgicos.

CLASSE 11.ª

Medalha de premio.

707 a 712 Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense — Chailes e cobertores de algodão.

CLASSE 15.ª

Menção honrosa.

682 José Barbosa (Porto) — Cotins de algodão.

CLASSE 19.ª

Menção honrosa.

853 a 881 Daupias & C.ª — Tecidos de lã no gosto escocez.

CLASSE 21.ª

Menção honrosa.

632 Antonio Polycarpo — Instrumentos agricolas.

CLASSE 23.ª

Menção honrosa.

1022 Bernardino Gonçalves Mamede — Adresse de filagrana de oiro e amethistas, etc.

CLASSE 23.ª

Menção honrosa.

1022 *B* Antonio da França (Porto) — Cordão de transelim de filagrana.

CLASSE 24.ª

Menção honrosa.

1044 a 1046 José Ferreira Pinto Basto — Vidraça pintada.

CLASSE 25.ª

Medalha de premio.

1047 a 1108 José Ferreira Pinto Basto — Porcelana.

CLASSE 27.ª

Medalha de premio.

232 a 247 Dejeant — Collecção de marmores de Portugal.

Menção honrosa.

248 Joaquim de Figueiredo (Vianna do Alemtejo) — Marmore.

CLASSE 29.ª

Medalha de premio.

422, 425, 426, 428 a 433, 438 S. Castello — Fructos seccos em doce.

.... Freiras de Santa Clara (Funchal) — Flores de pennas.

Menção honrosa.

1298 Vicente Russel — Larangeira artificial.

(Assignado) *Lyon Playfair F. R. S.*, Commissario Especial, encarregado do Departamento dos Jurados — O Commissario Regio por Portugal, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

MOVIMENTO COMMERCIAL DE SOUTHAMPTON.

A *Revista britannica* publica as interessantes particularidades, que vamos transcrever, ácerca do movimento commercial que se opera no porto de Southampton em Inglaterra, donde partem os paquetes.

» Ha annos que é Southampton o porto de chegada e desembarque das carregações das especies metallicas e de outros objectos de preço que alterosos barcos a vapor transportam das mais remotas regiões do globo. A situação desta cidade no fundo de uma vasta bacia ou braço de mar navegavel, de facil accesso aos navios que passam o canal da Mancha; o caminho de ferro que liga a cidade com a metropole, Londres; lhe conferem vantagens especiaes.

Tres vezes em cada mez vemos chegar a Southampton os productos estrangeiros mais ricos e mais estimados: o oiro da California, a prata do Mexico e do Chile, a platina do Perú, as perolas da bahia de Panamá e do golpho Persico, os diamantes de Golconda, as drogas tintureiras da America central, os chales de Cachemira, as tartarugas das ilhas Bahama, os doces de fruta das Antilhas, o marfim do Egypto e da Arabia.

Por Southampton são os metaes preciosos introduzidos na Europa, em abundancia tal que suscita as mais graves questões economicas e ameaça modificar profundamente as relações politicas e commerciaes das nações. Importa-se annualmente em Southampton oiro e prata no valor de cinco milhões esterlinos. O oiro vem principalmente da California e em pó. Este pó, de um amarello baço, parece-se com areia fina, gasta pelo embate das aguas e que se póde apanhar na praia. D'antes vinha dentro de pelles, mas hoje trazem-no de ordinario em caixotes de madeira, cujas dimensões nunca excedem a tres palmos em cada face; havendo-os mais pequenos.

Grande parte da prata vem em barra. Estas barras, de fórma plano-convexa, tem perto de tres palmos de comprimento por seis pollegadas de largura e de grossura, e pezam cada uma pouco mais ou menos tres quartos de quintal. Os empregados incumbidos de vigiar o desembarque das especies metalicas trazidas por um *steamer* [1] das Indias-Occidentaes, admiraram-se, ha pouco tempo, de encontrar entre essas especies certo numero de objectos informes, que pareciam caçarolas velhas de lata, incapazes de servir e amassadas, como ás vezes se veem nos monturos. Achou-se que era platina, metal que se extrahe do Perú, e que por longo tempo foi desconhecido no mundo antigo. A platina é mais dura que o ferro; resiste á acção do ar, dos acidos, dos alcalis, e pelo que respeita á belleza, raridade, ductilidade, indestructibilidade, é igual ao oiro e á prata.

As especies trazidas a Southampton pelos vapores que conduzem as malas são desembarcadas sempre primeiro que outra qualquer parte da carga. Em quanto se effectua o desembarque faz-se no caes entre o navio e o armazem, onde aquellas se guar-

[1] Nome inglez do barco movido por vapor. Os italianos designam esta casta de embarcações por uma só palavra, composta de dois vocabulos gregos — *pyroscapho*.

dam, uma praça vazia onde não é admittida pessoa estranha. Homens de confiança são os unicos empregados nesta rapida conducção do oiro e prata, e este transporte é feito sempre sob a vigilancia dos agentes da policia e dos officiaes de bordo. Os caixotes de oiro em pó, e as barras de prata collocam-se ordenadamente no pavimento do armazem, que algumas vezes está litteralmente coberto de volumes contendo joias e metaes preciosos. O valor das caixas de oiro em pó varia de mil a trinta mil dollars ou pezos-duros.

Os dividendos mexicanos, objecto mui impor tante na bolsa do commercio, fazem parte das remessas de especies; e os caixotes que os contêm são marcados com as lettras iniciaes *MD* inscriptas na tampa e juntas em fórma de dithongo.

Quando a totalidade das especies veio já para terra, fecham-se as portas do armazem; e os empregados da alfandega, os officiaes de bordo e os agentes da companhia das Indias Occidentaes, occupam-se conjunctamente na verificação do manifesto da carga. Finda esta operação, o oiro e prata são mettidos nas carroagens do caminho de ferro, que chegam até á porta do armazem, e os transmittem, com boa escolta, ao Banco de Inglaterra.

A cochonilha vem da America centralmettida em couros não curtidos, a que se dá o nome de surrões, pezando cada um delles quintal e meio. O empregado da alfandega fura o couro com um instrumento de aço para certificar-se de que não encerra contrabando; a cochonilha apparece em pequenos bocados de fórma irregular, de côr purpurea, e do tamanho de metade de um bago de ervilha. De nenhum modo mostra ser substancia animal; e comtudo é o corpo de um pequenino insecto despojado da cabeça e pés por meio de fricção. Esfregando-se com um bocado de cochonilha uma superficie humida, obtem-se côr avermelhada. A cochonilha, por meio de preparação artificial, fórma a base do carmim e das lustrosas tintas carmezins e escarlates que se empregam nas fabricas de estofos. Póde fazer-se alguma idéa da immensa quantidade destes insectos que produz a America central, comparando-se a sua exiguidade com o pezo de cada surrão, e com os milhares de surrões que vem só ao porto de Southampton.

E' por este mesmo porto que as Antilhas nos enviam suas deliciosas geleias e conservas de goiabas, de gingibre, de limões, de tamarindos. Os paquetes das Indias-Occidentaes tambem trazem, principalmente das ilhas de Bahamá, tartarugas vivas de que se faz sopa para os nossos gastronomos: são ellas enormes em tamanho, e para as conservar vivas, os marinheiros no acto da baldeação e limpeza do convez lhes humedecem os olhos e a bocca com as vassouras: de tempo a tempo enche-se de agua um bote em cima da coberta e se mettem dentro as tartarugas a refrescar, que então com suas evoluções e folgança divertem os passageiros.

É mui curioso vêr a bordo de um paquete chegado das Antilhas á caldeira de Southampton, quarenta ou cincoenta tartarugas colossaes, vivas, deitadas de costas e enfileiradas sobre o convez; esta postura grotesca e o estado de impossibilidade em que se acham provocam ao primeiro aspecto riso involuntario; porém, os movimentos musculares de seus pescoços, que se estendem como em busca de humidade, e o modo supplicante dos pobres animaes, bastariam para commover a ferocidade gastronomica de alguus ricaços. A seda em bruto, trazida pelo paquete de Alexandria, vem da China. Para facilitar o transporte atravez do deserto do Egypto é emballada em pequenos pacotes, do pezo de um quintal, que são cobertos com esteiras tecidas de rotim. Só n'uma carregação vieram mais de 600 pacotes de seda representando o valor de quasi cem mil libras esterlinas.

Os challes que trazem estes vapores são procedentes de Cachemira e de outras partes da India; e são os mais preciosos que se manufacturam no mundo. Acham-se n'uma só carga centos de chales; e muitos bordados de oiro e prata valem de 200 a 300 libras cada peça. Importam-se em caixas de madeira de camphoreira, forradas de folha de ferro, e guarnecidas no interior abundantemente de pimenta e outras especiarias para impedir que façam estrago os insectos durante a viagem.

Os chales de crepe procedem da China; são ricamente ornados de bordados á agulha, que só pódem fazer-se n'um paiz onde é tão barata a mão de obra e o povo dotado de tanta paciencia como engenho. Estes chales vem em cartões mettidos em caixas mais solidas.

(Concluir-se-ha).

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 126).

570 MADEIRA DE CARVALHO. — Expositora, Inspecção Geral das Obras Publicas.
Minho.
571 MADEIRA DE CEREJEIRA.
Minho.
572 PLATANO.
Minho.
573 MADEIRA D'ALCACUZ BRANCO.
De Santarem.
574 MADEIRA D'OLIVEIRA.
De Santarem.
575 MADEIRA DE NOGUEIRA.
De Santarem.
576 MADEIRA DE LARANJEIRA.
De Santarem.
577 MADEIRA DE BUXO.
De Santarem.
578 MADEIRA DE AZAROLA. — Expositor, Marquez de Loulé.

Das suas propriedades em Villa de Rei, junto a Setubal.

579 MADEIRA D'ALFARROBA. — Expositor, Marquez de Loulé.
Algarve.

580 MADEIRA DE MEDRONHEIRO. — Expositor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
De Santarem.

581 MADEIRA DE ZAMBUJEIRO. — Expositor, Pinto Bastos.
Lisboa.

582 MADEIRA DE PINHO COMMUM. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Das mattas nacionaes de Leiria.

583 MADEIRA DE PINHO CARNEIRO — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Das mattas nacionaes de Leiria.

584 MADEIRA DE PINHO MANÇO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Das mattas de Caparica, perto de Lisboa.

585 MADEIRA DE CARVALHO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Das mattas de Alcobaça.

586 MADEIRA DE SOBREIRO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Alemtejo.

587 MADEIRA DE FREIXO. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Alemtejo.

588 PILILAN OU MOGNO DE BISSÁU. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
Bissáu, possessão portugueza em Africa.

589 PÁU DA COSTA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
De Bissáu.

590 PÁU DE TACULA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
De Angola.

591 PÁU DE TECA. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
De Góa.

592 PÁU DE SICÓ. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.
De Góa.

As madeiras cuja expositura é a Inspecção Geral das Obras Publicas (de 553 a 570) foram cortadas no anno de 1834 com o fim de se determinar a sua resistencia, para construcção de edificios. As expostas pelo Arsenal Real da Marinha, (de n.° 582 a 592) são empregadas de construcções navaes. De todas as madeiras tanto do continente, como das possessões, ha grande abundancia, entretanto ha certas arvores que se dão em preferencia nas provincias do Norte de Portugal, como são o castanheiro, o chopo, o carvalho. No Alemtejo dão-se de preferencia, o sobro, asinho, oliveira: o pinho melhor, é das mattas nacionaes da Marinha, proximo a Leiria, cuja superficie é de 10 legoas.

593 MEL. — Expositor, J. B. de Mattos.
Santarem.

594 MEL. — Expositor, J. B. de Mattos.
Santarem.

595 MEL.
Castello Branco.

596 MEL. — Expositor Marquez de Ficalho.
Serpa.

597 MEL.
Bragança.

598 MEL.
Evora.

599 CAPSULAS DE OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU. — Expositor e fabricante, P. F. Norberto.
Pharmaceutico em Lisboa.

600 LÃ DE MERINOS BRANCA. — Expositor, Valencio Gomes Corrêa.
Covilhã.

601 LÃ PRETA. — Expositor, Marquez de Ficalho.
Serpa.

602 LÃ PRETA.
Bragança.

603 LÃ BRANCA. — Expositor, Marquez de Ficalho.
Serpa.

604 SEDA AMARELLA N.° 1.
605 SEDA AMARELLA N.° 2.
606 SEDA AMARELLA N.° 3.
607 SEDA AMARELLA N.° 4.
608 SEDA AMARELLA N.° 5.
609 SEDA AMARELLA N.° 6.
610 SEDA BRANCA N.° 7.

Estas 7 amostras de seda de 604 a 610, são expostas pelo Duque de Palmella, e provém de creação deste artigo, na sua quinta de Calhariz junto a Setubal, dirigida pelo agricultor italiano, Gagliane, vide n.° 530.

611 SEDA AMARELLA
612 SEDA AMARELLA.
613 SEDA AMARELLA.
614 SEDA AMARELLA.
615 SEDA AMARELLA.

Estas 5 amostras de 611 a 615, são expostas por José Cardoso da Silva Garcia, de Bem Viver, na na Vargea do Doiro.

616 SEDA AMARELLA.
Bragança.

617 CERA BRANCA. — Expositor, Manuel Lucas de Carvalho.

618 CERA BRANCA.
Castello Branco.

619 CERA AMARELLA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Serpa.

620 CERA BRANCA. — Expositor e productor, Ferreira Brettes.
Torres Novas.

621 CERA BRANCA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Serpa.

622 CERA AMARELLA. — Expositor e productor, Manuel Ferreira Brettes.
Torres Novas.

623 CERA AMARELLA.

624 CERA AMARELLA. — Expositor, Manuel Lucas de Carvalho.
Lisboa.

625 GELATINA EM LAMINAS. — Expositor e productor, Norberto.
Pharmaceutico em Lisboa.

626 GELATINA EM FILAMENTOS. — Expositor e productor, Norberto.
Pharmaceutico em Lisboa.

627 GRUDE. — Expositor, Joaquim Lopes Tavares da Fonseca.
Santarem.
628 GRUDE. — Expositor, Joaquim Cesario Peixoto.
Lisboa.
629 CARVÃO ANIMAL, GROSSO. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa, fabrica pertencente ao expositor.
630 CARVÃO ANIMAL, FINO. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa, fabrica pertencente ao expositor.
631 BALANÇA DECIMAL. — Expositor, José Ferreira Pinto Bastos.
Lisboa. Construida por um artista portuguez dos estabelecimentos do expositor.
632 INSTRUMENTOS PROPRIOS PARA AGRICULTURA. — Expositor, Antonio Policarpo.
Lisboa.
É obra do expositor, que tem um estabelecimento de cutelaria em Lisboa.
633 ESTOJO DE INSTRUMENTOS CIRURGICOS. — Expositor, Antonio Policarpo.
Lisboa.
Fabrica, vide n.° 632.
634 UM JOGO DE TEZOIRAS. — Expositor, Manuel José da Silva Cerqueira.
Villa de Guimarães, districto de Braga, Minho.
É obra do expositor feita á mão. É este um ramo de industria, que ha nesta villa em grande escala, e donde se fornece uma parte do reino.
635 BACAMARTE PORTATIL. — Expositor, o Arsenal do Exercito.
Lisboa.
Este bacamarte, não é obra de hoje, entre tanto, querendo-se, pode fazer-se outro identico no estabelecimento.
Póde funcionar como clavina e como pistola. A coronha é de tirar.
636 ESPINGARDA À ROMANA. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
637 ESPINGARDA. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem dois tubos lateraes no cano da arma, destinados, um a receber a polvora, outro as balas para 30 tiros, fazendo-se girar o systema em volta de um eixo, depositam os tubos lateraes a carga no cano, assim como a escorva e bala: é invenção do padre Zozimo e foi feita no Arsenal, por operarios portuguezes.
638 ESPINGARDA DE FEIXOS DE FULMINANTES. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem um deposito para receber a polvora, e fulminante.
Escorva-se fazendo-o girar.
Feita no Arsenal, pelo artista José de Freitas.
639 ESPINGARDA DE FEIXOS COBERTOS E CANO RAXADO. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Escorva-se com a mesma carga que se deita no cano.
Foi feita por operarios do Arsenal.
640 MODELO RIFLE. — Expositor, Arsenal Militar do Exercito.
Tem o machinismo dos feixos para poderem funcionar de percussão ou de pedreneira, feito no Arsenal, por Joaquim José dos Santos.
641 GUARDA FEIXOS PARA PEÇAS DE ARTILHERIA A PAIXHAN. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Lisboa.
Este guarda-feixo é feito de sola de uma só peça.
O expositor é o proprio fabricante; elle é operario do Arsenal da Marinha.
642 GUARDA-FEIXOS PARA AS PEÇAS ORDINARIAS. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Lisboa.
Fabricante, vide n.° 641.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo X.

LUZ E SOMBRA!

Apenas a abbadeça e o jesuita desappareceram, o mancebo adiantou-se e recuou; quiz fallar e faltaram-lhe as palavras; o sangue fugiu-lhe para o coração; a alma esmorecia nos olhos, e a voz gemia nos labios em murmurios ternos. No auge da commoção ajoelhou-se em silencio e cubriu de beijos os dedos rosados, que o levantaram brandamente, tremendo de prazer entre os seus, que se iam fazendo mais ousados em os apertar.

Elle adorava-a com a vista, em que a paixão era eloquente com meiguice. A donzella, no sobresalto do amante, gosava o seu triumpho. Sentindo-se arrebatar em radiosa agitação, pelas suas contava as pulsações do coração, que batia alvoroçado como o della, ambos abrazados na chamma, que arde tanto, se é viva e vem de dentro.

O seu nome, que na bocca do mancebo era apenas estremecido por um suspiro, chegava-lhe aos ouvidos, como suave exhalação, em uma nota divina desse cantico, que o coração em jubilo só entoa pelo amor. Inclinada e timida, Cecilia não sabia de palavras, que exprimissem o seu enlêvo. Ao pé de si tinha o amante; roçavam pelos delle os seus cabellos; aquelles olhos reviam a sua imagem; aquelle espirito não via outra luz. . . . A donzella desfallecida de ternura; com as mãos a conter o seio palpitante; com o doce nome nos labios, cedeu ao tremor electrico da paixão, e deixou fugir a alma atraz das illusões.

Espirando angelica doçura, a sua vista apagava-se a medo na sombra das assedadas pestanas; e em deliquio pensativo, ora fugia de si mesma entre o veu das palpebras descahidas; ora acesa de repente, illuminava-se raiando cheia de brilho e de poder. Os beiços abriam-se, como o botão abre a flor; e perfumados da fragancia da innocencia, entre sorrisos voavam a colher os suspiros do mancebo. Nas faces a côr a avivar e a sumir-se; na vista os desejos castos a esconder-se e a apparecer; na bocca o amor brincando no meio de rosas e rubins.... Que fascinante enlevo!

Aquelles curtos momentos viram em rapto sublime o coração de um fundir-se no coração do outro; a vista embeber-se na vista; e unidos em espirito serem a mesma alma, o mesmo fogo, uma só paixão.

Era admiravel a expressão que dava ao rosto o enlace de duas almas extremosas, felizes de quanta ventura se póde gozar no mundo. Com a mão pendente e a cabeça inclinada sobre o collo, Cecilia como que dizia: — não falles! — Deslumbrado e vacillando, o mancebo, com os olhos expirantes, respondia: — adoro-te! — Pelos beiços de ambos passava o ligeiro fremito, que é a melodia do affecto, quando trasborda e vem perder-se na palavra humana, incapaz de o traduzir.

Nos olhos de Cecilia raiou a esperança que brilha uma vez na vida. As pupillas humidas, e as palpebras languidas, a uma e uma deixavam fugir as lagrimas, que são tão doces e amargosas, se a alegria as faz correr, e a saudade as recolhe depois como perolas abertas ao calor da paixão, e enroladas pelas faces da belleza.

Quanto tempo estariam assim callados e conversando, nem elles souberam, nem póde dizer-se. Na vida ideal não se contam as horas. Somente, serenado o primeiro impulso, acharam-se outra vez na terra, e deram o ultimo adeus ao ceu.

A donzella delicada, já pallida, já corada, tremia da commoção que a arrebatava. O corpo, se recuava um momento, era para flexivel e gracioso se debruçar logo para o mancebo. A mão frouxa, descahia nas mãos erguidas para a suster. Esquecida e carinhosa aquella mão, thesouro de amor, deixou-se prender entre os dedos convulsos do amante, e estremecendo com o fogo dos beijos, não fugiu..... A seducção dos olhos e o extasis da alma, espiritualisando o semblante, davam ao silencio da ternura, á quasi immobilidade cheia de delicias, uma expressão adoravel, que faria em vista della pallidas e frias as caricias mais ardentes.

A bocca do mancebo, assustada primeiro, e arrebatada depois, cobria de beijos a mão de Cecilia; e mais audaz por fim, quiz atrever-se a subir das mãos ao rosto. Bastou um aceno para a suspender. Ao mesmo tempo a voz da educanda, suave e repassada da attracção irresistivel, que é o maior poder da mulher, aquella voz infantil na frescura, maviosa na doçura, e tão persuasiva como a paixão, veio pôr termo a uma scena, em que ambos gosavam e padeciam muito. No meio de um sorriso, cuja ironia doce toda era amor, a linda menina affastou de leve o amante, com um gesto delicado, e inclinando a cabeça suavemente para elle, exclamou com certa languidez na falla:

— « Ás santas nunca se beijou senão a mão. A bocca é para pedir a Deus pelos peccadores. »

— « Olha — exclamou elle erguendo as mãos e cahindo em adoração — A alegria enlouquece! .... Estou ao pé de ti, vejo-te, e não o posso crer ainda. Se soubesses com que saudade esperei este dia, e o receio que tive de que elle não chegasse!... Cecilia, a felicidade imagina-se, deseja-se, mas assim de repente, é como a dôr, custa a supportar. Dize-me que não é sonho! Pelo meu amor te peço; compadece-te de mim; sou indigno de te vêr: bem sei, mas perdoa-me; não te offendas; não, ouve-me! Salva-me! »

— « Com tão pouca fé achas que será possivel? — acudiu ella, risonha. — Ingrato! Hei de pegar-te na mão e pol-a sobre o coração, para sentires que não bate menos do que o teu! Em que esperas, se os olhos estão a vêr, e tu não acreditas? »

— « No teu amor! »

— « É milagre! E não receias.... »

— « O receio é só de te perder.... Creio em ti.... Como em mim. »

— « Como em ti? Será bastante? » — atalhou ella, maliciosa, na duvida que fingia.

— « Não! Creio como em Deus. »

— « É demais! Mas se amas sem fé... »

— « Sem ella eu não podia viver!

— « Morre-se por tão pouco? » — perguntou Cecilia entre seria e jovial.

— « Morre, se o incredulo perdeu a esperança toda. » — insinuou o mancebo; e lendo nos seus olhos a ternura, acrescentou: — « E elle poderá salvar-se? »

— « Talvez!... dize-lhe que ame e creia sempre. »

— « E promettem ouvil-o? » — acudiu com fogo.

— « Estariam ao pé delle se o não ouvissem? »

A pausa, que interrompeu o dialogo, nascia da anciedade. Este gracejo, no estilo melindroso dos amores vulgares, era muito falso para corresponder ao profundo affecto, que os dominava; e ambos conheciam que deviam aproveitar a occasião. Entretanto, nenhum tinha animo de soltar a primeira phrase, tão custosa de expellir do coração, se vem delle, e não da bocca, os juramentos, que a consagram.

Cecilia, observando que o mancebo luctava comsigo, e não se atrevia a fallar, poz os olhos no chão, e com o rosto affogueado, ousou ser a primeira a declarar os sentimentos da sua alma. Na altiva innocencia, tão segura que nada receia, e adorando com a devoção exaltada do amor virgem, a educanda pegou na mão do amante e exclamou depois em voz tremula:

— « Callas-te? Queres que eu, mais timida, antes de te ouvir, diga que amo? Acredita, se não o sentisse não te illudia. Sou alegre, sou até creança, como elles dizem, mas o coração se uma vez prometteu nunca mais se esquece. A occasião em que te vi, os momentos em que fallámos, os juramentos que escrevemos, estão firmes; foram feitos diante de Deus, e gravei-os com o sangue da minha alma! A ventura, ou a desgraça, que posso esperar, entrego-as nas tuas mãos.... O mundo, se me escutasse, accusava-me: é mal feito, bem sei: uma donzella, que se estima, não diz de repente a um homem o que eu estou aqui dizendo. Mas sabes! O recato é da alma; e para me guardar, é de mais o meu amor e a tua honra. Confio em ti!? Se abusasses, vês! despresava-te, e quando se despresa.... o amor cahiu e não tem virtude; tu e eu somos incapazes de lhe dar-mos essa morte, não é assim! »

Elle corou e estremeceu ouvindo esta confissão ingenua. Em quanto Cecilia fallava, contemplou-a perdido no enlevo, que é a declaração mais lisonjeira. Depois, ás ultimas phrases, em que o rosto da sua amante era uma rosa no carmim e os olhos affectuosos lhe penetravam o coração, tornou a ajoelhar e com respeitosa ternura exclamou:

— « Fia-te na minha honra! Se a bocca t'o não sabe dizer, pergunta ao coração, que lê no meu, e elle... »

— « Responderá por ti? » — acudiu a educanda sorrindo com malicia — « Mas o que lhe hei de eu perguntar, se elle é mudo, se não falla? Sabes o que jurava, sem o meu espelho? Que tão feia nasci, Deus me não castigue! que até a lisonja se não atreve a enganar-me. »

— « Porque és bella de mais, porque ha nos teus olhos a pureza de um anjo, é que os peccadores não ousam levantar a vista. »

— « Enganam-se! Sou mulher e depressa desço do altar... » — atalhou Cecilia, obrigando o mancebo a erguer o joelho do chão. — « Vamos! — proseguiu impaciente — disseste-me que vinhas, e... »

— « E vim jurar-te que és a luz da minha vida, e não digo ametade do que sinto! Tens razão; sou um incredulo, um pusillanime! Estremeço-te, e callo-mo e perturbo-me, quando o coração está a estalar no peito, e a alma não póde já com a felicidade... Cecilia, hoje sei: o amor é só uma vez na vida. Se advinhasses com que saudade te fallo na ausencia; a magua com te chamo; e o jubilo que me alvoroça se ouço o teu nome, o teu doce nome ... E agora, vês! tremo como uma creança; affoga-se-me o coração; e não posso, não sei senão deitar-me aos teus pés repetindo até que me acredites: — amo-te, adoro-te, e é a primeira vez que amo! Cecilia, juro pela nossa esperança, ainda mulher nenhuma foi mais querida do que tu. Eu que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, que não ajoelho senão a Christo, olha estou prostrado, e deixo correr as lagrimas sobre as tuas mãos... Dize, anjo do meu amor, estes olhos chorosos, este coração tremente, não o attestam mais do que juramentos e promessas? »

— « Neste instante; agora! Attende-me, João. Tenho medo de tanta felicidade. Sempre me disseram que muita ventura de repente era indicio de desgraça. Sou fraca, sou mulher, e tremo que o amor que é a minha luz se apague, não sei porque mãos, nem de que modo. Tenho medo!.. E é tão forte que me tira a alegria, e as vezes o coração fica negro de tristeza. »

— « Que loucura! — acudiu elle, pegando-lhe na mão. — Não tenhas receio senão da morte: porque só morto deixarei de amar-te. »

— « E o tempo, João? Nunca ouviste, que assim como nas flores a fragrancia dura pouco, o amor dos homens é curto e facil de murchar?.. O mundo, as armas, outras paixões consolam-n'os depressa; mas nós, coitadas, não temos senão memorias e saudades... Desculpa!

Não jures, não digas nada! Para quê? bem sei: estes instantes, o dia de hoje, o de amanha, são meus ainda, mas depois?... é o meu receio, o meu presentimento. Rainha, dava-te uma coroa; simples donzella, não tendo fidalguia nem thesouros, dei-te quanto possuia de precioso: a alma, o coração, toda a ventura que posso... viver... comtigo... não tinha senão isto; entreguei-to!... Que mais queres que sacrifique?»

—«Cecilia! E reinar sobre esse coração, é pequena gloria? Porque choras? Duvidas de mim?»

—«Não. Creio de mais: é o meu temor. Julgas que vivia se me tu faltasses? O dia em que vir morta nos teus olhos a minha esperança, a hora em que o coração, procurando o teu, o não achar, acredita-me, João, é o dia e a hora em que morreu a tua Cecilia.»

—«Seja elle tambem o ultimo da minha vida! Não, anjo da minha alma, socega. Em quanto respirar não existo senão para ti... Esses bellos olhos estão tristes e chorosos? Quero-os firmes no imperio que lhes dei... lagrimas, e estamos juntos!... O que farás então na ausencia? Vamos; uma bocca, que o amor formou em um sorriso, hei de vel-a seria e pensativa?... Cecilia, Cecilia, não vês que a minha alma suspira nos teus labios, e que o meu coração geme com o teu silencio?»

Ella ouvia-o com jubilo. Alva e tremente a mão sem fugir deixava-se deter pela do mancebo, nos olhos do qual ardiam mil caricias. A vista, cheia de ternura, quebrava os raios languidos em doces lagrimas, que aveludando-lhe o brilho, a faziam extasiar electrica e fascinante. A cabeça descahia frouxa e negligente sobre o collo, como se inclina ao sol a flor consumida...

De repente, escutando as ultimas palavras do mancebo, trem[illegible]-lhe nos beiços um suspiro; a vista fuzilou; [illegible] sorriso indefinivel encheu de espirituosa an[illegible]ção o rosto, em que as cores da esperança [illegible]sciam ditosas. Neste momento esqueceu tud[illegible] dos braços, em collar delicioso, cingia [illegible]orpo do amante, apertando-lhe o coração co[illegible] o seu, que não palpitava menos apressad[illegible] com a face unida á delle, [illegible] olhos perdid[illegible] seus olhos, inclinou-se ta[illegible] que o halito [illegible]pirava sobre a respiração ard[illegible] do mancebo. [illegible]epois cheia de pejo, escarlat[illegible] pudor, fugi[illegible]hesitou, e voltando em um [illegible]peto irresist[illegible], pousou-lhe a bocca lige[illegible]mente na fr[illegible].

O fogo, [illegible] de um beijo, passou de le[illegible] foi estremecer a alma do amante, que voou aos labios a absorver o perfume, e gozar a doçura. O que ambos sentiram, a pureza deste osculo em que desmaia o amor virgem, só póde apreciar-o quem nas ancias deste martyrio tão cruel e tão suave, aprendeu a conheecer quanto elle doe, e se deseja.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

Ha tempos que existia em nosso poder, com permissão especial para ser publicada opportunamente, a lista das obras primorosas de pintura de que é possuidora a exm.ª casa de Palmella. Julgamos que nenhuma occasião era mais opportuna do que a presente, precedendo poucos dias á exposição philantropica na Casa do Risco do Arsenal da Marinha em beneficio das Casas de Asilo da Infancia Desvalida; por quanto, entre as bellezas e obras primas que hão de illustrar essa Exposição, avultam os principaes daquelles quadros. Seja este mais um dos muitos incentivos para a concorrencia dos visitantes, que terão que admirar no vasto ambito da Sala do Risco muitas riquezas nacionaes.

CATALOGO

Dos quadros antigos e modernos, que formam parte da Galeria do exm.° Duque de Palmella, em Lisboa.

N.° 1.° 1 — Quadro que representa a Sagrada Familia — Desenho original de Raphael; mas o colorido tambem pertence a Julio Romano: áquelle pertence a cabeça da Senhora, o rosto ao segundo pintor: tem 7 palmos e 3 oitavos de altura, e 5 palmos e meio de largo.

» 2.° 1 — Quadro que representa o encontro de Santa Isabel — original de Giorgione: tem 7 palmos e 3 oitavos de alto, e 6 palmos e 5 oitavos de largo.

3.° 6 — Quadros que representam a vida de Nossa Senhora — originaes de Christovão de Utrecht, tem cada um 6 palmos e meio de alto, e 3 palmos de largo,

1 — Quadro que representa S. Miguel Archanjo de corpo inteiro sobre uma serpente de seis cabeças, e contendo nas balanças duas freiras da ordem de S. Bernardo — original de Christovão de Utrecht: tem 9

palmos e 2 oitavos de alto, e 7 oitavos de largo.

» 5.° 1 — Quadro que representa S. Jeronymo no deserto — original da escola de Julio Romano: tem 6 palmos e 7 oitavos de largo.

» 6.° 1 — Quadro que representa N. Senhora com o menino no collo, tem 2 terços do natural — original de Beccafurni: tem 2 palmos de alto, e 1 palmo e 3 oitavos de largo.

» 7.° 1 — Quadro de N. Senhor Crucificado — original da maneira fina de Wandich: tem 1 palmo e 7 oitavos de alto, e 7 oitavos de largura.

» 8.° 1 — Quadro que representa Ecce Homo, em meia figura — original de Luino, Discipulo de Leonardo da Vinci; tem 3 palmos e 3 oitavos de alto, e 2 palmos e 3 oitavos de largo.

» 9.° 1 — Quadro que representa Santa Rosa de Viterbo abraçando o Senhor Crucificado — original do Balestra, imitador de Murillo: tem 4 palmos e meio oitavo de alto, e 3 palmos e 2 oitavos de largo.

» 10.° 1 — Quadro que representa a Annunciação de N. Senhora — original da escola de Murillo: tem 4 palmos e 6 oitavos de alto, e 5 palmos e 6 oitavos de largo,

» 11.° 1 — Quadro que representa a Samaritana proxima do poço — original do cavalheiro Conrado: tem 7 palmos e 2 oitavos de alto, e 5 palmos e 1 oitavo de largo.

» 12.° 1 — Quadro que representa uma paizagem com uma presa de agua — original da escola de Poussin: tem 4 palmos e 2 oitavos de alto, e 5 palmos e 7 oitavos de largo.

» 13.° 1 — Quadro que representa uma cidade vista de longe no reino de Napoles — original no estilo de Salvador Rosa: tem 4 palmos e 2 oitavos de alto, e 6 palmos de largo.

» 14.° 1 — Quadro que representa N. Senhor Crucificado em 3 terços do natural — é copia de Vieira Lusitano: tem 7 palmos e 2 oitavos de alto e 5 palmos de largo.

» 15.° 2 — Quadros que representam parte dos Estados Romanos, vistos de longe — original de Vieira Portuense imitando a Poussin, ou Zuccarelli: tem cada um 3 palmos e 3 oitavos de alto, e 4 palmos e meio de largo.

» 16.° 10 — Quadros que representam os Lusiadas de Camões — esboços originaes de Vieira Portuense: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 1 palmo e 6 oitavos de largo.

» 17.° 1 — Quadro que representa Luiz de Camões na Ilha dos Amores — esboço original de Vieira Portuense: tem 1 palmo e 6 oitavos de alto, e 2 palmos e 2 oitavos de largo.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Universidades de Hispanha. — No visinho reino contam-se dez universidades, que tem sede nestas cidades: Madrid, Barcelona, Sevilha, Valencia, Granada, Santiago, Salamanca, Valhadolid, Saragoça, e Oviedo. Em todas ellas se estuda philosophia, estudos preparatorios, e jurisprudencia. A theologia ensina-se em os seminarios conciliares dependentes de outras universidades, e além destes nas de Madrid, Valhadolid, Saragoça, Sevilha e Oviedo: a medicina nas sete primeiras.

O total dos alumnos que cursaram em 1851 as universidades, institutos de ensino secundario, collegios e seminarios, monta a 21:094 — 4:516 alumnos em Madrid, 2:907 em Barcelona, 2:505 em Valhadolid, 2:453 em Sevilha, 2:275 em Valencia, 1:711 em Granada, 1:451 em Saragoça, 1:419 em Santiago, 1:014 em Salamanca, e 813 em Oviedo.

Ha escholas e estudos especiaes de engenheiros de estradas e canaes, de minas, de mattas, de marinha, de veterinaria, de tabellionado, eschola normal, dita de desenho, dita de musica e declamação, e por fim de taxidermia e de sangradores ou enfermeiros.

Movimento commercial na Belgica. — Os resultados geraes nestes ultimos annos são os seguintes.

1.° Que o movimento geral do commercio, comprehendendo o valor do de importação e exportação, ascendeu em 1850 a 912 milhões de francos, e que augmentou 50 por cento, termo medio dos dez annos decorridos desde 1840 até 1849.

2.° Que a exportação dos productos belgas tem ido em crescimento progressivo, excepto em 1848; que em 1850 excedeu 51 por cento, resultando por termo medio dos dez annos sobreditos ter-se elevado a 88 por cento.

3.° Que esta exportação, que anteriormente havia sido inferior á importação, chegou a 27 milhões de francos em 1850. — O commercio annual da Belgica equivale por tanto a 40 por cento do commercio da França que em 1849 foi de dois milhares e tresentos milhões de francos.

Casa de feltro. — Um habitante de Batignolles-Monceaux, M. Josse, acaba de inventar um extravagante systema de construcção. Fez uma casa completamente impermeavel, sem um pedaço de pedra, sem um punhado de argamaça ou de cal, e unicamente fabricada de madeira e feltro de chapeus velhos. E não se julgue que isto é uma noticia chimerica, um *canard* ou patranha: a casa de que fallamos é situada em Batignolles ao pé do theatro. Vinte e tres mil chapeus velhos se empregaram na construcção. Tem nove metros de comprido, quatro

de largo, e oito de altura, com a vantagem de ser amovivel quando se queira transportal-a: póde alojar uma familia de operarios. Remove-se para outro logar por meio de um carro rasteiro de quatro rodas, especie de grande zorra sobre que está assentada; nem obsta a isso o seu pêzo, que não chega bem a quatro mil kilogrammas.

Superstição e ignorancia. — Como ha certos saltibancos estrangeiros, com quem fazem côro muitos parvos de cá, que saltando nas praias do Tejo começam logo a chamar-nos o povo mais ignorante e supersticioso da Europa, não perderemos occasião de lhes contar factos como o seguinte:

A *Presse* de 5 do corrente mez, copía do *Droit* esta aventura de Mr. Robert Houdin. Possuindo este individuo em Saint-Gervais nas visinhanças de Blois uma bonita fazenda, foi alli passar este verão; e ahi punha em pratica muitas experiencias de physica recreativa, estudo de sua predilecção, cujos resultados causavam grande pasmo á gente da terra: e ainda que Mr. Houdin se mostrasse affavel e fosse bemfazejo para com essa gente, nem por isso deixava de ter fama de mais familiaridade com o diabo do que com Deus. Mas apesar disso não deixavam os camponezes de assistir ás distracções que lhes proporcionava a curiosidade daquelle proprietario.

Ha pouco tempo Roberto Houdin por occasião do baptismo de um filho seu deu uma funcção aos habitantes de Saint-Gervais: illuminou o seu parque de uma ponta a outra por meio da luz electrica, e dispoz effeitos magicos tão maravilhosos, que os paisanos, cedendo á admiração, não deixavam de possuir-se de certo terror: por mais que se lhes explicasse que tudo era natural, embirravam em crer que era sortilegio. Nestas disposições de espirito estavam quando ultimamente Mr. Houdin resolveu mandar arrazar um rochedo que havia no meio do parque; empregaram-se os meios ordinarios de mina, e aconteceu sahir ferido um operario no acto de deitar fogo a um rastilho. O proprietario declarou que conhecia um meio menos perigoso de produzir a explosão; empregou simplesmente um fio electrico; e os rusticos que não viam fogo, mais se persuadiram que nisso entrava arte diabolica.

Por esta occasião a apparição subita de muitos casos de cholera morbo disseminou inquietação e terror nos animos em Saint-Gervais. — «É o feiticeiro que nos traz este mal» — disseram os ignorantes supersticiosos e o boato girou de boca em boca. O *Maire*, (magistrado civil) de Saint-Gervais, sabedor do que se dizia, fez diligencias por meio da persuasão e bons termos para dissuadir aquella gente: mas elles com absoluta convicção teimavam que o feiticeiro espalhava no ar certo pó que respiravam e lhes causava a molestia; e quando o magistrado redarguia que estava tão sujeito como os mais a essas malignas influencias, replicaram-lhe que elle não se levantava tão cedo, e quando sahia á rua já estava absorvido todo o ar inficionado.

Chegou a fermentação a ponto que o maire assentou de pôr vigias de noite á porta do physico experimental; e felizmente, sendo preciso a Mr. Robert Houdin vir a Paris dissipou-se a explosão hostil que minava lentamente. É de esperar (diz o jornal citado) que ao voltar Mr. Houdin a Saint-Gervais, já estejam aquelles habitantes curados de seus vãos terrores.

Aurora boreal. — Observou-se este phenomeno luminoso na semana finda em 4 do mez corrente, e por essa occasião publicaram os jornaes de Bruxellas a seguinte nota.

«As perturbações da agulha magnetica do observatorio de Bruxellas causaram suspeitas, no dia 2 de outubro pela tarde, da existencia de uma aurora boreal. Com effeito, por espaço de mais de hora e meia se póde gosar do formóso espectaculo que offerece este phenomeno, mui raro em nossa região. Pela volta das nove horas, um segmento circular obscuro cercado de um arco luminoso esbranquiçado occupava todo o horisonte ao norte; dahi a meia hora o arco dilatou-se rapidamente; illuminava o ceu com um clarão brilhante como o da lua ao nascer. De todos estes pontos despediam-se a intervallos para o zenith paveias luminosas verticaes, de 40 graus de alto, primeiro brancas, depois vermelhas, que se moviam ora para o occidente, ora para o nascente, e tingiam ás vezes toda essa parte do ceu de um cambiante vermelho candente, semelhando o clarão de um incendio. Esses fasciculos luminosos cessaram pelas dez horas e um quarto; porém. ás dez e meia ainda se descobria o arco esbranquiçado, que foi mudando de logar a pouco e pouco para a banda do occidente, até se desvanecer em breve tempo completamente.

As perturbações magneticas chegaram á sua maior amplitude ás dez horas e meia, voltando lentamente as agulhas de declinação e de intensidade á sua posição primitiva. Em toda a noite soprou vento sul mui rijo.

A religião no Caucaso. — Os povos mahometanos do Caucaso conservam muitas ceremonias, posto que desfiguradas, do christianismo que parece terem professado em antigos tempos. Alem das festas nacionaes que tem relação com as do Salvador, as da Santa Virgem conservaram-se naquellas regiões em meio do islamismo e até da idolatria. Certas tribus solemnisam no dia 7 de abril a festa da Annunciação que chamam *Naguschatac*, que quer dizer *dadiva das flores frescas:* nesse dia as donzellas vão em ranchos numerosos colher pelos campos flores de que fazem reciprocos presentes. Quando se lhes pergunta donde lhes veio este uso, os velhos respondem que o tomaram de seus antepassados, em memoria de uma flor offerecida pelo anjo á Virgem no dia da Annunciação. Ha outra festa chamada *Tgagrepik*, isto é *filha de Deus on do Senhor:* nesse dia cada donzella leva um frangão á casa da oração, onde se prepara um banquete para o povo: e todos se cumprimentam mutuamente como os povos christãos pela paschoa e bons annos. Começa então um jejum, em honra da Mãi de Deus, que dura uma semana, e termina por uma grande festa denominada *Tagehoisme*, palavra que significa *Mãi de Deus*, para a qual ha canticos especiaes.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 13. QUINTA FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA PORTUGUEZA.

O pensamento de apresentar colligidos e systematicamente collocados n'um só local os variados productos do nosso fertil territorio, é nobre e grandemente patriotico; — contamos que será fecundo em resultados, servindo de despertador aos que dormem o somno da indolencia rodeados das riquezas naturaes com que nos mimoseou a Providencia, concedendo-nos tal clima, taes e tão preciosas condições de terreno. «Faz tu da tua parte, que eu te ajudarei: — é um conselho, um preceito, uma promessa de Deus: sendo esta phrase dirigida a toda a humanidade, muito mais especialmente incumbe aos proprietarios de bens ruraes, aos cultores portuguezes, de todo o genero, abraçar aquelle conselho, cumprir aquelle preceito, confiar naquella promessa, em presença dos dons que lhes facilita a natureza do solo que os creou e sustenta, apto a receber os amanhos e cuidados de uma cultura intelligente.

Melhorar, ampliar os ramos de cultura já existentes, e bem assim a creação dos gados, de que provêm os estrumes para adubo das terras, o fornecimento de importantes materias primeiras á industria, o auxilio de forças nos trabalhos do campo, e a barateza das carnes para alimento; escolher e adaptar ás qualidades do torrão as mais proficuas e mais abundantes forragens para pastos, sem o que não se obtem as indicadas vantagens da creação dos gados; introduzir novas culturas a que não repugna a constituição do nosso clima e solo; aperfeiçoar os instrumentos agrarios, e todos os destinados a utilisar as forças quer dos homens quer dos animaes nos diversos misteres da vida agricola; promover e propagar o plantio das arvores de mattas e das fructiferas, dando carta de naturalisação ás especies exoticas que forem susceptiveis de acclimatar-se, e igualmente ás plantas alimentares, ás textis, ás tinctorias, ás medicinaes: taes são os pontos capitaes sobre que deve versar o estudo, a applicação pratica do cultivador portuguez, e que não ha de ignorar nem desprezar, sobretudo, o grande proprietario, que tem obrigação de augmentar e de variar os seus productos na escala de seus bens, como pagamento de uma divida ao paiz, divida tanto maior quanto mais avultada fôr a extensão de suas terras; por quanto é certo que a agricultura é a fonte da nossa riqueza nacional, e que sem ella não mèdrará a industria, segundo ramo de prosperidade. Além disso, ainda o grande proprietario tem outra obrigação; a de instruir pelo seu exemplo os pequenos fazendeiros, que á vista dos bons resultados que tirará o seu visinho mais poderoso se desenganarão, mais do que pelos conselhos e pelas lições doutrinaes, de seguir praticas inveteradas porém nocivas, e entrarão na senda dos melhoramentos ruraes. Do cumprimento de todos estes deveres sahirá accrescentado em cabedaes o proprietario abastado, e com o intimo gozo de haver concorrido para augmentar a subsistencia, os commodos dos seus concidadãos menos favorecidos da fortuna. Feliz satisfação de encargos, que desempenhados não sem proveito proprio, tem ao mesmo tempo por premio a felicidade geral e o incremento da riqueza publica!

Arranquem-se, pois, dos braços do indifferentismo, da indolencia, e da perguiça tão fatal

entre nós nas coisas agricolas e industriaes, todos os que as circumstancias de seu estado, os bens e os capitaes, collocou na situação de serem tão prestadios; sirva-lhes de estimulo este primeiro ensaio de Exposição agricola, que póde ser tão vantajosamente continuado; convençam-se alli pelos seus olhos do auge a que poderá elevar-se de futuro a nossa producção territorial; imitem o bello exemplo dos primeiros expositores: e todos os que por suas diligencias, a que desde já tributamos louvores, estão habilitados para tornar mais numerosa a Exposição, lancem a vista pela enumeração de objectos contida no annuncio abaixo inserto, e não deixem de bem merecer do paiz, venham contribuir com os seus productos, com quaesquer dos objectos que possuam dos alli designados. Seja esta tentativa o primeiro élo de uma serie de Exposições futuras cada vez mais avantajadas e esperançosas. Voltaremos ao assumpto n'um dos proximos n.os

* * *

Annuncio.

Em todos os dias não sanctificados, das 10 horas da manhã até ás 2 da tarde, e na fórma indicada no primeiro annuncio, que para este fim se publicou no *Diario do Governo* de 6 do corrente, e nos outros jornaes de Lisboa, se receberão (até ao dia 30 de Novembro) no local destinado para esta exposição, no Terreiró do Paço, (edificio das Obras Publicas) os objectos que para alli se queiram mandar, e que sejam respectivos á agricultura de Portugal, ou ás suas provincias ultramarinas, como são — 1.° vinhos, aguas-ardentes, licôres, e todas as bebidas alcoholicas nacionaes, cervejas, vinagres, etc.; 2.° cereaes de todas as especies, e legumes; 3.° azeite, e todos os oleos vegetaes; 4.° carnes salgadas, ou de qualquer maneira preparadas; 5.° manteigas e queijos; 6.° lãs e pelles; 7.° seda, algodão, linho, canhamo, e qualquer producto de plantas fibrosas; 8.° mel e cera; 9.° fenos especiaes; 10.° raizes para sustento humano e dos gados; 11.° fructas; 12.° fructas passadas; 13.° doces de quaesquer fructos; 14.° toda a sorte de conserva de fructos da nossa agricultura; 15.° madeiras para marcenaria; 16.° madeiras para toda a sorte de construcção; 17.° sal; 18.° quaesquer sementes, como a herva dôce, para usos domesticos; 19.° sementes para uso das boticas e das artes; 20.° plantas seccas de qualquer valor; 21.° productos importantes exoticos, mas produzidos em Portugal; 22.° toda a manufactura importante, que até ha pouco vinha de fóra, mas que, começando a fabricar-se em Portugal, o seu maior valor seja o da materia prima, quando esta seja um dos nossos productos agricolas; 23.° raizes, resinas, cortiças, ou outras cascas importantes para qualquer uso; 24.° plantas de horticultura; 25.° plantas medicinaes; 26.° plantas applicadas ás artes; 27.° quaesquer plantas valiosas em qualquer outro sentido; 28.° plantas raras de jardinagem ou que sendo desta ordem mereçam alli concorrer; 29.° machinas e instrumentos agrarios; 30.° quaesquer machinas de fabricação de productos agricolas, que devam alli apparecer; 31.° os melhores tractados d'agricultura, ou elles sejam abrangendo em geral todos os ramos, ou para qualquer das suas especialidades; 32.° os escriptos ou impressos sobre alguma descoberta vantajosa para a agricultura, bem como os que exponham as vantagens, resultados, difficuldades, ou quaesquer reflexões a respeito de instrumentos, machinas ou culturas novamente introduzidas; 33.° ainda que se não possam dizer productos da agricultura, comtudo se receberão tambem quaesquer amostras das minas portuguezas. 34.° E no mesmo sentido todos os productos das nossas provincias ultramarinas.

Quanto ás plantas importantes, a sua recepção terá logar nos tres dias antecedentes áquelle em que esta exposição se deverá abrir á concorrencia publica, como se annunciará opportunamente. Lisboa 15 de Outubro de 1851.

AYRES DE SÁ NOGUEIRA.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

É incontestavel, e já tem sido repetidas vezes demonstrada neste jornal, a utilidade da arborisação dos terrenos proprios para a creação das mattas; desses corpulentos vegetaes, que tão poderosamente contribuem para a salubridade do clima, e para conservar a humidade e attrahir as chuvas que são o manancial dos rios e o sangue da terra; que constituem um ramo importantissimo da riqueza de um povo, fornecendo o indispensavel combustivel e as madeiras empregadas em differentes construcções.

Não ha, é verdade, abundancia de livros portuguezes, que tractem de sciencias naturaes e de agricultura; mas, para que é queixar de penuria, se esses que temos não são procurados e lidos, e até da maior parte se ignoram os titulos? É, pois, um dever dos jornaes populares, é um serviço que prestam, não só inculcar essas obras, mas tambem dar extracto da parte substancial dellas, do que é verdadeiramente doutrina e applicação pratica.

Sobre o assumpto, a que vamos consagrar algumas columnas, temos alguns escriptos, abonados pelos conhecimentos e credito de seus auctores; sem fallarmos, por ser especialmente scientifica, na *Historia natural dos pinheiros*, pelo nosso eximio botanico, Felix de Avelar Brotero, publicada em 1827, será consultada com muito aproveitamento a *Memoria sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*, por outro sabio que faz honra á nação, José Bonifacio de Andrade e Silva,

dada á luz n'um vol. de 4.°, que apenas custa 400 réis, pela Academia das Sciencias em 1815; e do mesmo modo um folheto barato, em 8.° e de um cento de paginas, *Manual de instrucções praticas*, pelo sr. Varnhagen (pae), fallecido ha poucos annos, e que foi por muitos Administrador geral das mattas da marinha.

Como nos achâmos na estação da sementeira dos pinheiros, que neste anno pela falta d'aguas do ceu se poderá prolongar mais pelo inverno, do sobredito Manual tiramos o que particularmente diz respeito a este objecto.

Uma serie de experiencias me tem mostrado, que o melhor tempo de se semear o pinisco com o mais vantajoso successo, é nos mezes de Setembro, Outubro, e Novembro; pois nestes mezes de ordinario já chove mais ou menos; a terra conserva ainda calor no verão, as quaes circumstancias juntas concorrem para que o pinisco nasça dentro de tres até quatro semanas; e os pinheirinhos recem-nascidos tem muito tempo de profundar a raiz, tanto para o interior da terra que possam resistir no proximo estio ao calor, sem definharem ou seccarem. Quanto mais secco fôr o terreno, principalmente sendo arenoso, tanto mais profundamente lança o novo pinheirinho a sua raiz, chegando o comprimento della, no primeiro inverno, de ordinario de oito a dez polegadas, quando o novo pinheirinho sobre a terra somente mostra ter uma até duas polegadas. Nos terrenos mais frescos lança o novo pinheirinho na dita epocha menos profundidade de raiz, e mais crescimento por fóra da terra. Em terreno secco, não havendo chuva, se conserva o pinisco bem até que pela chuva tem sido disposto a germinar e nascer (e tenho observado que pinisco semeado em Março, em terreno de arêa solta, nasceu em Outubro proximo); e se depois nos primeiros mezes não tiver humidade sufficiente para o pinheirinho recem-nascido ganhar tempo de profundar a raiz pela terra dentro, arrisca-se a seccar. Não aconselho pôr de molho em agua o pinisco que se quizer semear.

Se não houvessem motivos physicos de dar a preferencia á sementeira do pinisco feita no Outono, teriamos bastantes motivos economicos; pois naquelle tempo ainda os dias são grandes bastante, e ha pouco que fazer nos campos; sendo por isso os jornaes moderados: os motivos physicos devem em todo o caso induzir-nos a fazer a sementeira do pinisco em Setembro, Outubro, e Novembro, e eu aconselharei dar a preferencia áquelle primeiro mez antes que ao ultimo.

Para pinhal bravo, ou sementeira de pinisco, deve-se destinar o terreno que não tenha prestimo para agricultura, ou para sementeira de outras arvores. De similhantes terrenos temos abundancia em Portugal; pois afoitamente se póde assegurar, que mais de metade da superficie consiste em similhantes terrenos. As areias soltas sobre grande parte da extensa costa do mar, as charnecas arenosas, pedregosas, e faltas de agua; as encostas e altos das serranias e montanhas, com tanto que tenham alguma terra, e que a rocha fixa não esteja á superficie; todos são terrenos com que se contenta neste clima o pinheiro bravo, e os quaes beneficia com o correr dos annos, com as suas folhas ou agulhas, cascas que larga, esgalhos seccos, etc., que tudo depois fórma boa terra vegetal. Os terrenos de areias, que o vento muda, se fixam por meio de pinhaes, evitando-se que as areias estereis inundem, e cubram os terrenos ferteis. Em terrenos humidos o pinheiro bravo não prospera; e nos terrenos mais ou menos alagadiços no inverno, se não seccar, arrisca-se a ser facilmente arrancado por temporaes; o que igualmente acontece, quando rochedo compacto e sem fendas impede que possa lançar raizes profundas, ainda que neste caso a natureza quer prevenir isto lançando raizes lateraes pela superficie da terra.

Cada proprietario de terras, portanto, destinará para pinhal o peior terreno que tiver; e o Estado formará pinhaes, aonde delles resulte vantagem em beneficio do paiz; como para melhorar as barras dos rios, fixar as areias da costa do mar etc., aonde nenhum particular fizer estas sementeiras: e se o Estado poder aproveitar de similhantes pinhaes as madeiras para os seus arsenaes, por um transporte por agua, então tirará dobrada vantagem.

(Continúa.)

MOVIMENTO COMMERCIAL DE SOUTHAMPTON.

(Conclusão.)

O marfim importa-se em barricas de comprimento desmesurado, contendo centos de prezas ou colmilhos que provém dos elephantes bravios dos estados do pachá do Egypto e de varias partes do oriente. Ha tambem marfim fossil, extrahido dos desertos onde esteve enterrado, em muitos casos, durante seculos.

Entre os diversos objectos importados de Alexandria contam-se pedras preciosas, joias, variedade infinita de enfeites e ornatos de marfim, de tartaruga e de madeira de sandalo. As pedras preciosas são pela maior parte diamantes, agathas, turquezas, rubins, saphiras, granatas, etc., e igualmente perolas, vindo das diversas regiões da India, da Persia, da Asia Menor; as desta ultima procedencia são colligidas por judeus e outros mercadores, e representam o valor das fazendas europeas, remettidas a regiões remotas, como Astraean, a Tartaria.

Os objectos de joalheria e ourivezaria vem principalmente de Trichinopoly, afamada no oriente pelas obras em metaes e pedras preciosas. Por certo que o indio, em suas obras manuaes de lavor delicado, tem aptidão especial que não possue o europeu; porque os grilhões e braceletes de oiro fabricados em Trichinopoly levam sobeja vantagem aos que se fazem no occidente; e a prova é que não se podem concertar na Europa, quando accidentalmente se quebram ou estragam.

Todos estes thesouros são submettidos ao exame dos agentes da alfandega em armazens situados no caes, e onde são admittidos tão sómente os consignatarios, os empregados da alfandega e das docas. E' tal a immensa quantidade desses objectos que lhes passa pelas mãos, que os inspeccionam com tantá indifferença como fariam a uma carregação de ovos, vinda da fronteira costa de França, ou de batatas da Irlanda. Durante a noite, os agentes de policia fazem rondas em volta dos armazens; e outros postados ás portas das docas interceptam a passagem passadas as horas marcadas.

Quando os vapores das Indias Occidentaes e Orientaes chegam juntos, o que muitas vezes acontece no meado do mez, reunem-se valores e productos manufacturados até um milhão esterlino. Já vimos o pavimento de um daquelles vastos armazens litteralmente coberto de montes de oiro, de platina, e de perolas; e alguns passos mais adiante grandes mezas scintillando com pedras preciosas e carregadas dos artefactos mais bellos do universo.

Southampton goza o singular privilegio de ser o unico porto, dos tempos antigos ou modernos, que tenha recebido as maravilhosas producções de ambas as Indias. Não ha porto nos estados britannicos que lhe possa disputar esta vantagem.

Doze vapores procedentes das regiões do oriente e vinte e quatro que vem das differentes partes do occidente alli chegam em cada anno carregados de immensas riquezas. Para formar as carregações desses vastos e magnificos navios, que semanalmente sulcam as aguas de Southampton, sahem sem cessar mercadorias, a saber; — das longiquas regiões do occidente — dos caudalosos rios, que descem dos montes Apalaches, do bojo das Cordilheiras, atravez do isthmo de Darien, e do mar das Antilhas: — das regiões remotas do oriente — do Mar Amarello, do Ganges sagrado, do Mar Vermelho e venerado Nilo — pontos geraes donde derivam os thesouros da America, da Asia, e da Africa.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 139).

643 PEIXOS PARA PEÇAS DE ARTILHERIA APERFEIÇOADOS. Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Vide n.° 641.

644 PEIXOS PARA CARONADAS COM MELHORAMENTOS. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Vide n.° 641.

645 GRÃO PARA METER NOVOS OUVIDOS, POR UM PROCESSO APERFEIÇOADO. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Vide n.° 641.

646 MACHADOS PARA OS CORPOS DE INFANTERIA. — Expositor, Domingos José d'Azevedo Bobone.
Vide n.° 641.
Este objecto torna-se apenas recommendavel pela maneira como se fez, privação de meios, e em máu ferro.

647 CARDOS PARA ALGODÃO FINO. — Expositor, Antonio Gomes Loureiro.
Thomar, districto de Santarem.
Estes cardos são feitos á mão, e empregados na fabrica que está estabelecida na cidade de Thomar.
É proprietario o expositor.

648 MOLDE PARA FUNDIR TRES LETRAS DE TYPOGRAPHIA, COM MOLLA E MATRIZ. — Expositor, Alexandrino José das Neves.
Lisboa.
Os melhóramentos que se encontram neste molde, são invenção do expositor.

649 SACA-MATRIZ PARA OS MOLDES DE TRES LETRAS. — Expositor, Alexandrino José das Neves.
Lisboa.
É obra e invenção do proprio expositor.

650 ESCONTILHÃO PARA REGULAR A ALTURA DAS LETRAS. — Expositor, Alexandrino José das Neves.
Vide n.° 649.

651 MOLDE SEM MOLLA NEM MATRIZ, PARA FUNDIR TRES TIPOS. — Expositor, Alexandrino José das Neves.
Vide n.° 649.

652 UMA CHAVE.
Santarem.
Feita por official de serralheiro.

653 LINHO FIADO Á MÃO.
Districto de Vianna, Minho.

654 LINHO CURADO.
Districto de Vianna, Minho.

655 LONA PARA VELAS, 1.ª SORTE.

656 MEIA LONA PARA VELAS.

657 BRIM

Estes tres productos de n.° 655 a 657, são fabricados na fabrica real da Cordoaria, para uso da marinha portugueza.

658 LONA N.° 1, DE 30 POLLEGADAS.
659 LONA N.° 1, DE 28 DITAS.
660 LONA N.° 1, DE 24 DITA.
661 LONILHA DE XADREZ AZUL.
662 LONILHA DE XADREZ ENCARNADO.
663 COTIM DE XADREZ.
664 COTIM DE RISCAS.
665 BRIM DE RISCAS.
666 BRIM LIZO.
667 RISCADO N.° 1.
668 RISCADO ORDINARIO, RISCA LARGA.
669 GROSSARIAS.
670 BRIM FORTE PARA VELAS.
671 BRIM DE 2.ª SORTE.

Estes 14 productos (n.° 658 a 671) tem por expositora a Companhia de Fiação e Tecidos de Torres Novas, districto de Santarem, na Estremadura.

672 PANNO DE LINHO SUPERIOR.
673 PANNO DE LINHO ENTREFINO.
674 PANNO DE LINHO ORDINARIO.
675 PANNO DE ESTOPA.
676 PANNO DE ESTOPA.
677 BRIM ORDINARIO.
Estes 6 productos (de n.° 672 a 677) são fabricados no districto de Vianna, Minho.
678 PANNO DE LINHO SUPERFINO.
Porto.
679 PANNO DE LINHO FINO.
Guimarães, districto de Braga, Minho.
680 BRIM DE LINHO.
Torres Novas, fiação na fabrica.
681 COTIM DE LINHO.
Torres Novas, fiação na fabrica.
682 COTIM DE ALGODÃO E LINHO.
683 COTIM DE ALGODÃO.
Fiação de Lisboa.
Expositor, José Barbosa.
Fabrica no Porto, rua de Fernandes Thomaz, de cotins de algodão, e chailes de seda.
684 COTIM CLARO.
685 COTIM CLARO.
686 COTIM CLARO.
687 COTIM CLARO.
688 COTIM CLARO.
689 COTIM CLARO.
690 COTIM CLARO.
691 COTIM CLARO.
692 COTIM CLARO.
693 COTIM CLARO.
694 COTIM CLARO.
695 COTIM CLARO.
696 COTIM CLARO.
697 COTIM CLARO.
698 COTIM CLARO.
699 COTIM CLARO.
700 COTIM CLARO.
Estes 17 productos, são peças de cotins claros, e expostos pela Companhia Fiação e Tecidos Lisbonense. A fabrica está situada em um edificio, expressamente construido em Alcantara, bairro de Belem, em Lisboa. Nesta fabrica estão reunidos os tres ramos da industria de algodão; a fiação, tinturaria, e tecelagem. Foi fundada em 1838.
701 RISCADO DE XADREZ.
702 RISCADO DE XADREZ.
Estes 2 productos, são peças de riscado de xadrez, expostas pela companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense
Vide n.° 684 a 700.
703 ALGODÃO CRU N.° 1. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 702.
704 ALGODÃO CRU N.° 2. — Expositora, companhia Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 703.
705 RISCADO PARA COLXÃO. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 704.
706 RISCADO PARA COLXÃO AZUL. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 705.
707 CHAILE D'ALGODÃO.
708 CHAILE D'ALGODÃO.

709 CHAILE D'ALGODÃO.
710 CHAILE D'ALGODÃO.
711 CHAILE D'ALGODÃO.
712 CHAILE D'ALGODÃO.
Estes 6 productos, chailes d'algodão de n.° 707 a 712 são expostos pela companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 706.
713 CHAILE D'ALGODÃO. — Expositor e fabricante, Jacintho de Sousa Pereira.
Porto.
Fabrica no bairro da Cedofeita, rua da Paz, fundada em 1807.
714 CHAILE D'ALGODÃO. — Expositor e fabricante, Jacintho da Silva Pereira.
Porto.
Fabrica, vide n.° 713.
715 COBERTA D'ALGODÃO. — Expositora, Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 712.
716 LINHA D'ALGODÃO N.° 20. — Expositor e fabricante, Antonio Gomes Loureiro.
Thomar, districto de Santarem.
Fabrica, cujo motor é a agua, e tendo sido construidas as machinas nas officinas da mesma.
717 LINHA D'ALGODÃO n.° 24. — Expositor e fabricante, Antonio Gomes Loureiro.
Thomar.
Fabrica, vide n.° 716.
718 MASSOS DE FIO DE ALGODÃO SINGELO EM CRU. — Expositor e fabricante, Antonio Gomes Loureiro.
Fabrica, vide n.° 716.
719 LINHA D'ALGODÃO N.° 44 — Expositor, Antonio Gomes Loureiro.
Fabrica, vide n.° 716.
720 NOVELLOS D'ALGODÃO N.° 42. — Expositor e fabricante, Antonio Gomes Loureiro.
Fabrica, vide 716.
721 FIO D'ALGODÃO CRU. — Expositora, Fabrica de Fiação de Rio Vouzella.
Districto do Porto, provincia do Doiro.
722 FIO D'ALGODÃO BRANQUEADO. — Expositora, fabrica de Fiação de Rio Vouzella.
Districto do Porto, provincia do Doiro.
723 UM MASSO DE URDIDURA D'ALGODÃO N.° 20. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 712.
724 MASSO DE TRAMA D'ALGODÃO N.° 20. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 712.
725 LINHA D'ALGODÃO AZUL E BRANCO N.° 12. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 712
726 LINHA D'ALGODÃO AZUL N.° 12. — Expositora, companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense.
Vide n.° 684 a 712.
727 MEIAS D'ALGODÃO. — Expositor e fabricante, Antonio Gomes Loureiro.
Fabrica, vide n.° 716.
728 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
729 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
730 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
731 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
732 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.

733 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
734 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
735 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
736 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.
737 CHITA FUNDO AZUL ESCURO.

Estes 10 productos de n.° 728 a 737, são peças de chitas, fundo azul escuro, expostas pelo fabricante, Miranda Batalha & Comp.ª A fabrica é em Lisboa, rua da Fabrica da Polvora, bairro de Belem. Como tinturaria foi fundada em 1840; e como estamparia em 1848. O motor é uma maquina de vapor da força de 24 cavallos.

738 CHITA FUNDO CLARO.
739 CHITA FUNDO CLARO.
740 CHITA FUNDO CLARO.
741 CHITA FUNDO CLARO.
742 CHITA FUNDO CLARO.
743 CHITA FUNDO CLARO.
744 CHITA FUNDO CLARO.
745 CHITA FUNDO CLARO.
746 CHITA FUNDO CLARO.
747 CHITA FUNDO CLARO.

Estes 17 productos de n.° 738 a 747, são peças de chita, fundo claro, expostas pelo fabricante, Miranda Batalha & Comp.ª

Vide n.° 728 a 737.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo X.

LUZ E SOMBRA!

(Continuado de pag. 142.)

Apenas a explosão do affecto asserenou um pouco, Cecilia envergonhada escondeu o rosto entre as mãos; e as lagrimas soltas e abrazadas gotejaram uma atraz da outra. De joelhos o mancebo, beijava-lhe os dedos convulsos, e entre meiguices e extremos forcejava por lhe descobrir os lindos olhos, que o pesar tornava tão perigosos. Assim decorreram minutos, até que ella palida da lucta interior, e enchugando o pranto, levantou a cabeça, dizendo com tristeza:

— « Foi uma fraqueza, João; não me desprezes! . . . »

— « Desprezar-te?! . . . quando te adoro, e me fazes o mais feliz dos homens. »

— « O tempo é precioso. . . ouve-me. Meu pae está vivo, chegou hontem. Em dois dias vou sahir do convento, aonde colhi as doces e eternas memorias da minha vida. Se não tornar a vêr-te, este annel é para te lembrares de mim. . . Promettes, que uma vez no dia ao menos, olhando para elle, darás uma saudade, uma lembrança á tua Cécilia? »

E passou-lhe no dedo uma « memoria » cuja brilhante saphira era pura e azul como o ceu que os escutava.

— « Acceito! — exclamou elle com fervor. — Será o symbolo da nossa união. Juro diante de Deus não receber outra mulher, em quanto quizeres ser minha; e sobre a minha alma e a minha honra protesto antes morrer, do que não cumprir. »

— « Olha — respondeu Cecília com suavidade — o futuro não sei, mas sinto que talvez estas sejam as ultimas horas de felicidade. . . Amo-te João! . . . Amo-te como não posso amar outra vez; e digo-t'o; não tenho pejo; não me envergonho. Seguir-te-hei a toda a parte; a minha alma és tu, e longe de ti não vivo. Se me chamares, ouvirei aonde quer que esteja; e cheia de orgulho, radiosa de jubilo, hei de vir, e ao pé de ti, e juntos, a tua alegria será a minha; a tua dôr consolar-se-ha no meu seio; companheira inseparavel achar-me-has sempre unida á tua vida. . . em tudo. . . Sabes o poder que tens sobre mim; de que servia negal-o? Quando o amor é assim, o coração de um vê tudo no coração do outro. Em paga do affecto de minha irmã, e do extremo de minha mãe; pelo respeito de meu pae, por quanto estremeço, por quanto posso sacrificar; não peço senão amor, o teu amor, que é a unica existencia que hei de viver. . . Pela ternura dos que mais estimas, pelo carinho destes instantes, não me enganes! Jura-me, que a tua Cecilia, perdendo tudo, achará o amor por que suspira! Vês tu! sem elle não respiro, e o remorso será o teu castigo! »

E meia ajoelhada, o pranto corria, os soluços estalavam, e convulsas as suas mão apertavam anciosas as do mancebo. A eloquencia do gesto e a expressão dos olhos era quasi divina. Elle erguia-a com ternura; adorava-a com suspiros; e arrastado aos seus pés, repetia com fervor:

— « Amo-te, adoro-te! Quem não te ha de amar? »

— « Serás fiel? »

— « Sempre! »

— « Não amas outra? »

— « Ninguem te iguala! »

— « Serás meu, só meu, como eu sou tua? »

— « Cecilia, Cecilia! Não vês que tanta alegria mata! Abres-me o ceu, e não reparas que nos esperam as saudades? »

— « A saudade tambem consola. Quando penso em ti a minha alma vive. Disse-te que amava e o meu amor é assim. Já te perguntei quem eras? Nunca; porque o coração te conhece! Mas ha um segredo que me occultas. Porque não declaras o teu nome? Meu igual, quem te impede? Meu inferior, eu descerei... »

— « E fidalgo, e grande? » — atalhou elle com um sorriso.

— « Subiria eu para te encontrar. »

— « Não, querida, eu é que preciso subir para te igualar... Rainha davas-me a corôa; juro que se desejo um throno, é para te assentares nelle. Um dos meus... um dos nossos reis, D. Pedro que chamam o *Cruel*, não coroou rainha a linda Ignez? Senhora do meu coração, quem diria que um imperio é muito pelo teu sorriso? »

— « Lisonja! os reis querem liberdade; e o amor é escravidão. »

— « Em que são de rosas as cadeias? Vês, a poesia segue-te; és a bella musa deste sitio... Olha, Cecilia, sabes o que lhes falta a elles, aos principes? É quem os queira por amor. Feliz daquelle que foi amante antes de ser rei! »

— « Mas responde! Quem és? »

— « Um homem que desejava ser Deus para viver comtigo eternamente. »

— E que não é rei, ainda que tenha os merecimentos? — accrescentou ella, sorrindo com malicia. — Dize; e conde és? »

— « Não. Mas os Condes.... »

— « Valem menos. Queres que diga? Desejava-te grande fidalgo. Como haviam de caír bem as gallas da corte em tão airoso corpo! — proseguiu Cecilia, admirando-o com innocente desvanecimento — E os bordados e os diamantes que bonitos ficavam ornando esse peito que é tão nobre!.. Olha, eu fazia-te rei, se fosse Deus! »

— « Querida, — acudiu o mancebo um pouco perplexo — a verdadeira galla de um cavalheiro é a espada! »

— « E teu pae como se chama? »

— « Pedro! »

— « E o teu nome todo! »

— « D. João de Villa Viçosa. »

— « Então és fidalgo? »

— « Sou. »

— « És titular? »

— « Na familia, de que descendo, o titulo é o direito; e tem custado caro. »

— « És militar? »

— « Os fidalgos portuguezes, Cecilia, nascem soldados. »

— « E assim como sou queres-me, amas-me? Deixas por mim as damas, as fidalgas? »

— « Anjo da minha alma, por ti deixava a princeza mais poderosa. »

— « D. João — exclamou ella com enthusiasmo — pobre amava-te! Mechanico adorava-te! Sem parentes nem riqueza queria-te com igual extremo. O meu amor te serviria de pae, de fortuna, e de nobreza. »

— « E eu, Cecilia, pela alma de minha mãe protesto, que por ti esquecerei familia, poder, e grandeza, se.... »

— « Se Deus não ordenasse que respeitassemos em nossos paes a imagem do Creador! » — disse uma voz grave atraz delles. Virou-se e achou o padre Ventura. Na luz dubia do crepusculo apparecia já de longe o habito da abbadeça, recolhendo-se ao oratorio.

— « Padre, cuidei que estava só! — exclamou o mancebo no mesmo tom, e com espirito igual ao de Luiz XIV, dizendo: — « Senhores, El-rei esperou! »

— « E só esteve — replicou o jesuita serenamente — Apenas ouvi as ultimas palavras, e essas não diziam nada, porque não quero crer que dissessem muito.... Entenda, Cecilia, seu primo tem deveres pesados. Roguemos a Deus que o auxilie para elle os desempenhar com gloria. Se o ama, segundo o seculo, póde contar com o seu coração; não conte com mais nada. »

— « E que mais posso desejar? » — respondeu ella singelamente.

— « Conforme! Ás vezes, ignorando o valor das coisas, damos de graça grandes thesoiros, e sabendo depois arrependemo-nos sem remedio..... Mas isto são horas de saír. Repito: seu primo tem deveres; e estou certo que em poucos dias elle mesmo dirá.... »

— « Padre! » — gritou o mancebo mordendo os beiços.

— « O meu nome é Julio Ventura! — acudiu o Jesuita oppondo esta observação cortez á exclamação quasi incivil do mancebo — seu primo — proseguiu virando-se inalteravel para a donzella, — foi sempre bom e justo. Sabe que o sangue que lhe corre nas veias é do mais illustre, e conhece que um fidalgo portuguez é o symbolo da honra.... Isto bem considerado ha de inspirar-lhe uma resolução virtuosa, digna delle, e em harmonia com as suas obrigações. »

— « Se V. Paternidade sabe a quem falla, aconselho-o a que não continue » — interrompeu

o mancebo com modos imperiosos. O padre sorriu-se; e no mesmo tom natural, continuou:

—« Aconselha mal, é o que faz. Na Companhia, ha de saber, costumam experimentar-nos desde noviços para todos os lances e trabalhos.... Quem préga na America, na China, e no Japão, conhece ao que se expõe; sabe que póde morrer pela verdade; comtudo isso, o Evangelho chegou pela nossa bocca ás regiões mais barbaras; e a cruz arvorada por nós e regada pelo sangue dos nossos martyres está de pé e floresce.... Cuidei que lhe tinham ensinado isto. »

—« Sei tudo o que me diz! — accudiu o mancebo um pouco humilhado da lição — mas o serviço de Deus não tem nada com o que estava tractando, quando V. Paternidade me interrompeu indiscretamente. »

—« Tem tudo; a censura é injusta. A sua conversação não podia durar; e ha promessas temerarias a que é prudente valer a tempo.... Diga-me: era melhor que viesse a abbadeça em meu logar, e ouvisse?... »

—« Pois ella havia de atrever-se?... »

—« A separar dois primos? É simples. Fazia o seu dever. Sejamos rasoaveis. O que lhe disse, Cecilia, é exacto. Seu primo tem grandes obrigações a cumprir. Fidalgo, a sua honra é sagrada: portuguez, ámanhã, hoje mesmo, póde ser chamado ás armas, e ha de ír.... »

—« Hei de ír, padre? Ás ordens de quem? » — clamou o amante de Cecilia cheio de orgulho e de cholera.

—« Ás de El-rei e da sua patria julgo eu... Creio que obedecerá a ambos. »

—« Mas isso tudo o que tem com o nosso amor? » — perguntou com timidez a donzella.

—« Muito ou nada, filha. Se nos limitarmos ao estado, em que nascemos, a nuvem passa por cima e não nos toca. Se nos excedermos, póde acontecer que nos alcance. O raio procura mais as eminencias. Deixemos, porém, as allegorias. Quer saber se tem deveres pesados, seu primo? Veja! »

E tirando uma carta do seio entregou-a friamente ao mancebo. Este apenas leu o sobscripto sobresaltou-se, e olhando para o jesuita menos firme do que antes, perguntou:

—« Quem lhe deu esta carta? »

—« A pessoa que a escreveu. »

—« Então sabe?... »

—« Tudo o que me dizem. »

D. João abriu a carta e leu-a agitado. De repente fez-se branco, e dando algumas voltas pela casa com impeto, murmurava.

—« Disseram-lhe tudo! Não importa. Comigo perdem pela força, quando não conseguem pela brandura. Veremos se este casamento se faz não querendo eu! »

Acalmado o primeiro accesso, chegou-se a Cecilia e disse-lhe com infinita ternura:

—« Sou obrigado a sahir. Esta carta é na realidade importante: e como disse o padre... Ventura... tenho deveres a cumprir: mas socega, querida, o primeiro de todos é amar-te. Em poucos dias nos veremos; bem sabes, não posso com as saudades da tua ausencia. »

Isto foi dito a meia voz; apesar da precaução o jesuita sorria-se, indo adiante para lhe abrir a porta da escada particular. Passando por Cecilia, attonita da repentina despedida, o padre segredou-lhe ao ouvido estas palavras:

—« Eu não lhe dizia que seu primo tinha deveres, e que havia de cumpril-os! »

Ao sahir da porta D. João olhando para elle com attenção, disse-lhe:

—« Padre Ventura, fez-me um grande serviço. Se houvesse dois cavallos!? »

—« Esperam enfreados no pateo do mosteiro. »

—« V. Paternidade é magico? »

—« Deus me livre. Mas sabendo de que se tractava preveni as coisas. Acha que fiz mal? »

—« Padre Ventura, procure-me. Preciso fallar-lhe mais de vagar. »

O jesuita inclinou-se profundamente e recolheu-se para o vão da janella, deixando em liberdade os dois amantes. Vendo que o não observavam, o mancebo ajoelhando quasi aos pés de Cecilia entregou-lhe um pequeno maço lacrado, dizendo:

—« É o meu retrato. Lembra-te com elle de quem fica penando até tornar a ver-te. Adeus, adeus! »

E arrancando-se de um impeto ao encanto que o ligava, sahiu precipitadamente. A donzella, mettendo o retrato no seio, pensativa, levantou os olhos, e achando callado ao pé de si o jesuita, perguntou-lhe:

—« A carta, meu padre, é de muito valor? »

—« Filha, aquella carta vale uma coroa. »

—« Então D. João é?... »

—« Mais baixo, de vagar!... É um homem que está a receber a maior herança de Portugal. »

Ella não percebendo, declinou a vista, suspirando; e seguiu o padre, que lhe offereceu a

mão com amisade para a conduzir ao oratorio da abbadeça.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

CATALOGO

Dos quadros antigos e modernos, que formam parte da Galeria do exm.° Duque de Palmella, em Lisboa.

(Continuado de pag. 143.)

N.° 18.° 1 — Quadro que representa a condessa de Atouguia armando os filhos em 1640 — esboço original de Vieira Portuense: tem 1 palmo e 1 oitavo de alto, e 1 palmo e 7 oitavos de largo.

» 19.° 1 — Quadro que representa Santo Antonio pregando aos peixes—original completo de Vieira Portuense, no estilo de Poussin: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 3 palmos de largo.

» 20.° 1 — Quadro que representa o toucador de Venus—copia de Vieira Portuense, tirada do quadro do Albano: tem 5 palmos de alto, e 4 palmos e meio de largo.

» 21.° 4 — Quadros que representam o 1.° a visitação dos Reis Magos; o 2.° a descida da Cruz, e o acto de levar o Senhor ao tumulo: estes dois quadros estão de todo completos: o 3.° a Ressurreição do Senhor, e finalmente o 4.° o Juiso Universal: estes dois ultimos não estão acabados — originaes de Domingos Antonio de Sequeira, e por elle executados em Roma no seculo actual; tem 4 palmos e meio de alto, e 6 palmos e 1 oitavo de largo.

» 22.° 1 — Quadro que representa a sahida do Principe Regente D. João para o Brasil em 1807 com toda a sua Augusta Familia — esboço original da primeira maneira de Domingos Antonio de Sequeira: tem 2 palmos e 1 oitavo de alto, e 3 palmos de largo.

» 23.° 2 — Quadros que representam, o 1.° Loth com as filhas, o 2.° Susana sahindo do banho — esboços originaes da maneira franca do sobredito Domingos Antonio de Sequeira: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 2 palmos de largo.

» 24.° 1 — Quadro que representa um architecto mostrando ao intendente Manique, certa planta de um edificio para Lisboa — esboço original de Domingos Antonio de Sequeira: tem 1 palmo e 1 oitavo de alto, e 6 oitavos de largo.

» 25.° 1 — Quadro que representa Cupido em pé encostado a um Leão — original de Bento Gagnerano em 1791: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 1 palmo e 6 oitavos de largo.

» 26.° 1 — Quadro que representa uma nimpha dando de comer a seis cupidos mettidos em um ninho — original de Bento Gagnerano: tem 1 palmo e 6 oitavos de alto, e 2 palmos e 2 oitavos de largo.

» 27.° 1 — Quadro que representa um satyro bachante que descobre uma nympha dormente — original del Forino-ilvágo imitando a Lucas Giordano: tem 3 palmos e 3 oitavos de alto, e 4 palmos e 3 oitavos de largo.

» 28.° 1 — Quadro que representa a effigie de el-rei D. Sebastião — original Flamengo: é em fórma elliptica, e tem 5 polegadas de alto, e 4 ditas de largo.

» 29.° 1 — Quadro que representa um boi deitado em uma campina — original de Paulos Portter, em 1649: tem 1 palmo e 1 oitavo de alto, e 1 palmo e 2 oitavos de largo.

» 30.° 1 — Quadro que representa uma sybilla — original de Boldrini, o qual veio a Lisboa no anno de 1845: tem 2 palmos e 2 oitavos de alto, e 1 palmo e 6 oitavos de largo.

» 31.° 1 — Quadro que representa duas cegonhas da America, as quaes estão mortas e dependuradas — original de M. Bloêm, 1649: tem 6 palmos e 6 oitavos de alto, e 4 palmos e 1 oitavo de largo.

« 32.° 1 — Quadro que representa uma cegonha da America passando em uma campina — original de Bloêm: tem 3 palmos e 6 oitavos de alto, e 3 palmos de largo.

» 33.° 1 — Quadro que representa N. Senhora de Foligno — copia de Antonio Manoel da Fonseca, tirada do original de Raphael: tem 13 palmos e 3 oitavos de alto, e 8 palmos e 6 oitavos de largo.

» 34.° 1 — Quadro em plano oitavado, que representa a Sacra Familia em relevo de bronze dourado sobre lapis lasuli, e tudo moldurado de prata e pedra venturina; é de um quarto do natural com seus serafins: tem 3 palmos e 6 oitavos de alto, e 4 palmos e 5 oitavos de largo.

» 35.° 1 — Quadro em cobre de fórma elliptica, que representa Santo Antonio em meio corpo com o Menino Deus ao collo — original de Domingos Antonio de Sequeira, pintado da primeira maneira de quando esteve em Roma a primeira vez: tem 1

palmo e 6 oitavos de alto, e 1 palmo e 2 oitavos de largo.

(Concluir-se-ha).

NOTICIAS E COMMERCIO.

Exposição universal em Nova-York.— Formou-se uma companhia para continuar em Nova-York a grande Exposição de Londres. Para aquella cidade serão transportados a contar dos primeiros dias de Dezembro a maior parte dos objectos mais preciosos que figuraram no palacio de cristal, bem como consideravel quantidade de productos novos, cujo valor artistico e industrial deve augmentar a importancia desta segunda exposição.

A companhia é representada na Europa por M. Ch. Buschek, commissario do governo imperial d'Austria, e nos Estados-Unidos por M. Edward Riddle, commissario americano na exposição de Londres, encarregados da direcção geral.

Tomaram-se providencias para a construcção de um edificio, pelo modelo do palacio de cristal, no centro da cidade de New-York, no ponto de juncção dos caminhos de ferro que vão dar alli: gosará do privilegio de franquia, e de deposito da alfandega em todo o tempo que durar a exposição.

As fazendas serão transportadas em navios de primeira ordem, fretados expressamente; os gastos de fretes, de seguros etc., serão adiantados pela companhia, de maneira que o expositor não tenha de fazer desembolso algum.

As fazendas serão expostas com os seus preços affixados. Logo que sejam vendidas, serão entregues e se liquidará a conta ao expositor: no caso de não se venderem serão restituidas a quem as remetteu, á custa da companhia.

Já grande numero dos principaes expositores de Inglaterra e do continente animam a empreza com sua benevola cooperação.

A nova exposição admitte as obras d'artes, propriamente ditas, esculptura, pintura, mosaico, vidraças etc.; fixou-se a sua abertura no dia 15 de Abril de 1852; e durará quatro mezes pelo menos.

Estão promptos navios para receber as fazendas provenientes do palacio de cristal que os expositores quizerem expedir desde logo. Todos os productos deverão achar-se no local marcado no 1.º de Março.

Esta exposição vae abrir aos productos francezes uma grande sahida no mais importante mercado das Americas, em New-York, onde affluem durante o verão todos os habitantes ricos do Novo-Mundo. A importancia desta empreza será bem apreciada pelos fabricantes, sobretudo neste momento em que as apprehensões politicas diminuem sensivelmente o consummo e afrouxam o movimento industrial. As adhesões eram recebidas até 4 de Novembro corrente, no escriptorio da administração em Londres, Clarges Street, Piccadilly, n.º 43, por quanto ia partir para Nova-York o commissario americano Ed. Riddle.

Theatro de S. Carlos.—Quarta feira passada, anniversario de S. M. El-rei, subio á scena neste theatro a opera *Nina louca por amor*, do Maestro Coppola, em que debutaram a primeira dama Carolina Sannazaro, o primeiro tenor Guglielmini, o primeiro baixo Goré, e o baixo comico Bonafós.

A opera não é nova entre nós: já tem sido representada em duas épocas anteriores, porém é uma tão bella producção musical, que é sempre ouvida com prazer, e honra sobremaneira o talento de seu auctor.

Comtudo, foi esta a primeira vez que o nosso publico poude apreciar devidamente, e em toda a sua extensão, as bellezas deste *spartito*, tão rico de melodia, e tão abundante de cantos ternos e inspirados, porque desta vez a protagonista foi mademoiselle Sannazaro, essa joven e interessante *prima donna*, que tendo cantado apenas duas noites, conseguiu já captar todas as sympathias, e tornar-se objecto dos maiores elogios, da mais sincera admiração.

Haviamos tido as melhores informações ácerca desta dama, porém devemos confessar, que ella excedeu muito a nossa expectativa.

Contando apenas 22 annos de edade, dotada de uma figura agradavel e uma physionomia summamente expressiva e sympathica, mademoiselle Sannazaro possue uma linda voz de *mezzo soprano*, de um timbre melodioso e *insinuante*, e uma boa escóla de canto, e reune a estes dotes uma rara intelligencia artistica, e um profundo sentimento dramatico. De maneira que não só temos a admirar o seu talento como cantora, mas tambem o seu genio como actriz.

Comprehende perfeitamente as differentes situações do *libretto*, ninguem representaria com mais sentimento, com mais ingenuidade o caracter de *Nina*, dessa infeliz donzella louca por amor, quando debalde invoca o nome de seu amante,—quando exproba a seu pai o ter abusado da sua auctoridade, para lhe roubar a maior das venturas,—quando emfim recobra pouco a pouco a razão, e reconhece finalmente o seu amante, que está de joelhos a seus pés.

Cómo cantora merece tambem esta artista os maiores elogios, e se não está isempta de alguns pequenos defeitos, são elles tão insignificantes, que só podem ser percebidos pelos mais versados na arte.

Cantando bem em toda a opera, distinguiu-se principalmente no *Rondó* final, pelo mimo e delicadeza da execução.

Depois de tudo isto, fôra ocioso dizer que a joven debutante foi applaudida com enthusiasmo, porque o nosso publico é bastante intelligente, e se ás vezes é severo, e talvez demasiadamente exigente para com alguns artistas, nunca deixa de reconhecer o verdadeiro merito, e de lhe tributar a devida homenagem.

Felicitamos mademoiselle Sannazaro por um triumpho tão brilhante quanto bem merecido, e a empreza e o publico por uma tão preciosa acquisição. Fallaremos dos outros artistas debutantes.

O sr. Guglielmini está longe de ser um tenor de primeira ordem. A sua voz é pouco igual quando a esforça, e tem algumas notas desagradaveis; seu estylo de canto não é perfeito. Não obstante isto executou satisfactoriamente alguns trechos da opera, e como actor mostrou comprehender o caracter de que se achava revestido.

O sr. Goré pareceu-nos mais um barytono do que

um baixo profundo. A sua voz é sonora e agradavel, porém o seu canto perde por falta de animação. Como actor ressente-se bastante deste defeito, comtudo, se levarmos em conta o receio de que um artista deve estar possuido nas primeiras noites de um debute, é de esperar que o sr. Goré para o futuro se mostre mais desembaraçado no palco, e mais conhecedor da scena.

O sr. Bonafós é um baixo-comico de merecimento; tem boa voz, canta com propriedade, e não descae nas exaggerações e trivialidades tão communs nos artistas deste genero. O publico fez-lhe justiça, applaudindo-o diversas vezes.

A orchestra habilmente dirigida pelo eximio auctor da opera, é credora dos maiores elogios pelo colorido e optima execução da musica.

Consta-nos que subirá brevemente á scena a tão celebre opera de Rossini *Barbeiro de Sevilha*, sendo a parte de *Rosina* desempenhada por madame Arrigotti: tambem ouvimos dizer que a empreza mandára vir de Italia o *spartito* da opera *Ildegonda*, do maestro Arrieta, escripta em Milão, expressamente para mademoiselle Sannazaro, e na qual a eximia artista obteve um dos seus mais brilhantes triumphos.

Phenomeno atmospherico.—É muito extraordinario o que foi observado em Raab na Hungria no dia 26 de Setembro ultimo. Durante um temporal violento, acompanhado de grossa chuva, viu-se cahir das nuvens um globo de fogo que mostrava o vulto de uma granada de oitenta arrateis. Esta bola desabou sobre uma casa furando o telhado e forro, e atravessou depois uma parede sem causar inflammação em parte alguma, e sem fazer mal ás pessoas que estavam nos quartos por onde passou.

EXPOSIÇÃO PHILANTROPICA NA SALA DO RISCO DO ARSENAL DA MARINHA.

Depois dos contratempos, nascidos de causas estranhas ao pensamento que gerou este modo de exercitar a caridade publica, que retardaram a sua realisação e muito contrariaram os desejos de todas as pessoas que a promoviam, vae em fim abrir-se ao publico a Exposição philantropica em beneficio das Casas d'Asylo da Infancia desvalida, de que a capital e até as provincias tem ha muito noticia, pelos annuncios de todos os jornaes e pelas louvaveis diligencias e sollicitações empregadas para conseguir-se a maior somma de objectos que fizesse a mais brilhante e numerosa exposição a fim de convidar a curiosidade geral, posto que já fosse incentivo bastante o espirito de beneficencia, de que em taes occasiões dá sempre notavel exemplo o povo portuguez.

Ocioso, pois, nos parece gastar muitas palavras em recommendar á attenção dos nossos concidadãos a Exposição, que por si se recommenda, quer pelas preciosidades e raridades que encerra e que nunca se poderiam vêr reunidas, não sendo por este modo, quer pela santidade da applicação de seu producto, que é geralmente notoria. Não duvidamos um momento da concorrencia que ha de fazer mui rendoso esse producto. Sómente, para dar publicidade, pela nossa parte, ás condições e mais circumstancias que regularisam a admissão dos visitantes durante o prazo da Exposição, trasladamos o seguinte

Annuncio.

A commissão encarregada de levar á effeito a Exposição em beneficio das Casas d'Asylo da Infancia desvalida do continente do reino e ilha da Madeira, annuncia o seguinte:

Que a abertura da Exposição, a qual ha de ser annunciada por uma girandola de foguetes, terá logar no dia 9 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, na sala do risco do arsenal da marinha, e se fechará ás 4 da tarde, continuando depois á estar patente nos dias immediatos, desde as 10 da manhã, até ás indicadas 4 horas da tarde.

Que em attenção a ser este philantropico acto destinado a incitar a pratica da virtude da caridade, e cumprindo que nelle possam tomar parte todas as pessoas sem distincção de condições sociaes, a entrada será permittida a todas as differentes classes da sociedade, sem restricção alguma quanto a vestuarios.

Que o preço da entrada em geral, á excepção das quintas feiras é de 60 rs. por cada pessoa, á qual nessa occasião se entregará um bilhete, que dá direito áquelle dos muitos, variados e lindos premios patentes, que por ventura sair no respectivo numero na loteria que se ha de extraír terminada a Exposição, e de que se publicarão as competentes listas. As pessoas porém, que pertenderem tomar maior numero desses bilhetes, os acharão á venda, pelo mesmo preço, dentro da sala.

Que nas quintas feiras o preço da entrada será de 240 rs. sem direito a recepção dos ditos bilhetes, os quaes todavia não deixarão de igualmente estar á venda.

Que na sala tambem estará á venda o cathalogo descriptivo do grande e escolhido numero de quadros pintados a oleo, desenhos, gravuras, preciosidades, chefes de obras raras, e outros muitos objectos artisticos, curiosos e de antiguidade, pouco conhecidos, que a commissão poude colligir, e alli existem para serem apreciados pelos amadores.

Que para quem desejar gosar d'um golpe de vista todo o bello effeito da Exposição, e variado agrupa-

mento dos concorrentes, é permittida a entrada na galeria superior da sala, por bilhetes, que, da mesma forma estarão á venda pelo preço de 40 rs. cada um.

Que no indicado dia da abertura da Exposição, pela uma hora da tarde, as creanças de todas as Casas d'Asylo de Lisboa, apparecerão na sala cantando um hymno dirigido ao Creador em reconhecimento de gratidão pelos seus bemfeitores.

Que a serventía para a Exposição será pela porta do quartel do 1.° batalhão nacional movel, sendo porém a sahida nos domingos, pela porta do fundo da sala, que deita para o terraço do arsenal.

Que durante a Exposição continuam a receber-se donativos destinados para premios da loteria, assim como objectos de merecimento artistico, antigos e de curiosidade, para serem expostos e admirados pelos visitantes.

Que podendo acontecer não se acharem em alguns dos premios os nomes dos offerentes, ou mesmo estarem trocados, a commissão roga a todas as pessoas interessadas, que derem por esta falta ou engano, que tenham a bondade de lho fazer conhecer, para logo se remediar, porquanto na mesma sala estarão para este ou outro qualquer fim as relações nominaes de todos os caridosos bemfeitores e bemfeitoras, com a designação dos premios que tem offerecido.

Em fim a commissão confiando na proverbial sensatez e inimitavel espirito de boa ordem dos habitantes da capital, espera que os visitantes sustentarão essa tão necessaria boa ordem, e se haverão com toda a circumspecção, pelo que respeita ao resguardo e conservação dos objectos expostos.

E porque sendo o fim principal desta Exposição, obter-se a concorrencia a ella da população em massa, por um acto espontaneo de caridade, para assim auxiliar com um valioso subsidio a beneficente instituição das Casas de Asylo da Infancia desvalida, a commissão está convencida e ousa esperar que a concorrencia do publico ha de felizmente coroar os seus esforços a bem de tantos innocentes, que carecem de protecção, amparo e instrucção, e reclamam a liberalidade deste publico tão caridoso quanto sensato e philantropico. — Lisboa, sala do risco do Arsenal da Marinha, em 3 de novembro de 1851. — *Marqueza de Fronteira* — *Condessa de Rio Maior* — *Duqueza da Terceira* — *M. A. Vianna Pedra*, secretario.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicou-se o artigo *Febre amarella*, da Cyclopedia Britannica, traduzido do inglez, por João Felix Pereira.

Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, por 240 rs.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia. Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.^{os} 1, 2, 8, 23, 188, e rua do Oiro n.° 212.

N. B. Publicou-se a 1.ª, 2.ª e 3.ª folha.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 14. QUINTA FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

Aos livros que mencionámos em o n.º passado, quando começamos a transcrever este artigo, cumpre acrescentar um escripto curioso e util, publicado no primeiro semestre de 1844, — *Memoria sobre o pinhal de Leiria e seus productos* com a planta do pinhal e mais duas estampas, preço 240 réis.

Nenhuma outra sementeira exige menos trabalho no preparo do terreno, do que o pinisco, e tudo o que tem recommendado os auctores que escreveram sobre este objecto, de lavrar os taes terrenos em regos cruzados, gradar, etc. é escusado, e serviria de ordinario para augmentar a despeza de uma similhante sementeira: pois creio que quasi nunca se destinará terreno em o qual o arado possa trabalhar desembaraçadamente, e nas sementeiras de pinisco em area solta é ainda mais escusado o arado.

Trata-se em primeiro logar, como se deve fazer a sementeira do pinisco em charneca, ou em encostos de serras, cobertas com matos maninhos, da fórma como de ordinario se encontrão as charnecas e baldios em Portugal.

Primeiramente fazem-se arrancar pela raiz todos os arbustos e mato; o que se fará com enxada ordinaria, ou com sachão ou alvião, onde houver muita cepa, e terreno pedregoso. O mato que se cortar, e arrancar, as raizes miudas, e tudo o que possa servir de coberta do terreno, se deixa ficar aonde foi cortado ou arrancado. Depois que se tenha assim preparado porção de terreno, começa-se a semear o pinisco, espalhando-se o mesmo á mão tão basto, como se semeia o milho a lanço (pois é escusado semear o pinisco em similhante terreno mais basto; sobre o que adiante me explicarei); marcando com ramos ou estacas pequenas até onde se espalhou o pinisco, para ir a sementeira regular, e não se deixar falhas sem semente, nem semear duas vezes o mesmo terreno. Agora se começa a enterrar com enxadas o pinisco, o que se deve fazer sachando-se o terreno em meia polegada, ou quando muito, polegada de profundidade; da fórma como se limpam com enxada as ruas nos jardins, quando lhes tem nascido herva: pois quanto menos terra ficar por cima do pinisco semeado, tanto melhor, e mais certo será o nascer dos pinheirinhos; mas convem ter-se cuidado que todo o pinisco fique coberto com alguma terra, para não ser comido dos passarinhos. Já se sabe, que durante esta operação em pequenas distancias se irá removendo o mato que se cortou ou arrancou do terreno; mas este mesmo mato, e as raizes miudas servem logo para se fazer uma cobertura sobre o terreno aonde se enterrou já o pinisco: procurando-se repartir o mato igual sobre a sementeira, não espesso de mais, mas sim de tal fórma, que appareça por entre os ramos o terreno semeado: e onde houver mato de mais, é preciso espalhal-o para sitoi onde haja falta delle, ou dar-lhe outro destino, tirando-o da sementeira. As raizes grandes, e as cepas se applicam ordinariamente para lenha, aliás podem tambem ficar espalhadas pela sementeira. Não é conveniente que a cobertura de mato seja de todo unida ou espessa de mais; pois quando os pinheirinhos nascem debaixo do mato posto em paveas, não iram ávante; mas sendo espalhado e dividido de maneira que os pinheirinhos quando nascerem achem aberturas para furar por entre o mato, serve este de abrigo aos pinheirinhos novos nos primeiros dois ou tres annos, tanto contra os raios do sol, como contra o frio; e em terras de encostas, evita o mato assim espalhado, que a chuva não leve a terra mexida com a semente, e que forme regos feitos pela torrente. Entre o mato assim espalhado ou deixado sobre a sementeira, os pinheirinhos crescem mais de pressa, e procuram sobresahir quanto antes ao mato; e observa-se que elles tem uma côr mais verde em todas as estações; quando os pinheirinhos sem este abrigo, tanto no

estio como no inverno, mostram uma côr amarellada.

Tem-se recommendado semear centeio, cevada ou avea, com o pinisco, para fazer abrigo aos pinheirinhos recem-nascidos; porém neste caso deve-se dar ao terreno, que se semear, mais preparação visto que estes cereaes não se contentam com um terreno sachado sómente á superficie; e devia-se semear o centeio, avea ou cevada mais profunda, o que faria que o pinisco difficultosamente nascesse. Além de que em terrenos que se destinam para pinhal, pouco ou nada dariam de colheita: com o apanho das espigas se calcariam os tenros pinheirinhos; e ha outros inconvenientes, que são motivo para todos se deverem despersuadir de praticar esta mistura de semente.

A sementeira assim feita como tenho recommendado, prosperará sem mais adjutorio; porém não deve andar, ou pastar qualidade alguma de gado sobre ella.

No caso de acontecer que se queira fazer uma sementeira de pinisco em terreno de relva, em que se fórmam leivas quando se cava, ha de se fazer a sementeira de outra maneira. Dever-se-ha então arrancar primeiro todo o mato e raizes, e juntar tudo em montes, depois cavar-se-ha com enxadas, virando-se as leivas de baixo para cima, como se pratica nos terrenos que se rompem a primeira vez (e neste caso em certas circunstancias se poderia applicar a charrua ou araveça). Quando o terreno estiver assim cavado ou lavrado, se espalha o pinisco como acima fica dito, e se enterra este por meio de um molho de tojo, ou outro mato, que se carrega com pedras ou qualquer pezo, e se arrasta assim o tal molho ou feixe sobre o terreno semeado, e o pinisco ficará devidamente coberto. Depois desta operação se espalhará o mato conforme se recommenda no methodo anterior, para servir de abrigo aos pinheirinhos quando nascerem. No caso que em similhante terreno sejam viradas as leivas por meio de charrua ou araveça, deve-se depois gradar o terreno lavrado, e então se semeará o pinisco, como acima fica dito; enterrando o mesmo por meio do molho de mato com pezo, como já mencionei. Se não houver mato que se tenha cortado ou arrancado no terreno que se semeou, para formar a cobertura, convem buscal-o onde o houver, ou aliás fazel-a com a caruma ou as folhas cahidas dos pinheiros; sendo com tudo o mato miudo, para o mencionado fim, muito melhor.

Ha quem se persuada, que convem semear o pinisco muito basto, ou ao menos como de ordinario se semeia o trigo e a cevada, para os pinheirinhos novos occuparem o terreno de todo, e não darem logar a nascer mato no entremeio; é verdade que isso se obtem por uma sementeira basta do pinisco; porém a experiencia me tem dado provas, que os pinheirinhos estando bastos de mais, ficam infezados nos primeiros seis annos, e tem um crescimento muito vagaroso; o que não acontece quando ficam raros, como o milho semeado a lanço antes de ser desbastado ou sachado: pois semeando-se o pinisco muito basto, se gasta mais semente, em prejuizo do crescimento dos pinheirinhos, e ainda que haja mato entre elles nos primeiros annos, depois de terem cinco ou seis annos de idade, sobresahirão ao mato, e então convem cortar este.

Temos por tanto tratado do methodo mais trivial da sementeira do pinisco nos terrenos que no interior de Portugal se possam destinar para similhante sementeira; e bem se collige que pelo methodo prescripto pouca despeza se faz com ella.

Como entretanto na extensa costa de Portugal ha grandes districtos cobertos com areas, destituidas quasi totalmente de qualquer vegetal, de fórma que o vento as move cada vez mais para o interior, visto que os ventos nortes mais regem em certas estações do que outros ventos; e que para prevenir este movimento das areas convem fixal-as por via de sementeiras de pinhaes; sendo reconhecidamente este o modo mais adequado; tratarei tambem aqui do methodo que se deve seguir para com similhantes sementeiras, as quaes são de mais despeza e trabalho, do que as sementeiras de pinisco em terrenos fixos, de que acima já temos tratado.

(Continúa.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 150).

748 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

749 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

750 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

751 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

752 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

753 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

754 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

755 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

Estes 8 productos de n.º 748 a 755, são lenços d'algodão estampados de diversas cores, pelos fabricantes, Moller e Weike.

A fabrica é em Bemfica, nos arrebaldes de Lisboa, e foi fundada em 1840. O motor é força braçal e animal.

756 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

757 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

758 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

759 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

760 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

Estes 5 productos de n.° 756 a 760, são lenços d'algodão estampados de diversas cores, expostos pelo fabricante Filippe José da Luz.

A fabrica é em Rio de Moiro, perto de Cintra, junto a Lisboa, e foi fundada em 1815. O motor é força braçal.

761 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
762 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
763 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
764 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
765 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
766 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
767 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
768 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
769 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.

Estes 9 productos de n.° 761 a 769, são chailes d'algodão estampados, expostos pelo fabricante Filippe José da Luz.

Vide n.° 756 a 760.

770 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
771 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
772 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
773 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
774 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.

Estes 5 productos de n.° 770 a 774, são chailes d'algodão estampados, expostos pelos fabricantes Pinto & Comp.ª

A fabrica é na Ponte Nova, na Ribeira d'Alcantara, em Lisboa.

775 CHITA DE RAMAGEM. — Expositor e fabricante, Filippe José da Luz.

Fabrica, vide n.° 756 a 769.

776 CHITA DE RAMAGEM. — Expositor e fabricante, Filippe José da Luz.

Fabrica, vide n.° 756 a 769.

777 CHITA DE CORES. — Expositores e fabricantes, Pinto & Comp.ª

Fabrica, vide n.° 770 a 774.

778 CHITA DE CORES.
779 CHITA DE CORES.
780 CHITA DE CORES.
781 CHITA DE CORES.
782 CHITA DE CORES.
783 CHITA DE CORES.
784 CHITA DE CORES.
785 CHITA DE CORES.
786 CHITA DE CORES.

Estes 9 productos de n.° 778 a 786, são chitas de cores expostas pelos fabricantes Pinto & Comp.ª

Vide n.° 770 a 774.

787 PANNO VERDE SUPERFINO, FABRICADO COM LÃ DE SAXONIA.

788 PANNO PRETO SUPERFINO, FABRICADO COM LÃ DE SAXONIA.

789 PANNO MESCLA, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

790 PANNO COR D'AMORA, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

791 PANNO COR DE BRONZE, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

792 PANNO AZUL-FERRETE, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

Segunda sorte para fardamento de soldados.

793 BRIXE PRETO COM LÃ SARAGOÇA.

794 CAZEMIRA SUPERFINA PRETA, FABRICADA COM LÃ DE SAXONIA.

795 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

796 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

797 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

Estes 11 productos de n.° 787 a 797, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Larcher e Cunhados.

A fabrica está situada em Portalegre, capital do districto, provincia do Alemtejo.

798 PANNO AZUL.
799 PANNO AZUL.
800 PANNO AZUL.
801 PANNO AZUL VERDE.
802 PANNO COR DE CASTANHA.
803 BRIXE.

Estes 6 productos de n.° 798 a 803, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Valerio Gomes Corrêa & Irmãos.

A fabrica é no concelho da Covilhã.

804 BRIXE.
805 BUZELINA DE XADREZ.

Estes 2 productos de n.° 804 a 805, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Campos Mello & Irmãos

A fabrica é no concelho da Covilhã.

806 SERGUILHA RISCADA.
Districto de Vianna, Minho.
807 SERGUILHA LISA.
Districto de Vianna, Minho.
808 BUREL BRANCO.
Districto de Vianna, Minho.
809 COBERTOR. — Expositor, João da Fonseca Corsino.
Districto da Guarda, Beira.
810 COBERTOR DE PAPA.
811 COBERTOR DE PAPA.
812 COBERTOR DE PAPA.
813 COBERTOR DE PAPA.
814 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
815 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
816 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
817 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
818 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
819 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XI.

MUITA BULHA PARA NADA!

Vamos á rua das Arcas, á casa de Lourenço Telles.

Seriam oito horas da noite, quando uma pancada forte na porta da rua, despertou da especie de somnolencia, em que ía cahindo toda a familia reunida no escriptorio do Commendador.

O velho erudito, deu um suspiro e pousou o livro, que estava ruminando. No meio do sobresalto, a sr.ª Magdalena da Gama deixou escapar uma estação do seu rosario. O abbade Silva pulou na cadeira; e o lapis quebrou-se-lhe nas prégas do toucado, que desenhava; em quanto Cecilia e Thereza, uma sentada a bordar ao pé da outra, levantaram a vista para Jasmin, que sahiu do canto da sala e a um aceno de Lourenço Telles, acudiu á escada, com um castiçal de tres braços, a fim de reconhecer as visitas.

Ainda fóra da porta, estas faziam já uma bulha intoleravel, fallando, e rindo estrepitosamente.

No reino animal, o alvoroço era igual. Minete esperguiçou-se, apontou as orelhas, e com abrimentos de bocca, assentou-se aos pés de seu dono na conspicua posição, que decidiu o abbade Casti a honrar os gatos com a intendencia da policia. O papagaio espanejou-se, e entufado virou-se para o abbade Silva, e chapou-lhe a pergunta, ensinada por Filippe — « O abbade quer chapeu? » — escoltada de tres rizadas roucas, e discordes. A circumspecta Minerva, que presidia ao laboratorio do erudito, escandalisada fugiu diante da invasão dos barbaros.

Como dissemos, o Commendador pousou o livro, e virado para o abbade, observou-lhe:

— « São novas loucuras de meu sobrinho, quer vêr? Isto é umas sobre outras! »

— « Ouço vozes differentes » — respondeu o sabio archaista.

— « *Medor torce o nariz!* » — gargarejou o papagaio, empertigando-se no poleiro.

— « Maldito animal! » — rosnou o antiquario muito vermelho da risadinha das meninas; e offendido com o presente de uma ameixa cuberta, premio de Lourenço Telles ao plumoso satyrico.

— « Jasmin! » — exclamou o velho erudito com impaciencia.

Ao som da campainha, tocada com força, o escudeiro appareceu entre portas.

— « Quem faz tanta bulha? » — perguntou seu amo.

— « O sr. Capitão. »

— « Quem vem com Filippe? »

— « O sr. João dos Remedios, quasi a rastos. . . . »

— « Fr. João á rastos? O que me diz? E os outros? »

No encarquilhado rosto do escudeiro lia-se grande constrangimento; seu amo e toda a familia viam-no, e por isso porfiavam no interrogatorio.

— « Não conheço » — replicou Jasmin, encolhendo os hombros.

— « Não conhece? Quantos são; tambem não sabe? »

— « Um só! »

— « Que figura é?. . . »

O escudeiro torceu-se, e deu á luz a evasiva seguinte:

— « Não tem figura possivel! »

— « Ora essa? Mas ha de parecer-se a um homem, espero em Deus. »

— « A um homem não sei, mas ao demonio, parece-me que sim. Pelo menos tal e qual o pintam nas egrejas. »

A lingua pegava-se-lhe a cada palavra. O escudeiro nunca fôra medroso nem visionario; a sua opinião, e sobre tudo o susto com que a manifestava causaram, portanto, profunda sensação em Lourenço Telles. O calafrio, que fez aninhar a familia, e o proprio abbade á roda da sua cadeira, visitou-lhe tambem a espinha dorsal.

Na vespera ao jantar tinha ateimado com Filipe, que o diabo não podia apparecer em fórma visivel; e seu sobrinho, partindo nozes, e regando-as de copiosas libações de excellente vinho, apostara dobrado contra singello, em como antes de quarenta e oito horas havia de convencer o tio sabio. O velho erudito riu-se e citou o varão tenaz de Horacio, appellando para o abbade, que encolhia os hombros com medo de Filippe, e bastante igualmente da fórma visivel do demonio. Finalmente o nosso capitão, vendo suas filhas muito risonhas, e sua mulher socegada, e Jasmin tussindo para engulir a gargalhada secca, que lhe formigava na garganta, levantou-se enfadado, e emprazou os incredulos para receberem o diabo em casa no dia seguinte. Eis a rasão, porque mais ou menos tremeram todos, ouvindo que o tentador se achava á porta, na figura em que o pintam os homens seus inimigos.

— « O diabo? » — exclamou Lourenço Telles, pondo o espadim sobre a meza. — « Meu sobrinho atreveu-se a metter-me o demonio em casa? »

— « Assim o supponho » — replicou o escudeiro com pavor.

— « Fechem a porta. Ponham-no fóra » — gritou o latinista, fazendo-se branco, como a tira da sua camiza, e olhando para o abbade, que estava côr de cré, e com os braços decepados.

— « A quem? » — perguntou Jasmin muito palido — « Ao demonio, ou ao sr. capitão? »

— « A ambos, a ambos, eu não exceptuo! » — exclamou o Commendador com a maior vehemencia, deixando cahir a caixa do tabaco, sem dar por isso. No chão, saltou fóra a tampa, e o pó acre e subtil subiu ao focinho de Minete. Jasmin já tinha sahido.

Exacerbado com o suplicio anti-canonico do rapé, o gato espojou a cabeça no sobrado, atirou uns poucos de pulos, e com o ardor dos olhos e do focinho, investiu ás longuissimas tibias do abbade, que tinha a desgraça de se achar defronte. Entretanto o papagaio, subindo e descendo do poleiro, gritava, atroando tudo.

O episodio de *Minete* não diminuiu o susto da familia. Victima do attentado, o pobre abbade resistia frouxamente: as unhas do aggressor eram fortes e nada escrupulosas. Em quanto dois olhos phosphoricos o fascinavam, as garras dos pés arroteavam-lhe a meia de seda e a barriga da perna; e as das mãos chegavam-lhe ás coxas, e aos calções de veludo preto. Nova resistencia, novos arranhões, segunda derrota! Então, o compilador de notas, vendo-se feito mastro da gimnastica felina, acreditou que luctava com o demonio, e perdeu o animo. A phisionomia solemne descompoz-se, a dignidade pevidosa fugiu; e gago, convulso, e torcido em gestos de terror, deu tal espectaculo de si, que os circumstantes benziam-se attonitos. A transformação do profundo oraculo em Laocoonte-palhaço, marinhado por um gato, era na realidade a maior queda, que podia dar a dignidade do sabio, e a magestade do sacerdote.

O pugilato durou instantes. Sentido das leves repellões do erudito, *Minete* subiu por elle, assanhado em mios e assopros atterradores. O ecclesiastico, inutilmente, recorria ás armas espirituaes do exorcismo, ás armas classicas da lingua lithurgica, e ás armas terrestres de duas mãos tremulas e arranhadas. O gato ganhou a victoria. Conquistando o hombro do chronista de Affonso Henriques, fez d'elle ponto de apoio; e os pés escorregando pelas faces rasgavam-nas em arvoredos de planta militar. *Minete*, demorou-se pouco nas alturas; e saltou logo em peso á gaiola do papagaio, que veio de pancada acima da cabeça, e de lá acima do joelho do atribulado antiquario. Em epilogo de tantas desditas, a ave preferiu uma coisa do critico a outra qualquer coisa, e pegou-lhe com o bico para não correr contra seu gosto.

Não é possivel descrever o effeito do combate nos espectadores. Era a idéa de todos, que só a presença do demonio podia arrojar *Minete* ao inaudito escandalo de tractar o abbade como rato guloso ou pardal lascarino. Lourenço Telles mettia dó. Ora dirigia ao seu douto amigo consolações patheticas, sem lhe acudir; ora increpava o gato com as mais severas apostrophes. A queda da gaiola, e a fuga estrepitosa do criminoso, obrigaram-no a reclinar-se mudo e consternado na poltrona, cubriu o rosto com o seu lenço, como Agamenon para não assistir ao sacrificio.

A sr.ª Magdalena erguia as mãos ao ceu. Jasmin na escada, em nome de seu amo, prohibia a entrada ao capitão Filippe. As duas meninas, sentadas no camapé, com a mão na bocca, abafavam o riso para não espirrar de repente, ultrajando a indignação do autor das bexigas do Viso-rei.

Ninguem soccorria o abbade. Por fim elle decidiu-se, e foi o defensor da coxa infamada, rompendo a união hypostatica do papagaio com a sua carne. Um valente pontapé enviou depois gaiola e passaro de presente á primeira talha da India, que arrebentou pelo bojo. O estrondo deste novo desastre, e os gritos do papagaio fizeram pular o erudito sobre a muleta. Quando chegou appressado a acudir, não ao amigo gemendo com a mão no femur, mas á sua ave estrabuxando entre cacos de barro precioso, deu um suspiro e levantou os braços ao tecto. O passaro tinha uma perna deslocada! Restava o abbade.

O Commendador dirigiu-se a elle e parou com duas reticencias admiraveis, uma no gesto, outra na voz; o Zoilo de Tacito nem sequer recompensou com um volver d'olhos esta mimica lacrimosa. Estava fazendo o inventario das farpas e arranhões; e ora fechava um olho, ora outro, para se convencer de que possuia ambos sem lesão.

O Commendador consolava-o, despendendo suavissimas citações bucolicas, sem esquecer o « *Sunt nobis castaneæ molles et pressi copia lactis;* » porém o infortunio obdurava o coração do

amigo; e á eloquencia do erudito, elle, com os beiços brancos e a bocca engatilhada em um sorriso pállido, só respondia, encolhendo os hombros:

— « Quem tem onças, põe letreiro á porta. »

— « É a primeira vez que *Minete* se excedeu! Tem sido um borrego sempre. *Candidus atque dulcissimus!* »

— « Obrigadissimo! Estou aleijado para tres semanas. »

— « Melhor o fará Deus!... Nunca vi o *Minete* assim... »

— « Pois viu-o hoje. É lindo, não acha? Mas o Sr. Lourenço Telles não se desengana. Ainda hei de vêl-o com um olho de menos, por obra e graça de *Minete*. Deixe estar! »

— « Socegue, abbade. Foi tudo casual. Não nos admiremos. Não diz o poeta latino « *Homo sum et nihil...* »

— « Pois não! « *et nihil a me alienum puto?* » Só o que deve notar é que Terencio não fallou de gatos assanhados, e que citando-o mal, atirou ás pombas. Mas é mania! Commendador, o seu gato, o seu papagaio, e seu sobrinho, são tres selvagens conspiradores para me aleijarem. Declaro-lhe, que não volto aqui sem prévia reclusão dos tres. »

— « Então quer que eu metta Filippe em uma gaiola? »

— « Metta-o n'um tonel, ou na cadeia, aonde quizer! Digo-lhe isto: elle é o peior de todos. Quem faz collecção de feras sustenta-as á sua custa, e não com o sangue das visitas. Se a sua casa é um pateo de bichos previna a gente!... Estou um Lazaro. *Ahime!* »

— « Thereza! » — gritou o Commendador, corrido desta e com sinçera compaixão do abbade.

— « Está curando o papagaio » — respondeu sua irmã.

— « Nox vomica era o remedio, que elle merecia! » — rosnou o padre.

— « Mau! Irás tu, Cecilia. Acompanha o nosso abbade e ensina-lhe o meu quarto. Que lhe tragam vinagre, paches, e agua tepida. Chama depois Jasmin para o ir curar. Meu amigo, ande não se deixe esfriar. O vinagre cura. Bem sabe: « *sero medecina paratur, cum mala per longas invaluere moras!* »

O abbade sahiu pela mão de Cecilia; e o Commendador seriamente irritado, levantou-se, e foi direito á janella para tomar o ar. Apenas deitava o pé adiante e firmava o passo, sentiu que lhe estalava uma coisa debaixo do tacão. Abaixou-se, olhou, e levantou logo a vista e as mãos ao ceu, com profunda magua. A tampa da sua caixa, a preciosa miniatura da Venus de Medicis, em vinte bocados, attestava a perda mais sensivel para o nosso antiquario. Desorientado com o ultimo revez, virou-se para Magdalena, e disse-lhe cheio de cholera:

— « Minha sobrinha, seu marido foi uma praga, que me cahiu em casa. É a peste, a fome, e a guerra do meu descanço! »

Quando acabava estas palavras ouviu novo alarido já no cimo da escada, como se as vozes de fóra respondessem em côro á sua apostrophe. Filippe trovejava, o procurador de S. Domingos perorava; Jasmin fazia o contralto soffrivelmente; e no meio da alteração dos tres, acima delles todos, um tiple rachado e embirrento, soltava risadinhas de falsete, em gorgeios de semifusa. Lourenço Telles tapou os ouvidos, e apertou depois as mãos na cabeça exclamando com sombria resolução. »

— « Jasmin, deixe entrar... Quero vêr até onde isto chega! *Hilax in limine latrat!* » O Commendador alludia aos latidos do *Tigre*, acorrentado na logea, e impaciente de entrar no festejo. Apenas o velho subiu curvára o indice e o polegar para colher a pitada, que salgava as citações; e achando de menos a caixa, exhalava um suspiro funebre; appareceu na sala, a passos lentos uma figura, que não podia chamar-se nem satanica nem phantastica, mas que difficultosamente caberia ao molde admittido geralmente para a especie humana. Era um homem, de certo; mas um homem parodia. Vendo-o, estranhava-se pouco a opinião do escudeiro valido, e desculpava-se o sobresalto, com que Lourenço Telles e sua sobrinha o encararam.

Este homem inculcava mais de quarenta annos; e talvez cincoenta. Tinha a cabeça, nua e calva, como um joelho. Desta superficie lisa e espelhada sahia uma estriga de cabellos grisalhos e sedosos, erriçada com insolencia. A estriga perfilava-se no meio da calva, como um penacho de monco, o que dava certo ar exotico e quasi diabolico ao possuidor da raridade. Descendo da cabeça, (esconça e um pouco depremida nas fontes) para o rosto, achava-se o olho direito desapparelhado, e o esquerdo perfeito de mais, isto é de tal viveza, que parecia saltar na gente. Desprezando a moda, cresciam-lhe das orelhas, largas como leques, até á articulação da mandibula, umas suissas ou tufos de barba

musgosa de tres côres, preta, branca, e alaranjada, que lhe armavam duas bambinellas nos esquinados queixos. O hombro direito era mais alto do que o esquerdo, e no jogar dos braços derreava-se a compasso do quadril desengonçado. Um peito de rôla, excessivamente convexo; um ventre de papo de borracho, arredondado e proeminente; a altura equivoca do corpo, hesitação brutesca entre a estatura do garoto e a altura do homem feito, realçavam a pittoresca, e novissima configuração desta coisa, que a penuria da lingua nos obriga a chamar humana, porque era muito aplainada para orango-tango, e muito tosca para rudimento de qualquer das raças admittidas.

A sua maior singularidade consistia na perna esquerda, torcida como um parafuso, e servindo de base a movimentos heroicos, executados com suprema agilidade. Andando fincava o pé no chão, e girava sobre elle como sobre a ponta de uma verruma; quando ria eram sempre gargalhadas de escarneo, lambidas em um torcicolo dos beiços, e apimentadas de visagens variadas. Se fallava, (e fallava muito) tinha inflexões doutoraes, e gestos voluveis; fallava a lingua; fallava a perna-verruma inquieta e aos pulinhos; fallava o hombro perfurante fazendo negaça ao hombro correcto; fallava em fim, mais que tudo, a pasmosa elasticidade do corpo desencadernado em momices, e tregeitos originaes, que pena foi perderem-se pela obscuridade do personagem, aliás seriam a fortuna de um actor de farças bem jocosas.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXI.

Ao amanhecer.

— A caça é uma eschola e semelhança verdadeira da vida militar. Ha nella ciladas, atalaias, corridas, ordenar e repartir gente, dispor forças, e finalmente peleja e victoria. Além de que é a caça muito util para a saude, porque se faz saltando, correndo, atirando, bradando; o que destroe os sobejos humores, aquenta o corpo e cose as cruezas do estomago.

Esta dissertação sobre as virtudes da caça fazia-a um homem de mais de cincoenta annos, robusto, e agil como se tivera só trinta, a Sua Alteza o Infante D. Pedro. O Infante estava encostado ao parapeito da praça de Salvaterra, pallido e dando evidentes signaes de impaciencia, e o velho defronte delle de pé, e com o chapéo na mão fallava com a paxorra do homem do campo que está contente de si.

Ainda não era sol nado: o ar estava frio, mas perfeitamente sereno; no oriente appareciam já vivos e formosos os primeiros clarões da aurora, que tingiam aquella parte do céu, que parecia apoiar-se no horizonte da banda do nascente, de uma côr açafroada; por um esbatido suave esta côr passava a um alaranjado claro, depois a amarello esverdeado, para no zenith se confundir com o azul palido da athmosfera. Na praça e no palacio reinava a maior actividade. Os moços da cavalhariça seguravam, sellados e promptos, cavallos que relinchavam sacudindo as crinas: os moços do monte, uns sustinham pelas trelas sabujos, outros afagavam e seguravam magnificos lebreos inglezes, armados de coleiras com pontas de ferro e coletes feitos de pele de porco bravo. Ao latido das matilhas reaes juntava-se o som das trompas de caça, os gritos dos caçadores impacientes, e dos fidalgos chamando pelos escudeiros e dando-lhes ordens, para tudo estar prestes, logo que aparecessem Suas Magestades.

— Antonio Rodrigues — acudiu o Infante, quando o velho parou um instante para tomar folego, — diz-me cá: supões que a montaria hoje será feliz?

— A carne de porco não é agora de vez — respondeu Rodrigues: — com tudo é certo que havemos de apanhar uma rez, e talvez duas. Eu conto a V. A. um caso que me succedeu, por este tempo do anno, meados de fevereiro, com um porco mestiço. Já eu era couteiro d'El-rei o Sr. D. João IV, tinha morrido o meu mestre João Matheus, e eu havia começado o meu livro de Caça Venatoria...

— Vamos ao caso.

— Pois o caso ahi vae. Indo eu uma tarde caçando pela coitada de Bel-monte do duque de Aveiro, alli onde chamam Mal-Marrão, veiu direito a mim um porco com tão extraordinario impeto que, dando-me uma trombada, me deitou alli para cima de uma tojeira. Larguei-lhe o sabujo que levava atrelado, mas o porco, em vez de fugir, poz-se em campo com elle, correndo-o por muitas vezes com extraordinaria fereza. Então eu, pondo á cara a espingarda que levava, dei-lhe um tiro que o matou logo.

— E então?

— Eu digo a V. A.; a carne do tal porco tinha um cheiro muito forte do monte e varrasco. É o inconveniente que tem o caçar porcos neste tempo. O veado é rez muito mais preciosa; essa sim que tem grandes excellencias.

— Então quaes são as excellencias do veado? — Perguntou D. Pedro, que queria fazer fallar o velho couteiro, para assim lhe parecer mais curto o tempo em que estava esperando pela rainha.

— São muitas e grandes — respondeu Antonio Rodrigues. — Tem elle no coração um osso, que é grande preservativo contra a melancolia, e cura de toda a peste. Nas pontas não ha duvida que tem muita virtude: Aristoteles diz que na esquerda só, e Plinio na direita. No cabo tem o veado um humor verde, que dizem ser venenoso...

— Está bom. Já vejo que conheces os mais profundos segredos da caça.

— Conheço: isso asseguro eu a V. A. que conheço. E é porque ha muitos annos que ando nesta vida; e aprendi muitas verdades do meu mestre João Matheus, e tambem muitas coisas que o não são. Tive bastantes vezes a honra de caçar com o augusto pae de V. A. Ainda me lembra, como se fosse hoje — proseguiu o velho, indireitando-se, e sacudindo orgulhosamente a cabeça — ainda me lembra do primeiro dia, em que acompanhei o Sr. D. João IV, que Deus haja, á caça. Foi em Pancas que eu esperei por Sua Magestade. Encontrámos um veado, que se embrenhou n'umas moitas e camarias; El-rei foi seguindo-o com uma cadella de trella, que o rastejava com cuidado. A rez demandava uns mattos muito espessos, que havia não muito longe, para deste modo salvar a vida; de maneira que até ao meio dia, hora em que o pai de V. A. se recolheu por causa do muito calor que estava, não lhe podémos fazer tiro. Eu porém, com consentimento de S. M., fui atrelando o veado todo aquelle dia; e já á boca da noite é que lhe pude dar uma fraca pelourada que, por lhe não acertar na trave do pescoço o não matou, mas derrubou-o; e por isso o podémos levar vivo a S. M., que muito o estimou, porque o soltou no pateo da quinta, e alli esteve mais fero que um toiro bravo, arremetendo contra tudo.

— Então tu cuidas que hoje poderemos fazer uma boa montaria? — perguntou D. Pedro.

— Os empresadores dão noticia de umas camarias ahi para as bandas de Benavente, onde se costumam a malhar os porcos — respondeu o couteiro. — Ha lá uns carrascaes cercados de tojo gatão, para onde tem visto meterem-se muitas rezes.

— E já ha noticia delles terem encontrado alguma rez hoje?

— Não ha, Sr. Infante. Mas ahi chega um moço do monte, que provavelmente vem trazer ao monteiro-mór a relação do que fizeram os empresadores.

De feito entrava nesta occasião na praça, a cavallo n'uma egoa de campo, um moço do monte, correndo á desfilada. Mal se apeou, D. Pedro chamou-o, e perguntou-lhe donde vinha, e se trazia alguma noticia dos empresadores.

— Saiba V. A. que eu trago um recado cá para o Sr. Monteiro-Mór — respondeu o moço do monte. — Venho do carrascal que fica entre a Fóz e Benavente.

— E achou-se caça? — perguntou S. A.

— Os empresadores viram entrar para a matta um porco velho, com o seu escudeiro; um marrãosito do tamanho daquelle sabujo que alli está — disse o campino, apontando para um cão que estava deitado aos pés de Antonio Rodrigues.

— Teremos occasião de vêr trabalhar os lebréos inglezes de Sua Magestade — acudiu o couteiro. — Quando um porco velho traz escudeiro, é sabido que é este o que primeiro foge, por ser o mais fraco. Mas o porco velho, mais animoso, defende-se dos cães, com grande ferocidade; e dá sempre lugar a um renhido combate.

— E então o porco marrão deixa-se fugir? — interrompeu D. Pedro.

— Se se não póde matar a tiro ou á lança, deixa-se fugir; para se não perder o porco velho que é rez de muito maior valor.

— V. A. não manda mais nada de mim? — perguntou com voz sumida e gesto humilde o moço do monte.

— Não. Vae dar o teu recado ao monteiro-mór.

— Guarde Deus a V. A. — E o campino encaminhou-se para o palacio.

— Já é sol fóra. São horas de partir — exclamou o Infante com impaciencia; depois de ter algum tempo estado a olhar para as janellas do quarto da rainha.

— E parece-me que já alli vem Suas Magestades — acrescentou Antonio Rodrigues.

El-rei dando a mão á Rainha e seguido de muitos fidalgos e algumas damas, sahiu neste momento da porta do palacio real. O infante foi

ao seu encontro de chapéo na mão; beijou respeitosamente a mão da Rainha, e depois saudou profundamente seu irmão, porém com os olhos baixos, e uma frieza glacial.

— Que tens, Pedro? — perguntou El-rei rindo, e batendo familiarmente com a mão no hombro de D. Pedro — Vens com uma cara tão carrancuda, n'um dia de caçada? Temos perto dois porcos que nos esperam. Disse-mo agora mesmo o monteiro-mór. Havemos de ter uma feliz montaria.

— V. M. não anda feliz em montarias; foge-lhe a caça.

— Que queres dizer com isso? — acudiu El-rei, — É a primeira montaria que se faz este anno.

— Em Lisboa é que V. M. mandou fazer a primeira caçada real...

— Que estás dizendo? — E D. Affonso fez-se pallido como se fôra perder os sentidos.

— Estava brincando apenas. Não julgava offender V. M. com estas innocentes palavras.

— Não, não me offendeste. Não percebo, porém...

— Não fallemos mais em tal. — atalhou Sua Alteza, sorrindo. — Sabe V. M. já o que se passou em Lisboa? — proseguiu elle mudando de tom — sabe a catastrofe, o attentado horrivel de que ia sendo victima um dos mais fieis vassallos de V. M.?

— Ainda não ouvi... não sei... — balbuciou El-rei, a quem a colera, e o terror talvez, haviam decomposto totalmente a physionomia.

— Então permita-me V. M. que seja eu, quem lhe narre este caso lastimoso, e lhe peça justiça...

— Agora, no momento de partir para a caça: aqui diante de tanta gente, não é occasião para fallarmos dessas coisas — prorompeu El-rei.

— Para El-rei fazer justiça é sempre occasião.

Estas palavras, trocadas entre os dois irmãos, haviam lançado o terror em todos os que as escutavam. Os cortesãos sentiam a tempestade rugir, e affigurava-se-lhes que de um instante para o outro a colera real, não podendo descarregar-se sobre o Infante, os viria fulminar a elles. O Conde de Castello-Melhor, livido e tremulo, fizera por duas vezes esforços para interromper Sua Alteza, mas a voz morrera-lhe na garganta. O susto produzira nelle a mais completa afonia.

Foi a Rainha, que temeu tambem vêr repetir-se alguma daquellas scenas violentas a que já por vezes assistira, quem veio interpor-se para conciliar os dois irmãos. Com um movimento gracioso, pegando na mão de seu real esposo:

— Sua Alteza tem razão — disse ella. — Como rei que é, bom e magnanimo, não hade V. M. deixar para mais tarde o informar-se de um caso funesto succedido com um dos seus fieis vassallos.

— Tem razão a Rainha — balbuciou Affonso VI. — Diz o que tens para dizer, Pedro.

— Peza-me ter de narrar a V. M. um crime, que o ha de sem duvida affligir: mas V. M. quer ter a condescendencia de me escutar e eu não devo perder esta occasião para o informar do que succedeu ao Conde da Ericeira.

Este nome era indubitavelmente esperado, por El-rei e pelos seus validos; com tudo, quando D. Pedro o soltou da bocca, todos se tornaram lividos, e D. Affonso teve de se segurar ao braço da Rainha para não cahir. Um silencio solemne se fez em roda dos principaes actores desta scena verdadeiramente dramatica.

— Saiba V. M. — começou Sua Alteza — visto que o seu ministro lhe não partecipou ainda o que acaba de succeder em Lisboa, — e D. Pedro lançou uns olhos accesos em colera ao Castello-Melhor — saiba V. M. que antes de hontem ao anoutecer, como estava chovendo, o Conde da Ericeira D. Luiz passou pelo Rocio n'um coche fexado, em que iam tambem seu irmão e a condessa sua mulher. Quando chegou defronte da arcada de S. Domingos sahiram della repentinamente uns homens, que atiraram tres tiros ao coche...

— Mas não acertou nenhum — atalhou imprudentemente o conde valido.

— Não — proseguiu o Infante, a quem estas palavras, daquelle que considerava como auctor do crime, haviam posto fora de si. — Não: e é isso o que magoa aos que dominam pela vingança, pela traição, e pelas intrigas. O Conde da Ericeira não morreu; e é preciso que sejam severamente castigados os que o mandaram assassinar: sem que baste para os salvar nem a sua cathegoria, nem a protecção ainda dos mais poderosos deste reino.

— Ha de fazer-se justiça — acudiu El-rei, interrompendo-o. — Já sei o que se passou... Já sabes tudo, conde — proseguiu, voltando-se para o Castello-Melhor — hasde mandar inquirir sobre este acontecimento, para se castigarem os culpados. E agora vamos para a montaria que são horas.

O Infante ia para fallar ainda, dando largas á colera que lhe fervia n'alma, quando a Rainha com voz quasi suplicante, e fixando nelle olhos de que se irradiavam os mais deslumbrantes clarões da paixão, disse tambem:

— São horas; partamos. S. M. prometeu fazer justiça, e ha de fazel-a.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

CATALOGO

Dos quadros antigos e modernos, que formam parte da Galeria do exm.° Duque de Palmella, em Lisboa.

(Continuado de pag. 154.)

N.° 36.° 1 — Quadro que representa S. Paulo Eremita, em dois terços do natural — original de Guido-Kéne, e da maneira mais sublime: tem 6 palmos e 2 oitavos de alto, e 8 palmos e 4 polegadas de largura.

» 37.° 1 — Quadro em taboa, que representa uma velha avarenta, e occupada em pezar moedas; esta figura é de um terço do natural, e avista-se della uma terça parte — original de Koninck em 1641, o qual foi discipulo de Kembran de quem foi grande imitador: tem 2 palmos e 4 polegadas e meia de alto, e 2 palmos e 1 polegada e meia de largura.

» 38.° 2 — Quadros que representam duas batalhas de cavallaria, tanto a fogo como a arma branca — originaes de A. F. R. Menlen: tem 2 palmos e 3 polegadas de alto, e 3 palmos e meia polegada de largo.

» 39.° 4 — Quadros que representam os quatro elementos — originaes sublimes de Brugel Avelludado: tem 2 palmos e 6 oitavos de alto, e 3 palmos e 7 oitavos de largo.

» 40.° 1 — Quadro que representa o interior de uma casa rustica hollandeza com mobilia de cozinha, e decorado com quatorze figuras, um cão e um gato — original sublime da madeira livre de Van Karp: tem 3 palmos e 6 oitavos de alto, e 4 palmos e 5 polegadas e meia de largo.

» 41.° 1 — Quadro em panno que representa um retrato em meio corpo com um rolo de papel na mão esquerda aonde se vê a seguinte inscripção — *Il Ex:° duca Alfonso primeiro* — e tem no fundo letras que dizem — original de Tciano consta de 4 palmos e 7 oitavos de alto, e 3 palmos de largo.

» 42.° 1 — Quadro em panno que representa os retratos da exm.ª Familia do exm.° Duque de Palmella, tudo em tres quartos ao natural — pintado por Krumhobs em 1847.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Trapaça para enganar curiosos. — O castello de If é uma curiosidade que muitos viajantes visitam. Depois da publicação do famoso romance de *Monte-Christo*, alguns estrangeiros que tomaram a serio as recreativas ficções de M. Alexandre Dumas, pedem aos guardas que lhes mostrem as masmorras de Dantés e do abbade Faria. A principio respondiam estes, que nunca houve no castello presos com taes nomes, e offereciam mostrar o carcere de Mirabeau. Porém, os curiosos, julgando a resposta uma evasiva para não mostrar as masmorras, por alguns motivos ignorados, iam-se embora sem remunerar os guardas, como é costume. Succedeu n'um dia, não se convencer um inglez da verdade daquelles homens; e com disfarce metteu na mão do que lhe ficava mais a geito uma libra em oiro. Foi um raio de luz que esclareceu o entendimento do guarda, que mostrou ao acaso duas prisões contiguas; e o inglez abalou muito satisfeito. De então para cá lêem-se por cima da porta dessas duas cellulas os nomes de Dantés e Faria; e até já se mostram o boraco excavado por Dantés e o sitio donde foi arrojado ao mar.

Theatro fluctuante. — Nos Estados-Unidos existem ha muito egrejas fluctuantes, isto construidas sobre embarcações de fundo de prato, que percorrem os rios e param, ora defronte de uma povoação, ora defronte de outra, a fim de procurar aos habitantes occasião de assistirem ao officio divino, que nestes templos ambulantes é celebrado por ecclesiasticos especialmente destinados, e que moram a bordo dos mesmas embarcações.

A creação destas egrejas circulantes inspirou a M. Spaulding, de Montreal (Baixo Canadá) o projecto de fundar uma vasta sala de espectaculo no mesmo genero; projecto que está pondo em pratica. No porto de Cincinatti (Ohio) fez construir um navio de 400 pés de comprimento e 69 de largo, sobre o qual se erigirá um theatro que possa conter quatro mil espectadores. Este immenso palacio fluvial estará acabado na proxima primavera, e custará oitenta mil cruzados. De verão navegará pelo Mississipi e rios que nelle desaguam; durante o inverno se estacionará no porto da Nova-Orleans.

Guilherme o conquistador. — No dia 26 de outubro inaugurou-se com grande pompa a estatua deste soberano na cidade de Falaise, sua patria. É equestre, e tem 22 e meio palmos de altura, devida ao cinzel de M. Rochet, já conhecido por outras obras notaveis. Esteve exposta por oito dias em Paris nos Campos-Elysios. Foi collocada na praça da Trindade, sobre um pedestal de granito de Cher-

burgo, de architectura no gosto do seculo undecimo.

Filho natural de Roberto do diabo, Guilherme foi o setimo na serie dos duques de Normandia, cujos altos feitos occupam tão vasto espaço na historia de França. Contava apenas sete annos de idade, quando seu pae, partindo para a Terra-Santa (antes da primeira cruzada) onde morreu pouco depois, o reconheceu por filho e herdeiro n'uma assembléa de seus principaes vassallos expressamente convocada.

Sendo já celebre por seu valor e pelo engrandecimento de seus estados, Guilherme appresentou-se com pertenções ao throno da Grã-Bretanha fundando-as no testamento de Ricardo o confessor. Gastou oito mezes em construir navios, reunir tropas, juntar dinheiro e munições; e do porto de Saint-Valery deu á vela aos 20 de setembro de 1066 com tres mil embarcações e 60:000 combatentes. Fez-se o desembarque sem resistencia nas costas da Inglaterra, em Pervensey, no Sussex, em occasião que o seu competidor Harold andava batalhando contra os danos (antigos dinamarquezes) que tinham invadido o Northumberland.

Antes de partir para a empreza, Guilherme não se descuidou de associar Roma aos seus interesses, promettendo-lhe fazer a Inglaterra tributaria da Santa Sé; e obteve do papa Alexandre II uma bulla, um estandarte e reliquias que lhe submetteram a maior parte do clero, ao passo que a sua espada subjugava os povos. Aos 14 de outubro os dois exercitos inimigos se encontraram nas planicies de Hastings: deu-se ahi a memoravel batalha decisiva em que foi destruido inteiramente o exercito inglez, ficando mortos no campo Harold e seu irmão. Guilherme caminhou sobre Londres, que tomou sem desembainhar a espada, e em dia de Natal, tres mezes depois do embarque em Valery, era coroado rei de Inglaterra na abbadia de Westminster.

Sobre a collina onde a velha Inglaterra perecera com seu ultimo rei saxonio, Harold, edificou Guilherme um rico e magnifico mosteiro, denominado da — batalha, em cumprimento do voto que fizera a S. Martinho, patrono dos soldados das Gallias. Na batalha de Hastings teve Guilherme tres cavallos mortos. A preciosa tapeçaria franceza, geralmente denominada — *os pannos de Bayeux*, — e que representa as proezas do conquistador, tem 214 pés de comprido por 18 pollegadas de largo: o fundo é de estofo branco e os bordados são a fio e de lã de diversas côres. Por muito tempo a tradição attribuiu este curioso trabalho a Mathilde, esposa do conquistador, ajudada pelas damas de sua côrte: porém, o padre la Rue mostrou que pertencia essa honra á imperatriz Mathilde, filha do rei Henrique I, ultimo ramo da primitiva familia dos duques da Normandia.

Quando Guilherme se aprestava para guerrear Filippe I de França, ao saltar a cavallo um fosso, recebeu no ventre uma violenta pancada da maçã do arção da sella, pancada que lhe foi fatal em rasão de sua enorme gordura Dahi a tres dias morreu aos 9 de setembro de 1087 no castello de Hermentraville, e foi sepultado em Caen na igreja de Santo Estevão. — Viveu perto de 60 annos, tendo reinado 52 em Normandia, e 21 na Inglaterra.

O guano. — Este estrume animal, introduzido não ha muitos annos nos terrenos da Europa, e que os especuladores já contrafazem e imitam artificialmente, vem do Novo Mundo, e tambem se encontra em varias partes das costas occidentaes africanas. Acha-se em maior abundancia em algumas ilhas da America do norte e particularmente nas costas do Perú, onde fórma ás vezes depositos de 15 a 20 metros de espessura. Origina-se da accumulação secular de excrementos e de cadavéres da grandissima multidão de aves maritimas que vivem e morrem naquellas paragens solitarias.

Geralmente se attribue ao sabio Mr. de Humboldt o descobrimento do guano e das suas notaveis propriedades como adubo das terras. Mas é um erro, o que se prova de um modo evidente pelas seguintes citações.

« Os peruvianos (diz Costa no liv. 5.° cap. 37) melhoravam o seu terreno espalhando por elle o esterco das aves do mar, de que estão cobertas todas as ilhas semeadas ao longo de suas costas. »

Ulloa, na *Viagem* tom. 1.° pag. 181 escreve: — « Continuam tambem a empregar por estrume o *guano* ou excrementos das aves marítimas. » O mesmo escriptor menciona a quantidade quasi incrivel que se acha nos ilheos que guarnecem a costa do Perú. — De outros auctores hespanhoes igualmente antigos se poderiam extrahir iguaes citações, que o grave historiador inglez, Robertson, inseriu na sua *Historia da America*.

Viagem aos mares arcticos. — Um dos navios anglo-americanos, o *Advance*, expedidos no anno passado em demanda de Sir John Franklin recolheu em 3 de outubro passado a Nova-York. Não trouxe noticias do capitão inglez, porém não desvaneceu totalmente as esperanças; por outro lado a relação de sua viagem é interessante.

A expedição americana, composta do *Advance* e do *Rescue*, entrou no estreito de Wellington a 26 de agosto de 1850, onde encontrou os dois navios inglezes *Lady Franklin* e *Sophia* sob as ordens do capitão Perry, e um tanto mais tarde os que eram commandados por Sir John Ross e o commodoro Austin empregados todos na mesma exploração.

No dia 27 o capitão Perry tinha descoberto signaes do logar onde Franklin fôra invernar a primeira vez; eram tres tumulos com inscripções em simples pranchas de madeira com a data de abril de 1846; encerravam dois marinheiros do *Erebus* e um do *Terror*: acharam-se, alem disso, pedaços de velas, e de enxarcia, vestuario, etc.; em summa todas as provas de que se fizera alli abarracamento por muito tempo, mas nenhum indicio de caminho por onde se podessem dirigir as pesquizas.

A 8 de setembro a expedição penetrou por entre os gelos até á garganta do porto de Barlow onde correu risco de ficar bloqueada; com tudo conseguiu sahir e a 11 do mesmo mez chegava á ilha de Griffith, ponto mais occidental que visitou. Dahi a dois dias fez-se á vela de volta aos Estados Unidos; porém, detiveram-na os gelos á entrada do golpho Wellington.

Começou então uma serie de aventuras e perigos taes como poucos navios tem corrido. Os gelos as em-

purravam primeiramente para 75°25/ de latitude septentrional, depois fizeram-nos voltar ao sudoeste para o estreito de Lancaster. O *Advance* achava-se de certo modo incrustado n'um leito de gelo que lhe levantára a pôpa quasi sete pés; e perto de cinco mezes permaneceu na mesma posição.

Não tardou que a noite polar involvesse as duas embarcações, ficando por espaço de 80 dias privadas da luz do sol. O thermometro de Fahrenheit marcava 40° abaixo de zero, e mais de uma vez desceu a 46°.

Em a noite de 5 de novembro a tripulação do *Rescue* largou esse vaso a fim de poupar combustivel e veio juntar-se á do *Advance* para arrostar em commum com os incessantes riscos a que se viam sujeitos.

Receavam a todos os momentos que a pressão dos gelos estourassem os navios, e haviam tomado todas as precauções para se salvarem por cima da neve. Pozeram-se os mantimentos nos trenós (carretas para andarem sobre os gelos); a gente dormia vestida e de fardel ás costas; por duas vezes, a 8 de dezembro e 23 de janeiro, julgaram a catastrophe tão proxima que estiveram quasi a pôr-se em marcha.

Durante o seu estacionamento em meio dos gelos, manifestou-se o escorbuto e logo com caracter grave; os mais activos cuidados, o uso constante de agua fresca, e uma bebida composta de infusão de maçãs e de çumo de limão obstaram em breve ao progresso do mal.

Aos 13 de janeiro pararam as montanhas fluctuantes do gelo, e a expedição achou-se encarcerada na bahia de Baffin, a perto de 90 milhas da terra. As equipagens construiram sobre a neve algumas cabanas e formaram uma especie de acampamento como sobre a terra firme. A espessura do gelo variava de quatro a doze palmos.

No dia 18 de fevereiro tornou a mostrar-se o sol e foi saudado com tres acclamações dos marinheiros; não tardou que a influencia do astro benefico produzisse seus effeitos salutares. Só a 13 de maio a tripulação do *Rescue* tomou posse do seu navio. A ruptura dos gelos foi subitanea e temerosa. Sentiu-se um estouro naquella vasta superficie; e dahi a vinte minutos tudo eram montões enormes de caramello em movimento; e as duas embarcações foram de novo empurradas para o sul. Escaparam felizmente aos perigos que sem cessar as ameaçavam, e a dez de junho navegavam já desembaraçadas em agua solta, pelos 65°30/ de latitude septentrional. Permaneceram encerrados pelos gelos nove mezes, e tinham descahido de sua verdadeira derrota muitos centos de milhas.

O primeiro cuidado do commandante foi conduzir a expedição á costa de Groenlandia afim de tomar alguns refrescos e provisões; feito o que tomou outra vez o rumo do norte. A 7 de julho fallou a alguns baleeiros, e no dia seguinte passou ao largo de uma esquadrilha delles que estavam presos pelo gelo. A 11 desse mez estava de novo na bahia de Baffin, e vogava por entre serras geladas. Ahi encontrou o *Prince-Albert* com o qual navegou de conserva até 3 de agosto. O navio inglez resolveu então tentar a passagem pelo sul; e o commandante americano persistiu no projecto de andar para o norte. Tambem ahi achou a expedição grandissimos obstaculos e riscos. Os gelos fluctuantes embatiam e esmigalhavam-se nos costados dos navios, e vinham cahir os fragmentos em cima do convez. Por extraordinaria felicidade não soffreram as embarcações avarias grossas, e a 19 de agosto estavam livres no mar alto.

Era tarde para se obstinarem a penetrar em mares fechados por muralhas de gelo; e o commandante resolveu-se a voltar aos Estados Unidos. Um temporal violento, que o colheu na altura do banco da Terra Nova, separou os dois navios. O *Avance*, (dianteiro ou progresso) fiel ao seu nome, chegou primeiro; e julgava-se que em breve appareceria o *Rescue*.

Esta expedição, dictada por um sentimento de verdadeira philantropia, foi dirigida com intelligencia e intrepidez superiores a todos os elogios; se não teve mais completo exito o esforço e diligencia dos que a emprehenderam, não deixa, por isso, de ser credora de subida estima sua generosidade, tendo-se arriscado tantas vezes por bem da salvação de um navegante estrangeiro e por amor da sciencia.

BIBLIOGRAPHIA.

ROMANCEIRO PORTUGUEZ. — Acabam de ser publicados os tomos II e III do *Romanceiro Portuguez* do Sr. Almeida Garrett. A execução typographica é das mais perfeitas e elegantes; a curiosidade da obra, e o seu valor litterario, é inutil recommendal-os, sahindo da penna do cantor de *Adozinda*.

Neste livro popular e agradavel, sem tedio nem affectação scientifica estudam-se guiando-se pela melhor escolha as origens da poesia primitiva em toda a graça e riqueza da sua inspiração. Em tão laboriosa collecção o que sobre tudo attrahe é a verdade moral do trabalho. Depois do primeiro volume, que é a introducção natural de toda a obra, estes dois, e o ultimo, tornam-se indispensaveis.

O primeiro volume é a traducção moderna do texto de muitos romances, cujo original locupletado de varios outros ineditos até hoje, o auctor agora apresenta como prova da exactidão das suas observações. Noticias abundantes e curiosas, servem de prologo ás differentes peças poeticas; e augmentam-lhe o agrado. O Sr. Almeida Garrett, enriquecendo assim a litteratura patria, deve ter a satisfação de que offerece ao publico um livro, cujo exito é seguro, e escusa dos pomposos cartazes que mal podem defender tantos escriptos marcados da merecida obscuridade, que os condemna.

Desde já nos obrigamos a formar um juizo mais extenso desta collecção, que pela sua importancia, convida a attenção da critica.

Publicou-se o artigo FEBRE AMARELLA, de Cyclopedia Britannica, traduzido do inglez, por *João Felix Pereira*.

Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, por 240 rs.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 15. QUINTA FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

MAPPAS GERAES DO COMMERCIO DE PORTUGAL COM SUAS POSSESSÕES E AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS DURANTE O ANNO DE 1848.

Na mingua de trabalhos estatisticos, alias tão necessarios para avaliar as forças, os recursos de uma nação, e em summa, todas as principaes condições de sua existencia, trabalhos de que na Europa é talvez Portugal a nação mais pobre, consola-nos vêr a preciosa e completa collecção destes « Mappas geraes do nosso commercio « laboriosa e intelligentemente confeccionados na primeira Repartição da Direcção Geral das Alfandegas e Contribuições indirectas do Tribunal do Thesouro Publico, estampados n'um grosso volume em folio maximo, e dados á luz no corrente anno.

O systema methodico por que estão organisados, a distribuição em cada um dos variados ramos que abrange, e a coordenação geral, merecem os maiores elogios pela perfeição de tão ardua e longa tarefa, e attestam o prestimo, capacidade e zelo do empregado, que principalmente a dirigiu e desenvolveu, e nos consta ser o 1.º official, chefe da secção respectiva no Thesouro, o sr. Nuno José Gonçalves.

Divide-se este bello e util trabalho em duas partes: á 1.ª contém os mappas geraes das embarcações nacionaes e estrangeiras que deram entrada e sahida nas diversas Alfandegas do continente do reino e ilhas da Madeira e Açores, de commercio de alto mar e de cabotagem; e vem a ser: — 1.º o Mappa geral que indica, por Alfandegas, a totalidade das embarcações nacionaes e estrangeiras, entradas e sahidas: — 2.º O Mappa demonstrativo do movimento, por bandeiras, das embarcações nacionaes e estrangeiras para commercio de alto mar: — 3.º O Mappa demonstrativo do movimento, por portos: — 4.º O Mappa demonstrativo do movimento das embarcações entradas e sahidas, por commercio de cabotagem.

Os resultados geraes, nesta parte, são os seguintes.

Entraram nesse anno:

Em todos os portos do continente do Reino e das ilhas, 5:054 embarcações nacionaes, tanto de alto mar como de cabotagem. montando o total das toneladas a 287:618, e a tripulação a 42:746 pessoas.

Embarcações inglezas 1:126 com 150:760 toneladas, e 11:398 pessoas.

Ditas hispanholas 1:107 com 13:993 toneladas e 6:904 pessoas.

De todas as outras nações, 845 com 140:475 toneladas, e 13:636 pessoas.

Sahiram no mesmo anno:

Embarcações nacionaes 6:014 com 282:944 toneladas.

Ditas inglezas 1:196 com 163:151 toneladas.

Ditas hispanholas 1:138 com 16:037 toneladas.

De todas as outras nações, 883 com 161:836 toneladas.

O movimento maritimo só do porto de Lisboa foi: embarcações ao todo 1:910, toneladas 181:602 a entrada; e 1:965 embarcações, 208:366 toneladas a sahida.

O movimento maritimo do Porto foi: embarcações ao todo 724, com 83:754 toneladas a entrada; e 766 embarcações com 91:151 toneladas a sahida.

A 2.ª Parte contém os Mappas geraes das mercadorias despachadas para consumo, exportação, e reexportação, nas diversas Alfandegas do continente do reino e ilhas; a saber. — Resumo dos mappas demonstrativos das mercadorias despachadas, indicando somente os valores e direitos dellas — pelas classes da Pauta — e por Nações.

Seguem-se, pelo que toca ao consumo, quatro mappas: — 1.º demonstra pelas classes da Pauta os valores e direitos das mercadorias para consumo, e se o commercio foi feito por terra, ou por mar, e neste caso, se em navios portuguezes ou estran-

geiros: — 2.° as nações donde vieram as mercadorias, e bem assim os valores, direitos e qualidades de commercio: — 3.°, em separado, por cada uma das nações, a que classe da Pauta pertencem os valores e direitos das mercadorias importadas de cada uma das ditas nações e despachadas para consumo: — 4.° na especialidade e pelas classes da Pauta, as qualidades, quantidades, valores, direitos, e demais circumstancias das ditas mercadorias.

Quanto á exportação, tambem quatro mappas pelo mesmo systema, apresentam todos os resultados desta parte do movimento commercial. Igual processo, *mutatis mutandis*, foi adoptado no que respeita á reexportação.

Seguem-se Mappas demonstrativos dos valores e direitos das mercadorias despachadas para consumo e exportação nos annos de 1843 e 1848.

Além de outros resultados não só importantes para o estudo do estadista, mas até curiosos para todos, nenhum portuguez deixará de observar com grande satisfação o incremento assas consideravel das nossas exportações, que sendo em o anno de 1843 de 8.830:655$639 rs., no de 1848 foram de 11.334:024$471 rs.

Esta breve resenha, que é o indice da obra, é o meio mais proprio para dar alguma ideia da sua importancia; pois que só compulsando-a com a devida attenção póde ser bem avaliada a sua incontestavel utilidade. Dahi tirarão proveitosas inducções e comparações, que os esclareçam, tanto os commerciantes como todos os interessados na producção dos valores que alimentam o commercio, quer interno quer externo, da nação portugueza.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 150).

820 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
821 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
822 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
823 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
824 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
825 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
826 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES
827 CHAILE DE XADREZ DE DUAS CORES.
828 CHAILE DE XADREZ DE DUAS CORES.
829 CHAILE DE XADREZ DE DUAS CORES.
830 CHAILE DE XADREZ DE DUAS CORES.
831 CHAILE DE XADREZ DE DUAS CORES.
832 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
833 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
834 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
835 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
836 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
837 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
838 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
839 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
840 TECIDO ESCOCEZ.
841 COBRIJÃO.
842 COBRIJÃO.
843 BARRETE DE LÃ.
844 BARRETE DE LÃ.
845 BARRETE DE LÃ.
846 BARRETE DE LÃ.
847 BARRETE DE LÃ.
848 BARRETE DE LÃ.
849 BARRETE DE LÃ.
850 BARRETE DE LÃ.

Estes 41 productos de n.° 810 a 850, são manufacturas de lã, expostas pelo fabricante, P. A. Lafaurie.

A fabrica é no concelho d'Alemquer, districto de Lisboa, provincia da Estremadura.

851 COBRIJÃO.
852 COBRIJÃO.
853 FAZENDAS PARA COLETES DE LÃ E ALGODÃO.
854 FAZENDAS PARA COLETES DE LÃ E ALGODÃO.
855 FAZENDAS PARA COLETES DE LÃ E ALGODÃO.
856 TECIDO DE LÃ, SEDA, E ALGODÃO, PARA COLETES.
857 TECIDO DE LÃ, SEDA, E ALGODÃO, PARA COLETES.
858 TECIDO DE LÃ, SEDA, E ALGODÃO, PARA COLETES.
859 TECIDO DE LÃ, SEDA, E ALGODÃO, PARA COLETES.
860 TECIDO DE LÃ NO GOSTO ESCOCEZ.
861 TECIDO DE LÃ NO GOSTO ESCOCEZ.
862 TECIDO DE LÃ NO GOSTO ESCOCEZ.
863 TECIDO DE LÃ NO GOSTO ESCOCEZ.
864 TECIDO NO MESMO GOSTO DE LÃ E ALGODÃO.
865 TECIDO NO MESMO GOSTO DE LÃ E ALGODÃO.
866 CHAILE DE TARTAN.
867 CHAILE DE TARTAN.
868 CHAILE DE TARTAN.
869 CHAILE DE TARTAN.
870 CHAILE DE TARTAN.
871 CHAILE DE TARTAN.
872 CHAILE DE MALHA DE LÃ.
873 CHAILE DE MALHA DE LÃ.
874 CHAILE DE MALHA DE LÃ.
875 CHAILE DE MALHA DE LÃ.
876 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
877 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
878 CHAILE DE LÃ ESDAMPADO.
879 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
880 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
881 CHAILE DE LÃ ESTAMPADO.
882 CINTAS LARGAS Á HESPANHOLA
883 CINTAS ESTREITAS Á HESPANHOLA.
884 CINTAS ORDINARIAS Á HESPANHOLA.
885 UMA CAPA DE MALHA PARA CREANÇA.
886 UMA CAPA DE MALHA PARA CREANÇA.
887 MANTAS DE MALHA.
888 MANTAS DE MALHA.
889 MANTAS DE MALHA.
890 CHAILE DE LÃ E SEDA.
891 CHAILE DE LÃ E SEDA.
892 TAPETE DE LÃ E SEDA PARA MEZA.
893 TAPETE DE LÃ E SEDA PARA MEZA.
894 TAPETE ENTREFINO.
895 TAPETE.

896 TAPETE.
897 TAPETE.
898 TAPETE.
899 NAPETE.
900 TAPETE.
901 TAPETE.
902 TAFETE.
903 EAPETE.
904 TAPETE.

Estes 54 productos de n.° 851 a 904, são manufacturas expostas pelos fabricantes, Daupiás & Comp.ª

A fabrica é no Calvario, bairro de Belem, em Lisboa.

Foi fundada em 1847, além do trabalho braçal tem por motor uma machina a vapor, da força de 24 cavallos.

Fabrica fio de lã para venda, e uso da fabrica.

905 LHAMA DE PRATA COM PADRÃO DE OIRO.
906 LHAMA DE OIRO COM ESTRELLAS DE PRATA.
907 LUSTRINA BRANCA.
908 LHAMA DE OIRO EM CARMEZIM.

Estes 5 productos de n.° 905 a 908, são expostos pelo fabricante José Ferreira de Lima.

A fabrica é no Porto, rua das Flores.

909 DAMASCO BRANCO E OIRO.
910 LUSTRINA CAZEMIRA E OIRO.
911 LUSTRINA ROXO E OIRO.
912 DAMASCO ROXO E OIRO.
913 LHAMA AZUL ESTRELLADA D'OIRO.
914 LHAMA COR DE GIESTA LISA.
915 GIESTA BRANCA.
916 LHAMA CARMEZIM.
917 LHAMA VERDE.

Estes 9 productos de n.° 909 a 917, são expostos pelo fabricante Guilherme Ricardo de Carvalho.

Fabrica em Lisboa.

918 VELUDO PRETO. — Expositor e fabricante, Manuel Custodio Moreira.

A fabrica é no Porto, rua da Boa Vista.

919 VELUDO PRETO LARGO. — Expositor e fabricante, Raymundo Joaquim de Carvalho.

A fabrica é no Porto.

920 CORTE PARA COLETE DE VELUDO. — Expositor e fabricante, Manuel Joaquim Jorge.

Fabrica de sedas ao Rato, em Lisboa.

921 CORTE DE VELUDO ESCOCEZ PARA COLETE.
922 CORTE DE VELUDO EM XADREZ PARA COLETE.
923 CORTE DE VELUDO EM XADREZ PARA COLETE.
924 CORTE DE VELUDO RISCADO PARA COLETE.
925 COLETE DE VELUDO PRETO.

Estes 5 productos de n.° 921 a 925, são expostos pelo fabricante, João Marcellino Pimentel.

A fabrica é no Porto.

926 SETIM PRETO. — Expositor e fabricante, Domingos Francisco Carneiro.

Porto.

927 SETIM PRETO. — Expositor e fabricante, João Marcellino Pimentel.

Porto.

Fabrica, vide n.° 921 a 925.

928 SETIM AZUL CLARO LAVRADO. — Expositor e fabricante, Manuel Joaquim Jorge.

Fabrica, vide n.° 920.

(Continúa.)

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Continuado de pag. 158)

Para se poderem semear com pinisco as arêas movediças pelo vento, devem-se applicar os necessarios meios para evitar que as arêas se possam ainda mover depois que se houver feito a sementeira do pinisco; pois sem esta essencial condição a sementeira não iria ávante: e ainda que o vento désse lugar de poder nascer o pinisco em tempo de muita chuva, que impedisse o movimento das arêas, com tudo os pinheirinhos recemnascidos, logo que a arêa seccasse alguma coisa, seríam submergidos, e até mesmo movidos com a arêa, e de pressa se anniquilariam. O principal meio de evitar que o vento possa fazer o seu estrago sobre aquelles terrenos arenosos, consiste em sebes de ramos, e cobertura de mato, caruma, etc. conforme indicarei.

Uma similhante sementeira deve em todo o caso começar do lado do norte, onde haja algum apoio, ou conste este de terreno fixo, rio, lagoa, ribeira, enseada do mar, ou de pinhal ou mata já existente; pois começar tal sementeira no meio de uma extensa superficie de arêa solta e movediça pelos ventos, não poderia produsir o desejado effeito; visto que nenhum trabalho sería capaz de impedir que a sementeira fosse submergida pelas arêas.

Todo o arbusto e planta que exista em similhante terreno, destinado para sementeira, deve-se conservar no mesmo; mas a principal segurança se obtem por meio de sebes, com as quaes se divide um tal terreno, destinado para a sementeira do pinisco, em pequenos repartimentos, nos quaes depois se semea o pinisco, e se cobre com ramos curtos e mato, fincando-se na arêa os seus pés ou talos: o que tudo melhor explicarei.

Ás sebes se fazem como o tapume de alguma fazenda, ou enleando ramos apertadamente entre estacas; ou fincando-se ramos altos em carreira unida no chão, e segurando-as de fórma que o vento as não possa desmanchar: as sebes devem ter seis palmos de altura pelo menos, e quando se applicar ramagem ou mato alto em pé, se lhes deixe a altura que tiver. Formar-se-hão estas sebes em linhas parallelas na direcção de sudoeste para nordeste, devendo ficar parallelas cem até duzentos palmos distantes umas das outras, conforme o terreno estiver mais ou menos exposto ao embate dos ventos do quadrante do norte. O terreno que fica entre estas sebes parallelas, se subdivide em quadrados por meio de sebes transversaes ou na direcção de noroeste para sueste, as quaes com tudo não precisarão ser tão altas e fortes, como as outras sebes das primeiras parallelas. Desta fórma obtem-se uns cercados de dez até vinte mil palmos quadrados de superficie, os quaes devem ter uma pequena abertura de um para outro, entre as sebes transversaes, para permittirem a passagem de uma pessoa de um para outro cercado. Ha em algumas obras regras prescriptas, para que as sebes formem angulos agudos para o lado dos ventos mais ordinarios e mais fortes; porém estas especulações, na pratica são indifferentes: pois consiste o principal, que as sebes formem capazmente o desejado abrigo por altura, e pouca distancia umas das outras.

Temos portanto quadrados formados por sebes, ou tapumes de ramagem enterrada com os pés na arêa; segue-se agora fazer a sementeira do pinisco nos mencionados cercados. Para isto se espalha o pinisco muito mais basto do que se costuma fazer em terreno de chão fixo; pois convém que os pinheirinhos fiquem muito bastos para por si abrigarem quanto antes o terreno que occupam, devendo por isso ser semeado tão basto como se semeia o trigo ou a cevada: enterra-se levemente o pinisco na arêa, o que se póde fazer mais expeditamente por meio de ansinhos; mas não convém mesmo nesta arêa solta que o pinisco se enterre mais fundo do que uma até duas polegadas. Enterrado que seja o pinisco dentro de um cercadinho, deve-se logo fazer a cobertura do terreno semeado espalhando-se caruma solta (folhas seccas ou agulhas de pinheiro), pelo terreno semeado, de fórma que translusa sempre alguma coisa a arêa entremeio. Feito isto se fincam pequenos ramos verdes de pinheiros, que tenham dois ou tres palmos, na arêa semeada com pinisco, de fórma que fiquem seguros, e tão bastos que toquem uns nos outros, devendo a volta natural destes ramos cahir para a parte opposta do vento noroeste, por tanto para o sueste. Caso que não se possam obter ramos de pinheiros da proximidade da nova sementeira, póde fazer-se a cobertura com ramos de mato, como urses, tojos, carqueija etc. inclinados estes ramos na direcção acima, de fórma que fiquem mui bastos, e se toquem uns aos outros; e não havendo caruma para a primeira coberta, póde-se remediar esta por meio de mato curto, espalhado devidamente sobre a sementeira: sendo com tudo a caruma e os ramos de pinheiro preferivel ao mato, mesmo por causa da duração; pois é conveniente que esta seja para os primeiros tres annos, visto que depois já os pinheiros mesmo abrigarão o terreno, de fórma que a arêa já não será movida pelo vento.

Tendo por tanto concluido esta sementeira, bastará que se tenha cuidado em reparar as sebes e a cobertura, caso que em alguma parte se desarranjem com o tempo. Deve-se acautellar que não ande gado de qualidade alguma sobre similhante sementeira; e isto qualquer intenderá por si sem ser preciso reecommendação.

Tem-se exposto os methodos de sementeira de pinisco adequados aos differentes terrenos, que de ordinario se destinam neste reino para sementeiras de pinheiros bravos: e nascendo bem uma similhante sementeira, se obterá com os annos bom pinhal, sem mais adjutorio da arte: e bastará para este fim o livrar os pinhaes novos de qualquer gado, de fogo como o inimigo mais destruidor, e do machado. Convém comtudo, que por um tratamento proprio ajudemos depois a natureza para obtermos o fim proposto, isto é, pinhal bem formado, com arvores sãs e direitas; aproveitando tambem quanto antes, o que do pinhal novo se possa aproveitar sem prejuiso dos pinheiros que devem ficar; assim como que providenciemos por meios adequados que estes pinhaes não estejam tão expostos a se perderem de todo por um incendio desastroso.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XII.

MUITA BULHA PARA NADA!

(Continuado de pag. 163.)

Domingos José Chaves (era o seu nome christão) nascera feio como Bertholdo, eloquente como Demosthenes, ladrão e velhaco como Gusmão de Alfaraxe de gloriosa memoria. Domingos José Chaves era da familia de Hoffman pela figura; da de Caillot pela extravagancia picaresca; da de João Paulo Richer pela verbosidade plebeia. Mandrião como a perguiça, petulante que nem mulato rico, e cynico como o cynismo, fazia negocio em tudo, e venderia a carne ao Judeo de Shakespeare, se lhe fosse rasoavelmente indemnisada. Por divertimento tinha aberto no pasmatorio das Chagas uma aula pratica de pescoções, e regia o curso, vendendo a face ás bofetadas dos discipulos, a tostão cada uma pagas á vista!

A expressão do semblante era travessa, jovial, e profundamente truanesca. Lia-se-lhe na vista a giria da abençoada raça dos Lasarilhos; achava-se-lhe no sorriso sagaz e pedante um ar de parentesco com o nosso amigo Sancho Pança. Grande vivacidade nas gaifonas (tinha uma collecção inexhaurivel); o talento da parodia, elevado ao sublime, copiando homens e animaes admiravelmente, desde o moxo até á ran; e o geito de passear, torcendo o corpo em piruêtas; davam-lhe uma phisionomia tão exquisita, tão original, e tão impagavel, que vivera sempre á custa alheia, pregando logros ao genero humano.

Já dissemos: a cara exprimia finura e astucia, mas não maldade. As maçans do rosto eram achatadas e largas; os queixos esbrugados em roda, e devassos excessivamente. O beiço superior vincado, de ambos os lados do nariz (que era dogue puro) até aos cantos da bocca, arregaçava-se em forma de cortina, diante dos cinco dentes, que serviam de sentinellas perdidas ás gengivas, orphans dos restantes. Este figurão trazia na bocca um cachimbo apagado; e sobre os calções muito risonhos nas costuras, cinco, oito,

infinitas vestias e perpões de todas as cores, esta verde garrafa, aquelle amarello çujo, uma azul, outra encarnada, emfim uma loja de adelo completa. A camisa tinha a alvura de uma belleza de Guiné. As meias, a direita de seda, no seu tempo côr de rosa, mostrava as passagens de linha enroscadas por ella acima como lacráus. A esquerda de lan parda, com pontas vermelhas, parecia arrancada á canella mythologica do Sr. Thomé das Chagas. A dextra empunhava um cacete curto e grosso, de que se ajudava para as suas corridinhas de gafanhoto. Similhante ao louva-Deus, o Sr. Domingos José Chaves conquistava o seu caminho ás cotovelladas na linha recta. A outra mão segurava o carapuço, agudo na ponta, e largo na bocca, parecido ao funil, quasi pyramidal, de que a imaginação vesga de um poetastro toucou a serombatica fronte do sabio Abacadabro.

Logo que se viu dentro da salla, Domingos fez o seu exame em um abrir e fechar de olhos; riu da talha partida e dos pagodes chinas; metteu a mão na caixa das ameixas doces e tomou-lhe o gosto; contrafez as passadas solemnes do veneravel Fr. João dos Remedios, que o seguia; e acabou por imitar os equilibrios da corda bamba, rodando sobre a perna verruma para o sitio, donde o Commendador estupefacto assistia ás suas evoluções com a mais furiosa indignação. As piruetas do nosso amigo eram regidas por umas variações de assobio, executadas com infinitas momices em toda a graça e requebro possivel, no meio das risadas estrepitosas de Filippe, que se revia no seu hospede; apesar da ira silenciosa de Fr. João que o excommungava mentalmente; e sempre em proporção dos movimentos de retirada de Lourenço Telles, que não sabia se acreditasse na visita do demonio, em presença deste aborto, parodia satanica da creatura humana.

Fr. João e Filippe tinham entrado logo atraz de Domingos; Magdalena e Lourenço Telles benziam-se. As duas meninas detraz do frade e de seu pai, estendiam o pescoço para vêr melhor, por cima do seu hombro as proezas do nosso amigo. Ninguem tinha dito nada ainda. Por fim o Commendador, olhando para Fr. João exclamou muito cholerico:

— « O que é isto, Fr. João? »

O padre mestre encolheu os hombros, franziu a sobrancelha, e puchou com ancia o barretinho para a nuca.

— « Filippe, o que é esta coisa que me trouxe para casa? »

— « A sua bençam tio! » — respondeu o capitão, que se divertia immenso com o susto do erudito. — « Então crê ou não crê no demonio? Eu não lho dizia?! »

Domingos caquerejou a sua risadinha de falsete, visitou de novo as ameixas doces, e ficou em descanço de movimentos geraes, mas sempre activo de tregeitos faciaes. O padre Remedios descarregava sobre elle, e sobre Filippe a a vista flamejante. O Commendador, sentado, com sua sobrinha ao lado, e suas netas atraz da cadeira, mais sereno abriu a conversação por uma gesto sublime; depois com gravidade severa, poz termo aos estalinhos de postilhão, que Filippe disparava com os dedos:

— « Meu sobrinho, v. mercê não descança sem dar comigo na sepultura. Anda cavando a minha morte! »

E o velho sabio enternecido com a hypothese teve a bondade de derramar duas ou très lagrimas sobre a sua falta. Limpando depois os olhos proseguiu cada vez mais irritado.

— « Quem é este palhaço? »

— « É o nosso guarda-portão! »

— « Falle serio; se não me respeita, respeite a casa de sua mulher e de suas filhas. Não tenho guarda-portão, nem costumo ajustar os criados no inferno. «

— « Qual inferno, tio! Este homem é o Domingos. Pois não o conhece? »

— « Não tenho essa honra » — replicou o erudito, inclinando-se ironico. Elle é que faz o favor de olhar como sua a minha casa, saqueando as melhores ameixas cubertas que este anno recebi. »

— « Aquillo é graça! »

— « Bastante pezada. Mas quem é então o senhor.... amavel? »

— « É o mestre do *Simão!* »

— « Que Simão? V. mercê falla por enigmas! »

— « Eu? estou a morrer de fome, tio! O Simão? pois não sabe? É o nosso macaco.... aquelle que.... »

Lourenço Telles levantou-se horrorisado; chamou Jasmin; e todo tremulo gritou-lhe:

— « Chame os criados e ponham fóra a pau esse macaco. »

— « Não é preciso.... »

— « Eu é que mando! Atreve-se a trazer um flagello assim para minha casa, depois do que lhe fez e eu lhe disse? »

— « Mas, não se arrenegue, tio. O mono

não veio. É verdade que lhe alluguei quarto e tomei mestre.... »

— « Mestres ? ! » — exclamou Lourenço Telles, cheirando vagarosamente a sua pitada, colhida na caixa de Fr. João. — « Mestres a um macaco ? »

— « Sim senhor, e tres nada menos. Um de esgrima; outro de exercicio militar; e este que é a pessoa que o ensina á dança. »

— « V. mercê endoudeceu ? »

— « É uma especulação ! O mono faz o exercicio militar de sargento até soldado, pela ordenança nova. O mono joga a espada preta e o pau, que é um gosto. O mono baila excellentemente. O meu Simão é um portento. »

— « Pois, sr. Filippe, fará favor de me poupar o desgosto de admirar os progressos do seu alumno. Não quero nem vêr a sombra do portento ! » — exclamou em segunda recrudescencia de cholera o commendador.

— « Tenho pena ! Havia de gostar. Em fim, são antipathias. Mas ao menos concorra com tres moedas para a sua educação !.. Está dito. É um anno de sacrificio. Depois vendemol-o por um dinheiro louco. »

Lourenço Telles suspendeu no caminho a pitada, e encarou o capitão:

— « Que eu pague os mestres ao macaco ? Está em seu juiso ? Ha só uma despeza que eu farei de boa mente. É enterral-o. «

— « Deixe-se disso, tio ! »

— « Sabe o que V. mercê faz com as suas loucuras ? Olhe a minha caixa ? »

— « Está um caco ! » — respondeu o capitão com soberano desdem.

— « É um caco ? ! Admiro a sua indifferença; não sabe quem ma deu e o que valia ? Nem lhe importa ! Vê aquella talha ? »

— « Parece uma baleia espipada ! » — replicou o sobrinho, rindo.

— « Acha-lhe graça ? Pois destruiu um jogo de talhas, que não ha outro hoje em Lisboa. »

— « Eu ? Mas já estava assim, quando entrei ? ! »

— « Não estaria, se V. mercê não quizesse entrar. »

— « Ah, é outro caso; deixe estar, tudo se remedeia, menos a morte. Tenho duas talhas do Japão muito melhores. E dou-lhas, mais uma caixa antiga, de guardar os grillos de Cleopatra, segundo me disseram uns judeus, que vale dez bonecas, como a que tinha na tampa da sua tabaqueira. »

— « Filippe, tome sentido. « *Si nil, Cinna petis, nil tibi, Cinna, nego !* » — exclamou o erudito mais consolado. — « Entende este verso de Marcial ? »

— « Não senhor, mas é o mesmo. E o tio intende ? »

— « Julgo que sim » — replicou o sabio com um sorriso vaidoso. — « Diz o poeta « que se nada lhe pedirem, nada negará. » Percebe ? Aquella caixa, meu sobrinho, era um monumento, uma raridade. Foi o capricho de um grande pintor. Em fim ! *parce sepultis !* Tornemos ao caso. Quem é esta cara de mau ladrão, que está devorando as minhas ameixas ? D'onde sahiu aquella figura ? »

— « Domingos José Chaves á falla ! » — gritou o capitão em voz de buzina. Faça já a continencia ao tio ! «

— « Aqui estou, illustrissimo sr. capitão Filippe da Gama ! *Voluit facere uvas, fecit autem labruscas.* »

— « O que diz elle ? » — perguntou o Commendador com o ouvido escandalisado dos solecismos macarronicos deste Bertholdo.

— « Digo, excellentissimo doutor commendador, que o sr. capitão, querendo fazer vinho fez vinagre ! »

Domingos, dizendo isto ria-se com a bocca, com a perna parafuso, e com todo o corpo, methamorphoseado n'uma pelotica.

— « Maroto ! » — gritou Filippe vermelho de raiva.

— « Não me faz favor nenhum, illustrissimo senhor » — respondeu o cinico, arremedando a luta continua entre o padre Remedios, o barretinho, e a nuca.

— « Mas, em fim, quem é V. mercê ? » — perguntou Lourenço Telles aturdido.

— « O excellentissimo sr. commendador, quer que falle em prosa, ou em verso ? »

— « Falle como souber. O essencial é responder-me. O que faz V. mercê ? »

— « Excellentissimo senhor, a prova de que não faço nada » — replicou o reu, fallando do papo; « é que vim aqui para fazer alguma coisa. »

— « Bem se vê; e não esteve ocioso ! — acudiu o velho erudito, olhando com saudade para a caixa das ameixas. E o que sabe fazer ? »

— « Sei comer e dormir, sei dançar, e vestir; nas feiras e festas canto; e na comedia, sou encanto ! »

— « Bravo ! Não é pouco ? Mas enganou-se n'uma coisa. »

— « Qual, excellentissimo senhor? »

— « Na porta. V. mercê ia, pelo que vejo, ao pateo das comedias, e aqui é a rua das Arcas. »

— « *Escuta et justas, quæ tibi faço queiximonias!* O sr. Commendador faz-me a esmolla de uma pitada, que tenha de mais? »

— « Domingos José Chaves » — disse o erudito que se divertia com o interrogatorio — « o que pede quando se ajusta n'uma casa? »

— « Uma bagatella, excellentissimo Commendador Lourenço Telles! Além do pão quotidiano, peço vinho á discrição, e a minha pitada vadia. *Nunquam me deixes sine cheirare pitadam!* »

— « Gosto do seu latim. Não pede mais nada? »

— « Sim senhor. Quero os sabbados livres. »

— « Os sabbados? »

— « Para apanhar rãs! » — disse o cynico triumphante. Apanho-as e depois fumo-as! » — Dito isto representou em saltos de louva-a-Deus a pantomima da sua caçada extravagante.

— « Fuma rãs? »

— « É verdade. Vendo-as aos boticarios para comprar tabaco. Não alugo, empresto o meu zelo ás casas aonde sirvo. Os sabbados são as minhas rendas. »

— « Tem estado em muitas casas? »

— « Servi já dezesete amos e meio, excellentissimo sr. doutor. Com a sua honrada casa faz dezenove. »

— « Como faz essa conta? »

— « O ultimo amo, que tive, foi o anão do Duque. Era meio amo. Em casa do sr. Commendador ha uma arara, um gato, e um papagaio, todos tres muito mal creados; pelo menos dão que fazer por meio amo. Por isso o anão e os animaes, um; o sr. doutor dois; dezesete e dois dezenove. Isto é conta de gis, que não falha um tris. »

— « Soffrivel! E tirou alguma coisa das casas, aonde serviu? »

— « Muito, excellentissimo sr.; porém mudei-me. »

— « Porquê? »

— « Como faziam de mim armazem, puz escriptos. Até o anão trepou por mim acima, e teve a confiança de me dar um bofetão! »

— « Sim? »

— « Não tive remedio, paguei-lhe. Á noite, bebeu opio no vinho e depois, callado como uma pedra, e embrulhado em uns cueiros, foi dentro de uma condeça para a roda. Lá ficou. »

— « Metteu o anão na roda? » — exclamou o Commendador, desfechando uma risada cordeal, que todos acompanharam. — « E o que succedeu? »

— « Houve mosquitos por cordas, excellentissimo sr.! Quando em vez de uma creança viram um anão, que fallava pelos cotovellos, gritaram « Aqui del Rei » houve chufas e beliscões; elle engalfinhou-se na regente; e por fim deitaram-no á rua em cueiros, e entrou descalço em casa. Assim apanhou o reumathismo, que o tolheu da perna.

— « Muito nos conta Domingos! Filippe este homem é seu creado? »

— « Se o tio manda eu digo que sim. »

— « Pois que fique. Domingos, eu dou cama e mesa aos creados, mas não dou acepipes, nem doce. As ameixas e as cidras são sagradas; tome sentido! »

— « Sim, excellentissimo sr. Tractal-as-hei como sagradas. Só em jejum é que farei o sacrificio de commungar com ellas. »

— « A ceia está na mesa! disse Jasmin entre portas.

O velho erudito levantou-se, deu o braço a sua sobrinha, fazendo signal ás meninas que fossem adiante. Caminhando, dizia a Fr. João:

— « Decididamente é dia de S. Bartholomeu: O demonio anda solto. Que é do abbade? »

— « Já nos espera na casa de jantar. »

— « Bem. Veremos se ainda não se acabou a noite! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

MEMORIA SOBRE A LAPIDE JUNTO Á FONTE DE S. SEBASTIÃO EM VILLA FRANCA DE XIRA.

Græci sua tantum mirantur: Roman vetera extollunt.

TACIT. ANN. — L. 2.

Todas as nações louvam, e engrandecem tudo quanto as enobrecia; só nossos antepassados tanto se descuidaram de memorisar as grandezas e excellencias, que muito os afamava, á posteridade, e solo em que viviam. O esquecimento reprehensivel ainda continúa; até deixando-se extinguir monumentos de gloria nacional.

No fim desta Villa Franca de Xira sobre a estrada real que se dirige á Villa de Povos se edificou a ermida votiva a S. Sebastião, e contigua a ella existe

pequena fonte, e de mesquinho nascimento; seu risco simples, antigo, respira gosto mourisco nas ameias formadas sobre a parede, da mesma fonte. Naquella, ao lado direito desta, se observa uma lapide, que para os amadores da nossa archeologia não deixa de ser interessante, e digna de se memorisar, supposto que não apreciada, bem como outras muitas antiguidades do nosso paiz abandonadas, e votadas ao esquecimento, e á consumidora acção do tempo; não havendo quem pela penna as faça viver e eternisar.

A lapide observada excita tres recordações; a primeira relativa á arte dos brazões, no que respeita ás armas reaes; a segunda conserva a memoria de quaes fossem as armas desta Villa, que a distinguiam das outras deste reino, pois todas as gozam precipuas e especiaes, e com ellas se estremam e differençam as villas e cidades umas das outras; [1] e na sua conservação zelosas, visto que sempre nas mesmas se gravam geroglificos de factos honrosos para as povoações a que pertencem: eguaes effeitos experimentam as familias nobres com os seus brazões: e com fins tão uteis se inventaram.

A terceira lembra a dadiva de um pontifice afervorando a devoção de S. Sebastião no peito de um nosso rei, que é por ora na serie delles o unico daquelle nome.

Em quanto á primeira sabe-se que no escudo das armas reaes dos reis de Portugal na parte superior delle assentava uma coroa floreteada, e do meio da mesma sahia a cabeça e alguma porção do corpo de uma serpente com as azas abertas fora da circumferencia della: tanto na pintura dellas, como na sua gravura o feitio é o mesmo até o reinado de el-rei D. Sebastião, que tirou a serpe e fechou a coroa com os arcos. Esta mudança importante constitue épocha notavel em tal objecto como dissemos; e a lapide assim o confirma.

Observem-se os castellos do escudo no feitio peculiar, o qual é egual ao dos castellos das armas reaes dos marcos, que estremavam o Reguengo de Alemquer dos termos das villas circumvisinhas, as quaes ainda existem e mostram o mesmo desenho, e esculptura mui antiga.

Porque desde D. Affonso III o primeiro que orlou o escudo com dez castellos até D. João V, ultimo que usou dos dez castellos, em todos encontrei o mesmo buril, não encontrando a minima differença no longo espaço de oito successivos reinados, nos sobredictos castellos; goza a lapide mais desta singularidade, assimilhando-se aos typos antigos, que excitam recordações de gloria para os portuguezes, zelosos de nossos brazões que as perpetuam.

Os marcos que apontei, e que existem bem conservados, merecem attenção aos archeologistas nacionaes em quanto fixam ao certo a épocha, na qual o escudo das armas reaes recebeu reforma, diminuindo-se-lhe na sua orla tres castellos, reduzindo o seu numero a sete; diminuição feita por el-rei D. João II: logo a demarcação do Reguengo de Alemquer é daquelle reinado, e conta de idade pouco mais ou menos trezentos e sessenta e dois annos, e os que vão decorrendo que maior ancianidade lhe conferem.

A historia nos ensina que D. João II ordenando casa a seu primo D. Manuel, duque de Beja e Vizeu, lhe dera por empreza a esphera armillar da qual D. Manuel nunca se esquecera ainda subindo ao throno, e muito a prezou; estima esta que multiplicou o uso da esphera neste reino, com especialidade nas obras publicas daquelle reinado, nas quaes ella se gravava.

No cimo do pelourinho desta Villa uma esphera armillar de ferro é o seu remate, o que ainda hoje vemos; sobre a porta principal da egreja, freguezia da Villa de Povos, aos lados do escudo das armas reaes duas avultadas espheras armillares de pedra se observam: o lavor da pedraria da porta é do gosto de mil quinhentos. Tom da moda, e lisonja muitas coisas entre os homens vulgarisam.

Se o terremoto de 1755 não estragasse o cartorio desta camara, de certo se elucidaria a lapide de um modo tal, que o escripto se não suspeitasse supposições em logar de demonstrações evidentes de factos; todavia este reparo não me intimida para que deixe de expôr da lapide o que entender.

Reputo-a o brazão das armas desta villa, composto da esfera armillar, escudo das armas reaes, torre, e seta, faltando nelle a collocação dos mesmos objectos segundo as regras da armaria; o que se obteria se competentemente [2] se requeresse; falta esta proveniente do descuido de nossos avós que não quizeram uma chancella privativa aberta em bronze para sellar os papeis publicos do julgado, e se contentaram com o valha sem sello *ex causa*; descuido que ainda permanece com tantos meios de se emendar, facto este que absolve de censura a nossos antepassados.

A lapide é obra do tempo de D. Sebastião: pois que na esfera se recorda o seculo de oiro de seu bisavô tanto em armas como em litteratura; na seta o remedio que aplacára a peste que devastava Portugal, rogando-se a intervenção do martyr S. Sebastião para com Deos offendido se apiedar do povo deste reino. Em gratidão, por ordem regia, se edificaram Igrejas ao dito Santo nos fins das villas, e em dias determinados, áquellas se dirigem procissões ou para perpetuarem a memoria dos beneficios recebidos, ou para de novo implorar sua valiosa proteção, se as epedemias se repetirem.

Na estrada publica desta villa para o logar da dos Bispos ha um local, o qual de immemoravel tempo sempre se appellida (ainda hoje) a Torre, e como a estrada o divide, e córta pelo meio se diz, Torre de cima a que fica ao oeste, e Torre de baixo a leste, sem serem dois terrenos differentes, sim o mesmo e unico denominado a Torre; que é hoje plantado de vinhas de ambos os lados.

Quando se abriram as mantas [3] para a plantação do bacello, vestigios de edificios urbanos se encontra-

[1] A cidade de Lisboa com um navio o seu brazão, por exemplo: Celorico da Beira uma aguia com uma truta nas unhas voando sobre um castello, e uma lua com 5 estrellas; e as outras villas e cidades tem outros brazões.

[2] El-rei D. Manuel peritissimo na sciencia da armaria reformou os brasões das familias nobres de seus reinos. Gregorio XIII por um breve de 8 de Novembro de 1573 lhe enviou uma das setas com que S. Sebastião foi morto. Vid. Hist. Genealog. da Casa Real.

[3] Os regos profundos para enterrar os bacellos, os operarios lhe dão o nome de mantas.

ram, os quaes não estimularam a ninguem para profundar as mantas, que talvez abrissem caminho para observações archeologicas de interesse para os sabios; porém, não são do gosto geral pela falta de instrução deste ramo scientifico a que se applicam só excepções especiaes e particulares; o que corroborará o seguinte acontecimento.

Em 1807 a camara desta villa mandou concertar a dita estrada visto a sua ruina com o transito; alargando-se a mesma estrada perto da Torre de cima, e cortando-se para esse fim um comoro, que a obstruia. Ao derriba-lo appareceu um vaso de barro tapado com um tijolo; o que visto por aquelle operario, e por outros ao seu lado, todos cubiçosos de um só o possuir, e cahindo todos sobre elle, o quebraram, o que foi uma perda para a sciencia; no chão se entornaram grande porção de moedas romanas de differentes épocas, a maioria dellas do baixo imperio. No mesmo vaso se guardava um anel de oiro que engastava um camafeu, aonde se gravara um corço fugindo a um cão que o acoçava, a sua feição era quadrilonga na dimensão de uma polegada com oito linhas de largura, e nos quatro angulos do quadrilongo o oiro do engaste sobresahia com quatro minimos globos. Segundo os costumes romanos o anel pertencia ao cavalleiro romano, e dellas se servia para sellar fechando e suas cartas assim como nós usamos servindo-nos de sinetes proprios.

Por esta occasião do apparecimento do vaso e tijollo que o tapava, um magistrado [4] que servira de juiz de fóra em Chaves, vendo o tijolo disse, que igualava e em tudo se assimilhava com os tijollos que ainda apparecem nas ruinas dos edificios romanos, naquella villa existentes. De tudo isto com bastante fundamento se acreditará de que alli povoação romana [5] existira com Torre que a cobrisse de invasão de inimigos, segundo a tactica defensiva daquelles tempos; e supposto não appareça Torre, nem vestigios della, com tudo o seu nome se perpetua até ao presente no dito local e em outros monumentos, um na lapide, e o outro no marco divisorio entre o termo de Villa Franca de Xira, e o termo da Villa de Povos.

Remettendo-se a seta de Roma em 8 de Novembro de 1573 não chegaria a Portugal se não nos principios de 1574; até a morte de el-rei D. Sebastião decorrem com pouca diferença quatro annos não completos; neste intervallo, pois se assentou na dita parede a lapide, e nesta se não gravaria a seta se não estivesse já recebida; sobre o tempo, não resta duvida alguma: e delle tiramos uma inferencia que nos convém.

Nesta época já lembraria a antiga recordação da torre, a qual pela sua anterioridade, já mencionada, á posterior existencia [6] da villa, merecia que se gravasse na lapide a par dos emblemas de factos de recente data, como a esphera armilar, a corôa fechada, e a seta: não se olvidando por este, aquelle que reputavam de maior gloria para a povoação, sendo elle o brazão, que a um tempo a distinguia das outras povoações; provando que antes desta villa, não longe do seu actual solo, os romanos edificaram cidade segundo os vestigios colhidos, e tradicção conservada até ao presente.

Villa Franca de Xira, confinando com a Villa de Povos, para se estremar desta, levantou um marco sobre a estrada real desta Villa para a de Povos no anno de 1597, [7] dezenove annos talvez depois da lapide assente na parede onde ainda se vê. No marco, pedra pouco polida, se gravou a torre, como a sua planta a offerece, e condiz com a esculpida na lapide.

Sendo aquelle marco o divisorio dos dois termos esta Villa, ou a camara do municipio, designou-o com o signal mais honorifico e authentico, qual o brazão com que sellaria todos os actos os mais solemnes de sua administração economica e municipal; e bem assim a auctoridade judicial outro tanto observaria em suas sentenças, a haver chancella estabelecida e gravada; eis a prerogativa do brazão, o testemunho de credebilidade e certeza aos actos a que se junta ou pende.

Parece-me que sem erro posso affirmar ser a torre o emblema originario do brazão d'armas desta villa, onde talvez, ao fundar a mesma nas margens do Tejo, existissem vestigios não equivocos da torre, apezar o terreno o occuparem depois dos romanos os godos, e arabes, que o levaram uns aos outros pela conquista que quasi sempre destroe e devasta.

O pensamento de quem mandou lavrar a lapide foi engenhoso e fecundo; pois em tão abreviado espaço com um só geroglifico, a esphera armillar, historia o reinado opulento e felicissimo de D. Manuel: — na corôa fechada, e seta, os notaveis factos do tempo do rei, que se diz morrera na abrazadora Africa; — e na torre não esqueceu da remota antiguidade tradicional, que enobrecia a Villa, e a distinguia das outras povoações deste reino.

Concluindo a lapide considere-se energica (ainda que muda) historia de tudo quanto transcripto fica; e se alguem o contrario entender o escreva, e por tal guiza instrua os seus similhantes a quem o saber agradar.

Fallando-se em medalhas romanas, e anel, a curiosidade deseja saber mais algumas particularidades a respeito deste objecto; direi o que souber.

Em 1807 o reverendo Luiz Duarte Villela, egresso dos Carmelitas Calçados, como vigario regio da freguezia de Nossa Senhora da Purificação, do logar da Caxoeira, mui litterato, e grande amador de nossas antiguidades, frequentava esta villa, e foi o primeiro que observou as medalhas escolhendo as mais antigas, e comprou por 1200 réis o anel ao trabalhador que o possuia, adquirindo-o na lucta que teve com os outros trabalhadores seus companheiros.

O reverendo Villela examinando as medalhas, classificou-as, e escreveu erudita e scientifica memoria que enviou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, esta a recebeu e premiou com uma medalha de bronze, segundo o apreço que della fez.

O mesmo reverendo Villela, offereceu o anel a um amador da nossa patria, e de suas antiguidades, o Exm.º

[4] O desembargador da relação de Lisboa Antonio José Pires de Carvalho.

[5] Os cavalleiros romanos, ou os nobres usavam de anel como distinctivo da sua posição social, uso este que a batalha de Canas bem confirma.

[6] No reinado de D. Sancho I se fundou esta villa.

[7] No penultimo anno da vida do usurpador Filippe II, o I de Portugal.

Fr. Manuel do Cenaculo, arcebispo d'Evora, eximio prelado, eruditissimo sabio.

Bem poucos julgadores sabem, e menos cumprem a lei de 20 de Agosto de 1721, que tanto recommenda a guarda, e conservação de cipos, inscripções, medalhas antigas dos povos que habitaram este reino, e faz egual recommendação ás camaras que imitam o mesmo descuido, e negligencia na adquisição e conservação dos objectos indicados, e deixam de os remetter á Academia como lhes cumpre.

JOÃO JOSÉ MIGUEL FERREIRA DA SILVA AMARAL.

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

Meu querido amigo. — Chego de Napoles, e tragovos um fructo da minha viagem, ao qual tendes direitos: algumas folhas do loureiro do tumulo de Virgilio:

Tenet nunc Parthenope

Ha muito, que deveria ter-vos fallado desta terra classica, feita para interessar um genio, como o vosso, mas diversos motivos me estorvaram: entretanto não quero sahir de Roma, sem vos dizer ao menos algumas palavras desta cidade famosa... Nós tinhamos ajustado, que eu vos escreveria ao acaso e sem seguimento tudo o que pensasse da Italia, assim como antigamente vos communicava a impressão, que faziam sobre meu coração as solidões do novo mundo. Por conseguinte sem mais preambulo vou cuidar em dar-vos uma idéa geral dos arrabaldes de Roma, isto é, dos seus campos, e das suas ruinas.

Tendes lido, meu querido amigo, tudo o que se tem escripto sobre este objecto; mas eu não sei, se os viajantes vos tem dado uma idéa exacta do quadro, que apresenta o campo de Roma. Representai-vos alguma coisa da desolação de Tyro e Babylonia, de que falla a Escriptura: um silencio, e uma solidão tão vasta, como o ruido, e o tumulto dos homens, que outr'ora se apertavam sobre este chão: parece, ouvirse retumbar aqui esta maldição do propheta:

« Venient tibi hæc subito in die una, sterilitas et vi« duitas. [1] »

Descobririeis aqui e alli algumas extremidades de vias romanas em lugares, onde já ninguem passa, alguns vestigios seccos das torrentes do inverno, que vistos de longe tambem parecem grandes estradas calçadas, e frequentadas, e que não são senão o leito deserto de uma agua tempestuosa, que passou, como o povo romano. Apenas descobris algumas arvores, mas vedes por todas as partes ruinas de aqueductos e de tumulos, que parecem ser os bosques e as plantas indigenas d'uma terra composta da poeira dos mortos, e das reliquias dos imperios. Muitas vezes me tem parecido vêr em uma grande planicie searas frondosas; approximo-me: eram hervas seccas, que me enganavam os olhos; debaixo destas searas estereis distinguem-se algumas vezes vestigios d'uma antiga cultura.

Nenhumas aves, nenhuns lavradores, nenhuns movimentos campestres, nenhum mugido de rebanhos, nenhumas aldêas. Um pequeno numero de casaes arruinados se mostram sobre a nudez dos campos; as suas janellas e portas estão fechadas; dellas não sae nem fumo, nem estrondo, nem moradores; uma especie de selvagem quasi nu, pallido e consumido pela febre, é a unica guarda destas tristes choupanas, como esses espectros, que nas nossas historias gothicas defendem a entrada dos castellos abandonados. Em fim dir-se-ia, que nenhuma nação tem ousado succeder aos senhores do mundo na sua terra natal, e que vêdes estes campos taes, como os deixou a relha de Cincinnato, ou a ultima charrua romana.

É no meio deste terreno inculto, o qual é dominado, e ainda mais entristecido por um monumento chamado vulgarmente o tumulo de Nero [2], que se eleva a grande sombra da cidade eterna: descaída do seu poder terrestre parece ter querido isolar-se no seu orgulho: separou-se das outras cidades da terra; e, qual uma rainha caída do throno, escondeu nobremente suas infelicidades na solidão [3].

Ser-me-ia impossivel pintar-vos o que se experimenta, quando Roma apparece de repente no meio dos seus reinos vasios, *inania regna*, e como que se levanta para vós do tumulo, em que estava deitada. Procurai figurar-vos aquella perturbação e espanto, que experimentavam os prophetas, quando Deus lhes enviava a visão d'alguma cidade, a que havia ligado os destinos do seu povo, *quasi aspectus splendoris* [4].

Um tropel de recordações, e a abundancia dos sentimentos gravam o espirito; perturba-se a alma, com a vista desta Roma, que duas vezes tem recolhido a successão do mundo, como herdeira de Saturno e de Jacob.

Julgais talvez, meu caro amigo, por esta descripção, que nada ha mais horroroso, que os campos de Roma? Seria grande engano Elles tem uma incomprehensivel grandeza: olhando por elles sentimonos arrebatados a exclamar com Virgilio.

« Salve, magna parens frugum, Saturnia tellus,
« Magna virum [5]!

Se os virdes como economistas, sem duvida vos affligirão; mas se os contemplardes como artista, como poeta, e mesmo como filosofo, talvez não queirais que fossem de outra fórma. A vista de um campo de trigo, ou de um outeiro de vinha não faria em vossa alma tão fortes commoções, como o aspecto desta terra, cujo solo não tem sido remoçado pela cultura moderna, e que, pór assim dizer, ficou antigo, como as ruinas, que o cobrem.

Nada ha tão bello, como as linhas do horisonte romano, como o doce declive dos plainos, e os contornos suaves e fulgentes das montanhas, que o terminam. Muitas vezes os valles ahi tomam a fórma de um arena,

[1] Duas coisas chegarão a ti no mesmo dia, esterilidade e viuvez. *Isaias.*

[2] O verdadeiro tumulo de Nero estava *á Porta do Povo* no mesmo logar, onde se edificou depois a *egreja de Santa Maria*.

[3] V. *L'Italie*, de M. de Lamartine: *» Enveloppe-toi... »*

[4] « Era como uma visão d'esplendor. » HERCH.

[5] « Salve, terra fecunda, terra de Saturno, mãe dos grandes homens! »

de um circo, de um hipodromo [6]. As collinas são cortadas em terrados, como se a mão poderosa dos romanos tivesse revolvido toda esta terra. Um vapor particular espalhado ao longe arredonda os objectos, e faz desapparecer o que elles poderiam ter de demasiado aspero, ou esbarrondado nas suas fórmas. Jámais as sombras ahi são carregadas e negras; não ha ahi massas tão escuras nos rochedos e nas folhagens, onde não se insinue alguma luz. Um colorido, singularmente harmonioso, casa a terra, o ceu, e as aguas; todas as superficies por meio de uma gradação insensivel de côres se unem pelas suas extremidades, sem que se pôssa determinar o ponto, em que uma termina, e a outra principia.

Tendes certamente admirado nos paizes de Claudio Lorreno esta luz, que parece ideal e mais bella, que e natureza? Pois bem... é a luz de Roma.

Eu não me cançava de ver na *Villa Borghese* [7] esconder-se o sol sobre os cyprestes do monte *Mario*, ou sobre os pinheiros da *Villa Phamfili*, plantados por *Le Notre*. Muitas vezes subi pelo Tibre a *Ponte Mole* para gosar desta grande scena do fim do dia. As cumiadas das montanhas da *Sabinia* parecem então de lapisluzuli, e de oiro pallido, entretanto que a sua base, e as suas vertentes estão occultas em um vapor de côr violeta, ou purpurina. Algumas vezes bellas nuvens, como ligeiros carros levados sobre o vento da tarde com uma graça inimitavel, fazem comprehender a apparição dos habitantes do Olympo debaixo deste ceu mythologico. Algumas vezes a antiga Roma *parece ter estendido no occidente toda a purpura dos seus consules e dos seus Cesares* debaixo dos ultimos passos do deus do dia. Este rico ornamento não desapparece tão depressa, como nos nossos climas; quando julgaes, que vão a apagar-se as côres, reanimão-se de repente sobre algum outro ponto do horisonte; um crepusculo parece succeder a outro crepusculo, e a magia do ocasso se prolonga.

É verdade, que a esta hora do reposso dos campos o ar já não resoa com as cantilenas pastoris; já alli não ha pastores: *dulcia linquimus arva*: mas vem-se ainda as grandes victimas de Clytumno, bois brancos, ou manadas de eguas meio-selvagens descer, á borda do Tibre e saciar-se em suas aguas. Julgar-vos-heis transportado ao tempo dos velhos Sabinos, ou ao seculo do *Arcadio Evandro*, quando o Tibre ainda se chamava *Albula*, e que o pio Eneas subio por suas aguas desconhecidas.

Todavia convirei, que as vistas de Napoles são talvez mais deslumbrantes, que as de Roma. Quando o sol inflammado, ou quando a lua larga e avermelhada se levanta por cima do Vesuvio, como um globo arremessado pelo volcão, a bahia de Napoles, com suas margens orladas de larangeiras, as montanhas da Puilha, a ilha de Caprea, a costa de Pausilipo, Baias, Misena, Cumas, o Averno, os campos Elysios, e toda esta terra Virgiliana, apresentam um espectaculo magico; mas não tem o *grandiose* do campo de Roma: ao menos é certo ser maravilha, como este solo famoso prende o affecto. Ha dois mil annos, que Cicero se julgava desterrado debaixo do ceu da Asia, e que escrevia a seus amigos: *Urbem, mi Rufe, cole, et in ista luce vive.* [8] Este attractivo da bella Ausonia é ainda o mesmo. Citam-se muitos exemplos de viajantes, que vindo a Roma no designio de ahi passar sómente alguns dias, ficaram toda a sua vida. Foi necessario, que Le Poussin viesse morrer sobre esta terra das bellas paizagens; e no mesmo momento, em que vos escrevo, tenho a felicidade de ahi conhecer M. de Agincourt, que ha vinte e cinco anno ahi vive só, e promette á França, que terá tambem o seu Winckelmann.

Quem quer que unicamente se occupar no estudo da antiguidade, e das bellas-artes, ou quem quer, que já não tiver ligações na vida, deve vir habitar em Roma. Aqui achará por sociedade uma terra, que nutrirá as suas reflexões, e que occupará o seu coração; passeios, que lhe dirão sempre alguma coisa. A pedra, que pisar aos pés, lhe fallará, e o pó, que o vento levantar debaixo de seus passos; encerrará alguma grandesa humana. Se fôr infeliz, se tiver misturado as cinzas daquelles que amou, com tantas cinzas illustres, que enlevo não gosará passando do sepulchro dos Scipiões ao tumulo de um amigo virtuoso, do magnifico mausoleo de Cecilia Metella á modesta sepultura de uma mulher infeliz!

Poderá crer, que estes manes queridos se deleitam em errar de volta destes monumentos com a sombra de um Cicero, chorando a sua cara Tullia, ou de uma Agrippina, ainda occupada com a urna de Germanico. Se fôr christão, ah! como poderia então arrancar-se desta terra, que se tornou sua patria, desta terra, que vio nascer um segundo imperio mais santo no seu berço, maior no seu poder, que aquelle, que o precedeu; desta terra em fim, onde os amigos, que temos perdido, dormindo com os santos nas catacumbas, debaixo da vista do pai dos fieis, parecem dever ser os primeiros a acordar do seu pó, e estarem mais visinhos dos Ceos?

Ainda que Roma, vista interiormente, se assemelha hoje á maior parte das cidades europeas, todavia conserva ainda um caracter particular: nenhuma outra cidade apresenta uma egual mistura de arquitectura e ruinas, desde o sublime Pantheão d'Agrippa até ás muralhas gothicas de Belisario, desde os monumentos trasidos d'Alexandria até o zimborio elevado por Miguel-Anjo. A belleza des suas mulheres é uma outra feição distinctiva; recordam pelo seu ar, e pelo seu piso as Clelias, e Cornelias; crer-se-hia vêr estatuas antigas de Juno, e de Pallas descidas do seu pedestal, e passeando de redor de seus templos. Por outra parte acha-se entre os romanos aquella cor de carne, que os pintores chamam *cor historica*, que empregam nos seus quadros. Parece natural, que homens, cujos avós fizeram tão grande papel sobre a terra, servissem de modelo e exemplar aos Raphaeis, e Dominiquinos, para representar as personagens da historia.

Trad. do Dr. A. FORJAZ SAMPAIO.

(Continúa.)

[6] Picadeiro de exercitar cavallos a correr.
MORAES. *(do trad.)*

[7] *Villa*, casa de campo na Italia. Os viajantes de Italia lhe conservam o nome nas suas relações.
Do traduct.

[8] «Em Roma é que se deve morar, meu caro Rufo; nesta luz é que se deve viver.»

NOTICIAS E COMMERCIO.

O seguinte artigo devia de ter sahido na nossa folha passada, mas não foi então publicado por falta de espaço.

Theatro de S. Carlos. — Á opera *Nina* seguíu-se o *Barbeiro de Sevilha:* foi á scena na sexta feira passada, e repetiu-se no domingo, sendo desempenhado pela Sr.ª Arrigotti, e pelos Srs. Musich, Mancusi, Bonafós e Geré.

Seria ocioso fallar da musica desta opera, porque é geralmente conhecida, e bem poucos serão os amadores do theatro lyrico, que não tenham já admirado por mais de uma vez esta obra prima do celebre Rossini. Fallaremos pois da sua execução.

A Sr.ª Arrigotti *(Rosina)* confirmou o juiso favoravel, que formamos do seu talento, quando a vimos debutar na *Lucia.* É inquestionavelmente uma *prima donna* de muito merecimento. A sua voz energica e vibrante nem por isso deixa de se prestar com facilidade ao canto delicado e *fiorito.* É para admirar a extraordinaria agilidade e intonação, com que canta a sua *aria* no 1.º acto, e as variações de Road no 2.º, que são duas peças de musica de assaz difficil execução. O publico tem feito justiça á Sr.ª Arrigotti, manifestando-lhe por diversas vezes o seu agrado com applausos geraes e espontaneos.

O Sr. Musich representa o *Conde de Almaviva.* Sentimos que este artista se tenha encarregado de uma parte que não está no seu genero de canto, e que mais convem a um tenor de *mezzo carattere.*

É por isso que o tenor que ainda ha pouco alcançou um tão bello triumpho na *Lucia* não poude nesta opera fazer brilhar o seu talento.

O Sr. Goré é um perfeito *D. Basilio.* Vem bem caracterisado, e tem agradado, principalmente na *aria da calumnia*, onde tem sido applaudido.

O Sr. Bonafós *(D. Bartholo)* é actor intelligente, conhecedor da scena, e sabe aproveitar todos os recursos artisticos.

Resta-nos fallar do Sr. Mancusi. Este artista não encontrou desde o principio as sympathias do publico, e nesta opera tem a luctar com as recordações que nos deixaram Maggiorotti, e ainda ha pouco Zucchini, que são artistas superiores ao Sr. Mancusi. Foi máu para elle que depois da *Lucia* tivesse de representar no *Barbeiro*, papel que lhe não quadra. Desejamos que em outra opera os esforços que este artista faz por agradar sejam coroados de melhor resultado.

Na opera *Nina* a joven Sannazari continúa a causar enthusiasmo, e nos revela cada vez mais o seu raro talento como cantora e como actriz. O publico corresponde-lhe sempre com applausos conscienciosos e espontaneos.

Necrologio. — *(Communicado.)* — Ás cinzas dos dois illustres professores da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, os Srs. Benjamin Comte, e Andre Monteiro da Cruz, ha pouco fallecidos, foram ajuntar-se, no dia 6 do corrente, as do seu digno companheiro o Sr. Manuel Joaquim de Sousa. Dotado de um genio proprio e facil para seguir a carreira das Bellas-Artes, teve o Sr. Sousa a ventura de receber de seu pai, com a desvelada educação civil, os rudimentos da arte, que tanto honrou e enobreceu pelos seus proveitosos estudos, serios e laboriosos encargos, que lhe adquiriram uma bem fundada reputação. É ao seu inquestionavel merecimento que devem attribuir-se as nomeações que obteve, e cargos que exerceu de — ajudante do architecto e sub-inspector das obras do paço de Ajuda — architecto do infantado, da patriarchal, e das obras publicas — academico de merito na sobredita academia — e as condecorações de cavalleiro das ordens de Christo, da Conceição e da Torre Espada.

Muitos e variados foram os trabalhos deste acreditado professor, — muitos e excellentes os projectos de edificios e de monumentos, por elle concebidos e delineados, parte dos quaes foram vistos nas exposições publicas da Academia, e parte foram postos em obra, entrando neste numero o palacete e ermida do Exm.º Marquez de Vianna.

Lamentamos como amigos e companheiros que a morte arrebatasse, quando apenas tocava sessenta e dois annos de edade, sujeito merecedor de mais larga vida — misturamos com as lagrimas de sua magoada consorte e tenros filhos, os saudosos sentimentos de firme e sincera amizade que sempre lhe professamos. — Perdeu nelle a patria um cavalheiro brioso, franco e honrado, e a Academia perdeu um dos seus membros distinctos e benemeritos, e um dos seus mais uteis e brilhantes ornamentos. *Sit illi terra levis.*

F.

Companhia lyrica de Sevilha. — Fazem parte desta Companhia tres artistas que na épocha passada cantaram no nosso theatro de S. Carlos. São: a primeira dama Angelica Vianelli, o primeiro baritono Prattico, e a primeira dama Luiza Bianchi. Referem os jornaes daquella cidade que a sr.ª Vianelli fôra muito bem acolhida no *Ernani*, opera do seu debute, e tambem agradára muito na opera *Os Expostos* do *Maestro* Ricci.

A sr.ª Bianchi e o sr. Prattico tiveram exito feliz no *Macbeth* e no *Attila.*

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.ºˢ 1, 2, 8, 23, 37 A., 188, e rua do Oiro n.º 212.

N. B. Publicou-se a 4.ª e 5.ª folhas.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 16. QUINTA FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Continuado de pag. 172.)

Continuando a parte que entendemos dever extractar do Manual de instrucções praticas sobre este importante assumpto, precederão hoje o extracto algumas linhas interessantes, escriptas n'um jornal hispanhol, *el Precursor* de 18 de Novembro corrente.

O sr. Julião Pellon y Rodrigues, offerecendo gratuitamente aos agricultores seus patricios sementes do *pinus maritima*, pinheiro bravo, que são proprias para as dunas da costa do mar e outros terrenos saibrentos e arenosos, diz em seu annuncio o seguinte:

« Parece coisa fabulosa achar em Paris as mais delicadas plantas dos tropicos; nos departamentos do norte plantações copiosas productoras de assucar; nos meridionaes grandes e frondosos vergeis mettidos entre penhascos; e os tostados plainos de areas, d'antes charnecas incultas; no Gironda e nos Landes, estão cobertos de immensas mattas de pinheiro maritimo (bravo), que formam agora alli o mais importante ramo da riqueza agraria com suas resinas, e a base primeira da industria com sua lenha e madeiras. As dunas das ribas do mar e os terrenos arenosos de varios departamentos, apenas criavam algumas moitas enfezadas de tojos e fetos, pelo que se vendia a 4 ou 6 reales de vellon (pouco mais ou menos 40 réis cada real) um hectare que leva mais de fanga e meia de semeadura. [1] Hoje vende-se igual porção de terreno, pelo preço de 800 a 1,200 reales para semear-se de pinheiros; e cada fanga castelhana (anda por quatro alqueires) plantada dessa matta, produz a seu dono actualmente 400 reales, livres de toda a despeza, sem contar o producto da lenha e com o correr do tempo o grande valor das madeiras para diversas construcções.

« O que não viria a ser a nossa Serra Morena, se o gosto pela arborisação estimulasse os povos a cultival-a por modo analogo? E o que será da nossa industria, se breve, e mui breve, não substituirmos os devastados bosques, fazendo toda a casta de esforços e sacrificios? Virá dia em que não haja uma taboa para fazer uma casa, nem lenha para aquecer um forno nas fabricas!

« Á vista destes e outros muitos exemplos que podéra citar, e tendo presentes as circumstancias que se combinam no torrão da Andaluzia, reflecti no avantajado partido que poderá tirar-se da serra acima mencionada, e do chão que jaz inculto e abandonado nas campinas daquella região, plantando-se de arvoredo adequadamente; e para esse fim trouxe certa quantidade de sementes, que distribui a muitos proprietarios, para fazerem ensaios em differentes pontos. Ficaram-me algumas de pinheiro sylvestre, que é o melhor para Serra Morena, pois que dá-se bem em terrenos de pouco fundo; certa porção de ditas de pinheiro da Corsega, que prospera nos terrenos profundos, sendo o mais preferivel para madeiras; e quantidade mais avultada do pinisco de pinheiro maritimo ou bravo, excellente para semear nos areaes visinhos das cos-

[1] Segundo as taboas de reducção do Padre Sacra Familia, o hectare corresponde a 8:264 varas quadradas portuguezas.

tas, e em todo o chão arenoso, que offereço aos agricultores etc.

Passa a dar ligeiras noções do modo de semear o pinisco, que omittimos para seguir o nosso texto.

Tendo nascido bem a semente de pinheiro bravo, é preciso vêr se algum fogo do matto dá charneca visinha ou de outro terreno, se póde communicar com o novo pinhal; pois neste caso se deve fazer em roda delle um aceiro de dez braças de largura, o qual todos os annos se ha de limpar com enxada, tirando-lhe toda a herva e matto nascido: sendo mais commodo lavral-o todos os annos com arado.

Nos primeiros seis annos depois de semeado o novo pinhal, não se lhe póde fazer beneficio algum, e deve ficar entregue ao seu natural crescimento; havendo com tudo cuidado que algum gado não entre no novo pinhal, e que se livre de incendio.

Passados seis annos depois da sementeira do pinhal, convém tirar-lhe todo o matto que tenha de entremeio, cortando-se este com enxada ao pé da raiz, sem com tudo prejudicar os pinheiros. Convém conservar o pinhal novo sempre basto em arvores, pois assim os pinheiros crescem mais direitos; obtem-se melhor madeira e sem nós; e no pinhal basto não se precisa nunca cortar os ramos inferiores, porque estes vão seccando por si: porém nos pinheiros isolados ou áquelles que estão para a parte exterior do pinhal se podem cortar os ramos inferiores para crescerem mais para o alto; devendo com tudo deixar-se-lhes quatro ou cinco andares de ramagem. Em pinhal novo basto faz a natureza o desbaste, pois se achará que nem todos os pinheiros vão acima, mas que porção delles fica mais baixa, os quaes depois se curvam ou seccam. Tendo o pinhal novo até dez annos de edade, convém que no inverno se lhe faça o primeiro desbaste, tirando-se no entremeio os pinheiros mais infezados e atrazados em crescimento; e convém então limpar os pinheiros que ficam, cortando-lhes os ramos inferiores que seccaram, rentes ao tronco da arvore. É preciso toda a cautela que não se faça o desbaste indevidamente; pois convém que o pinhal novo se conserve tão basto que os ramos superiores toquem de uns pinheiros aos outros; de maneira que o sol quasi não possa penetrar entre elles até ao chão. Com este desbaste e limpeza se obterá tambem que já se possa entrar no pinhal entre os pinheiros, e que se possam tirar as folhas seccas (caruma) que deixam cahir, as quaes servem para estrume nos curraes do gado. Em geral póde-se dizer que a natureza ensinará como se deva desbastar um pinhal novo; pois se observa que em terreno melhor mais pinheiros vão com egualdade para cima, quando em terreno de inferior qualidade mais pinheiros ficam atraz em crescimento, e ahi maior numero de pinheiros enfezados se tem de cortar. Os ramos inferiores que seccam nos pinheiros, podem-se tirar todos os annos, quando se precisar delles para algum fim util.

Tendo o pinhal doze ou treze annos, convém fazer nelle o segundo desbaste, tirando-lhe as trisias ou pinheiros enfezados, e que não vão com os outros á luz do sol; e depois se repetirá este desbaste todos os tres annos até aos vinte. Quando o pinhal estiver em figura de se dever parar com o desbaste por oito até dez annos, tiram-se-lhe tambem então sómente os pinheiros enfezados, e atrazados em crescimento. O pinhal basto não deixará crear matto entre os pinheiros, e tirando-se-lhe a caruma para estrumes, não ficará exposto a ser devorado por um incendio. Tenho com tudo feito a observação que depois que um pinhal chega a vinte annos de edade, e tem sido tratado no desbaste como indiquei, ha um meio seguro de livral-o de ser incendiado no verão, largando-se fogo em dias seccos do inverno á caruma, que se acha espalhada no chão entre os pinheiros, pois o fogo queimará a caruma sem prejudicar as raizes aos pinheiros; e repetindo-se esta operação todos os invernos no pinhal, depois de ter vinte annos, nunca se correrá risco de perdel-o por incendio no estio, quando o fogo ataca as raizes dos pinheiros, e os faz seccar. Já se sabe que para se poder fazer esta operação sem risco, mesmo no inverno, o pinhal não deve ter matto alto de permeio.

Os pinhaes assim costumados a chamuscar-se-lhes todos os annos o solo, crescem muito mais, e o beneficio que se lhes faz, em todo o sentido, é grande. A caruma mais basta e o matto, não obstante esta operação, se aproveitará antes de se lhe largar o fogo, e ficará sempre tanta que seja precisa para entreter o fogo. Esta queima deve-se fazer com vento proprio, largando-se o fogo do lado opposto ao vento, não devendo este ser muito rijo.

Quando um pinhal novo for de extensão maior, e que a sementeira se não tenha feito de fórma, que fique de cincoenta até cem braças de distancia umas das outras em ruas largas ou aceiros transversaes; devem-se abrir estes aceiros quanto antes em distancias regulares; repartindo-se assim o pinhal em talhões: e convém que estes aceiros ou ruas não tenham menos de dez braças de largura. Estes aceiros servirão não só de caminhos para os carros que vão buscar matto, caruma, e varas do desbaste; mas principalmente para se poder com facilidade impedir, que no caso que pegue fogo no pinhal, devore toda a matta, e se possa atalhar; servindo egualmente para que o ar circule mais livre no entremeio do pinhal, da qual circumstancia tambem depende o crescimento mais rapido dos pinheiros. Depois que o pinhal tiver seis annos já se póde deixar pastar gado nestes aceiros, o que concorrerá para que o matto não cresça tanto: com tudo convém mandal-os lavrar de tempo em tempo, ou fazer-se-lhes a necessaria limpeza á enxada todos os annos. Se similhantes aceiros ou ruas dividirem o pinhal, por encruzamento em quadrados eguaes, combinar-se-ha o util com o agradavel. No tempo do anno que não haja perigo que resulte fogo nos pinhaes por algum tiro, podem similhantes aceiros servir tambem para esperar a caça: deve-se entretanto prohibir, que alguem cace nos mezes do estio nos pinhaes, pois o perigo de resultar fogo de uma bucha é eminente; e mesmo no tempo secco das outras estações convém fazer uso só de buchas de lã, e melhor de camurça, para que não resulte algum perigo de incendio.

Quanto á escolha que se deve fazer entre os pinheiros mansos, para se lhes apanhar as pinhas para

semente, vale o mesmo que tenho mencionado sobre as pinhas do pinheiro bravo; mas devo dizer que as pinhas do pinheiro manso se costumam apanhar no principio do outono. Recolhem-se as pinhas a uma casa onde estejam livres da humidade, e sejam guardadas até ao proximo verão; e quando o calor do sol é forte e bastante, são então espalhadas em eira, ou terreno limpo e secco, aonde pelo calor são abertas, e deixam cahir o pinhão: então são as pinhas batidas e mexidas frequentemente até que tenham largado de todo a semente. Nunca se devem fazer abrir as pinhas por calor artificial, como o povo pratica com o pinhão que leva a vender, para se lhes comerem as amendoas que contém; cujos pinhões ainda depois torram para com mais facilidade lhes quebrarem as cascas, e para não se corromperem tão facilmente.

Os pinhões que hão de servir para a semente, depois que sahiram das pinhas pelo calor do sol, estão promptos para serem semeados no primeiro outono; pois dificultosamente se podem guardar de um para outro anno, sem que ao menos se deteriore grande parte; de sorte que então muitos não nascem. Para se conservar bem o pinhão depois de tirado das pinhas, que se abriram ao sol, guarda-se o mesmo em logar secco, e arejado, ou em saccos, ou espalhado em sobrado, até que se faça a sementeira do mesmo no proximo verão.

Acontece que os pinheiros mansos em alguns annos dão poucas pinhas, e em outros dão muitas; mas todos os pinheiros mansos neste reino dão a mesma qualidade de pinhão para semente, quando as pinhas são obtidas, como fica dito.

(Continúa.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 171).

929 SETIM LAVRADO E MATISADO PARA COLETES.
930 SETIM LAVRADO PARA VESTIDO DE SENHORA.
931 SETIM LAVRADO E MATISADO PARA COLETES.
932 SETIM LAVRADO E MATISADO PARA COLETES.
933 SETIM LAVRADO E MATISADO PARA COLETES.
934 SETIM LAVRADO E MATISADO PARA COLETES.
Estes 6 productos de n.° 929 a 934, são expostos pelo fabricante Manuel Joaquim Jorge.
Vide n.° 920.
935 GRÓS DE NAPLES COM RISCAS ASSETINADAS.
936 GRÓS DE NAPLES PRETO ONDEADO.
Estes 2 productos de n.° 935 e 936, são expostos pelo fabricante, João Marcellino Pimentel, de Lisboa.
Fabrica, vide n.° 921 a 925.
937 GRÓS DE NAPLES COM RISQUINHAS DE FURTA CORES.
938 GRÓS DE NAPLES COM RISQUINHAS DE FURTA CORES.
Estes 2 productos de n.° 937 e 938, são expostos pelo fabricante, Domingos Francisco Carneiro.
Porto.
Fabrica, vide n.° 921.
939 GRÓS GREDELEM ENFESTADO.
940 GRÓS ENFESTADO.
941 GRÓS ENFESTADO.
942 GRÓS ENFESTADO.
Estes 4 productos de n.° 939 a 942, são expostos pelo fabricante, Raimundo Joaquim Martins.
Porto.
943 GRÓS DE NAPLES DE FURTA CORES.
944 GRÓS DE NAPLES DE FURTA CORES.
945 GRÓS DE NAPLES COM RISCAS DE SETIM VERDE.
946 GRÓS DE NAPLES ESCURO COM RISCAS ASSETINADAS.
947 SARJA DE COR COM RISCAS ASSETINADAS.
948 NOBREZA PRETA BORDADA.
Estes 6 productos de n.° 943 a 948, são expostos pelo fabricante, Domingos Francisco Carneiro.
Porto.
Fabrica, vide n.° 926.
949 SEDA PARA VESTIDOS.
950 SEDA PARA VESTIDOS.
Estes 2 productos de n.° 949 e 950, são expostos pelo fabricante, J. Barboza.
Porto.
951 GORGORÃO PRETO PARA COLETE.
952 GORGORÃO AZUL PARA COLETE.
Estes 2 productos de n.° 951 e 952, são expostos pelo fabricante, João Marcellino Pimentel.
Porto.
Fabrica, vide n.° 921 a 925.
953 SETIM BRANCO. — Expositor e fabricante, Manuel Joaquim Jorge.
Lisboa.
Fabrica, vide n.° 920.
954 DEZ AMOSTRAS DE DIFFERENTES CORES. — Expositor e fabricante, Francisco Antonio Ramires.
Lisboa.
955 CHAILES DE SEDA, UM PRETO, OUTRO AZUL E PRETO — Expositor e fabricante, Joaquim José da Silva.
Porto.
956 CHAILE DE SETIM PRETO LAVRADO. — Expositor e fabricante, Manuel Custodio Moreira.
Porto.
Fabrica, vide n.° 918.
957 LENÇOS DE SETIM.
958 LENÇOS PRETOS GRANDES.
959 LENÇOS DE SETIM PARA HOMEM.
Estes 3 productos de n.° 957 a 959, são expostos pelo fabricante, Raimundo Joaquim Martins.
Fabrica vide n.° 939 a 942.
960 LENÇOS DE SEDA LAVRADOS PARA PESCOÇO.
961 LENÇOS DE SEDA DE RISCAS DE CORES PARA SENHORA.
962 LENÇOS DE SEDA PRETOS PARA PESCOÇO.
Estes 3 productos de n.° 960 a 962, são expostos pelo fabricante, Domingos Francisco Carneiro.
Porto.
Fabrica, vide 926.
963 GRAVATA DE CANUTÃO DE FURTA CORES. — Expositor e fabricante, Manuel Joaquim Jorge.
Lisboa.
Fabrica, vide n.° 920.
964 SEDA ONDEADA. — Expositor e fabricante, João Marcellino Pimentel.
Porto.
Fabrica, vide n.° 921 a 925.

965 DAMASCO ACOLXOADO CARMEZIM, E COR DE OIRO PARA ARMAÇÃO. — Expositor e fabricante, Manuel Joaquim Jorge.
Lisboa.
Fabrica, vide n.° 920.
966 DAMASCO AMARELLO.
967 DAMASCO CARMEZIM.
Estes 2 productos de n.° 966 e 967, são expostos pelo fabricante, Joaquim José da Silva.
Porto.
Fabrica, vide n.° 955.
968 MEIAS DE SEDA LIZAS PARA HOMEM.
969 BARRETES DE SEDA.
970 CAMIZOLLA DE MALHA DE SEDA.
971 FITAS DE GORGORÃO.
972 GALÃO.
Estes 5 productos de n.° 968 a 972, são expostos pelo fabricante, Manuel Joaquim Jorge.
Lisboa.
Fabrica, vide n.° 920.
973 CHAPEO ARMADO DE SEDA COM PRESILHA.
974 CHAPEO ARMADO DE PELLO DE CASTOR SEM PRESILHA.
975 CHAPEO REDONDO DE PELLO DE SEDA.
976 CHAPEO REDONDO DE PELLO DE SEDA.
977 CHAPEO REDONDO DE CASTOR.
Estes 5 productos de n.° 973 a 977, são expostos pelo fabricante, Sotero Antonio Borges.
Lisboa.
978 CHAPEO DE CASTOR BRANCO.
979 CHAPEO DE CASTOR PRETO.
980 DOIS BARRETES DE PELLO.
981 CHAPEO DE PELLUCIA DE SEDA FRANCEZA.
982 CHAPEO DE PELLUCIA DE SEDA FRANCEZA.
983 CHAPEO DE PELLUCIA DE SEDA PORTUGUEZA.
984 CHAPEO DE PELLUCIA DE SEDA PORTUGUEZA.
Estes 7 productos de n.° 978 a 984, são expostos pelo fabricante, Francisco da Costa Rocha.
Lisboa.
985 CHAPEO DE CASTOR BRANCO.
986 CHAPEO DE CASTOR PRETO.
Estes 2 productos de n.° 985 e 986, são expostos pelos fabricantes, Ignacio Miguel Hirsch e Irmãos.
Lisboa.
987 PAPEL PARA IMPRESSÃO.
988 PAPEL PARA ENXUGAR BORRÕES.
989 PAPEL PARA ESCREVER.
Estes 3 productos de n.° 987 a 989, são expostos pelo fabricante, Conde do Tojal, quinta d'Abelheira, perto de Lisbôa.
Tem por motor agua e vapor, sendo a machina da força de 45 cavallos, foi fundada em 1836.
990 AMOSTRAS DE CABOS, TRABALHO EM BRANCO E EM PRETO. — Expositor e fabricante, João Francisco Rodrigues.
Porto.
991 CHUMBO GRANISADO.
992 CHUMBO GRANISADO.
993 CHUMBO GRANISADO.
994 CHUMBO GRANISADO.
995 CHUMBO GRANISADO.
996 CHUMBO GRANISADO.
997 CHUMBO GRANISADO.
998 CHUMBO GRANISADO.
999 CHUMBO GRANISADO.
1000 CHUMBO GRANISADO.
1001 CHUMBO GRANISADO.
1002 CHUMBO GRANISADO.
1003 CHUMBO GRANISADO.
1004 CHUMBO GRANISADO.
1005 CHUMBO GRANISADO.
1006 CHUMBO GRANISADO.
1007 CHUMBO GRANISADO.
1008 CHUMBO GRANISADO.
1009 CHUMBO GRANISADO.
1010 CHUMBO GRANISADO.
1011 CHUMBO GRANISADO.
1012 CHUMBO GRANISADO.
1013 CHUMBO GRANISADO.
1014 CHUMBO GRANISADO.
Estas 24 amostras de chumbo granisado de n.° 991 a 1014, são expostas pelo fabricante, Manuel Antonio da Silva.
Lisboa.
1015 UM BANCO DE FERRO FUNDIDO.
1016 UM VASO DE FERRO FUNDIDO.
1017 UM VASO DE FERRO FUNDIDO.
1018 UM VASO DE FERRO FUNDIDO.
1019 SECÇÃO DE BALCÃO DE FERRO FUNDIDO.
1020 SECÇÃO DE ORNATO DE FERRO FUNDIDO.
Estes 6 productos de n.° 1015 a 1020, são expostos pelos fabricantes, João Bachelay.
Lisboa.
1021 BROCHE DE ESMALTE E BRILHANTES. — Expositor e fabricante, Pinto e Sousa.
Lisboa.
1022 ADRESSE DE FILAGRANA DE OIRO E AMETHISTAS, contendo: — um broche e pulseiras, um broche e par de brincos de filagrana e dois cordões de oiro. — Expositor e fabricante, Bernardino Gonçalves Mamede.
Porto.
1023 A. CAIXA DE PRATA PARA TABACO. — Expositor e fabricante, José Rodrigues.
Esta caixa foi gravada por José Gomes, guilbochada por João Francisco Aranha.
Porto.
1022 B. CORDÃO DE TRANSELIN DE FILAGRANA. — Expositor e fabricante, Antonio da França.
Porto.
1022 C. CORDÃO OU CADEA DE OIRO. — Expositor e fabricante, Antonio da França.
Porto.
1023 GARRAFA.
1024 GARRAFA.
1025 GARRAFA.
1026 GARRAFA.
1027 GARRAFA.
1028 GARRAFA.
1029 GARRAFA.
1030 COPO PARA AGUA.
1031 COPO PARA AGUA.
1032 COPO PARA AGUA.
1033 COPO PARA AGUA.
1034 COPO PARA AGUA.
1035 COPO PARA AGUA.
1036 COPO PARA AGUA.
1037 COPO PARA VINHO.
1038 COPO PARA VINHO.
1039 COPO PARA VINHO.
1040 COPO PARA VINHO.

1041 COPO PARA VINHO.
1042 COPO PARA VINHO.
1043 COPO PARA VINHO.

Estes 21 productos de n.° 1023 a 1043, são expostos pelo fabricante, Manuel Joaquim Affonso.

Marinha Grande, districto de Lisboa.

1044 VIDRAÇA PINTADA.
1045 VIDRAÇA PINTADA.
1646 VIDRAÇA PINTADA.
1047 BACIA E JARRO DOIRADO, DE PORCELANA.
1048 TERRINA COM FILETE D'OIRO, DICTA.
1049 TERRINA PINTADA BISTRE, DICTA.
1050 TERRINA PINTADA PARA MOLHO, DICTA.
1051 TRAVESSA COM FILETE D'OIRO, DICTA.
1052 TRAVESSA COM FILETE D'OIRO MENOR, DICTA.
1053 PRATO PINTURA CHINESA, DICTA.
1054 PRATO AZUL GRANDE, FOGO E OIRO, DICTA.
1055 PRATO AZUL TURQUEZA, DICTA.
1056 PRATO AZUL ESCURO, DE MUFLA E OIRO, DICTA.
1057 PRATO AZUL TURQUEZA E OIRO, DICTA.
1058 PRATO, PINTURA, FLORES E OIRO, DICTA.
1059 PRATO DOIRADO, DICTA.
1060 PRATO BRANCO COM FILETE LARGO D'OIRO, DICTA.
1061 PRATO BRANCO COM FILETE D'OIRO, MENOR, DICTA.
1062 PRATO, FLORES SOLTAS E OIRO, DICTA.
1063 PRATO BRANCO, FILETE D'OIRO, DICTA.
1064 PRATO BRANCO, BORDA DOIRADA, DICTA.
1065 PRATO BRANCO, COM FILETE PRETO E OIRO, DICTA.
1066 PRATO BRANCO, COM FILETE VERDE E OIRO, DICTA.

(Continúa.)

INTERESSE PUBLICO.

Tinta chymica de escrever com pennas de ferro, que as não deteriora em coisa alguma. — Esta tinta especial possue qualidades, que a tornam preferivel á tinta com que ordinariamente escrevemos, não só pela sua optima qualidade e segurança, como pela singularidade de não enferrujar as pennas, o que é certificado pelo seu auctor — que diz poderem durar annos; fazendo-se dellas uso nos documentos mais importantes.

O que nós podemos certificar pelas nossas experiencias, é que a ferrugem as não ataca, podendo ficar immergidas na tinta ou fora della. Quando ficarem fóra, e por descuido tiverem adherente tinta sêcca, molhem-se na mesma tinta, e limpem-se, e se terão como no seu estado primitivo. Todas as vezes que se estrear penna nova, deve primeiro molhar-se em agua, ou na saliva: limpa-se e entra em uso. Resiste á acção dos acidos, tornando-a, uns de preta em alaranjada, e outros avermelhando-a: a escripta immergida na agua por vinte e quatro horas e mais, não é alterada. Vê-se por tanto que a utilidade desta nova tinta é muito apreciavel, tanto pela sua bella qualidade, como pela extraordinaria economia das pennas, que nos leva contos de réis, que podemos poupar em grande escala.

Na presença de todos estes factos está demonstrada a preferencia desta tinta á tinta ordinaria no uso das pennas de ferro.

Offerecemos pois a nossa tinta á prova de todas as repartições do estado — a todos os escrivães — tabeliães — advogados — secretarios militares — collegios — e em geral a todos os particulares: — o seu preço é o da tinta que ordinariamente usamos. — Travessa da Victoria n.° 18.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XII.

FILIPPE EM TERRA D'AMIGOS.

Apenas o commendador entrava na casa de jantar; e Domingos largava o eterno rabicho do Sr. Jasmin: mal o abbade gemera tres suspiros aflautados, conchegando os parches de diversas côres, que lhe faziam da cara um mappamundi; outra pancada na porta da rua deixou ficar a todos suspensos, com a mão nas costas da cadeira, porque desta vez a irregularidade da visita não tinha explicação possivel.

— « *Quid mihi cum Agamnenone?*—exclamou Lourenço Telles, virando-se com enfado para o inventor do livro dos Pavões; este encolheu os hombros, e calou-se entrincheirado na sua dignidade teza e engomada.

Entretanto reluzia a prata das terrinas e talheres; a louça chineza, em relevos caprichosos, brilhava pelas variadas cores, e pela diversidade das figuras e flores. O caldo de arroz, e o gallo do estilo; o prato obrigado de ervas coroado de torradas recortadas; as tortas e outros acepipes perfumavam a salla. Os vinhos eram excellentes e faziam sede espelhando-se no christal das garrafas. Fructas seccas em cestos arrendados, uns de louça, outros de prata; e delicados doces em vasos de vidro campeavam nos magnificos apparadores de páo sancto, levantados de ambos os lados da casa. O abbade, em virtude de posse immemorial exercia o officio de trinchante mór; e apesar dos maiores tormentos, exacto no desempenho das augustas funcções, floreteava a faca e o garfo sobre o cadaver do acerejado gallo.

Todos esperavam de pé a volta de Jasmin, despachado por seu amo ás regiões sombrias da logea para saber o nome do interruptor das doçuras culinarias. O escudeiro demorou-se pouco, voltando com uma boquinha espremida, que na

sua opinião tinha a malicia de um sorriso ironico. Da visagem do fiel correio tirou o commendador o mais favoravel agouro, e sentou-se completamente socegado. O resto da familia imitou-o, com uma longa interjeição na vista. O abbade, impassivel, recolhido, e solemne como summo sacerdote que era d'aquelle sacrificio, ameaçou as juntas do gallo, com o garbo de uma pratica feliz. Entretanto Jasmin apoderava-se do ouvido do commendador, e dizia-lhe um segredo; o velho sabio deu um pulo, esfregou as mãos, olhou para as meninas e sobre tudo para Theresa, e em voz baixa passou algumas ordens, que o escudeiro cumpriu logo, saíndo nos bicos dos pés, em ar mysterioso. Esta scena quasi theatral redobrou a curiosidade, e tornou mais repetidos os pontos de interrogação de Magdalena para suas filhas, e de Filippe para Magdalena.

Começou a cêa pelo caldo; e Lourenço Telles, bebendo com pausa, corria os olhos pelos circumstantes, impenetravel como um cardeal no conclave, malicioso que nem um critico roido de inveja. Quando os seus olhos encontravam os de Theresa, a boca um pouco sorvida do antiquario deixava fugir um sorriso equivoco. O nosso capitão era curioso como uma velha, e remexia-se impaciente, ardendo em desejos de chapar uma pergunta na bochecha do tio sabio; porém continha-se sentindo os signaes com que o cotovello de sua mulher não cessava de lhe recommendar a prudencia. Lourenço Telles gosava interiormente da perplexidade de seu sobrinho, e cada vez estava menos disposto a pôr-lhe termo. Para desviar qualquer insinuação dirigiu-se de repente ao padre mestre Fr. João dos Remedios, assentado ao pé do abbade, perguntando-lhe:

— « Então o que nos diz dos negocios da sua devota communidade o nosso padre procurador? »

Era tocar na corda sensivel. O procurador sobresaltou-se; puxou o barretinho para a testa; dobrou os pollegares um em roda do outro; e respondeu com melancholia:

— « Digo que vão o peior possivel, sr. Lourenço. Está correndo o prazo fatal; a todos os respeitos bem fatal! »

— « E depois? »

— « O que quer?! Ficaremos espoliados, e ainda por cima escarnecidos. Seja feita a vontade de Deus. Elle o dá, e elle o tira; altos mysterios seus! »

— « Não gosto de o vêr assim, Fr. João! — Horacio diz: — *Altior Italiœ ruinis.* Seja superior á desgraça. Pois um homem lido e pratico em negocios forenses desanima tão depressa? »

— « Ah, commendador, isso era n'outro tempo, mas hoje!... Em fim são culpas, que se estão pagando! »

— « *Delicta majorum immeritus lues?* Estão penando o peccado antigo? Vamos que seja (acudiu o latinista). Animo grande! Talvez el-rei mais bem informado... »

— « El-rei? Os jesuitas, devia dizer. Não espere nada delles. Saiba que não descançam em quanto nos não humilharem de todo. Assim se diz em S. Roque pelo menos. *Sed cor contrictum et humiliatum Deus non despiciet!* Levantaremos o coração a Deus, pondo nelle toda a esperança. Sr. Lourenço Telles, a ordem de S. Domingos appellará do rei da terra para o rei dos ceus! »

— « Louvo muito: porém antes de ceder por que não tentam fortuna ainda? Diga-me: supponde os ministros do desembargo illudidos, temos ainda os secretarios de estado... »

— « Engana-se! — clamou o dominico, dando largas á ira — tribunaes e secretarios de estado juram fidelidade á companhia de Jesus antes de a jurarem a el-rei; os ministros sabem que o verdadeiro despacho não é no Terreiro do Paço, mas na casa professa de S. Roque. O sceptro está nas mãos omnipotentes de um ministro, mais poderoso, que todo o clero, nobreza e povo deste reino. D. Pedro II, commendador, já não é o mesmo homem; está ascetico e doente; vive triste e desconfiado da salvação... Quem reina em seu logar é o padre confessor, Sebastião de Magalhães! »

— « Não acredite! São historias. »

— « São verdades, meu amigo. Nada se faz senão pelo voto do confessor; até o meteram no conselho de estado, entre a primeira fidalguia!... Elle é que animou os vendilhões a desobedecernos; com elle se aconselharam; e por elle foi dictada, em pleno claustro, essa vergonhosa provisão, que poz aos pés de meia duzia de regatões a ordem dos pregadores! Sabe-se tudo! »

— « Ahi está porque vão tão mal as coisas... Mas empenhem-se vossas reverendissimas, trabalhem... Preso por um, preso por mil. Queixem-se; digam a verdade a el-rei; saiba todo o reino, que estamos sendo governados pela roupeta de St.º Ignacio. »

— « Esse é, e foi sempre, o meu parecer! Mas vão lá fallar em tal ao nosso definitorio?

Meteram-se na demanda, chegaram ás ultimas extremidades, e agora encolhem-se. Esperem e verão o resto... Calam-se? Os jesuitas lhe dirão o mais. Vencido, mas não convencido, tentei resistir e expôr-me, sem expôr ninguem. Compuz o sermão da capella real; e, tomando para texto o fermento dos phariseus, carreguei a mão no retrato da soberba e da cubiça da Companhia, avisando el-rei e a côrte. Dictei-o, decorei-o, e não disse nada a ninguem. O que imagina que succedeu? Rebenta-me um aviso, em que me dizem, que estava dispensado de prégar na minha semana, e que de futuro intendesse que era vontade de sua magestade, que os prégadores da sua real capella se abstivessem de discussões politicas! Fiquei parvo! O sermão estava na minha gaveta, a chave no meu bolso, e apesar disso tinham-no visto, tinham-no lido! »

—« Alguem o descobriu por força... »

—« Ninguem, commendador! Se eu dictei o sermão ao escrevente, homem desmemoriado e fiel; estivemos sempre sós; e nunca o mostrei a pessoa alguma! Agora expliquem-me como o viu o padre confessor, porque é indubitavel que o viu; e senão como citou elle de proposito a ordem do discurso, e até as proprias palavras, no seu aviso!? Não póde attribuir-se senão a bruxaria! »

—« É bixo de sete cabeças! Agua benta com elle! — gritou Filippe.

—« Parece incrivel! — observou Lourenço Telles. E o que tenciona fazer? »

—« Resta-me ainda um meio. Quero tentar o ultimo recurso; não o declarei, nem declaro a ninguem. Veremos se adivinham. »

—« Ha de custar! »

—« Eu digo só — veremos! Ha dous para tres mezes tudo nos desanda; nunca fui visionario; não sou supersticioso: agora vou-me fazendo. Se traço um plano, acho-o cortado: escrevo um papel? É contar com outro, como se o meu estivesse á vista. Os segredos do definitorio, cujas actas tenho debaixo de chave, apregoam-se em S. Roque no dia seguinte. De proposito, escolhi um leigo e um servente, quasi idiotas, que não sabem ler nem escrever. Quem roubou o segredo das minhas chaves, e copia os papeis do meu bofete? Isto dá comigo doido. »

—« Melhor o fará Deus, padre mestre. Quer do peito ou da asa do gallo? Um copo de barra a barra? »

—« Obrigado! Trago um fastio mortal; bastará um didal de vinho. Persisto, Sr. Lourenço Telles: a Companhia de Jesus achou modo de viver no meio de nós. Senta-se ao nosso conselho, participa dos nossos segredos, e lê por cima do hombro quanto se escreve. É horroroso! Sondei, puz escutas, não vi nada, não ha nada novo! São os mesmos prelados; é a mesma gente. E apezar d'isso juro, protesto: o auxilio de um homem poderoso allumia os actos da companhia. Diogo de Mendonça, que é todo nosso, como sabe, acha-se em igual apuro; e não chega mais adiante do que eu. Se vae a expor em conselho algum negocio, dos que elle costuma estudar comsigo, o padre confessor sorri-se, e El-Rei entra a repetir-lhe o que passou de mais particular! Ah commendador sou castigado pelo meu orgulho. Attribui á sciencia humana o que era devido ao auxilio divino. »

As lagrimas cahiam pela cara abaixo a Fr. João; a voz sonora suffocava-se, e o desalento prostrava-lhe a physionomia, tão risonha ou imperiosa d'antes. Sentia-se ferido mortalmente, e nem tinha a triste consolação de descubrir o inimigo occulto, que o desasocegava.

—« Ora pois, Fr. João; — acudiu Lourenço Telles — é preciso valor e conformidade. O máu tempo ha de passar. »

—« Não creio. »

—« Deixe estar. Então Filippe não diz nada? »

—« Digo que as tortas são excellentes, e que o vinho é soffrivel. »

—Não diz pouco. Então isto sempre é melhor do que os lagartos, que o regalavam na America? »

—« Lé com lé, e cré com cré. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso! »

—« Famoso rifão! Muito bem; e Theresinha, não lhe diz nada o coração? Aposto, que dava um beijo no avósinho, se elle lhe dissesse uma coisa... »

—« Eu não sou curiosa, meu avô! »

—« Nem tanto como Eva? Pois sim, mas está corada que nem uma romã; porque abaixa os olhos!? Ah, Theresa, mais custa a apanhar um coxo do que uma rapariga namorada... »

—« Meu avô, então! »

—« Theresa! — gritou Filippe — Prohibo-lhe que se faça vermelha. »

—« E esta! exclamou o commendador, Filippe, v. mercê não está em si. Prohibe a sua filha o mudar de côr.? »

—« Prohibo, sim senhor, os paes são senhores absolutos dos filhos. Não quero que Theresa core; sei o que digo. »

— « Diz uma loucura. Vamos, abbade, encha o copo e deite vinho a Fr. João. Cecilia, peça licença a sua mãe, e seu pae que lhe dê um didal de muscatel, mais a sua irman. Estão promptos? Á saude de um amigo desta casa, que nos fez a honra de a procurar, e ficará n'ella como filho, espero eu. »

Quando levavam os copos á bocca abriu-se a porta e Jasmin disse alto: « É o Sr. Jeronymo Guerreiro! »

— « Que vem corresponder á amisade das pessoas que ama e respeita como segundos paes! » acudiu um mancebo esbelto e bem proporcionado, que entrou na casa atraz do escudeiro, e se dirigiu logo ao commendador e a Magdalena, a quem abraçou muito tempo, depois de lhes beijar a mão. Todos se levantaram e o rodearam. Cecilia olhando estremosa para sua irman com um sorriso angelico: Theresa, com algum sobresalto, e as mais vivas cores no rosto. Só o pobre Filippe não conhecia o recem-chegado, e fazia por isso um papel desgraçado dando á cabeça, desengonçando o corpo, e chamando Jasmin com momices telegraphicas, que o escudeiro teve a malicia de não perceber:

— « Quem é este senhor? » — perguntou por fim ao abbade.

— « Seu tio lho dirá » — replicou o ecclesiastico seccamente. O capitão ficou, portanto, em jejum, como estava.

Jeronymo Guerreiro tinha vinte e oito annos. A testa espaçosa abria-se ampla aos vôos da imaginação, que brilhava nos seus olhos, as bossas frontaes, desinvolvidas, accusavam-se acima das arcadas superciliares, tornando mais funda a ruga vertical, que a reflexão costuma cavar. O nariz levemente aquilino, nem grande, nem pequeno, cahia com graça, dando viveza ás feições despidas da regularidade, que torna feminino de mais o semblante de alguns homens; porém animadas da belleza geral que é a verdadeira formosura de um rosto viril. As pupillas, pardas, luminosas, e vivas sem excesso, tinham aquella força de penetração, que parece incutir a alma de quem olha no mais secreto pensamento da pessoa que é vista.

Pretas e carregadas as sobrancelhas, quando a testa se contrahia, uniam-se, formando uma linha escura, e continua, debaixo da qual as pupillas chamejantes, sem a bocca fallar, exprimiam toda a vehemencia de um caracter forte, de um animo robusto, e de um espirito accessivel ás paixões, e á generosidade de sentimentos. Nestes olhos, rasgados, firmes, e penetrantes, fallava o coração, e reflectia-se a alma, como se observa nas phisionomias meridionaes, que não degeneram do verdadeiro typo.

Bigodes pretos, bem fendidos, cubriam-lhe o beiço, encaracolando as guias á oriental, apezar da moda, que mandava rapar escrupulosamente até a mais leve penugem. O resto da cara, barbeado em todo o rigor da epocha, dava realce á bocca risonha e animada. Não usava de peruca; os proprios cabellos penteados á militar, e só com um ar de pós, desciam em anneis, acompanhando as faces, e cahindo sobre o hombro. A estatura, duas linhas acima da ordinaria, levantava-se com elegancia; o corpo esbelto, os membros seccos, e não magros, inculcavam robustez e agilidade em todos os movimentos. Os pulsos eram fortes, a mão regular e bem feita; a pelle muito fina tinha a côr bastante queimada das estações, como acontece aos trigueiros, quando se expõem á inclemencia do tempo.

A configuração da parte anterior da cabeça, a expressão do rosto, e a sagacidade da vista diziam que o valor do soldado se unia ao engenho subtil do inventor; que, mesmo a braços com o maior infortunio, a firmeza do coração e a lucidez do espirito haviam de luctar e vencer, até onde podesse luctar e vencer o homem. A esta organisação moral, bem rara, junctava as qualidades phisicas. Tinha uma força extraordinaria; um lance d'olhos infallivel; uma destreza incomparavel. Na sua mão a espada era um raio; as ballas não erravam; e os calculos do inimigo succumbiam adivinhados por uma penetração maior.

O chapeu do uniforme, agaloado, apesar de pouco airoso, assentava com desgarre militar. A farda, especie de sobrecasaça moderna, cahia um pouco acima do joelho, com bandas de forro verde, guarnecida por ambos os lados de passamanes de retroz, e duas ordens de botões da golla ao fim do saio. Sobre os quadris, cintura alta, viam-se as duas portinholas de escotilha, as casas monstros abertas em fio de seda, e os botões de rodinha prateados, classicos nos filhos de Marte. Os canhões da manga, largos como bocca de morteiro, revirados e pregados quasi pelo sangradouro por dois botões, deixavam vêr a camisa finissima desde o punho até meio antebraço.

O periquito, ou tira arrocada, apparecia com tres dedos de largura, entre a farda e a véstia,

em toda a elegancia. Á roda da cinta estavà passada a banda com largas borlas de seda, descendo até ao meio da perna. A espada, comprida, de copos doirados, vinha suspensa em um talim bordado. Os calções justos e affivelados abaixo do joelho, e a meia puchada com esmero, completavam o trajo do capitão Jeronymo Guerreiro, o official mais estimado do exercito, e mais bem acceito das damas.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

(Continuado de pag. 179)

Uma outra singularidade da cidade de Roma são os rebanhos de cabras, e principalmente as juntas de grandes bois de enormes pontas, que se encontram deitados ao pé dos obeliscos egypcios, entre as ruinas do Forum, e debaixo dos arcos, por onde elles outr'ora passavam para conduzir o triumfador romano a este Capitolio, que Cicero chama o concelho publico do universo:

«Romanos ad templa deum duxere triumphos.»

Com todos os estrondos ordinarios das grandes cidades se mistura aqui o ruido das aguas, que se ouve de todas as partes, como se se estivesse junto das fontes de Blandusia, ou d'Egeria. Do alto das collinas, que estão encerradas no recinto de Roma, ou na extremidade de muitas ruas, descobrís a campina em perspectiva, o que mistura cidade e o campo de uma maneira mui pinturesca. No inverno os tectos das casas estão cobertos de herva, quasi como os velhos tectos de colmo das nossas choupanas. Estas diversas circumstancias contribuem para dar a Roma um não sei que de rustico, que faz lembrar, que seus primeiros dictadores conduziam a charrua; que ella deveu o imperio do mundo a lavradores; e que o maior de seus poetas se não dedignou de ensinar a arte de Hesiodo aos filhos de Romulo:

«Acræumque cano romana per oppida carmen.»

Em quanto ao Tibre, que banha esta grande cidade, e que participa da sua gloria, o seu destino é perfeitamente exotico. Elle passa a um canto de Roma, como se ahi não existisse; ninguem se digna lançar-lhe os olhos; ninguem falla delle; não se bebem as suas aguas; as mulheres não se servem del'as para lavar; escapa-se ás escondidas entre más casas, que o occultam; e corre a precipitar-se no mar, vergonhoso de se chamar o *Tevere*.

É necessario agora, meu caro amigo, dizer-vos alguma coisa destas ruinas, de que tanto me tendes recommendado que vos fallasse: vi-as com miudeza tanto em Roma, como em Napoles, excepto os templos de *Pæstum*, que ainda não tive tempo de visitar. Sentís que ellas devem tomar differentes caracteres, segundo as lembranças, que se lhes ligam.

Uma bella tarde do mez de Julho passado, fui assentar-me no Coliséo em um dos degráos do velho edificio que é hoje de um dos altares consagrados ás dôres da Paixão. O sol, que se escondia, derramava rios de oiro por todas estas galerias, onde rolava outr'ora a torrente dos povos; carregadas sombras ao mesmo tempo saiam do fundo dos camarotes, e dos corredores, ou caiam sobre a terra em largas bandas negras do alto dos maciços de arquitectura. Eu descobria entre as ruinas do lado direito do edificio, o jardim do palacio dos Cesares, com uma palmeira, que parece collocada de proposito sobre estas ruinas para os pintores e poetas. Em vez dos gritos de alegria, que ferozes espectadores outr'ora soltavam neste amphitheatro, vendo despedaçar christãos por leões, e onças, não se ouviam mais que os latidos dos cães do ermitão, que guarda estas ruinas. Mas no momento em que o sol desceu abaixo do horisonte, o sino do zimborio de S. Pedro retumbou por debaixo dos porticos do Coliseo. Esta correspondencia, estabelecida por sons religiosos entre os dois maiores monumentos de Roma pagã e de Roma christã, me causou uma viva commeção. Reflecti, que viria tempo, em que este edificio moderno cairia, como o edificio antigo; e que os monumentos se succedem, como os homens que os elevaram: recordei-me, que estes mesmos judeus, que nos seus primeiros captiveiros trabalharam nos edificios do Egypto, e de Babilonia, tinham tambem na sua ultima dispersão edificado este enorme recinto; que o monumento, debaixo de cujas abobadas resoava este sino christão, era obra de um imperador pagão, designado nas profecias para a destruição final de Jerusalem.

São estes, meu caro amigo, objectos bem altos de meditação, ministrados por uma só ruina: e uma cidade, aonde iguaes effeitos se reproduzem a cada passo, não será digna de ser vista?

Hontem nove de janeiro voltei ao Coliseo, para o ver em outra estação, e debaixo de outro aspecto. Admirei-me, quando cheguei, de não ouvir o latido dos cães, que appareciam ordinariamente nos corredores superiores do amphitheatro, entre ruinas, e hervas seccas. Bati á porta da ermida formada na arcada de um camarote; nenhuma resposta: o ermitão morreu. A inclemencia da estação, a ausencia do bom solitario, recordações recentes e dolorosas, de tal modo redobraram para mim a tristeza deste recinto, que julguei estar vendo as ruinas de um edificio, que alguns dias antes havia admirado em toda a sua inteireza e frescura. É assim, meu carissimo amigo, que somos advertidos a cada passo do nosso nada. O homem busca fóra de si rasões para se convencer desta verdade; vai meditar sobre os restos dos monumentos dos imperios; e não considera, que elle mesmo é uma ruina ainda mais vacillante, e que cahirá primeiro, que estes restos! E o que conclue não ser a vida mais que *um sonho de uma sombra*,[1] é nem ao menos podermos esperar viver muito tempo na lembrança de nossos amigos; pois não é o seu coração, onde está gravada a nossa imagem, como o

[1] PIND.

objecto, cujas feições retêm, uma argilla sujeita a dissolver-se? Mostraram-me em Portici um bocado da cinza do Vesuvio, que cáe em pó tocando-se-lhe e que conserva impressa a fórma, cada dia mais apagada, do seio e do braço de uma rapariga sepultada debaixo das ruinas de Pompeia.

É uma imagem bem exacta (ainda que não seja bastante vã) dos vestigios, que a nossa memoria deixa no coração dos homens, que não é se não cinza e pó! [2]

Antes de partir para Napoles, fui passar alguns dias sósinho a Tivoli. Corri as ruinas dos arredores, principalmente as de *Villa Adriana*. Surprendido pela chuva no meio do meu passeio, refugiei-me nas salas das *Thermas*, visinhas do Pécilo, [3] debaixo de uma figueira, que no seu crescimento havia derribado o panno de uma parede. Em um pequeno salão octogono, aberto diante de mim, uma videira brava tinha furado o zimborio do edificio, e a sua grossa cepa lisa, vermelha, e tortuosa, trepava ao longo da parede, como uma serpente. Para todos os lados em volta de mim a través das arcadas das ruinas, se abriam perspectivas do campo de Roma. Moutas de sabugueiro enchiam as salas desertas, onde vinham refugiar-se alguns melros solitarios. Os fragmentos da alvenaria estavam alcatifados de folhas de escolopendra, cuja verdura assetinada se desenhava, como uma obra de mosaico, sobre a alvura dos marmores. Aqui, e alli altos cyprestes substituiam as columnas caidas nestes palacios da morte; o acantho bravo rastejava a seus pés sobre fragmentos, como se a natureza se houvesse aprasido em reproduzir sobre estes primores de obra mutilados da arquitectura o ornamento de suas bellezas passadas. As diversas salas, e os cimos das ruinas assemelhavam-se a açafates, e ramalhetes de verdura; o vento agitava as suas grinaldas humidas, e todas as plantas se inclinavam debaixo da chuva do ceo.

Entretanto que eu contemplava este quadro, mil idéas confusas se apinhavam no meu espirito; ora admirava, ora detestava a grandeza romana; ora pensava nas virtudes, ora nos vicios deste proprietario do mundo, que tinha querido juntar uma imagem do seu imperio no seu jardim. Lembrava-me dos acontecimentos, que haviam destruido esta *villa* magnifica; via despojada de seus mais bellos ornamentos pelo successor de Adriano; os barbaros passarem ahi cómo um redomoinho; acantonarem-se nella algumas vezes: e para se defenderem, nestes mesmos monumentos, que elles haviam meio destruido, coroarem a ordem grega e toscana com ameas gothicas; em fim religiosos christãos, reconduzindo a civilisação para estes lugares, plantavam a vinha, e conduziam a charrua pelo *templo dos stoicos*, e pelas *salas da academia!* D'alli a pouco o seculo das artes renascia, e novos soberanos acabavam de destruir o que ainda restava das ruinas destes palacios, para ahi achar alguns primores de obra das artes. Com estes diversos pensamentos se misturava uma voz interior, que me repetia o que cem vezes se tem escripto sobre a vaidade das coisas humanas.

Ha até dobrada vaidade nos monumentos de *Villa Adriana*; é bem sabido, que elles não eram senão imitações de outros monumentos espalhados nas provincias do imperio romano; o verdadeiro templo de *Serapis* em Alexandria, a verdadeira *academia* em Athenas, já não existem; não vedes por conseguinte nas copias de Adriano senão ruinas de ruinas.

Seria necessario agora, meu caro amigo, descrever-vos o templo da Sibilla em Tivoli, e o encantador templo de Vésta suspenso sobre a cascata: mas não tenho tempo. Eu tambem sinto não poder pintar-vos esta encantadora cascata celebrada por Heracio; eu estava lá nos vossos dominios, herdeiro da simplicidade elegante dos Gregos, o do *simplex munditiis* [4] do cantor da *Arte Poetica*; vi-a n'uma estação bastante triste, e eu não estava muito alegre. Dir-vos-hei mais; enfadou-me este ruido das aguas, que tantas vezes me encantara nos bosques americanos. Ainda me recordo com quantas delicias á noite, no meio do deserto, quando a minha fogueira estava meia apagada, o meu guia adormecido, e meus cavallos pastando a alguma distancia; recordo-me, digo eu, com quantas delicias escutava a melodia das aguas, e dos ventos na profundidade dos bosques. Estes murmurios ora mais fortes, ora mais brandos, crescendo, e diminuindo a cada instante, me faziam sobresaltar, e cada arvore era para mim uma especie de lyra harmoniosa, da qual os ventos tiravam ineffaveis harmonias.

Hoje em dia conheço, que estou menos sensivel a estes encantos da natureza; e duvido, que a cataracta do Niagara me causasse a mesma admiração, que outr'ora. Para quem é muito moço a natureza muda *falla* muito, porque ha superabundancia de sentimentos no coração do homem; *todo o seu futuro está diante delle* (se o meu Aristarcho me quizer perdoar esta expressão); elle espera realisar no mundo as suas sensações, e nutre-se de mil quimeras; mas em uma idade mais avançada, quando a *perspectiva, que tinhamos diante de nós, passa para traz*, quando nos desenganamos de uma multidão de illusões, então a simples natureza torna-se mais fria, e menos fallante, os *jardins fallam pouco*. [5] Para que ella ainda vos interésse, é mister ligar-lhe lembranças da sociedade, porque em nós sós já não achamos quanto nos baste: a solidão absoluta nos peza, e são-nos mister *estas conversações, que se fazem á noite em voz baixa entre amigos*. [6]

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Phenomenos atmosphericos. — Os jornaes de Paris de 10 do mez corrente referem que os passeantes dos boulevards, que ainda por alli andavam á meia-noite, foram testimunhas de um phenomeno curioso. O céu estava mui limpo e o ar penetrante; de subito mostrou-se uma exhalação, das que o vulgo

[2] Job.

[3] Monumentos da Villa.

[4] « Elegante simplicidade. » Hor.

[5] La Fontaine.

[6] Horacio.

chama estrellas que correm, e percorreu espaço consideravel, deixando longo rasto de fogo, cuja claridade mui viva durou tempo bastante.

O inverno annuncia-se este anno com rigores precoces em quasi todos os pontos da França simultaneamente. Nos departamentos montanhosos, dos Alpes, dos Pyrenneus, das Cevennes, do Jura, já tinha cahido neve em abundancia, cobrindo os terrenos mais elevados. Nos departamentos mais proximos ao mar, os ventos d'oeste mui rijos e agudos acarretaram chuvas abundantes e glaciaes.

Em Paris já resfriava muito a temperatura, e cahia geada nos campos dos suburbios.

Inundações. — Nos paizes meridionaes do imperio austriaco, entrando o norte da Italia, tinham causado mui graves damnos os rios, que pelas chuvas e derretimento de neves trasbordaram, alagando os campos. O Drave, o Mur, o Save, o Pó, o Adige, entumescendo-se por aquellas causas, sahiram de seus leitos; nas suas margens consideravel valor de propriedades ficou destruido, occorrendo tambem perda de vidas.

Participações telegraphicas de Verona do dia 7 dizem que as aguas do Pó e do Adige baixaram; mas que continuando depois grossas chuvas se receavam novas cheias.

Em Pettau, proximo a Marburg, na margem esquerda do Drave, chegou a cobrir a agua os telhados de algumas casas. O Save arrebatou quasi todas as pontes no seu curso pela Alta Carniola; o territorio que circumda a cidade de Laybach parece um vasto lago. Tem de tal fórma nevado nas montanhas da Styria que em muitas partes estão interrompidas as communicações.

Operas do maestro Verdi. — A lista das operas compostas pelo Sr. José Verdi desde 1839 até 1850 é a seguinte.

Oberto conde de S. Bonifacio — representada pela primeira vez em Milão no outono de 1839.

Un giorno di regno — em Milão no outono de 1840.

Nabuco — em Milão, na quaresma de 1842.

I Lombardi — em Milão, no carnaval de 1843.

Ernani — na quaresma de 1844.

I due Foscari — em Roma, no outono de 1844.

Giovanna d'Arco — em Milão, no carnaval de 1845.

Alzira — em Napoles, no verão de 1845. Nesta cantaram Fraschini e Coletti.

Attila — em Veneza, no carnaval de 1846.

I Masnadieri — em Londres, na primavera de 1846, executada pela Sr.ª Jenny Lind, e Srs. Gardoni, Coletti, Lablache, e Bouché.

Macbet — em Florença, na quaresma de 1847.

Gerusalemme = em francez com algumas peças novas e bailados em Paris (theatro da academia franceza), no outono de 1847.

Il Corsaro — Em Trieste, no outono de 1848.

La Battaglia de Legnano — em Roma, no carnaval de 1849.

Luiza Miller — em Napoles, no Carnaval de 1850.

Stiffelio — em Trieste, no outono de 1850.

Theatro de S. Carlos. — A empreza deu o primeiro baile desta epocha theatral *A filha das flores* que subiu á scena na quarta feira passada, repetindo-se em tódas as noites subsequentes.

O baile é puramente fantastico, composto pelo celebre coreographo Perrot para madame Grisi, sob o titulo de *Les Cinc Sens*. O seu enredo não é de grande interesse, e como em todas as composições deste genero não está ligado a preceitos dramaticos: todavia, é de bonito effeito, tem lindos passos, proscrevendo a fastidiosa mimica, e M. Cappon merece muitos elogios pela boa ordem e boa direcção que lhe deu.

A empreza nada poupou no *mise en scène*, sendo os vestuarios e toda a decoração de muito bom gosto, ricos, e elegantes, tendo-se emendado alguma impropriedade do machinismo que appareceu na primeira noite.

Apesar disto, é força dizer que o baile por acabar friamente teria naufragado se não fossem os raros talentos de madame Monticelli, que o livrou dos escolhos, e o conduziu a porto e salvamento.

Sempre fizemos o mais alto conceito do merito desta eximia artista, desde que a vimos no nosso theatro: mas ao presente ella excedeu muito a nossa expectação, e são inquestionaveis os seus progressos desde a épocha passada. O mimo e a graça com que no *adagio* do seu *pas-de-deux* executa os *tableaux*, — a força, o vigor, e a exactidão com que dança no *allegro*, e a agilidade e elevação que desenvolve nas suas *variações*, seriam sufficientes para formar uma reputação artistica.

Em seguida á *scena do espelho* madame Monticelli executa, com uma perfeição que raras vezes temos visto, um passo a *solo*, que é de summa difficuldade, e por ultimo dança com muito mimo o pequeno passo hespanhol, com que termina o baile.

Madame Monticelli tem ganho um brilhante triumpho no theatro de S. Carlos, e o publico a tem acolhido com repetidos applausos logo ao comparecer na scena, e lhe tem feito uma ovação no fim dos seus passos, chamando-a repetidas vezes ao proscenio. Justos e merecidos são estes applausos, porque ha muitos annos que não temos tido sobre a nossa scena uma bailarina de tão distincto merecimento.

M. Cappon tem sido applaudido, e na verdade dança muito bem, mas os dançarinos no nosso theatro nunca chegam a arrebatar o espectador.

Madame Cappon na pequena parte que toma neste baile vai muito bem, e não ha direito a exigir mais da sua collocação artistica.

Os pinceis dos Srs. Rambois e Cinatti obraram novos prodigios, particularmente na ultima scena, que tem sido admirada com repetidos applausos.

Tem continuado as representações da *Lucia* e da Nina, e na sexta feira proxima subirá novamente á scena a opera de Verdi, *I Masnadieri*, desempenhada pela Sr.ª Arrigotti, e pelos Srs. Musich, Mancusi, e Goré.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicaram-se as segundas edições dos *Compendios de Chorographia portugueza e Historia portugueza* para uso das aulas de instrucção primaria, por *João Felix Pereira*, lente de Geographia e Historia no lycêo nacional de Lisboa.

—

Compendio de Historia de Portugal — approvado pelo conselho superior de instrucção publica, para uso das aulas de instrucção secundaria, pelo mesmo.

Vendem-se na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8. O primeiro por 240, o segundo 240, o terceiro 800 réis.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA.

Em todos os dias não sanctificados, das 10 horas da manhã até ás 2 da tarde, e na fórma indicada no primeiro annuncio, que para este fim se publicou no *Diario do Governo* de 6 do corrente, e nos outros jornaes de Lisboa, se receberão (até ao dia 30 de Novembro) no local destinado para esta exposição, no Terreiro do Paço, (edificio das Obras Publicas) os objectos que para alli se queiram mandar, e que sejam respectivos á agricultura de Portugal, ou ás suas provincias ultramarinas, como são — 1.° vinhos, aguas-ardentes, licôres, e todas as bebidas alcoholicas nacionaes, cervejas, vinagres, etc.: 2.° cereaes de todas as especies, e legumes; 3.° azeite, e todos os oleos vegetaes; 4.° carnes salgadas, ou de qualquer maneira preparadas; 5.° manteigas e queijos; 6.° lãs e pelles; 7.° seda, algodão, linho, canhamo, e qualquer producto de plantas fibrosas; 8.° mel e cera; 9.° fenos especiaes; 10.° raizes para sustento humano e dos gados; 11.° fructas; 12.° fructas passadas; 13.° doces de quaesquer fructos; 14.° toda a sorte de conserva de fructos da nossa agricultura; 15.° madeiras para marcenaria; 16.° madeiras para toda a sorte de construcção; 17.° sal; 18.° quaesquer sementes, como a herva dôce, para usos domesticos; 19.° sementes para uso das boticas e das artes; 20.° plantas seccas de qualquer valor; 21.° productos importantes exoticos, mas produzidos em Portugal; 22.° toda a manufactura importante, que até ha pouco vinha de fóra, mas que, começando a fabricar-se em Portugal, o seu maior valor seja o da materia prima, quando esta seja um dos nossos productos agricolas; 23.° raizes, resinas, cortiças, ou outras cascas importantes para qualquer uso; 24.° plantas de horticultura; 25.° plantas medicinaes; 26.° plantas applicadas ás artes; 27.° quaesquer plantas valiosas em qualquer outro sentido; 28.° plantas raras de jardinagem ou que sendo desta ordem, mereçam alli concorrer; 29.° machinas e instrumentos agrarios; 30.° quaesquer machinas de fabricação de productos agricolas, que devam alli apparecer; 31.° os melhores tractados d'agricultura, ou elles sejam abrangendo em geral todos os ramos, ou para qualquer das suas especialidades; 32.° os escriptos ou impressos sobre alguma descoberta vantajosa para a agricultura, bem como os que exponham as vantagens, resultados, difficuldades, ou quaesquer reflexões a respeito de instrumentos, machinas ou culturas novamente introduzidas; 33.° ainda que se não possam dizer productos da agricultura, comtudo se receberão tambem quaesquer amostras das minas portuguezas. 34.° E no mesmo sentido todos os productos das nossas provincias ultramarinas.

Quanto ás plantas importantes, a sua recepção terá logar nos tres dias antecedentes áquelle em que esta exposição se deverá abrir á concorrencia publica, como se annunciará opportunamente. Lisboa 15 de Outubro de 1851.

AYRES DE SA NOGUEIRA.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 17. QUINTA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A BETARRABA.

Já se tem passado alguns annos depois que varias pessoas tem recommendado esta planta como um objecto que, pela sua grande importancia, muito convinha introduzir na lavoira portugueza.

Tambem alguns se tem passado desde que alguns curiosos tem tentado com mais ou menos felicidade obter productos satisfactorios daquella raiz: collocados, os que tem feito estas experiencias, em differentes terrenos e climas, ainda que não a muitas leguas de distancia uns dos outros, não tem alcançado resultados eguaes: uns tem esmorecido, outros animado a ponto de esperarem com o auxilio desta abençoada planta poderem estabelecer um bom afolhamento. Eu estou neste ultimo caso. Não apresentarei contas de cultura com todos os preceitos que exige uma contabilidade bem montada; limitar-me-hei a narrar simplesmente o processo que tenho seguido para a sementeira e mais trabalhos.

Não é só a obrigação que supponho termos nós os lavradores de communicarmos uns aos outros aquillo que a experiencia mostra ser-nos util, que me impelle agora a fazer esta publicação; mas porque assento que, nesta conjunctura, em que se está prevendo uma grande calamidade para os lavradores por falta de chuva, é rigorosa obrigação fallar de uma coisa que me persuado servirá de grande remedio para enxugar as lagrimas aos que *choram quando chove e quando não chove* — como bem disse e escreveu um amigo a quem muito respeito.

Se pelas mais partes de Portugal o anno vae começado tal qual se apresenta na Estremadura, não é de admirar, que os lavradores, principalmente os pouco abastados, se aterrem vendo o estado dos seus ferrejos. Estamos no meado de Novembro e apenas haverá ferro e meio de enxada de terra repassada, e em chão valente ainda menos. Não se vê verdejar um unico nabal; os ferrejos da tarifa como centeios, cevadas, apenas estão sahindo da terra, e mais de metade ainda estará por semear. Se estes annos passados tem sido seccos, este vae ainda peor nesse sentido.

Um bom conselho que em todos os tempos deveria ser aproveitado, é n'um caso destes que pode ter mais influencia, por isso que será considerado como um remedio para conservar o equilibrio em que a nossa rotina se achava e que a natureza parece querer quebrar.

Já se vê que pertendo aconselhar aos lavradores que usem da betarraba como um supplemento de comida para o seu gado de trabalho: não vou tão longe que os aconselhe para que a façam entrar no geral da cultura, o que importava o mesmo que aconselhar uma revolução economica na nossa lavoira pela mudança de afolhamentos, necessidade de mais ou menos estabulação, e de alteração em todas as outras coisas que traz comsigo um systema novo, e desconhecido entre nós: systema em que eu entrei, de que espero tirar vantagens e de resultado do qual, em tempo competente, darei conta pela imprensa. Não é tanto que eu quero aconselhar: trato sómente de dar um remedio, como já disse, para estas oscillações do equilibrio rotineiro.

Estou persuadido que a maior parte das pessoas a quem esta leitura pode aproveitar, tem estudado alguma coisa sobre a agricultura: aos que o não tiverem feito não lhes faltarão livros em que esteja descripto e bem descripto tudo que diz respeito á betarraba; por isso limitar-me-hei a contar o que se tem passado em minha casa. Usarei nesta narração dos termos que empregam os lavradores do districto de Torres Vedras.

Ha quatro annos que comecei a cultura da betarraba e seja dito de passagem que devo esta preciosidade ao amigo a quem já alludi, amador apaixonado da agricultura, e que talvez venha um dia a ser reconhecido como um dos seus principaes regeneradores entre nós.

Tenho ensaiado todas as variedades; não fiz observações rigorosamente comparativas, mas pelo que se pode apreciar genericamente inclino-me a preferir as chamadas *globos*, e destas talvez as encarnadas, que parecem ser as menos sujeitas á lagarta, que este anno as atacou bastante, o que se poderá attribuir á falta de agua: pois consta do meu registo que desde o primeiro de abril nunca mais choveu até aos fins de outubro.

A rasão porque eu particularmente adoptarei os

globos é sobre tudo pela qualidade do meu terreno que em geral é muito máus, assentando sobre camadas d'argila mais ou menos impermeavel.

Tenho sempre mandado vir a semente de Inglaterra. Foi este o primeiro anno que reservei uma porção de pés para me fornecer a semente para o anno que vem. As informações de algumas pessoas, que tem cultivado esta planta e procurado reproduzil-a pelas sementes que obtiveram, não são satisfactorias; dizem que degeneram consideravelmente: póde isto attribuir-se não só ao clima, mas talvez com mais rasão á má escolha das plantas reservadas para a reproducção a que os francezes chamam *portieres*. Conto fazer experiencias a este respeito.

QUALIDADE DO TERRENO.

Tenho experimentado nesta cultura todas as qualidades de terreno: os que me parece não convirem absolutamente são os extremamente tenazes, principalmente os desprovidos de calcareo. Nos salgados de chão delgado, dão-se as beterrabas perfeitamente.

PREPARAÇÃO DO TERRENO.

Em quanto á preparação do terreno, não devem as pessoas que quizerem tentar esta cultura assustar-se com o apparato que disso tem feito alguns escriptores nossos querendo inculcar a propagação da beterraba. Tenho semeado e plantado em terrenos lavrados para differentes destinos, quer dizer com lavoiras mais ou menos fundas feitas com os arados ordinarios do paiz: em terrenos preparados com lavoiras de palmo, e palmo e meio de fundo, com as araveças d'aiveca fixa e sobre esta lavoira dando gradagem sobre gradagem, e fazendo talhar com as araveças da terra: tambem tenho plantado em terreno absolutamente preparado á enxada, isto é, surribados e mais preparos ordinarios neste caso. Por todos estes differentes modos, tenho obtido producções assás satisfactorias, de maneira que já daqui se conclue que para esta cultura não se exige extraordinaria preparação do terreno.

Em quanto á maneira de estrumar e semear tenho seguido pouco mais ou menos o methodo chamado inglez, que Valcourt descreve muito bem, e que se reduz ao seguinte. Depois do terreno estar gradado e muito bem esterroado, faço abrir regos com o arado ordinario segundo a direcção da derrega; o que se exprime no meu districto por *acambadulhar ou espigoar a terra*: os regos devem ter entre si a distancia de dois a tres palmos. Feito isto, mando carrear ficando o estrume em montes para não estragar a lavoira com o rodar das carretas, e pelo mesmo motivo faço espalhal-o com cestos pelos regos, na mesma quantidade regularmente, como para a batata.

Acabada a carrêa, abrem-se os cambadulhos ou cristas dos regos com o mesmo arado ordinario, de maneira que a terra fique com igual apparencia á que tinha antes de estrumada; mas com o estrume coberto e ficando os novos regos no logar dos cambadulhos. O lavrador que vira a terra para cima do estrume deve ter o cuidado que as duas leivas que formam o novo cambadulho não unam perfeitamente, a fim de se formar um pequeno rego no qual se fará a sementeira.

SEMENTEIRA.

A sementeira póde ser continua por todo o rego feita pouco mais ou menos como a do milho para ferrejo, ou tambem dispondo a semente de espaço a espaço. conforme a distancia a que se querem as raizes. O systema com que me tenho dado melhor é o da collocação das sementes de meio em meio palmo com pequena differença.

Em seguimento á pessoa que semeia vai outra cobrindo a semente com a enxada ou com as costas do ansinho quando o terreno é leve, não devendo a semente ficar enterrada a mais de dois a tres dedos de altura.

A época em que faço a minha sementeira é entre o mez de novembro e o principio de fevereiro: aconselharei sempre as proximidades do natal.

Como todos sabemos, as geadas são fortissimas em alguns sitios do nosso paiz; no meu clima são fracas por isso que estou sobre a costa, mas as pessoas que cultivarem em algumas localidades do Alemtejo, por exemplo, devem acautellar-se e em virtude disto atrazar ou adiantar a sementeira, isto é, escolher a melhor occasião entre novembro e fevereiro.

É nesta escolha da época da sementeira que dève haver muito cuidado não só em attenção ás geadas fortes de que acabámos de fazer menção; mas tambem a outras considerações que ha a fazer sobre a betarraba.

Cumpre-me declarar que a geada nunca matou a betarraba que tenho cultivado; posto que já, se bem me lembro, ha dois annos geasse forte no meado de janeiro; mas como me dizem que ha sitios aonde os rebentões dos mattos são destruidos por ella, já se vê o que aconteceria com as tenras, ainda que rusticas, folhinhas das betarrabas.

Uma coisa importante a que se deve attender na época da sementeira, é a seguinte: tenho notado, e não só eu, mas tambem outras pessoas, que as betarrabas semeadas ainda com o calor do outono, quero dizer nas aguas que vem pela vindima, tendem a espigar na primavera seguinte; isto é, a tornarem-se annuaes, tendencia que ellas sempre mostram mesmo quando são semeadas nas proximidades do natal, mas neste caso em tão pequena escala que de certo se não deve attender a isso.

É sabido que as betarrabas são bisannuaes; é esta a grande qualidade que as torna importantes porque o lavrador, que as semear este inverno, póde ter a certeza de que de S. João por diante até á primavera do anno seguinte tem sempre ás suas ordens uma excellente comida verde para dar ao seu gado.

TRATAMENTO DA PLANTA.

A maneira de tratar as betarrabas depois de nascidas é coisa muito facil. Quando deitam as segundas folhas necessitam que immediatamente se lhe acuda com o primeiro desbaste empregando os sachos da monda, e fazem-se então uns poucos de serviços, meche-se a terra, tiram-se as ervas más, e desbastam-se tirando os pés mais fracos e deixando os outros na distancia de tres quartos de palmo, se acaso a sementeira foi continua. Posto isto, nos fins de fevereiro, indo o tempo amoroso e de chuva, carecem d.

segundo desbaste feito da mesma maneira, deixando já então as plantas na distancia definitiva, no caso de se não quererem aproveitar algumas para trasplantar como acontece muitas vezes ser conveniente e como eu tive a necessidade de praticar o anno passado por causa de um incidente de que logo fallarei. Neste caso deixam-se os pés que se devem trasplantar a meia distancia dos outros que ficam, e verifica-se a trasplantação quando a planta chega á grossura do dedo minimo.

As distancias entre planta e planta, entre rego e rego, variam muitissimo conforme os tamanhos a que se pertende que as raizes cheguem. Os auctores divergem muito no aconselhar das distancias: o que me tem parecido melhor, e o que adoptarei, são dois e meio a tres palmos entre os regos, e tres a tres e meio palmos de raiz a raiz; e não se julgue que esta distancia é grande, pelo contrario acho-a pequena nos terrenos aonde ellas prosperam.

As pessoas que pertenderem obter raizes muito volumosas devem separar mais as plantas no mesmo rego e nunca augmentar a distancia entre os regos, porque assim a terra fica estrumada igualmente, o que não aconteceria alargando muito os cambadulhos, e seria mesmo mais difficil cobrir o estrume ao abrir das leiras, porque em caso de grande distancia nisso se converteriam os espigões.

Quando nos fins de março todos estes trabalhos estão concluidos, arrasa-se finalmente o terreno não tendo receio de que a raiz fique alguma coisa fóra para o que ella naturalmente tende.

Em quanto á desfolha não a aconselho: era necessario que fosse feita muito cuidadosamente a fim de se não tirarem se não as folhas que tendem a murchar, o que me parece impossivel obter das pessoas que nisso se empregam geralmente. Alem disso a folha, no meu intender é um sustento fraquissimo, é uma pouca de agua como vulgarmente se diz.

COLHEITA.

Em quanto á colheita da betarraba, tenho-a sempre feito á proporção que ella me vai sendo necessaria, mandando-a recolher ás carradas e contando sempre com um deposito de oito dias alem dos quaes ella principia a engelhar e a não ser tanto do agrado do gado, talvez por ter perdido muito da parte aquosa. Algumas pessoas tem-me feito a objecção a este meu methodo de ter o inconveniente de se não poder semear a terra aonde as betarrabas ficam como em deposito e que seria melhor guardal-as em casa. Esta reflexão é para mim pouco importante, porque no meu afolhamento segue-se á betarraba o milho cuja sementeira se faz em abril, época em que o apanho da betarraba tem já dado tempo para as lavouras de preparo.

Ainda não experimentei guardar grande quantidade de betarrabas em celleiro; por isso não posso dar opinião sobre o modo de as conservar; no entanto com a temperatura tão elevada do nosso clima, receio que se não possa sem inconveniente amontoar grandes massas desta planta para as conservar por muito tempo.

Um incidente que atraz apontei, e que me obrigou a uma trasplantação com que eu não contava foi o destroço que fizeram nuvens de calhandras que cairam sobre as betarrabas logo que appareceram as fo-

lhas seminaes: contra este mal que ataca a planta no principio do seu desenvolvimento se acautelarão os lavradores pelos meios ordinarios de espantar aves.

Sobre o artigo betarraba póde-se consultar com muito proveito o artigo de *Gasparin* no jornal d'agricultura pratica que se publica em França.

Casal da Barreira no concelho de Torres Vedras, 14 de novembro de 1851.

Emilio de Roure Auffdiener.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Continuado de pag. 180.)

O terreno que se quizer destinar para a sementeira de pinhão, a fim de se obter bom pinhal manso, deve ser algum tanto melhor do que o terreno com que se contenta o pinheiro bravo, pois lhe convem terreno mais fresco, e de mais profundidade: com tudo o pinheiro manso da-se bem em charnecas arenosas, e nas faldas das serras. Em terrenos de arêa solta, como são os areaes da nossa costa do mar, e em terreno onde a rocha fica perto da flor da terra, não medra muito o pinheiro manso, e ficam estes pinheiros sempre muito baixos: porém dão madeira mais forte, e revessada. O pinheiro manso até prospera bem nas vargeas, que não estão expostas a inundações: e tenho visto grandes pinheiros mansos na proximidade de vertentes.

Temos entretanto muitos terrenos em Portugal que convem se appliquem para sementeira de pinhal manso; servindo o dicto pinhal mesmo para bosques e aformosear quintas e fazendas, visto que dão uma copa de ramos frondosos, e é mais agradavel á vista do que o pinheiro bravo.

Qualquer sementeira que se tenha feito de pinhal manso, deve em primeiro lugar segurar-se com os necessarios aceiros, para que se lhe não possa communicar fogo das charnecas adjacentes; observando-se a este respeito tudo que temos dito antecedentemente relativo aos pinhaes bravos: — e deve-se ter muito cuidado que nenhuma qualidade de gado paste nos pinhaes novos, pois que a estes ainda o gado causa mais damno do que aos pinhaes bravos. O crescimento dos pinheiros mansos é muito mais vagaroso do que o dos pinheiros bravos; e por isso não se lhes precisa bulir em quanto não tiverem dez, ou doze annos de edade, quando convem que se lhes decotem os ramos inferiores, a qual operação se deve repetir de seis em seis annos, até que tenham trinta de edade. Quanto ao desbaste começará este no mesmo tempo em que principiar a tirar-se-lhe o motano inferior, e se faz sempre dalli em diante, quando se repetir aquella operação.

A experiencia me tem mostrado, que o pinheiro manso precisa mais trato do que o pinheiro bravo; o qual vai adiante estando em pinhal junto, sem outro tratamento; ao mesmo tempo que o pinheiro manso cresce muito mais ao alto, quando se lhe faz o decote, como fica dito, e dá então melhor madeira. Devo entretanto mencionar que os ramos inferiores que se lhes tiram, devem ser cortados bem rentes do tronco principal. Como os pinheiros mansos encopam

mais em ramagem, nunca pódem os pinhaes desta especie ser conservados tão bastos como se deve praticar com os pinhaes bravos, com tudo a regra geral é, que os ramos de uns devem sempre tocar nos ramos dos visinhos.

(Concluir-se-ha.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 171).

1067 PRATO BRANCO COM FILETES PRETOS, DITA.
1068 PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1069 PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1070 PRATO PINTADO, PRETO GRANDE, FOGO, DITA.
1071 PRATO PINTADO AZUL GRANDE, FOGO, DITA.
1072 PRATO PINTADO AZUL GRANDE, FOGO, DITA.
1073 PRATO PINTADO AZUL, IMITANDO CANTON, DITA.
1074 MOLHEIRA E PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1075 CHICARA E PIRES, AZUL GRANDE FOGO, OURO PLATINA, DITA.
1076 CHICARA E PIRES, AZUL GRANDE FOGO, OURO PLATINA, DITA.
1077 CHICARA AZUL GRANDE FOGO, OURO, DITA.
1078 CHICARA AZUL TURQUEZA E OIRO, DITA.
1079 CHICARA DOURADA E FILETES AZUES DITA.
1080 CHICARA DOURADA DITA.
1081 CHICARA DOURADA E PINTADA COM FILETES, DITA
1082 CHICARA, OURO, AMARANTO E AZUL, DITA.
1083 CHICARA PINTADA, BISTRE E OURO, DITA.
1084 CHICARA VERDE E OURO, DITA.
1085 CHICARA DOURADA, DITA.
1086 CHICARA DOURADA E PINTADA DE FLORES, DITA.
1087 CHICARA DOURADA, DITA.
1088 DOZE CHICARAS VERDES OURO E FLORES, DITA.
1089 DOZE CHICARAS FILETES E FESTÕES AZUL GRANDE FOGO E OURO, DITA.
1090 DOZE CHICARAS BRANCAS, FILETE DE OURO, DITA.
1091 UM SERVIÇO DE CHA BRANCO E OURO DITA.
Contendo 20 peças, a saber: bule, cafeteira, assucareiro, leiteira, manteigueira, tijella, dois pratos, e doze chicaras e pires.
1092 UM SERVIÇO DE CHA, VERDE E OURO, DITA
Contendo 20 peças, como no antecedente.
1093 CHICARA PARA CALDO, COM TAMPA E PRATO PINTADO DE BISTRE E OURO, DITA.
1094 LAMPARINA PINTADA E DOURADA, COM BULE PARA AGUA, DITA.
1095 CHICARA PARA CALDO COM PIRES AZUL GRANDE FOGO, IMITANDO CANTON, DITA.
1096 DOZE MOLETAS PARA FEIXOS DE PORTAS, PINTURAS DIVERSAS, DITA.
1097 TERRINA DOURADA.
1098 PRATO COBERTO.
1099 SALVA DE PÉ
1100 FRUCTEIRO DE PÉ.
1101 TRAVESSA COMPRIDA.
1102 TRAVESSA GRANDE PARA ASSADO.
1103 TRAVESSA GRANDE.
1104 TRAVESSA MENOR.
1105 PRATO SOPEIRO.
1106 PRATO CHATO.
1107 PRATO DE DESSERT, DITA.
1108 PRATO PARA QUEIJO, DITA.
1109 BOTIJA DE GRÉ, DITA.
Estes 66 productos de n.° 1044 a 1109, são expostos pelo fabricante, José Ferreira Pinto Bastos.
Aveiro.
A fabrica está situada na Vista Alegre.
1110 TALHA DE BARRO.
Alemtejo.
Serve para guardar vinho e azeite.
N. B. Fazem-se de 6 pipas e mais de capacidade.
1111 DUAS PANELLAS DE BARRO.
Avada, districto d'Aveiro.
Notaveis pela sua resistencia ao fogo, apesar da pouca espessura do barro.
1112 ESTEIRA BRANCA LAVRADA. — Expositor e fabricante, João Baptista de Sousa.
Lisboa.
1113 ESTEIRAS DE CORES. — Expositor e fabricante, João Baptista de Sousa.
1114 ESTEIRA BRANCA PEQUENA. — Expositor e fabricante, Ferreira.
Lisboa.
1115 ESTEIRAS DE CORES PEQUENAS. — Expositor e fabricante, Ferreira.
1116 COMMODA.
1117 GUARDA ROUPA.
1118 CAMA.
Estes 3 productos de n.° 1116 a 1118, são expostos pelo fabricante, Rafael Futcher.
Armazem de moveis em Lisboa.
Este movel n.° 1116, é feito todo de madeira do paiz.
1119 CADEIRA PARA INVALIDO.
Feita no Arsenal do Exercito.
Lisboa.
1120 TONEL (MODELO). — Expositor e fabricante, A. P. Rangel.
Lisboa.
N. B. Fazem-se de 30 pipas e mais de capacidade.
1121 SELIM. — Expositor e fabricante, José Valentim de Figueiredo.
Lisboa.
1122 SOLA. — Expositor e fabricante, Domingos da Cunha Fialho.
Lisboa.
1122 SOLA. — Expositor e fabricante, Manuel Ferreira Bretes.
Bis.
Lisboa.
1123 BEZERRO. — Expositor e fabricante, Domingos da Cunha Fialho.
Lisboa.
Vide n.° 1122.
1123 A. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Manuel Baptista Monteiro Junior.
Lisboa.
1123 B. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Francisco Tavares Barreto.
Lisboa.
1123 C. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Christovão José Fernandes de Sousa.
Guimarães.

1123 D. BEZERRO. — Expositor e fabricante, José Gueifão Bello.
Mação, districto de Santarem.
1124 MARROQUIM ENCARNADO.
Lisboa.
1124 A. MARROQUIM ENCARNADO MAIOR.
Lisboa.
1124 B. MARROQUIM AZUL ESCURO OU ROXO.
Lisboa.
1125 CARNEIRA.
Lisboa.
1125 A. CARNEIRA. — Expositor e fabricante, Manuel Ferreira Bretes.
Torres Novas.
1125 B. ANTA AMARELLA.
Lisboa.
1125 C. PELICA BRANCA.
1126 PELLES DE CHIBATO. — Expositor e fabricante, José Gueifão Bello.
Mação, districto de Santarem.
Fabrica, vide n.º 1123 D.
1126 A. ODRE. — Expositor e fabricante, Cosme Augusto Fragata.
Santarem.
1126 B. BORRACHA. — Expositor e fabricante, Cosme Augusto Fragata.
Santarem.
1126 C. BALDE DE SOLA.
Feito no Arsenal de Marinha.
Lisboa.
1127 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, COM HASTE DE PAU POLIDO, E SEDA DE COR COM BARRA. — Expositor e fabricante, Joaquim José dos Reis.
Fabrica em Lisboa, rua do Almada n.º 73.
1128 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA RISCADA, COM HASTE DE PAU POLIDO.
1129 CHAPEO DE SEDA COM BARRA PARA SENHORA, COM HASTE DE PAU POLIDO.
1130 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO (DE SEDA).
1131 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1132 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1133 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1134 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, E A HASTE METADE DE MARFIM.
1135 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE COR (SEDA) COM ARMAÇÃO DE AÇO E CABO DE MARFIM.
1136 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE TAFETÁ COM HASTE DE PAU.
1137 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM ARMAÇÃO DE AÇO E HASTE DE MARFIM.
1138 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA PRETA COM HASTE DE FERRO E CABO DE MARFIM LAVRADO.
1139 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM ARMAÇÃO DE AÇO E CABO DE MARFIM.
1140 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM BARRA PROPRIO PARA CREANÇAS.
1141 CHAPEO DE SOL DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, PUNHO DE MARFIM, PROPRIO PARA CREANÇAS.
1142 CHAPEO DE SOL DE SEDA BRANCA, COM BARRA E HASTE DE PAU PROPRIO PARA CREANÇA.

1143 CHAPEO DE SOL DE SEDA BRANCA COM ARMAÇÃO DE VIRAR AO LADO, VARETAS DE AÇO, CABO DE MARFIM LAVRADO E FERRAGEM DE PRATA.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XII.

FILIPPE EM TERRA D'AMIGOS.

(Continuado do n.º antecedente)

O commendador estremecia este mancebo, que tinha sido seu pupillo depois de perder o pai aos quinze annos, e a mãi poucas horas depois de nascer. De uma casa rica, do sangue fidalgo dos cavalheiros de provincia, Jeronymo Guerreiro fôra desde os doze annos educado por Lourenço Telles, devendo-lhe a variada instrucção, que possuia, e as delicadas maneiras, que o tornavam distincto. O velho erudito amava este pupillo, como filho, applaudindo muito por isso o seu amor por Theresa, á qual logo destinou uma parte na herança da sua avultada fortuna. A vocação de Jeronymo chamava-o para a carreira militar; e graças á intimidade do tutor com os homens politicos conseguiu merecido accesso. Tendo servido cinco annos na marinha real, desgostoso de viver ausente das pessoas que presava, passou para o exercito, na arma de cavallaria, e foi então que viu e conheceu a familia de Filippe da Gama. Na guerra da successão obteve o posto de capitão, com que el-rei o premiou de serviços relevantes.

Forte como Achilles, e astuto como Ulisses, tinha um corpo insensivel ás fadigas, e um espirito que se deleitava com os perigos, arrostando-os pelo gosto de os encontrar. No conflicto de uma carga de cavallaria, viam-no amigos e inimigos, risonho, sereno e invulneravel, abrir caminho até chegar ao ponto arriscado. Debaixo de um chuveiro de ballas ouviam-no citar friamente um verso, ou dizer um gracejo, com a placidez do academico na sua poltrona curul. O Marquez das Minas, o primeiro capitão desta guerra, só delle confiava emprezas temerarias. Os outros generaes respeitavam o seu valor, o seu talento, e o seu raro sangue frio.

É verdade que elle da sua parte tambem sa-

bia fazer-se respeitar. Um mestre de campo tractou grosseiramente a officialidade do seu regimento; devoraram todos a affronta em silencio; Jeronymo não disse nada, fez-se branco somente, e frisou as guias do bigode entre o indice e o polegar. Quem o conhecia previu um desforço. Depois de tudo concluido, o mestre de campo recolhia-se a Elvas, quando viu o nosso capitão correndo sobre elle com a velocidade do relampago. Chegando ao pé do official, já transido de medo, Jeronymo perfilou o cavallo com o delle; pegou-lhe na mão, e disse-lhe secamente, mas sem alteração de voz: « lembra-se do que disse? » O mestre de campo ia desculpar-se, porém não teve tempo, porque foi logo atalhado: — « Não responda, que posso ter vergonha de o ouvir. Receio que a sua espada seja mais curta do que a lingua. Estamos sós; trazemos espadas; é o que basta. » O pobre homem suava, tremia, e calava-se. « — Percebo! continuou o capitão. Ora bem! Podia matal-o, ou cortar-lhe a cara com este chicote; mas não quero. V. m. não vale uma carga de pistolla; e respeito a farda apesar de despresar o covarde que a veste. Fique entendendo, porém, que se tornar a descomedir-se, torço-lhe o pescoço, e viro-lho para as costas; ao menos uma vez na sua vida olhará de frente para o inimigo. Tome sentido! » Dito isto fitou-o e sacudiu-lhe o braço com tal doçura que uma semana esteve em tratamento.

Em quanto se deram estas explicações indispensaveis o commendador mandava preparar o quarto do capitão, sentava-o ao lado de Theresa, e fazia-lhe o prato, sentindo-se remoçado com a sua presença. Filippe já tinha obtido algumas informações, e olhava para o recem-chegado com tal curiosidade que Lourenço Telles julgou conveniente apresental-o ao seu pupillo para acautelar um relance, que a delicadeza do sobrinho tornava provavel.

— « Jeronymo, aqui está um defuncto ressuscitado! É meu sobrinho Filippe da Gama, que julgâmos morto, em quanto elle comia lagartos e serpentes nos sertões da America. Vem acharnos mais felizes do que nos deixou. »

E' inutil acrescentar que Filippe recebeu do mancebo as devidas felicitações, dadas da abundancia do coração, como era natural da parte do amante para o pai da mulher, que adorava. Acabado este incidente tornou-se geral a conversação, e Lourenço Telles encetou o capitulo escabroso dos casamentos de inclinação, ponto que discutia todos os dias com seu sobrinho, para o trazer á observancia dos respeitos consagrados ao bello sexo. Apenas o antiquario expoz o assumpto, Theresa fez-se muito vermelha; Jeronymo sorriu para disfarçar o sobresalto; Magdalena suspirou; e Filippe tomou a palavra e principiou a refutação das ideas ultra-liberaes do velho sabio:

— « Com licença do tio — disse elle em voz alta — esses amoricos são asneiras. Um casamento é um casamento, e não me contem historias. Faz-se negocio ou não se faz. Eu tenho dez, a mulher traz vinte, serve-me, e caso. Magdalena que o diga; nunca lhe puz os olhos em cima senão oito dias antes de irmos á egreja. O mais é frioleira. Sei o que digo. »

O commendador estava em brasa. Tossia, escarrava, contorcia-se, e mostrava por todos os modos imaginaveis o seu enleio.

— « Então compara as mulheres a um fardo e troca-as a dinheiro? Casa-se por uma conta de sommar?! Que seja prendada ou tola; que ame ou aborreça o marido; que traga a discordia ou a paz ao seio da familia, isso não vale nada. O essencial, é que derreie quatro gallegos com os dobroens do dote? »

— « Tal e qual! Eu cá penso assim. Não me fallem de rolinhas ou de rouxinoes; pão pão, e queijo queijo; o mais é farelorio! »

— « Bem se vê que sahiu do sertão! » exclamou o erudito escandalisado.

— « É a minha birra, e acabou-se! Não engulo gato por lebre. Então que quer? Chega um bonecrito de alcorce e entra a suspirar diante de uma espevitada; fazem-se piegas; piscam os olhos; pizam-se, choramingam, e dizem aos pais que estão namorados e querem casar. Bello! Se fosse eu, pegava de um páu e curava-os logo; mas ha estomagos para tudo. A mãe, tão tola como elles, deixa-os ir ou encobre-os. O pae faz beicinho e cede. Casam e dahi? No fim de dois mezes foi-se o amor e fica a pobreza. Esgatanham-se e desquitam-se. Ora muito obrigado! Para cá vinham de berlinda. Meta-se alguem nisso! »

— « Filippe, bem diz o abbade, v. mercê é um selvagem! » gritou Lourenço Telles vermelho de raiva.

— « O abbade?! » — clamou o sobrinho, dardejando ao defensor dos reis caligraphos um olhar ferino — « Pois o abbade tem a confiança de me chamar selvagem? E então que çapo! Meu amigo feche a bocca, e não engula gato por lebre. Ensaboe e penteie os caensinhos da marqueza das

Minas, e deixe-se de meter o nariz na vida alheia, senão agouro-lhe que morre sem costellas.»

—«Sr. Filippe!»—bradou o apologista das barbas historicas—«não se exceda comigo! Estou cansado de aturar a sua brutalidade.»

—«Sim? Porque não nos deixa em paz? Quem lhe pega. Favoreça-nos com a sua ausencia?»

—«Filippe, disse o commendador, pondo-se em pé, côr de purpura, dê immediatamente uma satisfação ao sr. abbade Silva. E se elle lhe fizer a honra de a receber, sente-se e porte-se com decencia. Senão pegue no chapeu, e sáia.»

O capitão, olhando de revez, resmungou uma satisfação ao abbade, que a ouviu com a dignidade imaginavel. Esta noite cotou-se a noventa por cento acima do pàr o seu odio ao prescrutador das bexigas doidas. Lourenço Telles, mais sereno depois desta penitencia, suppoz a occasião opportuna para tirar uma conclusão positiva, e por isso proseguiu:

—«Sustento que o casamento de interesse é uma tyrannia; e Theresa, que o diga; se ella não amasse o noivo quasi desde creança; se elle não a adorasse, tambem, desde que a conhece, dariamos consentimento para a sua união, minha sobrinha e eu? De certo, não! Prezamos mais a felicidade de Theresa do que as maiores riquezas; e graças a Deus, o que temos, ainda chega para a dotar... Mas que tem v. mercê Filippe? Que olhos tão espantados! Estamos em familia; isto são coisas sabidas.»

—«O que tenho?»—exclamou Filippe esfregando a testa e muito corado.—«Tenho tudo. Pelo que vejo tracta-se de casar minha filha, e por muito favor dizem-me duas ou tres palavras. Vae bonito. Aposto que a idéa sahiu dos cascos daquella seresma? Aqui por força anda o abbade, e a sua mania casamenteira! Isto um dia acaba mal; eu deito-me a perder com este parasita.»

A allocução de Filippe e a sua apostrophe ao abbade Silva foram tão abruptas, que desataram todos a rir, menos a victima, que repetia a macia voz:

—«Não ha que vêr. O selvagem cada vez está peior!»

Acalmado o riso, o citado Filippe, de novo para se conter em termos habeis sob pena de exclusão, continuou o dialogo:

—«Posso saber quem é a joia, que o tio me encaixa para genro?»

—«Um cavalleiro de provincia dos mais illustres; uma pessoa a todos os respeitos capaz de fazer a felicidade de Theresa. Quando v. mercê andava pelos matos do Brazil a assar macacos, sua mulher e eu demos a nossa palavra, e ajustou-se o casamento. Cuidei que estava informado.»

—«Não estou, não sr.!»—Deixa estar doudinha que tu as pagáras! disse depois olhando para Magdalena cheio de cholera.—«Sabes desta embrulhada, e não me dizes nada?! Fazes de teu marido um páu mandado! Eu te ensinarei.»

—«Filippe!»—acudiu Lourenço Telles indignado.—«Isso não são termos de fallar a uma senhora; nem de fallar a ninguem. Não me obrigue a dar algum passo que lhe seja muito sensivel. Se não sabia, sabe-o agora. Bem vê, Theresa não podia casar sem licença de seu pae.»

—«Agradeço-lh'o muito. Até ahi chego eu sem ir a Coimbra. Tanto não sabia de nada, que vem cá amanhã um antigo amigo para lhe mostrar Theresa, e no caso de lhe servir leval-a, se o tio não mandar o contrario.»

—«O que é mais que provavel!—Que idade tem o seu *antigo* amigo?»

—«Sessenta e oito annos. Homem maduro, pé de boi, cá dos meus, emfim.»

—«Famoso! Maduro que nem uma sorva, não? E a figura?»

—«Sofrivel! Para dizer a verdade, um pouco peior do que eu, mas é que eu...»

—«Entendo! E genio?»

—«O genio, tio, o genio... é fascosito; não o nego. Homem do mar costumado a cingir com um cabo o mais pintado; mas olhe, fóra dos repentes é um cordeiro. Se a ultima mulher, que teve...»

—«Ah, já é viuvo?»

—«Tres vezes! e o maldicto é capaz de enviuvar quarta.»

—«Isso é consolador!»

—«Então o que fez elle á ultima mulher?»

—«Quasi nada, tio. Deu-lhe o seu ensino. Era atrevida de lingua, e Bernardo em estando quente (é o seu defeito! todos temos por onde perder) não soffre graças. A verdade é que lhe quebrou os braços, e abriu a cabeça umas poucas de vezes; assim mesmo morria por elle!»

—«Sim?—gritou o velho erudito que se contivera a custo.—Pois, sr. Filippe, se esse gallego tiver a lembrança de entrar, só que seja entrar nesta casa, conte que sahe pela janella a pontapés dos meus lacaios. Um bebado! Um bruto! Um marujo! V. mercê é idiota, é incapaz de estar diante de gente.»

—« Tio, tudo isso assim será, mas pergunto; quem é o pai de Theresa?

—V. mercê não é nada! Quero dizer, está doido. Não se arrisque a desobedecer-me trazendo aqui similhante compendio de vicios! Que os meus olhos o não vejam por seu bem e delle. Lembro-lhe que ha torres em Portugal, e que tenho amigos. Agora, se deseja conhecer o noivo de Theresa, levante a vista, e compare, (se não tem vergonha de o fazer) o alarve de que fallou, ao meu pupillo Jeronymo Guerreiro. Dê graças a Deus! O amor que elle tem a sua filha ha de decidil-o, apezar do que ouve, a ligar-se com um sogro como V. mercê. »

Os circumstantes estavam corridos da scena, que presenceavam. Magdalena, chorosa; soluçava; Theresa olhava para Jeronymo com ar supplicante; Cecilia, vermelha, como uma rosa, padecia por sua mãe e por sua irmã, ao mesmo tempo. O pupillo do commendador encolhia os hombros, frisava o bigode com os dedos, e animava Theresa com os olhos. O abbade, com o rosto embutido em paches, e as côres da ira accesas nas faces, encostava a barba á palma da mão, com silenciosa dignidade. Fr. João, convulso e envergonhado, amiudava por baixo da meza os pontapés nas canellas de Filippe, para o advertir da sua incongruencia, e recebia em paga uma blasphemia ou uma interjeição fatal. Finalmente, Jeronymo Guerreiro levantou-se, e chegando-se a Filippe, disse-lhe com respeito e delicadeza:

—« O sr. Filippe póde estar certo de que sou incapaz de receber a mão de Theresa contra vontade de seu pae. »

—« Sim? Estimo. Mas não tenha cuidado; até ao levantar dos cestos é a vindima. »

—« Não gaste cêra com ruins defuntos, Jeronymo. » —acudiu Lourenço Telles.

—« Posso saber que defeitos devo corrigir para merecer a sua bondade? »

—« Póde, sim senhor. Mas antes, faz favor, responde-me a uma coisa? »

—« Com todo o gosto. »

—« Esteve fóra do reino? »

—« Cinco annos. »

—« Bom. Viu lá tractar algum pae como eu sou tractado? Agora quer que lhe diga a verdade? O que eu desejo para Theresa é um marido, que não caia do bote com o balanço da maré; e não enfie de medo vendo um jacareu empalhado. Quero um marido homem, e não um marido piegas, enjoado, e todo sopinhas de mel. Percebe? Isto não tem replica. O senhor é um militar de agua doce, e não me convém. Adeus meu amigo, tenho dito. »

—« Jeronymo deixe esse urso! —gritou o commendador com a ira a fuzilar nos olhos; porém o mancebo fez que não percebia, e sem se desarmar da paciencia, com que ouvira tudo, continuou:

—« Engana-se. Antes desta farda vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da bahia de Biscaia, e do golpho Persico são doces; ou as aguas de Gôa, de Malaca, e da America, são serenas: diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzilar os raios no Cabo da Boa Esperança; e ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brasil. Creio que isto chega para não enfiar no mar. »

—« Falla serio? É dos meus? »

—« Muito serio. »

—« Bem! Porque não dizia isso, homem? Toque! O que fazia nesses assados, aqui para nós, da pelle do demonio? »

—« Quaes assados? »

—« Os pampeiros! »

—« Ah! Pouco mais ou menos, o que fiz em Malaca, em um dia de tormenta. Lembra-se da nau *Conceição do Téjo?* »

—« Pois não lembro! Bonita quilha, por signal! Tanto me lembro, que se ella não viesse a Malaca estava agora na barriga de algum tubarão. Foi sabbado, dia de S. Bartholomeu, não me esquece nunca. Sahi do porto na minha lancha, com a manhã de rosas, e o mar de leite. Sobre o meio dia carregou o tempo, e levantou-se o vento: —aquelle excomungado ventinho que sabe; que é um cavallo á desfilada. Bom! estamos servidos. Amaina-se a vella; vamos a remos; qual! Pah, pah! Era cada pancada no costado, que gemia a lancha. Safa! Em fim, para encurtarmos rasões, uma onda como uma montanha desaba, apanha a casca de noz atravessada, e vira-ma de tampos para o ar. Não sei como, achei-me acavallo no mastro e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta agua em minha vida, puph! O caso é que estava a vinte braças do porto; via os amigos fallando muito, mas sem bolirem pé nem mão, e eu a afogar-me por triz. Que amaldiçoada canalha é aquella gente baça! De repente um escalersinho sahe pela popa da nau, e boleu daqui, boleu dacolá, prôa abaixo, prôa acima, vejo-o vencer-me a corrente, cortar o tufão, e chegar-se ao pé de mim. Nunca o perdi da

idéa! Trazia só um rapaz de dezoito annos; a chuva escorria-lhe da cabeça até aos pés. Vinha amarrado pela cintura; e remava como quatro bons malaios ás vezes não remam. Mesmo já ao pé de mim bate uma rajada, e uma onda, que metteu o escaler quasi debaixo de agua.... Estamos gualdidos, disse eu! Qual! O escaler vira com uma força tal, e uma rapidez, que a segunda onda não o apanhou já atravessado. Depois o rapaz deitou-me um cabo, eu segui-o, e d'ahi a nada. achei-me dentro. No meio do perigo, com a morte diante de si a cada instante, juro-lhe que a creança estava socegada como se passeasse por sua casa. Hei de lembrarme sempre do sorriso, com que me disse: « Chegue-se um pouco; o melhor da festa ainda não passou! » Com effeito disseram-me depois, que tinha sido o diabo! ».

— « Disseram-lhe? Pois não ia dentro? » — interrompeu o velho erudito, que se agasalhava com a sensação egoista, que dá o conchego, quando sentimos assobiar o vento e cahir a chuva, achando-nos ao pé de um bom fogão.

— « Disseram, sim senhor: porque um homem não é de ferro; e não sei como, ao entrar para o escaler apanhei uma brecha na cabeça, que me esvaiu em sangue. O caso é que perdi logo os sentidos, e quando tornei a mim estava na cama, e a salvo de todo o perigo. »

— « E nunca soube quem era o rapaz? »

— « Nunca! Na madrugada do dia seguinte, sahiu a nau, e por mais que perguntei, nem rasto do meu tritão. Dava mil dobrões a quem me desse noticia delle. Ia á India outra vez, olé se hia. »

— « Não é preciso, sr. Filippe » — atalhou Jeronymo sorrindo. Depois levando as mãos aos cabellos, espalhou-os pelo pescoço, deu ao rosto uma expressão risonha e audaz, e carregando os olhos de luz, atirou com um gesto de summa ousadia a cabeça para traz, dizendo em voz firme, porém juvenil: « Capitão, nestes mares, os homens trazem a vida a juros, e um descuido custa caro. Bebe um copo de agua ardente de caju? »

— « É elle, é elle! » — gritou Filippe abraçando e beijando o mancebo. » — São as palavras que me disse. E a sua figura, o seu modo, a sua voz. Magdalena, filhas, ajoelhem! Aqui está quem salvou seu pae. »

— « Socegue, capitão. Não me envergonhe. Isso não vale nada. »

— « É um heroe! Devo-lhe a vida! » — clamava Filippe.

— « Deve-a a Deus. Sabe o que lhe peço? Para outra vez tenha mais charidade comnosco, com os soldados de agua doce. Conheço mil, mais destemidos do que eu no mar. »

— « Essa é que eu não creio! Pois sr. Jeronymo, coração nas mãos, veja o que manda, porque tudo o que tenho é seu. Sem ceremonia; Gosta de Theresa e ella do sr. Jeronymo? Casem, quando quizerem; dêmos que ella não queria, era o mesmo, casava com anginhos nos dedos. Quer Cecilia? Prompto! Quer ambas, faço-me turco, e dou-lhas. É claro como agua. Salvou-me a vida. Eu cá penso assim. »

Jeronymo sorria-se e respondia a Filippe com abraços. Lourenço Telles esfregava as mãos de prazer; e as meninas choravam de alegria.

— « Ah, Jeronymo! » — disse o velho erudito — « os rapazes de agora sabem mais do que os velhos. Conheceu Filippe, e calou-se. Queria esperar a occasião, e confundir esta Ephigenia masculina, dando-lhe o Orestes, que chorava? »

— « Cartas na meza, jogo liso! — respondeu o mancebo. Ao principio não conheci o sr. Filippe. Depois de o vêr e ouvir um pedaço é que me affirmei nelle. Estimo infinito, que um acaso feliz me proporcionasse a occasião de.... prestar ao pae de Theresa um serviço insignificante. »

— « E sem saber ainda que o era! »

— « De certo » — accudiu Filippe. — « Eu casei no Porto, e de lá parti para a India. Tres annos depois deram-me por morto. Minha mulher veio para casa do tio.... »

— « Seis mezes depois da sua partida. É evidente; nesse tempo nem Jeronymo conhecia ainda Theresa. Embarcou tambem um mez antes della vir para Lisboa. Mas, diga, sobrinho, que tal acha seu genro? »

— « Optimo, tio. Ouve; se âmanhã vier?.. »

— « O elephante do seu amigo?.... »

— « Justo! Domingos que o sacuda. Oh, tio quando hão de elles casar? «

— « Se Theresa me fizer as vontades; se roubar ao seu noivo dois beijos para dar ao avosinho, em fim se não pedir muito..... Casam daqui a oito dias. »

— « Theresa, falle, dê os beijos, peça ao avô! » — gritou Filippe.

— « Peço eu; ella dá-me procuração.... » — disse Jeronymo sorrindo.

— «De vagar com os dois beijos! Para esses não admitto procuração» — acudiu o velho cheio de jubilo.

— «Posso agora dizer duas palavras a Theresa, e dar uma lembrança a Cecilia?»

— «Já lhe disse: o que é meu, é seu. O que quizer. Sei o que faço» — respondeu Filippe sepultando as mãos no enorme bolço da casaca.

Jeronymo disse duas palavras á sua noiva, que entrou logo com a irman para a saleta immediata; em quanto o mancebo ia de volta buscar o presente que trazia á menina bonita do commendador. — Apenas elles desapareceram, Filippe, saltando aos beijos em sua mulher, com grande escandalo do abbade, e muitas risadas de Lourenço Telles, exclamava:

— «Tens mais juiso nas solas dos pés do que eu em toda a cabeça, Magdalena. O rapaz é uma perola. Mas ha de levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos. Tu verás! Hei de dar que fallar em Lisboa!»

— «Pelo amor de Deus, sobrinho» — atalhou o commendador, tenho medo do seu genio. É capaz de me deixar sem uma cadeira, se lhe dá para fazer bulha!»

Todos se riram; e Lourenço Telles, retirando-se de parte com Filippe e Magdalena começou a tractar com elles das condições do casamento.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

(Continuado de pag. 190.)

Não deixei Tivoli, sem visitar a casa do poeta, que acabei de citar; estava em face da *villa* de Mecenas. Era alli, que elle offerecia *floribus, et vino genium memorem brevis ævi.* [1] A ermida não podia ser grande, porque está situada mesmo sobre o cume da collina; mas bem se conhece quão abrigado se devia estar neste lugar, e que tudo ahi era commodo, ainda que pequeno. Do pomar, que estava diante da casa, abrangia a vista um paiz immenso, verdadeiro retiro do poeta, a quem pouco basta, e *que goza de tudo o que não é seu. Spatio brevi spem longam recesses.* [2]

Em conclusão é muito facil ser filosofo como Horacio; elle tinha uma casa em Roma, duas *villas* no campo, uma em Utica, e outra em Tivoli. Bebia d um certo vinho do consulado de Tullus com seus amigos, *os seus aparadores estavam cobertos de prata;* elle dizia familiarmente ao primeiro ministro do senhor do mundo: *Eu não sinto as necessidades da pobreza; se quizesse alguma coisa mais, Mecenas, tu não m'o recusarias.* Com isto póde cantar-se *Lalage*, coroar-se de *lyrios, que vivem pouco, fallar da morte, bebendo o falerno, e entregar as aflicções ao vento.*

Observo que Horacio, Virgilio, Tibullo, e Tito Livio morreram todos antes de Augusto, que teve nisto a sorte de Luiz XIV: o nosso grande principe sobreviveu um pouco ao seculo, e foi o ultimo a deitar-se no tumulo, como para assegurar-se de que nada restava depois delle.

Ser-vos-ha sem duvida muito indifferente saber, que está situada a casa de Catullo em Tivoli, acima da de Horacio, e que serve agora de habitação a alguns religiosos christãos; mas achareis talvez bem notavel que o Ariosto viesse compor suas *fabulas comicas* no mesmo lugar, em que Horacio gracejou de todas as coisas da vida. Pergunta-se com sorpreza, como é que o cantor de Rolando, retirado a casa do cardeal de Est em Tivoli, consagrou suas *divinas* loucuras á França, e á França meio barbara, entretanto que tinha debaixo dos olhos os severos monumentos, e as graves lembranças do povo o mais serio, e o mais civilisado da terra. De resto a *villa* de Est é a unica *villa* moderna, que me tem interessado no meio das ruinas das *villas* de tantos imperadores, e consules. Esta illustre casa de Ferrara tem tido a felicidade, pouco commum, de ter sido cantada pelos dois maiores poetas do seu tempo, e os dois mais bellos genios da Italia moderna:

> « Piacciavi, generosa Ercolea prole,
> « Ornamento, e splendor del seccol nostro,
> « Ippolito, etc. »

É o brado de um homem feliz, que agradece á casa poderosa, cujos favores recolhe, e da qual elle mesmo é as delicias. O Tasso mais tocante faz ouvir na sua invocação os accentos da gratidão de um grande homem infeliz:

> « Tu magnanimo Alfonso, il qual ritogli, etc. »

É usar nobremente do poder, servir-se delle para proteger os talentos desterrados. Ariosto e Ippolito d'Este deixaram nos valles de Tivoli uma lembrança, que não cede em encanto á de Horacio, e de Mecenas. Mas que é feito dos protectores e protegidos? Neste mesmo momento, em que escrevo, a casa d'Este acaba de extinguir-se, e a sua *villa* cáe em ruinas, como a do ministro d'Augusto; é a historia de todas as coisas e de todos os homens.

> « Linquenda tellus, et domus, et placens
> « Uxor. [3] »
>
> Hor.

Passei quasi todo um dia nesta magnifica *villa*. Não podia cansar-me de admirar a vasta perspectiva, que se desfructa do alto dos seus eirados; aos meus pés estendiam-se os jardins com seus platanos, e cyprestes: depois dos jardins vem os restos da casa de Me-

[1] Flores e vinho ao genio, que nos recorda a brevidade da vida.

[2] « Encerra em estreito espaço longas esperanças. »
Hor.

[3] Será mister deixar a terra, a casa, a esposa adorada.

cenas, situada á orla do Anio; [4] do outro lado do rio, sobre a collina em frente, está um bosque de velhas oliveiras, onde se acham os restos da *villa* de Varus; [5] um pouco mais longe á esquerda, na planicie se elevam os tres montes, *Monticelli*, *S. Francesco*, e *St.° Angelo*; e entre as cumiadas destes tres montes visinhos apparece o cume longinquo, e azulado do antigo *Soracte*; no horisonte, e na extremidade do campo de Roma, descrevendo um circulo pelo poente e meio dia, descobrem-se as alturas do *Monte-Fiascone*, *Roma*, *Civita-Vecchia*, *Ostia*, o mar, *Frascati*, sobrepujado pelos pinheiros de Tusculum: em fim tornando a procurar Tivoli para o levante, a circumferencia inteira desta immensa perspectiva se termina no monte Ripoli, outr'ora occupado pelas casas de Brutus, e Atticus, e ao pé do qual se acha a *Villa Adriana*.

No meio deste quadro o Teverone desce rapidamente para o Tibre, e a vista póde seguir-lhe o curso até o ponto, em que se eleva o mausoleo da familia *Plotia*, edificado em fórma de torre. A estrada real de Roma se desenrola tambem pelo campo; era a antiga *via Tiburtina*, outr'óra orlada de sepulchros, e ao longo da qual palheiros de feno, elevados em pyramides, imitam ainda tumulos.

Seria difficil achar no resto do mundo uma vista mais propria para fazer nascer poderosas reflexões. Eu não fallo de Roma, cujos zimborios se descobrem e que só diz tudo; fallo sómente dos lugares, e dos monumentos encerrados nesta vasta extensão. Eis alli a casa, em que Mecenas, saciado dos bens da terra, morreu d'uma doença de debilidade. Varus deixou esta bella collina para ir derramar o seu sangue nos pantanos da Germania; e Cassius e Brutus abandonaram esses retiros para desordenar a patria. Debaixo destes altos pinheiros de Frascati Cicero dictava as suas Tusculanas: Adriano fez correr um novo Penêo ao pé desta collina, e transportou para estes lugares os nomes, os encantos, e as lembranças do valle de Tempe. Junto desta fonte da Solfatara a rainha de Palmira acabou seus dias na obscuridade, e a sua cidade d'um momento desappareceu no deserto; foi aqui que o rei Latino consultou o deus Fauno no Bosque d'Albuneo; era aqui que Hercules tinha o seu templo, e que a Sibilla Tiburtina dictava os seus oraculos; alli são as montanhas dos velhos Sabinos, as planicies do antigo Latium, terra de Saturno, e de Rhea, berço da edade d'oiro, cantada por todos os poetas; risonhas collinas de Tibur, e de Lucretila, cujas graças só o genio francez tem podido traçar, o que esperavam o pincel de Poussin, e de Claudio Lorrain.

Desci da *Villa d'Este* pelas tres horas da tarde; passei o *Teverone* pela ponte de Lupus, para entrar em Tivoli pela porta Sabina. Atravessando o bosque das velhas oliveiras, de que acabei de fallar-vos, descobri uma pequena capella branca, dedicada á *Madona Quintilanéa*, e edificada sobre as ruinas da *villa* de Varus. Era domingo; a porta desta capella estava aberta, entrei; vi tres pequenos altares dispostos em forma de cruz; sobre o do meio se elevava um grande crucifixo de prata, diante do qual ardia uma alampada suspensa na abobada. Um só homem, que tinha semblante de muito infeliz, estava prostrado junto de um banco; orava com tanto fervor, que nem levantou para mim os olhos ao ruido de meus passos. Senti o que mil vezes tenho experimentado, entrando em uma egreja, isto é, um certo *apaziguamento* das perturbações do coração (para fallar como as nossas velhas Biblias), e um não sei que de desgosto da terra. Ajoelhei-me a alguma distancia deste homem, e inspirado pelo logar não pude deixar de pronunciar esta oração: « Deus do viajante, que « quizestes, que o peregrino vos adorasse neste hu« milde asylo, edificado sobre as ruinas do palacio « de um grande da terra; mãe de dôr, que tendes « estabelecido o vosso culto de misericordia na er« mida deste romano infeliz, morto longe do seu « paiz nos bosques da Germania; não estamos aqui « senão dois fieis prostrados ao pé do vosso altar so« litario. Concedei a este desconhecido, que parece « tão profundamente humilhado diante de vossas gran« dezas, tudo o que vos pede; fazei, que as orações « deste homem sirvam tambem a curar as minhas « enfermidades, para que estes dois christãos, que « são desconhecidos um do outro, e não se encontra« ram senão um instante na vida, e que vão apar« tar-se para não se tornar mais a vêr neste mundo, « fiquem attonitos, encontrando-se ao pé do vosso « throno, de se deverem mutuamente uma parte da « sua felicidade, pelos milagres da charidade!... »

Quando olho, meu caro amigo, para todas as folhas espalhadas sobre a minha mesa, fico espantado de minha enorme farragem, e duvido de vo-la mandar. Entretanto conheço, que nada vos tenho dito; que me tem esquecido mil coisas, que vos deveria dizer. Como, por exemplo: não vos fallei de Tusculum, deste Cicero, que, segundo Seneca, « foi o unico genio, que o povo romano teve egual ao seu imperio! » *Illud ingenium, quod solum populus romanus par imperio suo habuit.*

A minha viagem a Napoles, a minha descida ao boqueirão do Vesuvio, [6] as minhas digressões a Pompeia, Cápua, Caserta, Solfatara, ao lago do Averno, á gruta da Sibylla, teriam podido interessar-vos, etc. Baias, onde se passaram tantas scenas memoraveis, só por si mereceria um volume. Parece-me vêr ainda a torre de Baula, onde estava situada a casa de Agrippina, e onde ella disse esta palavra sublime aos assassinos enviados por seu filho: « *Ventrem feri.* [7]

[4] Hoje o *Teverone*.

[5] Varo, que foi morto com as legiões na Germania.

[6] A descida ao boqueirão do Vesuvio nenhum perigo tem: é só incommoda pelo cançaço. Seria mister ter a desgraça de ser ahi surprehendido por uma erupção, e neste mesmo caso, a não ser arrebatado pela explosão da materia, a experiencia tem provado que é possivel escapar sobre a lava: como ella corre com summo vagar, a sua superficie se resfria bem depressa de modo, que se póde passar por ella rapidamente. Eu desci até uma das tres pequenas boccas, formadas no meio da grande pela ultima erupção em 1797. Os fumos do lado da torre de l'Annunziata eram bastante fortes; fiz muitas tentativas inuteis para chegar a uma luz, que se via sobre o flanco opposto, da parte de Caserta: em alguns sitios a cinza queimava a duas polegadas de profundidade abaixo da superficie.

[7] Tacito. Ann. xiv, 8.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de S. Carlos.—Assistimos á representação da opera *I Masnadieri*, que subiu novamente á scena na noite de domingo passado, tendo sido dada pela primeira vez neste theatro em o anno de 1849.

Esta opera do insigne *Maestro* Verdi, é de um genero diverso das outras suas composições, e se não pertence ao numero das que lhe tem grangeado maiores applausos, é comtudo uma producção de tão subido merito, cheia de tão bellas e bem combinadas harmonias, e escripta com tanta sciencia, que é considerada como uma obra classica musical, e muito apreciada pelos entendedores.

O seu desempenho foi confiado á Sr.ª Arrigotti, e e aos Srs. Musich, Mancusi, Goré e Celestino.

A Sr.ª Arrigotti distingue-se particularmente na sua *aria*, que sendo uma peça de bastante difficuldade, é por ella cantada com muita delicadeza, agilidade, e uma perfeita intonação.

No *duetto* com o tenor, no 3.° acto, tambem vae muito bem, especialmente na *cabaletta*, em que a Sr.ª Arrigotti desenvolve muita energia e vivacidade no canto, sendo bem acompanhada pelo Sr. Musich, que se torna egualmente credor dos maiores elogios. Este artista sobresahe no final do 3.° e do 4.° acto, que são duas das melhores peças do *spartito*, ricas de instrumentação, e de bellos pensamentos musicaes, em que se revela o genio admiravel do seu auctor.

O Sr. Mancusi mostra comprehender não só o pensamento do *maestro* como do poeta. O seu canto é animado e expressivo; é pena que a sua voz tenha algumas notas desagradaveis, que neutralisam de algum modo os dotes artisticos que este baritono possue.

O duetto de *Francisco* e *Moser* no 4.° acto tem excellentes inspirações dramaticas e musicaes. Quando o homem libertino, o irmão desnaturado, o parricida, atormentado pelos remorsos que lhe roem a alma, e movido por um estranho impulso do coração, cahe prostrado aos pés do pastor, e invoca pela primeira vez o nome de Deus, a situação dramatica é sublime, a musica inspirada. Aquellas palavras:

> «— *È la prima!... Odimi, Eterno!...*
> *E sara la volta estrema,*
> *Ch'io ti prego...* »

são pronunciadas pelo sr. Mancusi com verdadeira intelligencia artistica.

O sr. Goré que representa o velho *Maximiliano* vem devidamente caracterisado, e canta com muita propriedade e esmero, deixando-nos apreciar cada vez mais a sua bella voz, pura, e melodiosa.

Os coros formam uma parte principal desta opera, e são todos dignos de attenção, particularmente o dos *masnadieri*, no 3.° acto, que precede o recitativo de *Carlos*.

Apesar do seu merecimento, este *spartito* tem agradado pouco no nosso theatro, não só nesta occasião como na primeira vez que se representou.

A producção coreographica do sr. Cappon, *A filha dos flôres* continúa a ser bem recebida pelo publico, proporcionando sempre um bello triumpho á sr.ª Monticelli, pelo seu grande merecimento artistico.

O nosso publico tem feito justiça a esta distincta artista, acolhendo-a sempre com applausos geraes e repetidos, principalmente no *passo a dois* com o sr. Cappon que é realmente dos melhores que temos presenceado.

Consta-nos que se está ensaiando a opera *Sapho*, de Pacini, que subirá novamente á scena, sendo a protagonista a sr.ª Sannazari.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 18. QUINTA FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

TELEGRAPHIA NAUTICA.

O processo de telegraphia nautica, de M. Conseil, capitão de porto de Dunkerque, foi examinado no mez de outubro ultimo por uma commissão especial, nomeada de ordem do ministro da marinha de França. Eis o relatorio das experiencias e a opinião da commissão.—

Na conformidade da determinação do ministerio datada de 17 de outubro de 1851, e debaixo das ordens de M. Montaignac de Chauvance, capitão de fragata, commandante da estação do mar do norte, uma commissão composta de MM. Desvaux, tenente de marinha, presidente, de Foucault, e de Saint-Phalle, segundo tenente e relator, se reuniu em 20 do dito mez de outubro a bordo da *Biche*, na caldeira de Dunkerque, para examinar o systema de signaes proposto por M. Conseil, tenente do porto. Tendo ouvido as explanações deste, adiou para 22 proceder ás experiencias necessarias para se determinar o valor e utilidade daquella proposta. No dia marcado, 22 de outubro, pelo meio dia, a commissão reuniu-se novamente a bordo da *Biche*.

Tinha-se previamente arvorado um mastro de bandeira a duas milhas e meia do navio. Para ahi foi mandado um segundo contramestre, munido de um caderno de signaes, e instruido do que faria para perceber os signaes que se lhe apontassem da mastreação do brigue, e responder-lhes.

Procedeu-se á experiencia, e os signaes se distinguiram muito bem, não obstante a distancia e o tempo levemente nebuloso; foram facilmente percebidos tanto pelos membros da commissão como pelo contra-mestre. Permutados grande numero de signaes, a commissão entrou em sessão para deliberar e tirar as suas conclusões.

O intuito do invento é fornecer os meios de se communicarem por signaes dois navios entre si, ou um navio e a terra, sem carecer da despeza preliminar de uma serie qualquer, despeza que até agora se tem opposto a serem adoptados pelos navios mercantes os systemas propostos até o presente. Parece-nos que M. Conseil alcançou seu intento,

Com effeito, de nada mais precisa do que duas bandeiras quaesquer e dois balões; e cumpre notar que as bandeiras podem supprir-se com dois objectos analogos, como pedaços de panno etc., e os balões com um cesto, cabaz, ou balde etc., o que se póde obter sempre a bordo da mais pequena embarcação costeira.

Estes quatro signaes combinados entre si, primeiro içando-os juntos em relação uns aos outros, depois deixando, entre certos delles um intervallo bem assignalado, por exemplo, uma braça, dão 72 signaes differentes, faceis de distinguir uns dos outros. N'um quadro que representa as 72 posições diversas destes quatro signaes, o homem menos exercitado póde reconhecer o signal que se lhe fez, e que corresponde a um numero de uma pergunta ou de um aviso; como a commissão mandou praticar á sua vista. Em tres tabellas supplementares, estes mesmos signaes podem corresponder a outras significações. As palavras ou phrases são classificadas de tal maneira que se vê facilmente, segundo a natureza da pergunta, em que taboa se ha de procurar para interpretar o signal ou responder-lhe.

M. Conseil propõe augmentar o numero destes signaes, servindo-se de dois mastros para obter maior quantidade de combinações. A commissão pensa que este systema, muito mais completo do que o outro, não deve com tudo ser-lhe preferido, tanto por causa da grande simplicidade do primeiro, como da difficuldade que muitas vezes haveria de mostrar signaes em dois differentes mastros. Além disso; para rebater o emprego de dois mastros neste systema, funda-se na facilidade com que se alcançaria consideravel numero de signaes pelo primeiro modo augmentando o numero das tabellas supplementares; o que se poderia fazer sem crear novas causas de erros, tendo o cuidado de indicar por um signal de convenção o numero da taboa que se pertende empregar.

Em summa, a commissão declara unanime que a adopção deste systema de signaes póde prestar importantes serviços, tanto pela sua simplicidade, como pela facilidade de se obterem os quatro elementos necessarios; e que, portanto o inventor conseguiu seu intento.

As vantagens de poder dar e receber avisos em certas circumstancias, são tamanhas e a despeza de tal modo minima, que é muito para desejar que os navios mercantes se munam de um caderno de signaes; e que, por consequencia, tambem os haja nos portos e a bordo dos navios de guerra, a fim de se communicarem com as embarcações do commercio.

Conviria que o caderno fosse precedido de instrucções preliminares, a fim de evitar todo o erro da parte de homens em geral pouco exercitados; e mandar refundir, por uma commissão especial, o diccionario dos signaes.

Feito a bordo do Biche, etc. — Seguem as assignaturas e a approvação do commandante.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIII.

NEM TUDO O QUE LUZ É OIRO!

Davam nove horas na egreja do Loretto. O dia agreste e carregado estendia sobre a cidade um toldo de nuvens. A chuva cahia miuda e continua; a espaços os echos repercutiam o surdo e rolante estampido dos trovões, voz lugubre da tempestade, que circulava ao longe os horisontes. O clarão açafroado dos relampagos lambia de vez em quando a corôa dos montes, que além do Tejo, e defronte de Lisboa, levantam uma linha cinzenta e irregular, neste momento quasi fechada por uma cortina de chuveiros.

Viam-se as ruas desertas; apenas uma ou outra mulher, encolhida de frio, embuçada no manteo até á altura dos olhos, pizava as çujas e mal unidas calçadas. Sómente se divisava o capote e o chapeo de quinas do homem activo, saltando pé aqui, pé acolá, os riachos que se cruzavam dos beccos e travessas. As janellas com as rotulas corridas, e as portas cuidadosamente cerradas, inculcavam que a população recolhendo-se fugia da tormenta, que estava eminente sobre a cidade.

Na casa professa de S. Roque, no dormitorio de cima, havia um aposento espaçoso, agasalhado, e cheio de estantes, que o vestiam d'alto abaixo, chamado a secretaria reservada. A imagem do patriarcha St.º Ignacio, curiosamente lavrada, erguia-se no topo em vulto quasi natural, allumiada por duas alampadas. Doze poltronas, largas e maciças circumdavam um desses bofetes grandes para o maior aposento, e pesados para o melhor sobrado. Tinteiros e pastas de papeis; livros de commercio monstruosos; maços de cartas; e cofres marchetados de differentes tamanhos; cubriam o bofete. Defronte da porta da entrada abria-se outra mais estreita, cuja chave trazia sempre o superior. Esta casa fechada era um segredo impenetravel para os padres que não formavam o definitorio secreto da companhia de Jesus.

Seriam oito minutos depois das nove horas. O sino da egreja tocava á ultima missa chamando os fieis á oração e ao sacrificio. Os confessores, cheios de animo, embuçavam-se nas capas, acudindo a espertar o zelo das devotas. Os philosophos e os litteratos reviam as mais escabrosas paginas dos seus livros, comparando textos e corrigindo notas. Os caixeiros de roupeta, sentados ao bofete, escripturavam a contabilidade da congregação, mais rica e complicada talvez do que a da casa dos contos d'el-rei. Em fim os politicos, os conselheiros occultos, com mil cautellas, esquivavam-se, apparecendo logo depois na secretaria reservada. Em toda esta religiosa casa unia-se a actividade á bem calculada distribuição do trabalho. Tudo se multiplicava desde o zelo até á riqueza.

O conselho secreto havia duas horas que durava, na casa indicada; as portas estavam escrupulosamente fechadas; os reposteiros corridos; as grossas paredes eram discretas; os altos sobrados não deixavam passar a voz. Em face da entrada via-se a porta de uma cella, á qual, de vez em quando, apparecia a cabeça branca e a vasta fronte do padre Ventura. Espreitava um momento, encolhia os hombros, e tornava a sumir-se, sem mais alteração. Esta scena muda repetiu-se umas poucas de vezes. De repente ouviu-se o rodar de uma sege; sentiu-se parar á portaria; e viram todos apear um jesuita; passados minutos o passo firme e a alta estatura do padre notaram-se em direcção á casa das conferencias. Chegando á porta o jesuita deu com a mão certo numero de toques; esperou um instante; e foi immediatamente admittido.

Então é que o padre Ventura saíu da cella, e de capa, com o chapéo na mão, como quem vinha de fóra, seguiu as pisadas do outro jesuita. Somente nos signaes variou de numero e de força. Os seus eram mais rapidos, e mais rijos. De dentro responderam com um toque de prevenção para verificar a identidade do adepto; ouvidas nove pancadas successivas, a porta descerrou-se; a entrada foi-lhe patenteada; e todas as difficuldades desappareceram.

Entrando o padre Ventura achou-se diante do superior, e trocou com elle o toque symbolico dos definidores occultos da companhia. Cinco socios compunham o definitorio secreto da provincia de Portugal; e destes, quatro estavam assentados com grandes pastas de papeis abertas diante de si. O confessor de D. Pedro II, o padre Sebastião de Magalhães, homem gordo, corpulento, e compassado em palavras e gestos, passeava pela casa, olhando de revez para o recemchegado, que provavelmente o viera interromper.

O padre Ventura não parecia o mesmo homem. Tinha despido a physionomia da eterna affabilidade, que lhe servia de mascara. O sorriso permanente já não florescia nos labios; recolhia-se aos cantos da boca em uma prega mais severa do que amena. Os olhos tinham luz, mas reflexiva e penetrante; as feições tinham expressão, porém fria e concentrada. Apesar dos annos o corpo bem direito carregava sem fadiga o peso da idade; a cabeça não descahia nem se inclinava para a terra; pelo contrario firme e resoluto, olhava, talvez de mais, para cima, para as alturas do ceu. As maneiras, d'antes encolhidas e humildes, desatavam-se agora com o desembaraço que dá a força e o poder. Do homem velho, do antigo jesuita obscuro, obediente e passivo, que todos conheciam, nada restava. A chrysalida rompêra o carcere, voando solta e forte pelos espaços infinitos da liberdade.

Costumado aos segredos tortuosos da politica jesuitica, o superior não agourou nada bom de tão subita transformação; e quiz soletrar n'aquelle rosto impenetravel a primeira phrase do enygma; debalde! a finura da vista desarmou o seu olhar; a ingenuidade, verdadeira ou fingida, do semblante derrotou as interrogações. Desta vez a sphinge confundia Oedipo! Desesperando da analyse tacita o reverendo padre appellou para a palavra, tentado do orgulho de levantar sequer uma ponta do veu que lhe encubria o mysterio. Por isso compondo o rosto e a voz exclamou com a mais assucarada benevolencia:

— « O que é isto! Tinhamos entre nós um irmão distincto? V. reverencia encubrindo a sua qualidade ignora o prejuizo que nos fez, perdendo-se um voto respeitavel? Uma satisfação nos resta; não foi por nossa culpa! Julgámol-o entregue á direcção espiritual das almas; dizia-se que passava á India, á China... é o que nos deram a saber de Roma.

Um sorriso mais do que amarello, fugindo pelos beiços finos do italiano, provocou no illustre areopago, ainda maior curiosidade. Depois a bella fronte do padre Ventura derribou-se sobre os sobrolhos; a vista cortante e aguda cravou-se no coração do interlocutor e dos ouvintes, e cahiu depois indifferente em um maço de papeis que trazia na mão o confessor d'el-rei. Antes de responder, o padre Ventura tossiu de leve, e inclinou-se com respeito: depois, segundo o seu costume, replicando á allusão mais proxima:

— « É verdade; a direcção espiritual foi e ha de ser sempre a occupação preferida da minha vida. Auxiliar a prégação do evangelho no Oriente ou na America; corar o lucto da tunica nas vivas purpuras do martyrio, padre provincial, eis o voto ardente do meu coração, já frio e cançado para coisas mais activas. Não quiz, nem quero, ainda hoje mudar de caminho... Entretanto, bem sabe; de nosso não temos senão as boas obras, que se contam no ceu. O corpo ha de ír para onde lhe disserem; a vontade ha de ser uma escrava... Pedi que me deixassem morrer nos sertões, cravado na arvore, atanazado ao braseiro, em que ás mãos dos selvagens expiraram tantos sanctos da nossa companhia!... Esperava esta graça depois de uma velhice trabalhosa!... não

póde ser! A soberana sabedoria do geral quiz outra coisa — seja feita a sua vontade na terra, e a de Deus no ceu. Não me queixo; alegro-me. É mais uma dôr que offereço Áquelle que padeceu tantas para me salvar... »

« De certo! Mas estivemos todos até hoje em completa ignorancia... Apenas, por occasião da sua vinda se nos fez saber que um socio nosso, v. paternidade, devia ir em março para a India! Era impossivel adivinhar! — insistiu o provincial, derrotado na sua penetração, e cada vez tambem mais sequioso de devassar um segredo importante.

— « Vossa reverencia pela sua parte, nunca tocou em ficar ou saír, e de tudo isto resulta... »

— « Que não souberam nada. »

— « E a mim succedeu-me outro tanto. »

— « Essa é a verdade. Cheguei aqui devendo partir, e achei ordem de esperar. V. reverendissima até, se me lembro, foi quem a intimou... Não somos senhores, obedeci! Mandaram-me viver só e silencioso. Calei-me. Hoje quem póde diz-me: — o mudo deve fallar; o paralitico deve caminhar; e aqui estou no meio de vós, tirando tanta satisfação da obediencia, como outros, coitados, vivem soberbos com a idolatria do paço, aonde a nossa pobre e remendada roupeta devia apparecer menos, para não faltar onde tão precisa é.

Dizendo isto, os olhos do padre, como duas ballas, mettiam o veneno da allusão na alma do confessor de el-rei, a quem visivelmente a dirigia. Este sentiu a ferida pela dôr, e levantou a cabeça cheio de espanto. Sebastião de Magalhães mediu o aggressor de alto a baixo com a altivez do poderoso; disparou-lhe por baixo das rodellas de vidro dos immensos occulos um olhar de dó; e acabou a sua replica tacita por uma visagem, que chamou o queixo inferior quasi a duas linhas de altura do labio superior. Feito isto, o reverendo sabio continuou a escrever serenamente sem fazer mais caso da infima creatura, que se atrevia a dar tão grosseiros piparotes na sua corpulenta e conspicua pessoa. O superior é que intendeu que lhe convinha dizer duas palavras para incensar o idolo.

— « V. reverencia, é claro, não deseja censurar as ordens de Roma; se vamos ao paço, se alguem móra lá, é por mera obediencia. A nossa humildade dá-se mal naquelles ares..... Lembro-lhe que no seu zelo demasiado offendeu pessoas virtuosas, que em serviço de Deus e da Companhia se resignam ás tribulações e amarguras..... »

— « Que o oiro dá aos avarentos e o poder aos ambiciosos? » — atalhou o padre Ventura sorrindo com ironia. Depois em voz severa proseguiu: — O peior é que se não vê gemer a alma desses martyres clandestinos; e se a vista se volta para a carne, acha-se que floresce por milagre da penitencia!.... Ora bem. Sabe o padre provincial aonde Santo Ignacio escreveu a nossa regra? Na cruz de Christo. Sabe aonde a meditou? No ermo, e não no povoado. Ora a cruz diz pobreza, humildade, e sacrificio. A regra quer que o homem novo dispa o homem velho; que a alma deixe o corpo, e o sangue corra das veias, se preciso fôr! Sublime doutrina, em que o individuo é immolado á humanidade, a ponto de termos na mão dos superiores o bastão do cégo, um instrumento passivo; de nos comparar-mos a um cadaver, coisa morta, que vae para onde a levam, e fica aonde a põe.... Foi o que me ensinaram; é o que está na lei. Agora se nesta provincia chamam mortificação á gula, pobreza ao fausto, e humildade ao orgulho, digo só, que ainda é mais falso e gangrenado o coração dos maus do que a sua lingua. Quanto ás ordens de que falla, padre provincial, não vieram de Roma, são de Hispanha; e executando-as pecca duas vezes. Cuidei que sabiam aqui já, que falleceu Tirso Gonçalves, e que Miguel Angelo Tamburini, seu successor, é hoje o geral da companhia! »

O effeito da apostrophe foi immediato e fulminante. O fogo que chammeava da vista do padre Ventura, a dignidade do gesto, e a firmeza da voz augmentavam-lhe a força, petreficando os assessores. O confessor de D. Pedro II, no qual de direito recahia a melhor parte da censura, parecia possesso. Preza pelas soffocações da ira apopletica, a respiração gemia no peito rouca e cavernosa; em listas ou antes vergões carmezins e lividos, as faces cada vez se entumeciam mais; as alvas dos olhos amarellas, e as pupillas dilatadas, saltavam na cara do aggressor, dardejando raios de cholera. Sua reverencia estava perdido da cabeça. O queixo inferior largo em fórma de pá junto da barba, as duas roscas de gordura que se pegavam nella, e o vinculo tremulo que entalhava a feição das faces, descendo do beiço superior até se ligar com a respeitavel papada, tudo isto sacudido pelo abalo da furia se descompunha, encrespava, e desfigurava de um modo incrivel. Vilipendiado e escarnecido em presença dos seus aduladores, elle, o potentado que tinha nas mãos a chave

da real consciencia, a chave do poder! A indignação tolhia-lhe a falla; e o padre Sebastião de Magalhães, naturalmente solemne, exprimia o horror e a ira, por meio de visagens feras, e de gestos olympicos. Se a eloquencia do odio conseguisse desatar-se, póde affirmar-se que as Verrinas de Cicero achariam rival mais temivel do que as Philippicas de Demosthenes.

O provincial tinha diverso caracter, e muito opposta organisação physica. Magro e cadaverico, quando o pungiam, os olhos encovados naturalmente, sumiam-se quasi até á nuca, e os beiços delgados tornavam-se imperceptiveis, ao passo que a pallidez usual degenerava em uma côr terrea e biliosa, que mettia medo. Foi o que lhe succedeu neste lance: somente houve de mais um symptoma novo; o sorriso livido, que rara vez lhe visitou os labios, volteava convulso em redor da bocca, parecido á contracção nervosa, que arregaça o beiço da fera, e não a um sorriso humano. Mais irritado do que o padre confessor, muito mais ancioso por vingança do que o tonsurado Vitellio, só capaz de esbravejar em accessos de inoffensiva execração, o superior tinha as palavras doces, e as maneiras carinhosas, que tornam mais odiosa a atrocidade. Era uma crueldade fria, inexoravel, e dissimulada, que antes de ferir calculava todas as dores e tormentos que podia causar.

Revestido da suprema auctoridade em Portugal, e affeito á servidão quasi abjecta dos inferiores, o prelado, com o rei da sua parte, podia tudo no presente, e temia-se pouco do futuro, que está nas mãos de Deus. Sentia menos a offensa pessoal, do que a injuria do seu governo. O que mais o feriu foi a audacia do obscuro jesuita; se não a cortasse a tempo, a sua longa experiencia advertia-lhe que não era facil antever até onde podia chegar. Precisava affogal-a á nascença, ou abdicar o poder; nenhuma outra hypothese era admissivel. De certo o padre italiano contava com o apoio de Roma, e não se expunha cegamente; mas de Roma a Portugal é longe; e elle em sua casa e na sua terra era sempre absoluto. Depois de salva a sua influencia, responderia ao geral, e se necessario fosse com uma ordem regia na mão; o caso era defender-se a tempo, e supplantar a tempo um emulo, que na impenetravel politica da companhia não estava alli sem missão secreta. Feitas estas reflexões armou-se de vontade, e preparou-se para mostrar a todos que tinha os hombros fortes para o peso, que podia cahir sobre elles.

—« V. paternidade excedeu-se! »—disse ao italiano com a brandura hypocrita:—Sinto que se esquecesse do seu logar, e não respeitasse o meu. Esperemos em Deus, que seja a ultima vez! Como irmão advirto-o do seu peccado; como prelado sou obrigado a mais; devo corrigil-o. Fica suspenso de voto e exercicio por um anno. Diga a culpa; e de joelhos, antes de se recolher ao carcere para recordar os seus exercicios espirituaes, peça de joelhos perdão na pessoa dos reverendos padres a toda a companhia, que offendeu com a calumnia de um Luthero. »

O padre Ventura sorria-se e cruzava os braços, medindo o tyrannete com a vista, e fulminando-o com a serenidade do rosto. Na resposta que lhe deu, admirava a extrema doçura da voz:

—« Sabe ha quanto annos eu choro neste valle de lagrimas, e quantos hoje mesmo conto de noviciado e profissão? »

—« Diga a culpa, obedeça! »—gritou o padre Sebastião arremettendo com impeto.

—« Não se agaste, padre mestre: hei de dizer as suas, as minhas, e as culpas de todos nós; o tempo chega! Observe, porém. Tenho setenta annos de idade; e visto esta roupeta de escravo de Jesus Christo, ha quarenta e cinco pelo menos. Préguei na China e no Japão; estive na America e na India; do ardor dos tropicos, e tambem do gelo dos polos sei por experiencia o que os outros aprendem por noticia.... Padeci fome e sede; vi a morte mais cruel umas poucas de vezes diante dos olhos. Os idolatras ataram-me ao brazeiro, e a misericordia de Deus valeu-me sempre até hoje.... »

—« Padre Ventura, era melhor—gritou o prelado—que nos obedecesse! Tudo isso prova só, que a sua idade e as suas peregrinações lhe não deram o que devia ter, muita experiencia e humildade. Sinto ver-me obrigado a notar-lho, confesse a culpa, e faça penitencia della, porque peccou. »

—« Soberbos são os juizes que sentenceiam contra a lei—replicou o padre Ventura com um gesto cheio da magestosa indignação.—Soberbos e iniquos, porque tem na bocca a paz e no coração o odio; perversos, porque renegam do exemplo e da palavra do mestre para saciarem os impetos da vingança. Cuida que o remorso e a verdade se calam, se a minha lingua ficar silenciosa? Julga que os olhos dos outros não veem a capa do jesuita, a pobre capa do peregrino posta por cima do manto real? Padre provincial

com a minha idade viu nunca a ovelha acompanhar com o lobo, ou a ave adormecer ao pé do milhafre? Padre Sebastião de Magalhães, suppõe que quarenta annos de habito não ensinam a separar o trigo do joio? Não se enganem. Sei o que digo; e posso o que devo; nada mais!»

— «Nem uma palavra, padre Ventura! exclamou o superior, cedendo finalmente á raiva. Não teme que se abra o chão e o sepulte?»

— «Creio em Deus, padre superior! A justiça divina castiga a realidade, e não o nome dos peccados; se não puniu os hypocritas, espero que não punirá o moralista por que os chama pela odiosa palavra, que os designa!»

— «De joelhos, diga a culpa, obedeça, ou...»

— «Manda-me pôr a mordaça na bocca, como fez o geral Tirso Gonçalves a um definidor austero, que não quiz ouvir? Digo-lhe que o deseja, mas não póde. Esse padre, deve conhecel-o de nome, era Miguel Angelo Tamburini, hoje summo prelado da companhia. Sabe o que succedeu depois? Tirso Gonçalves pouco depois morreu, e Miguel Angelo exaltado pela affronta e pela resignação subiu á cadeira do defuncto por voto unanime. Porque só póde reger os outros, quem é capaz de se vencer a si!..»

— «É de mais! É um desprezo da minha auctoridade?..»

— «Porque a tênho superior! Porque posso precipital-o do alto da soberba! exclamou o padre Ventura em voz imperiosa, e com gesto soberano. Para ler no coração do homem é preciso despil-o da mentira. Li no seu, padre provincial, como leio no de todos os que o ajudam a arruinar a disciplina da companhia. Ora bem! Ha meia hora que lhe estou ensinendo o caminho, e arredando os passos do abismo; mas está escripto que o cego fingirá vêr, e será despenhado! Devia concluir das minhas palavras (e isso prova que o logar excede a sua perspicacia), que nesta idade, e com os quatro votos, sabendo o governo e a regra do Instituto nenhum inferior falla ao prelado como eu fallei, sem auctoridade sufficiente! Chegou o dia de acudir ao navio que perde o rumo, e de tirar do leme o máu piloto. Quero que a antiga divisa da companhia, o verbo de fogo do seu poder, o espirito da sua força, resplandeça aos olhos do mundo como nos antigos tempos. Á maior gloria de Deus! *Ad majorem Dei gloriam!* Eis as lettras sagradas do tenente de Deus na terra! Cumpra! De hoje em diante, nesta casa, o geral sou eu; ninguem mais tem poder aqui. Tal é a minha vontade!»

Dizendo isto, tirava do seio um pergaminho revestido do sello do geral, e lacrado com as iniciaes do seu annel. Este diploma era a nomeação do padre Julio Ventura para o cargo de visitador assistente nas provincias de Hispanha e Portugal, com direito de suprema decisão sobre os negocios, e absoluta auctoridade sobre os prelados, devendo respeitar-se as suas ordens tão inteira e cabalmente como se do proprio geral fossem emanadas.

É impossivel descrever o estado, em que ficaram o confessor, o provincial, e os assessores diante da repentina revelação. O medo, o ciume, e a raiva, em todo o calor, que os abrazava, subiram-lhe ao rosto, e pintaram-se com viveza. Cada physionomia era uma imprecação; cada gesto uma blasphemia tacita contra o poder invisivel, que os desterrava do governo para a humildade da obediencia. Entretanto era de diamante o laço que os unia a Roma; nem sequer imaginaram resistir. Os titães vencidos carregaram com a montanha, antes de escalar o Olympo.

Depois de lêr a provisão do geral, com a bocca cheia de fel, e de dar a todos conhecimento della, o superior tirou um livro do seu armario secreto e registou o fatal diploma; os assessores pallidos e tremulos assignaram com elle; e a revolução ficou consummada. De cabeça inclinada, olhos no chão, e braços cahidos, esperavam em silencio, que a voz do novo prelado lhes restituisse a força e o movimento.

Este observava-os callado; sómente a sua vista fallava por elle, quando feria no rosto a um, e colhia na passagem o máu pensamento, que lhe devorava o coração. O sorriso, o sereno e doce sorriso do antigo padre Ventura, brincava-lhe outra vez nos labios; e a luz reflexiva e penetrante dos seus olhos realçava a finura da physionomia. Terminada a leitura e o registo, o italiano pediu, e recebeu todas as chaves; quebrou a penna de oiro do prelado para indicar a suspensão do seu governo; e com passos lentos, mas firmes, foi sentar-se na cadeira de espaldar doirado, throno donde os reis da companhia, intimavam ás Indias e ás Americas, á metade do mundo conhecido, as suas leis e vontade omnipotente!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

POESIAS DE L. A. PALMEIRIM.

Um volume de mais de 400 paginas. Bella edicção da Imprensa Nacional.

I.

EXISTE HOJE A VERDADEIRA POESIA LYRICA?

Ha quem sustente, que a lingua desta épocha, é a prosa. Ha quem affirme que reina a materia, e obedece o espirito!

Na sede insaciavel de perfeição physica, que a devora, e nos prodigiosos inventos, que lhe servem a impaciencia, parece curto o maior espaço para as evoluções da industria. Este Protheu moderno, cuja variedade deslumbra os olhos, de nada recua; e no seu arrojo, arcando com o impossivel, quasi que chega a subir ás alturas para combater a Deus.

Entre a lucta do homem com o trabalho, e da sociedade com a natureza, todos os dias se revelam novos segredos das sciencias, a cada hora se patenteiam veios preciosos descubertos a preço de annos de paciencia. A constancia exulta! O mais arido estudo é premiado!

A sciencia do coração, a analyse profunda da alma, quanto ao sentimento e á paixão, quanto á idealidade das tendencias moraes, terá seguido, com vôo egual, o passo tumultuoso deste povo de operarios, que não levanta as mãos e os olhos da transformação material? O progresso da intellectualidade precede, ou pelo menos acompanha o progresso physico? Nos dominios da rasão pura, ou da phantasia creadora, a fecundidade do pensamento explica a carreira cega do mundo atraz dos milagres da fortuna, ou das esperanças da riqueza? — A opinião commum diz que não; e os factos corroboram-na.

O homem desfallece das faculdades poeticas, em quanto se faz robusto e temerario nas luctas do trabalho. « A usura, o judeu moderno, eis o rei do seculo! » exclama uma eschola, apontando para os infortunios, que formam um côro de soluços e lastimas á opulencia industrial, em quanto vae subindo degrau a degrau por um calvario, sem olhar para as miserias, nem ouvir os que piza, inflexivel como o destino.

A adoração do poder, a idolatria do capital — repetem outros — é em que se resume por fim a rasteira vida da sociedade: arte, inspiração, poesia, fogem de nós; não querendo polluir-se com o fumo dos sacrificios chamados ovações da industria; recusando queimar as azas no fogo das fornalhas, pulmões ardentes das machinas, cuja actividade, apenas cobre o pregão da concorrencia!

A accusação procede? A épocha actual, grande a tantos respeitos, suicidou-se da faculdade poetica por olhar exclusivamente para a terra? O estrondo da praça publica, a voz das tribunas politicas, o tumulto dos mercados, e os delirios da especulação, absorveram tudo? Nesta Babel não ha uma pausa, um momento de silencio, que deixe ouvir o cantico novo, o hymno da geração que passa á geração que vem? A arte perdeu a voz no meio da transfiguração do mundo physico? Quando as distancias desapparecem, e todos os povos são visinhos, o culto da forma apagou das lettras a emanação do espirito?

Confiemos, ainda, que não! Seria cruel cahir na eternidade, e não ficar um padrão de nós; morrermos, e não se legar um monumento aonde os vindouros lessem as aspirações moraes do seculo dezenove! Sermos apenas copistas e imitadores das grandezas intellectuaes da humanidade? Que oprobrio depois de revoluções immensas!

Metade do seculo é já passada. Dos mestres da arte, uns são hoje sombras gloriosas; outros enrouquecem nas contendas politicas. Goethe repousa junto de Schiller. A intelligencia e o coração da Alemanha moderna dormem para sempre. Chateaubriand, ultimo do grande cyclo da revolução franceza, susteve no ar a campa, e já dentro do sepulcro, esperou para a deixar cahir, que os nomes illustres da sua era passassem adiante delle. Contou-os até ao derradeiro! Novalis, o cantor nebuloso da melancolia, similhante a uma visão da sua phantasia, esvaiu-se, na aurora, como as exhalações. Lamartine tentou renovar o prodigio de Orpheu; mas a lyra não levantou a cidade dos sonhos. Victor Hugo, baixando do pedestal de semi-deus da reacção litteraria desceu á lucta desegual com o genio de Mirabeau!

Alfredo de Vigny emmudeceu. Byron descança na terra de Sophocles. Walter Scott e Fenimoore Cooper, os dois grandes coloristas do mundo antigo e do mundo novo, reuniram-se a Cervantes. Balsac, o pintor profundo da sociedade contemporanea, cahiu esmagado sob o peso da propria intelligencia. Beranger, a voz poeta e sincera das palpitações da França, fechou o livro das cantigas. A sua ultima canção a Bonaparte, a epopeia popular do imperio, é um testamento. A morte, a politica, a fadiga devoraram tudo. O que nos resta?

O romance elastico de folhetim? A novella hybrida, reaccionaria ou socialista? O melodrama-authomato, dessorado, carpido, cheio de falsidades moraes, e de remendados lances mechanicos? A Lyrica de uma ode fugitiva; a Elegia de uma canção graciosa? Terá rasão o Stello de Vigny dizendo á poesia, — « o teu reino não será neste seculo? »

Duvidemos até ao fim!

No principio da reacção alemã e franceza parecia que novos caminhos se patenteavam á poesia. O theatro provou uma idéa profunda em Schiller e Goethe. O *Fausto* — a epopeia romantica, o enlace do bello antigo com o ideal-christão, a alliança da forma com o espirito — devia servir de elemento gerador a uma revolução. A ode desatou as estrophes esplendidas das *orientaes* de Victor Hugo. O sentimento catholico elevou-se com Lamartine ás inimitaveis melodias de *Jocelyn*. A variedade, a correcção, e a riqueza das formas, aperfeiçoaram o instrumento lyrico.

Obediente, o verso fez-se docil e flexivel, a ponto de se tingir das sombras mais finas, de se corar do matiz mais tenue em um capricho de estylo, em um accidente descriptivo. Apesar disso não se lhe infundiu a idéa creadora! O Prometheu moderno perdeu o caminho e não tornou a achar aquelle raio de fogo que fez immortal a arte antiga. O circulo da imitação mantem-se intacto. É o Narciso grego revendo-se o mesmo sempre: não escuta e admira senão a Echo, repetindo os primeiros canticos. A fórma, gastando-

se sobre si, reproduz o passado com mais artificiosa musa, mas sem a frescura da inspiração natal, sem as graças originaes da verdadeira poesia.

Só, a correcção não basta. Algumas cordas mais do instrumento lyrico, são mortas, quando não estremecer nellas a alma inspirada de um poeta. A cadencia do rythmo, o esplendor da phrase, e a opulencia da rima luctam com exito com os primores antigos em alguns dos actuaes poemas: porém a ode, a aspiração abstracta do coração e do sentimento pousou de mais na terra; agora quer-se elevar, e sente as azas pezadas, prende-se nas arestas do seu ninho. Longe de se levantar descahe a cada vôo, e abate-se ao chão. O horisonte da arte, que lhe deixam descubrir, é baixo e curto!

De certo, a poesia deste periodo tem lagrimas e suspiros adoraveis: canções sublimes e sentidas; abre-se em flôres de mimo e cheiro delicioso; mas receio que passem depressa; são tão frageis! O que engrandece os canticos de Anacreonte e Sapho; o que sobrevive no Ariosto e no Tasso; o que brilha sem macula e cada vez mais vivo no sol de Camões — a creação — a vida, — não está comnosco já, deixou-nos!

Nos quadros actuaes, ha desenho, colorido, estudo! D'accordo! Mas alma, sentido poetico, enthusiasmo, ideal? Teem a força eloquente e grandiosa, como o Moysés de Miguel Angelo; teem a paixão tocada de sensibilidade vivente e de expressão divina como a maternidade nas Madonas de Rafael? A tradicção dos mestres acabou.

Desde Schiller, a Lyrica esvoaça perdida atraz das sensações externas do mundo; desgrenhada em uns, e melancolicamente amaneirada em outros, ou ameaça e fustiga repetindo a desesperação de Byron, já usada das parodias; ou se debulha em prantos theatraes, porque uma nuvem cobre o ceu, e um raio queima um cedro. No meio de tanta repetição monotona onde está a novidade, a idéa? O que é nacional nos echos dos bardos da Suabia ou do Tamisa?

Tirem os admiraveis caprichos de Richter, os devaneios chistosos de Heine, e os cantos sublimes de Schiller; eliminem Beranger e o seu cancioneiro popular; e o que nos fica, em Lyrica, fóra dos côros, fóra de algumas scenas do *Fausto*, quasi atticas pelo primor?

A physionomia — o retrato de uma nacionalidade — existirá perfeita em qualquer litteratura actual, como a nossa apparece nos «Lusiadas?» A poesia, achou a lingua e a crença popular, esse ponto de intersecção do gosto, aonde o sublime e o ideal fundem o que é, e o que ha de ser, para erguerem o monumento com a base na tradicção e as vistas sobre o futuro?

A inimitavel loucura do Quixote, explicação profunda das luctas da intelligencia pura com o mundo dos interesses, não será de todos os tempos pela verdade da ideia, e pela sagacidade da critica? Entretanto, que modesta apparencia! Apenas um romance, a satyra do preconceito das cavallerias andantes, o quadro da feição social de um seculo findo. Examina-se, e a arte domina tudo, eleva tudo em proporções magestosas! D. Quixote e Sancho são mais do que simples heroes de novellas; representam os dois aspectos da humanidade na tendencia dupla para a perfeição e para a fortuna. O cavalleiro, só espirito, procurando o ideal fóra do mundo visivel e enganado a cada instante. O escudeiro, devorando a grossura da terra, onde a encontra, e pagando-se de obras e não de illusões, porque é a figura do typo mercantil, que despontava então, e hoje impera. Esta interpretação poetica e profunda da vida; esta vulgarisação popular e amena, é a que sabem só os grandes mestres, é a que fórma os grandes livros.

Hoje temos a Iliada que um Solon havia de ensinar aos gregos, para accordar o amor das armas? Aonde estão os versos do *Orlando* ou da *Jerusalemme* para os gondoleiros de Veneza e os ceifeiros da Lombardia entreterem as fadigas do trabalho? Qual é o poeta, assim popular, pela intelligencia e pela adopção nacional?

Provém isto da nossa épocha ser prosaica na essencia, e infecunda nas tendencias? Estará morta de instinctos e de enthusiasmos sociaes? Não! pelo contrario.

É porque viveu muito nos primeiros annos. Conheceu o imperio e assistiu ás suas guerras. Nos campos de batalha luctou; nas tribunas politicas inflammou as grandes questões da cidade moderna. Nos concilios sacerdotaes, e nas lides da academia, o pensamento novo e a doutrina antiga mediram as forças em mil combates. As sciencias physicas e naturaes illustram-na: as suas applicações tornam-a opulenta. Todo o imperio que se podia dar ao homem sobre a materia parece que foi conferido a este seculo, cheio de ousadia pela ambição immensa dos desejos, cheio de arrojo pela audacia incrivel dos projectos... Depois de vencer o tempo, de aproximar as distancias, e de multiplicar o trabalho... medita novos prodigios, e a fortuna sorri-se!

Que épocha, e que lavor na civilisação! Umas poucas de vezes refez já o mappa da Europa. Levantou e prostrou dynastias; abateu e alçou os altares do culto; proscreveu e reanimou o sentimento catholico. Fulminou a indifferença religiosa com Lammenais; applaudiu a centralisação papal com de Maistre e Bonald. Nos dominios intellectuaes encontrou-se com a tradicção aristotelica, e derrotou a escravidão das unidades. No seu ardor, tem corrido o circulo vastissimo do saber humano, tem acompanhado a actividade de todos os seculos, e com o mesmo passo infatigavel onde elles pararam, apenas conta uma pausa, e ei-lo precipitando-se outra vez adiante, ou veja trevas para esclarecer, ou divise clarões tenues para espertar!...

Não ha theoria politica, ou religiosa, que deixasse de discutir; systema philosophico, que ficasse sem exame, de Kant, Hegel, e Schelegel até Cousin. Sabio, questionador, incansavel, herdou do seculo dezesete a seriedade estudiosa; e do seculo dezoito a eloquencia vulgarisadora. Niebhur parece mais romano do que Tito Livio. Muller, e Heeren sabem da Grecia como Pericles e Thucydides. Raumer e Ranke resuscitam a meia idade com os sentimentos e paixões, de que viveu. O legado dos Benedictinos de S. Mauro e da Selva Negra achou quem o addituasse.

Monographias, actas de monumentos, sciencias juridicas, economia e politica social, tudo é tractado

a par e profundamente. A reconstrucção do passado, tentada em consciencia, laboriosa, variada, cheia de problemas arduos, não descoroçoou o espirito de Grote, de Thierry, de Leo, de Gingot, e de Savigni; todos elles, e com elles centenares de eruditos, por estradas differentes, em oppostas direcções ás vezes, allumiaram com a critica triumphante o labyrintho destas catacumbas interminaveis, onde repousam sociedades inteiras, trinta seculos de acções e de ideias... Cada systema historico tem hoje um monumento seu e appoia-se nelle. Cita um nome gigante, e eleva-o, como sua divisa.

Mas o presente, mas o futuro?

Os materiaes estão colligidos. Accreditemos que esta idade, tão rica de factos, tão abundante de sciencia adquirida, se não feche sem nos legar o poeta-rei da epopeia moderna. Tivemos Achilles; confiemos! Hade vir Homero para os cantar. Não digam que ha só progresso, e que falta a crença. O genio da nacionalidade moderna, que chora sobre a urna do passado, pode accordar, e o cantico antigo renovar-se em estrophes sublimes...

Estamos perto de mais ainda da scena. Os grandes vultos hontem viviam entre nós; o presente dá por ora a mão ao passado; e a poesia, o ideal, quer-se menos proximo, e mais alto do que as sociedades, que celebra.

A lyrica ha de achar o hymno moderno: o instrumento aperfeiçoado espera só pelo cantor. Do meio destas populações operarias da civilisação, a alma, o sentimento, o enthusiasmo hão de tirar uma lingua poetica digna de ser escutada pela sua alliança com as grandes ideias, pela interpretação radiosa do destino humano. Se os primeiros architectos succumbiram antes de suspender a cupola sobre o templo: se falta continuador ao plano grandioso; uma hora depois podemos acha-lo, e saudar um triumpho. Em metade do seu curso o seculo ainda não revelou o seu ultimo segredo.

Esperemos! Talvez como Henrique Heine, o espirito assoberbe a dôr, e o que julgam paralitico se levante á borda do tumulo com a «novissima verba» do futuro por testamento!

Receio que me censurem de ir buscar tão longe a deducção da critica para uma obra poetica portugueza. É provavel que se achasse mais simples annunciar o livro, no cartaz da respectiva classe de elogio da pauta litteraria. Uma cortezia a cada estrophe, uma interjeição admirativa a cada verso!...

Confesso que é mais facil; mas prohibe-me de ir no rebanho dos apologistas uma consideração forte. Estimo o talento do poeta; ainda creio (tenho este peccado!), na arte e no seu poder. Vejo-a profanada em pregão venal: vejo-a de rastos por muita copia vil, por muita parodia burlesca... deixem-me aproveitar a occasião de a distinguir, quando me apparece séria e pudica, como poesia inspirada pelo povo e feita para elle e por elle, muita vez. Se as minhas ideias não são as do cantor, se o seu enthusiasmo não é o meu, nada me impede apreciar o genero, e de o vêr á luz da imparcialidade critica. O poeta idealisou aspirações suas, deu fórma na ode e na canção aos sentimentos da sua alma, cumpre-me julgal-o pelas regras litterarias. Nada mais! O resto não pertence á arte.

Todos os poetas tem uma genealogia litteraria. Schiller e Chateaubriand, são filhos do seu engenho, de certo: porém, descenderam de alguem forçosamente. Esta litteraria transmissão, este ar de familia dos poetas, é que se não deve omittir, quando se deseja acertar com a physionomia de qualquer eschola. Quem pegar de repente no «Ivanhoe» de Walter Scott supporá o romance moderno vindo ao mundo sem ascendentes? Siga a arvore de costado, procure o tronco moderno da raça, e muito longe do bardo escocez achará Miguel de Cervantes, o fundador da dynastia dos coloristas historicos e dos physiologistas moraes, dos Scott e dos Balsac.

Nada é indiferente na successão das idéas. Um periodo de florescencia poetica não é o mesmo do que uma crise de esmorecimento lyrico. As causas que excitam ou adormecem as faculdades imaginativas, ligam-se intimamente á physiologia do progresso, e caracterisam a sociedade. É a rasão porque julguei necessario procurar o sentido geral da época, diante da sua apathia nas creações lyricas, para delle descer ao exame de um livro cuja fórma entrava nos dominios da poesia. O methodo e a logica são os dois fachos da critica, e para bem julgar é preciso conhecer as peças do processo.

Aqui a litteratura é menos aristocratica do que em outras partes, custa pouco a achar a ascendencia intellectual dos poetas. A historia genealogica da arte moderna é de hontem; e os principes das lettras, como os do Imperio, honram-se das suas obras, e tomam-nas por brasão. No principio do seculo ainda preponderavam as duas escholas rivaes de Bocage e Fylinto, cada uma com as qualidades e defeitos do chefe, do tempo, e da imitação classica. Não é perciso procurar mais adiante para descobrir a familia artistica.

O sr. Garrett, sahindo da segunda, separou-se para crear a poesia nacional em D. Branca e Adozinda. O sr. Castilho, adoçando-a nó que tinha de excessivo, e abrindo mais de um torneio feliz na arena chamada romantica, foi o purificador elegante e melodioso da primeira. O sr. Herculano, filho da musa idealista do Norte, descendente de Schiller e Burger pela afinidade de pensamento, lançou as bases da terceira eschola, menos popular que a do cantor de *Camões*, menos esmerada em geral e menos romana, que a do auctor do *Amor e Melancolia*; porém mais funda no sentido, mais epica na tendencia e no molde, mais inspirada da idéa social e humanitaria.

Dos tres, cada um original no seu aspecto, o poeta da tradicção nacional, o poeta da reminiscencia classica, e o poeta da aspiração philosophica, não sei hoje que possam invejar nada ao reino visinho, e pouco á poesia mais applaudida entre as nações cultas. O sr. Castilho dá a mão ao sr. Garrett em mais de um ponto: o sr. Garrett faz a transicção para a eschola do sr. Herculano. O sr. Castilho é o antigo estylo poetico nas suas fórmas puras e correctas, mais livres depois do contacto da arte moderna. O seu verso, a sua imaginação, rescende ao perfume latino dos grandes mestres. O sr. Garrett demarca os limites rasoaveis da independencia litteraria, tão opposta á servidão como á licença. Admira o passado, crê no futuro, e não desdenha a fórma sem a antepôr ao pensamento. Depois de consumar a revolução

dá o exemplo de uma phantasia casta e rica, conservando-se longe dos excessos e delirios no theatro e no romance. O sr. Herculano, procura no seio de cada formula a idéa philosophica, para depois, no verso ou na prosa, a engastar na phrase nervosa e colorida da sua linguagem poetica.

De qual destas escholas procede o sr. Palmeirim, cujo livro annunciamos? A sua tendencia é para o auctor de D. Branca; com uma propensão mais indecisa, do que directa, porém; porque, o genero em que o joven poeta se inspira melhor, pouco entra nas faculdades até hoje reveladas pelo sr. Garrett.

Poeta eminentemente nacional, e critico felicissimo em descubrir o sentido mais da saudade do povo em tradicção; pintor admiravel pela simplicidade attica dos seus quadros, e pela graça transparente do colorido; o sr. Garret ainda se não inclinou á cantiga popular, ainda não veio com ella a uma prova conhecida. Fallo da cantiga da actualidade, dessa palpitação harmoniosa das sensações moraes de um povo á medida que atravessa pelas crises da existencia. A canção antiga, tradiccional, nas varias fórmas que era de uso receber, ninguem, senão o traductor inspirado do *Bernal Francez*, sabe o segredo de a repassar de sentimento natural e de a enfeitar das gallas nacionaes, tão singelas, e que tão bem lhe ficam sempre.

O talento do sr. Palmeirim não podia, pois, achar aqui modelo do genero senão na inspiração diaria do povo; quanto á fórma, aos lineamentos geraes, teve de ir abraçar-se de longe com o inimitavel cançoneiro francez, Beranger. Digo abraçar-se de longe, porque de toda a lyrica, a manifestação menos facil de imitar ou traduzir, a menos servil em tudo, é a cantiga popular, que anima o toque particular da lingua patria, a côr propria da idéa e do sentimento, e o sentido natal do motivo. Se lhe tirarem estas qualidades não díz e não significa nada.

Sem a correcção primorosa das manifestações poeticas do sr. João de Lemos; s m o calor e o arrojo, e o sentido muitas vezes, das composições do sr. A. de Serpa; não subindo de ordinario á opulencia de estylo do sr. Mendes Leal, cuja phrase esplendida se engasta na ode, cuja idéa é por occasiões tão firme no vôo, que excede o circulo imitativo, e parece descubrir novos horisontes; a musa do sr. Palmeirim ha de viver sempre da sua propria indole, pelo seu desleixo mesmo, apezar das imperfeições, que a analyse do gabinete poderá notar-lhe.

É que ao lado do toque por aperfeiçoar, o traço desenhou bastante de um vulto conhecido. O verso que podia ser mais elegante, mais correcto, não perde por isso tanto, porque afina assim mesmo com o tom geral da canção; dá-lhe ares de negligencia, certo enfado de lima e de estudo, que não desagradam. Depois o povo sente-se viver e palpitar. Acha o espelho das suas sensações, e das suas esperanças; revê-se todo alli, e até ás flores silvestres do seu berço. Aquillo são as paixões e as crenças que tem; e é-lhe grato recordal-as. Ouve os seus desejos vagos, e confirma-os com saudade. Sobre tudo a lingua, ora colorida, ora desleixada, aqui altiva e marcial, acolá serena e reflexiva, é o seu modo de dizer, a sua expressão natural. Eis o segredo das desigualdades, da incorrecção, e da simplicidade do verso. O cantor deixa fugir adiante de si a idéa, e receia mutilal-a, disciplinando-a mais!

Todos os generos tem escolhos. Beranger mesmo nem sempre é fiel á correcção, segundo querem os seus criticos. N'estas canções, muito verso que lido parece descorado, prosaico, e fraco, tem o sabor da graça popular até na queda. São senões da formosura. O que importa é examinar se as bellezas os resgatam; se a cantiga é verdadeira diante do sentimento que traduz; em fim se a arte, embora sacrifique mais a fórma, sobe com o pensamento á altura do ideal, interpretando a vida, e revelando o coração humano. É deste ponto, sobre tudo, que vamos considerar as poesias do sr. Palmeirim.

R. A. REBELLO DA SILVA.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de S. Carlos. — Os espectaculos deste theatro tem-se conservado estacionarios, continuando em scena as mesmas operas, e repetindo-se successivamente a *Nina*, em consequencia da indisposição de saude do sr. Musich.

A unica novidade da semana foi um *passo a dois* da sr.ª Monticelli e sr. Cappon, acompanhado de um pequeno, mas bonito, bailado. Este novo *passo* é na realidade digno de ser visto. O *adagio* apresenta *tableaux* de bello effeito, e bem desenhados, e a sr.ª Monticelli desenvolve muita graça, muita firmeza, e bastante *à plomb* nas suas *variações* que são de summa difficuldade, e de um genero inteiramente diverso das que tanto admirâmos no seu bello *passo* da *Filha das flôres*. Neste genero *moelleux* mostra egualmente a sr.ª Monticelli o seu distincto talento, que o publico soube apreciar, prodigalisando-lhe repetidos e justos applausos, de que participou o sr. Cappon, que é dançarino de bastante merecimento. Cumpre-nos dizer que a musica deste novo passo é bonita, particularmente as *variações* de clarinete, tocadas com perfeição pelo habil professor da orchestra.

Desejamos que suba á scena quanto antes a opera *Sapho*, para satisfazer a impaciencia dos nossos *dilettanti*.

A invenção do vapor. — Quem folhear um alfarrabio assaz curioso, intitulado « *Historia das imaginações extravagantes de M. Oufle*, » achará n'uma nota o seguinte facto, pelo qual a invenção do vapor remonta ao reinado de Justiniano, isto é ao anno 527 da nossa era. O auctor que o refere é Agathias o scholastico, celebre historiador grego, que exercia a profissão de advogado em Smyrna no seculo sexto. O livro que o cita tem a data de 1709. Diz assim:

« Anthemio architecto e engenheiro do imperador Justiniano, de quem faz menção Agathias na sua historia, livro 4.º, tendo perdido uma demanda contra um de seus visinhos, por nome Zeno, para vingar-

se delle collocou certo dia em alguns sitios de sua casa grandes caldeiras cheias d'agua, que tapou mui exactamente por cima: e sobre uns buracos por onde a agua a ferver devia deitar o vapor, poz compridas mangueiras de couro fervido, largas na parte por onde estavam cosidas e presas ás tampas das caldeiras, e que se iam estreitando pouco a pouco para cima em fórma de trombetas.

« O mais estreito destes tubos correspondia ás vigas e barrotes do solho por cima da casa onde estavam as caldeiras. Fez lume por baixo destas, e quando a agua fervia em cachões, os vapores espessos do fumo subiam para cima pelas mangueiras, e não podendo ter livre sahida, porque esses tubos eram apertados na ponta, faziam abalar as vigas e barrotes, não só daquelle aposento, mas tambem de toda a casa de Anthemio e da do seu visinho Zeno, que receando ser terremoto abandonou-a por medo de morrer sepultado nella.» Até aqui o livro.

E não será isto o mesmo que a caldeira d'agua fervente, o levantamento do pistão ou embolo pela força da expansão do vapor comprimido, emfim todo o principio elementar das machinas de vapor usadas hoje? Só falta a condensação pela agua fria para produzir o movimento de vaivem. Este descobrimento que só serviu para amedrontar um visinho incommodo e demandista, é tanto mais singular porque foi feito por engenheiro; e não por acaso, mas sim em resultado de raciocinio, pois que sabia antecipadamente os resultados que produziria. É mui singular que um homem da arte, como era aquelle Anthemio, não tratasse de aproveitar uma tal força viva, que abalava vigamentos e fazia tremer um edificio.

Porém, da invenção á applicação a distancia é mui grande; e o genero humano gastou treze seculos em dar esse passo.

Viajante intrepido. — No mez de novembro ultimo, organisava-se em Londres nova expedição em demanda de sir John Franklin, e tomaria uma direcção inteiramente inexplorada. O auctor do projecto é o tenente de marinha, Prim, official que o *Times* diz ser de muito zelo e merecimento, e que serviu a bordo do *Herald* no estreito de Behring.

Propunha-se partir de Londres pelos fins de novembro para S. Petersburgo, e dahi, se o projecto for bem acolhido pelo imperador da Russia, fará as suas pesquizas atraves de toda a Siberia até a foz do rio Kolyma. Deste sitio, acompanhando-o sómente duas ou tres pessoas, passará ou ás ilhas da Nova-Siberia, visitadas por Wrangel e Anjou, ou seguirá outra qualquer direcção, conforme as informações que obtiver dos samoiedas. Nisto gastará dois annos ou talvez mais.

Este audaz projecto foi muito applaudido por grande numero de geographos e fervorosamente apoiado por lady Franklin. O presidente da sociedade real de geographia, sir Roderick Murchinson, dirigiu instantes cartas ás auctoridades russianas; e o governo inglez está disposto a auxiliar o animoso viajante.

Cunho de dinheiro. — A casa da moeda de Paris cunhou desde o 1.º de janeiro até 20 de novembro do corrente, 254 milhões em ouro e 54 milhões em prata: total 308 milhões de francos de numerario.

O mesmo estabelecimento fabricou tambem, por conta da Confederação Suissa, 4.404:000 fr. em prata e 150:000 fr. em moedas do paiz.

Tromba maritima. — Um terrivel phenomeno, felizmente mui raro, manifestou-se ha alguns mezes no Oceano Pacifico, nas costas do Perú. Elevou-se uma enorme tromba marinha entre os portos de Truxillo e de Payta, percorrendo um espaço consideravel, e destruindo tudo por onde passava. Tinha a tromba pouco mais ou menos dois mètros em sua base, quatro no meio, e ia crescendo até uma pequena nuvem que havia formado, e que lhe acompanhava os movimentos. Parecia impellida por um vento fraco de nordeste. Algumas pequenas embarcações, attrahidas em seu rumo, foram por ella destruidas.

Entre ellas, perto de Payta, foi submergida uma escuna peruana. Quasi que se achou levantada ao ar pela força de attracção da tromba, e foi de novo mergulhada nas ondas do oceano, onde se abysmou. O brigue de guerra francez *l'Entreprenant*, que a observou e a viu passar a uma distancia de 900 metros, pôde disparar-lhe alguns tiros de peça, que a alcançaram e lhe fizeram alguns estragos. Já estava neste momento diminuida e seguia para o norte. Depois da tromba de 1782, que circulou uma parte da ilha de Cuba e assolou as suas costas, não ha lembrança de outra tão forte.

Annuncio singular. — O editor de um jornal de Kentuki (Estados-Unidos da America), publicou o seguinte annuncio: «Precisa-se, para o nosso jornal, de um cão de fila; não importa a côr; de bom tamanho, e de muito más inclinações; que venha á mão quando o chamarem, mostrando-se-lhe um bom *beefsteack* crú, porém que morda rijo a quem lhe fizer festa, a todos os basbaques que vem importunar os redactores, a todos finalmente que costumam cuspir sobre o fogão ou furtar-nos as notas do banco.

Macrobia. — A 12 de outubro de 1851, falleceu, Maria Francisca natural de Mafra, de 110 annos de idade, viuva de José Francisco, moradora na rua do Olival n.º 62, freguezia de Santos: ainda sahia á rua poucos dias antes da sua morte.

Proeza de um habitante dos mares. — O brigue portuguez *Maria*, entrado de Lisboa no dia 11 do corrente, achando-se um pouco ao sul do Equador, abriu agua subitamente sem que se podesse descobrir a causa. Com o jogar do navio viu-se o cobre arregaçado logo abaixo da linha d'agua, e procurou-se remediar o mal o que se conseguiu em parte. Chegando a este porto e descarregado o navio viu-se um grande rombo no costado, feito pela espada de um espadarte.

O inesperado visitante vinha com tal impeto que atravessou com a espada as taboas do costado e uma caverna, deixando, como bilhete de visita, vinte pollegadas da sua armadura. Entretanto, coisa notavel, ninguem a bordo sentiu o maior choque ou estremecimento.

Delicias das ilhas Marquezas. — Parece que os desterrados por crimes politicos em França

seriam transportados á ilha de Noukahiva, uma do archipelago das Marquezas, onde a França arvorou sua bandeira.

Eis o que diz a respeito desta terra inhospita o celebre viajante, M. Jacques Arago, n'uma carta recente.

« As vagas, quasi sempre turbulentas mugem na bahia de Taieoe, os outeiros ou morros que a circundam são negros e escalvados, e impervias e abruptas as ribanceiras das calhetas que a recortam; juntem-se a esta vista os afagos dos milhares de milhares de mosquitos e formigas que fazem passar noites dolorosas; e o sol vertical que racha incessante esta ilha de luto.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 9.ª folha do tomo 3.° e contém: *Historia prophana.* — Continuação da historia da Grecia, e da historia romana, Lydia, Media, Persia e Scythia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

—

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.os 1, 2, 8, 23, 37 A, 188, e rua do Oiro n.° 212.

N. B. Publicou-se a 4.ª e 5.ª folhas.

—

A QUINZENA, *Litteratura, Modas e Theatros.* Publicou-se o primeiro numero e acha-se á venda na loja do sr. Lavado, na rua Augusta por 40 réis.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 19. QUINTA FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

NOVOS MEIOS DE COMMUNICAÇÃO.

Acabam de annunciar os jornaes politicos que se applanaram as difficuldades entre o sultão e o bachá do Egypto, e mesmo alguns obstaculos materiaes, quanto á construcção de um caminho de ferro atravez do isthmo de Suez. — Quasi ao mesmo tempo nos chega da America a noticia de que se realisara a passagem do isthmo de Panamá. Em fevereiro de 1849 o *Times* excitou a attenção do publico relativamente ás vantagens de uma estrada de communicação entre o Atlantico e o Pacifico pelo lago de Nicaragua; mas, os inglezes amedrontaram-se com as despezas, que se imaginavam para similhante obra. Quando constou, um pouco depois, ter começado as operações uma companhia americana, houve toda a pertinacia em mostrar a impossibilidade de bom resultado. Até se disse, ultimamente, que a emprega falhára de todo; revogando o estado de Nicaragua, por um modo repentino, os privilegios garantidos pela Inglaterra e os Estados-Unidos. Não tardou porém a resposta a estes desanimadores boatos. No *American-News* do principio de novembro passado lê-se que os passageiros do vapor *Pacific*, chegados a San Juan del Sur (Nicaragua) com as malas da California, atravessaram o isthmo em trinta e duas horas. Portanto, a companhia americana venceu difficuldades que por espaço de tresentos annos pareceram insuperaveis; provou que se podia navegar facilmente n'um rio, reputado intransitavel até pelas canôas dos indios.

Completa-se esta boa noticia com outra, igualmente de recente data e de summa importancia. Uma companhia negociou com o governo mexicano a construcção de uma linha de telegraphos electricos entre Vera-Cruz e Mexico, distancia de 300 milhas. Logo depois de rematada esta, se construirá outra similhante de Acapulco a Mexico: e assim ficará estabelecida a communicação entre os dois oceanos.

A proposito de telegraphia electrica mencionaremos o audaz projecto, concebido por M. Aristides Dumont, que se tem dedicado especialmente ao estudo do electro-magnetismo. Propoem elle um systema de communicação transatlantica entre a Europa e a America, inteiramente novo: consiste em sustentar o cabo conductor por meio dos que denomina *fluctuadores*, collocados a certas distancias em vez de adaptal-o ao leito do oceano, como se fez entre a Inglaterra e a França. O cabo ficará suspenso a tal profundidade que não perigue pela circulação dos navios, nem pelas oscillações que tem logar na superficie dos mares.

Os fluctuadores ou boias serão de folha de ferro galvanisada ou de materia analoga, na fórma espherica, ou na de dois cones truncados soldados pelas bases; collocar-se-hão a quatro mil metros de distancia uns dos outros; pelo que serão necessarios 1.200 a 1.300 para galgar a distancia do Cabo-Raye na Terra-Nova á extremidade sudoeste da Irlanda.

A cada uma das boias, e por baixo, estão cavilhadas vergas de ferro de 45 palmos de comprimento, terminadas inferiormente por argolas por onde passa o cabo conductor. De distancia a distancia e para dar ao systema a sufficiente firmeza, a extremidade das vergas das boias é preza a uma corrente ou linha de sonda, que desce ao fundo do mar, e ahi está fixa por uma ancora. Nos casos de profundidade pouco consideravel, um pezo na ponta dessa corrente suppriria a ancora.

Todos pódem appreciar as vantagens deste systema: não ha impedimento á circulação, porque os maiores navios de guerra não demandam mais de dez metros d'agua; possibilidade de operar em porções separadas a preparação e collocação da linha; facilidade de descobrir os pontos onde ella fôr interceptada; e em fim despeza relativamente pouco subida. O auctor deu-se ao trabalho de demonstrar a racionalidade do systema pelo lado dos principios physicos.

Quanto á despeza, avalie-se pelo que vamos di-

zer: 1.000 a 1.200 boias a rasão de dez mil francos cadá uma posta no seu logar, total doze milhões de francos: resta o sabe que não seria muito dispendioso; porém, comparada com os resultados que se obteriam, o que é uma despeza de 50 a 60 milhões? O menor dos caminhos de ferro tem custado muito mais.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Conclusão.)

As pinhas que se quizerem apanhar para dellas se tirar a semente, devem ser de pinheiros nem muito velhos, nem novos de mais; mas sim de pinheiros que mostrem força de vegetação no crescimento dos ramos; pois nestes as pinhas tambem são maiores, e contém sementes formadas com mais perfeição. Quando os pinheiros bravos tem oito ou nove annos, já dão pinhas; porém é preferivel que se apanhem as mesmas, para semente, de pinheiros que tenham mais de doze annos.

A apanha das pinhas de pinheiros altos é mais trabalhosa, e como nada faz para a bondade da semente, se dá a preferencia aos pinheiros novos para o mencionado fim. Há quem se persuada, que a semente de pinho do pinhal de Leiria dá pinheiros bravos de casta grande; por haver no dito pinhal pinheiros altos e grossos, como não se encontram em outros pinhaes; o que sómente procede da propriedade do terreno que occupa o dito pinhal, da bastidão precisa, e da idade a que se tem deixado chegar os pinheiros no dito pinhal, sem se lhes applicar o machado; assim como do tratamento natural que alli se dá aos pinheiros; o que em seu lugar exporei: pois o pinheiro bravo ou maritimo em todo o reino é da mesma especie. Outros estão na persuasão supersticiosa que o pinhal de Leiria tem grandes pinheiros, que dão melhor madeira que os outros pinhaes, por ter sido semeado pela rainha Santa Isabel (esposa d'el-rei D. Diniz, tendo este vivido algum tempo em Monte-Real, villa uma legua distante do pinhal de Leiria, com a sua dita esposa; porém foi o rei o que mandou fazer a sementeira): sendo a bondade da madeira dependente das supraditas causas. Os pinheiros deste pinhal tem mais cerne; porque o pinheiro velho tem mais cerne do que o novo: e quem compra madeira do pinhal de Leiria para construcção de casas, compra sómente o que se chama cerneiros, isto é, páos de que se tem tirado todo o alburno.

Na visinhança do pinhal de Leiria, e na parte da Costa de Mira até Aveiro, se occupa muita gente pobre com a apanha das pinhas, e extracção do pinisco, que depois vendem pelo preço que podem obter, e a maior parte das pinhas apanham de pinheiros baixos, que encontram em quaesquer terrenos, mesmo por fóra do grande pinhal de Leiria; o que não importa; pois se olha sómente que o pinisco seja bem formado, e que não esteja alterado, por terem sido as pinhas abertas em fórnos por meio de calor artificial, o que sempre é mais ou menos prejudicial; devendo as pinhas ser abertas pelo calor do sol no estio.

Nestes sitios costumam apanhar as pinhas nos primeiros mezes do anno, por haver então menos que fazer em trabalhos ruraes; porém eu aconselharia que se apanhassem as pinhas em abril e maio: isto é, pouco antes que faça tanto calor, que as pinhas abram nos pinheiros, e deixem cahir a semente; o que de ordinario acontece nos mezes de julho e agosto, conforme corre a estação dos grandes calores. É verdade que a semente nas pinhas já apanhadas ainda completará a sua formação, quando as deixem expostas ao ar livre.

Depois de apanhadas as pinhas, guardam-se em alpendradas até ao verão, e então se expõem perpendicularmente em eiras ao mais ardente sol pondo as pontas para cima, e o pé por onde estavam presas ao pinheiro para baixo; pois desta fórma ainda que se abram, não lhes cahe a semente, e esta operação não precisa maior cuidado, nem os passaros podem comer a semente. Quando se observa que as pinhas estão abertas, tomam-nas uma a uma na mão, e sacodem-as dentro de uma gamela ou outra qualquer vasilha, cahindo facilmente a semente limpa fóra da pinha. Como este trabalho de ordinario é feito por mulheres e crianças, e é muito simples, acho-o mais adequado, e não mencionarei methodos mais artificiaes, e que se prescrevem nos livros para se tirar a semente das pinhas. Neste clima, o sol aproveitando na estação propria ajuda muito a facilitar esta operação: será escusado mencionar que nos pinheiros se encontram tambem as pinhas velhas, que já tem largado a semente nos annos anteriores, e que ás vezes fecham outra vez com a chuva, e que não se devem apanhar estas, pois não se obteria dellas semente alguma.

Não se devem apanhar as pinhas novas que ainda não estão formadas, e estão verdes, mas sim as pinhas que se formaram no anno anterior; o que tudo conhecerá qualquer pequeno entendedor.

Em outro tempo vendiam nestes sitios o pinisco limpo de palha, ou sem as azas com que a natureza dotou aquella semente, para que o vento a leve a distancia, quando as pinhas se abrem, e deixam cahir a semente, para assim formar a sementeira distante da arvore mãi; e para este fim esfregavam muito o pinisco entre as mãos, e depois o atiravam ao ar para o vento levar as taes azas, da fórma como se pratica no limpar do trigo, milho, e outros cereaes; porém eu introduzi que se lhe conservassem as azas annexas ao pinisco, pelas razões seguintes: o pinisco que tem a sua palha ou azas adherentes, se conhece logo pela côr da dita palha, se o pinisco foi aberto no forno ou ao sol; pois como no forno apanha mais calor, as azas ficam mais cinzentas, e quebram mais facilmente separando-se do grão da semente: o pinisco sem as azas fica mais junto, e é por isso exposto a aquecer mais facilmente, e a corromper-se

em pouco tempo, quando com a palha fica muito fôfo, e por isso arejado, de fórma que se póde guardar, sem prejuizo da bondade da semente, de um anno para outro: e no transporte maritimo para lugares distantes se conserva a dita semente pelas razões mencionadas sem alterar-se. Tambem na operação de se fazer a sementeira se espalha melhor o pinisco com as azas, e com mais igualdade sobre o terreno, do que aquelle que é privado das mesmas. E' verdade que são precisos pelo menos tres alqueires de pinisco com azas, para fazer um alqueire sem ellas; porém o preço tambem é differente, e não se obtém as vantagens que mencionei.

Para evitar que o vendedor misture palha ou azas de pinisco que vendeu sem ellas, estabeleci ultimamente pagar o pinisco com palha, a peso: pois um alqueire de pinisco de cogulo com a palha adherente, e propria peza oito arrateis; e estabeleci pagar vinte réis por arratel ou seiscentos e quarenta por arroba; e é este methodo de se contar a semente de pinho a peso, e não a medida, usual em outras partes da Europa, com as qualidades daquella semente que tem azas ou palha. Como logo se descobriria na sequidão da tal palha, se tinha sido molhada para acudir ao peso, não póde haver fraude ou engano pagando-se o pinisco deste modo.

Devo observar que os ratos são amigos do pinisco, e que é preciso livral-o deste bichinho. As gallinhas, perús, pombos, e outras aves, gostam tambem muito de pinisco, e engordam bem com elle.

O fazer azeite de pinisco, como propõem os livros, não faria conta neste nosso paiz, em quanto houverem outras coisas de que se possa extrahir: e contentemo-nos de dar-lhe por ora o destino para semearmos novos pinhaes.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIV.

ECCE SACERDOS MAGNUS!

Os definidores olhavam uns para os outros sem força para proferir uma só palavra. Não se ouvia senão a respiração mais ou menos alta das seis pessoas que alli estavam reunidas. Por fim o visitador assistente deixou cahir de subito a vista cheia de severidade sobre o confessor d'el-rei, dirigindo-lhe as primeiras palavras que dizia depois da sua elevação ao supremo poder na provincia de Portugal. A pronuncia pausada, e a accentuação estrangeira ainda davam mais força a cada syllaba e maior expressão a cada phrase. O tom em que fallou era firme sem ser altivo, frio sem ser glacial.

—« Padre Sebastião de Magalhães! Não lhe parece muito pezado o cargo de confessor d'el-rei de Portugal? Sente-se com animo para arrostar os perigos da grande batalha que está a romper por estes dias? Olhe bem! »

O infeliz theologo estava tão pequeno, agora, apesar da corpolencia, quanto costumava inchar-se nos dias radiosos do seu poder. Ouvindo a pergunta de máu agouro abaixou ainda mais os olhos, e encolheu-se todo na sua roupeta sem abrir a boca. O visitador esperou um instante, e vendo que não respondia preseguiu:

—« Deus é que dispõe do coração dos principes. Quem sabe que a salvação ou a ruina de milhões de homens depende delles, treme da responsabilidade de os dirigir, porque a chave da consciencia é a chave do coração dos reis. Padre Magalhães, pondere isto; e antes de responder veja bem se póde com a cruz. O rei quando erra tem só um juiz no ceu, que é Deus. O seu confessor tem dois, o do ceu que é a infinita clemencia; outro da terra, rigoroso na justiça, que é a companhia. Agora que o adverti, responda-me: « está no caso de nos auxiliar *em tudo e por tudo* na côrte? Diz-nos que o coração do rei não varia em nenhuma circumstancia? Em uma palavra segura-nos o bom despacho de quanto se pedir a sua magestade? »

E com os olhos cravados na phisionomia do pobre Vitellio de roupeta, o padre Ventura callou-se de repente, deixando-lhe suspensa sobre a cabeça uma espada de dois gumes. O confessor tinha só um gesto para revelar a prostração do animo; quando o temporal era forte descahiam-lhe as faces sobre as roscas da segunda barba, e metade da cara escondia-se no peito, em quanto os olhos, de côr incerta enviusavam a vista por cima do empinado ventre, para chegar ao interlocutor em que punha o alvo, e desta posição (perdoe-se-nos a ousadia) parecia-se ao borracho amuado levantando o papo para sumir o bico.

Entalado entre as unhas das tres fataes interrogações o padre confessor tinha mais vontade de refrescar as fauces com um copo de excellente vinho, e era apreciador; do que de se enterrar de todo com uma resposta imprudente e precipitada. Preso por ter cão, e preso por não o ter, era atroz.

Depois de muito scismar, julgou melhor sahir

elle, do que poreinno fóra; preferiu as honras do sacrificio á apupada de uma queda desastrosa. Suppoz que o queriam tirar da côrte, e que demorar-se mais um dia era o cumulo da temeridade. Por isso levantando a cabeça com alguma energia, e fazendo-se branco como a cal viva deu á luz, com visivel dôr, a renuncia formal do seu elevado cargo. O visitador ouviu-o sorrindo, e beliscando a orelha esquerda, gesto com que expressava o maior gráu de satisfação.

— « Em tempos ordinarios aceitei o logar por obediencia, disse o padre Sebastião, expellindo cada palavra e esbrugando cada syllaba por entre os dentes, como se as letras lhe cortassem o coração. — As coisas mudaram, e não devo fazer de mim melhor conceito do que os meus superiores. O coração dos reis está na mão de Deus, v. reverendissima o disse! e acrescentarei, *in cauda venenum* — debaixo dos pés do homem os trabalhos. Perguntado, pois, se em tudo o que se pedir haverá bom despacho, digo que não sei; e como alguem talvez mais habil ouse responder que sim, resigno o cargo nas mãos do prelado, e peço licença para viver feliz no meu antigo collegio de Evora. »

Um suspiro involuntario, mas sincero, revelou a pena que o pobre jesuita sentia de ír ser feliz. O visitador acariciou-o com a vista, animou-o com o sorriso, e deixou o concluir na intima persuasão de que a sege voltava sem elle ao palacio de Alcantara, aonde então residia D. Pedro II. Depois, o italiano recolheu-se mentalmente, declinou a luz da vista, e franziu os cantos da boca.

— « Padre confessor — disse por fim olhando recto e firme para a victima — quiz experimental-o. Se me dissesse que sim não podia servir a companhia, e era preciso tiral-o da côrte. Note bem o que vou dizer. V. paternidade (aqui ha só irmãos) tem errado, errado muito na sua direcção espiritual. Não somos jansenistas! Á força de escrupulos e de terrores moraes sei que fez de D. Pedro II um rei fraco, e incapaz de pensamentos grandes; se Roma lhe disser uma coisa e nós outra, cederá ao papa com medo das censuras! Bem vê o perigo que póde haver. Reis que não servem para si, não servem para os outros, e melhor é levar a pancada de um sceptro, do que estar atado ao leito de um paralytico. Queremos reis que tenham vontade sua, e coração forte; custa a fazel-os nossos, bem sei, mas ficam mais seguros. Não edifique em areia, se deseja duração. Erraram assim com o principe D. Theodosio, e elle morreu-nos succumbido! Padre Sebastião, acuda ao mal em quanto é tempo; conforte o animo e esclareça a rasão d'el-rei... não de repente, pouco a pouco. Deixe-o vêr pelos seus olhos algumas coisas; leve-o pela mão só metade do caminho. A respeito da curia, lembre-se de que em Roma só é que nós somos ultramontanos. Com esta regra que lhe dou continuará a servir a Deus, a el-rei, e á companhia no logar de confessor... Tem alguma coisa a dizer?... Não aceita?... Falle sem temor. »

— « Aceito, padre visitador! » — gritou o jesuita mais com o gesto do que vocalmente, tão engasgado em jubilo se achava. — Aceito mil vezes... a honra de ser util á companhia. Mas v. reverendissima dá-me venia para uma desculpa? »

— « Falle! »

— « A opinião de v. reverendissima foi sempre a minha; até representei para Roma o mal que podia seguir-se! Não me ouviram... Executor passivo cumpri as ordens; fui escravo dellas. »

Como se vê, o respeitavel theologo ia resuscitando, e recuperando aquella eloquencia firme, que assentou em cheio no sermão revolucionario, meditado pelo iracundo procurador dos dominicos.

— « Executou as ordens, bem sei; — acudiu serenamente o italiano — por isso não é deposto, e continúa. Agora entende melhor como deve haver-se? Ainda bem. Estimo que o seu voto se conforme. Prefiro sempre a obediencia voluntaria. Mas sabe, que não chegaram a Roma as representações, de que falla? Ora pois! Perdemos todos muito com isso, e v. paternidade mais do que ninguem.... ha avisos, que, dados a tempo, valem milhões. Ah, padre Sebastião; a fortuna é muito falsa... Valha-nos Deus. Affirmo-lhe que não sei de premio bastante para quem na occasião propria fizesse o que devia ter-se feito. Emfim, paciencia! »

Fallando assim, o padre Ventura mostrava tanta sinceridade, que o confessor de el-rei começou a acreditar que não estava tão mal com elle como suppunha.

Censuravam-n'o de uma ommissão grave; mas elle tinha provas de que estava innocente nella. Em todas as occasiões delicadas escreveu com boa informação para Roma e pedira novas ordens; porém debalde; nunca recebeu resposta. Agora percebia a rasão. A resposta faltava; porque as suas correspondencias eram interceptadas ou pelo menos mutiladas na cella do prelado, o

unico, a quem pelo seu cargo competia expedi-las ao geral.

Com perfidia sem exemplo, o superior, figurando-se amigo intimo roubava-lhe systematicamente o conceito e a influencia em Roma, supprimindo, ou fazendo suas as informações do confessor. Conhecida a traição, atcou-se de repente no peito do padre Sebastião aquelle odio intenso, decidido, e eterno que se chama odio de frade, e não tem egual no mundo. Os olhos, primeiro, o gesto depois, declararam ao falso amigo a ruptura da antiga alliança e a guerra implacavel que já ia substitui-la; para a lingua funccionar foi preciso mais tempo; decorreram alguns minutos, antes do queixo inferior cahir na sua posição natural, deslocado pela raiva; e as idéas, confundidas pela revelação do visitador, assentarem, permittindo qualquer manifestação vocal.

Porfim, em quanto o provincial amarello de cidra parecia summir-se pelo chão abaixo, fulminado pelos coriscos que dardejavam os olhos do padre Sebastião, e pelo sorriso cortante, que dos labios do padre Ventura lhe ia morder no coração, o rubicundo e corpulento confessor respirava com mais gosto, e tomava melhor o pulso ás difficuldades, que o cercavam. Resolvido a castigar immediatamente a má fé do superior, descarregando sobre elle a culpa, que lhe imputavam, o jesuita ainda convulso da comoção, que sentira, exclamou:

— « Se o meu crime é a falta, que v. reverendissima nota, devo justificar-me... Aqui está quem viu e ouviu ler as informações... Alli está, egualmente, quem as recebeu da minha mão, e approvou em conselho... Agora, accuso-me de simplicidade e negligencia por não escrever por duas vias; accuso o padre superior de ter subtrahido, occultado, mutilado, não sei qual, diversas informações que dei a tempo... E o que tenho a dizer. »

— « Quando fôr occasião eu explicarei... » — disse o provincial derrotado.

— « De certo! — atalhou o visitador. — Deve explicar. Padre confessor, fico-lhe fazendo mais justiça. Socegue; darei conta ao geral. Agora passemos aos negocios de fóra; ás coisas ultramarinas. Padre Telles, em que estado está o Japão? Perdemos ou ganhamos lá muitas almas para Deus? »

— « O Japão não se converte, martyrisa! » — respondeu o accessor interrogado. — « Todos os dias o nosso missionario, o unico que ainda lá temos, nos escreve, pedindo que o desobriguem..... »

— « Do perigo de padecer pela fé? Não póde ser. Que não desanime, e tenha diante dos olhos o exemplo de S. Francisco Xavier.. .. O soldado de sentinella a um posto deve ficar; ainda que saiba, ainda que veja que vae morrer..... é o nosso caso. Padre Telles, sei o que está nos seus papeis, não precisa dizer tudo. Sei mais que é amigo do missionario; que procura tiral-o do Japão e dar-lhe uma aldeia na America. Ora pois! Os negocios vão mal, porque o zelo esfria.... Para outra vez demore menos a resposta; quem está longe, já que não vê, precisa ouvir os superiores.... A proposito, diga ao padre Silva (creio que é o seu nome), que se cumprir bem as ordens, será mudado para a outra viagem.... Se cumprir, percebe? Ah, padre Simões como vae a China? Trabalha-se muito, de certo; mas a seára não amadurece. O que nos diz de mais particular? »

— « Que não se tem posto os meios, e por isso se não adianta nada » — replicou o jesuita, cruzando a vista com o prelado. Que se poupa em Cantão, em Pekin, e nas provincias, e que se gasta de mais em outras partes. Se não comprar-mos a tolerancia dos mandarins, os dentes do lobo não deixam fugir o cordeiro. Tudo se remedeia, menos o medo da morte em gente fraca. »

— « Tem rasão. Quando não se cultiva não se colhe. Ora bem! Os nossos missionarios esquecem-se muito de que o são; e nós queremos apostolos na China e não sapatras na India. A cruz já tem raizes fundas naquellas partes; o caso era plantal-a. Agora se a não abrigarem, por força cahe.... os ares são finos, e muito sujeitos a temporaes.... Deixe estar, padre Simões, havemos de cuidar da China; as suas missões hão de florescer.... Vejamos a America, padre Nunes! O que traz o seu correio? »

— « Ha dois annos que peço providencias e não sou ouvido » — respondeu o velho definidor com certo desgosto. Faz-se pouco ou nenhum caso das ordens de Lisboa; apezar dos capitulos entram todos pelas aldeias e vexam os indios... Não os ensinam, maltratam-nos, e todo o exemplo é tirar grandes cabedaes.... »

— « Donde não os ha. É verdade. Esta gente cuida que o oiro não é sangue, e por uma rupia arriscam corpo e alma. Continue. »

— « Depois os ultimos decretos de Roma desagradaram. Gasta-se muito em ostentações, em

banquetes, e não se melhora nada. Tinhamos um engenheiro a canalisar os rios e despediram-no. As plantações não se cuidam; tudo é pouco para festas e regalos.... »

— « Não diga mais; vejo que é sincero. Falla-se na corte e em toda a parte da riqueza do nosso commercio. De que serve que os outros saibam se nós somos pobres ou abastados? A casa de Areco rendeu oito mil pezos fóra o valor das mercadorias? Bem. Mas arremataram-na a um negociante de Cordova. Valha-nos Deus! Escreva ao procurador geral que desfaça o contracto por todos os modos. Eu não quero que a mão dos estranhos tome o pezo ao nosso cofre, ou que os de fóra vejam tanto como nós no interior do governo. Entende? Sei as ordens que expediu para o Brazil. Reforme-as. O geral Tirso Gonçalves era hispanhol, levava tudo a ferro e fogo. Tosquiam-me as orelhas muito rente, padre Nunes, e por um arratel de lã mais não quero perder a rez. Isto é figura. As aldeias dos Indios são nossas, mas nossa é tambem a terra, e nem por isso a esgotamos..... »

— « É exactamente o meu voto, padre Visitador. Representei o perigo de uma sublevação dos indios, e mandaram-me que obedecesse... »

— « Mandaram mal, está claro. Se não formos melhor do que os soldados, os indios fogem de nós e vão para quem os chamar. Os selvagens são como as creanças, querem mimo. Ganhámos aquelles territorios palmo a palmo, com a cruz na mão, e o amor de Deus na bocca; chegamos pela paz a ser mais fortes do que os castellos e os terços de el-rei.... Agora vexam-me, roubam-me os indios?! E se elles se levantarem? Se os hispanhoes, ou os francezes vierem? Não se apoderam da colonia, e não se mettem de dentro, e não ficamos nós de fóra?.... Esta gente não vê nada! Padre Nunes é preciso que a ignorancia se desbaste com pausa, com tento; nem sabios que intendam de mais, nem rusticos que saibam de menos. Os rebanhos vão atraz do pastor; os homens nem sempre. Levem-nos pelo amor; que o bom far-se-ha melhor, e do inimigo faz-se um amigo. Lembrem-se de que o lião, até o lião, lambe as mãos que o curam: se o coração dos indios não fôr nosso ou estiver com outrem, que é o mesmo, o governo da companhia dura poucos annos na America. Repare nisto, e acautele! Ah, padre Sines, tem susto da India? Estamos em bloqueio? Não importa, Deus proverá. Falle. Sabe, e póde dar boa conta. O que nos diz? »

— « Que é má questão, padre visitador! A curia insiste; os vigarios apostolicos, francezes e italianos, segundo informam de Roma, brevemente vão sahir para as igrejas do Oriente por nomeação da propaganda.... »

— « Para as apanharem de subito? Fallaram muito alto, padre Sines, e por isso verá que perdem a partida. A batalha é perigosa, confesso, mas querendo Deus ha de ganhar-se. Deixe estar. Mandam á India, á China, ao Japão os vigarios apostolicos? Bem! Agora pergunto: ha pastor sem rebanho? Quem lhes dará posse ou os seguirá, se nós não quizermos? Não reflectiram nisto; pois valia a pena. Para governar não basta a vontade, é preciso o saber; e elles das missões não sabem nada. Vão com os olhos tapados.... hão de cahir, digo-lho eu. »

— « Entretanto não desanimam; » — acudiu o accessor — « contam obrigar os nossos missionarios a reconhecer a sua auctoridade. Fallam das censuras de Roma.... »

— « Ou obrigarão, ou não, padre Sines. De longe tudo é facil. Depois enganam-se; quem lhes diz a elles que é lá, e não mais perto, que nos hão de encontrar? Roma, em bullas authenticas, não reconheceu o padroado portuguez? Póde expedir outras, contradizendo-se em presença de tantos reis offendidos pela usurpação? Não creia! Os vigarios apostolicos não levam senão breves clandestinos.... Ora a verdade é uma só. Se o papa disse em publico que as egrejas do Oriente eram de quem as fundou, não póde dizer em particular o contrario. Não defendemos senão a gloria e a boa fé do pontifice, se accusarmos de falsidade os breves, e de calumniadores os vigarios.... Já percebe? Com o sceptro de el-rei D. Pedro fecha-se-lhes a entrada.... Aquellas egrejas da India tem muito sangue portuguez nos cimentos, não se largam assim de graça. De mais, a propaganda quer a cruz no Oriente, mas gosta della encastoada em pedraria.... Um prégo de oiro na roda, que a roda ha de parar. »

— « E não deixamos nenhum padre de fóra nas missões? Parece-me que é o mais conveniente desde já? » — Insistiu o padre Nunes, olhando para o visitador com a vista cheia de sagacidade.

— « Nem um só, observa muito bem. Se lá entram, gostam, e ateimam. Prudencia e serenidade; não é preciso mais. Nada de nos exaltarmos; nada de nos excedermos. O nosso escudo é el-rei de Portugal. Cubra-se a compa-

nhia com elle, que o não ha melhor.... »

— « As noticias de Roma ainda fallam muito... »

— « Em quê? »

— « N'uma reconciliação. Parece que o cardeal secretario insinuou, que a propaganda não estava longe de nomear os nossos missionarios seus vigarios apostolicos. »

— « Sim? tambem tenho idéas vagas disso. E então? se a propaganda o quer, que remedio! O instituto da companhia não é absoluto; neste caso manda obedecer. Seremos vigarios apostolicos. Resistindo á nomeação dos padres de fóra das missões defendemos el-rei de Portugal, senhor natural. Aceitando a nomeação de Roma servimos o papa, senhor espiritual. O mais não é comnosco. Não é este o seu voto, padre Sines? »

— « Se v. reverendissima permitte, observo só que ficaremos mal olhados aqui, e talvez expostos... »

— « É possivel. Mas ficaremos bem em Roma. Depois, tudo se acommoda; neste mundo é assim. Cá diz-se que é melhor sermos nós, vassallos da corôa, e vassallos fieis, do que estrangeiros tirados das corporações religiosas sem raiz nem terra em Portugal. Lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos por mera obediencia... Ainda tem alguma duvida? »

— « Ainda ha o negocios dos quindenios, que em dinheiro val muito, que em consideração val tudo. E os dois juntos parece impossivel que se vençam. »

— « Separados é que não se ganhavam. Optar entre dois males pelo menor é a verdadeira regra. Os quindenios não se pagam sem razão sufficiente. El-rei D. Pedro comprometteu a sua dignidade a nosso favor; deste lado estamos seguros. Agora veja bem! E se o interesse maior disser que se paguem? Não devemos perder o menor e salvar o mais? Por exemplo, se pagando nós os quindenios, a propaganda nos fizer vigarios apostolicos no oriente, não vale a pena? »

— V. reverendissima de certo prevê todas as consequencias! » — exclamou o provincial, convulso e suffocado de medo diante da audacia desta politica.

— « Pois, não prevejo!? É verdade; ha de rebentar um temporal, em que sendo mau o piloto podia naufragar o baixel de Santo Ignacio nesta costa de Portugal, que não é pouco brava... ás vezes. — Replicou o visitador sereno e risonho. Hão de estranhar, censurar, exterminar até algum de nós, o padre provincial por exemplo. Mas *quid inde*? A companhia ganha, e o individuo perde. Isso o que prova é a necessidade de termos amigos, poderosos e muitos. Padre confessor, padre provincial, o que ha a este respeito? Contemos as forças antes da batalha... Quem não é por por nós. Estou ouvindo. »

E encostando-se ao largo espaldar do seu throno sacerdotal, inclinou a face á mão, e ficou immovel. O superior e o padre Sebastião suspenderam um instante a vista agressiva, que trocavam, desde o principio da conferencia, para se consultarem sobre a resposta mais opportuna. Ambos tremiam dos perigos, que iam correr, obrigados a servir de instrumentos de uma politica, que nos seus calculos sinuosos, jogava sem escrupulo com a corôa do rei e a theara do papa, desarmando um pela mão do outro. Não ignoravam, que a cholera de D. Pedro II, escarnecido no seu poder, e ludibriado na sua boa fé, cahiria fulminante sobre os motores ostensivos da companhia. Percebiam optimamente que os deixaram nos seus cargos para representarem o papel de bode emissario dos hebreus. A sociedade impunha-lhes os seus peccados, e deixava-os lapidar por quem quizesse. Entretanto obedecer era o que lhes cumpria. O que valiam ou significavam elles diante do engrandecimento e gloria da companhia?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXIII.

A montaria.

El-rei logo que montou a cavallo agitado pela raiva que lhe causaram as palavras do Infante, impaciente, desejoso de movimento, deu de esporas e partiu ao gallope pelos areaes cubertos de mato rasteiro, que se estendem entre Salvaterra e Benavente, seguido apenas por alguns fidalgos.

Atraz delle e em carreira menos veloz, a rainha, o infante, algumas damas, e e resto da corte seguidos dos monteiros e moços do monte, encaminharam-se taobem para o carrascal onde a montaria devia ter lugar.

A manhã estava esplendidamente formosa; no horisonte apenas havia ligeiras nuvens, que os raios do sol tingiam de um côr de rosa vivo e luminoso, o ar não azul retinto como nas madru-

gadas do verão, mas esbranquiçado, parecia tornar mais difusos e suaves os clarões do sol. O mato, aque se suspendiam em miriades as gotas do orvalho, havia-se metamorphoseado nessas plantas prodigiosas cujas flores são rubis, cujos fructos são diamantes, que só vecejam e exalam perfumes nos jardins encantados, que os poetas orientaes nos descrevem. As avesinhas levantando-se espavoridas debaixo dos pés dos cavallos, iam, lançando pios de terror, buscar nas alturas abrigo e segurança.

O espectaculo da natureza, acordada do seu dormir nocturno pelo luzeiro da madrugada, naquella extensa planura onde parecia conservar-se ainda inalterada a phisionomia selvagem, singella, quasi monotona dos paizes inhabitados, não era gracioso más era bello: a alma dilatava-se com os olhos pela extensão dos campos. O coração do infante, agitado pela convulsão violenta que a ambição e o odio excitam naquelles que são assas desditosos para se deixarem subjugar por essas ruins paixões, dominado porém naquelle tempo por paixão mais suave, ia-se pouco a pouco serenando, á medida que a poesia da natureza, e os efluvios do amor lhe penetravam os sentidos. El-rei levado pelo seu cavallo em carreira desfechada, foi-se sempre alongando da comitiva da rainha, até que uma quebrada do terreno o poz fóra da vista desta; então D. Pedro cercado de fidalgos moços, de damas formosas, debaixo do influxo de um céu puro, quebrando debaixo dos pés do seu lasão os ramos de rosmarinho e as estevas, que o orvalho da noite cubrira de diamantes, sentindo-se amado pela rainha, de cujos olhos formosos elle via irradiar-se a esperança, esquèceu tudo para só pensar na sua felicidade e no seu amor.

A rainha tãobem não despregava os olhos do principe: e o bello rosto em que se reflectiam vivamente todos os sentimentos de uma alma ardente, estava animado e alegre. A alegria dos principes bem depressa se communicou a quantos os acompanhavam. A meia legua de Salvaterra já todos os signaes de terror e de cholera que a altercação do infante com el-rei havia feito aparecer nas caras espavoridas dos cortesãos, se tinham desvanecido: a serenidade, a alegria, ou essa expressão dubia e multiforme que tira aos lisongeiros todo o caracter physionomico, e definido é um dos maiores requintes da sua arte abjecta, transparecia em todos os fidalgos.

O carrascal em que os emprazadores tinham amalhado os porcos estava situado para o norte de Benavente, e cubria quasi totalmente um oiteirinho de pequena elevação a que se prendiam dois tesos cubertos de çarças rasteiras e de herva. Entre estes accidentes do terreno havia duas ou tres quebradas, cavadas pelas aguas do hynverno: n'uma dellas que ficava nas faldas do oiteiro, borbulhavá das fendas de uma rocha calcarea, que a area não cubria de todo, uma agua limpida e fresca, que depois de se deter um pouco na concha, que ella mesma cavava na pedra, ia serpeando por entre a relva e o musgo de um prado em miniatura perder-se no areal. Esta fonte, toda frescura, perfumes, e flores, era assombrada por quatro bellos freixos de folhagem ligeira e ondulante, e cercada de moitas e moitas em que as estevas se entrelaçavam com as silvas, as clematites e o alegra-campo. Era junto desta fonte que D. Affonso VI se havia apeado, foi alli que se reuniram todos os caçadores.

El-rei cercado dos emprasadores inquiria sobre o modo porque elles tinham descuberto e amalhado os porcos. Não havia duvida que para o carrascal, naquella madrugada, entrara um porco grande seguido de um marrão ou escudeiro, como lhe chamavam os caçadores: os emprasadores tinham seguido o rasto das rezes sem serem aventados por ellas, e descuberto assim o lugar onde se recolhiam.

A esperança de uma montaria que, segundo a opinião dos caçadores experimentados, não podia deixar de ser interessante, animava os principes e os fidalgos. Rivalidades, odios, desejos malogrados, ambições não satisfeitas, tudo foi esquecido, ou pelo menos pareceu esquecido pelos cortesãos. D. Affonso e o infante conversaram sobre o modo porque devia ser feita a montaria: o Castello-Melhor e D. Rodrigo de Menezes discutiram placidamente e com a boca cheia de riso os meritos e bellezas dos lebreos inglezes d'el-rei.

Resolveu-se alli mesmo que o marrão, que era de esperar fosse o primeiro a sahir da moita, seria monteado á lança por el-rei; e o porco grande entregue aos lebreos inglezes. Então, o monteiro-mór ordenou a montaria distribuindo os caçadores, os monteiros e os moços do monte em roda do carrascal, e foi pôr el-rei n'uma quebrada por onde, segundo o parecer dos mais sabedores das coisas da caça, devia escapar-se a rez quando se visse atacada e perseguida pelos sabujos. A rainha, sua alteza, Ninon d'Amurande e outras damas ficaram com alguns fidal-

ges nas proximidades da fonte para verem a caçada, em que não deviam tomar parte.

Dispostas assim as coisas pelo monteiro-mór, sua magestade deu signal para começar a montaria, tirando de uma trombeta doirada, que trazia a tiracollo, alguns sons agudos e desafinados. Sua alteza, cuja paixão pela trombeta lhe não consentia ficar silencioso quando tinha occasião de mostrar as suas prendas, embocou tambem a trompa de caça, e repetiu o signal dado por el-rei, tocando uma *fanfarra*, se não com muita perfeição, ao menos de um modo que não ofendia os ouvidos de quem o escutava.

Immediatamente os moços do monte largaram a matilha dos sabujos de solta, os quaes excitados pelos gritos e alaridos dos caçadores, se embrenharam no carrascal em carreira desfechada. Não tardaram os cães em dar signal de que haviam encontrado a preza que demandavam. Os latidos dos sabujos que a principio eram repetidos, raivosos, pouco a pouco se tornaram mais vagarosos, e como dados a medo.

— É signal certo de que os sabujos encontraram porco velho e experimentado — disse a el-rei o couteiro Antonio Rodrigues. — Quando elles acham só marroada ladram com atrevimento; mas em dando com rez que lhes rebata os impetos, e que lhes mostre os dentes deveras, já são mais cautelosos e menos linguarães. Vil cansoada!

— Enganaram-se então os emprasadores — interrompeu el-rei, — quando disseram terem visto entrar um porco e um marrão na moita.

— Não se enganaram talvez, perdoe-me vossa magestade. Os sabujos deram com o porco primeiro, e por isso ladram assim: o marrão, o escudeiro, indo provavelmente meter-se adiante, e então, em quanto os cães o perseguiram, fugira o porco.

— Este não foge de certo, porque se lhe deitam os lebréos.

— O alarido geral levantado por caçadores, e o ladrar mais approximado dos sabujos veio cortar este dialogo de el-rei com o velho couteiro. Um marrão perseguido pelos cães, saía correndo, e cortando o mato, do carrascal serrado, que coroava o oiteiro. A rez ora fugia para se salvar dos seus perseguidores, ora, sentindo-se seguida de perto, parava para se defender: então travava-se uma lucta, que apenas durava instantes, e a fera rasgava com os dentes açaculados e agudos um sabujo, o que fazia que os outros della se alongassem. . . . . .

Affonso VI logo que a rez entrou n'uma planura que ficava a meia encosta, deu de esporas ao cavallo, e correu sobre ella, com a lança em punho. Um golpe rijo dado perpendicularmente com a lança no dorso do porco atravessou este de parte a parte: el-rei quando sentiu a lança presa, largou-a; e principiou a correr em roda da rez, que, ferida, assustada pelos gritos dos caçadores, e dilacerada pelos sabujos, deu apenas algumas voltas desatinadas na planura, e caiu por fim esvaecida e sem alento.

A victoria de el-rei foi celebrada por toda a côrte. Sua magestade ria, batia as palmas, fazia os gestos mais desordenados para manifestar a sua alegria, e repetia continuamente em altos brados, voltando-se ora para a rainha, ora para o infante:

— Digam agora que eu sou tolhido do lado direito, que fiquei paralitico de pequeno! Digam que eu não presto para nada, que não posso nada, e que por isso me ia matando o toiro d'Azeitão! Ninguem dava uma lançada melhor do que esta: nem tu, Pedro, e mais és um gigante. Digam que sou paralitico! Hei de fazer aos meus inimigos o que fiz a este porco, passal-os de parte a parte com uma lança: para lhes provar que mexo perfeitamente braços e pernas. . . . .

Novos brados, novo alarido dos caçadores que estavam do lado opposto da moita, deram signal de que a outra rez, o javalí grande que ficava escondido na malhada, saíra do carrascal. El-rei, seguido dos fidalgos e dos caçadores, correu ao logar d'onde partiram os gritos; e ordenou que se largassem ao porco dois lebréos inglezes, que um moço do monte trazia atrelados.

Soltos os lebréos, travou-se a lucta destes com o porco, que ao vêr-se atacado recuára até ao carrascal para ahi se defender. O javali era um feroz e temeroso animal, com as cerdas ouriçadas, os olhos flamejantes, e a bocca escamosa e escancarada, deixando vêr dentes alvos e agudos: os lebréos hesitaram instantes, porém animados pelas vozes dos caçadores, arremeçaram-se sobre elle, buscando filhal-o pelas orelhas, ou pelo cachaço. O porco ora afugentava os lebréos dando-lhe fortes trombadas, ora sentindo as carnes dilaceradas pelos dentes destes, sacudia o corpo com tal violencia que lançava a muitos passos de distancia os seus audazes inimigos. O combate durou assim poucos minutos; até que a fera, sentindo-se impotente contra os repetidos ataques dos lebréos, e as-

custada pela maioria dos caçadores, aproveitou um momento em que os cães se haviam affastado um pouco delle, e fugiu, rompendo a linha dos caçadores, que sobre ella dispararam inutilmente alguns tiros.

Quando Affonso sexto correra para o lado do carrascal, opposto áquelle em que fôra morta a primeira rez, haviam-no seguido todos os fidalgos e os caçadores; o infante porém e a rainha, apenas acompanhados por Ninon d'Amurande em vez de seguirem el-rei deixaram-se ficar junto á fonte aprazivel e amena, que borbulhava á sombra dos salgueiros.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

(Concluida de pag. 203.)

A ilha de *Nisida*, que serviu de retiro a Brutus depois da morte de Cesar, a ponte de Caligula, a *piscina admiravel*, todos estes palacios edificados no mar, de que falla Horacio, valeriam bem a pena de nos demorarmos nelles um pouco. Virgilio collocou, ou achou nestes logares as bellas ficções do sexto livro da sua Eneida; é d'alli, que elle escrevia a Augusto estas palavras modestas (são, me parece, as unicas linhas em prosa, que nós conhecemos deste grande homem):

Recebo frequentes vezes cartas tuas... Em quanto ao meu Eneas, se fosse digno dos teus ouvidos, por Hercules, que de boamente t'o enviaria: mas é uma empresa tamanha, que me parece ser quasi loucura tel-o principiado, entregando-me principalmente, como sabes, para esta obra, a diversos estudos, muito mais consideraveis do que a composição da mesma obra.

Este fragmento acha-se nas Saturnaes de Macrobio, liv. 1, c. 14, que tem por titulo: *De laudibus, variaque eruditione Virgilii.*

Provavelmente depois da guerra dos Cantabros (segundo se lê na vida de Virgilio attribuida a Donato) é, que o poeta escreveu esta carta a Augusto, que o instava para lhe enviar em todo ou parte a sua Eneida. — Virgilio recusava-se ao principio, e só longo tempo depois é que leu a este principe o 2.°, 4.°, e 6.° livro.

A minha romaria ao tumulo de Scipião o Africano é uma daquellas, que mais tem satisfeito o meu coração, ainda que não consegui o fim, por que a tinha emprehendido. Tinham-me dito, que o seu mausoleo ainda existia, e que ainda se lia nelle a palavra *patria*, unico resto desta inscripção, que se pertende ter abi sido gravada: *Ingrata patria, não terás os meus ossos.* Fui á *patria*, á antiga *Literna*, não achei o tumulo; mas vaguei sobre as ruinas da casa, que o maior, e o mais amavel dos homens habitava no seu exilio: parecia-me vêr o vencedor d'Annibal passear á borda do mar sobre a costa opposta á de Carthago, e consolando-se da injustiça de Roma pelos encantos da amisade, e pela consciencia de suas virtudes.

Em quanto aos romanos modernos, meu caro amigo, Duclos parece-me que estava de mau humor, quando lhes chamava *os italianos de Roma*. Eu creio, que entre elles ainda ha o amago de uma nação pouco commum. Facilmente se póde descobrir entre esse povo, julgado com demasiada severidade, um grande senso, coragem, paciencia, genio, vestigios profundos de seus antigos costumes, um não sei que ár de soberano, e alguns nobres usos, que respiram ainda a realeza. Antes de condemnar esta opinião, que vos póde parecer extravagante, seria necessario ouvir as minhas rasões, e eu não tenho tempo de vol-as expor.

Quantas coisas me restariam a dizer-vos sobre a litteratura italiana! Sabeis vós, que não vi senão uma vez na minha vida o conde Alfieri, e advinharieis em que circumstancias? Vi-o metter no feretro! Dizem-me, que não estava mudado; a sua physionomia pareceu-me nobre e grave; a morte ajuntava-lhe certamente uma nova severidade. Eu devo á bondade de pessoa muito sua querida, e á civilidade de um amigo do conde Alfieri de Florença, notas curiosas sobre as obras posthumas, e as opiniões deste homem celebre. A maior parte dos papeis publicos em França não vos tem dado a este respeito mais que informações troncadas e incertas. Em quanto que não posso communicar-vos as minhas notas, remetto-vos o epitafio, que o conde Alfieri havia feito, ao mesmo tempo que o seu, para a sua nobre amiga:

Hic. sita. est.
Al... E... St...
Alf... Com...
Genere. forma. moribus.
Incompacabili. animi. candore.
Præclarissima.
A. Victorio. Alferio.
Juxta. quem. sarcophago. uno. [1]
Tumulata. est.
Annorum. 26. spatio.
Ultra. res. omnes. dilecta.
Et. quasi. mortale. numen.
Ab. ipso. constanter. habita.
Et. observata.
Vixit. annos... menses... dies...
Hannoniæ. Montibus. nata.
Obiit... die... mensis...
Anno. Domini. M. D. CCC. [2]

[1] Sic inscribendum, me, ut opinor et opto, præmoriente: sed aliter jubente Deo, aliter inscribendum:

Qui. justa. eam. sarcophago. uno.
Conditus. erit. quamprimum.

[2] «Aqui repousa Heloisa E- St., condeça d'Al., illus-«trissima por seus avós, celebre pelas graças da sua pessoa, «pelos dotes do seu espirito, e pela candura incomparavel «da sua alma. Sepultada ao pé de Victor Alfieri em um «mesmo tumulo *; preferiu-a, durante 26 annos, a todas «as coisas da terra. Mortal, foi constantemente seguida e «honrada por elle como se fôra um nume. Nascida em Mons, «viveu... e morreu a...»

* Assim escrevi, esperando, anhelando morrer primeiro; mas se al prouver a Deus, escrever-se-ha de outra fórma: em «Sepultada pela vontade de Victor Alfieri, o qual «breve o será junto della no mesmo tumulo.»

A simplicidade e principalmente a nota, que o acompanha, parecem-me summamente tocantes.

Por esta vez tenho acabado; remetto-vos este montão de ruinas, fazei dellas o que vos agradar. Na descripção dos diversos objectos, de que vos tenho fallado, creio não ter omittido nenhuma circumstancia notavel, senão que o Tibre é sempre o *flavus Tiberinus* de Virgilio.

Querem, que elle deva esta côr limosa ás chuvas, que cáem das montanhas, donde desce. Muitas vezes pelo tempo mais sereno, vendo correr as suas aguas descoradas, tem-se-me representado uma vida principiada em meio de tormentas: em vão passa o resto do seu curso por debaixo de um ceu puro; o rio fica tinto das aguas da trovoada, que o toldaram na origem.

CHATEAUBRIAND.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Condecoração a um artista. — Acaba de ser agraciado por S. M. A Rainha com o habito de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa o distincto scenographo italiano sr. José Cinatti, pelos valiosos serviços que prestou á commissão encarregada de levar a effeito a exposição a beneficio das casas d'asylo da infancia desvalida, não só na decoração e arranjo artistico da grande sala onde actualmente tem logar aquelle acto philantropico, mas tambem na escolha e classificação dos variados primores d'arte que alli se acham expostos.

O nome do sr. Cinatti é bem conhecido, e a reputação artistica que merecidamente gosa foi-lhe grangeada, não só pelos seus trabalhos scenograficos que o publico de Lisboa tem constantemente admirado, como tambem por diversas obras de pintura de decoração, que igualmente attestam o seu talento.

Presamo-nos de ter entre nós um artista de tanto merecimento como o sr. Cinatti e muito estimamos que elle tenha recebido da Soberana um testimunho tão distincto de consideração.

D. R.

Noticias da estação. — *O Conciliateur* dos Altos-Pyrenneus, de 30 de novembro refere, que as chuvas cahindo em torrentes havia dias naquelle departamento engrossavam os ribeiros dos valles, de modo que o Adour, que os recebe todos, de certo sahiria do alveo. Já constava de estragos consideraveis em varios sitios, pelo rompimento dos diques de segurança. A estrada das caldas de Baréges estava bastante damnificada.

Do departamento do Tarn escreviam na mesma data que nos primeiros dias da semana fôra tamanha a quantidade de neve nas serras, que em muita parte tinha mais de quatro palmos de altura.

Nos arredores de Trappes e de Meaux os trigos semeados em outubro tardaram muito a nascer, e os que foram deitados á terra mais tarde não davam mostra de si, procedendo tudo da nimia secca. Sobrevieram chuvas no fim de novembro, e poderia ainda fazer-se sementeira com bons auspicios se não houvesse receio de subita apparição das geadas.

Em Hespanha, na Castella e na Andaluzia, soffrem-se as consequencias da excessiva secca que igualmente aflige os lavradores portuguezes. Na provincia de Salamanca, limitrophe nossa, ou não se tem semeado, ou deixaram de nascer os cereaes; na provincia de Sevilha succede quasi outro tanto, e o gado morre por falta de pastos. Em Cadiz é tal a falta de agua potavel que as auctoridades tomaram providencias para abastecer a povoação, transportando agua de fóra.

Expedição russiana. — Nestes ultimos tempos o governo da Russia tem procurado com grande empenho segurar as relações do imperio com os estados visinhos da fronteira da Asia. O rigor do inverno de 1839 a 1840 frustrou a expedição enviada contra Chiva para pôr cobro nas rapinas das tribus kirgises.

Actualmente descobriu-se melhor caminho pelo lago Aral. É verdade que este lago é separado da fronteira russiana pelas planicies que os kirgises habitam; porém, essas tribus anteriormente hostis á Russia acham-se hoje mais ou menos sob o dominio desta potencia, por meio de uma linha de fortes e do cordão dos cossacos que protegem as caravanas.

Foi nomeada uma commissão scientifica nautica para explorar o lago, e o resultado de seus trabalhos decidiu o governo a mandar construir na Suecia tres barcos de vapor para o lago Aral, e que brevemente serão transportados ao logar do seu destino. Ha tambem no lago quantidade de embarcações de vela; e quando tudo estiver preparado, a expedição tomará o seguinte rumo. A tropa, partindo de Orenburg, marchará para o forte Aral, situado ao desembocar do Syr-Daria no lago; depois, subindo pelo rio chegariam ás duas cidades commerciantes de Teschend e Chokend: subiriam depois pelo Syr-Amru para ir a Chiva, sita nas margens do mesmo rio, e a Bockhara. É facil de comprehender o quanto será vantajoso para a Russia o bom resultado de tal expedição e o ciume que causa ao governo inglez este projecto.

Novas minas. — A Dinamarca vai ser possuidora de minas rendosas. — No principio do passado julho, sahiu de Copenhagen para a Groenlandia uma expedição scientifica com o objecto principal de explorar, em sentido mineralogico, a cordilheira de serras que corre por todo o cumprimento daquelle paiz. Aos 12 de setembro chegou á colonia dinamarqueza de Julianehaab, e logo no dia 13 começou suas pesquizas nas montanhas proximas. As primeiras enchadadas descobriram veios de mineral de cobre quasi á flor do chão, formando tres ramaes distinctos e que segundo todas as apparencias devem ter grande espessura e sobretudo muitissima extensão.

Á proporção que os mineiros trabalhavam rodavam pelo vertente da montanha massas do mineral do pezo de 200 a 800 libras cada uma, e que continham 60 a 70 por cento de cobre puro. Os engenheiros directores da expedição participam que, attenta a grande analogia que observam entre a formação das serras da Groenlandia e a dos montes Uraes

na Russia, não perdem a esperança de descobrir nas primeiras não sómente minas de ouro e de platina, mas tambem de prata.

Caminhos de ferro em Noruega. — Escrevem de Christiania em 25 de novembro passado. — As obras da vasta rede de caminhos de ferro do lago Mjoensen, que foram começados em seis pontos differentes, progridem agora com extrema actividade, não obstante os rigores da estação actual. O primitivo numero de operarios era 3:200, e acha-se hoje augmentado mais de metade; são todos noruegos, mas dos contramestres ou aparelhadores 82 são inglezes: Com o tempo frio, secco, e de luar, o trabalho dura até á meia noite. Já se minaram a fogo 134 enormes penhascos; e todas essas perigosas operações foram tão bem dirigidas, e desempenhadas com tamanha prudencia, que não houve mais damno do que um homem ferido, e esse mesmo levemente.

Protestante convertido. — O reverendo padre Ignacio Passionista (lord Spencer) prégou no dia 24 de novembro na egreja de S. Luiz dos francezes em Roma. É um inglez convertido ha annos ao catholicismo: fez o seu sermão em lingua franceza, e pediu ao auditorio que o auxiliasse em suas orações para a completa conversão da sua patria. No domingo proximo pregava na lingua ingleza na egreja de St.ª Ignes.

(Osservatore romano).

Ascensão ao Pão d'Assucar da barra do Rio de Janeiro. De uma carta inserta no *Jornal do Commercio* de 9 de novembro ultimo tomamos o seguinte extracto.

Ainda lhe não fallei da ousada ascensão ao Pão d'Assucar; são idéas do Norte-Americano Burdell que desta vez encontrou companheiros para a sua arriscada empreza: cumprirei agora este dever, assegurando-lhe desde já que, apezar da ufania que deve ter um homem que subiu ao Pão d'Assucar, eu lá não iria nem que me dessem todas as riquezas do mundo.

Eram dez os viajantes, contando-se entre elles duas senhoras e um menino, todos estrangeiros. Sahiram da cidade no dia 31 de outubro; ás 11 horas da manhãa, e chegaram ao ponto do desembarque, donde deviam começar a ascensão, ao meio dia menos um quarto. Depois de grandes fadigas, e muito sequiosos, venceram a primeira subida perpendicular da montanha á 1 hora. Ahi descançaram um pouco, e um dos companheiros que desanimára, quiz voltar, o que não fez, cedendo ás rogativas das senhoras. O que não alcançarão senhoras, principalmente quando são bonitas! Lembre-se da historia do genero humano.

Á hora e meia começaram a segunda subida, mais difficil e perigosa, e ás duas chegaram á terceira, que é quasi perpendicular e tem uns 70 pés de altura. Só de contar-lhe estou todo arripiado: se uma daquellas creaturas desemba por alli abaixo! em que ficaria a empresa? Ahi foi-lhes de muito auxilio um marinheiro norte-americano que os acompanhava; atou uma corda á cintura, e com grande esforço e energia conseguiu subir e amarrar a corda em uma arvore pequena. Apoiados nella subiram todos, menos as senhoras e o menino, que foram atadas pela cintura e guindadas para cima. Gastaram ahi nada menos de uma hora. Finalmente entraram na ultima parte da ascensão.

Bravo! lá está o menino, o joven Luiz Burdell no cume da montanha! Como está alegre! Que exclamações enthusiasticas á vista do panorama que se desenrola ante seus olhos! Foi elle o primeiro que lá chegou; precedeu ao pai, á mãi e aos outros companheiros. Suas palavras foram uma animação para os viajantes. Eram quatro horas e meia; dez minutos depois tinha elle companheiro junto a si: ás cinco horas estavam todos em cima. Felicitemo-nos; estão salvos!

O tal menino promette!

Depois de descansarem uma hora, deram os viajantes signal de terem chegado a salvamento, soltando foguetes do ar de 10 em 10 minutos. Assim passaram até ás 7 horas; desceram então um pouco para o lado de Botafogo, em quanto os marinheiros acendiam em varios logares uma materia combustivel de que estava coberta a montanha. Em menos de 5 minutos apresentou-se o Pão de assucar com uma corôa de fogo.

A sêde foi o maior incommodo que sentiram, ainda mais que o cansaço; já tinham acabado a agua que levaram, e viram-se obrigados a beber a que encontraram nos coroatás, e apesar de estar quasi podre pareceu-lhes deliciosa.

«Depois de contemplarmos a cidade e arrabaldes, disse-me um dos viajantes, e alegrar-nos com muitas de nossas cantigas nacionaes, que pareciam transportarnos á terra da patria, fomos descansar ás 11 horas — não dormir, — pois todos, menos o menino, estavamos demasiadamente excitados pelo genio do logar. As luzes longinquas, o zunir do vento, o pincaro elevado em que nos achavamos, como que nos separavam do resto do mundo, e nos attrahiam para o Deus da natureza, que habita templos não construidos por mãos de homens.»

Ao alvorecer estavam todos occupados em hastear os dois pavilhões das duas principaes nações da America, do Brasil e dos Estados-Unidos; juntaram-lhe o da Grã-Bretanha. Ás 8 horas da manhã do 1.º de novembro estava este trabalho concluido, e os viajantes em torno das tres bandeiras deram tres vivas com enthusiasmo, como nunca ouvira aquella montanha solitaria.

Principiou a descida, e agora apparece um perigo novo, que hontem não havia. O fogo queimou o capim em que elles se seguraram e apoiaram; a pedra está nua e lisa. Desceram comtudo, e o unico desastre foi a quéda de uma pedra pequena, que cahindo na cabeça da senhora ingleza, abriu-lhe uma brecha, o que todavia não a desanimou.

Na descida, perto do cume, acharam uma bala de artilheria de 24; conjecturaram que devia ter sido atirada da fortaleza de Santa Cruz, o que parece incrivel, pela altura em que estava. É o tropheo da campanha; carregaram com ella. Chegaram ao ponto de partida sem accidente; voltaram á cidade depois de uma ausencia de 30 horas.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 20. QUINTA FEIRA, 25 DE DEZEMBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O IODE E SUA EXISTENCIA NO AR, E NAS AGUAS.

Uma questão de subido interesse acha-se actualmente submettida ao exame da Academia das Sciencias de Paris: é relativa á presença geral do iode nos tres reinos da natureza, com especialidade no ar e nas aguas.

Este facto, varias vezes indicado por diversos casos avulsos, foi agora assentado de modo irrefragavel, por M. Chatin, professor da eschola de pharmacia, mediante uma serie de experiencias, effectuadas com muito seguimento e methodo tanto em França como em outros paizes; e os resultados importantes para a sciencia foram, como dissemos, presentes á academia.

O iode é um corpo simples, descoberto em 1811 por M. Courtois, que só dahi a dois annos o deu a conhecer aos sabios. Acha-se em differentes productos naturaes, donde se extrahe ordinariamente para entrar no commercio; mostra-se na fórma de palhetas côr de aço, mui tenues; tem cheiro pareeido ao do chlore, porém menos suffocante; o sabor é picante e corrosivo. Derrete-se aos 107 gráos centigrados e volatilisa-se aos 175, então o vapor toma uma côr violacea de bello cambiante, esta circumstancia foi causa de lhe darem o nome de iode, palavra derivada do grego.

Desde que foi descoberta, esta preciosa substancia tem sido objecto de bastante estudo e de mui variadas experiencias: sabios da primeira ordem investigaram seus elementos, suas applicações, e hoje tem importancia capital. E' usada na medicina em numerosos casos, quer só, quer ligada com outras substancias: ministrada em tenues doses actúa propiciamente no systema lymphatico restaurando e activando suas funcções; combate as escrophulas, os enfartes lymphaticos, e as diversas castas de papeiras. Tambem a empregam contra certas affecções do figado e do baço, e contra os scirrhos e cancros: finalmente, póde substituir com vantagem o mercurio em certas molestias, e não tem como este o inconveniente de atacar os ossos e perturbar os elementos do organismo. Basta o que enumeramos, para mostrar a acção util de que é susceptivel, applicada á economia animal.

Ha poucos annos verificou-se a existencia do iode nas aguas salgadas, nos peixes, e principalmente nos oleos de figado de arraia e de bacalhau, usados actualmente na pharmacia. Pouco a pouco se descobriu em novos productos do reino vegetal e do reino animal. M. Chatin, que ligou seu nome a estes descobrimentos, operou em ultimo lugar com o ar e com a agua: fez analyses de aguas extrahidas de mais de 350 lagoas, poços, cisternas, fontes, grandes correntes de agua, comprehendendo na França todos os rios principaes, e no estrangeiro o Tibre, o Tamisa, o Nilo, o Neva, o Bliss, o Elba, o Oder e o Danubio; e chegou a esta conclusão: — que o iode existe em proporções differentes em todas as aguas que brotam da terra: que a abundancia do iode póde inferir-se da natureza mais ou menos ferruginosa dos terrenos que essas aguas lavam; que a proporção do iode cresce nas aguas ordinariamente na proporção da quantidade de ferro; finalmente que os rios alimentados pelos montes de gelo, taes como o Rheno, o Rhódano, o Isére, o Durance, o Adour, são pouco iodurados, sobre tudo na epocha do grande derretimento das neves.

As analyses do ar, considerado sob o mesmo aspecto, deram resultados curiosissimos. Quem se dirigir aos Alpes pela Borgonha e Lyão, partindo da bacia do Rhódano, achará a atmosphera sensivelmente menos carregada de iode do que nas bacias do Sena, do Tamisa, do Somme, do Oise, do Yonne. Continuando na direcção da maxima cordilheira dos Alpes, achará a diminuição progressiva do iode. Já escaceia em Tullins, Grenoble e Montmélian; porém, na Tarentaise, em Maurienne, e

subindo o curso do Isére e do Arc, desapparece inteiramente.

Os valles sitos na vertente italiana dos Alpes não são mais ricos em iode dos que os fronteiros á França. O ar das alturas de Villars de Lans, do Petit-Sanint-Bernard, e do Mont-Cenis, dá pouco ou nenhum iode. Descendo-se dos Alpes para as planicies do Piemonte, encontra-se, n'uma linha tirada de Jorée até Genova, passando por Turin, Alba e Acqui, quasi a mesma atmosphera que de Lyão a Grenoble.

Voltando a Paris pelo Forez e o Auvergne, acha-se que Saint-Etienne, Le Puy em Velay, Clermont e Aigueperse, afastam-se pouco, sob o mesmo aspecto, da classificação dada a Lyão, Grenoble, Chambery e Turin. Nestes diversos paizes a natureza das aguas corresponde á do ar.

Resulta destes factos, e de consideravel numero de outros do mesmo genero, que o ar mais adequado á vida é o que contem mais iode; e que esta regra se applica igualmente á agua. Os paizes, onde os habitantes são achacados da deformidade e molestia das papeiras, em geral tem aguas privadas de iode; fez-se a experiencia recente nas dos districtos do Meurthe, do Jura, do Isére, e dos Pyrenneus, e doutros similhantes.

As qualidades peculiares do iode mostram sufficientemente a rasão porque a natureza o espalhou no estado molecular em tamanho numero de corpos: corrige os máus principios que alteram ou que destroem as propriedades dos elementos essenciaes do ar; as suas moleculas, penetrando com este nos pulmões, dão força e elasticidade ás paredes dos canaes aerios. Póde dizer-se que esta substancia falta nos sitios onde o ar está viciado, deleterio. Na montanha Grand Saint-Bernard, onde os monges corajosos e venerandos não duram mais de oito ou nove annos, naquelle sanctuario do zelo e da caridade, o ar não contem iode: este facto não é o motivo unico da brevidade da vida desses sanctos varões, mas coincide notavelmente com outras causas fataes.

Collige-se de uma serie de factos observados recentemente, que as plantas e animaes, que tem uso na therapeutica como peitoraes ou dissolventes, distinguem-se por sua abundancia de iode: entram neste numero, os musgos, a pulmonaria de carvalho, os caracoes, as tartarugas, o outros muitos.

As utilidades desta substancia não aproveitam só á sciencia e ás artes, mas tambem á humanidade enferma, como temos visto. Citaremos mais um facto importante. Havia na vertente oriental dos Pyrenneus uma pequena aldeia cheia de gente atacada de papeira. Os rapazes desde tenra idade adquiriam o germe desta deploravel enfermidade. Os habitantes proviam-se da agua de uma unica fonte do logar. A administração vendo que o mal crescia de anno para anno consultou os facultativos competentes. Analysou-se a agua da fonte que era alimentada principalmente pela neve derretida; e verificou-se ser privada de iode. Portanto, não havia senão um remedio a adoptar: consistia em encaminhar as aguas de outra fonte que brotava a um terço de legua da povoação, e que atravessando terrenos ferruginosos eram saturadas de iode. As auctoridades com zelo louvavel fizeram proceder ao encanamento; e a veia de agua salutifera substituiu a antiga tão malefica. Desde essa epocha melhorou o estado sanitario daquelle povo, e pouco a pouco vão desapparecendo os casos de papeira tão frequentes até alli nos habitantes.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIV.

ECCE SACERDOS MAGNUS!

(Continuado de pag. 223.)

Os outros accessores estavam confundidos. De repente viam cahir das nuvens no meio do conselho este homem, duas horas antes tão obscuro, que alguns nem o nome lhe sabiam; e achavam-no senhor absoluto do poder na opulenta sociedade a que presidiam. Depois, ainda mal restabelecidos do abalo da transfiguração repentina, ouviam-no expôr os negocios e propôr as decisões com a certeza dos factos, e a sciencia do mundo, que constitue o genio transcendente dos talentos governativos! Élles os sabios, os experientes, approvados na paciente politica da companhia, comparando-se ao visitador, eram obrigados a confessar, que via melhor, e lia mais longe do que os seus olhos cançados de tantos annos de estudo; eram forçados a reconhecer que em uma hora de exame e de analyse o novo prelado adiantára mais a resolução das difficuldades do que todos elles juntos, e o geral de Roma nos ultimos vinte annos.

Entretanto todos se viravam para os dois definidores interpellados pelo visitador e liam no seu rosto uma derrota completa. O provincial primeiro, e o padre Sebastião logo depois, balbuciaram em phrases timidas, em explicações acanhadas, algumas desculpas sobre o desleixo que tinha havido em fortificar a companhia por meio de allianças firmes com os poderosos e com o povo. O quadro que traçaram nada tinha de risonho. Sem actividade nem discernimento gosaram as delicias do poder, adormecendo com o

canto da sereia, sem fazerem caso do passado, vivendo do presente, e desacurando o futuro. Á medida que os ía ouvindo, o italiano carregava mais sobre as duas profundas rugas frontaes, e apagava dos labios o sorriso. Para o fim os que o observavam pasmaram da magestade que exprimia o gesto e a phisionomia do visitador. Crescendo na cadeira, deitando faiscas pelos olhos, não parecia um homem, mas um Deus, quando alargando o braço, impoz silencio, e desatou a final em torrentes a indignação que lhe trasbordava da alma:

—« Basta! — exclamou elle. O pensamento que nos fez grandes e nos deu um imperio em cada estado, perdeu-se! O espirito que vivia em nós, fugiu! Tirso Gonçalves, consummou-se a tua obra! O orgulho e a riqueza mataram a companhia. Padre provincial, a braços com a maior lucta, diz-nos que dispoz tudo para se perder, e não previu nada para se ganhar. Depois de similhante confissão não ficam sem luz os seus olhos e sem falla a sua lingua? Enterrou os talentos, como o servo mau do evangelho, e apparece diante da face do Senhor sem ao menos se humilhar? Padre confessor, está a concluir este reinado, porque D. Pedro II (já não é segredo) não vai á proxima campanha, vai para S. Vicente de Fóra: o que preparou para a influencia da companhia na côrte não ficar sepultada com o monarcha? O principe real é moço, e generoso, é grande de animo, e maior de coração; o que fez v. paternidade para que o filho continuasse a obra do pae? Os mancebos levam-se pelo coração, que é o amor, e pela cabeça, que na sua idade é a imaginação. O que deu ao coração do principe? A rivalidade louca, ridicula, de seu irmão o infante D. Francisco! O que offereceu á sua imaginação? A vaidade das armas, os duellos nocturnos que podem entreter um mestre de esgrima, mas que não occupam meia hora a cabeça de um rei! O principe sonha com a magnificencia, adora a formosura, e ambiciona thesouros, porque deseja ser generoso; quer que o amem como homem e não como senhor, e ninguem, nenhum, soube entrar na sua alma (que era tão facil), e apoderar-se della! Pois este principe, que não fizeram nosso amigo, digo-lho eu, é timido e acanhado, porque não se conhece; ponham-lhe a corôa na cabeça, e verão se mente ao sangue real. Preparem-se, que vão sentir o peso ao sceptro de Luiz XIV! Não o distraiam; não o enlacem nos braços apaixonados de uma La Valliere, que o estremeça, e verão se olha fito para nós, e nos deixa socegados reinar mais do que elle nas Indias; ser tudo e o rei quasi nada na America! O principe quando se chamar D. João V mostrará o que é o que póde! Esperem, que hão de saber o orgulho, a força de vontade, e a grandeza d'alma que ainda dormem, mas depressa acordarão no herdeiro do throno... »

—« V. reverendissima não ignora que de Roma se nos disse, que entretivessemos sempre a rivalidade do principe com o infante... Como na casa real muitas vezes os irmãos segundos vem a reinar, julgo que foi a rasão, porque... »

—« Então v. paternidade crê que o infante D. Francisco póde ser o Affonso III, ou o Pedro II desta época? Imagina que a historia viva é como a folha de um livro que se dobra onde se quer, e basta decorar-se? Os filhos segundos reinaram, quando valiam mais do que os primogenitos: o leão é mais forte do que o lobo porque é leão. Esta má politica é que nos poz no estado em que nos vemos. Deus permita que seja ainda tempo de lhe acudir! Veremos se eu, estrangeiro, penso melhor e posso mais do que padres portuguezes e encanecidos na côrte! Tentarei a fortuna; e se fôr feliz aprenderão comigo a levar os homens pelo coração. Passemos a outro ponto. Depois do principe ha dois homens que podem muito, porque merecem tudo: o marquez das Minas, e Diogo de Mendonça Côrte-Real. O primeiro é hoje o nosso conde de Villa Flôr, a melhor espada de Portugal; o segundo esconde-se, mas não tem medo de se medir com os grandes ministros da Europa. O que fez a companhia para os ter da sua parte? Nada! nem obsequios, nem louvores, nem serviços! Ao pé d'el-rei o padre confessor não se lembrou delles! É preciso que D. Pedro II escreva ao marquez uma carta do seu punho; e que o honre com as suas graças. Ainda é mais necessario que a marqueza saiba a quem deve estes favores, e a influencia que os alcançou. Convém em todos os logares fazer boas ausencias a Diogo de Mendonça, e sem affectações metel-o no coração do principe. O conselho do ultramar é tudo para a companhia; chegámos á miseria de não ter lá um voto nosso. Fazemos só inimigos! O conde Almirante, o conde da Vidigueira, tem-nos odio; vv. paternidades não se lembram de que elle é descendente de Vasco da Gama, e que nós, montando o cabo da Boa Esperança todos os annos, não podemos estar mal com os netos de quem o dobrou primeiro?! Padre Sebastião, no conselho ultramarino estamos de menos, e no conselho de

estado apparecemos de mais. V. paternidade não devia nunca entrar lá. A fidalguia calla-se, porém murmura; acredite; não lhe perdoa nem á companhia o arrojo de hombrear com ella. João Paulo Oliva queria na curia e nas congregações os jesuitas, mas sem roupeta. Tinha rasão. É melhor que nos sintam sem nos vêr... »

— « V. reverendissima, dá licença? »

— « Diga, padre Sebastião. »

— « Se entrei para o conselho de estado pedi venia primeiro e recebi ordem expressa. Entenderam em Roma, que era bom estar um de nós no centro da politica do estado... »

— « Entenderam mal. Ora diga-me: dirigindo a consciencia do rei não descobre os segredos do seu coração? Que necessidade ha de que os mais conheçam a sua influencia, se um particular, e com humildade, consegue o mesmo? Repare, padre Sebastião; a companhia deve ser como a arvore; as ramas que se veem olham para o ceu; as raizes, (e é onde está a força) como vão por baixo da terra, podem chegar mais longe. Renovaram-se as antigas discordias com a inquisição? O que esperam disto? Perder tempo sem proveito. O padre Vieira auctor do plano morreu; os apuros da guerra da successão passaram; esta de hoje é uma briga de creanças ao pé della; os judeus não podem fazer-nos bem, pelo contrario fazem-nos muito mal. Não nos cheguemos de mais ao lume, porque o lume queima. Precisamos dos inquisidores como elles precisam de nós; e quando se precisa, ha união e nunca hostilidade.

— « V. reverendissima sabe, julgo eu, que nos provocaram.... estavamos em paz, e de caso deliberado fizeram-nos a injuria.... »

— « De prender um socio nosso? Sei muito bem. Olhe, o padre Vieira, que era o homem que sabe, prenderam-no elles da mesma fórma, e até o condemnaram, e nem por isso nos foi peior. Bastava obrigal-os a soltar o nosso socio. Uma lição pequena; uma correcção fraterna, como levaram agora os dominicos no desembargo do Paço.... Ai, padre superior, isto vae mal, vae pessimamente! Temos uma cruz pesada, e não vejo o Cyrineu, que ha de ajudar a leval-a.... »

— « Assim mesmo ainda ha muita gente... » — insinuou timidamente o superior.

— « Gente ha, mas devotos da companhia, homens nossos que é delles? D'antes, para tudo havia servos de Christo; hoje, fallam muito, e não fazem nada; ora, palavras leva-as o vento; as obras é que ficam. Soube-se noutro tempo mais do coração humano; e desaprendêmos cada dia; que é o peior.... Valha-me Deus! Quando nos perseguiram, appareceram os Jacques Clementes e os Ravaillac.... eram assassinos, peccaram, de certo; mas sabiam morrer. Se a desgraça nos visitasse hoje, diga-me, acha que alguem nos conhecia? Ora pois! Não ande ás escuras, porque tropeça. Padre superior, quer saber a causa do mal? Não ha zelo; falta a fé. A parabola do grão de mostarda é uma divina promessa do Salvador... esquecemo-nos della... e os montes cada vez são mais altos diante de nós! Affrouxa-se muito, descuida-se tudo no ensino da mocidade, padre confessor.... »

— « É verdade, que não vamos tão bem como de antes; » — redarguiu o superior, confuso da lucidez com que a vista do seu prelado chegava até ao fundo das coisas mais reconditas — « mas trabalha-se. As outras ordens religiosas por emulação não nos deixam, e ás vezes..... »

— « Sabem mais do que nós, e offuscam-nos, não é a verdade, padre superior? » — atalhou o jesuita com o seu sorriso frio — « Ahi está de que eu me queixo. Se elles andam é que nós estamos parados, acredite. Se ensinar-mos melhor e mais depressa, olhe que os não vão chamar a elles. Depois, já lhe disse, sei tudo, vi tudo pelos meus olhos; para isso vivi tres mezes nesta casa..... Ora oiça, e medite. Sabe como a companhia fundou esse imperio tão grande, que abre os braços por todo o mundo? Quer que lhe diga como conquistou tanto sem exercitos e sem generaes? Por virtude só da palavra de Deus! Os principes teem a espada; mas a espada fere. Nós fomos de joelhos, como Christo, e levamos o amor e a charidade áquelles que açoitavam a ferro e fogo.... Elles venceram pela guerra; nós conquistamos pela paz. Percebe a differença? Lembre-se, que em Roma os Cesares passaram, e o Messias ficou! É porque a espada quebra-se, a coroa cahe, e o rei morre; mas o coração e a alma do homem são sempre os mesmos. Se uma geração acaba, vem logo outra nova; e o caso todo é reinar sobre a que está pelo amor e pela fé; e ter a que vem nas mãos pelo ensino e pela esperança.... O filho respeita o pae, o discipulo crê no mestre..... o mais são excepções.

— « É o meu voto; é o que tenho dito e feito sempre » ! — acudiu o padre Sebastião de Magalhães, com ar triumphante.

— « Pois disse muito bem, padre mestre!

Desgraçadamente não o attenderam.... Por esta regra prosperámos, e pela despresar havemos de cahir.... porque não ha coisa grande e forte que possa ser eterna..... ao menos que não seja nós nossos dias, que não vejam os nossos olhos a ruina! Consolemos os afflictos, acuda-se aos pobres, e resgatemos os captivos. Cuida que Jesus Christo foi chamar os ricos e os felizes para edificar a sua egreja? Não vê, que os pobres e os humildes é que a fundaram, tão segura que dezoito seculos a não abalaram: tão grande que não ha parte do mundo, aonde não tenha a sua porta? O nosso erro, e olhe, que nos ha de matar! — o nosso erro tem sido esquecer-mos que somos ricos, não para desfructar, mas para grangear. Se fizer-mos bem ao proximo, elle por força não foje de nós, foje para nós. E se nos procurarem todos, estamos sós? Se nos quizerem todos, somos fracos? »

— « Como já observei, » — respondeu o confessor de el-rei — « da minha parte não me tenho descuidado. Sou incansavel na corte. Os principes e os fidalgos não chamam outros mestres..... »

— « A corte é pouco; a corte só não é nada, padre Magalhães! » — atalhou o visitador severo — O estado compõe-se de clero, nobreza, e povo; e repare que as duas classes são muito pelo que representam, mas ao pé da ultima são quasi nada em numero..... Diga-me: não vê que o povo todos os dias sóbe? E se elle subir tanto que chegue ao lado da fidalguia e do clero? Acredite-me; só preciso que todos nos oiçam e nos vejam; se não tivermos o povo por exercito e o rei por ministro, não temos senão apparencias; e das coisas o que importa é a realidade. Accusam-nos, bem sei, de querer-mos apagar a sciencia, e escurecer a rasão. Chamam-nos ambiciosos, soberbos, e exclusivos.... não nos conhecem, é o que é! fallam sem saber o que dizem. Um dia hão de saber! Elles vivem cada um em sua casa, quando muito no seu reino; nós vivemos em todo o mundo, e estamos em toda a parte.... Julgam que este seculo é o seculo passado; creem que tudo são bucolicas, jubilos, e acções de graças; esperem pelo tempo que o tempo lhes dirá o que é. Estes reis e estes ministros, padre Sebastião, andão cégos, e são muito pequenos, mais pequenos ainda do que a terra, e não podem com o peso.... Ateimam que está tudo parado, e tudo vae a correr!... Pensam, nem pensam, dizem que o silencio é a consciencia, e que a rasão humana póde encarcerar-se.... coitados! Ambas ellas vão tão depressa, e estão já tão longe delles (e até nós) que se não dobrarmos o passo para as acompanhar, fogem-nos, perdem-se no caminho, entram a doidejar que são creanças; e deitam por terra o bom e o mau, o sagrado e o prophano. A philosophia, que entretem tanto essa gente, as fabulas, as novellas, todas essas comedias e tragedias que aplaudem são maus symptomas... deixem correr os annos e hão de achar-lhe o gosto.... mas a companhia é que atravessa tudo, lettras e governo! Oxalá! Nós sabemos, e elles não. Conhecendo o mal, prevendo o perigo, podiamos dar a mão ao progresso, que vem cego, para elle se não precipitar de repente..... assim talvez a cruz, que é a civilisação, não vacilasse, e o throno, que é a ordem, não cahisse... Quando nos perderem saberão se virão melhor do que nós! A rasão humana ha de levantar-se contra elles, e não a favor delles; e o progresso, perdido, e cego, ha de passar-lhes por cima do corpo, deixando-os no chão sós, pizados, e mortos.... Padre provincial, ainda hão de chorar por nós até os inimigos; digo os inimigos porque cedo ou tarde os nossos inimigos hão de ser os reis e os ministros. Deixal-os! Elles aprenderão á sua custa. »

Uma lagrima apontou aos olhos deste homem, que lia com tanta sagacidade no futuro as folhas ainda enroladas da historia. A voz, tremia e vibrava com as intimas commoções da alma. — Expondo a theoria pura, audaz, mas logica da politica jesuitica; fundando no amor e charidade o poder temporal, a monarchia universal, a que aspirou sempre a famosa companhia, cujo socio era, olhava com saudade para o passado, com tristeza para o presente, e com terror para o futuro. O enigma social já então preocupava as intelligencias extraordinarias. No principio do seculo XVIII já alguem tremia de encontrar diante de si, repentinamente, essa força latente, invencivel, que revelada pela explosão, tomou corpo e fórma nos dias de lucta da revolução franceza. O jesuita ainda cria no poder da auctoridade para suster ou desviar a torrente; ainda imaginava, que depois da imprensa, e diante de Voltaire, negação arrojada, elegante, e europea de todas as crenças, era possivel dizer ao sol que parasse, e á luz que brilhasse menos!...

Entretanto as suas palavras sahiam tanto do coração, e pintavam com tanta verdade, que os accessores, confusos, atterrados, e mais exacto, *deslumbrados*, do clarão desta immensa intelli-

gencia, que via, sabia, e previa tudo, não ousavam nem descer ao fundo d'alma para se interrogarem ácerca della. O visitador desde esta conferencia occupou de direito o summo poder. Estavam tão longe delle todos, que a inveja mesmo não era possivel, ficava-lhe muito alto. Exaltados pelo exemplo e pela energia de um genio distincto, o sentimento unico, que se apossou delles, foi o desejo de se mostrarem dignos de o auxiliar na escabrosa reconstrucção da influencia da companhia. O padre Ventura, satisfeito deste pensamento, que estava no rosto e no coração dos seus executores, despedi-os, dizendo-lhes com agrado algumas phrases lisongeiras.

Quando ia a sahir o padre Simões, que era o ultimo, o visitador deteve-o pelo braço, e esfregando depois as mãos, disse com o seu placido sorriso:

— « Então, padre Simões, não lh'o dizia eu? Deposemos os soberbos: agora vamos exaltar os humildes! Estas lições não cahem no chão. Veja, examine, e avise-me de tudo como até aqui... Tem feito á companhia e ao geral maior serviço, do que imagina. »

E apertando-lhe a mão deixou-o sahir. É inutil acrescentar que ás informações deste confidente perspicaz, e ignorado dos mais accessores, eram devidas as idéas exactas e o conhecimento profundo e minucioso dos factos, que habilitaram a capacidade extraordinaria do visitador a ser mais sabio e mais pratico em cada negocio do que o definitorio, encanecido no estudo e meditação das difficuldades do governo.

Apenas se viu de todo só o padre Ventura deu duas voltas á chave e fechou-se na secretaria. Depois foi direito a um armario secreto sumido n'um reconcavo da parede; tocou a mola, fez saltar a gaveta, e tirou della um cofre pequeno folheado de tartaruga com frizos de oiro embutidos. Dentro do cofre estavam só dois maços de cartas, cuja leitura o preoccupou tanto, que a sineta repicou duas vezes, chamando ao refeitorio, sem elle sequer levantar a cabeça, apertada entre as palmas da mão, em quanto os cotovellos se firmavam sobre a mesa. Um sorriso mais agradavel do que ironico, uma expressão mais curiosa do que sagaz, acompanhava os incidentes da leitura. Finda ella o italiano tirou duas cartas do primeiro maço e metteu-as no bolço do peito; e repondo tndo no seu logar, dirigiu-se á porta, que abriu, em quanto dizia a meia voz, fallando comsigo mesmo:

— « Veremos se este papel faz o milagre!... Este homem, dizem elles, que é nosso inimigo? Pois sim, será; e se dentro de quinze dias, por empenho nosso, o fizermos primeiro ministro?... Esta gente não sabe que só o Salvador era capaz de resistir levado á montanha da ambição. O tempo a ensinará. » . . . .

A quem se referia o jesuita?

Brevemente elle mesmo dirá. Escusado é, por tanto, sermos indiscretos. Por muito correr não se chega primeiro.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

QUINAU AOS AMBICIOSOS DE HONRAS.

Dispersos andam em copias avulsas ou collecções particulares muitos e respeitaveis documentos da sabedoria e virtudes de nossos antigos, que convém vulgarisar para exemplo. A carta, que transcrevemos, do prelado do Pará no meado do seculo passado, é uma insigne prova de sincero animo religioso e de abnegação das vaidades e honras humanas: para que melhor se perceba o seu contexto fazemol-a preceder de outra a que serviu de resposta.

Carta de um religioso ao excellentissimo bispo do Pará, D. Fr. Miguel Bulhões.

Se esta confiança se não encaminhara, não só ao serviço de v. excellencia, mas a mostrar-lhe, que nem o tempo, nem a distancia, nem os mais accidentes tem feito de mim separavel aquella escravidão, que sempre consagrei á preclarissima pessoa de v. excellencia; não me animára a pôr na sua presença, que participando-me a gostosissima ambição de continuar no serviço daquella a noticia da Graça, que agora da curia romana veio ao excellentissimo arcebispo de Lacedemonia, com que não só a côrte, mas ainda as magestades ficaram muito satisfeitas por ser coisa que nunca se concedeu aos excellentissimos senhores bispos, por ser a especial com que o costumam honrar, quando aquelles iam á mesma curia, e por isso só logram esta primazia o illustrissimo e excellentissimo senhor D. João de Mendonça, da casa de Val dos Reis, que foi da Guarda, e o actual bispo do Porto, por ambos terem ido á dicta curia romana: e como os excellentissimos prelados assim predicamentados tem a preferencia aos bispados do reino, no caso da sua vacatura, e se acha vago o do Algarve; e o do Porto, e Lamego proximos a isso; sendo do agrado de v. excellencia o obter estas graças, e prerogativas, que constam dos authenticos, que remetto, tenho meios para que no termo de quatro mezes lhe alcance um motu proprio do papa, em que lhas faculte; custa esta na curia 600$000 réis além do premio do agente, que esse fica ao livre arbitrio de v. excellencia, e quando lhe mereça esta acceitação para o referido expediente, póde v.

excellencia noticiar-me: porque supposto seja da provincia dos Açôres, resido no hospicio do marquez mordomo-mór, e no serviço de v. excellencia quizera desempenhar as obrigações de reverente creado de v. excellencia, que Deus guarde. Lisboa o 1.º de junho de 1751.

Exm.º senhor bispo do Pará. De vossa ex.ª

O reverente, e humilde subdito

Fr. José de Santo Antonio de Padua.

Resposta do excellentissimo bispo.

Antes de principiar a lèr esta carta de v. paternidade, vendo pela assignatura do nome, que era dictada por um filho do grande patriarcha S. Francisco, e escripta a um bispo missionario, julguei que acharia em cada expressão uma maxima evangelica, que instruindo-me no meu apostolico officio me inspirasse celestiaes dictames, com que podesse cabalmente desempenhar as duas obrigações do alto ministerio, de que indignamente me vejo encarregado: mas, continuando a lêr a mesma carta acabei de convencer-me, que tinha sido errado o meu pensamento, vendo que v. paternidade querendo constituir-se meu procurador na curia romana se offerecia a alcançar-me nesta todos aquelles titulos, e privilegios, com que a mesma curia por um breve, a que v. paternidade dá o titulo de graça, tinha premiado as heroicas virtudes do excellentissimo arcebispo de Lacedemonia, sem concorrer da minha parte outro algum merecimento que o gasto de 600$000 réis além do premio do agente, que v. paternidade deixava pendente do meu arbitrio.

A mesma causa, e as mesmas rasões, com que v. paternidade depois de reflectir na grandêza desta honra se empenha em persuadir-me a acceitação, me movem para a repulsa.

Lembra-me v. paternidade que neste reino só mereceram a especialidade desta graça o excellentissimo bispo da Guarda o senhor D. João de Mendonça, e o excellentissimo bispo do Porto o senhor D. José Maria da Fonseca e Evora; e que diria o mundo vendo que eu tinha a presumpção de igualar a estes dignissimos prelados nos titulos, sendo tão inferior a elles nos merecimentos; distinguindo este mundo velho deste mundo novo, parece-me que neste caso um se faria Héraclito, outro Demócrito, este rindose da minha loucura, aquelle chorando a minha vaidade; o mundo velho olharia para mim com os olhos cheios de pranto compadecido, o mundo novo com a boca cheia de riso admirado; Portugal ficaria compadecido vendo que me transformára de bispo diocesano em titular; o Pará ficaria admirado reflectindo que em tão pouco tempo me augmentára tanto, que chegára a merecer a posse de tão honrosos titulos.

Meu padre fr. José, não creia em titulos, porque algumas casas conheço eu na Europa, que sendo titulares não são as mais illustres; e se não diga-me v. paternidade, que o consulto agora como religioso, e theologo, que acção reputaria v. paternidade por mais louvavel nos prelados da egreja, dispenderem o patrimonio de Christo em remediar os pobres, ou em comprar titulos? Mas diga v. paternidade o que quizer, que eu sempre devo julgar que o mais nobre, e auctorisado titulo dos prelados é ser pae, e protector dos pobres.

Emfim, padre fr. José, acabemos de nos convencer, que honras sem fundamento solido das virtudes, titulos sem a base fundamental dos merecimentos, mais infamam, que acreditam: esta é a nossa illusão, entender que com a preciosa capa dos titulos ficam dissimulados os nossos defeitos; mas vimos a experimentar o que succedeu áquelle filosopho antigo, que posto aos raios do sol coberto com uma capa rota, tantas eram as roturas da capa, tantas as janellas pelas quaes estava vendo o mundo todo a vaidade do filosopho, donde venho a persuadir-me que titulos sem merecimentos são capas rotas, que expostas aos raios do sol só servem para manifestar com evidencia a vaidade de quem se cobre com ellas.

Pondere v. paternidade que os prelados assim predicamentados tem preferencia aos bispados do reino, noticiando-me achar-se vago o do Algarve, e proximos a vagar o do Porto, e o de Lamego; e assim do pé para a mão v. paternidade de seu motu-proprio faz vagar tres bispados, querendo facilitar-me por esta graça, ou por meio della, o conseguil-os, como se o conseguir bispados fosse graça; e se o é, custando 600$000 réis é mui pesada.

Não sei como v. paternidade me possa livrar do escrupulo de simonia, obrigando-me a comprar outro bispado por tão alto preço, quando eu de muito boa vontade dera a v. paternidade outro tanto, se me livrara deste em que me acho: sabe v. paternidade muito bem, que nós os ecclesiasticos não podemos contratar por nenhum titulo, e muito menos em fazenda de contrabando, como são os bispados para mim.

Entre os titulos de que faz menção a authentica, é conferir os privilegios de conde, e as honras de nobre: se v. paternidade não póde facilmente ter noticia da minha ascendencia, como julga que eu necessito desta honra? É certo que meus paes, nem foram condes, nem tiveram titulos de grandeza; mas ainda conhecendo em mim esta falta, nunca consentiria que a curia me dispensasse a mecanica. Em fim, padre fr. José, como tive a ventura de nascer no gremio da egreja, apenas me baptisaram alcancei a incomparavel honra de ser servo de Jesus Christo. Se tiver a gloria de desempenhar as obrigações deste titulo, é o que me basta para nobilitar a minha ascendencia, para ennobrecer a minha patria, para acreditar a minha religião, e para merecer o alto patrocinio da bemaventurança, onde espero ver a v. paternidade já arrependido de me obrigar a responder-lhe, occupando-me esta parte do tempo tão preciso para cuidar na conducta do meu rebanho. Deus guarde a v. paternidade muitos annos.

Pará 21 de janeiro de 1752.

De v. paternidade

Mais fiel venerador

Fr. Miguel, bispo do Pará.

O IMPERIO DO BRASIL E A SOCIEDADE BRASILEIRA EM 1850. (*)

É o Brasil depois dos Estados-Unidos a potencia mais regularmente organisada do Novo-Mundo. Entretanto conhece a França este nascente imperio? Fazemos exacta idéa de seus varios recursos, dos elementos de prosperidade que elle contém, e aos quaes a emigração europea, que cada vez mais se dirige para a America, parece prometter rapidos desenvolvimentos? Os viajantes francezes, que a longos intervallos tem percorrido o Brasil, poderiam em alguns mezes observar mais do que superficialmente, e sem má vontade, uma sociedade que com suspeitoso cuidado procura furtar-se á sua curiosidade? Não certamente: o que admira, pois que se julgue severamente um paiz em que as mais das vezes o estrangeiro não vê por terra senão passados muitos annos as barreiras que o separam das familias, e que o impedem de penetrar até a intimidade dos habitantes? Cumpre portanto que aquelle que soube vencer esses obstaculos, multiplicados por uma desconfiança talvez legitima, procure lançar alguns esclarecimentos sobre uma sociedade tão pouco accessivel, e tão digna todavia de attenção. Não deixará por certo de apresentar algum interesse de novidade um quadro, que reunindo os caracteres principaes da população governada presentemente por D. Pedro II, tente precisar a importancia que suas qualidades moraes lhe assignam em relação á America do Sul, e a que seus interesses politicos lhe dão direito relativamente a Europa.

A população do Brasil, comprehendidos os estrangeiros, os escravos e os indios, não se eleva a mais de seis milhões de almas disseminadas sobre uma superficie de cento e vinte nove mil duzentos e noventa e cinco metros geographicos quadrados. O *portuguez* é a unica lingua fallada de uma a outra fronteira do imperio. Comtudo esta unidade de linguagem não apaga as notaveis differenças que se notam entre os diversos elementos da sociedade brasileira. Ao sul do Rio de Janeiro acham-se, nas provincias do Rio Grande e de S. Paulo, populações que algum tanto herdaram o espirito bellicoso dos primeiros colonos europeus. Estas populações passam pelas mais turbulentas do Brasil. Ao norte da capital, os habitantes da provincia de Minas fazem ainda recordar as raças corajosas do Rio Grande; energicos e robustos, elles se dedicam á creação dos gados. Os pernambucanos são de humor variavel; o espirito revolucionario os domina, e os perde muitas vezes. Entre os povos da Bahia e do Maranhão, mais visinhos da linha equinoxial, a indolencia do creôlo é compensada por felizes faculdades de applicação, que attestam progressos lentos, porém seguros, na ordem dos trabalhos intellectuaes. No Rio estes matizes se misturam e algum tanto se confundem, prevalecendo o caracter nacional sobre os differentes provinciaes.

É de admirar, quando se abraça com um lançar de olhos o complexo das populações do Brasil, encontrar um traço commum nos habitantes de cada provincia, um sentimento que nenhuma circumstancia ainda pôde alterar: é o sentimento religioso. Difficil seria encontrar um só brasileiro que negue a existencia de Deus e ponha em duvida a immortalidade da alma. Sem duvida que esse sentimento nada tem de bem dirigido, e é facil perceber nas ceremonias alguma coisa de mundano, de facticio; nem por isso porém é menos sincero, e cumpre notal-o como um desses caracteres salientes do genio nacional, que o viajante em seus primeiros passos em paiz estrangeiro é forçado a não despresar.

É no Rio de Janeiro que sobretudo se pódem observar os brasileiros tanto em sua vida privada como na publica. O Rio de Janeiro conta hoje perto de duzentos e cincoenta mil habitantes. Exteriormente a capital do Brasil é uma cidade de magestosa apparencia, bem que a architectura em gerel seja pesada. As igrejas em crescido numero não affectam, como a maior porte das da America, as graciosas fórmas da renascença; é o estylo *borrominesco* — isto é o estylo dos peiores tempos da decadencia italiana — que as caracterisa a quasi todas com seu frio e pertencioso typo. Finalmente os edificios do Rio de Janeiro apenas offerecem mediocre interesse no ponto de vista da arte.

Quanto aos arrabaldes da cidade, excepção feita de alguns sitios pintorescos, e das graciosas paizagens das ilhas da bahia, pode-se dizer que não é alli que a natureza brasiliense revela sua grandeza. Depois de alguns dias de excursão o estrangeiro sabe tanto das curiosidades da capital do imperio como os proprios habitantes, e sua attenção rapida se volta dos objectos exteriores para fixar-se sobre a população. Uma população que se *fórma* na vida politica, que corajosamente trabalha por conciliar seus antigos costumes com instituições novas, é sempre um curioso espectaculo, que um solo virgem redobra de prestigio pelo encanto singular dos logares e do clima.

Um dos principaes centros da vida social no Brasil são as igrejas. Antes de penetrar a soleira de uma casa brasileira, entrae em um desses numerosos templos do Rio de Janeiro em occasião de alguma ceremonia religiosa, e ahi tereis logo de notar um dos lados originaes, um dos aspectos poeticos dessa população. As mulheres, de toda e qualquer condicção, separadas dos que transitam, por uma balaustrada pouco elevada, conservam-se sentadas ou de joelhos sobre o pavimento, simples ou ricamente vestidas, cercadas de suas escravas, durante muitas horas da noite sob as abobadas esplendidamente illuminadas. Ahi vel-as-heis trocar longos e doces olhares com os mancebos que passam, repassam e param me mo para melhor continuar esse jogo durante todo o tempo do officio. É por certo mal escolhido o logar para o jogo de semelhantes galanteios, é profanar a casa de Deus transformando-a em filial da opera: deve-se porém accrescentar que o mal não é tão grande como estes preludios poderiam suppôr. Esses galanteios só são empregados para satisfazer uma necessidade passageira do coração, e quando nelles ha algum sentimento mais sério, é sempre por um honroso casamento que finalisam. As brasileiras não são naturalmente namoradas: donzellas, ellas parecem antes levianas e inconsequentes. É para ellas um ponto de honra o arriscar na igreja ou no theatro olhares menos voluptuosos do que attractivos, e mesmo signaes mais provocadores do que jocosos.

(*) Traduzida do francez de Mr. Emile Adet.

Inclinam-se muito ás correspondencias amorosas. Cumpre porém não condemnal-as: são estas as unicas occupações dessas ingenuas occiosas, a quem a educação nenhum outro passatempo permitte. Desde o dia dõ casamento, porém, mais sérios pensamentos as occupam. Em quanto donzellas, ellas trocam sem muita reflexão apertos de mão, cartas e expressões amorosas com o primeiro que lhes faz a côrte; casadas, prestam toda a attenção á sua casa, presidem as trabalhos das escravas, e criam seus filhos. É quasi sem exemplo o achar-se no Brazil uma mulher que tráia os juramentos a que se ligou ao pé dos altares, A dissolução é neste paiz quazi exclusivamente entretida por estrangeiros e por mulheres escravas, ou alforreadas.

Depois de ter observado a vida brasileira nas igrejas, inutil se torna procural-a nos theatros e nos bailes publicos. Os bailes, pouco numerosos, são geralmente pouco frequentados. Os *soirées*, mais ou menos ceremoniosos, não offerecem nem os enleios nem o *chiste* das nossas reuniões parisienses. Quanto aos diversos theatros do Rio, se os brasileiros e os portuguezes se pódem agradar das grosseiras farças, e das monotonas tragedias importadas das margens do Tejo, os estrangeiros não poderiam partilhar semelhante gosto, nem mesmo impressionar-se com os *vaudevilles* ou melodramas traduzidos do francez, que invadem a seena brasileira. Estas tristes producções se exceptuarmos um actor de notavel talento, o sr. João Caetano, são confiadas a ridiculos interpretes que a bel-prazer vão violando todas as regras do gosto e da arte. Não são porém estes os prazeres preferidos pelos brasileiros. Depois da vida religiosa, é a vida em familia que os reune; é em torno do altar ou do lar domestico que convém observal-os. Nas grandes cidades mesmo a vida em familia no Brasil tem conservado muito sua austeridade primitiva. Franqueai a soleira de uma casa, no Rio por exemplo: alli encontrareis espaçosos quartos, mobilados com simplicidade patriarchal. Difficilmente encontrareis espelhos e quadros. Um canapé, uma mesa, e uma profusão de cadeiras compõem a mobilia ordinaria de um salão, e o mais proporcionalmente.

Guardai-vos porém de crêr que este modesto exterior não occulta um luxo de muito bom tom. Estes moveis ordinariamente trabalhados, são de preciosas madeiras do paiz, e em geral massiços. É no interior dessas casas, assim ornadas com severo gosto, que se passa a vida das brasileiras. Alguns jantares, um passeio pela tarde, vem em intervallos romper para ellas a monotona serie das occupações domesticas. Os unicos prazeres, afora os passeios e as reuniões da familia, são excursões de devotas peregrinações, ou de festas religiosas. Em toda a parte encontram-se estes habitos, e debaixo desta relação o Rio de Janeiro não differe das outras cidades do Brasil

Do facto de ser difficultosa a introducção do estrangeiro nessa vida de familia, de ordinario cercada de invenciveis barreiras, não se deve concluir que no Brasil mal se comprehenda os deveres da hospitalidade. É sómente nos campos sobre tudo que ainda se conservam as tradicções dessa hospitalidade patriarchal tão fallada pelos antigos viajantes. No interior, onde os progressos ainda não aclimataram nossos *hoteis* e *restaurants*, póde qualquer viajar sem temor, certo de que que encontrará mais de um hospede desvelado em recolhel-o. Só com um creado, temos percorrido muitas provincias do Brasil sem que jámais nos faltasse a hospitalidade a mais providente, a mais affectuosa. Ainda que o estrangeiro, que não tenha viajado o Brasil desde vinte annos, esteja certo de encontrar hoje, a cada passo, numerosos melhoramentos em suas povoações, e notaveis mudanças nos costumes, forçoso é convir que as vias de communicação deixam muito a desejar, e que ainda se viaja mui difficilmente nesses longiquos paizes. Salvo algumas cidades, algumas villas, e vastas plantações dispersas nesse immenso territorio, alli encontram-se de continuo frequentes matas virgens, montanhas colossaes, gigantescas cascatas, finalmente toda a grandeza, e quiçá toda a selvageria de uma potente natureza, que ainda em sua deserdem primitiva, parece sahir das mãos do Creador. Entretanto começam as estradas a cortar em todos os sentidos essas ricas regiões; ellas, porém, abertas em um solo movediço, de indizivel fertilidade, constantemente revolvido por abundantes chuvas de tempestade, arruinam-se continuamente, e são em breve invadidas por uma inextricavel vegetação. O governo não tem sufficientes braços nem recursos para assegurar uma boa manutenção das estradas. Accrescentai que os innumeraveis riachos, que atravessam o Brasil, se tranformam pelo inverno em impetuosas torrentes, que arrancam as fracas pontes lançadas provisoriamente sobre suas margens, e comprehendereis o quanto um tal estado de coisas deve ser avesso ás communicações por terra. Os proprietarios afastados uns dos outros, raramente se tem associado para em commum emprehender alguma dessas obras uteis, que as velhas sociedades, com suas grandes populações livres, tem tido só até o presente o poder de realisar. Seria para desejar que se estabelecessem relações mais directas entre os habitantes do campo: o melhoramento das vias de communicação é uma das mais importantes questões que offerece a situação actual do Brasil,

---

NOTICIAS E COMMERCIO.

Procissão de penitencia. — A procissão no dia 23 que acompanhou da Sé Patriarchal para a egreja da Graça a devota imagem do Senhor dos Passos, que se venera neste templo, foi um solemne acto religioso, e edificativo; concorreram muitas irmandades, e algumas bastante numerosas. O em.° cardeal Patriarcha, o cabido, as collegiadas iam apoz a veneranda imagem. S. M. el-rei deu um bom exemplo acompanhando a procissão em todo o seu transito durante o qual não cessou a chuva que para o fim da tarde cahiu mais grossa. A Misericordia Divina apiedou-se de nós, dando-nos as aguas de que tanto careciam os campos esterilisados pela excessiva secca.

Pelas nossas provincias igual penuria tem movido os povos a implorar a Piedade Infinita de Soberano

Senhor dos Ceus e da terra. Damos a seguinte carta que nos foi remettida da villa de Extremoz.

Quasi que não ha lembranças de um inverno tão secco como o presente. Os frios não tem sido excessivos, com tudo tem cahido muitas geadas. A falta de chuva tem sido um flagello não só para a lavoura que está por fazer pela dureza das terras, mas por que as nascentes estão mais diminutas do que no estio. Os pastos não rebentam e tem havido mortandade nos gados. Esta praça que é das melhores da provincia pela abundancia de gado suino que n'outros annos aqui affluia, este anno nenhum gado tem mettido por que não houve bolota, e algum que aparece é muito magro e caro por ter sido sustentado com cereaes. Por toda a provincia se tem feito preces. Hontem se fez aqui uma solemne procissão de penitencia debaixo da direcção do benemerito proprietario Filipe Nery d'Almeida e Sousa que não se poupou a despezas e em que sahiram as imagens do Senhor dos Passos, Senhora da Conceição, Senhora do Carmo, e de São Francisco, acompanhadas das respectivas irmandades e bem assim a da misericordia, o regimento de lanceiros n.º 1, infanteria 17, batalhão nacional e mais de quatro mil pessoas de ambos os sexos que para isso se reuniram. Esta procissão sahiu de S. Francisco pelas cinco horas da tarde percorrendo as ruas da villa e recolheu depois das sete ao mesmo local: findo isto subiu o pulpito o reverendo e respeitavel padre Henrique, que por mais de uma hora prégou um eloquente sermão chamando os fieis á penitencia por nossos peccados.

Estremoz 14 de dezembro de 1851.

Casimiro Antonio Ferreira.

Ilha de Cuba. — As tentativas de invasão feitas no decurso do corrente anno, contra este dominio, que a coroa de Hispanha possue em o Novo-Mundo, tem occupado as paginas dos jornaes politicos, motivando fallar-se com frequencia dessa opulenta colonia. Por tanto cremos que não desagradecerão muitos dos nossos leitores as seguintes noticias, tomadas de uma folha de Madrid de 27 do mez passado.

A rainha das Antilhas, pois se póde denominar tal a ilha de Cuba, pela sua posição geographica e extensão, é a primeira que se encontra, ao occidente, na bocca do golpho mexicano, entre a ponta meridional que forma a Florida oriental, encravada no territorio dos Estados-Unidos, e o cabo Catoche, que sahe ao nordeste da peninsula do Yucatan.

Desde o cabo Maisi, que é a ponta oriental da ilha, até o cabo de Santo Antonio, que é o extremo saliente do oeste da mesma, tem 220 leguas geographicas de extensão, e a sua largura de norte a sul varia de 7 leguas e meia a 39 leguas, conforme a sua irregular configuração e perimetro.

Nesta posição vantajosa, a ilha de Cuba predomina pela sua grandeza no grupo e golpho, que se denomina das Antilhas; e as suas producções indigenas são notoriamente mais abundantes e melhores na qualidade do que as das demais ilhas do mesmo archipelago.

Descoberta por Christovão Colombo em 1492, foi explorada e conquistada por Diogo de Velasquez em 1514, para vir a ser hoje a primeira joia da coroa de Castella, por sua extraordinaria riqueza e por sua posição no mundo commercial.

É tal a importancia que adquiriram a agricultura e o commercio da ilha de Cuba, desde o começo do presente seculo, que é preciso familiarisar o publico e o governo da metropole com as bases de sua prosperidade, e com o futuro que lhe está reservado logo que se abra a communicação do Atlantico com o Mar Pacifico, pelo lago de Nicaragua, empreza tentada por inglezes e angloamericanos, e mui proxima da sua completa realisação.

Durante dois seculos e meio os habitantes de Cuba não conheceram outra riqueza que não fosse a creação de gados; e os seus terrenos incultos só produziam a pastagem necessaria para seus numerosos rebanhos.

Ao alvorecer o seculo XVIII despertou-se a industria dos moradores de Cuba, creando colmeas, cultivando tabaco em pequenas porções; e destes limitados productos nasceu a exportação, nesse tempo escaça, de mel, cera, e charutos; porém, n'uma quantidade tão diminuta que a colonia cubana era um encargo pesado para a metropole.

Quasi no termo desse seculo a revolução franceza de 1792 acarretou a denominada emancipação da ilha de S. Domingos; movimento que trouxe para Cuba os capitaes e a industria colonial franceza, que os negros proscreviam do Haiti, como primeiro alarde da sua bruta independencia. Então os cubanos entenderam que era tempo de despertarem da sua lethargica apathia, para preencherem no mundo commercial o logar que deixava vasio o Haiti, pela ruina dos colonos de S. Domingos.

Terrenos virgens da Cuba foram distribuidos pelos colonos procedentes de S. Domingos; a industria destes começou pela arroteação, e conseguiu extrahir da terra inculta, mas feracissima debaixo dos tropicos, colheitas abundantes estimadissimas em todos os mercados, que se abriram, como por encanto, naquella epocha, ás ricas producções da grande Antilha.

Pena é que da superficie de 3:162 leguas quadradas que tem a ilha de Cuba, somente esteja lavrada a terça parte em beneficio da sua agricultura e commercio; e que o numero de seus moradores brancos não corresponda á situação pivilegiada e á extensão topographica da ilha.

Dividida esta, ha poucos annos, em tres departamentos, um occidental, outro central, e o terceiro oriental, cujas capitaes são Habana, Puerto-Principe, e Santiago de Cuba; o menor em suas dimensões, que se chama o occidental, é o mais florescente em riqueza e povoação, tendo 936 habitantes por legua quadrada. O departamento central, não obstante comprehender em territorio o duplo daquelle, não conta mais de 143 habitantes por legua quadrada na sua superficie habitada, ficando sem cultivação nem moradores uma porção immensa. mais de metade bosques e o restante brejos, ou charnecas. O departamento do oriente, que é tão extenso como o central, tem 138 habitantes por legua quadrada, ficando incultas quasi duas terças partes do seu territorio.

A população branca é tão escaça, relativamente á sua extensão, que não chega a 426:000 habitantes; a saber; 27:251 hispanhoes peninsulares, 21:000

hispanhoes das Canarias, das Baleares, de S. Domingos e de Porto-Rico, 1:300 angloamericanos, 2:400 procedentes da America do sul, 2:500 francezes, 600 subditos inglezes, 300 alemães, 500 portuguezes, italianos, belgas, suecos, etc., e finalmente uns 400:000 creoulos, naturaes da mesma ilha de Cuba.

Todavia a ilha é capaz de uma população de doze milhões de almas, logo que sejam arroteadas as suas terras incultas.

Actualmente exporta para os mercados da Europa e da America a totalidade annual de 18 milhões de arrobas de assucar, 250:000 *bocoyes* de melaços. 30:560 pipas de aguardente de cana; milhão e meio de arrobas de caffé, quatro mil arrobas de cacau, 22:000 arrobas de cera virgem, 67:000 barris de mel, seis mil arrobas de algodão, 930:000 arrobas de arroz. 170:000 cargas de tabaco em folha, e mais de tres milhões de caixas de charutos, um milhão de fangas de milho, sem contar outros muitos productos de legumes e outros generos da ilha. É um torrão abençoado em caminho de crescente prosperidade.

Achada d'azougue. — Lê-se no *Observador* de Coimbra de 20 do corrente. No dia 18, os operarios que trabalhavam nas obras da Ponte, ao demolirem um muro, viram saltar das pedras muitos globulos de mercurio. Como não era possivel existir uma mina d'azougue n'um dos bordos da ponte, attribue-se o phenomeno, ao seguinte. Ou os materiaes que serviram á construcção do parapeito da ponte, naquelle local foram gangas de mercurio nativo, substancias, no interior das quaes, se achava disseminado o metal em globulos brilhantes, como são os schistos argillosos, marne, calcareos compactos, grés quartzo, etc., e hoje no acto de despedaçar as pedras. pela simples percussão, e calor, o metal saltou para fóra do seu jazigo; ou então foi alli lançado de proposito, quando se construiu a ponte.

A primeira opinião é a mais plausivel, porque o azougue nativo é sempre o producto da decomposição do *cinabre* ou sulphureto do mercurio, e até ás vezes apparece em pequenas gottas adherentes ás rochas que contém este mineral, e taes rochas são abundantes nos suburbios desta cidade, porque Coimbra assenta em terrenos secundarios, e o *grez* onde mais abunda o cinabre, parece pertencer á parte superior do terreno carbonifero, *grez* cuja formação é bem distincta desde o Vouga até muito além do Mondego.

Singulares effeitos do frio. — De Stockholmo (capital da Suecia) dizem em data de 30 de novembro: — « Em consequencia dos intensos frios que temos soffrido ha dias, grande numero de cães foram atacados de raiva, e infelizmente morderam muitas pessoas, das quaes já succumbiram vinte. As auctoridades tomaram providencias mui energicas para extinguir os cães que se damnaram.

Maior actividade na telegraphia electrica. — A companhia do telegrapho submarino trata de confeccionar novos fios metalicos que serão collocados a par dos que foram assentes no fundo do mar entre Dover e Calais. O apparelho que funcciona ha um mez não basta para dar expediente á multiplicidade e variedade das communicações frequentissimas entre Londres e o continente.

Theatro de S. Carlos. — A *Sapho* veio pôr termo á anciedade dos *dilettanti*, e abrilhantar o horisonte do nosso theatro lyrico, obscurecido ainda ha pouco por nuvens procellosas.

Effectivamente a espectação publica não foi illudida. A *Sapho* é uma opera de reconhecido merecimento; talvez a melhor producção de Pacini. A sua musica traduz fielmente todas as situações do poema, e apresenta-se ora melodiosa e sentimental, ora energica, vibrante, e altamente dramatica, segundo os diversos e oppostos affectos que deve exprimir, e que tanto abundam no assumpto do *spartito*. Ricca de instrumentação e de harmonia, cheia de cantos suaves e inspirados, esta opera revela em todas as suas peças o talento e philosophia musical do auctor.

A sr.ª Sannazari na parte de protagonista veio confirmar a opinião favoravel que emittimos a seu respeito quando a vimos debutar na *Nina*. E quem deixaria de reconhecer desde logo o raro talento desta joven *prima-donna?* Quem não descobriria no scintillar daquelles olhos, no seu gesto singelo e natural, naquella physionomia tão expressiva e interessante, o genio de uma verdadeira artista, que a natureza fadara com os seus mais preciosos dons?

Porém, a sr.ª Sannazari não é já a modesta e ingenua *Nina*, que suspira, chora, e debalde invoca o seu amante, recuperando a final a rasão para vêr coroados todos os seus sonhos de amor; — é *Sapho*, a poetisa altiva, a mulher energica, impetuosa, e ardentemente apaixonada, que ferida no seu orgulho pelo desprezo de *Phaon*, e não podendo dominar o amor que a devora, lança por terra n'um acto de desesperação o altar do numen, perante o qual elle acaba de desposar outra mulher. — É grande, pois a transição de um a outro caracter, e em qualquer delles mostra a sr.ª Sannazari quanto póde uma decidida vocação artistica, ainda mesmo em tão tenra idade.

É certo, porém, que se não póde pertender que ella sustente com todo o rigor o *caracter historico* da personagem que representa, porque lh'o não consente a sua individualidade. Por exemplo, quando lhe annunciam que acaba de celebrar-se perante o altar o consorcio de *Phaon* e *Clymene*, e ella exclama

Sposo... é giá!...

a sr.ª Sannazari ao mesmo tempo que revela o seu talento dramatico, dando áquellas palavras a maior expressão, e o mais profundo sentimento, parece antes uma donzella trahida, resignada, inerte, e completamente abatida pela dôr, do que a mulher orgulhosa, humilhada por vêr preferida uma rival, irada e ameaçadora no gesto e no olhar, e no auge da desesperação premeditando já o sacrilegio que não tarda a perpetrar. Aquellas palavras em que *Sapho* parece desafiar o destino

Se il destin ciò scritto avesse
Lo dovrebbe cancellar.

tambem requerem mais vehemencia, mais energia e resolução.

Não obstante estas nossas observações, admiramos com enthusiasmo na joven *prima donna* os dotes que a constituem a par de uma cantora apreciavel uma actriz distincta. O seu merecimento transluz em toda a opera, mas particularmente no bello *rondó* final. Não parece ella verdadeiramente inspirada quando ao som da lyra entoa aquelle hymno?

Teco dall'are pronube
Vengo al paterno tetto!

quando prostrada aos pés de *Alcandro* implora a sua paterna benção, quando finalmente apresentando *Clymene* a *Phaon* canta apaixonada:

L'ama ognor, qual io t'amai — ?

Neste ultimo trecho da opera, a sr.ª Sannazari, chega a commover profundamente o espectador.

Sinceros e enthusiasticos são os applausos que o publico lhe tem prodigalisado, chamando-a diversas vezes ao proscenio, para deste modo lhe testimunhar a sua sympathia, e a sua admiração.

Fallaremos dos outros artistas.

O sr. Guglielmini tem a executar uma parte assaz difficil, mesmo para os tenores de maior nomeada, por ser de uma *tessitura* mui alta: achamos que a desempenha satisfactoriamente, distinguindo-se na *cabaletta* do *duetto* com a dama, e na bella *aria* do 3.º acto. Quanto á acção, o sr. Guglielmini comprehende o caracter de *Phaon*, e sustenta-o devidamente em todo o decurso da opera.

O sr. Mancusi vae bem na parte de *Alcandro*. Estimamos ter occasião de elogiar este artista, por isso mesmo que a nossa imparcialidade nos moveu a ser com elle pouco indulgente nas duas primeiras operas em que entrou. Comtudo já nos *Masnadieri* este baritono viu os seus esforços coroados de melhor resultado, e actualmente na *Sapho* tem ganho bastante na opinião publica.

No *tercetto*, elle canta aquelle trecho:

Ah! che un perfido son'io!..

com energia, e muita intelligencia dramatica.

Á sr.ª Catharina Persoli foi confiado o papel de *Clymene*. É uma artista já conhecida, que volta á scena depois de uma ausencia de mais de um anno, tendo quasi de todo perdido a pouca voz que possuia. Esta circumstancia é tanto mais sensivel, por ter o contralto uma parte importante nesta opera, prejudicando assim o effeito que devia produzir o *duetto* das duas damas, e o magnifico *tercetto* com o baritono.

No 2.º acto tem lugar, como o exige o *libretto*, um pequeno bailado, e um bonito *passo a dois* pelos conjuges Cappon.

A orchestra habilmente dirigida pelo digno *maestro* Schira é credora de elogios, distinguindo-se o professor sr. Carvalho em um *solo* de clarinete, que executa com esmero e delicadeza.

É de justiça dizer que a empreza nada ommittiu para que este espectaculo subisse á scena com toda a propriedade e magnificencia: o vestuario é rico, elegante, e em caracter; *a miseen scene* apparatosa, e as scenas novas dignas dos seus auctores os srs. Rambois e Cinatti.

Consta-nos que dentro em poucos dias subirá á scena a *Lucrecia Borgia* de Donizetti.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 9.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia prophana. — Continuação da historia da Grecia, e da historia romana, Lydia, Media, Persia e Scythia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.º 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.ºs 1, 2, 8, 13, 37 A, 188, e rua do Oiro n.º 212.

N. B. Publicou-se a 4.ª e 5.ª folhas.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 21. QUINTA FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ALIMENTAÇÃO DO GADO OVELHUM.

Na economia dos animaes domesticos são de grande importancia as forragens ou verdes, e assim deve ser, porque não é da natureza desses animaes nutrirem-se de substancias seccas. No estado de liberdade só tem verdura á sua disposição; reduzidos por nós ao estado de domesticidade ou de escravidão, são em grande parte do anno alimentados de fenos; não porque os prefiram, mas porque é para nós mais commodo ou vantajoso dar-lhes essa comida. Neste ponto, como em outros muitos, vamos de encontro ás indicações da natureza em vez de as seguirmos ou favorecermos.

Se durante a estação ruim, não é possivel ou commodo sustentar exclusivamente a verde os nossos animaes domesticos, procuremos ao menos distribuir-lhes parte dessa forragem no estado de frescura que tão agradavel lhes é, e adequado de tal modo a suas necessidades que lhe pegam de preferencia a qualquer outro sustento.

Os inglezes já tem feito uma coisa util e proveitosa aos gados, e a seus donos, aproximando-os o mais possivel do estado da natureza; e esta acertada providencia não pouco os tem ajudado nos bons resultados que conseguem com os productos agricolas. Pelo systema que adoptaram, os animaes domesticos, sobre tudo o gado lanigero, que é de todos o que a Providencia resguardou melhor dos insultos do tempo, vive em plena liberdade em toda a estação, em pastos tão abundantes, com o favor do clima, que de raro ha suspensão ou falha na vegetação. Esses verdes fornecem ao gado, em quasi todos os tempos do anno, a base principal do seu sustento, e quando na força do inverno são insufficientes, completa-se a ração com alimentos quasi sempre viçosos, por exemplo nabos, rutabagas, beterrabas, couves, couves coizas: ou transportando estes alimentos para o cercado onde se conserva a creação, ou levando-a a pastar nos proprios terrenos cultivados. Distribuem-lhe algumas vezes feno cortado miudo; mas o alimento secco é uma excepção, ao passo que em França, como entre nós, o sêcco constitue a regra geral da alimentação e o verde a excepção. É verdade que em Portugal, principalmente nos terrenos montanhosos, onde ha mais humidade, e nos abundantes de aguas, que não são mui frequentes, o gado especialmente o miudo não é sustentado a secco, salvo em annos de esterilidade por falta de chuvas como no presente anno; nem com aquella condição os lavradores o queriam, e não pagariam a pegureiros para o pastorearem; litteralmente a maior parte do gado vive do que pilha a dente nos chãos baldios, e se lhe falta esse recurso, como no outono findo e subsequente inverno, perece á mingua ou de molestia; não se cuida, como os providentes inglezes, e segundo as peculiares circumstancias do clima, n'um systema de estabulação, na creação de pastos artificiaes, na procura, conducção e aproveitamento das aguas. Raras e honrosas excepções se poderão contrapôr a este desleixo.

Os inglezes, para obterem o alimento verde supplementar, em quantidade sufficiente ás necessidades de seus rebanhos durante a ruim estação, cultivam em ampla escala raizes como principal colheita, e essas raizes de ordinario são diversas variedades de nabos e de beterrabas

brancas. Em grande parte da França, a secca e o calor dos verões, como em nossos paizes meridionaes, não permittem aquellas culturas, como ramo principal de colheita; e só tem probabilidades a seu favor no fim do outono em annos regulares, quando a terra tem sido refrescada por algumas chuvas, e a extensão crescente das noites faz com que ella mais gose e conserve este beneficio; por isso só podem cultivar-se como colheita secundaria, e ainda assim com poucas probabilidades de vantagem, pois que exigem circumstancias propicias ao nascimento das plantas, e que falham muitas vezes, sendo necessario além disso ter previamente amanhado a terra de um modo adequado; o que nem sempre ha meios de fazer-se. É para sentir que estejam os povos meridionaes sujeitos a essa eventualidade; por quanto, na economia rural bem montada não é coisa indifferente ter ou deixar de ter certa massa de productos com que se deva contar, cuja falha é mui perjudicial e difficil de supprir.

A beterraba em França é a raiz que melhor vinga; e os nossos agricultores intelligentes tambem a adoptam, e de preferencia as variedades encarnadas. Um agronomo francez, mui dado á creação de gados, assevera que esta raiz é a mais proveitosa ás ovelhas que tem crias, e aos carneiros postos á engorda, pois que um sustento mais substancial lhes causa molestias; aconselha por tanto aos donos de rebanhos, que os desejam vêr augmentados e em bom estado, tomarem suas disposições de modo que não careçam, no inverno, de provisão de betarrabas proporcional á quantidade de cabeças que possuem.

(Continúa.)

SOBRE AS QUARENTENAS.

No acreditado *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, estabelecida nesta capital, em o numero de agosto ultimo, vem as seguintes observações, que em nosso entender são muito judiciosas.

Reune-se em França um congresso formado de medicos de certas e designadas nações, e agentes consulares das mesmas, com o fim de chegarem a um acordo commum ácerca das quarentenas, que tanto cuidado dão ao commercio pelas demoras temporarias que lhes occasionam; não menos cuidados dão ellas aos povos, que por vezes tem sido maltratados pelas mesmas, por não serem bem cumpridas, trazendo-lhes molestias que o paiz ainda não tinha, e que poderia deixar de ter, e que tantos centenares de mortes tem causado.

De fórma que uns querem generos para se locupletarem; e os povos querem a saude e a vida, e não querem vestir-se com colera, nem tragar com os alimentos a morte.

Os governos sempre foram protectores dos commerciantes como subditos uteis, e tambem o devem ser das populações, que lhe estão confiadas; e das quaes recebem não poucos meios, como daquelles, por contribuições directas e indirectas, e de mais a mais soldados para segurança daquelles, e da patria pela qual expoem a vida, e não podem deixar de merecer que os defendam de todos os males que os possam affligir. E' nesta occasião, em que se faz um congresso em França para se tomar um commum acordo, não sobre a *questão scientifica propriamente dita*, mas sim sobre disposições geraes, que devem regular o regimen das quarentenas, que na cidade do Porto entram navios procedentes de portos em que reinava a febre amarella; e todos os que communicaram com elles, com objectos dos mesmos, e até os navios que estavam ancorados proximos delles soffreram uma molestia, differente das que no paiz se conheciam, e que fez muitas victimas.

Ora, ha males que veem por bem; parece uma providencia, que neste mesmo tempo, em que em França está reunido um congresso, apparece este infeliz exemplo no Porto, para se mostrar se a questão de que se occupa o congresso é *scientifica*, ou de disposições geraes que devem regular o regimen das quarentenas, para os agentes consulares decidirem o que convem ao commercio, ou os medicos o que deve aproveitar aos habitantes, e para cuja resolução convirá mais a experiencia ajudada da sciencia, do que dos calculos mercantis, a fim de se poderem reduzir as quarentenas, sem detrimento do commercio, nem compromettter a saude dos povos.

Se allucinadamente, ou com temeridade cedermos a interesses de nações mais commerciaes que nós, diminuindo em demasia as quarentenas, o que não esperamos, á vista do que succedeu em agosto do corrente com os navios Barca Tentadora, Duarte 4.º, e Affonso: se porém a pluralidade vencer as quarentenas limitadissimas; devemos submissos expor um reino inteiro, e os seus visinhos a uma epidemia!!

Aonde está a salvaguarda de um povo, de uma nação? não bastam os immensos males que já por cá ha, venham os mais que por toda a parte houverem!

As medidas sanitarias, entendemos nós, não devem ser *excessivas*, nem peccar por *extremamente pequenas;* neste caso, podem ser a causa de incalculaveis damnos na saude e vida, e na prosperidade dos povos, que tambem são as das nações; e naquelle estorva tambem em demasia a prosperi-

dade do paiz oprimido, a marinha mercante, e o commercio.

Estabelecer como regra *extensas quarentenas*, ou *demasiadamente diminutas*, pareceria mais um capricho, do que remedio aos males a que se quer occorrer, originando sempre um mal.

Em medidas sanitarias não se podem dispensar as *necessarias*, as de mais é superfluidade.

Tambem não podemos concordar que não sejam precisas medidas sanitarias, porque a total abolição dellas deve occasionar todos os males de que são capazes, e que vimos no Porto, as quaes se multiplicariam se ellas não viessem em auxilio da povoação, e isto sem nenhuma conveniencia commum.

Menos do que levamos exposto, ou medidas que não obstem á infecção, será melhor então extinguir por uma vez (esse phantasma) esses tribunaes, que são a salva guarda dos povos; visto que não servem para o fim para que foram instituidos, e que no nosso pensar, e da historia das epidemias se mostra, teem sido uteis; e poupe-se essa enorme despesa, que a nação faz.

E' crença que as medidas adoptadas no reino visinho (Hispanha) o tem libertado da febre amarella das Antilhas, e do Mexico; a qual nem nos nossos lazaretos tem apparecido; e se em Portugal se não acredita isto para que removem os focos de infecção, os navios que aportaram ao Douro, mandando-os sahir?

Estes exemplos são factos vivos, que por si fallam. Exemplos são milhões de vezes mais persuasivos do que quantas theorias se possam imaginar, porque todas caem por sua debil natureza e fallaz base.

Convém dar o seu a seu dono. Na propria França ha medicos, que bem conhecem a necessidade das bem entendidas quarentenas, sem que para seu desengano carecessem do funesto facto do Porto, neste anno, nem do da ilha da Boa Vista, no anno de 1845, em que a febre amarella alli reinou até 1847. a qual o vapor inglez *l'Eclair* áquella ilha levou, que foi das mais calamitosas, em troco dos soccorros que carecia, e que os portuguezes não são capazes de subministrar: foram atacadas não menos de 3:312 pessoas sobre 4:147, havendo 95 emigrados. Sirvam estes recentes factos de desengano para os illudidos por suas theorias, se forem (como os supponho) capazes de tanto.

O pensamento de estabelecer uma regularidade nas quarentenas, parece justo, uma vez que não peque nos extremos já apontados, e se reconheça que se deve partir sempre do mesmo centro, e com o mesmo raio, isto é, com relação de justa e recta proporção do ponto ou pontos infectados, na proximidade dos quaes convem muito mais cautellas, que nos remotos.

Acreditamos que este ponto será discutido, como o bem publico reclama, e não como mera especulação mercantil.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XV.

UMA SERVA DE DEUS!

Agora, pedindo licença a um amigo nosso, entraremos na sua choupana, como diziam em estilo pastoril na epocha desta mui veridica historia. O honrado Thomé das Chagas desappareceu ha tempo, e é preciso sabermos noticias suas. Temos sido ingratos esquecendo-nos de o procurar; mas elle fino, como um coral, não póde ter deixado de fazer-se util, sobre tudo a si. Deve estar occupado. Vamos vêr.

A escolha das posições faz general; e o nosso amigo sabia esta regra, como sabia a casuistica do padre Bauny, e muitas coisas mais. O Eneas de Evora, salvando os penates, e chamando tempo depois, como sua fiel Creusa, a virtuosa Perpetua das Dores de Maria Santissima, tinha farejado o sitio mais commodo de Lisboa, para assentar um acampamento. Depois de boas informações e attendidas as leis da hygiene, da tactica, e da liberdade de industria, optou pelo becco do *Manquinho*, posição estimavel a todos os respeitos.

O becco do Manquinho era, no anno de 1706, e continuou a ser até ao terremoto de 1755, uma especie de corredor enviusado, escuro, ladeirento e lodoso, cheio de cotovellos como os pés do devoto, esbeiçado de paredões, e de barracas arruinadas, como o vestido milagroso do Bertholdo Seraphico. Este logradouro dos amigos da obscuridade, que de longe mais parecia um cano de despejo, do que uma rua habitavel, tinha nove palmos de largo e sessenta de comprido, na segunda volta que fazia para entestar com o largo dos Escudeiros. A estas consoladoras proporções juntava ainda uma aberta em fórma de bocca de garrafão, a qual sahia para a Alfurja, outra viella torcida, na largura de sete palmos, até ao becco dos Namorados, nome vaidoso, que o lamacento e esguio passadiço devia trocar pelo appellido mais veridico de *becco dos Ladrões*.

Á vista da exactissima descripção, que acaba de se lêr, tirada dos monumentos da epocha, pouco resta a acrescentar. Em dia de diligen-

cias da justiça, os tectos das barracas, coroadas de trapeirinhas afuniladas, podiam abrir facil escapatoria aos morcegos e abutres deste bairro; e os mais delicados de consciencia, e por isso menos promptos em evitar o contacto dos beleguins, se chovia, não querendo sahir de casa com agua até ao joelho, preferiam atravessar uma taboa como ponte, de janella para janella, em toda a largura do becco, o que lhes proporcionava a commodidade de visitarem os seus amigos, viajando aeriamente sem passarolla. Deus nos livre de maus pensamentos! Mas estas encruzilhadas, feitas de proposito como tocas de sapos, não se pareciam mal com uma caverna de tratantes, admittida mesmo a virtude e amor do proximo do principal locatario, o sr. Thomé das Chagas. O cortiço estava cheio de vespas, como é de suppor; e as vespas usam de ferrão; qualquer dos moradores em perigo, fugindo pelos telhados, e saltando aos tenebrosos desaguadoiros, podia facilmente deixar a justiça parva no meio das mais bem concebidas evoluções.

O sr. Thomé das Chagas vivia com certo conchego. Quer fosse herdeiro do velhaco Onofre Crespo, quer tivesse achado thesouro escondido debaixo da pedra da chaminé, a verdade é que se tractava ás mil maravilhas para um villão ruim. Todas as pequenas consolações, com que um devoto corrige nos dias gordos a magreza do famelico jejum, estavam enfileiradas na dispensa em golosos cachos de paios e chouriços, ou em deleitosas linhas de garrafas de genuino e maduro vinho. Fiel á modesta fortuna do seu pupillo, a tia Perpetua descontava oito horas por dia nas lidas da salvação, para tractar da cosinha e da roupa do sr. Thomé; e resmungando o seu padre nosso, ou esbrugando o seu rosario, punha toda a casa bonita e cheirosa como um palmito. Deus a tenha em gloria, á tia Perpetua!

No dia, em que estamos, um acto de rebellião inaudita acabava de se consummar contra os moradores do becco do Manquinho, feridos nos sacratissimos direitos de caminho e passagem. A barraca do sr. Thomé das Chagas formava um dos innumeraveis cotovellos do corredor, aonde o braço de pouco opulento mestre de obras a levantára. O chão descalço fazia uma cóva grande entre ella e os tres casebres ainda mais caducos, que lhe ficavam defronte; sendo o do meio a tenda, a espelunca do Sileno bairrista, coroada dos immarsesciveis loiros do estilo, fortificada com as gloriosas barricas, que o consummo tirava do porão e empurrava para a porta. Á esquerda habitava um veterano côxo, amulatado, e propenso a vingar a perguiça da muleta com os saltos mortaes dos dados. Na direita vivia o sineiro da parochia, entre os flatos histericos, e as murmurações eternas de tres beatas velhas, que eram a cauda da serpente, cuja cabeça venenosa apparecia no becco dos Namorados, quartel general dos gatunos da cidade de Lisboa, e seu refugio.

Eram sete horas da manhã, ainda não o seriam mesmo; começava a aclarar o dia; e um chuveiro teimoso, puchado pelo vento, açoitava as janellas, com vidraças de papel de cantochão, quando o illustre veterano abriu a porta, e aventurou o pé sadio, e a perna válida fóra do seu tegurio. Segundo a sua bella expressão, ía fazer a consoada á tenda do tio Braz, com dois figos passados e uma dóse respeitavel de agua-ardente, para enxugar as humidades do estomago, e rehabilitar o systema nervoso. De repente o glorioso monumento da guerra da successão deu um grito, e expectorou uma blasfemia, a que respondeu, não o echo, mas a immensa bocca do honrado tendeiro, que do alto degrau da sua porta, e sepultado até ás orelhas em um agudo carapuço de lã, amaldiçoava em phrase clara e voz intelligivel a causa dos seus males. Ao duetto dos dois baixos associou-se pouco depois o tenor do sineiro, e o soprano e tiple das beatas, cujas coifas e capellos mal assentes tremiam com a raiva do areopago feminino, alinhado diante dos degraus, de punho fechado, e olhos scintillantes.

Qual era o motivo, que provocava esta eloquencia no becco do Manquinho? Quem desafiava a ira guinchadora das matronas, a furia pausada do mercieiro, e a cholera militar, e quasi episcopal, do soldado e do sineiro? O mais exiguo e despresivel ente! Um galopim, de oito a nove annos! Olhemos para a rua e acharemos o corpo de delicto.

A cova entre a casa do sr. Thomé, e as tres barracas tinham-se convertido em lago, graças á sciencia hydraulica do gaiato já citado, o qual muito senhor de si, e a coberto da vingança dos inimigos, apparecia a cavallo em um barril pequeno, talvez empalmado á tenda. Um cartuxo de papel pardo coroava-lhe a cabeça; uma canna de enxotar perùs servia-lhe de sceptro. Tapando as saídas á agua da chuva que fôra copiosa toda a noute, o velhaco alagára o becco,

quasi até á entrada da Alfurja, e resistia impavido á execração das beatas, da tia Perpetua, e de todos os moradores, condemnados a dar um banho ás barrigas das pernas, caso tentassem a temeridade de saír da porta.

Em virtude deste grave acontecimento viam-se, pois, em acção bellica, as velhas desgrenhadas e alvoroçadas como bruxas; e no meio o tendeiro feito Jupiter *stator*, e lamentando o barril deitado ao lago, e o sacco de papel pardo convertido em elmo imperial. As linguas das matronas, afiadas pela raiva, esquartejavam a sombra do rapaz; a muleta do soldado jurava-lhe pelos ossos, e a sanha do verdenegro negociante de quartilhos atroava o céu e a terra... No meio do alarido o garoto ria, patinhava e assobiava com um desplante capaz de enfurecer a propria paciencia.

Entretanto, vendo o veterano arriscar o seu unico pé, o nosso amigo saltou como um foguete de cima do bucephalo de páu, e rolou-lh'o direito á canella quando estava cortando as aguas com serena precaução. O Marte do Manquinho, em perigo flagrante, esqueceu a fraqueza dos alicerces, perdeu o equilibrio e a muleta, e cahiu de costas no pantano artificial no meio dos clamores do tendeiro, que apanhou de rosto a chuva pouco odorifera que espirrou do baque do soldado. Entretanto o rapaz em dois pulos metteu-se na Alfurja, e d'ahi entrou no becco dos Namorados dando risadas que ouviram muito tempo com silenciosa indignação, e gestos furibundos, as victimas ludibriadas. Neste momento critico a tia Perpetua foi constrangida a suspender a verrina que pronunciava contra a depravada mocidade, acudindo á voz do sr. Thomé das Chagas, que a chamava. Pouco depois fechou a sua porta, deixando os alliados em murmuração, entregues á mofina sorte que os perseguia.

A figura do nobre andador das almas em habitos menores faria estalar de riso um bonzo, que é o symbolo da gravidade. Em vez da capoeira de crinas e estopa ruça que na rua lhe servia de peruca, o devoto trazia ás cabritas, empoleirada na alterosa nuca, uma coifa de mulher, cujos folhos sujos e amarrotados cahiam d'ambos os lados até ao pescoço como orelhas asininas. A esguia canella com a traçada meia bicolor cheia de pontos, e o enorme pé de sete cotovellos acalcanhando as chinellas largas como faluas, davam-lhe exotica apparencia. Em mangas de camisa, o puido calção, e o babadouro de ganga todo franzido em roda, tornavam-no a publica-fórma de um barbeiro de entremez. Thomé das Chagas acabava de fechar o sobscripto de um maço de papeis; e quando a tia Perpetua entrou na casa de jantar, suspendia ao peito o relicario com o enorme collar de camandulas. Os olhitos enviusados do milagreiro fitaram-se na beata, e os dedos tortos e pardos coçaram a nuca, gesto muito usual; ao mesmo tempo exclamava:

— « Torno a dizer-lho: isto é obra dos meus inimigos religiosos! »

— « Anjo bento do meu divino Jesus! — acudiu a sr. Perpetua persignando-se, e lagrimejando. — Quem nos ha de querer mal, filho da minha alma? Deixa-te dessas *visarmas* (queria dizer *visões*) meu sanctinho... Aquillo é idéa da vibora maldicta do rapaz: Deus o tolha de pés e mãos. Nosso Senhor me perdoe! »

— « Charidade, tia Perpetua, mais charidade! — exclamou o santão com soberana dignidade. — Está escripto na sagrada pagina. — Não desejarás o mal do teu proximo. »

— « Uma parelesia o seque ao aborto do inferno, e á boa rez da mãi; que vive como um brutinho, fóra da lei de Christo... Arreda-te tentação do demonio. Não que elle se não é, parece mesmo o Anté-Christo: sabbado de Nossa Senhora é hoje... E lascarino? Ai e Jesus! Hontem se me descuido não lambia aquelle bazelisco o especione ao nosso *mimi?!* Saffá! com o demonio, concebido e creado em peccado mortal!... Ave Maria, cheia de graça... »

Coroando a maledicencia com a oração, a tia Perpetua, acompanhou-a de tres mesuras de alto abaixo á imagem da Senhora das Dores, posta em cima de uma banqueta, com sua toalha de folhos muito lavados.

A beata carregava com mais de sessenta annos; e era baixa, corcovada, e magrissima. Uma bocca sorvida, d'onde se retiravam os dentes em debandada; olhos pequenos, abotoados de marroquim, viuvos de pestanas e apresilhados nos cantos, como olhos de china; pelle cor de cobre, quasi viscosa como pelle de serpente: um nariz adunco de bico de papagaio; e uma barba revirada, davam-lhe inquestionavel direito a reivindicar a belleza picara da famosa dama Leonarda, que Deus tem. Vestia uma tunica sem cauda, talhada em forma de habito, com o inevitavel capello escuro, franzido, e affogado á roda do pescoço, que subia interiçado e eterno, com um feixe de cordoveias tesas, sustentando no cimo a cabeça, proporcionalmente pequena de mais, do mesmo modo que um poste suporta uma lanterna.

Quando sorria, o amarello riso desta bocca sem dentes fugia, como um reptil, por cima dos beiços delgados, pallidos e sumidos; quando se irava, a luz baça dos olhos, encovando-se, parecia accesa dentro das orbitas vasias de uma caveira. O formidavel rosario pendia do cinto de couro e chegava quasi aos pés. Um registo da Senhora das Dores, com as sete espadas dispostas em forma de rosa dos ventos, via-se cosido sobre o lado esquerdo do peito. Por baixo da tunica percebia-se o cilicio de proposito mal occulto; e de uma algibeira sahia como por descuido o cabo das disciplinas.

Para maior mortificação, ás sextas feiras o seu travesseiro era uma caveira, e a sua cama as taboas duras da casa. A par disto uma lingua viperina, o caracter mais enredador, e a consciencia tão curtida no erro, que era de todo insensivel ao remorso. Tal era a virtuosa Perpetua, comadre de tres sacristães, e auctora de singulares remedios contra sciaticas e sesões. A sua avareza igualava a hypocrisia com que adorava a Deus na propria acção do peccado, que elle mais condemna. A unica boa qualidade, que se lhe conhecia era uma affeição verdadeiramente maternal pelo sr.ª Thomé das Chagas, que para ella reunia todas as prendas imaginaveis, desde a formosura de um Adonis até á sabedoria de um Socrates.

O milagreiro passeiava pela casa com desasocego, em quanto a sr. Perpetua fazia mesuras á Virgem, e arreganhava para ella em sorrisos asquerosos a bocca fendida de orelha a orelha. Porfim o nosso amigo parou diante da matrona, e com a meluria que lhe conhecemos:

— « Sabe, tia Perpetua — disse elle — que estou anciado de fraqueza? Não se almoça por cá esta manhã? »

— « O que diz o meu santinho? » — replicou a velha, cingindo a orelha com a mão, como usam os que ouvem pouco.

— « Digo que tenho fome e quero comer » — exclamou Thomé, levantando a voz, e sentando-se com força na immensa poltrona coxa, que fazia cortezias sobre tres pés á mesa de jantar.

— « Ai, meu Jesus do céu!.. Hoje é dia de jejum, filho; e não deveis tocar em boccado, que dê gosto ao paladar... Deus nos acuda! Vade retro tentação... Resai-me um padre nosso e uma Ave Maria ás almas; é a receita de fr. Thimoteo para as debilidades de jejum, com que o demonio nos tenta... Tambem eu, Nosso Senhor sabe o qne me custa; até a luz dos olhos me foge ás vezes... »

— « Tia Perpetua — atalhou o sr. Thomé, sem sequer pestenejar nem desengatilhar um só dos musculos da face armados á compuncção — cada um faz o bem que póde neste mundo para ganhar o outro! fr. Thimoteo é um santo; eu sou um peccador: e as almas não comem nem bebem... Sou debil, e sujeito a espasmos, por isso tirei dispensa. Dê-me de almoçar; acabemos com isto. »

— « Ah, se o meu santinho tem dispensa é outra coisa... olha, filho, é um pullo em quanto a tia Perpetua tempera uma assordinha, que os anjos haviam de gritar por mais... Mas primeiro a salvação!.. mundo, diabo e carne, figadais inimigos do homem, eu vos excommungo; não quero por vós me perder para todo o sempre amen Jesus!.. »

— « Nem eu, tia Perpetua. Mas avie-se. »

— « Ahi vou, ahi vou já! — E virando-se para a imagem da Virgem com tres mesuras e muitas gaifonas, a beata proseguiu: — E vós, bemdita Senhora, não comeis nem bebeis, mas cada vez estais mais bonita. Ave Maria cheia de graça!.. Fazei, Estrella do céu, que o conde se lembre da vossa serva com os seis cruzados, que disse, e prometto uma coroa de prata para essa divina cabeça, e um vestidinho novo, todo bordado... Pedi por mim, bemaventurada Senhora, e tocai no coração á menina, que ouça o que lhe heide pedir. Salve Rainha, estrella do mar! Bem sabeis, minha Senhora, que estão muito caros os tempos, e eu preciso de mantéu e çapatos; a renda da casa come com os pobres á meza, e o quartel está á porta... Se não me faltasse, não vos importunava. Então, Virgem Purissima, nada quereis á vossa escrava, nem um recado para o nosso Menino Jesus, o doce Jesus da minha alma, allivio dos aflictos, viva columna do throno de Deus Padre?! Logo em S. Domingos heide contar-lhe como estais triste com saudades suas... Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim, peccadora!.. Perdoai a minha confiança, divina Senhora, mas se ella casar com o conde hei de comprar-vos um Menino Jesus de barro, e nunca mais estareis sosinha e chorosa, como agora... Pelas sete dores da Paixão, Virgem Consoladora, fazei este milagre á vossa serva e pizai aos pés com a serpente a quantos me quizerem mal, que tenham má hora na vida e na morte, e assim seja para todo o sempre, amen! »

Esta desaforada jaculatoria, em que a beata peitava a mãe de Deus para a converter em sua cumplice, associando-a ás torpezas das suas infames esperanças, era acompanhada de um sem numero de sorrisos, e beijos na imagem. O sr. Thomé das Chagas, mesmo, acostumado como estava a espectaculos similhantes, e pratico de mais como era no officio, enjoou-se da scena escandalosa e poz-lhe termo, gritando pelo almoço em tom, que não admittia replica.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

INSUSPEITO TESTIMUNHO DA GLORIA PORTUGUEZA.

Depois de sessenta annos de captiveiro, e de vinte e tres de uma guerra destruidora em que os portuguezes gostosamente se empenharam para conservar o throno ao seu legitimo soberano o senhor rei D. João IV; vendo-se Filippe IV rei de Hespanha constantemente vencido, e não sabendo donde procediam tantos recursos, quantos patenteava Portugal, nem acertando que conselho seguiria, mandou ouvir o celebre doutor Salazar, famoso jurisconsulto hespanhol, o qual sem temer o desagrado do seu rei, expressou quanto sentia no seguinte discurso, que pessoalmente entregou nas mãos do soberano.

Se conselho pede a afflicção, annos ha, senhor que v. magestade devia pedir conselho; porque fôra então com elle tão facil o remedio, como agora é aspero o desengano. A verdade nasceu na terra, mas em pobre alvergue; não nasceu em palacio; e uma vez que um santo alli a levou, tão pouco conhecida foi, que lhe custou a cabeça. Nenhuma coisa arruina tanto uma monarquia como a peçonha da lisonja. Mais damnoso é um lisonjeiro atrevido, do que um inimigo declarado, e um contrario poderoso; porque este dá cuidado, mas do cuidado nasce sollicitar o remedio, e aquelle docemente me entrega ao descuido, e sem remedio me faz precipitar no perigo.

Mortifica-se o juizo do zeloso do bem da patria vendo o appetite dominar a rasão; á verdado subjugar a mentira; e á singeleza a malicia. Não é bem, que um rei dê credito a uma voz, que o engana porque o deleita, e não sôa quando engana; examine-se o coração d'onde sahe; saiba-se o mal d'onde vem; porque ha almas que não tem palavras, e ha palavras, que sahem da alma.

Não se escuta o que o zeloso desengana: só o que falla ao gosto do principe se attende. Quão vergonhosa se retira a verdade do governo em que preside o engano! Chora-se o precipicio, e não se atreve o zelo; perde o valimento quem falla em justiça, e goza-o sómente quem lisonjêa. Mesmo agora não disserá o que entendo, se v. magestade não despertara a minha penna: temerosa vai a rasão, porque sabe da alma o desvelo; porém não recêa a morte quem a seu senhor obedece, e menos eu que estou no fim da vida. Digo pois ao meu rei:

Quem facilita o que não sabe, não sabe o que facilita. Para ter experiencia de uma nação não basta conhecer do presente: é preciso conhecer o passado para não chorar o futuro. Seria milagre acertar a ignorancia, onde muitas vezes não acerta a prudencia. Portugal negou a v. magestade: acclameu rei; facilitaram lisonjeiros o remedio, e agora temerosos se retiram do perigo. Esta nação, senhor, conquistou no Oriente as Indias, viagem que só imaginada faz perturbar o animo, quanto mais emprehendel-a! Dominou barbaras nações; adquiriu com seu braço muitas corôas; sujeitou com assombro muitos reinos; e fez seu nome eterno, não só entre gentios, e pagãos, mas até no mundo inteiro. Africa, que provou seu valor, lastimou seu estrago, e sempre vive temerosa, porque nella se criam as creanças com suas prodigiosas façanhas. Hollanda conquistou no Brazil pela sagacidade; mas não ficou com a ganancia, porque foram os hollandezes expulsos por violencia; e isto quando o amor não ajudava o poder; que para rei estranho muito se obrou com valor proprio.

Este foi o engano, que hoje se chora sem remedio. Com o jugo alheio pareciam os leões cordeiros; porém com o proprio (que é jugo suave) parecem os cordeiros leões.

Castella, com tantos reinos, com tantos milhões, e com tanto exercicio nas armas, cobrou odio a esta nação, porque desde seu primeiro rei até hoje continuamente soffreu estragos; e o damno passando de edade em edade continúa a inclinação até ao presente: v. magestade o tem ouvido com sobresalto, e talvez o está vendo sem remedio.

Estava adormecido o valor em Portugal, mas a ambição, e a tyrannia praticada com ignorancia o despertou. Por tempo de sessenta annos não poude v. magestade adquirir-lhe a vontade, porque os ministros foram tyrannos neste tempo. Castigo pedia o desaforo: porém creou raizes, porque se demorou o castigo. Estavam esquecidas as armas, e com a sujeição reprimidas; e as nossas lhas fizeram tomar. Não é esta gente, senhor, a que se rende com ameaças; mais facilmente a vencêra com caricias. Se lhe chamamos rebeldes, porque se não determina a rasão? Porque nos não ajudamos do direito? Porque se attende ao severo, e não ao catholico? Letrados dão direito a v. magestade; e a Portugal tambem lhe conferem direito os seus letrados: porque não se poz esta causa em juizo? Verdade é que já agora não póde haver juizo nesta causa, pois ha vinte e tres annos, que se sollicita com armas a sua decisão: já melhor aconselha o desengano do que a rasão; já a rasão se póde esquecer pelo remedio. Senhor, não dizem tudo a v. magestade, e um rei deve saber tudo: dizem o bem, e sem rasão o dizem; calam o mal, e cresce porque o calam. A saude não padece com adversidades, e um reino desmaia com accidentes. A um valor grande tudo lhe parece pequeno.

Dizem a v. magestade, que Portugal não tem dinheiro, não tem navios, e não tem gente: traidores são os que o dizem; pois com que nos tem destrui-

do? Sem gente nos tem tantas vezes desbaratado? Valha-me Deus, que fariam se tivessem gente? Sem dinheiro choramos a nossa ruina? Que choráramos se tivessem dinheiro?

Senhor, Portugal nos desbaratou no Montijo; Portugal nos venceu em Elvas: Luiz Mendes de Haro fugiu deixando cavalleria, artilheria, infantes e bagagens. Portugal em Evora destruiu a flor de Hespanha, o melhor de Flandres, o luzido de Milão, e o grandioso da Estremadura. Sua altesa o senhor D. João d'Austria retirou-se vergonhosamente, deixando oito milhões, que tanto custou a empreza, oito mil mortos, seis mil prisioneiros, quatro mil cavallos, vinte e quatro peças de artilheria; e o mais lastimoso foi, que de cento e vinte titulos, e cabos, não escaparam senão D. Germano, e D. Diogo Cavallero, porque fugiram, deixando o estandarte do seu principe. Pois se nada tem, ha maior affronta do que vencernos sem nada? Isto ou é valor, ou milagre. Se é milagre a pertinacia vem a ser loucura; e se é valor, que maior prova da nossa fraqueza? Não é maior que o seu poder a nossa cobardia? Cada dia espera v. magestade que se ganhe; e cada dia saiba v. magestade que se perde, e que é mui grande a perda de cada dia. Quarenta mil homens levou o senhor D. João d'Austria entre infantes, cavallos, e gastadores; levou o maior numero que poude juntar Hespanha, a maior carroagem que póde unir o poder; o maior apparato que póde aggregar a ostentação, e o maior parque de artilheria, que se viu em exercito na Hespanha: tudo isto nos ficou destruido. Voltaram acaso mais de 1500 cavallos, e 1000 infantes?

Se algumas das suas praças possuimos, foi mais por cegueira sua, do que por valentia nossa. Ha grande neste reino, que não esteja pequeno! Ha poderoso que não ficasse necessitado? Ha rico que não se veja pobre? E pobre que não morra de fome!

Em que se despendem os milhões das Indias? Em que se tem consumido as rendas de v. magestade? Onde se hão morto mais de cem mil homens em vinte e tres annos, senão em Portugal? E Portugal sem dinheiro, sem gente, e sem navios atemorisa o mar, vence os exercitos, e até os reinos estranhos sustenta! Senhor, minha penna o diz, e as viuvas o choram, despertando em palacio a compaixão de v. magestade. A minha lingua sem sollicitar applausos, sem ministrar lisonjas, sem receiar perigos, descobre a v. magestade os successos; falla o que sente, e sente muito o que escreve. Senhor, se não aproveitam traças; se os traidores são descubertos [1]; se os nossos segredos se revelam; nossas maquinas se desfazem, e tudo descobre Deus aos portuguezes; é evidente que Deus assim o quer. Os prodigios são manifestos, os milagres patentes; pois não é desatino oppôrmo-nos ao Ceu?

[1] Allude a ter sido descoberto, preso e processado o traidor, que attentou contra a vida do senhor rei D. João o IV, quando hia atraz do pallio na procissão do Corpo de Deus. A piedade da senhora rainha D. Luiza mandou edificar, por esta mercê do Ceu, um templo no sitio das casas em que o infame traidor fizera a pontaria, e lhe deu a invocação de *Corpus Christi*, em memoria de haver sido neste dia, e na procissão da cidade, que seu augusto esposo escapou de tão eminente perigo. Estava no largo que chamam dos — torneiros.

(Nota do Redactor)

V. magestade para esta guerra tira a Castella a substancia, a Flandres o soccorro, a Milão a defeza, a Napoles o presidio, ao Imperio a saude, á Catalunha o remedio, e a toda a Hespanha a esperança: não se pódem já prover as praças, enfraquece o reino, morrem os pobres, e alenta-se o inimigo. França, e Inglaterra não pódem soffrer tão poderoso visinho: ajudam com cautella o necessitado, e se não é amor que tem a Portugal, é odio que tem a Castella.

Rei, e senhor meu, de uma parte ha de ser justa a guerra entre christãos, para que não pereçam tantas almas na guerra. O Ceu mostra que é justa a delles pois tanto os favorece: logo é injusta a nossa. Se não é affronta para a Hespanha o fazer pazes com Hollanda sendo herege rebellado, e tyranno: se não é desdoiro procurarmol-as com Bretanha; se é conveniencia fazel-as com França; porque não ha de ser licito fazel-as com Portugal? Se todos temem a Hespanha; e Portugal vence a Hespanha; mais temerão a Hespanha unida com Portugal. Mais credito se perde nas armas, do que no brio; mais se interessa nos consorcios de casa, que nas esperanças de fóra.

Senhor, em nome dos estados falla a minha penna. Não se governe v. magestade por quem lhe diz o que não sabe; se não por quem sabe o que lhe diz. — *Si volueritis, et audieritis me; bona terræ comedetis; quod si nolueritis, et ad iracundiam me provocaveritis, gladius devorabit vos.* — Isto disse Deus, e ás vezes um homem diz o que Deus disse. Elle guarde a v. magestade, etc.

O dr. Salazar.

SERRA DA ESTRELLA.

No anno de 1836 imprimiu o sr. conselheiro, Alexandre de Abreu Castanheira, um opusculo, hoje bem pouco conhecido, relatando a ascensão que fez á nossa celebrada serra da Estrella, movido da curiosidade de indagar os fundamentos das tradicções maravilhosas que se propagavam ácerca desta montanha, muito nomeada, mas quasi que inexplorada na sua parte superior. Cremos que serão agradaveis aos nossos leitores os trechos mais importantes desta relação.

Acompanhado de tres amigos, e mais dez homens armados, além do meu feitor e um creado, principiamos no dia 18 de agosto a subir a serra, alcançando um bom pratico e conhecedor dos sitios, e dos principaes pontos de vista da immensa perspectiva que se descobre para todos os lados; homem, ainda que rustico, de bastante tino, e que dava rasão de seu dito em tudo o que se offerecia. A projecção desta cordilheira, que alguns tem pertendido ser um ramo dos Pyreneus, é em Portugal na direcção de leste a oeste, assim como outras muitas, e por isso esta é tambem a direcção das principaes correntes, tanto oriundas do reino, como da visinha Hespanha: ella divide a Beira Alta da Baixa, e esta será sempre a melhor divisão desta grande provincia em seus governos civis, militares, e administrati-

vos; e dos confins da Beira e da Estremadura, nas alturas da ponte da Mocella, ella estende um braço, que dividindo esta ultima provincia em partes quasi iguaes, óra mais elevada, ora mais abatida, vae formar a serra de Cintra, e deixa as terras mais occidentaes da Europa com o notavel cabo da Roca, aonde acaba. A sua maior altura é a que descrevo, chamada propriamente serra d'Estrella, e antigamente Erminio. A nord'este, e a l'este, ainda na mesma cordilheira, fica-lhe a cidade da Guarda, e a villa de Manteigas, e na sua base ao norte adornam-na as boas povoações de Carrapichana, villa Cortez, Linhares, Mello, Gouvea, Vinho, Pinhanços, Tourraes, Santa Marinha, Cêa, S. Romão, Valezim, Torrozelo, Loriga um pouco mais avançada na serra, e outras, todas abundantes de cereaes, principalmente milho, que fertilisam as aguas que em todo o verão cáem da serra, ricas de gados de que se colhem as bellas lãs, e finos queijos, que são certamente os melhores que se conhecem; algumas destas mencionadas produzem tambem excellente vinho, e todas mais ou menos azeite. Outras muitas povoações ha ainda junto a esta parte da serra pelo lado do norte, que tornam o paiz mui agradavel e abundante. Pelo lado de sud-este e sul, estão a notavel e rica villa da Covilhã, Fundão, e outras; e esta é em curtos traços a base da propriamente denominada serra d'Estrella, porque em sua continuação vae ella mudando de nomes.

Nós entrámos a montanha pelo lado do norte, por S. Romão, villa de 300 fogos, e abundantissima de milho, e pastagens, que fertilisa um canal de agua perenne em todo o anno tirado de uma das ribeiras do Alva, no sitio da Senhora do Desterro, e que depois engrossando fórma um riacho chamado o Cobral, cujas aguas depois de terem feito produzir milhares de moios de milho, se lançam no rio de Cêa, que vae voltando para o norte pagar seu tributo ao Mondego pouco abaixo da ponte dos Juncaes.

De S. Romão nos encaminhamos á Senhora do Desterro quasi meia legua acima daquella villa, subindo a serra, aonde está a ermida da Senhora, com varias outras capellas, casa de habitação para o ermitão, e de hospedarias para os romeiros, um chafariz, além de uma ponte mais antiga sobre a ribeira do Alva que alli passa, e donde se tira o canal de rega para S. Romão e mais terras de que já acima fallei. Aquellas obras pertencentes á ermida, se tem feito das grandes sommas alli accumuladas em virtude dos milagres attribuidos á Senhora, que ó tida, principalmente de 50 annos a esta parte pela mais milagrosa da Beira, e que attrahe nas principaes festas do anno, e ainda nos domingos e dias santos, grande concorrencia de romeiros. Dahi atravessando a ribeira continúamos nossa derrota sempre na direcção norte-sul, e trepando a um terço da altura da serra, o guia nos marcou na nossa passagem um sitio chamado Casas Castelhanas, aonde se viam vestigios de duas pequenas casas, que só poderiam servir de abrigo a pastores, e que se diziam ter sido de um conde castelhano, chamando-se os montes á roda, Montes Castelhanos. Ainda até esta altura havia uma pequena cultura de centeio em alguns sitios pertencentes ao Sabugueiro, pequena povoação na serra, que já em baixo nos ficava um pouco a nord'este, e bem conhecida dantes por seus finos queijos.

Pouco acima fizemos uma pequena pausa para descanço, e para considerar o vastissimo horisonte, que se abria a nossas vistas desde nord'este a oeste, e dalli se avistava Vizeu, que o oculo fazia reconhecer na distancia de 8 leguas norte, e Mangualde a 6 nord'este. Eram pouco mais de nove horas, o sol dardejava com tal força, que o thermometro marcava pela escala de *Farenheit* (por onde fiz minhas observações por ser mais extensa) 99 gráos (calor do sangue) com grande admiração minha, que julgava deveria descer á proporção que eu avançava na montanha, via subir o mercurio a um ponto, que jámais nos sitios mais baixos, e nas horas mais calmosas dos dias de calor o tinha visto! Mas eu julgo dever attribuir este fenomeno a tel-o pousado em um penedo, voltado ao sol, aonde os raios directos, e os reverberados da pedra produziriam este resultado: além de que nem eu tinha jámais observado o thermómetro exposto aos raios do sol, nem esta era a verdadeira temperatura da montanha da neve como ao depois direi.

Na encosta desta primeira cortina da montanha vê-se o famigerado pomar de Judas, constando apenas de algumas arvores em uma porção de dois valeiros, e que não são notaveis, nem por grandeza, nem pela raridade dellas; porque apenas são teixos, ladoons, e freixos: a posição escarpada, aonde está situado lhe faria dar aquelle nome, e o serem as unicas arvores em toda esta região lhe grangeou certamente a celebridade. Junto ao cimo deste grande degráo da Serra se chama o sitio aonde passamos, malhada dos cavallos; e já aqui se encontram varias pyramides de pedrinhas no cimo dos penedos, para marcar a direcção de um atalho pouco seguido, que alguns aventureiros se arriscam a trilhar para a Covilhã, por evitar uma volta de leguas; mas que segundo affirmam, tem custado caro a alguns, que se tem extraviado, e lá ficado. Seguem-se, vencida esta altura, algumas planicies de pastagem de uma especie de junco mui fino que se assemelha ao feno, e que toda a qualidade de gado come mui bem: nellas se encontra agua, e nos sitios mais baixos, pantanos, pela maior parte enxutos e dissecados por effeito da estação. Além destas planicies mais ou menos inclinadas, semeadas aqui e alli de pedras de differentes figuras, entresachadas de alastrados betoiros, e redondos zimbros; e nos intervalos alcatifadas do mencionado junco, que escorrega debaixo dos pés, se descobre a montanha do Canarís, ultimo grande degráo da Serra; corre na mesma direcção da matriz de leste a oeste, é quasi toda de rocha viva, principalmente do meio para cima: a maior parte do anno está ella coberta de neve, e de seus geleiros fornece as correntes que dão principio ás duas ribeiras do Alva, formando na sua base ao norte a alagôa sêca, a redonda, e a comprida, e na encosta, em uma concavidade da penedia, a escura.

A alagôa sêca assim chamada porque no verão está dissecada, e no seu assento pastam os gados, nenhuma particularidade contém; ella não conserva as aguas como as outras, porque é quasi plana e não têm bordos elevados que deixem accumular grande quantidade dellas.

Mais a leste, tambem na base do Canarís está a alagôa redonda, de figura circular, e póde tornear-se em toda a roda ainda que com mais alguma difficuldade pelo lado do sul, por onde adhere á montanha; seus bordos são mais ou menos engamelados afóra um sangradoiro que tem a nordeste, por onde a nayade que alli habita, fornece da sua urna a primeira nascente da ribeira do Alva, que passa na Senhora do Desterro, mas que naquella occasião já não corria por effeito da estação. Ella tem 400 passos de circumferencia de 7 palmos cada um, e inculca ter no centro 20 palmos de profundidade, calculando pelo declive dos bordos, e porque sendo coberta de plantas palustraes em grande parte da circumferencia, no meio está limpa dellas. A sua agua não é demasiadamente fria, é não só potavel; mas saborosa, e com ella mitiguei a sêde mais de uma vez; porque ella se renova quasi todo o anno, e ainda nos mezes de julho e agosto alguma nascente terá no seu alveo. Ainda nas vertentes do Canarís para o lado do norte ha a alagôa escura, que é um poço no meio da encosta, formado no meio da penedía, e que pela parte superior apresenta mui elevados e escarpados bordos, e ainda pelos outros lados não é muito accessivel. Escura se chamará por que descobre o fundo, e porque rodeada de penedía denegrida, dá um similhante aspecto ás suas aguas.

Parece que desta é que se contam as estupendas maravilhas; entretanto ella tem pequeno ambito, e os pastores dizem que ella despeja o excedente de suas aguas para a comprida que fica no mesmo valle na base do Canarís, inclinando para Oeste. Esta é com razão assim chamada, porque occupa uma grande extensão em comprimento na rasão das outras, dilatando-se bastante pelo valle, de sorte que vista de certa distancia dá uma apparencia de um rio, em razão do seu comprimento, estreiteza e tortuosidade, que surprehende n'aquellas alturas. Pela sua localidade um pouco mais inferior, ella reune as aguas que escorrem da sêca; que caem da escura; e as neves e correntes que se despenham de quasi todo o Canarís. Assim fornece ella uma abundantissima nascente á outra ribeira do Alva, que vem reunir-se á primeira abaixo da Senhora do Desterro; e tal é, que no inverno se vê a algumas legoas de distancia dà serra, branquejar a cascata ou toalha, que esta verdadeira urna do rio Alva faz quando se despenha da alagôa, e ainda nos mezes de verão, ella não deixa de fornecel-o com algum contingente.

Eis aqui temos nós visto como as aguas, e as neves, que escorrem de Canarís, formam as nascentes das duas ribeiras do Alva. Agora subiremos mais acima a descobrir novos mysterios, e novas terras. A montanha de Canarís é de mui difficil ingresso, já por seu declive mui perpendicular, já porque é quasi toda formada de pedras, e penedías, umas em cima das outras: é o mais ingreme degráu que offerece a subida da Serra da Estrella; mas tudo vence a perseverança. No cimo delle seguem-se outras taes ou quaes planicies, cobertas de lages, e penedos, porque aqui tracta-se já da copa, e cimo da maior altura da Serra; e como daqui as continuas neves, e chuvas, quando se desprendem, levam sempre comsigo porções de terra, acham-se á periferia descarnadas as partes mais elevadas, apparecendo só os ossos da montanha, que ou por sua elevação, ou por alguma attracção hydraulica, estes pericotos, ou agulhas electricas, (como lhe chama Bernardin de S. Pierre) attraindo as humidades que giram na sua visinhança, estão quasi sempre envoltas em nevoeiros. Aqui passamos pelas salgadeiras que são uns pequenos tanques de pedra que estavam enxutos, dirigindo-nos ao chafariz d'el-rei, que é um bello tanque de figura triangular, todo praticado na pedra pelo fundo, e pelos lados, de tão facil accesso por um delles que se póde beber de bruços, e cuja agua é tão clara, limpida, e saborosa que faz appetite beber-se sem vontade: terá na maior altura dez ou doze palmos, e alguns da comitiva se lembraram de banhar-se nelle. É esta obra da natureza, digna do nome que os homens lhe poseram, porque não seria facil ao mais poderoso dos reis fazer de uma só peça, ou de muitas tão bem unidas, um vaso de tal capacidade. Um pouco mais abaixo na direcção de nordeste ficam as alagoas de Manteigas provavelmente assim chamadas, não pela proximidade daquella povoação, mas por estarem voltadas para o lado aonde ella existe: ellas são pouco notaveis. Estes pequenos poços, e todas as vertentes adjacentes são as fontes do Zezere, que sendo quasi todo o anno perennes geleiros, fornecem grande cabedal a este caudaloso rio.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

A espada offerecida ao marechal Beresford. — Esta dadiva feita pela officialidade do exercito peninsular portuguez ao general com quem serviu em tão longa, e penosa, quanto patriotica e gloriosa campanha, esteve patente na exposição portugueza em Londres dentro do famoso palacio de cristal,

Sobre a natureza da dadiva houve differentes pareceres; cremos que nenhuma podia ser mais propria para offertar-se a um general destemido do que esta que vamos descrever,

Decidiu-se que este presente militar constasse de um placar de grão cruz da ordem da Torre e Espada, e uma presilha do hombro para a fita de grão cruz, tudo de brilhantes, e uma espada curva com guarnições e bainha de oiro; e para a direcção desta obra se formou uma junta de generaes, e officiaes do exercito portuguez, dos quaes o primeiro era o excellentissimo senhor marquez monteiro mór.

Esta junta no dia 8 de agosto de 1815 em uma mensagem dirigida a s. excellencia patenteou os sentimentos de gratidão de que estava possuida toda a officialidade do exercito, sollicitando se dignasse acceitar o referido presente; a que s. excellencia respondeu na data de 9 agradecendo em geral á dita officialidade do exercito, e em particular á junta a

offerta que lhe faziam, certificando-lhes entre as honrosas e lisongeiras expressões, com que se explicava, não precisar de similhante coisa para conservar na sua lembrança o alto conceito, em que tinha o honrado comportamento do exercito; e que acceitava com gosto e ufania um signal tão decisivo da boa opinião e estima que faziam da sua pessoa.

Então foi encarregado da invenção, desenho, e direcção destas peças, Domingos Antonio de Sequeira, primeiro pintor da côrte, e camara de s. magestade, que as fez executar por artifices portuguezes; cujas peças se concluiram, e foram entregues ao marechal pela dita junta, que recebeu do mesmo o mais affavel acolhimento.

O bello gosto, a correcção do desenho, a delicadeza, e perfeição da obra, igualmente resplandece em cada uma das tres differentes peças; porém como a espada offerecia espaço maior, e mais propriedade para poder ser historiada, o insigne director mui judiciosamente escolheu esta peça para nella memorar não só as principaes acções em que s. excellencia se achara, como tambem para a ennobrecer de allegorias em honra do heroe a quem era dedicada. Sem receio de poder ser taxado de excessivo, ou lisongeiro, atrevo-me a dizer, que esta espada é um poema perfeito, e que ninguem até hoje em um campo tão limitado abrangeu tantos, tão vastos, e singulares objectos em uma obra deste genero. A sua descripção dará alguma, ainda que imperfeita, idéa da singularidade da obra.

O punho desta espada é formado de uma união de corôas de loiro, que finalisam em uma cabeça de aguia, a qual se acha coroada de uma corôa de brilhantes, cuja pedra principal tem sete quilates de peso. Do bico da aguia sahe uma corda de loiro, e nesta se enlaça outra, proseguindo até ao numero de doze, em allusão ás doze principaes acções, em que combateu o marechal, e que vão memoradas na bainha: estas doze corôas formam o guardamão da espada.

Nas orelhas da espada se acha em relevo de um e outro lado a figura da Fama, embocando duas trombetas com esta inscripção:

Além da voz da Fama.

A bainha pela parte de fóra junto do bocal apresenta o busto de lord Beresford coroado de loiro pelas duas figuras allusivas do valor, e da victoria: no pedestal do busto se lê o seguinte:

O valor e a victoria o laurearam.

E no verso estes dois versos:

Valor, victoria, e fama transcendentes
Volvem aureo fulgor, e fulminante.

O espaço da bainha entre este baixo relevo, e a ponteira é dividido em doze baixos relevos, separados uns dos outros por corôas de loiro, e carvalho postas obliquamente; e o espaço triangular que fica entre o acima descripto baixo relevo e a primeira corôa é occupado por uma figura de Marte com o escudo das armas portuguezas, e uma espada na mão em acção de accommetter, tendo a seus pés varios instrumentos marciaes. No reverso está escripta esta palavra:

Triumphos.

O primeiro baixo relevo entre as duas primeiras corôas de loiro e carvalho representa a batalha do Bussaco, com esta inscripção no reverso: *batalha do Bussaco.*

O segundo o *combate da Barroza*, com esta legenda no reverso, assim como todos os mais que se seguem.

O terceiro a *batalha de Albuera.* Neste baixo relevo vê-se s. excellencia montado a cavallo tomando pelos cabellos o lanceiro polaco, que o valoroso general naquella batalha com seu proprio braço aterrou.

O quarto representa a *tomada da cidade de Rodrigo.*

O quinto a *tomada de Badajoz.*

O sexto a *batalha de Salamanca.*

O setimo a *batalha de Victoria.*

O oitavo a *tomada de S. Sebastião.*

O nono a *passagem de Nivelle.*

O decimo os *combates de Nive.*

O undecimo a *batalha de Ortez.*

O duodecimo a *entrada em Bordeaux.*

Na ponteira de um e outro lado se vê um drago segurando nas garras uma corôa de loiro, com timbre das armas de s. excellencia. Todas estas peças são de oiro, e se separam, e unem por meio de parafusos; e as pertencentes á bainha se montam sobre uma bainha de prata inteiriça.

A folha é de fino aço, forjada no arsenal real do exercito, e enriquecida com varios lavores e arabescos, no centro dos quaes em um listão azulado se lê em letras de oiro embutidas no mesmo aço, de um lado o seguinte letreiro:

Beresford do valor a insignia empunha.

Do outro:

Heroe votado á gloria lusitana.

O boldrié é de marroquim escarlate todo bordado de ouro fino de folhagens de carvalho e louro. As peças do boldrié são igualmente de oiro; e um rico fiador guarnece o punho desta espada. Todas as guarnições da espada, bainha e boldrié pezam 12 marcos e 7 oitavas.

O placar, e a presilha de brilhantes tem por caixa um cofre de prata com o pezo de 18 marcos e 7 oitavas, de exquisito gosto, e delicado lavor, enriquecido com peças de relevo, tendo no centro da tampa as armas do excellentissimo marechal general.

Duas caixas de mògno com guarnições, fechaduras, escudetes, e azas de prata, com excellente polimento, encerram o cofre do placar e presilha, e a espada.

O placar, e a presilha de hombro de brilhantes pela primeira vez appareceram em publico collocadas na farda do marechal, lord Beresford, no dia da acclamação d'elrei D. João VI a 6 de abril, e a espada no dia do seu augusto anniversario a 13 de maio na occasião da grande parada.

A gruta do cão.—Com este nome ha no reino de Napoles, a poucos passos de distancia do lago do Agnano uma cavidade aberta na rocha, e que é celebre por este phenomeno: — se entra nella um homem em pé, levando comsigo um cão ou outro animal pequeno, este morre em poucos minutos e o homem não sente incommodo.

Quem melhor tem escripto sobre este assumpto é o dr. Constantino James, n'uma obra recem-publicada sobre aguas mineraes. Diz assim:

A gruta representa uma pequena guarita, cujas paredes e tectos tivessem sido talhadas na espessura da montanha em que se acha a excavação que a fórma. A entrada é fechada por uma porta, de que um guarda, encarregado de a mostrar aos estrangeiros, tem a chave. A largura da pequena guarita é de um metro escaço, a sua profundidade é de tres metros, a sua altura de metro e meio. Difficilmente se póde julgár pelo aspecto que apresenta, se se tracta de coisa feita pela natureza ou pela mão do homem. De varios pontos da superficie do chão, humido e negro, se escapa a cada instante um fluido aeriforme, que logo se condensa em uma especie de nevoeiro composto de gaz acido carbonico e de uma pequena quantidade de vapor de agua.

A natureza chimica desta zona da atmosphera da gruta póde ser immediatamente reconhecida por meio de uma experiencia mui curiosa e interessante. Pega-se n'uma garrafa cheia d'agua de cal perfeitamente transparente, e *do alto da gruta* derrama-se esta agua pouco a pouco dentro de um vaso posto no chão: a agua, *perfeitamente transparente ao sahir da garrafa*, muda immediatamente de côr, apenas entra na zona irrespiravel; e quando se levanta o vaso, encontra-se cheio de leite. Este leite é o carbonato de cal que se formou pela combinação da cal com o acido carbonico, e que, pela sua suspensão na agua, dá ao liquido apparencia lactescente.

Esta experiencia é decisiva, a atmosphera da gruta não é a mesma em todas as suas zonas, e a regra relativa ao resultado da mistura dos gazes, verdadeira muito embora em todos os outros casos, soffre aqui uma excepção muito evidente. O pezo do gaz acido carbonico, mui superior ao do ar atmospherico, explica sufficientemente esta differença. E o facto desta differença de pezo é tão facil de verificar na gruta do cão, que se se enche de gaz acido carbonico um vaso qualquer, collocando-o para esse fim na parte inferior da gruta, e se se entorna depois o contheudo (perfeitamente invisivel porque se tracta de um gaz incolor) sobre um archote que arde na parte superior da atmosphera da mesma gruta, immediatamente o archote se apaga como se lhe lançassem em cima um copo d'agua. Esta extincção da chamma é devida ao gaz que cabe pelo seu proprio pezo em cima della.

A altura da zona irrespiravel foi determinada pelo dr. Constantino James por meio de uma experiencia não menos interessante que as precedentes. Pegou n'uma pistola carregada de polvora secca, e disparou-a muitas vezes na parte inferior da gruta; a escorva nunca pegou. Repetiu a mesma experiencia na parte superior; immediatamente a combustão teve logar, como acontece nos casos ordinarios, e o fumo da polvora, cahindo pouco a pouco, condensou-se á superficie do gaz debaixo da fórma de uma toalha ondulosa, que indicava exactamente a medida da altura da zona. Examinada esta medida, achou-se que á entrada da gruta subia até 20 centimetros de altura: no meio della a 35: no fundo a 60. É um verdadeiro plano inclinado.

A causa da exhalação continua do gaz é attribuida pelo dr. Constantino James, com grande probabilidade, a correntes d'aguas thermaes gazosas que passam por baixo do solo da gruta, e que, na sua passagem, deixam escapar uma parte do fluido aeriforme que as mineralisa. O que tende a fazel-o crer é que, observando-se a agua do lago d'Agnano que está a poucos passos de distancia, nota-se em alguns sitios uma especie de ebullição produzida por bolhas aeriformes que vem rebentar á tona d'agua; e se se examina a natureza chimica destas bolhas, acha-se que são de gaz acido carbonico.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicaram-se as segundas edições dos *Compendios de Chorographia portugueza e Historia portugueza* — para uso das aulas de instrucção primaria, por *João Felix Pereira*, lente de Geographia e Historia no lycêo nacional de Lisboa.

—

Compendio de Historia de Portugal — approvado pelo conselho superior de instrucção publica, para uso das aulas de instrucção secundaria, pelo mesmo.

Vendem-se na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8. O primeiro por 240, o segundo 240, o terceiro 800 réis.

—

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 9.ª folha do tomo 3.° e contém: *Historia prophana*. — Continuação da historia da Grecia, e da historia romana, Lydia, Media, Persia e Scythia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 22. QUINTA FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AS ESCHOLAS RURAES DOS POBRES NA SUISSA.

A primeira ideia destas escholas teve-a o bom cidadão Pestalozzi, n'uma epocha em que a guerra devastava o seu paiz, a muitos homens faltava o trabalho e o pão, e por consequencia cahiam no aviltamento, resultado ordinario da mendicidade. Esses homens formaram então uma classe perniciosa, em que se tornou hereditaria a mendicidade, e que ameaçava seccar na sua origem a força industrial da nação.

Pestalozzi, que chegou depois a obter credito para os seus methodos de ensino, até mesmo entre nações mui civilisadas, era um genio essencialmente humanitario. Na sua fazenda de Neuhof, proximo de Brugg, recolheu a principio um pequeno numero de creanças pobres, de que se constituiu pae, dando-lhes a instrucção intellectual ao mesmo tempo que as ensinava a trabalhar; sua mulher servia de mãe aos desamparados innocentes.

Vivendo entre os rapazes e com elles, breve reconheceu quanto vale o thesouro de educação comprehendido no trabalho do camponez: ahi descobriu a origem da sustentação material e ao mesmo tempo a da educação moral. O que contribuia para a saude e vigor do corpo podia tambem servir para avivar o espirito no homem. Todos os seus desvelos, todos os seus esforços encaminharam-se desde então a tirar proveito daquelle thesouro. Porém, faltava á sua indole e estudo não só o talento pratico da organisação, mas tambem a verdadeira instrucção agricola; vindo a ser mais uma prova evidente de que o maior genio é impotente, não sendo dirigido pelo conhecimento do trabalho.

Como Pestalozzi não sabia dar occupação convenientemente a todos aquelles rapazes, cujo numero augmentava de dia para dia, porque na sua casa achavam sustento, e elle assentava que a nenhum podia recusal-o; o resultado das suas boas intenções foi vêr-se devorado por uma chusma de ociosos, esgotando seus recursos sem proveito. Quando, litteralmente fallando, elle já não tinha que commer, e os seus visinhos, para se livrarem daquella praga, deixaram de lhe emprestar, todos os pequenitos mendigos dispersaram-se espontaneamente.

Tal foi o exito do primeiro ensaio de uma das revoluções moraes mais salutares, postoque desappercebidas, que se preparamram para a sociedade humana.

Crêdes que Pestalozzi se desgostára para sempre do seu plano, e que voltára as costas á humanidade, que tão pouco o comprehendia, para dedicar-se unicamente aos cuidados domesticos? Enganados estaes, se tal presumis. Como o espirito de verdade o dominava; não deitava a culpa do seu mau resultado aos homens, ou ás circumstancias; deitava-a á sua propria incapacidade. Procurou, portanto, pessoa dotada das faculdades que lhe faltavam e que podesse pôr em pratica as suas idéas. Achou esse homem, e foi Manuel de Fellenberg, que foi depois director do instituto florescente de Hoffwyl. Possuindo extraordinario vigor, Fellenberg comprehendeu logo o alcance daquella ideia, e a influencia que podia ter no destino da especie humana.

Deus tinha dito ao primeiro homem, logo que se deixou cahir no peccado e perdeu o paraiso terreal: « Comerás o teu pão com o suor do teu rosto. » Não ha palavra na Biblia que não tenha um sentido moral; o que se póde considerar material tem relação com o viver da alma. E neste caso não se póde entender que se trate unicamente do pão, sustento do corpo, deve tambem applicar-se á nutrição da alma. Deus não impoz ao homem somente o trabalho material; quiz que o homem, participante da creação pelo trabalho, ganhasse assim a aproximar-se do creador. Para esse fim, o trabalho não devia ser unicamente o que procura alimento ao corpo; devia ser um trabalho intelligente e que leva comsigo a educação. Por outro lado, esta

educação não deve ter por unico fim o desenvolvimento da intelligencia. Assim como o germen no ovo sahe á vida pelo calor, da mesma maneira o homem não se sente homem senão em virtude de um amor mais sublime do que o amor material. E qual é esse amor? E' o que procede de factos, o que desenvolve no homem o trabalho e desvelo que toma a bem de outras creaturas; é o resultado do trabalho. Esse germen cresce com o trabalho, que o eleva para o céu, ao passo que a nutrição do corpo é a raiz que o prende á terra!

Cumpre que o trabalho seja primeiro que tudo uma virtude de familia; cumpre que a creança adquira um amor activo por seus paes, por seus irmãos e irmãs, até os de adopção, reconhecendo depois que não trabalha para si só, mas com os seus e para os seus. Por consequencia, a eschola do trabalho deve ter uma organisação analoga á familia, e assim se torna um membro organico da sociedade.

Como familia, que posição social deve tomar essa eschola? Quanto mais é occupada pelo trabalho a mocidade do homem, tanto mais lhe rende o trabalho, tanto mais respeitará este. Conforme a classe mais elevada da sociedade a que pertence o joven, tanto menos parece a seu juiso, ainda distante da madureza, menos necessario o trabalho; e tem em menos conta o seu valor. Ao contrario, quanto são mais inferiores as classes da sociedade em que nasceu o mancebo, tanto mais lhe parece preciso o trabalho para a manutenção da vida, tanto mais conhece o seu valor; e tanto mais apreço tem o que elle faz a bem da familia! — Para o que não possue coisa alguma, o trabalho é tudo, porque sem este meio nada obtem. As coisas são appreciadas pela sua estimativa e preço real, tanto a habilidade maior ou menor do trabalhador, como a conveniencia do trabalho. E' nessa posição que cada um carece mais da assistencia dos outros; e que uma organisação bem combinada do trabalho produz os mais felizes resultados.

Era por todas estas rasões que a eschola do trabalho devia ser collocada nos extremos degráus da escala social, onde o peso da necessidade vem apoiar o poder da educação, onde se offerece o campo mais largo para um bom trabalho, onde ha mais a conquistar.

Taes foram as considerações que precederam e determinaram a pratica das ideias de Pestalozzi.

A eschola do trabalho foi estabelecida segundo as condições do proletario, instrumento da agricultura, ao qual o proprietario que denominaremos cazaleiro, aluga uma casa e uma porção de terreno; o simples trabalhador emprega o lavor braçal, de modo que o cazaleiro póde dedicar-se exclusivamente ás outras lidas. O cazaleiro faz para o trabalhador os transportes necessarios, como de combustivel, de estrumes, etc., e lavra-lhe o campo; porém este campo nem sempre é o mesmo; o cazaleiro muda-o a seu aprazimento. No fim do anno ajustam-se as contas; e se o trabalhador foi poupado, de ordinario cobra algum dinheiro, satisfeito o aluguer da habitação e da terra.

Cumpre que o trabalhador tenha grande actividade, se quer ganhar mais alguma coisa durante o tempo que lhe deixa livre a sua tarefa obrigada. Os que são activos e laboriosos lucram sempre alguma coisa, e de ordinario essas sobras empregam-se em mandar ensinar um officio a algum dos filhos: quasi todos os officiaes de differentes misteres na Suissa sahem dessas familias trabalhadeiras; e até fornecem as mesmas muitos mestres de escholas, que são de ordinario mancebos debeis de saude para os trabalhos agricolas.

O trabalhador planta de ordinario no campo que o caseiro lhe concede, de extensão proporcional ao que póde estrumar, as suas batatas e outras plantas de sacha, que deixam a terra amanhada e limpa de ruins hervas. O dono ou caseiro da granja fornece a semente: e o trabalhador tem para o leite uma ou duas cabras, e cada anno engorda um porco: se é industrioso póde obter certa quantidade de estrume, e quanto mais adubo tem, mais terra póde plantar: das estradas tambem tira estrumes; os rapazes que não podem fazer outro serviço vão com cestos, pás, e vassouras, limpar os caminhos, e transportam os estercos em pequenos carros de mão; de modo que até se lucra andarem os caminhos aceados; as lamas das ruas, as hervas seccas e podridas, o lixo, a esterqueira das casas tudo serve para estrumeiras.

Não diremos que este methodo é destituido de inconvenientes, antes os tem e muitos. Em primeiro logar, o trabalhador não tem estimulo para desenvolver a sua intelligencia, o contrario do que se pertendia com o systema; nem tambem para adquirir mais pericia ou habilidade nas suas lidas. Nada o convida a melhoramentos duradouros n'um terreno que é amovivel para o seu lavor. Quando o homem não póde caminhar para diante, recua facilmente, e se não tem esperança de melhorar a sua sorte cahe no indifferentismo. A excrescencia da população da Suissa, em relação á superficie e qualidade de territorio, dava cuidados a este respeito: e todavia aquelle era o systema em grande parte adoptado, posto que as leis do paiz não reconhecessem servos addictos ao terreno, especie de escravos, nem se considerassem taes homens que podiam annualmente rescindir seu contracto.

Era mister (diz o filho e discipulo de Fellenberg) decidir uma questão de moral e de philantropia; occorrer a uma necessidade imposta pelas circumstancias, tomar os filhos daquelles trabalhadores desde a infancia, e dar emprego a uma população superabundante. As escholas de trabalho para os pobres foram organisadas neste sentido. Como a familia, esta eschola commeça por um casal, marido e mulher; da-se-lhes uma casa, e tanto terreno quanto podem cultivar pelo seu trabalho braçal: os rapazes educandos são admittidos á proporção que

os primeiros se adiantam. O terreno concedido á eschola lhe pertence invariavelmente; e ha providencias para se augmentar em extensão conforme o exigirem a força e o progresso da eschola; e outras vezes proporcionam-se meios de acharem os rapazes trabalho instructivo e lucrativo para elles nas terras do proprietario.

As subvenções para a manutenção das escholas provem das seguintes fontes:

1.º Das communas ou municipalidades, que em todo o caso são obrigadas a sustentar os orphãos pobres e os filhos dos mendigos que os creariam na mendicidade se lh'os deixassem.

Estes soccorros são de 50 a 75 francos por anno (8$000 a 12$000 réis), e para cada um rapaz; e diminuem á proporção que este cresce em idade.

2.º Dos salarios que recolhe a eschola pelos trabalhos feitos fóra della.

3.º Dos donativos voluntarios concedidos a estes estabelecimentos, e que afluem na proporção de sua reconhecida utilidade.

Não se permitte a uma eschola mais de trinta alumnos, salvo quando o mestre já tem ajudantes nos seus proprios discipulos. Neste ultimo caso o Estado concede um subsidio a esses ajudantes. O Estado sustenta tambem escholas, cuja boa direcção é verificada, commettendo-lhes, por um preço de pensão comparativamente mais alto, alumnos que dão maiores esperanças.

Ha escholas, cujo merecimento é tão reconhecido, que não obstante denominarem-se dos pobres, particulares abastados alli mettem seus filhos, porque desejam que sejam educados nos habitos do trabalho. E' por todos estes diversos modos que as escholas agricolas são costeadas pelo publico.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XV.

UMA SERVA DE DEUS!

(Continuado de pag. 247.)

Á vista da peremptoria intimação cessaram as apostrophes da tia Perpetua e chegou finalmente a assorda e uma garrafa de vinho. Em quanto elle enchia a bocca, arrumava a beata a casa, fallando só e benzendo-se a miudo com a cruz do seu rosario. Depois do primeiro assalto, mais tranquillo de estomago o illustre Thomé, de oculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou em voz adocicada:

—« O conde veio hontem? »

—« Pois não veio! O rico fidalgo da minha alma... Olha, meu santinho, deu um cruzado á velha para rapé, e promessa de outros seis se arranjarmos... »

—« Hum! rosnou o devoto abanando a cabeça solemnemente. — Não sei o que diga... Tia Perpetua, tenho medo de a vêr nestas alhadas. Honra e proveito não cabem n'um saco. »

—« Alhada!... Alhos são tormentos, filho. Graças a Deus sou conhecida; aqui não entra calção de homem, que dê que fallar ao mundo. Pobre sim, mas honradinha. »

—« Quem falla nisso?... V. mercê mette-se muito pela terra, e um dia vem uma pedra e apanha-a. É o que eu digo. »

—« Ai não, filho, estae quietinho. O meu Jesus da minha alma sempre me ha de valer. Mas o conde... bizarro e galante moço, deveras! E depois o bonito modo... encanta. Sabes? deu-me uma carta para o convento. »

—« Para a freira de Santa Clara? »

—« Freira?!... Então Perpetua das Dores de Maria Santissima é qualquer mulherinha para andar pelos conventos desinquietando as esposas de Deus Menino? A sr.ª D. Catharina de Athaide ainda não professou, e se metto a mão no fogo sei o que faço pelo amor do conde e della... Ha-de-lhe dar estado, e tel-a com toda a honestidade. Não me ouça o meu anjo da guarda, se eu fôr capaz... »

—« Pois sim, tia Perpetua; ninguem julga o contrario. Então o conde de Aveiras sempre casa com ella?... E o pae? »

—« O pae está renitente. É um fidalgo muito soberbo, e como vive pobre, e não tem para o enxoval, torce-se todo... Ora! Por fim está morrendo... Anda um jesuita tractando disso, um tal padre Ventura... ».

—« Ah, o padre Ventura! Muito bem. Pois se elle anda metido na dança, respondo eu pelo resto. »

—« O meu santinho conhece o padre? »

—« Alguma coisa... porque? » balbuciou o devoto tornando-se côr de rapé princeza.

—« Olha, não sabes, filho, estou muito mal com o padre Thimoteo... não gosto de confessores de levante. D'antes eram duas, tres horas; agora não me ouve nem meia!... Assim não presta! Vou deixal-o. Quero que me falle ao padre Ventura... »

—« Tia Perpetua, disse o andador das almas desenroscando gravemente a longa e esguia,

pessoa — o padre Ventura é meu confessor, e não me convém que elle saiba todos os peccados desta casa. Tenho minhas rasões. Quem quizer, menos elle. Deixe vêr a carta do conde. »

— « Deus nos acuda! Vêr a carta do conde? Santa Maria rogae por nós! O meu santinho não repara que ella nem lacrada está ao menos? »

— « Por isso mesmo. Gosto de saber o que vae pelo mundo. É para meu governo. »

— « Se prometteis... olhae filho, que oiro é o que oiro val. Temos aqui o perû para a festa, e gordinho, gordinho... não m'o deiteis a voar... Esta carta, ah se eu soubesse lêr! »

— « Sei eu; dê cá. »

E o nosso Thomé desatou sem ceremonia o laço d'amor, em que ía dobrado o bilhete do conde para D. Catharina. Leu, releu, e decorou; depois restituiu-o com profunda serenidade, tornando-o a fechar como vinha.

— « Então? » exclamou a beata, ardendo em curiosidade, virando e revirando a carta nos dedos.

— « É tudo santo e justo. Os meios são perigosos; porém os fins, louvado Deus, não podem ser melhores! » respondeu elle arregalando os olhos devotamente.

— « Mas? »

— « Mas não é nada, quasi nada, tia Perpetua. O conde pede á menina que se prepare esta noite para saír do convento. Diz-lhe como; e que o padre Ventura em uma sege a irá depositar em casa de pessoa virtuosa, aonde fique até se receberem... O negocio vae bem encaminhado, vae excellente. Não que o padre Ventura sabe o nome aos bois!... Agora o pae que se faça fino, que resista... Tia Perpetua, é preciso levar esta carta, que chegue a horas. »

— « Bemdita e louvada seja a Virgem Maria! Estou aqui e estou na rua. Em ouvindo as tres missas do costume, pernas a caminho... »

— « Approvo o seu zelo. E o outro fidalgo? »

— « Esse não diz o nome! Esteve cá, mais o conde. É bonito rapaz tambem, mas a gente com elle tem menos confiança... tomára saber quem é; dava um cordão novo a Santo Antonio se o bento fradinho... »

— « Tia Perpetua, tome cuidado! Olhe que pela boca morre o peixe. Não meta a mão na toca, ás vezes traz-se vibora... Diga-me, elle não lhe deu recado?... »

— « Ai, pois não deu. Por signal vou logo levar uma carta sua á rua das Arcas a casa do commendador... Não sei porque havia de resuscitar o enguiço do tal capitão. Olha se elle soubesse o muito que engraço com tal figurão não me punha mais os olhos. »

— « O capitão Filippe da Gama é muito amigo do nosso padre mestre. Livre-se de que a apanhe em alguma, olhe que elle não é para graças... »

— « Santa Barbara e S. Jeronymo, advogados dos trovões! Tão nova me fazeis que deixe cova debaixo dos pés, ou me escape coisa por onde perca... Perpetua das Dores não é de hoje nem de hontem... elle não tem senão dois olhos, e eu por ora vejo bem sem oculos. A carta ha de ser entregue; fica descançado, meu santinho. Ai, filho, a sr.ª Cecilia é uma flôr, uma perola! Olha, o annel que me deu a ultima vez, está alli ao pescoço do Menino Jesus de Santo Antonio. É verdade que de todas as vezes que viu e conversou com o fidalgo levei-lhe eu o recado, e ensinei-lhe a maneira... »

— « Ah! então elles já se tinham fallado? »

— « Ha que tempos; foi até no convento. As primeiras duas vezes foi um instantinho, elle de cima do muro, ella de traz do caramanchão. A ultima diz que o padre Ventura é que arranjou tudo... O que dirá a carta? »

— « Deixe vêr! »

— « Anjo bento, mas olha, vem fechada. »

— « Não é nada; é a obreia. Sei abril-a. »

Empregando um processo usado em Santo Antão o nosso amigo abriu a carta, leu-a e decorou-a, e tornando a pegar a obreia, entregou-a depois á beata como a do conde de Aveiras.

— « O que dizeis desta, filho? » perguntou a sr.ª Perpetua.

— « Que a dança é peior. Convidam a sua perola, a sua Cecilia para d'aqui a tres dias apparecer no mirante do jardim, pelas dez horas da noite, onde lhe dirão coisas que se não podem escrever. »

— « Ponho as mãos no fogo em que ella vae. »

— « Irá; e depois? »

— « O que ha de ser está nas mãos de Deus. Não sou capa nem recoveira. Se dois passarinhos fogem da gaiolla, deixal-os, elles fazem mal a alguem? Demais Cecilia está em sua casa; a mãe e o pae que a guardem; eu sou de fóra, e vejo caras não vejo corações... *Agnus Dei qui tolis paccata mundis!* Se o meu santinho não quer mais nada vou-me arrastando á missa, e de lá dar ordem á vida... Ai! estas pernas estão já tropegas. Thomé, fechae-me bem a porta, e a chave na mão do visinho. Se jantaes em S. Domingos dizei-o, que

é escusado gastar lume sem proveito... Jesus da minha alma! Bem diz o rifão: « já fui moça, já fui rosa, hoje não tenho senão espinhos. » Antes tudo era para mim um pulo; agora são leguas de Deus... Adeus, a benção de Nossa Senhora te cubra e te illumine! Ave Maria, cheia de graça... »

O resto da oração perdeu-se na distancia, porque a sr.ª Perpetua ía a saír quando a principiou. Thomé vendo-a cerrar a porta encolheu os hombros, e enfiou logo as mangas da casaca-gibão, poz por cima o famoso balandrau, e pegando depois no seu nicho e na bandeja partiu atraz da beata, fechando a porta a duas voltas, e deixando a chave na tenda, como lhe fôra recommendado. Durante o dialogo com a sr.ª Perpetua tinha-se escoado toda a agua, e o becco do Manquinho já se podia passar a váu.

O nosso andador ía a virar para a rua dos Escudeiros engolphado em serias cogitações, quando sentiu pesada, como chumbo, mão estranha sobre o hombro. O primeiro gesto foi encolher o lado offendido; o segundo virar a cabeça cautamente e reconhecer o agressor. Achou diante de si o estupendo chapéo, a montanhosa peruca, e o rosto illuminado de sorrisos do poeta Bernardo Pires, aquelle vate engasgado em um soneto, que vimos em S. Domingos jurando pelos ossos ao Sr. Thomé das Chagas, vista a incontinencia da sua lingua.

O poeta matinal vinha fresco e gracioso com a capa embuçada ás canhas, uma capa ampla, e desbotada, que lhe amortalhava metade da barba. Cruzando os pés com elegancia, e dando ás cortezias a mais preciosa afinação, o sr. Bernardo Pires passou a mão direita por baixo da capa, e levou-a lenta e grave ás abas do amaçado chapéo; saudou com elle o seu interlocutor, e entre dois sorrisos sonegados pelos cantos da boca, e lambidos á flôr dos beiços, disse-lhe:

— « Queira desculpar se o importuno; mas antes que o divino Apollo suba mais alto com os frizões de fogo preciso de duas palavras em particular, sendo do seu agrado. »

— « Mas eu não tenho a honra de o conhecer! » acudiu o devoto pasmado com a linguagem florida, e os requebros mesureiros do Narciso epico.

— Não importa, meu prezadissimo senhor; conheço-o eu. Não se chama o sr. Thomé das Chagas? Não é andador das almas em S. Domingos? »

— « Um seu criado, para o servir! Nesse caso o melhor seria voltarmos atraz; d'aqui a minha casa são duas passadas... »

— « Nada de incommodo, sr. Thomé! *Perambulemus!* verbo latino que significa *andar de passeio.* Se faz favor, siga-me; e de caminho conversemos. »

— « Mas aonde? Para quê? »

— « Eu lhe digo: sou poeta, e as Musas conhecem-me. Faço metaphoras e sonetos e apologos. Vivo de glosas e idilios, com v. mercê das galhetas bentas... Tudo isto é noite escura, por ora, para o sr. Thomé; mas eu lhe abro já uma janella para encher de claridade a sua alma. Eu me explico em estilo vulgar, e por um momento desço do Parnaso ao aprisco dos mortaes... Hontem morreu o mordomo de um fidalgo, o mais alto de quantos eu conheço e quero que se conheçam em Portugal. O mordomo partiu deste mundo um pouco á ligeira, isto é, sem confissão nem sacramentos, porque homem morto não falla, e a sua doença foi a morte... Em tal caso não sei se foi bem se foi mal com Deus; e nós, seus amigos, queremos salval-o, e metel-o no céu a todo o custo; percebe? Bello! Mas para o arrancar do inferno pelos cabellos, e diga-se a verdade, o honrado mordomo pelo menos tem os pés dentro da caldeira de pez porque acabou em peccado mortal... »

— « Ah! » — acudiu Thomé, benzendo-se e abanando o esganado pescoço com summa circumspecção: — « Ah! então julga que elle não estava em estado de graça? É grave, muito grave! De que falleceu? »

— « De uma indigestão! Esqueceu-se de tomar as larguras ao estomago, bebeu um garrafão de vinho, e arrebentou.... Mas tornemos ao caso: como ia dizendo: havemos de pregar o logro ao demonio e metter o homem vestido e calçado no céu.... faça favor, venha ouvindo e andando, o passeio é perto. Quantas missas acha que serão precisas para fazer estálar a castanha na bocca ao fero Plutão do sombrio reino?.... »

— « Não percebo.... »

— « Tem rasão. Este maldito costume!.... Pergunto: quantas missas devemos mandar dizer para pôr o mordomo branco e puro como um seraphim? »

O andador viu um excellente negocio na apotheose do beberrão; e abrindo as largas orelhas, e jogando as eternas passadas, foi indo atraz do reclamo, e seguindo o poeta, em quanto respondia:

— « Isso depende... ha quem diga que o sacrificio é tudo, e o sacerdote nada; tenho outro modo de pensar. Ainda que a esmola seja mais avultada ganha-se muito em ter um padre de consciencia e que se interesse pelo defuncto.... »

— « Deu no vinte, meu amigo! É a minha scisma. Ora eu julguei sempre que só o sr. Thomé era capaz de desenterrar o padre, já se sabe mediante um modesto honorario..... »

— « Deixe-mo-nos disso! » — acudiu o devoto sentindo encarquilharem-se já os dedos em volta do numerario, e pegarem como visco as palmas. — « Nada de simonia! No serviço do proximo posso aceitar uma esmolla porque sou pobre, mas não recebo sallario. Se quer lembrar-se das almas.... »

Estendeu-lhe o nicho a beijar, com o rallo para fóra, inculcando que o seu thesouro tinha aquella entrada. O poeta deu pios osculos no santo; tirou o chapéu; e levou a mão ao bolso da vestia; mas tirou-a vasia fingindo mudar de idéa.

— « Não trago prata » — exclamou elle. — « E de mais estámos ao pé da casa. É adiante da esquina, áquelle becco. »

— « Mas aonde vamos nós, no fim de tudo? » — gritou o milagreiro um pouco inquieto, vendo fugir a esmolla, e render o caminho, apezar da isca com que o vate o ía entretendo.

— « O sr. Thomé conhece o sitio? »

— « Nada; nem sei onde estou. Fóra do meu bairro ando ás escuras; sou mesmo um parvo. »

— « Pois eu lhe digo! Estamos em terra conhecida. Desta porta para dentro é aonde a thesoura da Parca, a cruel Atropos.... »

— « Trapos? Mora aqui algum algibebe? »

— « Sim, senhor. Um algibebe de obra larga. O coveiro de S. Julião. Foi elle quem me encommendou as missas. »

Thomé das Chagas deu um pullo e um grito; e tentou virar para traz. O grito achou diante a mão do poeta e voltou embaçado para a bocca. O pullo achou defronte o corpo de Bernardo Pires, e converteu-se quasi em cabriola. Depois o pobre devoto sentiu-se agarrar, e metter quasi á força para dentro da porta.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXII.

A montaria.

(Continuado de pag. 226.)

— É um prazer barbaro, este que se gosa em perseguir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem — disse a rainha, quando viu cahir exangue o porco que el-rei átravessara com a lança.

— Barbaro é sempre o prazer que se tem em vêr padecer; e quantas vezes os proprios anjos procuram esse prazer? — acudiu sua alteza.

— Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, diziam os pagãos; mas dos anjos nunca ninguem o disse senão V. A.

— Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas de dor, amarguradas horas aos que os adoram mais ardentemente.

— É que não são anjos, esses taes — disse a rainha rindo. — E se o são, não os tenha V. A. por bons, tenha-os por anjos máus.

— V. M. não sabe que os fanaticos, não pensam, adoram só?

— Parece que V. A. tem a queixar-se de algum dos taes anjos; falla tanto do coração.

— V. magestade já deve saber que sou fanatico.

— E o anjo que adora, se é anjo como V. A. diz, fal-o padecer?

— Ai, que feliz eu fora se elle escutasse as minhas orações!

— Talvez as escute, se V. A. as fizer com sincero fervor.

— Se isso bastasse para eu ser escutado, então sel-o-hia de certo.

— E V. A. está resolvido a dar provas da sua dedicação.

— Tudo, estou resolvido a fazer tudo para lhe provar que o adoro — exclamou o infante com exaltação, e dizendo com os olhos o que a boca calava apenas.

A rainha viu, com a finura e rapidez de apreciação de que as mulheres são naturalmente dotadas, os inconvenientes que poderia ter o proseguir naquelle momento uma tão melindrosa conversação. Ella queria conservar o infante nesse estado de duvida esperançosa, de recatado desejo, de quasi grata anciedade, que robustece a paixão nascente, e lhe dá pela compressão um

irresistivel poder sobre as faculdades do espirito e do coração: e por isso, interrompendo-o quando elle ia talvez soltar alguma frase mais calorosa:

— V. A. não repara talvez — disse a rainha sorrindo — que me está fazendo uma confidencia.

— E a quem, a não ser a V. M., posso eu dizer. . .

— Eu não posso desaprovar a escolha da confidente — atalhou ella — mas a do logar. . .

— Tem V. M. rasão. Nem sempre ha poder para abafar os primeiros impulsos do coração. Só quem está indifferente, frio, estranho a todo o sentimento é que póde escolher a hora, o logar para as confidencias. V. M. bem vê — prorompeu D. Pedro, animando-se cada vez mais — bem vê que sou infeliz, que sou perseguido, eu e todos os meus amigos, pelos validos; que meu irmão, em vez de me ter amisade, me odeia. Sou um principe desgraçado, e o sentimento ardente, grande, irresistivel que me dá vida, que me dá animo para soffrer, quer V. M. que eu o cale. Não posso; morrerei sim, mas occultar por mais tempo a V. M. o que sinto. . .

Os olhos de sua alteza arrasaram-se de lagrimas; e a voz, que se lhe havia pouco a pouco tornado tremula, fez-se de todo inintelligivel. A rainha não era insensivel, e D. Pedro era um guapo e formoso principe.

— Não diga, não me diga V. A. o que este coração sabe já — acudiu a rainha. — Ha coisas que é infelicidade sentil-as, que é porém quasi crime dizel-as.

— Viver sem esperança!

— Sem esperança, não. Espere V. M., esperemos todos dias melhores.

— Uma palavra de V. M. bastaria para me dar animo. O martyrio mais cruel soffrel-o-ia resignado, depois de a ter escutado.

— O que os ouvidos não ouviram, deve adivinhal-o uma alma como a de V. A. — respondeu a rainha, baixando a voz, como para não ser ouvida mesmo pelo infante.

Neste momento um grito de Mademoiselle de Amuraude, grito de pavor e de anciedade, veiu cortar subitamente este dialogo terno, que se podia considerar como a primeira scena do drama escandaloso, e terrivel, que naquelle anno de 1667 a corte de Portugal representou diante da Europa. O grito de Ninon tinha por causa o apparecimento do javali, que havendo-se escapado aos caçadores, corria fero e raivoso direito ao logar onde estavam a rainha e o infante. O que vamos contar, passou-se tudo quasi instantaneamente.

Sem dar tempo a que D. Pedro empunhasse a lança de caça que trazia suspensa da sella, o porco arremeteu ao cavallo da rainha, e cortando-lhe os musculos das mãos com os dentes açacalados, deu com elle em terra. A rainha estava perdida talvez, se sua alteza, por um movimento rapido como o pensamento, a não houvera cingido com o braço direito e suspendido assim no ar, no momento em que o cavallo baqueou no chão. A situação do infante era embaraçosa e assustadora: com a rainha, quasi desmaiada nos braços, elle não podia defender-se do porco que, espumando de raiva, estava a ponto de se lhe lançar ao cavallo. O perigo era eminente; um instante bastaria talvez para que aquella caçada, começada com tão funestos auspicios, terminasse por uma catastrofe terrivel, quando um moço do monte, sahindo como por milagre detraz de uma das moitas, que assombravam a fonte, correu para a fera, e, com risco de ser despedaçado, foi cravar-lhe no coração uma faca de mato, unica arma que trazia na mão.

Ajoelhando ao pé do cavallo do infante, o moço do monte que acabava de praticar aquelle acto de incrivel denodo, offereceu então á rainha, que ainda estava suspendida nos braços de D. Pedro, a faca com que matara o javali.

— Venho pedir a V. M. perdão da culpa que acabo de commetter — disse elle com voz tremula, mas n'um tom que indicava não ser aquella a primeira vez que fallava com principes. — Foi culpa involuntaria, e isso bastará talvez para a tornar menos digna de castigo.

Apenas passado o perigo a rainha tornára a si. Soltando se então dos braços de sua alteza, saltou ao chão com a ligeireza de uma silphide, e aproximando-se do moço do monte:

— De que me pedes perdão? De me ter salvado a vida? — accudiu sua magestade interrompendo-o. — Pede-me o que quizeres em paga do que fizes-te, e dar-to-hei logo.

Neste instante já D. Pedro estava ao lado da rainha, e quando esta acabou de fallar elle accrescentou:

— Eu tambem devo-te mais do que a vida, devo-te a vida de sua magestade. Se desejas alguma coisa que eu te possa dar, é teu.

— O que foi? o que succedeu? — perguntou el-rei, que chegou naquelle momento, cercado pelos caçadores — Quem matou o porco, foste tu, Pedro?

— Não, senhor. Foi este.... homem.

Sua alteza balbuciou um pouco ao pronunciar estas palavras, porque atentando mais no moço do monte, reconhecêra nelle o seu moço fidalgo Luiz de Mendonça.

— E este homem, este vilão, atreveu-se n'uma caçada real, a matar a rez que só devia ser ferida pela mão de um principe! — bradou D. Affonso n'um paroxismo de cólera.

— Se não fosse elle V. M. estaria viuvo a esta hora — acudiu a rainha. — Veja V. M. o meu cavallo, foi o javali quem o poz naquelle estado; e eu mesma não escaparia de tamanho perigo, se não foram sua alteza, e este moço do monte.

Elrei, dotado de uma mobilidade de idéas e de sensações, que era tida por muitos na corte como um simptoma de loucura, passou instantaneamente da cólera ao reconhecimento.

— Salvás-te a vida da rainha — disse elle ao moço do monte — e não dizias nada. Quem tem ahi oiro para dar a este pobre homem.

Muitos fidalgos offereceram a bolsa a sua magestade.

— Aqui tens dinheiro — proseguiu el-rei, offerecendo a Luiz de Mendonça a bolsa que lhe pareceu mais pezada. — Se quizeres mais, passarte-hei uma ordem para Antonio Cavide te dar o que me pedires.

— Agradeço a V. M. a sua real munificencia — acudiu Mendonça, pondo-se de pé. — Nada preciso, nada quero, senão beijar a mão da rainha, se sua magestade mo consentir.

— Não queres aceitar nada da minha mão? — perguntou el-rei, a quem esta resposta orgulhosa de um simples moço do monte, começara a acender outra vez a cólera.

— Da mão de V. M. já recebi um dom de que nunca me poderei esquecer — respondeu o criado de sua alteza com voz vibrante e sonora.

— Consinto em fazer-te a graça que me pediste — interrompeu a rainha, estendendo-lhe a mão de que havia descalçado a luva,

Então Mendonça poz de novo o joelho em terra, beijou a mão da rainha, e saudando depois com grande acatamento el-rei e o infante, recuou até ao logar onde estavam os coiteiros, e escondeu-se por entre elles.

— Era Luiz de Mendonça! — disse a rainha a Ninon de Ameraude.

— Não dizia eu a V. M., que elle tem um amor, como aquelles de que nos fallam os romances de cavalleria.

— Quem é este homem? — perguntava ao mesmo tempo elrei a Henrique Henriques.

— É Luiz de Mendonça — respondia este.

— O que foi ao paço com a mensagem do infante.

— Esse mesmo. O amante de Aza.

— E ainda está vivo! — exclamou D. Affonso, batendo o pé de raiva.

— Cumprir-se-hão as ordens de V. M. — respondeu o cruel valido.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

SERRA DA ESTRELLA.

(Continuado de pag. 250.)

Agora apparecem em maior proximidade ós cantaros, a maior notabilidade da serra: primeiro descobrimos o cantaro gordo, que me pareceu em certa distancia effeito de algum vulcão, por sua côr, e figura; mas considerando-o mais de perto, nem este, nem o cantaro magro, nem porção alguma desta serra dão o mais leve indicio de vulcões. Os cantaros são duas desmembrações da altima, e mais elevada montanha para nordeste, e leste, para onde o cimo, e copa da serra tem algum declive, e para onde devem ajuntar-se grandes massas de gelo, e agua, a precipitar-se de grande altura sobre a ribeira do Zezere que neste sitio principia. O cantaro gordo, ainda menos destacado, faz a testa da montanha para nordeste, sendo accessivel por sudoeste. O magro está mais destacado, mas ainda adhere a ella até mais de metade de sua elevação: é todo cavernoso, e de rocha alcantilada, e póde parecer-se a elle em miniatura o maior fragmento imaginavel de um castello que desabou, não apresentando senão o esqueleto, já mutilado, de parte de sua immensa ossadura. A copa desta mais elevada montanha que terá mais de meia legua de comprimento leste-oeste, e quasi outro tanto de largura, está quasi todo o anno coberta de neve; e quando as chuvas quentes, impellidas pelos ventos do meio dia, poem em dissolução estas enormes massas de gelo, as torrentes hão de procurar os logares que tem declive e inclinação, e como para nordeste e leste é uma das maiores, tendo de precipitar-se de grande altura, foram destacando, e descarnando estes immensos vultos denegridos: assim as aguas e as massas de gelo tem sido, a meu ver, os sinzeis com que Saturno talhou, e vae destacando da montanha estes monstruosos gigantes. E tanto assim é, que do lado opposto na outra extremidade da copa, voltada para oeste, apparece tambem outro descarnamento, que faz um immenso gretão de rocha cavernosa, por onde se desprendem em torrentes as neves alli accumuladas. O cantaro gordo menos destacado, e mais adherente á montanha pelo sul, é por este lado accessivel, e póde montar-se, até considerar a grande altura, e profundidade perpendicular que lhe fica a nordeste e a norte.

O magro, mais estreito, cavernoso, e destacado,

não é facil poder-se subir, e até impossivel parece que alguem se arroje a esta obscura temeridade; mas assevera-se que se tem conseguido, torneando-o em fórma de espiral, e largando um fio a fim de voltar pelas mesmas passadas. Da parte donde me foi possivel observal-o, nenhuma apparencia lhe encontrei para a rasão do nome que lhe imposeram: talvez que considerado de outro ponto de vista, se ache fundamento para aquella denominação. E mais naturalmente, a imaginação abalada á vista de tão portentoso quadro, se representasse o genio do rio Zezere vasando a sua corrente daquellas duas grandes urnas ou cantaros..! Este pensamento poetico é natural ao contemplar estas Hyadas [1] tristes banhando em copioso pranto os denegridos e descarnados membros que descobrem as roturas do nevado manto. Esta melancolica vista deixa uma profunda impressão na imaginação do espectador! Ella se assemelha á que apresentam certos torreões de grossas e condensadas nuvens, de côr cinzenta e denegrida, cujos cavernosos bordos doira apenas um fraco raio do sol já refractado, e que annunciam uma horrenda tempestade!

Seja como for, tão abundantes são as nascentes do Zezere em toda esta cimeria região da serra, que não se fazendo dalli á Covilhã senão duas leguas, descendo por um atalho, quando este rio alli passa, elle inculca ter já um curso, principalmente no inverno, de 15 a 20 leguas; quando ainda apesar da immensa volta, quasi circular, que lhe é preciso fazer, para dobrar as montanhas, elle não tem mais que 5, ou 6.

Voltando a sudoeste, na planicie mais elevada fica o malhão de estrella, que é a crista da montanha da parte do sul, e daqui se descobre em novo horisonte a Beira Baixa, e em vista longiqua grande parte do Alem-Téjo, tanto quanto se possa alcançar com um bom oculo, porque barreira nenhuma acha, senão as nuvens do horisonte que limitem a convexidade do globo. Alli como meta da maior altura se acha uma pyramide quadrangular, feita de pedra á esquadria, que para servir de ponto a levantar a carta geographica do reino mandou fazer o principe regente D. João, depois VI do nome, no anno de 1806; como parece attestar uma inscripção na pedra, a meia altura da pyramide na face do norte.

O rio Mondego não só não tira a sua nascente das alagôas como falsamente se conta, mas nem das geleiras do Erminio ou serra da Estrella: o seu principio é sim na mesma cordilheira no meio de montanhas menos elevadas um pouco mais ao norte, e em distancia de duas leguas da grande: as suas aguas mostram bem que a sua origem não é em geleiros perennes de neve, como o Zezere e o Alva, porque as destes rios conservam sempre mais rapidez; e frialdade, e uma côr esverdeada; seus peixes são por esta rasão mais gostosos, e mais estimados, o que certamente não acontece aos daquelle. Dizem que o nome lhe viera de uma pequena povoação junto á sua origem chamada Monda; mas eu tenho isto por pouco averiguado, tendo-o já passado, aonde é apenas um regato muito acima de Vide-monte não julgo aquelles logares habitaveis. Este rio, primeiro que se desembarace da cordilheira, aonde nasce, lhe é preciso dar grandes voltas, e endireitar o seu curso para leste, como faz até perto da cidade da Guarda; donde volta a norte até Celorico, e dahi endireita a sua carreira a oeste, afóra algumas tortuosidades, até á Figueira, aonde se perde no mar, depois de um curso de mais de trinta leguas, trese das quaes é navegavel de muitos barcos que fazem um commercio abundante na exportação dos vinhos, e aguas ardentes da Beira Alta, e Bairrada, milho, e outros cereaes, e alguma fructa que conduzem para Coimbra; e outros pontos, laranja para ser carregada na Figueira para Inglaterra, assim como a cortiça, taboado, e loiça grossa para as ilhas; e de importação carregam para a Raiva e Fozdão grande quantidade de sal para consumo até ás raias de Hespanha, ferro, bacalhão, e mais generos que desembarcam na Figueira, uns annos por outros de 300 a 400 embarcações do alto mar, e que exportam, além dos artigos mencionados, grande quantidade de sal, que alli é bom, e em conta; além do importante ramo dos vinhos que em alguns annos tem subido a 12:000 pipas, e que tem feito florescer aquella villa, que ainda não ha 70 annos não continha mais que alguns armazens, e que hoje conta 900 fogos, e que tem a terceira alfandega do reino, por sua importancia, e rendimento.

Este é o patrio Mondego, o maior rio que nasce, e morre dentro do reino, ainda dentro da grande provincia da Beira aonde elle nasce, e que não abandona até á Figueira; tão celebrado das musas; que lava os muros da cidade de Coimbra; e que banha com suas placidas correntes muitos sitios amenos, e aprazíveis. Na sua parte navegavel tem só a ponte de Coimbra, e na que o não é, o tenho passado em seis de pedra de cantaria, que foram cortadas na invasão de Massena, e que se acham já concertadas.

O Zezere depois de uma despenhada corrente, quasi toda na Beira Baixa, vae junto a Punhete pagar ao Téjo o avultado tributo de suas aguas. É talvez o segundo rio oriundo de Portugal. O Alva, sempre encostado á cordilheira, donde sahe, vae encontrar o Mondego no sitio da Foz d'Alva, por isso mesmo assim chamado. Suas margens são montuosas, e escarpadas, mas ricas em minas de oiro que os romanos, e os arabes, e outros possuidores do paiz dellas extrahiam, segundo patenteam as muitas excavações, que nas primeiras alturas na proximidade do rio ainda apparecem. Estas excavações não são profundas, e confirmam o que diz Raynal das minas de Sêrro de Frio, que o oiro se encontra da superficie até á altura de sete palmos. Conhecem-se ainda muito bem os sitios ao longe, pelos montões de pedra denegrida, que lançavam atrás, o que parece uma especie de lava. Tambem se marcam os sitios, além das reconhecidas excavações, pela côr, e qualidade da terra, que é mui vermelha, e fina. Estas excavações se encontram em grande distancia desde a sua embocadura no Mondego; até ainda acima de Arganil as tenho eu observado: ellas são sempre nas colinas mais immediatas ao rio, provavelmente para não serem obrigados a acarretar a terra de mais longe, para as muitas lavagens que precisa a operação da

[1] Hyadas as filhas de Atlante, que foram convertidas na Constellação das sete Cabrinhas, que está na testa do Toiro, cuja ascensão é marcada por chuvas, e por isso se chamam tristes, chorosas, e pluviosas.

extracção do oiro. Apesar de que este rio róla em sua corrente mais pedra, e cascalho do que areias, é certo que em vários sitios, ainda há quem se occupe em tirar de seu alveo areias de oiro, que se encontram nos remansos de agua, misturadas com areia preta de tinteiro, e que elles sabem separar, servindo-se de umas escudellas, ou pratos de páo, em que as joeiram á superficie da agua; o talcó, e as partes mais leves vão sahindo, e as mais pesadas acodindo ao fundo do prato, e a esta operação se lhe chama *escovilhar*: depois para acabar de separar as palhetas do oiro, deitam-lhe gotas de azougue, cuja sympathia com o oiro é bem conhecida, as particulas de oiro envolvem immediatamente o mercurio, e assim o estremam applicando-lhe o fogo, e vendem o pó preparado desta maneira. Tambem já observei as mesmas excavações em algum sitio das margens do Mondego; mas sempre na mesma zona ou faixa, onde o terreno é argiloso, schistoso, e a pedra de loisa. É bem sabido na historia a grande quantidade de oiro que os romanos extrahiram da Lusitania no tempo da sua dominação. Os proconsules, e os pretores se esmeravam em ajuntar as maiores sommas, para adornar os seus triumphos, para satisfazer sua avareza particular, e sua ambição de novos empregos. Os arabes mais laboriosos que os indigenas, e bem conhecidos por sua riqueza, e avareza, deviam muito occupar-se da lavra das minas: e os outros povos, naturaes, ou dominadores, mais ou menos se deviam empregar neste ramo. O Alva póde chamar-se tambem um rio sagrado ou mysterioso, por que as principaes romarias da Beira, são situadas nas suas margens. A Senhora do Desterro de que já fallei; a Senhora das Preces, junto á Aldêa das Dez; a Senhora do Mont'alto, junto a Arganil: todas de muito credito nos povos por seus milagres, todas mui bem situadas para lhes attrahir a veneração mysteriosa.

A serra d'Estrella não é vulcanica, e nem apresenta o mais leve indicio de que jámais o fosse: em nenhuma parte se observa especie alguma de lava, ou basalto, nem grutas, nem excavações: a pedra em toda a parte é simples granito, e o terreno sempre de côr mais ou menos anegreada, com areias, fragmentos do mesmo granito: nada de calcáreo schistoso, ou marnoso se observa; nem marmore calcáreo, loisa, giz, ou craião de qualidade alguma. O granito, e o terreno um tanto areoso, é commum em toda a Beira Alta, segundo minhas curtas observações, desde Santa Comba-Dão para cima até os confins da Hespanha: e eis-aqui porque as casas são ordinariamente tão desagradaveis á vista, e pouco aceadas pela difficuldade e carestia da cal; porque alli, como já disse, nada ha de calcáreo. A serra do Caramulo, que corre fronteira á da Estrella na mesma direcção com o intervallo de uma a outra de sete leguas, a qual eu tenho atravessado em varios pontos, é da mesma natureza e qualidade desta. A serra do Bussaco que corre transversalmente na direcção norte-sul, e que toca as duas mencionadas cordilheiras, é a que marca o terreno calcáreo com suas varias especies d'ahi para Oeste até o mar, de sorte que a mesma cordilheira da Estrella, quando se estende da ponte da Mocella até Cintra, muda já de natureza: por isso da cordilheira do Bussaco para baixo, já se observam effeitos vulcanicos, e as grandes nascentes d'agua, que de um golpe rebentam da terra, e que na Beira Alta não apparecem. Ainda entre a montanha calcárea do Bussaco, e o granito da Beira Alta, corre uma zona ou faixa de tres leguas de largura composta de terreno argiloso com pedra de giz, e loisa, e que póde ter já alguma variedade mineral, cuja largura é da terra do Bussaco a Santa Comba-Dão, e da ponte da Mocella a Galizes, e nesta, como já disse, é que apparecem as excavações das minas do oiro. Sendo tão simples e uniforme o terreno da Beira Alta, julgo que raros são os productos mineralogicos que tem a obsérvar-se: pela mesma rasão, não comprehendendo esta terra em seu seio especies inflammaveis, em nenhuma parte apparecem effeitos vulcanicos.

A serra da Estrella tambem não tem raridades botanicas, como falsamente se lhe tem attribuido: em toda ella se não encontra uma arvore, ou um arbusto, a não ser proximo á sua base na parte cultivada aquellas que ahi tem sido plantadas. Até o meio da sua altura, acha-se apenas o betoiro, urzes, e pouco tojo; e d'ahi até o cimo unicamente o betoiro e o zimbro, nos intervallos o tal junco fino, ou fêno, que o gado pasta, e apenas em poucos sitios, por onde escorre a agua nevada dos gelleiros, encontrei uma especie de musgo esbranquiçado, que se assemelhava á couve flôr. O zimbro, *Juniperus*, este habitante das montanhas da Suissa, e dos Alpes, parece que se apraz nas plagas mais frias, e que facilmente se cobrem de neve: as suas bagas de que se faz a genebra, são aqui do tamanho de um grão de ervilha, dos mais pequenos, de côr verde escura antes da sua madureza, e depois de um preto lustrino de azebiche, que os pastores arrecadam como especifico para as dôres de barriga. Tambem elle aqui se não eleva a mais altura que dois pés, e tão redondo e fechado se apresenta cosido com a terra, que não deixa vêr parte alguma do tronco, parecendo que foi tosquiado, e aparado em fôrma semi-esferica: ao principio julguei que esta figura era devida a serem-lhe as sumidades roidas pelo gado; mas achei a mesma fórma em todos similhante. Entretanto Virgilio o tem como arvore, dizendo na Ecloga 10:

Juniperi gravis umbra, nocent et frugibus umbrae.

Os animaes que encontramos na serra foram coelhos até um terço da sua altura, e pouco mais ou menos até aonde apparece alguma cultura. Em toda ella achámos perdizes, algum tanto mais pequenas, e a creação dellas mais serodia.

Ao aproximar-nos á alagôa redonda alguns pates grandes se levantaram em distancia que se lhe não póde atirar: estas aves passam em certas épocas do anno, enfiadas em fórma mui bem ordenada, a dois ou tres de fundo, com seu commandante á frente, outras vezes na retaguarda, da cordilheira da Estrella á do Caramulo, e *vice-versa*, atravessando de um vôo o grande valle que jaz entre ellas na distancia de 7 legoas sem contar o declive das montanhas; mas em tal altura que apenas so ouvem grasnar, e se descobrem em uma ordem e fórma agradavel á vista; mas desgraçada aquella que não póde

acompanhar a marcha, ella cahe e não póde mais levantar-se.

Quando nos avisinhámos aos cantaros uma aguia se levantou da alcantilada rocha, e foi planando para outra montanha mui distante, e então pela primeira vez, tive logar de observar o vôo magestoso da rainha das aves. A certa distancia tambem descobrimos uma quantidade de açôres ou milhafres. As aves de rapina habitam sempre os logares solitarios, e as rochas escarpadas e inaccessiveis, e dalli estes bucaneiros projectam ao largo as suas piratarias.

São tambem habitados estes logares pelos bufos ou guinchos, ave igualmente de presa, do tamanho de um perú, que vive de caça, mas que tem differente estillo de apanhal-a: como esta ave é nocturna, e não têm azas para longos vôos na proporção do seu peso, espera pacificamente a pé firme, apoiada sobre os cotovelos das fortes garras, que por esta posição usual se tornam calosos, os coelhos e as lebres que pastam de noite, e ás perdizes de madrugada, sendo mais desvelada, e cuidadosa, quando tem filhos no ninho: larga ucharia alcança quem acerta com este, e por isso o adagio diz *achou ninho de guincho.* O mesmo ou ainda mais acontece com o ninho das aguias. É tal a força da sua garra que eu já tive logar de observar, que elle apanha, e devora os gatos, este pequeno tigre a quem a natureza dotou de excellentes armas, e de muita audacia para vibral-as. Em uma casa aonde me abrigava, faltando um dos gatos, se acharam no quintal as tripas e cabeça delle, e então o dono da casa disse ter sido o bufo, que já outras vezes lhe tinha feito a graça: o que eu ouvi, e vi com admiração.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Concorrencia á Exposição Universal.— A *Revista Britannica* dá os seguintes resultados.— O numero dos visitantes do palacio de cristal desde o 1.° de maio até 11 de outubro foi 6.076:956, a saber:

Em Maio	744:772
« Junho	1.135:116
« Julho	1.315:175
« Agosto	1.023:446
« Setembro	1.155:240
« Outubro	703:207
	6.076:956

O dia da maior affluencia foi 7 de outubro, em que entraram 109:916 pessoas, calculando-se que 92:000 estavam presentes á mesma hora, isto é, das duas para as duas e meia da tarde. Só um comboy do caminho de ferro d'Oeste (linha denominada *Great Western*) conduziu n'um dia á Exposição tres mil visitantes em 150 *wagons.*

O total da receita desde o 1.° de maio até 11 de outubro foi de 514:041 libras esterlinas 8 schellings e 8 pences.

A opera «Ildegonda.» N'um jornal de Madrid do 11 de dezembro findo encontramos o seguinte artigo.

A opera *Ildegonda*, do nosso compatriota o sr. Arrieta, acaba de obter os applausos unanimes do publico de Genova, segundo vemos no jornal daquella cidade, o *Pirata.* Muito nos apraz que a obra deste distincto compositor hespanhol tenha merecido a approvação dos maestros e do publico entendedor de Italia. Peza-nos não poder reproduzir tudo o que a respeito daquelle *spartito* e do seu brilhante desempenho se diz no citado periodico; mas, não podemos ommittir alguma coisa do que especialmente se refere á mesma obra musical.

O jornal, depois de lamentar a escacez de novas operas, e o cansaço com que são ouvidas naquelles theatros as que continuam a cantar-se tão repetidas vezes, elogiando já por este motivo o auctor de *Ildegonda* que se abalançou a uma composição original e nova, passa a examinar a musica, em que descobre muitos fundamentos para louvor imparcial e sincero.

«Nella (diz) não se ouvem esses costumados berros, esses violentos esforços de voz tão perjudiciaes ao cantor como desagradaveis ao ouvido do espectador, mas sim as mui gratas melodias, os cantos que penetram na alma, como sabia creal-os o inspirado Bellini. Nesta opera tudo está felizmente acabado; ha um sello de verdade, um sentimento religioso que revelam não sómente o genio, mas tambem a sensibilidade do maestro. Os cantos manam com espontanea facilidade; e a instrumentação, posto que bem trabalhada, deixa ouvir as vozes e os instrumentos sem que uns sons cubram os outros.»

Grande obra moderna — Uma das mais ousadas construcções, promovidas pelo estabelecimento de caminhos de ferro, é o grande viaducto que atravessa o Dee no valle de Llangollen na Grã Bretanha, excedendo em dimensões outra qualquer obra de igual genero. Tem mais de 150 pés acima do nivel do rio, isto é, mais de 30 do que o viaducto de Stockport, e mais de 34 do que a ponte de Menay. É sustentado por dezenove arcos de 90 pés de diametro, e tem de comprimento 1:530 pés, pouco mais ou menos um terço da milha ingleza: o seu aspecto architectonico é de um estylo nobre e severo: construido de pedras tão lustrosas como as de Darlydale, salvo nas entradas dos arcos que são de tijolos azulados da maior resistencia, este viaducto de uma extremidade á outra tem uma inclinação de dez pés. Une a parte do caminho de ferro de Shrewsbury e de Chester comprehendida entre Rhosy — Medre e Chirk. Foi concluido em 1849: custou proximamente cem mil libras esterlinas.

Numerosa collecção de animaes.— Por occasião dos dias santos do Natal annunciaram os jornaes de Londres que estavam patentes aos curiosos, já se sabe mediante o preço de entrada de meio xelim, os jardins da sociedade zoologica em Regent's

park; desde a vespera de Natal até 6 de janeiro inclusivé, excepto no domingo intermedio. Alli ha 1:705 animaes vivos, tendo sido augmentada recentemente a collecção com 60 especies. O cavallo marinho, que vive n'um tanque especial, e o orangotango mostravam-se só das onze da manhã ás quatro da tarde.

Cidades da União Americana. — Os seguintes dados estatisticos são tirados do recenseamento de 1850.

As dez cidades principaes dos Estados Unidos teem para cima de cincoenta mil habitantes, a saber:

Cidades.	Estados.	População.
Nova-York........	Nova York........	515:507
Philadelphia.......	Pennsylvania......	408:715
Baltimore.........	Maryland.........	189.048
Boston...........	Massachusetts.....	136:871
Nova-Orleans......	Luiziana..........	116:348
Cincinnati........	Ohio.............	115:436
Brooklyn.........	Nova-York........	97:838
S. Luiz..........	Missuri...........	64:252
Albany...........	Nova-York........	50:763
Pittsburg.........	Pennsylvania......	50:519

Seguem-se seis que tem de 40 a 43 mil habitantes: Louisville (Kentucky), Charleston (Carolina do Sul), Bufalo (Nova-York), Providencia (Rhode-Island) e Washington (Districto de Columbia).

Newark (Nova-Jersey) 36:403, Lowell (Massachusett) 33:383, e Williamburg (Nova-York). Todas as outras são muito inferiores a estes numeros.

Movimento de passageiros. — A *Britannia*, jornal de Londres de 8 de dezembro publica uma curiosa estatistica do movimento dos *omnibus* naquella capital e seus suburbios. — O numero destes vehiculos ascende a tres mil e transportam no anno 300 milhões de passageiros, o que corresponde á terça parte da população do mundo: empregam em seu serviço onze mil homens e um capital de um milhão de libras esterlinas; fazem de despeza annual um milhão e sete mil libras, e pagam ao estado quatrocentas mil libras de impostos ou contribuições.

Por um mappa do transito dos caminhos de ferro em Inglaterra, referido ao primeiro semestre do anno findo, vê-se que o numero de viajantes nesse decurso de tempo foi de 37.884:703. Durante o mesmo periodo occorreram as seguintes desgraças no movimente de passageiros e gente empregada no serviço daquellas vias de communicação: 105 pessoas mortas, e 173 maltratadas sem consequencias fataes.

Opera italiana em Madrid. — Nos ultimos dias de dezembro ensaiava-se no theatro real o *Elixir d'Amor* para estreia do tenor Bionti. O baritono Cresci faria o seu *debut* na opera de Donizetti, *Torcato Tasso*. Duprez e sua filha cantariam na *Lucia*. A decantada Alboni vinha cantar tambem a Madrid; e a peça em que entraria pela primeira vez seria a *Cenerentola*. Constava na côrte de Hespanha que o emprezario Solera, logo que os sobreditos espectaculos estivessem devidamente dispostos, partiria para Paris e Italia a fim de augmentar o pessoal da companhia lyrica com alguns artistas de reconhecida reputação.

Theatro de S. Carlos. — A *Lucrecia Borgia*, que subiu novamente á scena na quarta feira passada não agradou, não tendo até hoje sido repetida. Abstemo-nos de entrar na analyse das circumstancias que concorreram para o máu exito daquella opera, porque não queremos aggravar a situação da empreza e dos artistas. Faremos, comtudo, uma advertencia que em nada aproveitando ao presente, poderá comtudo servir para o futuro. O sr. Bonafos encarregou-se de um papel, que de maneira nenhuma lhe competia.

As *condescendencias* só pódem ter logar, quando dellas não resulte desvantagem para o artista, e o sr. Bonafós só deveria ter consentido no desempenho daquella parte, se encontrasse a seu lado cantores de igual cathegoria, como acontece em alguns theatros de primeira ordem, quando se representa a *Lucrecia Borgia*. Entendemos tambem que a empreza, consultando os seus proprios interesses, nunca devia expôr o *primeiro* baixo comico da companhia a perder o prestigio para com o publico, fazendo-o figurar em todo o decurso da opera a par dos srs. Bruni, Roveda, e Cairo!

Tem continuado as representações da *Nina* e da *Sapho*, com o mais brilhante acolhimento á sr.ª Sannazari, que conta os seus triumphos pelo numero das récitas. Vimos com satisfação que esta artista de bom grado acceitára, e attendera as observações que fizemos a seu respeito, quando analysámos o desempenho da opera *Sapho*. É esta de certo uma prova da sua modestia, e não menos do seu vivo desejo de se aperfeiçoar na arte, o que só se póde conseguir pela ausencia de certos preconceitos tão communs nos artistas que gosam do pleno favor do publico.

Sabemos que a empreza, desejando e convindo-lhe satisfazer as justas exigencias dos frequentadores do theatro lyrico, escrevêra já aos seus correspondentes, para escripturarem sem demora um primeiro tenor, e uma dama comprimaria. Muito approvâmos esta deliberação, e augurâmos-lhe bom resultado.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *João José de Sousa Telles*, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 300 rs. para a obra completa, na rua Augusta n.os 1, 2, 8, 13, 37 A, 188, e rua do Oiro n.º 212.

N. B. Publicou-se a 6.ª e 7.ª folhas.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 10.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia prophana. — Continuação da historia da Grecia, e da historia romana, Lydia, Media, Persia e Scythia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 23. QUINTA FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

FEIRAS E MERCADOS.

Consideradas em relação á industria e ao commercio em geral, as feiras cessaram de ter grande importancia, quanto á producção e á extracção das fazendas. Quasi que não se carece de pôr em contacto, em dias determinados, o vendedor com o comprador para que este conheça o que lhe póde ser util; o gosto das commodidades e até do luxo tem-se espalhado pelo mundo de maneira que as pessoas particulares sabem em geral o que lhes convém; as cidades e tambem as povoações nos campos estão providas de depositos bem fornecidos; e se um mercador não tem nas suas prateleiras algumas fazendas que satisfaçam a necessidade ou o appettite do consumidor, essa falta é promptamente preenchida, graças á actividade das correspondencias, e tambem á dos transportes nos paizes onde as communicações são faceis; o comprador acha-se servido, sem ter que ir á feira mais proxima.

O commercio tem-se feito mais sedentario; está livre de peias que n'outro tempo o embaraçavam; e tem-se desenvolvido a ponto de tornar quasi inuteis as feiras: a experiencia de vinte annos a esta parte mostra claramente como, por essas rasões, cahiram em decadencia; porquanto, já não apparecem, nas que vão durando, as bem petrechadas tendas de objectos da arte do ourives e do relojoeiro, de vidros, de louças finas, de obras de quinçalheria de variadas especies, de cutellaria, de pannos de linho e de lã, e até de sedas e outros tecidos, conforme as localidades onde se reuniam.

Porém, se pelo que toca a estes productos tem perdido a importancia, não acontece o mesmo quanto a cavalgaduras e demais gado; porque é fazenda que não póde, como as outras, expedir-se e vender-se por amostras. E' portanto indispensavel, para beneficio dos creadores de gado e dos que o compram, conservar os logares de reunião onde uns e outros tem certeza de se encontrarem em epochas periodicas.

Não é sómente por este motivo que deve a administração publica patrocinar e favorecer as feiras e mercados; mas tambem pelo interesse das localidades onde se celebram. Levam a esses sitios grande numero de forasteiros, que sem aquella circumstancia não concorreriam alli; e a influencia salutar do regimen administrativo podia fazel-as mais curiosas e attractivas, e por isso mais concorridas, aggregando-lhes exposições mais ou menos particulares, adjudicações de premios e outras solemnidades industriaes; as despezas que originariam seriam amplamente compensadas pelas vantagens resultantes. Temos visto desde tempo immemorial como os cirios e as funcções de igreja nas povoações ruraes, onde ha feiras, attrahem consideravel numero de frequentadores, que não são conduzidos ahi por especulação ou por intenção deliberada de fazer transacções, mas que effectivamente as fazem em virtude do incentivo que a occasião lhes offerece. Além de que, todo este concurso de circumstancias dá certo movimento de vida á população, poem em giro dinheiro que não se gastaria, ou iria gastar-se em parcellas n'outras partes, com desvantagem das localidades que precisam dessa animação para vender, para adquirir, para permutar productos.

Quanto aos mercados toda a protecção é pouca, dentro dos justos limites e do equilibrio que convém manter entre os diversos pontos de população e de producção: quanto mais abundantes concorrerem as subsistencias, mais compradores se apprezentarão pela esperança de as obter baratas; e a extracção é quasi certa onde ha gente disposta a comprar.

Importa facultar segurança e protecção aos que concorrem aos mercados, principalmente aos centraes, e que ficam a certa distancia das grandes povoações; preparar-lhes os sitios onde vão levar seus generos e fazendas; e evitar-lhes o pagamento

de direitos e alcavalas pela fruição dessas commodidades.

A sustentação, o aprovisionamento dos mercados redunda em proveito das classes laboriosas, do commercio de retalho, e tambem contribue para a prosperidade das grandes povoações, dando sahida a muitos artefactos que só nellas se fabricam.

DA ALIMENTAÇÃO DO GADO OVELHUM.

(Continuado de pag. 942.)

Em todas as localidades onde o clima exige uma sementeira temporã de favas, afim de que a vegetação destas se adiante de modo que a epocha da sua madureza coincida com a dos calores, não é possivel que ellas succedam ás couves tronchudas, cuja colheita se prolonga até o mez de maio. Nesse caso e nesses logares póde substituir-se vantajosamente a fava pelo milho, producto não menos precioso, e que póde cultivar-se em ponto grande com extrema facilidade quasi em toda a parte.

Existem muitas variedades de milho, que cumpre conhecer e que os agricultores subdividem em muitas outras secundarias, que ao cabo de tudo não passam de leves differenças no comprimento das espigas ou maçarocas e na côr do grão. Porém, todas se coordenam em tres cathegorias distinctas: primeiramente o milho graudo ou do outono, que é o mais vulgar; seguem-se os milhos miudos e todas as variedades anãs, precoces, de maçaroca e bagos pequenos; além disso ha uma terceira classe, digamos assim, menos conhecida que as precedentes e que M. Bonafous, na sua monographia desta planta, descreveu sob o nome de milho estival ou de verão: é medio entre as outras duas quanto ao vigor da planta e ao tamanho das espigas; na grandeza e côr dos bagos parece-se tanto com o milho do outono, que estando debulhados não se distingue deste. É a variedade que merece mais attenção, porque tomando menos campo do que o milho graudo, e podendo por consequencia semear-se em distancias mais curtas, compensa pela maior quantidade a pequenez relativa das espigas.

O milho estival póde semear-se, em climas temperados, no mez de maio, havendo assim o tempo necessario, entre a colheita das couves tronchas e esta sementeira, para preparar a terra a recebel-a, e para a estrumar se fôr conveniente: o que em rigor póde dispensar-se, visto que dos estrumes applicados para as precedentes plantas ainda resta no terreno dóse consideravel e sufficiente para obter-se uma colheita de milho satisfactoria. Mas, como este cereal ainda é felizmente dos que não perigam com a fartura dos estrumes, não se lhes devem poupar.

Sem entrarmos na maneira de cultivar a planta, cumpre mencionar um conselho dado aos lavradores pelo director da granja-modelo de la Chamoise, M. Malingié-Nouel. Completado o phenomeno da fecundação do grão, o que se conhece porque então murcham e seccam as barbas das maçarocas, parte-se á mão a parte da planta acima das ditas maçarocas, e fazem-se molhos que se transportam para dar ao gado. Nunca me pareceu (diz elle), depois de experiencias multiplicadas e comparativas, que esta operação fizesse bem ou mal á colheita do grão, e por outra parte tem duas vantagens, a de pagar a despeza da apanha com uma forragem verde, preciosa na estação em que se aproveita, que é de ordinario no mez de agosto; e a de diminuir a impressão que fazem os ventos nas plantas de largas folhas, que pódem ser facilmente derribadas pelo máu tempo do outono, sobretudo em terrenos que embrandecem muito com as chuvas.

O milho, ainda mesmo quando está maduro, contém bastante humidade nos bagos e sobretudo na medulla da maçaroca, principalmente nos outonos chuvosos. Sendo colhido neste estado, e amontoado nos celleiros, sécca difficilmente, cobre-se de bolor, contrahe máu sabor, e póde ser nocivo ao gado. Observou-se um facto mui notavel de envenenamento de cordeiros que não tinham outro alimento senão o leite de suas mães; porém, estas consumiam porção de milho avariado; este milho, tinham começado a deital-o para o estrume; mas, vendo-se que as ovelhas o comiam avidamente, passaram a dar-lh'o: as ovelhas não tiveram o menor incommodo, mas os cordeiros que amamentavam adoeceram todos e muitos morreram. A autopsia indicou todos os symptomas de envenenamento, e o mal cessou logo que a sua causa, o milho avariado, deixou de ministrar-se ás rezes.

Na cultura em ponto pequeno, amarram-se as maçarocas pelos pés, e penduram-se nos celleiros e outras casas; mas não é praticavel isto na cultura em ponto grande; — e mesmo a abundancia da colheita é um obstaculo á sua conservação. Os exsiccadores e as estufas são de grande dispendio, e tem varios inconvenientes. Em climas um tanto humidos pratica-se o seguinte. Deixam-se as espigas nos pés do milho, e sómente se colhem á proporção que se póde fazer e ha precisão, transportando-as em saccos. Os foliolos dos multiplicados spathos, vulgó a camisa do milho, resguardam perfeitamente a maçaroca da humidade exterior durante o máu tempo, e completam a sua dessecação interior quando vae secca a temperatura; lentamente é verdade, mas sem trabalho manual, sem despezas, sem inconvenientes. A colheita faz-se assim aos poucos, em logar de se levantar de uma assentada; mas, nem por isso é mais dispendiosa. Se o campo do milho tem de ser occupado por uma seara de primavera, arrancam-se simultaneamente em tempo enxuto as caneiras e as espigas; se ao contrario, o terreno está já occupado pelas colzas (couve de Flandres) esperança de nova colheita, limita-se o cultor a tirar as espigas; com tudo, arrancam-se as canas e estendem-se nos intervallos das leivas que servem de passagem aos trabalhadores; esses logares são humidos e como em parte se cobrem de terra pela sacha que na primavera se dá ás colzas, apodrecem as caneiras e estrumam a terra para as colheitas seguintes.

O milho, levado para casa, não carece para ser distribuido aos animaes, senão de ter arregaçado o casulo ou camisa: nem mesmo é absolutamente necessario este trabalho: tão avido daquelle grão é o gado. Por duras e compactas que sejam as espigas, os animaes lanigeros as encetam, e desfazem, e não dei-

xam bago. O gado vaccum igualmente as apetece. É um erro debulhar o milho á mão: esta operação é tão morosa que de nenhum modo póde ser economica; é mais prompto e facil fazel-o a mangoal, mas se custa menos é tambem inutil; e todas as despezas desnecessarias se devem evitar.

O milho em grão é um dos sustentos mais substanciaes; é tomado com particular soffreguidão pelo gado lanigero que o prefere a todos. Parece ser propriedade deste alimento engordar os animaes, e de um modo que são refeitos de sebo na proporção relativa á apparencia exterior de gordura, que é facil de verificar apalpando os animaes. Diz o já citado director de la Charmoise que as cabeças de gado ovelhum, creadas nesta granja-modelo, tinham sebo comparativamente á carne magra, na proporção de um para nove (pezo) os carneiros de um anno, e de um para cinco e um quarto os carneiros de dois annos. Será isto devido á raça, ou ao milho que se distribue no fim da engorda? Pensa Mr. Nouel que influem conjunctamente as duas causas, e que o bom alimento confiado a poderosos orgãos de assimilação produz todos os effeitos desejados.

Ainda que o modo de acção e de nutrição da aveia e do milho não seja o mesmo, e que o primeiro destes grãos tenha um principio estimulante mui proprio para excitar os orgãos da digestão no fim da engorda, observou Mr. Nouel que uma medida de pezo de milho equivalia ao triplo de aveia em qualidade nutritiva. Esta avaliação é necessariamente hypothetica, e postoque assente em pezos calculados mensal e individualmente, não apresenta absoluto grau de certeza; comtudo, podem adoptar-se aquelles dados, sem receio de cahir em graves erros praticos.

As vantagens do milho não se limitam sómente ao grão; offerece igualmente outras importantes como forragem, sobretudo forragem verde, pois que não ha outra melhor para o gado cornigero; e não menos gulosas della são as ovelhas. Até a palha, sendo recolhida em bom estado e secca, comem os bois e vaccas muito bem durante o inverno, sobretudo dando-se-lhe traçada. Quando tem soffrido as influencias da humidade no outono e no inverno não é propria para sustento dos animaes, e só póde servir para augmentar o volume, senão a fertilidade, da estrumeira. Comtudo tem um destino proprio, que não se deve desprezar nos paizes vinhateiros; é um excellente adubo para as vinhas. Esta cultura, como é sabido, não requer estereos azotados, se se pertende obter magnificos productos; demanda estrumes vegetaes de lentá decomposição, que afôfem a terra, a amanhem, e lhe prestem humus, ou terriço, abundante em sub-carbonato de potassa, com exclusão dos saes ammoniacaes. Todas estas condições acham-se reunidas na palha de milho. Espalha-se nos carris e sendas que conduzem aos edificios e officinas das granjas, onde é pizada aos pés dos animaes e pelas rodas das carretas: levanta-se neste estado misturada com a lama dos caminhos, e transporta-se para as vinhas onde se lança em montes para mais tarde se arrazarem. Podem juntar-se-lhe outros despojos vegetaes, algum entulho calcareo, e um pouco de silicato de potassa, revolvendo tudo uma ou duas vezes antes de se espalharem no tempo opportuno.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 197.)

1144 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA, COM VARETAS DE BARBA DE BALEA, E CABO DE MARFIM.

1145 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA COM HASTE, E CABO DE PAU INTEIRIÇO.

1146 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, HASTE DE DITO E PUNHO DE PAU DO AR.

1147 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, E PUNHO DE MARFIM.

1148 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, HASTE E PUNHO DE PAU BUXO.

1149 CHAPEO DE SOL PARA HOMEM, DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO PUNHO DE PAU.

1150 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, PUNHO DE PAU.

Estes 23 productos de n.° 1128 a 1150, são expostos pelo fabricante Joaquim José dos Reis.

Lisboa.

Fabrica, vide n.° 1127.

1151 LACRE DE DIFFERENTES CORES. — Expositor e fabricante, Manuel Rodrigues Lobo.

Não ha fabrica deste objecto, foi isto uma simples curiosidade do expositor.

1152 PÉ DE FLORES ARTIFICIAES (MARTIRIOS). — Expositor e fabricante, D. Vicente Russel.

O expositor tem um grande estabelecimento deste objecto, aonde executa o fabrico completo das flores em todas as suas partes.

1153 PÉ DE FLORES (CAMELIAS). — Expositor e fabricante, D. Vicente Russel.

Lisboa.

Fabrica, vide n.° 1152.

1154 LUVAS DE PELLICA PARA SENHORA. — Expositor e fabricante, Felix Barros.

1155 PASSAMENARIA PARA SUSTENTAR AS CORTINAS. — Expositor unicamente, Gardé.

Lisboa.

1156 TIRADA DE CAMPAINHA. — Expositor, Gardé.

Lisboa.

1157 TIRADA DE CAMPAINHA. — Expositor, Gardé.

O expositor destes 3 objectos de n.° 1155 a 1157, não é o seu fabricador, e apenas os vende. Ha em Lisboa muitos estabelecimentos de passamenaria.

1158 SABÃO DENOMINADO DE SEDA, BRANCO, PARA USO COMMUM. — Expositor e fabricante, Real Contracto do Tabaco.

Lisboa.

Grande estabelecimento com privilegio, por contracto com o governo.

1159 SABÃO DENOMINADO DE SEDA, AMARELLO, PARA USO COMMUM. — Expositor e fabricante, Real Contracto do Tabaco.

Vide n.° 1158.

1160 SABÃO DE SEDA RAIADO.

1161 SABÃO DE SEDA BRANCO.

1162 SABÃO DE SEDA AMARELLO.

1163 SABÃO DE SEDA RAIADO.

1164 DIFFERENTES QUALIDADES DE SABÃO SUPERFINO.

Estes 5 productos de n.° 1160 a 1164, são expostos pelo Contracto do Tabaco.

Vide n.° 1158 à 1159.
1165 CAIXA DE LINHA FINA EM FORMA DE FLORES. — Expositor, um particular.
Guimarães, Minho.
1166 CAIXA DE LINHAS FINAS, EM FORMA DE BONECOS — Expositor um particular.
Guimarães, Minho.
1167 MEADINHAS DE LINHA FINA PARA COZER. — Expositor um particular.
Guimarães, Minho.
1168 UMA ARVORE FEITA DE LINHAS FINAS. — Expositor um particular.
Guimarães, Minho.
Ramo de industrias no Minho, onde se faz nesse genero, obra com toda a perfeição.
1169 MEIAS DE LINHAS ABERTAS. — Expositor e fabricante, Manuel Custodio Moreira.
Porto.
1170 MEIAS ABERTAS E UNIDAS. — Expositores, particulares.
Braga, Minho.
1171 SEDA PARA PENEIROS.
Bragança, Tras-os-Montes.
1172 RAPÉ FINO DA PRINCEZA (MASSAROCA).
1173 RAPÉ GROSSO DA PRINCEZA (MASSAROCA).
1174 RAPÉ GROSSO DA PRINCEZA (MASSAROCA).
1175 RAPÉ FINO DA PRINCEZA.
1176 RAPÉ FINO AMARELLO.
1177 RAPÉ FINO RESERVA.
1178 RAPÉ GROSSO RESERVA.
1179 RAPÉ PRINCEZA MISTURA.
1780 RAPÉ PRINCEZA MASULIPATÃO.
1181 RAPÉ CHAMADO COMMUM 2.ª SORTE.
1182 RAPÉ COMMUM 2.ª SORTE.
1183 RAPÉ COMMUM 2.ª SORTE.
1184 SIMENTE EM GARRAFA, pezo 1 arratel cada uma.
1185 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1186 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1187 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1188 SIMONTE EM GARRAFAS, pezo meio arratel.
1189 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1190 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1191 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1192 SIMONTE EM GARRAFAS, pezo uma quarta cada 1.
1193 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1194 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1195 SIMONTE EM GARRAFAS, dicto.
1196 CAIXA DE 200 CHARUTOS.
1197 CAIXA DE 200 CHARUTOS.
1198 CAIXA DE 200 CHARUTOS.
1199 CAIXA DE 200 CHARUTOS.
1200 CAIXA DE 200 CHARUTOS PEQUENOS.
1201 CAIXA DE 200 CHARUTOS PEQUENOS.
1202 CAIXA DE 200 CHARUTOS PEQUENOS.
1203 CAIXA DE 100 CHARUTOS GRANDES.
1204 CAIXA DE 100 CHARUTOS GRANDES.
1205 CAIXA DE 100 CHARUTOS GRANDES.
1206 CAIXA DE 100 CHARUTOS CHATOS.
1207 CAIXA DE 100 CHARUTOS CHATOS.
1208 CAIXA DE 100 CHARUTOS CHATOS.
1209 CAIXA DE 100 CHARUTOS CHATOS.
1210 UMA CAIXA COM FOLHA DE TABACO PICADO.
1211 UMA CAIXA COM CIGARROS DE PAPEL.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVI.

NEM EU, NEM TU.

O pobre Thomé das Chagas principiou a receiar uma traição, apenas se viu nas garras do poeta, e na escura logea para onde elle o empurrou com bastante sem-ceremonia. O nosso amigo era muito sensivel, e excessivamente nervoso; e tinha suas rasões para não andar de dia sem cautela, e de noite sem lanterna. Durante a conversação singular, que se ouviu, tinha atravessado, sem dar por isso, umas poucas de ruas, escorregado por cima de outros tantos becos lamacentos; e quando lhe perguntaram com ar de escarneo se conhecia os sitios, achou-se desorientado, e na realidade não sabia aonde estava. As ultimas palavras do curioso dialogo tinham sido proferidas diante de uma porta quasi cerrada, no meio de uma viella deserta e sombria, cheia de montões de caliça e de paredões caidos; entre duas ou três barracas esbeiçadas e pendidas. A porta tinha um ar apopletico; a casa era a imagem da eternidade; as paredes esburacadas, e uma seara viçosa de arroz de telhado e mais hervas parasitas, crescendo livremente por entre as desconjuntadas telhas, davam-lhe uma apparencia menos que humilde.

O poeta encostou o hombro á porta e levou-a quasi ás costas para a forçar a conceder entrada; e ella perra e dorida, gemendo e estalando, resignou-se por fim a deixar aberto um espaço sufficiente por onde o vate introduziu o andador, e atraz delle a sua exigua pessoa. Subindo a escada, cujos degraus se empinavam tremulos de velhice, e rangendo de podres, os dois heroes acharam-se defronte de outra porta, irmã gemea da porta dolorosa, que deixavam ás cortezias atraz de si. Servia de fecho um cordel, e de argola um cavaco atado a elle. O poeta puxou o cordel, metteu o joelho, e atirou logo para dentro o sr. Thomé das Chagas. Apenas os seus olhos rodearam a casa, aonde o introdusiam, o milagreiro deu um berro, deixou cair o nicho e a bandeja; e girando sobre os calcanhares, como uma ventoinha, quiz investir pela escada abaixo. A evolução, porém, estava prevista: o sr. Ber-

nardo Pires, vindo atraz, tinha fechado a porta.

A casa merecia os terrores do honrado Thomé, e era a ante-sala do cemiterio. Entre as bambinellas de têas de aranha e os listões verdenegros, que manchavam paredes e tectos, rasgava-se uma janella estreita com rotula de pau. Cinco ou seis ossadas, ou mais exacto, cinco ou seis corpos mal consumidos, estavam encostados em redor do aposento. Mortalhas quasi podres penduradas, grinaldas sujas, caixões arrombados, pannos de enterro pingados de cera, esqueletos meio armados, postos em arames, e muitos ossos espalhados pelo sobrado, formavam as tapeçarias e a mobilia do antro funebre. No meio do quarto uma mesa, uma bilha, e duas canecas pareciam a ironia viva do espectaculo da morte no que a dissolução tem de lugubre e horroroso. Quanto mais a vista parava no quadro, tanto mais frio se confrangia o coração. O pobre Thomé das Chagas não tremia só, estava cahindo no chão por instantes transido de medo!

—«Até que chegámos» — proclamou o poeta, tirando a capa e descobrindo a prodigiosa casaca de portinholas de escotilha e botões de rodinha. Libertou-se depois do veterano chapéo, e poz-lhe em cima da copa um par de floretes, que trazia escondidos debaixo do braço.

—«Póde descançar um minuto! — disse elle respirando e batendo os pés no chão com força, em risco de abrir duas claraboias no sobrado podre. — Está no portico da eternidade, e estes moradores do escuro reino não dizem nada!» — Ao mesmo tempo indicava os defuntos hirtos e encostados em roda da casa.

Thomé das Chagas nem pestanejava; a lingua tinha grude que a pegava ao ceu da bocca. Bernardo Pires, com um sorriso boçal, escorria entretanto a bilha, dando-lhe palmadas no bojo com a familiaridade de um amador. Depois virou-a de bocca para baixo, e a rir muito exclamou:

—«Nem lagrima! Bebemos tudo por alma do mordomo. Está nos Elysios, se Charonte lhe foi propicio! A proposito, sr. Thomé, as missas que lhe disse parece-me que vem tarde: o homem está salvo!.. Fiquemos no *introibo* desta noite, mais do gosto do meu defunto amigo, que não sei como não resuscitou para nos acompanhar... A respeito de missas, se v. mercê quer, deixe algumas pratas que eu as mando dizer por sua intenção; aqui para nós, em boa amizade, aquillo era anzol para o trazer aqui, e pegou; nunca esperei tanto da sua bondade. Ora como conto despachal-o depressa, peço-lhe que dê no outro mundo muitas saudades deste seu admirador ao velho e pançudo Simão de Oliveira, não se esqueça!...

O milagreiro com os olhos esgazeados, pegou machinalmente no chapéo do poeta, enterrou-o na estopentada peruca, e tratou de saír sem mais rodeios.

—«O que é isso, sr. andador das almas, assim nos deixa? — gritou o vate espremendo a bocca em um sorriso alambicado. — Vae atraz das missas, ou procura as galhetas por estar secca a dorna? (a dorna era a bilha). Então leva o meu chapéo? Deixa-me sem o seu corpo e a minha cabeça? Sacro Apollo! Que pressa!... onde vae, onde vae?

—«Vou dar o seu recado! replicou em voz rouca o devoto, fazendo uma pirueta para se apossar da porta.

—«Mais de vagar, mais de vagar! Olhe que a viagem é longa. Escolha primeiro o habito e a carroagem, faça favor. Repare que tem de ir pela porta até ao Averno.

—«O habito, a carroagem?... acudiu o servo de Deus, esbugalhando os olhos.

—«De certo. Não cegue as duas estrellas da alma, que são as janellas do sentimento. Sirva-se dos seus olhos, já que as Eumenides compassivas lh'os não arrancam... O que lhe disse era metaphora em acção. Para que viemos nós aqui? Para o mais infeliz se apartar do bello seio de Cybelle, nome que os antigos deram á terra, nossa mãi, e comparecer no tribunal de Minos, entrando pela porta de Proserpina... Não percebe?»

—«Nem meia palavra! Digo-lhe que me deixe sair, senão grito «Aqui d'el-rei!»

—«Oh *cæcitas mentis!* exclamou o vate erguendo ambos os braços ao ceu com burlesca vehemencia. — Oh divina musa, o que te fazem estes zotes do Parnaso!... Pois, sr. Thomé, uma vez que as graças de Apollo e das nove irmãs o não illuminam, prepare-se que vai ouvir a bosina de Marte. O habito que lhe disse, em lingua do povo, na lingua tosca e saloia que v. mercê falla e entende, é uma dessas mortalhas; a carroagem, um desses caixões. Sou clemente! Antes de o ferir, como Achilles feriu Heitor, quero deixal-o em vida determinar o seu enterro, como fôr mais do seu gosto. Agora já percebe?»

E fazendo uma visagem lugubre, com a qual arrepiou as balofas bochechas, ainda inflamma-

das em fogachos vinosos, o sr. Bernardo Pires, cruzou os braços bem alto sobre o peito, queimando com a luz das pupillas côr de alface a esqualida fronte do milagreiro.

— «Então matam-me aqui, sem confissão nem sacramentos?» — exclamou o devoto, fazendo-se côr de café e torcendo o corpo, como se visse já no ar o punhal de uma quadrilha de malfeitores.

É verdade! respondeu o fabricante de glosas, pondo-se no retto com desplante. Estou aqui para ser a tesoura da parca, e cortar-lhe os fios da vida. O que tem a dizer a isto?

— «Tenho muito, tenho tudo! Hei de resistir, vou gritar...»

O poeta, encolhendo os hombros, soltou uma risada solemne e harmoniosa, e pegou em um dos floretes.

— «Ha de gritar! Então porque?

— «Essa é boa! O senhor diz que me ha de matar, e admira-se...»

— «Mas eu mato-o academicamente, com preceito e regra. Assim, digo-lh'o eu, é um gosto morrer.»

— «Morra o senhor. Eu estou muito contente vivo.»

— «Mato-o como Roldão matava os moiros, em combate singular.»

— «Nem singular nem plural!.... Eu não sou homem de brigas; está enganado.»

— «Olhe o que perde, sr. Thomé. Sei o jogo, e prometto varar-lhe o coração á terceira estocada.»

— «Obrigadissimo! mas eu não quero; deixe-o assim como está, que está muito bem.»

— «Jesus, que teima! gritou o poeta, assumindo o ar affavel de um paladino de Ariosto, e forçando a mão rebelde do devoto a empunhar o florete desembainhado. — Deixe-se de contos; tudo é principiar. Achilles fiou n'uma roca e depois foi o terror de Troya... Suba comigo á altura dos heroes; exercite-se na grande sciencia de morrer com arte... vamos, pegue no florete; mais alma, homem, mais alma! Faça-se ainda mais feio... bello! quero dizer horrendo. Asseguro-lhe que de viseira caída póde desmamar creanças. Agora esse braço esquerdo para cima; a mão bem alta; arredonde mais o cotovello... optimo!»

— «Mas o que está o senhor a fazer de mim! atalhou o servo de Christo, obedecendo como um automato e cada vez mais espavorido.

— «Estou-o educando para não deshonrar as sabias lições de Pallas. Vamos. Firme! Agora rompa. Esse pé, escorregue sobre esse pé; ligeireza, flexibilidade, sr. Thomé! Ah! Mais largo! mais... Safa! São duas pernas de compasso como a legua da Povoa. Bom! Agora atire á muralha. Um dois, um dois! Tem cinco minutos para aprender a cahir com graça.»

— «Cahir, cahi eu nas mãos de um doido! gemeu o milagreiro em voz baixa; depois virando a cabeça por cima do hombro para rectificar a posição do inimigo, insistiu com desesperação — Mas o que quer o senhor de mim?»

— «Quero matal-o! bradou o assassino das rimas em voz cava e com accionados olympicos. A vingança é o nectar dos deuses; e eu sou uma Juno masculina. O sr. Thomé offendeu mortalmente um amigo de Bernardo Pires, e offender o meu amigo é ser meu inimigo. Prepare-se! O dedo da parca está sobre o ponteiro da vida. Nas aguas tenebrosas Charonte, o barqueiro do inferno, tem o bote á espera... resigne-se; e para o consolar prometto-lhe um epicedio. Avie-se, pegue na espada!»

— «Almas bentas, valei-me! Sr. Bernardo Pires, eu não sei jogar o florete.

— «Melhor! Morre mais depressa. — replicou o vate magnanimo, crescendo-lhe os brios com o desalento alheio.

— «Mas eu preciso viver!»

— «Asneira! o que é a vida? um sonho...»

— «Ao menos dê-me tempo, deixe-me tratar da alma...»

— «Vá descançado: já arranjei tudo. O seu enterro está justo. Achamo-nos em campo neutro... o cemiterio é alli adiante.»

— «Santo breve da marca!»

— «Em abrindo aquella porta... Até a cova ha de estar feita.»

— «Santo nome de Jesus! Mas sr. Bernardo, o que fiz eu? Pelas chagas de Christo! Diga-me o meu delicto.»

— «Quer saber porque morre. Tem rasão; e será satisfeito. Ora responda: quem é o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, meu senhor?

— «Um fidalgo temente a Deus, muito esmoler, grande amigo de el-rei e da santa religião...»

— «Ah sr. Thomé!... Em fim respeito a dignidade dos seus ultimos instantes.... Retiro a esponja de fel. Porque não fallou v. mercê assim o outro dia? Para que me expoz a carregar toda a vida com o remorso da sua morte?...

Diga-me: lembra-se do cruzeiro de S. Domingos; recorda-se do que lá prégou haverá uma semana? Quem blasfemou que o duque de Cadaval era hereje e amigo dos judeos; quem o quiz assado com sanbenito e carochas no auto da fé? Estes horrores, e outros mais fui eu Bernardo Pires, ou foi o sr. Thomé das Chagas quem os deitou pela boca fóra?»

O devoto sentindo-se nos dentes do lobo abaixou a cabeça e recolheu-se confuso na tristeza do seu coração. Bernardo Pires, recuando o corpo sobre a perna esquerda perfilada; arremettendo ás nuvens com a cabeça; e pondo o braço em posição moiresca proseguiu de peito inchado, e soando as phrases:

—«Se eu tivesse de cruzar a espada com a sua, fazendo-lhe a honra de o pôr por meu igual... chamava-lhe dragão da honra, e giboia da reputação alheia. São metaphoras arrojadas, porém licitas. Dizia-lhe: um arenque de frade, uma toupeira de sachristia, um mochila de dormitorio, quando morde assim com o escorpião da lingua, atassalhando taes pessoas, corta-se-lhe a mão direita e o pé esquerdo, e furam-se-lhe os beiços com um ferro em braza...»

—«Valha-me St.ª Anna e S. José! — balbuciou Thomé fulminado e fugindo com o corpo. O que diz? O sr. Bernardo Pires não ha de ter a crueldade?!... Aqui ha gente escondida?...»

—«Socegue. Isto é hyperbole; fallei em hypothese. Estou só. Ministro e verdugo das minhas vindictas sentenceio e executo. Ora bem! Como ia dizendo: as carnes tremeram do que lhe escutei; os ouvidos recusaram acreditar... a ira gritava: mata-o! mas a prudencia respondia: espera! optei pela prudencia e parti. Chegando a casa, chamei o escudeiro do duque e meu particular amigo; vieram a conselho mais tres creados velhos; e decidiu-se que o sr. Thomé fosse apanhado á noite, metido em uma casa solitaria, esta por exemplo, e ahi, trema! ahi engraixado vivo, puchando-lhe o lustro á escova dois robustos pretos de Guiné!...»

Ouvindo a segunda hypothese, mais ignobil e não menos crua, o sr. Thomé atirou um formidavel pulo á porta, que dava para o cemiterio. Esta cedeu e entr'abriu-se, e um intervallo lucido no meio do delirio do terror mostrou ao devoto, que não podia escolher melhor posição para qualquer occorrencia. Entre tanto o sublime vate, correndo a vista orgulhosa por toda a sua exigua pessoa, e afofando o ar com a dextra cheia de magestade, depois de breve pausa continuou o relatorio entre dois sorrisos, um ridiculo, porque era burlesco, outro parvo, porque tentava ser ironico:

—«Achei indigno de mim o supplicio da graxa! Um poeta laureado em tres outeiros não baixa a rival de um remendão de escada... não mancha a alvura de cysne com a vil untura de pós de çapatos, mesmo para fazer preto um homem branco... Regeitei, e dissuadi-os. Encarregaram-me então da vingança geral! Lembrou-me embainhar-lhe a espada no corpo uma noite ao canto de um becco: ha exemplos historicos; mas tive medo de subir com elles a escada da forca. Occorreu-me fazer-lhe sete satyras a fio, e apregoal-o em oitavas pelos cegos; mas podia acontecer que se não vendessem, e por cima pagar eu o papel e a impressão. Até na vingança a economia é santa! Por fim, hontem resolvi que o mais simples era trazel-o aqui, e fazer-lhe a honra de um desafio á espada sem terceiros... da apparencia de um duello, porque sou o melhor discipulo de Vicente Nemour, e com uma imbrocata envio o inimigo ás Gorgones e Megeras, sobretudo não jogando outras armas senão o hyssope e a caldeirinha... Tenho tido trinta desafios, e sabe porque nunca fui preso nem se soube? Porque homem morto não falla; e homem que briga comigo, acredite que é homem que não torna a pisar a terra; vai direito para o outro mundo!

Este epiphonema ameaçador era acompanhado de gestos lacrimosos. Para lhe dar mais effeito, o poeta limpou dos olhos duas lagrimas suppostas com um lencinho de alvura suspeita e de excambraia franceza. Esta boa alma, com o seu pranto imaginario, fazia as honras funebres da imaginaria victima. Era a sombra do bolieiro limpando a sombra de um cavallo com a sombra de uma escova, segundo resa a ballada allemã.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

DISCURSO DE LORD CANNING.

A seguinte falla foi proferida por este distincto diplomata no jantar que lhe deram os negociantes inglezes no salão do theatro de S. Carlos, em vesperas de retirar-se de Portugal o mesmo nobre lord em 1816.

Senhores! Eu sou profundamente sensivel á honra

que esta assembléa me faz; e grandemente me tem lisongeado os sentimentos com que vos dignastes associar aos vossos o meu nome. O ter sido discipulo de M. Pitt, e o ter tido parte naquelles conselhos, em que se traçou a luta para salvar Portugal, são as duas unicas circumstancias da minha vida politica, das quaes me recordo com satisfação e orgulho. É para mim de grande gloria o ter-me embebido nos principios de M. Pitt; é para mim de grande jubilo o ter recebido a vossa approvação pela adequada, e justa applicação daquelles principios ás medidas, por meio das quaes este paiz foi salvo; principios cujo caracter distinctivo era amar a ordem, e a industria interna, como verdadeiras fontes da opulencia mercantil, e da força nacional: externamente considerar com madureza a paz, o poder, e a segurança da Grã-Bretanha, como ligada com a segurança, e independencia das outras nações.

Deste systema de politica interna, e externa, tirou a Grã-Bretanha os meios, e se impoz o dever de sustentar a prolongada contenda com a França, que precedeu a guerra da Peninsula. Seguindo esta politica, aquelles que dirigiam o gabinete britanico, na época em que as garras da França iam apoderarse da corôa, e liberdade de Portugal, voaram, sem hesitar, em seu soccorro.

O bom senso, os affectuosos sentimentos, e a generosidade da nação ingleza seguiram o seu governo nesta empreza: mas eu mui bem me lembro, que aquelles que se persuadiram, que da luta de Portugal podia resultar a liberdade da Europa, foram tidos por ardentes, e visionarios enthusiastas. Eu fui um daquelles, e sempre assim o confessei. Assim o confessei mesmo nessas épocas, em que a luta era summamente duvidosa, e até para muitos desesperada. É verdade, que algumas vezes appareciam no horisonte densas nuvens, e negrumes; eu via, ou atrevidamente imaginava vêr um raio de luz, que promettia romper as trevas, e que podia para o futuro illuminar as nações. — Não é hoje, nem é neste logar que eu devo mostrar, que estas esperanças não eram extravagantes.

Ou fosse uma natural, e justa consequencia da perseverança em sustentar uma boa causa, ou fosse por um especial favor da Providencia, é uma verdade de facto, que deste canto da Europa nasceu o impulso, por meio do qual os seus mais poderosos reinos foram resgatados; é uma verdade, que neste terreno esteril, e de poucas esperanças estava depositada a semente, de que brotou a arvore de segurança, cujos ramos abrigam hoje com sua sombra o genero humano. Destas recordações e de uma tal associação de idéas, o paiz em que estamos juntos, tira um immediato, e animador proveito, ainda aos olhos do observador o mais indifferente. — Quanto a mim, eu não posso vêr esta capital, em que, por tantos mezes de horror, e de ancicdade, no meio de uma povoação apinhoada, soffrendo sem murmurar, estiveram fixas, e tremendo por sua sorte as esperanças da Europa; eu não pude atravessar essas poderosas, e naturaes fortalezas, que defendem esta capital, esses baluartes, áquem dos quaes se retirou a mesma victoria, afim de implumar de novo suas azas, para dar mais alto, e mais seguro vôo: eu não posso contemplar essas santas ruinas, por entre as quaes vaguei ha pouco, e onde uma terrivel curiosidade fica suspensa para indagar se os estragos em torno foram causados por antigas revoluções da natureza, ou por ludibrioso sacrilegio, e barbara malignidade do inimigo: eu não posso ver os vestigios de desolação neste paiz, e dos soffrimentos porque passou este povo; eu não posso ver tudo isto, sem render um justo tributo de admiração, e respeito ao caracter de uma nação, que por tudo o que tem feito, e mais ainda por tudo o que soffreu, se elevou a um grão de eminencia moral, muito desproporcionada ao seu territorio, povoação, e poder! — Eu não posso considerar em tudo isto, sem abençoar a sábia, e benéfica politica, que persuadiu a Inglaterra a vir tão opportunamente em soccorro de uma tal nação, para despertar sua energia, para organisar seus recursos, para sustentar, e vigorar sua inflexivel constancia, e depois de concluida a sua propria restauração, conduzi-la além das fronteiras em perseguimento do seu opressor.

Ter combatido juntamente em uma tal causa: ter unido as bandeiras, e misturado o sangue em tantas batalhas por tres interesses, é que conduziram a taes resultados: tudo isto deve indubitavelmente cimentar uma eterna união entre as nações britanica, e portugueza. — Vós observareis, senhores, que eu desejo anciosamente fixar o principio da nossa união, e de nossas pertenções reciprocas, fugindo de comparações, e recorrendo só aos principios de igualdade: eu o faço assim sinceramente, porque estou persuadido, que este modo de fixar aquelle principio é justo. Eu o faria assim por politica, ainda quando duvidasse do seu interesse. Portugal não teria podido restaurar-se sem o auxilio da Inglaterra; é esta uma verdade; mas tambem o é que Portugal foi para a Inglaterra o principal instrumento, que ella empregou, para effeituar a maior empreza em que a Grã-Bretanha jámais se empenhou!

Nós trouxemos a Portugal conselhos, exercito, disciplina, e valor britanico: mas nós achámos em Portugal vontade sincera e prompta, braços activos, um governo cheio de confiança, um povo valoroso, e soffredor, docil em instruir-se, leal em nos seguir, paciente no meio das privações, e a quem a desgraça não foi capaz de abater, e desanimar, nem a prosperidade poude ensoberbecer, e embriagar.

O braço da Inglaterra foi a alavanca, que abalou violentamente o poder de Bonaparte; Portugal foi o ponto de apoio em que aquella alavanca se moveu. Inglaterra assoprou, e nutriu o fogo sagrado; mas Portugal tinha já erigido o altar, em que esse fogo se accendeu, e cujas lavaredas subiram, e se propagaram a tal ponto, que o seu clarão foi allumiar o mundo inteiro!

Eu disse que mesmo por simples motivos de politica quereria fixar com a maior igualdade possivel a balança entre Portugal, e Inglaterra. Há sempre um principio de desunião em connexões desiguaes. É mais facil praticar a virtude da beneficencia, do que ter moderação depois de a ter praticado, ou do que o agradecimento, depois de ter recebido um beneficio. Eu não sei, na verdade o que é maior, e mais difficil na pratica da magnanimidade, se esquecer-se quem beneficia, se lembrar-se constantemente do beneficio quem o recebeu. — Quanto á Grã-Bretanha

devemos reflectir, que os sentimentos que nós mesmos procurámos excitar em Portugal, foram os de orgulho, e independencia nacional: se o conseguimos, porque nos maravilhámos, ou porque rasão sentimos, que esses sentimentos tenham sobrevivido? É bem natural o esperar, que tendo completado a derrota dos seus inimigos, o genio da nação se tornasse mais atrevido, e mais livre, até para com os seus amigos.

Nós não temos razão de sentir amargamente um tal procedimento; nem seria justo, nem decente o fazel-o. Nós deveriamos respeitar, até nos seus excessos, uma independencia que defendemos, que vingámos; e desculpar o máu humor de um espirito, que nós mesmos exaltamos. — De outra parte pelo que toca a Portugal, eu diria que não ha humilhação em mostrar sentimentos de gratidão nacional: — que um espirito grato é ao mesmo tempo devedor e desobrigado, se recobra o seu nivel por meio de um justo reconhecimento: — diria que não ha logar para ciumes commerciaes, ou politicos entre a Grã-Bretanha e Portugal: — diria que o mundo é bastantemente grande para o commercio portuguez, e britanico; e que a Grã-Bretanha, que nunca abandonou o seu Alliado em tempos desastrosos, nenhum outro premio quer por todos os seus esforços, e sacrificios, do que mutua confiança, e commum prosperidade.

Eu estou certo que serei bem entendido por todos aquelles em cuja presença estou fallando, não só pelo que toca ás minhas tenções, mas tambem pelo que respeita aos meus motivos.

A delicada, e difficil situação em que se acha o governo local deste reino; o peso da sua responsabilidade, e os cuidados que, segundo eu mesmo tenho presenciado, necessariamente o cercam, são titulos, pelos quaes merece uma particular consideração. Eu não receio que elle jámais contradiga a segurança que vos dou das suas amigaveis disposições para com esta assembléa: e é por isso que me atrevo a propor-vos, senhores, (bem certo de que a recebereis cordialmente, e que a vossa sincera urbanidade será devidamente avaliada, e retribuida). — *Á saude de suas excellencias, os governadores do reino.*

SERRA DA ESTRELLA.

(Concluido de pag. 268.)

Se Flora se não apraz n'aquellas plagas, a ornithologia tem pouco mais a observar n'aquella montanha. As aves, e os passarinhos que habitam nossos campos, e nossos bosques, fogem d'aquelles pobres e frios ermos: elles gostam dos logares cultivados, e rodeiam a habitação do homem, a quem retribuem alguns grãos, que lhe tiram para seu sustento, com seu canto, seus brincos, e com a belleza destes lindos animaes. Se o homem lhes não fizesse crua guerra, ainda mesmo áquelles que vivem de vermes e insectos, e que limpam as arvores e as plantas em beneficio da agricultura, elles se familiarisariam na sua habitação como acontece com as aves caseiras. Os melhores cantores são muitas vezes os que tambem são uteis porque se sustentam de vermes e insectos, como o rouxinol e o melro. O homem abusa mais e que nenhum outro animal da sua superioridade physica e moral, fazendo a guerra a quem o não ataca, antes lhe serve de recreio e utilidade. Veem-se muitas vezes as aves familiarmente no meio dos gados, que fogem á mais leve sombra do homem, e muito mais do homem armado de espingarda. Eu tenho observado que ellas não se espantam tanto do homem a cavallo como a pé, receiando mais a bella figura do homem, que a do centauro de que lhe não costuma provir tanto mal.

As alagôas e poços da Serra d'Estrella não tem peixe de qualidade alguma!, nem mesmo as trutas que tanto gostam das aguas enfragadas e frias; mas as correntes que d'alli derivam as tem excellentes, e ellas acabam quando os rios principiam a ser amenos e areiosos. Os peixes que vivem nestes rios são o barbo, a boga, o bordalo, a enguia, ou eiroz, que é delicioso peixe da agoa doce, e em algumas ribeiras uns peixitos de barbatanas vermelhas que chamam sanchas e que não tem mais que polegada e meia; afóra as trutas, o melhor peixe da agua dôce, que só as ha nas ribeiras fragosas e frias das montanhas. Dizem-me que nos profundos pegos do Zezere ha barbos de differente especie, e que costumam algumas vezes ter quinze ou vinte arrateis de peso.

Tambem na serra não apparecem moscas, nem moscardos que tanto incommodam nas povoações, e estradas da Beira. N'aquelles logares frios e humidos; raro é o vivente que se encontra nem mesmo vegetaes, ainda nos mezes de verão. Nos logares mais baixos, e aonde ha mattas, dizem que ha javalis: e os lobos, que sempre acompanham de longe os gados, para alli se mudam quando estes procuram as pastagens da serra. Do meio da serra para baixo dizem que ha muitas viboras, e nós alli encontrámos uma que se matou.

Muitos milhares de cabeças de gado lanigero, não só das povoações situadas na raiz da serra, mas de outras mais distantes, procuram alli nos mezes de verão as pastagens, que só então lá se desenvolvem, e que fallècem na terra chã (como alli se chama o que não é serra). O gado lanigero alli é commummente preto, porque é mais rijo, e se acommoda melhor com os pastos de montanha: é um pouco mais pequeno que o branco, e dá menos lã, mas é mais bem reputada, porque já leva comsigo a tinta para os brixes e saragoças, que por lá se fabricam excellentes, mesmo da costa da ovelha sem outro algum encascado. A carne deste gado é preferivel á vitella da maior parte do reino, as lãs mui apreciaveis, e os queijos os mais finos que se conhecem: por isso constituem os gados um ramo consideravel da riqueza destes povos, que se acham por esta rasão mais proximos do estado natural.

Ainda n'aquelle dia 18 de agosto tão calmoso como foi, encontrámos junto aos Cantaros uma boa porção de neve, a cuja vista muito folgou toda a comitiva, e levaram nas mãos por muito tempo postas e torrões della, depois de terem sorvido alguns bocados. O guia me disse, que no dia 24 do mez antecedente, que alli passou, estava n'aquelle mesmo sitio uma grande quantidade della, de muita altura, e extensão, que se tinha derretido; porque

o sitio era mui batido de sol. mas que aquella já não acabaria, porque de noite já cahia geada, como elle tinha observado de manhã no sobredito dia.

Quando atravessava as planicies que estão na copa da montanha, me parecia que alli se poderia habitar dois ou tres mezes de verão, a não ser a difficuldade de transportar os comestiveis e vitualhas necessarias.

Faltando-me na minha digressão um barómetro, instrumento mais proprio para calcular a elevação das montanhas, não posso avaliar a da Serra da Estrella, se não um pouco aproximadamente. Calculando a intensão pela extensão da subida, ou a linha do declive pela sua base e perpendicular, acho que dará um angulo da abertura de 40 gráos, parecendo-me que a sua elevação acima da terra chã, será quasi de quatro milhas, ou pouco mais de uma legua: mas como a terra chã ainda é bastante superior ao nivel do mar: parece-me que a sua elevação acima do nivel do mar será de legua e meia, pouco mais ou menos: accrescendo para corroborar esta opinião, que julgo haver lido em algumas relações geologicas, que o gêllo principia a ser perenne desta elevação para cima, e aqui se póde dizer que elle não acabe, segundo tenho ouvido dizer a muitas pessoas, que lá tem ido em differentes verões, e eu observei em 18 de agosto deste anno. No dia 18 o thermometro na copa da montanha nas horas de maior calor, desde o meio dia até ás tres da tarde, exposto ao sol, não subiu senão a 82 Fareinh. quando em Coimbra na cidade baixa onde se fizeram as mesmas observações no dia 19 (que não seria superior em calor ao antecedente), elle subiu, exposto ao sol, a 124 da mesma escala, até que estalou o tubo do mercurio. Preferi as observações feitas em Coimbra ás feitas na Figueira, ou em outra qualquer praia do mar, porque alli ha sempre alguma briza do mar, que altera a verdadeira temperatura, quando a cidade baixa de Coimbra muito pouco mais elevada está ao nivel do mar; porque não subindo as marés vivas na barra da Figueira mais de que 12 a 14 palmos, e nas ordinarias de 10 a 12 como eu observei nas pedras do cáes, a maré corre até Monte-Mór-o-Velho tres leguas de distancia, e pouco menos de metade do caminho a Coimbra; e d'aquella villa a esta cidade não tem a corrente do rio igual velocidade á da maré quando vasa, apesar de ser o encanamento tirado em grandes lanços de linha recta, que devia augmentar-lha; pelo que se poderá affirmar que a Figueira não está inferior a Coimbra talvez 30 palmos; e mesmo assim o parece a quem olha o campo da Serra de Dianteiro.

Tal era a temperatura no cimo da Serra d'Estrella; o ar da neve refrescava de maneira os raios do sol, que n'aquelle logar, apesar da agitação, e fadiga de andarmos muitas vezes a pé, elle se não fazia muito sensivel, e nós jantámos nas horas de maior calor, inteiramente descobertos a elle, sem nos ser incommodo: entretanto desta mistura de calor e frio, resultou tornar-se-me a pelle da cara e mãos conhecidamente mais aspera e trigueira, e eu soffri nesse dia a maior séde, e secura de bôca, de que jámais me recordo, que me obrigou a beber mais de vinte vezes agua, apesar da recommendação que se me havia feito, me abstivesse o mais, que fosse possivel d'aquellas frigidissimas aguas. O certo é que um dia d'aquelles, passados na serra, estraga mais que a jornada de Lisboa ao meu paiz, em distancia de 40 leguas, que eu tinha feito poucos dias antes.

Como a agua destas alagôas se renova quasi todo o anno, com as néves e chuvas que recebem, e que despejam umas para as outras, ou para os rios a que dão origem, como acima fica dito, ella é em todas potavel e mui saborosa, o que não aconteceria, como eu suppunha, em alguma dellas, que pela profundidade e altura de seus bordos, rodeada de montanhas, recebesse as torrentes dessas eminencias, e não tivesse outra diminuição senão pela evaporação; porque n'esse caso o seu sabor seria mais ou menos amargo, como acontece aos mares, e grandes lagos, que dão entrada a rios e a torrentes, e nenhuma outra sahida tem senão pela evaporação; porque nestes são salgadas as aguas, pela rasão de que os taes mineraes, e vegetaes se não evaporam, e só a agua que em vapóres se eleva, se condensa em nuvens, e se torna em chuva, podendo dizer-se que a agua das chuvas é como agua distillada, ficando sempre as partes salinas, as oleosas que tambem se não evaporam, as terreas, ou metalicas, que os rios de envolta arrastam em suas torrentes, precipitadas ou accumuladas em seu fundo; porque ainda as materias soluveis, quando o liquido em que se encorporam chega á perfeita saturação, se precipitam e se tornam insoluveis. Tudo na natureza se reproduz, se decompõe, ou toma novas fórmas. Os animaes se tornam incessantemente em vegetaes, os vegetaes em animaes, e em sua decomposição ou passagem a outros corpos, a natureza sepára por algum tempo os principios constituintes. A agua que a terra absorve, e que fertiliza os campos, acabada esta operação para que é destinada, de desenvolver e nutrir um sem numero de animaes e vegetaes, torna-se em vapóres, para voltar alli, ou em outros logares ás mesmas periodicas funcções; e parece-me que se poderá dizer, que nem uma pequena gota de agua ha de mais agora, ou de menos, do que houve na formação do universo. E eis-aqui porque o mar se mantem sempre em um admiravel equilibrio, sem augmentar ou diminuir o volume das suas aguas: e se alguma vez, de seculos a seculos, por effeito de algum vulcão, ou revolução subterranea, elle se viu obrigado a invadir alguma pequena porção de terreno, por outra parte elle a restitue, descobrindo-a, e deixando-a enxuta. Entretanto apesar desta pasmosa e encantadora harmonia que por tudo se observa, as fórmas, e as apparencias lá inculcam alguma variação. A superficie do globo parece que tende para aplanar-se, porque os campos que se formam nas embocaduras dos rios, em suas margens, e nos logares baixos, se fazem á custa das montanhas, e dos logares elevados, pela acção das chuvas, das neves, e das torrentes. Assim tambem o mar deve ter augmentado em materias salinas, oleosas, e metalicas, que se não evaporam, e que de continuo são levadas para aquelle deposito pelos rios, e pelas torrentes, arrastando os depositos das terras elevadas, e dos vegetaes. Ora logo que a agua do mar estivesse completamente saturada, com as partes de cada uma que conhecessem em sua composição, ellas se precipitariam, e accumulariam; e quem sabe que fórma tomariam, ou que produzi-

riam em sua aggregação? Quem sabe se essas ilhas de coral, que se diz tem surgido do fundo do mar, são por uma occulta combinação formadas desses residuos? Muitas vezes me tem occorrido este pensamento; mas elle não passa de uma idéa isolada, propriamente minha, que eu de bom grado sujeito á censura dos homens da profissão.

A montanha da Serra d'Estrella me não é conhecida da parte do sul: póde ser que para outro verão eu possa visital-a por aquelle lado, e as terras da Beira-Baixa que ainda não vi. Entretanto seria bom, que esta, e outras notabilidades do nosso reino fossem exploradas por homens de outros conhecimentos das sciencias naturaes, que eu não possuo.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Visita de SS. MM. á fabrica dos Srs. Daupias e C.ª — No dia 8 do corrente SS. MM. a Rainha e El-Rei honraram com uma prolongada visita a fabrica de tecidos de lã, algodão e seda, estabelecida ao Calvario, pertencente á firma Daupias e C.ª

Foi este dia para a fabrica um dia de verdadeira gala.

Em uma das sallas se havia disposto uma vistosa e variada exposição de todos os productos da fabrica, e o transito que SS. MM. deviam seguir estava todo atapetado com bellos tapetes ahi fabricados.

Foram SS. MM. recebidas com o maior prazer pelo sr. barão de Alcochete, e depois de haverem minuciosamente examinado toda a fabrica, honraram com a sua real presença a elegante vivenda do Sr. barão e de seu filho, situada no centro da fabrica.

S. M. El-Rei, que tantas provas dá do interesse que lhe merece a prosperidade da agricultura e da industria, colheu com o maior acerto e cuidado todas as informações que o podessem habilitar para fazer idéa dos trabalhos da fabrica e das difficuldades que tão vantajosamente tem vencido. Muitos destes esclarecimentos S. M. os obteve dos contramestres, a quem dirigiu varias perguntas.

Registamos com prazer esta honra feita a uma das nossas fabricas, que na exposição de Londres, soube ganhar um dos premios do seu grande jury, que vieram illustrar a industria fabril portugueza.

Consta-nos que no dia seguinte o sr. barão teve a honra de ser recebido por SS. MM. no Paço para lhe agradecer a prova de Regia Consideração que merecera o seu zelo incansavel para aperfeiçoar um dos importantes ramos da nossa industria fabril.

Estatistica de benificencia em França. — No lapso de tempo decorrido desde 1800 até 1845, a quantidade total de legados feitos officialmente aos pobres, monta a 122 milhões de francos, sem comprehender certas dadivas em generos auctorisadas pelos prefeitos.

O valor dos bens productivos dos hospitaes e hospicios ascende a 500 milhões de francos; possuem além disso um grande numero de censos nos montes de piedade, subvenções ministradas pelos povos, o direito sobre os espectaculos, o producto do trabalho nos hospicios etc.

A somma total das rendas annuaes destes estabelecimentos em França é de 50:116:660 fr.: as rendas das administrações hospitalarias mais consideraveis são as de Paris que sobem a 12:960:823 fr., as de Lyão de 2:279:990 fr., as de Ruão de 1:135:966 fr., as de Marselha de 1:069:257 francos etc.

A quantia em que importa o custo do sustento dos indigentes é de 22:191:441 francos. O numero de camas nos hospitaes e hospicios eleva-se a 126:142; só o departamento do Sena conta 15:358. O numero dos enfermos tratados nos hospitaes em 1847 (anno médio) foi de 486:083; os hospicios recolheram no mesmo anno 77:653; o dos alienados recebidos em differentes estabelecimentos 12:087; o que tudo prefaz 575:223 individuos soccorridos.

Tolerancia da Porta Ottomana. — O seguinte documento, publicado em alguns jornaes estrangeiros de dezembro ultimo, é curiosa amostra da singular redacção dos decretos emanados dos conselhos do imperador da Turquia.

« Firman de S. M. I. o sultão Abdul-Medjid, dado a favor dos subditos protestantes.

« Ao meu visir Mohammed Baxá, ministro de policia na minha capital, honrado ministro e glorioso conselheiro, modelo do mundo e director dos negocios estrangeiros, que guiando os interesses publicos com sublime prudencia, firmando sabiamente o edificio do imperio e consolidando as columnas de sua prosperidade, é o objecto de todas as graças do Altissimo; augmente Deus a sua gloria:

« Quando receberes esta ordem sublime e augusta farás constar:

« Como os subditos christãos que abraçaram até agora a fé protestante estão soffrendo vexações e quebras de justiça, por não gosarem de uma jurisdicção especial, e já não poderem participar da dos patriarchas e primazes [1] da antiga crença que abandonaram:

« E como em virtude da nova crença formam uma communhão separada, é nossa vontade imperial que se adoptem os meios necessarios para facilitar a administração de seus negocios, de modo que possam viver tranquillos em paz e segurança.

« Permittirás, pois, que se aggregue á repartição de policia uma pessoa respeitavel e digna de confiança, eleita por elles e d'entre elles, cuja nomeação seja por ti confirmada.

Este agente terá a seu cargo na secretaria da policia um registo, que comprehenda todos os individuos da sobredita communhão. Os passaportes, as licenças para se casarem, e os contractos especiaes dos mesmos, que tem de ser remettidos á Sublime

[1] Vê-se por isto que se refere aos schismaticos gregos e talvez armenios, subditos do imperio.

Porta, ou a qualquer outra auctoridade, virão auctorisados com o sello deste agente.

« Para que tenha o cumprimento devido a minha vontade se expediram pela minha chancellaria imperial o presente mandato e ordens augustas e especiaes. Em consequencia delles, tu, sobredito ministro, obrarás conforme as explicações dadas, executando á letra a ordenação precedente, excepto no relativo ao imposto pessoal e passaportes, que se rege por especiaes regulamentos, cujos artigos respeitarás.

« Tão pouco deverás consentir que se exija coisa alguma debaixo do pretexto de emolumentos e despezas pelas licenças de casamentos, e por inscrever no registo os individuos que se apresentarem para esse effeito.

« Vigiarás que todos gozem em todo o genero de negocio os mesmos direitos que os outros individuos de outras religiões, e com especialidade no que respeitar aos cemiterios e aos sitios em que se congregam. Não tolerarás de modo algum que outra qualquer communhão se intrometta em seus ritos nem em o concernente á religião delles, e em uma palavra no que se referir a seus negocios seculares ou religiosos, antes cumpre que possam observar com segurança os usos de suas crenças.

« Previno-te que não consintas que sejam molestados neste particular ou n'outro qualquer, e que se preste a maior attenção e perseverança em manter-lhes sua tranquillidade e segurança, sendo-lhes permittido em caso necessario dirigir petições á Sublime Porta por via do seu agente especial.

« Logo que tenhas conhecimento da minha presente vontade imperial publicarás este edicto augusto, fazendo que chegue ás mãos dos sobreditos subditos; e velarás por que se observe fielmente o seu conthendo.

« No entanto, assim o fica entendendo, e venera o meu sagrado sêllo. »

Cartas de Roma nos jornaes politicos referem que se entabolaram relações entre a Santa Sé e a Porta Ottomana, relativas á situação dos christãos da Bosnia e da Thergowina; e accrescentam que o sultão dirigira ao santo padre uma carta affectuosa, promettendo proteger todos os que residem nos dominios da sua corôa imperial, e desmentindo os falsos rumores que circulavam quanto a suppostos vexames.

Material de guerra em França. — Segundo os mais recentes mappas officiaes, todo o material do exercito que possue esta nação importa na enorme quantia de 429.000:000 de francos, dividindo-se em dez classes principaes, que podem resumir-se nestas sete:

Viveres	22.000:000
Hospitaes militares	17.000:000
Fardamento e acampamento	45.000:000
Serviço de cavallaria	52.000:000
Forragens	15.000:000
Artilheria	268.000:000
Material de engenharia	10.000:000
	429.000:000

Ha 4:967 peças de bronze dos diversos calibres e 3:411 de ferro, 3:800 peças de campanha e 2:975 morteiros, 4:382 obuzes de sitio e de campanha; 229 pedreiros e 17:673 carretas de sitio, de praça e campanha.

Os depositos dos arsenaes militares contem, balas 6 091:234, 935:360 bombas; 1 600:000 balas para obuz; 212:215 granadas, 16.000:000 kilogrammos de bala miuda, 25.000:000 kilogrammos de polvora, 99.000:000 de differentes cartuxos, 28.000:000 contida em projecteis oucos: sem fallarmos em muita polvora em fabrico e materiaes necessarios para isso.

Possue finalmente o estado 2.903:801 espingardas de pederneira e de pistão, de que se servem o exercito e a guarda nacional, 151:023 carabinas e 184:336 pistolas.

Incendio — Os jornaes que os inglezes publicam na China mencionam uma horrorosa conflagração occorrida em Cantão, que reduziu a cinzas mais de quinhentas casas, computando-se os valores perdidos em milhão e meio de cruzados.

Mudança sem dar parte no bairro. — Os dois notaveis escriptores francezes, Victor Hugo e Alexandre Dumas, trasladaram repentinamente a sua residencia de Paris a Bruxellas; e nesta ultima cidade annunciaram a publicação de novas e importantes obras, que todavia ainda não conhecemos todas pelos titulos. O primeiro vae publicar as suas memorias.

Morrer alegre. — Em Soecrebaya, no archipelago asiatico, falleceu no meado do anno ultimo um china, que possuia mui avultada riqueza, e era dotado de um genio e character extravagantes. Poucas horas antes de morrer, mandou reunir uma orchestra de musicos europeus, e lhes ordenou que tocassem as peças de musica mais alegres de seus repertorios. Dispoz que o seu corpo fosse encerrado n'um caixão de madeira preciosa, atulhada de chá o mais excellente. Deixou em fazendas e dinheiro quatro a cinco milhões de cruzados.

Nota de algumas pessoas notaveis que morreram no anno de 1851. — O duque Fernando Jorge Augusto, tio do duque reinante de Saxonia Coburgo-Gotha. — O rei do Hanover, Ernesto Augusto, duque de Cumberland, tio da rainha Victoria, de Inglaterra. — A duqueza de Angoulême, filha do infeliz Luiz XVI de França. — A duqueza de Kent, mãe da rainha Victoria. — O principe de Salerno, tio do rei das Duas Sicilias. — A celebre Pomaré, rainha de Otaiti. — O baohá de Tanger e Larache. — Os tres marechaes de França, Soult, Sebastiani, e Dodde de la Brunerie. — O visconde da Torre de Moncorvo, ministro de Portugal em Londres. — M. Daguerre, inventor da photographia. — Fenimore Cooper, romancista americano. — João Christiano Oersted, naturalista sueco, celebre pelo descobrimento do magnetismo electrico. — O almirante inglez, sir Eduardo Codrington, que commandou a batalha naval de Navarino. — Chosreu baxá, que dirigiu por mais de 35 annos os negocios do imperio ottomano.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 24. QUINTA FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

A simplicidade, que é o caracter dominante da agricultura ingleza, estende-se até á preparação dos adubos das terras, e dos methodos de os empregar. Como fica pelos pastos na maior parte do anno o gado, especialmente o miudo, deposita seus excrementos no mesmo terreno que estes devem fertilisar. O cultivador inglez attribue a este modo de estrumar effeitos especiaes, differentes dos que produz o esterco de corral. Mas suppoem, como condição, que é na plenitude de sua fertilidade que o terreno se cobre de herva; porque applicam á herva de prado este grande principio: — que o estrume obra tanto mais energicamente quanto mais fertil é o terreno.

Admittindo que o estrume, sobretudo do gado vaccum, perde uma parte da sua efficacia pela desecação, affirmam que o esterco, deposto immediatamente sobre o prado, aproveita muito mais ás colheitas futuras: e apoiam a sua opinião nas seguintes considerações.

O esterco de corral, quando se conserva por muito tempo nos pateos, e em grande massa, aquece, entra em fermentação, e perde mais do que os excrementos cahidos pelos pastos.

As exhalações animaes e o calor que se communica ao terreno, quando as rezes se deitam, tem uma influencia favoravel na vegetação; é as ourinas do gado, que são tão uteis pelo ammoniaco que contém, são logo absorvidas pela terra antes que sejam privadas de porção alguma de suas substancias azotadas.

Obtem-se assim, da maneira mais natural, mais simples, mais economica, o que se procura quando, por exemplo, se espalha boas terra nos corraes para se embeber nas ourinas, e servir depois de envolta com os terrenos.

A herva, consummida pelo gado nos pastos em que foi creada, é muito mais nutritiva e mais saudavel, e produz melhor esterco do que as hervas mais ou menos murchas, que se lhes dá a comer nas arribanas e corraes.

Os prados artificiaes, sendo pastados, cobrem-se de uma vegetação muito mais vigorosa na epocha em que se arroteam para semear os cereaes de inverno; melhoram, portanto, o terreno muito mais do que os prados ceifados.

Para prevenir ou diminuir as perdas causadas pela desecação do estrume deposto nos pastos pelo gado grosso, usa-se de qualquer dos seguintes expedientes; ou se espalham os excrementos com um encinho, ou se amontoam para se misturarem com terra e fazer uma composição que é enterrada no alqueive ou primeira lavoira.

Os cultivadores inglezes citam mais em appoio da sua opinião o effeito fertilisador mui conhecido do estacionamento temporario das ovelhas, tanto nos prados artificiaes como em os naturaes, principalmente nestes ultimos. Em quanto são pastados permanecem em pleno vigor, e cortando-os excepcionalmente, obtem-se uma colheita, pelo menos tão abundante, como a que procede dos prados estrumados com esterco de corraes. Mas quando se continua a ceifal-os, assentam os mesmos cultivadores que é necessario restituir-lhes a totalidade do estrume creado pelo seu producto em feno, para os manter no mesmo grão de fertilidade que pelo methodo do pascigo.

Accresce que é mui util a muitas qualidades de terrenos serem convertidos em pastos; que a producção dos estrumes sobre o local diminue consideravelmente a precisão de palha para cama do gado, e permitte economisar o transporte desta para as arribanas, e o do estrume para os campos, o que simplifica grandemente o trabalho rural.

Os citados cultivadores não consideram o excedente do estrume produzido pela estabulação permanente (excedente que assim mesmo não admittem como constante) como uma compensação sufficiente para o acrescimo de despeza que ella exige, do mesmo modo que o sacrificio, que della deriva, das vantagens que tira de um bom systema de pastoreio a creação dos gados.

Quanto ao estrume das arribanas e dos pateos, produzido sobretudo no inverno, eis-aqui como é tratado:

O pateo destinado ao gado é cercado de corraes, de estrebarias, ou simplesmente de telheiros; concavo para o centro, todo elle serve de estrumeira, excepto as carreiras lateraes.

Quando o estrume de uma estação foi levado para os campos, espalha-se no pateo terra, e lama extrahida das ruas e estradas, restos de vegetaes improprios para outro uso, turfa, aonde a ha, em summa tudo o que se póde transformar em estrume, e ajunta-se-lhe a porção de palha ou moinha de que se póde dispôr.

O gado, de inverno, é conservado nos corraes, ou nos telheiros, e mesmo em o pateo: ahi passêa e deita-se sobre o estrume, d'onde resulta economisar-se palha ou feno para cama: o esterco dos corraes é igualmente espalhado sobre aquella accumulação de residuos; e assim é tudo patinhado e amalgamado pela criação; ahi é curtido e se transforma promptamente n'um composto crasso e sufficientemente humido.

Comtudo, o cultivador não tem sempre a quantidade de estrumes de que carece no momento em que ha de empregal-os; por outra parte a cova da estrumeira enche-se ás vezes antes dessa epocha; e não lhe convém transportar o esterco para os campos senão em a primavera ou no outono para as suas plantações: deve, pois, tratar de conserval-o com a menor perda possivel.

Por esta occasião, cumpre observar que, não deixando de fazer justiça aos trabalhos dos sabios e dos agronomos que estudam esta grande questão e se occupam de determinar o estado em que o estrume deve ser applicado da maneira mais proveitosa ao terreno, o cultivador pensa com rasão que as regras que se estabelecem a este respeito não se podem executar sempre na pratica; que isso depende muito das circumstancias, e apezar de todos os principios é mister empregar o estrume no estado em que se acha quando ha precisão delle. Além de que, preferem, em geral, ao estrume recente o que está meio decomposto por uma lenta fermentação, sem muito desenvolvimento de calor, e tem chegado a um gráu de desaggregaçao e humidade em que se possa ainda vêr a fevera da palha. É com effeito o estado mais favoravel para as hervas e os nabos turnepos, culturas a que se dão muito os cultores inglezes.

Portanto, quando o logar destinado aos estrumes está cheio, fazem-se montes no mesmo pateo; e se tem de esperar alli muito tempo, mistura-se-lhe terra, e meche-se de tempo a tempo, ou carrea-se com antecipação para os campos em que ha de servir. Nestes casos, preserva-se da secca e retarda-se a decomposição misturando alternativamente camadas de terra e de estrume e cobrindo-o de terra; e da-se-lhe varias vezes volta de baixo para cima. A terra é tomada do mesmo campo onde o depositam, ou se léva terriço ou humus vegetal; ás vezes combina-se com uma preparação de marne; porém, tudo isto depende das circumstancias especíaes da granja. Mais raro ainda se lhe ajunta cal viva: neste caso, alternam-se as camadas de estrume com as camadas de terra, e a cal é posta nestas últimas de modo que não toque em o estrume; quando a escandecencia produzida por esta mistura tem cessado, da-se volta ao monte.

A proporção entre as quantidades de terra e de estrume que se devem misturar depende da porção que ha. Nunca se encontram misturas de terra e de cal sós e sem estrume, e sómente se fazem onde se póde dispor de uma grande quantidade de terra abundante em detritos vegetaes e animaes.

É por estes methodos simplices que os cultivadores inglezes preparam os estrumes, e sobretudo essas composições, ou digamos assim caldeações, de que tanto se tem fallado, e a respeito das quaes assentaram os escriptores dar tamanha copia de regras e de receitas aos lavradores alemães.

Ha, porém, outros methodos excepcionaes de que cumpre dar informação. Ninguem nos outros paizes faz ideia justa do incremento que tem tido em Inglaterra, ha vinte e cinco an-

nos, o methodo de adubar as terras com ossos pulverisados. Thaer, e outros auctores do seu tempo, não podiam fallar, senão de passagem, deste adubo, que só representava então como ensaio ou tentativa, na totalidade dos numerosos elementos de producção empregados pela agricultura ingleza.

(Continúa.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Concluido de pag. 268.)

1211 UMA CAIXA COM CIGARROS DE PAPEL, pezo 1 arratel e meio.

Estes 40 productos de n.° 1172 a 1211, são expostos pelo Real Contracto do Tabaco, associação que tem exclusivo do fabrico por privilegio real. A fabrica em Xabregas, Lisboa, tem por motor 2 machinas de vapor da força de 25 cavallos cada uma. Esta mesma associação fabrica exclusivamente o sabão.

Vide n.° 1158 a 1164.

1212 VELLAS DE CERA LISA. — Expositor e fabricante, Manuel Lucas de Carvalho.

Lisboa.

Vide n.° 624.

1213 VELLA DE CERA PINTADA.

1214 OBRAS DE CERA.

1215 OBRAS DE CERA.

1216 OBRAS DE CERA.

1217 OBRAS DE CERA.

1218 OBRAS DE CERA.

1219 OBRAS DE CERA.

1220 OBRAS DE CERA.

1221 OBRAS DE CERA.

Estes 9 productos de n.° 1213 a 1221, são expostos por Manuel Lucas de Carvalho.

Lisboa.

Fabrica, vide n.° 624 a 1212.

1222 FUSO DE UMA CONSTRUCÇÃO ESPECIAL. — Expositor, um particular.

Braga, Minho.

1223 UM CESTO FEITO DE MARMORE (QUEBRADO.) — Expositor, Carlos Bonnet.

Em quanto á qualidade e quantidade dos marmores em que abunda o paiz, já fica dito no seu logar competente. Serve para mostrar a perfeição a que se póde levar o trabalho em marmore.

1224 JARDINEIRA DOURADA COM PEDRA DE MARMORE DO PAIZ. — Expositor e fabricante, Ignacio Caetano.

Lisboa.

Estabelecimento de obras de marcenaria e entalhador.

Fica.

1225 ARMAS NACIONAES EM MADEIRA DE PINHO (fica)— Expositor, Arsenal Real de Marinha.

Lisboa.

Esta peça de esculptura, foi feita nas officinas do Arsenal, foi para sentir que se tivessem pintado, porque assim se mostraria melhor a perfeição da esculptura

1226 UM CAPITEL. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Lisboa.

Esta peça foi tambem esculptada nas officinas do Arsenal.

1227 UM CAPITEL. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Lisboa.

Vide 1226.

1228 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO. — Expositor e fabricante, Ignacio Caetano.

Vide n.° 1224.

1229 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

1230 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

1231 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

Estes 3 productos de n.° 1229 a 1231, são expostos pelo fabricante Ignacio Caetano.

Vide n.° 1224 a 1228.

1232 AS IMAGENS DE JESUS CHRISTO E DE S. FRANCISCO EM MADEIRA. — Expositor, J. M. Vieira: voltaram.

Braga, Minho.

Esta obra foi feita pelo proprio expositor, sem que tivesse tido a devida instrucção technica.

1233 UMA AMOSTRA DE QUADRO, com os desenhos da Villa da Praia, na Ilha Terceira, representando o ataque que teve logar no dia 11 de Agosto de 1829, entre as tropas da Rainha D. Maria II, e as de D. Miguel. — Expositor, um particular.

Porto.

1234 FIGURA DE PROMETHEO, EM MARFIM, voltou. — Expositor, J. M. Vieira.

Braga, Minho.

Vide n.° 1232.

1235 A IMAGEM DE JESUS CHRISTO, EM MARFIM, voltou. Expositor, J. M. Vieira.

Braga, Minho.

Vide n.° 1232.

1236 UMA CADEA DE MARFIM, voltou. —

Guimarães, Minho.

Obra de um curioso.

1237 UMA SECRETARIA FEITA D'ÉBANO, COM ENTALHE DE MARFIM.

Este movel pertence a S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, e foi obra do artista João Paulo Nunes.

Lisboa.

1238 LITHOGRAPHIA, representando a cathedral de Guimarães. — Expositor e desenhador, J. P. Monteiro.

Lisboa.

1239 LITHOGRAPHIA, representando a feira do Campo Grande proximo a Lisboa.

1240 LITHOGRAPHIA, representando a Praça do Commercio.

1241 LITHOGRAPHIA, representando o Convento da Serra do Pilar ao sul do Doiro, junto á cidade do Porto.

1242 LITHOGRAPHIA, representando o real palacio d'Ajuda, ainda por concluir.

1243 LITHOGRAPHIA, representando a fachada da egreja de N. S. da Conceição Velha, á Ribeira Velha, Lisboa.

1244 LITHOGRAPHIA, representando parte da villa de Cintra.

1245 LITHOGRAPHIA, representando a entrada da celebre egreja do Convento da Batalha.

1246 LITHOGRAPHIA, representando o Convento da Pena em Cintra, hoje palacio d'El-rei o Sr. D. Fernando.

1247 LITHOGRAPHIA, representando o acqueducto das aguas-livres, junto a Lisboa.

1248 LITHOGRAPHIA, representando o castello da villa de Guimarães, na provincia do Minho.

1249 LITHOGRAPHIA, representando a ponte e logar de Sacavem, proximo a Lisboa.

1250 LITHOGRAPHIA, representando o palacio real de Cintra.

Estas 12 estampas de n.º 1239 a 1250, são expostas pelo artista J. P. Monteiro, que as desenhou.

Vide n.º 1238.

1251 LITHOGRAPHIA, representando a janella da sala do capitulo do Convento de Christo, em Thomar. — Expositor, o Conde de Thomar.

Esta vista foi tirada e lithographada, pelo artista José Pedro Monteiro, por ordem do expositor.

1252 PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA. — Expositor e desenhador. José Pedro Monteiro.

Vide n.º 1238.

1253 DESENHO FEITO Á PENA, E A TINTA DA CHINA. — Expositor e desenhador, Manuel Nunes Godinho.

Lisboa.

1254 DESENHO FEITO Á PENA, representando S. M. a Rainha, a Sr.ª D. Maria II. — Expositor e desenhador, Manuel Nunes Godinho.

1255 RENDA DE LINHO.
1256 RENDA DE LINHO.
1257 RENDA DE LINHO.
1258 RENDA DE LINHO.
1259 RENDA DE LINHO.
1260 RENDA DE LINHO.
1261 RENDA DE LINHO.
1262 RENDA DE LINHO.
1263 RENDA DE LINHO.
1264 RENDA DE LINHO.

Estas 10 amostras de rendas são do districto de Vianna, Provincia do Minho, de n.º 1255 a 1264.

1265 RENDA DE LINHO.
1266 RENDA DE LINHO.
1267 RENDA DE LINHO.
1268 RENDA DE LINHO.
1269 RENDA DE LINHO.
1270 RENDA DE LINHO.
1271 RENDA DE LINHO.
1272 RENDA DE LINHO.
1273 RENDA DE LINHO.
1274 RENDA DE LINHO.
1275 RENDA DE LINHO.
1276 RENDA DE LINHO.

Estas 12 amostras de renda de n.º 1265 a 1276, são expostas pelo fabricante Francisco Adolfo Madeira.

Peniche.

1277 RENDA DE LINHO. — Expositora e fabricante, Maria do Rosario.

Setubal.

1278 RENDA PRETA. — Expositora e fabricante, Maria Catharina.

Setubal.

1279 RENDA PRETA. — Expositora e fabricante, Anna Maria.

Setubal.

1280 RENDA DE LINHO. — Expositor e fabricante, Francisco Xavier Pinto.

Setubal.

1281 RENDA DE LINHO.
1282 RENDA DE LINHO.
1283 RENDA DE LINHO.
1284 RENDA DE LINHO.
1285 RENDA DE LINHO.
1286 RENDA DE LINHO.
1287 RENDA DE LINHO.
1288 RENDA DE LINHO.
1289 RENDA DE LINHO.
1290 RENDA DE LINHO.
1291 RENDA DE LINHO.
1292 RENDA DE LINHO.
1293 RENDA DE LINHO.

Estas 13 amostras de rendas de n.º 1281 a 1293, são do concelho de Peniche.

1294 RODA DE LEME. — Expositores, os fabricantes do Bicalho.

Porto.

1295 UMA LARANGEIRA ARTIFICIAL. — Expositor D. Vicente Russel.

Lisboa.

1296 AMOSTRAS DE MINERAES DA MINA DE CHUMBO DO BRAÇAL.

Districto d'Aveiro.

N. B. A maior parte dos objectos de que se não mencionam os nomes dos expositores, é por que foram remettidos pelos diversos governadores civis.

Lisboa, salla das sessões da commissão creada para promover a Exposição dos productos da Industria Portugueza na grande Exposição de Londres: em 7 de maio de 1851.

(Assignados). — *Barão da Luz, Conde do Farrobo, Conde do Sobral, Visconde da Carreira, Francisco Tavares d'Almeida Proença, Joaquim José da Costa de Macedo, José Ferreira Pinto Bastos, Carlos Bennet, Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, Sebastião José Ribeiro de Sá*, secretario.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVII.

NEM EU, NEM TU.

(Concluido de pag. 271.)

Em quanto o pierio vate sepultava os mortos ideaes, sacrificados não pela espada, mas com a lingua, o andador das almas principiou a resta-

bolear-se do susto, e a curar-se do primeiro sobresalto da imaginação. Mais familiarisado com a caso, e bem certo de que todos os inimigos se reduziam ao paroleiro vate, tomou o pulso á sua coragem, e atreveu-se a estudar de mais perto o coração do Rodamonte do Parnaso. No meio dos rompantes que lhe saiam pela bocca fóra ás girandolas, como foguetes, o devoto começou a suspeitar que tudo aquillo eram detonações sem balla, trovão sem raios. O poeta laureado podia esconder uma boa dose de bravura negativa, e a sua physionomia insignificante era o menos bellicosa possivel.

Thomé das Chagas, em quanto elle desatava em cascatas de sediças e corcovadas imagens a torrente da sua cholera, poz-se a reflectir de vagar sobre o caso, e achou que este Ajax ridiculo, esbravejando com o florete, e talhando os ares, promettia mais uma scena de entremez do que um combate serio, a quem lhe apontasse ao peito tres a quatro palmos de ferro. Mais alliviado da sua perturbação, o servo de Christo lembrou-se de que lêra uma fabula, em que o burro, orneando dentro da pelle do leão, encheu as selvas de terror; mas denunciado pelas orelhas, ficou burro, e fugiu do mais despresivel contendor. Por isso resolveu-se a tentar fortuna, e, animado pela ferocidade theorica desta panthera de meias de seda, decidiu escapar ao *Miles gloriosus de Lisboa*, com o estratagema das comedias velhas, remedio efficaz para os valentes ficarem a pedir confissão. Feito este calculo, o illustre sacristão menor contrafez-se, sacudiu o longo e esguio corpo, escorvou as goelas para tornar a voz clara, e compondo os oculos em som de guerra, preludiou a entrada em scena por um formidavel giro de florete, que fez recuar o poeta sobresaltado mais de quatro passos. Ao mesmo tempo o milagreiro exclamava:

— «Sr. Bernardo Pires, Deus é justo! Contava assassinar o sacristão de hyssope e caldeirinha, pois saiba que antes de entrar no serviço da egreja estive ao serviço de el-rei. Quiz experimental-o; soffri com paciencia... mas é preciso dar-lhe uma lição. Conselho por conselho! Tome as suas precauções. Olhe que os dois ultimos castelhanos que matei, foi abrindo-lhe a cabeça até aos dentes. — Depois ajoelhando e pondo as mãos com os copos da espada entre ellas, proseguiu com devoção: — Senhor Jesus da minha alma, bem o sabeis, é em defesa propria! Tende misericordia com este homem, que vae apparecer na vossa divina presença, tão mal preparado para as terriveis contas que tem de dar diante da vossa justiça! — Acabada a deprecação, Thomé levantou-se, imitou a posição marcial, que vira em Lisboa e Evora a alguns officiaes, e gritou: — Vamos, sr. poeta! em guarda, já!»

Dizendo isto, o devoto parecia de bronze por fóra, mas estava uma abóbora por dentro. Este momento era terrivel. Se o vate acceitava o cartel e cruzava a espada, Thomé tencionava metter os hombros á porta do cimiterio e escaparse. Hesitando elle, ou evadindo-se, ficava desmascarado, e pagava capital e juros do medo que lhe fizera curtir. O raciocinio, portanto, não peccava nem na fórma, nem na materia.

O poeta é que já não sabia aonde estava. Homem de pacificas inclinações, tinha ideado este lance como ideava as suas trovas, que os tolos chamavam pêcas. O sangue mettia-lhe horror, sobre tudo o seu; uma espada nua fazia-lhe agastamento de coração. A arte de esgrima, que alardeara, era uma impostura famosa, como era outra desaforada mentira os dois golpes mortaes de Thomé nos hispanhoes, dos calcanhares dos quaes teria fugido até Aldea-Gallega... Em todo o caso, o poeta via de repente um Roldão diante de si, e faltava-lhe o animo para ser Oliveiros. A gente nasce, não se faz.

O plano caía, portanto, pela base. Os calculos eram admiraveis, mas peccavam n'uma bagatella; tinha esquecido ao vate prever a hypothese do andador das almas levantar a luva, e acceitar o cartel. Esta falta desconcertou pela base os bem elaborados projectos do nosso amigo. A sua idéa era simples, como todas as grandes idéas; reduzia-se a intimidar o devoto, cosgindo-o a desdizer-se, e a pedir a vida; mas para isso tornava-se absolutamente necessario que o sr. Thomé tivesse medo, e o milagreiro, entalado, deixou os logares communs, e optou pela valentia. Diante da solução inaudita do problema, uma transpiração duvidosa, que elle chamava excesso de marcial ardor, borbulhou na magnanima fronte do filho de Apollo. Em logar de se pôr ao resto, respondendo á espada com a espada, ainda recuou dois passos mais; baixou a ponta do florete, e de revez observou pelo canto do olho se a porta da escada lhe ficava perto. Tomadas estas precauções, virou-se para o adversario, que tinha o pierio chapeo atarantado na cabeça, e entre um sorriso mavioso e um gesto assucarado, exclamou abrindo os braços:

— «*Ave, bis terque ave!* Achei um homem.

Pelos manes de Aristoteles! O philosopho que ao meio dia o procurava á luz da lanterna, entrando aqui apagava a candeia, porque achava dois. *Cedant arma!* como diz Tullio Cicero. Façamos treguas, e conversemos.»

— « Sr. Bernardo Pires, tenho pressa; e agora não se trata de metaphoras, trata-se de brigar. Demais o tenho eu aturado... Estou cançado; aturdiu-me duas horas... vou livrar a terra de um estopador eterno, e Lisboa de um malsim de sonetos, capaz de endoidecer até os sabios da Grecia. Vamos, defenda-se!»

E o devoto, brandindo ao acaso a longa espada, descarregou-a na mesa, que servia de trincheira ao vate; e cravou nella bons dois dedos de ferro. Bernardo, mais branco do que os fabulosos bofes da camisa, que eram russos, furtou o corpo ao golpe, apesar de estar a tres distancias do seu alcance, encolheu-se por detraz da mesa, e lembrado das terriveis cutiladas cerebraes do sr. Thomé nos castelhanos, armou-se da bilha, que levantou como escudo, em quanto se retirava em desordem direito á porta, agitando o florete como um morcego agita as azas:

— « Viva Marte, deus da guerra! gritou elle. Meu bellicoso donato, modere a impaciencia, e não enrosque as serpentes da calumnia no capacete onde pousa o sabio mocho de Minerva! *Favete linguis!* Freio na lingua, e abracemo-nos. Deixe o frio Boreas tiritando, e a canicula arida abrasando...»

— « Sr. poeta, isto não é negocio de abraços. Briguemos!»

— « Oh! glorioso ardor!... sr. Thomé, a musa sauda-o! Como Reinaldo, dê-me a garupa do seu corcel, e inimigos paladinos vamos juntos banhar a alma na divina onda do Permesso, do rio da amisade... Ah! sacro Ariosto, quem te poderá, não digo exceder, senão imitar!»

— « Advirto-lhe que estou esperando;» — acudiu o devoto, fazendo-se cada vez mais forte com as evoluções oratorias do adversario. — « O desafio não é com os versos e as metaphoras, é com o sr. Bernardo Pires. Mande passear o tal *Ariosto*, senão ergo o braço, e não se queixe...»

— « Tem rasão, fallarei em lingua vulgar. Eu me explico. Dizia-lhe que isto não é sangria desatada ser hoje, e já. Temos tempo. Depois reflectindo, creio que houve equivoco, ouvi mal talvez; o sr. Thomé de certo queria dizer que desejava assades de carocha e sambenito os inimigos do duque de Cadaval...»

— « Nada, não houve equivoco. Ouviu muito bem. Sustento o que disse e o que não disse. Affirmo e confirmo.»

— « Então, meu amigo, dê-se ao mundo um grande exemplo! Quebremos o alfange da Parca; enganemos a morte, que bem o merece. Retracte-se! Tenha a bondade de dizer o contrario do que disse, duas palavras *pro forma* — ou eu as digo, e o sr. Thomé ouve e cala-se; ora como *retractio non est convicium*, o que significa, que a emenda não é infamia, arranjamos o negocio, e o sangue de dois campeões não rega de purpureos veios os penetraes do tumulo...»

— « Se tem medo, sr. Bernardo, confesse-o e vá-se embora. Eu não desdigo nada, não consinto nada. Acabemos com isto.»

— « Medo!? Esse filho da noite e de uma lebre macha, acaso entrou nunca no coração de Bernardo Pires? Medo, eu, poeta laureado; adorador constante de todas as bellas, e em especial fiel captivo da maga Belisa, cujo nome profano deve ser Isabel, a estrella dos meus olhos, cuja doce alcunha é a *Coração!* Medo! Essa palavra vae derramar ondas de sangue, grosseiro sacristão. Primeiro a funda e depois a espada. Morre endurecido no erro já que despresaste a vida, Deus tenha a tua alma em gloria!»

Unindo o acto á palavra, e fechando os olhos para não vêr o sangue da victima, o poeta atirou a bilha pelos ares, abriu a porta, e com a espada na mão precipitou-se pela escada abaixo, gritando: — « A clemencia tem limites!»

No meio da estrepitosa saida, um dos degráos de fraco e podre exhalou um gemido e foi abaixo; o pé do vate desceu com elle, e o sr. Bernardo Pires achou-se preso pela perna, vendo por cumulo de desgraça em cima da cabeça a espada do andador das almas, que o perseguia denodado.

— « Renda-se!» — gritou o devoto açoitando os degraus a ferro frio, mas sempre a rasoavel distancia do inimigo. Este, apesar disso, encolhia o pescoço e piscava os olhos, cada vez que a sombra da espada innocente apparecia na parede.

— « Pare, estou rendido!» — clamou o poeta da sua gaiola, agitando os braços em signal de perigo. — « Olhe que me faz partir uma canella!»

— « Pois entregue-se! Para cá o florete» — dizia o heroico Thomé. — « Depois saberá as condições com que lhe perdôo.»

— « Não abuse da desgraça» — choromi-

geu o paladino dos acrosticbos e colcheias. — « Ahi tem a maldita espada. Faça favor, ajude-me a sacar o pé de dentro desta capoeira; e dê-me esse chapeu, que tenho frio na cabeça. »

— « O chapeu está prisioneiro de guerra... » — gritou o sr. Thomé, recebendo as armas virgens do inimigo. — « Agora ouça. Conhece a *Coração*, a ciganita do pateo das Comedias? Não era della que fallava ha pouco? »

— « *Aime!* » — suspirou o vate estorcendo-se — « oxalá não conhecesse! Adoro-a. É a flor que perfuma a minha poesia, é a suave Egeria deste Numa... »

— Deixe-se de historias; e vamos ao caso. Como o trata ella? »

— « Com os rigores de um tigre hyrcano. Os seus olhos para todos de mel ferem como ballas, se olha para mim. Sou o seu fiel captivo, respiro só para a idolatrar, e aquella mão de alcorce, nunca me tocou de leve... Ainda hontem lhe pedi um osculo, e deu-me... »

— « Ah! deu-lhe um beijo. Bem! falle, diga, com mil basiliscos! »

— « Duas tremendas bofetadas, uma de cada lado, para me endireitar a cara, disse ella!... Ah, tyranna Belisa, as setas de teus lindos olhos... »

— « Deixe as setas, e sentido com as navalhas! » — acudiu o milagreiro, soltando a risadinha falsa do costume. Não se meta pelo Egypto, sr. Bernardo, olhe que póde ir por seu pé, e voltar ás costas de outrem.

— « Então corre-se perigo? » — exclamou o vate sobresaltado.

— « Cá e lá más fadas ha! É o que lhe digo. Ora bem. Saiba que sou seu rival segundo a carne. Ando convertendo a *Coração*, porque era pena corpo tão gentil perder a alma... Graças a Deus ella ouve-me. Não creio nos meus merecimentos, só creio no poder de Jesus Christo, nosso redemptor... É uma inclinação honesta, em honra da egreja; portanto, sr. Bernardo, ou v. mercê jura de não tornar a desinquietar a *Coração*, ou eu deixo caír a espada como fiz aos hispanhoes, e enterro-o debaixo destes degraus. Promette?... »

— « Tire-me a vida, mas deixe-me a escura noite dos meus cuidados. »

— « Muito bem, será satisfeito. Rese o acto de contrição.

— « Espere, espere! Que genio assomado! Pois ha de degolar um poeta por causa de uma figura de rethorica? »

— « Então deixe a rapariga em socego, se não quer partir para a eternidade em dois minutos. O que decide? »

— « Fico. Tenho muito que fazer no mundo. »

— « Veja bem o que diz. Promette.... »

— « Não prometto, reconsidero. Se ella vivo me esbofeteia, o que será depois de morto! Regale-se, e ature-a, que não leva mau castigo. Não lhe seguro os ossos a um ceitil. »

— « Isso é por conta minha e della, não lhe dê cuidado. Olhe que se o apanho em alguma emboscada... »

— « Eu não sou melro para andar por bosques! Abjuro o traidor Cupido, detesto a lasciva amante de Marte Rufião, e protesto viver e morrer em puro celibato. Estou curado! Preferir-me a osga torrada deste sacristão!... »

— « Então, visto estarmos concordes » — atalhou Thomé que não ouvira a ultima parte da jaculatoria, nada lisongeira para o seu amor proprio — « não quero demoral-o mais. Sou um seu venerador, sr. Bernardo Pires. »

— « Um momento! » — gritou o vate. — « Solte-me as asas, digo os pés, que sendo rasteiros, em estylo culto se vestem de pennas. Muito obrigado. Adeus generoso inimigo; se quizer uma decima para o seu noivado, procure Bernardo Pires, poeta laureado, morador em casa do duque de Cadaval. Adeus, venturoso mortal; diga á ingrata Belisa, que até morrer adorarei os lindos pés, que são zephyros na dança, e as castanholas, que dão mate ao coração. »

— « Olhe a sua capa, sr. poeta. Ahi vae. Até mais vêr. »

E Thomé das Chagas, descobrindo em si uma qualidade nova, o valor, depois de viver trinta annos antes de a achar, atirou de cima da escada a desbotada capa ao infeliz rival. Este que morria por estar a cem leguas do theatro da sua vergonha, fez-lhe uma ultima cortezia, levando a mão á altura, onde devia estar a aba do chapeu aprisionado, e saíu. Já fóra da porta levantou os braços ao ceu e exclamou:

— « Vou tosquiado! Perdi um florete, um chapeu, e uma rapariga; mas levo o corpo inteiro, que é o essencial. Nada de graças! Se mato o sacristão tinha de mudar de ares, e ainda por cima ficava sem almoço, e cheio de remorsos. Quem as armou que as desarme.

Da sua parte, o andador das almas, apesar da bravura, limpava o suor frio da testa, endireitava a casaca, e pegando na bandeja e no

seu nicho, saíu da casa sem olhar para traz, desceu a escada a furta-passo, e já na rua, ajoelhando beato e contricto, desafogou em um suspiro, exclamando:

—« Bemdito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. Sempre escapei de boa! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

VILLA DE CELORICO DA BEIRA.

O Padre Luiz Duarte Villela da Silva, muito curioso das antiguidades nacionaes, de quem esta redacção adquiriu uma memoria sobre a Sé de Lisboa, que algum dia publicará, era natural de Celorico e escreveu sobre esta villa as seguintes notas.

Sobre um levantado cabeço, que confronta com a serra da Estrella, tres leguas ao poente da cidade da Guarda, está situada a Villa de Celorico na provincia da Beira. Brigo, IV rei de Hespanha, a edificou 1091 annos antes da vinda de Christo. Rodrigo Mendes Silva, e outros historiadores a contam no numero daquellas cidades, que eram sujeitas a Braga, e de que Plinio já fizera uma honrada memoria; conhecida pelo nome de Celio-Briga. Fundou-se esta povoação sobre um cerro, d'onde alguns querem tirar a etymologia de Cerro-Rico, ou de Rico-Ceo, em allusão á bondade do clima, fertilidade do terreno, e pureza de seus ares; pois é de admirar, que sendo aquellas terras frias, e destemperadas pelos continuados gelos, que as crestam, e as escaldam, seja a de Celorico a mais preservada, que é um fenomeno congelar-se alli a agua ainda no mais rigoroso inverno. Está a villa dividida em dois bairros, a quem serve de marco seu forte, e inexpugnavel castello: a entrada para o primeiro, que os naturaes intitulam o bairro do Toural, é pelo campo da Corredoira, campo vasto, e ameno, que a piedade dos moradores respeita pelas devotas ermidas, que alli estão edificadas, e esta é uma das suas formosas, e principaes entradas. O bairro do cabo da villa é o maior, e nelle estão fundadas as parochias de St.ª Maria, e de S. Martinho No limite desta ha o sitio chamado o Tablado, por ser tradição constante que nos tempos passados os cavalleiros, e gente nobre da terra levantaram um emmadeiramento, ou tablado construido por tal arte, e tal traça, que se não podia desfazer; e onde á maneira das gregas olympiadas experimentavam suas forças como ensaio para a guerra, levando festivo premio o primeiro, que cravava a lança, ou passava em claro. Esta antigualha digna de memoria mostra o exercicio brioso de seus naturaes. Tem esta povoação seiscentos visinhos, e hoje se acha ornada de bons edificios e ruas bem calçadas: duas magestosas praças muito a embellezam, e aformoseam. A vista, que se descobre, ou do campo da Corredoira, ou das muralhas do castello, é a mais aprazivel, e graciosa.

Eu ouvi dizer ao conde Oeynhausen, quando no anno de 1791 foi visitar as praças daquella provincia, que tendo corrido toda a Beira, ainda não tinha descoberto um quadro tão vario, e tão encantador; e na verdade não foi encarecimento; pois quem espraia a vista para o poente, dá logo com a linda perspectiva de campos fertilissimos, valles amenos, hortas agradaveis, vastos olivaes, frondosos soutos: e não menos a faz agradavel que opulenta a grande copia de muitas vinhas, que vão confrontar com os logares do Valle de Azares, Lagiosa, Casas do Rio, não deixando porém de lamentar, que a ambição mal entendida de muitos particulares vão arruinando a maior parte do terreno, que devia ser empregado na lavoura. Em summa, contemplada a villa pelo poente parece que a natureza se extremou na fresquidão de arvoredos, na fertilidade dos campos, na amenidade dos valles, na diversidade de saborosas frutas, na copia, e arroio de crystallinas aguas, e abundancia de seus excellentes vinhos. Para o outro lado a sua vista é um pouco desagradavel, e não mostra uma face tão risonha pelos descompostos rochedos, que demandam as nuvens; porem, como o terreno é fecundo, na encosta destes montes se veem alguns olivaes, e a varzea da Lavandeira com a grande tapada, que foi da Ballé, são uns bons pedaços de terra, que tem esta povoação. Podemos dizer que por este lado banham seus muros as puras aguas do celebrado Mondego, sobre o qual atravessam duas pontes: uma é sumptuosa fabrica de el-rei D. Manuel, como se entende da inscripção em gothico, que se acha gravada junto do arco principal, e da esphera, que foi a divisa deste grande rei; e que sendo-lhe dada, quando era duque de Béja, veiu a ser o brasão da sua gloria subindo ao throno portuguez, constituindo-se pelas suas victorias e conquistas rei de muitos reis, e monarcas do Oriente. A ponte da Lavandeira foi obra de D. João V, e bem o mostra pela magnificencia da sua arquitectura, que é o sello, e o cunho das obras deste religiosissimo, e antigo soberano. Tem o rio azenhas de muito bom serviço, que abastecem de farinhas não só a villa, mas a de Trancoso, e outras povoações visinhas, no tempo do verão.

O termo de Celorico é mui dilatado, consta de trinta e tres povos, e muitos passam de duzentos visinhos. Em todas as terças feiras de cada semana se faz mercado, e é um dos maiores do reino. Tem muitas familias distinctas como Abreus, Almeidas, Macedos, Cunhas, Saraivas, Sousas; e hoje ainda existem as dos Pachecos, Sás, e Osorios. Os donatarios desta villa foram sempre as pessoas da mais alta representação, e jerarquia. El-rei D. Manuel fez mercê della a D. Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre; passou depois á coròa. Não podemos coroar melhor a descripção, que temos feito desta villa, do que com a relação, que della faz o m. r. p. fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu utilissimo, e bem trabalhado elucidario das palavras.» E pois nos achamos nesta villa, (diz este elegante, e curioso escriptor) cujas armas são em uma parte do escudo uma aguia voando sobre um castello, com uma truta agarrada nas unhas, e da outra uma lua com cinco

estrellas; alludindo não só á truta, que uma aguia deixou cahir no castello, quando el-rei D. Affonso III o tinha sitiado, (e D. Fernando Rodrigues Pacheco, natural de Ferreira de Aves o defendia, o qual a mandou de refresco ao rei, que logo fez levantar o cerco, persuadido, que os do castello tinham munições de boca, e regalo) mas tambem ao nome de Celorico, que quer dizer rico-ceo, convindo-lhe de justiça este formoso nome pela bondade de seus ares, alegria de sua vista, fertilidade, e abundancia de seus fructos, e um aggregado feliz de todas as bemaventuranças da terra, que só podem ser effeito de um ceo muito bom, benigno, temperado, e creador. E deste modo o seu nome vem a ser propria, completa e adequada definição.»

É o castello de Celorico um dos mais antigos da provincia, situado no meio da villa, e a divide entre os dois bairros, de que já tratamos. Seus fundadores o edificaram em um penhasco, e sobre viva rocha se firmou esta admiravel fabrica, e de uma tal arquitectura, que bem mostra ser obra romana. Os seus muros são altos, e bem capazes de supportarem o pezo de grossa, e reforçada artilheria; porém estes só da banda do poente se acham levantados, havendo no anno 1762 os do outro lado padecido o insulto das tropas hispanholas, que depois de renderem a praça de Almeida fizeram marcha para esta villa. Padeceu a fortaleza a maior ruina, e seria de todo desmantelada, se o esforço, que para isso fizeram, não lhe houvesse custado tempo, trabalho, e diligencia. Deixaram ainda algumas muralhas, destruindo lhe sómente suas airósas amêas, que muito a enfeitavam. Ficaram dois cubellos, e duas torres: a da homenagem é na verdade respeitavel pela sua altura, construcção, e larguesa; a que fica no meio da praça está damnificada não só pela injuria do tempo, mas pela temeridade de um magistrado, que pertendeu desfazel-a pelos seus fundamentos, tentando ainda os perigosos meios de applicar-lhe minas de polvora, querendo juntamente demolir as muralhas da fortaleza, e servir-se da sua cantaria para formar edificios, que só podiam existir na imaginação. Elle levaria ávante tão indiscretos procedimentos, se os moradores desta villa não lhe obstassem; pois além deste magistrado não estar auctorisado para similhante bloqueio, nem poder arreder uma só pedra sem ordem superior, devia como homem letrado respeitar uma praça de tão veneravel antiguidade, que tinha sido o theatro do mais heroico valor, e da mais extremosa fidelidade. A praça era capaz de receber uma consideravel guarnição; e no seu interior se vê ainda o resto de muitos alojamentos, quarteis, cisternas, aqueductos, e outras commodidades para homens de guerra. Os antigos monarcas portuguezes a ampliaram, e el-rei D. Manuel mandou rasgar o muro junto á torre da homenagem, e formar um longo, e estendido passadiço para o paço, que ainda se intitula o Paço d'El-rei; obra custosa e digna de um tal monarca, mas inferior á perfeição, e segurança, com que está construida a antiga fortaleza. Se esta praça estivesse guarnecida, e fortificada conforme a tactica militar deste seculo, pagaria bem caro aos inimigos, que ousassem accommettel-a. Foram seus fundadores os capitães Nigro, Servio, e Junio, e a dedicaram a Augusto Cesar, e que se colhe da inscripção, que se achou no anno de 1635, e quer dizer: — sendo imperador dos romanos Augusto Cesar, povos de Castella, chamados Vazêos, com os capitães Nigro, Servio, e Junio edificaram este castello em nome do imperador, e o mestre que o fez, se chamava Rutilio Varo: os capitães Junio, e Nigro o dedicaram ao imperador.

VENEZA E AMSTERDAM.

Grande analogia tem estas duas cidades igualmente celebres por sua importancia, riqueza, e memorias historicas; situadas ambas na parte mais interior de um golpho, uma no Mediterraneo, outra no Mar do Norte, capitaes durante muito tempo de duas republicas prosperas e temidas, famosas por suas emprezas e suas façanhas guerreiras, enriquecidas pelo commercio, illustradas emfim pelo gosto e cultura das artes. Porém, se conformidades singulares tornam mui parecidas estas duas cidades, por outra parte differençam-se por numerosas dessemelhanças. O clima, o aspecto geral do paiz, os usos e costumes, o passado e porvir de ambos os povos marcam differenças tão extraordinarias entre as mesmas que merecem ser consideradas detidamente.

Alguns viajantes, acabando de visitar Veneza, teriam tido o pensamento de trasladar-se immediatamente a Amsterdam, afim de fazer esta comparação; porém, o espaço de 400 ou 500 leguas os teria impedido de satisfazer seu capricho, advertindo que para vencer tal distancia eram precisos 20 dias de enfadonha viagem. — Agora bastam alguns para sem grande incommodo passar das praias do Adriatico ás do Mar do Norte; e por nenhum pretexto póde renunciar-se a tão curiosa viagem, pois que nem as despezas são excessivas.

Não se apresenta hoje Veneza, como em outro tempo, difficil de comprehender-se em uma carta itineraria da Italia: a sua posição deixou de ser excentrica. Já não é aquella ilha especial, sem arvoredos, sem passeios, aquella cidade silenciosa com sua fortaleza e formidavel baluarte sobranceiro ao mar e praias circumvisinhas. Hoje entram e sahem os viajantes em caminhos de ferro, e pasmam de que Veneza parece ter por seus arrabaldes Padua, Vicenza, e Verona. O elegante aqueducto que atravessa a laguna é o principio de um caminho de ferro que em breve ha de prolongar-se até Milão; e então com uma carreira de vapores, estabelecida no Lago Maior ou no de Como, se verá unida a capital da Lombardia com os Alpes helveticos, donde pelo S. Gothard póde chegar-se n'um dia ao lago dos Quatro Cantões. Aqui acha-se o vapôr de Altorf para Lucerna em correspondencia com uma carreira por terra de Lucerna a Basilea, e que está ligada com o caminho de ferro de Basilea a Strasburgo. De Kehl pelo caminho de ferro do lado direito póde n'um dia alcançar-se até os vapôres do Rheno que vão desde Moguncia ou de Colonia até Arnheim, sentinella avançada da Hollanda, e que dista sómente vinte leguas de caminho de ferro de Amsterdam.

A origem desta ultima teve seus pontos de contacto com o de Veneza. Varios pescadores fixam a

sua residencia em ribeiras despovoadas, separadas do continente por ilhotas, que se haviam formado proximo á foz de um rio: em época posterior ahi buscam guarida algumas familias fugindo á guerra e oppressão, e lançam os cimentos de uma cidade modesta. A actividade, o valor de seus habitantes, a segurança que lhes proporciona a sua posição topographica, não contribuiram pouco para dar importancia á cidade que se enriqueceu com a navegação e o commercio, que se fez respeitar por armas, e que além de apresentar-se opulenta e forte não se descuidou do luxo e das artes.

Todas estas circumstancias são communs á historia de Amsterdam e de Veneza: a origem desta é do seculo 5.º da nossa era, e depois de atravessar toda a idade media faz alto ao despontarem os primeiros dias da renascença. No seculo 12.º encontramos a origem da outra, e desde então até os nossos dias não deixou de prosperar e desenvolver-se cada vez mais. Amsterdam era apenas uma pequena povoação quando Veneza chegava ao fastigio da sua gloria e poderio: e a cidade hollandeza esteve no apogeu de sua riqueza e força quando o astro de Veneza começava a occultar-se.

Observada Veneza das ribeiras de Fosino ou de S. Julião das Lagunas offerece um aspecto assombroso como nenhuma outra cidade: eleva-se do seio do mar uma ilha compacta de casas e outros edificios, que parece ter a base submergida como se unicamente as extremidades superiores tivessem escapado a uma inundação. Não se vê o solo em que se firmam as construcções; não ha arvores que as animem e resguardem; e os mastros dos navios se confundem de longe com as cupulas e corucheus. Á medida que o observador se approxima vão-se distinguindo melhor os edificios; os campanarios, os mastros parecem baixar gradualmente.

Entra-se a cidade pela parte menos interessante, atravez dos canaes que a cruzam em todas as direcções; toma-se terra sem comprehender bem a plaga extraordinaria onde se desembarca.

Da torre de S. Marcos não é menos extraordinario o aspecto: deleita-se a vista no centro da população, donde se elevam numerosas cupulas e torreões elegantes, palacios e edificios notaveis pelo caracter de sua architectura, espelhando-se nas aguas que cercam a cidade por todas as partes, não como um mar, mas como um grande lago.

Muitos ilheus, proximos uns dos outros, formando admiraveis grupos, parece servirem de cortejo á metropole; e o Lido que a separa da enseada do lado do norte mostra a pouca distancia a fresbura do seu viçoso curso. Divisam-se mais remotas as costas orientaes da Italia, a prolongada linha do golpho adriatico dominada pelos Alpes tyrolezes, a multidão de barcos, e gondolas graciosas que sulcam a superficie das lagunas; e animado este quadro pelo sol radiante e formoso offerece um espectaculo dos mais agradaveis e maravilhosos.

Amsterdam, ainda mesmo achando-nos proximos das praias meridionaes do golpho, não apresenta o aspecto ordinario de um porto maritimo, mas o de um vasto molhe e de uma cidade magestosa. O numero de embarcações que enche as caldeiras desse molhe, o movimento e actividade que reinam por sua immensa praia, dão logo a conhecer que é um dos centros do commercio europeu. Nada tão singular e estranho como a grande extensão de todas as linhas que descobre a vista, e a uniformidade do horisonte. Os edificios são acompanhados de arvores e o amplo porto é accessivel a navios de todo o porte. Os rios que desembocam no Zuyderée e no mar do Norte, remechem continuamente o fundo movediço; ao passo que em Veneza levantam o fundo das lagunas as aluviões que arrojam para o Adriatico o Pó, o Brenta, e o Adige. A primeira circumstancia faz com que o homem lute constantemente contra uma causa tão imminente de destruição; a segunda obriga-o a tomar cada dia precauções para tornar mais facil a navegação.

Da torre do palacio de Amsterdam avista-se uma cidade grande, populosa, e activa. Os monumentos publicos não prendem a attenção pelo seu numero, porém, distinguem-se geralmente os edificios particulares pelo seu aspecto de pulchra elegancia. O movimento e a animação que reinam por toda a parte annunciam a riqueza e bem estar de seus habitantes: completam o quadro ameno da cidade os muitos campanarios, arvoredos, canaes, e moinhos de vento, sem que nenhuma coisa interrompa a monotonia que produz a vista do horisonte.

Edificadas Amsterdam e Veneza sobre um terreno movediço e fragil, assemelham-se igualmente pela multidão de ilhotes ligados por um sem numero de pontes. — A cidade hollandeza, dividida quasi em duas partes pelo rio Amstel, representa um semicirculo ou meia lua, do qual surgem varios canaes em fórma de zonas concentricas: estas zonas são cortadas por outros canaes, que á semelhança de raios de circulo se dirigem ás ribeiras do golpho, isto é, ao porto que é o ponto central. A estes canaes servem de limite caes onde ostentam alguns edificios uma architetura, geralmente singela, porém elegante. — Veneza acha-se igualmente dividida em duas partes pelo grande canal que serpenteia com duas amplas margens orladas de casaria magnifica e de palacios. Tambem divide a cidade um sem numero de pequenos canaes que banham os alicerces dos edificios, cujos degraus de boa cantaria interrompem a cada passo o curso na estreita praia que os encerra. — Em Amsterdam servem para passear os largos caes, plantados de arvores, não faltando passeios especiaes para as carroagens.

No estilo geral da architectura se differençam tambem ambas as cidades de um modo notavel. Em Veneza predomina essencialmente o gosto mourisco oriental; o aspecto exterior das casas revela por sua grandiosidade a magnificencia das habitações internas; e em qualquer parte se encontram monumentos historicos, recordações de gloria e poderio. Na Hollanda manifesta-se o gosto hespanhol, e differençando-se de Veneza pelos raros edificios publicos, nenhum palacio particular, nenhum vestigio de antiguidades nacionaes ha, porque Amsterdam é uma das cidades mais modernas da Hollanda, e suas casas, modestas todas na parte externa e commodas no interior, não foram feitas para inculcar luxo; irmanam a simplicidade com a elegancia.

Os unicos edificios de ambas as cidades que poderiam admittir alguma comparação são o palacio de

rei, antiga casa municipal de Amsterdam, e o dos doges em Veneza.

Em ambas se consideram como os mais notaveis monumentos: em diversas epochas foram mansão de governos temidos, e nelles se tramaram revoluções que fizeram estremecer as potencias mais poderosas do mundo. — A construcção do palacio dos doges remonta ao seculo XIV, á época em que Marino Faliero perdeu a vida no edificio que havia construido: a sua fórma magestosa recorda á primeira vista as scenas terriveis de que foi theatro e o poder absoluto que o occupou por tanto tempo. — Edificado o palacio de Amsterdam no seculo XVII, segundo o estilo grego mais puro, e de architectura nobre e elegante, só por si basta para comprovar a opulencia da cidade e o bom gosto de seus magistrados populares. — Ambos contem em seu recinto os thesouros da povoação, as obras primas dos artistas, e as cadeias dos criminosos, observando-se a alguns passos de distancia o mais esplendido de seus monumentos religiosos.

Entre as differenças mais notaveis das duas cidades devem marcar-se a sua atmosphera e clima. Em Hollanda apenas se veem serenos quarenta dias no anno; em Veneza é muito menor o numero de dias de máu tempo, apesar das muitas tempestades que se formam, acalmam, e desapparecem no decurso de um mesmo dia. Nesta brilha o sol com toda a sua força e encanto: e naquella uma atmosphera nebulosa e sombria lhe impede transmittir o esplendor com liberdade. Não é difficil comprehender que neste caso deve a influencia do clima produzir gostos distinctos e costumes pouco analogos. — O caracter hollandez, diametralmente opposto ao veneziano, é socegado, paciente, dotado de uma actividade perseverante e silenciosa, frio mas sincero, reservado mas fiel sempre á sua palavra e juramento. O segundo é pelo contrario caprichoso, indolente e atrevido. As diversões, ou recreios, dominantes em Amsterdam são as que proporcionam a familia e o lar domestico; agradalhes muito a musica, porém são pouco affeiçoados aos divertimentos publicos. O povo passa os dias festivos melhor no campo do que na taberna, onde de ordinario commette mui poucos excessos. Em Veneza, pelo contrario, buscam e anhelam diversões publicas animadas e ruidosas; tanto que póde dizer-se que não lhe bastam sete theatros para uma população de cem mil almas, ao passo que Amsterdam sómente sustenta tres tendo uma população duas vezes mais numerosa.

Os hollandezes são affeiçoados ás flores, aos jardins e em geral aos vegetaes. Em Veneza ha só um passeio publico, onde a arte se collocou superior á natureza, e quasi sempre está deserto. — Os venezianos são pouco amigos de fazer exercicio, quando em Amsterdam acha-se a todas as horas grande circulação nas ruas, nos caes, nas alamedas, no porto. Assim como em Veneza não se encontra mais do que uma carruagem, assim em Amsterdam não ha mais que uma gondola. Mas, que differença entre essas formosas embarcações venezianas, essas gondolas esbeltas e elegantes que sulcam ligeiramente o Adriatico, e os insipidos barcos chatos, puchados a cavallos ou por homens que se usam na Hollanda!

Vamos agora a outro campo em que tambem sobresahem hollandezes e venezianos. Sabido é que a Hollanda tem partilhado até certo tempo com a Italia as glorias da pintura. Sem embargo disso, ainda se encontram grandes differenças. A pintura dos hollandezes distingue-se por um vivo sentimento no colorido, como se quizessem trasladar para a tela o que lhes negava a natureza do seu territorio; ao passo que a eschóla veneziana fazia menos caso daquelle para dar mais importancia á fórma. Assumptos religiosos, scenas da vida privada, paizagens, flores, animaes, retratos, são o thema valido da eschóla hollandeza, e nelle póde rivalisar com qualquer das muitas que tem disputado a palma da pintura. — Não foi tão feliz na esculptura. Os monumentos e praças publicas resentem-se da falta de estatuas e baixos relevos que tão numerosos são nas cidades de Italia. Sómente conta Hollanda as estatuas de Erasmo em Rotterdam, de Coster em Haarlem, e de Guilherme I na Haya, com varios mausoleus de philosophos, que estão collocados em diversas egrejas. Tão pobre se appresenta neste ramo das bellas artes!

Se alargassemos o parallelo a considerações de outra classe, veriamos que Veneza deu nos tempos modernos o primeiro passo no commercio, e o primeiro exemplo de genio industrial, postoque em suas emprezas misturou sempre idéas de gloria e de supremacia nacional. Menos preoccupada a Hollanda com intenções ambiciosas, só combateu a favor da sua liberdade, da sua independencia, e do territorio que conquistára á custa de grandes sacrificios.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Estatistica austriaca. — O governo da Austria acaba de publicar um quadro official estadistico da monarquia, comprehendendo os annos de 1846, 1847 e parte de 1848; segundo o recenseamento do primeiro destes annos a população total do imperio monta a 37.443:033 almas, isto é, perto de tres milhões mais que a de França, e mais do dobro da de Prussia. Formam parte da Confederação germanica 12.096:860 almas, isto é, uma terça parte de toda a população, sem contar os alemães da Hungria e da Transylvania etc.

Distribue-se do seguinte modo:

Hungria	11.000:000
Galitzia e Bukowina	5.105.568
Bohemia	4.347:962
Lombardia	2,560:833
Veneza	2.257:200
Moravia e Silesia	2.250:594
Transylvania	2.182:700
Austria	2,351:093
Fronteira militar	1.226:408
Styria	1.003:074
Tyrol e Voralberg	781:784
Carinthia e Carniola	859:250
Littoral	500:001
Dalmacia	410:988

O exercito consta de 492:486 homens.

São catholicas romanas 26.357:172 pessoas, e as restantes, pouco mais de onze milhões, pertencem 6:800:000 (conta redonda) á communhão grega; tres milhões e meio são protestantes da communhão de Augsburgo uns, e outros são dos que se chamam reformados entrando uns cincoenta mil unitarios e de outras seitas. Os israelitas são 729:005, residindo a maior parte na Galitzia, na Hungria e na Bohemia, montando nestes tres estados ao numero de 640:000 pessoas. Na Moravia e na Silesia é onde ha mais protestantes, passando de um milhão e cem mil individuos.

A monarquia austriaca abrange 143 cidades de mais de dez mil habitantes cada uma: Vienna d'Austria tem para cima de tresentos mil, e Milão cento e cincoenta mil.

Progresso da religião catholica em Inglaterra. — Contam-se na Grã-Bretanha 708 igrejas e capellas consagradas ao culto catholico, a saber: 610 na Inglaterra e paiz de Galles e 98 na Escocia: são 1:032 os ecclesiasticos desta religião, comprehendendo neste numero os bispos, sendo portanto mais 60 sacerdotes do que em 1850. Existem nas diversas dioceses de Inglaterra e de Galles 17 conventos de homens e 62 de mulheres. não os ha na Escocia.

Exercito russiano. — Concluiu-se quasi com a terminação do anno o alistamento, pelo qual em virtude de um decreto imperial de 20 de junho ultimo, que principiou a ter execução no 1.° de setembro, se recrutou um homem por mil habitantes, pertencentes ao sexo masculino, nas onze provincias que o referido *ukase* designava.

Actualmente compoem-se o exercito russo de 640:388 infantes, 101:000 cavallos, 42:908 artilheiros, e 25:225 engenheiros entrando os gastadores e outros operarios. O total ascende a 810:795 homens.

Paga de uma dedicatoria. — O papa Leão X recebeu uma obra de alchimia, cuja epistola dedicatoria lhe era dirigida. Abrindo o livro, viu que tinha por titulo « Verdadeiro processo para fazer oiro ». Immediatamente ordenou que lhe trouxessem uma bolsa vasia, e com ella brindou o alchimista, dizendo-lhe: — « Visto que sabeis o verdadeiro methodo de fazer oiro, não deve faltar-vos senão onde o guardeis. »

Forças navaes dos Estados-Unidos. — A armada do governo federal divide-se em seis esquadras, collocadas da maneira seguinte. A littoral, composta de uma fragata de vapôr, 3 corvetas e um barco de vapôr. A do Mediterraneo, que consta de uma nau e duas fragatas. A da costa d'Africa é de 3 corvetas e 2 brigues. A das costas do Brazil tem uma fragata, uma corveta, 1 brigue e 1 transporte. A do Mar Pacifico é de 2 fragatas, 6 corvetas, 1 vapôr e 2 transportes; desta estação tinha recolhido aos Estados-Unidos uma fragata, que não entra naquella conta. A da India oriental e China, constando de uma fragata de vapôr e 3 corvetas. Nos lagos interiores do norte anda o vapôr de guerra *Michigan*, que presta serviço bastante activo.

Os navios que voltaram ha pouco da expedição ao Mar Arctico em pesquiza de sir John Franklin, não são embarcações de guerra, mas sim propriedade de Mr. Henry Grinnell, que para o dicto fim generosamente os poz á disposição do tenente, De Haven, da armada norte-americana.

Marinha hespanhola de guerra no 1.° do mez corrente. — Naus 3: *Soberano* em Cadiz; e *Isabel 2.ª* e *Francisco de Assis* em construcção nos arsenaes de Cadiz e Ferrol.

Fragatas 5: — *Esperança* e *Cortez* nas Antilhas; *Perola* e *Isabel 2.ª* em Cadiz; *Bailen* em construcção no Ferrol.

Corvetas 6: — *Villa de Bilbao* nas Filippinas; *Ferrolana* na viagem de circumnavegação, actualmente no Mar Pacifico; *Luisa Fernanda* e *Mazanredo* no Rio da Prata; *Colon* e *Venus* em Cadiz.

Bergantis de primeira classe 8; ditos de segunda classe 3; bergantis goletas 2; goletas e pailebots 5; vapôres 21; urcas ou charruas 8.

Empregam-se mais no serviço de guarda-costas, seis vapôres, dois bergantins goletas, cinco goletas, tres misticos, 14 faluchos de primeira classe, 20 de segunda, dois lugres, e 63 barcos denominados trincaduras e escampavias.

Corôa real. — Annunciam os jornaes de Madrid que a rainha catholica no primeiro dia em que sahisse á missa depois de seu feliz parto estrearia uma corôa magnifica do valor de um milhão de reales. Esta riquissima alfaia estava já terminada e foi preparada pelo lapidario Navarro. As pedras que a compoem montam a cinco mil, sendo algumas notaveis pelo tamanho, brilho e formosura. Toda a corôa pesa nove onças e meia, e o globo que a remata quarenta quilates.

Theatro de S. Carlos. — No domingo tivemos a primeira opera nova da presente época theatral, *Os fabricantes de moeda falsa*, musica do *maestro* Lauro Rossi.

A acceitação que esta opera tem merecido nos principaes theatros de Italia lhe assegurava igual exito entre nós. Effectivamente o publico retirou-se satisfeito. O enredo tem situações bastantemente comicas, e a musica é popular, brilhante, e abundante de bonitos e engraçados motivos. São as peças que nos parecem merecer especial menção o *duetto* de *D. Eutichio* e *Sinforosa* no 1.° acto, o *quartetto* que segue, a *canção* em estylo hespanhol do 2.°, e o *monologo*, *duetto* e *tercetto* do 3.° acto.

Quanto á execução diremos que as sr.ªˢ Arrigotti *(Annetta)*, e Sannazaro *(Sinforosa)*, entram perfeitamente, e nada deixam a desejar.

O Sr. Bonafós no papel de *D. Eutichio* mostrou ser um artista perfeito no seu genero, e veio confirmar entre nós a boa reputação artistica que gosa em Italia.

Os srs. Mancusi, e Guglielmini, satisfizeram, quanto delles se esperava, na pequena parte que lhes coube nésta opera.

No proximo numero occuparnos-hemos mais circunstanciadamente do assumpto.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 25. QUINTA FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

Julgamos dever prevenir os leitores da REVISTA, que o sr. Ribeiro de Sá não tomou ainda hoje a parte directa que lhe pertence na redacção deste jornal, por incommodo de saude, findando portanto neste numero os nossos trabalhos, na parte em que substituimos este nosso amigo.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

(Continuado de pag. 279.)

Nos condados d'York, Lincoln, e Northumberland, os ossos pulverisados tem grande applicação na agricultura. Ahi (escreve o agronomo alemão, Weckherlin) colligi numerosas informações sobre este objecto, porque percorri essas provincias na estação em que se semeia o nabo turnepo, e o pó dos ossos amontoado nos campos esperava o momento de ser empregado.

Direi primeiro, que o que eu vi e me referiram me provou que não applicam este adubo em grande escala senão em a cultura daquelles nabos, para a qual o julgam mui proprio: falla-se tambem do seu bom effeito nos prados; mas não pude alcançar, neste ponto, esclarecimentos exactos, que igualmente me faltam quanto ao effeito dos ossos pulverisados nas producções que se seguem aos turnepos no mesmo terreno. E' verdade que os cultivadores pertendem que depois da introducção deste estrume, o rendimento não só dos turnepos, mas tambem da cevada, do trevo ou anafa, e das gramineas, tem sido muito mais abundante, e até os primeiros rendem tres vezes mais do que antigamente. Comtudo, admittindo que assim seja, é difficil verificar bem a verdadeira causa da maior producção das culturas immediatas aos turnepos; porquanto, estes que são logo consumidos no proprio local pelas ovelhas promovem maior copia de estrume: coincidindo, pois, esse accrescimo dos excrementos do gado miudo com o emprego dos ossos pulverisados, é impossivel distinguir os effeitos de qualquer destas duas causas. Demais disso, e é um ponto muito importante que cumpre indagar bem, os cultivadores inglezes nunca substituem o estrume pelos ossos; porém, empregam tanto um como os outros simultaneamente.

Não ha duvida que as colheitas tem ganho muito com o uso dos ossos pulverisados; as explorações agricolas se enriqueceram de um modo notavel, a ponto que nos districtos que adoptaram aquelle adubo a renda das herdades é hoje mais alta 7 a 8 schellings, por geira de terra, do que nas outras provincias; e assim tudo o mais augmentou proporcionalmente.

Os exemplos seguintes darão ideia da extensão do emprego dos ossos pulverisados nas mencionadas provincias. — Na cidade de Lincoln ha tres moinhos movidos por vapor, que moem toda a casta de ossos, os quaes são importados de todos os paizes da Europa, cuja situação permitte transporte por mar. Só um desses moinhos pulverisa annualmente quatro a cinco mil *tons* (o *ton* tem 20 quintaes de 112 libras, cada um dos quaes anda por tres e meia arrobas portuguezas). O preço da compra de um *ton* regula por cinco a seis libras esterlinas. Durante a minha estada em Lincoln, muitos navios traziam carregações de ossos provenientes da Alemanha e da Suissa, para satisfazer as numerosas encommendas dos cultivadores inglezes.

Os ossos pulverisados vendem-se de tres qualidades differentes: primeira, em pó relativamente fino, cujos pedaços maiores são do tamanho de uma ervilha pequena, entremeados com muitas particulas que parecem farinha; preço tres a tres e meio shellings o bushel (esta medida regula por dois e meio alqueires): — 2.ª qualidade, menos fina, sendo os maiores pedaços da grandeza de

uma fava, com pequeninas lascas e alguma farinha; preço dois e meio a tres shellings: — 3.ª qualidade, do mesmo tamanho da 1.ª, mas sem farinha, e a rasão de dois a dois e meio shellings. Estes preços nos indicam quanto são preferidos os ossos reduzidos a uma especie de farinha.

Para que o seu effeito seja mais rapido amonteam-se em grandes quantidades, e misturam-se com terra humida, afim de que entrem mais promptamente em decomposição, e mesmo aqueçam um tanto.

Eis a maneira de se servirem deste estrume: — Conforme o torrão é mais ou menos fecundo tomam-se, por geira, 15 a 25 bushels de ossos pulverisados: este pó é espalhado ao semeador juntamente com os turnepos, de sorte que a semente e o estrume se misturam passando pela machina e cahem no mesmo rego. — Não vi nos sobreditos condados espalhar a lanço os ossos pulverisados.

Segundo os inglezes, esta substancia obra sobretudo nos terrenos seccos, de fertilidade mediocre, quentes, bem amanhados, calcareos, ou contendo argila branda, tendo as qualidades mais convenientes para a cultura dos turnepos, da cevada, etc. E' sabido que estas plantas preferem os terrenos seccos e leves ás terras fortes e humidas. Sobre os terrenos desta ultima qualidade os ossos não produzem effeito; pouco tambem obram n'uma terra compacta, mas este inconveniente compensa-se deitando-se-lhe maior quantidade. Affirmam-me que ha algum tempo se empregavam com bom exito os ossos para estrumar as beterravas; mas não obtive informações neste particular.

Comparando a este modo judicioso de empregar o osso pulverisado os processos usados ou ensaiados entre nós (continua o agronomo alemão) descobrimos differenças que de nenhum modo são a nosso favor. Em Alemanha, nenhuma attenção se presta á natureza do terreno; applicaram-se os ossos a producções a que esta casta de estrumes convém pouco, e assentou-se que podia dispensar-se o esterco ordinario; finalmente, espalhava-se a lanço a quantidade de pó dos ossos indicada pelos inglezes, cobrindo-a com a charrua ou com a grade, ou deixando-a á superficie da terra.

Não admira, pois, que os resultados sejam tão differentes nos dois paizes, e que correspondam tão pouco á expectativa dos alemães.

A extensão que é possivel dar ao emprego dos ossos pulverisados, deve necessariamente ser limitada pela porção de ossos que se póde alcançar sem exceder um certo *maximum* de despeza. A Inglaterra pela sua navegação tem franco o mundo inteiro; um paiz central como a Alemanha tem forçosamente mais restringido o seu aprovisionamento.

(Continúa.)

REVELAÇÕES ASTRONOMICAS.

O illustre sabio, sr. Alexandre de Humboldt, fez uma revelação mui importante n'uma sessão recente da Academia das Sciencias de Berlin, ácerca dos movimentos que em resultado de uma illusão optica parecem realisados por certas estrellas fixas.

Aos 17 de janeiro do anno passado entre as sete e oito da noite observou-se em Trieste que a estrella Sirio, achando-se então pouco remota do horisonte, parecia elevar-se gradualmente, tornava a descer, dirigia-se umas vezes para a direita outras para a esquerda descrevendo a miudo uma linha curva. Os observadores eram um estudante por nome Kenne e outro individuo igualmente digno de todo o credito, cuja familia estava presente á apparição do phenomeno.

O estudante, que tendo encostada a cabeça á parede permanecia completamente immovel, julgou vêr com toda a clareza elevar-se a estrella Sirio em linha recta acima do telhado de uma casa, tornar a descer rapidamente, e occultar-se um momento á sua vista para tornar a apparecer de novo. Os sobreditos movimentos manifestavam-se percorrendo uma extensão tamanha que os espectadores a principio persuadiram-se que o ponto luminoso, que viam agitar-se era como um *farol* de um cometa: o brilho da estrella variava tanto como a sua posição, pois algumas vezes chegou a ser quasi imperceptivel, não obstante achar-se a atmosphera perfeitamente serena.

Semelhante phenomeno extraordinario não é unico em seu genero, pois já se manifestou duas vezes no mesmo ponto; uma a M. de Humboldt, e cincoenta annos depois ao principe Adalberto da Prussia.

Eis como o primeiro descreve a observação, que fez, na sua ultima obra publicada. (*Cosmos*, cap. 3.º § 65.)

«Achava-me aos 22 de junho de 1799 na vertente do Pico de Tenerife, em Malpays, poucos momentos antes de sahir o sol, e em uma altura de quasi 3:475 metros acima do nivel do mar: com a simples vista observei que as estrellas mais baixas agitavam-se apparentemente a impulsos de um movimento por extremo singular. Alguns pontos brilhantes parecia que se elevavam ás vezes nos ares, logo oscillavam, e tornavam por ultimo a occupar seu posto primitivo. O phenomeno durou sómente sete ou oito minutos, e cessou antes da apparição do sol no horisonte do mar. Com o auxilio de um pequeno oculo se percebia claramente tudo, e quanto mais observei mais me persuadi que eram as proprias estrellas que se moviam.»

Na sua Viagem ás regiões equinocciaes, tomo 1. § 125. exprime-se o mencionado sabio, ácerca do mesmo assumpto, nos seguintes termos. — «Alguem se persuadiria que eram pequenos foguetes despedidos ao ar. Certos pontos luminosos elevados á altura de uns 7 a 8 graus parecia que se agitavam primeiramente n'uma direcção vertical e depois oscillavam em direcção completamente horisontal. Estes pontos luminosos eram as imagens de varias estrellas que tinham augmentado de grandeza, apparentemente, pela interposição dos vapores da atmosphera.»

Acaso deverão attribuir-se semelhantes refracções á refracção lateral, que tem dado margem a discussões acaloradas? Existirá alguma analogia entre as variações ondulatorias, que a parte vertical do sol apresenta no seu aspecto varias vezes, ao verificar-se o despontar deste astro, e as oscillações polares, que Carlini observou em repetidas occasiões?

Seja como fôr não é estranho que os movimentos observados pareçam maiores quanto mais proximo o observador estiver do horisonte em que se notam, em consequencia do phenomeno frequente da illusão optica. — Portanto, será para desejar que os viajantes que visitarem o Pico de Tenerife, ou alturas eguaes, vão munidos de instrumentos astronomicos e não se descuidem de observações mais particularisadas do referido phenomeno.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVII.

MENTIRA E VERDADE.

Foi sempre um homem activo e previsto o sr. Thomé das Chagas! O seu tempo valia dinheiro, e a sua memoria era exacta como um chronometro. Apenas desembaraçado das perseguições do poeta laureado, olhou em redor de si, orientou-se, e tomou o caminho mais curto. O seu passo accelerado dizia que o episodio bellicoso lhe tinha roubado uma hora pelo menos, e que não querendo fazer esperar ninguem multiplicava a comprida pessoa, e era igual á sua reputação.

Em virtude deste calculo simplicissimo o glorioso andador das almas correu direito á portaria de S. Domingos, e chegava á cella do padre fr. João dos Remedios, justamente, quando o relojo do convento, compassado e grave, batia as nove da manhã.

Thomé louvou a Deus. Só meia hora se tinha atrazado no desempenho dos seus deveres. Sua reverendissima passeiava pelo gabinete, e em gestos altivos, e voz sonora, dictava um papel forense ao desmemoriado escrevente, cuja discreta estupidez o padre mestre abençoára em casa de Lourenço Telles. O nosso devoto respirou, e foi logo tomando posse da situação. Depois, apurando as sensações auriculares, resumiu espirito e corpo nas immensas orelhas, ávidas e curiosas.

A eloquencia do procurador desenrolava-se entretanto em periodos extensos, cadentes, e ameaçadores, accusando a companhia de Jesus de rebellião premeditada contra a magestade do throno e a santidade da egreja. A minuta da allegação tremia nas mãos do orador, que a ia limando, entre furiosas pitadas, e estrugidos assoados, e no meio da commoção vehemente que retarda ou precipita o homem, cuja imaginação laboriosa acóde com variadas expressões á traducção do pensamento.

Passados instantes, Thomé sacudiu a cabeça e elevou os hombros á altura das infinitas orelhas. A este gesto succedeu um sorriso verde, — burlesco arremedilho do fino sorriso do padre Ventura nas occasiões escabrosas. Feitos estes signaes telegraphicos entre a alma e o corpo, tirou do bolso o nosso amigo um papel e poz-se a escutar, de lapis nos dedos, escrevendo tanto quanto dictava o procurador de S. Domingos.

Este em uma investida heroica entrou pela cella dentro, de braço alto e lenço fluctuante; e se o andador das almas é homem menos acautelado, colhia-o em flagrante delicto de mentira capital, descobrindo-lhe uma prenda nova e occulta, a arte caligraphica reduzida ao methodo mais expedito.

— « Ah estava ahi, Thomé? » — disse o reverendo, assoando-se e escorvando o nariz com muita complacencia.

— « A sua benção, padre mestre! » — respondeu o devoto, afivelado na contricção, que lhe servia de viseira. — « Peço desculpa, vim mais tarde; mas espero em Nosso Senhor, que não fizesse falta. »

— « Não fez. Como a noite passada estive ao bofete até ás onze, agora mesmo principio a dictar.... V. mercê, hontem, é que sahiu tarde, muito tarde! Que horas seriam, Thomé das Chagas? »

— « Uma hora da noite, reverendissimo » — acudiu o milagreiro com certa escuridão nas faces, o que nelle correspondia a fazer-se bastante vermelho.

— « Justamente. Uma hora! É o que disse o leigo da portaria. E aonde esteve todo esse tempo, póde saber-se? »

— « Na capella de cima, a rezar. Estive pagando uma promessa. »

— « Ah! Muito bem. Sabe que peguei no somno logo, e de modo que não senti mais nada? »

— « Que admiração! V. reverendissima anda cançado.... »

— « De espirito e de corpo, irmão Thomé; e Deus me dê forças pela sua infinita misericordia. Arranje-me a cella e não se vá embora.... bem! » E outro sim » — gritou elle,

continuando a dictar da porta do quarto — « provará na real presença a soberba monstruosa da sobredita companhia, que nem respeita a Deus, nem teme o condigno castigo da sua *terribilidade*. . . . »

— « Iniquidade! » — repetiu o escrevente, como echo infiel.

— « Espere! — E fr. João, magestoso e vermelho da excitação mental, rodeou o grande contador de pau santo; e pondo os olhos no tecto firmou o periodo com uma tremenda punhada na mesa, que a fez tremer e á casa toda.

Duas horas depois o procurador expedia o illustre sr. Thomé com uma carta a Diogo de Mendonça, e a passos lentos encaminhava-se, meditando, para a rua das Arcas, aonde o esperavam para jantar Lourenço Telles e seu sobrinho Filippe da Gama.

O devoto, depois de pesquizar se alguem lhe seguia o rasto, em vez de seguir direito á Calcetaria, tomou para o lado de Santo Antão, e viu, mesmo debaixo do alpendre, uma sege parada, com os cordões, o cavallo transparente, e o esgalgado e faminto bolieiro, que naquelle tempo constituiam a trilogia de um vehiculo desta denominação, antes de aperfeiçoado com outro cavallo espectro, duas rodas de azenha, e uma capoeira suspensa, como hoje o vemos. Hia a pôr o pé no degrau, quando se encontrou cara a cara com o padre Ventura, que o recebeu quasi nos braços, entre um sorriso mavioso e esta jovial exclamação:

— « Ora, bem vindo seja o nosso andador das almas! Então o que o traz a esta sua casa? »

— « Venho *confessar-me!* » — replicou o milagreiro, beijando-lhe a manga, e olhando para todos os lados inquieto.

— Ah! E as culpas parecem-lhe grandes? Não póde com ellas até á noite? »

— « É preciso dizel-as já. Até as puz neste papel para me não esquecer alguma. »

— « Percebo! É tudo? »

— « Ainda ha. . . . »

— « Espere! Olhe, suba. . . . Não! Venha comigo; como são duas palavras, a cella do porteiro é bastante. Diga-me: vem de S. Domingos? »

— « De lá sahi. »

— « Optimo! E a devota communidade? »

— « Espera ámanhã estar melhor. »

— « Ora, Deus permitta! Estimarei muito. »

Os dois entraram; e minutos depois chegou o padre Sebastião de Magalhães, trotando na sege do paço, e apezar do frio ardendo em calma.

— « Aonde está o padre Ventura? » — perguntou ainda de dentro da sege.

— « Aqui, aos pés de V. reverendissima » — respondeu o italiano que vinha sahindo.

O confessor de el-rei, apesar da sua corpulencia, de um pulo atirou-se ao chão, e não fazendo caso de Thomé, que se lhe prostrava aos pés com momices respeitosas, pegou na mão delicada do visitador, e antes de fallar moeu-lha, no apertão das suas, indicando assim a gravidade do negocio.

— « Mais de vagar, padre mestre! Percebo optimamente. Adeus, sr. Thomé; não se esqueça. As culpas são grandes, tinha rasão; mas a penitencia as expiará. . . . e não ha de ser pequena. Ora pois! Quer mais alguma coisa? »

— « A sua benção, padre mestre. »

— « Deus o faça um santo. »

E sustendo com um gesto a impaciencia do confessor, não o deixou fallar senão depois de Thomé ter desaparecido.

— « Aquillo é um pobre fanatico que me dessocega todos os dias com os seus escrupulos de consciencia. . . . Agora, nós. Então ha novidade pelo paço? Está peior el-rei? »

— « S. magestade está melhor. »

— « Ainda bem. E o principe? »

— « Sua alteza teve ordem de prisão. »

— « Sinto muito. »

— « O infante D. Francisco trabalha. . . . »

— « Tambem sei. »

— « E logo no conselho de estado. . . . »

— « Decide-se o casamento do principe. Estou avisado. »

O padre Sebastião olhou cheio de assombro para o superior. Parecia-lhe quasi um prodigio que soubesse tudo e tão depressa.

— « Entretanto receio que s. alteza. . . . » — insistiu elle.

— « Não receie. S. alteza diz *que não* redondamente ao conselho de estado, como disse em particular a el-rei, seu pae. »

— « Deus nos acuda! Sabe v. reverendissima que el-rei falla de o metter na torre? »

— « Sabe v. paternidade, que s. magestade nem sempre faz o que diz? »

— « Mas é que o infante embrulha tudo! E apezar de ser um pouco vivo e leve de cabeça. . . . »

— « Doido, demente, diga! . . . . não lhe fez favor. »

— « Mesmo doido! Sabe v. reverendissima que acha quem o siga, e duas ou tres pessoas de muito conceito para el-rei nosso senhor? Por isso temo.... »

— « Não tema. »

— « Mas póde vir uma ordem perigosa, digo-lho eu padre visitador. »

— « Não vem nada, affirmo-lho eu, padre confessor. Olhe, os reis que morrem nunca meteram medo aos reis que ficam; acredite isto: e apezar das suas melhoras o sr. D. Pedro II está muito doente, muito mal... ora o principe ha de casar, mas é depois. Ha de casar na casa de Austria, mas não é já. Queremol-o solteiro uns dias, mais uns dias. Fallou a s. alteza? »

— « Da parte de seu augusto pae. »

— « É claro. E como o recebeu?.. »

— « O peior possivel. Não respondeu palavra. »

— « Ah!.. E á carta de s. magestade? »

— « A carta? . Eu não disse que levei uma carta. »

— « Digo eu: e a resposta? »

— « Trago-a neste papel — murmurou o confessor cada vez mais soçobrado diante da copiosa noticia do padre Ventura. — Falla-se muito da paixão do principe por certa dama... »

— « Ah! . »

— « Uma D. Catharina de Athaide, noviça em Santa Clara... »

— « Ah! »

— « E vão tomar-se providencias... »

— « Sim? »

— « El-rei jurou por alma de seu pae... »

— « V. paternidade não deve deixar jurar el-rei, porque é peccado. E depois? »

— « Soube-se que s. alteza esteve umas tres vezes em Santa Clara... »

— « Com effeito? »

— « E de todas teve grandes colloquios com a noviça D. Catharina. »

— « Estão certos? »

— « Certissimos! »

— « Pois não sabem nada! »

— « Então o principe não esteve em Santa Clara? » — exclamou o confessor absorto e recuando.

— « Esteve! »

— « Não fallou tres vezes á mesma dama? »

— « Fallou! »

— « E a dama não é D. Catharina de Athaide? »

— « Não! »

O padre Sebastião de Magalhãos estacou: com os olhos esgazeados e as palmas das mãos viradas para o seu interlocutor parecia repellir a visão de um fantasma tenebroso. A firmeza da negativa fulminava-o.

— « Se não é D. Catharina então quem é? » — gritou elle no estouvamento causado pelo seu espanto.

— « V. paternidade esquece que é só confessor de el-rei, e que eu pergunto e não costumo ser perguntado? — atalhou o padre Ventura, manso de tom, porém severo de expressão. — Basta que lhe diga que está ás escuras. S. alteza ama tanto D. Catharina de Athaide, como v. paternidade crê em Mafoma. Julgo que nem a viu ainda. Descance. A corte não dá cuidado. Dos nossos negocios como vamos? »

— « A questão da America parou. »

— « Não importa. »

— « Os dominicos acomodam-se. »

— « Engana-se: estão em armas. »

— « Não transpira! »

— « Ha mais alguma coisa? »

— « Temos el-rei de pedra e cal no caso dos quindenios. »

— « É preciso pol-o de cera. Os quindenios talvez se paguem. »

— « Pagam-se?! » — clamou o confessor aterrado.

— « É mais que provavel. E o padroado? »

— « Está nas mãos de Diogo de Mendonça. Mas D. Thomaz de Almeida prometteu... »

— « Se prometteu nada faz. É o costume. Falle a el-rei, e levem o negocio ao conselho de estado; é melhor. »

— « E se Diogo de Mendonça o demorar? »

— « Não demora. Para a semana dá-o despachado. »

— « Então?.. » — acudiu o padre Sebastião com uma grande interjeição nos olhos.

— « Confio que Deus nos ajudará. » — replicou o italiano com um ponto final na voz.

— « V. reverendissima sabe tudo. Só me resta pedir as suas instrucções. »

— « São faceis, padre Sebastião. Ouça, veja, e falle o menos que souber; porque o calar a tempo é a maior sciencia. Estamos nas vesperas de grandes perigos. Quem são as pessoas de mais respeito para o infante D. Francisco, se elle respeita alguem? »

— « Não lhe quer mal o duque de Cadaval D. Nuno. »

— « Nem bem: vamos. »

— « Roque Monteiro Paim corteja-o. »

— « Esse, por força! »

— «Serve-o de rastos o secretario de estado D. Thomaz de Almeida.»

— «Tambem é natural. Que mais?».

— «O conde de S. João por desgosto que teve de s. alteza...»

— «Está parcial do irmão? são todos?»

— «São os principaes.»

— «E v. paternidade? Disseram-me que tambem tinha as graças de s. alteza serenissima.»

— «Ás vezes faz a honra de me ouvir, mas...»

— «Mas v. paternidade sabe que o coração dos principes é inconstante, e que é perigoso fiar na ambição? Assim o esperava. Não acredite nos medicos, padre mestre! Elles dizem que el-rei melhora, quando s. magestade está quasi na sepultura. Affirmam que s. alteza real, o principe D. João não chega aos dezoito annos, e eu asseguro-lhe que ha de vêl-o sobreviver, para gloria delle e felicidade destes reinos, áquelles de seus irmãos qne lhe contam os dias de vida cubiçando a herança... padre Sebastião, quem espera por çapatos de defuncto arrisca-se a andar descalço — é o adagio. Estes enredos do infante D. Francisco, e todas as suas conspirações maniacas não valem um cabello; o que podem é metter na torre algum tonto, ou exterminar da corte dois ou tres credulos; o mais, digo-lho eu, é fumo e desapparece. Verá! Se o infante não póde comsigo, se elle não tem cabeça para si, como ha de ser cabeça de um reino, e chefe de tanta gente!.. Em poucas horas, em um accesso de loucura põe de rastos e faz seus inimigos capitaes aquelles que mais o ajudarem e que elle mais procura. É uma prophecia minha, e olhe bem, esta sahe certa. Depois, s. alteza está acostumado ás feras do monte, e por isso não admira que muito mal conheça os homens. Ás vezes no rio descuida-se com uma pontaria, e cahe ferido um marujo das vergas... Ora, quem assim tem a vista fraca não ha de nunca achar os degraus do throno. Aposto que é do meu voto, padre Sebastião? Os absurdos não reinam; sobretudo os de carne e osso.»

O confessor de el-rei tinha o rosto vermelho como lacre, e não levantava os olhos. Porfim em voz baixa disse:

— «V. reverendissima ordena alguma coisa mais?»

— «Que tenha saude... A proposito, poderei fallar ao principe amanhã e a s. magestade esta noite?»

— «A s. magestade de certo. El-rei estima os nossos padres. Agora, estando o principe com ordem de prisão é que não sei...»

— «Se é difficil obter audiencia? Não importa; arranjaremos isso. Adeus, padre confessor. Beije por mim a mão de el-rei.»

E sorrindo sempre metteu-se na sege e partiu com toda a rapidez. O padre Sebastião ficou dois minutos a olhar para o chão; depois, arrancando um suspiro, exclamou:

— «Dez annos dava eu da minha vida, se entendesse aquelle homem!»

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

CRITICA LITTERARIA.

Dores e Flores.

POESIAS DE EMILIO AUGUSTO ZALUAR.

N'uma carta, que serve como de prologo ás poesias do sr. Zaluar, diz-nos o auctor, que os seus versos *representam a historia intima de bastantes dias de crueis decepções, de muitas horas de desalento, de muitos instantes de amargura, que tem soffrido, que soffre quasi sempre todo aquelle, que julga achar nos homens generosidade e franqueza, e sò encontra nelles o desengano e a ingratidão.*

Por estas frases que acabamos de citar textualmente, vê-se que o sr. Zaluar é um poeta alistado na escóla *sentimentalista*. D'ahi talvez a rasão porque impôz ás suas poesias o titulo saudoso de *Dores* e *Flores*. As flores serão as esperanças, as illusões, os sonhos doirados do mancebo, que sente arder-lhe n'alma o divino fogo da poesia, palpitar-lhe o coração em apaixonados enthusiasmos, a mente arrebatar-se-lhe em grandiosas aspirações, até ao infinito dos desejos e das esperanças. Nessa tão curta, mas tão formosa quadra da mocidade, a vida é como uma bella aurora do nosso clima meridional; toda rosas, frescor, inefaveis, e consoladoras promessas. Uma aragem repleta de amores e perfumes embalsama a existencia inteira. O arroio escorregando mansamente por um leito tapetado de lyrios e boninas não tem mais claras lymphas, nem mais suaves murmurios. A poesia trasbórda do intimo d'alma em notas de admiravel pureza, como a ambrosia dos Deuses, por um descuido de Hebe, formou a via lactea dos fabulistas. A mocidade é a quadra dos amores e das canções.

Mas a aurora foi um instante imperceptivel que passou, levando de envolta esperanças e promessas. O nordeste succedeu áquella aragem balsamica das horas da manhã. O arroio em que se mirava o lyrio e a bonina campestre sumiu-se por entre a folhagem secca do outono, para apparecer ao longe na quebrada da montanha, despenhando-se em ruidos lamentosos, que os eccos melancolicos repetem sem cessar. Á lyra estallaram as cordas todas, menos aquella que o poeta affeiçóa então para descantar os

dolorosos trances de suas recordações pungentes, o espinho cruel de suas esperanças illudidas.

Considerada a existencia nestes dois termos oppostos, e supondo que no coração humano existem estreitamente enlaçados os dois sentimentos contrarios, dos infinitos desejos, e da infinita debilidade da raça a que pertencemos, não se póde levar a mal, que o verdadeiro poeta lamente em suas composições aquella tão deploravel sorte da humanidade. Está no seu direito, e na sua maior esphera de actividade. A poesia nunca nos arrebata tanto como quando pondo o ouvido sobre o coração do homem, lhe escuta com attenção todas as palpitações frenecticas e atribuladas, para depois as traduzir em sua linguagem divinamente excepcional. Note-se, porém, que em quanto o poeta se limitar a tanger essa corda unica, por mais suave e melodiosa que ella seja, embora se chame Chateaubriand ou Lamartine, cahirá irremediavelmente n'uma enfadonha monotonia, n'uma repetição escusada das mesmas lamentações. O thema, por variado, nada ganhará em grandeza e sympathia.

Querer, pois, reduzir a lyra a esse funebre cantochão das miserias individuaes é, quando menos, uma prova de pessimo gosto. Sabemos perfeitamente, que na seita confraternal dos que se dedicam ás musas, subsiste o dogma estranho de que o poeta nas suas inspirações se tranforma e consubstancia n'um ente impessoal, representando apenas o ecco harmonioso e expressivo dos sentimentos da humanidade.

Sabemos a que forçadas consequencias leva similhante theoria de incomparavel elasticidade, a que abysmos de orgulho vertiginoso tem arrastado mais de um representante dessa geração irritavel, *genus irritabile vatum*, como já lhe chamou um intendido na materia.

Este modo semceremonioso de qualquer se alevantar em propheta do seu seculo, de decernir a si proprio as corôas do martyrio, e as glorias do triumpho, é um processo habitual no Pindo, sómente admissivel nessas regiões sagradas.

Cá em baixo, na superficie da terra, no mundo dos homens e das coisas, na zona frigida da critica litteraria, é de crer que ninguem esteja disposto a acceitar, sem commentarios, a theoria pindarica dos illustres filhos de Apollo. A sociedade pertende ser uma coisa real e verdadeira, e requer de todos os seus representantes a realidade e a verdade. Assim como ella emprega todos os seus esforços, empenha todas as suas forças vivas no progressivo complemento de seus destinos fatidicos, assim lamenta vêr aquellas suas ovelhas, tão queridas, desgarradas do redil, e levadas em confusão para o grande fosso das vaidosas illusões. Ella já não acredita em lyras que tenham a virtude de erguer cidades famosas; o mythologismo não produziu senão um Orpheu.

Vemos-nos obrigados a fazer estas reflexões como um protesto formal aos progressos lastimosos do neo-sentimentalismo, que á similhança do escalracho, se vai apoderando da joven litteratura. Exceptuando os grandes mestres, todos estão mais ou menos eivados do virus contagioso. Ainda se os nossos Renés e incomparaveis Werthers apresentassem a originalidade destes dois typos inimitaveis, podia ser uma aberração do genio litterario, como elles são uma aberração do genio da humanidade; mas a par da inferioridade incontestavel do talento artistico, obrigar o engenho proprio a copista servil das imitações estrangeiras, é abdicar de mais com insensatez. Porque é necessario dizer toda a verdade; a nossa litteratura contemporanea, com raras, e honrosas excepções, não passa de um reflexo incolore e sensabor, da litteratura franceza. As inspirações vem-nos pelo paquete com as noticias dos golpes de estado de Luiz Napoleão. As pautas ainda não marcaram cota a esta daminha fazenda, que se espalha pelo mercado litterario com toda a impudencia do contrabando. A convenção litteraria não soube pôr-lhe termo!..

O resultado de tudo isto será que estamos ameaçados de uma litteratura piegas e choramingas. Com a restauração de 1834, uma geração nova, ardente, ambiciosa, enthusiasmada pelos progressos que presenciava da civilisação estrangeira, que só lhe minoravam as amarguras do exilio, importou para a terra da patria, com a liberdade, que foi um bem, o gosto, as tendencias, os excessos do romantismo expirante. Quando os soldados fogosos da theoria do bello horroroso, se recolhiam ás tendas, accossados pela critica implacavel, que os perseguia nos ultimos arraiaes, *ultima castra*, no prologo faccioso de uma celebre epopêa melodramatica, que o mestre composera em honra, senão epitaphio do systema moribundo, começavamos nós o nosso trabalho inglorio da imitação romanesca, da inspiração-cópia, da banalidade sentimental, da litteratura-reflexo. Quanto tempo andou vagando por esses desvios ignorados, é escusado dizel-o, os excessos foram taes, que a intensidade do mal principiava a servir de remedio e correctivo. Talvez para a cura concorresse poderosamente o exemplo de um grande mestre, cujo supremo bom senso, e incomparavel bom gosto preservaram sempre do contagio malefico, despresando com uma constancia prodigiosa adquirir uma popularidade momentanea, á custa dos bons principios, que o coroaram a final de uma gloria immarcescivel. Este é de certo o maior galardão, e o caracter distinctivo do talento do celebre auctor de D. Branca. A sua alta intelligencia previu logo as aberrações da nova litteratura; calculou a profundidade dos abysmos em que ella provavelmente teria de despenhar-se; e voltou-lhe as costas, procurando com a sua isempção, desviar os incautos, e encaminhar os arrependidos.

Hoje se examinarmos com attenção o que ahi se está passando, muito especialmente nos dominios da poesia não é precisa muita perspicacia para vêr a completa e lastimosa anarchia em que laboram as musas patrias. Uma vertigem de máu gosto, de banalidades, de logares communs, de pensamentos fosseis, de imagens sediças e vadias, de apostrofes ridiculas, de declamações prosaicas, afoga n'um mar de semsaborias quasi todas as composições contemporaneas. O vate não tem dó de ninguem: *væ victis*, é o grito que tomou emprestado ao barbaro que invadia o imperio. Em quanto a poesia nos quizer conquistar deste modo, havemos de protestar com todas as nossas forças contra tão atroz usurpação.

Todas estas considerações são applicaveis em parte ao livro que lhes serviu de motivo. Com um certo talento poetico, que não soube cultivar adequada-

mente, o sr. Emilio Zaluar póde apenas aspirar ás honras de um versificador fluente, em quanto não tomar a serio o estudo profundo de todas as condições da verdadeira poesia.

A vaidade cegou-o certamente, quando lhe induziu a empreza de colligir as suas fugitivas composições, que reclamavam toda a indulgencia em quanto impressas n'algum jornal fugitivo como ellas, mas que deixam a critica desobrigada de contemplações, quando postas em volume lhe vem bater á porta

O que logo se deprehende, e salta aos olhos, pela primeira leitura, é a mingua de conhecimentos geraes, com que desprezou de ornar o seu espirito; e que imprime ás suas poesias uma monotonia de tom, de imagens, de frivolidade, que realmente desconsola e esfria. Vê-se ás vezes que o pensamento nascera com azas, e que deseja elevar-se, subir, manifestar-se nas alturas, mas atado ás peias d'aquelle defeito original, esvoaça, rasteja apenas pela superficie da terra, para cahir logo extenuado, cançado do supremo esforço que fizera. A mesma razão supprime todo o caracter *de individualidade* ás suas composições, que publicadas com a firma de qualquer outro poeta menor, de nenhum modo denunciariam o seu verdadeiro author. A originalidade sómente se ganha á custa de muitos esforços, de muitas vigilias, com um sincero amor da propria reputação.

O poeta deve saber que os conhecimentos geraes das sciencias e das lettras são a mais certa lima com que o engenho se ha de pulir para poder brilhar com todo o esplendor. Permitta-se-nos ainda uma vez a comparação banal do diamante, que em quanto bruto póde valer alguma cousa, mas é indigno de certo de adornar a corôa de uma rainha; ou o collo de uma mulher formosa. Lapidai o engenho com o estudo continuo, e reflectirá logo, como o diamante, uma luz de explendida pureza.

Além deste defeito, que será facil d'emendar com o tempo, é preciso ainda, se o author das *Dores e Flores* quizer proseguir na sua carreira poetica, que tome um conhecimento mais cabal de todo o processo da versificação. A arte não exclue de modo algum a inspiração; antes a guia, regula, e ajuda a manifestar-se. O pensamento sem o verbo é como uma luz tibia na densidade de immensas trevas: o verbo sem o pensamento é o cahos sem nenhuma luz. Ambos juntos serão a claridade.

Alguem poderá achar demasiadamente rigorosas as reflexões que fazemos ao livro das *Dores e Flores*, mas a critica tem obrigação de ser severa, muito especialmente onde presentir o germen de um verdadeiro talento. Se o nosso joven auctor não tivesse prestado ouvidos complacentes aos seus admiradores, talvez não tivessemos agora de lhe dirigir esta admonitoria em favor da sua reputação. É de crer mesmo, que fazendo uma escolha mais apurada das suas poesias, e corrigindo-as como cumpria, alcançasse com mais brevidade os favores da opinião publica, e o nome que de certo ambiciona.

Taes como as imprimiu, as composições do joven poeta dão-lhe apenas incontestavel direito a um logar distincto, mas de terceira ordem, entre os seus collegas. A collecção promette de certo no futuro honrosa promoção; por em quanto todavia a justiça pede que não haja preterições. Se quizermos descer á seccura da simples analyse, cedo nos convenceremos de uma e outra cousa. A primeira poesia da collecção, a que abre por assim dizer o portico do edificio é composta a bordo do brigue *Experiencia*, e ao deixar Portugal. Logo na primeira estrofe diz o poeta:

> Como o cysne moribundo
> Nas verdes ribas de Eurotas
> Ergue do *seio profundo*
> As melodias ignotas.

Um cysne de seio profundo a erguer melodias, deve ser uma cousa tam feia como a expressão. A rima para a palavra moribundo foi evidentemente a causa desta cacologia.

Na terceira estrofe vem os seguintes versos:

> Adeus extremo! arrancado
> D'alma, soluçando afflicta.

Um soluço d'alma não é admissivel. Depois

> A vaga amante que chora,
> Em tremedaes pura rosa,
> Orvalhos de santa aurora,
> D'alma de virgem formosa!

Nestes versos começamos por não saber qual *seja* a verdadeira significação de *vaga amante*: e é escusado tirar todas as consequencias daquelle adjectivo, errado sem duvida, que o poeta applicou ao objecto dos seus doirados sonhos. Ainda assim o segundo verso citado vem complicar as presumpções; *em tremedaes pura rosa*. Tremedaes são lameiros. Decididamente similhante comparação não podia provir senão da ignorancia da significação deste termo. Mas reduzamos todos os quatro versos a simples prosa. A *vaga amante que como a pura rosa nos tremedaes (lameiros) chora orvalhos da aurora sancta d'alma de virgem formosa!* Tudo isto é de um effeito deploravel.

O poeta, acossado pela desventura vai deixar tudo, a patria, os parentes, a amante: corre mar em fóra por esse immenso oceano; a dôr estala-lhe o coração; parece que todas as circumstancias se acham congregadas, para que uma alma realmente poetica desate em rios de harmoniosas saudades o mar grosso das suas afflicções. O pensamento foi esse: mas a inspiração atraiçoou o poeta e apenas na singeleza dos seguintes versos:

> Tudo vou perder em breve:
> Quem perde o berço e a amante
> Perde tudo.

se reconhece a custo a situação que lhes deu motivo.

Agora cumpre á critica confessar ingenuamente que não acredita demasiado nessas inspirações por tal modo dolorosas, que consentem ao poeta interromper a expressão magoada das suas amarguras, para folhear o diccionario de consoantes, e buscar a rima appropriada. A critica compunge-se muito pouco dessas dores em quadras e oitavas, dessas lagrimas em breves e agudos. A verdadeira dôr tem uma só expressão, que é o grito inarticulado e sumido da alma que padece. A poesia quando manifesta similhante

sentimento, é já em resultado de outra operação interior, de outro processo que não é para agora analysar. Aquelle que no auge da sua maior afflição quizer compor alguma coisa, ou não poderá fazer nada, ou terá uma obra fria, de gello, sem colorido, nem sentimento algum. A faculdade poetica é uma e não póde impunemente estar desviada sem quebra da sua manifestação.

Camões e a *Patria* — é a segunda poesia da collecção do sr. Zaluar. Esta compoem-se de cinco pequenas quadras, simplices endeixas, sem merecimento nenhum, nem de metrificação, nem de rima, nem de pensamento. Que titulo! e que obra!

Jerusalem é a terceira. Jerusalem é de certo objecto para um grande carme. Vejamos. A primeira estrofe sae logo imperfeita. Jerusalem jaz tombada no pó d'antigas ruinas ao som de funda corrente:

Cavam-lhe rudes montanhas
A gigante sepultura.

Está pois a cidade impenitente deitada n'uma sepultura de rudes montanhas: A estrofe termina:

Veu d'eterna noite escura
Tolda-lhe os montes d'alem.

Não se percebe para que vem esta imagem falsa e sem gosto. A cidade ahi está por terra entre montanhas que lhe cavam a sepultura: e depois nos montes d'alem, que são outras montanhas, e se não sabe quaes são, apparece um veu a toldal-os de eterna noite escura. Talvez a segunda estrofe explique este contrasenso? mas não é assim: nada explica aquella noute escura a toldar os montes d'alem: estamos n'uma absoluta escuridão.

Na quinta estrofe diz o poeta, depois de ter nas antecedentes apostrofado a cidade maldicta em termos pouco agradaveis para a mesma cidade:

Dorme o teu eterno somno
Negra ossada carcomida,
Sobre as margens estendida,
Mumia d'humano cinzel.

A primeira imagem com que o poeta nos designa Jerusalem é a de uma negra ossada sobre as margens estendida: esquecendo-lhe por descuido dizer-nos que margens. Supponhamos porém que são as margens de um certo rio, que passava junto de Jerusalem, a imagem da ossada carcomida de animal que se atirou á margem não será asquerosa e indigna do assumpto, a que o author quiz dar as grandiosas proporções de um canto arrebatado?

Depois chama-lhe mumia de humano cinzel? a palavra *mumia* tem de si uma determinada significação que briga com a de ossada carcomida. Demais o que será uma mumia de humano cinzel?... Semelhante maneira de escolher um consoante para rimar com Daniel é de um tristissimo effeito.

Depois desta apostrophe fulminante á cidade maldicta, o poeta muda de metro, e enceta segundo canto. Ahi diz-nos que passados muitos seculos, tendo o vicio e as paixões tomado conta do mundo, veio o Redemptor para o salvar: que a raça judaica vagueia ainda hoje errante por toda á terra: e que só restam da cidade do crime as pilastras dos templos abatidos onde se entrelaçam os arbustos das campas. Chegado a este ponto muda pela segunda vez de corda, terminando por umas quintilhas, em que nos revela que o Verbo do Christo germinou entre as nações: e então

Surgiu d'um mundo outro mundo
Como um astro pudibundo
Das sidereas convulsões...

O adjectivo *pudibundo* applicado a um astro que rebenta das sidereas convulsões, póde representar uma imagem arrojada, mas de certo imperfeitissima. Por fim termina annunciando que o crime campeia outra vez na terra e appella para o novo Verbo.

Ninguem poderá negar que em toda esta informe composição transparece uma idéa que não chegou a tomar corpo na mente do poeta. O mundo é uma nova Jerusalem, com o sangue viciado por toda a casta de infamias. O genero humano está como degenerado da sua primitiva essencia. Remido uma vez pelo Christo cahio de novo no crime e necessita de nova redempção. Uma idéa assim concebida ninguem duvidará que seja assumpto de alta poesia. Custa-nos porém dizel-o; a Jerusalem do sr. Zaluar pecca na fórma pelas imperfeições que a deturpam: pecca no pensamento porque não tem nenhum. É uma collecção de estrofes descosidas, sem nexo, nem sequencia, com o falso titulo de Jerusalem.

Todas as mais composições estão sujeitas a eguaes reparos. Exceptuaremos comtudo cinco da actual collecção, sobre as quaes a critica funda as maiores esperanças de que o joven poeta poderá vir a ser digno de uma breve promoção. A primeira é a poezia intitulada *mysterio*, digna em todo o ponto dos nossos elogios. Suave, amena, voluptuosa como a virgem que se balança á sombra da palmeira, tem um verdadeiro perfume oriental, que encanta. A segunda com o titulo de — *Que vês além!* afóra poucos defeitos faceis de corrigir merece uma excepção egual á do *mysterio*. A outra é o *naufragio*: poesia larga, arrebatada, de verdadeira inspiração: citaremos as seguintes estrofes.

Porém cresce a onda, alaga,
Forma diluvios, o mar
Rebrama, morde-se, esmaga
Como a serpente, a silvar!
O raio brilha: já desce
Sobre o baixel estallou
Que todo inteiro estremece!!
Pende ao lado, e desfallece
Como a aguia que tombou.

Cruza os braços o piloto;
E o capitão a sorrir,
Apontando o mastro roto:
De joelhos: — descubrir!
Bradou com a vóz cortada;
De joelhos, homens meus!...
Nessa vaga encapellada
Vem a morte alli sentada
Com a punição de Deus.

A quarta pela correcção, pela singeleza, pela amenidade que respira merece ser transcripta por inteiro

A UMA JOVEN.

Vão correndo teus dias docemente
Como o leve barquinho em mar de rosas.
Deixando após na esteira refervente
Faiscas luminosas.

A fresca viração da tarde amena
O ondoso seio voluptuosa afaga
Suspirando d'amor meiga e serena
Sobre o collo da vaga.

É doce assim vagar na vida — é bello
Pelo mar das venturas embalada
Sentir-se presa da existencia ao élo
Com cadeia dourada.

Render-lhe um culto todo o peito amante
E qual fugaz exhalação dos ceus
Deixar um rastro d'esplendor brilhante
Após os passos seus.

O chão reverdecer, que ufano pisa
Seu pé triumphador — calcando flores
Que mais recendem, namorando a brisa,
Que suspira d'amores.

Assim o teu viver é lago puro
Que dorme entre as boninas perfumado
Oh! nunca toldem nuvens do futuro
Teu ceu desassombrado.

A poesia que termina a collecção, salvas pequenas incorrecções, tem direito pleno á nossa franca admiração. O poeta está alli todo, com o pensamento na obra de saudade que dedica ao author de seus dias. Sem que nol-o diga, percebe-se que deseja abrandar algumas maguas que porventura lhe causára nos seus tempos de adolescente. Assim em sentidissimas endeixas lhe pinta a saudade que delle levou ao partir e que ainda o mergulham n'um mar de afflicções. Depois dirige-se á mãe; depois á patria. O coração humano é assim feito: primeiro lembra-se dos seus, depois da terra natal. O poeta não é obrigado a ser heroe.

Agora para terminar, confessaremos ingenuamente, que quem quizer descubrir nas poesias do sr. Zaluar um pensamento que determine as suas destacadas composições, expoem-se muito a inventar uma theoria imaginaria, um systema inadmissivel.

A critica assim, em vez de guiar, desvaira; quasi que pudemos affiançar que desvirtua. O poeta á medida que se sente inspirado por este ou por aquelle objecto, afina a lyra e compoem as suas trovas, neste ou n'aquelle metro, sem nenhuma premeditação, nem intenção reservada. Agora será a bonina que se revê solitaria nas lymphas do arroio: logo o lyrio pendido sobre a campa dos finados. Depois uma recordação saudosa dos tempos que já foram; ou as esperanças e promessas que descortina no futuro; hoje a nuvem que passou no horisonte da sua vida, amanhã a aurora limpida dos desejos infinitos; emfim todos os accidentes multicores desta nossa existencia, cujo valor sómente o poeta sabe sentir e descrever. É com attenção a todas estas circumstancias que a critica tem de cumprir a sua ardua missão.

C.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Invernos celebres. — Deixando de parte os anteriores á nossa era, o primeiro que encontramos mais rigoroso foi o do anno 400, em que gelou completamente o Mar Negro, phenomeno que só foi reproduzido no anno 763.

Em 821 congelaram-se o Danubio, o Elba e o Sena, e era tão espesso o gelo que por espaço de um mez atravessaram as suas correntes não só homens, e cavallos, mas até carros de bagagem das tropas. Em 859 gelou o Mar Adriatico, e Veneza permaneceu por algum tempo como se fôra cidade situada em terra firme. O mesmo succedeu no anno de 1234, a ponto de passarem carros carregados pela superficie gelada daquelle mar, e pela frente do leão de S. Marcos.

Jámais cahiu porção tamanha de neve como em 874 e nunca o inverno começou tão cedo. Logo nos ultimos dias de agosto os campos principiaram a cobrir-se de uma leve capa de geada, que pouco a pouco foi augmentando até fins de março. Incalculaveis desastres occasionou tão desabrido inverno, perecendo de frio familias inteiras por falta de combustivel, e não obstante muitas estarem bem accomodadas; de tal modo estavam os mattos que era impossivel penetrar nelles para cortar lenha.

O inverno de 1281 fez-se notavel em Paris por uma temerosa inundação que produziu inumeraveis damnos. O degêlo de 1325 é dos mais terriveis que mencionam os annaes parisienses: o Sena carreou montanhas de caramelo que levaram a pique todas as pontes. O inverno de 1334 foi tambem mui rigoroso, especialmente na Italia, onde se congelaram todos os rios.

Porém, o inverno cruel por primazia foi o de 1408, e tanto que denominaram este — « o anno do grande inverno » — Nos registros do parlamento de Paris acham-se noticias mui curiosas ácerca dos lamentaveis acontecimentos a que deu causa. O secretario daquelle corpo deixou escripto que não poderam lavrar-se as actas de suas deliberações, porque a cada passo congelava-se a tinta nas pennas apesar de haver bastantes fogões ou lareiras pelas casas.

O Sena, como é de suppor, tapou-se completamente de gelo; e quando este chegou a derreter-se, arrancou pelos fundamentos os arcos de todas as pontes. Refere um historiador que se viu fluctuar n'agua um enorme pedaço de gelo que tinha 300 pés de comprimento.

Foi mais benigno o inverno de 1420, porém, colheu a classe pobre em tal estado de miseria que morreram infinitas familias de fome e de frio. As mesmas infelicidades repetiram-se dois annos depois, na estação invernosa de 1422. Fecundo por demais foi o seculo XV em toda a casta de desgraças. Aos 7 de outubro de 1435 levantou-se de subito em Paris tamanho furacão que arrasou sem numero de casas e extirpou arvores assás corpulentas. Houve gelo nesse inverno por dois mezes e vinte e um dias consecutivos, e nevou sem descanso por espaço de 40 dias.

Em 1458 acampou em cima do Danubio um exer-

cito de 40:000 homens; e conta-se que no ducado de Borgonha tiravam dos tonéis o vinho aos pedaços, para o degelarem ao lume.

O seculo XVI não teve invernos memoraveis; porém, no começo do XVII, anno de 1608, causou taes damnos o frio, que para se avaliarem bastará dizer que estava gelado o pão servido em França á meza de Henrique IV no dia 23 de janeiro.

Os invernos de 1638 e 1639 produziram males incalculaveis, principalmente á nação franceza; até Marselha, com a sua temperatura de ordinario benigna, viu congelada a agua do porto, e na Borgonha e em parte do Sul da França perderam-se inteiramente as colheitas de vinho e azeite.

O ultimo inverno memoravel desse seculo foi o de 1657 para 58, cujos terriveis effeitos sentiu toda a Europa. Carlos XII da Suecia percorreu no Baltico uma extensão de cinco a seis leguas com todo o seu exercito, sem exceptuar cavallaria, artilheria e bagagens. Em Paris gelou o Sena, e o degêlo arrastou comsigo a ponte Marie, sobre a qual havia vinte e duas casas.

O seculo passado é dos que contam maior numero de invernos asperos e terriveis: mencionaremos unicamente os principaes. Em 1709 gelou toda a sementeira nos campos, perdendo-se os grãos nos sulcos; foi mister semear de novo na primavera: morreram de frio innumeraveis pessoas: queimaram as geadas as arvores fructiferas: e augmentou não pouco a miseria a carestia do pão.

Em 1740 congelou-se o Tamisa, vendo-se por precisão suspenso o movimento commercial de Londres. Em S. Petersburgo construiu-se um palacio de gêlo, na sotea do qual assentaram seis carretas com seus competentes canhões feitos de gêlo, que dispararam carregados de polvora e bala, desfazendo-se o gêlo acto continuo.

Em 1779 foi tambem grande o frio, sendo necessario que as auctoridades tomassem precauções, e fizessem avultadas despezas, para não perecerem á mingua os individuos das classes pobres. Tambem se distinguiu o inverno de 1784 pela intensidade do frio. Em Paris levantou o povo a Luiz XVI uma estatua de gêlo na praça de Trono, agradecido aos favores que em momentos tão criticos lhe fizera, e que tão mal lhe pagaram poucos annos depois.

O primeiro inverno notavel do nosso seculo é o de 1812, cuja historia está escripta em caracteres de sangue para a nação franceza; a desastrosa retirada de Moscou o tornou memoravel. Em 1820 foi dizimada em muitos paizes a pobreza pela fome e frio; estragaram-se quasi todas as colheitas, e crestou o gêlo a maior parte das oliveiras.

Até 1829 não se reproduziram similhantes desastres motivados pelo frio. Finalmente, ninguem se terá esquecido do rigoroso inverno de 1838, no qual nevou em Lisboa de um modo insolito, e foi seguido dos de 1841 e 1842 tambem bastante asperos.

Pensamento opportuno. — Ainda bem não estavam permutados, entre os governos de Hespanha e França, os documentos officiaes que constituem o novo tratado internacional sobre propriedade litteraria, já um habil emprezario hespanhol, o sr. D. Ignacio Boix, artista typographo, editor e livreiro mui conhecido em Madrid pelos serviços prestados ás letras nessa triplice especialidade, se tinha estabelecido em Paris, donde acaba de annunciar um grande pensamento comprehensivo de todos os ramos da industria e commercio de livros, tanto para a Hespanha, como para a America.

A *Madrileña* é o titulo da sociedade anonyma para a circulação em larga escala e propaganda geral dos livros hespanhoes, fundada em Paris pelo sr. Boix. O capital social é de 500:000 francos, dividido em 500 acções de mil francos cada uma. Esta idéa foi recebida com tanto favor, que toca a raia do enthusiasmo: muitos capitalistas poderosos a patrocinaram, e o sr. marquez de Valdegamas, encarregado de negocios de Hespanha naquella capital, e escriptor assás distincto, dirigiu uma carta ao sobredito emprehendedor, elogiando-lhe sobremodo o zêlo e o projecto, e offerecendo-lhe cooperar com todas as suas forças e faculdades para a realisação de empreza tão louvavel.

O capitulo que no prospecto do sr. Boix trata do objecto e utilidade da associação proposta, diz assim:

« Uma empreza mercantil bibliographica, de origem hespanhola, formada e dirigida por hespanhoes no que respeita á parte professional, tendo á sua frente pessoas competentes e aptas, tanto por sua capacidade, como pela actividade e a pratica acreditada nesta classe de negocios, pessoas, emfim, que offereçam as mais solidas garantias de bom exito na especulação, é uma cousa reclamada em Paris por quantos conhecem o mal desempenhado que anda este ramo em mãos que lhe são estranhas e consequentemente inhabeis, e por quantos sabem o grande partido que delle póde tirar-se.

Quasi toda a America do Sul com seus numerosos e ricos estados, grande parte da do Norte, sobretudo o Mexico, varios estados da União anglo-americana onde se falla hespanhol, e as interessantes colonias que ainda conserva a Hespanha naquelle hemispherio, formam um immenso mercado, aberto sempre á livraria hespanhola. Poucos capitaes tem recebido premio mais seguro e mais avultado do que os destinados a este objecto; e até póde dizer-se que a formosa lingua de Cervantes e Calderon tem tido o duplicado privilegio de crear obras immortaes e tambem fortunas immensas.

A grande facilidade dos transportes por mar, a barateza do papel, e o caracter emprehendedor dos francezes moveram alguns editores de Paris a lançarem-se nessa carreira de especulação, mas com tão fataes resultados em suas publicações que ninguem nos taxará de parciaes nem de interessados, antes seremos havidos por verdadeiros e justos, se dissermos desafogadamente que nem um só livro hespanhol tem sahido puro e correcto das imprensas de Paris. Ahi estão os livros; examinem-se; e decidam depois as pessoas intelligentes.

Nós tratamos de respeitar a propriedade das obras hespanholas. Os nossos desvelos dirigem-se sómente a destruir as edições bastardas que se tem feito aqui; e aspiramos á gloria de defender com vigor e com zelo a honra justamente devida ás nossas lettras.

Se os editores francezes reproduzissem as nossas obras traduzidas a seu idioma, como praticamos nós com as suas, longe de censural-os applaudiriamos seu

proceder, porque assim contribuiriam para difundir cada vez mais as luzes, fazendo conhecida em França a bella litteratura de nossa patria, por certo mui pouco conhecida. Porém, copiar nossas obras em nossa propria lingua, com um fim puramente lucrativo, e prejudicando sobremaneira o nosso commercio, é uma fraude imperdoavel contra a qual nos levantamos com todas as nossas forças.

Se a Belgica imprime ou copia os auctores francezes neste idioma, é porque tambem é o seu, e sendo um paiz independente não póde evitar-se o uso nem ainda o abuso desse direito. Tão pouco reclamamos, nem devemos reclamar, contra a reproducção das obras castelhanas nas republicas do Novo-Mundo, existindo, como existe, a communidade de linguagem. Porém, o deploravel e escandaloso exemplo que offerecem, a nosso respeito, os editores de Paris póde dizer-se que é unico em o mundo. A nossa associação será um protesto efficaz contra esse escandalo que não durará muito tempo.

N'uma época em que as continuas perturbações da França retrahem o capital, sempre timido, de aventurar-se a emprezas arriscadas, vendo-se ás vezes precisado a emigrar para paizes estranhos, como aconteceu nestes ultimos annos; a inversão de fundos na livraria hespanhola com destino á America, isenta de todo o contratempo e de todo o risco, visto que é um commercio que nunca se póde interromper por eventualidades europeas, offerece as maiores garantias de opportunidade e de segurança aos capitaes que para esse effeito se empregarem.

O fundador desta sociedade, animado das intenções mais puras e desinteressadas, firme sobretudo na idéa capital de organisar e moralisar este ramo importante de commercio de livros hespanhoes em Paris, propoem-se a deixar exclusivamente a cargo da junta administrativa e de accionistas a faculdade de receber, guardar e administrar os fundos da sociedade, a fim de que os accionistas tenham as mais completas seguranças da sustentação de seus interesses, confiados a elles mesmos ou á pessoa ou pessoas que elles designarem. O director em chefe só reserva para si a parte organica, como puramente facultativa; sob este aspecto se considerará como o primeiro funccionario, isto é, o primeiro servidor da sociedade. — No caso de dissolver-se a sociedade, o seu fundador reserva o direito de adquirir tudo o que da mesma existir pelo preço que outrem offerecer.

A fragata Missouri. — Esta fragata a vapôr naufragou ha annos na bahia de Gibraltar; o governo dos Estados Unidos anglo-americanos contractou com uma casa commercial de Boston a extracção daquelle navio do fundo do mar; o preço do contracto é cincoenta e nove mil pezos duros.

Theatro de S. Carlos. — Continúa em scena a bonita opera jocosa *Os fabricantes de moeda falsa*, poesia de Ferretti, musica do *maestro* Lauro Rossi. Annunciámos no ultimo numero o exito que teve esta opera, e sobre ella emittimos em poucas palavras a nossa opinião: occuparmo-nos-hemos ainda do assumpto.

Diremos em primeiro logar que achamos o *libretto* espirituoso, engraçado, e abundante de situações comicas. A poesia é singela, animada, e offerece certo jogo de palavras, que só póde, porém, ser avaliado por quem conhecer bem o idioma italiano. Estamos até persuadidos que o publico teria dado maior apreço a este *spartito*, se comprehendesse a letra do *libretto* que em producções deste genero está intimamente ligada com a musica, e muito contribue para o seu realce. A execução, como já dissemos, foi no complexo muito satisfactoria.

A sr.ª Arrigotti representa o papel de *Annetta*, e apesar de que a musica não é mui adaptada á *tessitura* da sua voz, por ser escripta para *mezzo soprano*, comtudo executa-a optimamente, e não podemos deixar de louvar a boa vontade com que a distincta artista se prestou a acceitar a referida parte, a fim de que o publico e a empreza não ficassem privados desta opera. Approvamos e applaudimos esta condescendencia, que longe de prejudicar a reputação da sr.ª Arrigotti antes lhe dá mais um titulo á justa consideração em que é tida. Além disso a parte de *Annetta* é importante, tanto no que diz respeito ao canto como á acção, e á sr.ª Arrigotti cabem os maiores elogios pelo esmero com que a desempenha. Esta artista distingue-se particularmente em o *duetto* com o sr. Mancuzi no 2.° acto, em o *duetto* com o sr. Bonafós no 3.°, e sobretudo na linda *canção* em estylo hespanhol, que é sem duvida um dos trechos mais engraçados da opera, e por ella cantado com muita graça e delicadeza.

A sr.ª Sannazari é uma interessantissima *Sinforosa*, e podemos assegurar-lhe que, não obstante ter mudado de idade e condição, continua do mesmo modo a prender a attenção da platea, e a attrahir os oculos dos *dilettanti*. O caso é que ninguem representaria com mais propriedade *o caracter de Sinforosa*, ninguem o sustentaria melhor em todo o decurso da opera; emfim, na sr.ª Sannazari encontramos sempre aquella fina intelligencia artistica, aquelle perfeito conhecimento da scena, aquella expressão e naturalidade, que a tornam uma artista digna do mais subido apreço.

A parte do poeta *D. Eutichio* teve um excellente interprete no sr. Bonafós, que mostrou ser um baixo comico de bastante merecimento. Foi esta a primeira opera em que o sr. Bonafós poude usar de todos os seus recursos artisticos, e tirou delles o melhor resultado, deixando o publico satisfeito. A sua voz é sempre sonora e agradavel, a sua acção natural e apropriada á situação, conservando sempre aquelle *juste milieu* tão difficil no desempenho de semelhantes papeis, em que com facilidade e impensadamente se cáe na exaggeração, e na impropriedade. Muito estimamos que o sr. Bonafós confirmasse plenamente nesta opera o bom conceito que nos mereceu por occasião do seu debute na *Nina*.

Quanto aos srs. Guglielmini (D. Raymundo), e Mancusi (D. Isidoro), repetiremos, que satisfizeram nos seus respectivos papeis, e contribuiram deste modo para o bom exito do espectaculo.

Está-se ensaiando para subir brevemente á scena a nova opera *Ildegonda*, escripta expressamente pelo *Maestro* Arrieta para a sr.ª Carolina Sannazari, e na qual esta joven artista alcançou ultimamente um dos seus mais bellos triumphos em Milão.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 26. QUINTA FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

Tomando hoje novamente conta da redacção do nosso jornal, julgamos de rigoroso dever prestar um agradecimento sincero ao amigo que esteve em nosso logar dando, ao mesmo tempo, plena approvação á parte directa que teve durante a nossa ausencia na redacção da REVISTA. A modestia do seu verdadeiro merecimento nos impede de dizer mais nada a seu respeito.

Lisboa 4 de fevereiro de 1852.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

LIGA DE ALFANDEGAS.

I

A Austria e a Prussia.

A projectada liga da Austria e da Prussia é um dos factos economicos de maior importancia que ao presente se referem á producção e consumo de uma grande parte da riqueza social.

Sem o encararmos, porque não é da nossa competencia, pelo aspecto politico que apresenta em relação a um engrandecimento futuro para a Austria, nós sómente informaremos os nossos leitores do que se passar em relação ao ponto economico a que se refere.

Para que a nova liga se entenda, resumiremos a historia da antiga, conhecida pelo nome de Zolverein.

O Zolverein comprehende a união, em um só systema de pautas de alfandegas, de todos os interesses commerciaes dos Estados do norte da Allemanha, e abrange uma população de mais de 28 milhões de habitantes e uma superficie de 453 mil kilometros quadrados.

Fazem parte do Zolverein a Prussia, a Baviera, o Wurtemberg, o Hesse-Darmstadt, Hesse-Cassel, Saxonia, liga Thuringiana, os Ducados de Baden e de Nassau, Francfort sobre o Meno e o Luxemburgo. Tão vasto territorio tem como sahida maritima a leste, por onde é banhado pelo Vistula, alguns excellentes portos no mar do norte como Dantzick e Stettin, e ao oeste sendo atravessado pelo Elba, pelo Weser e pelo Rheno não se estende até ao mar Baltico e dá sahida aos seus productos pelo intermedio dos portos da Hollanda.

Esta liga de alfandegas foi uma das importantes consequencias do bloqueio continental.

Em 1813, quando a industria ingleza desafogada desse bloqueio parecia querer inundar a Europa com o excesso e a accumulação dos seus productos, os paizes noveis na vida industrial foram as primeiras victimas de tão grande desiquilibrio nas forças productivas. A historia industrial do nosso paiz é prova authentica da perturbação e ruina que esse desiquilibrio trazia a par de si. A situação da Prussia foi agravada com o facto das leis dos cereaes fecharem os portos da Inglaterra á sua exportação. Em taes circumstancias o seu primeiro cuidado foi melhorar as suas communicações internas, para que o custo do transporte não augmentasse sem proveito o preço dos seus productos. Em seguida a lei de 11 de junho de 1846 acabou com as alfandegas internas e removeu-as para a fronteira. Dois annos depois uma lei estabeleceu o principio geral da livre importação dos productos estrangeiros e da livre exportação dos productos indigenas. Mas este principio tinha um limite em que se exercia; e o proprio Frederico List, o sustentador do Zolverein, como observa um jornalista francez, não se pronunciou por uma liga austro-allemã senão quando a industria allemã podesse competir com a industria austriaca.

Para o novo systema de alfandegas se estabelecer devia a Prussia reunir aos seus interesses os de varios estados independentes que estavam encravados no seu territorio. Foi o que fez. E ao cabo de bem dirigido trabalho começou por obter em 1828 o as-

sentimento de alguns estados secundarios e em 1831 de outros mais importantes, até que as adherencias de 1833 deram força a esse pensamento grande e fecundo, até que o tractado de 22 de março de 1833 celebrado com a associação formada pela Baviera, Wurtemberg e outros estados foi considerado como lei fundamental do Zolverein. O tractado reduzido a estes termos estipula:

Quê haja uniformidade nos direitos de entrada, de sahida e de transito em toda a extensão da liga.

Que nessa mesma extensão haja liberdade de commercio e de communicação, só com as prevenções dirigidas pelas considerações da politica geral.

Que certas e determinadas estradas fossem designadas para o transito das mercadorias.

Que a Prussia admittisse nos seus portos de mar os productos dos outros estados com as mesmas condições com que admittia os seus.

Que o producto das alfandegas formasse um fundo commum, repartido proporcionalmente pela população de cada estado associado.

Que de tres em tres annos os plenipotenciarios da liga se reunissem para resolverem as questões de interesse commum.

As consequencias desta liga foram taes que o Zolverein se constituiu o terceiro poder commercial e manufactureiro da Europa, como acertadamente lhe chama o nosso amigo Mr. Sallandrouze de la Mornaix, nas suas importantes *Cartas Industriaes*. E se os limites deste artigo o permittissem, seria facil plenamente provar esta asserção, dando extracto do estudo que temos presente, feito por Mr. Legentil e por Mr. Goldemberg em 1845, por ordem do governo francez, visitando a exposição de Berlin e as principaes fabricas da Prussia, da Saxonia e da Baviera. Mas um documento mais recente e conhecido por milhares de pessoas veio revelar o grau desse poder; e se Mr. de La Mornaix escrevesse as suas *cartas* depois da Exposição Universal, teria pelo menos hesitado antes de designar a ordem em que esse poder está em relação ás forças productivas da riqueza.

Desde a abertura da Exposição todos os visitantes haviam feito especial reparo na profusão, na variedade e no caracter especial que apresentara a Exposição de productos, de origens tão differentes, cobertos com um só e unico emblema, o Zolverein. Não estavam ahi só representados os productos precisos para as necessidades sociaes dos vinte e oito milhões de habitantes que esse emblema representava, mas estavam tambem muitos dos productos considerados até aqui como do fabrico quasi especial da Inglaterra e até alguns da França, desses que os mercados do mundo não sabem procurar senão na praça de Londres. A sensação causada em Inglaterra pela Exposição do Zolverein foi grande, e muito mais corpo tomou quando de Londres correu para todas as cidades fabris a estranha e inesperada nova de que um livro annunciado, e tambem distribuido, com o titulo de *General catalogue of articles from the German Zoll-Verein and Northern Germany sent to the London Exhibition of industry.* — Era o preço corrente authentico de todos os productos, firmado com as assignaturas do sr. George Von Viebahn conselheiro na repartição das finanças e do sr. conselheiro Wedding, datado e impresso em Berlin, e fixando muitos dos preços inferiores aos dos inglezes. Em absoluto nós não avaliamos a industria do Zolverein como superior á industria ingleza, a primeira do mundo; mas notamos os factos que se passaram diante de nós, e que são um eloquente exemplo para os povos que estão na situação geographica e politica em que estavam os differentes estados que ao presente constituem o Zolverein, e porque este artigo é por nós considerado como a indispensavel introducção de outro em que tencionamos fazer algumas considerações sobre a situação economica da Hispanha e de Portugal.

A Austria procura hoje uma base ao seu poder nesse mesmo eloquente exemplo, que ha cerca de 20 annos tem á vista. Projecta uma liga de alfandegas que tenha de abranger os interesses dos povos que se comprehendem entre o Rheno e o Olto, entre Hamburgo e Veneza. Phenomeno estranho; ao passo que o Zolverein absorve com o nome de Steververein a liga separada, que haviam formado o reino de Hanover, o Oldembourg, o Schaubourg-Lipe e parte do Brunswick, não julga a sua independencia livre da grande absorpção da Austria. Para estabelecer as bases da liga austriaca allemã, foi convocado para Vienna um congresso especial e a Prussia tambem foi convocada.

O Zolverein mostra receio das intenções da Austria, e a Prussia mais do que os outros estados se inquieta com a proposição.

Nós temos sobre o que se está passando nesse congresso as informações mais authenticas e para nós mais dignas de credito, e sendo ministradas por quem percebe a vantagem que a Peninsula tem no estudo desta grave questão. Parece-nos que a resumiremos com verdade, dizendo — que devendo as conferencias começadas a 7 de janeiro findo acabar no fim do corrente mez é de esperar que a Prussia no entanto cesse de se mostrar hostil a tão grande pensamento economico.

O projecto apresentado pela Austria revela intelligencia e tem uma grande vastidão de pensamento. As suas principaes bases são:

Acceitação com ligeiras modificações do systema actual do Zolverein.

A existencia de uma representação consular para todos os estados alliados, commum para todos.

A adopção, em principio, de uma unidade monetaria uniforme.

Repartição proporcional da receita das alfandegas baseada sobre as ultimas estatisticas.

O estabelecimento de um congresso especial permanente em Francfort para regular todas as condições desta nova liga commercial.

Tómaram já parte nas conferencias a Baviera, o Wurtemberg, o Hanover, o Grão-Ducado de Hesse, Saxonia, o Grão-Ducado de Baden, a Hesse Eleitoral, Brunswick, Grande Ducado de Oldembourg, Francfort e as cidades anseaticas. Os primeiros trabalhos do congresso apresentam indicios favoraveis á Austria e parece que as instrucções da maioria dos plenipotenciarios os auctorisam para acceitarem (salvo modificações ulteriores) as propostas da Austria.

As ultimas noticias dadas pelo *Lloyd* austriaco annunciam o bom andamento dos trabalhos do congresso, e afirmam que os plenipotenciarios se mostram convencidos de que os interesses do Zolverein allemão e os da Austria exigem a liga destes dois grupos de interesses commerciaes. O projecto do governo imperial serve de base para a discussão e á nova pauta austriaca parece que será a base da pauta da projectada liga.

As vantagens deste systema são já hoje impossiveis de contrariar. Nem só a nacionalidade dos povos comprehendidos recebe um novo vigor dentro dentro dos limites nacionaes que a civilisação impoem a este sentimento honroso; mas os interesses moraes e physicos se robustecem a ponto de rapidamente desenvolverem todas as forças productivas desses paizes. Na historia dos ultimos annos, entre os complicados acontecimentos da Italia, se uma verdade se descobre entre tantas esperanças e decepções, é a verdade economica em que o infeliz e sabio Rossi queria começar a basear a verdadeira independencia da Italia, fixando regras para uma liga commercial entre Roma, Florença, Turin e Napoles.

Com os caminhos de ferro, o vapor, e a força das machinas, a unica solução possivel do problema economico da producção dos valores para os povos, que o territorio ou os interesses ligam, mas a historia separa, é uma liga de alfandegas.

S. J. RIBEIRO DE SA'.

EXPOSTOS.

Comprindo a missão de archivar nos volumes do nosso jornal todos quantos esclarecimentos se possam resumir para se avaliar a situação moral e economica do paiz, daremos hoje publicidade a documentos que dizem respeito aos expostos do districto de Coimbra e do districto de Ponta-Delgada. Comecêremos por Coimbra.

Os mappas do movimento dos expostos neste districto desde o 1.° de janeiro de 1844 até 7 de maio de 1850 dão entrados nas rodas 4,384 e fallecidos 2,705! saídos para a creação das amas externas 1,490.

A progressão da mortalidade de 1845 em diante é espantosa, o que se prova pelo seguinte desenvolvimento dos numeros que acima escrevemos:

	Entrados.	*Fallecidos.*
1844	634	24
1845	781	408
1846	713	511
1847	751	531
1848	706	557
1849	648	521
1850 até maio	204	153

A administração é uma sciencia de principios e uma sciencia de factos, e é sempre na presença destes que o bom e verdadeiro agente da administração publica deve pôr em pratica os recursos de que dispoem. O quadro funerario que temos diante dos olhos apresenta-nos tres factos:

Augmento de expostos.

Augmento de mortalidade.

Desproporção notavel entre a mortalidade de 1844 e a dos annos subsequentes.

Como uma das mais poderosas causas do augmento dos expostos aponta-se a suppressão das outras rodas do districto e a sua centralisação na de Coimbra.

Para o augmento da mortalidade parece ao *Observador* — que justificadamente se indigna perante este quasi infanticidio legal — que tenham concorrido:

1.° A demora dos engeitados na roda onde as amas internas não pódem prover ao sustento de tantas creanças.

2.° A falta de cuidado das amas externas, as quaes não concorrem por se lhes deverem 40 mezes!

Em tudo isto devem haver outras causas que só os olhos da administração pódem vêr, sendo bem dirigida e sabendo cumprir com a sua missão.

Nós chamamos sobre este ponto a séria attenção do governo, pois que desviando os olhos do continente lá deparamos com outro lastimoso quadro, que para elogio da auctoridade que tão bem o soube traçar aqui reproduzimos, porque serve de louvor incontestavel ao zêlo do sr. Antonio Teixeira de Macedo, secretario geral do districto de Ponta-Delgada. Destes documentos desejariamos que se nos remettessem muitos para publicar nas columnas da REVISTA.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DE EXPOSTOS, OFFERECIDAS Á JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE PONTA-DELGADA EM 1851, PELO SECRETARIO GERAL DO MESMO DISTRICTO, ANTONIO TEIXEIRA DE MACEDO.

Senhores. — O decreto de 9 de setembro de 1836 auctorisa as juntas geraes administrativas dos districtos a fazerem regulamentos para as rodas, e attenderem simultaneamente á cifra para fazer face ás despezas dos expostos. Sem que pretenda fazer a menor arguição, dizendo que a maxima parte das juntas se tem limitado á discussão das verbas de receita e despeza, e pouco hão curado de melhorar a sorte moral, social e civil desses filhos adoptivos da sociedade, não faltarei á verdade. Entretanto é fóra de duvida que as reiteradas oscillações politicas por que a nossa malfadada patria ha passado, teem impedido espiritos eminentemente illustrados de tama-

rem a iniciativa nesta grande questão administrativa. É tempo pois que nos convençamos de que a classe por quem advogamos navega n'um mar de escolhos, e que devemos aproveitar todos os momentos de remanso para lhe assegurarmos um futuro mais propicio. Se com estas considerações não ajudarmos a fazer grande colheita na seara, dar-nos-hemos por bem pagos, nas palavras de Diniz, se a junta, como o Nilo,

«.... na gran carreira ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita
Soberbo não regeita
Pobre feudo de incognito regato.»

Serão as rodas proveitosas á sociedade?

Dizem os apologistas, que ellas são asylos seguros onde a fraqueza se póde refugiar; — que sem ellas á mulher que se torna mãe, e que chora sobre a sua culpa, faltaria a coragem de aleitar, e crear publicamente seu filho; — que finalmente asseguram melhor que nenhum outro meio a existencia das creanças abandonadas.

As rodas, dizem os antagonistas, com pretexto de consolarem a miseria, servem de manter e propagar o amancebamento que para poupar, conservar o pudor de um sexo tão fragil, e salvar as apparencias da virgindade, apaga o doce, o meigo affecto da maternidade. Quando se lhes diz, que engeitando-se as creanças, se impedem as mães crueis de matarem os filhos recemnascidos, respondem que supponde mesmo que estes asylos sejam mais efficazes que os ameaços, e castigos: se não deve com o especioso pretexto de impedir duas, ou tres mães de serem monstros, aventurar que cem mil sejam madrastas! se os brutos mais ferozes expoem as vidas para defenderem suas crias, hão de creaturas racionaes, ha de o sexo da sensibilidade, repudiar os filhos, que gerára? Será o tigre mais terno que a mulher? O nome, dizem elles, o terno nome de mãe, que abala as entranhas á vista do seu sangue, e excita o doce sorriso do filho innocente, bem depressa acharia a natureza muda; e d'aqui concluem que o hospicio dos engeitados é o tumulo do amor maternal.

As rodas, dizem uns terceiros, fundados em analyses comparativas feitas em diversos paizes, não promovem nem evitam o infanticidio. É porém incontestavel, que o receio que tem as mulheres menos bem morigeradas de terem filhos, as colloca em embaraços, refreando-se não poucas vezes as paixões, e neste caso a existencia das rodas contribue de alguma maneira para dar remedio a seu desenfreamento.

A questão é grave — é melindrosa — é sublime. A suppressão das rodas não está, no meu entender, no espirito do seculo actual; estudar os alvitres para se attenuar a exposição é o que a época está pedindo. Para este ponto é que chamo a attenção da junta, pois, com bem magoa o digo, vejo que se vai realisando o que ha meio seculo muitos economistas vaticinaram: — o augmento do numero dos expostos, e conseguintemente uma crise financeira que nos ha de envolver!

Como causas principaes do crescimento da exposição pódem assignar-se a miseria, a devassidão, as dissenções politicas, o augmento de população. O sr. dr. Assis, um dos ornamentos da medicina portugueza, em um de seus trabalhos, apontando alguns meios para diminuir a exposição, expressa-se assim: — « Pela maior parte as mães, que abandonam o seu recem-nascido, procuram por um sentimento natural seguir-lhe a pista, e descobrir a residencia da ama, a cujos braços a administração o entregou. Este exercicio clandestino dos direitos da natureza, é um abuso que a administração deve tratar de reprimir quanto antes. Quando hajam suspeitas de se haverem descoberto relações entre as amas e os paes da creança, será o exposto transferido para outra ama de diverso concelho. As mães contrariadas por este modo em seus mais ternos sentimentos, vendo repentinamente anniquilada a sua solicitude, decidir-se-hão, com probabilidade, a reclamar o filho.»

Com quanto o illustre escriptor assevere que esta medida teve optimos resultados em França, diminuindo as despezas com os expostos, nós temos presentimentos de que pondo-se em pratica neste districto não poderemos contar igual fortuna. Que a ausencia produza o olvido, é da natureza do coração humano; e nós por isso presumimos que a facilidade que a mãe tiver de saber onde existe o filho, lhe desafiará a sensibilidade a visital-o uma e muitas vezes: as lagrimas do innocente compungil-a-hão, os seus risos hão de enleval-a, os cuidados que lhe merece esta tenra planta far-se-hão distinctos, até que finalmente aquella que tinha renunciado o seu amor, reclame o filho e prefira agora este caro penhor a todas as considerações e grandezas do mundo!

Seria todavia congruente fazer-se um ensaio sobre aquelle systema, dando-se ordens severas ás directoras e mais empregados das rodas, para guardarem sigillo a respeito do local em que se achar qualquer exposto.

Da indagação da paternidade poderá talvez tirar-se grande proveito para restringir a exposição. Em Inglaterra, diz M. Pillet, logo que se suspeita que uma rapariga pobre está pejada, os «overseers,» ou inspectores, e vigias da parochia a que ella pertence, assim como a sua familia, a mandam prender e levar a casa do magistrado. Obrigam-na a declarar, debaixo de juramento, sobre a Biblia, quem é o pai de seu filho, e uma vez que o declara, é logo preso, e conduzido perante o magistrado em virtude d'um «Warrant,» e o obrigam ou a desposal-a, ou a pagar uma quantia nunca menor que vinte e cinco libras esterlinas. Algumas vezes a quantia é considerabilissima, em rasão da fortuna conhecida ou presupposta do pai que se deu á creança, e é destinada ás despezas do parto da rapariga, e á manutenção e educação do recem-nascido. Só na recusa de casamento, a quantia uma vez determinada é immediatamente metida no cofre dos «overseers;» quando não, constituem o pai preso por divida, e não é solto senão pagando, ou obrigando-se por fiança a pagar. Se é elle muito pobre para effectuar o pagamento, contentam-se então com obrigação affiançada de indemnisar a parochia das despezas, mediante um certo desconto que se lhe faz todas as semanas nos seus salarios, até que a creança chega á edade de sete annos, edade em que se suppõe poderá prestar alguns serviços, e em que vai ser entregue a um mestre por dez annos.

É evidente quão impolitica e até immoral era esta

lei, que a maior parte das vezes servia para especulação da mulher dissoluta! Hoje porém a declaração e o juramento da rapariga estão muito longe de serem provas que bastem para justificar em juizo a paternidade.

Outro meio indica o sr. dr. Assis, tendente á restricção da exposição, ensaiado em França com feliz resultado. Consiste em obrigar as mulheres que teem o seu parto em administrações hospitaleiras a dar de mamar aos filhos nos primeiros dias, porque depois desta operação, são ellas as proprias que pedem para os conservar, quando no primeiro momento tinham querido affastal-os de si, e mandal-os para a roda. Deste modo se tem achado confirmada a interessante observação de que o cumprimento de um primeiro dever maternal dispõe para se cumprirem os outros. A mãi prende-se ao filho, na rasão directa da canceira, que este lhe deu, e não lhe torna a retirar o peito depois de lho haver uma vez dado.

Applicando estas idéas luminosas aos nossos estabelecimentos hospitaleiros, porque não hão de as mezas das santas casas da misericordia identificar-se com esta doutrina, a fim de que as mulheres que buscarem esses piedosos asylos para se aliviarem, conservem seus filhos todo o tempo que alli permanecerem? A mãi repassada com as vivas dôres do parto póde ser indifferente a ausencia do filho, póde até repelil-o; mas passado esse transe brotam-lhe no coração aquelles sentimentos, que a penna magistral de Chateaubriand tão excellentemente contornou, considerando-os effeito da Providencia, sob o titulo significativo de *Amor Maternal*.

É mui louvavel o costume que ha neste districto das pessoas abastadas não receberem em casa para aleitarem seus filhos senão mulheres casadas, e estas de reputação illibada. Em Portugal verifica-se o contrario, e especialmente no Porto, e provincia do Minho, onde as amas por via de regra são solteiras, e para criarem os filhos alheios entregam nas rodas os proprios.

Tal procedimento, e a condescendencia das pessoas que as procuram para amas, é uma das causas da grande exposição no continente; e tanto melhor é o tratamento que lhes prodigalisam os pais da creança, e maiores são os lucros que d'ahi retiram, tanto mais preferem aquella vida a outro qualquer genero de serviço.

Estamos chegados á parte estatistica dos expostos, e á crise financeira das camaras municipaes.

No anno economico de 1848-1849 entraram nas 5 rodas do districto 423 expostos, e falleceram 255! No anno economico de 1849-1850 entraram 479, falleceram 296! E nos annos economicos 1850-1851, e 1851-1852, não obstante ainda não haverem todos os dados para se organisar a sua estatistica, comtudo já se póde assegurar que a exposição é consideravelmente maior, e a mortandade proporcional.

Não se depara em nenhuma estatistica dos dezesete districtos administrativos do continente com mortandade tão espantosa, em relação ao numero total dos infelizes que são recebidos em similhantes administrações! Isto é repellente — é immoral — é uma grande mancha na época civilisadora em que vivemos — é, mais que tudo, grave descredito para as auctoridades a quem cumpre velar por esta classe desvalida, e que devem empenhar todo o pundonor no estudo de taes problemas sociaes. A estatistica dos expostos do districto administrativo de Braga dá, no anno economico de 1847-1848, expostos existentes e entrados 3:332, fallecidos 501; 15 de 100: — no anno economico de 1848-1849, existentes e entrados 3:188, fallecidos 382; 12 de 100: e no anno economico de 1849-1850, existentes e entrados 3:160, fallecidos 348; 11 de 100.

Comparem-se as duas estatisticas e repentinamente se verá a lei da mortalidade dos expostos em um e outro districto!

Mas que resta obrar nesta conjunctura? Estudar as causas d'uma mortalidade tão frequente — examinar se a applicação da vaccina e todas as disposições sanitarias são fiscalisadas competentemente pelos facultativos — procurar saber se as amas curam dos expostos com aquelle cuidado e interesse que devem — e sobretudo buscar restringir o numero da exposição, e ainda mais o numero dos fallecidos: nisto se resumem as melhoras reaes deste estado social.

A junta conhecendo em 1850 pelo relatorio do sr. governador civil, e pelas contas relativas ao anno economico de 1848-1849, que no anno subsequente appareceria algum deficit contra o cofre do districto, resolveu augmentar as quotisações ás camaras municipaes, penetrada de dois justos principios: satisfazer á despeza daquelle anno, e fazer desapparecer o deficit do anno antecedente. Todavia o numero dos expostos cresceu, e conseguintemente as despezas, de modo que o deficit, apparecendo muito maior, collocou a junta em serias difficuldades. Como removel-as, pois? Na presença d'um tão grande deficit (pois já montava a réis 1.722:364) e da despeza provavel que tinha de realisar-se até ao anno economico de 1850-1851 combinada com a respectiva receita, a junta augmentou a cifra das quotisações com que as camaras deveriam contribuir no anno economico de 1851-1852, porque só desta arte se faria face á despeza respectiva, e simultaneamente ao deficit que deveria apparecer neste anno.

Tal é o summario dos motivos allegados pela junta geral. As quotisações ás camaras municipaes, foram em consequencia disto elevadas a réis 14.360:000.

Para melhor se avaliar quanto e como as quotisações tem augmentado desde 1847-1848 até agora, eis em globo a sua escala ascendente:

1848-1849, réis 10.530:000:
1849-1850, réis 11.172:800:
1850-1851, réis 11.500:000:
1851-1852, réis 14.360:090:

— e a julgar as quotisações por este progressivo augmento, tempo viria em que os reditos das municipalidades fossem diminutos para sustentação dos expostos, e em que a agiotagem que d'aqui proviesse fosse de mui difficil extirpação.

Dado em hypothese que as quotisações continuem a ser repartidas quaes hoje se acham, algumas camaras não poderão, á mingua de recursos, concorrer no cofre do districto com a parte arbitrada: como compellir então as municipalidades pobres a um tal pagamento? Com que justiça, com que direito se lhe poderá dizer: infringistes o artigo 2.° § 2.°

do regulamento da junta geral — mereceis punição?

Senhores da junta geral! apresento-vos um alvitre sobre a amortisação do deficit existente! A lei de 13 de fevereiro de 1845, pela qual o governo foi auctorisado a determinar, e a pôr em execução do modo mais conveniente a este districto, as providencias que julgasse necessarias para se conseguir a extincção do insecto destruidor das laranjeiras, diz no art. 3.º — «o governo applicará exclusivamente ás despezas que se fizerem com a extincção daquelle insecto o producto do imposto creado pelo art. 2.º, e o excedente, se o houver, ficará pertencendo ao cofre geral do districto.»

Nisto tendes a tabua de salvação: — applicai pois o remanescente que a lei vos offerece em favor dos filhos da miseria! Se os interesses materiaes do districto pedem bancos e estradas — se a religião, e a philosophia reclamam asylos de beneficencia — se Deus e o christianismo abençoam o soccorro que se dá ao indigente — quem mais indigente do que o exposto? Considerai-o por todos os modos, e vereis que vos não minto. Attendei porém que se não fizerdes obra por algum dos meios indicados para attenuar a exposição, novo deficit vos reapparecerá em menos de dois annos.

O sr. deputado, dr. Jeronymo José de Mello, apresentou em janeiro de 1850 na camara electiva um relatorio e projecto de lei sobre expostos, que julgo muito a proposito recommendar-vos, porque parece-me que encerra muitas verdades de que, se vos aprouver, podeis tirar proveito para um dos mais importantes pontos da vossa consulta.

Concluirei este trabalho suggerindo outra idéa á junta geral. Parece indispensavel e urgente, que se faça regulamento interno para as rodas do districto, porque é impossivel que sem esta lei reguladora se não viciem a cada instante certos principios que devem reger casas de tal ordem. Se aonde existe lei muitos obram como não devem, com a falta della têem garantidos ainda os seus mais extravagantes caprichos. Não sou deslembrado do que por vezes escutei a um homem, que bastantes annos foi vereador encarregado dos expostos na cidade do Porto, e a quem mais que todos venero pelo amor filial, e pelas virtudes austeras que o caracterisam; relativamente aos beneficos resultados que se colhiam da existencia, e consciencios observancia de similhante regulamento. Se a caridade pois nos manda proteger a vida dos expostos — se os interesses desta ilha nos pedem disvelos — olhemos accuradamente a administração presente, e trate quem deve de regular a administração futura.

OBRAS DA BARRA DE VIANNA — EXPORTAÇÃO DE CEREAES.

Tivemos a honra de ser um dos mais constantes defensores da lei que promoveu a exportação dos nossos cereaes acabando com os direitos que pesaram sobre a sua exportação; e por esse motivo as obras da barra de Vianna, que tanto pódem favorecer esse nosso ramo do commercio externo, são um ponto que muito merece a nossa attenção.

Vimos com prazer que o sr. Joaquim Honorato Ferreira, adoptando a este respeito um projecto, fructo de aturados estudos sobre o assumpto, o considerou como seu na conformidade do regimento da camara dos srs. deputados, e por este meio o apresentou á mesma camara, sendo tambem assignado pelos srs. Placido d'Abreu e Carlos Bento da Silva.

Este projecto vem publicado no Diario do Governo n.º 27. Achamos muito conveniente esta publicidade, mormente pelo justo motivo que aponta o relatorio quando diz:

« Senhores: os commerciantes da provincia que « vai ser beneficiada, acostumados a trabalhar para « adquirir, foram os proprios que se offereceram » para pagar o beneficio, mediante um imposto local, « percebido na alfandega da cidade de Vianna; e é « porque as consequencias desse imposto vão affec- « tar toda a população da provincia, que eu entendo « que se deve dar a maior publicidade ao projecto « antes de ser discutido. »

Em nossa opinião achariamos muito mais conveniente, se o paiz estivesse na situação economica em que podia estar, que esta e outras obras locaes de interesse geral se fizessem pela receita geral do estado, sem o desiquilibrio que no systema das contribuições causa esta e outras tabellas especiaes de direitos addicionaes.

Os generos collectados são, como era de esperar, na maioria, alimentos ou matèrias primeiras, e o seu augmento de preço não ha de só prejudicar os habibantes da provincia, mas todos quantos carecem de ter valores para trocar pelos productos ou pelo trabalho dessa provincia. E se o prejuiso não é local, tambem o beneficio do melhoramento da barra o não é, porquanto não só o proveito da exportação se estende a outras terras, mas o incremento da navegação nacional, muito devido a este commercio, é uma vantagem geral do paiz.

Com estas considerações não impugnamos a base do projecto, mas, leaes aos nossos principios, manifestamos o desejo de que os meios podessem sahir da receita geral do estado.

Terminaremos publicando um curioso mappa da exportação do milho pela barra de Vianna, o qual a nosso pedido nos foi de Lisboa mandado para Londres por um nosso amigo, para ahi rebatermos o modo errado por que se considerava um dos pontos da nossa producção agricola.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Mappa do milho exportado pela barra de Vianna do Castello nos annos de 1848, 1849 e 1850.

ANNO	NAVIOS		PARA OS PORTOS ESTRANGEIROS		PARA OS PORTOS NACIONAES		TOTAL DA EXPORTAÇÃO	
	Portuguezes	Inglezes	Moios	Alqueires	Moios	Alqueires	Moios	Alqueires
1848	43	29	19:205	16	7:628	30	20:833	46
1849	36	25	13:448	35	2:142	93	15:590	58
1850	20	15	12:327	9	3:772	26	16:097	35
	99	69	44:981		13:540	19	58:520	19

NOTA. — O numero de navios são os que conduziram carga para os portos estrangeiros, pois que os que foram para portos nacionaes não se podem marcar com exactidão, pelas suas cargas não serem sómente milho.

As quantidades são marcadas por moios e alqueires da medida de Lisboa, a que se reduziu a medida de Vianna calculando o accrescimo, termo medio, de 19 por cento.

ESCRAVATURA BRANCA.

O nosso benemerito correspondente em Pernambuco, zeloso pelo bem de seus compatricios illudidos por um mal entendido interesse e alliciados por suggestores perfidos, possuido dos verdadeiros sentimentos humanitarios, nos escreve a carta que em seguida transcrevemos, sobre o importante assumpto que já por vezes tem sido tractado neste jornal com a mira de salvar os que sonham riquezas aventurando-se a uma perigosa emigração.

Sr. Redactor. — Os intoleraveis portes dos jornaes portuguezes quando vem em os vapôres inglezes para este paiz, são a causa de só haver um exemplar dos seus n.os 45, 1, 2, 3 e 4 da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE em esta cidade, bem como das *Populares* de 15 de agosto a 13 de setembro, mas foram por mim cuidadosamente examinados, como sempre costumo.

Agradeço a v. tomar em consideração as minhas queixas, e continúo a pedir-lhe que em vista de quanto v. , a *Revista Popular* nos n.os 26 e 34, e a *Revolução de Setembro* n.° 2:794 tem publicado, e que tudo tem sido por meus rogos; bem como pelo contido no n.° 2:824 deste ultimo jornal, e por quaesquer outras informações que a v. tenham enviado portuguezes que não se esquecem da terra em que nasceram, se digne escrever o que julgar mais util para se obter a cessação da desgraçada emigração portugueza para o Brazil, e a indifferença com que se habituam os portuguezes, logo que chegam a este imperió, a julgar de Portugal!!

A causa maior para este ultimo e vergonhoso crime, é a nenhuma educação que lhe é ministrada em suas terras, e que chegando a este paiz, cada vez vão a peior, lançando-se sofregamente em a conducta que seus patricios residentes por cá ha mais annos tem estupidamente seguido.

Artigos pouco extensos, muito energicos, repetidos ao menos uma vez cada mez por os differentes jornaes sem excepção em letras maiores que as de uso geral em cada um delles; nos quaes se patentee a verdade, e consequencias infalliveis de erros de tão antiga data, mas por isso mesmo que mais prompto deve ser o remedio para terminar taes males, será mais que bastante para se experimentar differença favoravel em estes dois pontos, e a que me refiro desde fevereiro do corrente anno.

Em julho começou este esforço, em que já tres jornaes tomaram parte, espero que todos os coadjuvem com o maior interesse, e sem excepção.

Qual será presentemente o interesse nacional portuguez que mais deva prender a attenção do Governo, das camaras legislativas, da imprensa, e de todos os portuguezes?!!!

Porém, que a imprensa não cesse de bradar por este motivo em quanto um só navio se atrever a abusar da tolerancia do povo portuguez, e até que á sua poderosa influencia se submettam os outros poderes que deviam ser igualmente vigilantes.

Perdi de mandar em o vapôr a carta que tinha

prompta, por ella lhe provo sr. redactor quanto eu espero; e quanto respeito eu voto a v. , e ao seu jornal.

Peço-lhe sr. redactor, que meu humilde nome só appareça quando seja necessario sustentar qualquer asserção da minha escripta.

Agradecendo novamente a sua muita indulgencia para comigo, e promptidão para tudo quanto é de interesse publico, me confesso sr. redactor

Seu constante leitor

Pernambuco 20 de outubro de 1851.

Ainda bem que as auctoridades do districto de Ponta-Delgada tem tomado as medidas que folgamos mencionar, copiando as seguintes linhas de um jornal dessa cidade.

As medidas tomadas pelo chefe administrativo, contra o escandaloso e revoltante trafico da *escravatura branca*, tem produzido já alguns resultados, que nos parece devem concorrer para que no futuro, ao menos, se não pratiquem tantas immoralidades.

Feitas as visitas aos navios com o rigor que a lei exige, é muito difficil illudir os regulamentos do porto, e a prova é que agora tem sido feitas varias prisões em flagrante delicto, e que o proprio consignatario de um dos navios que estava a dar á vella para o Brazil, foi preso e vai entrar, ou está em processo, por ter transgredido o termo de responsabilidade que assignou, quando todos sabem que, até aqui, este crime se commettia quasi sempre impunemente.

A impunidade é que tem animado esses negociadores de gente branca a emprehenderem este trafico em tão grande escala. Agora já não será tão facil arranjar essas levas de mancebos incautos, pelos campos, porque lá ha de constar, que são punidos os que se fiam nesses agentes do crime, e embarcam sem passaporte.

Embarcar de penedo, e ír para o mar esperar o navio é mais difficil, e isso mesmo se póde evitar com as duas pequenas embarcações armadas que por tantas vezes tem sido requisitadas.

Nunca é de mais o que se faz contra este abominavel trafico. Á imprensa cumpre estar sempre alerta para denunciar qualquer abuso, que se pratique sobre este objecto.

(*Correio Michaelense.*)

VINHO EXPORTADO PELA BARRA DO PORTO EM 1849.

		Jeropiga	Aguardente	Vinho	Total geral
		Pipas	*Pipas*	*Pipas*	*Pipas*
Europa	Grã Bretanha	101	2	24:574	24:629
	Outros portos	34	6	5:350	3:390
	Reino e possessões	6	169	320	496
Para fóra da Europa	Estados Unidos	1:088		3:832	4:921
	Brazil	19	25	5:583	5:627
	Outros portos		1	3:975	3:976
Somma		1:249	204	41:588	43:013

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVIII.

EM QUANTO VENTA MOLHA A VELLA!

D. Pedro II fazia a sua residencia nos paços de Alcantara. Era alli, que sendo ainda infante, pousára o primeiro osculo de vassallo, já tre-

mulo das ancias do affecto, na mão da princeza D. Maria Francisca Isabel de Saboya, que ía ser rainha, e á qual o seu coração e a fortuna deram depois o suave nome de esposa.

Mal cuidava Affonso VI, armando com pompa estes aposentos reaes, que a delicada mão de uma dama havia de pegar no sceptro com tanta força, e quebrar-lh'o sem piedade. Mal previa então o herdeiro dos duques de Bragança que, envenenadas por uma paixão ardente, as ambições do infante se levantariam tanto que olhassem destemidas para a corôa, rompendo a lucta dos dois irmãos, lucta implacavel, cujo premio era o throno, cuja esperança era o amor, e as suas delicias a preço de um quasi fratricidio....

Vendo-se declinar rapidamente, duas vezes viuvo, e sentindo sempre o coração carregado do lucto da primeira esposa, D. Pedro II, por instincto, procurava os sitios, onde a fortuna o fizera monarcha e ditoso amante. Quando el-rei silencioso e solitario pisava as salas e as galerias desertas, nas quaes em dias venturosos colhera as flores tão mimosas da paixão, e ouvira de uma bocca adoravel as promessas desejadas, a saudade, sombra plangente d'aquella que tanto amou, seguia-o por toda a parte, aqui lembrando um sorriso, alli uma palavra, enchendo tudo com a memoria da mulher que chorava. Proximo a entrar no tumulo da esposa, o irmão podia curvar a cabeça ao remorso, mas o amante, se erguia os olhos ao céu era só para attestar a dôr com as suas lagrimas....

El-rei D. Pedro habitava os quartos de sua primeira mulher. As custosas armações, que tantos sustos causaram ao illustre secretario Antonio Cavide, ainda eram as mesmas; os moveis, as guarnições, as tapeçarias, e as alcatifas, dispostas ao gosto da primeira rainha, conservaram-se como as ella deixara, servindo de memorias á magua do monarcha, magua que talvez precipitou os dias da segunda esposa, D. Maria de Newburgo, inconsolavel por vêr a sombra de um sepulchro mais poderosa no coração de seu marido do que a luz dos lindos olhos, desejosos de reinar sobre quem não queria ser escravo delles.

Seriam quatro horas do dia 4 de dezembro de 1706. O tempo não estava chuvoso; mas soprava um vento humido. A manhã tinha sido trabalhosa para o monarcha; o despacho com os secretarios de estado; a conferencia com o ministro inglez lord John Methwen, e o exame de alguns papeis, occuparam el-rei até á uma hora, em que por costume inalteravel se assentava á mesa de jantar. Sua magestade repetia muitas vezes a grande maxima de que — em não se comendo bem, por força se havia de trabalhar mal; — e cumpria-a com o appetite curioso, que então dourava as qualidades de alguns principes reinantes, tornando-os sem disputa os primeiros gastronomos dos seus estados.

A escolha e a quantidade dos manjares, na real ucharia de Alcantara, não deixavam nada a desejar; e póde-se crer, que a faminta imagem da dieta fugiria horrorisada, se penetrasse na casa, aonde o filho de D. João IV honrava a memoria culinaria dos Vitellios em copiosos sacrificios.

D. Pedro II tinha habitos enraizados. Dos mais firmes e elegantes cavalleiros do seu tempo, nutria pelos exercicios equestres um gosto decidido, que nem a idade nem os pesares podiam diminuir. Apezar do conselho dos medicos, e dos incommodos, cada vez mais frequentes, que lhe minavam a saude, apenas acabava de jantar, sua magestade descia ao picadeiro, e entretinha-se duas e tres horas a cavallo no meio do applauso dos camaristas e da admiração dos picadores, porque, sem lisonja, era um mestre consummado. Quem o conhecia, não ignorava que a melhor occasião de alcançar delle qualquer mercê era á entrada da missa e á sahida do picadeiro. Talvez não houvesse exemplo de ninguem achar a munificencia do principe inferior á sua devoção ou á sua satisfação, se tinha conseguido emboscar-se nas proximidades das duas portas da fortuna.

Neste dia, o mesmo em que passou a conferencia de Sebastião de Magalhães com o seu visitador, o sr. D. Pedro fizera prodigios, e recolhia-se radioso. Á porta, sua magestade achou o padre confessor. Sacudindo com a vara o pó que lhe cubria as largas e pezadas botas; conchegando a bella casaca de picador; e compondo os punhos e a tira de renda amarrotadas, o monarcha sorriu-se, e deu a mão a beijar ao mentor espiritual. O jesuita poz o joelho em terra, e murmurou em voz submissa algumas supplicas, que tiveram favoravel acolhimento. Depois disto, el-rei seguido do primeiro camarista de semana entrou no paço, e chamando o seu guarda-roupa foi-se mudar de trajo.

A casa, em que D. Pedro II expedia o despacho e dava audiencia, era a antiga casa, chamada do « Estrado » toda forrada de damasco escarlate com sobre-portas e janellas de brocado,

ornadas de guarnições de oiro. O bofete marchetado, cuberto de um panno de veludo azul com os escudos reaes nas pontas, servia de carteira e carregava, além da immensa escrevaninha de prata, com grande quantidade de livros e papeis. Um crucifixo alto de marfim levantava-se no tôpo da sala, defronte da cadeira do monarcha: vinte laminas grandes de bronze, em molduras pretas entalhadas, com bellos paineis de fina pintura, enfeitavam as paredes. Seguia-se para o interior a casa do « Oratorio » com sobre-portas e guarnições de lhama carmesim repassada, abrindo duas sahidas para a « galleria da rainha » armada de telas amarellas. Era por esta galleria que se passava da casa do « Estrado » e do « Oratorio » para a alcova e quartos particulares de el-rei. Segundo a etiqueta não havia mais cadeiras do que a apparatosa poltrona de veludo franjado, aonde presidia o soberano, e assentos de damasco roxo sem franja nem espaldar, em que os principes assistiam ao conselho, quando eram chamados. Os secretarios de estado despachavam em pé, ou de joelhos nos coxins, collocados em volta do bofete; e os conselheiros de estado davam o seu voto em bancos, dispostos em semicirculo, de ambos os lados da cadeira real.

Antes da « casa do Estrado » havia mais tres salas exteriores: — a sala dos Tudescos, aonde estava a guarda alemã; — a sala da tocha, aonde o porteiro da canna, revestido da capa e insignias do seu cargo, cumpria as ordens de sua magestade — e a sala do docel, immensa quadra forrada de preciosas tapeçarias, representando a vida do sabio de Israel, o rei Salomão. Estas salas davam entrada umas para as outras, e abriam as estreitas e altas janellas para a bella varanda de pedra, que deitava sobre o Tejo, costeando esta ala do palacio, ou quinta real. Da casa do « Estrado » ía uma escada particular até ao jardim, fechado de grossos muros, e armado com a impertinente symetria, que era impreterivel naquelle tempo.

Meia hora depois de voltar da picaria, D. Pedro II, precedido pelo marquez de Marialva, seu gentil-homem da camara, e por dois pagens em corpo, vestidos de preto, entrou na casa do « Estrado. » Os pagens correram o reposteiro, e ficaram um defronte do outro, guardando a porta, que abria para a sala do docel. O marquez, de pé, e dois passos atraz da cadeira de seu amo, esperava silencioso as suas ordens.

A alegria do rei tinha desapparecido. Um veu de melancolia reflexiva entristecia-lhe o rosto, cuja expressão era severa e carregada. D. Pedro II, robusto de corpo, e na idade de cincoenta e oito annos, ainda promettia a quem o contemplava as forças extraordinarias de que a natureza o dotára. De elevada estatura e magestoso porte, os olhos pretos, grandes, e rasgados, tinham as sobrancelhas bem arqueadas e escuras, e antes da molestia, que o consumia, brilhavam cheios de viveza; e agora ainda eram faceis de animar se alguma repentina comoção lhe vinha inflammar o animo. Trigueiro e de pouca côr, o beiço inferior bastante grosso descahia como o de seu pae; e um modo aspero de encarar as pessoas que o desgostavam despedia os importunos. A cabelleira descia em tres cachos grandes de anneis até aos hombros, e lambendo-lhe a testa, dava uma sombra triste á phisionomia, já de si pezada. Sua magestade appareceu vestido com a maior simplicidade, para não dizer negligencia; e distrahido nem tinha visto o seu camarista de semana, que esperava immovel que os olhos de el-rei o descubrissem, tendo entrado alguns instantes depois.

O monarcha acordou da sua meditação, e exhalando um suspiro:

— « Conde » — disse elle — « chame o padre confessor. »

— « S. reverendissima espera as ordens de V. magestade. «

— « Que venha! E o conde de Pombeiro? »

— « Entrou agora mesmo na sala da tocha. »

— « Va-o buscar. »

Momentos depois, o padre Sebastião, saíndo da casa do « Oratorio, » e o capitão das guardas, conde de Pombeiro, entrando pela sala do docel, inclinavam-se beijando a mão de el-rei.

D. Pedro II olhava para o jesuita e parecia contrariado do seu silencio. Entretanto, disfarçando na frieza do tom o grande interesse da pergunta, abria a conversação;

— « Esteve com S. alteza, padre Sebastião? » — interrogou elle.

— « Saberá V. magestade que sim. »

— « Communicou-lhe as ordens de seu pae? »

— « Obedeci a V. magestade. »

— « E então? »

— « S. alteza não se dignou responder. »

— « Ah! » — exclamou o monarcha enrugando a fronte e com um grande brilho na vista. — « S. alteza não deu resposta? »

— « Nenhuma, absolutamente, meu senhor. »

— « Avisou o principe de que ordenei que assista hoje ao conselho de estado? »

— « Cumpri as ordens de El-rei. »

— « E o que disse? »

— « Que estando preso não podia sahir sem uma ordem expressa de el-rei seu pae. »

— « Muito bem! S. alteza não disse mais nada? »

— « Mais nada. Abaixou-me de leve a cabeça, e virou-me as costas.

— « Conde de Pombeiro » — disse D. Pedro, virando-se para o seu capitão das guardas — « daqui a meia hora irá com o infante D. Francisco, em um coche da casa, aos paços da Ribeira, e debaixo de prisão condusirá o principe real á minha presença. O infante recebeu as ordens. Póde retirar-se. Padre Sebastião, fique! »

— « V. magestade permitte? Quem ha de receber a espada de S. alteza real? » — perguntou o Conde de Pombeiro muito pallido.

— « Ninguem. Dirá o conde ao principe que el-rei ordena que lha entregue elle proprio. »

Apenas saiu o capitão das guardas, D. Pedro II levantou-se com impeto, e olhando para o seu confessor, exclamou:

— « É preciso um exemplo! Ou S. alteza obedece e tenho filho, ou mando preparar na torre os quartos, em que falleceu o principe D. Theodosio. Não hei de consentir que se levante uma creança contra a minha vontade, e contrarie projectos uteis á sua gloria, e á felicidade destes reinos.... Marquez, vá a casa de D. Luiz de Athaide, e diga-lhe de ordem de el-rei, que venha ámanhã sem falta ao paço, depois da missa. Se D. Luiz perguntar o motivo, deve responder que é segredo de estado. Estas loucuras hão de acabar por uma vez.... »

— « V. magestade permitte uma observação? » — acudiu o confessor, logo que o marquez de Marialva se ausentou.

— « Diga. »

— « Suspeito que os amores attribuidos a S. alteza são falsos. »

— « Ah! »

— « Sei de boa fonte que o principe meu senhor nem conhece a D. Catharina de Athaide. »

— « Informaram mal o padre!... » — exclamou el-rei, colerico. — « S. alteza por causa della é que me desobedece, e eu não quero quem incite resistencias ás minhas ordens. D. Catharina ha de sahir de Portugal, ou ha de professar dentro de tres dias... Veja se chegou Diogo de Mendonça, ou se estará no paço o vedor Fernão de Sousa. »

Era preciso que a irritação do monarcha fosse grande para tractar com tanto desabrimento o seu confessor. Este, vendo os ares revoltos, encolheu-se na sua roupeta, e sahiu de costas viradas para a porta, com tres profundas cortesias, que mais pareciam genuflexões humilissimas. Depois, mettendo as mãos na manga, tractou de procurar o vedor para lhe servir de para-raios, visto estar eminente grande tempestade no animo de el-rei. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Honra ao merito. — O ministro dos negocios estrangeiros em França, encerrando as conferencias sanitarias, agradeceu em nome do presidente da republica aos illustres membros desta conspicua assembléa os seus serviços e intelligente zelo, e lhes fez saber que estávam nomeados cavalleiros da legião de honra. Nesta distincção se comprehendem os dois representantes de Portugal o sr. conselheiro José Maria Grande e o sr. J. Mousinho da Silveira. Ambos se houveram por tal maneira que honraram os seus nomes e a sua patria, pela brilhante parte que tiveram nos trabalhos de tão importantes conferencias. Em artigo especial em que os seus trabalhos serão mencionados, provaremos cabalmente que a distincção recebida pelos nossos dois illustres amigos é uma verdadeira HONRA AO MERITO.

Obras publicas em Hespanha. — Por uma lei foi ordenada a canalisação do Ebro. Um acreditado engenheiro francez, M. Pourcet, assumiu a direcção desta grande obra, da qual todos os trabalhos serão dirigidos por engenheiros francezes. É quasi certo que o sr. Salamanca obteve a concessão de uma linha ferrea, partindo de Aranjuez para Alicante, e ligando assim Madrid com o Mediterraneo.

Santo hespanhol. — A igreja de Hespanha vae ennumerar no catalogo de seus santos o veneravel servo de Deus fr. João Peccador, natural da villa de Ubrique, provincia de Cadiz, da ordem dos hospitaleiros de S. João de Deus. O postulador na causa da beatificação avisou de Roma que no dia 27 se reuniria perante o santo padre a congregação de ritos para decidir a mesma beatificação.

Ultimos romances publicados em França. — *Une Vieille maitresse* par Barbey d'Aurevilly.
L'Ombre du Bonheur par la Comtesse d'Orsay.
Le Pays Latin par Murger.

Verdadeiros trabalhos parlamentares. — Eis aqui o curto mas grandioso programma dos trabalhos votados pelo congresso dos Estados Unidos ha pouco aberto.

Caminho de ferro de Missouri a S. Francisco.

Linha de barcos a vapor de S. Francisco á China.

Estabelecimento de uma casa de moeda na California.

Exportação de cereaes em dezembro. — Lê-se na *Revista dos Açores*. Para Lisboa e outros portos; trigo 209 moios, milho 750 moios e 22 alqueires, fava 122 moios e 55 alqueires, feijão 6 moios e 34 alqueires, tremoço 6 moios e um alqueire.

Exportação de laranja. — Em S. Miguel até 3 de janeiro exportaram-se para diversos portos estrangeiros 36.080 caixas grandes de laranja, 5.313 pequenas, 4 de tangerina, e 11.650 malotes á americana. Continua o preço da laranja na ilha a réis 1$000 a caixa grande e captiva.

Theatro de S. Carlos.—*As quatro nações*. Com este titulo subiu á scena uma dança jocosa em 4 actos que tem sido bem recebida pelo publico.

Não se póde exigir muito em composições deste genero. As situações comicas estão já tão *exploradas*, que é difficil encontrar novidade, e eis a rasão porque bem poucas danças de carnaval conseguem passar incolumes na primeira representação. Esta pelo contrario tem tido alguns applausos, e seja dita a verdade não é destituida de merecimento no seu *ensemble*, promovendo amiudadas vezes, e sem ser por meio de exagerações ridiculas e de mau gosto, a hilaridade do espectador.

O enredo é simples e de facil comprehensão, e offerece campo a que tomem parte nelle varias artistas do corpo de baile, que é de justiça dizer que tem dado boa conta de si. Não sabemos, porém, a razão porque f i confiado o papel do *hespanhol* ao sr. Faria, quando o dos outros *amantes* é desempenhado por artistas do sexo feminino. De certo entre o corpo de baile não faltaria quem se encarregasse desta parte, o que produziria sem duvida muito melhor effeito, e seria mais conforme com o gosto dos *dilettanti*.

É certo tambem que á sr.ª Cappon competia o *papel* das quatro *damas mysteriosas* que apparecem no 3.º acto, mas não levamos a mal essa incoherencia, que proporciona occasião a figurarem as sr.ªˢ Erminia, e Poletti em dois bonitos passos que dançam.

A sr.ª Cappon vae bem na parte da maliciosa *coquette*, e dança com esmero e delicadeza o *passo* com a sr.ª Romilda bem como a *polka* com a sr.ª Sophia, bello e guapo official polaco, que faz honra á mocidade daquelle paiz.

Em quanto á sr.ª Romilda ninguem melhor desempenharia a *caricatura* que representa. A naturalidade de seus gestos e sobretudo a extraordinaria vivacidade de seu caracter tem-lhe attraido a attenção do publico. O que porém lhe recommendamos, é que se não deixe seduzir pela ambição de applausos, sacrificando-lhes aquella propriedade e moderação que mesmo em papeis deste genero convem sempre manter.

A parte do *hollandez* foi judiciosamente dada a sr.ª Devecchi cujo temperamento diametralmente opposto ao da artista de que acabamos de fallar, a torna mui propria para exprimir aquella frieza do Norte.

A sr.ª Erminia tem sido applaudida no *passo hespanhol*, e o bom acolhimento que tem tido deve servir-lhe de estimulo a proseguir com estudo e perseverança na carreira a que se dedicou.

No 4.º acto a illuminação repentina apparece no jardim incomprehensivel; verdade é que produz bello effeito, mas não deixa de ser uma anomalia. Mas emfim para termos um bello golpe de scena vale bem a pena suppor que o baile é mythologico ou phantastico. O que desejariamos, porém, é que acabasse mais animado com um passo, por exemplo, das *quatro nações*; ou de qualquer outro modo. Afóra este, e outros pequenos defeitos, a dança tem merecimento, e o sr. Cappon póde estar satisfeito de ter conseguido, neste ponto, mais que outros compositores que o precederam.

T.

BIBLIOGRAPHIA.

Sahiu á luz, uma obra, que tem por titulo *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços publicos, de Lisboa, Belem, e muitos logares do termo* na qual se mencionam com exactidão, todos os chafarizes e bicas, que recebem agua do aqueducto geral, os que recebem agua das minas das aguas livres, sem entrar no dito aqueducto, e os que nada recebem das mesmas minas. Dá-se conta de todos os particulares, que recebem dos ditos chafarizes e bicas, citando as ordens das concessões. Dos ditos particulares, que recebem suas aguas pelo aqueducto geral, e de todos os estabelecimentos publicos a quem tem sido concedida qualquer porção della. marcando-se-lhe os respectivos diplomas.

Forma-se a historia em particular da maior parte dos dictos chafarizes, bicas, etc. não só comprovada com muitos documentos copiados do Cartorio das Aguas-Livres, e archivo da exm.ª camara municipal de Lisboa, e com permissão da mesma camara, mas tambem pelas muitas investigações oculares do seu auctor, como se verá na dicta obra. — Dá-se noticia das muitas tentativas, que houveram em tempos mais antigos, para se trazer a Lisboa a agua-livre.

Exhibem-se todos os documentos que precederam á factura do aqueducto geral, sua grande despeza, etc. etc., e além de muitos mappas, e interessantes noticias, que se contém nos sobredictos documentos, junta-se tambem uma planta de tres palmos de comprido mui bem lythographada, e illuminada do aqueducto geral desde as primeiras nascentes no Olival do Santissimo ao Norte de Caneças, até á Porcalhota, visto que a outra planta, que comprehendia desde o dicto sitio da Porcalhota até Lisboa, se desencaminhou, e não existe no referido cartorio. Está obra, unica neste genero, fórma um bom volume em 4.º grande, com muito bom typo e papel.

Vende-se nas lojas do costume.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 27. QUINTA FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

XIII Anniversario.

A simplicidade do titulo deste artigo mal póde dar ideia da gravidade e da grandeza do pensamento a que se refere.

Foi pelo portal de ogiva apenas distincta no centro da arcada de columnas sotopostas, que o architecto da idade media abriu caminho para a entrada desses templos, em que a alma, como a vista, se dirige para o ceu e para a contemplação da ideia divina que ahi está illuminando o intendimento.

É tambem pelo conhecimento de um titulo singelo, que se póde ensinar ao paiz, onde está o modêlo do espirito de associação.

A larga, e já tão nobre e proveitosa, historia da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, demonstra que é na classe do trabalho que em Portugal a associação é uma verdade.

Esta Sociedade é para nós uma ideia grande, porque significa a previdencia do trabalho—é um assumpto grave, porque a sua brilhante vida é uma severa e justa reprehensão ás sociedades compostas de outras classes, em que a inveja e a vaidade destroem como fogo todos os desejos e todas as esperanças.

Ha um anno [1] que tivemos a honra de archivar, nas paginas da REVISTA, os estatutos desta sociedade. Descrevemos nessa occasião o seu decimo segundo anniversario, fallando individualmente dos socios que tomaram parte em tão grande solemnidade industrial.

[1] Numero 22 do tom. III da 2.ª serie.

Já que tivemos a fortuna de assistir ao seu decimo terceiro anniversario, gostosamente cumprimos o dever de noticiar a situação prospera em que a sociedade se revelou ao completar os seus 13 annos de existencia.

A sociedade consta ao presente de 448 socios, desde a sua existencia tem despendido na execução dos seus estatutos 5:763$158 rs., e tem em caixa um saldo de 3:509$880 rs.!

Eis aqui a obra grandiosa do trabalho e da associação.

O decimo terceiro anniversario da Sociedade foi festejado na sala das sessões da Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Regosijamo-nos com esta aproximação sympathica das duas Sociedades.

A Sociedade promotora tem sido a causa unica das Exposições industriaes que tem havido no paiz — esses factos, que são em toda a parte os mais importantes da vida industrial, resultam do seu trabalho e dos seus meios.

A Sociedade dos Artistas póde estar persuadida, que naquella mesma sala em que se ostentou tão grandiosa e util, se reunem homens que são seus admiradores, e que só pensam em promover e defender o trabalho nacional.

O busto do duque de Palmella, um dos Presidentes a quem mais deve a Sociedade Promotora da Industria, ficava bem entre as galas de festa que o cercavam, ao pé do zeloso Presidente da Sociedade dos Artistas, homem honrado e crente na alta missão desta Sociedade, e o qual para nós é das mais solidas garantias do seu futuro.

A sala, sendo muito vasta, não podia conter

as pessoas que desejavam assistir a uma festa bem poucas vezes vista.

Estiveram presentes, o sr. Ministro do Reino e muitas intelligencias do nosso paiz.

Os socios que fallaram merecem todos o maior louvor — em nenhuma parte do mundo a classe operaria se apresenta mais sensata, mais instruida nos seus interesses e deveres, nem mais crente nas verdades do Evangelho, e na esperança que brotou das suas eternas paginas.

Todos os discursos pronunciados eram o symbolo da gratidão e do amor de bem unidos irmãos.

Na fé, na gravidade, e na franca manifestação de pensamentos moraes e bellos, esses discursos são como um modêlo que outras associações e outros homens fariam bem se imitassem.

Alli naquella sociedade o nome do fundador, o sr. Alexandre Fernandes da Fonseca, jámais esquece, e todos o citam para o cercar do mais sincero louvor e do mais sentido reconhecimento.

O discurso lido é ahi tão perfeito como o discurso improvisado, e esses homens que tem gasto a vida nas officinas, fallam, escrevem, e poetisam, como se a houvessem consumido nas aulas e nas bibliothecas.

Não nos podendo lembrar a serie dos nomes, não citaremos nenhum para não offender o que se podesse omittir.

O fundador é quanto a nós um dos portuguezes mais felizes, não só por vêr o engrandecimento da sua idéa, mas porque em uma terra onde tudo se nutre de ingratidão e de inveja, elle vê que lhe são gratos.

O amor de irmãos, que liga os socios, traduz-se na verdadeira alegria que a todos causa o triumpho de cada um.

É neste sentimento de amor, que está a sua força, e que reside a esperança do seu futuro.

As classes que se estão desunindo pelo odio que nasce de sentimentos baixos, se não aprenderem nesta lição, hão de um dia reclamar não o poder, mas a influencia; e a fatal resposta de *que já é tarde* as accordará do somno indolente da sua desmoralisação. Em logar de se amarem como irmãos, riem-se uns dos outros — e o futuro ha de rir-se delles.

O presidente da sociedade, o sr. Chaves (serralheiro), é o symbolo da idéa que estamos representando. Temos algum conhecimento deste artista, e francamente declaramos que se o bom senso daquella modestia não é verdadeiro, se a sensação que as suas palavras lhe trazem da alma não existe, e se elle não possue uma bella intelligencia, junta a um coração generoso, em taes circumstancias não acreditariamos em ninguem. Reconhecemos os perigos da sua situação, e fazemos tal conceito do seu juizo, que nos basta a idéa de que pensará nelles, para julgarmos que os saberá evitar.

Uma scena inesperada e nova, mas verdadeiramente formosa, e resplandecente de poesia, commoveu a todos. A esposa de um socio, pedindo a palavra, usou della, para em singelas, mas bem sentidas palavras, dar conta da honrosa missão que tinha a cumprir; poisque em nome das viuvas soccorridas agradecia com saudade neste dia solemne, os soccorros que as livrou dos horrores da miseria; e levantando-se, em nome dessas mesmas viuvas, e com as lagrimas nos olhos, abraçou o presidente, que sensibilisado retribuia com apropriadas expressões esta lembrança fraternal, que os beneficios da sociedade traziam para o meio das galas da sua festa.

Além dos socios, alguns espectadores fallaram, inspirados pela scena evangelica e magnifica que estavam presenciando; e estes foram os srs. Castilho, Sant'Anna, Sousa Brandão, e Mendonça. A uma destas pessoas ouvimos bem explicar o facto de usar da palavra, não sendo socio, por meio da especie de corrente electrica, que se estabelece entre o coração, e os grandes factos que se passam em volta de nós. E foi esta realmente a base de quanto disseram os oradores que não eram socios.

Quem em Inglaterra e em França tivesse assistido a reuniões similhantes, bem podia dizer fallando da nossa desgraçada situação que em Portugal só o povo e clima favorecem os interesses da civilisação.

A historia desta sociedade até hoje pode-se abrir em qualquer paiz, porque ha de ser vista com respeito, e citada com admiração.

É no apogeo da gloria, que chegam os perigos da tentação; e a Christo foi offerecido o mundo para não remir a humanidade. Os homens de trabalho, reunidos na Sociedade dos Artistas, acceitaram o dever de remir a sua classe, valendo aos invalidos, soccorrendo as familias dos seus irmãos, que morrem, e educando os orphãos.

Quem ha 13 annos tem zelo e coração para o trabalho de acabar na classe operaria com a indigencia, e com a ignorancia, terá o bom senso de não trocar por um mundo illusorio a verdadeira remissão dos que trabalham.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBONENSES.

Temos a satisfação de publicar este muito apropriado discurso, agradecendo ao sr. Chaves o haver annuido ao nosso pedido para o publicarmos. A REVISTA — que foi o jornal, que em o nosso paiz juntou pela primeira vez na lista da sua collaboração os nomes de operarios aos nomes de alguns dos nossos primeiros escriptores, é honrada com a publicação deste discurso, e se-lo-ha sempre que poder publicar trabalhos de um artista, que como o sr. Chaves é tão distincto e assiduo no seu mister como no estudo dos verdadeiros meios que honram a sua classe.

SENHORES:

A realisação das grandes idéas, seja-me permittido dizel-o, tem uma vida fisica, similhante á de todos os seres da creação, tem como elles de percorrer differentes e variados periodos.

A apparição da idéa no cerebro que a gerou é a semente contida no embrião, a sua communicação é o seu nascimento, a adhesão a essa idéa o seu primeiro desenvolvimento, e a multiplicidade das adhesões a seiva, o alimento, que a nutre e a vigora; tal tem sido a origem e progressos das grandes concepções, tal foi a origem e tem sido os progressos da Sociedade dos Artistas Lisbonenses de que hoje festajamos o decimo terceiro anniversario da sua installação.

A revolução social, que as idéas avançadas e generosas produziu nos povos, devia necessariamente tocar a nossa terra, o nosso povo sempre docil, tão intelligente, tão disposto a comprehender o bem, e a praticalo, devia recolher forçosamente uma parte da herança legada pelos esforços generosos e desinteressados dos amigos da humanidade, se um funesto destino não tivesse por longos annos presidido á direcção das nossas cousas. O nosso povo, digo, a despeito mesmo de qualquer vocação em disposição favoravel, havia de receber a transformação que a revolução devia operar no seu viver, nos seus usos, e nas suas praticas; é por essa causa, que, quando a revolução veio assentar entre nós os seus arraiaes, e dizer ao passado: « Deixareis de existir », quando ao seu mando ingente as mais antigas e venerandas instituições caíram desfeitas como o pó, quando no chãos da destruição, e da creação, na confusão de instituições novas desconhecidas do povo, se estabeleceu um outro regimen, a classe operaria, foi d'entre as classes da sociedade a que mais se resentiu d'essa transformação.

Organisada como classe, favorecida pelo privilegio e isenções, com uma organisação quasi politica, cujos foros tinham sido conquistados por longos annos de serviços, de sangue, de dinheiro, e de dedicação, investida da auctoridade no seu mister official, com recursos para poder attingir as suas necessidades, achou-se repentinamente despojada de todos os seus foros e regalias, dispersa, desmembrada, só entregue a esforços isolados, sempre inutilisados pelo egoismo, explorada pela especulação, espoliada pela avareza, desprezada pelo orgulho, vegetava morbida e em progressiva decadencia. Porém, a Providencia, sempre solicita e cuidadosa, fez surgir entre nós esses espiritos elevados e fez corações generosos, que não são partilha d'uma classe; mas que Deus distribuiu por todas, para que, como sentinellas vigilantes, velassem pelos seus: d'entre esses homens houve um que soube por medidas acertadas, e patrioticas, dar vida e movimento a uma classe das que constituem a maior força e mais concorrem para a prosperidade d'um estado: o impulso dado por esse respeitavel genio despertou os brios adormecidos, deu alento a outros corações, não menos generosos; uma cruzada santa a favor do trabalho foi a consequencia desse impulso, todos á porfia quizeram tomar armas n'ella, e desde então a classe operaria tem, talvez sem o sentir, tomado as grandiosas formas, que hoje já póde ostentar.

Muito havia a fazer, e diversos os objectos a crear; a alma ardente, e bondosa d'um homem concebeu um grande pensamento, e soube da decadencia e do abatimento extraír o remedio para taes males. Este homem é o sr. Alexandre Fernandes da Fonseca, e fundador da Sociedade dos Artistas Lisbonenses.

Os pensamentos grandiosos, são por uma fatalidade pouco comprehendidos e ainda menos apreciados, foi por esse motivo que, quando o fundador d'esta sociedade communicou o seu pensamento, achou difficuldades na sua execução; mas perseverante pela fé na sua idéa, ardente pela crença da sua utilidade, poude depois de 23 meses d'arduos trabalhos instalar uma sociedade, que é, e será para o futuro um modelo, onde a classe operaria virá copiar identicas instituições. Sabeis com quantos obreiros erigiu tão vasto edificio? com 19, que tantos eram os socios que em 3 de fevereiro de 1839 disseram « está installada a Sociedade de Artistas Lisbonenses » tão diminuto numero para tão grande aspiração devia desanimal-os; não aconteceu assim: como apostolos d'um outro sublime e novo evangelho, poderam espargindo e bem adquirir o credito, pelo religioso cumprimento dos seus compromissos, atrahindo assim numerosos socios, a ponto de poder contar hoje com 448.

Instituida a sociedade, sanccionados os seus estatutos, começou a sua missão bemfazeja; se bem que sem meios abundantes, porque só contava com os seus recursos, soube satisfazer plenamente as suas promessas; quando o primeiro dos seus socios cahiu fulminado pela doença, achou no cofre da sociedade, o auxilio que lhe mitigasse o acerbo padecer de seu male desde então augmentando progressivamente os seus doentes, tem com elles despendido a quantia de 2:526$940 réis.

O anno passado, srs., chamei a vossa attenção sobre um facto que devia merecer as vossas meditações; de novo vos peço que reflictaes sobre o mesmo facto, porém em outra ordem de idéas.

D'entre os socios a quem a sociedade tem soccorrido, encontra-se um, cego e absolutamente pobre com este tem-se despendido a importante somma de 438$000 réis.

Este socio, srs., era um honrado ferrador, laborioso, economico, assiduo e acreditado, tinha ajuntado uma pequena fortuna, com a qual se julgava a coberto da desgraça; quando veio alistar-se na nossa sociedade, foi só movido pelo desejo de ser util, e d·

contribuir para o bem dos seus companheiros de trabalho.

Quem dissesse a este homem em seus dias de prosperidade: — «tu serás victima de longa enfermidade, que esgotará tuas forças productivas; a cegueira vendará teus olhos; consumido o teu cabedal, cahirás na miseria, no abandono, e no esquecimento; só os teus irmãos associados se lembrarão de ti e te estenderão mão protectora, que te salve da total miseria, e leve á tua alma a consolação e o conforto que te nega a multidão indifferente» — quem tal lhe dissesse talvez obtivesse, como uma resposta, um sorriso de piedade; comtudo o vaticínio realisou-se, e infelizmente se realisam todos os dias milhares destes factos.

Artistas e operarios, se a fortuna vos sorri, e vos dispensa seus favores, não adormeçaes no seu regaço, lembrai-vos que o capital isolado de um de vós, ainda que avultado seja, é sempre inferior ao capital de que póde dispôr uma sociedade fundada pelo amor da humanidade, e sustentada pela santidade dos seus fins; e que os vossos recursos individuaes não se pódem medir com os recursos de vossos companheiros, ligados pelo sagrado laço d'uma reciproca fraternidade. Lembrai-vos que essa fortuna está exposta a mil vicissitudes: a doença, o abuso de confiança, uma especulação mal calculada, uma prisão injusta, vos pódem lançar na mais horrivel miseria; se podeis, pois, dispor dos vossos haveres, já que os tendes, vinde inscrever-vos nos registos da Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Senão procuraes colher os bens que ella dispensa, vinde saborear o inefavel prazer de contribuir para o allivio dos vossos irmãos enfermos, dos vossos companheiros inhabilitados, das viuvas dos vossos camaradas na honrosa campanha do trabalho; vinde ajudar a dar o pão do espirito aos orfãos dos vossos em tudo similhantes. Se a desgraça vos colher no exercicio de tão santa missão, os vossos consocios vos retribuirão generosamente, e vos indemnisarão com largo premio dos vossos serviços prestados á desventura; não passareis pela dor de estender vossas mãos supplicantes na praça publica aos indifferentes viandantes: porque os vossos consocios velarão por vós, e vos ministrarão vossa subsistencia. Se a morte vier arrebatar-vos d'entre os braços d'uma esposa querida, e roubar-vos as ternas caricias de innocentes filhos, tende a certeza que nós vigiaremos por ella, e por elles, que seremos em vosso logar o seu amparo, e sua consolação, e que trabalharemos solicitos para a sua felicidade: a prova do que vos digo podeis verifical-a, ide aos archivos, lá encontrareis o que se tem gasto com as viuvas, a avultada somma de 854$880 réis, distribuida por 13 viuvas que é quantas já contamos, tendo a primeira d'entre ellas já recebido 123$600 réis; e nos livros dos orfãos vereis a quantia de 120$160 réis applicados á sua educação etc.

Em vista do que vos exponho, julgareis que tamanho dispendio nos terá enfraquecido: não; começando com uma divida de 88$000 réis, podémos pagal-a, e cumprir os nossos estatutos; tendo durante os 13 annos de nossa existencia, recolhido réis 9:273$040, e pagando pontualmente todas as despezas, contamos um saldo existente de 3:509$882 réis.

Concluo, srs., o meu franco, ingenuo e em tudo verdadeiro relatorio: permitti que vos diga que comprehendemos o espirito do nosso seculo, que temos pela nossa fé feito todos os esforços para realisar o seu pensamento, que destes esforços tem colhido a humanidade não pequenas vantagens, e a classe operaria não pequenos bens. Tenho a consoladora esperança que, ainda antes de terminar este anno, possamos dar maior desinvolvimento a esta instituição; confio nos meus irmãos de trabalho, e naquelles que de certo virão associar-se; confio nas almas ardentes pelo bem do povo, nessa classe intelligente que cultiva as sciencias, e que sempre está disposta a auxiliar o trabalho; confio em todos os corações generosos que palpitam e anhelam por serem uteis aos seus concidadãos, que nos ajudarão nesta tarefa tão santa, tão digna dos nossos votos e dos seus valiosos serviços.

BARRA DE VIANNA.

Recebemos com prazer a carta que ao diante publicâmos e que o sr. conselheiro Joaquim Honorato Ferreira nos dirige ácerca do nosso artigo do numero anterior sobre a — Barra de Vianna. — Essa carta prova a vantagem de discutir na verdadeira altura dos principios os interesses economicos do paiz. Se o illustre deputado, que adoptou o projecto, nos diz que está de accordo com as nossas idéas tambem nós temos a satisfação de lhe responder, que approvamos o projecto que hoje se deve considerar seu.

Agradecemos a nota que nos manda sobre a exportação de 1852, e á mingua que temos de elementos estatisticos, bem desejariamos que as pessoas que possuissem alguns imitassem o sr. Ferreira, depositando-os no archivo que a REVISTA abre nas suas columnas a todos esses elementos.

Sr. redactor. — Vi, com muita satisfação, o artigo que v. dedicou, na sua REVISTA UNIVERSAL de quinta feira ultima, ás obras da barra de Vianna, e ao projecto que, para se ellas levarem a effeito, tive a honra de apresentar na camara dos srs. deputados.

Concordo perfeitamente com as idéas de v. em quanto considera que seria muito mais conveniente que as obras locaes, de interesse geral, se fizessem pela receita geral do Estado, e não por impostos especiaes, que gravando os alimentos ou materias primas importadas n'uma provincia, augmentam como consequencia necessaria os preços de todos os productos dessa provincia, quer sejam para exportar, quer para trocar no paiz.

Attendendo, porém, á nossa situação financeira, parece-me que essas considerações devem ceder á urgente necessidade de emprehender certas obras de reconhecida e immediata vantagem geral, que — for-

çoso é confessal-o — se não conseguirão de outro modo. Similhantes impostos, quando são lançados com prudencia (e estes foram convenientemente meditados pelos proprios commerciantes de Vianna, que proposeram a tabella) similhantes impostos, digo, tornam-se bem depressa em capital productivo; e se, neste caso, a provincia póde momentaneamente perder pelo excesso do custo dos seus productos, e trabalho — esse prejuizo insignificante será brevemente compensado, com verdadeiro interesse geral, pelo augmento da navegação, e pelo consequente incremento na sua exportação.

O projecto offerece um systema mixto para occorrer á despeza. Ao rendimento do novo imposto, cuja moderação é facil avaliar pela quantia de 6:000$000 réis em que está orçado cada um anno, accresce o da Ponte Velha sobre o Lima, que produz de 2:000$ a 2:500$000 réis de que se deduzem as despezas de administração, e concertos; e uma quantia da dotação annual votada para obras publicas no orçamento geral do Estado — que pelos artigos 5.° e 6.° do projecto, deve tudo ser applicado para a obra de que se tracta.

Parece-me, portanto, que o projecto, se não foi elaborado pelos dignos pares do reino, a cuja camara se deve, debaixo das absolutas indicações economicas que a sciencia aconselha, aproximou-se porém do rigor dellas, tanto quanto as circumstancias do paiz, e as conveniencias da localidade, permittiam.

A camara dos dignos pares procurou com especialidade providenciar ácerca das garantias indispensaveis para a leal applicação do imposto, fiscalisação, e administração das obras; e a camara dos srs. deputados prestará, no meu entender, um bom serviço á provincia do Minho, se, quanto antes, approvar o projecto, embora com uma ou outra modificação na sua structura, por que eu mesmo não terei duvida de votar, sempre que me convencer da sua conveniencia.

Permitta-me v. que, como complemento do mappa que acompanhou aquelle seu artigo na REVISTA de quinta feira (e foi este o fim principal que me levou a escrever-lhe esta carta) lhe offereça eu a seguinte nota da exportação do milho pela barra de Vianna no anno passado de 1851, para os portos da Grã-Bretanha, reduzindo a medida a moios de Lisboa, pelo mesmo calculo que v. adoptou:

Bandeira nacional, vasos	11	moios de milho	1:668½
» estrang.ª, »	9	»	1:913½
Total »	20	»	3:582

Sou com particular consideração
De v. etc.

Travessa de St.° Antonio 7
de fevereiro de 1852.

JOAQUIM HONORATO FERREIRA.

OLIVEIRAS.

É incontestavel que o cultivo das oliveiras e o fabrico do azeite nos estão abrindo uma copiosa fonte de riqueza para a nossa agricultura.

Ultimamente os premios conferidos na exposição de Londres pelo jury mais conspicuo e respeitavel que até ao presente se tem reunido, fez chamar a attenção do commercio inglez sobre esta parte da nossa agricultura. Em 4 a 5 dias o producto sahindo de Lisboa póde estar em Londres. Esta vantagem, e os premios recebidos impoem deveres aos nossos agricultores. O que ainda se nota aos azeites portuguezes tem, entre outras, tres causas — pouco cuidado no cultivo da oliveira, algumas imperfeições no fabrico, e o gosto do azeite — circumstancia esta que para Portugal lhe dá valor e para o estrangeiro lho tira. Não é nosso proposito discorrer agora sobre as causas que deixamos apontadas, mas unicamente escrevemos as presentes linhas para demonstrar a utilidade das instrucções praticas que sobre oliveiras publicou ha pouco a commissão administrativa dos pastos dos olivaes de Elvas, composta dos srs.:

Francisco de Paula Santa Clara, presidente.
Padre, Julio do Carmo Furtado.
Domingos Antonio Lino.
Antonio Gonçalves Nobre.
José Ignacio Pereira.
José Martins d'Atalaya.
Sebastião Antonio Nunes.

A commissão é merecedora de muitos louvores pela intelligencia com que comprehende a sua missão.

Em seguida publicâmos as instrucções que muito convém popularisar pelas terras onde fôr possivel a cultura da oliveira.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Instrucções.

Tendo a commissão administrativa dos pastos dos olivaes deste concelho de Elvas offerecido um premio pecuniario aos viveiristas de estacas de oliveira, com o fim de os excitar a emprehender este ramo de industria agricola, de que se póde para o futuro tirar optimos resultados tanto na melhor, e mais certa propagação desta preciosa arvore: desta arvore, que se deve considerar com Columella ser a primeira d'entre todas as arvores, *(olea prima omnium arborum est)* pela riqueza dos seus productos, pela gala de sua folhagem sempre virente, e pela duração de seculos de sua vida: quem se não extasia á vista desta arvore quasi entregue a si mesma, carregada de fructo? — mas tambem com as vistas de evitar o roubo das estacas grandes para o plantio, que tanto damnificam as oliveiras, e desmoralisam o povo. Compensando assim de algum modo as despezas do primeiro tra-

balho, deverá o emprehendedor, mais tarde, ser indemnisado amplamente do seu disvelo, e dedicação, pela venda infallivel de suas pequenas arvores, que verificará para plantio dos olivaes do concelho, e mesmo para fóra delle pela bella qualidade da nossa azeitona, que muito as fará procurar.

Sem pertender fazer o elogio da especulação, a que os proprietarios e rendeiros deste couto são convidados pela commissão administrativa dos pastos; lembrar-lhes-hemos só, de que na Italia, França, e até na Hespanha ella se tem tornado lucrativa; a par do methodo mais expedito e seguro de renovar, e crear olivaes das melhores e mais productivas especies de azeitona. E ficarão os elvenses estacionarios na antiga rutina inculcada, só porque a não viram praticar anteriormente? Eis o que se não póde conceder, sem lhes negar o bom senso, que os caracterisa.

Convém, porém, que alguma coisa se insinue, relativa á pratica dos viveiros, extractada dos melhores escriptores, com que se evitem erros, e absurdos, que desanimem os menos vistos na sua creação, esperando da boa experiencia o aperfeiçoamento desejado: e nesta intenção se offerecem as seguintes instrucções, para a direcção de um viveiro de estacas de oliveira.

Todo o proprietario de fazenda murada, ou seu rendeiro, tem á sua disposição os meios de estabelecer um viveiro de estacas de oliveira, consagrando a esta pequena cultura um canto da quinta, ou horta, até o mais despresado, e menos proprio para hortaliças, com a capacidade necessaria para o plantio que intentar fazer: só com a circumstancia de poder ser regado no tempo dos maiores calores do estio — Destinado o local, segue-se a surriba delle, na profundidade de tres palmos, arrancando cuidadosamente todas as raizes de grama, silva, ou de outros arbustos, e as pedras; ficando a terra bem remechida, e desterroada.

Não deve deixar de se ter em consideração, de que esta arvore teme tanto os grandes frios, como a excessiva humidade, que a fazem perecer principalmente na sua juventude: convém pois que o local escolhido esteja ao abrigo dos ventos do norte, por uma encosta, parede, ou arvoredo espesso, e que o terreno não seja alagadiço de inverno.

Se dissemos que o terreno menos proprio para hortaliças era capaz para o viveiro, não foi irreflectidamente; porque, na verdade, é este preferivel ao pingue e substancial para esta cultura; a experiencia, e a theoria provam ser mais vantajoso; porque a arvore, que se acha durante os primeiros annos da sua existencia na situação a mais favoravel possivel, os seus vasos tomam uma amplitude proporcionada á abundandia de seiva que recebem; porque se esta situação muda para peior, estes mesmos vasos não recebendo a mesma quantidade de seiva, não pódem della encher-se, nem levar por consequencia todo o sustento necessario ás extremidades dos ramos.

Observa-se, que quando se muda uma arvore do um bom terreno para um máu, enfraquece, definhase, e acaba quasi sempre por morrer no fim do primeiro, ou segundo anno; em tanto que, a que foi arrancada de um solo mediocre, e se planta em outro melhor, ou menos máu, sempre prospera.

A oliveira do viveiro é destinada a toda a casta de terrenos, e talvez os mais ingratos lhe servem de apoio.

A operação da surriba, e limpeza da terra deve ser feita antes do inverno, depois do qual se propõe fazer a plantação; para que a terra do fundo trazida á superficie tenha tempo de desterroar-se com as chuvas, gêlos, e impregnar-se dos gazes atmosphericos.

Quando chegar o tempo de se fazer a plantação do viveiro, isto é, em março e abril, conforme a primavera for enxuta, ou humida: mais tarde se tiver chovido muito; e antes se tiver sido enxuta: prepara-se de novo a terra com uma cava funda de enxada, extirpando o resto das raizes más, e endireita-se.

Todas as partes da oliveira concorrem mais ou menos para a multiplicar — pela semente, pelo córte dos troncos velhos, pelos rebentos das raizes, pelos troços destas, ou pela mergulhia dos ramos — mas o que julgamos mais expedito nos bons resultados, e mais ao alcance de todos, é por meio de estacas — estas se pódem haver em abundancia na limpeza dos olivaes, preferindo as de casca lisa, das qualidades mais productivas, de tres palmos ao mais de comprimento, despojadas de todas as suas folhas, se enterram, abrindo covas na terra já preparada, na distancia de tres palmos de umas a outras, calcando a terra contra a estaca suavemente, e cobrindo-a della até deixar apenas meio palmo de fóra: devem dispôr-se em carreiras, para que mais facilmente se reguem, no tempo dos maiores calores, buscada a inclinação do terreno — assim dispostas, não se lhes mexe mais até ao principio do verão, em que se lhes dá uma pequena sacha, arrancando-lhes toda a erva, e se formam os regos para a rega, a qual se lhes ministrará conforme a precisão, que mostrarem della, sendo ao muito nas terras mais seccas, de oito em oito dias, e nas que o forem menos, mais espaçadas. Serão raras as estacas, que deixem de rebentar nos primeiros tres, ou quatro mezes, de postura; e os seus lançamentos devem ser todos conservados, pela rasão de que as raizes crescem na proporção delles, e das folhas — mais duas sachas durante o verão e uma no principio do inverno seguinte lhes são muito necessarias, principalmente nas terras argillosas: — em regra é preciso conservar a terra movel na superficie, e limpa das más ervas — é nos viveiros principalmente que o adagio — lavrar val estrumar — tem a sua verdadeira applicação: — estas sachas com tudo devem ser feitas de modo que as raizes não sejam feridas, ou desacompanhadas: escolher-se-ha para as fazer uma época, em que a terra não esteja, nem muito secca, nem muito molhada, a fim de que ella se divida mais facilmente.

Temos chegado ao fim do primeiro anno de viveiro: — no segundo, e terceiro continuam-se os cuidados do primeiro, só com a differença de irem cortando com a navalha alguns raminhos mais mal conformados, e com avessa direcção, em ordem a que vão tomando força, e vigor, os que subirem em linha recta, ou com pouca inclinação, e no terceiro anno se lhes deixam apenas dois até tres dos renovos mais avançados em vegetação, um dos quaes ha de

vir a formar o caule, ou tronco, quando se lhe supprimirem os restantes, o que terá logar depois da transplantação, e não antes, para se precaver algum desastre nesta manobra, como de se quebrar um, e servindo o outro de fiador. As estacas que no primeiro anno não brotarem renovos, posto se conservem verdes, devem ser substituidas por outras, por mostrar a experiencia, que nunca se fazem boas.

Depois do terceiro anno ter-se-hão estacas no estado de deverem ser transplantadas. Tem-se observado quanto é vantajosa esta mudança — ainda que com um accrescimo de trabalho, elle é bem compensado pelo desenvolvimento mais rapido dos lançamentos.

A transplantação faz-se para um terreno igualmente preparado, como se disse para o do viveiro, o mais aproximado possivel a este, para evitar conducções, e aonde se abrem; covas da capacidade necessaria para receberem commodamente as raizes da estaca; e se alinharão, para facilitar a rega no estio, em distancia umas das outras não menos de seis palmos, para que as raizes se possam alargar sem se encontrarem, e com mais facilidade se andar entre ellas, para os amanhos de que carecerem, e por fim arrancarem-se novamente para o plantio no olival, com menos quebra nas raizes: — o tempo para esta transplantação póde ser no outono depois das primeiras aguas, ou nos fins de fevereiro, quando tambem passados os maiores frios: — se houver alguma porção secca da estaca, o que muitas vezes succede, na parte que fica fóra da terra, será decotada com muito cuidado, para não offender os rebentos, ficando todo o resto coberto de terra, mas não profundamente.

Todo o cuidado que haja em lhe amanhar as raizes não será de mais, estando-se bem convencido, que desse cuidado dimana o bom, ou máo successo da empreza, por isso não se deve confiar esta obra de mão a rusticos inexperientes, que tudo fazem mal, e talvez de má vontade.

Começa-se por abrir uma cova em roda da estaca, ou melhor uma sanja profunda, se forem muitas e aproximadas as estacas, que se quizerem transplantar; e se lhes vae arredando a terra, de modo que se não offendam as raizes, que nesta época ainda são muito delgadas, e quando estiver escavada em roda, se tenteia levantal-a com alguma terra pegada, o que tendo-se conseguido, se vae collocar na cova antes aberta, fazendo que as raizes conservem a direcção natural, que trazem, e não obrigando-as em sentido opposto, dando-lhes alguma inclinação para baixo, se vão acompanhando de terra até se acabar de encher a cova. — Já se vê que a pressa neste arranjo póde prejudicar o resultado, que se appetece.

Se a terra da cova não está competentemente humida, se lhe dará uma rega, para conchegar a terra ás raizes: — se tudo, como se recommenda, fôr bem feito, e nos seus devidos tempos, não falhará o successo feliz. Nesta transplantação continua-se o tractamento, que se recommenda nos primeiros tres annos, isto é, de sachas e regas nos maiores calores do estio, com a differença de que agora se começam a escacear estas, e no decurso do quinto anno só se lhes ministram as indispensaveis, quando a necessidade absoluta o indique, pela rasão de que esta arvore é destinada a soffrer todas as inclemencias das estações; e mudada para um terreno naturalmente sêco, não lhe póde este fornecer a porção de seiva, a que estaria habituada pelas regas abundantes, e neste caso muito soffreria, e talvez perecesse.

No fim do quinto anno já teremos estacas, em estado de serem mudadas para o olival — o seu arranque deve ser feito com as cautelas recommendadas para a transplantação — que offendam o menos possivel as suas raizes, que levem alguma terra pegada entre ellas, para sentirem menos a mudança, e que se colloquem na cova com a mesma diligencia na direcção das raizes: — as covas para as novas arvores nunca perdem por grandes, quanto maiores mais terra remechida offerecemos ás suas raizes para a permeiarem com mais facilidade, e se desenvolverem: — devem ser abertas quatro, ou cinco mezes antes da plantação, para que os meteoros da atmosphera as beneficiem, isto é, o sol, a chuva, as geadas, e o ar: quadradas, com o que se desloca mais terra, de seis palmos por banda, e cinco de fundura, e não redondas como de uso.

Antes de lhes meter as arvoresinhas, cava-se um pouco o fundo, e se lhe deita uma porção de terriço, ou esterco muito consumido, e na falta delle ao menos alguma terra da superficie, com erva: — vae-se-lhe conchegando a terra ás raizes bem dispostas, cavando e desboroando-a de todos os lados da parede da cova, até de todo se encher: suppõe-se a terra sufficientemente humida, para dispensar uma rega, que aliás seria de rigor, para segurar a pega: — a mudança póde fazer-se antes, ou depois do inverno, isto é, em novembro, ou em março em tempo favoravel: — se a cabeça ou copa da nova arvore se achar muito carregada de rama, deverá suprimir-se-lhe alguma, sem descompor a sua forma, e isto para não fatigar tanto a nova planta que esmoreça por lhe não poder fornecer a seiva necessaria, em quanto as raizes a não elaboram: — posta no seu logar, resta ser defendida do dente do gado em pastoria, para o que se encarrascará, mas de modo que a não suffoquemos com um feixe de matto: os seus ramos principaes ficarão de fóra para receber as influencias do ar, e do sol. — Visitar-se-hão a miudo para remediar qualquer desmancho, que os damninhos possam causar nellas. Se as pequenas arvores são destinadas a serem plantadas ao longe, se fará o arranque com as precauções já ditas, que levem alguma terra pegada ás raizes, e que estas se envolvam em uma camada de musgo, erva, e folhas verdes, tudo ligado brandamente com junça, e se humedeçam todos os dias, até chegarem ao seu destino: sem estas cautelas, arrisca-se a perderem-se algumas, principalmente se as raizes estiverem expostas ao ar por mais de um dia.

Se a brevidade não fosse recommendada por varias conveniencias, mais larga se daria a estes preceitos, que serão de sobejo para o entendedor reflexivo, e sempre escassos para o menos avisado, que nada quer emprehender por falta de disposição, e gosto.

De resto, estas succintas noções apontam apenas para ensaios que a boa disposição aperfeiçoará, e não se destinam de modo algum a uma industria exclusiva. — O proprietario deve esperar sempre tirar da sua terra a maior somma de proveito possivel, o que consegue mais facilmente pelas culturas variadas; e a que se lhe inculca lhe offerece mais um recurso

Dirá alguem que este processo do viveiro é longo, e dispendioso, por ter de esperar cinco annos, ou seis para ter oliveiras em estado de serem mudadas para o olival; e quantos annos tarda a fazer-se a oliveira pelo methodo ordinario, que usamos da plantação de estaca? E quantas se não perdem dellas, que vão augmentar o custo das que pegam? Em quanto que, as que se comprarem do viveiro, mesmo a doze vintens, nos dão a probabilidade de pegarem quasi todas, e com o avanço de vegetação que já levam.

A despeza, se a considerarmos cumulativamente, poderá suspender-nos, porém em abstracto só merece algum reparo a da surriba, e limpeza da terra, para a qual concorre a commissão com o premio mais que sufficiente para a costear, sendo nos seguintes annos a de alguns poucos jornaes de transplantação, horas da sacha, e rega, de que os fazendeiros cuidadosos sabem dispôr, sem faltar a outros misteres. Por fim, em agricultura não nos é permittido querer o impossivel, de se seguir immediatamente a recompensa ao trabalho; seria o mesmo que exigir saltos na natureza.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVIII.

EM QUANTO VENTA MOLHA A VELLA.

(Continuado de pag. 279.)

S. magestade achou-se então completamente só. Ia escurecendo, e tendo mandado vir luz, e olhado impaciente para a porta umas poucas de vezes, abriu um livro de capa de pergaminho, onde estavam lançadas as — *contas da vedoria* — e começou a examinar os castellos de algarismos, que lhe enchiam as paginas. Nestes exercicios arithmeticos o veio ainda encontrar o vedor da casa real.

D. Pedro encarou severamente o velho fidalgo, deu-lhe a mão a beijar com frieza, meneando a cabeça, e franzindo o sobrolho. As contas, que tinha diante de si, faziam o effeito de um caustico, exacerbavam a sua irritação.

— « Assim não admira, não ha dinheiro que chegue! — gritou el-rei, batendo no livro com o punho fechado. — Fernão de Sousa, fazem da minha casa um pinhal, todos me roubam, e tu deixas roubar. »

— « Saberá v. magestade. . . »

— « Sei, digo-te que sei! Brada ao ceu! Lançam-me de contas, sabes quanto? Seis contos e oitocentos mil réis este anno. Mas de que, santo Deus, de que? Da ucharia da rainha, que Nosso Senhor chamou para si. Depois de Deus ser servido levar a s. magestade, depois de morta, custa-me tanto ou mais que durante a sua preciosa vida. . . Fernão de Sousa, ha quantos annos falleceu a rainha, minha senhora? »

— « Em 4 de agosto passado fez sete annos. » — Respondeu placidamente o vedor.

— « Para quem é então a ucharia? . . Quem me come tantos contos de réis, quem me saqueia este dinheiro enorme? »

— « Ninguem, meu senhor. »

— « Ninguem? — exclamou o monarcha absorto com o absurdo. — Ninguem, dizes tu? »

— « Informe-se v. magestade. »

— « Matam-se as aves? »

— « Sim, meu senhor. »

— « Compram-se os mantimentos? »

— « Compram, meu senhor. »

— « Em fim gasta-se o dinheiro, perto de sete contos de réis? »

— « Sim, meu senhor. »

— « Agora o ladrão! Quem é que me devora tanto pombo e tanto doce? »

— « O ladrão? — balbuciou pasmado o official mór da casa. — O ladrão só se é a real munificencia de v. magestade. »

— « A minha munificencia? — gritou o rei levantando as mãos ao ceu, cheio de assombro. — Atreves-te a dizer que eu sou o ladrão da minha casa? »

— « V. magestade não se rouba, deixa gastar. »

— « Eu deixo gastar! . . » — repetiu o principe, cujos braços descahiam frouxos de pasmo.

— « É a verdade, senhor. Todos os dias trabalham as cozinhas e se poem as mesas. »

— « Como no tempo de s. magestade a rainha? — atalhou D. Pedro ironico.

— « Exactamente; e todos os dias á hora do estilo o trinchante e o copeiro levantam os pratos e mandam. . . »

— « Que os levem para onde elles querem? — gritou o monarcha. — Isso esperava eu. »

— « Perdoe, v. magestade! Mandam-nos consumir. . . » — Replicou o vedor com um gesto sublime.

D. Pedro II apertou as mãos na cabeça sem dizer palavra.

— « É o costume da casa real. — proseguiu o official mór serenamente. — Em quanto el-rei

não ordena o contrario continúa tudo... ordenados, mesa, e despezas avulsas.»

O vedor fallava com a grandeza de alma de um creado temente a Deus e conscio de seus deveres. O monarcha duvidava se tinha diante de si um velhaco, ou simplesmente um idiota.

—«E as rações?»—perguntou o soberano com um sorriso contrafeito.

—«Dão-se.»

—«E as damas?»

—«Recebem todas.»

—«Sem servirem! E os creados da casa da rainha?»

—«Recebem todos.»

—«Fazem muito bem! Não morreu nenhum?»

—«Morreram tres. O dinheiro desses é applicado em missas pela sua alma.»

—«E eu pago esta cera de ruins defunctos?»

—«V. magestade paga.»

—«Agora quero a rasão. Senhor vedor, sabe que isto não ha de sahir barato a alguem, já que me custa a mim tão caro?»

—«A rasão é não ter subido ordem de El-rei para acabar o real estado da casa da senhora rainha.»

—«Mas falleceu ou não s. magestade ha sete annos?»

—«Menos para a sua real casa. Lá não consta.»

—Aonde aprendeste, Fernão de Sousa?»—exclamou D. Pedro furioso.

—«No collegio de Santo Antão, saberá el-rei.—acudiu o vedor com muita innocencia.

—«Ensinaram-te bem!»

—«A respeitar e amar el-rei, sobre todas as coisas, depois de Deus.»

—«Donde a tua sabedoria collige que me deves arruinar?»

—«Meu senhor, os sobejos do rei são a alegria do pobre.»

—«Grande maxima! E então?»

—«E então, como estes seis contos e oitocentos mil réis sustentam dusentas familias, entendi que v. magestade de proposito fechava os olhos.»

—«Eu nomeei-te vedor, ou esmoler, Fernão de Sousa?»

—«Vedor, saberá v. magestade.»

—«Ora bem. De hoje em diante ficarás entendendo que não fecho os olhos, mas os abro. Quero um risco nas reaes cozinhas, e outro maior se é possivel nessas mesas e apparadores... Tens percebido?»

Fernão de Sousa extasiou a vista, e levou o dedo indicador á boca em ar de suspensão mental. Era evidente que lhe parecia monstruoso e inaudito, que o soberano, por amor de sete contos de réis, fizesse tanto arruido, e desse ordens tão rigorosas.

D. Pedro, da sua parte, estava perplexo entre o riso e a ira. A longa e secca figura do seu vedor, perfilada e satisfeita de si, respondendo sobre as mais estupidas prodigalidades com o aprumo do homem seguro de ter cumprido religiosamente o seu dever, era um espectaculo tão original, tão exquisito e inesperado, que o monarcha. não se podendo conter mais, encostou-se á cadeira, e desafogou em frouxos de estrondosas gargalhadas. Este accesso de hilaridade passou por cima do semblante do official mór da casa, deixando-o como o achava. Fernão de Sousa continuava firme na espasmodica e engomada gravidade, incapaz de permittir que um só dos musculos da sua physionomia se desafinasse, descompondo a solemne e tesa importancia da etiqueta.

—«Porque me apparecem estas contas no fim de sete annos?—perguntou el-rei.

—«Todos os annos vem; mas v. magestade só hoje se dignou examinal-as.»

—«Ah! E a minha approvação?»

—«Entende-se, que s. magestade a dá, quando não censura.»

—«Bem! Mas não sou informado da apresentação?..»

—«El-rei sabe tudo!»

—«Então, el-rei até advinha, Fernão de Sousa?»

—«Não, meu senhor. Mas o costume é não se dizer nada a v. magestade antes que se digne perguntar.»

—«Vamos! Quanto rendem as jugadas e direitos reaes de Cintra?»

—«Um conto quatrocentos mil réis.»

—«E o pescado e os direitos de Aveiro?»

—«Setecentos e quinze mil réis, nos ultimos sete mezes.»

—«Agora a despeza!.. O que lhe fizeram?»

—«Distribuiram-se em esmolas aos conventos pobres.»

—«Admiravel!.. E depois?»—exclamou o principe enfadado.

—«Depois, mais nada. Eram as ordens de s. magestade.»—replicou o vedor, já um pouco timido.

—«Eu taes ordens não dei!»

— «Deu-as s. magestade a rainha, de saudosa memoria, e é o mesmo, como el-rei sabe. Eram rendas da sua casa.»

— «Famoso! Em todos os negocios da vedoria ouve primeiro a Diogo de Mendonça, meu secretario das mercês, e entende-te com elle. Eu passarei as ordens. Fernão de Sousa, acho-te liberal de mais: e não quero arruinar-me por causa da etiqueta, como um dos reis catholicos soffocou ao seu brazeiro por falta de creado, que lh'o tirasse. . . percebes?»

— «V. magestade permitte?»

— «Falla!»

— «Posso saber se incorri no real desagrado?»

— «Para que?»

— «Para me retirar ás minhas terras.»

— «Não! Mas eu quero saber do que é meu, e tu não sabes do teu, nem do alheio; por tanto o secretario das mercês te ajudará. . . Ah, Diogo de Mendonça, sabes uma novidade? Sua magestade a rainha não falleceu! Pergunta ao vedor Fernão de Sousa?»

Diogo de Mendonça entrava neste momento; e ouvindo el-rei dirigir-lhe esta objurgatoria sorriu-se com a metade do rosto, que tinha virado para elle, dando um ar magoado á outra metade, exposta á vista do fidalgo. Para não responder logo, o astuto ministro, quebrando-se de corpo para o lado esquerdo, foi a passos vagarosos ajoelhar-se diante de el-rei e beijar-lhe a mão.

— «V. magestade ordena que me retire?» — perguntou o vedor muito vermelho.

— «Não, espera!.. Diogo de Mendonça, como te disse, s. magestade a rainha não morreu.»

— «Por mais que deseje, não posso ter a fortuna de entender a v. magestade.» — replicou o secretario, furtando-se ao encontro.

— «É verdade. Acabo de pagar sete contos de réis da sua ucharia neste anno, pelas contas do meu vedor.»

— «A munificencia de v. magestade é infinita. O que são sete contos de réis? Não é el-rei o pae de seus vassallos?»

O vedor respirou. O ministro tomava o seu partido. D. Pedro sorria-se.

— «Parece-me, que és do voto do vedor, deixas pôr a mesa aos mortos para engordar os vivos.»

— «Eu, senhor?! cuidei que v. magestade fallava jocosamente. Pois ha quem roube a v. magestade, e não esteja castigado ainda?»

— «Diogo de Mendonça, ninguem me rouba. Saberás que o ladrão sou eu.»

— «Agora não percebo; perdoe v. magestade! Pois el-rei que é a sabedoria mesma. . .»

— «Eu me explico. Não se expediu ordem para acabar o real estado da casa da rainha, que Deus tem; e Fernão de Sousa, meu vedor, decidiu que a despeza devia continuar, como em vida de s. magestade.»

— «Por Deus! e decidiu bem, perdoe v. magestade.»

— «Decidiu bem?»

— «De certo. A obediencia é louvavel. O vedor não teve ordens. . .»

— «Mas quem é então o culpado, porque sem duvida alguem teve a culpa?»

— «Quem lhas não communicou; mas a benignidade de v. magestade ha de valer-lhe.»

— «Visto isso, Roque Monteiro deve á minha casa sete contos de réis por anno? . . .»

— «Pois eu disse que era Roque Monteiro? Perdoe v. magestade! Eu não disse..»

— «Que em sete annos fazem?» — proseguiu el-rei, figurando não ouvir.

— «Quarenta e nove contos justos.» — concluiu o vedor com a sua inevitavel certeza de calculo e obedecendo á interrogação da vista de s. magestade.

Diogo de Mendonça fingia-se abismado. O seu rosto fez-se a mascara da tragedia á força de expressão dolorosa. Ajoelhando aos pés de el-rei com duas lagrimas quasi visiveis nos olhos e a mais artistica rouquidão na voz, o secretario das mercês, exclamou:

— «V. magestade é clemente! Foi incuria delle, mas quem é perfeito, quem não as tem? Faz-se meu inimigo, bem sei: mas não importa, é bom ministro. Dizem mal? Tambem de mim! Deus sabe. Não os acredite v. magestade. Querem persuadir que elle se avença com os compradores da casa real e recebe alças dos estrangeiros?.. por Deus! Ponho as mãos no fogo. . . é calumnia.»

— «Ah!» — gritou el-rei, ouvindo os capitulos accusatorios pela primeira vez.

— «Não lhe dê v. magestade ouvidos. — exclamou o defensor zeloso. — Ignoro a razão por que elle me quer mal: eu nunca lho desejei; mas isso que tem? A verdade deve-se dizer. Roque Monteiro é devoto e honrado. Até lhe levantam que não ouve missa. . . parvos!»

— «Máu catholico, an?» — acudiu D. Pedro, severamente.

—« Não acredite, meu senhor. Elle tomou capellão... para a familia; e ouve-a muito cedo! Não é hereje; nada disso tem! Ah! a inveja é feia. Não me imputaram a extorsão de um crucifixo de marfim feito na India, dizendo que desde a peanha até ao resplendor todo elle eram pedras preciosas?.. pobre de mim! »

—« E então? »

—« Não era!.. E os velhacos sabiam-no. Salva a reverencia de tão devota imagem, era um bocado de marfim bem tosco de lavor, e roido dos vermes... Indaguei quem seria o pae da noticia... »

—« E descubristes o teu Anito? » — insistiu o monarcha, rindo-se.

—« Fui tão feliz que sim! Mas sem ordem expressa não posso declarar... »

—« Vamos! »

—« V. magestade manda? »

—« Mando. »

—« Foi Roque Monteiro, coitado! Sem maldade... por desfastio. »

—« E tu a defendel-o?!.. E depois? »

—« Convidei-o para almoçar, e mais ás tres pessoas que o tinham ouvido. »

—« Havia de ser divertido... Fallaste-lhe do Santo Christo? »

—« Obriguei-o a dizer maravilhas delle! Tambem não tinha outro remedio: os outros estavam alli. »

—« Não foi máu. Que mais? »

—« Vendi-lho. Não quiz que obra tão preciosa ficasse em outras mãos. »

—« E comprou-o? » — gritou o principe, rindo muito.

—« Que remedio! Elle até é que lhe fez o preço. »

—« Sem vêr? »

—« Quem louva estima. Custou-lhe tresentos mil réis. E salva a devoção, o objecto não vale dez: duvido que mos dessem. »

—« Excellente, Diogo de Mendonça! »

—« Pedirei a v. magestade a graça de notar que não disse nada em desabono delle. »

—« Pelo contrario! e faz-te honra. Fernão de Sousa, as contas da vedoria serão despachadas por Diogo de Mendonça. Podes sahir. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

VIAGENS.

Templo de Nossa Senhora d'Atocha.

Crêmos que os nossos leitores não desgostarão de ter uma breve noticia desta casa religiosa de Madrid, a que são mui affeiçoados os monarchas hespanhoes, e para onde se encaminháva a rainha Isabel II no dia 2 do corrente, quando foi perpetrado o execrando attentado contra a sua augusta pessoa.

O passeio denominado d'Atocha, mui frequentado no inverno por estar ao abrigo dos ventos, é um ramal do famoso passeio do Prado, o primeiro de Madrid, e principal desafogo de seus habitantes; estende-se desde a porta d'Atocha até o convento desse nome; formam-no tres ruas, uma a cada lado da central, que é a das carroagens, com dois renques de arvores; tem 2:310 pés de comprimento, variando a largura de 151 a 252 pés; faz angulo recto com outra das ramificações do Prado, denominada *prado del Botánico* e que costeia este jardim.

No cabo daquelle passeio, na extrema oriental do Prado, está o edificio de que tratamos. No sitio que occupava o antiquissimo santuario de N. S. da Atocha, imagem cuja origem é milagres tomou largas paginas aos historiadores e poetas matritenses, erigiram um convento de dominicanos o inquisidor geral, fr. Garcia de Loaysa, e fr. Juan Hurtado de Mendoza, confessor do imperador Carlos V: vieram de Talavera os primeiros religiosos, e tomaram posse do terreno aos 11 de maio de 1523: a fabrica da casa durou muito tempo, e só ficou concluida no seculo 17.º Sobresahia esta construcção pela sua sumptuosidade, augmentada depois consideravelmente nos successivos reinados, até que o edificio foi reduzido a quartel pelos francezes em 1809. Fernando VII no seu regresso a Hespanha cuidou em restaurar esta igreja e convento, reedificando-o quasi inteiramente, fazendo construir por seu architecto D. Isidro Velasquez o elegante altar-mór, adornando todo o templo de bonitos retabulos, efigies e quadros, entre os quaes merecem menção, um S. Miguel, de Jordan, e a Magdalena, N. S. do Rosario, e o descanço no Egypto, de Corrado, como tambem os anjos da capella do Santo Christo, esculpturas de D. José Ginés e D. Estevão de Agreda. O mesmo monarcha fez trasladar com publica solemnidade para esta sua casa a antiquissima e venerada imagem de Nossa Senhora, objecto da mais religiosa piedade dos matritenses; dispoz tambem que alli se depositassem, como hoje se veem por ordem symmetrica, em elegantes pavelhões, sobre as pilastras da nave, os estandartes e bandeiras dos antigos terços, armadas e regimentos hespanhoes, e os conquistados aos inimigos; entre elles campeam o pendão de D. João d'Austria, os das ordens militares, os dos terços de Flandres, com que se enso-

berbecem os invalidos hespanhoes, moradores agora do antigo convento da Atocha.

A porta da Atocha, que fica ao sul, na extremidade da rua do mesmo nome, olhando para o Prado, dá saída para o passeio *de las Delicias*; foi fabricada em 1748 e reformada em 1828 e 1829; consta de tres arcos iguaes, decorados com columnas arrimadas de ordem jonica; é construida de ladrilho, e nada notavel como obra de architectura. Geralmente os reis e as outras pessoas reaes fazem por esta porta a sua entrada em Madrid, depois de alguma larga excursão, e em tal caso visitam a imagem de N. S. da Atocha antes de recolherem a palacio. Desde tempos remotos aquella igreja tem gosado do titulo de capella real, pela devoção predilecta dos reis catholicos, que ahi tem duas tribunas reservadas, onde assistem todos os sabbados á *Salve* solemne, que se celebra á custa da casa real, com Senhor exposto, musica instrumental etc.. sendo grande a concorrencia do publico. Em tempo de Carlos III e Carlos IV esta visita se fazia aos domingos, e era costume repicarem todos os sinos das igrejas do transito quando el-rei ía do palacio para o convento d'Atocha.

A rua da Atocha é a mais comprida de Madrid, pois tem 4855 pés, sendo a immediata (quanto a extensão) a de Hortaleza de 3695 pés,

NOTICIAS E COMMERCIO.

Necrologio. — Não desejamos tecer um elogio banal aos mortos para incensar ás paixões dos vivos, não! Nem sobre a campa, que ha pouco se fechou, quizeramos que alguma mão profana viesse escrever um epithaphio rico de vaidade. Leva-nos a escrever estas linhas esse sentimento mysterioso que nos faz communicar mesmo além da morte com aquelles a quem um sentimento nos ligou na vida.

O collocar a coroa de perpetuas sobre a pedra sepulchral, dá como a satisfação de um dever que mitiga a saudade.

Amigo de infancia do Visconde d'Asseca, Salvador Corrêa de Sá, o acompanhámos do berço á campa. Sabemos o que existia naquella alma, e avaliamos pela nossa quanta vida, quanta esperança, quantos sonhos foram repentinamente cortados pela morte. Ao nosso irmão, ao nosso companheiro nesta peregrinação da vida damos um adeus! Morreu a 24 de janeiro passado, de uma molestia aguda, que o fez acabar em dois dias e meio n'uma cama, onde descançava por momentos de velar a um filho de 5 annos que elle temia de perder, ainda mais depois da morte de uma outra filha de 3 ou 4 annos; morte que revelou ao homem já feito, pela primeira vez, a dôr, e pela ultima porque lhe sobreviveu oito dias. A doença apresentou-se-lhe logo mortal, conheceu-a, sentiu toda a saudade da vida, mas resignou-se a morrer, e quiz agarrar-se á esperança que seus paes lhe tinham apontado do berço; no meio da doença e saudade da vida teve força de preparar-se á morte. Pediu todos os Sacramentos, e pouco depois expirou nos braços de sua mulher, com sua mãe d'outro lado, e rodeado das pessoas que mais o estimavam. A sua vida foram vinte e seis annos, a sua intelligencia distincta e cultivada, o seu coração bom, excessivamente bom, generoso e delicado. Todo homem de coração, se uma circumstancia o chamasse a deixar o seu nome nas paginas da historia assignar-se-ia martyr! A vida não lhe deu tempo. Deixámos o seu corpo no cimiterio dos Prazeres, no jazigo dos condes de Villa Real, seus sogros, junto ao caixão da filhinha, que alli estava de oito dias. A consternação estava em todos, a afflição em muitos dos convidados. Esse que alli na egreja de Santos estava naquelle feretro, coberto de pannos luctuarios, rodeado de tochas, havia poucos dias que todos o tinham encontrado rico de vida e de bens da fortuna. Estas linhas não são mais do que a despedida de um amigo que avalia e se junta ao sentimento das respeitaveis senhoras, mãe e esposa do fallecido visconde d'Asseca.

* *

Conservatorio de Vianna d'Austria. — Tem 670 socios, 222 alumnos, dos quaes 79 pagam. A direcção é composta de Fischhoff, Hellmesberger e Klemm.

Rendimento do districto de Coimbra. — Segundo o *Observador*, neste districto a receita annual regula de 170 a 180 contos de réis e a despeza não sobe a 100 contos de réis.

Revista Peninsular. — É o titulo de um novo jornal litterario que se está publicando no Porto.

Historia moderna de Italia. — Para os que se interessam pelo estudo da historia de Italia deve ser mui curiosa a leitura da seguinte obra — *Lo Stato Romano dall'anno* 1815 *all'anno* 1850 *per* — *Luigi Carlo Farini; Torino*, 3 *vol.* 1851 O auctor é ao presente ministro da instrucção publica no Piemonte, e tendo exercido a vida publica nas altas regiões de Roma, o seu livro é mui rico em documentos ineditos.

Theatro de S. Carlos. — Está publicado um edital da inspecção geral dos theatros pondo a concurso a *futura empreza subsidiada* do real theatro de S. Carlos na época theatral de 1852 a 1854.

O pouco espaço de que neste numero podêmos dispôr nos obriga a adiar para o seguinte o que nos parece dever escrever deste concurso, mas desde já reparámos em uma falta que tambem nos concursos passados temos notado. O programma não se publica. A nossa opinião neste ponto é e tem sido que o programma se deve publicar não só no paiz, mas que traduzido em francez se deve publicar em Paris e Milão. Não se dando esta circumstancia parece-nos o praso de 30 dias absolutamente curto.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 28. QUINTA FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

Temos hoje a satisfação de começar a publicação de uma das mais importantes e uteis obras que a REVISTA tem publicado nos 11 annos da sua existencia.

É uma obra eminentemente pratica e toda com referencia á agricultura, base e elemento seguro da nossa prosperidade.

Quando os nossos leitores houverem terminado a descripção da applicação do systema da agricultura lombarda ao nosso solo, facilmente comprehenderão os fundamentos solidos destas nossas palavras.

Ha homens tão distinctos na historia do seu paiz, que a immensa esphera da vida publica é ainda pouco ambito para todos os seus trabalhos em beneficio da patria.

O duque de Palmella era um destes homens.

O nome que deixou illustre na historia da diplomacia Europea, nas importantes discussões da tribuna, nos actos da administração publica e nos annaes das letras, se distingue radiante de gloria, no começar a era moderna dos nossos melhoramentos agricolas.

Da altura do seu espirito elevado a luz descia sobre todos os problemas difficeis da vida social: e a rasão, que os comprehendia em todos os seus fins, os resolvia por meio seguro e efficaz. O duque sabia melhor do que ninguem a parte que a agricultura devia ter no verdadeiro desenvolvimento dos nossos interesses economicos: sabia que na administração publica lhe faltava um ministerio — que na ordem da representação dos interesses, lhe faltava um corpo consultivo para estudar as leis que a podessem desenvolver — que na instrucção official lhe faltava o ensino theorico e o ensino pratico — que nos recursos fecundantes do credito lhe faltava a faculdade de representar e dar giro aos seus valores. Conhecedor de todas estas estas difficuldades, o duque empregou o seu bom juiso e uma parte da sua fortuna em deixar uma gloriosa memoria do seu ardente desejo pela prosperidade da agricultura. Resumiu no exemplo pratico todos os seus votos em favor deste valioso ramo da riqueza do paiz.

De todos os systemas agricolas, nenhum póde com vantagem contestar ao systema lombardo o primeiro logar como o mais proficuo e de credito mais popular, e foi este o systema escolhido pelo duque para introduzir em Portugal uma avultada e mui valiosa somma de melhoramentos agricolas. A sua propriedade do Calhariz foi escolhida para realisar tão grandioso e patriotico pensamento. E foi tal o resultado obtido que, se Portugal tem a infelicidade de não dever aos seus governos estabelecimentos como os de Versailles e de Gugron, tem ao mesmo passo a fortuna de dever a um dos mais illustres homens publicos da nossa historia moderna — *a quinta-modelo de Calhariz.*

Depois da sentida morte do duque, esse seu bello pensamento não tem deixado de se desenvolver, e assim os illustres representantes do seu nome tem provado o muito em que avaliam, não só a prosperidade da nossa agricultura, mas a gloria de se completar a idéa cevilisadora de seu nobre e sabio antecessor.

Temos bastante confiança na illustração que assiste a todos os actos da administração da casa

dos duques de Palmella, para julgarmos que essa quinta modelo cada vez será mais importante para a agricultura do paiz, e mais util para os interesses da mesma casa. O agricultor instruido, a quem o nobre duque encarregou a execução do seu plano, foi o sr. Gagliardi. Tão grande pensamento não podia achar mais intelligente e zeloso interprete. O sr. Gagliardi conhecedor acreditado das mais vantajosas praticas da Lombardia, em relação á agricultura, soube com muito bom senso e raro acerto fazer applicação dessas praticas ao nosso solo. A descripção dos seus trabalhos neste sentido, com que hoje começa a honrar as paginas da REVISTA, nos dispensa de outro louvor, que não seja a recommendação da sua leitura.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INTRODUCÇÃO.

Os objectos aqui mencionados foram appropriados ao terreno do morgado de Calhariz, segundo as intenções de s. ex.ª o sr. duque de Palmella de saudosa memoria, que desejou que se introduzissem, quanto fosse possivel, todos os ramos de cultura no systema lombardo, que o clima da terra permittissem.

Mas, como era opinião geralmente admittida que as terras de Calhariz eram de muita má qualidade por natureza, e taes que não permittiriam a introducção de similhantes inovações: para certificar-me pedi a s. ex.ª a permissão de me deixar fazer, antes de todas as inovações que desejava, um experimento em pequena escala: o que me foi mui cortezmente concedido: neste meio tempo experimentei com attenção a natureza das terras, vi que não eram tão más como se dizia, e não pude deixar de exclamar: Oh! por muito felizes se dariam os lombardos, se as suas terras más fossem como estas de Calhariz! Com tudo isso, continuei as minhas experiencias para vêr os resultados em relação á natureza das aguas e particularmente ao clima, á prosperidade das amoreiras, e creação dos bichos de seda, que era o fim principal dos cuidados de s. ex.ª Estas experiencias as fazia com muita satisfação, porque a difficuldade da arte e da sciencia agraria consiste em fazer a justa applicação do systema ao terreno. Para fazer tal applicação com maior certeza, adoptei a opinião dos mais prudentes mestres, e tomei por alvo, em primeiro logar conhecer bem, em tudo e por tudo, a natureza da quinta, relativamente não só á sua condição fisica, mas tambem respectivamente á economia; conhecimentos, que não são tão faceis como se julga; em segundo logar, examinar bem as praticas do sitio, e em toda a sua extensão; em terceiro logar, consultar os mais ajuisados e bons agricultores; em quarto logar, não cahir no arrojo de banir todas as practicas antigas, de um jacto, ainda que fossem as peiores, sendo costume commum do camponez louvar os methodos que pratica, e elogial-os por habito como unicos, e o que é mais citar para prova a experiencia, sem experimentar coisa alguma que differente seja do geral costume do seu paiz; em quinto logar não confiar demasiado em calculos muitas vezes quimericos; finalmente, caminhar acautelado no estudo das obras agrarias.

Por consequencia, no primeiro anno, não fiz mais do que pequenas experiencias; e tenho a honra de relatar que a cooperação dos effeitos fisicos do clima, da terra, e das aguas sobre a vegetação, são muito favoraveis; e esses effeitos não tardaram a mostrar-se satisfatorios no seguinte anno, apresentando-se debaixo do melhor aspecto. A boa indole, disposição e subordinação dos creados, e trabalhadores, contribuiram para este resultado, porque todos, em abono da verdade, são dotados de uma penetração e perspicacia tão rara, que são capazes de conseguirem grandes emprezas. Com a brandura do tracto alcancei a execução destes trabalhos; e é necessario confessar que era louvavel a obediencia de todos os individuos a quem tive a occasião de dar trabalho. Deste facto conclue-se que a aspereza das ordens produz um effeito contrario, isto é, que são inuteis e baldados os progressos que se desejam obter.

Vendo s. ex.ª o feliz resultado dos ensaios, determinou que se praticassem em grande escala os melhoramentos agricolas, na esperança de que um tão nobre desejo podesse servir um dia de exemplo e beneficio á sua patria, que tanto amava, desejo que nunca me cessou de manifestar em todas as cartas que me dirigia, até os ultimos dias da sua existencia.

Comtudo não foi sem grandes difficuldades e inconvenientes que cheguei a poder empregar novas machinas, novos instrumentos, e adoptar novos ramos de cultivação, inteiramente differentes dos que se usavam.

Todos sabem como essas difficuldades se apresentam, quando se tracta de introduzir novos methodos, e ainda mais fazendo abandonar costumes antigos.

Tenho todavia arroteado uma grande porção de terreno, com fortes e excellentes arados de ferro; abri muitas vallas, para o livre curso das aguas, para que não ficassem estagnadas, em detrimento dos campos e da hygiene, primeira coisa que deve occupar os cuidados de um habil agricultor. Para que a terra sinta os beneficos effeitos de similhantes trabalhos, precisa esperar que a acção da atmosphera a compenetre, operação chimica natural, que não se póde effectuar logo, mas que precisa esperar algum tempo. Ora este tempo passou, e é agora que se póde vêr nas primeiras terras por mim lavradas, e semeadas, a força da vegetação, a vastidão e prosperidade, e formosa apparencia das

searas. De maneira que quando estava o trigo em herva, dois entendedores julgaram serem estas terras melhores em qualidade, para a vegetação por serem *friaveis* e porosas.

Enganaram-se, não a respeito da qualidade da terra, mas sim porque antes da minha ida a Calhariz, aquellas terras não eram senão brejos e matto, e tidas em conta de infructiferas, de mau chão, e por isso abandonadas. Porém, no breve espaço de tres annos, depois dos sobreditos trabalhos, attrahiram os olhos dos admiradores, pela prosperidade com que produziam. Para conhecer a fertilidade das mesmas, basta vêr o que mostra a vegetação de tres annos, a saber: amoreiras, oliveiras, e vinha, que plantadas nessas terras cresceram todas com grande força, e contra a minha expectativa.

O quanto estas sentem a mais pequena porção de estrume, denota tambem a bondade dellas; por exemplo; se para estas precisa um hectare de chão 30 carradas; se fossem verdadeiramente más, precisariam tres vezes mais. O bom agricultor nunca se esquecerá de lavrar a terra á profundidade maior que podér, ou que a terra der, nunca porém se deverá esquecer de estrumar com abundancia as suas terras, pelo menos uma vez todos os quatro annos, ou cinco; e tambem acostumal-as a uma arroteação e cultura *agostana*, que é o tratamento que eu costumo dar ás terras. Portanto mal andam aquelles cultivadores que se persuadem encurtar as despezas, lavrando as terras com maus arados, e sem lhe deitar estrume, que é o tudo para ellas. Postoque a estação corra favoravel ao crescer dos cereaes; estes achando a terra privada daquella porosidade, e daquelle alimento que requerem, não podem filhar, e alargar as tenras raizes; e não vem a dar senão a simples semente, ou alguma coisa mais, se der.

Com effeito, viu-se este anno que uma das terras da horta velha (uma das melhores por ser terra terciaria, ou lesirias) por não ter sido bem cultivada, e bem estrumada, pouco mais deu da semente; pergunto agora: como póde o cultivador pagar as suas despezas, se é sabido que um terreno para cobrir as despezas deve produzir pelo menos 5 ou 6 sementes? Se tal fructo não der, devese abandonar similhante chão?

Então é sabio aquelle axioma que diz: — « Se « queres que te apresente uma rica colheita, dá- « me sufficiente alimento e o necessario amanho, « que então te darei riquezas, e serás contente. » — Conheceu s. ex.ª esta verdade, e deu ordem para que se fabricasse uma abegoaria, para reunir um numero sufficiente de gado, e que no mesmo instante se passasse á construcção dos prados artificiaes, para ter com que o manter.

Junto aqui com muita satisfação a descripção de todas as coisas que diversificam ou se apoiam no systema lombardo, e que a pratica me fez adoptar. Para se avaliarem melhor os factos que vou mencionando nas minhas descripções, aponto as asserções de varios auctores, não só italianos mas tambem francezes e portuguezes; porque da mesma maneira que um enfermeiro, por muita pratica que tenha, nunca se poderá comparar com um bom cirurgião, faltando-lhe a theoria que o ajuda nas difficultosas operações, tambem o estudante nunca será bom cirurgião sem ter tido a pratica, porque é verdade que a theoria lhe explica tudo e ensina a maneira de executar, mas falta-lhe o conhecimento dos factos e o modo com que se realisam relativamente aos diversos casos. Pelo que s. ex.ª o sr. duque, defuncto, queria estabelecer em Calhariz uma eschola de agricultura theorica e pratica, comparativamente ao solo, á situação topographica, á natureza da terra, do clima, e das aguas.

Poderá pois quem quer que fôr comparar as minhas obras com outros systemas, julgar o que achar mais conveniente; e por muito feliz me darei, se os meus desejos fundados em sinceros esforços, corresponderem aos interesses immediatos da exm.ª casa ducal.

CONFERENCIAS SANITARIAS INTERNACIONAES.

I.

As conferencias sanitarias que ha pouco findaram em Paris foram um grande facto em relação á sciencia, á administração publica, e ao commercio.

Pertence á França a gloria de apresentar a uma reunião de commissarios das differentes nações os problemas complicados, em que se devia resolver a questão das quarentenas, estabelecendo perfeita harmonia entre a saude dos povos, e os justos direitos do commercio.

Neste seculo em que o trabalho todo da humanidade parece concentrar-se em dois pontos — na barateza da producção, e na facil e rapida communicação entre o productor e o consumidor — a questão das quarentenas chegou a ser uma das mais graves questões economicas, e sem exaggeração se póde considerar como uma questão humanitaria.

Em taes circumstancias o pensamento da França foi digno dessa nação, que pela sua intelligencia e pela cultura do espirito se tem cercado do prestigio da admiração das outras nações, e das mais vivas sympathias da sua estima.

O principio estabelecido será fertil em consequencias. Segundo elle, a decisão dos problemas em que os interesses das nações se uniformisam, será sempre dependente do estudo previo, por meio de discussão, em assembléa composta de representantes, especialmente encarregados pelas suas habilitações, ou

pelos seus precedentes, para traçarem com mão segura a linha que tem de correr a solução de taes problemas.

A França, formulando um programma para base dos trabalhos de reduzir a um systema commum a legislação sanitaria, convocou as nações para escolherem representantes, que pela parte de cada uma preparassem a solução das valiosas questões ahi comprehendidas. A convocação foi comprehendida em todo o seu alcance, as nações escolheram os seus commissarios. A sciencia e o commercio deviam ser duas bases da futura discussão. Foi portanto estas duas partes distinctas que as nações procuraram representar. Em geral, a escolha foi digna do fim a que se dirigiu, e nomes admirados na sciencia e respeitados no commercio figuram na lista dos commissarios dos differentes paizes ás conferencias sanitarias.

Portugal, esta nação desventurada, que se esquece a si mesmo, ahi foi honrosamente lembrada pela maneira digna, illustrada e conscenciosa com que os seus representantes comprehenderam os seus deveres.

Eram os commissarios de Portugal os srs. conselheiro José Maria Grande, e João Mousinho da Silveira.

Em Portugal, quando a inveja e o cynismo não podem lançar a baba da sua peçonha no caminho honroso por onde vão as suas victimas, fazem silencio em volta dellas. A sentença injusta que assim fere o merito e o zelo é consignada ao esquecimento. Por estes motivos o nosso regosijo recresce, quando na efusão de um verdadeiro orgulho por este nome portuguez, outr'ora tão coberto de gloria e de benção, podemos apontar para um nosso irmão, e dizer affoutos: — é um digno filho desta terra — é um homem que honra o seu nome e a sua patria.

E mais desassombrados do que nunca podemos dar este louvor ao sr. Grande e ao sr. Mousinho, porque possuimos e vamos publicar as provas da justiça com que não duvidamos sustentar, sem irrogação de offensa a ninguem, que estes dois cavalheiros comprehenderam perfeitamente a sua missão, e fizeram com que a parte de Portugal em tão grande facto fosse identica á das maiores potencias.

Para se comprehender o relatorio que estamos fazendo dos trabalhos da conferencia, publicâmos hoje o programma que lhe serve de base.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Programma.

1.° As considerações que se referem á saude dos povos em relação aos fins das conferencias serão o unico assumpto da discussão. A politica e qualquer consequencia que lhe diga respeito é positivamente separada de todas as discussões.

2.° Fica declarado que se não tracta de reunir por este meio um congresso scientifico, poisque sendo estes muito uteis, como tem provado a sua reunião ora em França ora na Italia, o seu systema é inconveniente para o fim que se pertende, porquanto em taes congressos cada um lucta em favor de uma opinião ou de uma doutrina, recusando-se a fazer nenhuma concessão á opinião e á doutrina opposta.

As conferencias terão um caracter differente e essencialmente pratico, e terão exclusivamente por objecto, respeitando sempre as diversas opiniões, ou antes deixando-as em plena liberdade de se manifestarem, o alcançar para interesse do commercio, e por uma especie de transacção amigavel, o estabelecer um accordo ácerca de questões de facto e de applicação immediata.

3.° O escrutinio decidirá as questões em definitivo, conservando cada pais o direito de ratificar ou rejeitar as resoluções que deste resultarem.

4.° Depois de reguladas as consequencias que se deduzem das idéas preliminares, que ficam expostas tractar-se-ha de estabelecer o principio regulador das providencias sanitarias, declarando-as obrigativas para todos.

Esta declaração será puramente uma declaração de facto — sem consignar acceitação de qualquer doutrina e com expressa reserva das opiniões individuaes.

5.° Estabelecendo o principio da condição obrigativa das providencias, será estabelecida a sua uniformidade, salvo as excepções que possam resultar dos locaes, das distancias e outras circumstancias que se tractará de bem especificar.

6.° Em seguida tractar-se-ha ainda de uma outra questão preliminar, a qual consiste em decidir se as providencias sanitarias deverão ser, restrictas ao que vem por mar — ou se devem ser no todo ou em parte, constantemente ou por excepção, ampliadas até ao que possa vir por terra.

Findas estas questões geraes, começará a solução das questões sanitarias, que geralmente são assim chamadas.

7.° Quaes são molestias a que se devem applicar as providencias sanitarias?

Todos estarão concordes em considerar como tal a peste do Oriente.

Talvez se não esteja tão concorde quanto á febre amarella da America e á cholera da India.

Em virtude de decretos modernos a França estabeleceu quarentenas para estas tres molestias.

Ao presente não será possivel mencionar outras molestias que possam exigir as prevenções sanitarias.

8.° Serão sempre necessarias as providencias sanitarias, ou a molestia seja sporadica ou epidemica?

Quanto á França, a questão podia considerar-se resolvida pelo que diz respeito á peste, porquanto só é considerada contagiosa, quando existe no estado epidemico. Foi esta a doutrina que se formou como resultado das discussões da Academia de Medicina.

A questão não foi ainda resolvida pelo que se refere á cholera e á febre amarella.

É um dos pontos mais importantes que as conferencias tem a examinar. Se se podér declarar por um accordo que as providencias sanitarias só devem ser applicadas ás epidemias e não aos casos isolados, tornar-se-ha a questão mais simples, e se prestará ao commercio um serviço consideravel.

9.° Serão depois determinadas as providencias sanitarias:
Quarentenas.
Lazaretos.
Isolamento.
Providencias geraes de hygiene.

(Concluir-se-ha.)

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DE GADOS, AVES DOMESTICAS E PLANTAS.

É digno de louvor e recommendação o seguinte convite do sr. Ayres de Sá Nogueira, para uma exposição de gado. Ligamos uma grande importancia a este assumpto e em outro numero expenderemos as nossas idéas a tal respeito.

A agricultura que é a mais providente e generosa de quasi todos os povos do mundo, guiada pela mão de Deus, é para os portuguezes a fonte da vida, (e a unica perpetua) de quasi toda a sua prosperidade economica. Mas se a Providencia tão generosamente dotou Portugal de um solo, de um clima, e de uma posição geographica que são a inveja de todas as outras nações; — se cortou os seus soberbos campos de numerosos e magnificos rios e ribeiras, como para lhe indicar o caminho por onde suas ricas e innumeraveis producções deveriam ser levadas á permutação reciproca, entre os seus mesmos povos, e todas as nações do universo; — se a Providencia fez mais ainda, banhando-lhe suas extensas costas com esse soberbo Oceano Atlantico (o primeiro entre todos os mares) collocando-o assim por este lado na vanguarda de todas as nações da Europa e de muitas da Asia e da Africa, em relação á maior parte do resto do mundo, ensinando tambem por este meio aos portuguezes, que se os dotou tão generosa e largamente, é porque os destinava para formarem uma grande nação, que tivesse por base de toda a sua fortuna economica a permutação constante dos productos do seu riquissimo paiz com todos os outros povos; fazendo com que os navios de todas as nações, cruzando-se continuamente em sua frente, venham como em admiração de inveja, e em demanda de commercio, passar em frente dos nossos soberbos portos, onde infelizmente hoje (pela nossa preguiça e desleixo), bem pouco encontram com que possam permutar as mercadorias quando, porventura tivessemos attendido a que — *os interesses economicos são o primeiro principio de todas as nações* — nós teriamos chegado a ser uma nação que se faria sentir na balança politica da Europa, não sómente pela sua riqueza, como tambem pela sua triplicada população, e outras ponderosas rasões.

Se, pois, Deus nos concedeu esta preciosa joia de preço infinito, mas por lapidar; e se em outros tempos, que já lá vão, nós foi indifferente assim conserval-a, porque infeliz e erradamente julgavamos que nunca nos seria preciso trabalhar; porque fomos ricos, e tão ricos como (comparativamente) bem poucas nações o teem sido; agora que precisâmos trabalhar, e muito, forçoso é, é indispensavel, é-nos tão necessario como o pão da vida, que despedacemos a venda que por tão longo tempo, e tão desgraçadamente, nos não tem deixado vêr o que mais nos convém, fazendo-nos assim tragar fructos tão acerbamente amargos, como são os da ignorancia em quasi todas as sciencias economicas; e por sua consequencia, a falta de meios, em tudo e para tudo, e a miseravel, odiosa e devastadora escravidão em que a industria geme subjugada á usura e á agiotagem, e além de mil outros males, o que é mais ainda, o que nos fere até ao fundo d'alma, é a vergonhosa desconsideração em que infelizmente poderemos caír para com todas as nações civilisadas.

É tempo pois de vermos, e bem attentamente, o que mais nos convém fazer neste sentido; e de certo que, como base fundamental da nossa fortuna economica, por nenhuma outra coisa nos é mais conveniente começar, nem com mais decidido acerto, do que pelo desenvolvimento da nossa agricultura, que em nenhuma nação, que conhece as suas conveniencias, é possivel achar-se em maior atrazo do que ella infelizmente se encontra em Portugal; mas como não ha de ser assim, se entre nós a agricultura quasi que só nos produz o que a natureza espontaneamente nos quer dar?! Se de arte e sciencia bem pouco em si contém?!! É tempo pois de a coadjuvarmos com estes dois poderosissimos elementos, que centuplicando-a nos seus productos, e alcançados por um preço muito mais barato, depressa nos faria conquistar um logar brilhante em todos os mercados estrangeiros, bem depressa faria renascer para Portugal a sua verdadeira idade de oiro.

Mas um de seus primeiros ramos é incontestavelmente a propagação dos gados e das suas melhores raças: propagal-as pois, e melhoral-as é um dos primeiros interesses dos nossos lavradores; promover e proteger a sua propagação e o seu melhoramento é um dever sagrado do governo; coadjuvar para este fim em todo o sentido, é a obrigação de todos os portuguezes.

Por todas estas rasões tão ponderosas, e porque cumpro com um dever de portuguez, quando trabalho pela minha patria, e com o unico fim de concorrer quanto está no meu curto alcance para os fins que deixo mencionados; e animado pelo resultado brilhante que pude alcançar na tentativa que fiz para levar a effeito a primeira exposição agricola em Portugal, que ha pouco acaba de ter logar, vou tentar que se leve tambem a effeito pela primeira vez entre nós, nas suas duas primeiras partes (ainda quando mesmo não resulte mais que um ensaio) uma exposição de gados, aves domesticas e plantas. Mas vou tental-o na convicção de que serei poderosamente coadjuvado não sómente por todas as auctoridades administrativas que sabem comprehender a sua importante missão, como igualmente por todos os lavradores illustrados, e assim como tambem pelo governo, que patriotica e francamente me prometteu a sua coadjuvação em quanto estiver ao seu alcance.

Esta exposição, pois, deverá ter logar em Lisboa, no sitio de Belem, na quinta e cavallariças reaes, que Suas Magestades se serviram mandar desde logo franquear para tão util fim.

Em consequencia do que fica dito, esta exposição deverá ter logar conforme o seguinte

PROGRAMMA.

Art. 1.° Esta exposição abrange, como objecto principal, todos os generos de gados, a saber:
1.° Cavallar.
2.° Muar e asinino.
3.° Vaccum.
4.° Lanigero.
5.° Caprino.
6.° Suino.

Art. 2.° Como objecto secundario acceitar-se-hão alli, tambem, todas as aves domesticas, que não sejam de recreio, e outros animaes de qualquer utilidade agricola.

Art. 3.° Tambem serão admittidos quaesquer exemplares de gados estrangeiros, dos que podem e devem propagar-se em Portugal.

Art. 4.° Do mesmo modo serão acceitas nesta exposição quaesquer exemplares de plantas:
1.° De arboricultura.
2.° De horticultura.
3.° De jardinagem.

Art. 5.° Esta exposição deverá começar no dia 9, e findar no dia 23 de maio do corrente anno.

Art. 6.° Os animaes que alli forem levados, devem ír até ao dia 6, acompanhados de uma declaração por escripto (mas em duplicado), na qual se diga:
1.° A sua naturalidade, e a quem pertencem.
2.° A sua raça e idade.
3.° O valor que tem nos sitios da sua procedencia, e no principal mercado mais proximo.
4.° A especie e custo diario do seu sustento.
5.° Qualquer outra declaração que se julgue interessante.

As plantas deverão ser igualmente acompanhadas de todas as explicações necessarias, para facil conhecimento do publico.

Art. 7.° Além das recommendações que vão ser feitas pelo governo a todos os senhores governadores civis, por interesse publico tomo a liberdade de rogar por muito obsequio a suas ex.as:
1.° Que empreguem todos os seus esforços para que esta exposição seja concorrida pelos objectos que alli são chamados.
2.° Que queiram fazer o favor de me enviarem até ao dia 20 de abril proximo (á sala da Exposição Agricola, no Terreiro do Paço em Lisboa), uma relação de todos os objectos que dos seus respectivos districtos teem de concorrer á exposição de gados.

Art. 8.° Independentemente dos srs. governadores civis, quaesquer expositores podem dirigir-se ao director desta exposição, enviando as suas correspondencias francas de porte.

Art. 9.° Durante o tempo da exposição todos os animaes que a ella concorrerem serão sustentados á custa do governo.

Art. 10.° Nos ultimos dias da exposição nomear-se-hão os jurys de peritos competentes, que se julgarem necessarios, a fim de conhecerem do merito relativo dos objectos mais importantes: para os quaes serão destinados, pelo governo, premios de varios generos.

Art. 11.° Terminada a exposição, aos respectivos donos, ou ás pessoas que os representarem, se fará prompta entrega dos objectos que alli tiverem mandado.

Art. 12.° Se, porém, seus donos preferirem que delles se faça venda, em tal caso, e avisando em tempo, os objectos para este fim destinados serão alli mesmo vendidos em leilão publico, e o seu producto entregue a quem pertencer.

Lisboa, 10 de fevereiro de 1852.

AYRES DE SÁ NOGUEIRA.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVIII.

EM QUANTO VENTA MOLHA A VELLA.

(Continuado de pag. 323.)

O sr. D. Pedro II era Bragança legitimo no gosto de se informar das anecdotas curiosas da corte, familiarisando-se para esse fim com as pessoas, que o podiam satisfazer. A historia do crucifixo alegrou-o immenso e esteve-a celebrando com discretos commentarios. Ao mesmo tempo entranhava-se no seu espirito o desfavoravel conceito, que o vulpino cortezão soube insinuar a respeito da probidade do seu emulo. Desde este momento Roque Monteiro, justificado pelo secretario das mercês *por nimia boa fé*, perdeu o credito na opinião do principe; e Diogo de Mendonça, que uma difamação vulgar teria envilecido, arvorado em patronó officioso do seu inimigo, passou aos olhos do monarcha por uma alma generosa e um coração de pomba. O vedor que era amigo de Roque Monteiro, admirado da nobreza de sentimentos do secretario das mercês, sahiu da casa do «Estrado» com as lagrimas nos olhos, cantando os seus louvores.

Assim que o vedor sahiu, el-rei tomando ar serio, virou-se para o seu ministro, dizendo:

— «Oxalá que fosse tudo agradavel, como a tua historia, Diogo de Mendonça. O peior é esta guerra e não haver dinheiro. O ultimo correio trouxe noticias do exercito?»

— «Boas, parabens a v. magestade.»

— «Então?»

— «O visconde de Barbacena, mestre de campo general do Alemtejo, acaba de dar uma lição ao marquez de Resburg, governador de

Badajoz. Tomou-lhe os gados, que iam á feira de Guadalupe, e derrotou-lhe tresentos cavallos e quinhentos infantes. »

— « Viva o visconde! E o marquez das Minas? »

— « Sabe-se que entrou em quarteis com o seu exercito nas fronteiras de Murcia e de Valencia. »

— « E os francezes não disputaram a passagem? O marechal de Berwick, esse heroe que nos ha de pôr sem um palmo de terra em Castella, não lhe offereceu batalha? »

— « O marechal é habil; mas confia em outro general melhor: — *o tempo!* Desgraçadamente parece-me que elle tem rasão. »

— « Entortaram-se muito as coisas, é verdade, Diogo de Mendonça. Os hispanhoes estão frios; passou a occasião. Ah, se o archiduque, digo, se el-rei catholico D. Carlos III segue o nosso conselho e se reune em Madrid ao marquez das Minas... »

— « Era partida ganha, meu senhor! Mas succedeu-nos a historia do general Pardinhas. V. magestade ha de sabel-a que é curiosa! Vieram dizer-lhe: — o inimigo está á vista. — Que espere, em quanto acabo o meu plano. — Tornaram-lhe d'ahi a pouco, exclamando: — general, já atacam as nossas linhas! — Não importa, deixem-me resolver esta equação. — Muito tempo depois levantou-se e pediu o seu cavallo. — Aonde vae v. ex.ª, disse um ajudante. — Essa é boa! vou commandar a batalha. — A batalha está perdida. Agora tracte de fugir. — É pena! acudiu elle muito placido, se esperam meia hora mais, não me escapa nem um tambor! — El-rei catholico, que Deus guarde, fez o mesmo. Se não pára tres semanas, era hoje rei de Hispanha. »

— « Então, Diogo de Mendonça, jogamos sem esperança? »

— « Longe de mim assustar a v. magestade. Eu não disse tanto. Mas a verdade é que o marquez das Minas, entrando em Madrid, levantou o bollo, e que s. magestade catholica o repoz outra vez por não andar depressa. O resto está nas mãos de Deus, e não póde estar melhor. »

— « E o dinheiro? »

— « Infelizmente!... Não ha dinheiro. Pois o tabaco rendeu! Mas nada chega. »

— « Os subsidios dos alliados tardam.... »

— « É costume. As promessas vem depressa. São tão leves! »

— « E então? »

— « Desertam-nos soldados, queixa-se a corte, e o reino diz que não póde com o peso.... »

— « É preciso que possa! »

— « Assim digo eu; mas elles respondem, que madeiro velho não deita sangue. »

— « Diogo de Mendonça, sabe Deus que não foram levianos, ou ambiciosos, os pensamentos com que ajustei a liga e declarei a guerra. Filippe, duque de Anjou, no throno, era el-rei de França reinando sobre Hispanha. E Castella com os Pyrinneus de menos muito grande era; depois ninguem podia com ella. »

— « Certamente: Castella só já não é nada bom visinho, o que seria reunindo-se Hispanha e França? A coroa fica muito larga para uma cabeça, e é muito pequena para tres. Não sou medroso, v. magestade sabe! porém, digo, que o mais provavel era não gostarem de a vêr senão em duas. Se os deixassem vinham até Lisboa.... Porque não? Este rio é tão bom porto!.. Lá tem França ourives finos, para ornar depois o diadema; e el-rei Luiz XIV assim mesmo talvez ainda a achasse pobre. É verdade que seu neto póde enviar a coroa de Filippe II, feita em Thomar; essa aposto eu que serve! »

— « Diogo de Mendonça, os francezes teem espias na corte. »

— « Coitados!... E nós espias aos espiões. »

— « Então conheces quem os avisa? »

— « Perfeitamente! Um genovez, chamado Viganego. »

— « E não prendes o agente? »

— « Deus me livre. Este conheço eu, outro que venha é que não sei!.... Demais, assim com o homem solto temos noticias de graça, e metendo-o na cadeia, havemos de pagal-as. »

— « Por onde mandam a correspondencia? »

— « Pelos recoveiros da fronteira. »

— « Seguraste os recoveiros? »

— « Estão segurissimos. Comprei-os. »

— « Ah! »

— « Sabe v. magestade que el-rei Luiz XIV deseja a amisade de Portugal. Até expediu um pleno poder em branco a certo padre da companhia. Toda a cautela é pouca com os jesuitas. »

— « Diogo de Mendonça, não quero que me entendam com os padres da companhia. »

— « Deus nos livrè, senhor! Depois, não é comigo. Sabe v. magestade que o conde da Ericeira, D. Francisco, é bom poeta? O soneto d'elle á morte do visconde de Fonte Arcada me-

rece lido.... Se eu estivesse ainda no meu tempo.... »

— « Ah, Diogo de Mendonça, temos-te outra vez com saudades de Apollo? Voltas a escravo das musas? — disse el-rei sorrindo. S. magestade era muito inclinado a bons versos, e geralmente se attribuia o valimento do secretario das mercês ás bellas poesias, que lhe escapavam nas horas vagas. Se assim era, foi talvez excepção da regra.

— « Escravo, meu senhor? Só do Santissimo de santa Engracia e de v. magestade. »

— « Bem dito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e a Conceição immaculada da virgem purissima santa Maria! » — exclamou el-rei, pondo-se em pé e recitando em alta voz, segundo costumava sempre que ouvia fallar no Sacramento. O ministro repetia mais baixo e não menos piedoso egual jaculatoria.

— « Vejamos o soneto do conde! » — acudiu D. Pedro, depois de se benzer, e tornando a assentar-se.

— « V. magestade desculpe, mas eu não sei do soneto senão uma quadra. »

— « Dize-a. »

— « É esta:

> No canal o tropheu deixou seguro;
> Em Castello Rodrigo vence a Hispanha;
> E fez de Montes Claros a façanha
> Seu nome claro, até no tempo escuro. »

— « Bravo, conde da Ericeira! — gritou el-rei satisfeito. »

— « Sobretudo o conceito do ultimo verso!.. » — accudiu o ministro — « E era um nome claro o de Pedro Jaques de Magalhães, visconde de Fonte Arcada. Entrou hoje na secretaria o requerimento de seu filho, pedindo a confirmação do titulo.... »

— « Que lhe será expedida; não te esqueça. A memoria do visconde ha de ser honrada como foram illustres os serviços á minha coroa. »

— « Um monarcha assim faz heroes até da gente fraca! » — exclamou o secretario das mercês, fingindo-se arrebatado. O astuto ministro quería servir o filho do visconde, e convertia o soneto em memorial. Já se vê que bem conhecia o seu augusto amo!

— « Heroes sempre nós tivemos. » — disse o monarcha. — « Agora o dinheiro é que nunca sobejou.... E os vinte mil homens que estou apromptando para a campanha seguinte, como ha de ser isto? »

— « Só um emprestimo, senhor. »

— « Os vinhos teem tido extracção depois do tractado » — accudiu o principe — « Os homens de negocio do Porto podiam ajudar-me. »

— « Os inglezes bebem menos vinho do Douro do que Portugal lhes gasta de fazendas, depois de revogada a pragmatica. Sabe el-rei que não dá uma coisa para a outra?... O tractado de 1703... »

— « É a lei mais sabia do meu reinado! » — interrompeu D. Pedro, severamente.

— « Assim o dizem todos! » — accudiu o secretario, cubrindo a cóva com o pé — « É verdade que fechou as fabricas e fará de Portugal uma vinha grande; póde ser que não haja quem beba tanto vinho; mas o tempo a justificará. V. magestade permitte que proponha a despacho as mercês que trago consultadas? »

— « Depois do conselho de estado. A proposito: como vão as tres fragatas que mandei armar? »

— « Estão promptas. Sahem dentro de uma semana, se houver dinheiro. »

— « Se houver dinheiro! Sempre o mesmo estrebilho. Peçam-no aos negociantes da junta da companhia do Commercio. Como está a casa das missões? »

— « Roque Monteiro informará a v. magestade. Os negocios de Roma, diz o secretario de estado, que estão cada vez mais embrulhados. »

— « Já sei. Se um dia chego a cançar.... verão os cardeaes. »

— « V. magestade não ha de perder essa real serenidade, que tão bem lhe fica. *Patiens quia æternus!* É o motto da companhia de Jesus. « Persiste e vencerás! » traduzi eu.... El-rei permitte que eu introduza logo um official dos seus exercitos do Alemtejo? »

— « Quem? »

— « Chama-se Jeronymo Guerreiro. Se v. magestade o conceder, contarei logo a sua ultima proeza de Badajoz. É um segundo cavalleiro Bayard, *sans peur et sans reproche.* »

— « Pois sim, logo. »

— « S. alteza real e s. alteza serenissima! » — disse o conde de Pombeiro, annunciando á porta. »

— « Diogo de Mendonça retire-se.... e agradeça a Deus os bons filhos que lhe deu! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ROSALINDA.

Versões em francez e inglez.

Este antigo romance que com o Bernal francez e outras imitações compoem o primeiro vol. da preciosa collecção que tão desveladamente tem colligido o sr. visconde d'Almeida Garrett, restaurador destas riquezas primitivas da litteratura patria, teve uma traducção em verso inglez, já publicada na mesma collecção, e mais recente outra em verso francez, devida a M. Fournier, estudioso da historia e lettras portuguezas, e membro de varias sociedades litterarias. A Rosalinda, trajada com as galas francezas, remata um volume dado á luz em Paris, que comprehende um trabalho, do mesmo auctor, em prosa, sobre o pertendente, D. Antonio, prior do Crato. Fallaremos desta obra mais de espaço em o nosso proximo n.º

ROMANCE.

Era por manhan de maio,
Quando as aves a piar,
As árvores e as flores
Tudo se anda a namorar;

Era por manhan de maio.
Á fresca riba do mar,
Quando a infanta Rosalinda
Alli se estava a toucar.

Trazem das flores vermelhas,
Das brancas para a infeitar;
Tam lindas flores como ella
Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
Que a manhan abre a chorar.

Passava o conde almirante
Na sua gallé do mar;
Tantos remos tem por banda
Que se não podem contar:

Captivos que a vão remando
A Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
Entre Ceuta e Gibraltar
Mal sai o conde almirante
Na sua gallé do mar.

Oh que tam linda galera,
Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
Mais certo no marear.

'Dizei-me, o conde almirante
Da vossa gallé do mar,
Se os captivos que tomais
Todos los fazeis remar?'

'Dizei-me, a bella infanta,
Linda Rosa sem egual,
Se os escravos que tendes
Todos vos sabem toucar?'

'Cortez sois, Dom Almirante:
Sem responder, perguntar!'
— 'Responder, responderei:
Mas não vos heisde infadar.

'Captivos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as vélas,
Outros no banco a remar:

'As captivas que são lindas
Na poppa vão a dançar,
Tecendo alfombras de flores
P'ra seu senhor se deitar.'

— 'Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei de pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

'D'elles para me vestir,
D'elles para me toucar. . .
Para um so tenho outro imprêgo,
Mas está por captivar.'

— 'Captivo está, tam captivo
Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
Voga certo, e a varar!'

Ja se foi a Rosalinda
Com o almirante a folgar:
Fazem sombra as larangeiras,
Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'el-rei
Por alli venha a passar.

'Oh monteiro, do que viste,
Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
Quantas tu possas levar.'

Tudo o que viu o monteiro
A el-rei o foi contar,
Á casa da estudaria
Aonde estava a estudar.

'Se á puridade o disseras,
Tença te havia de dar:
Quem taes novas dá tam alto,
Alto hade ir. . . á inforcar.

'Arma, arma, meus archeiros
Sem charamelias tocar!
Cavalleiros e piões,
Tudo a tapada a cercar.'

Inda não é meio dia,
Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite
Vão ambos a degollar:

Ao toque de ave-marias
Foram ambos a interrar:
A infanta no altar mor,
Elle á porta principal.

Na cova de Rosalinda
Nasce uma árvore real,
Na cova do almirante
Nasceu um lindo rosal:

El-rei, assim que tal soube,
Mandou-os logo cortar,
Que os fizessem em lenha
Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
Tornavam a rebentar;
E o vento que os incostava,
E elles iam-se abraçar.

El-rei, quando tal ouviu,
Nunca mais póde fallar;
A rainha, que tal soube,
Cahia logo mortal:

'Não me chamem mais rainha,
Rainha de Portugal...
Apartei dois innocentes
Que Deus queria juntar!'

ROSALINDA.

It was the early morn of May Day,
When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers
Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day,
On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
Flowers they bring her virgin white—
But on a blossom soft as she is
Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda,
Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her
In his galley of the sea—
On each side so many rowers
Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—
All from Afric's bosom torn—
Some were proud and mighty nobles
Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
Skill'd to leave or gain the shore.

—'Count Lord Admiral tell me truly
From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
All to row compelled be?'

—'Fair Infanta! tell me truly—
Without equal, Rose so fair!
The many slaves that gladly tend thee
Tire they all thy flowing hair?'

—'Art thou courteous, Count! so lordly
Asking thus—not answering me?'
—'Answer thou, and I will answer,
To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
Twine on deck the mazy dance—
Deftly weaving flowery carpets,
Couch for Lord in dreamy trance.'

—'Thou'st answer'd, and I answer thee—
For good the law that bids repay.
I have slaves for every purpose—
Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments.
Some to tire my flowing hair.—
For one I keep another office,
But him my toils must yet ensnare!'

—'He's ta'en—he's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land—the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!'

Then sweet with fairest Rosalinda
And noble Count the moments sped—
While orange groves her form o'ershadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

— 'What thine eyes have seen, O huntsman!
Huntsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.'

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King make known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

— 'Whisper low the news you bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air.

To arms — to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war-pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round!'

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet the gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda
Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story
Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
Moan'd she thus her dying lay:

— 'Call me not Queen! — a Quen no longer,
She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder
Whom heav'n would fain have joined in one!'

ROSALINDA.

Ballade portugaise.

C'était un matin de mai,
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillée.

C'était un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche:
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More.
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau,
Comme on y rame en mesure!
Que son capitaine est beau,
Que sa main est forte et sûre!

— Dites-moi, comte amiral,
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur est-il égal?
Rament-ils tous, sous la brise?

— Vous que je vois se mirer
Belle infante, fleur d'élite,
Savent-ils tous vous parer
Ces esclaves, votre suite.

— L'amiral est peu galant.
Pour réponse une demande!
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.

— Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

Les captives au beau front
Dansent, effeuillant la rose,
Et de fleurs jonchent le pont,
Pour que leur maître y repose.

— Vous répondez, je vous dois
Comte, égale politesse;
J'ai, dociles à ma voix,
Esclaves de toute espèce.

L'un est là pour m'atourner
Et cet autre me fait brave (belle).
Un emploi reste à donner.
Ou manque encor un esclave.

— Cet esclave il est trouvé,
Il défend qu'on le libère;
Il ne veut qu'être arrivé.
Ramez vite, allons a terre!

Et Rosalinda partit;
Et le comte est avec elle,
Les fleurs leur prêtent un lit,
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort — c'est là sa loi —
Ne veut qu'un bien sans mal vienne;
Là, passe un veneur du roi.
C'est le destin qui l'amène.

De tout ce que tu vis là,
Ne conte rien à personne,
Veneur, on te donnera
De l'or à payer un trône.

Mais ce que le veneur sait,
Près du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait à l'infante.

En bonneur dis chaque mot,
Tu recevras récompense.
Mais qui dit haut, ira haut,
C'est-à-dire à la potence.

Vite, archers, vite, clairons;
Sonnez, comme pour combattre,
Nobles, cavaliers, piétons,
Vite, allons la forêt battre.

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire;
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maitre-autel, lui près
Des marches de la grand'porte.

Voilà qu'au premier tombeau
Nait un noble et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

— Çà qu'on les lie en fagot
« Pour en faire de la cendre. »
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,
Chacun à l'envi repousse;
Même, ils semblent se baiser
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cette aventure inouie.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanouie.

D'elle on a pu retenir
Ces mots: « Je ne suis plus reine.
Dieu voulait les réunir
Nous avons rompu leur chaine. »

NOTICIAS E COMMERCIO.

Suicidio. — Suicidou-se em Mafra, na manhã do dia 12 do corrente, um mancebo imberbe, anspeçada de infanteria n.° 7. A espingarda que lhe fora confiada para defender a propria vida, foi o instrumento de que se serviu para lhe pôr termo. Um capote foi causa de sua desgraça. Tinham-lho roubado da arrecadação, que era a seu cargo; e receioso de se appresentar, pela primeira vez, diante do seu capitão, (por quem era estimado), cumplice n'uma falta, que sua mal intendida honra lhe fantasiara irremediavel, perpetrou o crime. Era de comportamento exemplar, e bemquisto de seus superiores. A sua morte foi geralmente sentida por toda a corporação.

Bibliothecas na Dinamarca. — Este reino é sem controversia o que possue maior numero de livrarias publicas. Em 1849 havia 700 parôquias providas desta classe de estabelecimentos, para os quaes contribuem mensalmente até os lavradores e jornaleiros com quantias maiores ou menores, para as frequentarem a miudo. Os povos pequenos rivalisam neste ponto com as cidades; e em quasi todos os edificios publicos acha-se uma bibliotheca.

Munificencia régia. — A rainha catholica deu ha pouco uma nova demonstração da protecção generosa que concede á litteratura hespanhola. Arbitrou ao distincto escriptor e poeta dramatico, D. Thomaz Rodrigues Rubi, uma pensão vitalicia de 30:000 reales annuaes, encarregando-o de reunir nos archivos e onde convier os materiaes necessarios para escrever depois a *Historia geral philosophica da monarchia hespanhola*.

Noticias agricolas de Coimbra. — Pelo que diz o *Observador* o aspecto dos campos é bello e risonho depois das copiosas chuvas que tem havido. Os gados tem abundantes pastos. Começam em grande escalla as sementeiras em trigos e batatas. A feira das Neves esteve concorrida. O tempo vae bom. As innundiações do Mondego causaram pouco damno.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 29. QUINTA FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PRODUCÇÃO DE LÃ NO DISTRICTO DE COIMBRA.

Com este titulo publicou o *Observador* de 27 de janeiro findo um excellente artigo, que muito particularmente chamou sobre si a nossa attenção.

Em quanto as forças productivas do paiz não forem conhecidas, e em quanto o seu desenvolvimento ou annullação não constituirem factos administrativos, que sejam medidos pelos estudos officiaes, a governação do paiz, e a sua prosperidade serão obra cega do acaso e da força, isolada dos acontecimentos.

Em quanto a organisação racional do serviço publico não facilitar ao Governo em Portugal, os meios com que em outras nações se dirigem e fomentam os interesses moraes e phisicos dos povos, é um dever de todos fazer quanto esteja ao seu alcance, para pelos seus trabalhos particulares supprir a falta dos trabalhos do Estado.

Os jornaes das differentes localidades podem neste ponto prestar muitos e valiosos serviços ao paiz, colligindo todos os factos economicos que chegam ao seu conhecimento, e procurando descobril-os por entre a incuria e a ignorancia, que tanto os estão occultando.

O *Observador* é um dos jornaes das provincias, que neste ponto mais tem comprehendido a sua missão, e nós extrahindo do seu interessante artigo, a que nos referimos, os factos a que diz respeito, lhes juntaremos mui breves considerações, não só para que ellas provem a importancia do assumpto, mas para que demonstrem a vantagem de que o trabalho feito em um districto seja applicado a todo o reino; e fazendo vêr como o Governo, imitando neste sentido as boas praticas do governo francez, poderia ser util ao paiz, sabendo examinar esses factos.

Pelo que diz o artigo se conclue, que no anno de 1851, foi a producção desta no districto de Coimbra de:

Lã preta............ 4:021 arrobas
Lã branca........... 2:670 » e meia.

Ao preço medio de 2$400 a 3$000 rs. cada arroba, esta producção representa um valor de 18 a 20 contos de réis.

A producção foi distribuida pelos concelhos em arrobas, pela seguinte fórma, sendo o preço marcado tambem com referencia a arrobas.

CONCELHOS.	PRODUCÇÃO.		PREÇO.
	Preta.	Branca.	
Alvares........	25	—	—$—
Ançã..........	76	8	—$—
Arganil.........	160	60	2$400
Avó..........	105	103	2$200
Cadima.........	50	10	3$400
Cantanhede......	120	—	2$500
Coja..........	200	417	—$—
Condeixa........	195	65	3$000
Fajão..........	52	39	2$400
Farinha Podre....	87	100½	2$800
Goes..........	229	100	1$920
Lousã..........	586	216	{ 2$240 / 2$880

CONCELHOS.	PRODUCÇÃO.		PREÇO.
	Prata.	Branca.	
Maiorca	193	50	4$800
Mealhada	56	16	3$200
Midões	257	379	2$500
Miranda do Corvo.	200	20	2$200
Monte-Mór o Velho	43	6	3$000
Oliveira do Hospital	303	425	2$200
Pampilhosa	160	45	1$500
Penella	90	56	3$000
Poiares	100	200	2$400
Rabaçal	148	106	2$800
Semide	200	70	2$560
Soure	112	—	2$880
Taboa	247	182	2$400 / 2$700
Tentugal	128	32	2$240
Verride	60	4	2$800

Demos nos esclarecimentos do *Observador* a fórma de mappa, com o fim de facultar a intelligencia das nossas observações. O que se deve considerar em relação a alguns concelhos é o que se segue, juntando-lhe nós o que nos parece dever ser averiguado pela administração, observando que destas averiguações se tiraria grande proveito, se fossem apresentadas e centralisadas em um ministerio especial de agricultura.

No concelho de Ançã, de 969 fogos, a diminuta producção de 25 arrobas é attribuida aos povos deste concelho se darem mais á criação de gado cabrum. Ora, conviria saber se este gado era mais lucrativo para o concelho do que o lanigero.

— Em Arganil a lã baixou 300 rs., em comparação com o preço do anno anterior. Não sendo esta baixa geral, como se fôra causada, por augmento de producção em todos os concelhos, dever-se-hia vêr se era a qualidade mais inferior do producto que havia promovido a descida do preço, e neste caso deviam ser estudadas as causas e os meios de as evitar.

Em Cadima, concelho de mais de dois mil fogos, produzindo apenas 60 arrobas, esta escassa producção é attribuida a duas causas — falta de pastos e invasão da molestia chamada *papeira*. Aqui se deveriam estudar os meios de augmentar os pastos, e proporcionar combater e curar a referida molestia.

Em Goes a producção tem prompto consumo sendo toda convertida em cobertores, saragoça estamenha e meias.

Em Louzã, concelho tambem de mais de 2 mil fogos, se dá como causa a sua diminuta producção em haver grassado muito a molestia chamada *ronha*: se houvesse os veterinarios que as nossas provincias precisam, isto é, se a eschola veterinaria servisse para mais do que para fazer veterinarios militares, seria facil estudar e combater o inconveniente apontado.

Em Maiorca, concelho de mais 3 mil fogos, e em que a producção pouco excede a 200 arrobas, quando o de Louzã com 2 mil produz cerca de 800 — a falta de pasto é tambem a causa apontada de tal desproporção.

Para este vigora o que dissemos quanto ao concelho de Cadima.

Em Tentugal, a molestia chamada *mortilha*, é considerada como causa da diminuta producção da lã; tambem conviria estudar os meios de destruir esta molestia.

Por ultimo notaremos a grande variedade de preços em relação á lã produzida no mesmo districto. Sobre os motivos desta variedade era preciso que a administração recolhesse todos os esclarecimentos possiveis.

Fizemos esta detida averiguação sobre os factos que nos revelou o *Observador*, para aproveitarmos o ensejo de provar que a administração publica — para que todos se julgam habilitados, é mais alguma coisa do que saber representar qualquer opinião politica, e assignar o nome no volumoso expediente em que as formulas avultam muito mais do que as idéas.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CONFERENCIAS SANITARIAS INTERNACIONAES.

Programma.

(Continuado de pag. 329.)

10.° Examinar-se-ha se convirá estabelecer como principio que toda a procedencia de um logar reputado limpo na actualidade deve ser considerada insuspeita, e como tal isenta de precauções sanitarias; mesmo as procedencias dos portos de Levante, salvo exigir-se, a exemplo da França, um termo minimo de viagem e a presença de um facultativo sanitario a bordo. Esta questão é igualmente de um grande alcance, e interessa em subido grau o futuro e as relações do Oriente.

O Egypto e a Turquia possuem hoje instituições

sanitarias que permittem ás nações afrouxar, a respeito desses paizes, a sua antiga severidade, e fazer nas providencias, de que eram objecto, modificações, que n'outro tempo com rasão se reputariam impossiveis ou temerarias.

Nascidas e propagadas sob a influencia das nações europeas essencialmente interessadas na manutenção e desenvolvimento daquellas, essas instituições, em que a Turquia ainda mais que o Egypto se empenha, constituem uma verdadeira e importante garantia. Em virtude dellas, por uma parte, e por outra parte em consequencia de ter seus medicos sanitarios no Oriente, adoptou a França as ultimas reformas, isto é, admittiu a livre pratica immediata, depois de oito dias de viagem, as procedencias dos portos de Levante que trazem carta limpa.

A conferencia terá de examinar todas estas questões e resolvel-as; e é provavel, visto o estado actual das cousas e dos animos, que serão resolvidas no sentido da maior facilidade para o commercio; pois que todos são nisso interessados.

11.° A conferencia terá de examinar depois como e com que garantias deva estabelecer-se o estado das procedencias.

Estabeleceu-se em França á vista das informações dos medicos que a França mantem no Levante: estes medicos, pelas informações que dão aos consules, são a base fundamental, e para assim dizer, o primeiro élo da cadeia de nossas garantias sanitarias.

Estabeleceu-se, em segundo logar, sobre os esclarecimentos dados pelos medicos embarcados em os nossos paquetes; e finalmente pelos interrogatorios feitos no acto da chegada, isto é quanto ás condições de sanidade e tudo que lhes diz respeito.

Tratar-se-ha de introduzir, quanto seja possivel, a uniformidade nestas garantias successivas e nas providencias em que ellas se fundam.

Exame da questão relativa a saber-se se cumpriria manter cada governo medicos seus nos portos das procedencias, como ahi tem consules: se estes medicos, uteis a todos, deveriam, pelo menos, em certas localidades, ser sustentados á custa de todos os governos para a segurança commum.

Cartas consulares passadas aos navios, suas diversas especies, como *limpas* etc., definir rigorosamente a significação e alcance de taes denominações. Necessidade de confiança reciproca nas informações prestadas; garantias que cumpre estabelecer a este respeito. Prevenir as declarações falsas ou inexactas, e procurar os meios de as impedir ou reprimir.

12.° Esta-se de accordo quanto á applicação das medidas sanitarias ás pessoas. Tratar-se-ia de dizer até que ponto pódem ser applicadas ás mercadorias e aos objectos de uso, aos navios, ás cartas e outros papeis. Ha certamente melhoramentos que convirá introduzir em todos estes pontos.

Até que gráu é necessaria a purificação das cartas e papeis? Aqui se appresentará a distincção das fazendas em *susceptiveis e não susceptiveis*, distincção antiga que é um tanto difficil justificar, e que deverá ser submettida a uma circumspecta appreciação.

13.° Quando devem começar as precauções sanitarias? Quando devem cessar? Outra questão do mais subido interesse e do mais importante alcance, cuja resolução o commercio vivamente reclama.

14.° Duração das quarentenas. Mesmo proclamando o principio da uniformidade das quarentenas, acaso não se deveria, no intuito de conciliação e para accommodar todas as susceptibilidades, estabelecer o minimo e o maximo da duração, periodo dentro do qual podesse cada paiz adoptar praso, conforme os logares, as circumstancias, os tempos?

Duração da quarentena para a peste; idem para a febre amarella; idem para a cholera-morbus.

A esta questão liga-se a de saber até que ponto é permittido ter em conta, na fixação da quarentena, o tempo mais ou menos dilatado da viagem. Este tempo, ás vezes consideravel, não deverá ser completamente desattendido: fornece á decisão um elemento importante e deverá ser cuidadosamente apreciado pela commissão.

Examinar-se-ha se hão de prevenir-se, para certos casos particulares, fixação e providencias excepcionaes.

15.° As providencias serão depois estudadas em sua natureza e em seus meios de execução.

Distincção das quarentenas em *quarentenas de observação* e *quarentenas rigorosas*.

Não deveriam as primeiras reduzir-se a uma simples prova de tempo, a uma expectativa n'um logar reservado, sem outra alguma precaução?

Regimen dos lazaretos. — Modo de ventilação e de purificação. — Regulamentos uniformes que devem estabelecer-se.

16.° *Direitos sanitarios*. Não poderiam tornar-se uniformes em toda a parte, e estabelecer-se em bases taes que não venham a constituir, em caso algum, um imposto? Fazer o contrario não será adulterar a instituição sanitaria, desvial-a do seu objecto, que deve ser exclusivamente hygiénico e nunca fiscal?

17.° Para moralidade dos estabelecimentos sanitarios, e a fim de os collocar acima das suspeitas que nem sempre os poupam, não seria conveniente estipular que todos os empregados receberão do estado ordenado fixo e sufficiente, em virtude do qual, completamente desinteressados na questão de proventos sanitarios, não poderão em caso algum participar delles?

18.° *Magistraturas sanitarias*. Seria para desejar que fossem, o mais possivel, uniformes em toda a parte: ainda mesmo attendendo ás leis e costumes de cada paiz, ha que examinar se conviria constituil-as de modo que conciliassem, assim como se tem diligenciado fazer em França, o principio da auctoridade com as garantias e até as susceptibilidades locaes, pela duplicada instituição de agentes e de conselhos ou commissões.

19.° A França, por uma medida recente, cuja lealdade não poderá deixar de ser appreciada, admitte no gremio de seus conselhos sanitarios o elemento consular estrangeiro. Parece que esta medida devia ser geralmente adoptada: seria o meio mais seguro de fazer cessar de todas as partes prevenções perjudiciaes, que ás vezes chegam a ser offensivas.

Parece, sobretudo, que deveria estabelecer-se como artigo de *direito internacional*, que os consules serão convocados todas as vezes que se tratar de decisões concernentes ás suas respectivas nações.

20.° As disposições sanitarias, uma vez uniformi-

sedas para todas as partes interferentes, deverão ser reunidas e coordenadas n'um codigo que será declarado *codigo sanitario official* do Mediterraneo.

21.° Prevenir as infracções e assentar os principios de penalidade. Examinar a questão de um *tribunal arbitro* encarregado de conhecer das contestações e de regulal-as.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Concluido de pag, 327.)

INSTRUMENTOS RURAES.

Arado de Dombasle, (n.° 1). — Pela experiencia de quatro annos consecutivos, trabalhando em grande escala, e até com dez arados simultaneamente, reconheceram-se effeitos, que se podem chamar sem exageração de verdadeira maravilha. Primeiro parece que fazem um trabalho damnoso, porque cavam profundamente e levantam a terra que nunca viu sol. Quando se semeou no primeiro anno, o producto foi escaço, mas depois tornando o solo competente, e poroso, e por isso apto para receber as beneficas influencias atmosphericas, e os succos dos estrumes em consideravel profundidade, alcançaram-se em seguida os mais bellos resultados, correspondendo exactamente a todos os effeitos desejados no programma da Sociedade Patriotica de Milão (vol. III pag. X. liv. § VII) que diz: que o mais importante instrumento da agricultura é o arado, e o melhor dos arados aquelle que com menos trabalho revolve completamente e a grande profundidade a superficie do terreno.

É com rasão que os melhores mestres em agricultura, entre os quaes Lambruschini tem a prioridade por ter sido o primeiro a estudar a curva da orelha do arado, o marquez Ridolfi que a analysou, e aperfeiçoou, Dombasle que tanto o propagou, e por fim Gasparin, recommendam altamente este arado.

Hoje estes effeitos são palpaveis em Calhariz, e para o futuro tornar-se-hão mais importantes. Uma terra que antes do uso deste arado era por todos considerada a peor em qualidade que não produzia tres sementes, empregado o dito arado deu quatorze sementes.

Arado inglez, chamado arado monstro, (n.° 2). — Serve para arrotear as terras novas; faz os melhores effeitos que se póde desejar.

Arado inglez, para trabalhos ordinarios (n.° 3). — Trabalha bem, mas é de menor effeito que o de Dombasle, por não ser convenientemente pesado, e a curva da orelha menos conforme á regra.

Arado para ajuda da enxada na cultura do milho, (n.° 4) Este instrumento appresenta um bom resultado dando ao agricultor economia de tempo, e de despezas, com optimos effeitos para a planta cereal cultivada. Foi por mim adoptado ha muitos annos, mas aqui não me foi possivel pol-o em practica por falta de tempo.

Grade de ferro, com cadêa para grande e pequeno effeito (n.° 5). — É inutil elogiar este instrumento, porque o seu uso nos paizes verdadeiramente agricolas é geral e felizmente adoptado.

Sgraminatore, Extirpador de ervas (n.° 6). — Serve puchado por bois ou cavallos, em logar de muitos ancinhos de ferro, para ajunctar a erva má nas culturas dos campos, com notavel economia de despeza; por exemplo: lavrando-se a terra com a enxada é necessario seis vezes mais trabalho e despeza; a erva grama é cortada em diversos bocados ou pedaços, de modo que limpando-se depois a terra com os ancinhos sahe a erva em parte, ficando a outra parte em pequenos pedaços, cortada e invisivel, servindo de infestar os campos: ao contrario que adoptando o arado, depois de ter movido a terra á vontade do lavrador, o sgraminatore arranca toda a má erva inteira.

Spianatore para pequenos lavradores, (n.° 7). — Serve puchado por dois bois ou cavallos. Um homem sobe acima em pé, e com adequados movimentos e ondulatorios levantando ora uma ora outra perna, desmancha os torrões e cobre as concavidades que encontra, poupando muito tempo e despeza.

Espulverizador, (n.° 8). — Serve puchado por bois ou cavallos para pulverizar os estrumes espalhados sobre os prados, e para cubrir o trevo, e outras ervas que se semeiam na primavera com o intento de formar os prados alternados. Este systema de prados é geralmente usado na Lombardia, e é recommendado pe'os mais distinctos mestres de agricultura, como, Ferrario, Moretta, Margaroli, Raspail, e o mesmo Gasparin na sua recente obra, que reduziu a agricultura pratica a sciencia; como tambem nos annaes da Sociedade Promotôra da Industria Nacional Portugueza n.° 29 março de 1842 lê-se. — « O « trevo commum é a planta forrageira, cuja cul« tura é a mais extensa, e faz grandes serviços. Este « ordinariamente se semeia na primavera com as « aveias, ou cevada, e tambem sobre os trigos em « erva. Mr. Schubart por ter introduzido o trevo na Allemanha, foi pelo imperador José II nomeado conde de Kleefette nome que quer dizer : « *Campo de trevo*. »

Os prados deveriam, pois, em toda a parte, occupar a maior superficie; porque são a base fundamental de todas as riccas e lucrativas producções; de outra forma a palavra agricultura sem prados é um termo sem significação. Mr. Collot prova esta minha assersão no principio da sua obra. « Traité special de la vache laitiere », na passagem que principia: « Uma vez entrados nesta via, os nossos progressos serão rapidos e inesperados.

Rolo grande compressor (n.° 9). — Serve puchado por bois ou cavallos, para comprimir as sementes em terras leves para facilitar a germinação e impedir a perda das sementeiras.

Reggia para os prados (n.° 10). — Serve puchada por bois para fabricar os prados com muita economia de tempo e despezas; movendo a terra como se costuma usualmente na eira para amontoar o trigo.

Grade de ferro para caliça e cascalho (n.° 11). — Serve para as caliças das estrumadas e para ajunctar cascalho limpo da terra para macadamisar os caminhos economicamente.

Trilhos de madeira (n.° 12). — Usam-se puchados por cavallos para debulhar o trigo; os seus effeitos são bons e dão uma economia sensivel de temp

Tem differentes construcções, como se póde vêr dos moldes em ponto grande que aqui existem. O mais preferivel é o que se compõem de muitos cilindros dentados; este appresentou nas varias experiencias que se tem feito as melhores vantagens.

Crivos de fio de ferro (n.° 13). — Compõe-se de tres hastes altas, em fórma pyramidal, tendo no meio um peneiro, o qual pela sua grande capacidade contém perto de um alqueire de trigo. Um só homem bem ensinado, com outro que o ajude, póde em um só dia limpar até 70 saccos ordinarios de carreto. Com as joeiras ordinarias, bem longe do um homem poder fazer, n'um dia só, a limpeza de tão grande quantidade, só póde limpar até 4 ou 5 saccos.

Fouce ingleza — italiana para feno (n.° 14). — A utilidade deste instrumento está já ha muito tempo provada; em todos os paizes tem sido reconhecida, introduzida e usada. Val por 6 homens, em comparação do trabalho que se faz com a fouce que se usa para cegar o trigo etc., de modo que se torna illusoria a economia que em alguns sitios se pratica de pôr um jornaleiro a cortar erva com a fouce; porquanto um trabalhador em um sexto de dia, com o referido utensilio, faz o que com a fouce commum poderia obter em todo o dia. É verdade que o novo methodo é mais trabalhoso, por isso paga-se mais ao jornaleiro; mas alguns julgam poupança o trabalho quotidiano, não pensando, que se outro tivesse tambem, um meio dia de mais, faria o trabalho por seis, e ainda ficariam 5 sextos de dia para se empregar em outro serviço.

Escada de novo genero (n.° 15). — Serve tambem para carro de mão, para recolher e conduzir a folha de amoreiras, e para a apanha da azeitona. É de muito facil construcção, e de pouca despeza.

Carreta (n.° 16). — Serve puchada por um cavallo, para os pequenos e frequentes serviços da quinta.

Machinismos: ventilador de trigo (n.° 17). — Esta machina vae descripta com a seguinte de systema inglez para debulhar.

Maquina ingleza para debulhar (n.° 18). — Com a força de tres bois, ajudados por seis homens, esta maquina debulhou até 120 saccos d'arroz em um só dia. Serve tambem para os trigos, mas é mais propria para o arroz, que requer muita presteza se a colheita do arroz, como ordinariamente acontece, for em tempo chuvoso.

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

Traçar ante os olhos da administração publica e municipal o quadro da situação e dos melhoramentos de qualquer parte do paiz — é um verdadeiro serviço que merece grande louvor. A Memoria que ao diante começamos a publicar está nestas circumstancias, e seu auctor o sr. Albino de Abranches Freire de Figueiredo, pelos sentimentos desinteressados e verdadeiramente patrioticos que o inspiram, merece pelo seu trabalho o mais franco e sincero elogio.

CAPITULO I.

ESTADO D'ALEMQUER.

A villa de Alemquer tem chegado a um ponto notavel de decadencia. A fabrica de algodões, situada dentro della, e a excellente estrada, que, no logar do Carregado, communica esta villa com a estrada que vem de Coimbra a Lisboa, não tem bastado para lhe mudar a sorte, posto que tenham embaraçado a sua marcha progressiva para o anniquilamento. O tempo, não encontrando na sua acção destruidora o trabalho e industria do homem, vai reduzindo os edificios a pardieiros, fazendo estes já uma consideravel parte da villa. E, todavia, a situação d'Alemquer, a sua paizagem admiravel, abundancia d'aguas, fertilidade do terreno e salubridade, a visinhança da capital, e a facilidade (relativa) dos transportes, promettem-lhe vantagens que ella não goza.

Estou persuadido que um governo, desejoso do bem publico, instruido das necessidades e possiveis melhoramentos desta villa e seu concelho, póde, e ha de fazer deste paiz um dos mais notaveis e felizes do reino. Fundo esta opinião na efficacia das medidas que passo a propôr, e na circumstancia do pouco que ellas custam ao governo.

CAPITULO II.

§ 1.°

Reducção de todas as freguezias da villa a uma só.

Houve tres conventos nesta villa; foi ella cabeça de comarca, tendo um juiz de fóra e um corregedor; aqui affluiam os negocios forenses, assim como tambem se recolhiam aqui importantes dizimos. Faltando quasi tudo isto de repente, necessariamente se haviam de resentir os interesses creados, e com elles a população.

Não é, porém, esta villa uma daquellas cuja fortuna dependesse exclusivamente de taes meios, e na qual não podessem estes ser suppridos; ella tem a lançar mão de outros mais vantajosos, reaes e duradouros.

Cinco freguezias, quatro collegiadas, trinta e um beneficiados, e tudo isto rico, era o resultado dos importantes dizimos que pertenciam á egreja d'Alemquer. Á proporção que a riqueza crescia se multiplicavam as freguezias filiaes; a prudencia aconselhava o governo a dividir por muitos ecclesiasticos os ricos dizimos de que não podia dispôr plenamente. Mas, depois que estes foram extinctos, a mesma prudencia que aconselhou a creação de freguezias e collegiadas, exige que novamente se reunam todas as freguezias em uma só.

Esta reunião já foi por mim proposta ao governo, e a s. em.ª, e ambos deram passos que significavam o reconhecimento da sua conveniencia.

Das cinco freguezias já não existem senão tres; a de S. Thiago uniu-se á de Santo Estevão, a da Vargem á de Triana. Subsiste ainda, pelo menos de facto, a de S. Pedro. Esta, porém, parece ter contados os dias de existencia, havendo o prelado acceitado a desistencia que pediu o respectivo parocho

e mandando que a chrasse o prior de Santo Estevão. Logo que esta resolução se verifique completamente estão as cinco freguezias reduzidas a duas, e, ainda assim, uma é de mais, porque só uma freguezia convém que haja nesta villa.

§ 2.°

Maneira de effectual-a sem offensa dos direitos ou interesses dos parochos actuaes.

Não faltam ao governo meios de concluir esta reducção, sem offender, nem os direitos, nem os interesses dos parochos actuaes. Poderia algum delles ser provido em outro beneficio, que mais lhe conviesse, cedendo assim gostosamente do actual. Quando isto não fosse possivel, julgar-se-ia a juncção completa em quanto aos efeitos civis, e, pelo que se refere ao ecclesiastico, parochiaria cada um na sua actual freguezia, como proprietario, sendo na do visinho coadjutor e futuro successor. O direito ficaria illeso, e os interesses, sendo divididos com egualdade, nenhum dos parochos teria motivo justificado para desgosto. Por este arranjo, sem offensa de direitos, nem quebra de interesses, teria cada um dos parochos, diante de si, ainda a esperança de futuro melhoramento; esperança bem fundada, e que em um delles deveria verificar-se.

§ 3.°

Templo, cartorio, residencia e passal do parocho.

Reunidas assim todas as freguezias da villa em uma só, deve o governo ceder o templo do extincto convento de S. Francisco para egreja parochial; a parte occidental do convento, contigua ao claustro, fornece uma excellente casa para cartorio da egreja e residencia do parocho. Parte da cêrca foi já cedida para cemiterio, outra parte deve ser cedida para passal, restando ainda outra pequena parte cujo destino indicarei mais adiante. O governo, por este meio, salva das ruinas um bom edificio, que está cahindo, e um templo elegante, modernamente construido; e, cedendo da cêrca, pouco perde, porque, posta em hasta publica, e ainda quando houvesse lançador, pequeno havia de ser o seu preço. Neste anno arrendou-se toda a cêrca, por conta da fazenda, por uns sete mil réis. Devendo ainda considerar que, adoptadas estas medidas que estou propondo, o estado lucraria propriedade muito mais importante, como logo farei vêr.

§ 4.°

Dotação do parocho.

Ha nesta villa uma merceeria, instituida pela rainha Santa Isabel, com fundos proprios, cujos rendimentos tem uma administração, e são applicados para subsidiar doze viuvas a quem se impõe a obrigação de ouvir missa quotidiana por alma da Santa instituidora.

O cartorio pertencente ás merceeiras foi remettido (a requisição) para o governo civil em abril de 1843. Não ha titulos por onde se possa demandar os devedores; uns foros não se recebem porque delles nada absolutamente se paga; e d'outros recebem-se tres partes sómente; apropriando os foreiros o beneficio da lei de 22 de junho de 1846, artigo 7.° § 6.° Assim mesmo o rendimento desta instituição, cobravel annualmente, é, ainda agora, de 179 alqueires de trigo, 49 de cevada, e de 17$970 réis em dinheiro.

Rendimento é este mui diminuto para soccorrer doze viuvas, a quem se imponha o onus de ouvir, todos os dias no mesmo local, uma missa. Talvez que fosse com este fundamento que se ordenou do governo civil que se não provesse no futuro mais nenhum logar dos que vagassem de merceeiras. Consta-me que existem ainda umas quatro; ignoro se alguma foi nomeada já depois da ordem que prohibiu as nomeações, se nomeada da classe que designou a instituidora, e se cumprem com a obrigação imposta. É, porém, certo que, na ausencia dos titulos, sem interesse nem força de os fazer valer, e sem novos provimentos que estão prohibidos, esta instituição morre, e não será seu herdeiro o publico (como deveria ser, e como convém que seja), a não se adoptar a medida que proponho.

Deve alcançar-se do poder competente uma commutação deste legado ou instituição pia, que auctorise o parocho a receber aquelle rendimento. Se a rainha se propoz a favorecer a pobreza, favorecida fica ella, sendo alliviada do pagamento de congruas, e das execuções pela falta deste. Se teve em vista obter os suffragios dos fieis, seja tambem na commutação obrigado o parocho, em algum dia do anno, a referir, em pratica pastoral, a historia da instituição e commutação, e a louvar com os seus parochianos a santidade da instituidora. Em todo o caso isto é melhor do que deixar morrer a instituição sem della ficar interesse nem memoria.

Mandado depois o cartorio das merceeiras para o cartorio da egreja, o parocho e a junta de parochia promoveriam os seus interesses, que ambos deveriam tel-os, porque o rendimento da merceeria deveria ser applicado aos parochos, sómente em quanto fosse necessario para o complemento da congrua arbitrada, cedendo, ou todo ou parte, em favor da fabrica da egreja á proporção que não fosse necessario para o complemento da referida congrua.

Os parochos recebem ainda, e certos os seguintes foros; em trigo 89 alqueires, em cevada 86, 9 canadas de azeite, uma pipa de vinho, e 1$390 réis em dinheiro. Se juntarmos estas parcellas com as que ainda hoje recebe a merceeria, teremos 268 alqueires de trigo, 135 de cevada, 19$360 réis em dinheiro, uma pipa de vinho, e 9 canadas de azeite, que com 200$000 réis de pé d'altar, arbitrados a todas as freguezias reunidas, com o passal e residencia, bastará para a congrua de um parocho e seu coadjutor. Conservando-se os dois parochos actuaes (como na segunda hypothese do § 2.°); em quanto ambos existirem, e se convier que, não obstante ser cada um delles coadjutor e futuro successor do seu visinho, haja ainda um coadjutor d'ambos, não faltam meios aos parochos para o auxiliarem, e precedendo ordem superior, poderá a Misericordia provêr na sua capellania (que é de 120$000 réis) aquelle que fôr escolhido para coadjutor; ou os parochos escolherem coadjutor d'entre os dois capellães da Misericordia

ou Espirito Santo, ambos pagos pela santa casa e annexa. Qualquer das alternativas é facil, e convém que se escolha uma, porque se deve alliviar o povo, quanto antes, d'um tributo escusado e improductivo.

Devo ainda advertir que, isento o povo do pagamento de congruas, e remettido do governo civil o cartorio da merceeria, mais deve avultar tanto a cobrança da merceeria, como o pé d'altar por motivos obvios; e que, ainda quando fosse necessario (o que não creio) arbitrar maior congrua, haveria meio nos oitavos da decima sem descer a uma derrama pelo povo.

§ 5.°

Conveniencias civis da reducção das freguezias.

Por interesses meramente politicos, e conforme os comportavam os principios e circumstancias do tempo, é que os governos multiplicaram aqui freguezias e collegiadas para assim dividirem por maior numero de familias a riqueza que em uma seria excessiva. Em harmonia com este pensamento tambem as freguezias foram divididas sem se ter em vista o interesse immediato do povo, nem mesmo interesse algum espiritual. Teve-se em vista sómente o interesse temporal das parochias e beneficiados. Por isso os limites das freguezias são confusos, absurdos e molestos ao povo. No mesmo logar umas casas pertencem a uma freguezia, e outras a differente; muitas vezes para ir de casa á propria freguezia é necessario atravessar outra.

A reunião indicada acabaria com este cahos, e, extinguindo o escusado apparato de varias freguezias, simplificaria os trabalhos municipaes e administrativos, e desembaraçaria os judiciaes por differentes motivos, faceis de prever a qualquer homem pratico do serviço publico. A freguezia, assim reunida, obteria maior numero de pessoas d'onde podesse escolher os empregados que mais habeis fossem: o lançamento das decimas e das fintas municipaes seria menos trabalhoso; a derrama para as congruas de tres freguezias, com as medidas que estou propondo, seria desnecessaria, e conseguintemente nenhumas execuções haveria por congrua.

Além dos oitavos da decima, applicados para congruas dos differentes parochos, ainda se derrama pelo povo uma quantia aproximada a 480$000 réis, que, augmentada com custas d'algumas execuções, não poderá calcular-se em menos de 500$000 réis. Este tributo, além de esteril, é odioso, porque pela differença da riqueza das freguezias, é tambem desegual: um jornaleiro que nada tem de seu senão a enxada e os andrajos, paga para uma freguezia 160 réis, e o seu visinho, ainda mais desgraçado, porque pertenceu a outra, paga tres vezes mais. A extincção deste tributo odioso e esteril seria o resultado desta medida que propuz; motivo importante, e, por si só, sufficiente para decidir a sua adopção, quando contra ella não haja inconveniencia a oppôr.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIX.

ANTES QUEBRAR QUE TORCER.

Apenas o conde de Pombeiro annunciou os principes, escureceu-se com uma nuvem a phisionomia de el-rei. Despedindo o secretario das mercês, que diagnosticou a repentina mudança com a finura de cortezão, sua magestade encostou os cotovellos aos braços da cadeira, carregou o semblante, e disse em voz clara:

— « Entrem, ss. altezas! »

O principe real vinha adiante. Trazia a cabeça alta, os olhos firmes e aquelle gesto de bocca particular, com que depois de rei, se mostrava o seu desagrado, fazia tremer os mais poderosos da sua corte. S. alteza chegou ao pé da poltrona de seu pae, inclinou-se, beijou de leve a mão, que nem lhe offereciam, nem retiravam; e endireitando-se depois, com o mesmo silencio, pegou na espada, e pousou-a no estrado em que o monarcha descançava os pés.

O infante D. Francisco, mais novo um anno, e mais branco do que seu irmão, dando nas feições alguma idéa da belleza feminina de sua mãe e recordando muito a seu tio Affonso VI no olhar voluvel e quasi alienado, aproximava-se do outro lado do bofete, cuja cabeceira occupava a poltrona real. D. Pedro II para castigar o seu primogenito estendeu a mão ao infante, lançou-lhe a benção, e com um gesto meigo, apartou-lhe da testa as madeixas, de um castanho tão aberto que pareciam louras. S. magestade observava ao mesmo tempo no semblante do principe real o effeito das caricias paternas e entristeceu de todo, notando que s. alteza, em pé no vão de uma janella, estava olhando para fóra, sem fazer caso do que passava á roda delle. O pae suspirou; e o rei offendeu-se! Entretanto do que estava no coração dos tres, se alguma coisa subia ao rosto, era uma sombra a tal ponto fugitiva, que facilmente se illudiria o melhor observador.

El-rei continuou a affagar a cabeça do infante em quanto lhe perguntava;

— « Estam contentes os teus mestres? Foste ás fragatas novas, que se estão armando? »

— «Sim, meu senhor. Toda a manhã andei no escaler.»

— «O mar é a tua paixão. Havemos de fazer de ti um almirante. E hontem aonde estiveste, que não te vi?»

— «Na caça todo o dia. Sabe v. magestade que me achei perdido?» — E o infante desatou a rir.

— «Ah, cuidado! Nada de andar só.»

— «O mano João é que anda só. Olhe, meu pae, ha dois dias, se a ronda não acode, matavam-no á esquina da rua das Arcas, perto do recanto do painel. Fazia escuro e chovia... Eu sei tudo. Elle não gosta que se diga .. mas a mim que me importa?»

E s. alteza, fallando assim, divertia-se em beliscar as costas da mão com velocidade, dizendo muito depressa: «Joanico, Joanico, quem te deu tamanho bico?»

— «Eu já prohibi as corridas nocturnas e os desafios á espada preta: mas v. alteza não quer attender a que são de perigo para a sua vida, e de muito desaire para a casa real — acudiu D. Pedro severamente, obrigando o principe a tomar parte na conversação. — Daqui em diante, será necessario sahir acompanhado pelo capitão das Guardas... é o modo de prevenirmos maior desgosto. — E augmentando-se-lhe a irritação com o silencio do principe, accrescentou. — A corte está escandalisada; e eu não devo permittir que o herdeiro da coroa, alta noite, ande correndo as ruas como um espadachim, contra as mesmas leis, entrando nas lojas, vivendo com o baixo povo, e dizendo galanteios debaixo das janellas das familias honestas!.. Não se lembra de que estão em Lisboa os ministros estrangeiros, e que a Europa vê e sabe tudo pelos olhos delles?»

O principe deixou fugir pelos cantos da bocca um ar de riso; e armando o seu acatamento de mais orgulho do que podia ter uma replica vehemente, inclinando-se á admoestação paterna, só redarguiu:

— «V. magestade permitte?»

— «Falle!.. sou pae, e prezo a sua gloria; sou rei, e alegro-me sempre que acho innocentes, e não culpados. Ouviu o infante? O que responde?»

— «Duas palavras, apenas senhor, — acudiu o principe. — Deploro o ter incorrido no desagrado de el-rei, mas consola-me a esperança de que o exemplo de v. magestade advogará a minha causa...»

— «O meu exemplo? v. alteza atreve-se?..»

— «Ouça-me el-rei e julgue! A vida não está menos exposta entre duas espadas do que na praça diante das marradas de um touro!?.. e pela fortaleza do seu animo e apesar do susto de todos nós, v. magestade não se conteve e arrostou os maiores perigos. Commettendo a peito descuberto dessas proezas, que nos enchiam de admiração e de temor, el-rei bem sabia que podiam cubrir de luto seus filhos e o reino... É o motivo porque appello para o coração de meu pae, certo de que ficarei desculpado na presença do soberano.»

— «João — atalhou D. Pedro, corando e mordendo os beiços — sabes, quando queres, ser mais velho do que a tua idade! — Tomando, depois um tom severo, acrescentou. — «O padre Luiz Gonçalves, seu mestre, é quem ensinou a v. alteza a deitar em rosto a seu pae essas fraquezas?»

— «O padre Luiz Gonçalves ensinou-me que a fortaleza é uma das virtudes reaes..: v. magestade sabe, que D. João II, que a historia chama o principe perfeito, não duvidava expor-se ao encontro de um touro, e ao punhal de um traidor; e ninguem tractou de fraqueza a magnanimidade do seu coração...»

— «Muito bem! os tempos são outros: — disse el-rei adoçado pela explicação do principe. — Demais, não quero que a vida e o sangue dos meus vassallos paguem as lições de esgrima de v. alteza.»

— «Meu pae não ignora, se alguma vez elle correu... foi das minhas veias; e se me esqueceu que nasci principe, tirando a espada para um vassallo, fui sempre filho de v. magestade porque nenhum se queixou de mim.»

— «Mas v. alteza, se o matasse ou fosse morto, o que fazia? — interrompeu o infante aos pulinhos detraz da poltrona de seu pae.

— «Se o matasse dava uma pensão á viuva. Se fosse morto não fazia nada. Cá ficava v. alteza; e é natural que o reino, tendo a fortuna de ser bem governado, não sentisse a minha falta. Peço-lhe, meu irmão, que se assuste menos com os meus perigos. Zele mais os seus e os alheios.»

— «Eu não preciso de conselhos!» — gritou o infante ameaçando com o punho fechado.

— «Francisco!... exclamou el-rei severo.» — O principe real não tem acima de si senão seu pae. É mais velho!..»

— «Um anno mais ou menos não é nada

— respondeu o infante, rindo-se. — Aqui está s. magestade, meu pae, que foi rei, sendo mais novo do que meu tio D. Affonso. . . »

A allusão grosseira mortificou D. Pedro. O rei, deixando cahir a cabeça com melancolia, não disse nada. O principe D. João, dominando o infante, de toda a altura e firmeza da sua dignidade, replicou-lhe serenamente:

— « Não aconselharei ninguem a que repita a experiencia. Os tres estados levantaram regente a s. magestade, porque o sr. D. Affonso, meu tio, era um rei. . . . que não reinava. V. alteza deve deixar-se de loucuras; não lhe ficam bem. Senão, eu o farei arrepender! »

— « O mano João tem a confiança de me chamar louco? » — gritou o infante.

— « Não lhe quiz chamar peior. Diga-me v. alteza: deitou ao Téjo a espingarda com que esta manhã arcabuzou nas vergas da nau um marujo, um vassallo de el-rei, que lhe estava dando os vivas? Se não me engano está a expirar. . . . Estas caçadas hão de sahir-lhe caras, meu irmão. Não se atira aos homens como aos brutos, porque, um dia, algum póde defender-se, e v. alteza dá-nos desgosto grande. . . . »

A vista de D. Pedro II fixa e terrivel fulminou o infante e gelou-lhe a lingua. Depois s. magestade levantou-se com impeto, foi direito a elle, e sacudiu-o pelo braço, de fórma que foi cahir ao lado opposto da sala; ao mesmo tempo el-rei exclamava;

— « Vae! Hades ser a deshonra do meu nome! Mas eu te porei aonde a tua maldade não sirva de horror a todos e não sirva de martyrio á minha vida. . . . Não tornes a apparecer-me. . . . Sahe! »

— « O marujo está melhor! » — murmurava o infante recuando.

— « Sahe! » — replicou el-rei com um gesto absoluto.

— « Deixe estar, mano João, que eu me lembrarei. »

— « V. alteza peça a Deus que eu me esqueça! » — respondeu o principe virando-lhe as costas. D. Francisco sahiu mordendo os nós dos dedos com tregeitos de maniaco.

D. Pedro II ficou alguns instantes convulso e abatido, com a cabeça entre as mãos e os cotovellos nos joelhos, com a vista no chão, e os olhos arrazados de agua. Suspiros de afflicção gemiam-lhe no peito, e a pallidez, entre fortes arrepios nervosos, annunciou a crise moral, a sobre-excitação do espirito provocada por esta scena.

— « Filho és, e pai serás. . . . é verdade! » — murmurou elle em baixa voz — « O throno já me custou caro neste mundo, e não sei no outro o que será! Tirei a mulher a seu marido. . . . » — accrescentou, levantando-se cada vez mais tremulo — « fiz do amor e do ciume degraus, e subi por elles. Levei a mão á cabeça do rei e tirei-lhe a coroa. Mau irmão, levei a deshonra e a infamia ao leito de meu irmão, e tornei-o a fabula dos vassallos. Deus puniu-me! O que amei não existe. O que desejava fugiu para sempre. A minha Isabel, a unica filha *della*, aquelle anjo, retrato de sua mãi, consolação das mais vivas saudades, era muito boa, não devia ficar comigo; não era deste mundo, e Deus chamou-a. Bemdito sejaes, senhor! . . . . A primeira esposa, a alegria dos meus dias, o premio do meu delicto, penou as suas dores, gemeu os meus remorsos, e deixou-me sem um herdeiro a esta coroa de espinhos do meu crime. . . . Fui obrigado para ter successor, a abraçar sem paixão outra mulher, que nunca teve marido, e em um purgatorio de zelos e de maguas pedia ao ceu o descanço da morte, porque já não podia com a sua cruz. . . E era eu a cruz, e fui eu o algoz que enchi de fel aquella vida tão curta nos dias, tão longa nas atribulações! . . . Ficaram-me estes filhos, filhos de dôr para sua mãe, e de esperança para mim; eram o meu orgulho; a Providencia fez delles o açoite do meu castigo. Não bastará ainda meu Deus? . . . » — proseguiu mais agitado e erguendo as mãos — « Este coração, que se ainda sente alguma coisa é a morte da alma, não são sufficientes as dôres que o ferem, e as saudades que o cortam? A expiação quando estará completa? . . . . A penitencia, as mortificações, e o temor da vossa justiça, não podem absolver o peccador, que põe a sua confiança no ceu, e a todas as horas pede ser despenado das trevas do seu desterro? . . . »

Uma pausa, affogada em lagrimas, succedeu a esta interrogação sombria de uma consciencia cheia de terrores, de um peito ralado de agonias. A pallidez crescia, o tremor augmentava, e os olhos fundos, allumiando-se de brilho sinistro, reflectiam os delirios e o pavor, em que o espirito se abysmava.

— « D. Affonso » — proseguiu em tom cavo e mysterioso — « rei sem corôa, Deus vingou-te! Morreste viuvo, e tua esposa viva, arrancada dos teus braços, repousava sobre o seio de teu irmão! Viste-me com o teu manto real nos hom-

brós; padeceste, choraste por causa de mim annos inteiros.... e apezar de tudo, o teu martyrio não foi nunca nem metade do meu, até nas horas mais felizes.... quando ella existia ainda! Ao menos tu, em cada manhã que rompia, formavas um desejo e podias consolar-te com alguma esperança: mas os meus dias todos são noites, em que tenho medo de olhar para dentro da minha alma! Tu até morrer esperaste sempre.... e Deus se ta não restituiu na terra, no ceu deu-te coroa melhor que a que eu.... tirei: a dos que choram por justiça, a quem a sua mão enxuga as lagrimas. Roubei-te o amor de nossa mãe, a ternura de tua esposa, o respeito dos vassallos, e vejo-te sempre, sempre, como rei, batendo-me com o sceptro no hombro, e ouço-te sempre dizer — padece que tambem eu padeci! — Quando ella, a tua mulher, adoeceu, vieste. Quando a minha Isabel foi unir-se a sua mãe, appareceste!.... Não haverá socego para a tua alma, não perdoarás, nem vendo que do meu coração tem corrido tanto, que já não ha mais sangue nelle para lavar a nodoa do peccado?.... O que desejo, o que posso eu querer do mundo? A morte? Temo-a!.... A vida?... mata-me!... Bem te ouço! É ella, a tua mulher, a minha esposa, a outra visão do meu crime, e chama-me da sepultura!... Como é surda a sua voz! Como aquelles olhos sem luz fazem frio até ao centro d'alma! Sorri-se, acena-me que a siga. Era tua primeiro, por isso a levaste. Está alli, alli! No mesmo logar, sempre em que jurámos o amor incestuoso, unidos pelos homens, separados por Deus! Senhor, este peso é muito forte para o coração de um homem! Senhor, este sello de fogo arde muito, e a coroa não chega para lhe esconder a nodoa. Porque me persegue aqui a voz, clamando: — Caim aonde está Abel?»

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Premio á industria. — Gostosamente registamos hoje nas paginas da REVISTA uma noticia que muito honra a industria nacional. A importante fabrica de tecidos e tinturaria de lã e algodão, do Calvario, é conhecida por quantos se interessam pelos interesses industriaes é porquanto, uma das fabricas mais completas do paiz. A perfeição e a variedade dos seus productos são factos que a fazem digna de todo o louvor: e na exposição de Londres os seus artefactos mereceram grande consideração. É para notar que estabelecimento tão vasto e completo não é obra de nenhuma associação, e só deve o seu principio e engrandecimento a uma firma social, em que tem sido interessados os srs. barão de Alcochete, e seu filho Pedro Eugenio Daupias. Foram seguramente todas estas considerações, e outras, que lhe são relativas, os fundamentos justissimos da graça real, que a fabrica recebeu, sendo o sr. barão agraciado por Sua Magestade com o titulo de visconde, e seu filho, unico socio e administrador, o sr. Pedro Eugenio Daupias, tambem agraciado com uma commenda. E para a munificencia regia completar a distincção dirigida a um dos mais notaveis estabelecimentos fabris, foi condecorado com um habito o insigne e muito acreditado mestre da fabrica *Paul Etienne Mercier*.

Baile do sr. marquez de Vianna. — Quando as salas do sr. marquez de Vianna se abrem para em esplendida festa reunir os seus amigos, é impossivel deixar de mencionar este facto como um dos poucos que nos colloca a par das primeiras nações da Europa. Ao vêr o gosto, a riqueza, e a harmonia que domina em tudo, póde asseverar-se sem receio, que o illustre marquez se residisse em Londres e Paris, as suas salas dispostas da mesma fórma que estão as do seu palacio ao Rato, constituiriam o que nessas capitaes se chama *um salão de primeira ordem*. A elegancia, a sumptuosidade, e a arte poucas vezes se reunem em tão maravilhoso palacio, como o que a sociedade de Lisboa deve ao gosto e ao tracto officioso dos marquezes de Vianna. O baile que no mesmo palacio houve a 22 do corrente, foi uma festa magnifica, como sempre são as que fazem abrir as portas de tão famosas salas.

Pernambuco 21 de janeiro de 1852. — O cambio sobre Inglaterra tem oscillado entre 27 e 28 — e sobre França regulou este mez a 340 rs. por franco. Para Portugal é actualmente 90 por cento.

Algodão. — As entradas tem sido diminutas, e está em apathia, regulando 4:800 a arroba 1.ª sorte na mão dos vendedores.

Assucar. — O mercado esteve pouco animado no principio do anno, mas actualmente está melhor, e os preços altos sustentam-se contra a expectativa. As entradas que foram pequenas nas duas primeiras semanas do anno, são agora regulares, e os preços na mão dos vendedores são 1:800 a 2:400 rs. B. 1:450 a 1:600 rs. AA.

Couros. — O seu preço tem sido 112 rs. o arratel.

Azeite dôce. — Tem regulado de 1,800 a 2,000 o galão.

Batatas. — Idem a 1:200 a giga regular.

Farinha de trigo. — Idem de 12 rs. a 18 rs. a barrica conforme as qualidades, e ha em ser mais de 4:000.

Vinhos. — Os de Lisboa tem sido vendidos de 112$ rs. a 142$ rs., conforme as marcas e qualidades.

O da Figueira, vendeu-se a 124$ rs.

Hontem saiu a barca *Flor da Maia* para o Porto, e hoje pertende seguir para Lisboa o brigue *Tarujo*.

Ficam surtos neste porto os navios portuguezes: Barca *Espirito Santo*, para o Porto, dita *Boa Viagem*, dita, Brigue *Novo Vencedor*, para Lisboa no fim do mez, dito *Laia*, dito até meiado de fevereiro, dito *Despique de Beiriz*, sem destino por ora, dito *General Rego*.

O commercio esteve froxo durante as duas primeiras semanas deste anno, não só por causa das noticias do centro, que motivaram a pouca entrada dos productos do paiz, como porque o principal genero (assucar) conservou preços altos, superiores ás cotações que ha para carregar, pelo que alguns navios sahiram em lastro naquelle periodo. Felizmente os motins que se deram em algumas das comarcas do centro, para embaraçar a execução dos decretos sobre o censo, e registro dos nascimentos e obitos, por effeito de uma preoccupação fanatica, desvaneceram-se com os meios empregados pelo governo provincial, estando hoje a provincia em tranquillidade, e os seus habitantes entregues aos trabalhos da colheita.

A febre amarella reappareceu no Pará, e tem feito algumas victimas tanto na cidade da Fortaleza, como no centro da provincia.

Aqui tem apparecido alguns casos, mas benignos, n'uma ou n'outra pessoa, nova no paiz e algumas vezes devidos á sua falta de cuidado; porém raros tem sido os de morte.

Palacio de cristal. — Ainda se não sabe positivamente em Londres qual será o destino deste edificio: é provavel que não seja desmanchado, senão para o transferirem a outro local, a fim de ficar desimpedida a circulação no passeio de Hyde-Park. Os lords do thesouro acabam de formar uma commissão, composta de lord Seymour, Williams Cabet, e o doutor Sudley para examinar esta questão, e que informará sobre as despezas da trasladação, e a applicação que poderá ter edificio tão vasto.

Exposição universal em Nova-York. — Diz o *Courrier* dos Estados-Unidos. Quem conhecer o genio ousado e aventureiro dos norte-americanos poderá facilmente ter previsto que a grande manifestação industrial, de que foi theatro Londres no anno de 1851, devia ser imitada proximamente em Nova-York. Com effeito, ha tempo que se tracta de um projecto de tal genero; mas, ainda não havia sido desenvolvido, de modo que se esperasse vêl-o em breve posto em pratica.

Hoje, não é já sonho esse projecto, para a realisação do qual acaba de dar-se o passo mais importante. Mr. Edward Riddle e seus associados obtiveram dos *aldermen* (vereadores do municipio) o livre uso da praça Madison-Square, para a fundação do edificio que idearam. A companhia parece estar disposta a começar immediatamente os trabalhos.

O palacio de cristal de Nova-York terá 600 pés de comprimento, e será rodeado de um gradamento de ferro, que ficará depois propriedade da cidade. A decisão dos aldermen preveniu certas circumstancias, taes como a conservação das arvores, o preço das entradas etc. O edificio deverá ser aberto ao publico em o 1.° de maio do corrente anno.

Enxoval do presente á princeza das Asturias. — No dia 4 de janeiro, sua santidade benzeu na capella do paço pontificio o enxoval com que presenteou a filha da rainha Isabel. O cofre em que foi acondicionado continha tambem um relicario guarnecido de brilhantes e pedras preciosas. Segundo escreve um jornal de Paris, o presente é magnifico; toda a tela é guarnecida de rendas as mais finas da Belgica, e os botões são camafeus guarnecidos de brilhantes, com as effigies da Santissima Virgem, S. Pedro, S. Paulo, e S. João Baptista; todas as peças de panno são bordadas a oiro, appresentando desenhos em relevo e com as armas pontificias. Uma banda de seda branca, que tem uma bellissima pintura representando o baptismo do salvador, bem como os mais objectos, encerram-se n'uma caixa de ebano, cuja tampa, incrustada de flores, é, como tambem os bordados, uma brilhante amostra da industria romana.

Fraquezas de um homem celebre. — O imperador Napoleão era supersticioso quanto aos dias anniversarios e ás épochas e estações do anno, e estremecia ou regozijava-se conforme a estrella favoravel ou adversa que se persuadia divisar naquelles para sua desgraça ou ventura pessoal. Coincidencias maravilhosas justificam até certo ponto a superstição de que era achacado o imperador dos francezes.

Napoleão sobresaltava-se annualmente nos dias 15 de março, 3 e 11 de abril, 3 e 5 de maio, 15 de julho, 2 de agosto, 18 de outubro. Com effeito, n'um 15 de março foi coroado rei da Italia, n'outro 15 de março o atacou a hepatites, ou doença do hypocondrio, de que morreu. Á batalha de Montenotte, que foi a primeira victoria de Buonaparte, ganhou-a a 11 de abril, de 1797; em igual dia, 11 de abril de 1814 abdicou o imperio em Fontainebleau. N'um 3 de maio foi proclamado imperador dos francezes; n'outro 3 de maio chegou proscripto e deposto do throno á ilha de Elba: seu filho, o rei de Roma, nasceu a 5 de maio de 1811 e o pae morreu a 5 de maio de 1821, agrilhoado, como Prometheu, no rochedo de Santa Helena, no meio do Oceano: esta residencia ou desterro perpetuo lhe foi imposta pelas potencias vencedoras, no dia 2 de agosto de 1815, anniversario da sua acclamação como consul vitalicio no anno de 1802. Todos os outros dias que o sobresaltavam eram mais ou menos agourentos, por factos menos notaveis que os supra-indicados.

Medicos femininos. — Em Philadelphia e Bostos já as mulheres pertendem que a profissão da medicina deixe de ser privilegio exclusivo dos homens. Naquellas duas cidades da União americana, algumas senhoras se honram com a qualificação de *medicas*; grande numero de *estudantas* cursam no collegio medico, fundado há tres annos na primeira das sobreditas cidades, destinado ao bello sexo, onde acaba de conferir-se a muitas filhas de Eva o gráu de *doutoras em medicina.* — A capital do Massachusset não está tão adiantada, pois que o seu collegio medico para senhoras acha-se em embryão; todavia, é provavel que se desenvolva breve, podendo então rivalisar as doutoras da Nova-Inglaterra com as da Pensylvania.

Exportação de vinho do Porto. — Pela alfandega desta cidade, despachou-se para exportação durante o mez de janeiro findo, o seguinte:

Vinho de 1.ª qualidade.

Para a Europa	503	pipas.
Para fóra della	4 e 9	almudes.
Dito da 2.ª qualidade.		
Para fóra da Europa	345	pipas.
Para consumo, despachou-se:		
Vinho maduro	454	»
Dito verde	453	»

Na madrugada de hoje, falleceu nesta villa, quasi octogenario, o exm.º e rev.º sr. D. João do Santissimo Coração de Maria, lente jubilado de theologia, do conselho de S. Magestade, e outr'ora geral da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, cancellario da universidade, e prefeito das aulas de S. Vicente em Lisboa.

Nem sempre se sobe ás dignidades pelas escadas do merecimento: todavia, quando são tantas, tão variadas, e importantes, é que no individuo a quem foram conferidas havia qualidades relevantes para merecel-as. — E de feito assim era. O sr. D. João possuia, em alto gráo, tudo quanto póde tornar o homem respeitavel no mundo, e bem acceito a Deus. Verdadeira poesia da especie humana, foi sua vida religiosa matisada de tantas flores, quantas foram as acções, que durante ella praticára: — flores, que a um tempo allumiavam corações com a luz do exemplo — que os alimentavam com o precioso de seus fructos.

A caridade evangelica, essa virtude modesta, similhante á violeta, que occultando-se derrama em redor a fragancia de seus benignos aromas, achava-se á sua porta, em sua casa, nos seus passeios; era sua companheira inseparavel, a esposa com quem se unira por divinos laços, para sentir e enxugar lagrimas estranhas, como se fossem proprias.

Severo e escrupuloso para comsigo, era afavel e compassivo para com os outros. Duvidoso de si, imaginando mesmo faltas que não commettia, era indulgente em desculpar as alheias. Nem a sua idade avançada; nem a gravidade das doutrinas, que professára, (e em que era eminente), o impediam de se tornar em sua conversação familiar, aprasivel, e de boa noticia. — Em pontos de humildade, era o venerando eclesiastico similhante ao rei David, que pedia a Deus lhe fechasse os olhos ás vaidades do mundo, e lhos conservasse abertos para as maravilhas do ceu: o catalogo de suas honras e dignidades, occultava-o tão cautelosamente, que só proximo da morte, e quasi em accesso febril, foi por elle declarado, ao mui digno religioso, seu companheiro, e particular amigo, com quem vivia ha annos, o illm.º e rev.º sr. D. Antonio dos Prazeres.

Filho da provincia do Douro, residia em Mafra, desde a extincção das ordens religiosas. Retirado, esquecido, vivendo parcamente em casa humilde, assim acaba de fallecer um geral dos Cruzios, e uma das primeiras capacidades do clero portuguez, infelizmente raras!...

Foi dado á sepultura, com a exequivel solemnidade. — Quem a podia honrar não faltou a ella. — O prestito compunha-se de irmandades, ecclesiasticos, auctoridades, officialidade e sargentos de infanteria 7, corpo instructivo e estado-maior do collegio militar; de alguns alumnos, como interpretes dos sentimentos de seus camaradas; — d'uma guarda de honra, de sessenta homens, commandada por capitão; — e de povo. Findo o ultimo *requiem*, o professor de rhetorica do collegio recitou um breve e sentido discurso, e logo as descargas annunciaram que ia baixar á terra o cadaver d'um homem illustre, ao mesmo tempo que as lagrimas testimunhavam a perda d'um varão justo.

Despovoou-se Mafra de tudo quanto tinha de mais notavel em illustração, cathegoria, e virtude, para tributar o ultimo vale ao primeiro de seus habitantes. — Não o lastimemos, que a perda é toda nossa. De si, poderia elle dizer como Job: — *Moriar et sicut phœnix multiplicabo dies meos.*

Mafra 13 de fevereiro de 1852.

J. da C. Cascaes.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicaram-se as tres seguintes obras de *João Felix Pereira*, as quaes se vendem, a 1.ª por 120 rs., a 2.ª por 240, a 3.ª por 480.

TERCEIRO RELATORIO SOBRE AS CORRENTES GALVANO-ELECTRICAS DE GOLDBERGER, applicaveis a todas as especies de doenças rheumaticas, gottosas e nervosas.

ANESTHESIA CIRURGICA: these defendida na eschola medico cirurgica de Lisboa.

COMPENDIO DE CHRONOLOGIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 30. QUINTA FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ESTADO DA DIVIDA INTERNA FUNDADA COM REFERENCIA AO DIA 30 DE JUNHO DE 1851, ORIGEM DA SUA EMISSÃO, E LEGISLAÇÃO QUE A AUCTORISOU.

Os interesses economicos da Peninsula estão ao presente despertando a attenção de alguns escriptores distinctos da Europa. Faltam fóra da Hespanha e de Portugal os esclarecimentos estatisticos, que o estudo de ambos os paizes reclama. E neste ponto nós somos muito menos do que a Hespanha. A Peninsula é, portanto, um campo vasto e novo, que se offerece aos estudos do economista, e ás especulações da industria e do commercio. Foi seguramente em consequencia do interesse que inspira o estado dos recursos e dos encargos de Portugal, que entre outras pessoas competentes M. Dilke, redactor do *Atheneu* em Londres, M. Brock, um dos collaboradores do *Journal des Economistes*, auctor da importante obra *A Hespanha em* 1850, e M. Henshling, um dos mais distinctos estatisticos da Belgica, nos pediram uma serie de esclarecimentos economicos ácerca de Portugal. Para correspondermos á confiança com que fomos honrado, temos tractado de colligir por nós, ou por pessoas de incontestavel competencia, os referidos esclarecimentos. Alguns serão publicados na REVISTA, e um delles será tudo que se refere á nossa divida interna. Tendo obtido este documento, que nos parece importante, julgamos que a sua publicação no paiz seria estimada, antes de se publicar fóra de Portugal.

JURO.			
$3\frac{0}{0}$	Inscripções, pela inversão de cautellas de 15 por cento e de 25 por cento, representando a parte dos juros vencidos no anno de 1847, e 1.º semestre de 1848, mandados capitalisar pela carta de lei de 26 de agosto de 1848, sendo ministro da fazenda o sr. Joaquim José Falcão, com a clausula de não ficarem os juros destes capitaes sujeitos á decima, ou a qualquer outra deducção, por se considerar em dinheiro ao par............		450:300$000
$4\frac{0}{0}$	Apolices denominadas — do papel moeda e titulos. — São provenientes da consideração do papel moeda e titulos de divida publica, na rasão de um terço em papel, e dois terços em titulos em virtude da carta de lei de 24 de fevereiro de 1823. Segundo os preços que naquella épocha tinham os titulos, e o papel moeda, ficavam as apolices a 60 por cento..........	1.334:459$631	
»	Ditas representando creditos de fornecedores do ministerio da marinha desde 1814 a 1819, em virtude das resoluções de consultas de 7 de janeiro de 1826, 11 de agosto e 28 de setembro de 1827; *eram credores originarios*..................	254:752$387	
	Somma....................................	1.589:212$018	

Juro.			
	Transportes	1.589:212$018	450:300$000
4½	Apolices representando a divida contrahida pelos empreiteiros das obras do palacio d'Ajuda, em virtude de resolução de consulta do 1.° de abril de 1826; *tambem o são credores originarios*	70:605$715	
»	Inscripções pela inversão de padrões de juro real, em cumprimento do decreto de 9 de janeiro de 1837, sendo ministro da fazenda o sr. Manuel da Silva Passos, prorogado pela carta de lei de 23 de abril de 1845. Esta inversão foi pelo sobredito decreto de 9 de janeiro offerecida aos credores sob as condições seguintes: — 1.ª Que todos os credores deveriam renunciar ao pagamento dos juros vencidos até 31 de julho de 1833: — 2.ª Que os juros vencidos do 1.° de agosto daquelle anno até á data da inversão seriam pagos com titulos admissiveis na compra dos bens nacionaes: — 3.ª Que o capital nominal dos padrões que vencessem o juro annual de 5, ou de 4 e meio por cento, ficaria o seu capital reduzido a 75 por cento: e os que vencessem 4, ou 3 e meio por cento, ficaria reduzido a 62 e meio por cento. — 4.ª Que pelos capitaes assim reduzidos, se passariam pelo liquido producto inscripções com o juro de 4 por cento. *Os credores recebem actualmente menos de 3 por cento de juro*	2.502:800$000	
»	Inscripções pela inversão de capitaes que venciam o juro de 6 por cento, em virtude do decreto de 23 de abril de 1835 Esta inversão foi offerecida aos credores, sendo ministro da fazenda o sr. José da Silva Carvalho, com a clausula de poderem optar pela recepção integral dos capitaes pagos ao par áquelles que não quizessem annuir á inversão. As apolices de seis por cento, que foram invertidas, representavam os seguintes emprestimos: o 1.° contrahido em virtude do decreto de 29 de outubro de 1796, e alvara de 13 de março de 1797; sendo ministro o sr. marquez de Ponte de Lima; sendo este emprestimo effectuado em dinheiro effectivo. O 2.° pelo alvará de 7 de março de 1801, sendo ministro o sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares. Tambem foi feito ao par, e com o mesmo juro de 6 por cento, sendo um e outro isentos de decima; e considerados como bens de raiz, podendo até vincularse os capitaes e com o privilegio de não poderem os seus juros ser penhorados por quaesquer credores, nem sequestrados pelo fisco. 3.° Os novos titulos passados pelos juros vencidos e não pagos durante alguns annos da guerra peninsular, com o mesmo juro, e privilegios, em virtude da portaria dos governadores do reino, datada de 23 de março de 1812. 4.° As apolices provenientes do emprestimo aberto pelo decreto de 19 de maio de 1827, e carta de lei de 31 de março do mesmo anno; sendo ministro o sr. barão do Sobral. — Receberam-se tres quartas partes em dinheiro effectivo, e 25 por cento em lettras do commissariado, depois de vencidas, *o que importava o mesmo que ser feito ao par.* — Os credores de toda esta divida, que actualmente figura com o juro de 4 por cento, tendo direito a receber o juro annual de 6 por cento, na fórma de seus contractos, *estão reduzidos a receberem 3 por cento.* Actualmente o valor nominal de seus creditos é de	4.010:700$000	
»	Inscripções entregues á companhia dos vinhos do Alto Douro, em virtude da carta de lei de 17 de maio de 1837, em pagamento de adiantamentos por ella feitos ao governo: *foram consideradas ao par*	797:700$000	
»	Inscripções em virtude do decreto de 31 de outubro de 1836, sendo ministro da fazenda o sr. Manuel da Silva Passos. — Foi uma operação mixta, proveniente de algum dinheiro, e papeis de credito; porém, na junta do credito publico, nem ha conhecimento da qualidade dos titulos, nem da proporção, em que entraram na operação	2.119.700$000	
	Somma	11.090:717$733	450:300$000

Juro.			
	Transporte	11.090:717$733	450:009$000
4%	Inscripções mandadas emittir pelos decretos de 3 de setembro de 1835, e de 3 de outubro do mesmo anno, sendo ministro da fazenda o sr. José da Silva Carvalho, para serem entregues ao banco de Lisboa, em pagamento de algumas apolices, com vencimento de juro de 6 por cento, que se houvessem de distractar: e para servirem de penhor aos emprestimos feitos ao governo em 1835 no valor de réis 2.500:000$000	499:500$000	
»	Inscripções emittidas por inversão de padrões pertencentes á camara municipal de Lisboa, em virtude da carta de lei de 26 de agosto de 1848, sendo ministro da fazenda o sr. Joaquim José Falcão. Estes padrões venciam o juro annual de 5 por cento; e eram *provenientes de dinheiro emprestado ao par*; e muitos delles vinculados	204:200$000	
	Sommam os capitaes de 4 por cento actualmente reduzidos de facto a 3 por cento, pela deducção de 25 por cento, além de outras que anteriormente haviam soffrido	————	11.794:417$733
5%	Apolices pela consolidação de lettras do commissariado, em pagamento de generos fornecidos durante a guerra peninsular, em virtude de decreto das côrtes constituintes, de 28 de setembro de 1821, sendo ministro da fazenda o sr. Francisco Duarte Coelho. *Representavam dinheiro ao par*	753:818$110	
»	Apolices de divida publica consolidada, provenientes de soldos e ordenados, vencidos desde 24 de agosto de 1820 até ao 1.º de outubro de 1822, em virtude da carta de lei de 18 de setembro, e decreto de 20 de novembro d'aquelle mesmo anno de 1822, sendo ministro da fazenda o sr. Sebastião José de Carvalho	1025:386$000	
»	Apolices provenientes do emprestimo de 2.000:000$000 réis feito pelo banco de Lisboa nas especies da lei a 87 por cento, pelo alvará de 15 de outubro de 1823, com a clausula de ser pago em vinte annos, por meio de consignações de 50 contos de réis mensaes, pagos directamente ao mesmo banco pela alfandega das Sete Casas, sendo ministro da fazenda o sr. conde da Povoa; as quaes foram ulteriormente transferidas para a Junta do credito publico	800:000$000	
»	Apolices, representando o resto do emprestimo 2.400:000$000 réis feito pelo banco, nas especies da lei, e uma pequena parte em titulos, a rasão de 79 por cento, com 1 e meio por cento de amortisação annual em virtude do alvará de 20 de julho de 1827, sendo ministro da fazenda o sr. Manuel Antonio de Carvalho, hoje barão de Chancelleiros	2.186:000$000	
»	Apolices que representam o resto do emprestimo denominado Nacional e Patriotico, feito ao par, sendo ministro da fazenda o sr. José da Silva Carvalho, pelo decreto de 9 de agosto de 1833	391:484$000	
»	Inscripções provenientes de uma operação mixta composta de dinheiro emparelhado com papeis de credito, derivados de vencimentos posteriores a julho de 1833, na rasão de um terço do capital nominal, pela carta de lei de 11 de julho de 1839, sendo ministro da fazenda o sr. Manuel Antonio de Carvalho, actual barão de Chancelleiros	4.050:600$000	
»	Inscripções provenientes d'uma operação mixta, composta de dinheiro emparelhado com titulos de credito posteriores a junho de 1833, na rasão d'um terço do valor nominal, como a antecedente, em virtude da carta de lei de 17 de outubro de 1840, para pagamento das reclamações inglezas, no anno economico de 1840 — 1841, sendo ministro da fazenda o sr. Florido Rodrigues Pereira Ferraz, actualmente visconde de Castellões	1.483:000$000	
»	Inscripções emittidas em virtude do decreto de 31 de dezembro de 1841, sendo ministro da fazenda o sr. Antonio José d'Avila, pelo modo seguinte: por 100 em dinheiro, 200 em inscripções: — por 100 em titulos das classes activas, posteriores a dezembro de 1838, 120 em inscripções: — por 100 em titulos das		
	Somma	10.690:288$110	12.244:717$733

Juro.			
	Transportes	10.690·288$110	12.244:717$733
	mesmas classes activas desde agosto de 1833 a dezembro de 1838, 80 em inscripções: — por titulos das classes não activas desde agosto de 1833 até dezembro de 1841, 60 em inscripções; e por 100 em titulos da divida fundada externa cujo juro seja correspondente a 5 por cento. ou por titulos passados pela commissão mixta em Inglaterra, 100 em inscripções	5.142:200$000	
5%	Inscripções com coupons, emittidas em virtude do dito decreto de 31 de dezembro de 1841, e trocadas por outras de assentamento o favor da companhia — Credito Nacional, em virtude da resolução de 9 de outubro de 1843	2.874:200$000	
»	Inscripções emittidas para pagamento das reclamações do Brazil, na rasão de 73 por cento do capital, devendo as quantidades minimas ser pagas a dinheiro, em virtude das cartas de lei de 10 de julho de 1843, e de 25 de agosto de 1848	373:600$000	
»	Inscripções emittidas a favor da companhia dos Canaes d'Azambuja, em virtude da carta de lei de 30 de novembro de 1844; do contracto feito com a dita companhia, e do decreto de 11 de dezembro de 1850, que a mandou indemnisar da deducção dos 25 por cento, imposta pela lei de 26 de agosto de 1848 a todos os outros credores	218:000$000	
»	Inscripções pela conversão de Bonds da divida externa fundada, representando igual capital e juros, pela real resolução de 21 de fevereiro de 1845	6:000$000	
»	Inscripções emittidas em virtude do decreto de 23 de abril de 1847, sendo ministro da fazenda o sr. conde do Tojal, e do de 22 de agosto de 1848, sendo ministro o sr. Joaquim José Falcão, em troca de igual quantia representada por apolices do emprestimo denominado dos 1,010 contos de réis, que eram parte integrante do emprestimo de 4,000 contos decretado pela carta de lei de 31 de março de 1827, com o juro annual de seis por cento, as quaes apolices representavam metade do capital em dinheiro effectivo, e a outra metade titulos da divida corrente; e que havendo-se-lhes suspendido o pagamento do juro por uma simples portaria publicada em 1833, foram os possuidores obrigados a ceder do pagamento dos juros vencidos, e a desembolsar, além disso, mais 25 por cento sobre o capital, pagos em notas do Banco de Lisboa	623:200$000	
»	Inscripções emittidas para pagamento de premios da loteria nacional, mandada fazer para a amortisação das notas do Banco de Lisboa pelo decreto de 4 de setembro de 1845, sendo ministro da fazenda o sr. conde do Tojal	596:300$000	
»	Inscripções, com coupons, trocadas ao Banco de Lisboa, por outras de 4 por cento, emittindo-se das primeiras 1,200 contos de réis por 1,500 contos das segundas, no que não houve augmento algum de encargo annual, com a vantagem de reduzir 300 contos de réis no capital nominal, em virtude do decreto de 4 de setembro de 1845, sendo ministro da fazenda o sr. conde do Tojal	1.152:000$000	
	Sommam os capitaes que vencem 5 por cento		21.675:788$110
6%	Titulos denominados de distracte, que representam apolices de 6 por cento, que não poderam ser convertidas em inscripções de 4 por cento, como para todas as daquella especie determinara o decreto de 23 de abril de 1835; e as quaes foram mandadas considerar com a denominação que actualmente tem pagando-se-lhes o juro na fórma da antiga lei, pelo decreto de 19 de abril de 1841		379:700$000
5%	Inscripções, que representam a divida contrahida nas ilhas dos Açores, na occasião da restauração do reino, em virtude da carta de lei de 27 de junho de 1839, sendo ministro da fazenda o sr. Manuel Antonio de Carvalho, actualmente barão de Chancelleiros		167:030$000
	Somma		34.467:235$843

Transporte	34.467:235$843
3º Ditas com este vencimento de juro	2:850$000
2º Ditas com este vencimento de juro	200$000
Somma total dos capitaes R.ˢ	34.470:365$843

RESUMO.

Taxas do juro annual.	*Capitaes.*	*Juro a que tem direito.*	*Juro que recebem depois de reduzido.*
Inscripções de 3 por cento	450:300$000	13:509$000	13:509$000
Apolices, e inscripções de 4 por cento	11.794:417$733	471:776$709	
Ditas, ditas de 5 por cento	21.675:788$110	1.083:789$405	
Ditas de 6 por cento	379:700$000	22:782$000	
Inscripções dos Açôres de 5 por cento	167:030$000	8:351$500	
Ditas, ditas de 3 por cento	2:850$000	85$500	
Ditas, ditas de 2 por cento	200$000	5$000	
Somma	34.470:365$843	1.586:790$714	
Reducção de 25 por cento, pela lei de 26 de agosto de 1848.		396:697$678	
Liquida		1.190:093$036	1.190:093$036
Dito que se recebe actualmente			1.203:602$036

Parecendo-me que será de alguma conveniencia dar conhecimento ao publico da origem que teve entre nós a divida interna fundada; bem como da legislação que a auctorisou; fórma da sua recepção no acto de ser contrahida; privilegios e isenções que lhe foram concedidos em beneficio do credito nacional — fazes por que tem passado os respectivos credores — valor nominal a que actualmente ascendem os titulos que a representam — juro annual a que esses capitaes tinham direito antes da reducção temporaria, de 25 por cento, consignada na carta de lei de 26 de agosto de 1848, proposta pelo sr. ministro Joaquim José Falcão, e seguida por seus successores; — e finalmente o juro a que tem direito depois de reduzido, e do atrazo de tres semestres, além do que vae decorrendo: dou publicidade a estes esclarecimentos que devem fazer parte da historia das finanças em Portugal.

Lisboa 2 de março de 1852.

O CONSELHEIRO, LUIZ JOSÉ RIBEIRO.

CLASSES DOS POSSUIDORES DE DIVIDA INTERNA FUNDADA.

Classes.	*Quantos possuidores.*
Academia real das sciencias	1
Administração da Casa de Bragança	1
Associações	2
Asylos	3
Bancos	2
Cabidos	11
Camaras municipaes	6
Casas pias	2
Collegiadas	8
Collegios	2
Companhias	8
Congregações de caridade	2
Contracto do tabaco findo em 1833	1
Conventos de religiosas	56
Corporação de officio	1
Fabricas de cathedraes	4
Dita de freguezia	1
	111

Transporte	111
Hospitaes	5
Irmandades	166
Juntas administrativas	4
Ditas de paroquia	5
Mitras	3
Misericordias	32
Monte-pios	7
Ordens terceiras	11
Recolhimentos	10
Seminarios	3
Heranças	162
Menores	1:038
Particulares	8:473
	10:030

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

INSTRUMENTOS RURAES.

(Continuado de pag. 341.)

Machina para cortar palha. — É excellente para os seus usos, dando á agricultura uma grande economía de forragens, e o meio de engordar o gado no trabalho, fazendo o processo descripto em o n.° 36 onde se falla do novo curral. Segundo o meu parecer todos os donos de gado deveriam possuir uma machina tão util pela brevidade do tempo, cortando qualquer qualidade de forragens, verdes ou seccas, e tirando o uso de empregar a fouce de trigo pregada em uma haste de madeira pela parte convexa, pelo que se perde um grande tempo e a forragem não fica bem cortada para se dar ao gado. Esta machina ainda não é das mais perfeitas e melhores, que se acham em Inglaterra e França, tendo sido feita provisoriamente até que o tempo dê logar a que se melhore convenientemente.

HERVAS DE FENO.

Joio perenne, Ray-grass de Inglaterra — *Lolium perenne L.* — Trevo — *Trifolium pratense L.* — Estas duas qualidades de plantss são muito estimadas por todos os agricultores pelo bom rendimento que dão, pelo sabor e aroma que teem: o gado de qualquer qualidade que seja appetece-as muito, e com ellas muito engorda. Destas é que consta o feno, tão precioso na Lombardia, com o qual se alimentam suas numerosas manadas de vaccas no inverno; e por este meio tambem nos tempos frios as vaccas produzem abundante quantidade de leite.

Nota-se que o trifolium (trevo) se dá muito bem em prados enchutos onde esta forragem chega a consideravel altura, e subministra dois bons córtes ao cultivador. É de duas e mais qualidades, não muito differentes; precisa, porém, attender-se a que o gado não coma muito desta qualidade de herva que elle muito appetece, porque desenvolve muito carbonico e sujeita o gado a frequentes doenças de timpanites.

ARROZ CAROLINO.

Ha poucos annos que se cultiva aqui esta qualidade de arroz, de semente que trouxe de Italia, oriunda da China. Espalhou-se tão rapidamente pelo reino, que actualmente, segundo informam negociantes de Lisboa, metade do arroz que se consome é desta qualidade, e não passará muito tempo que em Portugal não haja importação de fóra; e assim serão os capitaes empregados em outros ramos de prosperidade para o estado.

Pelas frequentes experiencias por mim feitas nos arrozaes daqui, acho-me agora nas circumstancias de mencionar, que a cultura do arroz tanto carolino, como de qualidade commum, ainda que seja um ramo de grande lucro que a agricultura encerra, não correspondeu em tudo á minha expectativa. Examinando as causas, vi que procediam da pratica irregular desta cultura. Isto acontece porque se fazem lavrar as terras de arrozaes, não por pessoas interessadas como deveria ser, mas sim por trabalhadores mercenarios, que trabalham sem actividade, sem attenção, e sem pressa de prestarem ao proprietario o devido serviço. Assim fazem, para prolongar o mais possivel o seu trabalho, esperando ganhar o jornal durante maior espaço de tempo.

Deste modo vem o proprietario a perder não só tempo e dinheiro, mas tambem o fructo; porque amanham mal as terras, e quando é tempo de mondar, por uma parte não extrahem todas as hervas parasitas, e por outra junctamente com estas arrancam tambem uma grande quantidade de plantas de arroz, pisando outras. Um tal descuido nesta operação, é o mais pernicioso mal que se possa trazer ao arrozal. Entre todas as operações, que se praticam com o arroz, é esta a que merece a maior attenção possivel. Não se previne tudo sómente com a irrigação; na colheita e na debulha se correm novos perigos. Estes trabalhos devem ser feitos com o mesmo cuidado que a monda; se nesta primeira operação não póde tolerar-se descuido, nas duas ultimas não se devem ommittir a promptidão e a attenção. A colheita cabe quasi sempre em tempos chuvosos, e por isso deve-se recolher apressadamente o arroz, e se não ha telheiros, deve-se cubrir para que a chuva ou orvalho não o damnifiquem.

Se o proprietario em logar de ter, por exemplo, 20 trabalhadores, emprega 10 interessados, estes deixam ammadurecer o arroz, observam o seu gráu de secura, trabalham mais ardentemente, e fiscalisam para que o genero não se damnifique, porque isto influe em sua qualidade e preços no mercado, e porque em fim o seu interesse é economisar. Aos mercenarios não importa o bom ou máu acondicionamento dos molhos e vem assim a perder-se uma grande quantidade de grãos que ficam dispersos sem proveito algum.

Para evitar tantos accidentes e fazer com que o arroz seja um dos primeiros ramos lucrativos da agricultura, dever-se-hão dar os trabalhos dos arrozaes não mercenariamente, mas a gente de confiança que trabalhe por sua propria conta, com parte nos lucros da colheita, sendo divididos em meades, terços ou quartos, segundo a producção ou qualidade da terra cultivada. Se o cultivador durante a cultura do arroz até á sua total madureza tiver necessidade de dinheiro para seu passadio, então receberá proporcionalmente do proprietario uma limitada prestação semanal, ou mensal, em dinheiro ou em generos, segundo a sua necessidade, e da sua familia que com elle trabalhe. Satisfaz depois a sua divida com a quantidade de arroz que lhe devia pertencer.

Ha familias numerosas que trabalham nos arrozaes no quarteirão que lhe foi destinado, com o maior cuidado, para se acharem depois em circumstancias de voltarem ás suas terras, e poderem occupar-se de outros trabalhos com que tenham de que viver durante o anno, e assim fazem em periodos de 15 ou 20 dias até ao total desempenho de seus deveres, sem terem necessidade de emprestimos; de modo que o proprietario no fim da colheita se acha com o seu arroz no armazem, sem ter feito adiantamento algum, e o cultivador se acha senhor de uma boa quantidade de arroz, além do seu vencimento ordinário. Se entre outras coisas acontecer, que o arrozal fique longe dos lugares povoados, dever-se-ha construir varias cabanas de colmo ou choças para o numero de trabalhadores e familias de que se precisa.

Este é o systema adoptado em toda a Italia com immenso proveito; de outro modo um arrozal, ainda dos melhores, sómente dará mui pequeno lucro, e mesmo porque, quanto maior fosse a extensão, tanto mais difficil se tornaria a fiscalisação, dando tambem por esse lado perda.

É necessario attender á maneira de conservar os arrozaes sempre viçosos como nos primeiros annos da sua primeira boa producção. Sabe-se que os arrozaes de uma serie de annos se deterioram de tal sorte, que é necessario abandonal-os; indicarei posteriormente o meio para que isso não aconteça.

CANHAMO.

O canhamo, pelas experiencias feitas, prosperou além de todas as esperanças; basta dizer que em dois mezes se levantou a 20 palmos sem irrigação, o que não succede na Romania, paiz onde primeiro se cultivára. É verdade que o fio não sahia tão macio, e tão branco como aquelle; mas com o andar do tempo quando se semeiar em grande escala, se poderá fazer mais uma despeza, para o estabelecimento d'um systema regular de curtimento, e ha de conseguir-se melhoral-o neste ponto.

Este genero importado de fora custa a somma annual de 640 contos de réis. As Lesirias pódem fornecer canhamo tambem para exportação, vista a extensão e a qualidade das terras. Com effeito, o canhamo quer terras da mesma qualidade que as Lesirias, por quanto diz um auctor muito estimado: « Une « terre riche en principes actives, et fraiche est la « seule qui convienne au chanvre. » (*Nouveau cours de agriculture du XIX siecle*, IV vol.)

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIX.

ANTES QUEBRAR QUE TORCER.

(Continuado do n.º antecedente.)

O suor corria-lhe em bagas pela testa; as faces encovadas tinham a côr terrea do cadaver; a quatro e quatro as lagrimas cahiam pelas faces. O frio do horror, aquelle gelado e doloroso frio, que faz a mão da morte sobre o coração, tremia-lhe com todo o corpo. Os olhos espantados e incertos sumiam-se e não viam nada em roda de si, porque estavam fitos no mundo invisivel, seguindo os fantasmas da consciencia. Uma tosse crua e aspera affogou-lhe as ultimas palavras na bocca, e tingiu-lhe a côr esbranquiçada dos beiços de sangue vivo e spumante. Com ambas as mãos sobre o peito, curvado ás dôres phisicas, como ha pouco se inclinava á dôr moral, o monarcha foi sentar-se na sua cadeira com um gemido, e encostando a cabeça ao espaldar, fechou os olhos.

O principe tinha presenciado, primeiro com assombro, e depois com summo cuidado, este accesso que presagiava ataque mais fatal. Vendo seu pae desfallecer lembrou-se de chamar os medicos, mas receiou que tornando a si elle repetisse as exclamações, que seria imprudente confiar de estranhos. De joelhos, com as mãos de el-rei entre as suas, a cubria de beijos affectuosos pedindo a Deus abbreviasse os momentos de uma crise, que ameaçava encher de lucto a monarchia. Por fim D. Pedro abriu os olhos e af-

firmou-se de vagar. D'ahi respirando mais desafogado, disse, revestindo-se de espirito:

— « Entrou alguem aqui? »

— « Ninguem, meu senhor. Estivemos sós. »

— « Ouviste muitas cousas desacertadas, que teu pae disse? »

— « Como el-rei fallava só, retirei-me para não o perturbar. »

— « Fizeste bem. Não é bom que saibam destes ataques... João, pódes pôr a tua espada; e só te prohibo que a tires sem minha ordem. De hoje em diante procura merecer a amisade de teu pae, e a confiança de el-rei... Ainda não chegou o conselho de estado. »

— « V. magestade padeceu tanto?! » — accudiu o principe.

— « Estou melhor, Deus ha de permittir que fique bom de todo. »

O sorriso do monarcha fazia das suas palavras o epilogo da triste scena, que acaba de passar.

— « João, proseguiu D. Pedro, duas cousas se pagam neste mundo: a desobediencia aos paes, e o sacrilegio aos reis. Medita bem! Has de ser pae, e brevemente serás rei... Respeita-me para que te respeitem; obedece-me, se queres que te obedeçam a ti. »

— « V. magestade sabe — respondeu o principe — que só Deus póde mudar o coração do homem. Sou o primeiro vassallo da corôa, sou o primogenito da familia real. Diga el-rei uma palavra, desherde-me com ella, e obedeço sem me queixar... Ponho aos seus pés o que mais inveja faz. Peçam-me todos os sacrificios... »

D. Pedro abraçou o filho com ternura exclamando:

— « O teu maior amigo, João, não será teu pae? »

— « Peçam-me tudo, menos... » — proseguiu o principe com firmeza.

— « Menos? » — acudiu el-rei suspenso.

— « Menos a honra; essa é que eu não dou. »

— « Alguem pediu-a a v. alteza? » — observou D. Pedro seccamente.

— « Ninguem, vejo agora. Tinha sido engano meu. »

Houve um momento em que o filho nos braços do pae desviava a vista e fugia de seus olhos, temendo desmaiar da primeira resolução. É que achára ternura, e esperava encontrar rigor.

— « E teu pae era capaz de querer que expozesses tua honra? Não é ella tambem sua? » — disse el-rei carinhosamente.

— « Longe de mim suppol-o. Os seus desejos são justos sempre: mas v. magestade sabe, que ha tres dias, esta é a primeira vez em que o achei nos meus braços como pae, ouvindo-me como amigo. Quanto ás ordens de el-rei eram taes, que diante do amor de meu pae não me quero lembrar dellas. »

— « Essas ordens eram...? » — acudiu D. Pedro, soltando o filho do abraço em que o apertava.

— « Impossiveis, para não dizer crueis! » — replicou este com um olhar cheio de decisão.

— « Bem! » — accrescentou friamente o monarcha » — « Dir-me-ha v. alteza aonde está o impossivel? »

— « Julgar-me capaz de prometter, e de não cumprir. »

— « E porque? »

— « Porque sendo principe sou o primeiro fidalgo portuguez; e um cavalheiro não engana os homens, e muito menos uma senhora. »

— « Então v. alteza confessa que deu promessa de principe a uma dama? »

— « Perdoe, v. magestade! Prometti como cavalheiro e basta. El-rei bem vê. »

— « V. alteza não podia prometter nada! Tinha auctoridade minha? »

— « Tinha mais! O amor para jurar, a honra para cumprir, e Deus por testemunha. »

— « Ah! » — gritou el-rei empallidecendo com a ira — « Então reincide, ateima? »

— « Sinto magoar a v. magestade; mas já não sou senhor da mão que el-rei me pede. A honra de um principe é a sua palavra, e essa não me pertence, está dada. »

— « Eu desligarei a v. alteza! »

— « Só uma pessoa póde desligar-me; e não é el-rei, nem eu. »

— « El-rei póde tudo, principe D. João. »

— « Neste caso el-rei póde tanto como o ultimo vassallo. »

— « Veremos!... D. Catharina de Athaide, cuja ambição é causa... »

— « D. Catharina? » — exclamou o principe espantado!

— « Não se admire v. alteza! — Estou informado. Sei até as vezes que foi a Santa Clara. Em tres dias, ou D. Catharina faz a sua profissão de religiosa, ou casa e sahe de Portugal por alguns annos. »

— « V. magestade foi illudido! »

— « A honra de v. alteza tambem lhe permitte enganar seu pae? »

— « A verdade manda-me fallar, quando el-

rei fere injustamente os innocentes. Mas desde que v. magestade duvida da minha honra, é meu pai, é meu rei... o que posso é inclinar-me, deplorando o seu engano.»

— «Então v. alteza nega?»

— «Desculpe v. magestade! — disse D. João, pondo os olhos com altivez nos olhos de seu pae, e dando ao rosto um ar de nobre orgulho. — Seria indigno que duas vezes no mesmo dia o principe real dissesse a verdade e não fosse acreditado. Diante da persuasão de el-rei callo-me, porque não posso mais!»

— «Entre, Duque! — gritou D. Pedro ao duque de Cadaval, que apparecia á porta, e que elle chamou, satisfeito de cortar assim as explicações violentas. O principe recuou alguns passos e ficou silencioso: — São horas do conselho? — continuou o monarcha. — Hoje pouco nos demoramos. Sabe D. Nuno? vou-me fazendo velho.»

— «O que direi eu, senhor? respondeu o duque, sorrindo-se.»

— «Diga o que quizer, que não é capaz de dizer senão a verdade. Estou muito velho; e é preciso procurar successor. Tractamos de casar a João. O conde de Villar-Maior está ahi?»

— «Acabo de o deixar na sala da tocha.»

— «Viu a carta para o imperador?»

— «Sim, meu senhor.»

— «Ordenei ao secretario de estado que lha mostrasse.»

— «E s. alteza está satisfeito, como todos desejamos? — perguntou o velho fidalgo, olhando para o principe, que não dizia nada.»

— «S. alteza, duque — respondeo logo el-rei carregando sobre cada palavra e fitando em seu filho os olhos cheios de poder e de magestade — sabe que os principes não teem outra paixão senão o bem do estado. Nestas coisas, a cabeça, e não o coração, é que decidem... são os espinhos da coroa! E como seria perigoso desviar da regra, esteja certo de que o principe meu filho ha de conformar-se com a vontade de seu pae, e com as ordens de el-rei. Que entre o conselho de estado!»

As portas fecharam-se sobre o ultimo conselheiro e até a casa do docel se despovoou, ficando n'ella apenas o infante D. Francisco, e os condes de S. João e de Villar-Maior os quaes conversavam baixo, mas animados, ao vão de uma janella.

Na sala da tocha, davam sete horas no relogio do palacio, quando entrava o padre Ventura; e cinco minutos depois, em uniforme rico, chegou o capitão Jeronymo Guerreiro, que não reparando no jesuita, foi dar o seu nome ao porteiro da canna, declarando segundo o estilo que o seu introductor á presença de el-rei havia de ser Diogo de Mendonça Corte-Real. O porteiro, alargando as opulentas faces em cinco roscas semi-circulares, sorriu-se benignamente, e informou-o de que o secretario das mercês estava no paço, esperando que acabasse o conselho de estado; mas que naturalmente despachava em algum dos gabinetes reservados, por isso não apparecia nas salas. O mancebo fez-lhe uma cortezia, e foi encostar-se modestamente á parede na outra extremidade da vasta quadra, aonde já se achava o visitador da companhia de Jesus.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIII.

A TROVOADA.

A caçada real prolongou-se por todo o dia. A corte, depois de jantar á pressa em Benavente, partiu para uma matta de sobreiros que ficava a meia legua dalli, e onde se dizia haverem apparecido veados.

A noticia era certa: os caçadores encontraram no sobreiral uma manada de veados, que foram atrelando com os sabujos, até El-rei disparar sobre ella uma pelourada, com tão feliz exito, que logo uma das maiores rezes deu signaes de que fôra ferida.

— Vae ferido aquelle ultimo veado da direita, Antonio Rodrigues? — perguntou El-rei sem demorar o galope do cavallo, ao velho couteiro que o seguia.

— Bem vê V. M. que vae ferido — respondeu o couteiro. — Lá cingiu as orelhas atraz com a dôr: e vae-se afastando das outras rezes.

— É preciso não o perder de vista. Adiante, adiante! — bradou Affonso VI.

E elle, seguido já de poucos, atravessou a matta, cortou longitudinalmente um extenso sarçal, passou á váo uma ribeira, que o inverno tornara caudal, e perdeu-se emfim da vista do grosso dos caçadores. A meia legua além da ribeira, já Sua Magestade era apenas acompanhado pelo couteiro velho, Antonio Rodrigues.

— Havemos de a alcançar — prorompeu El-rei, soffocado pelo cansaço e pelo vento que se alevantara rijo e frio, que elle rompia a custo na sua carreira velocissima.

— Já vae cançado o veado, senhor — respondeu o couteiro — Afocinhou tres vezes. Em poucos minutos deitar-se-ha na moita.

— Levas a espingarda prestes?

— Aqui está prompta, meu senhor.

O que Antonio Rodrigues acabava de predizer succedeu. A rez, esfalfada já, e sem força para proseguir na fuga, embrenhou-se na primeira moita que encontrou: e foi ahi que El-rei a matou, disparando sobre ella a espingarda do couteiro.

Era quasi noite quando El-rei se apeou junto da moita, onde estava palpitante ainda o magnifico veado que elle perseguir por mais de uma hora.

A noite ia chegando rapidamente, porque as nuvens que ao começo da tarde se haviam encastellado no horisonte, tinham rapidamente invadido todo o ceu, impellidas pelo vento do sul.

De quando em quando, as nuvens mais espessas e negras, pareciam rasgar-se para dar saida ao clarão incerto de um relampago; outras vezes o fogo da tempestade suspendia-se um instante em fórma de globo, entre o ceu e a terra, para depois se desfazer em lagrimas ardentes: e então o matto da planicie e as arvores das montanhas eram sinistramente alumiadas por uma luz baça e livida, e de sobre as aguas dos pantanos parecia instantaneamente levantar-se uma labareda azulada e phosphorecente. O trovão, estalando ao longe, retumbava de montanha em montanha, até se extinguir em surdos rugidos. A trovoada estava imminente; e comtudo El-rei e o seu couteiro ainda não haviam dado por ella. Algumas grossas gotas de chuva, e o clarão de um relampago que a obscuridade do ceu deixou manifestar com todo o seu esplendor, seguido quasi instantaneamente pelo trom metalico de um terrivel trovão, chamaram a attenção dos dois infatigaveis caçadores.

— Parece-me que chove — exclamou El-rei.

— Não passa de algumas gotas de agua — respondeu o couteiro, que observava com toda a attenção o veado morto por El-rei — É uma bella rez: caça real na verdade. . .

— Não passa de algumas gotas! Olha o que ahi vem. Julgas que não teremos agua a cantaros?

— Tem V. M. muita rasão. Eu não tinha dado por tal. Mas agora vejo que não podemos escapar á trovoada, e á chuva. . .

— Ahi a temos comnosco — acudiu El-rei.

A chuva com effeito principiou a caír com tal força, que El-rei, montando outra vez a cavallo, ajudado por Antonio Rodrigues, metteu a gallope desfechado pela charneca, bradando:

— Deixemos o veado e a caçada; voltemos para Benavente, pelo caminho mais curto, e a gallope.

— É mais perto a Salvaterra, cortando aqui pela direita, senhor — disse o couteiro que já ía seguindo El-rei.

— Então põe-te adiante de mim e ensina-me o caminho. Eu não sei se os cavallos nos levarão a Salvaterra; mas em quanto elles poderem, adiante.

— Vamos depressa, meu senhor, antes que os ribeiros engrossem: que isto é chuva de fazer cheia. Faz-me lembrar este caso, outro que me succedeu com o pae de V. M., que Deus haja: tambem n'uma caçada de veados na tapada de Villa Viçosa. Tinhamos caçado um dia todo de verão. S. M. era louco por caça e por toiros. . .

— Deixeme-nos de historias. Agora trata-se de andar — interrompeu El-rei.

A tempestade ía cada vez crescendo mais: e a não serem os relampagos, que se succediam uns aos outros quasi sem intervallos, Antonio Rodrigues ter-se-hia perdido a cada instante. De momento para momento as difficuldades do caminho augmentavam; porque a chuva alagava tudo, e o cançasso dos cavallos não lhes consentia já caminharem, senão a passo.

— É sem fim este caminho! — bradou Affonso VI, depois de ter andado por mais de uma hora em silencio atraz do velho couteiro — Tu perdeste-nos de certo.

— Não, meu senhor. É este o caminho; e já não estamos longe. Se não fossem estes excommungados lameiros chegariamos a Salvaterra n'um ai.

— Se os cavallos andassem! O meu já se foi abaixo por duas vezes; e não tarda que me deite ao chão.

— Não me lembra de ter visto outra trovoada assim; a não ser na noite em que me perdi com o sr. D. João IV, que Deus tem, na tapada de Villa-Viçosa.

— Tornamos á historia?! Já te disse, que não queria contos agora. O infante e a pandilha dos fidalgos — proseguiu o rei, deixando-se

levar pela cólera que havia uma hora lhe refervia n'alma — o infante e a pandilha dos fidalgos estão a estas horas no paço, sem chuva e sem frio, a aquecer-se á lareira, em quanto eu por aqui ando perdido por estas charnecas; e nem se lembram de que os posso metter a todos n'uma torre, ou mandal-os para Africa. Hei de-lhes dar uma lição que lhes fique de memoria. Não achas que tenho rasão?

Esta pergunta que seria embaraçosa para qualquer cortesão, acostumado a evitar em todas as occasiões o manifestar a sua opinião sobre as coisas e principalmente sobre as pessoas, não fez ao singello e leal couteiro nenhum abalo. Elle respondeu, com a simplicidade com que responderia a uma pergunta sobre o modo de atrelar o veado, ou de sevar um sabujo:

— Não creio que os fidalgos, e sobre tudo Sua Alteza, se esquecessem assim de V. M. Nós fizemos uma grande volta, e por isso os não encontramos: mas é provavel que elles andem pela lisiria em busca de V. M.

— Tu pensas isso? Pois olha que te enganas; elles o que querem é vêr-se livres de mim.

— Meu senhor, V. M. não é justo para com os seus vassallos.

— Atreves-te a dizer que não sou justo!

— Eu já sou velho, senhor; e toda a minha vida tenho fallado verdade.

— Mas esqueces-te de que fallas comigo — bradou Affonso VI fóra de si.

— Sempre ouvi dizer que aos reis se não devia mentir — respondeu o velho, socegadamente — E era assim que pensava o sr. D. João IV, de gloriosa memoria; a quem eu muitas vezes disse o que nenhum cortesão se atreveria a dizer-lhe.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Sapatos de galgar leguas. — Um sapateiro de Philadelphia acaba de inventar um calçado que derriba completamente da summidade de sua antiga reputação as *azas de pombo* de Vestris e os *entrechats* de Perrot. Poz-lhe o nome de *los boleros*, e é feito de gomma elastica. A sola de duas pollegádas de grosso é tão léve como cortiça; é burnida de modo que adquire uma elasticidade do alcance de 4, 6 e 8 pés de altura, conforme o pezo da pessoa que calça tão estupendos sapatos.

Vestris que dizia que o seu seculo só contava tres homens celebres, elle, Voltaire e Frederico da Prussia — não obstante os seus esforços e prodigios bailarinos, não se elevava do chão a maior altura do que 30 pollegadas: Perrot chegou a pular até 33 pollegadas. Uma noite, no bailado de *Stella*, St. Leon saltou a 35 pollegadas, com grande desesperação dos manes de Vestris que estremeceram na sua mansão funerea.

O director do principal theatro de Nova-York mandou buscar seis pares de boleros, que fez ensaiar pelas primeiras partes do corpo de baile: o ensaio teve o mais feliz e completo resultado; e agora deu ordem a um baile, denominado as *cigarras* que será a coisa mais original do mundo.

O sapateiro inventor chama-se James Casson; propoem-se vir a Londres e Paris para dar voga a uns sapatos que intitulou *velocipedes*, feitos pelo mesmo processo dos *boleros*, e por meio dos quaes póde um homem despejar de 10 até 50 leguas de caminho por dia e sem cançaço.

O passo ordinario do homem é de 14 pollegadas, o passo gymnastico de 18. Com os *Velocipedes*, James Casson tem a pertenção de fazer dar pernadas de toeza e meia sem esfalfar o caminhante, que não fará mais do que um ligeiro movimento de ascenção para a frente. Fez experiencias deste genero perante os mais eruditos quakers de Philadelphia, e ostentou a bravata de que era capaz de ir de Paris a S. Petersburgo dentro em 5 dias. — Comtudo, um inconveniente tem este calçado: e vem a ser, que não póde servir bem de noite, porque certas difficuldades do terreno tornariam o seu uso mui perigoso.

Origem dos cafés em França. — Ha perto de 180 annos, um armenio por nome Pascal, que veio a França na comitiva de Soléymão-pachá, embaixador da Porta ao monarcha Luiz XIV, arvorou na feira de Saint-Germain uma barraca, diante da qual a multidão se detinha embasbacada. Pascal vendia por um preço correspondente pouco mais ou menos a 30 *réis* uma chavena de infusão de café. Era isto então novidade tamanha que só os mais ousados se deliberavam a saborear o liquido desconhecido, a respeito do qual se referiram historias incriveis, que a credulidade publica acolhia sem reparo. Quando se viu que o café não envenenava, nem fazia perder o uso da rasão, nem perturbava qualquer das faculdades do espirito ou do corpo, foi se resolvendo a gente a pouco e pouco, e não tardou a concurrencia a encher a barraca do armenio, cujo nome em breve se tornou popular.

Satisfeito com tão bom exito, fechada a feira de Saint-Germain, o mesmo homem abriu em Paris o primeiro café permanente no caes de l'Ecole. Frequental-o foi por algum tempo moda; mas de prompto acabou e Pascal deixou Paris passando a Londres. Outro armenio, chamado Maliban, tratou então de reanimar o enthusiasmo publico a favor do café. O segundo estabelecimento, sito na rua de Mazarin, teve com pouca differença a sorte do primeiro; porém, não tardou a haver competencia: fundaram-se dois cafés simultaneamente, um na ponte de Norte-Dame, outro na rua de St. André des Arts, e ao mesmo tempo um coxo andava de casa em casa, de loja em loja, vendendo café que elle mesmo prepa-

rava á vista dos consumidores, por preço de um vintem a chavena incluido o assucar.

Um siciliano, chamado Procopio, teve o talento que até alli faltára aos seus predecessores. Entendeu que os francezes não podiam consumir o café como os orientaes, solitarios, e concebeu o pensamento de crear primeiro que tudo um local de reunião, elegante e conchegado, onde o prezer de saborear o novo licôr fosse tão sómente um prazer accessorio. Depois de tentar primeiro ensaio na feira de Saint-Germain, como o seu antecessor Pascal, abriu na rua des Fossés-Saint-Germain defronte dò theatro francez o celebre estabelecimento que ainda hoje existe com o nome de *Café-Procope*. Desde então enraizou-se o uso do café em França: no tempo de Luiz XV já se contavam em Paris mais de 600 botequins; e as provincias, imitando a capital, consideraram-se na necessidade de possuir tambem estabelecimentos do mesmo genero.

Não devemos omittir que M. Desclieux foi o primeiro que levou á Martinica (Antilhas francezas) um pézinho de cafezeiro; e para levar ás colonias esta riqueza teve o valor de fazer a bem da preciosa planta o mesmo que praticou M. de Jullien com o cedro do Libano que hoje coróa com seus dilatados ramos a parte superior do Jardim das Plantas em Paris; isto é, que, tendo-se prolongado a viagem, e vindo a ser rara a bordo a agua, privou-se da sua propria ração para com ella regar o tenro arbusto, que mais tarde constituiu a opulencia daquellas colonias.

A arvore ou antes arbusto do café procedeu originariamente da Arabia; dahi foi transportada á Ilha de França ou Mauricia; daqui veio um pé, no principio do seculo passado, para o Jardim das Plantas de Paris, e foi desse, transportado por M. Deselieux com tanta dedicação e zelo, donde provieram todos os cafézeiros que enriquecem a Martinica.

Diremos, por fim, que o cafézeiro pertence á familia das rubiaceas; as suas folhas são oppostas a duas e duas, ovaes, ponteagudas, ondeadas e luzidias; as flores nascem nas axillas e deixam uma baga vermelha que contém dois grãos, os quaes são o café. — Nas estufas sem fogo do Jardim Botanico da Ajuda temos visto esta planta em perfeita florescencia.

Propagação de peixes. — A França possue como nenhum paiz rios, ribeiros, canaes, lagos, lagoas, e outras aggregações de correntes de aguas, que todas são mal providas de peixe, comparativamente ás d'Alemanha, d'Inglaterra, e mesmo da Italia. Agora a sciencia começou a tratar deste assumpto. No anno passado, Mr. Valenciennes, do Instituto e do Jardim das Plantas, foi commissionado pelo governo para ir á Prussia comprar as melhores especies de peixes da agua doce, e conduzil-os vivos a fim de se propagarem em França. Estes peixes foram deitados nas aguas de Versailles e de Marly, onde parece darem-se bem.

Formou-se uma commissão de piscicultura, adjunta ao antigo ministerio de agricultura e do commercio. Finalmente, MM. Coste, Milne-Edwards, Dureau de la Malle e outros sabios occupam-se em propagar em ponto grande as trutas, salmões etc. dos lagos da Alemanha e da Suissa. As suas diligencias tem logrado bom exito; e assim crearam para o paiz um producto novo.

Theatro de S. Carlos. — A opera *Ildegonda* não tem voltado á scena, depois do dia 19 do mez passado, por se ter prolongado o incommodo de saude da sr.ª Sannazari. Esta circumstancia, se tem prejudicado não pouco os interesses da empreza, não tem desapontado menos os frequentadores do theatro de S. Carlos, desgostosos pela pouca variedade nos espectaculos, e pela repetição de operas demasiadamente conhecidas. Não queremos com isto fazer uma censura á empreza, porque não ignoramos os transtornos que lhe tem causado a doença da sr.ª Sannazari; e qualquer arguição que neste momento se lhe fizesse soria injusta e mal cabida.

A unica novidade que veio despertar a attenção do publico, foi um *passo a dois* em caracter A STYRIENNE, executodo pela primeira vez no domingo pela sr.ª Monticelli e pelo sr. Cappon. Este novo *passo* agradou muito, e foi coroado do mais completo successo. É variado e gracioso, apresenta novidade, e foi dançado com summa graça e primor pela sr.ª Monticelli com o sr. Cappou. O publico demonstrou visivelmente o seu agrado, applaudindo diversas vezes a execução, e conferindo-lhe depois as honras do bis. A sr.ª Monticelli vinha lindamente vestida, e em caracter.

Por indisposição da sr.ª Arrigotti não poude ter logar hontem a primeira representação da *Parisina*, como estava annunciado.

Consta-nos que em poucos dias deverá chegar a esta capital um novo tenor, o sr. Rossetti, escripturado em Barcelona, para o theatro de S. Carlos. Estimaremos que elle corresponda aos desejos dos *dilettanti*, e ás exigencias da nossa scena lyrica.

D'ora ávante assignaremos os nossos artigos com as iniciaes D. R.

BIBLIOGRAPHIA.

PASTORAL DO SR. ARCEBISPO DE PARIS, *traduzida em portuguez, e annotada por um presbytero do patriarchado de Lisboa, etc. etc.*

Uma brochura com 46 paginas em quarto grande. Vende-se em Lisboa, na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8. — Preço 160 rs.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 31. QUINTA FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO.

Productos naturaes e objectos manufacturados.

Temos a lamentavel falta de uma estatistica das nossas forças productivas. Caminhamos no desenvolvimento dos interesses economicos, mas não sabemos como, nem para que.

E no que devia ser quasi positivo tudo é conjectural.

Na falta dessa estatistica aparecem ao menos alguns apontamentos para ella, ainda que sejam truncados e imperfeitos.

Uma collecção de taes apontamentos seria já base para obra de mais vulto e serviria como de indice do inquerito da quantidade e da qualidade, a que os productos se deveriam sujeitar.

Em consequencia destes nossos constantes desejos, para que haja algum meio de avaliar os nossos recursos, damos bastante valor á seguinte nota dos productos naturaes e manufacturados do districto de Vianna do Castello, e oxalá que de cada districto podessemos obter uma nota identica. — A que vamos publicar foi organisada sendo governador civil de Vianna o sr. José de Mello e Gouvêa.

COMBUSTIVEIS MINERAES.

Anthracite. — Existe na freguezia de Villar de Mouros, concelho de Caminha. Os conterraneos ignoram a qualidade e prestimo deste producto, e chamam-lhe terra preta, applicando-a a pinturas ordinarias.

PEDRAS DE CONSTRUCÇÃO.

Granito. — É só desta pedra que se faz uso no districto para construcção, tendo differentes variedades de granulação, mais ou menos fina.

MADEIRAS DE CONSTRUCÇÃO, CARPINTARIA E MARCENARIA.

Acacia — Amieiro — Amoreira — Azevinho — Aveleira — Buxo — Carvalho — Castanheiro — Cereijeira — Chorão — Figueira — Freixo — Laranjeira — Limoeiro — Loureiro — Loureiro Regio — Medronheiro — Nogueira — Oliveira — Olmo — Pinho bravo — Pinho manso — Platano — Salgueiro — Sobro — Vidoeiro.

Destas 26 qualidades de madeiras as mais estimadas são o buxo, platano, laranjeira, e nogueira.

As de mais uso — o pinho e o castanho. As que se exportam para Lisboa e para as ilhas são o pinho, o carvalho, e a cereijeira, sendo tambem as que mais abundam no districto.

PRODUCTOS AGRICOLAS.

Milho. — Grande e principal cultura do districto — exportação em grande escala.

Trigo. — Pequena cultura e apenas a necessaria para o consumo do districto.

Centeio. — Cultura regular, não só para o consumo, mas tambem para alguma exportação.

Feijão. — Bastante cultura e alguma exportação.

Batatas. — Nem sempre chegam para o consumo.

Cevada — Aveia — Fava — Inhames. — Limitada cultura.

Linho. — Não chega para o consumo; importa-se bastante estrangeiro.

Lãa. — Não chega para o consumo, importa-se de Lisboa.

Cera. — Pequena producção.

Vinho Verde. — Muita producção, grande consumo no districto e limitada exportação.

Azeite. — A producção não chega para o consumo, e vem para o districto algum de Lisboa, mas a maior parte vem das provincias de Traz-os-Montes e da Beira.

Leite. — Bastante para o consumo em liquido.

PRODUCTOS MANUFACTURADOS.

Aguardente — Não se fabrica ao presente muita, porque sendo os vinhos muito fracos, são necessarias pelo menos dez ou doze pipas, para produzirem uma de aguardente.

Manteiga e queijo. — Fabrica-se bastante manteiga, e neste districto já mui pouca se importa estrangeira; queijo não se fabrica.

Vellas de cera — *De cebo.* — Bastantes para co nsumo.

Cal. — A precisa para consumo, vindo a pedra da Figueira, S. Martinho e de Lisboa.

Cordas e cabos. — Apesar da fabricação ser muita, ainda se importam.

Obras de ferro. — Instrumentos de lavoura e de uso commum, fabrico grosseiro; pela maior parte são fabricados no districto; mas ainda assim vem bastantes do Porto e de Braga.

Obras de fundição. — Ha no districto tres fundidores; mas a maior parte são fundidas em Braga.

Obras de folha de Flandres. — O fabrico do districto é o sufficiente.

Serralharia. — Apesar de haver bastante fabrico, vem muitos artefactos de Braga.

Moveis. — Já se fazem com bastante perfeição; mas apesar disso vem bastantes de Lisboa e do Porto.

Chapeos finos e grossos. — Fabricam-se alguns; mas vem muitos de Lisboa e do Porto.

Telha. — Fabrica-se a precisa para o consumo.

Tijolo. — Além do fabricado no districto, vem algum do Porto, por esta ser de melhor qualidade.

Faiança. — A producção não chega para o consumo.

Tecidos. — De linho, de linho e lãa, e de lã, bastantes para uso do povo.

Ha exportação de tecidos de linho, e de rendas; os mais tecidos não suppream o consumo nem na qualidade nem na quantidade.

CONFERENCIAS SANITARIAS INTERNACIONAES.

Da *Patrie* de 21 de janeiro ultimo tomamos o seguinte artigo:

« Os srs. ministros dos negocios estrangeiros, e da agricultura e commercio, foram hoje encerrar pessoalmente as sessões da conferencia sanitaria internacional. Esta conferencia, composta de dois delegados de cada uma de doze nações, fora convocada para tratar questões simultaneamente interessantes para a saude publica, o commercio e a navegação: depois de 6 mezes de trabalho assiduo, de estudos profundos, de discussões conscienciosas, chegou a resolver o problema difficil que lhe fôra proposto.

« Graças á actividade que seus membros mostraram, á dedicação de que tantas provas deram, graças ao seu zelo e aos seus conhecimentos, a saude publica da Europa, continuando a ser perservada com toda a prudencia contra a invasão das molestias contagiosas, poderá de futuro mostrar-se menos rigida no apparato de suas precauções, menos rigorosa nas particularidades das quarentenas. As relações internacionaes, a industria, o commercio, a navegação, o transito, n'uma palavra, este movimento dos negocios cada vez mais veloz, esta boa intelligencia cada vez mais facilitada entre as nações, todas estas coisas que constituem a prosperidade da Europa e hão de vir a ser a honra deste seculo, tirarão egual proveito da porção de tempo que a sciencia medica e a experiencia administrativa poderão conceder-lhes, isto é, terão a seu favor probabilidades de vantagens.

« O sr. ministro dos negocios estrangeiros, persuadido mais que outra qualquer pessoa da importancia dos trabalhos desta conferencia e dos excellentes resultados que não deixarão de obter, louvou em termos tão justos como fervorosos os delegados de uma grande parte da Europa, pelos esforços que fizeram n'um intuito commum, pelas concessões em que combinaram em interesse geral, e pela concordia tão satisfactoria que acabava de coroar as suas obras.

« Depois de ter attribuido, com melindre de cavalheiro, a MM. Baroche e Buffet a honra de terem indicado, na inauguração dos trabalhos desta conferencia, o espirito de conciliação pelo qual podia conseguir seu intento, e de serem os primeiros que a animaram em sua tarefa e lhe presagiaram prospero resultado; o sr. marquez de Turgot se felicitou de poder annunciar hoje á Europa que o progresso neste ponto, como a França o concebêra, achava-se realisado. Com effeito, se o sr. ministro conseguir, segundo a esperança que manifestou a cada um dos delegados, que as suas respectivas nações do Mediterraneo acceitem os projectos de regulamento e de convenção sanitaria que d'ora ávante estão confiados ao seu vigilante cuidado e leal capacidade, será, repetimol-o, um beneficio immediato para o commercio e navegação e um germen futuro de boa harmonia internacional e de paz europea.

« Em seguida o sr. ministro dos negocios estrangeiros, com palavras tão expressivas quanto profundamente pensadas, deu tambem prova de sua particular sollicitude pelo trabalho da conferencia, e dos esforços que individualmente fizera para que rematasse no actual resultado.

« Antes do encerramento definitivo, o sr. ministro dos negocios estrangeiros informou os delegados de que o principe presidente da republica, que se interessára em toda a serie de trabalhos da conferencia e punha grande esperança no seu bom resultado, não quizera que partissem da capital da França sem lhes dar um testemunho de sua particular estima, nomeando-os membros da ordem nacional da legião de honra.

A conferencia pelo orgão de seu presidente, Mr. C. E. David, exprimiu a sua gratidão ao principe presidente da republica, aos srs. ministros dos negocios estrangeiros e do commercio; e separou-se deixando, como actos que confeccionou, um convenio e um regulamento sanitarios, que estabelecem, quanto é possivel, a uniformidade nas quarentenas, bem como nos direitos e administrações sanitarias do Mediterraneo.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 355.)

ROBINIA.

A acacia, ou *Robinia Pseudacacia* é indigena da America Septentrional; esta planta pertence ás arvores de bosque, prospéra em todas as qualidades de terra, resiste a todas as exposições, e dá-se tão bem nos sitios montanhosos, como nas planicies. Cultiva-se em bosque de córte, e para tirar estacas para as cepas de vinha. Cresce com muita rapidez; em dois annos chega a ter a altura de tres metros (treze e meio palmos): e em cinco annos o tronco da planta vem a ter a grossura em circumferencia de cinco ou 6 decimetros. Regula-se pois como se quer, segundo o uso a que se destina. Faz bons tapumes que não deixam entrar o gado nos campos e assim deffendem as propriedades situadas junto ás estradas dos assaltos dos homens, e dos animaes. A sua madeira é boa para fabricar trastes de casa, para vigas etc. etc. Os seus ramos servem para fazer arcos, para diferentes usos. A sua lenha é forte, queima bem e dá tambem bom carvão; porém este póde ter um defeito que cumpre corrigir, aliás deitará um cheiro desagradavel; evita-se deixando seccar completamente a lenha.

AMOREIRAS.

As amoreiras prosperam aqui bem, póde-se francamente asseverar que a sua vegetação progride, em comparação com o clima da Lombardia e do Piemonte, na rasão de 1 a 3.

TRACTAMENTO DOS BICHOS DE SEDA.

Os bichos de seda que se obtém ha ja 3 annos, seguem regularmente todas as suas methamorphoses, os casulos assemelham-se em qualidade aos melhores da Lombardia e do Piemonte.

FIAÇÃO DE SEDA.

A seda que aqui se fiou em 1850, pela primeira vez, teve em resultado mostrar a sua excellente qualidade, como as melhores, e mais bellas sedas da Lombardia e do Piemonte.

S. ex.ª o sr. duque, de saudosa memoria, seguindo os impulsos da sua inspiração philantropica e generosa, queria intentar a este respeito a execução dos planos do grande Pombal. A terra e o clima são muito propicios ás amoreiras, e ainda mais que na Lombardia. Se a Lombardia, que tem um sexto da superficie de Portugal, tira só da seda um rendimento annual de 150 milhões de francos, a que grande prosperidade podia chegar Portugal, se este genero de cultura fosse generalisado?

A civilisação que rapidamente se estende mediante o maravilhoso vehiculo dos caminhos de ferro, e da navegação a vapor, tem de absorver a maior quantidade de seda que se possa produzir, sem depreciamento de preços. Esta minha observação está demonstrada pela experiencia, e provada pelas estatisticas; de modo que o augmento dos preços das sedas nestes ultimos annos tem sido sempre em proporção com o desenvolvimento dos caminhos de ferro, e da navegação por vapor.

Mas para o tratamento das amoreiras e dos bichos, e para o modo de fiar a seda são necessarias regras e preceitos dictados pela experiencia. Fóra disto ha de enganar-se quem quizer emprehender especulação por um simples capricho.

Depois do marquez de Pombal, tendo muitos feito tentativas para introduzir estes tres ramos de industria sem perfeito conhecimento de causa, alcançaram maus resultados, e vendo o contrario do que pensavam desanimaram-se e abandonaram não só a empreza, mas apregoaram a impossibilidade de se tirarem consequencias lucrativas. Deve-se a estes o tardio progresso da industria, tendo com as suas falsas asserções desanimado tambem os individuos que se podiam tornar mais valiosos para esta empreza. Os melhores tratados publicados pela imprensa sobre estes tres ramos, e reconhecidos geralmente como os mais uteis, são. Para a cultivação das amoreiras, a obra do conde Verri, que por 40 annos estudou nos seus proprios bens ruraes.

Para o tractamento dos bichos de seda, a do Conde Dandolo, que empregou quasi toda a sua vida em tractar deste objecto por sua propria conta, e que o reduziu por assim dizer a sciencia. A este tractado Dandolo fez em seguida algumas emendas em virtude de descobertas de phenomenos damnosos. Agora seu filho que tem a mesma actividade de pae, e o mesmo genio de ser util á sociedade, reuniu os posteriores escriptos de seu pae, e publicou-os juntamente com outras descobertas, que elle tambem fez depois de assiduos e cuidadosos estudos.

Finalmente, para a instrucção sobre a fiação de seda ha a obra de Gera, antigo e douto proprietario applicado á fiação. Em quasi todos os livreiros de Milão se encontram estes tractados.

Menciono estas publicações, porque muitas pessoas de distincção me perguntaram quaes eram os melhores tractados que deviam procurar para sua instrucção, e faço-o por meu dever, e em satisfação aos desejos de s. ex.ª o sr. duque, que tinha sempre em mente poder ser util ao seu paiz.

LAGOS ARTIFICIAES.

Fizeram-se tres lagos artificiaes para recolher as aguas dispersas, que damnificavam com a sua estagnação as terras, e a saude dos habitantes; e depois distribuil-as em beneficio da irrigação dos prados preparados segundo o plano de irrigação lombarda, systema que por todos é considerado o melhor.

A sua construcção é muito simples. Não ha necessidade alguma de pedras nem de cal, porque é com a terra que se fabricam as prezas ou diques, e até a construcção, que abrange as aguas, é composta de um só canal subterraneo de madeira, o qual se abre e fecha por meio d'uma valvula semi-espherica, segura a um pau inclinado, que vai do fundo do lago á summidade do muro, onde existe um parafuso, que fazendo-se girar abre a valvula, que está sobre a abertura da construcção, graduando a quantidade de agua que se pertende deixar correr.

Todas as outras albufeiras, lagos ou tanques, e similhantes obras que se fazem com cal e areia, além de custarem grandes sommas para a sua primitiva construcção, estão sujeitas a continuas despezas de manutenção, pela facilidade com que a acção do tempo opéra sobre ellas. Pelo contrario as albufeiras e lagos, feitos em Calhariz com simples terra, custam muito pouco e duram eternamente, sem necessidade de despeza alguma de manutenção.

PRADOS ARTIFICIAES IRRIGATORIOS.

A minha longa experiencia apoiada tambem na do distinctissimo pratico Berra, que escreveu sobre os prados tratados por elle mesmo, move-me a dizer que o producto dos prados preparados pelo methodo praticado na Lombardia é superior a todo e qualquer producto que se pode obter por meio da agricultura. E para prova leia-se Berra a pag. 152. «Por « estes calculos baseados em observações de factos « por mim mesmo obtidos, pode-se dizer que de « uma *pertica* (27 varas quadradas) de superficie, « terá quem sustenta vaccas, L. 48, 7 e 6 milanezas (6$120 rs.) por anno. »

Causará admiração que uma tão pequena superficie de terra possa valer (capitalisando o dito producto na rasão de 4 por cento) a somma consideravel de 150$000 rs. Dão amplo testemunho destes resultados, as palavras pronunciadas pelo ministro de agricultura e do commercio, perante o parlamento francez em 1845, appresentando o projecto de lei sobre irrigação. «« Effeitos do systema lombardo de « prados artificiaes. Assim na Lombardia, nesta pla« nicie do Pó, tão pobre pela natureza do seu solo « e tão rica pelo genio dos lombardos, a irrigação « habilmente empregada desde muitos seculos chegou « a fazer produzir por cada hectare de prados uma « renda annual liquida de 1098 francos. »

Nenhum outro systema de cultivação, com um tão rico producto, e constante, é egual ao acima referido, porque não se acha exposto, como qualquer outro, aos perigos das frequentes seccas. E convém aqui observar que na Lombardia as maiores seccas duram pouco mais ou menos mez e meio. No resto do anno chove ordinariamente todos os 15 ou 20 dias. Em Portugal, pelo contrario, a secca dura quasi sem interrupção todo o verão, isto é 5 a 6 mezes. Neste paiz a terra é fertilissima: ha muita agua, que se deixa correr inutilisada para o mar. Sendo o clima propicio á vegetação, é tanto mais necessaria a irrigação, quanta é a escacez das chuvas.

O resultado seriam riquezas neste ramo, superiores ainda ás que produz a Lombardia.

O leite, a manteiga, o queijo vendem-se aqui por preços mais altos do que na Lombardia, as despezas da cultivação são pouco mais ou menos eguaes, e por conseguinte deve esta ser aqui muito mais consideravel que lá fóra. O augmento da producção que ha de succeder com a introducção do novo systema de cultivação, trará comsigo, sem duvida, uma forte baixa nos preços actuaes dos mencionados generos; mas isto não diminuirá os lucros do lavrador, o qual ha de achar na maior quantidade uma grande compensação ao abatimento dos preços. Os antigos romanos, diligentissimos em todos os ramos de agricultura, persuadidos das grandes vantagens dos prados, tinham-os em primeira conta; como affirmam Palladio, Columella, e Catão (vide Berra). Theodorico rei dos godos, fez os maiores, e mais constantes esforços, durante o seu reinado em Italia, para fazer resurgir a agricultura. Este principe, que segundo a opinião de Muratori excedeu á maior parte dos imperadores romanos na gloria, fortaleza, sabio governo, e na civilisação de costumes, animou com grandiosos premios a Cecilio Decio, simples cidadão, por ter deseccado as lagôas pontinas.

Foi elle que reconhecendo as immensas vantagens da irrigação fez os mais louvaveis esforços para introduzir o methodo de regar as terras, do que temos uma prova luminosa na carta que o mesmo Theodorico escreveu a Aproniano, em que lhe ordena que sejam pagas pelo thesouro do estado as despezas da viagem a um engenheiro hydraulico de Africa, chamado a Roma para ensinar o modo de encaminhar e distribuir as aguas, reservando-se dar ao mesmo engenheiro uma mercê proporcionada, logo que o resultado demonstrasse os effeitos vantajosos da arte. (Cassiodoro liv. 3.° pag. 47.) Os monges cistercienses souberam engenhosamente tirar proveito da arte da irrigação, trocando as terras por elles preparadas com este meio, por outras de maior extensão, mas estereis e abandonadas. Em consequencia deste trafico e favorecidos pela ignorancia da época, chegaram em breve tempo a um alto grau de riqueza, e poder.

Enriquecidos os agricultores lombardos, com esta arte então inteiramente nova, levaram por diante as suas investigações e empregaram novos meios; e como durante o inverno faltava a erva verde para alimentar as suas numerosas manadas de vaccas, e se viam privados de boa parte do leite que obtinham nas outras estações, diligentemente estudaram o modo de remediar este grave inconveniente, ainda mais sensivel por causa da enorme quantidade de feno consumido pelas vaccas na estação invernosa.

Não foram vãs as suas fadigas, pois que, além da irrigação na estação competente garantir os prados das grandes seccas, dava uma não interrompida, e abundante colheita de feno, reconduzindo-se áquelles prados as aguas que durante o inverno se iam perder inutilmente. Desta fórma deu-se novo vigor ao terreno cançado, e obrigou-se apezar das geadas a produzir hervas verdes e viçosas para nutrição do gado vaccum. Deste methodo, de vantagem incalculavel no territorio milanez, tenho a satisfação de appresentar dois modêlos de experiencia na quinta de Calhariz, por ordem de s. ex.ª o sr. duque, e com os mais felizes resultados. Mas a grande utilidade para os proprietarios não consiste sómente na copiosa producção do leite; os prados artificiaes contribuem poderosamente para a abundancia de cereaes, e todos os productos agricolas.

Na verdade, *nenhuma terra póde conservar a sua fertilidade sem ajuda de adubos.* Para obter adubos de boa qualidade em abundancia e com promptidão, é necessario um numeroso gado; e para obter os gados, são indispensaveis os prados. Estabeleçam-se, pois, os prados: porque, sem elles, a agricultura fica privada da principal origem da sua prosperidade e riqueza.

Um terreno cultivado para prado requer pouco trabalho braçal, o que é para Portugal uma vantagem consideravel, que por si só convidaria o proprietario a preferir este genero de cultivação a qualquer outro.

Para provar mais a efficacia dos prados, basta saber que interrogado Catão sobre qual fosse a melhor producção dos campos: respondeu — os prados tractados como industria; — perguntando depois, qual fosse a producção mais lucrativa insistiu que tambem esta derivava dos prados ainda que mediocremente tratados. Consultado terceira vez, sobre qual fosse em agricultura o objecto mais importante, continuou a asseverar que — eram os prados, apezar de abandonados e despresados. Em consequencia disto costumava dizer: *Prata irrigua, si acquam habebis potissimum facito.*

(Continua).

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Continuado de pag. 341.)

§ 6.º

Conveniencias ecclesiasticas da reducção das freguezias.

Livrar uma igreja da necessidade de viver directamente d'um tributo lançado aos parochianos, já é fazer-lhe um beneficio; as cobranças feitas com apparato judicial, e as execuções levam sobre o parocho um odioso que tambem o offende nos interesses. Livre d'este odioso, e da má vontade dos seus parochianos, e estes mais abastados de meios pela ausencia d'um tributo, estão melhor dispostos para ouvir a sua palavra, e para lhe acudir com as offertas do costume.

Em logar de tres templos indecentes para a celebração dos santos mysterios da religião, teria a freguezia um, elegante e bem adornado. Os logares e casaes affastados da villa, e proximos a outras freguezias deveriam ser incorporados n'estas, como reclama o interesse dos povos e da igreja, reconhecidos por aquelles e pelos parochos. Defronte de Villa Nova da Rainha, por exemplo, logo passada a ponte, é freguezia de S. Pedro d'Alemquer. Os casaes alli situados cumprem os deveres religiosos na pobre freguezia de Villa Nova (que a custo sustenta seu pobre parocho), com o consentimento do parocho de S. Pedro. Aqui vão os povos diante do governo ensinando-lhe as conveniencias civis e religiosas.

O parocho e coadjutor d'Alemquer, assim desembaraçados das quintas, logares e casaes affastados, ficariam, em relação á nova freguezia, mais aptos e sufficientes para os onus parochiaes, do que hoje o estão os tres actuaes em relação ás tres freguezias espalhadas e confusas. Melhorar-se-ia por conseguinte o culto, tanto n'esta freguezia, como nas limitrophes, hoje diminutas em terreno e população.

A igreja estaria a menos de meia legua de qualquer das extremidades da freguezia, cuja população seria muito inferior á da Villa Franca de Xira, que não tem mais do que um parocho.

As missas seriam, ainda com a reducção, mais n'esta freguezia do que em outras muito maiores; além das de muitas capellas particulares, e das dos dois parochos, ha uma na igreja da Misericordia, e outra na do Espirito Santo, pagas por estes estabelecimentos.

§ 7.º

Responde-se a alguns obstaculos que poderão oppôr-se.

Alguem poderá oppôr, que a igreja de S. Francisco, abandonada absolutamente desde a extincção das ordens religiosas, necessita de grandes concertos; que o convento está peior na parte indicada para residencia e cartorio, tendo já desabado o tecto; e que faltando os meios para taes concertos não póde fazer-se alli a união das freguezias, segundo convinha para cortar as pretenções e prerogativas, que cada uma ha de querer allegar para ser o centro que a si chame as outras.

Posto que abandonado e deteriorado esteja o templo, todavia é muito bem construido, e posterior ao terremoto; tem boas paredes e madeiras; e não ha muito a fazer nos telhados. Os ultimos invernos algum damno principiaram no templo e na capella de Santa Sancha. O logar designado para cartorio e residencia é o mais estragado do convento, necessita de telhados e madeiras, mas tem boas paredes.

A despeza dos reparos não é grande, em relação ao beneficio que d'ella se deriva, e para lhe fazer face bastaria que o governo lhe destinasse o direito ao que se deve ás collegiadas d'esta villa, extinctas de facto pela extincção dos dizimos, e abandonadas. Uma causa estava já em execução (e assim se conserva), cujo importe chegaria por ventura para quasi todo o concerto. A Ordem Terceira, tambem extincta de facto, e que resurgiria com a abertura do templo, informam-me que tem fundos, e que poderia e quereria concorrer para os concertos do templo, e da sua casa annexa. A freguezia, alliviada do tributo de congruas, tambem poderia contribuir da fórma

que mais conveniente parecesse. Creio, emfim, que este obstaculo é vencivel. Outro surgiria dos caprichos individuaes e irracionaes, que ordinariamente se encontram na adopção de medidas novas; mas estes despresa sempre uma auctoridade, conscia da proficuidade do fim a que se dirige, e dos motivos baixamente interesseiros e apaixonados que os levantam.

CAPITULO III.

Melhoramentos na instrucção publica.

Nos baixos do quarteirão do convento de S. Francisco, que fica da parte do norte, com portas para o claustro, estão as aulas e refeitorio do antigo convento. Para aqui devem ser removidas as aulas de primeiras lettras e latinidade d'esta villa, não só pela maior capacidade da casa, como tambem pelas conveniencias em haver um logar destinado para ellas, que não seja a casa dos proprios mestres.

Além da cadeira de primeiras letras na villa, ha no concelho as de Cadafaes, Méca, Abrigada e Olbalvo. A freguezia da Abrigada é a mais remota da villa, e a mais importante em riqueza de lavoura, e movimento commercial, por isso tem a aula de primeiras lettras dez alumnos, que provavelmente mais utilisarão do que os das outras cadeiras, que nunca contam mais de cinco, e com pouco ou nenhum aproveitamento. Creio que seria util a suspensão das tres cadeiras de Olbalvo, Méca e Cadafaes, transformando-as em uma cadeira estabelecida n'esta villa, em que se ensinem os elementos de poetica, oratoria, geographia, historia, e philosophia racional e moral, em um curso de dois annos, alternado, de fórma que todos os alumnos que saissem do latim podessem principal-o n'esse anno, e acabal-o no seguinte. O ordenado actualmente applicado para as tres cadeiras bastaria para a sustentação d'esta com maior aproveitamento publico. Quando o municipio augmentasse na sua população e rendimentos (como é de esperar que augmente) poderiam então abrir-se aquellas aulas suspensas, com outra vantagem que actualmente não offerecem.

(Continúa.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

É muito reclamada pelos portuguezes residentes no imperio do Brazil a maior publicidade do opusculo que passamos a trancrever, escripto em defeza desses nossos compatriotas pelo sr. João Antonio de Carvalho e Oliveira, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra; e não só para o fazer conhecido no continente europeu, mas tambem para divulgar mais no proprio Brazil, onde a REVISTA conta numerosos assignantes, a refutação das falsas e insidiosas asserções de alguns jornaes, que o auctor combate e confunde.

« ....C'est aux esprits bien faits
» Avoir la vertu pleine en ses moindres effets
Corneille, nos Horacios.
» Combien tout ce qu'on dit est loin de ce qu'on pense!
» Que la bouche et le coeur sont peu d'intelligence?
Racine, no Britanico.

O Argos Maranhense no seu numero 11 entre os muitos insultos contra os portuguezes, escreve estes: — « Os portuguezes, que habitam o Brazil, não são a nação portugueza tal qual a conhece a *Nação*, não são os nobres, os magistrados, os militares, os sabios, os artistas, são sim com rarissimas e honrosas excepções, o refugo, as fezes, tudo quanto de infimo encerra em si o povo portuguez. São trabalhadores, e só niste são uteis ao nosso paiz. São ignorantes e trazem comsigo todos os elementos de opposição ás idéas de progresso e de liberdade. São cubiçosos e desenvolvem brevemente nos seus negocios a mais torpe immoralidade, a mais insigne má fé. São brancos e não tardam a patentear uma sobranceria arrogante a respeito do nosso povo, que é geralmente de outra côr. São mais protegidos do que nós no commercio, dedicam-se exclusivamente a elle, e, além dos tropeços, que encontramos em uma legislação incoherente com os interesses nacionaes, oppoem-nos uma barreira inconcussa e insuperavel, e impedem que brasileiro algum se possa proficuamente occupar neste ramo de industria. São estrangeiros, deveriam por isso mesmo abster-se de se ingerir nas nossas contendas politicas, e o partido popular os viu comtudo constantemente nas fileiras dos seus adversarios, sempre entre os que pugnavam pelo poder contra a nação, pelo regresso contra o progresso, sempre em armas no campo dos seus oppressores, sempre entre os que lhe derramavam o sangue e confiscavam a liberdade. Combateram no Pará, combateram em Caxias, combateram em Pernambuco, onde organisaram-se militarmente e opposeram as suas cohortes ás cohortes populares, as suas columnas aos exercitos nacionaes. A estrangeiros que sendo hospedes fazem-se senhores, que vindo desvalidos constituem-se oppressores, não admira que o nosso povo retribua odio por odio, maldição por maldição. O povo não aborrece nelles os portuguezes, aborrece sim os fautores da tyrannia, os propugnadores da politica do regresso e da compressão. »

Em o numero 13 accrescenta « A emigração portugueza, excepto a que se effectuou de 1808 a 1820, foi sempre o refugo, as fezes, a parte infima do povo portuguez. Por muito tempo só os degradados vinham para o Brazil.... Os nossos antepassados são os labregos portuguezes, os caboclos, e os pretos de Africa....»

O Progresso, sem duvida muito mais moderado e polido, diz em o numero 23 de março ultimo: — « *A Revolução de Setembro*, jornal popular tambem de Lisboa.... fez justiça aos brazileiros, e limitou-se a dar salutares conselhos aos seus patricios de alem-mar que a terem sido abraçados, estaria terminada a discordia, e estabelecida a harmonia entre as duas nacionalidades....»

E mais abaixo — « Os portuguezes estão de posse exclusiva do commercio, *e não podem tolerar* este retrocesso de opinião. Daqui a coalisão, o deploravel reaparecimento de reciprocas offensas, de odiosida-

des já extinctas.... Quaes os culpados!.... É um facto que está á vista de todos; uma anomalia de triste realidade — que o brazileiro *acha-se impedido* de commerciar no seu proprio paiz....»

« Não se diga, que os brazileiros acham-se excluidos do commercio, por se não darem a elle, por não terem para isso á necessaria aptidão. A causa é mais outra; porque para destruir esta asserção, bastam esses poucos caixeiros brazileiros, *quasi todos* empregados nas casas inglezas.... Se são excluidos, se não encontram accesso no commercio, é porque lhe superabundam *outros* que lhe são preferidos, é porque o homem em estranha terra não póde deixar de agasalhar de preferencia o seu patricio desvalido. Cumprem um dever sagrado, obedecem aos impulsos do coração; cabe-nos a nós o cumprimento do nosso dever para com os filhos do Brazil.

« Mas não é só isto: além destas causas geraes, que certo não podem dar motivo a queixas da nossa parte, existe como que uma *parede, ou conluio* entre os portuguezes nossos hospedes para excluir-nos do commercio; como que se julgam privilegiados para exercel-o exclusivamente no paiz....»

« O lavrador brazileiro remette do interior os seus productos ao negociante portuguez.... mas quando pertende para seu filho um logar de caixeiro, encontra-se face a face com uma negativa brusca e desabrida — os brazileiros não dão para o commercio, não se ageitam....»

« Se um brazileiro consegue estabelecer-se com loja de retalho, o resultado quasi infallivel é a quebra; porque não acha negociantes que lhes abonem as suas letras e obrigações, que lhes dêem o minimo auxilio: e encontra n'outros logistas, outros tantos rivaes combinados entre si....»

O Estandarte em o numero 89 publicou o seguinte periodo: — « Ao lado porém desses pacificos habitantes, e irmãos nossos ha uma cabilda infame, indigna do nome portuguez, um grupo isolado com gazeta propria, chefes, agentes, e soldados, que, deslembrados dos nossos favores e agasalho, insulta a população — quer dominar a provincia — semeia a discordia e a intriga — attaca a segurança individual com o punhal e o bacamarte — e ufano reve-se e pavoneia-se nos males por elle adrede e calculadamente causados »

Nos insultos com que em alguns destes excerptos são os portuguezes mimoseados, tenho eu a minha quota; tomarei pois hoje a penna para me defender e aos meus; e o faço sem a minima tenção de atacar os orgãos das diversas parcialidades politicas.

Principiarei por dizer que quasi todas as accusações que actualmente se nos fazem são logares communs desde trinta annos, com mais ou menos acrimonia, todos os dias repisados em todo o imperio, e que continuarão a sel-o em quanto a mesma causa permanecer. Esta causa está na grande ancia com que os partidos buscam os triumphos eleitoraes, por ser este o melhor meio de conquistar honras e empregos, e de esmagar os contrarios.

Para isso se conseguir muito concorre a popularidade; mas esta assim no Brazil como em toda a parte consegue-se especialmente adulando as classes populares. Ora, todos os que se poem á testa dos partidos brazileiros sabem que a melhor maneira de armar á popularidade, é declamar contra os portuguezes, recordando a essas classes a antiga dominação portugueza, persuadindo-lhes que querem de novo impôr-lha, destruir a independencia do paiz, e outras iguaes babuseiras, que a populaça sempre credula toma por verdades incontestaveis. Com essa mira se vae sempre entretendo a desconfiança e o odio contra os lusitanos, pondo-se nisto tanto zelo como no templo de Vesta se punha em alimentar o fogo sagrado.

Sendo esta a principal causa do mal, como ninguem de boa fé negará, já se vê que baldado será o empenho que eu pozer nesta defeza. Ella não terminará os insultos, nem fará que se chegarem no paiz a renovar-se as scenas que ultimamente ensanguentaram Pernambuco, os portuguezes não sejam assassinados, mas ao menos saber-se-ha por esse mundo aonde esta justificação chegar, que a generalidade dos portuguezes, como gente a mais pacifica do mundo, não merece o injusto tratamento que aqui se lhes dá. Achar-se-ha seguramente que sou fraco athleta para em terra estranha me pôr peito a peito contra tantos inimigos, e eu concordo nisso; mas entendo que quem do seu lado tem a rasão e a justiça não deve acobardar-se, nem contar os seus adversarios.

(Continuar-se-ha.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XIX.

ANTES QUEBRAR QUE TORCER.

(Continuado do n.º antecedente.)

Quando o capitão Jeronymo levantou a vista já achou os olhos do padre Ventura a examinal-o. O jesuita tinha a ruga frontal mais cavada, e o sorriso um pouco vago, como succede quando a memoria, perdendo de vista uma coisa, chama em seu auxilio todas as recordações que a podem suscitar. Esta phisionomia, cujo cunho era particular, cuja grandeza e sagacidade eram indeleveis, tambem despertou mil lembranças ao noivo de Theresa, mas não sabia dizer de repente aonde o vira, posto estivesse certo de que pelo menos uma vez na sua vida, e em occasião solemne, já lhe tinha apparecido este homem, esta figura placida e impenetravel: não lhe occorria, porém, nem como, nem aonde.

Por isso, sentiu palpitar o coração com força, e baixou a vista diante do padre Ventura, cujos olhos, descendo do rosto ao coração, parecia que iam queimando por onde passavam.

—« Não se lhe figura que nos encontrámos já? Longe daqui, em outros logares desertos; talvez em dias de perigo e de sacrificio? » — perguntou o jesuita, com certa melancholia, e uma longa interrogação na vista.

—« Julgo que v. paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer de donde. Creio que alguma vez fallámos; estou certo: a sua voz não me é estranha... »

—« Ora veja! Eu já achei e passaram por mim mais annos. Talvez que o ultimo dia, em que nos encontrámos, fosse o dia em que nos despedissemos para sempre. Acredite em milagres!... Sem elles não estava aqui nenhum de nós; e não fuja de um resuscitado, porque o vem achar com muitos cabellos brancos e bastantes trabalhos de mais... Ainda não se recorda? »

—« Eu já vi a v. paternidade! » — exclamou o mancebo com vehemencia — « Já estivemos ambos... »

—« Com a morte diante dos olhos, e Jesus na boca, diga! »

—« E por signal?... »

—« Dei-lhe eu um annel, e disse-lhe tres palavras. »

—« É verdade! Foi... »

—« Na America. Ora, o annel conserva-o ainda, d'aqui vejo. As tres palavras e o seu voto é que não sei... Esqueceram-lhe? Era natural. »

—« Espera! Eram? »

—« Muito para quem sabe o que ellas valem... Então, ainda não se lembra do meu nome? »

—« Ah! O dia de S. Bartholomeu! V. paternidade é... »

—« Não diga mais... Esse nome e o homem que o tinha morreram na America, em Roma, aonde quer que ficou o missionario, que nós conhecemos ambos... Hoje vê aqui apenas o padre *Julio Ventura*, que veio beijar a mão de el-rei, e dá infinitas graças a Deus, encontrando vivo e feliz — vejo que é feliz! — um companheiro dos seus trabalhos... Esqueça o primeiro nome, e apesar do segundo acredite que o homem não mudou, e é o mesmo sempre. »

—« V. paternidade salvo! Vi-o atado ao brazeiro, ouvi os descantes barbaros dos selvagens... »

—« E torna a ver-me sem mais lesão do que estas cicatrizes, que são provas de que tambem ha valor em prégar a fé entre os idolatras? Não se admire! Estivemos ombos em perigo, eu primeiro é verdade; mas ponha os olhos em si, e diga-me: quem o salvou? »

—« Foi Deus que trouxe de repente... »

—« Os fieis que me desataram da arvore, e me livraram dos tractos? Então, bem vê... mas deixemos essa historia. Aqui me tem, sem mais cuidados do que saber se posso abraçar um irmão, ou se estou fallando a um estranho... Não diz nada? »

—« Digo que Deus é grande, e infinito o seu poder. »

—« E que devemos trabalhar *para maior gloria sua*, não diz? »

—« *Ad majorem Dei...* »

—« *Gloriam!* É a divisa da companhia. Attenda-me, filho. Esteve depois com os nossos, repetiu o voto que lhe tomei na vespera do martyrio?... Falle sem receio — aqui não ha perigo. Aquelle é *terceiro*, não ouve nem vê... » — e olhando para o porteiro da canna traçou com o dedo indicador um signal sobre o peito, a que este correspondeu inclinando-se quasi até ao chão. — Estamos *sós*, bem observa! » — proseguiu o padre. — « Repetiu o seu voto? Vejo que sim! Tambem serviu a companhia em espirito e vontade? Espero que servisse! E se eu lhe perguntasse, irmão, padeceria pela causa de Deus e da egreja?... »

—« Respondia que ella é paciente porque é eterna. »

—« Muito bem. *Patiens quia æterna!* É o symbolo. Dê-me um abraço. Raras vezes me engano. Quando o vi deliberado diante da morte cruel, que ambos esperavamos, percebi que se o coração da creança já não vacillava, o que faria o homem depois de feito? Irmão Jeronymo, a companhia precisa de todos os seus filhos. Ha de chamal-o; e eu respondo que vêm. »

—« Jurei obediencia, padre *Ventura*. »

—« Mas hoje custa-lhe? Um laço carnal prende-o? Diga, confesse... Não se envergonhe... É moço e não fez voto de castidade. Se ama é porque é amado. Filho, a companhia não exige impossiveis. Sómente acautele-se; ouça o meu conselho. O seu coração é grande e forte... cuidado! São os que mais depressa cahem. Não deixe que a imagem de uma mulher o leve todo atraz de si... Olhe que não ha morte peior. »

—« Meu padre, a esposa que escolhi... »

—« É virtuosa e bella, ia dizer-me? Não importa, ame-a, mas depois de Deus. Ora pois! Alegremo-nos em Jesu Christo. Conto com a sua firmeza. Aonde mora? »

— « Na rua das Arcas, em casa do meu tutor. »

— « Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas? »

— « Quem disse a v. paternidade?... »

— « Sempre me dizem tudo. »

— « Mas isto?... »

— « E a sua noiva é filha de um capitão de navios, negociante rico, cuja irmã esteve de secular em Santa Clara? »

— « Admira-se?.. Diga-me: no tempo, em que era maritimo, se lhe dessem um navio atava o leme e deixava-se correr em arvore secca? Não! Deixava-se navegar sem derrota em risco de perder a embarcação e affogar as tripulações? Tambem não. Ora supponha que eu sou o piloto e que faço diligencia por salvar algum baixel do naufragio... E olhe que o temporal é maior do que se cuida e vem tão perto que o estou sentindo. Affirmo-lhe que se perdem muitos que julgam salvar-se! Mas, vamos ao que importa. Quero que vá a S. Roque, amanhã — é melhor depois; ás nove horas em ponto. Posso esperal-o? »

— « Irei tomar a benção de v. paternidade. »

— « E fallaremos do nosso tempo. Creia que *posso* e *quero* ajudal-o. Depois que nos perdemos de vista o sr. Jeronymo está capitão, segundo vejo; melhorou; eu, com a minha roupeta sempre, se não valho mais do que então, menos tambem não. Os annos dão auctoridade, finalmente, não peiorei. Aqui está o que é. Não se esqueça de que o espero em S. Roque ás nove horas. Acabou o conselho de estado. »

Effectivamente tinha acabado; e el-rei fallando alto da porta da casa do estrado, para a sala do docel, tão alto que se ouviu tudo na casa da tocha, disse para fóra;

— « Conde de Villar Maior, prepare-se! Em quinze dias parte para Vienna meu embaixador, a pedir a mão da archiduqueza D. Marianna de Austria para s. alteza o principe D. João. »

— « S. alteza casa? » — perguntou o capitão ao padre.

— « El-rei diz que *sim*, o principe diz que *não*... » — replicou este sorrindo-se.

— « E v. paternidade? »

— « Eu?.. digo só: *veremos!* Separe-se de mim. Essa gente, que sabe, não é bom que nos veja fallando. Neste mundo, filho, a habilidade, a grande habilidade, consiste em mostrar por fóra o contrario do que vae por dentro. É o que el-rei agora fez. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIII.

A TROVOADA.

(Continuado de pag. 159.)

Affonso VI tinha no caracter a furia descomedida e desarazoada do doido, e a fraqueza timida e candida da creança. Tudo nelle era incompleto; a sua bondade não era bastante para o fazer preferir as acções generosas ás mesquinhas, a gloria aos prazeres, o perdão á vingança; e com tudo elle não era mau a ponto de não o impressionarem as palavras singellas de um homem simples e virtuoso. Não podendo responder com cólera á grave lição que Antonio Rodrigues acabava de lhe dar, porque a furia lhe tinha passado já, e não querendo confessar o seu erro, porque o orgulho lho não consentia, Affonso VI tomou o partido que muitos tomam em taes occasiões; guardou silencio.

A chuva tinha abrandado um tanto. El-rei e o seu couteiro continuaram a caminhar silenciosos, até que, ao clarão vivo mas intermitente dos relampagos, descobriram a pouca distancia Salvaterra, dominada pelas torres ponteagudas do palacio real. Naquelle instante saíam da villa e corriam em todos os sentidos muitos cavalleiros com archotes accesos na mão.

A scena era bella, e fantastica. Um rei perdido no meio de uma extensa charneca, apenas acompanhado por um couteiro velho; ambos silenciosos, ambos preocupados, um pela magua do orgulho offendido, outro pela saudade de um rei que fôra singello e magnanimo para com elle: ao longe, ora aparecendo brilhante como se a illuminara o sol da primavera, ora sumindo-se em trevas densissimas, a villa em que avultava o real palacio, a que a incerteza da luz e o mal definido das fórmas dava proporções colossaes: correndo em todas as direcções, cruzando-se, aproximando-se para se affastarem, affastando-se para de novo se aproximarem, centenares de faxos, que por vezes pareciam levados pelo vento atravez da solidão e da obscuridade, por vezes guiados pela mão fatal dos espiritos ma

leficos por entre os tremendos paroxismos da tempestade: finalmente os multiplicados bramidos de trovoada a que sobresahiam por instantes os sons clamorosos e melancolicos da voz dos cavalleiros que buscavam Affonso VI, tudo contribuia para augmentar a sinistra grandeza daquella noite medonha.

— É hoje sabbado — resmungou o couteiro por entre dentes, mas de modo que El-rei ouviu.

— E que tem isso? — perguntou este.

— É dia de se juntarem feiticeiros e bruxas á hora da meia noite. E bem parece que já andam á solta por ahi. Eu por mim nunca vi noite mais horrivel.

— Tens medo?

— Saiba V. M. que eu medo não no tenho; porque bem sei que sempre ha de succeder o que Deus fôr servido. Mas antes queria estar a esta hora á lareira com a mulher e os pequenos, do que nesta maldicta charneca.

— Não vês Salvaterra já alli; e todos esses homens que nos procuram. Agora não ha que temer.

— O diabo sabe bem as traças de que se deve servir para nos enganar — accudiu Antonio Rodrigues — Para tudo tem artes as bruxas. De um caçador sei eu que enganado pelo demonio, foi correndo atraz de um veado por montes e vales, um dia inteiro...

— E depois?

— Depois, quando se fez noite, o veado tornou-se luminoso, como se fosse de fogo, e continuou a correr, a correr sempre.

— E o caçador deixou-o correr.

— O caçador já não sabia onde estava: parecia-lhe vêr diante de si uma planicie immensa, toda coberta de mato, como esta, e ao cabo da planicie branquejar a villasinha que elle habitava. Correu, correu atraz do veado encantado; e dava graças á sua boa sorte por vêr que se ia cada vez aproximando mais da sua terra, sem com tudo perder de vista a rez.

— Matou-a, eim? — perguntou El-rei, a quem este caso, analogo ao que lhe estava succedendo a elle, principiava a interessar.

— Não matou, senhor. O veado quasi ao chegar á villa summiu-se subitamente, sem que o proprio caçador, que levava nelle os olhos pregados, podesse dizer nem como, nem para onde. Mal o diabo, porque era o diabo que assim levava o caçador enganado com aquella fórma e aparencia de veado, mal o diabo se apartou da vista do pobre caçador logo elle se achou rodeado de muitos vultos negros de feia catadura e desmedida grandeza, que se lhe acercaram, agarraram-no, e já o iam levando para uma caverna que alli havia aberta no chão, quando elle se lembrou de chamar pelo santo nome de Christo, Senhor nosso.

— Que tal ficariam os demonios depois disso!

— Arrebentaram todos como bombas, meu senhor. Foi uma tremenda bulha; espalhou-se no ar uma nuvem de espesso fumo, e um cheiro insoportavel de enxofre.

— O caçador teve grande medo?

— Caiu no chão e não deu mais tino de si até ao outro dia de madrugada. Acordou frio de pedra; e viu então que caira dentro de um charco, n'uma charneca que ficava a muitas leguas da villasinha em que elle vivia, e que lhe parecera na vespera ficar mesmo alli á mão.

— Era outra a terra que elle tinha visto?

— Não era nada. Uma illusão do diabo, e nada mais. A charneca era um perfeito deserto, em que se não encontrava viva alma.

Fallando assim de feitiçarias, e superticiosos terrores, El-rei e Antonio Rodrigues chegaram perto de uma immensa fogueira, que elles julgavam haver sido acendida para lhes servir de farol, um pouco á direita de Salvaterra, nas proximidades do palacio. Foi só então que elles descobriram em roda da fogueira alguns vultos, e a pouca distancia oito ou dez choças piramidaes de palha e mato, dispostas n'um arco de circulo, e com as entradas voltadas para o lado onde ardia a fogueira.

— É uma matilha de ciganos, dos que costumam passar por estes sitios, quando V. M. está em Salvaterra — disse o couteiro.

— O que vem elles fazer aqui?

— Roubar no povoado e no campo, enganar os simples com a sua giria; e lêr a boa-dicha a quem os quer ouvir. Ahi vem direita a V. M. uma das suas bruxas a fazer moumices, e tregeitos hediondos.

Com effeito uma figura de mulher, esguia, descomposta, desconjuntada, semilhante a um esqueleto, mal coberta por um panno negro, que, por molhado, se lhe amoldava a todos os angulos, se lhe enroscava nos ossos descarnados, vinha, dando pulos e torcendo-se n'uma como dança de bachante, direita a Affonso VI, que já nesta occasião havia chegado a poucos passos da fogueira. A cigana trazia os cabellos, brancos como a neve, soltos ao vento; e na mão

direita brandia, á maneira das Eumenides da mythologia antiga, um facho que por instantes a illuminava com luz vermelha e sinistra.

Parando defronte d'El-rei a pavorosa bruxa, começou a bradar, com voz rouca e tremula, brandindo sempre o facho fulgurante:

— Bemditos os esconjuros que mo trouxeram aqui.

E logo depois, pondo-se a correr em roda do cavallo de Affonso, começou a cantar lenta e funebremente.

— Esconjuro-vos, resconjuro-vos todos, demonios da carniçaria, demonios da pescadaria, esconjuro-vos demonios dos hortelões, demonios do curral, todos juntos vinde, juntae-vos, no coração de Affonso entrai, trazei-mo aqui prestes, sem tardar; não o deixeis comer, nem beber, nem socegar, nem dormir, nem repousar, até vir ao meu mandar, e me seguirá onde eu o levar.

— Que esconjuros estás fazendo ahi, bruxa excommungada? — bradou El-rei, levando a mão á faca de matto.

— Esconjuros são para bem de quem os ouve — respondeu a cigana no mesmo ritmo funebre — Vem commigo, e verás. Por ti esperava, por ti chamava; vieste porque os demonios te trouxeram, vieste para vêr o que não quizeras vêr.

— Quem és tu? — perguntou o rei, reportando-se.

— Zaida, sou Zaida. A mãe desditosa; a serva do demonio que me não quer dar minha filha. Por tua causa, por causa do rei e do vassallo morreu minha filha Aza. Quero dar-lhes o pago, vem comigo.

E ao dizer isto Zaida fez um gesto imperativo; e, agitando o facho acima da cabeça, de modo que no ar se espalhou um sem numero de faiscas, poz-se a caminhar em direitura a Salvaterra.

A poucos passos, porém, vendo que a seguiam os dois cavalleiros, parou; e com voz imperiosa:

— Basta que um me siga; o rei e não o vassallo — disse. — Para o rei fiz os conjuros; e se outro vier com elle, é como se nada se tivesse feito.

— Fica tu aqui, Antonio Rodrigues — ordenou Affonso VI ao couteiro.

— Meu senhor....

— Não ha que recear. Quero vêr onde esta maldita feiticeira me leva: talvez ella tenha algum segredo a revelar-me.

Neste momento passou, a pouca distancia dos caçadores, um homem montado n'um cavallo escuro e embuçado n'uma capa, o qual, ao ouvir a voz d'El-rei pareceu hesitar um instante entre parar ou proseguir na sua carreira. Esta hesitação foi apenas momentanea: soltando a rédea ao cavallo, e cravando-lhe os acicates o cavalleiro desappareceu na obscuridade.

J. DE ANDRADE CORVO.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de S. Carlos. — Na quinta feira passada subiu novamente á scena a *Parisina* de Donizetti, repetindo-se successivamente no sabbado e domingo. A *Parisina* não sendo das mais celebres producções do insigne *Maestro*, é todavia uma opera de muito merecimento, e postoque pertença ao numero das mais antigas do nosso repertorio, é ouvida ainda hoje com prazer. A sua execução desta vez coube á sr.ª Arrigotti, e aos srs. Musich, Mancusi, e Goré; e foi em geral satisfactoria.

A sr.ª Arrigotti desempenha mui bem a parte de protagonista. É digna de especial louvor na sua *aria* do 1.º acto, e no *duetto* com o baritono; — em todo o decurso da opera, porém, nos revela a sr.ª Arrigotti os dotes artisticos que a constituem uma primeira dama de distincto merecimento, como sempre a considerámos, desde que a ouvimos no seu debute na *Lucia*. Se o nosso publico nem sempre tem apreciado devidamente o talento da sr.ª Arrigotti, não seremos nós que deixaremos de lhe tributar pela imprensa a nossa sincera e conscienciosa homenagem.

A parte de tenor é bem interpretada pelo sr. Musich. Este artista distingue-se particularmente na bella *aria* do 2.º acto, que canta com muita expressão e delicadeza, e em que tem sido justamente applaudido.

É credor de igual elogio o sr. Mancusi, não só pelo canto, como tambem pela devida interpretação que dá ás differentes situações dramaticas do *libretto*. Seria conveniente, porém, que este artista *se resignasse* a parecer mais velho em scena, quando as circumstancias assim o exigirem, como nesta opera, afim de evitar o contrasenso que estamos vendo, pois figurando o sr. Mancusi de pae do sr. Musich (*Ugo*) parece ser este o mais idoso.

O sr. Goré vae bem na parte de *Ernesto*.

No sabbado tivemos occasião de ouvir o eximio flautista, sr. José Maria Ribas, que achando-se de passagem nesta cidade, segundo ouvimos, se prestou a tocar por obsequio uma peça acompanhada ao piano por Miss Scott, joven ingleza, sua discipula, a quem ainda em tenra idade sorri já um brilhante futuro na arte a que se dedicou.

O sr. Ribas é um artista insigne; é preciso ouvil-o para formar idéa do modo porque elle toca, ora brilhante e *vivace*, ora suave e melodioso, man-

tendo sempre a mais perfeita intonação, e dando o colorido mais vivo á musica. O acolhimento summamente lisongeiro que teve da parte do publico, bem como a sua joven discipula, deve por certo induzil-o a dar alguns concertos em Lisboa, em que obterá novos triumphos, proporcionando-nos o prazer de novamente o admirarmos.

Tocou-se no sabbado uma symphonia do Mercadante, dedicada á memoria do rei Carlos Alberto. É uma peça de musica classica, e foi magistralmente executada pela orchestra, que bem mereceu os applausos que lhe foram prodigalisados.

Os srs. Bonafós e Goré houveram-se bem na execução do engraçado *duetto* da opera *Chi dura vince* de Ricci.

A sr.ª Sannazari acha-se quasi inteiramente restabelecida, e esperamos dentro em poucos dias vel-a brilhar de novo na nossa scena lyrica.

O bonito *passo a dous* em caracter *A Styrienne* continua a agradar e a merecer as honras do *bis*.

Estão-se concluindo os trabalhos para a grande dança phantastica em 8 quadros intitulada *Alcindor*, que segundo nos consta irá á scena no dia 20 do corrente.

D. R.

Commercio. — *Pernambuco* 21 *de fevereiro de* 1852. — *Assucar.* — O branco regulou de 2$000 a 2$400 rs. conforme a qualidade. Mascavado 1$450 a 1$600 rs. O assucar chegado ultimamente do centro é de qualidade inferior e em menor quantidade ao recebido neste mez em annos anteriores. Esta differença é devida ao tempo chuvoso. As compras durante o mez tem passado de 60:000 saccos a maior parte do branco.

Algodão. — Tem sido pequenas as entradas, e as vendas promptas. Regulou de 4$600 a 4$800 rs. Da Parahiba venderam-se dois carregamentos a 5$200 rs. posto abordo.

As entradas no mez corrente orçam a 1:000 sacas.

Couros. — O seu preço tem sido de 112 rs. o arratel.

Azeite doce. — Vendeu-se a 1$900 rs. o galão.

Farinha de trigo. — Idem de 13$000 a 17$000 rs. por barrica. O deposito é de quasi 9:000.

Vinhos. — Foram vendidos a 100$000 rs. os da Figueira e 132$000 rs. marca PRR. Os vinhos existentes são quasi todos ordinarios do Mediterraneo. Dos portuguezes ha falta.

Cambio. — Durante a ultima semana negociaram-se 25:000 £ aos cambios de 27, 27½ᵈ, tendo a primeira cotação sido dada com uma espera de 50 dias para o pagamento aqui Os sacadores recusam dar hoje letras a mais de 27ᵈ. — 60:000 £ pouco mais ou menos foram negociadas para este vapor, e para ou — Swordfish — que sahiu a 14.

Para Portugal regulou o cambio de 92 a 96%.

Estão hoje neste porto cerca de 70 navios, sendo 5 portuguezes. Apesar deste pequeno numero de embarcações os fretes continuam baixos.

A febre amarella ainda grassa infelizmente nesta cidade e seu porto, tendo havido ultimamente algumas mortes, que todavia são poucas em relação ao numero das pessoas atacadas: porque felizmente esta epidemia é muito mais benigna nesta estação que na de 1850 em que teve principio.

No Pará tambem continua esta molestia, assim como no centro do Ceará, onde tem feito grande mortandade.

O commercio em geral está muito fronxo. As chuvas que tem constantemente cahido, o que é raro nesta quadra do anno, impedem á entrada do interior dos productos do paiz.

Punição da má fé e avareza. — As ultimas cartas de Constantinopla referem uma curiosa anecdota do sultão. — Um rico armenio tinha perdido uma carteira com o valor de 400:000 piastras em lettras; e offerecia 40:000 de alviçaras a quem lh'a restituisse. Achou a carteira e reclamou a recompensa um pobre velho mui honrado; porém, o armenio, querendo eximir-se ao pagamento da quantia promettida, porfiava que a carteira continha tambem um anel de muito preço, que o velho sonegára. O caso foi levado ao conhecimento do sultão, que tendo-se certificado da probidade do velho e da notoria avareza do armenio decidiu que, visto a carteira deste conter um anel não podia ser a que o primeiro achára, e que por consequencia cumpria entregar-lhe a das 400 000 piastras, e o armenio que renovasse as pesquizas e repetisse os annuncios para achar a que, segundo a sua ultima declaração, lhe competia.

ADVERTENCIA.

Julgamos que existem motivos para reproduzirmos as regras que em os n.os 10.º e 21.º do 8.º anno estabelecemos para regular o direito de propriedade em relação á REVISTA.

« Reservamos para nós o direito de reproduzir toda a parte da REVISTA, que pertence á redacção.

« O direito de reproducção dos artigos dos nossos collaboradores, quando por elles nos não for cedido, só aos referidos collaboradores fica reservado, e que é mister auctorisação sua para se reproduzirem em outros jornaes.

« Protestamos contra qualquer violação de taes principios feita desde esta data; e ante os tribunaes requereremos a justiça que assiste ao nosso direito. »

Com pesar nos veremos obrigados a sustentar o nosso direito. Mas se o abuso continuar — seja da parte de quem fôr, havemos de defendel-o com franqueza e energia.

Lisboa, 10 de março de 1852.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 32. QUINTA FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1852. 11. ANNO.

ADVERTENCIA.

Julgamos que existem motivos para reproduzirmos as regras que em os n.os 10.º e 21.º do 8.º anno estabelecemos para regular o direito de propriedade em relação á REVISTA.

« Reservamos para nós o direito de reproduzir toda a parte da REVISTA, que pertence á redacção.

« O direito de reproducção dos artigos dos nossos collaboradores, quando por elles nos não for cedido, só aos referidos collaboradores fica reservado, e que é mister auctorisação sua para se reproduzirem em outros jornaes.

« Protestamos contra qualquer violação de taes principios feita desde esta data; e ante os tribunaes requereremos a justiça que assiste ao nosso direito. »

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INSTRUMENTOS AGRICOLAS — EXPERIENCIAS PROMOVIDAS POR EL-REI.

A agricultura portugueza, sem nenhum dos meios directos, que a poderiam melhorar, tem feito progressos incontestaveis. Sem capitaes — quasi sem estradas — privada do ensino, e do fomento — a nossa agricultura tem augmentado, melhorado e variado os seus productos. Indirectamente estes notaveis resultados se devem ao acabamento de alguns encargos que pesavam fortemente sobre a propriedade rustica, e mais ainda ao admiravel desenvolvimento da nossa industria fabril.

Nestas circumstancias, é facto digno de se consignar a parte constante que S. M. El-Rei tem tomado nos melhoramentos da nossa agricultura. A El-Rei se deve o estabelecimento agricola — exemplar que existe em Mafra. A justiça e a verdade exigem imperiosamente que se diga — que ao seu real auxilio — ao seu patriotico exemplo se deve o exito feliz que tiveram todas as zelosas diligencias do sr. Ayres de Sá para a nossa exposição agricola.

Estes cuidados de El-Rei pelos trabalhos da terra podem parecer modestos, mas se não ligam o seu nome a um facto tão magestoso como o que fará recordar aos vindouros o nome do principe Alberto — estreitarão cada vez mais os laços do amor com que a nação se lhe tem ligado, e deixarão o seu nome cercado de respeito e bençãos na historia da nossa e sua patria. O amor e a gratidão de um povo valem tanto como a admiração de todos.

A aproximação de dois caracteres respeitaveis, que os laços do sangue unem tanto como os dotes do espirito — e a excellencia das intenções, não tem por fim comparação; mas só serve como de registo a factos honrosos, que da vida privada dos que estão no throno passam para os archivos da historia.

Um destes factos registaremos nós hoje nas paginas da REVISTA.

Fóra da patria um homem digno dos maiores

louvores, se tem mostrado conhecedor de uma das primeiras necessidades da nossa agricultura.

O sr. Geraldo José da Cunha, com a devoção que só póde inspirar o verdadeiro patriotismo, e a generosidade que revela as grandes almas, tem profusamente feito distribuir pelo paiz uma avultadissima e preciosa collecção de sementes. Não contente com tão assignalado serviço, mandou para Portugal uma collecção interessante de alguns dos mais modernos e mais usados instrumentos agricolas. Tendo obtido a descripção delles, hoje a começamos a publicar; mas devemos ao mesmo passo noticiar que El-Rei promovendo a sua experiencia acaba de prestar um poderoso auxilio á nossa agricultura.

Sabbado 13 foram os primeiros trabalhos feitos na presença de El-Rei na tapada da Ajuda, e para que o louvor seja completo e justo devemos accrescentar que até practicamente foram dirigidos por El-Rei. Assistiram alguns de nossos mais intelligentes lavradores. Todos que tiveram a honra de assistir a esta lição practica de agricultura ficaram ainda mais firmes no convencimento de que El-Rei junta a um alto espirito um juiso recto e muito sensato. Se obtivermos noticias do resultado das experiencias que vão continuar, mui gostosamente os communicaremos aos nossos leitores.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CHARRUAS. — Cada qualidade de terreno exige uma charrua que lhe seja conveniente: mas, havendo nos terrenos tantos matizes como nas côres, e existindo de ordinario grandes differenças em extensão pouco consideravel, não se construem senão tres castas de charruas, que sómente pódem differir em a relha e sobretudo nas aivecas.

A terra forte requer uma charrua mui solida, com a relha comprida e ponteaguda e a aiveca mui recta.

A terra de mediocre qualidade carece de uma charrua com o ferro curto e aivecas mais recurvadas.

Um objecto summamente importante no trabalho das charruas é a fixação da altura do ponto da prisão do tiro ou jugo: muitas vezes uma charrua de bom serviço é reputada má, porque o ponto da prisão do tirante dos cavallos é muito alto ou muito baixo. Cumpre estudar a charrua, passar o gancho para a direita até que a charrua, desembaraçada, não se incline mais para um lado do que para outro, tomando a maior faxa de terreno; e é preciso altear ou abaixar o ponto da prisão até que a charrua, em relação á profundidade em que se quer lavrar, fique bem direita e não tenda a levantar-se para traz ou para diante.

A charrua d'Odeurs para as terras fortes, e a charrua *Flamenga* para as terras mediocres, tem obtido os premios principaes; na verdade são boas e o cultivador deve estudar o seu trabalho.

Charrua de *sobsolo (à sous-sol)* ou *de profundar.* Está reconhecido que a lavoura funda offerece o grande inconveniente de trazer á superficie do chão terra pouco productiva; porém, a lavoura na profundidade de tres quartos a nove decimos de palmo sómente, em terras inferiormente compactas, tem não menores inconvenientes, porque, para certas plantas, não dá a fundura util ás raizes, e deixando ao sobsolo toda a sua dureza, e até augmentando-a, favorece o estacionamento das aguas pluviaes embebidas da superficie. Nos annos chuvosos as raizes estão alagadas, e nos annos seccos, as aguas da chuva evaporam-se rapidamente, ou o terreno em que se dilatam as raizes fica promptamente enxuto.

A charrua *à sous-sol* tem por fim dar á terra a penetrabilidade favoravel a todas as plantas: baixa o nivel das aguas que o sobsolo conserva, e por consequencia se forem prolongados os regos até ás vallas limitrophes, enxugar-se-ha o terreno, deixando sempre ás plantas a humidade que lhes convem, e que ellas procuram nos annos mais estios profundando verticalmente as raizes.

A relha de ferro calçado de aço é a que mais ordinariamente se emprega; servem as outras conforme a natureza do terreno; a mais aguda é destinada ás terras duras.

A alavanca ou mola de ferro serve para levantar as cunhas que mantem as couceiras (*montants*) dos eixos e da relha. Esta charrua emprega-se apoz a charrua ordinaria seguindo o sulco aberto por esta.

Para a charrua *à sous-sol* trabalhar a grande profundidade, póde tirar-se o trem ou jogo trazeiro, mas é então preciso pregar uma chapa de folha de lata por baixo do tirante de pau ou vara do jugo.

EXTIRPADOR. — Depois da lavra dos terrenos de consistencia forte ou mediana, a terra appresenta grande numero de monticulos ou grandes torrões, que muitas vezes se fortalecem com as ruins hervas, é pois necessario submetter a terra á acção do extirpador que entranhando-se no solo, o revolve profundamente, e o amanha, e destroe esses monticulos arrancando as más hervas. As grades que geralmente se usam só obram na superficie da terra; o extirpador póde considerar-se uma grade funda e energica que arranca raizes ás vezes fortissimas. Deve passar-se pela folha de terra nas duas direcções do comprimento e largura.

ROLO ESTORROADOR. — Lavrada a terra, e depois gradada ou amanhada com o extirpador ou scarificador para aplanar os regos e fazer desapparecer parte das ruins hervas e do feno, é mister trabalhar com os rolos ou cylindros.

O rolo estorroador de discos dentados, que é o instrumento mais energico que se conhece, completa o trabalho do extirpador; desfazendo os monticulos e torrões que escaparam á acção deste, destroe os vermes maiores, despega as más hervas, como o escalrraxo, e torna por consequencia mais leve o terreno e mais esbroado; deve seguil-o uma grade de pau, que acaba de limpar o solo. Quando o amanho tem chegado a este ponto, ha de nivelar-se a terra, para que o semeador ache o terreno bem gradado; e para isso servem os rolos.

A utilidade destes instrumentos não se limita a esta operação: servem tambem depois das sementeiras para

consolidar o terreno, calcar as sementes, comprimir sobre ellas a terra que se levanta, e finalmente diminuir a evaporação. Os rolos terão, conforme os terrenos, o peso de 500 a 800 kilogrammas.

Quando o estorroador tem de funccionar, devem tirar-se as rodas deste instrumento; abrem-se na direcção das rodas dois regos por onde se conduz o estorroador, cujos discos reponsam então sobre o terreno, o que permitte tirar as chavetas, as rodellas, e as rodas; para o recolher depois, segue-se a marcha inversa.

(Continúa.)

CREDITO PREDIAL.

Uma das mais complicadas e importantes questões das sciencias economicas acaba de ter realisação em França. O credito predial foi reconhecido e organisado por um decreto de 28 de fevereiro. Este acto de alta importancia comprehende 50 artigos. Parece-nos que as suas disposições serão mais justamente avaliadas, considerando-as conjunctamente com os valiosos trabalhos que as precederam. E' o que tentaremos fazer para proveito do nosso paiz, apesar de que em Portugal parece que o impossivel tem estado sempre adiante de tudo quanto não é ou não póde ser politica.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado do pag. 365.)

ADEGA SUBTERRANEA.

Esta adega subterranea, além de servir perfeitamente para conservar enxuto e são o palacio ducal que lhe fica superiormente edificado, é tambem feita para conservar os vinhos, tanto de inverno como de verão, intactos em temperatura de 10 a 12 de Réaumur.

O vinho conserva-se assim muitissimos annos (em Italia acontece havel-os de 100 annos) sem haver necessidade de lhes misturar aguardente, e de muitas mudanças de vasilhame, cuja repetição lhe faz perder muito o aroma, força e côr. Conservado deste modo o vinho, não tem o agricultor receio da acidulação, e por isso não é obrigado a vendel-o logo depois de fabricado, como aqui acontece muitas vezes, mas póde pelo contrario conserval-o quanto tempo quizer, esperando por preços convenientes, e reservar tambem uma porção para familias delicadas, como se pratica com o vinho de Collares, e servir aos doentes na convalescença, para lhes restituir as forças vitaes atenuadas durante a doença.

Effectivamente, a administração do hospital de Milão possue uma grande adega subterranea para o unico intuito de conservar o vinho e distribuil-o aos doentes em convalescença por ordem dos medicos. Observei que no meu paiz não tendo o vinho aguardente (porque este processo é alli prohibido) o consumo em proporção com a população é muito maior do que aqui. Parece-me pois que se em Portugal se viesse a reconhecer a utilidade de um tal systema de conservação de vinhos, tanto em relação á saude, como ao interesse particular, acresceria a necessidade de se deverem augmentar as vinhas e o consumo, tornando o commercio deste artigo mais activo: sendo este mais um novo meio de conduzir a nação á maior prosperidade.

ABEGOARIA.

A arribana dos bois que se está fazendo, e que está quasi ultimada, contem 42 divisões, com uma casa para o guarda, e o cortador da palha, forno com grande caldeira para aquecer agua para mollificar e dissolver as partes sacharinas da palha de milho e trigo, misturadas com sal commum, que se subministram convenientemente ao gado, juntando-lhes betarabas etc.

Deste modo approveita-se toda, ou para melhor dizer, quasi toda a cana da palha de milho, que fórma duas terças partes desta forragem, e que antigamente se abandonava. O resultado é que o gado nutre-se assim muito bem, adquire força, e engorda mesmo debaixo do trabalho, e obtem-se uma diminuição de despezas com o approveitamento daquella forragem.

O curral é arejado e claro, tendo 12 janellas grandes, canos para o esgotamento das ourinas, que vão para um reservatorio especial, e palheiro com uma grande abertura para entrada e saída das forragens.

Construiu-se exteriormente uma fonte para beber o gado; tem agua que vem do poço da nora, por meio de um cano de chumbo subterraneo. Em distancia do curral ha um reservatorio para recolher os estrumes. Este local tem capacidade para quasi 700 carradas e annexou-se-lhe um deposito que recebe agua encanada como acima, para os banhos de cal, e outras substancias que servem para elaborar e precipitar a fermentação dos estrumes artificiaes, que é objecto de muita importancia, e de utilidade essencial para a agricultura.

Este systema de preparar os estrumes ha já 16 annos que o adoptei, seguindo as instrucções de M. Juffre, e deu-me um optimo resultado, coroando sempre os meus desejos. Fui movido tambem pelas observações de M. Davry que se exprime a esse respeito assim. «O phenomeno da fermentação é indispensavel, para elaborar os principios nutritivos das especies vegetaes.»

O curral, no meu entender, é tudo para os trabalhos agricolas; e quem quizesse dar um justo juiso sobre o estado de prosperidade ou de miseria de uma propriedade agricola qualquer, observe o numero de animaes á manjedoura, e nada mais. Um sabio visitador destes estabelecimentos deixou escripta esta grande verdade.

«Não ha agricultura sem gado, nem boa agricultura sem muito gado.»

DEBULHA DE TRIGO E ARROZ.

A debulha do trigo e do arroz, que de costume se faz aqui em Calhariz, é como tambem na Italia se

executava, do seguinte modo: — chegam os molhos do campo á eira já promptos; os homens os descarregam, e ao mesmo tempo desatam o atilho e fazem passar o molho a outro homem, o qual os estende successivamente, de maneira que a espiga fique toda em linha, e exposta ao sol, collocando-os gradualmente um depois do outro, e quando acaba uma linha principia outra, passando o camponez por cima da primeira palha, e pondo as espigas dos outros molhos perto das primeiras, assim fazendo até que cubra toda a eira, de modo que se não vejam senão espigas. Feita esta operação, trabalham os trilhos atados aos carros, e puchados por cavallos, ou bois; quando se vê que ficaram quasi batidos, viram-se, fazendo saltar a palha, trocando a direcção ás espigas, por exemplo, se antes estavam voltadas para o norte, devem ficar viradas para o sul. Depois continua-se a debulha.

Com este systema obtem-se duas vantagens — 1.ª Que as espigas sentindo todas a acção do sol, com muita mais facilidade abandonam o trigo. — 2.ª Que com muita mais brevidade de tempo, tem o seu calcadouro feito, porque as espigas estando em immediato contacto com o chão sentem a impressão dos trilhos e do pizo dos pés dos bois, ou cavallos. E outra vantagem é que muito menos se estafa o gado, por não ser a palha muito alta.

ESTRADAS DE NOVO SYSTEMA.

Uma propriedade rural de nova plantação, exige absolutamente uma rede de estradas judiciosamente dirigidas, para abreviar o curso da communicação dos campos, devendo-se evitar quanto é possivel os rapidos declives e contra-declives, para menor cançaço do gado destinado a carregar, e descarregar os productos dos mesmos campos. Fez-se isto empregando um novo systema de construcção de caminhos, o qual em logar de absorver a despeza unicamente parcial da factura, torna-se lucrativo.

Effectivamente com uma só operação, e uma só despeza obtiveram-se quatro importantissimas vantagens do seguinte modo: — traçadas em primeiro logar as linhas para os caminhos, fizeram-se duas vallas lateraes, lançando a terra no meio, e formando com esta o abaúlamento que constitue a estrada com os seus desaguadoiros aos lados. Encheram-se depois as duas vallas lateraes com terra do solo, mattos, e arbustos, tirados da comprida zona de terreno contiguo, usando de enxada, auxiliada por uma charrua primitiva, servindo assim de alimento ás plantações já feitas de amoreiras.

Com este processo alcança-se uma segunda vantagem que resulta de poupar-se nessas plantações consideravel quantidade de estrume, que alias havia de empregar se com desembolso de não pequena despeza. Reforça-se em seguida a plantação, e a porção de terreno que foi privado de terra, por meio da cultivação que logo se dá ao campo com duas lavoiras e competentes adubos. Desta simples operação, e por si mesma, se deduzem as quatro consideraveis vantagens promettidas, visto que a plantação se devia fazer: porquanto abriram-se os fossos, e não se fecharam com a mesma terra, como se faz commummente. Usando pois dos systemas acima expostos vem-se a obter:

1.º Estradas direitas e curtas e campos regulares em suas direcções lateraes.

2.º Plantações de grande extensão e bem reguladas.

3.º Economia (como se disse) de adubos.

4.º Defeza dos campos, contra os damnos do gado.

Posso tambem accrescentar quinta vantagem, isto é, o bello e agradavel aspecto das propriedades, (notando-se bem que isto não causou despeza, porque é uma consequencia natural do systema adoptado) isto é, a certeza e conveniencia das linhas traçadas.

(Continúa.)

EMIGRAÇÃO.

Fazem-nos justiça os nossos bons irmãos do Brazil, os que não deixam de ser portuguezes em terra estranha, quando nos contam como alistado na cruzada, que a civilisação em Portugal deve propagar contra a emigração. Estamos de coração votados a essa cruzada, e a REVISTA a propaga ha muitos annos.

Hoje um brado mais forte do que todos achará écho em nossas paginas.

A *Nação* no seu numero de 15 do corrente reproduz um curioso mappa publicado pela *União*, no Rio de Janeiro, no qual se contém com a designação das procedencias a estatistica da emigração, isto é, da que se fez com passaporte, desde 1828 até 1851, e entrada pela barra do Rio de Janeiro.

Desta estatistica resulta que tal emigração foi em

1828	283
1829	309
1830	570
1831	376
1832	1
1833	19
1834	187
1835	1:737
1836	3:151
1837	3:085
1838	2:511
1839	1:050
1840	1:111
1841	1:376
1842	2:660
1843	3:541
1844	3:176
1845	3:038
1846	2:630
1847	3:721
1848	2:521
1849	3:764
1850	3:853
1851	5:816
Somma	50:486

Olhae para este quadro terrivel — vêde a progressão espantosa da emigração, e dizei-nos se ha brado mais forte contra as desgraças, e as miserias desta terra, do que essa cifra de 50 mil homens, tirados

em 24 annos ao trabalho nacional, e ao consumo dos seus productos.

Total cegueira será a que não vir como ao deficit permanente, e accumulado dos recursos da renda do Estado, se junta o deficit permanente accumulado dos braços que o trabalho pede para civilisar este pobre Portugal, pobre enjeitado da civilisação moderna, que dorme o somno da indolencia sobre o escudo glorioso, em que vai apagando os altos feitos de seus maiores. Dormi que morreis. Senão seguirmos as outras nações da Europa no caminho do governo dos interesses economicos, o futuro verá com espanto e pesar que o historiador só póde cravar nas cinzas o estandarte portuguez, symbolo da mais gloriosa independencia, e das mais corajosas e santas crenças.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 367.)

Pensa o Argos que os portuguezes que habitam o Brazil, com rarissimas e honrosas excepções são o refugio, as fezes, tudo quanto de mais impuro encerra a sociedade portugueza; e affirma que os antepassados dos brazileiros são os caboclos, os pretos africanos, e os labregos portuguezes, ou aquelle refugo, aquellas fezes. Bem podia o Argos temer que alguem lhe applicasse o texto sagrado — tal arvore, tal fructo — mas eu não quero retribuir com invectivas.

Escolha pois o Argos para si a ascendencia que lhe agradar. Essa ascendencia a mim he-me indifferente, até por não ignorar como elle que cada um póde ser o primeiro da sua familia, como Napoleão de si dizia.

O que sei é que não sou, nem a portuguez algum convém ser, dos seus exceptuados. Estes são sem duvida os que elle julga que defendem as doutrinas que propala, ou que pelo menos sympathisam com ellas; mas a esses denomina o Estandarte — cabilda infame, grupo isolado que insulta a população, que quer dominar a provincia, que ataca a segurança individual com o punhal, e o bacamarte etc. etc. — Ora eu não estou resolvido a ser cabilda, nem fezes.

Seria de grande conveniencia que os illustres campeões dos diversos partidos, de commum accordo, definissem o que neste paiz se deve entender por honra e virtude, traçando bem claramente aos portuguezes a posição em que se devem collocar, para que as rarissimas excepções do Argos não sejam a cabilda infame do Estandarte; nem os escolhidos deste o refugo, as fezes, a gente má daquelle. Em quanto isto se não fizer, elles não terão remedio senão continuar a ser a tabella por onde cada um busque triumphar nas lides eleitoraes.

O abbade de Sieyès dizia na assembléa constituinte — Quereis ser livres, e não sabeis ser justos: — meditem os escriptores politicos, que nos aggridem com accusações vagas e infundadas, nesta censura, e conhecerão que a verdadeira liberdade não póde subsistir sem que a boa moral lhe sirva de base. Mas, será boa moral azedar incessantemente, e sem motivo algum, as paixões populares contra estrangeiros, muitos dos quaes são parentes dos mesmos que os insultam, os maridos de suas irmãs, os paes de não poucos dos seus compatriotas? Será boa moral injuriar, e compromettere a segurança do estrangeiro que trabalha, e que em geral deixa no paiz e a brazileiros o producto do seu trabalho? Será boa moral accusar todos os portuguezes pelos crimes de alguns, como se os bons fossem solidarios do procedimento dos maus? Será digno do homem generoso atacar o estrangeiro só porque pertence a uma nação que não conta duzentos navios de guerra para defendel-o. Emfim será digno do homem generoso e de coragem desfeitear a cada instante o estrangeiro inerme e pacifico? Será; mas todo o homem honrado entende como Camões que

« É fraqueza entre ovelhas ser leão. »

Talvez nos clamem, como de outras vezes, que se não nos serve este tratamento nos retiremos. Mas similhante resposta, que optimamente quadra á Malagueta, á Voz do Baçanga, e outros eguaes papeluxos, não seria digna de cavalheiros que pretendem ser os grandes archotes da civilisação da sua terra, e regular-lhe os destinos. Um paiz quasi despovoado, que á custa de enormes sacrificios manda frequentemente vir colonos da Europa, sujeitando-se a perder as sommas nisso despendidas, como já lhe tem acontecido, não póde, sem perder o sizo, dizer a homens que nada lhe custam, e que para o thesouro pagam importantes contribuições; ide-vos embora, se não quereis que injustamente vos ultrajemos.

Mas, ainda prescindindo da necessidade de não diminuir a população e as riquezas, para não succeder ao Brazil, como no seculo XIV aconteceu a Portugal com a emigração dos judeus, a vossa politica mesmo aconselha-vos a que não expulseis os portuguezes. Se elles se retirassem, aonde irieis achar combustivel para accender os animos da plebe! Contra inglezes e francezes bem sabeis que não se falla com tanta liberdade: viriam ahi por nada visitar-vos algumas naus francezas e inglezas, como ainda ha pouco visitaram o Tibre e Porto Pireo.

Os individuos das outras nações, ao menos cá para o norte, são tão raros, que não dariam materia para meia duzia de columnas.

Quer o *Argos* que a quasi totalidade dos portuguezes emigrados para o Brazil pertença á classe mais pobre e ignorante, isto é, ao que chama o refugo, as fezes da nação; e com tudo a pobreza e a ignorancia nunca foram synonimos de refugo e de fezes.

Por fezes de uma nação entendo eu a sua parte mais depravada; aquella porção em cujo patrimonio commumente entra a ignorancia, mas ignorancia acompanhada dos mais asquerosos vicios e crimes. Homens ha que são fezes de uma nação, bem que não sejam ignorantes; mas a labregada, a parte mais util de cada povo, a que lavra e cava para os nobres, para os sabios, para os militares, e para outros comerem, bem que ignorante, não merece tão ignominioso epitheto.

Se o nascer para lavrar e cavar, isto é, para la-

brego, basta para ser fez da sociedade, as nações são especialmente compostas de fezes; e mais preciosas são estas do que a parte sã. Poder-se-ia viver sem nobres, sabios, gazeteiros, doutores etc. etc., mas não se vive sem agricultura, industria e commercio, e bem se sabe que aquellas classes não sulcam os campos, não fazem soar a bigorna, não cavam nas minas, nem marinham os navios. O Brazil não podia desconhecer esta verdade, e tanto a reconhece que se esforça por importar da Alemanha muitos labregos. Creio que o Argos acreditará que entre os colonos alemães não vem os homens ricos, sabios ou nobres. O que vem é gente boa e má, a mais estupida, assim como a mais pobre, quero dizer os labregos, ou a gente de que este paiz mais carece.

Se o imperio tivera bastantes destas fezes escusaria de as mandar buscar á custa de muito dinheiro; escusaria de comprar soldados em terra estranha; teria marinhagem para a sua marinha de guerra e mercante, e ha muito que teria acabado com a servidão. Eu sei que o interior do Brazil possue alguns braços que podiam trabalhar, mas de que serve isso se elles aborrecem o trabalho, ou delle não carecem para viver?

Rapazes nascidos longe dos principaes focos da corrupção, as cidades, creados ao pé da rabiça do arado, da enxada; precisando de trabalhar para ganhar o pão quotidiano desde que souberam andar; rapazes que não tiveram tempo nem meios de se desmoralisar, geralmente fallando são os que Portugal, apezar seu, exporta para o Brazil, e os que este mais devera apreciar. Costumados desde o nascer ás privações, desconhecendo todas as superfluidades, apenas começàm a adquirir, tambem começam a economisar. Os fructos do seu trabalho, e economia cedo principiam a luzir na caza que compram ou edificam. D'ahi a terem descendencia legitima, ou illegitima, que lhes herde os bens, não vae muito, e assim quasi todo o suor destes homens despende-se a favor dos brazileiros. Se achaes que minto, interrogai o passado e o presente.

Não destroe o que acabo de escrever a volta ao seu paiz natal de alguns adoptivos, ou portuguezes ricos com seus cabedaes. Esses homens, salvas pouquissimas excepções, retiram-se porque os obrigam. Chegados ao Brazil na adolescencia, ou antes della; tendo adquirido nelle tudo o que possuem, assim como affeições e habitos, pela maior parte não conhecendo ninguem na terra em que nasceram, se esses homens se mudam não é por seu gosto. Como porém não são insensiveis aos insultos, e temem que a populaça exaltada pelos partidos realise as suas ameaças, o que como se sabe não é caso virgem, tratam de ir gosar as suas riquezas aonde ninguem os moleste. Reparae bem que é sempre nas proximidades das grandes crises, e durante ellas, que estas emigrações se tornam mais numerosas. São, pois, as revoltas, e os excessos inherentes a ellas, quem deste paiz tem afugentado capitaes, que de outro modo se teriam empregado nessas emprezas que ao corpo social dão vida e alento. É notorio que em toda a parte os capitalistas são mui medrosos, e que apenas lá no horisonte politico assoma algum indicio de tormenta, fecham os cofres e fogem. Cumpre com tudo lembrar que os portuguezes ricos, que abandonam o Brazil para sempre, são apenas excepções; em quanto os outros estrangeiros, apesar de mais respeitados, só por excepção ficam nelle. Olhae para o Maranhão.

É pois com a maior injustiça que o *Argos* declama contra os portuguezes, e a todos chama refugo e fezes. Esses portuguezes em geral sahiram das classes mais ignorantes e pobres da nação, mas não das mais desmoralisadas e corrompidas, Quando a virtude se vê corrida e açoitada pelos vicios das grandes povoações, refugia-se nos campos; é no casebre do pobre, aonde quem a buscar mais facilmente a encontrará do que na casa do nobre e do rico. Com isto não quero dizer que não haja muita gente rica e nobre honradissima, nem que nos campos tudo seja probidade.

Perguntae aos americanos inglezes se chamam refugo e fezes a esses milhares de miseraveis que da Irlanda e de toda a Europa annualmente vão buscar asylo e trabalho nos Estados-Unidos? Responder-vos-hão que de boamente receberão quantas fezes dessa qualidade quizerem ir fertilisar o seu solo, e fallar-vos-hão a verdade: porque essas fezes fazem-lho medrar espantosamente, e a ponto de talvez um dia ameaçar a independencia dos outros estados americanos que não sabem adquiril-as e conserval-as.

Talvez digaes que os que emigram para os Estados-Unidos se entregam á vida agricola, arroteiam os campos, e dão á agricultura grande incremento. em quanto os portuguezes no Brazil sómente se dedicam ao commercio; mas neste caso tambem deveis dizer as causas da differença. O europeu que vai viver nos Estados-Unidos dá-se ao commercio, ou á cultura da terra, conforme as vantagens que um ou outro meio de vida lhe offerece. Se nasceu em paiz frio acha-se em outro paiz frio aonde encontra braços livres que o ajudem a revolver a terra sem nisso despender grande cabedal. Além disto trabalha com segurança, ou sem ver a cada instante ameaçada a sua vida, e a sua propriedade. Em fim ninguem o insulta, e todos o protegem. Mas, porventura, é esta a posição do trabalhador portuguez quando aqui aporta? Certamente não. Esse trabalhador logo sabe que extremamente convém á sua segurança não se afastar do littoral, ou dos grandes rios; e eis ahi já uma causa de grande peso para preferir o commercio a toda outra profissão. Supponha-se, porém, que elle encara com resignação e ousadia os perigos do sertão, com que meios ahi levantará um estabelecimento de lavoira? Para isso é mister possuir terras e braços, mas elle não tem meios para comprar nem uma nem outra coisa. Forçoso lhe é consequentemente seguir a profissão mais apropriada ás suas circumstancias, e ei-lo no commercio aonde para principiar lhe basta fazer-se caixeiro. Todos os brazileiros sabem quão custosa é na sua terra a vida agricola, e as grandes sommas que exige qualquer fazendinha. O homem que para roçar, semear, e colher não contar senão com os seus braços, talvez arranjará farinha e arroz para todos os dias, mas nunca dahi passará; comtudo, todo o estrangeiro aspira a mais do que isso. Em summa, elle sempre no Brazil preferirá a vida commercial á do lavrador em quanto aquella lhe offerecer menos obstaculos e riscos, além de mais vantagens. Removei esses obstaculos, esses riscos, essas desvantagens, e a agricultura prosperará.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XX.

SUA ALTEZA O INFANTE D. FRANCISCO!

D. Pedro, depois de entrar na salla do docel, e de dizer em alta voz ao conde de Villar Maior, Fernão Telles da Silva, o que ouvimos no capitulo antecedente, voltou á casa do « Estrado » aonde o ficaram esperando o principe real, o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, e Diogo de Mendonça, o qual, simples secretario das mercês, não tinha entrada no conselho de estado; apresentando-se, porém, apenas viu que acabara. S. magestade foi direito á sua poltrona, deu algumas ordens ao camarista de semana, e lançando a s. alteza real um olhar perscrutador, enterrou-se com certa complacencia na sua cadeira, e dando a mão a beijar ao filho disse com auctoridade:

— « Pódes recolher-te; mas fica certo, João. O dito, dito! »

— « Deus melhore a preciosa saude de v. magestade! » — respondeu s. alteza com um sorriso, que era mais do que uma repulsa, porque chegava a ser um desafio.

Apenas saíu o principe, el-rei virando-se para o duque de Cadaval, com agrado, exclamou:

— « Duque; os rapazes de agora são peiores que os do nosso tempo! Tem sido uma campanha para obrigar João a ter juiso. Veja se o duque D. Jaime nos ajuda. Meu filho ouve-o. »

— « Faz-lhe essa honra, meu senhor... mas v. magestade permitte? S. alteza é muito parecido á sua augusta avó, a sr.ª D. Luiza de Gusmão, se ouve a todos, não se guia senão por si. »

— « Bem sei. João é teimoso, e isso é o meu desgosto. Aonde está o infante? »

— « Haverá minutos vi a s. alteza conversando na salla do docel com o padre confessor e o conde de S. João. »

— « Ah! Diga-me, duque: ha algum segredo para achar dinheiro? Diogo de Mendonça, que nos corre com o armamento da guerra, sustenta que navios e soldados temos nós, agora com que os armar!... »

— É a difficuldade? » — acudiu o duque sorrindo-se. « No tempo d'el-rei D. João IV, de saudosa memoria, não se esteve melhor, e chegou a rainha D. Luiza, minha senhora, a empenhar todas as joias... »

— « Mas as decimas, duque. Deus me perdoe, mas suspeito que as decimas são comidas no caminho. Vejo os contadores muito gordos, e tudo quanto é meu tão magro que faz dó. »

Diogo de Mendonça riu-se com a metade do rosto que olhava para o duque, e fez uma contorsão lacrimosa com a outra, que estava exposta ao regio exame. O duque tomava liberdades de velho, e tinha um genio forte. Por isso apanhou a luva no ar e respondeu logo.

— « Quer v. magestade que eu explique, porque a decima rende pouco e o reino emmagrece quando os cobradores engordam? »

— « Diga! »

— « Saberá el-rei que isto não é meu; é de um homem que está no real desagrado, mas que não deixa de ser de conselho, muito sabio, e bom portuguez? »

— « Quem? »

— « Luiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor, e secretario da puridade que foi do sr. D. Affonso.

— « Ah!... » — clamou el-rei, dando um pulo na cadeira como se o mordesse uma vibora, e conglobando na sua interjeição o odio e as luctas de muitos annos.

— « Posso continuar? » — perguntou o duque, affrontando com dignidade a repentina alteração, que apparecia no semblante de Pedro II.

— « Continue! »

— « Luiz de Vasconcellos, que nos governou com sabedoria, e que eu me não consolarei de ter ajudado a derribar — perdoe v. magestade, é o que sinto! — já estava no conselho de estado quando s. magestade a rainha mãe se queixou um dia do mesmo que el-rei acabava de dizer. O conde tem um modo de sorrir que é só delle; do seu modo de fallar e conversar só observarei que os proprios inimigos gostam. »

— « O duque por exemplo? » — interrompeu D. Pedro com ironia.

— « É verdade! Não torna cá tão cedo ministro como elle: os seus successores é que o fizeram bom... Nem vejo capaz de o supprir senão este, e havia de ser menos paceiro e mais aberto. »

Diogo de Mendonça, para quem era o sobscripto, fez uma cortezia muito séria ao duque e el-rei desatou a rir.

— « Vamos ás decimas, duque! — exclamou

o monarcha. — « Olhe, estamos a muitas legoas dellas... »

— « Já vou, senhor! Desculpe v. magestade; são achaques da idade. Os velhos tem estas impertinencias, e no capitulo das historias do seu tempo ainda mais... Como disse, a rainha mãe queixou-se e Luiz de Vasconcellos sorriu-se. Ora s. magestade, hespanhola e muito viva, como el-rei sabe, não gostou, e levou o caso a mal. O Castello Melhor era ainda rapaz, e ninguem lhe fazia a experiencia que ao depois mostrou: era natural que a rainha se enganasse com elle. Para o confundir s. magestade exclamou:

— « Ri-se, conde? Melhor seria que nos dissesse o modo de acudirmos a tamanho erro. »

— « Se v. magestade ordena! » — respondeu elle muito sereno. »

— « Diga! »

— « V. magestade permitte-me um apologo? »

— « O que quizer! »

— « Luiz de Vasconcellos tirou de cima do bofete o areeiros e vasou a areia nas mãos. — « Aqui está — disse elle — isto é o que o reino paga! » Fez correr depois a areia de mão para mão: quando chegou ás da rainha vinha na terça parte. » — E aqui está o que v. magestade recebe! » — concluiu por fim.

— « Explique-se! » — observou a sr.ª D. Luiza meia suspensa.

— « É facil, minha senhora! A areia foi-se pegando ás mãos; e como passou por muitas, não se admire v. magestade se a maior parte ficou pelo caminho. O mesmo succede ás decimas; a prata e o oiro ainda se pegam mais, e por isso resta apenas o que v. magestade vê! São tantos a contar e tantos a arrecadar que ainda é milagre o dinheiro que nos deixam! »

A rainha ficou pensativa; e desde esse dia attendeu mais o Castello Melhor, apesar de pouco engraçar com elle. Eu digo hoje a el-rei o mesmo; e acrescento de minha casa: — appliquemos a fabula, senhor! e ver-se-ha que ella é boa, e a moralidade certa. »

— « A resposta foi engenhosa. Mas não me disseram que o conde estava cego? » — observou el-rei.

— « Ainda não. Vê bastante para servir el-rei até no conselho de estado, se o chamarem... »

— « Bem!.. Appareça mais vezes, duque. Faz sempre muito boa companhia. Então?.. »

— « Bejo a mão a v. magestade e tomo as suas ordens. »

— « O duque tem graça e discrição! — reflectiu el-rei assim que o velho fidalgo se ausentou — demais gosto da sua franqueza... Diogo de Mendonça, tu que foste poeta, e desconfio que ainda o sejas ás escondidas, a que o comparavas? »

— « A um mealheiro antigo aberto no fim de muitos seculos. »

— « A rasão? »

— « Porque tem moedas raras, oiro fino, mas infelizmente com ellas ninguem póde acertar as contas... Não parece o mesmo a v. magestade? »

— « Achas então, que não corria? »

— « Os cunhos são antigos de mais, senhor! »

— « E apesar disso tem juiso, e é de bom conselho... Que despropositadas gargalhadas são aquellas? »

— « É s. alteza serenissima com o padre confessor e o conde de S. João » — respondeu o secretario das mercês, que fôra á porta e voltava encolhendo os hombros.

— « Porque ri tão alto s. alteza? »

— « Ignoro, mas é facil saber-se. O sr. infante tem a falla tão forte, que prestando attenção, v. magestade ouve. »

— « Os cabreiros — dizia o infante — estavam no chão á roda; a fogueira a arder: e a malga cheia de assorda no meio. Rabeando com fome, cheguei-me, e os villões julgam que se levantaram? Pedi-lhes agasalho e por muito favor disseram: — assente-se e coma do que houver. — Mas não ha culher? — cortaram logo um canto de broa, vasou-se por dentro á ponta da navalha, e deram-m'o, espetado em um caniço, berrando: — não se esqueça de a roer depois! — Riram-se da graça; e eu de rastos pelo chão fui obrigado a tirar da gamella atraz do maioral, nem mais nem menos do que se fosse um mendigo, ou um guardador de porcos. »

— « Coitada da pobre gente — acudiu o confessor — se elles soubessem que era v. alteza!.... Assim mesmo deram o que tinham... »

— « Espere! Mas olhe que os ensinei. Acabada a ceia appareceu o meu veador e os creados do monte; viram-me, e nomearam-me. Então é que, sabendo que era o infante, os cabreiros se pozeram de joelhos e mãos postas... a boas horas! »

— « E v. alteza, mandou-lhes signaes da sua grandeza? » — interrompeu o conde de S. João.

— « Oh! pois não! virei-me para elles muito risonho, e disse-lhes: meus amigos foi o ajuste comer cada um a sua culher. Eu vou roer a mi-

nha, hão de roer as suas... Ora as culheres delles, eram... não advinham!..» — gritou o infante rindo como um perdido.

— «De pão?» — disseram o jesuita e o conde.

— «De chiffre!» — concluiu s. alteza com estrondosas risadas.

— «E elles?» — perguntaram os dois.

— «Roeram-nas! E se o veador não pedisse, ainda em cima mandava-os para a cadêa.»

O confessor e o conde olharam um para o outro. Esta graça do infante esfriou muito o zelo de ambos pelo seu serviço.

— «Ah, Diogo de Mendonça — dizia el-rei, ao mesmo tempo, corando muito — haverá castigo igual ao que Deus me deu com este filho? Informa-te amanhã, e manda recompensar essa pobre gente...»

— «Perdoe v. alteza! — disse o confessor, apenas o riso do infante lhe permittiu fallar — El-rei D. João IV, seu avô, uma vez andando á caça perdeu-se tambem e foi dar a um rancho, que repartiu com elle da sua pobreza. Sómente no fim, é que se deu a conhecer pelas provas da real munificencia; e rogam-se mil bens ainda a s. magestade pela esmola que deixou. Pareceme que este exemplo...»

— «Padre confessor, sabe que me disseram hontem uma cousa a seu respeito?» — interrompeu o infante dando piparotes nas orelhas, e pondo-as côr de cereja.

— «O que é meu senhor?» — perguntou innocentemente o religioso.

— «Que v. reverendissima era de Braga, e devia andar de braga ao pé.»

— «Sr. infante!» — clamou o padre.

— «Ainda mais, espere! — proseguiu s. alteza, piscando os olhos ao conde de S. João. — Disseram-me, que duas raparigas como duas estrellas...»

— «São sobrinhas!» — gritou s. reverendissima.

— «Deus o sabe!» — respondeu o serenissimo algoz, fazendo tregeitos acompanhados de risadas, que valiam por um libello famoso.

— «O que a v. alteza vale!..» — disse o jesuita convulso e côr de betarraba.

— «Não se arrenegue, padre mestre. Sei muita coisa ainda!.. E por signal as dotou em vinte mil cruzados cada uma, do dinheiro que os inglezes lhe deram para enganar meu pae.»

O confessor passou de repente de rubro a côr de cré, e foi-lhe preciso segurar-se á janella para não cahir redondamente. Afflicto e vexado, o conde de S. João amparava o religioso, que sentia chiar os miolos na cabeça como elle depois disse. Uma apoplexia pairava sobre a rotunda personagem: o conde, indignado, entendeu que por honra sua devia interpor-se e acabar com esta scena.

— «Repare, v. alteza! s. reverendissima é confessor de el-rei e não é de suppor que s. magestade leve a bem graças tão pesadas...»

O infante disparou na cara do fidalgo a gargalhada mais insolente; e recorrendo ao ordinario estrebilho principiou a beliscar as costas da mão, dizendo alto; — «Joanico, Joanico quem te deu tamanho bico?»

Em um momento fez-se de mil cores o conde. Violento e cholerico mordeu os beiços com tanta raiva, que espirrou o sangue delles. Ao mesmo tempo, medindo o principe de alto a baixo, dizia-lhe em voz presa de furor:

— «Agradeça v. alteza a Deus a minha paciencia! Se não fosse quem é e eu respeitasse menos el-rei...»

— «Matava-me o *José das bottas!*» — gritou o sr. D. Francisco, fazendo tourinha do velho militar, e contrafazendo-lhe os gestos em ridiculas momices.

A allusão resumia para o conde todas as injurias. Na campanha de 1704, sendo general accusaram-no de não saber aproveitar a occasião, perdendo-se por sua culpa Alcantara e Badajoz, que nos podiam cahir na mão. Em um pasquim affixado na sua barraca, escrevera um difamador que a causa da inacção foram as botas de sete leguas do illustre general.

Effectivamente sua senhoria era achacado de gota e as enormes botas pareciam duas torres.

O primeiro movimento, vendo-se maltractado, foi deitar-se a perder, lythographando a cabeça do insolente no tacão das botas alludidas; o segundo, mais prudente, reduziu-se a intrincheirar-se na dignidade do homem calumniado:

— «V. alteza decora bem os pasquins dos meus inimigos! — disse com amargura. — Veremos se é do agrado de el-rei que os creados da sua casa estejam expostos a ouvir coisas, que fóra do paço e em outra bocca teriam exemplar castigo. Conte v. alteza que hei de informar a s. magestade.»

— «Olhe, conde, e não se esqueça: diga-lhe mais que já raspou da cara a bofetada do almirante de Castella. Parece que ainda a tem inchada.»

O fidalgo soltou um rugido, e tirou meia es-

pada. Esta segunda affronta era peior; e alludia á voz de traidor que o almirante lhe dera em Estremoz, e á correcção instantanea applicada pelo conde á face do castelhano, donde resultou a este cahir immediatamente com uma apoplexia, de que expirou horas depois. O infante transtornava; mas assim mesmo o punhal entrou até ás guardas.

— « Não me tente v. alteza! » — gritou elle.

— « Conde de S. João — disse el-rei, apparecendo de repente com semblante severo — condusa s. alteza serenissima, debaixo de prisão, á Corte Real. O conde responde-me por elle até segunda ordem. Infante D. Francisco, peça perdão ao padre confessor e ao conde de S. João do seu atrevimento. . . »

— « Não quero pedir perdão. . . » — gritou o infante em altos gritos.

— « Hades pedir, que mando eu, e agora de joelhos. . . — exclamou el-rei, pondo-lhe as mãos nos hombros com tanta força, que o fez cahir de bruços. — Falla, ou pelo sangue de Jesus Christo esqueço-me de quem sou! O conde acompanha-te. Toma sentido! Se te escapar a menor palavra ou a menor acção de offensa, hoje mesmo vaes dormir á Torre. Sou eu que t'o prometto. Sahe! . . »

El-rei, muito pallido, recolheu-se depois; e o infante, rasgando o lenço entre os dentes, partiu a correr adiante do conde de S. João, que a custo o poude seguir de longe,

D. Pedro virou-se com um grande suspiro para o seu confessor e para o secretario das mercês, exclamando com a eloquencia da tristeza, mais nos olhos e no rosto do que nas palavras:

— « Estes filhos! . . »

Os dois sinceramente commovidos inclinaram-se com respeito diante da dor do pai, e da confusão do rei.

D. Pedro calou-se; o seu coração já não podia com as ancias. Tambem os conselheiros não diziam nada; porque, um silencio assim não ousa ninguem rompel-o senão para reanimar a esperança, e alli não era possivel introduzil-a. Passados alguns minutos, D. Pedro levantou lentamente as palpebras, que tinha baixas, para esconder talvez as lagrimas, e pondo os olhos no crucifixo, exclamou com as mãos erguidas e grande paixão no gesto:

— « Acceitai esta coroa de espinhos, senhor; e possa ella resgatar-me perante a vossa justiça! »

— « Amen! » — respondeu o padre confessor. S. reverendissima ia espairecendo á medida que a real consciencia escurecia. Medico da alma, sabia que esta precisava delle para adormecer, como as vigilias do opio para socegarem. O seu predominio nunca estava tão seguro, como nas horas de deliquio, em que o espirito do principe, quebrantado e timorato, vinha abraçar-se á cruz do Salvador, pedindo-lhe paz e esquecimento. Nestas occasiões, o padre Sebastião, abrindo com as promessas divinas as portas do céu, tinha a certeza de obter da fraqueza do penitente quantas concessões desejasse extorquir-lhe.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIII.

A TROVOADA.

(Continuado de pag. 371.)

El-rei seguiu a bruxa, que continuava na sua andadura incerta, saltitante, convulsiva, a aproximar-se de Salvaterra. Quando chegaram a um logar onde os não allumiava já o clarão da fogueira dos ciganos, Zaida parou outra vez, apagou o facho que levava na agua da chuva empoçada no chão, e, dizendo a Affonso VI que se apeasse e a seguisse em silencio, prescripções a que elle se sujeitou sem contestar, aproximou-se vagarosamente de uma casa terrea de que mal se percebia o contorno irregular no fundo tenebroso do ceu.

Pegando da mão de El-rei, e recommendando-lhe com breve e imperioso tom que escutasse, Zaida chegou-se a uma porta, cujas fendas estreitas não deixavam perceber nada do que se passava no interior da casa. Então Sua Magestade ouviu uma voz de mulher, que dizia com suavissima ternura:

— Se me visse apartada de ti, para não mais te vêr, morria de saudades; ou matava-me para não padecer com ellas:

E confrangeu-se-lhe o corpo todo, como se houvessem despedido sobre elle uma forte descarga electrica. A voz que dizia aquellas meigas palavras era a voz da Calcanhares.

— Quero. . . — bradou El-rei soffocado.

A voz callou-se, mal El-rei soltou este brado.

— Calle-se — murmurou a bruxa pondo-lhe a mão na bocca. — Olhe V. M., e veja — proseguiu ella, affastando com esforço uma das ta-

boas da porta que, mal segura, deu algum tanto de si.

Affonso VI olhou pela fenda que se abrira, e viu no meio da casa, de pé, n'uma posição em que se deixava perceber a anciedade, o susto, o pavor; com os braços enlaçados, as cabeças pallidas reclinadas uma para a outra, Francisco d'Albuquerque e a formosa Margarida. El-rei ia para gritar, mas a voz affogou-se-lhe na garganta, ia para arrombar a porta mas faltaram-lhe as forças para se mover. Este instante de immobilidade e silencio foi bastante para desaparecer como por encanto aquella visão, graciosa para um pintor que a admirasse com olhos de artista, horrivel para El-rei, que a via com olhos de cioso. A casa ficou em profundas trevas, e El-rei nada mais ouviu senão a voz de Zaida, que lhe segredava ao ouvido:

— Não ouve o galope surdo de um cavallo na terra molhada? São elles que fogem.

Tornou então a si o raivoso monarca; e pozse a bradar, e a bater, como um possesso, com o punho da espada na porta da arruinada casa.

Acodiram então logo alli alguns dos criados do paço que andavam pelo campo em busca de El-rei; mas antes delles, appareceu o conde de Castello-Melhor a pé, e com a espada núa na mão.

— Que quer V. M.; que tem, meu real senhor? — perguntou o valido, ao chegar proximo do rei. — Todos estavamos assustados, afflictos por esta ausencia...

— Persegue-os. Vê se ainda os pódes agarrar — clamou D. Affonso.

— A quem, a quem manda V. M. que eu persiga?

— A elles. Estavam aqui nesta casa; Margarida e...

— E quem, meu senhor?

— E o Albuquerque, o criado do infante.

— Esse morreu. Não sabe V. M. que o mataram; e que me accusam a mim, accusação injusta como tantas outras, de o ter mandado matar.

— Então... — accudiu El-rei com pasmo.

— Foi uma illusão que V. M. teve. Desta casa não saiu ninguem, posso affirmal-o a V. M. Eu venho de Salvaterra e não vi ninguem.

Ordenando então a alguns dos criados do paço, que tinham accudido com archotes acesos, que cercassem a casa, e a outros que lhe arrombassem as portas, o conde mostrou a El-rei que ella estava inteiramente inhabitada.

— Foi esta bruxa maldita que enganou a V. M. — disse o valido, depois de ter explorado com D. Affonso todos os cantos da arruinada casa.

— Foi? Seria talvez... — murmurou El-rei perplexo.

— Estas bruxas para tudo tem artes; até para invocarem a sombra dos mortos, como esta fez agora. Mas ella dará na santa inquisição conta dos seus crimes, e do pacto que tem com o demonio.

— Pois sim, conde: manda essa bruxa para a inquisição. E agora vamos a casa de Margarida, que a quero vêr, quero-lhe fallar.

— V. M. esquece-se de que a rainha minha senhora está esperando anciosa... — accudiu o conde.

— Quero que se faça a minha vontade — interrompeu El-rei com cólera.

Pondo então, sem mais dizer palavra, o joelho em terra para El-rei montar, e saltando depois n'um cavallo que alli tinha á mão um dos criados do paço, que accudira aos gritos de Sua Magestade, o conde partiu para Salvaterra com seu amo; ordenando aos da patrulha real, que estavam misturados com os outros creados, que conduzissem a velha Zaida ao carcere do palacio.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Archeologia christã. — Participam de Roma que o papa tinha creado uma commissão permanente, encarregada de reunir e conservar as antiguidades christãs existentes ou que se descobrirem. Compoem-se dos seguintes membros: presidente nato, o cardeal vigario; deputados, monsenhor Tippani, professor na universidade de Roma, monsenhor Masin, director da bibliotheca do Vaticano, o sr. Minardi, pintor, o padre Marchi, um dos mais illustres archeologos de Italia; secretario, o cavalheiro de Rossi.

A commissão resolveu em primeiro logar extrahir cópias das mais notaveis pinturas a fresco que ha nas catacumbas de Roma, que estão ameaçadas do estrago da humidade; e imprimir um periodico semanal em que dê conta circumstanciada dos trabalhos da commissão, pondo o publico ao corrente de tudo o que tiver relação com a archeologia christã.

Propoz mais a commissão ao soberano pontifice estabelecer-se em Roma um museu de antiguidades

christãs; e franquear-se ao publico em todos os domingos por espaço de duas horas a entrada nas celebres catacumbas de S. Calixto e St.ª Ignacia, onde ninguem era admittido sem permissão do governo. Sua santidade approvou ambas as propostas.

Novas canonisações. — O *Catholico* de Madrid descreve minuciosamente a ceremonia celebrada em 16 de fevereiro ultimo, em que Sua Santidade procedeu na solemne fórma costumada ás declarações preliminares para a beatificação e canonisação de João de Brito, portuguez de nação, sacerdote professo na Companhia de Jesus, e de Juan Grande, hespanhol, religioso professo na ordem de S. João de Deus.

Fundos inglezes. — No principio do anno de 1851 os consolidados estavam cotados a 96½ sem o dividendo de janeiro, o que fazia um preço equivalente a 98, e deste foram proseguindo, com poucas e pouco importantes fluctuações, até o de 99⅜, preço mais alto a que chegaram, e que mantinham em 2 de dezembro ultimo, com o dividendo a vencer proximamente em janeiro: o preço mais baixo que tiverem no decurso do anno foi 95⅞.

Os preços dos mesmos consolidados no fim de dezembro de cada um dos ultimos cinco annos foram:

Em 1848	85½
» 1849	89
» 1850	96¼
» 1851	96¼
» 1852	97¼

Continuava abundancia de dinheiro no mercado. A reducção do premio de desconto de 3 a 2½ por cento, feita pelo banco de Inglaterra no principio de janeiro do corrente, influiu para fazer descer os premios fóra daquelle estabelecimento. Comtudo notava-se grande repugnancia em dar dinheiro a longos prazos, tanto da parte dos banqueiros como de todos os capitalistas.

Noticias theatraes. — Consta que o afamado escriptor dramatico, M. Eugéne Scribe, actualmente residente em Niza na Italia, escreve um *libretto* para o celebre *maestro* Verdi. Provavelmente este compositor quererá provar fortuna, como Rossini, Donizetti, e outros esclarecidos predecessores seus, no theatro da *Grande Opera* franceza.

As folhas de Londres annunciam o enlace matrimonial da cantora Jenny Lind com o pianista, Otto-Godsmicth, verificado no principio deste anno em Boston. Parece que por tal motivo o rouxinol do Norte se despedirá dos concertos que tão caros tem custado aos americanos.

No theatro *Carcano* de Milão executou-se *il Corsaro*, nova producção de Verdi, que obteve um verdadeiro triumpho. Esta opera foi julgada pelos entendedores como uma das melhores composições recentes, pois tem cinco ou seis peças de grande effeito, e uma instrumentação digna do celebre auctor de *Nabuco*.

No theatro real da Opera em Madrid tem sido muito applaudida a *Cenerentola*, seguir-se-ia a bem conhecida peça *Os Puritanos*, e devia ensaiar-se *Roberto do Diabo*.

No theatro italiano em Paris continuavam com feliz successo *Hernani* e *Fidelio*.

Contas de Washington. — Os anglo-americanos intitularam, *Monumento do patriotismo de Washington*, um livro cujo verdadeiro assumpto está expresso no segundo titulo: — « Contas de Washington com os Estados-Unidos desde junho de 1775 até o fim de junho de 1783, comprehendendo o espaço de oito annos. »

Estas contas são a reproducção autographa do memorial escripto pela propria mão de Washisgton, e por elle appresentado ao congresso no fim da guerra; escripturação mui regular por partidas dobradas, conforme os seus apontamentos e os de seus secretarios, de toda a receita e despeza, incluindo as menores miudezas, que fariam rir desdenhosamente certos denominados estadistas, mas que inspiram respeito a quem, tendo admirado a coragem e perseverança de Washington, folgam do contemplar a probidade deste homem illustre entre os demais titulos de sua gloria.

O congresso em 1775, tendo collocado á frente do exercito o general Washington, mandou abonar-lhe 500 dollars ou pesos duros mensalmente. Parece não ter Washington convertido em proveito seu esta addicção, nem ter feito distincção entre os seus vencimentos e as despezas geraes; escriptura tudo o que recebeu e dá conta de tudo o que recebeu e dá conta de tudo o que pagou, menos algumas quantias, cujo emprego, diz elle, eram tanto para seu uso particular que julgou não dever registal-as naquelle documento official.

Os Estados-Unidos fizeram desta simples exposição, reproduzida em *fac-simile*, um monumento nacional, e juntaram-lhe os documentos mais interessantes que tem relação com o commando militar e a administração civil do seu heroe, do seu estadista, brilhante carreira publica, que abrange oito annos de campanhas e oito annos de administração, nas duas eleições successivas, de 4 de maio de 1789 a 4 de maio de 1793, é desta ultima época até 4 de maio de 1797.

THEATRO DE D. FERNANDO.

(Companhia franceza.)

A 1.ª representação da companhia franceza chegada hoje a Lisboa terá logar no proximo sabbado 20 do corrente e o espectaculo se annunciará por cartazes, jornaes e programmas. Estamos informados que a companhia nas suas partes essenciaes é a mesma que representou em Madrid. Previnem-se os srs. assignantes que a importancia das assignaturas será recebida em duas prestações, devendo a 1.ª verificar-se desde a publicação deste annuncio até ao proximo dia 20, ao meio dia; e a segunda depois das 1.as 25 representações: havendo falta a empreza poderá dispôr do camarote.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 33. QUINTA FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 376.)

TRACTAMENTO DAS VIDEIRAS.

A experiencia, que tenho colhido na applicação de certas regras, convenceu-me de tractar as videiras novas do modo que vou explicar, a menos que circumstancias particulares e locaes obriguem a pratica diversa.

No primeiro anno, depois de uma boa plantação, costumo cortal-as e deixar-lhe uma só gema ou olho. Os felizes resultados que disto tirei animaram-me a continuar o ensaio, e sempre obtive bons effeitos.

No segundo anno, por occasião do novo rebentão, deixo só dois olhos, ou rebentos, e faço o córte algum tanto em cima para que o humor lymphatico não venha a fazer-lhe mal; e se houverem mais olhos deverão ser cortados, e deixar só dois que devem formar os braços para o anno futuro.

Neste segundo anno vejo a que uso devo adaptar a vide para a saber regular, se em festões, grinaldas, parreiras, ou em vinha rasteira como aqui se usa; e segundo o caso assim corto a planta. Se adoptei o ultimo systema, então deixo chegar os dois braços a ponto que se enramem, ficando rasteiros, mas que se dilatem. Praticando assim, tenho no terceiro anno dois braços muito bons em cada uma vide. Tambem se podem alcançar logo no segundo anno de plantação. Estendidos pois estes braços, vejo-os com satisfação carregados de cachos na estação propria.

No terceiro anno, corto uma vara deixando a outra livre para a vegetação, e a cortada deverá ficar com dois olhos, dos quaes devem sahir os dois braços ou varas para o quarto anno futuro, em quanto que os outros produzem fructo.

No quarto anno principio uma poda diligente e cuidadosa, porque neste anno a nova vide sahe da primeira educação, para assim dizer, e entra no regimen da poda, como todas as mais arvores fructiferas.

Deixar a vide sem tractamento até ao terceiro anno como muitos praticam é um mal assás grave, e contra todas as regras e prescripções dos melhores agricultores. Por deixarem a vide ramificar-se, e cortal-a depois no terceiro anno de plantação, acontecem os seguintes damnos.

1.º O largo golpe que se lhe faz na primeira operação é já por si mesmo um grande mal, por que a tenra planta não póde cubrir a grande ferida, e deixando-a exposta á acção da atmosphera, introduz-se-lhe o ar, e gera o chamado carbunculo, doença que em pouco tempo reduz a planta á ultima extremidade.

2.º Porque os braços velhos não tendo olhos como os novos, retarda-se muito o desenvolvimento da vide.

Por estas duas causas durante a curta existencia da vide fica sempre soffrendo, e não adquire aquella côr avermelhada como deve ter, ficando com um exterior poroso que dá receptaculo a uma grande quantidade de insectos, além de se perderem dois annos de fructos. Esta é a comparação que ha a fazer com o systema por mim adoptado, e seguido pelos mais acreditados auctores, e por elles recommendado.

Deixando ao contrario um rebentão até ao terceiro anno, e sendo a vide tractada como expuz acima, reforça-se cada vez [illegible] gozando dos humores só da planta; vegeta [illegible] prosperamente com bella apparencia, tendo uma excellente côr, e o exterior limpo de longas excrescencias, que com muita facilidade podem ser tiradas para a conservação da planta, e para impedir a affluencia dos insectos. Não fica uma figura informe, mas sim bem organisada no tronco, e nos ramos. Alguns talvez duvidem do meu processo, mas a experiencia que tive, com o meu mestre o Conde Verri,

me persuade e justifica. Em prova de quanto expuz, referir-me-hei ao sobredito meu mestre, um dos mais doutos, e mais praticos vinhateiros italianos, que se explica assim na sua obra intitulada: *Conselhos de Agricultura Pratica* a pag. 231 § 34. « Estas maximas são maravilhosos remedios para os males habituaes das vinhas; mas a maravilha não póde destruir a verdade do facto comprovado com a minha experiencia de 40 annos; e tu, oh joven, deixa-os declamar, executa diligentemente estas faceis operações e triumpharás. Ouvirás muitas coisas em contrario, não as contraries com tenacidade, mas trabalha com diligencia. Deixar um só olho parece coisa imprudente, se este morre, dizem elles, eis perdida a vide; mas dizem mal, porque a vide produzirá outros olhos; e porque melhor seria perder alguma vide do que formar a vinha com plantas não bem organisadas, com muita perda de tempo e de trabalho. »

Com grande satisfação, pois, vi que o auctor francez Gasparin, e os illustres escriptores portuguezes, srs. Antonio Lobo de Barbosa Teixeira Gyrão, hoje visconde de Villarinho de S. Romão, e conselheiro, José Maria Grande, todos vão de accordo nesta doutrina; ambos a explicam e aconselham seguil-a, e amplial-a, assegurando bom exito, e uma grande quantidade de fructo; e que, finalmente, o agricultor terá a adega cheia de bom vinho.

CREAÇÃO DAS AMOREIRAS.

Muito importante é uma similhante operação para as amoreiras, sendo uma das mais uteis e cautelosas amputações, que requer pratica e theoria ao mesmo tempo. Seria enfadonho e extenso se quizesse expor aqui tudo quanto este artigo requer; appresentarei por consequencia os principaes trabalhos a que se deve sujeitar esta planta tiliosa.

Nascidas no viveiro, as plantas tenras devem nelle ficar dois annos, e não se deve mecher n'ellas, senão para desbastar, e formar os viveiros; porém, no segundo anno no tempo da primavera, dever-se-hão cortar todas junto á terra, e enxertar-se-hão ou a anel ou com outro systema. No terceiro, quarto e quinto anno deixa-se crescer a haste até aquella altura que as circumstancias do paiz exigirem; corta-se a cabeça que faz e limpam-se dois rebentões que podem nascer na haste da planta nova.

E' nesta occasião que se deve fazer a escolha das amoreiras que devem ficar de haste alta *(alto fusto)* ou baixa *(basso fusto)*. Olhe-se para os braços que a planta deitou, e dever-se-hão cortar, para formar a corôa da planta; e na occasião do corte, se terá em vista fazel-o sempre mais perto á gemma ou olho que fôr possivel; e se deverão ter sempre livres dos rebentões e limpas das más hervas, sachando duas ou tres vezes no anno, e mais se a necessidade o requerer.

No sexto e setimo anno passam-se do viveiro ao campo, no qual se continua a operar sobre os braços, até o oitavo anno, formando assim uma larga copa, para que dê abundante quantidade de folha.

ENSINO DE OITENTA BOIS PARA O TRABALHO, COM O ARADO DE DOMBASLE, E PARA OUTROS SERVIÇOS.

Em consequencia das determinações de s. ex.ª o sr. duque para ampliar a cultivação das terras incultas o mais que fosse praticavel, era meu dever pensar primeiro que tudo no modo de reunir as forças necessarias para este fim, especialmente gado de trabalho.

Quando tomei posse da administração, existia um só curral, contendo a pequena quantidade de dez bois mansos, e outros bravos, que andavam a pastar nas charnecas. Representar a s. ex.ª que era necessario comprar um conveniente numero de bois mansos · construir um curral relativamente grande e arranjar as devidas forragens; era empenhal-o n'uma despeza muito forte, que podia fazer nascer difficuldades, estando então ausente de Portugal o sr. duque. Para obviar a tudo isto, pensei no expediente de domesticar os sobreditos, oitenta bois bravos, que me pareciam sufficientes para os trabalhos; assim fiz, e os resultados corresponderam ás minhas esperanças. Nesta minha empreza o maior obstaculo e resistencia que tive a vencer, foi aquella repugnancia habitual, que ha em todos os paizes para as coisas novas.

Principiei, pois, com um só arado puchado por bois mansos, e guiado pelo abegão, o qual ao principio fez observações em contrario, como era de esperar, ao que respondi: « Veja se me lavra esta pequena porção de terra com aquelle arado, depois lhe darei um cruzado novo; » e para lhe demonstrar mais claramente o que eu desejava, fiz eu mesmo alguns regos. Tomou com fervor o arado, e em menos tempo e com menos fadiga que elle pensava estava o trabalho acabado.

No dia seguinte fiz a escolha de dez homens que julguei os melhores para este fim; mostrei-lhes o trabalho feito anteriormente, e outro similhante que o abegão estava repetindo, todos quizeram espontaneamente experimental-o, e era isso mesmo que eu muito desejava. Quando julguei necessario, fiz suspender o trabalho, mas antes de se retirarem disse-lhes: « amanhã em campo aberto no Sobral, vós todos deveis fazer uma experiencia egual, cada um, com um arado como este; mas o que mais interessa, é o fim para que vos escolhi de preferencia, e porque vos reconheço bons e intelligentes lavradores, portanto sabereis desempenhar esta incumbencia, não só trabalhando com os novos arados, mas tambem com bois bravos. » Não tinha acabado de proferir a ultima palavra, e todos romperam em gritos de admiração, e com risadas. Então aerescentei: « vejo que deveis ter um trabalho penoso, mas não impossivel de executar; mas por isso cada um de vós receberá todos os dias a gratificação de um tostão além da feria semanal. » Ouvindo fallar na gratificação de um tos-

tão, abriram os olhos, e começaram a mostrar-se satisfeitos. » Mas reparem, continuei eu, que sendo bois bravos, são precisos seis em cada arado, e no meio collocarei ainda os mais indomitos, isto é dois novilhos. »

Parecia ao principio que quizessem fazer resistencia, mas esta cessou, quando me ouviram pela terceira vez estas palavras: « Para guiar seis desses indomitos bois ha necessidade de dois homens de cada lado e de um homem adiante para dirigil-os em caminho direito, e por isso deixo-vos a escolha destes homens de vossa maior confiança, os quaes terão tambem um augmento de paga de 40 rs. por dia. » Quando acabei de fallar e os mandei retirar, foram commentando a minha proposta, cada um a seu modo e cheios de admiração. No dia seguinte estava preparado um espectaculo inteiramente novo; pois que o apanhar os bois, e prendel-os ao jugo não foi obra de pouco tempo, passando-se por muitos perigos. Ao primeiro toque de movimento, era para vêr 60 bois arremeçarem-se para diante como furiosos, que parecia quererem voar, e não puxar o arado.

Os animaes tanto esforçaram que por vezes se quebraram os apparelhos, involvendo-se uns com outros. Era para ouvir o clamor de 40 homens, o mugido e o ruido dos bois tudo junto.

Isto produziu uma scena semi-séria, mas todas as difficuldades foram removidas com a promessa das gratificações. Estes bois, depois de um mez de aturado trabalho, pareciam cordeiros; porque em logar de seis para cada arado, bastavam quatro, havendo um só homem á lança, e um só conductor, já sem necessidade de augmento de paga, e trabalhando consecutivamente.

Este expediente foi tomado por necessidade, como já expuz. Porém, o continuo trabalho com os bois bravos, nunca será de verdadeira economia, em comparação com os bois mansos, pois que oitenta bois dos primeiros não fazem o mesmo trabalho que quarenta dos segundos. Os mansos fazem o trabalho duas vezes por dia, sem perda de tempo em prendel-os ao arado; poupam tambem o dobrado pessoal, que ha com os bravos; e produzem estrumes. Pela sua docilidade não causam tantas rupturas d'arados, carros, arreios, jugos etc., em quanto que os bravos não se prestam tanto ao trabalho, vão só pastar ás charnecas, ficam fracos, e não valem senão por metade dos mansos. Os seus estrumes ficam todos nos pastos incultos, o que é grandissima perda para a agricultura. Havendo dobrado gado emprega-se dobrado pessoal. Os bois bravos não resistem ao serviço dos carros. Foi por estas reflexões que s. ex.ª ordenou a construcção da grande abegoaria.

(Continúa.)

INSTRUMENTOS AGRICOLAS, MANDADOS A PORTUGAL PELO SR. GERALDO JOSÉ DA CUNHA.

(Continuado de pag. 375.)

SEMEADOR ESCOCEZ APERFEIÇOADO POR M. CLAES. — Quando se semêam os cereaes a lanço, uma parte da semente, enterrada mui profundamente, apodrecendo é improductiva, e outra parte ficando á superficie é comida pelos animaes; n'uns sitios as sementes muito bastas prejudicam-se reciprocamente, n'outros ficam demasiado espalhadas. É certo que com taes condições, que o mais destro cultivador não póde evitar, perde-se consideravel porção de semente, e da porção productiva não se obtém tudo o que poderia dar.

Aproveitar toda a semente enterrando-a a egual profundidade, e cobrindo-a perfeitamente; dar ás raizes, pela distancia entre as sementes e a separação dos regos, o espaço de que carecem para se dilatarem, e para absorverem, sem se prejudicarem umas ás outras, toda a nutrição que pódem tomar; facilitar a circulação do ar, tão necessario ás plantas; taes são os resultados que se alcançam com o uso do semeador, e que promovem para o lavrador economia de semente, e mais abundancia e melhor qualidade de producto quer em grão quer em palha. Resulta mais que as canas dos cereaes, melhor enraizadas e mais robustas, são menos sujeitas a acamar.

O semeador escocez aperfeiçoado por M. Claes é de todos os instrumentos deste genero o mais simples e o mais perfeito que se conhece; compoem-se de um caixilho que sustenta uma caixa destinada a receber a semente, e munida de dois braços ou alavancas, que se chamam mangas e servem para manejar o instrumento; na parte anterior da caixa entra uma prancha que tem nove orificios, separados de centro a centro oito decimos de um palmo, ou com sete orificios assim separados quasi um palmo, ou emfim com tres orificios separados dois palmos e quarto: uma chapa de ferro furada com o mesmo numero de buracos, e que corre sobre a prancha ou tabua mediante um braço ou alavanca, proporciona diminuir como se quizer a grandeza dos orificios e por consequencia regular a quantidade de grão que se quer semear.

Dentro da caixa ha um eixo, com tantos cylindros pequenos quantos orificios ha na prancha ou tabua, cada um guarnecido de oito pasinhas de ferro chamadas *palerons*; ajustam-se estes cylindros em frente dos orificios da tabua, e seguram-se na posição que se lhes dá por meio de um parafuso de pressão; o tronco das pequenas pás pega no eixo da roda da direita e gira com esse eixo sobre o qual a roda é fixada; mantem-se por dois arrimos ou descanços, um ao meio do comprimento, e outro na extremidade esquerda; resulta que, quando o semeador está em movimento, a roda da direita faz girar o tronco das pequenas pás que batem sem cessar as sementes e as fazem correr constantemente pelos orificios; a este respeito é bom observar que as pás são preferiveis ás colheres que se adoptaram n'outros semeadores; porque a semente tomada e expellida pela colher cahe n'um só ponto em vez de ser espalhada de um modo continuo.

O eixo do roda da esquerda e fixo nesta roda move-se como o de um carro ordinario.

Por baixo da caixa e em correspondencia com os orificios da parte anterior da mesma, estão collocadas outras tantas relhas, que abrem os regos onde as sementes são depositadas, e adaptam-se cada uma á extremidade de um disseminador, de folha de lata, cuja parte superior está em frente do correspondente orificio da caixa do semeador.

A semente agitada sem cessar pelas pequenas pás corre sem interrupção pelos orificios, cujas aberturas são reguladas por experiencia, cahe em os distribuidores ou disseminadores que a conduzem ao rego; e os regos são abertos a profundidade de uma, uma e meia, ou duas pollegadas, segundo se descem as relhas que os abrem.

A semente é coberta por uns tapadores collocados entre as relhas e para traz, e que constam de uma pasinha quasi vertical, soldada n'um varão horisontal, cuja extremidade, que é munida de uma charneira, é atravessada por uma tranca transversal fixa: um pezo que trabalha sobre o varão dá a força necessaria á pá para empurrar lateralmente a terra para os regos donde sahe: se a pá encontra alguma pedra, a charneira lhe permitte levantar-se diante do obstaculo, e depois torna a cahir pela acção do pezo.

Para que as relhas abram regos da profundidade que se pertende, uma corrente, que passa por debaixo do semeador, prende-se de uma parte a um gancho fixo debaixo do cofre do jogo dianteiro, e de outra parte a uma travessa de ferro que liga os dois braços ou alavancas; nesta extremidade a corrente é sustentada por uma móla que se apoia na travessa de ferro; a distensão da corrente substitue a acção de um pezo que pezasse sobre os braços ou alavancas para encravar as re has na terra.

Quando o cultivador quer fazer voltar o instrumento, fecha os orificios distribuidores por meio da alavanca que os governa, depois levantando o bolso da corrente fórça a móla a passar pelo buraco, em cujo rebordo se appoia; sendo estirada a corrente por este modo, o cultivador póde levantar as alavancas e faz virar o instrumento, sem que as relhas e os tapadores toquem no chão. Quando o instrumento é levado ao campo, ou quando se recolhe á granja, é preciso desatar a corrente do jogo dianteiro, fazel-a passar por cima do cofre e engata-la no varal da direita, então as alavancas devem estar bastante alteadas para que as relhas não peguem na terra.

Tratando-se de variar o modo de distribuir as sementes, começa-se tapando os orificios, e retrahe-se a alavanca que governa a chapa de ferro que corre pela prancha. Levanta-se a pequena folha de lata debaixo da qual está a caravelha que segura cada distribuidor de folha, e tiram-se os distribuidores; correm-se os tres ferrolhos, e remove-se a prancha: levantam-se os tres feixos que seguram o tronco das pequenas pás, e depois levanta-se este mesmo pela esquerda e desprende-se do eixo onde encaixa pela direita; desapertando os parafusos de pressão, faz-se correr os cylindros das pasinhas ou para tirar alguns, ou para montar outros. Torna a assentar-se o tronco seguindo a marcha inversa, e tendo cuidado em que os parafusos de pressão estejam por cima, para que seja facil apertal-os. Colloca-se então a nova tabua, cujos orificios indicam a posição que deve occupar cada cylindro, seguram-se estes apertando os parafusos, e correm-se os ferrolhos.

Despegam-se as relhas ou deregadores, e dispoem-se as que se deixam, ou as que se accrescentam, de modo que correspondam aos orificios da prancha; depois poem-se os distribuidores.

Basta examinar os tapadores das sementes para perceber como se podem tirar ou repôr; não são precisos mais de 8 para 9 linhas, e 6 para 7 linhas; mas, quando se semeia só em tres linhas é conveniente pôr 6 tapadores, por consequencia dois para cada rego, um á direita e outro á esquerda.

Uma vez determinada a abertura que se ha de dar aos orificios das tabuas para certa sementeira, desaperta-se a porca do parafuso collocado ao pé do arco por onde passa a alavanca, e dispoem-se a peça de ferro que gira sobre a graduação em cobre, sustendo-a com o sobredito parafuso, de modo que sirva a reter a alavanca na postura que se pertende. Por este meio, quando o cultivador, depois de ter fechado os orificios, quer abri los, basta-lhe impellir a alavanca para a direita, contra a peça de ferro que se fez fixa; a graduação na chapa de cobre não tem outro objecto senão ajudar a memoria, porquanto, podendo a mesma qualidade de semente appresentar grandes differenças de tamanho, não é possivel determinar exactamente, e com antecipação, a graduação dos orificios.

Para completar esta noticia, eis alguns esclarecimentos ácerca das quantidades de sementes que se hão de empregar por hectare de terra (geira franceza) e as distancias entre os regos:

	N.° de regos.	*Distancia de regos.*	*Litros de semente.* [1]
Trigo de março (ou tremez)........	9....	$\frac{1}{10}$ de palmo....	150
Cevada de março..	»....	»	»
Aveia............	»....	»	»
Favas, e ervilhas..	»....	»	200 a 250
Cenouras.........	»....	»	»
Trigo do outono...	7....	um palmo....	75
Centeio..........	»....	»	100
Cevada de inverno.	»....	»	»
Nabos. [2].........	»....	» ...	200 a 250
Beterrabas.......	3....	2 palmos $\frac{1}{4}$....	10 kilogrammas. [3]

Para determinar os orificios de distribuição, faz-se rodar o semeador n'uma eira bem limpa, e quando tem percorrido 15 metros (sete braças escaças) a passo ordinario de cavallo, mede-se ou pesa-se a semente espalhada: deve esta corresponder a $\frac{1}{800}$ do que se deve semear por hectare: semea-se então uma certa extensão do terreno, e vê-se se o consummo corresponde á que se deve empregar para todo o terreno.

Está verificado que não póde gastar-se, usando do semeador, senão dois terços, quando muito, da quantidade de semente que se consomme espalhando-a a lanço, isto é, á mão: porquanto, nem se perde a

[1] 100 litros correspondem a 7 alqueires e um quinto de alqueire.

[2] Semeiam-se tambem os nabos em tres linhas, empregando-se 3 kilogrammas de semente por hectare, o que é mais exacto.

[3] Proximamente 21 arrateis e tres quartas.

que os passaros comem, nem a que apodrece por ficar muito enterrada.

ECONOMO. — Este instrumento é destinado a servir de auxiliar ao semeador; serve para tres operações que exigem as semeaduras em linha.

Quando está armado dos tres dentes de grade, amanha a terra mui rija e a torna mais penetravel ás chuvas.

Quando preparado com os pés ou garras do scarificador ou extirpador. serve para limpar de más hervas o terreno:

Finalmente, deixando cair sobre os pés do scarificador as pequenas aivecas dobradas, serve para limpar os regos e desapegar a terra que as aivecas ajuntam ao pé das plantas.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 378.)

O *Argos* a quem nada esquece, para provar quanto são immundas, e inconvenientes as fezes que Portugal aqui despeja, sustenta que os portuguezes são ignorantes, que trazem comsigo todos os elementos de opposição ás idéas do progresso e da liberdade; emfim, que são os fautores da tyrannia. Mas tem elle motivo para fallar assim?

A grande maioria dos labregos na edade em que deixa as suas aldêas não traz nenhumas idéas politicas. No seu espirito pódem, como n'um livro em branco, estampar-se idéas boas ou más conforme as circumstancias. Saiba porém o *Argos* que uma lei natural, a primeira de todas; uma lei que os homens pódem transgredir mas não mudar; logo os move a desejar o triumpho do lado que elle hostilisa, o do governo; e cuido que nisso os seus desejos conformam-se-lhes com o dever, e até com as opiniões do *Argos*. Se o estrangeiro não deve ingerir-se na politica interna, cumpre-lhe com tudo sempre obedecer ao governo estabelecido, seja qual fôr a sua politica.

Note porém o *Argos* que quasi todos os portuguezes de opiniões mais democraticas, apenas chegam ao territorio brazileiro, se não as mudam, pelo menos modificam-nas. E quem os move a isso? O instincto da conservação. Elles não tardam a saber que as agressões mais violentas contra os lusitanos partem do lado, cuja politica esposam os redactores daquella gazeta, e então vêem-se precisados a adoptar doutrinas mais moderadas. Quando a conservação da vida de um homem, ou mesmo a da sua tranquillidade entram em conflicto com as suas opiniões politicas, quasi sempre estas cedem.

Não falta comtudo aos partidos politicos um optimo meio de, nem nos desejos, terem os portuguezes por inimigos. Não os accarretem tão injustamente para as suas discussões; deixem-nos trabalhar livremente; não accusem, salvo os que infringirem as leis, e então creio que nem nos desejos haverá para elles tyrios nem troianos. Mas se apesar disso apparecer algum desmiolado que tolamente vá intrometter-se nas politicas dissensões dos brazileiros, mandem estes amarral-o no pelourinho, cuspam-lhe na face, e façam-lhe ainda peior, porque de alguma sorte o merecerá.

Não findarei este topicó da defeza sem ao *Argos* observar, que ainda quando fôra certo que os campos de Portugal não produzissem senão plantas nocivas á liberdade, e fautoras da tyrannia, nos da terra de Santa Cruz tambem essa planta nunca foi, nem ainda hoje é exotica. Diversos brazileiros dos mais distinctos que vi em Portugal não sómente se mostravam implacaveis inimigos das republicas, senão ainda dos governos monarchicos constitucionaes.

Affirma o *Argos* que os portuguezes residentes no Brazil são mui ridiculamente arrogantes a respeito da ultima classe do povo brazileiro, que geralmente é d'outra côr (em tudo os collaboradores daquelle periodico manifestam a *benevola* tenção de tornar a gente de côr propicia a si e aos seus á nossa custa), mas affirma aquillo em que provavelmente não crê.

O *Argos* ao lêr isto talvez clamará que estou devassando o sanctuario da sua consciencia; mas quando o homem não vê porque não quer vêr: quando finge desconhecer os factos para affirmar o contrario do que elles significam, não póde estranhar que se entre na sua consciencia. Ora, os factos provam o contrario do que diz a gazeta a que respondo.

Percorram os redactores do *Argos* as officinas do ferreiro, sapateiro, alfayate, carpinteiro, marceneiro, ou quaesquer outras, e lá acharão muitissimos portuguezes, trabalhando no meio da gente de côr, ao passo que nenhuns, ou bem raros brasileiros brancos ahi topará. Percorram as quitandas, e ainda ahi encontrarão bastantes portuguezes que quasi sómente vivem com a ultima classe. E se o *Argos* averiguar bem, até por essas casas achará não poucos portuguezes cercados de filhos, mesmo legitimos, que pelo lado materno pertencem á raça africana. Logo os portuguezes não mereciam que os accusassem de arrogantes para com esta raça.

Quando, porém, similhante arrogancia fôra real não eram os redactores do *Argos* mui competentes para esta censura. Bem que nas suas columnas elles se arvorem em patronos officiaes da ultima classe, aonde estão os factos que demonstram ser sincero? Os redactores a que alludo fazem tanto cabedal dessa classe que, penso eu, nunca fizeram serviço em nenhum corpo da guarda nacional. E porque? suspeito que é por não terem ainda dragonas, que os livrem de entrar na fileira com esses a quem tanto incensam. Esta suspeita póde ser mal fundada, mas como tenho ouvido a diversos allegar esse motivo de não vestirem a farda, não admirará que por uns eu julgue os outros.

Os redactores do *Argos* não devem levar a mal que para repellir a sua accusação tão infundada, quão offensiva, eu me valha do facto de não terem elles servido na guarda nacional. Nada me importa que sirvam, ou não; mas importa-me a defeza de que tracto, cujos direitos são mui amplos. Eu precisava fazer ver que a tal arrogancia não existe: que o *Argos* attribuindo-a aos portuguezes, injuria-os: e que o zelo dos seus redactores não parece verdadeiro, visto o como elles, se não aborrecem a ultima classe, pelo menos fogem de servir, e viver com ella.

A melhor prova de ser amigo do povo, é fallar-lhe verdade nua e crua; é ensinal-o a obedecer ás

leis, e a ter amor ao trabalho. Indispol-o e excital-o contra o estrangeiro pacifico, que em vez de o prejudicar, antes lhe serve de estimulo para o mover a trabalhar, é trahir a causa do povo; é aborrecel-o e ser seu inimigo. Similhante politica chama-se anti-social, chama-se de retrocesso, e não a creio digna dos cavalheiros a cujo cargo está a redacção do *Argos*, os quaes se quizerem usar melhor dos recursos que lhes ministra a sua intelligencia, bem pódem, sem descer a taes miserias, advogar a causa do partido a que se ligaram.

O *Argos* tambem accusa os portuguezes de se ingerirem nas contendas politicas do seu paiz; assim como de, no Pará, em Caxias, e Pernambuco terem-se organisado militarmente, e combatido nas fileiras do governo contra o que elle chama *cohortes populares e exercitos nacionaes*; mas o que nesta accusação ha de verdade, antes me parece digno de louvor do que de vituperio.

(Continuar-se-ha.)

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Continuado de pag. 366.)

CAPITULO IV.

Plantações uteis e agradaveis.

Os paizes melhor plantados são tambem os mais ferteis; a Normandia, a Inglaterra, a Belgica, a Lombardia são uma prova d'este principio, geralmente reconhecido e incontestavel no tempo em que vivemos.

É igualmente reconhecido que as plantações amenisam o paiz, o embellezam e o tornam sádio [1]. Quando a plantação é feita em terreno despido e inculto, a sua utilidade é ainda maior, porque dá valor ao que o não tinha de fórma alguma, e se, além d'isto, as arvores crearam interesses novos e geraes, a sua plantação vem a ser, debaixo de todas as relações, uma fortuna publica.

O terreno inculto d'este municipio, que fica entre a rua da Costa, e a rua que fica na raiz do monte, deve ser plantado de amoreiras. A saude publica, o embellezamento da villa, e o interesse de sustentar a terra em tal declive, pedem uma plantação alli. A qualidade do terreno, e a industria, que principia a despertar a attenção dos habitantes da villa, pedem que a plantação seja de amoreiras. Basta indicar esta idéa, a extensão dos effeitos da sua realisação é facil de prever a quem conhecer quanto o terreno é proprio para a plantação das amoreiras, e quanto o paiz é apto para a creação do bicho da seda.

A costa do lado do norte desde o viso do monte, e antigas muralhas, até á ponte de Pancas, deve igualmente ser plantada de amoreiras.

Como estas arvores, plantadas em taes logares, não tolhem a vista das casas superiores, e a offerecem agradavel ás inferiores, é provavel que escapem ao rigor que destruiu aquellas que se plantaram no largo do Espirito Santo. Os destruidores d'estas não hão de proferir, ao aspecto da plantação, as costumadas palavras de *Addison*, em similhantes casos: « *Alli passou um homem util* »; mas consentirão que as arvores vegetem, longe da sua passagem, e do alcance do seu ferro destruidor.

[1] As folhas das arvores absorvem o gaz acido carbonico que entra na composição do ar que respiramos, e que não entretem a vida. Este gaz, quando é demasiado, asphixia e mata. As arvores, ao passo que absorvem do ar esta parte venenosa ao homem, augmentam o oxigenio que é a parte do ar mais propria para a respiração e boa saude. Em igualdade de circumstancias, será mais sádia a cidade que tiver maior numero de praças plantadas de arvores. Londres tem um cento de praças espaçosas, quasi todas plantadas, largos *parks*, ruas orladas de arvores, e é agora a mais sádia das differentes capitaes da Europa, onde os nascimentos e obitos estão em proporção mais favoravel á humanidade.

CAPITULO V.

Hospital, casa da Misericordia.

O quarteirão do convento de S. Francisco, que está voltado ao norte, e fórma um extenso quadrilongo, é todo edificado depois do terremoto. Os baixos que, na fórma indicada, deveriam ser aulas publicas, estão separados por bem construidas abobadas, e tem a entrada pelo claustro no lado do sul. O pavimento superior, separado das aulas por excellentes madeiras, deveria ceder-se á Misericordia d'esta villa para transferir para alli o hospital. A antiga enfermaria do convento, ainda em bom estado, é sem comparação muito mais extensa, mais arejada e sádia do que a do actual hospital. O resto do edificio dá excellente casa para despacho da Misericordia, para botica, e mesmo para residencia do boticario, e empregados do hospital.

A casa da Misericordia tem meios de fundar uma botica boa (o que é de grande vantagem para o estabelecimento e para o publico por varios motivos), e para ella obtem excellente casa n'esta mudança.

Por melhor conveniencia do hospital, e para se deixar absolutamente separado das aulas e residencia do parocho, deveria a sua entrada fazer-se na cabeça do quadrilongo, pela janella rasgada que está voltada ao nascente, e dava por este lado luz á livraria, o que seria muito facil, demandando-se sómente a construcção d'uma escada exterior de poucos degráos, em um angulo, encravada em duas paredes. Ao longo da parede do lado do norte deveria ceder-se para a botica, e desafogo dos convalescentes, uma parte da cêrca.

A Misericordia tem meios de fazer os necessarios reparos, principalmente cedendo-lhe o governo para isso a actual casa da cadêa, segundo vou lembrar no capitulo seguinte.

Pela adopção das medidas até aqui lembradas vem a conservar-se e a converter-se em utilidade publica o sumptuoso templo e edificio de S. Francisco, que ameaça de vir a ser um montão de ruinas dentro em poucos annos, se se conservar abandonado.

CAPITULO VI.

Transferencia da cadêa e casa das audiencias para o actual edificio da Misericordia; outras obras de conveniencia publica.

De todos os edificios publicos desta villa é a ob-

dêa o unico insufficiente. A casa da camara, a da administração, a das audiencias, são edificios commodos, e, mesmo, ricos; mas a cadêa seria reprovada por todo o homem de pensamento, ainda em um concelho de ultima ordem, onde houvesse poucos presos, e esses raras vezes. Em uma cabeça de comarca não póde tolerar-se tal cadêa sem inconveniencia do judicial, que se priva muitas vezes de fazer remover os presos de outros concelhos da comarca para este; e sem offensa da moral, da equidade e da justiça, porque ter presos nella por tempo longo poderia equivaler a sentencial-os a pena ultima! Estreita, sem entrada sufficiente para o ar, longe da agua, sem nella se poder accender lume, porque o fumo suffocaria os presos, sem despejos para immundicies; além de tudo isto, situada em logar retirado e sujeita por tanto a arrombamentos, que repetidamente se tem verificado, é incontestavelmente um dos carceres mais horrorosos e inconvenientes que póde imaginar-se.

Em parte nenhuma a philantropia poderia tolerar um tal flagello, mas ainda menos em uma cabeça de comarca, onde afflue maior numero de presos, e onde este mortifero carcere póde ser facilmente substituido por outro que, com pouca despeza, viria a ser um dos melhores do reino.

A casa actual da Misericordia póde, logo que este estabelecimento seja transferido para S. Francisco, tornar-se em excellente carcere. Edificada em uma rampa, e, por outras circumstancias da sua construcção, difficil de ser arrombada; abrigada do norte com o rochedo; recebendo desde o telhado até ao alicerce o beneficio do meio dia e nascente; com tres pavimentos, sendo cobertos de abobada o primeiro e o segundo, podendo todos ter grade para a igreja da Misericordia, que, pela sua peculiar construcção, está muito propria para servir de capella aos presos, parece ter sido talhada para um tal destino.

Ha, porém, outras circumstancias que mais recommendam ainda esta transferencia: o terceiro pavimento fica ao nivel da rua que passa ao norte do edificio, e por lá tem a entrada; não é difficil, nem muito despendioso metter agua nesta projectada cadêa. A camara tem a fazer sómente a despeza do encanamento, porque o sr. *Francisco Solano*, actual vereador, e homem zeloso do bem publico, me disse que daria a agua que tem n'uma sua propriedade, e juntamente a licença para abertura do necessario encanamento, afim de se construir uma fonte no bairro alto, obra muito conveniente por não haver nenhuma fonte neste bairro, nem no resto da villa nas occasiões de cheias Fazendo-se esta na rua ao norte da actual casa da Misericordia se poderia metter na projectada cadêa os sobejos para limpeza dos canos.

A casa offerecia tres pavimentos para differença de sexos e crimes, seria segura, limpa, arejada, com capella; além de tudo isto ha nella uma excellente sala para audiencias, com a qual teria a cadêa communicação interior, e ainda haveria morada para o carcereiro. Circumstancias todas muito attendiveis, por motivos que não é necessario desenvolver.

A parte inferior da actual casa da audiencia é um quartel que a camara fez para tropa em uma casa publica; coberto com excellente abobada. Por de cima do quartel, e com differente entrada, está a casa das audiencias; logo que estas fossem transferidas poderia a camara dispôr da casa, cujo valor excede a despeza necessaria para a construcção do cano que devo trazer agua ao bairro alto.

Com os melhoramentos que hão de resultar destas medidas propostas, com os trabalhos que se esperam na antiga fabrica já vendida, com a communicação desta villa com o porto de Villa Franca, com os passageiros para a freguezia de Olhalvo, e limitrophes, não será difficil estabelecer uma companhia que sustente diligencias entre Alemquer e Villa Franca, tirando vantagem da excellente estrada que as liga. Por este modo haveria correio diario entre Alemquer e Lisboa. A companhia de diligencias, encarregando-se do transporte das malas, e recebendo o que o correio paga a um terceiro por esta conducção, tirará um juro superior ao do capital de um conto de réis; circumstancia que deve entrar nos calculos dessa companhia, e que seria muito favoravel aos interesses do correio e publico, que em logar de tres correios por semana teriam sete. [2]

CAPITULO VII.

Passeio publico.

Na occasião em que se tratava de vender a antiga fabrica de papel, representei pelo governo civil que a lameda fosse excluida da venda, e cedida á camara para estabelecimento de um passeio publico. Neste mesmo sentido tinha já fallado ao sr. Nazareth, que aqui veio por parte dos compradores, o qual achou acertado o meu desejo, e disse que a sociedade ou companhia assentiria a que a lameda fosse separada da venda.

Fundei a minha representação na conveniencia publica, — na circumstancia de se poder reputar a lameda logradoiro do publico, — e na idéa que ha de que pertenceu á camara, e se ignora por que titulo se diz hoje pertença da fabrica. Se os possuidores desta (o que se não receia dos actuaes) tratassem de vender a madeira, e, depois, de-afforar ou vender o terreno, tentariam um inconveniente publico, e obrigariam porventura o municipio ás despezas e eventualidades de uma demanda. Tudo isto se evitaria facilmente, tendo separada a lameda no acto da venda: separação insignificante, porque (segundo a minha lembrança) foi a lameda avaliada em setenta mil reis. *(Continúa.)*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XX.

SUA ALTEZA O INFANTE D. FRANCISCO!

(Continuado do pag. 388.)

D. Pedro, que o tractava uma hora antes

[2] Em dezembro passado officialmente toquei nesta especie, e fallei particularmente nella a alguns cavalheiros e proprietarios. Ouço que agora se projecta a sua execução.

quasi com desagrado, olhava agora para elle com profunda anciedade. Tinha-se tornado um automato, e obedecia machinalmente. Este poder visivel do padre explicava a sua influencia. Diogo de Mendonça, religioso mas não fanatico, devoto sim, mas não supersticioso, persignava-se mentalmente, e em silencio ía responsando a dignidade da corôa e os interesses do estado, offerecidos em holocausto pelos remorsos do principe ao jesuita, cuja roupeta negra era neste momento panno funebre lançado sobre o throno viuvo de rei, e sobre a monarchia privada de cabeça!

Quem visse a scena que descrevemos, não poderia negar que D. Pedro II era como se não existisse, e que durante o interregno, a sociedade de Santo Ignacio, pegando na mão passiva do rei, confirmava com ella o seu poder; porque o rei já não tinha de homem senão os terrores, e a companhia unia o arrojo á intelligencia subindo os ultimos degráus do throno, e encostando-se com orgulho ao sceptro da monarchia!

D. Pedro, com voz fraca, e olhar indeciso, voltou-se para o confessor, e perguntou:

— « P. Sebastião, disseram-se por minha intenção as trinta missas do costume? »

— « Sim, meu sr.! »

— « Deu-se esmola aos treze pobres que eu disse? »

— « Tambem se deu. »

— « A confraria de Santa Engracia já recebeu o frontal novo, que mandei? »

— « Hontem, meu sr.! E mais o sacrario de prata para S. Julião. »

— « Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento do altar!... » — exclamou el-rei, pondo-se de pé.

— « E a immaculada Conceição da Virgem Maria, Senhora Nossa! » — accrescentou o jesuita, cruzando os braços devotamente.

— « Está certo; eu rezaria as minhas Horas, faltei a alguma devoção? »

— « V. magestade é bom catholico; cumpriu todos os seus deveres. »

— « Mas estes desgostos não são naturaes... Que dia é hoje? »

— « Sexta feira, dia da morte e paixão de Jesus Christo, Senhor Nosso. »

— « Sexta feira!.. — gritou D. Pedro, fazendo-se branco e todo tremulo — Sexta feira, e v. reverendissima não me avisa?! Estou perdido!.. Aquellas perdizes, aquellas perdizes!... O que succedeu foi castigo. Comi carne á sexta feira, padre Sebastião! não cumpri o jejum, e dormi descançado na minha cama; esta gente não me diz nada de proposito. Se Nosso Senhor me chama de repente morria em peccado mortal... Que sacrilegio! Perdiz á sexta feira!.. »

— « Observo a v. magestade — atalhou o jesuita, interiormente cheio de jubilo, mas no exterior figurando-se perplexo — que é caso grave, mas... »

— « Esse *mas* custa-me pelo menos meio seculo de purgatorio! — clamou D. Pedro, passeiando agitado. — E por sua culpa, padre Sebastião, por culpa sua, Deus o sabe! »

— « É grave — tornou o confessor serenamente — mas temos remedio. »

— « Não importa, comi perdiz! E agora me recordo: não me puzeram na meza uma escama de peixe. São diabruras dos medicos, dos herejes dos medicos... Quem manda fiar-me nelles e não perguntar nada? Pequei, pequei! devia levantar-me logo. Antes comesse pão secco. Tinha a minha consciencia tranquilla. »

— « Não exagere v. magestade! O coração está puro, se peccou foi ignorancia... Entretanto, para dizer a verdade o caso parece-me intrincado... Talvez sessenta missas e uma boa esmola ás missões da propagação da fé... Emfim, aqui está o sr. Diogo de Mendonça, excellente canonista, e elle explicará a v. magestade...»

— « Pobre de mim! Eu que não valho nada!.. Aonde falla v. reverendissima citar Direito quem é tão esquecido, modestia á parte ... Ha de perdoar, mas eu não fallo. »

El-rei olhou para o secretario das mercês, como o leproso do Evangelho para o medico divino. O manhoso cortezão, apesar do seu tacto e conheeimento dos homens, apesar de saber de côr o caracter e as fraquezas do monarcha, estava absorto com a scena, e não fazia senão dizer comsigo: — triste rei, a que estado te reduziram!

Quando o jesuita citou a sua auctoridade em Canones, apezar de costumado a cohibir-se, assim mesmo custou-lhe muito a conter-se, para não denunciar na physionomia o seu ardente desejo de pegar no padre pela roupeta, ir a uma janella, e baldeal-o sem confissão nem sacramentos. Comtudo, feita a profissão de humildade academica, e ferida a lancetada nos theologicos talentos do confessor, o ministro, lendo no semblante de el-rei uma ordem formal resignou-se, e subiu ao palco. Como habil comediante obrigou logo o rosto a moldar-se ás circumstancias, e os olhos a pasmarem a vista, de

modo que exprimisse uma longa e casuistica interrogação mental.

Depois da perplexidade, o secretario das mercês, enrouqueceu a voz, apontou os oculos entre o indice e o polegar, e meneando a cabeça no tremulo mais artistico, principiou a representar, o que fazia sempre, mesmo até dormindo, acrescentavam os seus inimigos.

— « Que posso dizer, em caso tão grave, escolho dos maiores doutores e gloria da igreja? » — exclamou lançando as palavras seccas e vibradas. — « Temos aqui um sabio, um theologo, um amigo espiritual de v. magestade? E quer-se que falle eu, o menos capaz de acertar! Valha-me o ceu! Em que escrupulos estou mettido. Obedeço, mas Deus sabe se é com dôr do meu coração! Direi a verdade. V. reverendissima ri-se? Pois é assim. Nunca me fez mal senão a nimia boa fé, a minha nimia boa fé!... Mas sempre affirmo, e v. reverendissima conhece-o melhor do que eu, que ha muita differença entre dogma e disciplina. Concordam todos nisto, até o padre *Molina*, aquelle grande mestre da consciencia! O jejum sendo preceito da igreja não é dogma; peccou v. magestade? De certo! Sou justo, córto direito. E até peccou bastante; entendo, porém, que o caso não pede tantos temores; e s. reverendissima o disse. Sustento eu que não; ha quem me possa contestar? Quanto á penitencia... não sei, não me pertence; tomára achal-a condigna dos meus grandes peccados, mais numerosos desgraçadamente do que os cabellos da cabeça, (e tenho bem poucos já!) por enfermidade de espirito e simplicidade de animo. Depois, como os medicos prohibiram a v. magestade.... »

— « Não me fallem dos medicos! » — gritou el-rei irado — Hão de metter-me no inferno. Quero despedir os medicos! »

— « Socegue v. magestade » — acudiu o confessor — « Jesus Christo deixou na sua igreja remedio para todo o genero de peccado. Quiz ouvir a opinião do sr. Diogo de Mendonça, que em Canones é o nosso mestre, e estou conforme... »

— « Muito obrigado a v. reverendissima! »

— « El-rei » — continuou o padre — « manda dizer sessenta missas, e para sua mortificação jejua ámanhã, sabbado de Nossa Senhora. Oito dias consecutivos não come perdiz, ou outra ave de apetite. Parece-me » — acrescentou olhando para Diogo de Mendonça — « que assim ficará tudo sanado? »

— « Pois não? E ainda temos de sobrecellente as indulgencias!? » — acudiu este com uma seriedade irresistivel. » — O caso, attenda-me v. magestade, é não comer perdiz esta semana, segundo nota s. reverendissima; e depois as missas; as missas por causa do purgatorio.... Isso, e uma esmóla.... »

— « Ás missões e aos captivos? » — interrompeu o confessor.

— « Pois a quem? Santa applicação! » — concluiu o ministro sem desengatilhar um dos musculos da face — « Sabe v. magestade que ha trovoada em Roma? Querem lá os quindenios atrazados dos bens da companhia de Jesus. E elles não são tolos; a esmola é menos má. Sua santidade ameaça o geral com as censuras... »

Depois do desastre das perdizes, el-rei estava de cêra. Olhando para o confessor, perguntou-lhe, tossindo:

— « O que lhe parece, padre mestre? »

— « Sou de voto que se espere! » — replicou este um pouco atalhado — « S. santidade insiste, e não é bom. V. magestade verá se os prelados da companhia devem expor-se ás censuras do papa, ou obedecer ao seu rei legitimo.... »

O secretario das mercês e o jesuita trocaram um lance de olhos, que valia por duas estocadas. Diogo de Mendonça conseguira o seu fim: tinha obrigado os padres a desembuçarem-se; e com a usual finura logo percebeu que o dinheiro dos quindenios sahia caro a Portugal, não se pagando senão em proveito da companhia. O confessor, obrigado a descubrir-se, meditava no modo de castigar a cilada. El-rei, olhando, ora para um, ora para outro, não dizia nada, á espera que o esclarecessem. Por fim impaciente, perguntou:

— « Então o que havemos de responder ao nuncio apostolico? »

— « Se v. magestade o manda e s. reverendissima o deseja, esperemos! Em quanto esperamos, descançamos! — disse o secretario das mercês, ladeando a posição para a levar melhor. — Se querem a minha fraca opinião, eu que em materia de escrupulos um cabello me parece um varão de ferro, estou de pedra e cal neste negocio. A curia não tem direito; e a honra da coroa ficará compromettida... Perdoe v. magestade se fallo a verdade, mas é o meu defeito; e deste não me curo. S. reverendissima dirá qual seja de mais utilidade para a companhia; está de dentro, e sabe muito mais. Até não ha necessidade de lh'o perguntarmos. Quem viu aquel-

les papeis de tanta sabedoria, todos escriptos do seu punho, resta-lhe admirar a firmeza de suas paternidades e contar com elles.»

— «Ora ahi teem o grande amigo, que nos arranjou o padre Ventura! — rosnava Sebastião de Magalhães, vermelho como lacre e seriamente atormentado. — Que vibora! Saberá v. magestade — disse alto — que a companhia não ha de querer senão a gloria de el-rei e o esplendor da monarchia. . .»

— «Eu não dizia? — exclamou logo Diogo de Mendonça com falso enthusiasmo — S. reverendissima, o nosso doutor subtil, o nosso Scotte, era incapaz de emittir voto menos auctorisado. Asseguro a v. magestade que não ha maior amigo da sua coroa. Não se pagam os quindenios! Como canonista protesto que o direito nos assiste; portuguez e vassallo fiel, ainda que morra, hei de sustentar que o contrario nos deshonra. . . V. magestade ordena; respondemos ao nuncio nesta conformidade? D. Thomaz de Almeida encarregou-me de receber as ordens a este respeito.»

— «Acho bem. Responda que não.»

— «Ah padre Ventura, padre Ventura! — bramiu o confessor apopletico — olha as boas obras do homemzarrão! Ficamos bonitos!»

S. reverendissima metteu a barba no peito e pousou os olhos confusos no empinado ventre; sem isto é provavel que a sua cholera se exacerbasse ainda mais, colhendo na passagem o olhar ironico e victorioso com que o ministro celebrou a sua derrota.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Mais ligeiro que os pedreiros. — O vento auxiliando as copiosas aguas que choveram no dia 22 destelhou com admiravel presteza, n'um relance, o telhado do convento de Jesus (hoje freguezia das Mercês), onde andam obras de concerto geral, que muito precisava. Descoberto o tecto tinham-se collocado provisoriamente as telhas de valadio; eis que no referido dia, á hora do descanço da gente de trabalho, os visinhos da freguezia gritavam sobresaltados pelo auxilio de Santa Barbara e mais santos advogados contra os coriscos e trovões, ouvindo o subito e temeroso estampido, com que as telhas correram a um tempo e desabaram de chofre sobre os contiguos telhados do hospital e casas da Ordem Terceira por um lado, e por outro sobre os do edificio da Academia, que igualmente ficou prejudicada com a graça do temporal, que brincou com as telhas como os rapazes com os castellos de baralho de cartas. Ouvimos dizer que o perjuizo total não se remedeia com a bagatella de 30 a 40 moedas.

Theatro de D. Fernando. — A companhia tem agradado, e é merecedora do apreço valioso da escolhida e distincta sociedade que todas as noutes se reune neste theatro.

Deus queira que o nosso malfadado theatro nacional tire deste exemplo algum incentivo para sahir do vergonhoso estado a que tem chegado.

Policia preventiva. — Ha dias faltou na loja do sr. Stampa na rua do Ouro uma bengala de valor. Não a julgavam ainda perdida, quando se apresentou na loja um official do governo civil de Lisboa perguntando se lhe faltára alguma bengala: dados os signaes competentes o sr. Stampa recebeu a bengala que pela policia tinha sido aprehendida.

Pela noticia deste facto, tivemos occasião de saber que elle resulta de um systema de policia preventiva habilmente combinado, que já tem produzido muitos effeitos, e do qual se estão temendo os ladrões que receiam não se poder impunemente utilisar do alheio. Em uma grande cidade é este o meio mais proficuo de garantir a segurança publica. Na presença dos resultados que tem vindo ao nosso conhecimento, julgamos do nosso dever louvar por este motivo as auctoridades administrativas do Districto.

Cemiterio custoso. — Calcula-se que desde a abertura do famoso cemiterio do padre La Chaise em Paris, isto é no espaço de 45 annos, se tem despendido perto de 120 milhões de francos em construcções de diversos generos, como capellas funerarias, e monumentos, cujo numero já sobe a dezeseis mil.

Luvas. — O nome que os antigos deram a este accessorio do vestuario era *chirotheca*, que quer dizer «cobre mãos.» O seu uso, que foi adoptado para resguardar do frio, e livrar das mordeduras dos insectos, é mui antigo, e foi-se generalisando entre os povos. As primeiras luvas faziam-se de couro, como de anta e cabra, e sem dedos; seguiram-se as de pelles curtidas, de panno fino, de malha de linha ou de seda etc.

As luvas que calçavam os romanos no tempo do seu esplendor eram de purpura, chamadas *ephatis*.

No oriente servia uma luva para signal de concessão de certos titulos, ou de conferir-se alguma dignidade; e no sentido contrario despojava-se da luva o individuo que era despojado da dignidade ou exauctorado.

Lançar a luva ou arremeçal-a era o mesmo que um cartel de desafio; levantal-a indicava a acceitação do duello, costume que ainda não está totalmente desterrado de alguns povos.

Antigamente era expressa a prohibição de assignarem os juizes com luvas calçadas.

Na egreja introduziu-se o uso das luvas na edade media, e generalisou-se entre todos os sacerdotes; mas o costume ficou só para o papa, cardeaes, bispos e outras dignidades.

Actualmente, como todos vêem o uso das luvas é

geral para todas as pessoas de qualquer dos sexos, e de condição ainda menos que mediana. Nas côrtes é traste de etiqueta: na de Hespanha leva-se a luva calçada só na mão esquerda, sem duvida porque os monarchas hespanhoes costumavam appresentar-se nos actos solemnes com a mão direita núa.

A inquisição em Hespanha. — O doutor William Rule colligiu dados exactos do numero das victimas da inquisição de Hespanha nos annos decorridos desde 1481 até 1525, que foi a época mais intolerante, e em que o dicto tribunal fez mais crúa guerra ao genero humano.

Recapitulando, vê-se que, em treze annos, Torquemada, inquisidor geral de Hespanha, causou a morte de 10:220 pessoas que foram devoradas pelas chammas: fez queimar 6:860 effigies de individuos que morreram nos tormentos da inquisição ou que fugiram ás suas atrozes perseguições; foram castigados com pena de infamia, confiscação de bens e prisão perpetua 97:321: de maneira que ficaram completamente perdidas 114:401 pessoas.

Segundo calculos baseados nos annaes da inquisição até 1525, época da morte do quarto inquisidor, houve 18:320 individuos queimados vivos, 9:660 em effigie ou estatua como então se dizia, 206:526 penitenciados. Ao todo 234:506 victimas da raiva ferocissima dos quatro inquisidores geraes.

Jornaes inglezes. — Eis o numero das assignaturas dos principaes diarios politicos de Londres.

Times	38:000
Morning-Advertisser	4:950
Daily-News	3·683
Morning-Herald	3:639
Morning-Chronicle	2:915
Morning-Post	2:648
Sun	2:664
Express	2:852
Globe	1:869
Standard	1:571

Os jornaes que defendem a politica tory, *Standard*, *Morning-Post*, e *Herald*, não tem todos tres oito mil subscriptores.

THEATRO DE S. CARLOS.

Alcindor, ou o Orphão da Aldêa.

Baile phantastico em 9 quadros, original do sr. Cappon.

No domingo passado subiu finalmente á scena a dança phantastica *O Orphão da Aldêa*, composição original do sr. Cappon, segundo um programma que lhe foi dado pela empreza.

Se grande era a expectativa do publico, pelo muito que se havia fallado desta dança, grande foi por certo o effeito que ella realmente produziu. Um enredo interessante e bem conduzido, bailados graciosos, um bonito *passo* em caracter, ricas e admiraveis scenas das melhores que tem saido dos magicos pinceis dos srs. Rambois e Cinatti, e por ultimo um lindo passo a dois, *du grand genre*, dançado com perfeição pela eximia bailarina sr.ª Monticelli com o sr. Cappon; eis o complexo que grangeou á nova dança espontaneos e repetidos applausos, e a admiração geral de um publico numeroso.

E digamos em abono da verdade, que a empreza não se poupou a despezas nem a diligencias, para apresentar ao publico um espectaculo magnifico e grandioso, que não é de certo inferior aos que marcaram uma época distincta nos annaes deste theatro.

Logo no 1.º acto o publico é bem disposto por um bonito *bailado em caracter*, executado pelo corpo de baile. Temos em seguida um *passo em caracter siciliano*, pelos conjuges Cappon, que bemmereceu os applausos que lhe foram dados. É original, e engraçado, e agradou pela novidade que apresenta, e pela sua boa execução.

A acção mimica tem a vantagem de não ser tediosa; pelo contrario é sempre animada e cheia de interesse. Notamos, porém, que na distribuição dos personagens, á primeira bailarina sr.ª Monticelli, bem como ao sr. Cappon não coubesse, como devia, uma parte na acção, ficando assim limitados estes dois artistas a um pequeno *passo* no 2.º acto, e ao *passo a dous* no ultimo. Este inconveniente bem podia ter-se evitado, sem transtornar o andamento do baile, reunindo os dois papeis da *fada* e da *princesa Graciosa* em um só, e confiando este á sr.ª Monticelli, e por conseguinte o de *Alcindor* ao sr. Cappon. Esta distribuição teria sido, a nosso vêr, mais conforme á pratica estabelecida nas composições do genero francez, daria novo realce á dança, e simplificando o argumento o tornaria mais apropriado á coreographia. Á sr.ª Sophia Costanza pertenceria então o papel de *Adriano*, que representado por esta habil artista mimica, apresentaria maior interesse, e poderia mesmo ser mais desenvolvido pelo compositor. O pobre orphão da aldêa, uma princeza *encantada* e amante, o camponez *Adriano*, e a ingenua *Susette*, seriam os quatro personagens que cumpria melhor definir. Não obstante estas nossas observações, reconhecemos o merecimento desta dança, e tributamos ao seu auctor os maiores elogios.

A sr.ª Sophia no caracter de *Alcindor* vae perfeitamente; os seus gestos são sempre naturaes e expressivos, o seu porte sobre a scena é elegante e delicado. No seu genero a sr.ª Sophia é uma artista digna do maior apreço, pela propriedade e perfeita intelligencia com que representa os diversos papeis que lhe são confiados.

A sr.ª Cappon desempenha bem a sua parte mimica, e não esqueceremos a sr.ª Romilda, que dá boa conta de si, no papel do camponez *Adriano*.

O bailado do ultimo acto é bonito e de bastante effeito; o *adagio* em particular tem figurações novas, muito bem combinadas, e cumpre dizer que o corpo de baile se esmerou na sua execução.

O pequeno *passo* que a sr.ª Monticelli dança com o sr. Cappon na scena do *sonho* de *Alcindor* é gracioso, e inteiramente novo: comtudo não produz o effeito que era de esperar, talvez por estar a scena demasiadamente proxima dos espectadores, e circumscripta em um pequeno espaço. O que é na realidade admiravel é a naturalidade com que a sr.ª Monticelli,

ora sobre o palco, ora como uma *sylphide* no ar, toma sempre bellas posições, sem faltar aos mais strictos preceitos da arte. Mas, se nesta pequena parte se torna desde logo esta insigne artista credora dos applausos do publico, que diremos do magnifico *passo a dois* que dança com o sr. Cappon? Que é um dos melhores que temos visto em S. Carlos, não só pelo lado da composição, como pelo seu desempenho; e que bastaria de per si só para assegurar á sr.ª Monticelli a reputação de uma bailarina de summo merecimento, se ella nos não tivesse já dado exuberantes provas que a natureza a fadára uma das filhas mais predilectas de Terpsichore. Graça, agilidade, força, firmeza, elevação, delicadeza nos passos, desenho nas attitudes, — tudo, emfim, quanto se póde exigir de uma bailarina consummada, — tudo vemos reunido na sr.ª Monticelli.

No *adagio* do passo temos uma serie de bonitos e variados *tableaux*, alguns dos quaes são inteiramente novos, e nos surprehendem pela difficuldade que apresentam.

O publico conteve os applausos até ao fim do *adagio*, e então proromperam elles estrepitosos e unanimes de todos os lados da sala.

As *variações* são compostas de passos graciosos, e de genero diverso: em todas nos revela a sr.ª Monticelli o seu talento artistico, e em todas recebeu ella signaes inequivocos do agrado do publico.

O sr. Cappon dança com perfeição as suas *variações*, que são extremamente difficeis e de bello effeito. Os applausos geraes e repetidos que elle recebeu não só durante o passo, mas depois delle, e conjunctamente com a sr.ª Monticelli no fim da dança, são justos e bem merecidos. O sr. Cappon é um dançarino de merito distincto: foi esta sempre a nossa opinião, e cada vez nos convencemos mais da justiça com que a formámos. Dotado de uma agilidade, força, e ligeireza admiraveis, elle reune a estes dotes uma boa eschola de dança, e muito gosto não só na execução como na escolha dos passos. Do seu merecimento como coreographo, acaba elle de nos dar uma prova, que lhe é summamente favoravel. *O orphão da aldea* não é uma dança *importada do estrangeiro*, como quasi sempre acontece, foi imaginada, e composta para a nossa scena, segundo um programma da empreza, e se esta producção coreographica não está isenta de alguns pequenos defeitos, é certo tambem que tem bastante merecimento, e faz honra a seu auctor.

Resta-nos fallar das scenas, que tão poderosamente contribuiram para o bom exito deste espectaculo. Se dissermos que são dos srs. Rambois e Cinatti, temos dito quanto basta para o fazer o seu maior elogio, mas accrescentaremos que são das mais bellas que estamos habituados a ver. São oito, e cada uma dellas nos attesta o talento dos dois insignes scenographos que temos a fortuna de possuir, e que por espaço de *dezaseis annos consecutivos* tem causado a admiração não só do publico de Lisboa, como tambem de todos os estrangeiros que tem visitado o theatro de S. Carlos.

A scena do 5.º acto, que representa uma granja, tem produzido a maior impressão. É um quadro da eschóla flamenga transformado n'uma decoração de theatro. Que pensamento feliz, que propriedade e frescura de colorido, que bella perspectiva, que illusão completa ella nos apresenta! Repetidas vezes e com justiça foram os pintores applaudidos durante a representação: mas a esta scena redobraram os applausos, e foram elles tão geraes e tão prolongados, que os srs. Rambois e Cinatti, para acceder aos desejos de seus admiradores, tiveram que comparecer por tres vezes no palco a agradecer o apreço e sympathia que o nosso publico lhes consagra.

A *mise en scene* é a todos os respeitos apparatosa; o machinismo dirigido com mais acerto do que geralmente é costume. A musica foi expressamente escripta pelo sr. Francisco Norberto dos Santos Pinto, e é digna do seu auctor. Este concurso de circumstancias proporcionou pois á dança *Alcindor* ou *O orphão da aldea* o exito mais completo, deixando o publico satisfeito por ter occasião de gosar um espectaculo que por muito tempo hade ser lembrado com prazer.

D. R.

BIBLIOGRAPHIA.

O INSTITUTO — *jornal scientifico e litterario* — por Adrião Pereira Forjaz, Alexandre Braga, Antonio Nunes de Carvalho, Bernardo de Serpa Pimentel, Carlos Ramiro Coutinho, Eduardo de Serpa Pimentel, Florencio Mago Barreto Feio, Francisco Antonio Diniz, Francisco de Castro Freire, Guilhermino Augusto de Barros, Henrique Corrêa, Henrique O N'eill, Jacintho Antonio de Sousa, Joaquim Augusto Simões de Carvalho, José Ferreira de Macedo Pinto, José Freire de Serpa, José Maria d'Abreu, Levi Maria Jordão, Luiz Albano de Moraes etc. etc.

Sahirá de 15 em 15 dias, contendo cada numero 16 paginas d'impressão.

Comprehenderá artigos sobre as differentes materias que são objecto das tres classes do Instituto de Coimbra — sciencias moraes e politicas, sciencias physico-mathematicas; litteratura, bellas lettras e artes: e além disto, quando convier:

1.º A parte official do Instituto, incluindo relatorios dos trabalhos, pareceres de commissões, juizos criticos, e discursos recitados na associação.

2.º Elenchos dos cursos professados no Instituto e na Universidade.

3.º Dissertações, prelecções importantes, o movimento litterario dos diversos estabelecimentos scientificos do reino, especialmente da Universidade.

4.º Bibliographia nacional, e revista scientifica e litteraria estrangeira.

Preço da assignatura annual, ou 24 n.ºs ... 1440
Por semestre ou 12 n.ºs 720

Assigna-se em Coimbra na loja da imprensa da Universidade.

Pagamento para os assignantes de Coimbra — no acto da entrega do primeiro numero, e para os de fóra, adiantado.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida, *franca de porte*, ao administrador do *Instituto*, Joaquim Martins de Carvalho, rua do Coruche n.º 22.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 34. QUINTA FEIRA, 1 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 387.)

ARROTEAÇÃO AGRARIA.

Estabelece-se em qualquer propriedade rural uma regular arroteação agraria, para têr por tres ou quatro annos consecutivos abundancia de colheita, com muita economia de despeza e principalmente de adubos. É só deste modo que a agricultura póde florescer. Deste systema de arroteação agraria obtem se admiraveis vantagens; por exemplo:

1.° Lavrar o terreno repetidas vezes, segundo a sua natureza, e a quantidade de sementeiras. Esta lavra deve ser feita tres e quatro vezes como já referi e á terceira é que se aduba a terra, e se semeia. Acontece muitas vezes que os estrumes, não estando bem fermentados, trazem comsigo sementes de ervas nocivas, que crescem, e por isso convêm a quarta lavra para as extirpar. É só então que se deve semear trigo.

2.° Prepara-se depois o mesmo campo com uma lavra e semeia-se milho.

3.° Para cevada ou centeio basta tambem que aquelle campo seja uma vez lavrado, semeando-se depois.

Póde-se tambem misturar trevo, cujas forragens produzem boa erva tanto para feno, como para verde, de que o gado gosta muito.

4.° Neste anno rompe se novamente a terra, com uma quarta lavra e sem adubos, semeando-se outra vez milho, ou mais generos convenientes á natureza e força do terreno, e segundo a extracção propria do logar. Não se estruma, porque as raizes das ervas, sendo revolvidas com o arado no rego, ficam misturadas na terra, e servem como de adubos para o milho etc.

Finalmente é necessario depois adubar a terra, como no primeiro caso, e sujeital-a á *cultura agostana*, n'outra parte demonstrada, continuando-se a arroteação relativa aos outros 4 annos. Além desta arroteação pódem-se adoptar outras, como é a arroteação trienual para os legumes e plantas tuberculosas, principalmente as batatas etc. etc.

DAS LAVOURAS E DAS SEMENTEIRAS DE CEREAES E SEUS PRODUCTOS.

Ha algumas qualidades de sementes que, são desprovidas de taes qualidades que, para darem uma abundante e lucrativa colheita, querem, antes de serem lançadas á terra, que esta seja lavrada tres e quatro vezes, sendo este trabalho feito alternativamente de 15 em 15 dias, ou pouco mais ou menos, e mesmo de mez em mez. Ha, porém, terras de sharco, em que é necessario fazer a lavra quatro vezes no anno, e em algumas duas. As sementeiras que precisam aquelle tratamento de repetidas lavras são os prados, o canhamo, rabão macho, couve colza, a betaraba que serve de forragem para o gado, e qualquer outra semente que se quer deitar nas terras de nova plantação, que antes eram bosques, mattos etc., menos em algumas localidades excepcionaes, como nas varzeas enxutas, e finalmente em todas as terras, sem excepção, que deram muitas colheitas de cereaes durante o espaço de 4 ou 5 mezes, e por isso devem ficar sujeitas ás indicadas lavras de 15 em 15 dias, trabalho que se chama *cultura agostana*, entre os agricultores italianos. Isto costuma-se fazer para tornar a dar á terra aquella grande porosidade que perdeu no decurso de 4 ou 5 annos de arroteação ou afolhamento, por causa do rasto dos carros, uso dos instrumentos, pezo dos bois, da charrua e da chuva, o que tudo contribue para a tornar muito adherente e compacta, de tal modo que lhe faz fechar a porosidade que tinha antes; e ao mesmo tempo serve para limpal-a das ervas nocivas que cresceram durante aquelles annos, como a grama e outras.

Não subordinando as terras a este processo, vem o lavrador a ter uma perda enorme de cereaes, e da metade e tres quartos mesmo do trabalho. Engana-se pois aquelle agricultor que lavra a terra uma só vez, e com mau arado, debaixo do pretexto de promptidão, e de economia de adubos, tempo e costeio etc. Taes principios são desprovidos de todas as rasões fisicas e economicas, que aqui não refiro pela

brevidade de meu assumpto; porque os seus effeitos são geralmente conhecidos, e todos os dias se tornam mais palpaveis, demonstrando pelos factos onde está a utilidade. Alguns inveterados nos antigos usos são tão difficeis de convencer, que só gritam por economia, fazendo com esta palavra um damno immenso tanto aos ricos proprietarios como aos camponezes, os quaes vendo o exemplo adoptam e abraçam tudo o que lisongeia a esperança de mudarem o seu destino, porque estando possuidos de tão absurdas doutrinas, em caso de ruina accusam as estações etc., do mau resultado das colheitas, por estarem sempre esperando um bom futuro, que nunca lhes ha de chegar.

O agricultor para obter favoraveis resultados, necessita não sómente lavrar profundamente a terra, mas tambem estrumal-a segundo a arte. No primeiro anno sendo grande a despeza, o lucro tambem não póde ser muito satisfactorio; mas depois apparecem os bons effeitos do tratamento primitivo, não precisando a terra, durante os 4 ou 5 annos de rotação, mais que uma só lavra, sem mais adubos, seguindo-se o methodo da sobredita arroteação agricola.

MELHORAMENTOS AGRICOLAS. SYSTEMA DE COLONISAÇÃO.

(Fim.)

O systema de colonisação da alta Lombardia é considerado como o melhor entre todos os povos conhecidos.

Na agricultura como em qualquer outra industria, a economia de tempo e das forças é uma condição vital da sua prosperidade.

Os paizes exclusivamente agricolas, como a Lombardia, devem o prodigioso desenvolvimento das suas riquezas á rigorosa applicação destes principios. Entre todos os povos distinguiram-se os da Lombardia, que deram o exemplo com o trabalho da *mezzadria*, isto é a respeito dos productos entre o proprietario e o colono, o qual trabalhando em propria vantagem, emprega toda a sua força, não perde um instante de tempo, e occupa tambem a mulher e os filhos.

A superioridade deste systema era tão evidente, que os grandes proprietarios desistiram do antigo, que consistia em fazer cultivar por sua conta, e com meios mercenarios, e precisamente como se praticava em Calhariz, e em outras partes.

As grandes vinhas dispostas da maneira que o são em Portugal, Hespanha, e França Meridional, não pódem ser administradas por *mezzadria*, pela rasão que dão um producto só, o vinho: e uma familia de colonos tem necessidade de tirar do terreno cultivado por ella todos os diversos generos que servem para o seu sustento, como são trigo, milho, cevada, batatas, legumes, azeite, e feno sem o qual não pódem manter o gado necessario ao trabalho, e á producção dos estrumes. Estabelecendo as vinhas, tive em vista dispôl-as de maneira tal que se podessem obter todos os sobreditos generos, para que sirvam de introducção ao systema recommendado.

Effectivamente a vinha é murada por amoreiras, para defender o campo da invasão do gado; e outras são collocadas em distancias certas no interior das vinhas. Fica pois o campo atravessado entre fileiras de vides, e amoreiras, podendo-se tambem plantar oliveiras. Dispondo assim o campo colonial tem-se em um anno os productos que se desejam, cultivando um só; como tambem cultivando-se milho e qualquer outro cereal, tem-se este juntamente com o azeite, e todos os productos da amoreira; pelo que em proporção com outro systema differente é sempre muito maior o resultado, por isso que lavrando e adubando as terras para os cereaes alcançam todas as plantações por esta benefica operação, contemporaneamente, uma grande ventagem, quer sejam d'uma especie quer de outra.

A vide produz, pois, maior quantidade de uva, porque se conserva mais forte. Dura mais tempo; e achando-se perfeitamente bem alliviada e arejada, a uva amadurece, e não ha perigo que a nevoa venha damnificar a florescencia, como succede com as vinhas ordinarias. Não ha necessidade de trazer ás costas os cestos com o estrume, nem no tempo da vindima a uva, poisque serve o carro com muita economia de despezas.

Se de uma vinha ordinaria, tratada por conta propria, se tira por exemplo, 10; tratada por systema de colonisação, o proprietario, dividindo por metade, recebe quasi os seus 10, da mesma maneira, sem despeza; tanto porque o colono tem maior cuidado no amanho, não permittindo furtos ou damnos, como pela maneira diversa de tratar as vinhas, que acima se explica.

E se a familia colonial trabalha com zelo, é porque espera que pela sua diligencia e actividade augmente os productos, porque tudo lhe pertence menos a metade da uva, do vinho, e azeite; e uma pequena parte de trigo, tendo sómente de pagar um juro conveniente pelo preço dos utensilios fornecidos. O proprietario, por sua parte, não terá de cuidar em despezas algumas, exceptuando a de um agente, que fiscalise a conducta dos colonos, a quem será confiada a boa conservação dos utensilios, e que lucrará o quinhão que lhe pertence. Quando no decurso do anno o colono tenha necessidade de quaesquer soccorros por acontecimentos imprevistos, ou desgraças, o proprietario lhos subministrará ou em dinheiro, ou em generos, e reembolçar-se-ha na época da colheita, pela porção de azeite, uva, casulos de seda, cereaes, e outros productos pertencentes ao mesmo colono. É este o systema que se pratica na alta Lombardia, donde provêm a um tempo o bem-estar dos colonos, e a riqueza dos proprietarios.

Quando communiquei este projecto a uma pessoa, quiz combaterm'o com o pretexto especioso da difficuldade de induzir os habitantes do campo a abandonarem os seus costumes. Mas isto é um sophisma e não um argumento. O homem do campo não é tão desprovido de intelligencia que, offerecendo-se-lhe o meio de sahir da classe miseravel de mercenario, regeite logo o partido.

As vantagens tão claras e evidentes deste systema de colonisação fallam mais forte á sua rasão, que não a voz dos prejuizos, e dos conselhos dos inimigos systematicos de toda a innovação. Sómente não ha duvida em que a colonisação não é obra de um momento, mas para desenvolver-se gradualmente é necessario progredir com prudencia, para que o feliz resultado das primeiras tentativas convença os mais incredulos da sua conveniencia, e disponha os animos a seguir o exemplo.

Para não cançar mais, não me occupo com longas demonstrações das consideraveis melhoras que se realisariam não somente na vida agora mesquinha do colono, como nos interesses dos proprietarios.

Nem só os particulares approveitariam com tão louvavel innovação, tambem o Estado havia de tirar, immediatamente, effeitos rendosos. A população cresceria com rapido incremento, porque onde for facil a existencia das colonias, formam-se logo novas familias. Estas contribuem com as suas fadigas, para o augmento da producção agricola que tambem por seu turno favorece a população.

A alta intelligencia de s. ex.ª o sr. duque, de sempre chorada memoria, ordenou que se désse logo principio a este maravilhoso systema de colonisação, começando por adoptar para este fim os locaes que já existiam; e que se designassem, e propozessem novos como se fez.

(Continúa.)

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

(Concluido de pag. 290.)

É difficil, até ao cultivador inglez, explicar as mui consideraveis differenças que ha no effeito dos ossos pulverisados, sobretudo a sua acção admiravel e quasi exclusiva na sementeira dos nabos turnepos. Entre as rasões que se dão, eis as que me pareceram de mais fundamento.

É importantissimo, para o bom exito da cultura dos turnepos, que as sementes escapem, mediante uma germinação prompta e o rapido crescimento das plantas novas, ás devastações causadas pelos insectos rasteiros.

Para esse fim, carece-se de um estimulante energico, por exemplo e á falta de outro, de uma estrumada abundante. Uma vez passado esse perigo, os turnepos desenvolvem bem depressa as folhas, tiram da atmosphera, em grande parte, a sua nutrição, e do solo muito pouco.

Os ossos pulverisados, em contacto com as sementes da maneira já indicada, fornecem aquelle estimulante pela decomposição das materias que encerram: quanto mais fino é o pó, tanto mais se prepara e facilita a sua decomposição, e mais rapido e efficaz é o effeito. Segue-se dahi, e a experiencia assim mostrou em Inglaterra, que o emprego de uma quantidade de ossos mui superior ao termo medio não augmenta a producção na proporção do accrescimo. A experiencia igualmente provou que a forte dose de estrume dada aos turnepos não serve realmente senão para lhes fazer passar felizmente o periodo perigoso que apontamos, no começo de sua vegetação.

Effectivamente, não obstante a abundancia da colheita, deixam a maior parte do adubo ás plantas que lhes succedem. Esta ultima circumstancia deve necessariamente ter grande influencia no accrescimo e força productora das granjas inglezas. Todavia, hesito em decidir se esta explicação é exacta, ou se o clima da Inglaterra, o methodo de converter frequentemente as terras em prados, ou quaesquer outras causas tornam mais vantajoso alli o emprego dos ossos pulverisados do que em outros paizes.

Caldeação ou caldagem: chaulage. — É um methodo muito usado em Inglaterra. Quanto ao modo de applicação e aos effeitos sobre as differentes especies de terrenos, á quantidade de cal empregada, á repetição mais ou menos frequente da caldagem, as informações ministradas pelos cultivadores inglezes variam tanto como as que se leem nas diversas obras sobre agricultura.

Muitas circumstancias moveram os inglezes a usar de muito grandes quantidades de cal, e fizeram com que a caldeação tenha alli mais prospero exito do que em outros paizes.

Da-se o caso de haver abundancia de cal e giz; o carvão de pedra é por vil preço; segue-se a extensão dada aos prados artificiaes que se caldeiam com muito proveito quando se arroteam; finalmente o uso do adubar deste modo os ruins prados naturaes. Demais disso, uma das causas principaes do bom resultado dessas caldeações de certo consiste na quantidade maior de adubos organicos de que alli se dispoem. É precisamente uma regra fundamental da caldeação; na Inglaterra, acompanhal-a de uma quantidade de estrume igual á que teria sido empregada sem aquelle adubo.

Adoptaram-se mais estes principios: — que a cal tem, sobretudo, vantajosa influencia sobre uma terra compacta contribuindo para a tornar mais solta, e sobre uma terra inerte, na qual desenvolve vigor e força activa: — que n'estas especies de terrenos podem applicar-se quantidades de cal maiores do que nos outros: — finalmente, que é preciso sanear completamente o terreno antes de lhe dar a caldagem.

Limitar-me-hei a descrever o processo que vi applicar a um vasto campo que estava de pouzio, em o condado de Northumberland.

O solo era extremamente compacto. Transportaram-se para as sobreditas terras 220 bushels de cal por acre de terra; e similhante caldeação é repetida de vinte em vinte annos, ou todos os dez annos se acaso se emprega só metade. A cal era cosida de fresco, e tinham-na repartido em pequenos montes cobertos de terra; deixaram-na assim alguns dias, ao cabo dos quaes achava-se reduzida em pó. Neste estado foi espalhada por todo o campo: cobriram-na o mais igualmente possivel com uma leve lavoura, e misturaram-na completamente com a terra com repetidas passagens da grade, tanto ao comprimento como á largura. No mesmo anno da caldeação não é usado o emprego do estrume de curral. Servem-se pouco do giz ou greda em bruto.

Marnagem. — Era n'outro tempo muito mais frequente do que é agora o uso do marne ou marga, e a pratica da caldeação propaga-se á medida que se perde a da marnagem. Quando é mister mandar vir de longe a marga, o cultivador inglez acha as despezas desproporcionadas com o resultado.

A grandissima extensão e a extraordinaria voga que tem obtido ha vinte e cinco annos a marnagem em o norte da Alemanha dão azo a que se apprenda ahi sobre este objecto muito mais do que em Inglaterra. De resto, o condado de Norfolk, que forneceu tantos exemplos seguidos na agricultura alemãa, conseguiu por via da marnagem, como é notorio, dar consistencia ao seu terreno arenoso.

O emprego do gesso é igualmente mais extenso e variado em Alemanha do que em Inglaterra.

Sal. — Os lavradores inglezes admiram-se quando se lhes conta o muito que se tem fallado e escripto em Alemanha das vantagens, que se presume obtidas por elles com o emprego do sal em larga escala para melhoramento das terras.

Tendo feito muitas indagações não pude achar vestigio de similhante uso efficaz do sal; ao contrario todos os ensaios aqui feitos tem tido o resultado negativo como em Alemanha demonstraram claramente o pouco effeito que produz esta substancia na vegetação. Abandonaram, portanto, em Inglaterra essa idéa.

Parece que toda a azafama que houve, em certo tempo, a respeito do uso do sal como correctivo e melhoramento das terras lavradias, só tinha por objecto induzir o governo a diminuir o pesado imposto que onerava o sal marinho, a fim de que se podesse empregar em maior quantidade para uso do gado.

Finalmente, o meio de melhorar e fertilisar o terreno com a argila cozida, que ha tempos teve o privilegio de attrahir a geral attenção tanto em Inglaterra como em Alemanha, ficou pertencendo puramente á theoria; pelo menos, não o pude descobrir na pratica dos cultivadores inglezes.

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

CAPITULO VII.

Passeio publico.

(Continuado de pag. 391.)

Do governo civil respondeu-se-me que promovesse representação da camara; cumpriu-se; veio noticia de que se havia mandado a representação para o ministro da fazenda. Ainda lá me dirigi, mas não obtive resposta, e pouco depois se vendeu a fabrica, sem attenção á representação municipal, e administrativa.

Recebendo em seguida a portaria de 21 de dezembro de 1850, expedida pelo ministerio da fazenda, ordenando que os administradores examinassem escrupulosamente qualquer lista de bens nacionaes annunciados para venda, que porventura chegasse aos seus concelhos, e que, achando entre elles alguma propriedade que intendesse com o futuro melhoramento de rios ou estradas, assim o communicassem immediatamente; e dizendo eu em resposta, que já em harmonia com os principios que presidiram á confecção da portaria havia representado, mas sem fructo, a favor do municipio, que na venda da fabrica e pertenças não fosse incluida a lameda, *obtive resposta*, e vim a saber o motivo porque a representação foi desattendida: a venda foi decretada por lei, o governo entendeu que não podia subtrahir a lameda.

Refiro estas circumstancias para os habitantes da villa saberem que me não esqueci de evitar-lhes a possibilidade de no futuro se lembrar alguem de fechar a lameda; e quaes os motivos porque não obtive. Refiro-as mais ainda para mover o patriotismo dos compradores da fabrica a cederem, em favor do municipio, de qualquer direito que tenham naquelle terreno. O municipio, aformoseando a lameda, como é necessario, tambem fará conveniencia aos operarios da fabrica, que alli terão um recreio depois das suas fadigas.

CAPITULO VIII

DESECAÇÃO DO PESTIFERO PAUL DO BUNHAL, NAVEGAÇÃO DESDE A FOZ DO RIO D'OTTA, NO TEJO, ATÉ AO ARCHINO, CONSTRUCÇÃO DE UMA ESTRADA ENTRE O ARCHINO E VILLA NOVA DA RAINHA, MEIOS PARA A REALISAÇÃO DESTAS OBRAS.

§ 1.°

Flagello publico de parte deste concelho.

Os habitantes da freguezia d'Otta soffrem um flagello, digno da attenção do governo, nas sezões maleficas e proverbiaes de que são todos atacados, e por varias vezes em cada anno: havendo occasiões em que a população toda offerece um aspecto que commove e afflige. Este mal, no estio e soprando ventos do lado do paul, denominado o — Bunhal — se communica ao logar do Camernal, a Villa Nova, e quintas visinhas. Não basta a fertilidade e riqueza do solo para animar um progresso constante de população, e a compensar dos effeitos de tão grandes males, e de tantos perigos. A antiga freguezia de S. Bartholomeu está despovoada e extincta, e o seu templo serve hoje de abrigo aos gados do campo; sorte egual á da freguezia se póde recear para todo aquelle paiz.

Este mal, que os persegue na estação calmosa, é substituido por outro, ainda mais geral (por abranger maior extensão de paiz) na estação das chuvas. Nesta não é de maneira alguma praticavel a estrada para Villa Nova da Rainha. Os lavradores d'Otta, da Abrigada, e dos concelhos de Cadaval e Alcoentre, que necessitam de exportar os seus vinhos, ou outros quaesquer objectos, em carros por Villa Nova, não se podendo servir da estrada, que os engoliria com os bois, carros e carradas, aventuram-se com os seus carros pelas terras particulares; sujeitando-se não só ao incommodo de fazer caminho por terras cultivadas e alagadiças, mas ao perigo de se encontrarem com os guardas, que, para defenderem a terra e prohibir o transito que lhes damnifica as sementeiras, se batem com os carreiros; os quaes tambem, a seu turno, se julgam com direito de viajar no proprio paiz, pelo unico meio que lhes é possivel. Poderá parecer incrivel que em um estado civilisado, a poucas horas da capital, e para se alcançar o primeiro porto, ou um dos primeiros, do interior, seja necessario aos viajantes fazer caravanas, e dispôr-se a abrir caminho combatendo! Pois tudo isto é uma triste verdade, e são repetidos estes conflictos, de que tem resultado mortes!

§ 2.°

Obra publica que o evita.

Todos estes males se pódem evitar, fazendo-se uma obra que deveria ser concluida ainda quando não offerecesse outras vantagens; e, todavia, são tão gran-

des as que della provém, que deveria ser feita ainda quando se não tivesse em vistà o evitar aquelles males.

Esta obra é a navegação do rio que corre desde o Archino até Villa Nova da Rainha. Obra (a meu vêr) muito possivel, que tem em si os meios da construcção e conservação, e que depende principalmente de uma vontade energica, cordial e conscienciosa da parte dos que dirigem os negocios do estado.

Em aguas vivas chegam as marés até á ponte de S. Bartholomeu, e até lá navegam pequenos botes para carretos de combustivel e outros usos domesticos. Esta ponte dista de Villa Nova cento e vinte minutos de caminho, intransitavel em grande parte do anno. Com mais alguma profundidade se conseguiria esta navegação para barcos convenientes.

A abertura e profundidade d'uma valla desta parte até ao principio da alagôa do Bunhal é facil, pela qualidade do terreno — por não ser longo o espaço — e por se trabalhar á vontade, livre do embaraço das aguas, que seria nenhum ou diminuto em algum tempo do anno. Em parte desta distancia as aguas correm para o interior em tempo de chuva, por ser mais baixo o terreno em que está a lagôa. Esta agua ahi agglomerada não tem em parte do anno outra saída senão pela evaporação que envenena os habitantes. Quando a superficie da agua sóbe mais do que a terra que separa a lagôa do rio d'Otta, alguma corrente se estabelece do interior para o rio — corrente muito trabalhosa por entre pequenos lagos e pantanos que vai formando até chegar á ponte de S. Bartholomeu; achado o nivel pára a saída, e principiam as sezões.

(Continúa.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 390.)

É falso que no Pará durante a Vinagrada, ou em qualquer outra época, existissem portuguezes militarmente organisados a combater nas fileiras do governo; creio que em Caxias durante a desordem de 1839 a 1840 alguns serviram nos corpos do paiz; mas tambem tenho por falso que em Pernambuco houvesse os armamentos de que falla o *Argos*. O que sei com muita certeza é que, auctorisado pelo governo central, o provincial, a cuja testa se achava então o actual ministro da guerra, mandou formar aqui um batalhão de compatriotas meus (esqueceria ao *Argos* este horrendo crime?) o qual não combateu contra a Balaiada porque felizmente não foi necessario. Supponhamos, porém, que fossem verdadeiros os armamentos censurados por aquella gazeta, porventura significava isso que os portuguezes se intromettiam na politica dos brasileiros? Nenhum homem desapaixonado ha de pensar como o *Argos* sabendo as causas que podiam dar logar a semilhantes armamentos.

Eu desafio os srs. do *Argos* para me responderem á seguinte pergunta. Imaginem-se em Lisboa, e que as suas vidas e propriedades eram ahi acommettidas por uma plebe allucinada e infrene, a qual por seus actos ridiculisasse e profanasse o santo nome da liberdade que indecentemente invocasse; imaginem que para escapar aos loucos furores dessa populaça, lhes convinha unir-se ás tropas que o governo enviasse para restabelecer a tranquillidade; recusariam acceitar as armas que elle para isso lhes offerecesse? Deixar-se-iam com os braços cruzados ferozmente assassinar para não perturbar a populaça na mui *patriotica* empreza de regenerar o paiz pelo roubo e assassinato? Tenho por mui cavalheiros os redactores a quem fallo para crer que me respondam negativamente. Ainda vou mais longe: a modo que lhes estou ouvindo dizer que, realisada esta hypothese, se tivessem polvora e bala não esperariam o consenso do governo para com a força repellir a força; e obrariam com acerto, porque em taes casos a lei primeira é a da conservação, e mais vale morrer corajosamente com as armas na mão do que como covarde. Mas o que a elles seria licito em terra alheia, sêl-o-ha aqui vedado aos portuguezes?

Se não intendo mal o *Argos*, elle chama progressistas ao *Vinagre* e *Balaio*, parecendo assim dar a intender que, na sua politica, assassinar, roubar, e destruir, as unicas coisas que fizeram os *exercitos nacionaes* commandados por aquelles homens, significam progresso e patriotismo; como porém não é crivel que elle quizesse dizer isto, não lhe responderei, o que podia fazer sem questionar sobre politica, porque aquelles factos já entraram no dominio da historia, e a todo o mundo compete fallar nelles e moralisal-os.

Ao meu proposito basta aqui declarar, que a vinagrada e a balaiada estão ainda na memoria de todos, unicamente pelos males e crimes que causaram, e que não foi o governo que mandou perpetrar esses crimes. Alguns scelerados, o *refugo e as fezes* da sociedade brasileira, foram os que sob pretextos politicos, e do bem do paiz, o véo com que muitas das mais torpes paixões costumam disfarçar-se, conduziram a incauta populaça a commetter horrores, que as auctoridades, por frouxidão ou por falta de forças, tranquillamente presenciaram, quando delles não foram victimas, como o presidente e commandante das armas do Pará. Deveria pois um estrangeiro em tão infaustos dias recusar uma arma, com o auxilio da qual podesse salvar-se, bem como a sua mulher e a seus filhos? Senhor do *Argos*, por honra vossa e do vosso partido, buscae que fóra do paiz ninguem saiba existirem nelle gazetas, as quaes exigem que o estrangeiro se deixe humildemente assassinar e á sua familia, pelas *honradas cohortes*, ou pelas *columnas populares* dos *Vinagres*, *Balaios*, e *Raimundos Gomes*; isto é, por homens sem pensamento algum politico, e cujos nomes por si sós deshonrariam o partido em que entrassem. Desgraçada a nação, que por columnas populares só tivesse gente igual á que em 1839 destruiu Caxias!!...

Sem receio de ser desmentido, eu posso asseverar que ha muitos annos não existe nesta capital um portuguez que directa ou indirectamente se metta na politica dos partidos, seja qual fôr a côr politica destes. E o mesmo que aqui succede, acontece por toda a provincia, ou antes por todo o imperio, com uma ou outra excepção, sempre inevitavel entre tantos individuos de uma nação, e muito mais entre os de

uma nação nas circumstancias em que os portuguezes estão para com os brasileiros.

Haverá lá por fóra alguns filhos de Portugal tão entrelaçados com a gente de um ou outro partido pelos laços do sangue ou da amizade, que nem sempre possam escusar-se de influir sobre os seus correspondentes para se votar em tal ou tal candidato para deputado ou senador; mas aonde aqui o crime? Em nenhum paiz constitucional essa influencia indirecta se chama delicto, mas quando o Brasil por tal o capitulasse, permittiria a justiça que pelo crime de um, ou de meia duzia, respondessem todos os individuos da mesma nação! Ao contrario devera-se pensar que a qualidade de estrangeiro não derroga as obrigações de parente ou amigo; e por consequencia nunca se deveria reputar crime contra a nacionalidade de um paiz o lançar mão dos meios licitos afim de alcançar para um parente ou para um amigo meia duzia de votos.

Quero ainda conceder que haja por ahi alguns portuguezes que entre os seus amigos, ou conhecidos fallem na politica do paiz, ou mesmo a discutam, quando della lhes póde resultar bem ou mal: mas o que tem isso? Acaso pertence ao *Argos*, o campeão da liberdade, e do progresso, censurar e estorvar que alguem, seja nacional ou estrangeiro, na sua casa, ou entre amigos falle e pense como quizer, e no que quizer? Não queira o *Argos* parecer-se com a *santa* inquisição, que proclamava uma religião de paz, e fazia guerra cruel a todos os que julgavam ter liberdade para adorar a Deus a seu geito.

E de mais, são por ventura os brasileiros nos outros paizes tão calados, e tão alheios á politica como o *Argos finge* querer que os portuguezes o sejam aqui? Eu digo — finge — por se me figurar que elle estigmatisa a supposta interferencia dos portuguezes na politica, unicamente por não ser essa interferencia só em favor do seu partido. Se elles no Pará, em Caxias e Pernambuco, em vez de se conservárem imparciaes, ou de combaterem (segundo elle diz), pelo governo, se tivessem alistado nas fileiras contrarias; se tivessem ajudado a destruir o governo estabelecido, e a derribar os *oppressores do povo* que o sustentavam; isto é, se tivessem ajudado a riscar o Brazil da lista das nações, então, apesar de não deverem os estrangeiros ingerir-se na politica interna, certamente os portuguezes teriam merecido a sua approvação e deixado de ser o refugo, as fezes de sua nação, e os fautores da tyrannia; comtudo nesse caso a cabilda do *Estandarte* com rasão passaria de grupo isolado a ser maior do que o exercito com que Napoleão invadiu a Russia.

Nas contestações politicas que posteriormente á independencia do Brasil tem dilacerado Portugal, os brasileiros ahi residentes poucas vezes se conservaram mudos espectadores. Em horas bem criticas eu os vi comigo nas fileiras da liberdade constitucional, e por isso aqui lhes dou os meus agradecimentos. E note-se que a sua cooperação era puramente espontanea, e de nenhuma sorte exigida nem pelos governos, nem pelos acontecimentos. Formando-se em Coimbra no anno de 1826 um batalhão de academicos para ir combater os inimigos da carta outorgada por D. Pedro, muitos brasileiros de seu motu proprio se alistaram nelle, acompanharam-no até Vizeu de donde regressou, e assim como os outros correram não pequeno risco de perderem o anno, por não querer o ministro do reino de então, homem totalmente avesso á formação do corpo academico, que se lhes abonassem as faltas que derão para nos ajudar a conquistar a liberdade, contra a qual nunca no Brasil independente se levantou uma voz portugueza.

Na guerra de 1832 a 1834 ainda diversos brasileiros serviram no exercito constitucional; e cuido (valha a verdade) que na revolta da Maria da Fonte por ambas as parcialidades pelejaram brasileiros. Compare agora o *Argos* a indole dos dois povos. Em Portugal nunca partido algum pronunciou uma palavra offensiva contra os brasileiros, ainda quando esses se armavam contra o governo estabelecido (a este respeito invoco o proprio testimunho de um dos redactores do *Argos*, e o de quantos dos seus conterraneos redactores e não redactores ahi ha que tenham estado na minha patria); e aqui até o *Argos* que se inculca, como um dos apostolos, como um dos pharóes da liberdade, e do progresso, acoima os portuguezes, não por terem, apezar do que diz, combatido por este ou por aquelle partido, senão por se haverem armado contra os que lhes ameaçavam as vidas e as propriedades. Nunca se viu progresso menos civilisador, nem mais retrogrado. *La conscience est la loi des lois*, como diz Lamartine.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXI.

DUAS POTENCIAS!

A nuvem tinha passado; o caso de consciencia das perdizes estava esquecido. El-rei, apoiando o corpo sobre o pé direito, convertia em balanço familiar a sua poltrona, indicio evidente da regia alacridade. O confessor crescia com indignação, e o ministro fazia-se pequeno, prova de se achar grande. D. Pedro II, virando-se para Diogo de Mendonça, cujo valimento augmentára desde a dissertação canonica sobre o jejum, exclamou:

— « Vamos á historia do teu protegido. »

— « Qual historia, meu sr.? »

— « A do teu capitão *Bayardo*. Não foi Bayardo que disseste? Sabes que mais, Diogo de Mendonça? Ainda te acho muito poeta. Emfim, vamos a vêr. »

— « Perdoe v. magestade! Pois eu chamei *Bayardo* ao homem? É verdade não ha melhor soldado; mas *Bayardo* foi demais... por signal!

espera alli fóra a graça de beijar a mão de el-rei. »

— « Primeiro a historia. Tem alguma coisa, padre Sebastião? »

— Não, meu senhor. Ousarei lembrar novamente a v. magestade a audiencia do padre Ventura? »

— « Virá o padre tambem... Diogo de Mendonça, estou ouvindo. »

O jesuita furioso interiormente, por causa da preterição, foi bastante fino para tentar o supremo esforço de um sorriso, que lhe saíu a mais forçada e azeda das suas visagens. O secretario das mercês não perdia de vista o revm.°, por dentro rindo-se do seu desgosto, por fóra affectando uma innocencia primitiva.

Esta historia era um favor de el-rei, que se propunha grangear em proveito do capitão e do seu amigo Lourenço Telles; porque, apesar dos calumniadores, Diogo de Mendonça, accusado de ser o mais espirituoso comico da côrte, e de fingir no seu coração, vasio e desamoravel, todos os sentimentos, estimava pouca gente e poucas vezes, mas quando era amigo sabia sêl-o.

— « O visconde de Barbacena, saberá v. magestade — principiou o ministro — diz do capitão Jeronymo Guerreiro, que é a mais fina espada de cavallaria, e a melhor cabeça de conselho em ardís de guerra... »

— « O exordio promette » — acudiu o monarcha — « Queira Deus que não te canςes antes de chegar ao fim... »

— « Não ha corpo sem cabeça, meu sr. ! » — respondeu o secretario das mercês com summa gravidade — « E se o exordio parece forte a v. magestade, a narração me salvará... Tractava-se este anno da occupação de Alcantara ou de Badajoz, que se perdeu na outra campanha pelas demoras do conde de S. João, coitado!... A primeira difficuldade consistia em achar um lingua entre os castelhanos; porque era loucura metter com os olhos tapados o nosso exercito mesmo na bocca dos canhões... »

— « De certo! » — observou el-rei, accelerando o vai-vem da sua poltrona.

— « Mas quem seria o rato, capaz de pôr o guizo ao gato? — porque v. magestade percebe que os francezes apanhando o espia roubavam-no para os não alliciar, e arcabusavam-no depois para não fallar. Como pouca gente gosta de servir de mira aos mosquetes de uma companhia de soldados... »

— « E aqui entre nós, Diogo de Mendonça, ha de ser muito desagradavel! — tornou a observar el-rei, balançando-se na cadeira.

— » É verdade! No caso presente até se podia apostar noventa contra dois em como as probabilidades eram de ficar no meio da jornada com doze balas na cabeça, chumbo de mais para alvo tão pequeno.. »

— « Diabolico! » — acudiu D. Pedro, esfregando as mãos.

— « Não admira, pois, que os officiaes se fossem escusando de modo que o visconde, muito cholerico, segundo é publico, fez-se branco, como a tira da camisa, e chegou a dizer que iria elle, se ninguem fosse, pois tanto valia morrer de um tiro em batalha, como levar dez balas no coração atraz de um fosso. »

— « Argumento forte, Diogo de Mendonça! » — notou el-rei.

— « Infelizmente ninguem se convenceu! » — proseguiu o secretario sorrindo-se. — « Nesta occasião entrava Jeronymo Guerreiro e o general batendo-lhe no hombro, gritou muito animado: — « Aqui está quem vai ganhar um posto, ou levar um peitilho de balas, a Badajoz! Por este respondo eu! » — Jeronymo informou-se, ouviu as instrucções, e muito serio, muito sereno, fez uma cortezia ao visconde, e sem dizer mais nada..

— « O que fez? » — gritou el-rei.

— « Partiu, meu senhor! »

— « Partiu! ?.. » — exclamou o principe, levantando-se.

— « Immediatamente!... E como suppõe v. magestade que elle entrou por Hispanha? Em trajos castelhanos, a pé sobre duas muletas, fingindo-se côxo e tartamudo.... Em vez de um, pregou dois logros aos francezes. »

— « Bello estratagema! E fingiu-se bem? »

— « Tão bem, que foi até Madrid sempre mettido pelas portarias dos conventos e pelos pateos dos fidalgos, vendo e ouvindo tudo; e como parecia ter a lingua ainda mais tolhida do que as pernas, e a sua mala era o alforge de pedinte, não lhe perguntou ninguem d'onde era nem para onde ia.... Parvos! »

— « No mundo tudo são apparencias! » — interrompeu o padre Sebastião, olhando para o historiador com visivel intenção.

— « Santa verdade! » — exclamou este quebrando os oculos, como em certos dramas o protagonista estala a espada no joelho — « E então? Não quebrei os oculos?... São tudo apparencias, v. reverendissima o disse! Tudo é comedia.... »

— « Menos a morte, Diogo de Mendonça » — accudiu el-rei entristecendo.

— « Essa é tragedia!... Para que fallamos nós de morte? V. magestade graças a Deus, e todos esperamos viver largos e felizes annos... Longe vão os cuidados! ».

— « E o nosso capitão? » — perguntou el-rei.

— « Quando se achou informado voltou coxeando para Elvas com os alforges cheios de esmolas e de noticias. O que suppõe el-rei que lhe havia de occorrer?... Pagar-se da jornada por suas mãos! Fazer dos castelhanos banqueiros de v. magestade!.. Isto de rapazes!... »

— « Como? »

— « Eu digo a v. magestade, Jeronymo é muito callado, e quando fórma um plano rumina-o comsigo; ora em elle achando a ideia, alguem por força acha de menos alguma coisa; fallo dos inimigos. Quando se recolhia, notou que os gados levados á feira de Guadalupe iam formosissimos, e pareceu-lhe mal não serem delle, e serem de seus donos.... V. magestade sabe: cortar os viveres em campanha é tão meritorio para o soldado, como dar de comer a quem tem fome na paz de Deus. »

— « As obras de misericordia ás avessas? » — disse D. Pedro, rindo.

— « Ás direitas, meu senhor. A charidade bem ordenada começa por nós. Assim, aquelle menino... (desculpe v. magestade; é mau costume que tomei; chamo até meninos aos velhos — a s. reverendissima talvez, póde bem ser!) O caso é que o nosso capitão, sabendo que os gados ficavam dois dias em um logar da raia para descançar, deixou-se ficar com elles; e teve artes (demonio do rapaz!) de fazer que lhe offerecessem comida e dinheiro pelos guardar de noite, com promessa do dobro se quizesse acompanhal-os... »

— « E acceitou? »

— « Foi tão feliz que o obrigaram a acceitar! »

— « Mas elle fingia-se tartamudo? »

— « É o melhor da historia. Como não podia gritar deram-lhe um tambor e disseram que tocasse nelle em sentindo tropel. Feito o ajuste, os guardadores dormiram a somno solto; e como a quem dorme dormem os cuidados, elles ficaram, e os gados foram-se. »

— « Ah! » — gritou el-rei com alvoroço. — « Como foi, como foi? »

— « Com a maior simplicidade. Dormiam ao pé delle tres soldados de cavallaria, com ordem de não largar os rebanhos. Beberam e deitaram-se. Na segunda noite, Jeronymo, quando os viu ferrados no somno amarrou-os, poz-lhes mordaças na bocca, e rompeu depois o tambor. Montado na melhor egua, com um pampilho na mão, entrou em Portugal e chegou a Elvas, seria meio dia. Os guardas, que ficavam no logar, a meio quarto de legua, não sentiram nada; e acordando ao nascer do sol trataram de ajuntar os bois... Não havia bois. Acharam as muletas do coxo, os tres soldados prezos, e souberam então que elle tinha duas pernas famosas, e fallava como um doutor. Quizeram tocar a rebate no tambor, estava roto! Quizeram correr atraz do inimigo, não tinham cavallos... Pelo seguro Jeronymo levou os pés de mais aos Philisteus! Assim, quando sahiram ao campo, e deram aviso ao conde de Resbourg em Badajoz, andavam já os nossos batedores á pressa recolhendo os toiros desgarrados. O peior foi que em vez do seu gado, o conde de Resbourg encontrou o visconde de Barbacena, que lhe assentou ainda em cima a mais completa derrota!... Aqui tem v. magestade como este anno a feira passou de Guadalupe para Elvas, louvado seja Deus! »

— « É uma grande façanha, Diogo de Mendonça. E os hispanhoes? »

— « *Con su pan se lo comeron!* Disseram que *el zorro fue tentacion del demonio:*... Tolos! »

— « Diogo de Mendonça é preciso premeiar o capitão. »

— « V. magestade obrará como grande rei. Um habitosinho de Christo e uma tença... »

— « Elle é casado? »

— « Está em perigo de o ser. »

— « E não lhe succedeu mais nada? Os castelhanos forte odio lhe hão de ter! »

— « De morte. Mas elle com os gados ficou melhor. »

— « De certo. Introduze-o! »

Minutos depois Jeronymo inclinava a cabeça e dobrava o joelho diante de el-rei; e s. magestade dando-lhe a mão a beijar com affabilidade, admirava o ar brioso do capitão do seu exercito do Alem-Téjo.

— « Jeronymo Guerreiro » — disse o monarcha — estou contente com o teu serviço. Continua e lembra-te que el-rei deseja ter occasião de premiar.... O bastão de mestre de campo costuma achar-se na trincheira de uma praça de guerra, ou apanha-se no meio dos terços de

inimigo... Diogo de Mendonça já recebeu as minhas ordens a teu respeito. Pódes retirar-te. »

O mancebo cheio de jubilo por esta recepção distincta, tornou a beijar a mão do monarcha, e inclinando-se apenas disse:

—« A minha vida é curta para agradecer a munificencia de v. magestade. »

Depois fez as cortezias da etiqueta e, sem nunca virar as costas, retirou-se.

—« Diogo de Mendonça » — exclamou D. Pedro — « gostei do teu protegido; falla com muito acerto. Pódes dizer-lhe que lhe faço mercê do habito e mais da terça... » .

—« É de justiça, meu senhor. Quando v. magestade o poz aos peitos de um preto, seria admiração não o conferir a um official brioso. »

—« De um preto? » — gritou el-rei com impeto.

—« Sim, meu senhor. Domingos Pires é negro como azeviche, e de mais a mais barbeiro de profissão.... Sinto na verdade, mas parece notavel que assente bem o vermelho sobre o preto e que a navalha dê o habito. »

—« Padre Sebastião, isto o que quer dizer? » — clamou o monarcha fazendo-se branco.

—« Senhor! » — accudiu tremendo o confessor — não fui eu.... »

—« Tem rasão... foi o infante. Ah, Francisco, Francisco! O habito de Christo a um preto, a um barbeiro! Que vergonha... Diogo de Mendonça, como se ha de valer agora a isto? »

—« Só com o painel da misericordia! O habito está enforcado no preto. Tire-se o negro para sumir o habito. Não vejo outro remedio. »

—« Então? »

—« Mandemos o pae Domingos a tomar ares patrios. Despacha-se para Guiné.... »

—« Para o fim do mundo! — gritou el-rei furioso. — Um barbeiro preto com o habito!?.. Ah, Francisco! Diogo de Mendonça despache o negro e salve o habito... »

—« Occorre-me outra coisa... »

—« Diga. »

—« Ha de haver por força algum branco deste nome. Procuramol-o e da-se-lhe o habito. Dizemos depois ao negro que foi engano. Elle acredita!.. Tanto mais quanto de noite tudo é preto, e até os gatos brancos são pardos. »

—« Excellente! — disse el-rei a rir. — Mas Diogo de Mendonça, tu, porque expediste essa mercê?.. »

—« Eu, senhor? Não sabia. V. magestade é justo, é sabio, mandou as suas ordens, obedeci. Não tenho a rol os pretos forros que andam a caiar Lisboa, ou a escanhoar as barbas aos matelotes. Ia a sahir hoje, e apparece-me na escada um negro... bom negro! Vale cem mil réis, posto no Brazil. Cuidei que o moleque pedia esmola... desgraçadamente agradécia-me o seu despacho. — Pois eu despachei-o? — v. s.ª deu-me o habito de Christo. »

—« E vossemecê quem é? »

—« Sou o barbeiro dos creados do sr. infante. »

—« E eu dei-lhe o habito, está bem certo? — « Vem neste papel. » — E vinha... por Deus! — Disse ao preto, que voltasse; mas pelo seguro esqueci-me e o diploma ficou no boslo. Aqui o tenho. »

—« Pois vá, Diogo de Mendonça, e veja se desencardimos a ordem de Christo de tal borrão... padre Magalhães, acabemos a noite. O seu recommendado póde vir... Ai que filhos me deu Deus! »

O secretario das mercês sahiu logo, e instantes depois entrou o jesuita, com os olhos baixos e humildes. Á porta, quando se inclinou para el-rei, poz-lhe a vista com a força de intuição, que era o dom precioso do seu genio; e leu-lhe na anciedade, em que a dor contrahia as feições, na pallidez cubrindo a face de um veo, e na tristesa mortal da phisionomia, os progressos e a crise de uma enfermidade rapida, que os medicos não tinham sabido adivinhar. O padre Ventura entendeu logo que el-rei D. Pedro era como se estivesse já em S. Vicente de Fora, ao lado de seus paes.

El-rei, tambem, com a firmeza de tacto, que dá a pratica de conhecer os homens, achou o jesuita superior á sua humildade, e muito maior do que a obscura posição, que figurava. Examinando-o silenciosamente, estendeu-lhe a mão, e sem saber porque chamou a si toda a penetração, como se um instincto secreto o avisasse de que tinha diante de si, em vez de um religioso vulgar, uma potencia senhora do coração dos outros, porque dominava o seu, exclusiva e absoluta, porque na sua mão o poder era unico, porque a vontade e a intelligencia eram absolutas.

O padre tinha-se curvado; nem tanto que o respeito apparecesse como servidão, nem tão pouco que tomasse a côr de orgulho. Pousados na mão, o monarcha sentio que elle tinha os beiços ainda mais frios do que o sorriso.

—« Sebastião de Magalhães — observou D.

Pedro — pezando as palavras e pondo os olhos como duas sentinellas no descorado semblante do jesuita — o meu confessor, pediu-me uma audiencia da parte de v. paternidade. Deve saber que D. Pedro II muitas vezes se tem levantado da mesa para deferir aos mais obscuros vassallos. Não precisava de empenhos, padre, para chegar á presença de el-rei. Um soberano tem obrigação de ouvir a todos, como espera que Deus o ouça a elle.»

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIV.

PRESENTIMENTOS.

Neste mesmo dia da caçada real, de madrugada, chegára a Salvaterra a Calcanhares, que o conde de Castello-Melhor, sempre com o fim de conservar influencia activa sobre o animo de El-rei, que tendia constantemente a escaparse-lhe, mandára buscar a Lisboa.

Apenas em Salvaterra, logo Margarida ordenou á sua aia e confidente indagasse noticias de Francisco d'Albuquerque, e como por sua parte este tambem havia encarregado Diogo Cutilada de procurar Margarida, os mensageiros dos dois amantes em breve se encontraram; de modo que, quando a corte partiu para a montaria, já estava ajustada a hora e o logar em que elles se encontrariam.

Ao cahir da tarde a Calcanhares, acompanhada apenas pela aia, sahiu de sua casa, que ficava a pouca distancia do palacio real, por detraz da falcoaria, e dando uma larga volta dirigiu-se a uma casinha terrea e baixa, situada a uns quinhentos passos da villa. A porta da pequena casa estava cerrada apenas, e Margarida entrou sem hesitar. Já lá a estava esperando o namorado capitão Francisco d'Albuquerque, que anhellava a vêr-se outra vez junto da sua amada naquelle *engano d'alma*, naquelle enlevo doce e apaixonado, brando e penetrante, que só um amor verdadeiro póde dár.

Sós, porque a aia de Margarida ficára de guarda á porta, os dous amantes lançaram-se nos braços um do outro, e durante minutos não se ouviram naquella pobre casa senão as palavras soltas, incoherentes, balbuciadas, suspiradas, que são a mais dramatica e sincera expressão das paixões impetuosas, quando afluem em tumulto ao coração.

Quando sentiu mais livre a voz, menos agitado o espirito, a Calcanhares, exclamou:

— Que imprudencia esta nossa!

— O que chamas tu uma imprudencia, Margarida? O vermos-nos, o encontrarmos-nos aqui, para fallarmos do nosso amor, e contarmos as nossas saudades, o padecer da ausencia, o martyrio desta separação.

E Francisco de Albuquerque beijou com fervor, com adoração, as mãos da Calcanhares.

— De um momento para o outro podem voltar da caça, e dár pela minha falta.

— Fugiremos.

— Não temos para onde. E as minhas... as nossas promessas...

— Que importam promessas, quando cumpril-as é morrer a fogo lento, é consumir-se em incomportaveis tormentos.

— Mas, eu uma triste mulher escrava, porque o sou, tu um pobre capitão, creado de Sua Alteza, sem protecção, sem nada, que podemos nós fazer contra a vontade de tantos grandes e poderosos?

— Pedirei auxilio ao sr. Infante; pedir-lhehei...

— Não te attenderá. Sua Alteza — permitteme que eu te falle com sinceridade: tu és homem, mas não conheces os grandes, como eu, meu querido Francisco — Sua Alteza julga-te morto; e faz-lhe conta que tu estejas morto. É mais uma accusação contra o valido...

— O sr. D. Pedro, quererá então a nossa fuga, para que se não saiba mais de nós na corte — acudiu o capitão.

— Já te não lembras do que passaste com o padre Manuel Fernandes?

— Recebi a carta que me escreveste antes de sahir de Lisboa; e o jesuita... eu já me confessei ao padre Fernandes. Os jesuitas querem saber por mim os segredos d'El-rei e do Castello-Melhor, e não consentirão, que eu me affaste da corte.

— O que podem os jesuitas?

— Podem tudo, Francisco. É delles que treme o conde; é delles que se arreceia El-rei. Sintome perdida, no meio de tantas paixões, de tanta ambição, de tantos interesses luctando sempre, de tantos odios implacaveis. Eu fraca mulher como poderei resistir á força de tantas vontades!...

— Não percas o animo Margarida. Havemos

de vencer todos os obstaculos, que se opposerem á nossa felicidade. O nosso amor ha de ser mais poderoso, do que os poderosos. E de mais, não nos prometteu Fr. Pedro de Sousa a sua protecção?

— O conde oppor-se-ha a tudo.

— Não prometteu o padre Manuel Fernandes salvar-nos?

— Mas com a condicção de eu ficar na corte mais alguns dias.

— Então...

— Esses dias tornar-se-hão em annos, se assim fôr necessario aos interesses da Companhia. Has de espantar-te de me ouvir fallar deste modo — proseguiu a formosa Calcanhares, sorrindo tristemente — mas lembra-te do quanto eu tenho padecido, e saberás como aprendi todas estas coisas. Não sei porque, mas sinto como uma nuvem negra sobre o coração; tenho aqui um presentimento de que não voltarão dias como aquelles que passámos um com o outro. Tu, morto para o mundo...

— Ainda o estou; para ti só estou vivo.

— E para o padre Manuel Fernandes; para os jesuitas tambem estás vivo. Não voltarão dias como aquelles! Foi uma imprudencia o que fizemos, foi uma loucura sahir eu de casa a esta hora, quando El-rei, quando Henrique Henriques está a chegar por instantes da caça, e póde dar por tudo, e perder-nos para sempre, mandar-te assassinar outra vez.

— Não receies nada. Deus não póde permittir...

— Francisco é melhor separarmos-nos; voltar-mos para Salvaterra. É noite, quasi noite cerrada, e o tempo está assustador.

— Não tinha dado por tal.

— Nem eu. Mas olha, vê como se tem enegrecido o ceu; e com que rapidez se succedem os relampagos.

— Já se ouvem perto os trovões. Tens rasão, Margarida — proseguiu Francisco d'Albuquerque suspirando: — é preciso separarmos-nos antes que augmente a tempestade. Para nos tornarmos a vêr quando?..

— Logo que poder ser. Amanhã talvez...

— Ai, permitta o céu que assim seja.

— Não te esqueças de me ter sempre amor — acudiu a Calcanhares com um sorriso, desses que são mais tristes do que o pranto; que são destinados a consolar, porém que fazem partir o coração de quem os vê.

— Quem se ha de esquecer do céo, depois de ter vivido com um anjo?

E a estas, seguiram-se muitas outras frases, que o amor dictava, e que a sinceridade da paixão tornava eloquentes, poeticas, sublimes.

No entretanto a tempestade torva e sinistra, ia estendendo pelo céo as suas pesadas sombras; e o rugido do trovão, acompanhado pelo sibilo do vento troava pelos valles, cada vez mais temeroso. E quando, no fim de uma longa despedida, em que aos amargores dos maus presentimentos, se misturavam as inefaveis doçuras do amor, os dois amantes se quizeram separar, a chuva, caindo em torrentes, innundava os campos, e tornava quasi impossivel a volta de Margarida para Salvaterra.

— Que se ha de fazer agora! — exclamou a Calcanhares, ao chegar á porta da casa para sair. — Voltar para Salvaterra é impossivel com esta chuva; e é já noite... é tarde.

— Esperaremos que pare a chuva, e então irás.

— Não vês a sairem de Salvaterra, e correndo em todas as direcções cavalheiros com archotes accesos? Que será?

— Ainda havia ar de dia, quando a côrte entrou em Salvaterra. Já chovia agoa a cantaros — interrompeu a aia de Margarida, que tinha ficado, como o leitor sabe, de vigia á porta. — Agora, ha um bocado que estão saindo do palacio homens com luzes...

— Talvez Henrique Henriques, ou El-rei déssem pela minha falta: — exclamou a Calcanhares fóra de si — e me andem procurando. Que se hade fazer, meu Deus; que havemos de fazer agora?

— Esperar; não ha remedio senão esperar. Ter confiança na protecção divina, e esperar — respondeu o capitão.

— Nem neste momento seria prudente sair — acudiu a aia. — Anda pôr aqui perto um vulto negro de mulher, que parece, que talvez seja alguma bruxa; e então... *abrenuncio*. Credo, Deus seja comnosco. Deixemos abrandar um pouco a tempestade.

— É melhor ficar: — disse Francisco d'Albuquerque, a quem o desejo de estar com a sua amada fazia ter em pouco todos os perigos.

— Fechemos a porta então. — E a aia da Calcanhares, acompanhando a palavra com o gesto, fechou immediatamente a porta.

— Estamos mais em segurança agora com a porta fechada — proseguiu a aia. — Não nos verá a tal bruxa que por ahi anda; se é bruxa e não o diabo em pessoa. Deus se amerceê de vós, amen!

— Vou vêr o que é — accudiu Francisco d'Albuquerque.

— A senhora da Penha o livre de tal. Esperemos que passe a tormenta. Santa Barbora bemdita... Eu vou acender a candêa que vi alli pendurada na cosinha.

— E se o campino, que é o dono desta casa, vier agora, e me vir, e nos encontrar aqui juntos, que se ha de fazer, Francisco? — interrompeu a Calcanhares.

— Não vem. Elle cedeu a casa ao Diogo Cutilada até amanhã; e é homem seguro.

A aia de Margarida tremendo de medo, e mais para se dar confôrto a si do que para servir sua ama, accendeu a candêa do campino, e pendurou-a n'um prego que havia para esse fim cravado na parede.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Destruição dos animaes daninhos. — Aconselha-se o seguinte como efficaz e expeditivo. — «Introduza-se no corpo de passaros pequeninos, mortos, feita uma incisão profunda, uma dose de strychinina (fava de St. Ignacio) em pó, tape-se com um pouco de unto sem sal misturado com duas gotas de oleo de anis. Ponham-se as avesinhas assim preparadas a dois passos de distancia do covil da raposa, ou do ginete, ou na intersecção dos trilhos que elles costumam seguir; e a morte dos bichos daninhos é certa.

Novo monumento americano. —Tomamos da *Chronicle* de Nova-York o seguinte: — «O encarregado de negocios dos Estados-Unidos em Roma, em officio que dirigiu na data de 24 de dezembro ultimo á sociedade encarregada de executar o projecto de um monumento nacional, erecto á memoria do general Washington, participa que sua santidade fez constar, pelo secretario de estado Cardeal Antonelli, ao sobredito agente diplomatico, a sua intenção de contribuir para o mesmo objecto com a offerta de um toro de marmore, extrahido do antigo templo da Paz, immediato ao palacio dos Cesares. Esta peça de marmore levará gravada a inscripção: — *Roma á America*.

«A sociedade respondeu em 4 de janeiro a sua santidade, acceitando agradecida o obsequio, e declarando que a mencionada pedra será assente em um logar principal do monumento, como prova da estimação que lhe merece.

Sal da Grã-Bretanha. — No anno de 1851, as salinas de Inglaterra, que são 97, e as mais importantes no condado de Worcester, produziram oitocentas mil toneladas de sal; metade foi exportada para os Estados-Unidos e o Canadá, e para os diversos paizes do Baltico; o resto consumiu-se no Reino-Unido da Grã-Bretanha, como condimento de iguarias, como adubo das terras, e como materia prima nas fabricas de alcali. A cidade de Neweastle só á sua parte consumiu setenta mil toneladas.

Theatro italiano em Londres. — A nova companhia lyrica deste theatro númera entre outros os nomes da Grisi, de Viardot, Castellan, Zerr, Medori, Ronconi, Formes, Galvani, Auder, e desempenhará o repertorio, que formou de 36 operas, cinco das quaes são inteiramente novas.

Premio a um cantor. — O tenor Tamburini, que tantos applausos tem obtido nos principaes theatros da Europa, especialmente na opera italiana em Paris, viu agora recompensado o seu extraordinario merito com munificencia verdadeiramente régia, como consta das seguintes linhas no *Jornal* de S. Petersburgo.

«Tamburini, o celebre artista da nossa opera, que sempre fez parte da companhia italiana desde a sua creação em S. Petersburgo, vae emfim deixar-nos. A sua partida é assignalado por uma circumstancia, que ha de causar satisfação a todos os amantes da arte. S. M. o imperador brindou-o com uma medalha ricamente adornada de diamantes, para trazer ao peito, pendente do cordão da ordem de St.° André. S. alteza ministro da casa do imperador enviou a Tamburini esta demonstração da alta benevolencia de S. M., com uma carta cheia de expressões lisongeiras para o eminente artista.

THEATRO DE S. CARLOS.

Tem continuado a ser muito bem recebida a dança *O orphão da Aldea*.

Hontem sendo o beneficio da primeira bailarina sr.ª Monticelli, a concorrencia tanto nos camarotes como na platéa foi numerosissima. Deu-se a opera *Ildegonda*, a dança, e um novo passo em caracter hungaro, pela beneficiada.

A sr.ª Monticelli deve estar satisfeita do acolhimento que teve: nada faltou para seu completo triumpho, corôas, flores, poesias, o seu retrato feito por uma subscripção entre alguns de seus admiradores, emfim todas aquellas demonstrações de apreço e sympathia, que enchem de gloria o coração de uma artista, e a que a beneficiada tem incontestavel direito pelo seu distincto talento.

D. R.

LIVROS DE MISSA E SEMANA SANTA.

Ha um rico e variado sortimento de livros de missa e semana santa, com capas de velludo e marroquim, com feixos e chapas de metal doirado, e lindas fitas para signaes dos mesmos livros, tudo por preços commodos e fixos, na loja de Lavado rua Augusta n.° 8.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 35. QUINTA FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

Uma grande desgraça está sendo lamentada na segunda cidade do reino.

O naufragio do vapôr *Porto*, na barra do Douro, a perda de mais de 50 vidas na presença dos que lhe não podiam valer, são parte de um quadro afflictivo, que por mais de um acontecimento terá de ser lembrado com pesar.

O Porto, que por tantos e tão respeitaveis titulos, faz dignas da admiração as paginas da sua historia, á vista de tão infausto acontecimento tem procedido dignamente.

A dor tem estado em todos os corações. A cidade cobriu-se de lucto.

A hora do pesar não é a das recriminações e por tal motivo só nos limitamos hoje a juntar a nossa magoa á de uma das terras mais respeitaveis do reino.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 399.)

MODO DE TIRAR DAS TERRAS MONTANHOSAS, INCULTAS, O MAIOR LUCRO COM A MENOR DESPEZA POSSIVEL.

É evidente a causa porque as terras nas varzeas, e nas corôas dos cumes montanhosos são sempre mais ferteis do que nas encostas, ainda que da mesma qualidade. Eis a rasão: nas encostas as aguas da chuva correm superficialmente, e não penetram na terra, para lhe deixarem os seus principios fecundantes, ficando o solo por muito tempo alagado e frio, tirando a força aos adubos, e arrastando para os rios, que ficam nas faldas dos montes, todas as melhores e mais alcalinas substancias. A terra fica assim privada de todos os principios fecundantes, produzindo sementes, e plantas mesquinhas e extenuadas.

No verão, pela força do calor, faltando-lhe agua subterranea, tornam-se ainda mais áridas, succedendo assim um segundo mal ás sementeiras e ás plantas.

Nessas terras torna-se tambem quasi impossivel o emprego do arado. Porém, se examinarmos a qualidade das terras situadas nos planos e nas varzeas dos montes veremos que são mais fecundas, porque a natureza mesma o comprova.

As aguas das chuvas infiltram-se nellas em muita profundidade, sem as deixar alagadas e frias na superficie cultivada. No verão a humidade interior vem em fórma de vapôr beneficiar as raizes das plantas com o melhor resultado para as colheitas. É por isso que nos cumes dos montes se vê crescer soberba a erva, e concorrerem a ella os pastores com os seus rebanhos, em preferencia ás terras de encosta.

Procurei imitar em Calbariz estas regras da natureza com um dobrado fim como vou explicar.

S. ex.ª o sr. duque quiz que pensasse no modo de remover o tristonho aspecto, que appresentavam as terras situadas defronte do palacio cubertas de silvas e matto, que chegava até quasi debaixo das janellas; e que as melhorasse quanto fosse possivel. Entre outras coisas nivellei os dois oiteiros situados lateralmente no valle que faz frente ao palacio, fazendo varias ordens de galerias planas á roda, construidas com declive commodo para carros e arados.

Plantei alli vides, amoreiras e oliveiras, e semeei trigo em um e cevada em outro. Tudo prosperou maravilhosamente; como tambem nas galerias feitas desde a eira até á preza chamada das pedreiras, fiz varias plantações e sementeiras, e tudo coroou os meus trabalhos. Reduzi aquelles oiteiros a galerias pelos factos acima expostos, e tudo me deu a conhecer que este era o unico systema conveniente de cultivação dos montes, já adoptado na provincia do Minho, dando os melhores resultados.

MODO FACIL, E DE NENHUMA DESPEZA, DE MANTER EM BOM ESTADO OS CAMPOS DE LAVRA, E LIVRES DO ESTAGNAMENTO DAS AGUAS TÃO PERJUDICIAL ÁS SEMENTEIRAS E ÁS PLANTAS.

Ao mesmo tempo que se começa a lavrar as terras para depois fazer as sementeiras, tenho o cuidado de fazer girar o arado, na linha em que quero fazer o camalhão, vindo a ter ao mesmo tempo uma ala de dois planos inclinados, em que os dois ultimos sulcos ou regos ficam abertos para o livre esgotamento das aguas. Estes dois regos devem communicar com um terceiro da volta e todos os outros regos do campo, que hão de ser feitos em seguida da mesma maneira; como tambem a volta deverá ser feita em fórma de camalhão, tendo de um lado o rego principal, e do outro lado o rego para o esgotamento.

Deve haver a advertencia de fazer passar o arado pelos ditos regos principaes, duas ou tres vezes se necessario fôr, até que fiquem sufficientemente profundos e limpos. Deste modo as aguas da chuva correm livremente com muita utilidade para o campo e para todos os seus productos. Praticando assim, tambem se chega a empregar os arados em lavras de rectilineas, coisa muito importante, porque fica toda a terra lavrada igualmente. No systema contrario a terra do primeiro sulco direito, com a do outro que o segue tortuoso, nem é movida, e continuando-se a lavrar tortuosamente resulta o grande inconveniente de tornar imperfeita a sementeira pela pouca quantidade de terra movida.

Ora os trabalhadores daqui fazem bem o seu dever, e são tão doceis que poucas lições bastaram para aprenderem o meu processo. É porém necessario saber que o defeito mencionado póde ser disfarçado com o uso da grade, enganando até os mais practicos; e por isso convem que quem tiver interesse nas culturas esteja assiduamente á testa dos trabalhadores.

Fazer os regos bem alinhados é uma operação economica e da maior importancia. Enganam-se, pois, os que pensam que isto serve unicamente para dar ao trabalho bella apparencia com perda de tempo e despeza.

MODO DE FABRICAR E CONSERVAR OS FENOS EM GRANDES PORÇÕES.

Colher os fenos e deposital-os em fossos, ou em molhos, como muitos practicam, é grave prejuiso, assim como tambem se não devem cortar as ervas antes que deem signal de flôr, ou depois que já a tem inteiramente. Tanto d'um como de outro modo os fenos seccam muito, perdendo bastante em qualidade pelas substancias nutrientes que se volatilisam, e em quantidade pelas folhas que se arruinam e inutilisam. O methodo de colher e conservar os fenos, mais usado entre os lombardos, e tambem por mim sempre practicado, e com o melhor resultado, é o seguinte.

Corta-se a erva com a gadanha, ou foice do feno, quando a erva predominante começa a ter flôr. Com os segadores vem mulheres, e rapazes, trazendo uns péos ponteagudos, que servem para voltar, e estender sobre toda a superficie do prado, a erva que foi cortada. Depois de exposta algumas horas ao sol, torna-se a voltar. Na tarde do mesmo dia, antes de cahir o orvalho, recolhe-se o feno, em mui pequenos feixes: no dia seguinte, se se vê que pouco falta para ficar bem secca a erva, abrem-se os feixes, e estendem-se, e pelo meio dia, visto que já está toda secca, começa-se a carregar e a transportar-se para o deposito das forragens. Prefere-se descarregal-o na manhã seguinte, pela rasão de que o feno não devendo ser colhido nem muito secco nem muito verde, (circumstancia que se não deve perder de vista, porque é de grande importancia para o que vou dizer) ficando nos carros toda a noute, principia a desenvolver-se uma pequena fermentação, que faz com que o feno amolleça, sem que se inutilisem as folhas na acção de o descarregar, e collocar regularmente no deposito; evitando que fiquem vacuos, pois deve ser bem comprimido para desenvolver ainda maior fermentação.

Descarregado o primeiro carro, devem succeder-se os mais por sua ordem, um por um, e logo sobre a meda deve saltar um conveniente numero de rapazes, para que a calquem correndo-lhe por cima em todos os sentidos, alcançando-se assim a maior compressão. Passados alguns dias manifesta-se uma fermentação forte, que não se pode metter um braço na meda. Só depois de 40 dias terá esfriado perfeitamente, para se poder usar, cortando-se em pequenas porções de fórma cubica principiando do vertice. Este corte faz-se com um instrumento especial de fórma de pá direita, que corta na parte inferior quando se aperta em cima com um pé da parte do cabo, que tem para esse fim um ferro saliente.

Achar-se-ha então o feno macio e de uma bella côr verde-castanho, e de agradavel fragancia que se sente a grande distancia. O gado, de qualquer especie, apetece muito as forragens assim, que lhe dão força e gordura, sem necessidade de aveias, cevada e outros generos. É necessario advertir mais, que se precisa ter muita cautela em determinar o grau de seccura dos fenos quando estão nos prados, porque póde acontecer que em monte se incendeiem ou se carbonisem, perdendo-se inteiramente. Em todo o caso deve haver muito cuidado em visitar todas as manhãs os depositos nos primeiros dias de fermentação.

Se a pilha principia a estragar-se conhece-se logo ao approximar-se a ella, porque dá signal espalhando um forte cheiro analogo ao de queimado, que não dá logar a que qualquer se engane. Então emprega-se immediatamente o sobredito instrumento, fazendo-se no meio da meda um buraco, de cima a baixo, bastante largo para poder entrar um homem.

Este buraco serve para deixar exhalar a fermentação superabundante, e fazer voltar o feno á quietação e ao estado d'uma fermentação regular.

Para maior precaução, pois, pódem collocar antecipadamente 4 barrotes no meio da pilha, isto é, antes de formal-a. Quasi sempre praticam assim os que sabem que por causa da chuva, ou por outro motivo, não colheram o feno na conveniente occasião.

(Continua.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 402.)

Reflictam ainda os redactores do *Argos* na seguinte circumstancia que é mui para ser meditada. Aquelles dos seus patricios que mais gritam contra a *marinheirada*, que mais crimes lhe assacam, e que mais affectam despresal-a, não duvidam nos seus apuros ir viver em Portugal, e o povo portuguez leva a generosidade a ponto de não proferir uma palavra de vituperio, ainda contra os que concorreram para a desgraça de seus patricios. O *Argos*, sabendo (e sabe-o muito bem) como em Lisboa é tractado aquelle seu compartidario, que ahi entrára *fugindo em navio portuguez*, [1] quero dizer fugido pelo auxilio dos mesmos a quem acabava de offender, devia ser mais cavalheiro, e menos ingrato para a gente lusitana. Cuida elle que fica airoso ao seu partido o estar de continuo cuspindo na face dos parentes desses mesmos que lhe estão agasalhando o correligionario.

Pela minha parte folgo com o generoso acolhimento que em Lisboa recebeu aquelle sr.: e a elle mesmo mui do coração agradeço ir morar em terra portugueza, por ser este o mais solemne desmentido que podiam ter as injustas e calumniosas arguições aos portuguezes, feitas pelo partido a que elle e o *Argos* pertencem.

Os lusitanos não pódem ser tão maus como para seus fins, nas suas proclamações e nos seus papeis officiaes, os faziam os oito deputados que capitaneavam a ultima revolta de Pernambuco, aliás nunca aquelle brazileiro se deshonraria indo viver entre elles. Oxalá que algum dia não se vejam os redactores do *Argos* na collisão de contra seu gosto visitar a terra dos labregos, dos fautores da tyrannia; em fim da gente da insigne má fé.... !

Se isto lhes acontecer levem a sua gazeta, para á vista della compararem a sua urbanidade com a do povo que aqui ultrajam nas pessoas de seus filhos.

Os srs. do *Argos* bem sabem que não tem fallado de um ou outro portuguez, senão de todos os que habitam o Brazil com *rarissimas* excepções.

Fallando dos portuguezes que se intromettem na politica brazileira, tambem o *Estandarte*, como se vê no excerpto que do seu n.º 89 fica feito, fulminou todos os raios da sua ira contra um grupo isolado, ou cabilda infame, que tem gazeta, chefes e soldados para dominar a provincia etc. etc. Mas eu tomo a liberdade de perguntar aos redactores daquelle periodico, aonde estão esses chefes, esses agentes, e esses soldados?....

Santo breve da marca!.... Isto a ser verdade deve assustar todos os bons brazileiros, e valia a pena de requerer ao governo central uma divisão lá do sul para livrar a provincia de tamanha aggressão. Pelo menos a presidencia não deve dormir sobre o caso, e até conviria que os navios de guerra se conservassem de morrões accesos. Eu mesmo que já tenho horror a uma escorva, peço venia ao *Estandarte* e ao *Argos*, que nesta occasião sem duvida se hão de unir para salvar a patria, a fim de me admittirem nas suas fileiras. Desejo pespegar um balazio nesse perfido grupo, cuja loucura nos acarreta tantos baldões.

Mas, senhores, como soubestes vós que um grupo isolado, ou, o que vale o mesmo, um grupo sem credito nem influencia, aspirava ao dominio de uma provincia tão extensa como esta, e que é povoada por homens que não querem ser dominados?

Bem conheço que o grupo do *Estandarte* é o gigante dos grupos presentes, preteritos e futuros. É um grupo que se lhe ajuntassem artilharia e cavallaria, logo ficaria metamorphoseado n'um exercito, e o que vale mais, n'um exercito com gazeta, no que nada haveria que estranhar. Como a todo o exercito são as façanhas mui naturaes, optimamente assentaria ao grupo exercito uma gazeta que por toda a parte espalhasse a Iliada que lhas cantasse.

Mas é Deus servido que o tal grupo com gazeta, chefes, agentes, soldados, punhaes e bacamartes para dominar e assassinar, só existe na imaginação de quem escreveu o trecho a que respondo, salvo se pelas artes de algum perverso nigromante elle é invisivel.

Se perguntassem aos habitantes desta cidade quem são os homens do grupo isolado e onde moram, elles ficariam tão embaraçados como se lhes perguntassem pelo que se contém no *Alcorão*: e ninguem disso se deveria admirar, porque ainda que todos os maranhenses por ahi andassem noite e dia com uma lanterna em cata do tal grupo, não lhe dariam na pista. Á vista disto seria escusado querer a estes demonstrar a falsidade do que se escreveu no periodico a que me refiro: como, porém, lá por fóra se ficaria pelo menos em duvida, passo a refutal-o, declarando, se necessario é, que não tenho a minima tenção de offender, ainda levemente, a nenhum dos redactores daquella gazeta, sejam elles quem forem; assim como nunca a tive de offender os do *Argos*, nem a brazileiro algum.

A todo o homem honrado cumpre defender a sua patria, e os seus compatriotas. Eu sou portuguez, e prezo-me disso: quero por tanto pugnar pela defeza della e delles. E ninguem me póde levar isto a mal. Persuado-me que dos brazileiros que viveram no meu paiz, bem poucos, se ahi vissem de continuo atassalhada a honra dos seus, como aqui tantas vezes o tem sido a dos portuguezes, deixariam de se levantar para com toda a força do seu pulmão gritar contra tão barbaro procedimento. Eu farei agora o mesmo; talvez não começo muito cedo, porèm mais valè tarde do que nunca.

O grupo do *Estandarte* não existe, disse eu, e accrescentei que nem podia existir.

Para dominar uma provincia, e mesmo uma cidade, é indispensavel ter grande influencia e avultados cabedaes. Mas que influencia podem ter estrangeiros que não dispoem, nem jámais poderão dispôr, de um só atomo da auctoridade publica? Quanto á influencia pecuniaria essa é igualmente impossivel. Os portuguezes actualmente residentes na provincia, na generalidade são pobres. Duvido que haja entre elles meia duzia de fortunas superiores a cem contos, e poucas mais se encontrarão de 30 a 60. Os outros portuguezes, salva uma ou outra excepção, todos são officiaes mecanicos que vivem dos seus salarios, ou logistas pouco abastados, cujos ganhos o maior luxo

[1] Embarcou a 18 de março de 1849 no brigue portuguez — Empreza.

que lhes consentem é a posse de um cavallo. Ora, todas estas categorias, ainda que podessem unir-se e e associar-se para um fim, não eram capazes de emprehender a dominação nem da villa de Vinhaes, cuja população se recolhe em 5 ou 6 duzias de palhoças. Como poderia então uma fracção insignificantissima, um grupo isolado, pensar em dominar a provincia? Não posso comprehender como homens de bem, representantes de um partido que domina, querem deshonrar-se inventando assim contra estrangeiros pacificos crimes absolutamente impossiveis.

É certo que o *Estandarte*, desta vez muito mais comedido do que o seu antagonista *Argos*, fallou sómente de uns poucos de portuguezes, e fez justiça aos outros: mas porque não havia de ser justo para todos? Senhores do *Estandarte*, vós encontrareis por ahi um ou outro portuguez criminoso; porém, que se metta na vossa politica, nesta cidade difficilmente achareis algum.

A culpa pois que imputaes á gente portugueza é de pura invenção, mas apesar disso, vindo de periodico tão bem conceituado, não deixa de ser para temer. A plebe que não sabe, nem quer discorrer, que tudo sem exame acredita, lendo as vossas expressões, tomal-as-ha por verdades evangelicas, e em cada portuguez que topar cuidará ver um terrivel grupo que quer *bacamartear* e dominar; e eis ahi sempre nutrido contra todos esse odio vergonhoso e iniquo que nos terriveis dias da anarchia já tem sido fatal a muitos. Todavia, a honra e a civilisação do Brasil não permittem que similhante barbaridade continue: salvo se se entende que os filhos de Portugal são o carneiro do holocausto que cada partido ha de sacrificar ao idolo popular quando para o triumpho das suas opiniões politicas lhe implorar auxilio.

A invenção do grupo isolado é absurda em tudo e por tudo. O partido do *Estandarte* sempre tem occupado empregos, e mais ou menos posições officiaes: conta por compartidarias muitas influencias ricas e poderosas de toda a provincia, e possue mil meios de vencer; comtudo nem sempre tem conseguido dominal-a. Como então havia de aspirar a isso um grupo de caixeiros estrangeiros, pobres, corridos, injuriados, e sem o menor prestigio? Se o tal grupo no ridiculo não leva as lampas aos moinhos de vento do heroe de Cervantes, al-de-menos parece-o.

O peior foi que o *Estandarte* não se contentou com um grupo intrigante e ambicioso. A imaginação do seu collaborador, auctor do artigo, até lhe figurou um grupo de scelerados e assassinos de bacamarte e punhal, *que ufanó reve-se e pavonea-se nos males por elle adrede e calculadamente causados!*...

Se alguma dessas gazetas, cujo Deus, e cuja politica é só o ventre, escrevesse isto, antes mereceria piedade, do que resposta. A fome deveria desculpal-a, e poucos ouvidos se offenderiam de lhe ouvir repetir aquelle verso de Juvenal.

« ..... Quid enim salvis infamia numis? »

Mas fallar assim o *Estandarte*: o orgão do partido governista nesta provincia; emfim, um periodico redigido, segundo é fama, por cidadãos illustrados e conscienciosos!... Não era de esperar. O seu grupo comtudo faria arripiar os cabellos mesmo ás pessoas sensatas, se não soubessem que todas aquellas *bonitas* palavrinhas com que lhe quiz desenhar a *fealdade*, unicamente pintam um ser imaginario.

Tenha o *Estandarte* a bondade de fazer extrahir dos archivos da policia e publicar uma relação de todas as punhaladas e bacamartadas desde 1840 em toda a provincia dadas ou mandadas dar por quaesquer portuguezes que nella residem, declarando os nomes dos culpados, e as causas de cada crime. Ver-se-ha, se houver alguns criminosos, que o seu numero não anda em nenhuma proporção com o dos meus compatriotas na mesma provincia residentes (a relação dos que nella tem morrido assassinados ha de ser bem maior). E que admiração que entre mais de cem mil portuguezes disseminados por todo Brasil, appareçam uns poucos de criminosos? O contrario fôra grande milagre, porém no globo em que vivemos nunca se viram milagres dessa ordem.

É verdade como o *Estandarte* já em outro logar fallou aos portuguezes no Antonio de Oliveira, eu suspeito que nos taes bacamartes e punhaes elle allude a esse facinoroso. Se assim acontece, permitta que se lhe pergunte o que tem os portuguezes aqui residentes com os crimes de um delles? Pois por ter apparecido um grande delicto attribuido a um filho de Portugal, segue-se que existe o tal grupo de assassinos?

Est'outro dia um brazileiro adoptivo foi assassinado em sua casa por um dos seus filhos, a quem frequentemente dava correcções paternaes exhortando-o a cumprir satisfactoriamente os deveres de guarda nacional. O monstro depois de haver com o maior sangue frio dado um tiro no autor dos seus dias, acabou de matal-o ás coronhadas, mas elle não expirou sem denunciar o seu matador, que foi logo preso no meio das imprecações de sua mãe, de um irmão, e dos visinhos.

(*Continúa.*)

PROCESSO SIMPLES PARA DETERMINAR O PEZO ESPECIFICO DAS BATATAS.

É sabido que o conhecimento do pezo especifico das batatas serve para determinar a proporção de fecula e de substancia secca que contém.

Ludersdoff e Berg, assim como Balling demonstraram que esta proporção é tanto mais consideravel quanto mais elevado é o pezo especifico, e até marcaram as relações entre as duas quantidades, e formaram tabellas, pelas quaes se póde calcular com a maior facilidade, pelo pezo especifico, a abundancia em substancia secca, ou fecula, das batatas. Mas, para que o conhecimento das relações que ha entre o pezo especifico e a riqueza feculenta das batatas possa ser de alguma utilidade na cultura desses tuberculos, ou na distillação onde se faz aguardente como na Belgica, é preciso conhecer, para determinar o pezo especifico, um processo tão facil e tão prompto na pratica, como aquelle que se usa para determinar a densidade dos mostos e vinhos mediante o aerometro ou pesalicores, a fim de que todo o operario possa applical-o perfeitamente; e que seja não só proprio para dar o pezo especifico do tuberculo avulso, mas tambem e

com a mesma celeridade o pezo especifico medio de um lote inteiro de batatas. Convem, sobretudo, insistir nesta ultima consideração, porque ha batatas que muitas vezes differem notavelmente no seu pezo especifico do medio geral de toda uma casta.

Os professores, MM. R. Fresenius e Fr. Schulze descobriram o seguinte methodo, cujo resultado satisfactorio affiançam.

Enche-se um vaso de louça ou de vidro, até metade da sua capacidade pouco mais ou menos, com uma solução mais ou menos saturada de sal marinho e conforme o tamanho dos tuberculos; deitam-se nessa vasilha 6, 8, 10 ou 12 batatas previamente bem lavadas, em seguida vasa-se-lhe agua por cima, agitando tudo, até que metade desses tuberculos vá ao fundo em quanto a outra metade sobrenada.

Se acaso se deitar demasiada agua de fórma que mais de metade vão ao fundo, ajuntar-se-ha outra vez um pouco da dissolução ou moira do sal marinho até se alcançar o ponto preciso.

É preciso ter o cuidado de mecher não somente para bem misturar o liquido, mas tambem para desembaraçar os tuberculos das pequenas bolhas de ar, que adherem á sua superficie exterior, e que lhes diminuiriam o pezo especifico não havendo o cuidado de as expellir. Bem entendido que a vasilha deve ter capacidade sufficiente para se poderem mover as batatas livremente.

Logo que se alcançou o ponto indicado, tiram-se as batatas com uma escumadeira, mette-se um aerometro no liquido e lê-se a sua indicação. O pezo especifico do liquido é igual ao pezo especifico medio da casta ou da qualidade das batatas.

Querendo-se tomar o pezo especifico de um só tuberculo mistura-se a dissolução do sal com agua, de maneira que aquelle apenas fluctue. Á falta de um peza-licores exacto, é sabido que se póde verificar o pezo especifico da sobredita solução ou moira, mediante uma pequena garrafinha ou redoma e uma balança.

Experiencias comparativas demonstraram que os resultados fornecidos por este processo estavam perfeitamente de accordo com os que se obtem pesando as batatas em agua.

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Continuado de pag. 401.)

§ 3.º

Resultados desta obra.

Profundada convenientemente a communicação entre a ponte e a lagôa se extinguiria esta, restando no logar della só o pequeno rio d'Alcoentre, e sabiriam ferteis terrenos debaixo das aguas venenosas que hoje formam o vasto lago; vindo por esta fórma o trabalho e industria a converter em riqueza e meios de vida o que hoje é um foco de miseria e desolação.

A saude publica melhoraria consideravelmente neste paiz, livre das venenosas aguas da lagôa; o transito dos carros ficaria supprido por mais vantajoso e facil meio de transporte; uma estrada ficaria estabelecida ao longo do canal; dez mil carros, que, atravessando o campo, annualmente vem a Villa Nóva, não passando do Archino, dariam (pelo menos) dia e meio de trabalho cada um á cultura, que tanto, e algumas vezes mais, poupariam de caminho trabalhoso para o gado e carros que muito se damnificam em tão difficil jornada. [4] Os concelhos d'Alcoentre e Cadaval, ricos em vinhos; a freguezia da Abrigada, famosa pela excellencia dos seus nos mercados da America; em geral as provincias do norte, pela maior facilidade das communicações com a capital, derivariam desta obra consideraveis beneficios. A navegação por vapôr, os proprietarios do paiz, e com especialidade os dos campos, agora invadidos pelos carreiros, e que ficariam disso isentos depois da obra, todos tem muitas vantagens directas e especiaes.

§ 4.º

Meios de effectual-a.

Desde o Moinho do Conde até á ponte de S. Bartholomeu (noventa minutos de distancia) corre o rio por terras denominadas o paul, as quaes provém da corôa. Foram em tempos antigos doadas aos monges de Alcobaça, com condições; estes foram os primeiros que, em beneficio da saude publica, abriram a valla. Hoje, em resultado de transacções e doações posteriores, estão estas terras na casa de Castello Melhor, com obrigação de limpeza da valla uma vez cada dois annos, pelo menos, com comminação de revogação de doação.

A longa lagôa do Bunhal e terras adjacentes são tambem da corôa; pertenciam ao almoxarifado da Azambuja; ainda em tempos modernos foram subemphiteuticadas, e param na casa de Mesquitella. Como se não cumprisse a obrigação de pagar o foro, houve já contra o seu possuidor uma denuncia dada pelo actual escrivão da camara e correio assistente, Luiz Maria Soares e Silva.

Entre as terras destas duas casas se deve abrir a valla que ha de desaguar a lagôa do Bunhal sobre o rio d'Otta na ponte de S. Bartholomeu. Toda a extensão deste terreno pertence á casa dos Peixotos desta villa, que tem obrigação de dar sahida ás aguas do Bunhal. Estes tres grandes proprietarios, além de obrigações que tem, hão de interessar muito em fazer a navegação do canal: mas se elles applicam a sua riqueza para outros fins, ou se não combinam em effectuar esta obra, incumbe ao estado e aos povos o fazel-a para se livrarem dos males actuaes, e promoverem vantagens futuras.

Se uma companhia tomar sobre si esta obra fica a casa de Castello Melhor desonerada da obrigação da limpeza da valla de dois em dois annos, e livre da

[4] Um proprietario da Abrigada disse-me que para levar uma pipa de vinho a Villa Nova gastam os bois tres dias, vindo ordinariamente elles estafados, e os apparelhos muito damnificados; e que sem este accrescimo de inconveniencias iriam e voltariam ao Archino em um só dia. Em dez mil juntas de bois de trabalho poupar dois dias é levar á cultura vinte mil dias.

pena de lhe ser revogada a doação, cahindo em falta. Circumstancias notaveis se se attender a que muitas vezes se tem faltado á condição, e que a ultima limpeza, feita em 1820 por um empreiteiro, custou (segundo me consta) oito contos de réis.

Como terras importantes se possuem com um onus, que, feito o canal, cessa de pesar sobre o proprietario, deveria ser arbitrado o valor desse onus e cedido em favor da companhia que tentasse abrir esta navegação. A casa de Castello Melhor impõe aos lavradores do paúl, a titulo de ser applicado para a fabrica da valla, o onus de dez alqueires e meio de trigo por cada um moio de semeadura; este arbitrio escolhido por elle para a fabrica de uma valla, não poderá parecer-lhe excessivo para a fabrica de um canal mais fundo, mais largo e mais conveniente por muitos motivos. Ora, tendo o paul oitenta moios de semeadura, viria esta finta dos lavradores a render annualmente 840 alqueires de trigo para a companhia.

O Bunhal, coberto de aguas pestiferas, pouco rende nos pastos adjacentes, e é uma origem de mal publico. Deve saber-se quanto rende ao actual possuidor, e haver expropriação, pagando a companhia de foro o mesmo que actualmente se paga de renda, e cedendo em favor da companhia o excesso de rendimento que se deve seguir á esgotação da lagôa e apparecimento dos ferteis terrenos alagados. A familia de Peixotos tambem melhora com a abertura da valla pelas suas terras, e, ao menos, não será necessario pagar-lhe terreno. Deste modo respeitam-se os direitos adquiridos, e não se despresa a publica utilidade — *justi prope mater et æqui.*

Desde o moinho do conde até ao Téjo correm parallelos, e quasi que a tocarem-se, os dois rios de Alemquer e d'Otta, e tanto se aproximam que emfim é necessaria uma parede para os separar!... Pasmei ao vêr uma tal obra, cuidei em achar o motivo della, e não vi senão motivos de interesse particular, e contrario aos interesses publicos. [5]

Conviria porventura ao fundo da quinta do carneiro, abrir uma curta valla que fizesse cahir no rio d'Otta o d'Alemquer, e assim correriam juntos desde o moinho do conde, facilitando a limpeza do leito de ahi por baixo, e a navegação, pelo maior peso e volume de agua. Obra é esta muito facil, e que nem seria damnosa ao moinho do conde, que só teria de mudar o assude, e que teria outros resultados uteis de que fallarei no seguinte capitulo.

Sem obrigação de pagar expropriações, com o auxilio dos lavradores do campo do paul, com a producção dos terrenos desalagados no Bunhal, com o armazem e casa de guarda na bôcca da valla, sobre o Téjo, que deveria render muito mais de um conto de réis, e com o que a navegação e passageiros haveriam de pagar, está visto que não póde esta obra deixar de ser intentada por capitalistas intelligentes, logo que o governo lhes chame para alli as attenções, e favoreça, na fórma indicada, qualquer companhia que se proponha a tão util fim.

CAPITULO IX.

NAVEGAÇÃO DO RIO D'ALEMQUER.

§ 1.°

Deve ser posterior á do rio d'Otta.

Fallei primeiro na navegação do rio d'Otta por não ser ella menos importante do que a do rio desta villa, não obstante a grande exportação de vinhos e as fabricas aqui fundadas; — por ser favoravel á saude publica; — por haver mais recursos para se effectuar; — por ser menos despendiosa, não havendo expropriações a pagar; — por ser mais baixo o terreno por onde ha de correr; — e porque a do rio desta villa principia aproveitando da do outro, e póde, sem inconveniente, ir-se fazendo por *partes.*

Logo que ao fundo da quinta do carneiro *se faça* cahir no rio d'Otta o d'Alemquer, abrindo-se e profundando-se o seu leito, actualmente cheio de hervas, lodo, immundicies e agua estagnada, fóco de molestias, este rio ficará navegavel desde o Téjo até se encontrar com o primeiro assude, e assim se irá navegando á proporção que forem expropriando e demolindo os assudes.

§ 2.°

Direito e utilidade da expropriação e demolição dos assudes.

Os assudes, considerados como objecto de utilidade publica, servindo para os moinhos, são faceis de substituir; considerados como propriedade particular, além de poderem ser expropriados por conveniencia publica, accresce ainda que elles mesmos pódem ser reputados usurpações dos direitos e conveniencias de muitos outros proprietarios.

A construcção dos assudes, multiplicada até onde o tem podido ser, e o seu continuo levantar, tem produzido o effeito de arear e altear o leito do rio em um progresso admiravel. Uma pessoa, verdadeira e proba, desta villa, e que ainda não tem 70 annos, conheceu a ponte de Santa Catharina *tão alta*, que daria passagem a um barco á vella. Junto á quinta do Alvito havia uma longa lage sobre o rio que servia de ponte, ainda não ha muitos annos; hoje passa o rio por cima da lage, que já está enterrada em arêa. Em resultado de tanto subir, a camara tem-se visto obrigada a altear as calçadas no bairro baixo;

[5] Faz dó vêr que a riqueza publica (se assim se póde chamar aos capitaes que os cidadãos amontoam, depois de satisfeitas as suas necessidades e confortos), em vez de convergir em bem particular e publico, se consuma e neutralise parte contra parte. Quem ao aspecto de taes successos reflecte sobre as suas causas, acha mais occasiões de culpar os erros dos governos do que o egoismo dos particulares. Na margem esquerda do rio d'Otta, em terras do denominado paúl, vi córtes feitos a grande custo, cujo resultado seria fazer voltar muitos carros, perdendo mais d'uma legua de caminho, e de caminho que muitas vezes não póde ser supprido! O proprietario gastou muito em fazer os córtes, os carreiros perdem muito na volta, e parece que todos tem rasão! Os governos que não tem feito estrada nem navegado o rio são, pela sua incuria, causa daquella perda de capital.
Esta parede a prohibir a juncção dos rios foi resultado de outra perda de capital, animada por um privilegio, absurdo porventura na sua concessão, e ainda mais na sua permanencia.

os proprietarios das casas tem subido os portaes (como se vê na rua Triana); as pontes estão rasas, tendo a de Triana o apice de alguns arcos já mais baixo do que a superficie do assude nella construido, e as guardas perdidas com as cheias que sempre lhe passam por cima; o palacio da rainha Santa Isabel está deteriorado pelas cheias que chegam a cobrir-lhe o altar-mór: o campo de Villa Nova (que não tem alteado na proporção do leito do rio) está sujeito a nocivas inundações, com damno das sementeiras, e tambem da saude publica, porque, em alguns pontos, é mais baixo do que o leito do rio, e as inundações produzirão pequenos pantanos, que só a evaporação ha de esgotar. Estes males, ou no todo ou em parte, vem dos assudes, que nesta relação pódem considerar-se um ataque ás conveniencias e direitos publicos e particulares.

(Continuar-se-ha.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXI.

DUAS POTENCIAS!

(Concluido de pag. 382.)

O jesuita sorriu-se, mas não abriu a phisionomia. A vista do principe escorregou por ella sem poder entrar no coração. Aquella face impenetravel era o mesmo que o aço de Milão nos guerreiros antigos, flexivel como seda, resistente como ferro.

— « As virtudes d'el-rei são a felicidade dos seus vassallos, e a admiração dos estrangeiros » — respondeu s. paternidade tornando a inclinar-se. « Se eu viesse por negocio meu, diria ao soberano: aggravaram-me, sr., e peço justiça! e estou certo, o ouvido de el-rei, que é o ouvido de Deus, havia de escutar-me. Mas eu venho fallar á consciencia; por isso espero a occasião, dando a Deus infinitas graças, porque me attendem, e me não despedem. »

— « Então o padre acha que a minha consciencia está em perigo? » — acudiu D. Pedro sobresaltado.

— « Sim, meu sr.; mas creio, tambem, na grandeza de v. magestade, e na graça de Deus. »

— « E é o que o traz? »

— « E o meu dever, mais o serviço de el-rei. »

— « O meu serviço? »

— « E o de Deus! »

— « Explique-se! »

— « El-rei sabe que as lagrimas do innocente são de sangue, e que Deus as conta contra os perseguidores, porque Jesu-Christo, que nunca chorou por si, muitas vezes chorou por nós. A mão de el-rei, levantada neste momento, faz correr lagrimas de deshonra e de vergonha, que se não forem enxutas, hão de caír de fogo sobre a cabeça do peccador. A corôa, sr., fica na terra mais o corpo; e diante do juiz a alma do rei peza menos ás vezes que a do escravo, porque só peza segundo os seus merecimentos. »

— « Padre Ventura, falle! Se peccámos faremos penitencia; se alguem se queixa de nós ha de ter justiça. A quem aggravou sem causa a mão de el-rei? » — disse o principe muito agitado.

— « Uma innocente foi calumniada; e el-rei, sem a ouvir, acreditou a calumnia. É mal feito, sr., Deus perdôa muito aos homens, e esquece pouco aos reis. »

— « De quem falla v. paternidade? » — exclamou D. Pedro II, cheio de terrores espirituaes, e curvando-se involuntariamente.

— « De D. Catharina de Athaide, noviça em Santa Clara. »

— « Ah! » — gritou el-rei, pondo-se de pé, com os olhos fitos e meio accesos de ira.

— « Está innocente, está pura, foi calumniada! » — proseguiu o jesuita, deixando caír cada phrase, pezada como ferro, sobre o espirito do principe.

— « Mas eu sei o contrario! » — disse o monarcha, recuando diante da voz do padre, e dos seus olhos irresistiveis.

— « V. magestade não sabe nada » — respondeu friamente o jesuita.

— « Ah! Então v. paternidade é que sabe, e é que é o rei? »

— « Eu é que sei, v. magestade o disse: e sei porque não sou rei. »

— « Mas el-rei tambem é pae! »

— « Rasão de mais. Os ultimos a saber a verdade nestas coisas são sempre os paes. »

— « Então protesta-me que D. Catharina está innocente? Que o principe real não foi a Santa Clara? »

— « Não affirmo senão que s. alteza nunca viu nem fallou a D. Catharina. Não sei, nem digo mais. »

— « E as provas, padre? »

— « Tenho-as todas! — replicou o visitador elevando a voz.

— « Quem deu o direito a v. paternidade de fallar alto diante de mim? » — exclamou o principe, refugiando-se atraz da sua corôa, porque se via fraco de coração para resistir.

— « Quem tem na sua mão vassallos e reis. Quem disse a Lazaro, ergue-te! e ao cego, vê! Foi Deus, sr.! E Deus, tambem, que fez os reis á sua imagem, foi quem lhes confiou um sceptro, que é vara de justiça, e não açoute de tyrannos. »

Fallando assim, o padre Ventura assumia aquella auctoridade, aquelle poder de vontade e de eloquencia, que o tornava inspirado nas occasiões perigosas. El-rei, vacillante, e quasi vencido senão convencido, sumia-se na cadeira, e baixava os olhos para não sentir sobre o coração a vista profunda e cortante do jesuita, que lhe causava uma dôr moral, aonde quer que se fitava.

— « O padre engana-se. Quem lhe disse que D. Catharina era innocente? » — exclamou insistindo.

— « Disse-o ella, e sei-o eu! »

— « Grande prova! » — gritou el-rei com impeto. — « Disse-o ella. E depois? »

— « Depois ainda accrescentei mais: — e soube-o eu. »

— « Ah, então?... »

— « É claro. D. Catharina não recebeu a s. alteza, porque o não podia amar. »

— « Não podia amal-o!? Porque? » — acudiu o pae, desta vez mais offendido no orgulho do que o rei na vontade absoluta.

— « Porque os ambiciosos só é que amam por calculo e tendo o coração fechado: uma paixão verdadeira crê em Deus, e não espera, nem deseja mais do que ser feliz. »

— « Ah! » — tornou el-rei a exclamar, ferido por esta allusão. — « Continue! »

— « E o coração da mulher, que está pura, das mulheres como D. Catharina, é muito grande para se fazer assim pequeno, e muito nobre para se envilecer a esse ponto. »

— « Continue! » — acudiu o principe, cerrando os dentes, e empallidecendo mais.

— « Acabei, sr.: D. Catharina ama o conde de Aveiras, e por isso el-rei bem vê que é impossivel outra paixão. »

— « O padre esquece que o amor do principe real... lisongea o orgulho, e que as damas se levam todas pela vaidade? » — atalhou D. Pedro com um sorriso frio.

— « Orgulho e vaidade são duas coisas, e não uma. O orgulho sem soberba eleva o espirito, não o declina. O principe real, perdôe v. magestade, para D. Catharina é muito, e muito pouco. Muito pelo grande respeito que lhe deve. Muito pouco, porque ella póde subir até seu esposo, e não quer descer até á sua infamia. »

— « Não creio! » — murmurou o principe abalado, mas insistindo sempre. — « As minhas informações... »

— « São falsas, falsas!... como o coração que as envenenou. »

— « Sabe de quem falla, padre Ventura? » — gritou el-rei parando diante delle, e ameaçando-o com a voz, com o gesto, e com a vista.

— « Não me pertencem os segredos de el-rei! » — acudiu este, encontrando o seu olhar firme com a vista irritada do monarcha. — « Mas repito; quem quer que foi, mentiu a v. magestade, disse uma calumnia, e commetteu um crime. Isto affirmo eu de coração tão sereno, e sangue tão quieto como na America glorifiquei a Christo, sabendo que arriscava o corpo, mas exaltava a alma. Sou velho; estou cançado; e depois de muitos trabalhos sei por experiencia, que um dia de mais ou de menos não é nada; que uma cella pobre e estreita como a minha, ou um calabouço sem luz, é quasi a mesma coisa. De toda a parte se vê a Deus. »

Este valor frio, esta abnegação pessoal, este desafio manso e apostolico do religioso inerme á colera do rei, envergonhou D. Pedro. Os braços caíram-lhe sem alento; e a vista esmorecida perdeu o fogo. Atando o dialogo, o principe disse com bondade um pouco forçada:

— « Ora vamos, padre Ventura! Sejamos rasoaveis. O interesse que toma por D. Catharina não me parece natural. Não lhe é nada, creio eu... »

— « V. magestade engana-se. Sou seu confessor, seu pae espiritual, aquelle a quem Deus disse — ama a minha filha, e esforça-te por a salvar. »

— « Mas se fôr culpada? » — observou el-rei com preoccupação.

— « E se fôr innocente? » — replicou o jesuita, dando á voz expressão particular.

— « Meu Deus illuminae-me! » — gritou D. Pedro, perdendo a cabeça, e sentindo recrudescer as dôres phisicas pela intensidade desta agitação. — « Padre Ventura, isto não são coisas para decidir-se de leve. »

— « Por isso digo eu: antes de castigar, el-rei devia ouvir. »

— « Mas eu não puni ainda... »

— « El-rei fez mais. Não só puniu a quem julga criminoso, mas a quem sabia que era innocente. »

— « O padre mente!... » — gritou D. Pedro exasperado.

Alguma côr veio rosar de leve as faces pallidas do jesuita. Os olhos accenderam-se; as feições mortas animaram-se; a cabeça pousou-se erecta e altiva; a vista devorou entre chammas a palavra affrontosa; e o gesto, cheio de força, repelliu-a com magestade... Foi tudo instantaneo, porém o poder da vontade domou a ira em um momento, e fez descer a mascara outra vez sobre o rosto; quando respondeu, a sua voz tinha mais doçura, se é possivel, do que antes de receber a maior injuria.

— « Senhor!... » — exclamou elle — « Agradeço a v. magestade. Jesu-Christo, meu mestre, tambem recebeu na face uma affronta e respondeu com a paciencia. A verdade mata, sr.!... E quando vim aqui sabia já, que ou o meu corpo ou a minha alma haviam de saír martyrisados. V. magestade preferiu a alma... é mais glorioso. Entrego-lh'a; póde satisfazer-se. »

D. Pedro percebeu que tinha caido moralmente aos pés deste poderoso adversario. Depois da injuria brutal não lhe restavam senão dois caminhos — saír como rei, ou passar por tyranno. Escolheu o mais nobre.

Olhando em redor de si, descubriu o padre Sebastião de Magalhães sumido com a parede, e desejando que ella se abrisse e o escondesse. O confessor tinha a cabeça quasi cosida ao peito; as roscas das duas barbas pendiam-lhe frouxas e tornavam-lhe as faces abjectas. A pallidez mortal, a immobilidade estupida, e o suor frio em que nadava, e que a miudo embebia no seu lenço, faziam delle o retrato do pavor, colhido em flagrante.

El-rei teve dó do padre Sebastião, e admirava o padre Ventura. Por isso, virando-se para o ultimo, disse-lhe com nobreza:

— « Desculpe, se me excedi sem querer!... Asseguro-lhe que el-rei não disse nada; e espero que não lho faça saber, porque havia de magoar-se, como se morresse um de seus filhos. »

— « V. magestade acreditará que só me lembra... de que el-rei era digno de uma corôa, se a não tivesse já » — respondeu o jesuita, inclinando-se commovido.

— « Sebastião de Magalhães — proseguiu o monarcha — agradeço-lhe o ter-me introduzido o padre Ventura. Os reis ganham sempre em conhecer os homens como elle. Vamos! Eu dizia que D. Catharina me parecia culpada. »

— « E eu, que ella era innocente! » — replicou o italiano, percebendo a delicadeza do principe, que fôra atar a conversação justamente ao ponto em que o rei se esquecêra de si, e descêra pelo precipicio da cholera a par do subdito.

— « E sendo assim o que conclue? »

— « Que el-rei feriu mortalmente tres innocentes! »

— « Como? »

— « A honra val mais do que a vida, e a honra de uma dama, de uma sr.ª, cujo sangue é tão illustre, cuja familia se enobrece de uma pobreza gloriosa, porque está sem macula, é um thesouro que não tem preço... »

— « Ainda não percebo, padre Ventura... » — atalhou el-rei carregando mais o rosto.

— « Um momento mais, e el-rei verá!... D. Catharina accusada de uma fraqueza por v. magestade, pelo primeiro cavalheiro da monarchia... ficou deshonrada toda a sua vida, se el-rei a não salvar. »

— « Mas eu não a accusei: somente... »

— « Ahi está: *somente!?*... El-rei não póde ignorar que duvidando *somente* da honra de uma sr.ª, e el-rei duvída, porque o disse!... matou-a a ella, a seu pae, e a seu esposo aos olhos do mundo. »

— « Padre Ventura, acredite que este segredo... »

— « Não é segredo? Seio-o como v. magestade. A côrte, vendo s. alteza real no desagrado de seu pae, indagou a causa; e o sr. infante, entrando no paço, pegou na honra de uma dama, e atirou-a sem piedade ás boccas da calumnia. »

— « Valha-me Deus! Está certo? »

— « Como de estar aos pés de v. magestade! D. Luiz de Athaide é fidalgo antigo. Ha de pedir justiça a el-rei da sua honra maculada; e como el-rei acredita que sua filha é culpada... D. Luiz de Athaide póde achar mais suave um suicidio do que a sua infamia. »

— « Jesus! »

— « O conde de Aveiras adora a D. Catharina, e já tem licença de seu pae para a pedir. Sabendo da nodoa que imprimiu no credito da sua noiva a mão de el-rei, mão que não póde obrigar a apagal-a: o conde ou crê na infamia della e padece pela sua honra; ou não acredita e a desgraça é maior ainda, porque não está em seu poder vingar a innocencia que debalde absol-

veria, se o mundo pela bocca de el-rei a condemnasse... Em ambos os casos v. magestade feriu o conde, aviltou o pae, e deshonrou a filha! E isto, sr., aos olhos de Deus é tremenda responsabilidade. »

D. Pedro II apertava as mãos na cabeça, e sentia-se profundamente agitado.

— « Mas sabe de certo o padre, que ella é innocente? Sabe que fui mal informado? »

— « Juro diante de Deus, que s. alteza real era incapaz da traição, que lhe imputam. D. Catharina é a noiva do seu veador, e o principe sabe dos seus amores, e até se interessa a favor d'elles... De mais, amanhã mesmo devia ella saír de Santa Clara e refugiar-se no deposito de uma familia honrada para se receber de lá com o conde de Aveiras, caso seu pae negasse o consentimento. Aqui tem v. magestade a prova. »

E deu-lhe duas cartas. Uma do conde, outra da noviça, em que se marcava o dia e hora da evasão, e respirava em cada linha aquelle entranhavel amor, que el-rei por experiencia conhecia; que é a primeira e ultima paixão se chega a declarar-se.

— « Estou convencido! — exclamou o monarcha — Agora diga-me o padre; como se ha de remediar o mal? »

— « Como rei, senhor! — respondeu o jesuita inclinando-se. — Uma ordem regia ao secretario das mercês, passada a requerimento do conde de Aveiras e D. Catharina póde sanar metade. Mande el-rei que eu a tire do convento e a deposite em casa de Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas... »

— « Em casa de homem só? »

— « Não, meu senhor. Vive com elle uma sobrinha casada, e estão duas meninas, uma dellas que foi de secular educanda em Santa Clara... »

— « Bem! Traz o requerimento? »

— « Sim, meu senhor. Está aqui. »

— « Dê cá! » — E o monarcha lançou a ordem logo. — « Procure amanhã o secretario Diogo de Mendonça e vão ambos a Santa Clara. Que mais é preciso ainda? »

— « A outra metade, para ser a reparação perfeita. »

— « Diga! »

— « Conviria mandar chamar D. Luiz de Athaide amanhã, antes que elle saiba.., »

— « Amanhã depois da missa estará aqui. »

— « E ordenar-lhe que dê o seu consentimento para a alliança de sua filha com a casa de Aveiras. Naturalmente v. magestade diz-lhe que tudo isto se faz por supplicas de s. alteza real... »

— « Dir-lho-hei a elle; e far-se-ha constar na corte. O dote da condeça é o meu presente de noivado. »

— « Feito isto v. magestade salvou os tres innocentes, e diante de Deus ficará como um rei justo. As graças do soberano lavam tudo; e el-rei constituindo-se protector de D. Catharina prova que a estima e a põe acima das calumnias... Obrigado, senhor! . Beijo as mãos de v. magestade quasi como beijaria os pés a Christo... Se o coração do pae foi severo, a alma do rei foi grande e generosa... Pagou nobremente o erro! »

— « Acha? » — acudiu D. Pedro sorrindo-se.

— « Acho, meu senhor, e sem lisonja. Este acto se fosse o ultimo de v. magestade — accrescentou o jesuita com tristeza — era sufficiente para dizer a Portugal; perdeu-se um rei! »

— « Diga-me, padre Ventura, julga que esta reparação é bastante aos olhos de Jesus Christo para elle interceder por mim diante de seu Eterno Pae? »

— « Senhor, os peccados do homem expiam-se pela penitencia, e com o arrependimento. Os erros dos principes quer Deus que sejam remidos por acções de rei. V. magestade foi como Deus neste caso, restituiu a vida a tres pessoas. O mais, o passado, deve lembrar como lição e aviso, mas sem terror.... Jesus Christo não morreu pelos anjos, padeceu pelos homens. Se não houvesse senão justos.... o reino do ceu era menos glorioso de alcançar. »

— « Adeus, padre Ventura, venha vêr-me. Parece-me que a noite acabou melhor do que julgámos. »

— « Graças á grandeza de el-rei! » — observou o jesuita inclinando-se para beijar a mão do monarcha.

— « Não! Graças á dedicação do padre. Tirou ao pae um grande pezo de cima do coração; e salvou o rei de uma injustiça flagrante.... Não se esqueça: procure Diogo de Mendonça. Eu farei o resto. »

Quando passava pelo confessor o jesuita deixou-lhe cahir no ouvido estas palavras, que encerravam muitos volumes de politica e de moral:

— « Viu?... Os reis é preciso que elles queiram; e sabendo-se o caminho do seu coração, quasi sempre querem.... Padre Sebastião olhe o mal! Os portuguezes perdem um bom monarcha; e o peior foi, depois de matar o

rei, deixar-nos morrer tambem o homem. Não entendeu nem a alma nem o coração deste principe! Podia-mos fazel-o grande a elle, e sermos grandes nós com elle.... V. paternidade não quiz! Seja feita a vontade de Deus. »

Tres minutos depois D. Pedro II levantando a cabeça d'entre as mãos, e formando com os olhos uma longa interrogação, perguntou ao confessor:

— « Este padre Ventura, está certo de que é só o que parece? »

— « Certissimo, meu senhor. » — Acudiu o jesuita ainda convulso da jaculatoria do visitador, e estremecendo com a pergunta do real penitente. »

— « É pena! Se não fosse estrangeiro, era um homem que ámanhã fazia secretario de estado, e a companhia de Jesus devia tel-o feito seu geral ha muito tempo.... Venha ajudar-me a rezar as minhas Horas. »

Sebastião de Magalhães não disse nada, mas tremeu involuntariamente, ouvindo as penultimas palavras do monarcha:

— « Geral? » — murmurou seguindo a D. Pedro até ao oratorio — « Ainda não! Mas ámanhã, mas um dia cedo?.... Em todo o caso tinha rasão o padre Ventura: perdeu-se um grande rei, e por minha culpa. Paciencia! Se me enganei com D. Pedro II, D. João V. me vingará. »

Mal previa o padre que dizia uma profecia.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Vestoria. Consta-nos que o sr. governador civil representara para que se passe vestoria aos vapôres do Téjo. É digno de louvor este procedimento. Parece-nos que as vestorias devem-se estabelecer em periodos regulares.

O ministro auctor. — O conde Derby (lord Stanley), actual primeiro ministro da Grã-Bretanha, escreveu um livrinho para as creanças com o titulo de *Parabolas de Nosso-Senhor:* são conversações entre uma mãi e sua filha pequenina.

Pessoal dos caminhos de ferro inglezes. — Na camara dos communs foi appresentado um mappa das pessoas occupadas nos caminhos de ferro em Inglaterra. No fim de junho de 1851 o numero de todos os empregados nos caminhos abertos, ou por abrir, á circulação, montava a 106:561; e no fim de junho de 1850 tinha sido de 118:859.

Collegio de neophytos. — Consta por cartas de Roma, de 14 de março, que uma parte do antigo palacio da familia Spinola, situado na praça de Santo-Giacomo-Scossa-Cavalli ao pé do Vaticano, vae ser destinada a um estabelecimento especial para recolher e preparar para o sacerdocio catholico os ministros protestantes, que tendo-se convertido á fé apostolica romana, sentirem vocação para receber ordens sacras.

Tres cometas descobertos em 1851. — O primeiro foi observado pelo astronomo Arrest no observatorio de Leipsic em a noite de 27 para 28 de junho na constellação de Pisces: appresentou-se sob a fórma de uma nebulosidade cincular e sem cauda. M. Colla observou uma grande condensação de luz na parte central. Desde a constellação Piscês este cometa dirigiu-se successivamente para as de Aries, de Tauro, e de Eridano, e achava-se ainda na ultíma aos 30 de setembro. Tem muita semelhança com o cometa que appareceu em 1678. Todavia para verificar a identidade destes dois cometas seria necessario recorrer ao calculo das perturbações. Em todo o caso este seria do numero dos de curto periodo, e terminaria a sua evolução quasi ao mesmo tempo que o de Biéla, sendo a sua proxima volta nos principios de 1857.

O segundo cometa foi descoberto no 1.° de agosto por M. Brorsen no observatorio de Seuftemberg em Bohemia n'uma constellação boreal. Era telescopico, mui tenue, e da mesma maneira que o precedente não appresentava corpo distincto nem cauda, e só se distinguia com o telescopio uma nebulosidade de fórma irregular. Na épocha em que primeiro o viu M. Colla, 14 de agosto, o cometa continuava com o mesmo aspecto, porém desde o meiado do mez augmentou a luz, appresentando por intervallos um pequeno corpo luminoso.

O descubrimento do terceiro cometa é devido igualmente a Mr. Brorsen que o viu aos 22 de outubro na mesma constellação, porém com a differença de ter um corpo mui brilhante e igualmente a cauda, com uma longitude de perto de um grau.

Ao presente contam-se seis cometas periodicos, que são, o cometa de Halley, e os de Enck, de Biela, de Faye, de Vico, e de Brorsen, a que se devem accrescentar os de Mr. Arrest, já mencionados. Á excepção do de Halley, cuja revolução se effectúa entre os 75 e 76 annos, todos os mais são de curto periodo, pois não passa de sete annos e meio.

Dois destes, que são os mais celebres, são visiveis no corrente anno, o de Enck e o de Biela, cujos periodos são de tres annos e meio e seis annos e tres quartas partes de anno.

Homem electrico. — Um jornal italiano dá a seguinte noticia de um phenomeno extraordinario: — No collegio de Zicavo, dirigido pelo professor Bachini, existe um discipulo, que sendo encerrado n'um quarto onde não penetre a luz, despindo-se e tirando a camisa, com tanto que esta, seja de que panno fôr, lhe roce pela cabeça, appresenta na testa um vivo

resplandor. Esta luz é da mesma intensidade que a produzida por uma descarga da botelha de Leyde, mas com a differença que a descarga electrica dá um repellão á pessoa que a recebe, ao passo que o menino não sente coisa alguma no momento em que nelle se manifesta a luz maravilhosa. O phenomeno é o mesmo sendo substituida a camisa por um lenço ou outro qualquer traste de roupa branca; e isto induz a crer que a causa existe unicamente naquella parte do corpo do collegial. Será isto phosphoro, será electricidade? Não sabemos; e só nos cumpre dizer que o menino chama-se Paretti, desfructa boa saude, e é um discipulo dos mais adiantados para a sua idade de 12 annos.

Expedição arctica. — O almirantado inglez recebeu no mez passado uma carta do doutor Rae, que commanda a nova expedição encarregada de indagar onde pára sir John Franklin. O ponto mais remoto a que chegou foi de 70 graus 30 min. latitude norte, e 101 graus de longitude. Os gelos o impediram de ir mais adiante; e nada descobriu que possa dar esclarecimentos ácerca de Franklin, á excepção da haste de uma bandeira ingleza, que tinha a marca do almirantado. Mr. John Rae voltou a New-York, donde em breve recolheria a Londres.

Historia contemporanea. — O *Constitucional* annuncia um novo livro historico por estas palavras. — O fecundo escriptor, Alexandre Dumas, acaba de publicar um trabalho importante que o colloca entre os melhores historiadores francezes. A vida de Luiz Filippe, de esse monarcha tão sabio quanto desventurado, é a obra delicada e difficil que o afamado novellista acaba de dar ao prelo. Este trabalho reune as duas circumstancias que mais se requerem nas obras desta indole. A expressiva concisão do texto casa-se com o interesse mais palpitante, de modo que não duvidamos asseverar que esta vida de Luiz Filippe excitará a attenção geral. Muitos factos importantes até hoje ignorados são referidos com admiravel clareza e cópia de rasões. O caracter algum tanto ignorado do defuncto monarcha está delineado com muita verdade e maestria. As demais condições da obra acham-se em harmonia no seu complexo, de modo que póde qualificar-se este ultimo trabalho de Dumas como um dos melhores que tem publicado.

Avaro original. — Recentemente falleceu em avançada idade um homem que vivia perto de Saint-Cloud n'uma habitação miseravel, deixando bastante riqueza. O testamento em que dispõe do que possuia contém um legado de caracter summamente original, cuja execução offerecerá não pequenas difficuldades. Consiste na avultada quantia de duzentos mil francos para ser repartida entre todas as pessoas que actualmente moram ou tem morado de ha dez annos a esta parte n'uma casa de propriedade sua, sita n'uma rua proxima ao mercado de S. Germano.

Movimento commercial de Liverpool. — N'um artigo do *Liverpool Times* dá-se conta da situação mercantil desta cidade, notando que o valor total das suas exportações ascendia a 35 milhões de libras esterlinas, que faz metade de todas as exportações do reino unido de Inglaterra, e duas vezes e meia as de Londres. As rasões deste augmento tão superior são muitas. Sem fallar das consideraveis riquezas mineraes que apresentam os condados visinhos de Liverpool, como o Lancashire e o Staffordshire, o fervor energico que empregam no trabalho e nas operações maritimas as suas industriosas populações, a multidão de canaes e caminhos de ferro, que desde Liverpool cruzam a Grã-Bretanha, e as grandes carreiras maritimas que reunem as poderosas docas do Mersey aos depositos de Nova-York, todas estas coisas deviam contribuir para fazer Liverpool o mais vasto e o mais activo mercado regulador do mundo commercial, especialmente para as materias primas e generos de uso commum, taes como madeiras, algodões, farinhas e mais generos que as duas Americas enviam ao antigo continente.

Sem embargo disso, um facto notavel é que o movimento maritimo de Londres excede muito ao de Liverpool; e comtudo vê-se que em valor o commercio deste ultimo porto é muito mais importante que o da capital da Grã-Bretanha.

Finalmente, para formar juiso dos progressos de Liverpool, bastará recordar que em 1826 os seus transportes de entrada não eram mais de 1.228:000 toneladas, e os direitos percebidos 131:000 libras esterlinas. Actualmente é mais do dobro: em 1850 os direitos do porto já tinham subido a 260:000 libras esterlinas.

BIBLIOGRAPHIA.

POESIAS DO FALLECIDO CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ MARIA CAMPELO. — Vão publicar-se brevemente estas excellentes poesias, em 1 volume. Preço para os srs. assignantes 480 rs., e avulso 600 rs.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na loja do sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta n.° 8.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a folha 12.ª do tomo 3.° e contém: HISTORIA PROFANA — Carthago, China, Egypto, Grecia, Macedonia, Persia e Sicilia.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta, n.os 1 e 8: e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

OS VINCULOS EM PORTUGAL, por *D. Antonio d'Almeida*, na loja de Lavado, rua Augusta n.° 8. — Preço 80 réis.

Publicaram-se as tres seguintes obras de *João Feliz Pereira*, as quaes se vendem, a 1.ª por 120 rs., a 2.ª por 240, a 3.ª por 480.

TERCEIRO RELATORIO SOBRE AS CORRENTES GALVANO-ELECTRICAS DE GOLDBERGER, applicaveis a todas as especies de doenças rheumaticas, gottosas e nervosas.

ANESTHESIA CIRURGICA: these defendida na eschola medico cirurgica de Lisboa.

COMPENDIO DE CHRONOLOGIA.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 36. QUINTA FEIRA, 15 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

COMMUNICAÇÕES INTERNAS.

Mala-posta de Aldêa-Gallega a Elvas — Companhia Movimento.

Quasi ao mesmo tempo, dois planos de communicações internas se publicaram que merecem a confiança publica, porque são realisaveis e estão dentro da esphera dos nossos recursos. Um é devido ao Governo, outro a uma empreza particular. Daremos publicidade a ambos. Lemos com satisfação o programma para a empreza da mala-posta do Alemtejo, mandado publicar pelo sr. visconde d'Almeida Garrett, ministro dos negocios estrangeiros.

É tal a desgraça das nossas communicações, que esta providencia, de nenhum vulto em qualquer outro paiz da Europa, em Portugal, sendo realisada, bastará para fazer recordado e respeitado o nome do ministro que a levar a cabo.

Pelo muito que em Hispanha e no Alemtejo se desejava esta providencia, acreditamos que não ficará em plano.

Ainda ha bem pouco tempo, em Badajoz vimos que havia um verdadeiro enthusiasmo pela mala-posta, em direcção a Lisboa. Ahi as emprezas estavam quasi formadas, só faltava a acção do nosso governo que apparece agora, e a melhoria da estrada em alguns pontos, da qual se deve cuidar quanto antes.

Felizmente, já uma companhia nacional poderá vir competir com as propostas de qualquer estrangeira, é este um dos motivos para considerar a Companhia Movimento como das mais uteis para o paiz, e das que mais merecem o seu auxilio.

Confiamos em que da combinação destes dois pensamentos resultará que termine a triste e vergonhosa verdade de que o negociante, que veio em excellente carroagem de posta de Madrid a Badajoz, gastando 40 horas para andar 67 leguas, tem que seguir a sua viagem pelo Alemtejo, consummindo 5 dias para andar 30 leguas, deitado em um carro, e exposto á intemperie do tempo.

Tributamos sinceros e merecidos louvores ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, e ao emprezario da Companhia Movimento.

Neste numero publicamos o programma do Governo, e no numero seguinte publicaremos os Estatutos da Companhia Movimento.

Pela secretaria de estado dos negocios estrangeiros se manda abrir concurso publico de sessenta dias, contados da data da publicação deste annuncio, para a arrematação do serviço de uma mala-posta, e de postas e correios de Lisboa a Badajoz, e vice versa.

As condições são as seguintes:

Artigo 1.º A empresa concessionaria receberá e entregará todos os dias a uma hora fixa e inalteravel, no edificio do correio geral de Lisboa, as malas, passageiros e bagagens que se obrigar a transportar debaixo de sua unica e inteira responsabilidade.

Art. 2.º Obrigar-se-ha a empreza a ter á sua disposição os transportes necessarios para atravessar o Téjo á hora que fôr estipulada, independente de marés ou ventos. As malas, passageiros e bagagens serão desembarcados, ou embarcados na ponte do Montijo, ou em Aldegallega, segundo se estipular, e conforme o estado das estradas.

Art. 3.º Obrigar-se-ha a empreza: — 1.º A ter o numero de carroagens precisas para o serviço da mala-posta que deve conduzir mala e passageiros desde o ponto do desembarque ao sul do Téjo até

Badajoz, e vice versa. — 2.° A ter sempre promptas para o serviço, assim no referido ponto, como nos outros que se estipularem para as mudas, o numero de cavalgaduras necessario. — 3.° Além das referidas cavalgaduras para o serviço da mala-posta, a ter as que forem necessarias para conduzir os expressos do governo ou pessoas particulares, que viagem a cavallo ou em suas proprias carroagens. — 4.° A fazer a jornada ordinaria de todos os dias desde Lisboa a Badajoz no menor espaço de tempo possivel, o qual será estipulado, incluindo-se o necessario para a troca das malas nas diversas estações, para mudas, e para a refeição dos passageiros. — 5.° A fazer começar este serviço dentro de tres mezes contados do dia da assignatura do contracto definitivo

Art. 4.° A empreza depositará na junta do credito publico, como fiança ao cumprimento do contracto, a quantia de doze contos de réis, em fundos publicos (de que receberá os juros).

Art. 5.° Os conductores da mala-posta serão havidos como funccionarios publicos, usarão impreterivelmente do uniforme de correios, recebem as ordens do sub-inspector geral da administração, e serão passiveis das mulctas e penas a que actualmente estão sujeitos os mestres de posta.

Art. 6.° O governo concede á empreza: 1.° o privilegio das malas-postas diarias, para as malas do correio e passageiros, o da conducção dos expressos do governo, e o de fornecer cavalgaduras a qualquer viajante que queira transportar-se a cavallo, ou em sua carroagem, pelo espaço de dez annos contados da data do contracto definitivo. — 2.° Para importar livres de direitos, e de qualquer imposto, quatro carroagens para servir de modelo ás que devem ser de futuro construidas no paiz. — 3.° O direito de perceber de cada passageiro na mala-posta uma quantia fixa por cada legua de estrada, que será fixada, de accordo com o governo, e publicada em uma tabella. — 4.° O direito de perceber pelos expressos do governo uma quantia igualmente fixa por cada legua que correr cada um dos cavallos fornecidos, ou seja para tiro de carroagem, ou para cavallaria. — 5.° O direito de perceber dos viajantes particulares uma quantia igualmente fixa por cada legua que corre cada um dos cavallos fornecidos, ou seja para tiro de carroagem ou para cavallaria.

Art. 7.°. Na mesma tabella serão fixados: — 1.° As gorgetas aos postilhões. — 2.° O preço das refeições que devem ser fornecidas aos viajantes nos logares determinados. — 3.° O peso que é permittido terem cada uma das carroagens particulares. — 4.° A somma que a empreza tem direito a receber dos passageiros da mala-posta, e dos viajantes em carroagens particulares; por cada arroba de bagagem de excesso, em cada legua.

Art. 8.° As condições geraes são as seguintes. — 1.ª Para qualquer emprezario, individuo, ou companhia ser admittido ao concurso deverá provar a sua idoneidade por um deposito de 2:000$000 réis em fundos publicos, ou no de dinheiro metalico correspondente, que será effectuado na junta do credito publico. — 2.ª A empreza ou companhia concessionaria, sendo estrangeira, ficará considerada portugueza para todos os effeitos do seu contracto, regulando-se pelas leis destes reinos, sujeitando-se ás auctoridades competentes, e ao julgamento dos tribunaes do mesmo paiz, sem recurso algum em quaesquer questões ou reclamações, que possam ser movidas ou intentadas a este respeito. — 3.ª A competencia entre as diversas propostas deverá principalmente recahir sobre o *quantum* de subsidio que o governo tem de dar á empreza. — 4.ª As propostas serão apresentadas em carta fechada na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, dentro do praso de dois mezes, vindo acompanhadas de um conhecimento pelo qual se certifique achar-se effectuado o deposito de que tracta a 1.ª destas condições. — 5.ª Dentro de oito dias, depois de fechado o concurso serão abertas todas as propostas na presença do ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, e dos proponentes, ou dos seus legitimos representantes, que serão para esse fim prevenidos pela folha official; e o governo em vista dos termos em que as ditas propostas forem concebidas, approvará a que, dando as garantias requeridas neste programma, exigir menor subsidio, e offerecer melhores condições. — 6.ª Conferido a qualquer empreza, individuo, ou companhia o privilegio proposto, será logo restituido o deposito que todos os concorrentes houverem feito na junta do credito publico, como penhor da sua capacidade para entrarem no concurso.

Secretaria de estado dos negocios estrangeiros, em 3 de abril de 1852.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 410.)

MODO DE FAZER E CONSERVAR OS ADUBOS ACCRESCENTANDO-LHE A QUANTIDADE AINDA QUE ARTIFICIALMENTE.

Para a boa agricultura são necessarios adubos bem preparados, e por consequencia reconhecer-se que estes devem ter primeiro logar, e merecer os primeiros cuidados. Tinha intenção, primeiramente, de adoptar aqui o systema Jufré; mas não tendo abegoaria, porque está ainda em construcção, abandonei-o, e dediquei-me ao seguinte methodo: — 1.° Recolho todas as ourinas da abegoaria velha n'um local especial, para banhar no verão os estrumes, e algumas vezes com agua de cal, quando vejo que o primeiro meio não é sufficiente, a fim de promover uma fermentação mais conveniente ás massas de estrume, de modo que não ardam mas que se fortifiquem. — Faço collocar os estrumes de curral em medas sobre pilhas, regularmente construidas de caliça

(quando a posso approveitar) ou de pó das estradas mais trilhadas pelo gado e carros, porque offerecem maior quantidade de materias excrementicias penetradas de gazes atmosphericos. Tambem serve a terra tirada da limpeza das vallas por ser cheia de substancias vegetaes e animaes, e do mesmo modo o estrume formado dos excrementos humanos, e o proveniente da limpeza dos pinhaes, subministrando tudo uma abundante quantidade de adubos. Estas medas de estrumes lançadas sobre a caliça ou pó, além de se beneficiarem as primeiras com as irrigações das ourinas, e agua de cal, tornam-se as segundas ao mesmo tempo optimas pelos succos que das primeiras cabem saturados a incorporar-se com as segundas medas; de modo que as ourinas, ou as aguas calcinadas não se perdem.

O estrume de cavallariça e do gado vaccum sobreposto ás ditas medas é voltado muitas vezes com intervallo de tempo; para que se tornem miudos e se incorporem os sáes uniformemente e não ardam.

Esta operação, como já disse, repete-se até ao termo final da fermentação. Como ainda não ha logar para collocar estes estrumes a cuberto, para que não fiquem alagados da chuva, e os succos desappareçam, faço com a mesma caliça ou pó um muro á roda para os guardar.

Ha um outro systema de fabricar e conservar os estrumes, que prefiro a qualquer outro, mas que exige uma despesa consideravel, pela preparação de um local especial, como vi no estabelecimento agrario de Meleto, na Toscana, dirigido pelo illustre agricultor o sr. Marquez Ridolfi. Um dia fallando com s. ex.ª o sr. duque, sobre os adubos, fiz-lhe a descripção do dito systema de Meleto, e ficou persuadido da sua utilidade, querendo que fossem procurados todos os meios que tendessem a melhorar a sua quinta.

Ordenou-me appresentar o meu plano em seguida ao da já começada grande abegoaria. É por este motivo que o exponho.

DESCRIPÇÃO DE UM LOCAL DE ELABORAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS ESTRUMES NATURAES DE ABEGOARIA USADO N'UMA QUINTA-MODELO NA TOSCANA.

Este local, todo subterraneo, está situado nas proximidades da abegoaria, tendo um muro de pedra e cal que o circumda, cuberto de abobeda. O chão é de pedra de cantaria e de tijolos postos em sentido vertical, um tanto inclinados para o meio. No centro está levantada uma gaiola formada de barrotes entrelaçados, alta quanto póde ser a altura da massa de estrume que contém, e de largura de um metro em quadrado. O fundo da gaiola é tambem de um metro acima do chão, e serve para receber os succos que escorrem do estrume e as ourinas do gado que são lançadas sobre a massa de estrume, a seu tempo, e pelo modo que adiante se explicará. O edificio terá uma janella no mais alto da parede até tocar a abobeda, da altura de um metro, e da largura de um e meio dito, fechada hermeticamente por uma porta grossa, que só servirá para fazer passar o estrume da abegoaria. N'uma das paredes ha porta com rampa de terra, do lado de fóra, para commodo da entrada dos carros e para transporte do estrume. Esta porta está fechada por uma serie de barrotes, postos uns sobre os outros tudo hermeticamente adaptado. Todos os regos da ourina da abegoaria visinha juntam-se em um só que põe fim ao dito subterraneo. Á medida que este se vae enchendo de estrume, é necessario espalhar-lhe em cima as ourinas ajuntadas no fundo da gaiola, e para este fim basta um homem com um cabaço, se o local é construido em pequena escala, e com uma bomba se o local é grande. Os trabalhadores entram pela janella, e acabado o trabalho fecham-na perfeitamente, até novo serviço.

Deste modo não recebendo o estrume ar livre de fóra, fermenta a pouco e pouco, e a exhalação dos gazes que anteriormente se perdia pela ventilação, fica reclusa, e torna a cahir sobre o mesmo estrume. Por consequencia acham-se o ar e o estrume debaixo d'uma unica temperatura. Então o estrume não precisa ser voltado ou movido como se faz com outros systemas, porque alli opera-se uma elaboração chimica natural, decompondo-se todas as partes vegetaes e animaes, e incorporando-se umas substancias com as outras.

Finalmente obtem-se um estrume molle, oleoso e fecundo, com todas as propriedades essenciaes para uma vegetação activa e forte.

Depois que o estrume passa por um tal processo, transporta-se para os campos onde é necessario. Antes que os italianos chegassem a aperfeiçoar os estrumes, o que equivale a augmentar a massa, para o desenvolvimento d'uma vigorosa fecundidade; e antes que conhecessem as differentes maneiras de os manipular por meio de fabrico artificial, recorriam então por necessidade aos estrangeiros.

Vinham com seus navios a Lisboa, para comprar residuos das fabricas de cortume, trapos de lã etc. para adubar particularmente os limbos e as oliveiras. Ainda hoje vem alguns, mas poucos, de Genova, Niza e Toscana. Se estes fazem 500 leguas por mar, sem contar o transporto por terra, é signal de que lhes é proveitoso. São exactos calculadores dos seus interesses, assim como o são os inglezes que vão buscar o fertilissimo guano das Americas. Neste numero devemos admittir os hollandezes, e os francezes, que vem a Lisboa comprar o bagaço da purgueira nas fabricas de azeite deste genero.

Já vi estarem á carga dois navios daquellas nações, para transportarem estes residuos. Procurei tambem comprar o bagaço da purgueira, mas não o obtive, porque os fabricantes do azeite já tinham estipulado contractos de venda com os carregadores para fóra.

(Continua.)

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Concluido de pag. 415.)

§ 3.°

Effeitos da sua demolição.

É evidente que a demolição dos assudes é uma necessidade para a navegação; mas, neste caso, ainda tem effeitos de maior alcance, que convém lembrar.

Demolidos os assudes, a corrente, hoje quasi morta e imperceptivel, viria a ser regular e sufficientemente forte para expellir nas vasantes o lodo que o Téjo lhe metesse nas enchentes. Posto que entenda que o campo não tem com as inundações subido tanto como o rio com os assudes, é todavia incontestavel que o campo tem subido muito; as camadas de pedra poída, e de conchas que se acham, palmos abaixo da superficie, são disto uma prova manifesta. Livre, pois, o rio dos assudes, e profundado pela corrente e pela arte, depois de ter, em outro estado, alteado o campo por frequentes inundações, virá a prestar-se á navegação muito mais vantajosamente do que nunca o fez, quando, nivelado com o campo, divagava espalhado e sem direcção seguramente fixa, como parece que succedeu em tempos antigos.

Tão nivelado com o campo tem corrido o rio, que nem sempre aquelle podia ser cultivado, e para o ser foi necessario o estabelecer as fabricas ordinaria e extraordinaria, pelas quaes o lavrador do campo era fintado em quatro alqueires de trigo por cada um moio de semeadura, cujo producto era destinado, além d'outras obrigações de guarda, para se levantarem e conservarem marachões, que contivessem o rio dentro do alveo que lhe assignavam. [1] No estado actual do campo é provavel que, demolidos os assudes, o rio fique tanto em baixo, que, ou não possa vir a fazer mal, ou venha a ser contido com menos despeza. [2] É portanto a demolição dos assudes, além de necessaria á navegação do rio, muito conveniente aos proprietarios do campo, hoje muito ameaçado de graves riscos na sua cultura pela extincção, e não substituição, da administração da varzea.

§ 4.º

Considerações sobre a juncção dos dois rios.

A juncção do rio d'Alemquer com o d'Otta ao fundo da quinta do carneiro, daria ao campo de Villa Nova o terreno que actualmente cobre na sua corrente até ao Téjo, e o deixaria muito menos sujeito a inundações, se não inteiramente livre dellas; com o peso e volume das aguas que levaria em augmento ás do rio d'Otta melhoraria a navegação desde o moinho do conde até ao Téjo, e, dando movimento á agua estagnada, afundando, e rasgando o alveo do d'Otta, melhoraria Villa Nova não só em relação ao commercio, mas tambem em relação á saude publica.

Poderá alguem recear que, sendo o leito do rio d'Otta muito mais baixo do que o do rio d'Alemquer, feita a juncção, os campos do denominado paúl ficariam sujeitos a inundações. A sabida natural das aguas é sobre o Téjo, para elle corre o rio, principalmente quando leva maior porção de agua.

Não se deve suppôr que o rio d'Alemquer enchesse a ponto de fazer uma inundação de consequencia nos campos do paúl, sem que o rio d'Otta enchesse proporcionalmente, e então a quéda natural da agua e o peso da do rio d'Otta dariam ás aguas a conveniente direcção. Mas isto é dito ainda

[1] Ignoro a data, fundamentos e historia da administração desta finta que os lavradores pagavam, porque já não estavam nesta administração os seus livros quando entrei no serviço della. Achei que havia uma administração; que ella incumbia aos juizes de fóra; que pela nova organisação da magistratura ficára pertencendo aos administradores do concelho, com o seu escrivão, e o thesoureiro, chamado fabricano da varzea; e que os livros desta, depois de serem entregues na administração, foram exigidos pelo governo civil. Para saber como me havia regular nesta administração pedi os livros; disseram-me que haviam sido reclamados pelo thesouro, a titulo de serem objecto de fazenda. O que me deixou inteiramente confuso; porque, se isto é o que eu penso, não passa de ser um objecto de administração, como é a fabrica que os lavradores do paúl pagam, e como é o imposto denominado — fabricas — para cuja cobrança a Companhia das Lezirias auctorisou a sua direcção no art. 49.º dos seus estatutos. A auctoridade publica andava aqui metida na administração da fabrica, ou pela conveniencia publica, ou porque as terras eram da casa da rainha, que tambem era a donataria da villa, e quem nomeava as auctoridades. Pensava que o thesouro não tinha com esta fabrica mais do que póde ter com as referidas, ou com as fabricas das egrejas para que concorrem.

Instei pelos livros por varias vezes, pedindo que ou os mandassem para a administração deste concelho, ou a exonerassem d'uma obrigação que não se podia cumprir na ausencia dos livros, e sem meios de obrigar os refractarios, sendo já poucos os que pagavam. As vistorias que tinha feito ao rio, o conhecimento de que eram necessarias obras, e de que não havia meios para ellas, me obrigaram muito naquellas instancias. Ao passo que as fazia ao governo, tambem tentava animar os lavradores. Abaixo de Alvito está uma ilhota no alveo do rio, cujos effeitos vi que haviam de ser máus; em vistoria, na presença de alguns lavradores, e intimando o alcaide da varzea para que o fizesse constar aos outros, declarei que se elles estavam dispostos a auxiliar a obra da limpeza do rio naquelle logar, eu cederia da minha pensão, como administrador, o que seria talvez sufficiente para metade da obra. Ninguem me quiz auxiliar. Poucos mezes depois a ilhota foi causa d'um rombo, cujo reparo foi importante, ao qual mandei proceder na idéa de que seria á minha custa, não havendo meios. O sr. José Lobo Garcez Palha fez-me constar que elle concorreria. Emfim recebido algum producto atrasado pôde satisfazer-se a obra, mas foi necessario que o dinheiro não passasse pela mão do fabricano, que recusava pagar o reparo, arvorando-se em credor, e pagando-se por suas mãos!

Neste estado se achavam as cousas quando o sr. Avila, nas ultimas horas da sua administração, dissolveu por uma portaria a administração da varzea. Não sei se isso poderia ser feito por uma portaria, nem se poderia ser feito por aquella repartição. É certo que se necessitava de providencias; mas extinguir não é providenciar. As cousas estavam mal, e (actualmente) estão peior.

Consta-me que se falla em uma reunião dos lavradores para providenciarem, e confio que algum bem d'ahi se deve esperar; o interesse dos lavradores, que conhecem o terreno, e os perigos e conveniencias delle, ha de esclarecel-os. Além disso devem logo realisar alguns fundos, porque ha varios lavradores que não tem pago, e que agora devem concorrer com os atrasados, não só por ser de equidade que não fiquem multados os que obedeceram a uma lei e costume antigo, pagando sem coacção; mas porque o capricho e a honra dos que promoveram a extincção da administração e que não pagavam, os ha de aconselhar a satisfazer, para acreditarem, perante os seus visinhos, a consciencia e boa intenção que os animava em se recusarem ao pagamento, e em promoverem a extincção da administração a que não pagavam.

[2] Alludi a esta obra, quando, por occasião de sollicitar do governador civil os livros da administração da varzea, dizia que a administração não era boa, porque todas as suas providencias eram palliativas e não radicaes. Esta obra (a meu vêr) desobrigaria a antiga administração da varzea de tudo o que não fosse guarda do campo.

na supposição de que a juncção fosse feita toscamente, e longe de qualquer reflexão. Se o rio de Alemquer entrasse no d'Otta formando um angulo recto, as suas aguas, quebradas na margem opposta, e ficando mortas por um momento, algum tanto poderiam fazer refluir as aguas do rio d'Otta; para evitar este resultado é que lembrei, que a juncção deveria começar a operar-se desde o fundo da quinta do carneiro (arredado do rio d'Otta talvez 80 braças), e não desde o moinho, onde a juncção se effectuaria talvez com 10 ou 12 braças de valla. Mas sendo bem aberta a communicação, creio que a juncção dos rios havia de livrar os campos de inundações demasiadas, concorrendo para maior profundação e abertura do alveo. Quando, sendo os marachões bem construidos, a força das cheias se encontrasse com maré vasia no Téjo, o alveo ficaria limpo, e os campos não soffreriam; quando, pelo contrario, se encontrassem com maré cheia o campo seria inundado, mas esta inundação teria logar, mesmo sem a juncção, com todos os seus effeitos máos para o campo, e sem um effeito bom que lhe hão de levar as inundações deste rio, qual é o maior deposito de lodo, e o alteamento progressivo das terras que hoje são demasiadamente baixas.

As cheias no rio desta villa duram pouco, e turvam muito; quando ellas chegassem a inundar o campo do paúl, teria elle de o ser mesmo pelo rio d'Otta, e deixar-lhe-hiam, sem accrescimo de incommodo, muito mais lodo.

———

ERRATA.

Nesta *Memoria devem* fazer-se as seguintes correcções:

REVISTA n.° 29, pag. 341, col. 2.ª, lin. 2.ª, onde se lê — A fabrica de algodões — accrescente-se — e lanificios.

N.° 34, pag. 401, col. 1.ª lin. 17, onde se lê — desta parte — lêa-se — desde esta ponte.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 412.)

No districto de Caxias e por quasi todo esse sertão, os assassinatos repetem-se diariamente, como é notorio; mas o que diria o *Estandarte* se eu escrevesse, que no Maranhão existia um grupo de brazileiros assassinos e parricidas? Bradaria contra tamanha loucura ou insolencia, e teria carradas de rasão.

Antonio de Oliveira é delinquente? pois fazei-o punir, mas acabai com a barbaridade de estender aos seus compatriotas a ignominia resultante do seu delicto. Se os crimes individuaes deshonrassem todo um povo, de estrellas abaixo nenhum seria honrado. Quantos malfeitores, mui peiores do que o Antonio de Oliveira não teem a Inglaterra e a França, quero dizer, as duas nações mais civilisadas do mundo? Consultai os *Mysterios de Paris* e *Londres*, ou mesmo quaesquer gazetas inglezas, e francezas, se tendes aquelles por obra de pura phantasia.

Já que fallei no Antonio de Oliveira, sem a ninguem dirigir censuras, aventurarei aqui, talvez mui deslocadamente, uma reflexão a que cada um dará o valor que quizer.

Posto que o parricidio seja um crime muito mais atroz do que o homicidio simples, o parricida de que acima fallei só teve a pena de galés, em quanto Oliveira se acha condemnado á morte; podendo assim duvidar-se se no Brasil o segundo crime não é maior do que o primeiro: Dir-se-ha que as provas juridicas contra o parricida eram fracas? Mas ou elle perpetrou o crime ou não: se perpetrou, a pena era a ultima por não terem logar algumas circumstancias attenuantes; se não perpetrou devia ser absolvido. Note-se, porém, que as provas contra Antonio de Oliveira, segundo contam diversos que assistiram á discussão do seu processo, são nenhumas. A consciencia publica, com a qual faço côro, crimina-o como o primeiro culpado na morte do infeliz Tullock, porém todo o Maranhão sabe que elle nada confessou, que não foi encontrado em casa daquelle inglez, que nenhuma testemunha o viu predispor a entrada dos seus cumplices nessa casa, nem mandal-os; finalmente, que nenhum documento comprova o crime. Consequentemente, segundo o rigor da jurisprudencia criminal, não havia meio algum de plenamente o convencer em juiso. A consciencia leva Antonio de Oliveira ao patibulo; a lei arranca-lh'o.

Passando a outro topico da accusação, perguntarei ao *Estandarte* qual é a gazeta do grupo isolado?

Mas agora me recordo que elle respondeu antecipadamente a esta pergunta, quando ha mezes fallou do *Porto-Franco* como de uma gazeta portugueza escripta em terra de brazileiros. Sendo porém o tal grupo composto de portuguezes, e para estabelecer o predominio portuguez na provincia, devia a sua gazeta advogar não a causa dos brazileiros, senão a dos portuguezes engrupados ou por engrupar: comtudo nunca no *Porto-Franco* appareceu uma expressão neste sentido.

O *Porto-Franco* era propriedade de um portuguez completamente estranho á politica, pouco abastado, e que se matava com trabalho para honestamente sustentar sua mulher e cinco filhos, todos tão brazileiros como os redactores do *Estandarte*. Este homem pensando colher lucros de uma typographia, mandou-a vir, como porém aqui não se imprimem senão gazetas, e elle não as tinha, ou não tinha sufficientes para conservar sempre occupados os compositores, imitando os proprietarios do *Publicador Maranhense*, *Correio de Annuncios*, e outros, tentou estabelecer um periodico, e achando algumas assignaturas sahiu á luz o *Porto-Franco*.

O dito proprietario, como todos sabem, não era homem de estudos. Por isso nunca para elle escreveu uma linha, e limitava-se a fazer divulgar as correspondencias que lhe enviavam sem lhes indagar a côr politica. Succedia porém apparecerem-lhe unicamente correspondencias contrarias á politica do *Estandarte*, e dahi nascia toda a antipathia deste contra o *Porto-Franco*, a quem, julgando intimidal-o, denominava gazeta portugueza, gazeta do grupo bacamarteiro etc. Se não fallasse assim só com o fito de o intimidar, poderia crer-se que o *Estandarte* tinha como as crianças medo do papão, e que o *Porto-Franco* era o seu papão.

Porém, a bulha do *Estandarte* ha de ainda maravi-

lhar mais, quando se souber que os seus redactores não ignoravam provirem de mãos brazileiras essas correspondencias que tanto os importunavam, como cada um poderá verificar examinando diversos dos seus anteriores numeros. O *Estandarte* faria pois muito melhor, se refutasse aquellas correspondencias sem fallar em grupos, chefes, soldados, agentes, punhaes e bacamartes imaginarios.

Concluirei o que tinha a dizer ao *Estandarte* com algumas observações sobre as suas palavrinhas do citado n.° 89 — *que deslembrado dos nossos favores e agasalho insulta a população.*

Se eu tivera á mão a collecção desta folha mostraria não ser esta a primeira vez que similhante censura apparece nas suas columnas. A differença estará unicamente na moderação do n.° 89. Antecedentemente ella era geral para a quasi totalidade dos porguezes, agora foi contra os do grupo isolado. Mas não se pense que por ella mereça o *Estandarte* privilegio de inventor. Tenho-a em diversos annos visto reproduzida em varias dessas gazetinhas que fazem o seu negocio ultrajando todos os portuguezes, incluindo não raramente os paes daquelles mesmos que as escrevem, os quaes em regra se não são portuguezes, já o foram, e communmente para ós insultos sempre continuam a ser considerados como taes.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXII.

UM PORTUGUEZ ANTIGO.

D. Pedro II cumpriu a promessa. No dia seguinte ás nove horas da manhã, s. magestade, ao saír da missa, passou a dar audiencia na casa do « Estrado » a D. Luiz de Athaide, que o esperava em companhia do marquez de Marialva, gentil-homem da sua camara. Os dois fidalgos conversavam confidencialmente; e o marquez procurava socegar o animo do pae de D. Catharina, cujas faces animadas e gestos violentos mostravam uma grande agitação.

El-rei entrou na salla, bastante pallido e abatido. Respondendo á genuflexão de D. Luiz com benevolencia, insinuava-lhe que o chamava como amigo. Da sua parte o vassallo, tanto tempo despresado, e sujeito ás privações de uma pobreza honrada, mas orgulhosa, reflectia no semblante grave a severidade que era licito patentear em tal occasião. Os dois protogonistas da scena (porque o marquez saíu apenas entrou D. Pedro) mediram-se alguns instantes em silencio, preparando-se para sustentar dignamente o seu papel.

D. Luiz teria sessenta e seis annos; mas os trabalhos e os desgostos faziam-no mais velho. Os cabellos todos brancos, a vivacidade ainda pouco amortecida dos olhos, e a regularidade das feições, davam-lhe um aspecto insinuante e venerando: a voz cheia de firmeza era agradavel; e as maneiras a certo arrojo delicado e cavalheiro uniam a mais attenciosa urbanidade.

— « D. Luiz, estimei esta occasião — disse el-rei. — desejava conhecel-o. Porque não o tenho visto? »

O fidalgo sorriu-se com amargura, e respondeu, beijando a mão:

— « Sou velho, sr.; e os velhos na côrte parecem cousas do outro mundo. Depois, desde que me fiz esquecido ninguem mais se lembrou; por isso intendi que tinha sido prudente retirando-me. Para que havia de enfadar? Já não sirvo para nada. »

— « Os homens do seu merecimento não esquecem, e a prova e que eu lembrei-me. »

— Beijo as mãos de v. magestade! » — replicou o pae de D. Catharina com a mesma dignidade respeitosa. O seu rosto, porém, mostrava que sabia o valor das expressões graciosas, de que usam os soberanos para adoçar as injustiças.

— « Sabe para que o mandei chamar? » — perguntou de repente D. Pedro, olhando muito fito para elle.

— « V. magestade espero que se dignará dizer-m'o. Mas eu estava determinado a vir, ainda que el-rei me não chamasse. »

— « Então porquê? » -

— « Porque a pobreza é honra, mas a villania não! V. magestade podia julgar indignos de premio os insignificantes serviços de um soldado; mas el-rei, que é pae, não póde cubrir de infamia os cabellos brancos de outro pae, nem arrastar a reputação de um nome illustre pelas maledicencias da sua côrte... A honra de minha filha não é só della, é da fidalguia portugueza; e desde hontem o nosso chefe, el-rei, manchou-a para toda a vida! Em Lisboa não se falla senão dos amores do principe real com uma noviça de Santa Clara; e a calumnia, invocando a palavra de v. magestade, tem a audacia de pôr a bocca em D. Catharina de Athaide!... Senhor, o pae, o chefe da familia, sou eu; e pela sua gloria só eu hei de responder aos homens e a Deus. Na casa dos Athaides nunca houve bastardos, nem ha de haver, em quanto D. Luiz fôr vivo. Indaguei a ver-

dade; lancei-me aos pés de s. alteza real, e tenho a sua fé de que tudo é falso, falso! percebe, el-rei?... porque sendo exacto, como a pessoa do principe é sagrada, o meu sangue apagaria a nodoa... Agora peço justiça a v. magestade; peço reparação! Queixo-me a el-rei da offensa que recebi de D. Pedro II... »

O monarcha ouvia-o com bondade. Longe de se affligir, o seu rosto tomava alguma animação, e com mais doçura do que firmeza, respondeu, pegando-lhe na mão, que D. Luiz tractava de retirar:

—« Veio tarde. El-rei já fez justiça! »

Apesar da gravidade com que as pronunciou, estas palavras feriram o pae de D. Catharina, em vez de o tranquillisar. Suspeitando que o monarcha declinava a reparação por meio de uma evasiva, o fidalgo irritado fez-se pallido; e com o semblante severo e olhos altivos replicou asperamente:

—« Senhor, se ha quarenta annos em Montes Claros eu soubesse que este era o premio do meu sangue, a espada ficava na bainha! A corôa de v. magestade eu, nós todos, é que lh'a pozemos na cabeça; e para nos tractar assim el-rei de Castella era melhor... Ao menos esse não nos devia nada! »

Ouvindo a apostrophe orgulhosa, D. Pedro II recuou dois passos. A vista faiscou, e a estatura tornou-se erecta de repente. Lançando ao velho militar um desses olhares que, partindo do rei, dizem que a sua cholera é a cholera do leão, o principe contendo-se a custo, disse-lhe severamente:

—« D. Luiz esqueceu, parece-me, que está fallando ao seu rei! O duque de Bragança não quer ouvir; mas D. Pedro II sabendo é obrigado a castigar. »

O antigo soldado era uma alma que não conhecia o medo. Tão firme na honrosa intrepidez, como o rei na sua força; tão altivo do seu nome, como elle da corôa, respondia com a vista irritada ao olhar ameaçador do monarcha, e a voz, mais alta ainda, proferia um cartel audacioso, sabendo que lhe podia custar a liberdade.

—« El-rei deshonrou a minha espada — exclamou com extrema solemnidade — fez do meu nome, antigo como o de v. magestade, o ludibrio da côrte, aonde as linguas são mais compridas que as armas... El-rei falta ao seu juramento, não guarda os nossos fóros: a corôa não nos cobre, fere-nos! De hoje em diante ficâmos quites. Não tornarei a servir a casa de Bragança. A familia dos Athaides, cheia de gloria na Asia, e em toda a parte aonde se deu uma batalha, acabou, porque el-rei de Portugal disse uma calumnia, e é rei... não responde senão a Deus! Ao menos a espada de meus avós não verá esta vergonha; ahi a deixo para castigo dos ingratos que sustentou! »

Dizendo isto atirou a espada nua aos pés de D. Pedro; e cruzando os braços, exclamou com a cabeça erguida:

—« Agora façam do corpo o que quizerem. Póde v. magestade sepultar-me em uma torre. É o modo de occultar um borrão nos escudos da fidalguia portugueza. »

Attonito do arrojo, o monarcha no primeiro impulso deu com o pé na espada e affastou-a cheio de ira. Depois, com a mão no punho do florete, dirigiu-se a D. Luiz. Este, sem recuar nem empallidecer, vendo a sua valente espada pizada aos pés, clamou cortado de amargura:

—« O marquez de Marialva fazia mais caso de uma espada!... É verdade que o marquez era um heroe... Senhor! — proseguiu exaltando-se — dava o meu sangue para outra pessoa praticar a acção de v. magestade; e juro que essa espada não era arrastada pelo chão sem levar comsigo alguem.... Louve a Deus el-rei! Estamos sós, e a paciencia é maior que a offensa. »

Duas lagrimas escaparam pelas faces do antigo soldado; e sentindo-as queimar, enchugou-as com as costas da mão, e abaixou a cabeça, confuso talvez da primeira fraqueza da sua vida.

O principe tinha tido tempo de reflectir; e convencido de que a sua precipitação em accusar sem provas fôra causa da magoa que atribulava aquelle coração, compadeceu-se, e admirou o arrojo, o leal orgulho que o elevava contra a magestade da terra, sem outras armas senão a constancia para soffrer. D. Pedro, já o vimos, sabia apreciar nestes lances a verdadeira grandeza d'alma; e conhecendo o seu logar, percebeu que a rei nesta occasião, para ser rei, devia descer e não punir.

Demais, aquellas lagrimas só a agonia podia arrancal-as, porque eram mais que sangue; pareceu-lhe glorioso enchugal-as; e não traspassar de mais dores a alma do infeliz. Feitas estas reflexões, a que deu força a lembrança das suas promessas ao padre Ventura, D. Pedro II, em toda a magestade da sua elevada estatura, foi direito á espada, levantou-a do chão, e chegando-se ao velho fidalgo, meteu-lha na bainha, dizendo:

— « D. Luiz, ambos nos excedemos, creio eu! Guarde essa espada; não é minha, nem sua, é da historia. »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXIV.

PRESENTIMENTOS.

(Continuado do pag. 408.)

Os dois amantes, detidos pela chuva, e pelo receio de serem encontrados pelos cavalleiros que tinham visto a correr pelo campo com archotes na mão, em pouco tempo esqueceram de todo o perigo em que estavam para pensarem unicamente um no outro.

Tirou-os deste brando e doce esquecimento o ruido surdo de um cavallo gallopando na terra molhada, que vinha do lado da casa que olhava para Salvaterra; e logo depois a voz de Affonso VI, que pronunciava do outro lado da casa algumas palavras que os dois amantes não poderam perceber.

O terror, como o impulso de uma força sobrenatural, fêl-os pôr de pé hirtos, soffocados, sem voz, e quasi sem sentimento. Julgavam-se perdidos, mortos ambos, sem remissão, quando subitamente viram perto de si o conde de Castello-Melhor, pallido e demudado pelo susto, porém não oprimido, não paralisado, não desvairado como elles.

O conde valido apagou a luz da candêa, e aproximando-se depois de Francisco d'Albuquerque, e agarrando-lhe no pulso:

— Foge daqui se queres salvar a vida desta mulher e a tua — disse em voz tão baixa, que só a excitação do medo a podia fazer perceptivel. — Foge sem detença; mas dá-me antes a tua palavra de honra que hasde...

— Que heide... — acudiu o capitão, que cobrara animo.

— Levar Margarida para Salvaterra; para sua casa.

— Mas... é expol-a...

— Não tem perigo. Dá-me a tua palavra...

— E se...

— Dá-ma, senão estão perdidos ambos.

— Dou-lhe a minha palavra, sr. conde.

— Bem. Agora saiam. Está á porta um cavallo; é forte o cavallo, e Salvaterra fica perto Partam todos tres, a aia de Margarida tambem. Nem mais uma palavra. Vão-se.

Era tempo, porque El-rei já estava batendo com violencia á porta, e de um instante para outro a podia arrombar. Francisco d'Albuquerquer partiu para Salvaterra levando nos braços as duas mulheres quasi desmaiadas: o que se passou depois entre o Castello Melhor e El-rei, já fica contado no capitulo anterior.

Á porta da casa da Calcanhares, os dois amantes separaram-se, sem que entre elles se trocasse uma palavra sequer. A dor soffocava-os; um presentimento fatal havia destruido nelles toda a esperança, e acordado mil confusos terrores; e por isso não ousavam communicar-se um ao outro o intimo do seu pensamento.

Margarida, mais morta do que viva, subiu as escadas encostando-se, para não caír, ás paredes e ao braço da sua aia, e apenas entrou no quarto deitou-se ou antes arrojou-se, n'um accesso de violenta desesperação, sobre um estrado, dando livre expansão aos soluços, aos gemidos, aos gritos, que a dor moral, mais acerba e pungente do que a dor fisica, involuntariamente lhe arrancava do peito.

A aia aflicta, assustada tambem, porém mais senhora de si do que a Calcanhares, foi-lhe a custo tirando os vestidos salpicados de lama, foi-lhe enxugando os cabellos que a chuva humedecera, e concertando em fim todos os desalinhos que as agitações daquella noite tempestuosa lhe haviam causado.

Margarida permanecia ainda como insensivel para tudo quanto a cercava, e não descontinuara de chorar, e lamentar-se, quando na escada resoavam já os passos pezados, lentos, e embaraçados de El-rei.

— Senhora, minha rica senhora — exclamou a aia da Calcanhares, sacudindo-lhe o braço para a tirar do torpôr em que estava, e enfiando-lhe á pressa as mangas de renda de uma *roupa de chambre* branca — minha ama, ahi vem El-rei: já vem subindo a escada. Torne em si; cobre animo; não se deite a perder, não nos deite a perder a todos, ao sr. Francisco d'Albuquerque...

Margarida levantou-se por um esforço prodigioso. O seu gesto triste e aterrado pela pallidez e pelo susto, a expressão dos formosos olhos espavoridos, e em que as lagrimas suspendidas apenas parecia haverem-se solidificado, sem perderem nem a diafaneidade, nem o brilho, as ondu-

lações dos cabellos caindo profusamente sobre os hombros meio descubertos, as pregas fluctuantes da tunica branca que deixavam adivinhar a gentileza e perfeição das formas, que por baixo dellas se escondiam, o clarão vacillante de uma lampada de prata, que illuminava vivamente o rosto de Margarida, deixando em meia obscuridade o resto do corpo; tudo lembrava um desses quadros de Rembrandt ou de Gherardo *delle notti*, bellos pela naturalidade do desenho, admiraveis sobre tudo pelos energicos contrastes da luz e da sombra.

Margarida poz-se de pé, mas não poude nem andar, nem mover-se, nem balbuciar uma palavra, quando El-rei assomaou á porta do quarto.

— Cobre animo, minha senhora — murmurou-lhe ao ouvido a aia, antes de sair — olhe que a sua vida e a do sr. capitão dependem de uma palavra sua.

El-rei entrou no quarto, quasi tão pallido e tremulo como a Calcanhares. O chapeu enterrado até aos olhos e assombrando-lhe o rosto, os vestidos molhados, amarrotados, cobertos de lama, davam-lhe um aspecto sinistro.

— Margarida — disse elle aproximando-se do estrado em que a Calcanhares se deixou outra vez cair sem alento, — Margarida... não me esperavas aqui?

— D. Margarida — accudiu o conde valido, que seguia D. Affonso — não se aflija mais; bem vê que El-rei já voltou, que lhe não succedeu mal. Animo, D. Margarida.

— Que tens, não respondes? — E sua magestade, quasi fóra de si apertou com violencia a mão da sua desditosa victima, que soltou um grito de dôr.

— D. Margarida estava angustiada pela ausencia de vossa magestade, como nós todos, mais do que todos nós...

A dôr fisica deu á Calcanhares a consciencia da sua situação, e ella poude instantaneamente perceber a grandeza do perigo que lhe estava imminente. Com aquella espontaneidade de acção, aquella coragem de inspiração, que é o caracteristico das mulheres sensiveis, cingiu com os braços o pescoço d'El-rei, e reclinando com brandura a cabeça sobre o peito delle, para assim esconder melhor as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos, e o tremor convulso dos labios brancos, que a repugnancia e o susto contraiam, murmurou baixinho:

— É verdade, senhor; estava n'uma angustia horrivel; e foi tal a felicidade que tive em vêr V. M. que não tive força para fallar.

E vendo que D. Affonso se não deixava abrandar com aquelles affagos, ella proseguiu ainda mais baixo:

— O receio só de te perder, meu rei, seria capaz de me matar. Eu amo-te...

El-rei, sem responder palavra, tirou o chapeu que deitou para o chão, e sentou-se lentamente n'uma cadeira. Seguiu-se um momento de silencio, em que parecia, pela angustia que se lhe pintava no rosto, que a Calcanhares e o privado tinham a vida suspendida dos labios do rei.

— Margarida — disse este por fim com rudeza — crês em feitiçarias?

— Creio, meu senhor — respondeu ella.

— E julgas que é possivel a uma bruxa mostrar á gente o que não existe realmente?

— Senhor, tudo é possivel ao demonio, e áquelles a quem elle serve.

— Margarida, eu já esta noite te vi.

— Agora.

— Não; ha meia hora talvez.

— A mim?

Affonso VI callou outra vez, e ficou imobil, com os olhos pregados nos olhos de Margarida. Via-se que elle balançava entre a colera e a duvida: entre a raiva e um sentimento menos violento.

— Tu não saiste hoje daqui? — perguntou elle depois de longo silencio.

— Bem vontade tinha eu disso — respondeu a Calcanhares, sempre soffocada pelo susto — bem vontade tinha eu de sair daqui....

— Para que?

— Para ir em busca de V. M.

— E não foste?

— Não me atrevi... não tive animo...

— Margarida, ou tu mentiste agora; ou então... estás em perigo de ser enfeitiçada. Dizme a verdade, minha querida Margarida; conta-me tudo a mim. — Dizendo estas ultimas palavras, El-rei tomou um tom de brandura e meiguice.

A desditosa Margarida teve tentação de abrir a sua alma a El-rei, de lhe narrar a historia dos seus amores, e de lhe pedir perdão depois. Ao seu coração leal e sincero repugnavam aquelles enganos, aquelles fingimentos, aquellas falsidades, a que a constrangiam os perigos da sua posição, a vontade do conde valido, e os conselhos de fr. Pedro de Sousa. Ia quasi a quebrar o segredo, e a perder-se talvez, quando um gesto do Castello-Melhor, que exprimia a

anciedade, a cólera, a supplica, veio detel-a.

— A verdade, a verdade é o que eu disse a V. M. — balbuciou ella. — Não sahi desta casa.

— Então o que eu vi...

— Foi uma feitiçaria da maldita bruxa cigana, que quiz enganar a V. M. — interrompeu o conde.

— Talvez. Foi feitiçaria, foi. Mas acho-te triste, Margarida, inquieta, desasocegada — proseguiu o rei. — Eu já aqui estou ao pé de ti, e não te vejo alegre.

— O susto fez-me mal. Estou doente; doe-me a cabeça; não sei o que tenho — E a Calcanhares, obedecendo a um olhar de privado, abraçou de novo D. Affonso.

— Seja como fôr — bradou este pondo-se de pé, e desenleando-se dos braços da Calcanhares, — eu hei de saber a verdade. Estes mysterios desagradam-me...

— Não ha mysterios nem segredos para V. M. aqui. A verdade é o que V. M. vê.

— Tens rasão — proseguiu Affonso VI, entre colerico e vencido pelos affagos da sua amante — tens rasão, Margarida. A verdade é o que eu estou vendo: e a bruxa ha de confessar todos os seus crimes.

— Vou mandal-a entregar já ao santo tribunal — interrompeu respeitosamente o conde de Castello-Melhor.

— Fazes bem, conde: e eu quero assistir ao interrogatorio.

— Far-se-ha a sua vontade, meu senhor. E agora...

— Agora o que?

— Se V. M. me permitte, que eu tome a liberdade de lhe lembrar...

— O que? Não hesites. Permitto-te que me lembres o que quizeres.

— Peço licença para lhe lembrar, real senhor, que a rainha, minha senhora, está esperando por V. M.

— Tens rasão. Vamos. Não quero fazer esperar a rainha.

— Sua Magestade estava aflicta pela demora...

— Todos aqui estavam aflictos por minha causa, segundo vejo — interrompeu El-rei com um sorriso, em que transparecia a colera. — É muita ventura ser rei. Pois vamos consolar os aflictos.

E pegando no chapeo, que o escrivão da puridade lhe apresentava, El-rei saiu sem dizer mais palavra a Margarida.

Quasi ao entrar no paço, Sua Magestade voltou-se subitamente para o conde, e disse-lhe:

— Conde, estes meus amores com Margarida são um escandalo para a côrte, e para o reino todo. A rainha é a rainha; e é necessario que eu me lembre disto. A rainha diz que a corôa vae ter um herdeiro; e eu quero mostrar-lhe a minha gratidão por ella assegurar por este modo a felicidade de Portugal.

El-rei não disse mais nada; mas o conde sentiu faltarem-lhe as pernas, e um frio de gelo correr-lhe por todo o corpo.

J. DE ANDRADE CORVO.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de D. Maria II. — UM CONTO AO SERÃO. — *Comedia em tres actos.* — Assistimos no dia 12 á 1.ª representação desta comedia; levou-nos áquelle tumulo da nossa arte dramatica, chamado theatro normal, o nome do auctor que nos annuncios não apparecia e que por nós era sabido.

Os leitores do *Anno na Corte* podem comprehender que uma composição do auctor deste notavel romance deve despertar a mais amortecida curiosidade. É nossa convicção que o nome do sr. Corvo ganha muito credito com esta sua nova producção. *O conto ao serão* é o que verdadeiramente se chama um primor de alta comedia. Os caracteres são graciosamente desenhados e a delicadeza do pincel dá ás tintas de todo o quadro uma transparencia seductora. O enredo interessa com muita naturalidade e agrada pelo desenlace feliz a que leva a acção. Os tempos de cortezania e galanteio de D. João V são bem recordados no fundo historico de que sabe a comedia. As situações interessam sempre e prendem a attenção do expectador. Com pesar o dizemos, a influencia da soror Joanna, na scena principal da comedia, não nos agrada pelo caracter respeitavel de uma religiosa, que se não compadece com o mister aviltante de conduzir as victimas para a perdição eterna. Fazemos este reparo para sermos imparciaes. Esta comedia, representada por actores que soubessem comprehender a época, os caracteres e o auctor, podia representar-se em Paris; que seria louvada com muito mais rasão do que a maioria das que por meio das traducções são importadas para toda a Peninsula. Na representação desta comedia vimos com prazer uma vocação artistica que não conheciamos, e é a sr. Gertrudes. Sentimos que talvez outros talentos como este se não desenvolvam, porque o theatro normal está reduzido a uma casa que nos custou muito dinheiro e a um subsidio que sabe Deus se se póde pagar e nada mais, absolutamente nada.

Correspondencia da Revista. — Londres 6. É fóra de duvida que Paris vae ter o seu palacio de cristal. Fazem-se aqui por parte da França, as mais minuciosas indagações sobre a celebre construcção que tanta admiração causou no mundo. Um decreto do principe presidente determina que um edificio segundo o systema do palacio de cristal, será

construido nos Campos Elysios para serem as exposições nacionaes, ceremonias publicas, festejos civis e militares. Quatro companhias de caminhos de ferro se juntaram em França, e são: a de Orleans, a do centro, a de Bordeus e a de Nantes. As pontes já construidas e que estão de construir, prefazem uma extensão de 1524 kilometros. Nenhuma companhia da Europa dispoem da exploração de uma tão vasta extensão de linhas ferreas; a maior de Inglaterra que é a London and-North-Western conta 870 kilometros. No dia 30 do mez passado fizeram-se bastantes transacções nesta praça sobre os consolidados a 98¾. As cotações de hoje são:

Consolidados 98⅞ a 99 — Fundos hespanhoes 8⅝ 47 a 48 — Ditos defferidos 21 a 21½ — Divida passiva 5⅛ a 5⅞ — Portuguezes 36½ a 37½ — Mexicanos 34¼ a 34½ — Sardos 94 a 95 — Brazileiros 90 a 101.

As petições pedindo a conservação do palacio de cristal em Hyde-Park tem já 50 mil assignaturas. Foi de um effeito magnifico o concerto de musicas marciaes que sabbado ahi reuniu immensa gente.

No mercado de Inglaterra começa a haver bastante procura de ferro.

Ainda a famosa serpente do mar. — A *New-York-Tribune*, á qual deixamos a responsabilidade desta noticia, annuncia que o colossal habitante das solidões do Oceano, cujas apparições deram que fallar tantas vezes aos periodicos, cahira por fim em poder de um baleeiro americano, que conduziria em breve á sua patria os despojos do monstro marinho. As circumstancias da captura são narradas pelo capitão Carlos Seabury, commandante da barca baleeira *Monongahelah* de New-Bedford, e o documento foi levado aos Estados-Unidos pelo brigue *Gipsy*, que se encontrou no mar com o vendedor da moderna Typhon.

Aos 13 de janeiro do corrente anno, foi descoberto e harpoado o monstro; são, porém, tão inverosimeis as particularidades do apresamento que nos abstemos de as referir, para que a coisa não leve logo o cunho de um perfeito *canard*. Diz o capitão Seabury que o amphibio (se é que o é) tinha de comprimento 103 pés e 7 pollegadas; de circumferencia em redor do collo 29 pés, e no restante do corpo na parte mais grossa 49 pés; cabeça larga e achatada, cauda pontuda e munida na extremidade com uma dura cartilagem; a pelle negra pelo lombo e fusca pelos lados, a bocca armada de 94 dentes mui cortantes. O esqueleto era recamado, como as baleias, de um tecido cellular espesso contendo muito azeite, que arde como a essencia de tormentina.

O mesmo capitão mandou descarnar a ossada para a levar aos Estados-Unidos no termo de sua viagem, e conservava em sal a cabeça do reptil, e um dos enormes e medonhos olhos em espirito de vinho.

Telegraphia prussiana — O governo prussiano acaba de publicar uma estatistica dos telegraphos electricos que ha naquella nação. Eis o resumo deste documento.

« A longitude actual de todos os fios telegraphicos que servem para a transmissão das communicações na Prussia, comprehendidos os que, atravessando outros estados, se enlaçam no territorio prussiano, ou são situados entre a Prussia oriental e a Prussia rhenana, é de 446 milhas, das quaes 376 tem os fios subterraneos, e sómente na extensão de 70 se encontram ao ar livre. Destas 446 milhas, nos fins de 1850 existiam 339; de sorte que durante o anno se estabeleceram novas linhas de 107 milhas, 80 subterraneas e 27 ao ar livre.

O numero de communicações expedidas em 1851 ascende a 39:972, a saber, 11:447 do governo e das nações estrangeiras, e 28:525 de particulares. A somma total no anno precedente só montou a 8:371. Todas as communicações expedidas em 1851 comprehendem um conjuncto de 1:316:270 palavras.

Commercio. — *Pernambuco 24 de março de 1852.* — *Assucar.* — Existem em sêr cerca de 90:000 arrobas. Tem sido vendidos nestes ultimos 10 dias quatro carregamentos. Os brancos tem regulado de 2$400 a 2$100 (1.ª a 4.ª sortes) por arroba. Os mascavados de 1$400 a 1$600 réis, qualidades regulares. Das primeiras sortes ha pouco, e se os exportadores se pozerem fóra do mercado ha muita probabilidade que este genero baixará ainda. — As entradas não tem deixado de ser abundantes.

Algodão. — Tem sido vendido á proporção que chega; as entradas orçam neste mez a 3:000 sacas, o que é bem pouco. — Os preços tem-se conservado entre 4$500 e 5$000 réis, arroba — 2.ª e 1.ª sorte.

Couros. — O seu preço continúa a ser de 110 a 115 réis por arratel.

Azeite doce. — As vendas tem regulado a 1$850 réis o galão.

Farinha de trigo. — Ha em ser mais de 7:000 barricas, e tem-se vendido de 13$000 a 17$000 réis a barrica da franceza, americana e austriaca.

Vinho. — O da marca PRR tem obtido 130$000 réis, assim como o das outras acreditadas neste mercado, regulando o demais a 115$000 réis.

Cambios. — Sobre Inglaterra negociaram-se desde a saída do ultimo vapor libras 60:000 pela maior parte a 27ᵈ e 60ᵈ de vista. Houveram alguns saques a 26½, e 26¾ mas o pagamento mais demorado pelos tomadores.

Sobre Portugal tem regulado de 95 a 100% do mesmo praso. E sobre Paris de 355 a 360 por franco.

O movimento deste porto tem sido pequeno durante o mez corrente, muito mais sendo o tempo actual o da safra. Apenas tem entrado cerca de 50 navios de vela, sendo destes quatro portuguezes — a *Margarida* de Lisboa em 4, e o *Maria Feliz*, *S. Manuel I*, e *Bracharense* do Porto em 4, 5, e 12 do corrente. Esperam-se de Lisboa 3 navios, a *Ligeira*, *Conceição de Maria* e *Oriente*, e do Porto dois, *Olimpia* e *S. Manuel II*.

Neste mez tem saído até hoje quatro navios portuguezes, *Senhora da Boa Viagem*, para o Porto, e *General Rego* para o Rio da Prata em 6, *S. Domingos* para Lisboa em 18, e hoje *Despique de Beiriz* para o Rio da Prata.

Ficam no porto cinco, *Margarida* para Lisboa e *Santa Cruz* e *S. Manuel I* para o Porto, até 5 de abril, e *Bracharense* e *Maria Feliz*, tambem para o Porto, mas com mais demora.

A alfandega rendeu de 1 a 20 — 129:480$713.

E a mesa do consulado, de 1 a 20 — 32:314$561.

Consumo de marfim. — Resulta de um trabalho lido na assembléa da sociedade geologica de Doncaster (Yorkshire), sobre o marfim e as operações fabris em que é applicado, que só a cidade de Sheffield consome annualmente nas suas manufacturas a importancia de 120 contos desta materia prima, e o fabrico dos objectos de marfim occupa 500 pessoas. Pelo menos são necessarios 45:000 colmilhos ou dentes de elephante para formar 1.800 barricas, que representem este consumo annual; por consequencia o numero de animaes que para elle contribue deve montar por anno a 22.500. Ainda mesmo admittindo que se encontrem grande numero de colmilhos nas ossadas de elephantes espalhadas pelas vastas florestas da India, nem por isso deixa de ser exacto que pelo menos hão de ser mortos 18.000 daquelles animaes todos os annos, só para abastecer o commercio de Sheffield.

Novo palacio de cristal. — O *Constitutionnel* de Paris escreve que se formou uma sociedade para a construcção de um palacio de cristal, parecido ao de Londres, no grande largo das festas dos Campos Elysios, sendo calculado o seu custo em sete milhões de francos. Este edificio será destinado a todas as exposições, pagando-se pelos objectos uma quantia diminuta.

A companhia entabolou negociações com M. Paxton para comprar o palacio de cristal de Londres; mas, a commissão ingleza não se decidirá a vendel-o senão com a esperança de o conservar na metropole britannica. Dizia-se que M. Paxton pedia pelo edificio quatro milhões, que foi o que tinha custado; mas, parece que a companhia franceza se decidirá a construir novo palacio, porque as dimensões do de Londres são demasiado collossaes para poder ser collocado no sobredito espaço dos Campos Elysios. Fallou-se no campo de Marte; porém, não é provavel que o governo consinta em deixar estabelecer um edificio permanente nesse campo.

O maior inconveniente que ha neste projecto é a adopção definitiva do methodo inglez, que obriga a pagar pela entrada individual n'uma exposição industrial e artistica.

Locomotora. — Introduziu-se no caminho de ferro americano de Long Island, nos Estados-Unidos, uma nova locomotora chamada Jacob Lille, construida nas officinas de Norris e destinada ao serviço dos correios entre Brooklyn e Green Port, que distam entre si 97 milhas. Dispoz-se a maquina em termos que percorra este caminho em duas horas e meia; mas, parece que só gasta duas horas na jornada, isto é, caminha com uma velocidade de 48 milhas e um quinto de milha por hora.

A locomotora é construida por systema differente das outras. Na parte dianteira se vêem as quatro rodas ordinarias das locomotoras americanas com a clavija agente; mas, na parte trazeira ha um par de rodas motrizes, que sustentam cinco sextas partes do pezo: immediatamente depois destas ultimas e debaixo da plataforma ha outro par de rodas pequenas, do mesmo diametro que as dianteiras e que sustentam a outra sexta parte da carga. O diametro do cilindro é de 0.263 metros; a extensão do tiro do embolo é de metros 0,507, e o pezo de toda a maquina é de 14 toneladas.

THEATRO DE S. CARLOS.

Hontem 12 do corrente por ser o dia destinado a festejar o anniversario natalicio de S. M. a Rainha, apresentou a empreza um espectaculo novo, tanto de opera como de dança. A opera foi *Stefanella* do *maestro* Coppola; a dança, *As Nereides—divertissement* em 1 acto, composição do sr. Cappon.

Como era de esperar, a concorrencia foi grande; houve uma enchente real. SS. MM. occuparam a tribuna, e estiveram presentes até ao fim do espectaculo.

A escolha deste, porém, foi pouco feliz. A opera, não obstante ser escripta com profundo conhecimento musical, e muito bem instrumentada, não encontrou o gosto do publico, e terá pouca vida na nossa scena. Pareceram-nos, comtudo, dignas de apreço as seguintes peças: — os finaes dos 1.° e 2.° actos, a marcha do 2.°, o duetto da dama e baritono, a aria do tenor, e a romanza da dama no 3.° acto. Quanto ao resto, a musica é de pouco effeito, ás vezes monotona, e quasi sempre despida de bello canto. Sentimos que o insigne auctor da *Nina*, e de outras operas que temos admirado, não tenha sido tão feliz nesta sua composição.

A parte de protagonista não é muito adaptada a tessitura de voz da sr.ª Sannazaro, comtudo é desempenhada com muito esmero e com aquelle talento que todos reconhecem nesta artista. É pena que o *spartito* lhe não dê maior campo para se distinguir, e obter os bem merecidos triumphos a que está habituada.

Não deixaremos de mencionar que as duas scenas novas da opera são bonitas e de bello effeito.

O novo *divertissement* mithologico, *As Nereides*, tem um enredo trivial e semsabor, como acontece na maior parte das composições deste genero, mas apresenta um bailado que não é feio, alguns passos delicados da sr.ª Monticelli, e um bonito *passo a dous*, dançado com perfeição por esta artista com o sr. Cappon. A variação da sr.ª Monticelli, no genero *tacqueté*, é summamente graciosa, e executada com aquella graça e precisão que caracterisam a dança desta eximia artista.

O sr. Cappon tambem se distingue na sua *variação*.

Comtudo, prognosticamos desde já curta existencia a esta pequena composição coreographica, porque logo em seguida á bella dança em 7 actos *O orfão da Aldêa*, que tanto tem agradado, o publico difficilmente se contenta com um simples *divertissement*, e além disto, porque a *indignação* que acommette muitos dos espectadores quando vêem satyros sobre a scena, nos faz antever que se lhes vai declarar *guerra de exterminio*, a que elles não poderão resistir, e provavelmente com os satyros succumbirão tambem *as Nereides*.

Teremos em breve o debute do tenor Rossett na opera *Gemma de Vergy*.

D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 37. QUINTA FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

VANTAGENS DA NATURALISAÇÃO DO ALPACA.

O exm.° sr. visconde de Santarem, tão conhecido por seus importantes trabalhos na historia, e na diplomatica, tendo visto em o nosso jornal a noticia relativa á Serra da Estrella, segundo nos escreve n'uma obsequiosa carta, lembrou-se de que o alpaca do Perú (*Camelus cophis* de Linneu) poderia alli medrar e aclimatar-se, á imitação do que se aconselha para aquellas partes dos Alpes e dos Pyrennéus, pertencentes á França: zeloso, pois, por tudo o que póde ser util ao nosso paiz, nos presenteou com a breve memoria, que passamos a trasladar em portuguez, e que tem por titulo: *Considérations sur les avantages de la naturalisation en France de l'alpaca*, por Mr. E. Deville.

Ha quasi cincoenta annos a esta parte, a agricultura tem feito na França immensos progressos; consideraveis terrenos até essa epocha maninhos foram destinados á cultura e fornecem hoje productos como ninguem esperava. Emprehenderam-se e concluiram-se bem importantes trabalhos de enxugamento de terras. Passaram successivamente da theoria para a pratica methodos de cultura aperfeiçoada, e proporcionaram aos nossos lavradores tirar do solo mais avantajados proventos do que nos tempos passados.

Premios, concedidos com generoso discernimento, á creação dos gados, levaram os que entre nós se dedicam a este ramo a um auge na verdade inesperado. Por outra parte os progressos da chimica moderna alumiaram com o facho da racionalidade innumeraveis operações agricolas de subido interesse; a analyse das terras, a dos adubos e sua preparação abriram novo e vasto campo á industria; e se cumprisse particularisar os numerosos melhoramentos que se introduziram só por este lado, seria longa e laboriosa a tarefa. Porém, a par destes brilhantes resultados, quantos trabalhos ha que executar ainda, quantas precisões que satisfazer?

Hoje que as sciencias e as artes disputam a gloria de melhorar a sorte da nação, por descobrimentos interessantes e uteis, nada tão facil como ver em o nosso territorio o equivalente das formosas lãs de Cachemira, cujos productos em cada anno levam uma parte da riqueza do nosso paiz para os estrangeiros.

A posse dos alpacas promette vir a ser nova origem de prosperidade para a agricultura franceza, e poderá até obstar ás eventualidades que a ameaçam. Sobre esta questão importante tem-se publicado memorias em diversas occasiões. Quer na França, quer fóra della, a imprensa em artigos successivos tem procurado attrahir a attenção sobre este assumpto, que interessa em tão subido grau o proveito e o credito nacional.

No decurso da prolongada expedição que fiz ao interior da America Meridional, por ordem do governo e debaixo da direcção de Mr. de Castelnau, tive occasião de ver e de estudar os animaes de que vou fallar, e que merecem a tantos respeitos a attenção de um governo illustrado, como é o nosso.

Esperava poder tratar extensamente da importação destes animaes e sua acclimatação na França; porém, infelizmente fui interrompido no meu trabalho por uma penosa enfermidade, consequencia das minhas fadigas. Mas, vendo apparecer todos os dias novos escriptos sobre esta materia, quiz contribuir tambem para o progresso desta grande e importante questão.

Offereço aqui aos agricultores e aos homens da sciencia o extracto do trabalho que emprehendi sobre o assumpto; e me darei por feliz se estas poucas linhas obtiverem sua approvação; e dobradamente feliz se poderem ajudar a resolver o problema da acclimatação do alpaca em França.

Nestes ultimos tempos, Mr. Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire, n'um relatorio geral sobre as questões relativas á domesticação e á naturalisação dos animaes uteis, dirigido por elle ao ministro da agricultura e commercio, fez que a questão désse um grande passo, se é que não a resolveu completamente. Numerosos ensaios de importação dos animaes de que tratamos

foram tentados com vantagem em differentes partes do globo, tanto na Europa como em a America do Norte.

Na Inglaterra, na Escocia, na Prussia, e em França, já existem ha muitos annos; o bom estado de saude em que se tem conservado dissipou todos os receios que poderiam conceber-se quanto á difficuldade da sua acclimatação. Portanto, parece hoje completamente resolvida a questão, tanto pelas reproducções continuamente alcançadas no pateo dos bichos do museu de Paris, como pelas muitas importadas recentemente da Hollanda, ao presente no instituto agronomico de Versalhes: animaes que virão a ser, como espero, a raiz de uma de nossas futuras riquezas.

Em Inglaterra, a importação dos alpacas tornou-se uma questão pratica de economia agricola: grande numero de proprietarios possuem rebanhos, ainda pouco numerosos é verdade, mas que não tardarão que augmentem pela procreação.

N'um paiz, como o nosso, extenso e variado quanto ao clima e á configuração, bem longe de convir cada terreno a todo o genero de cultura e á creação de toda a casta de gado, ha, pelo contrario, grande numero de localidades, onde a natureza e a disposição do terreno, a sua maior ou menor elevação, o seu estado hygrometrico, a sua temperatura, promovem obstaculos insuperaveis ao estabelecimento das culturas ordinarias, e á creação de certos gados. Os territorios montanhosos estão mais ou menos neste caso. O Novo-Mundo nos offerece um recurso precioso, apressemo-nos a aproveital-o tomando um emprestimo á America, que certamente legitima o abandono que havemos feito de todas as nossas raças de gados; e se estas ultimas perfeitamente medraram em todas as partes da America onde encontraram condições de existencia em relação com as que entre nós lhes eram favoraveis, porque rasão duvidariamos de que, por analogia, os animaes do Novo-Mundo podessem medrar entre nós, uma vez collocados sob condições analogas ás que desfructam no seu paiz originario?

A acquisição do alpaca será para a agricultura de nossas montanhas uma era inteiramente nova, será uma verdadeira época de renascimento; com o auxilio desses mui uteis animaes, immensos terrenos até agora improductivos poderão fornecer não só um supplemento importante á alimentação do nosso povo, mas tambem á nossa industria o precioso recurso de lãas que, pela sua natureza, comprimento e finura, são susceptiveis de entrar no fabrico desses tecidos lisos, singelos e macios ao mesmo tempo, cuja manufactura, ha annos a esta parte, faz tantos progressos e adquire tamanha importancia.

Circumstancias de summa gravidade, conhecidas em mui curto espaço de tempo, vieram augmentar a necessidade, já evidente, em que a França hoje está de introduzir o melhoramento das lãas, se toma a peito, não só dilatar mas até conservar a sua preeminencia entre as nações europeas sob o duplo aspecto agricola e fabril.

Com effeito, a Inglaterra, nossa rival, possue na actualidade em suas colonias da Nova-Hollanda um manancial de producção immensa, crescendo de dia para dia, que será illimitada, e donde tirará centenares de milhões de kilogrammas de lãa merinos da mais bella qualidade. Estas lãas, comprehendidas todas as despezas, mesmo as de transporte para a Europa, não lhe ficarão por um preço mais alto do que esse por que se vendem entre nós as lãas mais communs.

Na presença de uma eventualidade tão ameaçadora, tão inevitavel, não será facil prever em que virão a parar nossos rebanhos de ovelhas? Acaso não procurará a Inglaterra, pela concorrencia directa nas lãas, aniquilar entre nós os meios de producção, inundando com as que extrahir da Australia todos os mercados da Europa; ou não augmentará indefinidamente o seu fabrico de tecidos para arruinar as nossas fabricas, por meio de outro commercio não menos facil e da mesma maneira desastroso?

O futuro das lãas consideram-no geralmente todos os industriaes, que empregam esta materia prima, como fortemente arriscado, porque as trazidas dos paizes estrangeiros offerecem grandissimas vantagens na manufactura de muitos tecidos, tanto pela sua qualidade como pela sua barateza nos mercados estrangeiros.

Do melhoramento das raças e da diminuição dos preços depende a questão do futuro para as nossas lãas de ovelha.

Caracteres zoologicos dos lamas, alpacas e vicunhas. O lama ou guanaco. (*Ovis peruana* de Hernandez e Marcgraave; *Camelus lama* de Linneu) É um animal essencialmente da America do Sul, onde parece representar o camelo, ao qual, com effeito, se assemelha a muitos respeitos, pertencendo como elle á familia dos ruminantes.

Habita a parte superior da Cordilheira dos Andes n'uma altura media de 3·000 a 3:500 metros, e em climas cuja temperatura varia de 5 a 18 graus. A altura media do corpo deste animal é de um metro e 30 centimetros (cinco palmos e oito decimos proximamente) a um metro e 70 cent.; a largura é de um metro e 60 cent. a um metro e 90 cent. Tem a cabeça alongada, bastante delgada e de fórma elegante, olhos grandes, vivos e salientes, cercados de pestanas longas e bastas, focinho chato e ventas afastadas, o beiço superior grosso e rachado, o inferior um pouco pendente; as orelhas são mui compridas, arredondadas e dirigidas para diante. É este o caracter que distingue o lama do alpaca.

A côr dos lamas varia; a mais commum é parda e preta, mas passa, pela mistura destas côres, ao pardo claro, ao cinzento, ao amarellado ruivo e ao branco.

Os pés são fendidos, de plantas callosas, terminadas por uma pequena unha recurvada, adherente só á ultima phalange; tem um esporão para traz; cauda curta e revirada terminando em pellos compridos.

O systema dental é o mesmo que o dos camellos; portanto, appresenta nas queixadas superior e inferior, incisivos 2 e 6, caninos 2 e 4, molares 5 e 5, e 5 e 5: total 34 dentes.

A lã deste animal é mui fina, lustrosa e de boa qualidade; tem geralmente de um decimetro a um e meio de comprimento.

A gestação é de dez mezes. As femeas não parem de ordinario senão um filho, raras vezes dois: tem quatro tetas. Na idade de tres annos, a femea está

apta para a geração. Estes animaes vivem na America vinte e cinco a trinta annos.

N. B. Farei observar que diversos erros se tem commettido relativamente á gestação destes animaes. Segundo Mr. Walton seria de seis mezes; conforme Mr. Laverrière, n'um artigo que publicou no *Jornal de agricultura pratica*, em abril de 1849, seria de sete a oito mezes. Estes dois auctores estão enganados; é de dez mezes na America: e é certo que varia conforme o animal se approxima da Europa. Pelo que podémos observar nos animaes da collecção viva do Museu de historia natural, e como no-lo confirmou Mr. Bibron pae, incumbido de tractar destes animaes, a gestação é de onze mezes em França.

O alpaca ou paco (*Camelus alpaca*, *Ovis peruana, et Paco dicta*, de Hernandez; *Camelus cophis*, de Linneu; *Alpaque* de Frejus) assim como o lama, é um animal essencialmente da America do Sul; habita as mesmas localidades. Accrescentarei que, na minha opinião, não passa de ser uma variedade daquelle. Tem a cabeça mais curta do que o lama, as orelhas menos compridas, rectas e dirigidas para diante: uma poupa de longos pellos, o pescoço mais curto e mais fornido; é mais rasteiro de pernas, e em geral mais rechonchudo e reforçado: tem o mesmo systema dental do lama.

Na côr tem a mesma variedade; a differença é só que a lã do alpaca é infinitamente mais fina, mais assedada, e mais flexivel que a do lama: e por esta circumstancia insistirei especialmente na acclimatação do alpaca. A gestação é igualmente de dez mezes.

A Vicunha (*Vicunia Camelus.*) Este animal distingue-se perfeitamente dos dois precedentes pela estatura que é quasi metade mais pequena. Cabeça curta, arredondada na parte posterior; olhos grandes e pretos; orelhas de tamanho mediano, rectas e dirigidas para diante, cobertas de pellos curtos exteriormente, unhas mui recurvadas, chatas lateralmente; pescoço longo e delgado; os membros anteriores revestidos de umas mangas de longos pellos de amarello aleonado; ventre e parte interna dos membros de côr fouveira. O resto do corpo coberto de pello assaz curto, lanoso, e de côr ruiva de folhas seccas.

É um animal de extrema timidez, tendo a apparencia do veado. No estado de domesticidade, é de grande mansidão, deixa-se afagar, e sabe reconhecer perfeitamente todas as pessoas que tratam delle.

Depois de haver dado os caracteres zoologicos dos lamas, alpacas e vicunhas, vou entrar em considerações sobre estas especies na America.

O lama, que é denominado *guanaco*, já se não encontra em estado selvagem; está espalhado nas lombas da Cordilheira, misturado cóm os alpacas e ás vezes com as vicunhas. Os sitios onde vi mais animaes destes foram os arredores do lago Titicaca, Potosi, Orouro, la Paz, Puno, e Arequipa; demais disso, acham-se em toda a parte superior da Cordilheira dos Andes, onde vivem em rebanhos numerosos.

Entre as localidades acima citadas, aquellas onde se empregam mais estes animaes são la Paz, Puno, e Arequipa. Ahi servem de bestas de carga, de gado para açougue, de animaes que fornecem material á industria, e neste ultimo prestimo é que elles são mais uteis. Fazem-se nessa cidade com as suas lãas muitos tecidos, taes como, barretes, tapetes, meias, *ponchos* (especie de capas) etc. etc.

O pezo com que ordinariamente carregam estes animaes é de 40 a 50 kilogrammas. Não podem ser carregados todos os dias, e por isso n'uma recua ha pelo menos o dobro do numero necessario. Todavia podem caminhar seis dias seguidos, mas não podem andar mais de tres a cinco leguas por dia. São conduzidos, sómente em certas epochas do anno, aos valles menos distantes das cidades, a fim de que elles mesmos levem os seus vellos aos pontos mais favoraveis para a carregação.

A mesquinhez dos pastos, junta ao clima do Perú, não é mui favoravel ao crescimento da lã; por isso não se guardam estações regulares para a tosquia destes animaes: ha, comtudo, muitas localidades onde a tosquia se faz todos os annos, e n'outras uma vez em dois annos. Esta operação tão importante, e que poderia ser de um grande producto para o commercio industrial do paiz, é feita com muita negligencia. Raras vezes se pratica a separação das cores e das qualidades; feita a tosquia, atira-se com a lã toda para um monte. No entanto, em Carabaya tomam esta precaução; ha o cuidado de fazer divisão das cores antes de remetterem as lãs ao sitio do transporte.

O véllo de um alpaca annualmente tosquiado fornece perto de 6 a 8 kilos de lã, e ás vezes nos animaes mais nédios chega a deitar 8 a 10 kilos.

Não se conclua, porém, do que fica dito que a tosquia dos lamas e alpacas é universalmente praticada; ao contrario, grande quantidade dos referidos animaes nunca são tosquiados; e postoque, por uma singular anomalia, o véllo as mais das vezes tenha maior valor do que o proprio animal, é tal a indolencia do indio que perde frequentemente, por preguiça, rendimento assas consideravel. Em todo o plató boliviano, o preço medio de um lama ou alpaca regula por quatro piastras (3$200 réis), e avalia-se o valor da sua lã ainda em mais uma quarta parte, isto é, quatro mil réis. Nas localidades mais proximas á cidade de Lima, o preço do animal varia de 7 a 8 piastras. *(Continua.)*

INSTRUMENTOS AGRICOLAS, MANDADOS A PORTUGAL PELO SR. GERALDO JOSÉ DA CUNHA.

(Continuado de pag. 389.)

Arado de aivecas moveis. — Este instrumento, que os francezes denominam *binoir*, serve a dois intentos; 1.º póde empregar-se como a charrua para abrir largos regos e revolver a terra para a direita e para a esquerda, a fim de a expor á acção da atmosphera, e de a fazer seccar mais promptamente quando o terreno é muito humido; 2.º trabalhar com elle entre as fileiras de beterrabas, de batatas e de nabos para abacellar estas plantas. Alargam-se mais ou menos as aivecas, conforme a distancia dessas fileiras.

Os dois ferros collocados perto das aivecas servem para sachar, e arrancar as hervas nocivas que o arado enterra. É necessario prestar grande attenção á altura que se dá ao ponto de prisão do tiro

do gado, porque tem muita influencia na profundidade do lavor, e no esforço que deve fazer o cavallo.

Maquina para triturar as favas e o milho. — Muitos animaes comem com tamanha avidez os seus alimentos que os engolem sem mastigal-os, e por consequencia lhes produzem pouco ou mau effeito. Para prevenir este resultado e para abreviar o trabalho da masticação, faz-se uso da maquina de pilar as favas e o milho; com ella se trituram os grãos do tamanho que se julga conveniente; e por maior que seja a voracidade do animal, os alimentos reduzidos áquelle estado elaboram-se no estomago como se fossem mastigados.

Lava-raizes. — Os animaes são como a gente amigos do sustento aceado e bem preparado; sendo sujo repugna-lhe, e muitas vezes os faz emagrecer. O lava-raizes tem por destino facilitar ao trabalhador a limpeza das raizes que o gado come; e dá resultados rapidos e completos. Fazendo girar a manivella da direita para a esquerda, o cylindro raspa a terra e a areia que adherem ás beterrabas, nabos, cenouras, etc.; e as substancias terreas, lavadas pela agua, cahem no deposito da mesma, o qual se limpa de tempo a tempo.

Estando a limpeza feita, faz-se girar o cylindro no sentido inverso, e as raizes são levadas ao escoadouro por onde cahem no cesto.

Corta-raizes. — Basta examinar este instrumento para vêr-se que segundo a direcção do seu movimento se cortam as raizes em talhadas ou bocados. No fim de cada tarefa é necessario limpar os ferros que estão empastados; é um inconveniente que tem todos os corta-raizes sem excepção. O que se appresenta é com rasão considerado como o melhor que se conhece. É mister que as raizes sejam lavadas para não fazer mossas nos ferros. É um instrumento facil de desmontar e reparar.

Corta-palha. — Os cavallos e outro gado gostam pouco da palha, que é, todavia, um sustento sadio e refrigerante. e ao mesmo tempo uma fonte de economias para o cultivador. Para obrigar os animaes a comer a palha corta-se ou pica-se com o instrumento designado.

O corta-palha de hélice ou rosca póde aviar até 50 molhos no espaço de uma hora, mas é trabalho para tres homens. Deve apertar-se fortemente a palha para que lhe peguem bem os cylindros.

Advertencia. — De todos os instrumentos que temos mencionado, o *semeador* é o que exige mais attenção. Deverá lêr-se attentamente a nota que lhe diz respeito, examinando ao mesmo tempo o instrumento para bem a comprehender. Esta noticia é completa, e é mister conformar-se com ella, porque é o resultado de muita prática. Sobretudo, advirta-se que o punho ou péga da corrente deve sempre ser puxada fóra da sua abertura, e sustida pela sua móla: é a corrente que passada por baixo do semeador mantem as relhas enterradas á profundidade que se pertende. É só para altear o semeador, e fazel-o voltar sem que as relhas rossem pelo chão, que se deve estirar a corrente, introduzindo o seu punho na abertura contra a qual está sustida; e para isso é preciso, pegar no sobredicto punho, levantal-o e empurral-o ao mesmo tempo: levantando-o comprime-se a mola e o punho entra naturalmente na sua abertura: é o unico movimento que exige algum cuidado. O desmontar do tronco dos cylindros das pás deve fazer-se com cautela; é necessario sacudil-o, e obrar com tento e brandamente levantando o tronco para o angulo superior e posterior da caixa.

CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAS VEGETAES ALIMENTICIAS.

A seguinte nota foi communicada ao Instituto de França por M. Masson.

Ao cabo de longas indagações, datando as primeiras de perto de dez annos a esta parte, o auctor chegou, por meio de um processo simples e inteiramente industrial, a seccar as substancias vegetaes, em especial as hortaliças, sem lhes alterar a constituição, e a reduzil-as a mui diminuto volume, sem que percam o sabor e as qualidades nutrientes.

O processo consiste na exsiccação a uma temperatura baixa, em estufas aquecidas a 25 gráos pouco mais ou menos; e na compressão mui energica dada pela prensa hydraulica.

A primeira operação priva as substancias da superabundancia de agua que não é indispensavel á sua constituição, e que em certos vegetaes, por exemplo as couves e as raizes, eleva-se a 80 e 85 por cento de seu pezo no estado de frescas. A segunda operação reduz o seu volume, augmenta-lhes a densidade, levando-a á de madeira de pinho, e facilita assim a conservação, a arrumação e o transporte daquellas substancias.

Para usar das hortaliças assim preparadas basta remolhal-as por 30 a 45 minutos em agua quente; deste modo recuperam toda a agua que lhes foi extrahida; cozem-se por espaço de uma hora ou duas, conforme a sua natureza; e temperam-se depois ao modo ordinario.

Numerosas experiencias, feitas pela marinha, e narradas nos relatorios que o auctor transmitte por cópia ao Instituto, certificam a qualidade e perfeita conservação dos productos, passados quatro annos de embarque.

Por exemplo, uma caixa de couves, embarcada a 29 de janeiro de 1847, na corveta *Astrolabio*, foi aberta nos primeiros dias de janeiro de 1851; couves somente seccas, porém não espremidas na prensa; mettidas em consumo observou-se que — « 200 grammas de couves, postas de molho em « agua quente só uma hora, absorvem 850 gram- « mas de agua; cozidas depois por espaço de duas « horas, o seu pêso elevou-se a 1,300 grammas;

« preparadas com manteiga e toucinho fizeram um
« prato de excellente gosto. »
(*Relatorio da commissão de viveres de marinha*, 6 *de março de* 1851.)

Este processo applica-se aos espinafres, legumes verdes, raizes, tuberculos, e até aos fructos. — As hortaliças seccas e espremidas dispoem-se de ordinario á maneira de formas ou pastilhas quadradas de sete pollegadas de lado, forradas de uma folha delgada de estanho, pesando cada uma 500 grammas, podendo fornecer 20 rações de 25 grammas (7 oitavas). Guardam-se ás dez em caixas de lata.

COMMUNICAÇÕES INTERNAS.

Cumprindo a promessa feita em o nosso precedente numero estampamos os seguintes

Estatutos da Companhia Movimento.

Artigo 1.° É formada uma companhia com o titulo de = Companhia Movimento = que terá por fim estabelecer communicações por meio de diligencias entre Lisboa e as mais cidades e villas do reino que mais convier.

§ *unico*. O seu emblema será uma diligencia tirada a quatro cavallos, com a legenda = Companhia Movimento. =

Art. 2.° O seu capital é de cem contos de réis, divididos em dez mil acções de dez mil réis cada uma.

Art. 3.° A sua gerencia é commettida á uma direcção, que será nomeada pela assembléa geral dos accionistas.

Art. 4.° A duração da companhia será pelo espaço de quinze annos, o qual será renovado, com previa auctorisação do governo, todas as vezes que dois annos antes de findo este praso, o numero de accionistas, que pelo menos representarem dois terços do capital da companhia, nisso concordarem.

Art. 5.° As acções serão nominativas e transmissiveis por indosso dos accionistas.

Art. 6.° A sua representação é pessoal.

§ *unico*. Resalva-se neste artigo o marido, que póde representar sua mulher, o tutor ao menor, e os procuradores que administram ou gerem os interesses de quaesquer corporações, ou casas de commercio.

Art. 7.° As prestações sobre as acções serão de cinco por cento de cada vez, e não poderão ser pedidas sem o intervallo de trinta dias entre cada uma dellas, excepto a primeira, que será de dez por cento, e paga logo que estes estatutos estejam approvados pelo Governo.

§ *unico*. Os accionistas serão obrigados a entrar pontualmente com as prestações que lhes forem requisitadas pela direcção, na conformidade deste art. O que não fôr pontual em satisfazer estas requisições, perde o direito de continuar o ser socio, propondo-se a sua exclusão da sociedade na primeira reunião da assembléa geral. Em quanto porém esta exclusão não fôr determinada pela mesma assembléa, pelos votos de duas terças partes dos socios presentes, permanece o seu direito aos lucros, e a sua responsabilidade pelos prejuisos que tiver havido na companhia, sendo obrigado pelos juros da demora da sua quota.

Art. 8.° Nenhum accionista é responsavel por mais do que o capital nominal de suas acções, na conformidade do art. 543 do Codigo Commercial, salva a disposição do art. 541 do mesmo Codigo.

Art. 9.° Todo o accionista tem direito a inspeccionar a contabilidade da companhia nas épochas marcadas para a apresentação della em assembléa geral.

§ *unico*. Não póde comtudo fazer extractos della sem auctorisação da assembléa geral.

DA ASSEMBLÉA GERAL.

Art. 10.° A assembléa geral compõe-se dos cincoenta maiores accionistas que tenham as suas acções respectivas averbadas na companhia, pelo menos, seis mezes antes da sua convocação, e apresentando-as limpas de indossos em branco.

§ *unico*. Julga-se constituida a assembléa geral, seja qual fôr o numero dos accionistas presentes, uma vez que previamente tenham sido avisados por carta, ou por annuncios no *Diario do Governo*, e em outros jornaes, com antecedencia, pelo menos, de oito dias, salvo em caso urgente. Todas as votações serão relativas ao numero de accionistas, que assistirem a ellas.

Art. 11.° Pertence á assembléa geral:

1.° Eleger o seu presidente e vice-presidente, secretario e vice-secretario; todas estas eleições são annuaes, as suas funcções são gratuitas.

2.° Ouvir o relatorio annual da direcção.

3.° As suas propostas e as communicações são tendentes a promover os interesses geraes da companhia.

4.° Eleger uma commissão para rever, e dar o seu parecer sobre as contas e mais trabalhos da direcção. Esta commissão será composta de cinco membros, eleitos á pluralidade relativa de votos tomados em escrutinio secreto.

5.° Resolver em seguida á revisão supra o dividendo que deve ser rateado pelos accionistas.

6.° Eleger a direcção que deve administrar os negocios da companhia.

7.° Intervir geralmente em todos os negocios que se julgar de interesse geral da companhia.

Art. 12.° A convocação ordinaria da assembléa geral será todos os annos em 31 de janeiro e 15 de fevereiro, devendo as contas, balanço e relatorio apresentadas nesta occasião, comprehender o anno anterior decorrido desde o 1.° de janeiro até 31 de dezembro.

Art. 13.° Além desta convocação, haverão todas as mais extraordinarias que determinar o presidente a pedido da direcção, ou de um ou mais possuidores, que reunirem cinco contos de réis de acções; todas estas convocações serão motivadas.

Art. 14.° De todas estas convocações se lavrará a competente acta, que será lançada em livro guardado pelo secretario da assembléa geral e rubricado pelo presidente.

DA DIRECÇÃO.

Art. 15.° A direcção será composta de tres mem-

bros, que serão eleitos annualmente, e mais dois supplentes, eleitos pela mesma maneira, que só entrarão em funcções pelo impedimento de algum director, servindo primeiro o mais votado, e em caso de igualdade de votos, o mais velho em idade.

§ *unico.* Todo o director deve ter em seu nome averbadas, seis mezes antes da sua eleição e limpas de indossos em branco, vinte acções, pelo menos, que depositará na companhia durante a sua gerencia.

Art. 16.° As suas obrigações são:

1.° O estabelecimento das diligencias e designação das suas viagens.

2.° A compra ou aluguer de todo o material, generos e bestas precisas para o exercicio desta empreza.

3.° O engajamento do pessoal necessario para o transito, assim como para a manutenção das officinas; e para o penço das bestas.

4.° A instalação do escriptorio, e da sua contabilidade por partidas dobradas, e as mais auxiliares que pedir a natureza deste commercio.

5.° Propôr o dividendo, que se deverá ratear pelos accionistas.

6.° Superintender com a mais constante e zelosa attenção sobre todas as repartições e objectos, para que tudo marche com a devida regularidade.

§ 1.° Todos os actos da direcção serão assignados por dois directores, sem o que não terão validade.

§ 2.° Nenhum director póde ser fiador de transacção alguma para com a companhia.

§ 3.° Nenhum director poderá ter identico commercio do da companhia durante o periodo da sua gerencia.

§ 4.° Na direcção haverá um livro de actas aonde se lançarão as suas deliberações.

§ 5.° Todas as transacções principaes da companhia serão tractadas conjunctamente por todos os directores.

§ 6.° Assim mesmo serão assignados todos os documentos, que tiverem de ser por ella apresentados á assembléa geral.

§ 7.° Na transferencia da direcção finda para a direcção nova, serão rubricados todos os balanços e existencias pela direcção antiga.

Art. 17.° A direcção receberá, para dividir entre si, cinco por cento dos lucros liquidos da companhia.

§ *unico.* Os supplentes vencerão sómente a parte correspondente ao director que vagar durante o tempo do seu impedimento.

ARTIGOS ADDICIONAES.

Art. 18.° Em quanto não estiver totalmente entregue na caixa da companhia o capital do seu fundo, fica expressamente prohibida a accumulação de mais de dusentas acções sem previa auctorisação da assembléa geral, e approvação do governo. Do mesmo modo não serão permittidos os trespasses, vendas, ou cessões das acções, que ainda representarem valores não satisfeitos, sem preceder reconhecimento pela direcção da idoneidade dos novos socios, para solver o capital a que estão obrigadas as acções, não podendo sem este reconhecimento ser feito novo averbamento, e permanecendo até este acto à responsabilidade do anterior accionista.

Art. 19.° O domicilio desta companhia é fixado nesta cidade de Lisboa.

Art. 20.° Além dos casos e termos em que o direito auctorisa a dissolução social, poderá esta ter logar antes de findo o praso declarado no art. 4.° para a duração desta companhia, por accordo dos socios interessados em tres quintos do capital, com precedente auctorisação do governo, e garantidos todos os direitos dos credores da companhia, na conformidade do que dispõe o art. 543 do Codigo Commercial Portuguez.

Art. transitorio. A direcção fundadora que tem de estabelecer a companhia, como de facto a estabelece por esta escriptura, será por esta vez, como excepção do disposto no art. 15.° desta escriptura, composta delles outorgantes o excellentissimo Franck Jaime Quintella, os illustrissimos José Joaquim Januario Lapa, e Jorge Augusto Altavilla, e entrará em funcções immediatamente, e elles socios fundadores se obrigam desde já a fazer a inscripção de socios pela quarta parte do capital representativo, bem como se obrigam a responder igualmente, desde já, por um decimo do capital social, e se obrigam outro sim, á inscripção dos accionistas pelas tres partes restantes do mesmo capital social, dentro do praso de doze mezes contados de hoje em diante.

§ *unico.* Esta direcção, para poder effectuar bem a fundação de tão util companhia, e desenvolver os fins e intentos della, durará por cinco annos.

Art. ultimo. Para que tenha effeito e validade qualquer alteração ou reforma dos presentes estatutos é indispensavel não só a regia auctorisação, como tambem a convocação e annuencia de accionistas que representem, pelo menos, dois terços do capital da companhia. — *Franck Jaime Quintella — Jorge Augusto Altavilla — José Joaquim Januario Lapa.*

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 426.)

Escreve o barão de Holbach na sua *Moral Universal* que ao bemfeitor cumpre poupar a delicadeza daquelle a quem beneficia, se quizer merecer o seu reconhecimento, e que o homem que obra de outro modo, pagando-se por suas mãos, nada mais póde exigir. Como este fallam todos os moralistas; não ha pois a minima duvida, que quando aquelle que faz um beneficio continuamente o atira á cara do beneficiado, esse beneficio converte-se n'uma injuria, e o bemfeitor perde todo o direito á gratidão.

Porém já que o *Estandarte*, e outros periodicos, aos portuguezes chamam mal agradecidos, não podem levar a mal que elles queiram saber, quaes são os beneficios a que alludem.

Serão os que alguns delles por ahi em particular recebem dos brasileiros? Se destes fallam, confesso que me acho mui individado para com os filhos do Brasil com quem contrahi relações. Tenho de todos recebido o mais benevolo e generoso acolhimento, e

folgo de neste logar, alto e bom som, lhes dar um sincero testimunho da minha gratidão. Os meus patricios que se acharem em identicas circumstancias, farão o mesmo quando poderem. Mas acaso compete ás gazetas o lançarem-nos em rosto favores individuaes devidos á amisade? Isso passaria os limites do ridiculo.

Se não alludem a estes beneficios, de quaes fallam? O portuguez vem para o Brasil á sua custa, não despende ao thesouro um só real, nem gosa isenções algumas: comtudo desde que salta em terra até que se retira, ou morre, é quasi incessantemente vilipendiado por uma parte da imprensa brazileira, por certo não a maior, nem a mais sensata e independente. Que nome injurioso e feio, ou que o pareça, possue a lingua portugueza que não tenha sido applicado aos portuguezes? Ladrões, assassinos, porcos, estupidos, marinheiros, puças, breados, pés de chumbo, lambudos, sebentos, inimigos dos brazileiros, fezes, refugo, intrigantes, e outros que ou nada significam, ou pela excessiva prodigalidade com que são distribuidos, já teem perdido quasi tudo quanto de asqueroso e ignominioso tinham nos vocabularios; eis para certos periodicos a ladainha de todos os dias, e as principaes bellezas com que enfeitam as suas paginas. Mas estes *favores* não são senão os preludios de outros *melhores* que de vez em quando apparecem. Fallo nos *mimos* com que as vinagradas, as balaiadas, as pernambucanadas, e outras iguaes catastrophes por toda a parte tem obsequiado os filhos de Portugal; os quaes mimos consistem em muitas vidas portuguezas impunemente ceifadas por mãos assassinas. Com esta pincelada creio que fica quasi completo o quadro dos *favores* que nos lançam em rosto, e o *Estandarte* que diga se lhe dei escuro de mais.

A parte mais sã da população, confesso-o com gosto, reprova estas vergonhas, estas atrocidades, que fazem duvidar se não resuscitaram os seculos da barbaridade. Os ministerios de todas as parcialidades politicas, confesso-o com igual prazer, tambem por vezes tem dado provas de quererem cohibir aquelles excessos; mas como o conseguiriam quando a si mesmos mal se tem podido fazer respeitar? Por melhores que sejam porém os sentimentos do governo, e os da maioria da nação brazileira, o certo é que a voz dos bons é constantemente abafada pela voz dos maus, a qual impunemente vai triumphando.

Sendo incontestavel quanto acabo de referir, póde-se dizer que o agazalho, que tanto lembram aos portuguezes, unicamente consiste em não os mandar prender apenas desembarcam.

As leis do imperio consentem a todo o estrangeiro, christão ou moiro, residir nelle em quanto as respeitar. Os lusitanos não o habitam por mercê especial: logo em os deixar entrar não se dá o minimo favor. E se o houvesse seria reciproco. Todos os brazileiros pódem, quando lhes convier, ir morar em Portugal; e, o que vale mais, podem-no fazer sem temer maus tratos, nem affrontas.

Como porém alguns periodicos tão a miudo recordam aos portuguezes os *favores e o agazalho que delles recebem*, é bem que fiquem agora sabendo, que se na admissão dos lusitanos ha favor, é para o Brazil.

A grandeza e a força dos estados não se medem pelas leguas quadradas da sua superficie, mas pela extensão da sua agricultura, do seu commercio, e da sua industria, e por consequencia da sua população, porque sem esta não ha commerciantes, lavradores, nem fabricantes. Ora, não possuindo o Brazil um vigessimo da população de que carece, claro está que tem summo interesse em abrir a porta á dos outros paizes, e que esta lhe faz favor em cá vir.

É mui provavel que sete decimos dos estrangeiros que buscarem as suas praias não conduzam oiro nem prata, mas nos braços com que trabalham trazem-lhe uma riqueza immensa, e a melhor. Na Inglaterra e na França abundam os braços, mas falta o trabalho; aqui succede o inverso. O paiz é vastissimo, e, prescindindo mesmo da exploração das minas dos metaes preciosos, offerece variadissimos productos que só esperam por braços para derramarem por todo elle enormes riquezas. Logo, quem souber multiplicar os braços, terá alcançado o meio de dar grande incremento á publica prosperidade. Se os brazileiros deixarem em paz o estrangeiro que trabalha, elle se irá enriquecendo, porém a riqueza nacional caminhará *pari passu* com a delle, se o governo a seu respeito se houver com a sabedoria necessaria. Consiste esta em preparar uma tal combinação de interesses que o particular, brazileiro ou estrangeiro, trabalhando para si, trabalhe conjunctamente para o engrandecimento da nação.

O dever de acolher benignamente os estrangeiros é hoje um axioma governativo; é uma das condições da civilisação, mesmo a respeito dos povos a quem superabunda a população, com a differença de que a estes basta-lhes o dar ao estranho simples agazalho e protecção, em quanto os que carecem de população, necessitam fazer muito mais.

É por este motivo que o governo imperial manda buscar colonos ao norte da Europa, paga-lhes a passagem, ministra-lhes terras, alimentos, sementes, ferramentas, e concede-lhes privilegios.

É pelo mesmo motivo que o regulamento de 30 de maio de 1836 no art. 83 § 2.° perdoa direitos de ancoragem a toda a embarcação que de *qualquer paiz* transportar para este cem colonos brancos sem distincção de idade nem de sexo.

Ainda é por esse motivo que o aviso de 16 de novembro de 1835 fez expedir ordens aos consules e vice-consules brazileiros nos Açores para auxiliarem certa empreza de colonisação, que pertendia transportar açorianos para o Brazil.

É por elle que a lei de 18 de setembro de 1850 no artigo 18 auctorisa o governo a despender annualmente alguns contos com a introducção de colonos livres.

É finalmente por esse motivo que a lei provincial maranhense n.° 106 de 27 de agosto de 1841 auctorisou a despeza annual de seis contos para a colonisação estrangeira, e que todas as collecções de leis geraes e provinciaes estão cheias de providencias no mesmo sentido.

Á vista disto não tenho motivo de sobra para affirmar que o portuguez que vem aqui estabelecer-se, trabalhar, e contribuir para o thesouro em proporção dos seus haveres, faz um serviço ao imperio?

Se a emigração portugueza, em vez de correr para o Brazil, buscasse as regiões do norte, achaes que

se lhes fechariam as portas? Pois os Estados-Unidos que as franqueam aos homens de todas as nações, sem excluir os mais depravados e criminosos, vedariam nos seus dominios ingresso aos meus conterraneos? Não vedavam, e melhores proporções tinham estes de lá se enriquecer do que aqui, por haver entre os inglezes americanos incomparavelmente mais movimento commercial, agricola, e industrial, além de muita mais estabilidade na ordem publica, e segurança individual.

Os portuguezes tem, todavia, suas rasões para preferir o solo brazileiro. Frequentemente acham nelle parentes ou amigos, que n'outros climas só mais tarde encontrariam. A conformidade nos costumes, na lingua, na religião, e nas leis tambem suadem a muitos; e não poucos são induzidos a demandar estas praias por certos especuladorss de pessima moral, que para poupar aos seus navios os direitos de tonelagem, e para accrescentamento dos fretes, mandam pelos povos de Portugal e Açôres seduzir a inexperiente mocidade com a perspectiva de uma riqueza proxima, inteiramente illusoria, para depois aqui os venderem quasi como negros d'Africa. A estas torpissimas artes deve o Rio uma grande parte da emigração portugueza que alli aporta.

O governo de Portugal, sabendo da perfidia dos taes especuladores, já quiz estorvar-lha, e algumas medidas para isso tomou, mas ellas foram improficuas, e continuarão a sel-o em quanto a semelhante mal não se buscar cura radical. Consiste esta em crear no reino emprezas uteis, e em dar o maior desenvolvimento áquelles ramos de industria e commercio que elle póde admittir, de feição que a mocidade veja ao pé da porta meios de se enriquecer, sem expôr-se aos perigos e trabalhos que a falta de protecção a miudo lhe acarretam em terras longiquas, e estranhas.

Do *Publicador Maranhense* n.° 1:099 vejo eu que nos annos de 1849 e 1850 entraram só na côrte 8:049 portuguezes, dos quaes apenas 153 eram passageiros de ré. Os homens de trabalho subiram consequentemente a 7:896, deixando de ser açorianos ou minhotos, gente assaz laboriosa, apenas uns 440. Imaginemos agora que todos estes homens vinham, como os allemães, por conta do thesouro; ainda que cada um não lhe despendesse senão 50$000 rs. (tenho para mim que cada colono allemão importado pelo governo custa-lhe mui além de cem mil réis, e mesmo de duzentos mil), teria elle desembolçado muito mais de um milhão, que por consequencia economisou. E não é isto favor? A logica das paixões talvez negue esta verdade, mas o leitor imparcial sem hesitar a confessará.

Agora responderei ao *Progresso* n.° 23 de março ultimo.

Já eu disse que este periodico era muito mais moderado e polido do que os seus collegas *Argos* e *Estandarte*; agora accrescentarei que por pouco elle não foi completamente rasoavel. Se o não foi, talvez se deva isso ás circumstancias do tempo, as quaes não raro obrigam a gente involvida na politica, especialmente se essa gente aspira ás mais eminentes posições, a prestar homenagem a opiniões mui em voga, embora não se fundem ellas, salvo em motivos chimericos quasi sempre originados pelas paixões politicas.

Custa-me realmente a crer que homens de boas letras affirmem do coração, que só no Brazil a quasi totalidade do commercio a retalho permanece em mãos portuguezas, é, como refere o *Progresso*, por existir entre os portuguezes *como uma parede*, *um conluio a fim de excluir delle os brasileiros*; e muito menos posso isso acreditar quando observo que tão grave e perigosa criminação se apresenta despida de todas as provas de veracidade. Tendo em grande conta os meritos e o caracter verdadeiramente honesto da pessoa a quem se attribue o artigo a que respondo, não posso deixar de suppôr mui sincero quanto ella escreveu: todavia nem todos os propaladores desta opinião andam de boa fé; e demais, ainda quando todos os brazileiros que lançam sobre os filhos de Portugal a culpa de elles não se quererem dedicar ao commercio, nem aos officios mecanicos, só escrevessem e fallassem conforme os dictames das suas consciencias, sempre essa accusação, á vista dos factos, seria frivola, iniqua, e digna de ser pelos accusados energicamente repellida.

Pódem alguns negociantes mancommunar-se para vender por melhor preço uma fazenda qualquer, mas quem tiver alguma experiencia do mundo sem custo acreditará que taes concertos pouco duram. Como pois havia de durar desde a independencia (deve notar-se que os brazileiros em nenhuma épocha se deram mais á vida commercial do que hoje) um conluio feito não só entre os filhos de Portugal nesta provincia residentes, mas entre os de todo o imperio? Eu digo, de todo o imperio, porque desde que o infeliz desembargador Nunes Machado na sessão de 28 de junho de 1848 fallou na *parede estrangeira*, isto é, na parede portugueza, a balela do conluio *de adrede e calculadamente* tem sido espalhada desde o Amazonas quasi até o Prata.

É mui para crer que os portuguezes, que por ahi teem estabelecimentos de vender a retalho, com todos os habitos desses estabelecimentos, mui de coração desejem que não os constranjam a fechal-os, e que nas suas orações roguem aos santos da sua devoção que afastem para longe semelhante medida; porém, os santos certamente se não metterão com a questão do commercio a retalho dos brazileiros, e por consequencia, das taes supplicas nenhum perigo resultará. Comtudo, se ellas fossem criminosas, sem duvida seria esse o unico crime dos portuguezes neste assumpto.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXII.

UM PORTUGUEZ ANTIGO.

(Concluido de pag. 428.)

A reparação era digna de um monarcha; o

pae de Catharina não póde resistir-lhe. O joelho, antes rebelde, dobrou-se, e a voz de firme passou a tremula:

— « Senhor! — acudiu já sem occultar as lagrimas que saltavam pelos olhos — é uma espada que perdeu a honra, que nunca mais posso tirar. Não sabe v. magestade o que todos dizem? Minha filha está sendo amante do principe D. João!... Sou o pae della, sei que é falso, e não me atrevo a levantar a mão!... O seu unico dote era a boa fama, e essa... »

— « Está el-rei aqui para dizer que está pura, como desejaria a de suas proprias filhas! — interrompeu D. Pedro com dignidade. — « Se um erro involuntario offendeu uma familia distincta, sou o primeiro cavalheiro portuguez, e hei de cumprir os deveres que me impõe o sangue. D. Luiz, levante-se! Se me ouvisse tinha sido menos injusto. Tambem sou pae; avalio a sua dôr; e admiro o seu caracter... Tudo póde reparar-se querendo Deus. »

— « Como, sr.! É impossivel! » — gritou o desditoso pae, apertando as mãos com angustia.

— « Do modo que direi. Sabe aonde sua filha está a esta hora? »

— « Em Santa Clara. »

— « Engana-se. Ha de vir em caminho para casa de Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas. Mandei-a tirar do convento por ordem regia, e encarreguei o secretario das mercês de a executar. »

— « Senhor, senhor! » — exclamou D. Luiz deitando-se de joelhos aos pés de el-rei. — « V. magestade acabou de nos perder! Amanhã a voz geral... »

— « É que D. Catharina casa em uma familia tão illustre como a della! — atalhou el-rei sorrindo — « Diga-me: qual é o mal de que se queixa? »

— « A calumnia dos amores de s. alteza com minha filha! »

— « E se el-rei hontem recebesse um requerimento, pedindo ordem especial para o casamento de D. Catharina com o veador do principe, o conde de Aveiras, por se amarem extremosamente? E se a causa de sua filha se fazer religiosa sem vocação, e chorando o mundo pelo contrario, fosse unicamente o seu respeito e obediencia, quereria seu pae a infelicidade eterna della? Confesse, D. Luiz, sendo isto exacto, não fiz bem passando a ordem e mandando-o chamar para lhe pedir que concorde, e permitta o casamento? »

Extatico, o antigo fidalgo, olhava sem fallar. Achava-se em um mundo inteiramente novo. Entretanto o seu orgulho ainda foi bastante para o animar a exprimir uma especie de recusa.

— « Sendo exacto — disse elle — e concedendo-me el-rei a graça de o publicar, estamos salvos, não ha duvida; mas D. Catharina é muito pobre para o conde de Aveiras, e eu muito altivo para aceitar como esmola uma alliança que deve ser igual a todos os respeitos. »

— « Sejamos rasoaveis! — observou D. Pedro — A honra primeiro que tudo; mas depois da honra, menos fidalguia, e mais ternura. D. Catharina présa o conde; elle merece-a: o que ha de ser, seja!... Dei a minha palavra; e quero illustrar a casa de Aveiras, honrando-a com uma condessa da minha escolha. É coisa feita, D. Luiz! — accrescentou sorrindo. — Sou o padrinho; e as joias e o dote da condessa ficam por conta do meu presente de noivado: mas dentro em poucos dias casam; e hoje publica-se na côrte. Agora fallemos dos serviços do pae. Estou informado, e sei que estão por galardoar. D. Luiz, faço-lhe mercê de uma commenda de tres mil cruzados com sobrevivencia no esposo de sua filha. Creio que assim acabaram os seus escrupulos »?

— « Mas resta-me o remorso de conhecer tão tarde o magnanimo coração de el-rei. Senhor! — exclamou lançando-se aos pés do soberano, e cubrindo-lhe a mão de osculos respeitosos — deixe-me v. magestade expiar o meu peccado no exercito do marquez das Minas. Talvez eu lá não seja tão velho como aqui. »

— « Não, D. Luiz, na idade, em que estamos, é preciso descançar. Deixemos colher alguns louros tambem aos moços. Se eu fallecer primeiro — proseguiu com tristeza — lembre-se de mim, e conte alguma vez esta historia aos seus netos. Os reis gostam de ser estimados, mesmo depois de mortos. É a penitencia que lhe imponho pelo... arrebatamento de seu genio. »

— « Deus ha de affastar de nós tamanha calamidade » — acudiu D. Luiz enternecido.

— « S. alteza real! » — annunciou o marquez de Marialva.

Segundo o estilo, D. João vinha saber da saude de seu pae, e offerecer-lhe os seus respeitos. Depois de o abençoar, o monarcha abraçou-o, e virando-se para elle com bondade:

— « V. alteza — disse el-rei — ha de ter gosto em conhecer um fidalgo dos que estiveram em Montes Claros com o marquez de Marialva. Se

deseja saber como foi a derrota dos castelhanos, pergunte a D. Luiz de Athaide, que elle lh'o dirá. É um dos poucos que restam ainda de uma das maiores victorias da restauração. »

O principe olhou para seu pae, e deu a mão a beijar a D. Luiz. S. alteza, percebia-se, não podia combinar este agrado repentino com a severidade da noite antecedente. Da sua parte, D. Pedro desejando evitar qualquer explicação, acudiu logo:

—« As informações que tive hontem eram falsas; e em prova da minha amizade, saiba v. alteza que os seus desejos estão satisfeitos. A rogos meus D. Luiz auctorisa o casamento de D. Catharina de Athaide com o conde de Aveiras, seu veador; determinei ser o padrinho da noiva; e espero que v. alteza estimará sel-o tambem do conde. »

O principe inclinou-se com respeito. Voltando-se depois para D. Luiz accrescentou:

—« O pae de D. Catharina póde estar certo de que o marido de sua filha é digno das graças de s. magestade, e das virtudes dos seus antepassados. »

—« Obedeço ás ordens de el-rei e de v. alteza! »

—« O conde pae está na sala do docel; pódem fallar ambos. »

—« Adeus, D. Luiz! — gritou el-rei — Não se esqueça. Em poucos dias faz-se o casamento. »

Quando o fidalgo saíu, D. Pedro, pegando na mão de seu filho com amizade disse-lhe:

—« João, teu pae foi severo pelo grande amor que o cega. Ainda subsiste a tua repugnancia a casar na casa de Austria? »

—« A minha mão não é livre, já o expuz a v. magestade. »

—« E se ámanhã fosses rei? »

—« Era o mesmo. »

—« Deves a honra a alguma dama? »

—« Devo amor, que não é menos. »

—« E se ella te desobrigasse? »

—« Como a primeira paixão dos principes é o bem do estado, verdade que v. magestade hontem me deixou gravada, livre a minha palavra, farei o que mais convier ao esplendor da coròa. »

—« E até lá? »

—« Até lá... nada! »

—« O nome dessa dama? »

—« É um segredo. »

—« Para teu pae? » — observou D. Pedro sorrindo.

—« Sobretudo para el-rei! » — respondeu o principe com outro sorriso.

—« E se o descubrirmos? »

—« Como não acceito a minha palavra, senão livremente restituida — acudiu s. alteza friamente — é natural que el-rei não descubra nada! »

D. Pedro desgostoso despediu o principe com o gesto, e retirou-se. Nessa tarde chamou os medicos e o seu confessor; e como no dia seguinte não houve audiencia nem despacho, o povo dizia geralmente que el-rei adoecera gravemente.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Mais ácerca do novo palacio de cristal. — A *Patrie* de Paris dá os seguintes promenores do que vae construir-se nos Campos Elysios.

« O monumento terá de largura 248 metros por 110 de comprimento, occupando um espaço coberto que não será menos de 27:500 metros quadrados, maior que o jardim do Palais Royal, que não tem mais de 21:000 metros, e do que o pateo das Tulherias, que não passa de 23:000. Por meio de um novo systema de armação ou madeiramento, tenciona-se cobrir este immenso espaço sem que tenha o tecto ponto algum de apoio no interior. Essa cobertura, em que se empregarão alternativamente a madeira, o metal, e o vidro, deixará penetrar com profusão o ar e a luz, proporcionando destinar-se o edificio ás grandes reuniões de todo o genero: trinta portas facultarão segura e commoda circulação. Appresentará, pois, a seguinte duplicada vantagem: offerecer abrigo permanente ás grandes reuniões de homens, tão frequentes quanto indispensaveis n'uma cidade como é Paris; um local sempre disposto para as grandes exposições ordinarias e extraordinarias de objectos de arte e industria, proprio, além disso, para as grandes experiencias scientificas e industriaes, ordenadas pelo governo.

« Os gastos annuaes das festas publicas de Paris, os das construcções temporarias determinadas pela administração em certos casos, especialmente para as exposições, os que se fazem em cada anno, nos diversos districtos, para os bailes a beneficio dos pobres, poderão reduzir-se consideravelmente só pelo facto da existencia do grande salão, que póde tambem servir de hippodromo durante os mezes de inverno.

« M. Delamarre baptizou já este salão monumental com o nome de *Sala de Napoleão*. »

Navegação submarina. — Parece que o doutor Payerne resolveu em França de um modo satisfactorio o problema da navegação submarina. O seu barco é construido com fortes pranchas de ferro, unidas como as das caldeiras dos vapôres, e tem uma fórma elliptica, com algumas aberturas na parte su-

perior, cerradas com fortes cristaes para dar passagem á luz, e outra para a introducção do ar tambem convenientemente cerrada. Na parte inferior ha uma portinhola que se abre quando, submergido o barco, a equipagem se quer pôr em communicação com o fundo do mar.

Para começar a manobra de submersão condensa-se o ar interior por meio de bombas, dando-lhe uma pressão que depende da profundidade a que se pertende chegar, em receptaculos destinados para esse effeito.

A equipagem entra nesta habitação; e depois se introduz nos repartimentos que formam a parte anterior e posterior do barco a agua sufficiente, para que possa submergir-se mediante a addicção deste lastro. O ar comprimido, que se introduziu ao começar a manobra, acha-se encerrado em depositos que se poem em communicação com a camara, que occupa a equipagem, por meio de uma chave.

Antes de abrir a portinhola do fundo para as explorações que se pertendem fazer, começa-se equilibrando a pressão da atmosphera occupada pelos homens com a pressão que soffre o barco em a profundidade em que se acha; e consegue-se isto abrindo as chaves que communicam com os reservatorios do ar comprimido. Conhece-se que existe o equilibrio, quando uma chave que se abre no fundo não dá entrada á agua, nem sahida ao ar.

Despejando por meio de bombas parte da agua que serve de lastro, póde fazer-se outra vez subir o barco, ou mantel-o na altura conveniente. O barco leva tambem uma pequenina maquina de vapôr para a locomoção submarina, que se effectua por meio de um helice e que fórma a parte mais engenhosa deste descobrimento. Finalmente, o barco submarino vae provido de um aparelho destinado a manter o ar nas condições aptas para a respiração. Este aparelho absorve o acido carbonico produzido pela respiração e restitue ao ar o oxygenio perdido.

A experiencia demonstrou que por este meio pódem cinco homens permanecer encerrados sem sentir incommodo algum, e durante muitas horas, n'um espaço de sete metros cubicos hermeticamente fechado.

Mina de esmeraldas. — Tinha-se descoberto uma no Egypto, no monte Zabarach, proximo ás praias do Mar-Roxo. O bachá mandou-a explorar sob a direcção de um francez por nome Cailand, e foi abandonada no fim do reinado de Mehemet-Ali.

Ha pouco tempo uma companhia ingleza sollicitou e obteve a auctorisação de tomar a seu cargo a exploração, que, segundo parece, ainda offerece grandes riquezas. Fazendo-se recentemente grandes trabalhos no dito sitio, o engenheiro da empreza, M. R. Allan, achou a grande profundidade vestigios de uma galeria de mina summamente antiga. Effectuaram-se excavações em larga escala, e se encontraram ferramentas e utensilios de remota antiguidade, bem como uma lapide em que se vê gravada uma inscripção hyeroglifica. Isto prova a verdade da opinião emittida por MM. Cailand e Belzoni de que a mina fôra explorada em eras remotas. Estudada a inscripção, resulta que os primeiros trabalhos se emprehenderam no reinado de Sesostris o Magno ou Ramesses-Sesostris, que segundo a opinião geral vivia pelos annos de 1660 antes da vinda de Christo.

Escravatura. — A requerimento de Mr. J. Wilson, feito na camara dos communs de Inglaterra, se imprimiu um documento parlamentar, que contém com a exactidão possivel o numero de escravos embarcados na costa d'Africa e desembarcados cada anno na ilha de Cuba e no Brazil, desde 1842 até 1851 inclusivè. Parece que o numero total dos escravos transportados á Cuba durante esse periodo fôra de 43:499, e ao Brazil de 325:615, dos quaes 60:000 entraram em 1848, e 5:287 em 1851.

Incendio. — As ultimas noticias da China referem que na cidade de Victoria (Hong-Kong) houve um calamitoso incendio, que destruiu completamente 458 casas, sendo avaliada a perda em mais de trezentos contos de réis. O governo da terra tomou providencias para soccorrer as victimas dessa fatalidade; e postoque os inglezes abriram logo uma subscripção a favor das mesmas, os chinas não quizeram receber delles coisa alguma, sendo tal a sua fraternidade neste ponto que se protegem mutuamente, não carecendo, portanto, dos soccorros de estrangeiros, para quem olham sempre de má vontade.

Ponte extraordinaria. Trata-se de construir junto a Dirschau, circulo de Stutgard de Prussia, uma ponte pensil sobre o Vistula, de collossaes dimensões, pela qual deve passar o caminho de ferro de Leste. Terá 2:500 pés de comprimento e 63 de largura; o seu custo calcula-se em sete milhões e seiscentos mil francos, e as obras que terão de fazer-se em ambas as margens para assental-a, em onze milhões e quatrocentos mil. Na Europa não se conhece hoje obra de similhante magnitude.

BIBLIOGRAPHIA.

CATALOGO DO HORTO BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA. — Acaba de imprimir-se o Catalogo do horto botanico da eschola medico-cirurgica de Lisboa, por conta da mesma eschola, e por effeito da deliberação do seu conselho. Neste Catalogo enumeram-se mil oitocentas e cincoenta especies de plantas cultivadas no jardim, das quaes perto de oitocentas pertencem ás Floras, Lusitana, da Madeira e Açores, e as outras são exoticas, sendo, além disso, pela maior parte plantas medicinaes, alimentares, ou de outro modo uteis. As indicações para cada especie:

O nome scientifico, recebido hoje na sciencia.

A synonimia, a mais importante.

O nome trivial.

O porte da planta, ou a sua ordem de grandeza, desenvolvimento, e duração.

A habitação, com a designação, mais circumstanciada para as plantas lusitanas, das localidades em que teem sido encontradas.

A coordenação das plantas do Catalogo é a do jardim da eschola, e feita pelo methodo natural, segundo o *genera plantarum* de Karl Friederich Meisner, actual director do jardim botanico de Vienna de Austria. Um indice dos generos, tribus e ordens, outro dos nomes vulgares, facilitam o uso do Cata-

logo. Finalmente, precede-o uma lista, por ordem alphabetica, dos auctores a que no livro se faz referencia, ou porque determinaram e nomearam as especies; ou porque servem a compôr estes nomes os proprios nomes desses auctores, a cuja memoria foram dedicados, ou os generos, ou as especies, ou as divisões superiores na classificação seguida. As referencias á Flora e Phytographia de Brotero são feitas com especial cuidado, e nesse cuidado se teve particularmente em vista o indicar todas as alterações, que as indagações, ulteriores ás da Flora do nosso insigne botanico, obrigaram a fazer na determinação das especies; alterações, pelas quaes muitas das especies, que elle reputou Linneanas, foram depois reconhecidas especies distinctas. Algumas destas alterações ainda foram attendidas por Brotero na sua excellente obra, a Phytographia: as outras, porém, só foram conhecidas pelas publicações e trabalhos de Link, Boissier, Welwichtz, e de outros que exploraram a Peninsula, como botanicos, e tiveram a occasião, que Brotero não teve, de comparar os exemplares da nossa Flora com os dos herbarios typos, tanto da collecção Linneana, que existe em Londres, como das outras existentes nos primeiros gabinetes da Europa. O Catalogo menciona, além disso, plantas da nossa Flora, desconhecidas por Brotero, assim como refere noticias de habitação e outras, que os auctores do Catalogo colheram dos livros e jornaes, por onde existem espalhadas, ou de outro modo teem podido adquirir, e que por ora são pouco conhecidas entre nós.

Por este modo, e com a publicação do Catalogo, julgam os seus auctores, o dr. Gomes, e dr. Beirão, ter feito um serviço — aos alumnos da eschóla e demais pessôas que visitam o seu jardim, dando-lhes um guia seguro, que facilitará o estudo ahi feito; — aos pharmaceuticos em geral, porque hão de achar neste livro muitas indicações para as plantas medicinaes, que não encontram nos livros que teem mais á mão: — e tambem aos amadores da floricultura, porque acharão, enumeradas no Catalogo, bastantes das plantas, que se encontram nos jardins de ornamento dos arredores de Lisboa.

Serão depois enumeradas em supplementos as plantas que o jardim adquirir, e com as quaes fôr augmentando a sua collecção, os quaes supplementos serão opportunamente publicados.

Tomamos esta noticia do *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, numero de fevereiro do corrente anno. A redacção do mesmo jornal ajunta-lhe a seguinte nota.

A obra recommendavel, a que se refere a noticia que precede, é um volume em 8.º de 250 paginas. Completa e bem acabada, como está, junta mais um titulo de gloria a tantos outros que honram os seus auctores, e muito particularmente o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, esse professor distincto, a cujo zelo scientifico e desvelo incansavel devemos a creação, o desenvolvimento, a conservação e progresso do horto botanico, cujo Catalogo acaba de publicar-se.

THEATRO DE S. CARLOS.

Assistimos no domingo 18 do corrente á opera *Gemma de Vergy*, do insigne Donizetti, desempenhada pelas sr.as Arrigotti e Marco, e srs. Rossetti, Mancusi e Celestino.

Ou fosse porque não tivessem havido os ensaios precisos, ou fosse pela incerteza que quasi sempre acompanha os artistas em uma primeira representação, ou (o que nos parece mais provavel), por ambas estas circumstancias reunidas, a opera não correu como era para desejar.

Abstemo-nos por emquanto de entrar na analyse da sua execução, porque nos não julgamos sufficientemente habilitados por uma unica representação para emittir com fundamento o nosso juiso, e esperamos que nas subsequentes recitas a execução será mais satisfactoria.

Por hoje limitar-nos-hemos a dizer que o tenor sr. Rossetti, não obstante o receio de que visivelmente se achava possuido, por ser a primeira vez que comparecia perante o nosso publico, conseguiu agradar, e na sua *aria* foi recebido com applausos que não só serviram de testimunhar-lhe a approvação dos espectadores, mas tambem o animaram muito nesta noite solemne do seu debute.

Na segunda feira, em beneficio do sr. Mancusi deu-se de novo a opera *Sapho*. Houve tambem um *duetto* da opera *Regina di Golconda*, muito bem cantado pelos srs. Bonafós e Goré, e que agradou.

O bonito passo em caracter *A Styrienne* por M.me Monticelli e Mr. Cappon obteve entre applausos prolongados as merecidas honras do *bis*.

No *rondó da Sapho* a Sr.a Sannazaro despertou, como costuma, viva impressão no publico, e foi accolhida com palmas de sincero enthusiasmo.

D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 38. QUINTA FEIRA, 29 DE ABRIL DE 1852. 11. ANNO.

Os habitantes do districto do Funchal, apreciando a fortuna que lhes coube de terem por primeiro magistrado civil o Ex.^mo Sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, deliberaram offertar-lhe, em testemunho de sua gratidão e affecto, uma joia que fosse o signal permanente destes puros sentimentos, e que bem poderemos considerar equivalente de uma coroa civica.

S.ª Ex.ª, que tão saudosas recordações deixou nos districtos de Béja e de Angra do Heroismo, e principalmente neste ultimo, que administrou em tempos calamitosos de terremotos devastadores, continua a merecer a estima dos povos, que nelle contemplam o magistrado recto, a auctoridade bemfazeja, desvelada e infatigavel em promover os bem intendidos interesses de seus administrados, e todos os melhoramentos convenientes ao districto importante que o Governo confiou aos seus cuidados.

S.ª Ex.ª, desempenhando todas as obrigações do seu cargo, tem-se esmerado sempre no particular estudo das necessidades e dos recursos dos districtos a que tem presidido, do que existem impressas não poucas provas, como tambem do seu amor pelas Boas-Lettras, que com muita applicação tem cultivado. Os dotes e prendas do Sr. José Silvestre Ribeiro avaliam-se pelos seus actos, e pelas publicas demonstrações que recebe; em seu abono, e melhor do que qualquer panegyrico pertencioso, fallam eloquentemente os documentos que passamos a transcrever.

—

Lê-se no jornal *A Ordem*, do Funchal:

« A subscripção, aberta em todo o districto, para o fim de dar-se a s. ex.ª o sr. governador civil um publico testemunho da gratidão da Madeira, foi promovida por uma commissão, que muito deve lisonjear-se da iniciativa que tomára no negocio, e do methodo com que o conduziu. Veja-se o convite da commissão, adiante publicado sob n.º 1.º

A prenda, a que foi applicado o producto da subscripção, é um collar de ouro com 126 outavas de pezo, cujos moldes e inscripções são obra do talento do sr. Vicente Gomes da Silva, e cuja execução faz muita honra á pericia do sr. João José de Faria.

O collar representa uma fita de tarjas lavradas em arabesco, intermeiada de dezesete escudetes, cada um dos quaes commemóra um dos mais assignalados actos da administração do exm.º sr. José Silvestre Ribeiro nesta ilha. Do meio da fita pende uma medalha, orlada de uma faixa, em que se lê o verso de Virgilio:

« *Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.* »

e em cujo centro ha uma inscripção que diz:

AO EXM.º CONSELHEIRO JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

A Madeira agradecida.

A commissão promotora da subscripção, logo que teve prompta a joia, representou á camara municipal desta cidade (documento n.º 2) pedindo-lhe que sanccionasse com sua approvação a resolução tomada a este respeito, e que se encarregasse ella mesma de, no dia 4 de abril, ir apresentar a s. ex.ª aquelle signal da gratidão Madeirense.

A camara acquiesceu completamente ao petitorio da commissão; e pelo accordão transcripto sob n.º 3.º mandou registar no competente livro de sua repartição todos os documentos relativos a este negocio, e bem assim uma nota descriptiva do objecto offerecido.

No dia de hoje, á hora designada por s. ex.ª, sahiram dos paços do concelho com direcção ao palacio de S. Lourenço a camara municipal, com o seu thesoureiro, o escrivão, o administrador do concelho, todos os membros da commissão promotora da subscripção.

Logo que a camara chegou á fortaleza, foi recebida por dois officiaes da secretaria do governo civil,

e por elles introduzida na chamada *sala linda* do palacio, onde se achava s. ex.ª ao lado esquerdo do retrato de s. magestade a rainha, acompanhado de um luzido e numeroso concurso de funccionarios publicos, damas e cavalheiros estrangeiros [1] e nacionaes.

Feitas as devidas saudações, foi a camara com a sua comitiva tomar posição ao lado direito da real effigie, depois de ter deposto sobre uma banca que havia em frente desta a joia de que fôra portadora.

Em consequencia de impedimento physico do presidente, recitou o escrivão da camara uma tão succinta quanto appropriada allocução, á qual respondeu s. ex.ª com um breve discurso, que fez profunda sensação na assembléa. Adiante vão transcriptas sob os n.os 4.° e 5.° as duas allocuções.

Finda a resposta de s. ex.ª, tirou o presidente da camara a joia da caixa que a continha, lançou-a ao collo de s. ex.ª; e por ordem de s. s.ª voltando-se para os espectadores, disse o escrivão:

« *Viva s. magestade a rainha, e toda a familia real!!!* »

« *Viva a carta constitucional da monarchia!!* »

« *Viva o benemerito governador civil da Madeira, o sr. José Silvestre Ribeiro!!!* »

A todos estes vivas respondeu a assembléa com o maior enthusiasmo. E porfim, avançando s. ex.ª alguns passos para o centro do salão disse:

« *Viva a ilha da Madeira!!!* »

1.°

Tendo-se manifestado geralmente a vontade que teem os habitantes da Madeira, de dar um publico testemunho de gratidão ao exm.° conselheiro José Silvestre Ribeiro, pelos relevantes serviços que tem prestado, e continua a prestar, a esta provincia, com superior intelligencia e inexcedivel sollicitude: assenta-se que seja symbolo deste pensamento um collar de oiro, lavrado por artifice Madeirense.

A qualquer dos habitantes deste districto, que queira tomar parte nesta manifestação, admittir-se-ha a subscripção de 5 réis até 200 réis, declarando seu nome.

2.°

Illm.ª camara municipal. — Os importantes serviços feitos a esta terra pelo exm.° governador civil, o sr. José Silvestre Ribeiro, são bem notorios. Só elles inspiraram a um grande numero dos naturaes della a idéa de darem a s. ex.ª um publico testemunho de seu reconhecimento.

Está prompto para este fim um collar de oiro, que deve ser solemnemente offerecido a s. ex.ª no dia 4 de abril, como symbolo da gratidão da Madeira.

No recesso da junta geral do districto, a corporação mais auctorisada e competente para ser orgão dos sentimentos do povo é sem duvida a camara municipal da cabeça do mesmo districto. Os abaixo assignados vem rogar a v. s.ª a mercê de sanccionar com sua approvação a resolução tomada a este respeito, e bem assim de ser quem no dia indicado faça chegar ás mãos de s. ex.ª a joia que lhe é dedicada pelo reconhecimento publico. — Pedem á illm.ª camara municipal desta cidade, assim o tenha por conveniente. — E R. M. — Funchal 29 de março de 1852. — *Pedro Agostinho Teixeira de Vasconcellos*, presidente — *Vicente José d'Antas*, thesoureiro — *Marcellino Ribeiro de Mendonça*, secretario — O arcediago *José Luiz de Nobrega* — O vigario geral, *Antonio Joaquim Gonçalves e Andrade* — *Servulo Drummond de Menezes* — *Diogo d'Ornellas França Carvalhal F. Figueirôa* — *Francisco A. Bettencourt Araujo Esmeraldo* — *José Antonio Monteiro Teixeira* — O commendador *João Placido da Veiga* — *Candido de Freitas Abreu* — *Nuno Alexandre de Carvalho* — *João Antonio de Gouvêa Rego* — *Antonio Joaquim Marques Basto* — *Severiano Alberto de Freitas Ferraz* — *Vital Casimiro de Freitas* — *Francisco Luiz Pereira* — *Antonio Machado Cotta*.

3.°

ACCORDÃO DA CAMARA.

Foi presente uma representação de varios moradores deste concelho, na qualidade de membros da commissão encarregada de promover uma subscripção para o fim de offerecer-se a s. ex.ª o governador civil deste districto uma joia, como signal do reconhecimento que lhe consagrava a Madeira.

A commissão pedia á camara:

1.° Que sanccionasse com sua approvação a resolução tomada a este respeito:

2.° Que a camara se encarregasse de appresentar a s. ex.ª, no dia 4 de abril, a joia que lhe era dedicada pelo reconhecimento publico.

A camara tomando em consideração — por um lado a transcendencia dos beneficios feitos a este districto pela esclarecida administração do exm.° conselheiro governador civil José Silvestre Ribeiro, e pelo outro a nobreza do sentimento que propelle o povo deste districto a dar a s. ex.ª, na joia que vai offerecer-lhe, um signal de sua gratidão, accordou no seguinte:

1.° Que a camara plenamente approva a resolução tomada pelos habitantes do districto, que se fintaram voluntariamente para o fim de dar-se ao exm.° governador civil uma prenda, como symbolo de publico reconhecimento.

2.° Que no dia 4 de abril, á hora que lhe for designada, a camara irá officialmente á presença de sua ex.ª, em desempenho da missão de que a encarregam os representantes.

3.° Que seja integralmente transcripta no livro de registro desta repartição a representação da commissão promotora da subscripção, uma nota descriptiva da joia offerecida, e todos os mais documentos que appresentar a commissão. — *Almeida* — *Lagos* — *Favilo* — *Cabral* — *Silva Carvalho*.

Está conforme, secretaria da camara municipal do Funchal aos 31 de março de 1852. — O escrivão da camara, *Antonio Pio Fernandes*.

4.°

É com a maior satisfação que a camara municipal desta cidade, annuindo aos votos de uma commissão composta de respeitaveis moradores deste concelho, vem á presença de v. ex.ª para dar-lhe um publico testemunho da gratidão da Madeira.

[1] Notámos entre os estrangeiros os seguintes: Lord Frédéric Fitzclarence, Lord Northland, o Commodoro Lavellet, os consules inglez, americano e outros.

Os serviços por v. ex.ª feitos a esta terra são tão assignalados; o reconhecimento por elles inspirado aos filhos della é tão profundo; que não cabe nas minhas forças exprimir cabalmente quanto ha de nobre, de grande no pensamento da missão de que se ha encarregado a camara.

Como orgão dos sentimentos della direi todavia que a illustrada administração de v. ex.ª marca em nossos fastos insulanos uma épocha singularissima; porque o zelo, com que v. ex.ª se ha dedicado ao serviço de Sua Magestade, e ao desta boa terra em particular, tem-lhe, para assim dizer, revelado o segredo de fazer milagres, até em conjuncturas porventura o menos propicias ao desenvolvimento das medidas reclamadas pelas necessidades publicas.

Não enfadarei a v. ex.ª com a longa e minuciosa resenha das providencias, com que v. ex.ª se tem dignado assignalar sua administração nesta ilha, e com que tem adquirido titulos indisputaveis á gratidão do povo della. Mas o que muito folgo de poder assegurar é que, se a Madeira nunca teve administrador que tamanho zelo e perseverança pozesse em promover os seus interesses, tambem a nenhum dos muitos que a tem governado deu ella provas mais inequivocas de sua alta consideração e reconhecimento.

Sim, exm.º sr. — O povo desta ilha acaba de fintar-se espontaneamente para dar caução da divida que ha contrahido para com v. ex.ª Esta joia, que a camara tem a honra de appresentar a v. ex.ª em nome da Madeira, nada val pelo que é, mas val muito pelo que diz. Esta joia é symbolo do respeito e gratidão de um povo, tão livre, quanto digno de o ser; — porque, em verdade, o principal fiador da liberdade de um povo é o amor que elle tenha á justiça, é a veneração que consagre ao direito, é o respeito que tribute á auctoridade, mormente quando esta é, como v. ex.ª, uma mera personificação da lei.

Digne-se, portanto, v. ex.ª de acceitar este penhor dos sentimentos que por sua benefica e illustrada administração tem inspirado ao povo desta ilha; e fique certo que taes sentimentos não durarão menos em nossos corações, que em poder de v. ex.ª ha de durar a joia que lhes serve de symbolo. — O presidente da camara, *Antonio Gonçalves de Almeida*.

Está conforme. — *Antonio Pio Fernandes*, escrivão da camara.

5.º

SENHORES DA CAMARA MUNICIPAL!

O lisongeiro testemunho de estima, que ora recebo, é inteiramente devido á generosidade dos madeirenses; e por certo me opprimiria um tão extraordinario favor se ao passo que reconheço quão pouco sou digno delle, não considerasse que este bom povo quiz gratificar os sentimentos de amor e de affeição, que sempre lhe votei desde os primeiros dias do meu governo.

Interpretando assim a intenção dos offerentes, acceito com o mais vivo reconhecimento a honrosa prenda, que vindes entregar-me.

Não poderei fazer valer esse distinctivo, como um documento de haver bemmerecido da Madeira, pois que tenho a consciencia da minha incapacidade; — mas hei de appresental-o como a mais convincente prova do muito que aos povos são devedores aquelles que os governam!

Senhores da camara municipal! Assim como fostes o orgão da vontade popular, o que muito vos agradeço, — tende tambem a condescendencia de fazer constar aos madeirenses os votos que formo pela prosperidade deste paiz encantador, ao qual me prendem d'ora avante os laços de uma gratidão sem limites. »

Funchal 4 de abril de 1852.

José Silvestre Ribeiro.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

VANTAGENS DA NATURALISAÇÃO DO ALPACA.

(Concluido de pag. 435.)

Das lãs. — A lã é uma variedade do pello dos animaes, que tem nascimento no tecido cellular situado immediatamente da banda de fóra do chorion. Provém de um pequeno aparelho bulbiforme, e que tem o nome de folliculo, onde penetram filetes nervosos e vasos sanguineos do tecido circumdante, atravessa a derme e a epiderme sob a fórma de um tubo finissimo, cujo interior é cheio de uma substancia unctuosa. A sua textura externa é circular; as lãs são dirigidas da raiz á ponta, e protegidas por uma secreção.

A lã distingue-se perfeitamente do pello, primeiro pelo seu desenvolvimento em espiral, pelo seu macio, e a sua flexibilidade, que é muito maior, pela propriedade inteiramente particular que possuem todos esses filamentos de se enfeltrarem sob certas influencias. É por isso que a lã é, em todo o caso, preferivel ao pello para ser fiada e tecida.

A lã, como dissemos, é uma secreção que se opera passando atravez dos orificios da epiderme; estes poros, de que é coberta a pelle do animal, são todos do mesmo diametro, e igualmente espaçados na epiderme; mas podem variar nas especies. Podem ser estreitos, rectos, ou tortuosos: e como são em relação á lã o mesmo que as fieiras em relação aos metaes nas artes, resulta que o fio de lã será fino, liso, ou onduloso, segundo a fórma da fieira por onde tiver passado. Além dos tres caracteres da lã já citados, importa distinguir tambem o seu cumprimento, sua força ou nervura, sua macieza ao tacto e sua flexibilidade.

O conhecimento perfeito do caracter das lãs e da maneira de as casar umas com outras convenientemente, formam a base mais indispensavel da instrucção fabril de um habil pratico. Só a longa experiencia póde iniciar neste conhecimento os que tiverem precisão de saber todas as miudezas deste negocio. Mas, se é necessario, para bem conhecer todos os caracteres distinctivos da lã, ter ma-

noseado muitas amostras, não é tanto assim, quando qualquer se limita, como pertendemos fazer agora, a expor somente as qualidades que devem ter as lãs destinadas a produzir tecidos, que devem ter entre si differenças bem assignaladas, taes como os estofos tosados e os estofos de feltro.

A lã do alpaca reune em mui subido gráo todas as qualidades necessarias para entrar na confecção dos tecidos, tanto pela sua elasticidade como pela sua finura, duas condições essenciaes para este genero de fabrico.

A boa lã deve ser fina, macia, forte e elastica. Para conhecer bem se a lã é fina ha de cortar se a extremidade de uma madeixa no costado ou espadua do animal, que é onde geralmente se acha a lã mais fina. Basta palpar, e esfregar entre os dedos um froco, para no tacto saber-se se ella é macia e encorpada. Não é boa a lã sendo misturada com muita porção de certo pello, chamado jar, bastante differente da verdadeira lã, e que se acha até na superfina: este pello duro e luzidio não toma tinta alguma. Comtudo ha algum tão fino como a lã mais fina. As lãs dos alpacas de cores escuras parecem-se um pouco com aquelle pello, e nesta circumstancia de nenhum modo tomam tinta, e por isso só se empregam nos tecidos crus ou tintos, de maneira que sobresaiam n'um fundo claro ou de algodão: ao contrario as lãs dos alpacas brancos tomam toda a casta de cor.

As preciosas qualidades da lã do alpaca, já bem conhecida por alguns de nossos fabricantes, vem enumeradas nos artigos de M. Isidore Geoffroy-Saint-Hilaire, e n'uma memoria que appresentei á sociedade das sciencias de Lille, em dezembro de 1847.

Por occasião de fallar nesta memoria citarei um trecho de uma carta de M. Destourbes, negociante em Turcoing, que devo ao obsequio do meu amigo M. Loyset, representante do povo:

« Seria extremamente util ao commercio francez que se introduzisse e creasse esta raça em França e na Algeria. Far-se-hia um consumo consideravel dessas lãs, se não fosse um genero que as mais das vezes falta, e se não tivesse augmentado em preço n'uma proporção desmedida.

« É incontestavel que estes animaes se reproduzem perfeitamente bem nos Alpes, nos Pyrennéus, e mesmo em a Alvernia, onde, pelo que se diz, M. de Pradet os tem creado com vantagem. Começamos a fiar a lã do alpaca neste paiz em 1840, epocha em que os inglezes receberam pelo menos quarenta mil balas ou fardos; depois houve augmento, cuja quantidade não conheço. »

Mais adiante diz M. Destourbes: — « Quanto ao preço tem triplicado ha seis annos, pela falta que dellas temos tido. A Africa seria sem duvida o paiz onde se poderiam produzir em maior quantidade e com melhores condições; mas, seria preciso que esta colonia fosse igualada á Corsega, como propoz M. Brunet, e que não tivessemos de pagar direitos de alfandega pelos nossos productos, especialmente das lãs e alpacas, que vem da Africa, e pagam onze por cento de entrada em França. Sobre estas materias brutas é um encargo enorme, attendendo ás quebras que tem o genero. »

A Inglaterra, sempre á espreita das coisas novas, não ficou atraz. A superioridade das raças de gado que alimenta o seu territorio é devida aos sacrificios, muitas vezes consideraveis, perante os quaes não recúa, nem jámais recuará todas as vezes que vir uma acquisição nova, cuja importancia tenha comprehendido, cujos lucros saiba explorar. Por isso lançou mão da naturalisação do alpaca, e fez della uma grande questão industrial.

Consequentemente, intentaram-se ensaios de fabrico que sahiram perfeitamente bem. A pouco e pouco as inportações começaram, augmentando-se em cada anno, não obstante os direitos com que as carregou o governo inglez.

Ver-se-ha pela tabella seguinte com que rapidez se manifestou a alta.

ANTES DOS DIREITOS DE ENTRADA.

Annos.	*N.º de quintaes.*	*Preço do quintal.*	*Preço total.*
1834	57	15	912
1835	1,854	18	33,192
1836	1,990	23	45,770
1837	4,857	20	77,160
1838	4,593	25	114,825
1839	13,255	30	397,650
1840	16,600	25	413,600
1841	15,000	25	375,000
1842	12,000	25	300,000

DEPOIS DE ESTABELECIDOS OS DIREITOS DE ENTRADA.

De 9 de julho de 1842 a 5 de janeiro de 1843 — 2,432 quintaes.
De 5 de janeiro de 1843 ao 1.º de janeiro de 1844 — 14,580 »

Este quadro bem indica a rapidez progressiva com que foi feita a importação das lãs em Inglaterra; notar-se-ha mais um tempo de estacionamento, e uma ligeira baixa de preço causada pelo imposto com que foram gravadas. Esta diminuição não durou por muito tempo, e hoje está completamente sanada.

Para comparar com este quadro, não deixa de ser interessante outro, que devo á civilidade de M. Ramond, e que appresenta a conta das importações das lãs de alpaca em França, durante cinco annos recentes.

Em 1845	13,635	kilogrammas.
1846	56,657	»
1847	54,661	»
1848	3,123	»
1849	15,385	»
O que prefaz	143,461	»

Postoque este computo não possa a todos os respeitos comparar-se com o precedente, é facil ver que a importação das lãs de alpacas na época da ultima crise politica teve uma immensa quebra. Porém, no anno de 1849, a importação tornou a recobrar seu caminho, e não ha duvida que o algarismo venha a exceder mui proximamente todas as dos annos precedentes.

É tambem de notar que a maior parte destas lãs vem a França por intermedio da Belgica.

Em 1832 MM. Hegand-Hull e Comp.[a], negociantes de Liverpool, enviaram agentes ao Peru para effectuarem carregações de lã d'alpaca; muitas casas de commercio se estabeleceram na America, principalmente em Arequipa, tendo correspondentes em Inglaterra. Quando estas lãs ahi chegaram, venderam-se perfeitamente, e crearam uma nova industria de esperançoso futuro.

A Inglaterra, a Escossia, e mesmo a Irlanda, em breve possuiram fabricas deste genero. Estes ensaios tentados na Grã-Bretanha suscitaram a alguns commerciantes francezes a idéa de empregarem tambem a lã d'alpaca para a confecção de certos estofos. Começou-se a fiar em França no anno de 1840; nos departamentos do Norte e do Somme se fizeram as primeiras tentativas. Existem em Turcoing e em Roubaix excellentes fabricas onde actualmente se manufacturam com esta materia prima caças de lã. A importação desta é feita pelas alfandegas de Dunkerque e Turcoing, paga ao presente 22 por cento, e um imposto addiccional quando vem em navio estrangeiro.

Ha alguns annos, as possessões inglezas da India mandaram á Europa consideraveis quantidades de lã, entre outras as qualidades denominadas lãs das Indias, que são geralmente lãs communs para a carda, e lãs da Australia merinos para o sedeiro.

Se não fosse esta circumstancia, é indubitavel que as lãs do nosso paiz teriam um augmento sensivel; porque o consumo do genero augmenta em todos os paizes da Europa, e ao contrario não succede outrotanto com o numero das cabeças de gado.

Saibamos imitar os nossos visinhos, não receemos seguir os bons exemplos que elles nos podem dar, se queremos não só fazer desapparecer de entre nós os symptomas assustadores que deixamos mencionados, mas tambem conquistar esse estado de prosperidade, cuja posse devemos desejar por tantos motivos.

Nos Alpes, nos Pyrennéus, e na Alvernia encontram-se muitos prados verdejantes, ferteis pastos, donde não podemos tirar partido algum, ou pela impossibilidade de vingarem alli as seáras, ou porque não podem lá conservar-se os nossos gados. Ora o alpaca vive e prospera nas regiões frias, onde o carneiro não poderia resistir á temperatura. Sendo de sobriedade extrema, accomoda-se com alimentos que seriam insufficientes para os nossos animaes domesticos, ainda os mais sobrios, por exemplo, o jumento. O alpaca póde viver sem beber; e quantas não são as localidades privadas de agua, para as quaes seria este animal uma acquisição preciosa?!

A carne é boa para comer, sobretudo a dos novos. Puno é o sitio na America onde em maior quantidade se vende carne d'alpaca. E' susceptivel de engordar.

Se menciono a utilidade da carne do alpaca, não é para dar realce aos beneficios que nos póde trazer de futuro a naturalisação deste animal em França.

Cumpre appresentar a questão pelo lado da utilidade principal, e no meu entender é este o industrial. Logo que tenhamos adquirido o animal, perfeitamente domesticado, e que se reproduza como se quizer, poderá então appresentar-se a questão alimentar; mas, neste ponto o tempo é que ha de fazer as coisas.

O alpaca não é animal susceptivel de fazer concurrencia ao carneiro, pelo contrario deve juntar-se sua producção á deste. Na Beauce, no Berry, e outras localidades, onde se criam carneiros, os creadores quasi tem abandonado a producção da lã para tratarem exclusivamente da de carne para o açougue.

Sendo o objecto deste trabalho fixar a attenção geral sobre a possibilidade e a utilidade de acclimatar na Europa os alpacas, devo citar o nome dos homens que pelos seus esforços prepararam esta grande questão.

O immortal Buffon, cuja opinião, incontestavelmente, é auctoridade, já em 1785 queria enriquecer com estes animaes os Alpes e os Pyrennéus. Invocamol-o sobretudo em um negocio que deve ter tão importantes resultados para o nosso paiz; poderemos demonstrar que sua intuição, perfeitamente exacta, já se realisou. O illustre escriptor disse, depois de fallar das tentativas feitas na Hispanha:

« Não insisto neste ponto senão porque imagino que estes animaes seriam uma excellente acquisição para a Europa e produziriam mais beneficios reaes do que todo o metal do Novo Mundo. »

Depois de Buffon cabe o logar ao abbade Béliardy, que estudara os mesmos animaes na Hispanha. A este segue-se a imperatriz Josephina, e em quarto logar uma pessoa, que não obstante a varia fortuna, será sempre presada da França, o sr. duque de Orleans. Este principe, que tão bem comprehendia todas as questões de interesse nacional, igualmente cuidára em opulentar o paiz com os alpacas e lamas; e para esse effeito encarregou M. de Castelnau, por occasião de nossa partida para o Peru, da compra de um rebanho destes animaes; mas, infelizmente, não tendo sido expedidas as ordens da marinha, fomos obrigados a recambiar o rebanho que haviamos comprado.

Ha mais outra pessoa que tem direito á gratidão publica por este motivo. M. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, professor de zoologia, no seu excellente *Relatorio sobre a naturalisação do lama em França*,

enunciou a preciosa utilidade e as vantagens que o governo podia colher, propagando entre nós esta especie.

Esperamos que o rebanho hollandez, com que, por intervenção de M. I. G. Saint-Hilaire nos enriqueceu M. Lanjuinais, e que está presentemente na tapada do instituto agronomico de Versalhes, será a origem de uma de nossas futuras riquezas.

(O auctor, M. Deville, ajunta neste logar a seguinte nota.)

Nota. — No momento em que eu emittia este voto, em 1850, cria firmemente e tinha motivos para crer, que os animaes comprados pelo governo e transportados com grandes despezas, poderiam ser distribuidos pelos departamentos dos Vosges, dos Alpes, dos Pyrennéus etc. a casaleiros ou a outros particulares que os pedissem, com o designio de resolver esta questão. Mas, infelizmente não foi assim; os animaes foram collocados em pessimas situações climatericas, demais disso muito mal alimentados, e mui imprudentemente tosquiados na entrada do inverno; resultou a grande mortalidade, e de um rebanho de 33 cabeças restam apenas em Versalhes 10, dos quaes só um é alpaca, e esses mesmos doentes.

Faz pena vêr que assim se realisou o receio que manifestara M. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire na sua excellente noticia sobre a aclimatação dos referidos animaes, lida na Academia das Sciencias em 13 de dezembro de 1847, e que termina por estas phrases:

« Não hesitemos em dizel-o, a questão acha-se agora decidida. Quando se fizer a tentativa n'um local bem escolhido dos nossos Alpes ou dos nossos Pyrennéus, o bom exito é tão certo quanto póde sêl-o o de uma empreza nova; com a condição, todavia, que o ensaio seja organisado n'uma escala sufficientemente grande, e dirigido segundo os verdadeiros principios da sciencia, as mais das vezes desattendidos em experiencias desta natureza. »

Vemo-nos obrigados a dizer, com a magua que nos inspiram tão desastrados resultados, que o modo que se empregou na creação daquelles animaes, em o instituto agronomico de Versalhes, deu em tudo e por tudo rasão aos receios que tão bem exprimira o nosso excellente professor, M. de Saint-Hilaire.

(O auctor termina assim a sua memoria).

Esperamos vêr um dia nos Pyrennéus, nos Alpes, nos Vosges, no Jura, nas montanhas da Alvernia estabelecerem-se rebanhos destes uteis animaes: esperamos mais que a Argelia, colonia que appresenta tão prospero futuro pela bondade natural do seu terreno e de seu clima, tambem virá a tel-os, e serão para os novos colonos um manancial de riquezas que se ampliará muito mais quando se tiverem obtido rebanhos de alpa-vicunhas.

Francisco de Theran, director do estabelecimento de acclimatação em San-Lucar foi o primeiro que, por um escripto publicado em 1821 nos *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras de Portugal*, deu a conhecer o alpa-vicunha. As suas observações foram feitas em nove animaes remettidos de Buenos-Ayres, a pedido da imperatriz Josephina. Nesses nove, resto de trinta e seis, entravam um lama femea, duas vicunhas femeas, e tres mestiços machos provenientes de alpaca e vicunha, a que se poz o nome de alpa-vicunha.

Posteriormente, houve conhecimento desta raça mixta por uma nota feita no decurso da nossa viagem, e dirigida por M. de Castelnau á Academia das sciencias, e que fôra redigida conforme as informações officiaes obtidas do governo peruviano.

Em 1847, o doutor Weddell, um de nossos companheiros de viagem, indo a Macusani na provincia de Carabaya, teve occasião de vêr o rebanho mencionado por M. de Castelnau. Diz elle em a nota, publicada por M. Saint-Hilaire nas *Actas das sessões da Academia das Sciencias*, tom. 18.º pag. 56, de 1849: — « O mestiço do alpaca e do vicunha parece-se mais pela fórma geral ao lama commum do que a qualquer dos animaes de que procede; porém, as orelhas são direitas como as do alpaca: sobretudo, se distingue immediatamente de todas as outras especies pela sua lã, a qual sendo algum tanto mais curta que a dos alpacas é, sem comparação, mais fina e macia; tem o unico defeito de ser misturada com um pouco do pello jar, defeito que lhe provém da vicunha, e que provavelmente se desvanecerá pelo aperfeiçoamento progressivo da raça. »

M. Weddell confirma plenamente a verdade do facto da fecundidade destes animaes hybridos, facto reconhecido tambem por Francisco de Theran. — « Este rebanho (diz M. Weddell) é devido a um cura, o doutor Cabrero, e está hoje em numero de 34 cabeças. É uma nova especie que se obteve completamente, e com facilidade será conservada sem muito cuidado. » Estes animaes, collocados em boas condições climatericas, tratados por pessoas habeis, viriam com os alpacas completar a grande questão da naturalisação.

Conclúo com uma phrase tomada do sabio professor M. I. Geofroy-Saint-Hilaire. — « Quando o lama occupar em nossas granjas o logar que lhe pertence, saibam os agricultores comprehender no seu reconhecimento os que lhes prepararam o beneficio e os que o tiverem completado! »

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 423.)

CARVÃO DE PINHO.

Ha já tres annos que introduzi a fabricação do carvão de pinho, e muitas familias de Lisboa servem-se delle, para a economia domestica, não o querendo abandonar. Intrigas commerciaes d'alguns especuladores deste genero fizeram com que o nego-

cio entabolado se interrompesse por algum tempo; porém, pelas muitas e repetidas instancias dos consumidores, e para querer satisfazer aos desejos do nobre sr. duque, renovei o fabrico do carvão, e agora estou em commercio com o sr. Feliciano Vianna.

Este novo methodo traz comsigo muitas vantagens duplicando a venda das mattas, como demonstrarei adiante. Em primeiro logar a população aproveita com esta introducção, porque sahe-lhe mais barato que usando do carvão de sobro. O meu carvão não faz fumo, não espilra, e não tem mau cheiro. Generalisando-se o uso deste carvão de pinho (o que póde depender d'um só despacho do sr. ministro da fazenda) o publico e os particulares terão por outras consequencias um beneficio incalculavel, visto que, como consta dos registos da alfandega de Lisboa, a capital consome annualmente perto de 100:000 saccas de carvão de sobro.

Para fazer esta quantidade de carvão, é necessario cortar annualmente 20 a 25:000 sobreiros, e deste modo vem a diminuir o commercio da cortiça, e o dos porcos, que se alimentam dos fructos daquellas arvores. Muitas propriedades perderão do seu valor pela continua devastação dos sobreiros. Ha familias que por este motivo se arruinaram, e agora estão soffrendo privações, sem esperança de melhorarem a sua sorte, porque não pódem chegar ao tempo de nova prosperidade daquellas arvores, o que se não alcança senão depois de quasi 80 annos, quando com os pinheiros acontece o contrario, porque bastam 25 ou 30 annos para estarem aptos á fabricação do carvão.

Se a França, a Alemanha, a Italia, e outras nações usam do carvão de pinho, porque é que em Portugal se não poderá usar?

Tanto mais que, obrando assim, salva-se uma arvore indigena, favorecendo o commercio do gado suino e da cortiça. Os pinheiros crescem muito bem nas immensas charnecas arenosas agora abandonadas, e que não podem ser aproveitadas para outras cultivações.

Que esta cultura florestal prospera quando é feita por intelligentes agricultores, mostram-no os progressos dos pinhaes novos e particularmente dos que se veem em roda do Castello da Pena em Cintra, creados pelas sabias e providas disposições de Sua Magestade El-Rei D. Fernando. Assim se obtem uma nova fonte de riqueza para este paiz.

Ao mesmo tempo que se faz o carvão de pinho, a industria achará outros proveitos, como o de extrahir o alcatrão, a therebentina, e o pó de sapatos. Já tenho alguns aparelhos para pór em execução os respectivos processos.

Note-se outra vantagem proveniente do carvão. Nos pinhaes situados muito longe da capital, em que é cortada a lenha para vir vender nesta, não paga as despezas de conducção; mas ao contrario, reduzida a dita lenha a carvão, fica diminuida mais de dois terços do seu pezo, e dahi resulta a vantagem da relativa diminuição de despezas de transporte.

É urgente tomar providencias neste particular; porque o carvão, um dos objectos de primeira necessidade, vai sempre encarecendo todos os dias mais, não bastando o carvão de pedra para supprir o consumo. No anno passado pagava-se por uma sacca de carvão de sobro 1$400 rs., e hoje é o preço 2$400 rs.

Se as cousas progredirem deste modo, o estrago das preciosas mattas de sobro será ainda mais extenso e mais ruinoso para os particulares e para o estado, sem metter em conta o que respeita á hygiene, sendo bem sabido que da existencia dos bosques depende a saude das povoações. É muito para temer que o paiz haja cedo de recorrer ao estrangeiro para se abastecer deste genero, como aconteceu ha doze annos, que vieram navios de fóra com carregações não sómente de carvão de pedra, mas até de carvão vegetal.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 426.)

Eu pela minha parte desejo que o commercio a retalho passe para os brazileiros. Esta medida abalará, e mesmo anniquilará, muitas fortunas portuguezas, principalmente entre as mais pequenas: comtudo alguns dos meus patricios escapar-lhe-hão naturalisando-se: outros tomarão novo rumo de vida; mas a maioria com o que apurar regressará á patria, que bem carece do accrescimo de riqueza que esses muitos milhares de fortunas, bem que na maior parte exiguas, por força lhe hão de levar. Além disso, a emigração portugueza, não achando já aqui meios de se empregar com facilidade, ou diminuirá consideravelmente, ou encaminhar-se-ha para as colonias portuguezas, que assim verão augmentar a sua população, os seus capitaes, a sua industria, o seu commercio, e a sua navegação, com grande proveito da mãe patria, e detrimento do Brazil.

Consequentemente, no fim de um ou dois annos a medida só ha de lembrar aos brazileiros pelos damnos que lhes acarrear, emquanto o commercio portuguez residente no imperio, posteque assaz redusido quanto ao pessoal, achar-se-ha n'uma posição muito mais vantajosa e respeitavel. Todos esses crimesinhos, todas estas traficancias que são predicados de certo dos mais humildes estabelecimentos, passarão para os successores dos portuguezes, no que estes muito lucrarão.

Mas voltemos á *parede estrangeira*. Deve-se confessar que o systema dos conluios e paredes é mui geitoso e commodo para explicar as causas dos males que affligem o paiz, e dispensa grandes estudos.

Assim, meditando-se na pouca ou nenhuma tendencia que os brazileiros em todos os tempos teem mostrado para a profissão do commercio, parece que o homem politico deveria investigar a origem de tamanho mal para se lhe applicar a verdadeira medicina; fica porém muito mais barato gritar — a causa são os portuguezes que se conluiam para os excluir das lojas e quitandas; que os guerreiam; que lhes não afiançam as letras etc. etc. — grita-se pois neste sentido, e

> Le peuple, qui voit tout seulement par l'ecorce

como dizia Corneille, acreditando no que lhe pregam aquelles em quem tem fé, fica detestando os pobres portuguezes, que não fazem senão o que os bra-

zileiros, quer por perguiça, quer pelas preoccupações da educação, recusam fazer.

Assim, notando-se a antipathia que os brazileiros, e com especialidade os da raça europea, mostram para as artes fabris, desata-se o nó gordio exclamando — são os portuguezes que não querem que os filhos do Brazil sejam ferreiros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, cabelleireiros, modistas etc. etc.

Por esta fórma, sem queimar muito as pestanas, nem dar grandes tratos ao juizo, dá-se por descuberta para o Brazil a solução de todos os seus mais intrincados e vitaes problemas economicos e commerciaes. Comtudo, eu confio, tanto no auctor do artigo que combato, que me louvo nelle para juiz. Elle que decida se um similhante bordão convém á capacidade, aos interesses, e á honra dos brazileiros.

Algum dia as paixões cederão o campo á razão. Algum dia será forçoso abdicar estes estratagemas pelos quaes as ambições têem buscado exaltar-se, para cogitar sériamente em sanar os males publicos, e então o povo brazileiro infallivelmente chorará as crueis decepções que lhe houver causado o falso zelo de muitos (não me refiro a pessoa alguma) que se inculcam por seus amigos e protectores. Na hora do desengano elle conhecerá que não eram os portuguezes a causa dos seus males, e que estes provinham unicamente do desregramento das paixões politicas, das ambições descomedidas, e tambem por certo da negligencia que o Brazil ha posto em reformar alguns dos vicios da sua organisação social. Esperemos por essa hora, e seremos vingados. *Attendre est toute la vengeance de la verité.*

O Brazil póde ámanhã decretar — daqui a um ou dois annos nenhum portuguez [1] poderá ter casa de commercio a retalho — mas nunca com esse simples decreto consiguirá *nacionalisar* o seu commercio.

Ou o cidadão brazileiro possue cabedaes e credito para negociar, ou não. Se possue, quem o priva de trilhar as vias commerciaes? Se não tem dinheiro nem credito, sem os quaes se não negoceia, como os adquirirá só com a expulsão dos portuguezes? A medida pois de probibir aos estrangeiros o commercio por miudo, sendo mui idonea para prejudicar ás casas brazileiras, e a todo o paiz, jámais será capaz de lhe acrescentar a riqueza, nem de fazer nascer casas de commercio, como o omnipotente fez do cahos saír a luz.

Não sou eu só que encaro mal a prohibição do commercio a retalho. Muitos brazileiros de probidade e luzes incontestaveis já ha muito fizeram o mesmo. O sr. Ferraz, deputado da camara quatriennal de 1848, na sessão de 4 de junho do mesmo anno orou contra ella nos seguintes termos:

« O projecto mesmo não póde produzir os bens que « se desejam: passe elle, prohiba-se o commercio de « retalho aos estrangeiros, e a maior parte delles se « hão de naturalisar. E neste caso cessará o clamor? « não: porque o clamor não é contra os estrangeiros, « mas contra os adoptivos: a questão não é de com- « mercio a retalho, é sim a riqueza proveniente deste, « ou de qualquer outro ramo de industria, que ad- « quirem os estrangeiros. »

Na mesma occasião tambem o sr. deputado Góes se explicou assim:

« ...Sempre disse particularmente que apoiava o « sr. Ferraz, quando tratava esta medida de impoli- « tica e pouco prudente, porque acho que quando no « paiz se levanta uma voz geral, afim de que por to- « dos os meios se promova a colonisação, e se cha- « mem estrangeiros para habitar o nosso inculto e « immenso paiz, certas medidas tendentes a contra- « riar este desejo dos brazileiros em geral, não po- « dem deixar de ser consideradas como impoliticas, « imprudentes, e mesmo perniciosas. Ninguem ignora « que na Europa temos máu nome, e que contra nós « ha alli innumeraveis preconceitos; e como é que « ainda se apresentam na casa medidas destas que ten- « dem a augmentar estes preconceitos... »

Do mesmo voto dos srs. Ferraz e Góes certamente eram a maioria da assembléa geral, e o proprio governo; e daqui nasceu a resistencia que tanto no poder legislativo, como no executivo, encontrou a emenda em 28 de junho offerecida pelo sr. Tobias para substituir o projecto do seu correligionario Nunes Machado sobre os caixeiros brazileiros.

Acharam alguns especuladores politicos que apresentando os portuguezes á populaça sob uma face odiosa, podiam mais fortemente prendel-a aos seus interesses. Essa mina, apenas descoberta, nunca mais cessou de ser com todo o esmero, e por diversos modos, explorada; porém a prohibição do commercio a retalho tem sido para os exploradores um ardil dos mais preciosos. Sabiam elles que os portuguezes estabelecidos no imperio, supposto fossem, como lhes cumpre, mui obedientes a todo o governo sem olharem para a sua côr politica, comtudo em geral pendiam para o regimen agora chamado saquarema, não por lhes importar que triumphe antes uma do que outra das parcialidades politicas, as quaes, ainda que por diversos caminhos, todas certamente buscam a felicidade do seu paiz; mas porque, entregues pela maior parte ao commercio, e detestando todas as commoções que abalam o corpo social, se persuadem que sob aquelle regimen a ordem tem mais garantias de estabilidade.

Os adversarios do saquaremismo considerando que esta tendencia fortalecia os seus inimigos, e que destruil-a ou enfraquecel-a seria destruir ou enfraquecer aquelles, não tendo para o conseguir senão o terror, lançaram mão delle. Insufflaram pois contra a gente portugueza os animos da plebe, e não houve calumnia que lhe não assacassem; porém os principaes tiros desta guerra desabrida, como se sabe, dirigiam-se contra os brazileiros adoptivos, que por calculo tem sido sempre confundidos com os portuguezes, assim como estes com aquelles, bem que no geral os meus compatriotas sejam completamente estranhos ás questões politicas do paiz, como já repetidas vezes mostrei.

O estratagema da prohibição do commercio a retalho foi inventado em Pernambuco no anno de 1842, ou pouco depois, segundo o sr. Jeronimo Martiniano

[1] Argumentando-se na sessão de 4 de julho que o tratado perpetuo com a França resistia á prohibição do commercio a retalho aos estrangeiros, o sr. Nunes Machado concedia que, a ser necessario, ficassem da medida exceptuados os francezes, os quaes, todavia, teem na corte, e n'outras localidades, bastantes estabelecimentos de vender por miudo. A elle bastava-lhe que se tirasse á outra raça (aos filhos de Portugal) a alta influencia que exercia.

Figueira de Mello na sua *Chronica da Rebellião Praieira*; porém, como este distincto brazileiro de algum modo ahi nos traça a historia do predito estratagema, penso que para bem provar a origem delle e os seus progressos, não posso tomar melhor expediente do que trasladar para aqui as suas proprias expressões. Eil-as.

« Os jornaes da opposição (lê-se na citada *Chro-* « *nica* pag. 3) nascida em 1842, por motivos da « sympathia com a rebellião de S. Paulo e Minas, « limitando-se a principio á censura dos actos do « governo provincial, bem de pressa sob pretexto « de derrocar a supposta exclusiva influencia de uma « familia, passaram a guerrear os cidadãos mais res- « peitaveis pelas suas riquezas, cargos, saber e pro- « bidade; a exaltar todo o espirito de resistencia, « como um direito e dever da parte dos seus co-re- « ligionarios; a apregoar as maximas mais perigosas « e anti-sociaes; *a açular o odio dos nacionaes contra* « *os estrangeiros, principalmente portuguezes; a fa-* « *zer-lhes conceber esperanças, de que um dia seriam* « *estes expellidos do commercio e das profissões meca-* « *nicas, e de que destruida a concurrencia dos mes-* « *mos estrangeiros, dahi lhes resultariam todas quan-* « *tas venturas elles podessem imaginar para si, ou* « *para a provincia*... »

Continuando a pag. 5 diz ainda — « Foi exaltando esses sentimentos, que os directores do segundo desses partidos, a que nos referimos, e que tomou o nome de *praieiro*, fizeram com que os artistas e obreiros nacionaes assignassem em 1844 um requerimento, tornado celebre, em que se pedia aos poderes supremos do estado a expulsão dos artistas estrangeiros, e a prohibição de certos productos da industria europea, que elles aliás não poderiam fabricar com tanta perfeição, nem vender pelo mesmo preço, nem fornecer na mesma quantidade em proporção ao consumo..... »

Em fim a pag. 6 accrescenta — « Foi por causa destes sentimentos, que o simples facto de ter sido ferido no dia 26 de junho de 1848 um estudante brazileiro do lycêu por um portuguez [2], deu logar á carnificina e espancamentos desse dia, e do seguinte, em que ao grito de *mata marinheiro*, succumbiram alguns portuguezes que *pacificamente* se entregavam ao commercio, e se formulou uma petição á assembléa legislativa provincial, em que se pedia a exclusão dos estrangeiros do commercio a retalho — a expulsão de todos os portuguezes solteiros dentro de 15 dias, como inimigos implacaveis do Brazil — e a convocação de uma assembléa constituinte para tratar de uma reforma social, que se harmonisasse com o progresso liberal, e estado presente da sociedade brazileira, concluindo por fazer ameaças, no caso de não serem attendidas similhantes representações. Foi ainda a esses sentimentos, que os directores do partido praieiro faziam todo o cortejo, quando pelos jornaes, mais ou menos claramente, *promettiam ás classes baixas e ignorantes da população a posse das lojas, tabernas e boticas, que eram possuidas por portuguezes, como recompensa de todos os seus trabalhos.* Em fim esses sentimentos eram todos os dias lembrados, excitados, estimulados, e elogiados, quer pelos jornaes da facção praieira, quer nos clubs nocturnos, em todas as eleições que se fizeram na provincia, ou em quaesquer outras occasiões que se lhe offereciam. »

(Continúa.)

[2] Os redactores do *Progresso* (Revista social litteraria e scientifica) publicado em Pernambuco em outubro e novembro de 1848, a pag. 89 do n.° 14 do tom. 3.°, referindo-se a este facto exprimem-se assim — « Asseveram-nos algumas pessoas que a briga do cadete Costa Cordeiro com o portuguez do armazem de carne secca, e as desgraças que dahi seguiram, foram premeditadas pela *praia velha*, e organisadas de antemão n'uma reunião da sociedade imperial, que teve logar a 17 do mesmo mez de junho. » Os redactores declaram em seguida que acham esta accusação inverosimil, comtudo proseguindo nas suas reflexões sobre os excessos daquelle mez, ainda escrevem — « Se nos quizessemos remontar ao passado e esquadrinhar as causas mais remotas destes tristes acontecimentos achariamos em primeiro logar a *Voz do Brazil*, periodico que pertence incontestavelmente ao partido da praia, e de continuo appella para as mais ignobeis paixões, e excita a parte ignorante da população contra um phantastico partido lusitano, que não só se compõe de portuguezes e adoptivos, como tambem de todos os brazileiros que não apoiam os desvarios da *Voz do Brazil*; achariamos tambem..... esses artigos do *Diario Novo* que appellavam para *o pitiú bordão. sangrias largas*, *etc. etc.*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIII.

NEM SÓ A ROSA E' FLÔR.

Era ao caír da tarde. O sol desmaiava, e descendo entre nuvens rosadas, despedia-se com saudade, dourando os montes, as torres e as grimpas. O céu tinha aquelle azul puro e firme, que tanto brilha nos dias de inverno, os mais curtos e os mais lindos tambem de todo o anno, quando a natureza respira, e destoucada de flores, mas risonha na sua formosura meridional, adormece aos lascivos osculos de uma aragem fresca, e não cortante. A luz terna do occaso, declinando no horisonte, dava a tudo aquelle toque suave, cuja melancholia é o enlevo dos poetas e das almas que suspiram.

Ao longe, feia de negrume, vinha rompendo uma nuvem acastellada; abria-se lentamente, e enganando a vista, parecia balouçar-se quasi immovel sobre o cume das montanhas, á espera que o vento a impellisse para o Tejo. As aguas do rio, pouco antes azuladas e quietas, principiavam a empolar-se e a gemer, mosqueando-se, em partes, das malhas cinzentas que passavam a cada momento pelo céu. A noite promettia carregar-

se das sombras que a serenidade do dia affugentára.

Fôra alegre até alli, como a tarde, a conversação das tres donzellas reunidas no mirante do jardim de Lourenço Telles. Descubria-se de lá alguma coisa da cidade baixa, e caía para um recanto, escuso e pouco largo, aonde no muro denegrido se via pregado um devoto painel com sua lampada. Vestido das plantas que o inverno poupa, o mirante era por dentro uma primavera; e nesta occasião servia de toucador e de recreio ás filhas de Filippe da Gama, e á sua amiga D. Catharina de Athaide.

Em quanto no escriptorio do commendador o conde de Aveiras, D. Luiz de Athaide, e Lourenço Telles tractavam de apurar os encargos materiaes do matrimonio, as tres meninas rindo e abraçando-se espaireciam, adivinhando umas ás outras a sina dos seus amores. A miudo, o carmim transparente que sobe do coração, e lança um véu de pejo sobre as inquietações da alma, esparzia-lhes as mais delicadas rosas pelo seio palpitante, pelo collo e pelo rosto jovial.

A manhã tinha sido cheia para o commendador; e é inutil descrever a sua admiração, recebendo ás dez horas a visita do secretario das mercês e do padre Ventura, portadores da ordem regia para o deposito da noviça em sua casa. Dadas e ouvidas as explicações convenientes, o velho erudito, lisongeado interiormente, respondeu que tudo estava á disposição de s. magestade quanto possuia, podendo vir a noiva quando quizesse, na certeza de achar a estimação devida a uma senhora, digna dos maiores respeitos.

Os dois emissarios metteram depois a trote o modesto cavallo da sege de Diogo de Mendonça, dirigindo-se a Santa Clara. Entretanto, encostado á bengala, e remoçando pela confiança do soberano, o commendador alvoroçava a familia inteira, dando as ordens para D. Catharina ser tractada com a opulencia que permittiam os seus avultados cabedaes.

A noticia encheu de jubilo a Cecilia, e de curiosidade a Thereza. Magdalena deu treguas ao rosario, e com as mãos na cabeça, como boa governante, acudiu com diligencia a toda a parte. Entrava de fóra o capitão Filippe, e ficou varado recebendo de seu tio um roteiro minucioso ácerca da continencia da lingua e da escála dos gestos. Depois de amaldiçoar a côrte e todas as noviças do mundo, o capitão tornou a embicar o chapeu de tres ventos, e a sepultar as mãos nos bolsos da casaca, partindo como um foguete direito a S. Domingos, aonde foi achar de cama o padre mestre seu amigo.

Jeronymo Guerreiro não era homem que se alterasse ou ficasse ocioso em casos taes. Despachado em missão extraordinaria, apresentou-se em casa do abbade Silva, e declarou-lhe que a sua presença era suspirada por toda a familia na preciosa qualidade de trinchante e de mestre de ceremonias.

D. Catharina chegou uma hora depois do jantar, acompanhada do secretario das mercês, e de duas seculares do mosteiro. Vieram-na receber á porta da rua o capitão Jeronymo e o abbade Silva. Á entrada da primeira sala achou Lourenço Telles com as mais vistosas galas, offerecendo-lhe o braço cheio de attenção, e conduzindo-a ao camapé entre cortezias e sorrisos. Diogo de Mendonça lavrou então o auto de deposito, e em nome de el-rei entregou-a á guarda e lealdade do commendador de S. Miguel das Minas.

Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou por Magdalena e suas filhas, que já esperavam na casa immediata. Os abraços de Cecilia, a candura de Thereza, e a affabilidade de sua mãe, tranquillisaram a noviça, que vinha na maior confusão de idêas. Passada outra hora, o conde de Aveiras velho, e D. Luiz de Athaide (seu pae) fizeram-lhe uma visita de ceremonia, annunciando que o noivo teria a honra á noite de lhe offerecer as joias da parte de s. magestade, que se digna ser padrinho do casamento.

No fim de tudo isto a pobre menina, não podendo já com a oppressão do peito, lançou-se nos braços de Cecilia e de sua irmã, pedindo alguns momentos para desafogar o espirito livremente. Desceram todas tres ao jardim, deram umas poucas de voltas em roda dos canteiros, e recolheram-se ao mirante para conversar em liberdade. Iremos tambem, não nos escape o exame de consciencia destes corações que o amor, benigno, embalava nas azas da esperança.

D. Catharina estava em um banco de relva, meia recostada no tapete de jasmins e madresilva. De pé, e ao seu lado, tinha Cecilia, unindo o rosto ao della, com a mão pousada no hombro, e o corpo fugindo em delicioso desleixo. Um pouco inclinada para o seio da sua amiga, a educanda, sem o querer, mostrava a graça das fórmas e respirava seducção, não procurando fazer-se bella. Pelos beiços finos e vermelhos de coral, folgava o riso picante, provocando com a malicia: nos olhos, a travessura meiga sabia avi-

var-se e amortecer, segundo acudiam ou passavam as cores e as commoções. Os cabellos ondeavam, soltos os anneis, prendendo-se nos jasmins; e a caprichosa agora os libertava com impaciencia, logo deixava fugir as tranças com a aragem, quebrando folhas e flores nas arrebatadas posições. Entre as da noviça, que a decifrava, a sua mão offerecia alegremente as delicadas linhas, cruzando-se em uma palma tão pequena, e tão mimosa que ao mais leve toque se rosava.

Thereza assentava-se no mesmo banco. Mais alta duas linhas, e sem ser tão juvenil, como a de sua irmã, a estatura della não era menos delicada. O corpo cedia sem violencia, e com requebro prestava-se ás ondulações desaffectadas, cujo enlevo é o realce das andaluzas. Menos tenra de musculos, as fórmas lançavam-se com mais vigor, e tinham a ligeireza e a elegancia que avivam o agrado á formosura. Havia em ambas a mesma nobreza de porte; porém, Cecilia pelas proporções menineiras juntava os encantos de mulher ás graças infantis; Thereza, com uma belleza, menos ideal e mais mundana, recordava a figura apaixonada de uma virgem hespanhola, das que o pincel aquece de tons amorosos, dourando-as dos raios vivificantes do meio dia.

O semblante da irmã de Cecilia não tinha a seriedade um pouco ingleza de Catharina; e menos ainda o realce da mobilidade poetica, que tanto attrahia na educanda; sobre o oval, e algum tanto cheio, se evitava o molde frio e classico, animando-se varias vezes da vida interior, e revelando a alma, nem por isso o espirito sorria a cada instante, ou o affecto se illuminava á primeira commoção. Tinha mais eloquencia e menos vivacidade no olhar. Mas quando o sentimento fallava, era a sua vista tão enlevada, e na languida aspiração dizia tanto, que não se ousava respirar antes della compadecida esconder de novo a luz fascinadora, abaixando o véu das palpebras.

Se ainda não sentia muito, Thereza sentia com a sensibilidade das mulheres, cuja vida é mais de dentro pelo coração, do que de fóra pelos sentidos. Se estava triste, as feições reflectiam a melancholia pensativa, sempre adoravel no rosto das donzellas; se estava alegre, eram tão espirituaes e expressivas que nada igualava o séu encanto.

A pelle, transparente na finura, deixava entrever o nacar, corando-a de longe, e indicando as veias apenas como sombras á flôr da tez. Levemente deprimidas, as fontes de um branco perola, em que esmorecia o rosado tibio, descubriam as linhas azues, cruzando-se delicadamente. As faces, mimosas de frescura aveludada, tão preciosa nas flores, eram pallidas, não da pallidez que se faz terrea e biliosa com as fortes commoções, mas da côr terna do alabastro, em que passa um reflexo moreno, quando nasce e desmaia o rubor, refluindo o sangue ao coração.

Nem larga nem estreita, elevava-se a testa suavemente, arredondando-se com graça menineira; e serena quasi sempre, como um espelho, viamse correr por ella claras as imagens do pensamento. Quando queria, sabia esquecer-se com um sorriso meio casto meio esquivo, desabotoado na amorosa bocca em que podiam colher-se os beijos e as rosas. Finalmente, no beiço superior uma ligeira sombra assetinada, apenas perceptivel, dava mais um toque delicioso ás covinhas que se abriam de leve aos cantos, animando a physionomia, se a bocca menos ciosa deixava admirar o purissimo esmalte, e a alvura dos dentes, verdadeiros fios d'aljofar brilhando entre rubis.

Como era natural e seductor o geito com que se pousava a cabeça sobre o colo respirando abandono! Como lhe acompanhavam bem o rosto os cabellos sedosos e negros; e brincando a capricho pelas faces, com que enlevo destoucavam sobre o seio as espiras indiscretas! Escapando-se e fluctuando em cascatas sobre o penteador de renda, esperguiçavam até aos pés as tranças desenroladas em um véu, cuja desordem pudica parecia uma travessura graciosa de invisiveis amores suspensos dos seus anneis.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Uma boa acção. — Transcrevemos da *Revolução de Setembro* a seguinte correspondencia, e louvamos muito o procedimento de M.^me^ Monticelli. Admiradores do seu distincto merecimento artistico, temos muito prazer em registrar uma acção que revela os bons sentimentos da sua alma.

Sr. redactor.

Tendo recebido de M.^me^ Monticelli, em favor do asylo de infancia dos Cardaes, o donativo de 48$000 réis, egual somma á que já offereceu no anno proximo passado, para o mesmo estabelecimento, rogo a v. o favor de publicar no seu jornal a carta que acompanhou aquelle donativo, para dar por este modo, em nome de tantas creanças desvalidas, um tes-

timunho publico de reconhecimento por uma obra tão meritoria.

16 de abril de 1852. Sou de v. etc.
O Padre José Ilsley.

« Monsieur. — J'ai l'honneur de vous envoyer la petite somme de trois cents francs, que j'ai separée des profits de mon bénéfice pour être appliquée a l'asyle des jeunes filles etabli aux Cardaes, que j'ai eu le plaisir de visiter plusieurs fois, et dont vous êtes, monsieur, le fondateur et bon directeur. Je regrette de ne pouvoir être aussi généreuse que le voudrait ma vive reconnaissance envers le public de Lisbonne, qui m'a toujours donné tant de preuves de sympathie, et de bienveillance.

« Agréez monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée. — Votre trés humble servante, *Geneviéve Monticelli* — Lisbonne le 10 avril 1852.— Monsieur le P. Joseph Ilsley. »

Opera de Londres. — O celebre emprezario Lumley reuniu para a nova estação theatral, que teve principio no 1.° de abril, uma brilhante companhia, composta das seguintes pessoas, algumas dellas de *primissimo cartello*, e conhecidas vantajosamente em todos os theatros principaes da Europa. Primas dornas; Sontag, Fiorentini, Ida Bertrand, Sophia Cruvelli, Joanna Vagner, e Maria Cruvelli; a penultima procedente de Berlin; tenores Gardoni, Pardini, Mercuriali, e Calzolari; baritonos, Negreni, Belleti e Ferloti; baixos, De Bassini, Ferranti, e Lablache: director da orchestra, Balfe. O corpo de baile é igualmente escolhido.

As operas que se hão de cantar durante a estação são: — *D. João*, *Le nozze de Figaro*, *Lucia*, *I Puritani*, *D. Pascuale*, *Cenerentola*, *i due Foscari*, *Norma*, *Semiramide*, *Pegaladra*, *Lucrecia*, *Othello*, *Linda de Chamounix*, *Guilherme Tell*, *Tancredo*, *Roberto do Diabo*, *la Tempesta*, *Florinda*, o *Filho-prodigo* e *Cassilda*, que é composição do principe real da Prussia.

Novo pára-quedas. — Um quinquelheiro de Marselha, por nome Desmond, mui conhecido naquella cidade, acaba de inventar um pára-quedas que tem a forma de um passaro, e a que se póde dar a direcção que se quizer. Fizeram-se duas experiencias formaes deste apparelho em presença de uma commissão composta de pessoas scientificas e de engenheiros, e os resultados foram satisfactorios.

O aeronauta com o auxilio deste guarda-quédas, que desce mui lentamente, depois de chegar a certa altura póde dar-lhe direcção por um bom espaço de tempo antes de baixar á terra. São faceis de comprehender as vantagens que pódem colher-se deste invento.

THEATRO DE S. CARLOS.

Concerto.

O concerto dado pelos jovens Achilles, Galeazzo, e Alfredo Fontana, no salão de S. Carlos, em a noute de 20 do corrente teve uma concorrencia numerosa e escolhida, e um exito brilhante, não só pela escolha e variedade das peças de musica, que o compunham, mas tambem pela sua boa execução, em que tomaram parte os principaes artistas de canto e a orchestra do theatro lyrico.

Tudo quanto podessemos dizer em relação ao joven Fontana, não seria mais do que repetir o que a opinião publica tantas vezes tem apregoado a seu respeito. Bem poucas são as pessoas que não tem já tido occasião de admirar e applaudir o talento destes artistas, que desde a mais tenra idade, souberam captar as sympathias do publico, e alcancar um nome distincto na sublime arte, a que se dedicaram.

Nesta noute os srs. Achilles e Galeazzo exuberantemente nos provaram quanto deixamos dito, tocando varias peças na harpa e no piano por tal modo, que mereceram espontaneos e repetidos applausos.

No joven Alfredo notámos os grandes progressos que tem feito no difficil instrumento da rebeca: desejariamos, porém, que elle se abstivésse por em quanto de tocar peças de muita força e difficuldade, como por exemplo, o *Carnaval de Veneza*, e outras, as quaes lhe poderão grangear, é verdade, numerosos applausos e a admiração dos espectadores, mas nem por isso são as mais proprias da sua idade, e dos limitados recursos de que elle póde ao presente dispôr. Estas nossas observações são feitas puramente com o intuito de aproveitarem a quem são dirigidas, porque reconhecemos no joven Alfredo todas as disposições necessarias para vir a ganhar uma reputação artistica, se fôr perseverante no estudo, e se a sua educação musical fôr dirigida com acerto e esmero.

Das peças de canto as que mais agradaram foram um *duetto* dos srs. Bonafós e Goré, uma *barcarola* em francez sobre a tão conhecida fabula de Lafontaine *Le Renard et le Corbeau*, cantada com bastante chiste pelo sr. Mancuzi, mas sobretudo uma linda *romanza* de Donizetti, *La mère et l'enfant*, cantada pela sr.ª Sannazzari com tal sentimento e expressão que agradou muito, e até chegou a commover o auditorio. A eximia cantora comprehendendo a situação e elevando-se á altura della, não só nos revelou em toda a sua verdade as sublimes inspirações do *maestro*, mas tambem nos fez comprehender toda a força daquellas terriveis palavras, repassadas de angustia e desesperação, e pronunciadas n'um lance da mais dolorosa afflicção por uma mãe que vê expirar seu filho por falta de alimento.

Du pain, s'il vous plait, du pain!
Mon pauvre enfant se meurt de faim!..

Esta peça, essencialmente dramatica, é do genero daquellas em a sr.ª Sannazzari não teme rival; escusado é dizer que os applausos foram enthusiasticos e prolongados.

Todos se retiraram satisfeitos por terem passado uma noute summamente agradavel, tendo além disso testemunhado a sua sympathia aos beneficiados, que por tantos titulos são credores da estima e protecção do publico desta capital.

D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 39. QUINTA FEIRA, 6 DE MAIO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

Portugal.

Illm.° e exm.° sr. — Tenho a honra de participar a v. ex.ª que estão findas as rectificações que se julgaram dever fazer na relação dos premios conferidos a Portugal pelo jury da exposição de Londres, e que mui brevemente as farei subir á presença de Sua Magestade; devendo desde já fazer sciente a v. ex.ª, que, em virtude de taes rectificações, a relação que me foi entregue em 15 de outubro do anno findo, e por mim levada ao conhecimento do Governo em data de 16 desse mesmo mez, fica augmentada com oito premios, dos quaes, cinco são medalhas, e tres menções honrosas.

Tendo cessado portanto as causas que tem demorado a entrega das medalhas relativas a Portugal, cumpre-me participar a v. ex.ª, que de Londres recebi uma communicação official, com data de 17 de janeiro findo, pela qual me consta que taes medalhas foram entregues ao agente da commissão portugueza. — Nessa mesma communicação se me faz saber que os relatorios do jury não estão ainda reunidos, e que portanto a sua publicação será demorada.

Levando estes factos ao conhecimento de v. ex.ª, permitta-me a liberdade de chamar a illustrada attenção do Governo sobre a conveniencia de fazer a proxima distribuição das medalhas com a solemnidade, que parece merecer tão grandioso acto, em relação á industria nacional, a fim de que elle esteja de accôrdo com o procedimento de outras nações a tal respeito.

Como o jury da exposição não expede nenhum documento individual de que possa constar a menção honrosa — parece-me conveniente que v. ex.ª, pensando sobre a vantagem de que os premiados possuam um documento de seu merito, determine qual a fórma desse documento.

Tambem me cumpre participar a v. ex.ª, para ser presente a Sua Magestade, que alguns dos chefes dos estados, em que a distribuição dos premios já se tem feito, distribuiram por essa occasião a alguns expositores desses estados, mercês honorificas, que, honrando o trabalho, honraram tambem o espirito eminentemente civilisador que dictou essa resolução.

Julguei dever levar estes factos ao conhecimento do Governo para serem tomados na consideração que fôr conveniente.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 12 de fevereiro de 1852. — Illm.° e exm.° sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino. — *Sebastião José Ribeiro de Sá*, commissario regio de Portugal á exposição de Londres.

Sua Magestade a Rainha, a quem foi presente o officio do commissario regio de Portugal á exposição em Londres, Sebastião José Ribeiro de Sá, com a data de 12 do corrente, sobre o estado das rectificações, relativas ao numero e qualidade dos premios conferidos aos nossos expositores industriaes pelo respectivo jury naquella cidade, e sobre a conveniencia de se proceder á sua distribuição com a maior solemnidade possivel; ha por bem mandar declarar-lhe pela secretaria de estado dos negocios do reino, para sua intelligencia e effeitos devidos:

1.° que a mesma augusta senhora viu com satisfação o modo como o dito commissario se tem havido no desempenho da commissão de que fôra encarregado; esperando que elle fará subir por este ministerio um relatorio circumstanciado de todos os trabalhos que os precederam e acompanharam, com declaração das despezas que em virtude da auctorisação da lei de 25 de fevereiro de 1851, se tenham feito com esse serviço:

2.° que nesta data é nomeada uma commissão para, conjunctamente com o commissario regio, propôr o programma regulador da solemnidade e formalidades com que deve fazer-se a distribuição dos premios aos expositores portuguezes, e as condecorações que Sua Magestade tenciona conferir aos mesmos expositores, que mais benemeritos parecerem. Paço das Necessidades, em 17 de fevereiro de 1852. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

Illm.° e exm.° sr. — Tendo sido honrado com a

recepção da portaria de 17 de fevereiro findo, expedida pelo ministerio do reino, na qual Sua Magestade houve por bem mandar-me declarar, entre outras regias determinações, que farei por fielmente cumprir, que a mesma augusta senhora viu com satisfação o modo como me tenho havido no desempenho da commissão de que fui encarregado, esperando que, pelo ministerio do reino, suba um relatorio circumstanciado de todos os trabalhos que a precederam e acompanharam, com declaração das despezas que, em virtude da auctorisação da lei de 25 de fevereiro de 1851, se tenham feito com esse serviço; julgo do meu dever, para cumprir as ordens de Sua Magestade, dirigir a v. ex.ª, para ser presente á mesma augusta senhora, quanto desde já me é possivel dizer ácerca do que, na referida portaria, me é ordenado.

Foi com o mais profundo respeito que recebi os louvores que v. ex.ª me transmittiu em nome de Sua Magestade, e os acceito com o reconhecimento da mais pura gratidão, como uma prova da regia benevolencia de Sua Magestade, que tanto se apraz em animar não só o merito, mas tambem o desejo de o possuir e de ser util á patria, pois que seguramente só este desejo poderia servir de base a tão honroso louvor.

Cumprindo este dever, permitta v. ex.ª que eu observe que a demora da publicação dos relatorios dos jurados muito tem atrasado, não só os meus trabalhos para o relatorio que farei subir á presença de Sua Magestade, mas tambem os trabalhos dos meus collegas de outras nações, pois que até esta data não consta da publicação, ou entrega aos respectivos governos do relatorio de nenhum dos commissarios nomeados pelos differentes paizes. Essa demora, por muitas rasões justificada, não tem só por causa a falta, muito sentida, dos relatorios dos jurados, mas provém essencialmente da vastidão do assumpto, e da variedade, quasi incomprehensivel, dos conhecimentos humanos a que se refere. Devendo notar-se, que prescindindo de tudo quanto a imprensa de diversos paizes publicou sobre a exposição, não bastam dois mezes para a pausada leitura dos tres grossos volumes do catalogo official, illustrado, de todos os productos expostos. Posso assegurar a v. ex.ª, que desde 13 de dezembro, que cheguei a Lisboa, eu me tenho assiduamente entregue aos trabalhos que me devem habilitar a terminar o cumprimento da commissão de que tive a honra de ser encarregado; e brevemente separarei desses trabalhos uma conta que se refira aos pontos precisos das instrucções que me foram dadas com o decreto de 13 de agosto do anno findo, pelo qual fui nomeado commissario regio de Portugal á exposição de Londres.

Parecendo-me que a intenção das ordens de Sua Magestade, que me são transmittidas pela portaria a que me estou referindo, é habilitar o Governo com os esclarecimentos precisos, para dar conta ás côrtes de quanto, até ao presente, se tenha feito, por parte de Portugal, em relação á exposição de Londres, na conformidade da lei de 25 de fevereiro de 1851, prestarei as informações do que me consta, tanto como secretario da commissão portugueza para a referida exposição, como na qualidade de commissario especial do Governo para este mesmo fim. E por esta fórma ficará completa a conta dos trabalhos que precederam essa minha commissão.

Em 2 de dezembro de 1850 foi Sua Magestade servida determinar por um decreto:

Que fosse creada uma commissão encarregada de promover a exposição dos productos da industria portugueza em Londres, e de facilitar a sua remessa para essa cidade, mediante as instrucções mais uteis e favoraveis aos individuos que desejassem ser expositores:

Que a commissão fizesse os annuncios e désse as providencias necessarias para que os objectos que haviam de ser enviados á exposição de Londres fossem reunidos em Lisboa, e que de todos elles se fizesse antecipadamente exposição nesta capital:

Que, depois de effeituada esta exposição em Lisboa, a commissão, constituida em jury, decidisse quaes os productos, que, pela sua perfeição, merecessem ser enviados á exposição de Londres:

Que se remettessem á commissão todos os papeis e impressos, que tivessem servido de base aos trabalhos das commissões nomeadas para igual fim nos paizes estrangeiros:

Que a commissão fosse presidida pelo ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e fosse composta dos seguintes vogaes;

Conde do Farrobo, conde do Sobral, visconde da Carreira, barão da Luz, barão de Alcochete, conselheiro de estado extraordinario, Francisco Tavares de Almeida Proença, conselheiro Manuel Antonio Vellez Caldeira, conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, conselheiro Joaquim Larcher, José Ferreira Pinto Bastos, Carlos Bonnet, Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, Sebastião José Ribeiro de Sá.

O conselheiro Manoel Antonio Vellez Caldeira não acceitou a nomeação.

A commissão, constituida no dia 3 de dezembro, publicou com a data de 7 o seu primeiro aviso, depois de haver tido com o governo as conferencias que a podiam authorisar a comprehender no seu manifesto industrial dirigido ao paiz as seguintes resoluções importantes.

Conducção gratuita, prestada pelo governo a todos os productos que, dentre os que concorressem, fossem separados pela commissão para a exposição de Londres; considerando esta conducção a ida de Lisboa para Londres, e a sua volta para esta capital.

Transito pelo reino, livre de direito por meio de guias das auctoridades locaes, para todos os productos que houvessem de concorrer á exposição.

Estabelecimento de uma agencia em Londres para cuidar na conservação dos productos, e na sua entrada e saída no local da Exposição.

Em 10 de dezembro a commissão publicou o seu segundo aviso, comprehendendo a classificação dos objectos admissiveis na exposição universal, e chamou a attenção do publico sobre alguns dos productos portuguezes que se podiam mandar em virtude desta classificação; fazendo saber que se ia dirigir aos governadores civis dos districtos para mais cabalmente desempenhar a missão de que fora encarregada.

Foi nomeado, pelo governo, agente da commissão em Londres, o consul geral de Portugal nessa cidade, Francisco Ignacio Wan-Zeller:

A commissão, em virtude das auctorisações que lhe conferia a presidencia do ministro do reino, dirigiu, na mesma data do seu segundo aviso, uma circular a todos os governadores civis do reino e ilhas participando-lhes:

Que para cumprir o encargo com que Sua Magestade a honrou, e para que o paiz se representasse na exposição de Londres de uma maneira digna, sendo a verdadeira representação dos seus productos agricolas e fabris, se dirigia aos primeiros magistrados administrativos para que elles cercados das pessoas mais competentes de cada districto, no assumpto de que se tracta, a coadjuvassem com a concorrencia dos seus respectivos districtos á referida exposição:

Que tendo o governo inglez transmittido ao governo portuguez a noticia da exposição universal, e o convite para a concorrencia do nosso paiz com os seus productos, era um dever nacional o trabalharmos todos para que o espaço destinado a Portugal fosse occupado pelo maior numero, que se podesse obter, de productos de agricultura e de industria fabril:

Que estando a commissão persuadida de que, tanto os chefes administrativos, como as pessoas mais respeitaveis de cada districto por esses chefes ouvidas, se empenhariam no resultado que a commissão desejava, ella esperava que os seus actos tivessem a conveniente publicidade:

Que tendo sempre presentes as classificações dos productos feitos em Londres, e as observações da commissão, contidas nos seus avisos, os referidos chefes administrativos fizessem com que a commissão estivesse habilitada com brevidade para saber quaes os productos de cada districto, que teriam de concorrer á exposição.

Da correspondencia que sobre o assumpto houve entre a commissão e os governadores civis dos districtos consta que foram remettidos productos para a exposição de Londres dos seguintes districtos;

Aveiro — Braga — Bragança — Castello Branco — Coimbra — Evora — Faro — Guarda — Lisboa — Porto — Santarem — Vianna — Villa Real — Funchal.

Como relator fiel de todos os trabalhos que precederam a minha partida para Londres, com referencia á exposição universal, é do meu rigoroso dever chamar mui particularmente a attenção de v. ex.ª para o zelo e divisão geral de trabalho de que a commissão portugueza deu provas incontestaveis. As circumstancias especiaes do nosso paiz, a difficuldade que ainda por toda a parte se levanta para comprehender a vantagem de missões da importancia economica da que foi encarregada á commissão, foram obstaculos que se venceram com muito boa vontade, e muito desejo de ser util á patria.

A unica, e a mais justa recompensa de trabalhos desta ordem, é a consciencia de que se não poupou a vontade para cumprir o dever.

Parece-me que, sem vaidade, a commissão tem direito a que a julguem segura de que não poupou esforços para alcançar o nobre fim que tinha em vista.

Acredite v. ex.ª que, expressando-me por esta fórma, me esqueço de que sou, como não ignoro, o ultimo dos membros dessa commissão, e só me lembro que as ordens de Sua Magestade me impoem o dever de ser justo e verdadeiro.

A vantagem que resultaria para a nossa agricultura e para o nosso commercio, de que os vinhos portuguezes fossem admittidos na exposição de Londres, foi comprehendida pela commissão, quando, preparando-se com uma collecção de variadas amostras, se dirigiu aos commissarios regios da exposição universal em 18 de dezembro, ponderando-lhes que, parecendo-lhe da mais alta conveniencia para o paiz que os vinhos portuguezes podessem ser admittidos na exposição, esperava que os commissarios de sua magestade britannica resolvessem este ponto conforme convinha aos interesses commerciaes de Portugal, e da Gram-Bretanha. Os commissarios de sua magestade britannica, pelas rasões que julgaram procedentes, não admittiram o pedido da commissão portugueza, mas nessa mesma resposta a commissão viu que a Hispanha e Napoles tinham, sobre o ponto de que se tracta, opiniões conformes com a sua.

Tambem julgo de conveniencia fazer presente a v. ex.ª um facto que muito influiu no bom resultado dos trabalhos da commissão, e o qual estou competentemente habilitado para assegurar que não foi praticado por nenhuma das identicas commissões nomeadas em outros paizes. É um facto que a commissão fez publico em seu aviso de 27 de dezembro, quando ao mencionar diversas providencias tendentes ao bom desempenho dos seus deveres, accrescenta que se dividíra em secções para uma dellas visitar em Lisboa os estabelecimentos fabrís, as officinas e depositos de generos agricolas, a fim de verbalmente repetir o convite, e os esclarecimentos que fizeram parte dos seus dois primeiros annuncios.

Foi em resultado deste exame que se procedeu á compra de varios productos e objectos que se julgaram precisos para representar o districto de Lisboa na exposição de Londres. Mencionando estas circumstancias que acompanharam a assiduidade da commissão e o igual zelo de todos os seus membros, eu não exaggero os seus serviços em comparação dos trabalhos das commissões de outros paizes; mas desejo fazer vêr a v. ex.ª o modo muito especial porque é mister proceder em assumptos agricolas e industriaes para com os que em o nosso paiz estão interessados em taes assumptos.

No aviso a que me estou referindo a commissão agradeceu o bom acolhimento com que foi recebida em todos os estabelecimentos e officinas visitadas pelos seus vogaes, manifestando que o seu desejo seria visitar todos os estabelecimentos e officinas, e por esse motivo rogava aos que não tivessem sido visitados pelos seus vogaes que fizessem saber na secretaria de estado dos negocios do reino, sala das suas sessões, o local em que estavam collocados para que a commissão podesse tomar conhecimento dos seus productos. Tomo a liberdade de mui particularmente chamar a illustrada attenção de v. ex.ª sobre as vantagens que deste precedente novo resultaram para que se considere na muita utilidade que haveria em o applicar ao inquerito de que tanto carecem as forças productivas do paiz em relação a todos os encargos e a todos os recursos.

Pelas communicações que me foram ministradas pelos meus illustres collegas da commissão, pela parte que tambem tive a honra de tomar nas visitas de que se tracta, eu posso assegurar a v. ex.ª que o incre-

mento da riqueza nacional; que o desenvolvimento da faculdade do trabalho, e o seu aperfeiçoamento, são factos economicos que em Portugal se estão progressivamente produzindo com uma força difficil de calcular. E talvez que a luz que se procura para vêr o mal que debilita as forças do estado, no meio dos vigorosos recursos da nação, tenha que surgir do estudo consciencioso e methodico dos meios productivos da terra e do trabalho. Esta pequena divagação nascendo do plano que dirigiu os trabalhos da commissão portugueza para a exposição de Londres servirá como de comprovação a quanto já ácerca desta commissão fica exposto antecedentemente.

Segundo a ordem chronologica dos factos cumpre-me consignar um de bastante importancia, exarado no quinto aviso da commissão, quando ao dar conta de que ainda não teve resposta ás suas reclamações para a admissão dos vinhos, se declara auctorisada pelo governo para fazer publico, que ainda quando não possam entrar na exposição universal, se fará uma exposição particular em Londres por conta do mesmo governo, e em dias determinados, convidando os negociantes que forem mais competentes neste genero de negocio para conhecerem as diversas variedades do genero mais valióso da agricultura portugueza. — Eu cito a v. ex.ª este facto, porque é ainda uma questão pendente que tendo feito parte das instrucções da minha commissão em Londres terá de ser por mim, em outra occasião, mais largamente considerado.

O decreto de 2 de dezembro de 1850 impunha á commissão o dever de expor publicamente em Lisboa os productos que se tinham reunido para concorrer á exposição de Londres. — Este preceito era mais uma difficuldade no cumprimento da sua missão. — Os productos foram dispostos para a exposição antes de se acondicionarem para a partida, e para alguns esta disposição foi trabalhosa.

Não duvido affirmar a v. ex.ª que sou verdadeiro interprete da commissão, dizendo que tal preceito se cumpriu mui gostosamente, por quanto devendo os seus membros constituir-se em jury para separar os objectos que deviam fazer parte da exposição portugueza em Londres, muito desejavam assentar as suas decisões no grande jury da opinião publica, consultada tacitamente por meio dessa exposição.

Tendo suas magestades a rainha, el-rei, e a real familia honrado a exposição com a sua augusta presença, a commissão constituida em jury fez a separação que tinha a fazer. De um trabalho improbo, e justamente avaliado em Londres, devo eu dar conhecimento a v. ex.ª A commissão tendo em vista a methodica mas complicada classificação ingleza, applicou esta classificação a todos os productos que tinha a mandar para Londres, juntando a cada producto, além de um numero de ordem, um rotulo, contendo as indicações que lhe diziam respeito na classificação ingleza, e o nome do producto em inglez. Resumidamente direi a v. ex.ª quaes as rasões que tornaram apreciavel este trabalho em Londres. Ao começo da exposição havia-se assentado em que os productos seriam dispostos no edificio conforme a classificação geral, e não por meio da divisão das nacionalidades. — Era realmente esta primeira idéa a unica vantajosa para a exposição ser estudada. Rasões que se julgaram fortes a regeitaram, e a classificação de nações lhe foi substituida, e nestas mui limitadas foram as que tinham uma classificação particular, junta, por assim dizer, aos productos, facilitando desta fórma os trabalhos do jury, e os estudos que se houvessem de fazer. Pelo que vi durante o desempenho da minha commissão na exposição, cumpre-me declarar que nesta parte nenhuma nação excedeu Portugal, salvo a Inglaterra, que, pela possibilidade que lhe facultava a sua posição, dispoz os seus productos no espaço que occupava, conforme a disposição da classificação.

Depois de feita a separação, e de classificados os productos se procedeu ao seu acondicionamento. Pareceu que seria mui conveniente que um delegado da commissão, que tivesse assistido a alguns dos seus trabalhos, e estivesse sabedor de quaes as suas intenções ácerca da collocação dos productos no edificio da exposição, fosse a Londres acompanhando esses mesmos productos. A pessoa nomeada foi o então secretario de legação Antonio Travassos Valdez, que havia coadjuvado a commissão nos trabalhos da classificação.

Tendo o governo posto á disposição da commissão o vapôr de guerra *Infante D. Luiz*, este partiu no dia 11 de março, levando a seu bordo noventa e um volumes, contendo 1:293 productos, reunidos em Lisboa, dos districtos do continente, para a exposição universal. A bordo do mesmo vapôr foi o delegado da commissão, levando a carta que como tal o acreditava para com os commissarios de Sua Magestade Britannica, as instrucções da commissão, o attestado exigido pela alfandega ingleza, e uma factura do que se remettia.

Os productos chegaram a Londres em tempo opportuno, e ainda esperaram que as obras no edificio se terminassem antes d'ahi serem collocados.

Foi depois deste dia que a commissão se reuniu em sessão para a redacção do catalogo dos productos portuguezes, que deveria fazer parte do catalogo geral. Os acontecimentos de abril e maio vieram achar quasi no termo este difficil trabalho, que não podia ser retardado por esse motivo. Uma commissão presidida por um ministro da corôa forçosamente suspende a sua acção, quando uma crise politica chama para outro campo as attenções de todos. Como secretario da commissão eu não podia, sem a cooperação dos vogaes meus collegas, tomar nenhuma resolução que fosse além do expediente ordinario de que me havia encarregado, e foi portanto para mim bem penosa a situação em que estive por bastantes dias, vendo que se não podia acudir com resolução prompta a pontos importantes que a reclamavam. Pelos motivos expostos, só em 7 de maio foi possivel remetter aos commissarios de sua magestade britannica o catalogo dos productos portuguezes; e sendo então que um objecto tão grave, como a nomeação dos jurados portuguezes, estava pendente, o officio dirigido por essa occasião ao agente da commissão lhe dizia que as circumstancias especiaes do paiz não permittiam que se lhe fizesse nenhuma outra communicação ácerca dos trabalhos incumbidos á commissão. Em 28 de maio, e sendo ministro do reino, e presidente da commissão o conselheiro José Ferreira Pestana, se participou ao mesmo agente, que não

tendo as circumstancias especiaes do paiz permittido a nomeação dos jurados feita directamente pelo governo, nem sendo possivel que essa nomeação, feita na data em que se escrevia, se podesse realisar, a commissão esperava que a nomeação feita de accórdo com o ministro de Sua Magestade Fidelissima na côrte de Londres teria recahido em pessoas que devidamente desempenhassem estas funcções.

Tendo cabido a Portugal a nomeação de dois membros do jury, esta nomeação, pela fórma exposta, recaiu em Augusto Ferreira Pinto, e Guilherme Kopke.

Os productos do districto do Funchal foram dalli directamente remettidos para Londres, e constavam de uma serie de productos do reino mineral, do reino animal, e de varios objectos manufacturados. Resta-me, em observancia dos pontos da portaria que deixo citados no principio do presente officio, referir-me ás despezas feitas com a exposição dos productos portuguezes em Londres.

Cumpre-me observar a v. ex.ª que destas despezas só posso dar conta das que directamente se fizeram pela commissão; as quaes devidamente documentadas, constam do seu livro de caixa; e não estando estas findas prefazem até á presente data a quantia de 1:915$128 rs.

Como a commissão nenhuma parte directa nem indirecta teve nas contas das despezas da agencia que em Londres o governo nomeou, eu tomo a liberdade de devolver a v. ex.ª a conta dessa agencia que vejo ser da importancia de £ 914, 8ˢ, 8ᵈ, sem nella ter visto mais do que a somma; e juntamente um officio que se lhe refere do ministro de Sua Magestade em Londres. Como commissario regio tambem não tomei parte directa nem indirecta nas despezas a que se refere a dita conta.

Tendo sido concedida á commissão, para uma parte dos seus trabalhos, a casa da fazenda do arsenal de marinha, é do meu rigoroso dever, pelo que sei, em virtude da minha posição especial em relação a esses trabalhos, assegurar a v. ex.ª que não póde ser excedida a boa vontade com que todas as auctoridades do arsenal se tem havido para coadjuvar a commissão, devendo fazer menção especial do almoxarife da referida casa Vicente Ferreira Duarte, e do escriptuario José Januario de Barros Dantas.

No que deixo exposto verá v. ex.ª quanto se me offerece informar para ser presente a Sua Magestade ácerca dos trabalhos que precederam a commissão de que tive a honra de ser encarregado.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 13 de março de 1852. — Illm.° e exm.° sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino. — O commissario regio de Portugal á exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

ORIGEM DO DOMINGO.

Os dez mandamentos da lei, gravados pelo dedo de Deus em duas taboas, e dirigidos em seu nome por bocca de Moisés a toda a nação judaica, não são outra coisa mais de que uma como nova publicação dos preceitos principaes da lei natural. São por consequencia de todos os tempos, e obrigam da mesma sorte em todos os planos, que Deus ha traçado para regular o procedimento dos homens. S. Thomaz, e com elle todos os theologos, convém que, não se consultando outra coisa mais do que a lei natural, se conclue facilmente que ha um dever essencial de assignarmos para o culto divino um dia fixo, que se renove, depois de ter decorrido um breve espaço de tempo, isto é, um de sete, pouco mais, ou menos, de maneira que então fiquem parados os trabalhos corporaes, e as occupações do seculo.

A lei pois do sabbado, considerada em respeito á obrigação de santificar um dia da semana, era um preceito da lei natural: entretanto, era como fazendo parte da lei de Moisés, ou se attenda ao proprio dia da semana, em que fôra determinado, ou ás circumstancias particulares, que entravam no modo de sua guarda.

Depois da ressurreição de Jesus Christo, e da descida do espirito santo em dia de Pentecostes, a festa do sabbado se transferiu para o dia seguinte, isto é, do ultimo para o primeiro dia de semana, alteração esta, que se conhece da praxe constante, e da tradição da igreja. Achamos em algumas passagens dos livros canonicos dos apostolos menção expressa do dia do Senhor. S. João diz que estivera na ilha de Patmos em um domingo, quando o Senhor lhe revelou os mysterios, que nos refere no Apocalypse, tocante ao estado das egrejas particulares da Asia, e da egreja universal em os tempos futuros. S. Lucas no livro dos Actos falla do primeiro dia da semana, em que os discipulos se juntavam para partirem o pão, isto é, celebrarem a sagrada eucaristia, e onde S. Paulo prégou até ao meio da noite. O mesmo apostolo determinou, que em o primeiro dia da semana se fizesse uma collecta a beneficio dos pobres, em o ajuntamento dos fieis; porém todos estes logares das santas escripturas, que só fazem menção indirecta do dia do Senhor, e do primeiro dia da semana, como empregado no serviço divino, em tempo dos apostolos, de nenhum modo nos mostram que a obrigação de guardar o sabbado dos judeus se trasladasse para este dia, nem porque arte o devemos guardar, e nem ainda que seja este o dia santo da semana. Não temos certeza alguma sobre estes pontos, que não dimane da tradição dos apostolos, no que os proprios protestantes se ajustam comnosco.

Os padres mais antigos, e os successores immediatos dos apostolos, fallam do dia do Senhor, como tendo substituido em toda a igreja christã o logar do sabbado judaico. S. Ignacio, discipulo de S. Pedro, faz allusão a esta mudança, quando em ponto de exhortar os fieis de Magnesia, a que não se deixassem arrastar do erro, pelo que tocava á observancia das ceremonias da lei judaica, lhes recommenda que não guardem o sabbado dos judeus, mas que vivam de sorte que correspondam á santidade do dia do Senhor, dia este em que por virtude, e merecimentos de sua morte, nossa propria vida surgiu da região dos mortos. S. Clemente de Alexandria illustrou esta passagem, quando na explicação do que é viver conforme a santidade do dia do Senhor, diz: «O que « observa o Evangelho vive no dia do Senhor, quando, « renunciando a todo o máo pensamento, elle se torna « verdadeiramente filho da luz, isto é, que não con-

« serva em seu espirito senão idéas santas, e puras, « pois deste modo glorifica o mysterio da resurreição « do Salvador.»

Ainda que estes santos deram ao domingo o nome do dia do Senhor, não receiaram todavia, quando fallavam aos pagãos, chamar-lhe — dia do sol —; e com effeito, ainda que esta denominação teve a sua origem nas superstições da idolatria, e no culto dado aos planetas, ficou sendo o nome vulgar, para distincção dos mais dias, de maneira que nos podemos servir della como de uma expressão trivial, sem a mais pequena sombra de superstição. S. Justiuo martyr, em a Apologia mais extensa dos christãos, assim lhe chama. Tertulliano, fallando com os idolatras, não lhe dá outro nome; quando porém falla sómente aos christãos, designa-o pelo nome de dia do Senhor. Os imperadores Constantino Magno, Valentiniano I e II, Theodosio o velho e o moço, nas leis que fizeram, e publicaram, chamam-lhe o dia do sol, se bem que de vez em quando lhe acrescentam o nome de dia do Senhor, nome tambem usado por S. Diniz de Corintho, por S. Irineo, por S. Militão de Sardes, por Origenes, por S. Cypriano, e outros muitos.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 453.)

A opinião da probibição do commercio a retalho aos estrangeiros tomou tamanho vulto em meados de 1848, que o sr. Tobias, como eu acima disse, animou-se a offerecer na camara temporaria uma *emenda* concebida naquelle sentido para substituir o projecto sobre os caixeiros brazileiros já em discussão. Mas posto que esta *emenda* encontrasse grande acolhimento na população menos illustrada, e se apresentasse apoiada pelos srs. Nunes Machado, Lopes Neto, Villela Tavares, Arruda da Camara, M. Sarmento, e Faria, foi refundida pela commissão a que a enviaram (era membro della o mesmo sr. Tobias d'Aguiar) a qual na sessão de 29 de agosto apresentou o seu parecer, decretando a admissão de um caixeiro brazileiro em cada casa de commercio, e isentando do recrutamento e do serviço da guarda nacional um ou mais dos ditos caixeiros, conforme os capitaes de cada estabelecimento. A probibição de os estrangeiros venderem a retalho era ahi completamente desattendida.

Desde então essa probibição ainda não cessou de ser o pensamento mimoso das classes menos abastadas, de feição que o homem de qualquer dos partidos que aspirar á deputação, e por consequencia á popularidade, tem de habilitar-se previamonte ante as turbas, apresentando-lhes um programma em que se manifeste acerrimo sectario de tal probibição, e em que impute aos portuguezes o crime de haver poucos filhos do Brazil com estabelecimentos de vender por miudo, ou com officina de sapateiro, alfaiate etc.

Esta necessidade de agradar ás classes populares, lisongeando-lhes as opiniões mais predilectas, trouxenos ainda uma curiosidade a meu vêr summamente rara na vida dos partidos politicos. Consiste ella em ser a gente portugueza, quero dizer, a gente mais soffredora, pacata e trabalhadora que habita a terra de Santa Cruz apezar da sua indubitavel affeição para o saquaremismo, ao mesmo tempo asperamente injuriada não sómente pelo partido luzia, senão ainda por alguns saquaremas, ou que ultimamente se haviam unido ao partido saquarema. Estes homens viam que a prohibição de commercio a retalho era uma temivel arma nas mãos dos contrarios; quizeram por conseguinte tambem lançar mão della. Mas apezar de haverem certos campeões do partido dominante maltratado os filhos de Portugal unicamente para obterem, ou conservarem uma popularidade fofa e tão perduravel como a luz do vagalume, com tudo nem por isso têem faltado em ambos os lados, que se disputam a direcção dos negocios publicos, brazileiros de valor bastante para a respeito do commercio a retalho, mesmo da tribuna legislativa, ousarem fallar verdade aos seus concidadãos. Produzirei alguns exemplos.

O sr. Ferraz na sessão de 4 de julho de 1848 exprimia-se por este theor:

« O orador reconhece que a opinião que segue não é a opinião popular, mas está convencido que serve ao paiz adoptando esta opinião, e por isso antes quer perder qualquer popularidade que possa por ventura ter, do que fazer o sacrificio de opiniões que julga uteis ao paiz. »

O sr. Goes concordou com o precedente orador, como se verá pelas palavras que já delle ficam transcriptas, e pelas seguintes:

« Conhece que é uma tarefa ardua e odiosa a daquelles srs. deputados que combatem a medida; mas dirá tambem que é patriotica da parte dos que assim procedem. O orador antes prefere render culto á razão e á verdade, do que a essa popularidade vã e fofa que se pertende adquirir com a apresentação de certas medidas; popularidade que se assemelha aos montes de arêa formada no deserto, que com qualquer tufão, com qualquer sopro se desfazem e desapparecem. »

Já na sessão de 28 de junho o sr. Souza Franco, então ministro dos negocios estrangeiros, havia dito:

« Acha (elle ministro) muito conveniente que se entre na discussão da materia, para que se venha no conhecimento de que o mesmo projecto do sr. Nunes Machado (o que mandava ás casas de negocio ter pelo menos um caixeiro brazileiro, e isentava estes da guarda nacional, foi offerecido em 10 de junho) traz muitos inconvenientes que elle talvez não previsse: que favorece demasiadamente uma classe em prejuiso das outras classes; e que o fim que o sr. deputado teve em vista *só se póde conseguir por um conjuncto de medidas muito mais satisfactorias.* O governo não está persuadido nem que seja tempo de tentar conseguir o fim por este meio que lembrou o sr. deputado, nem que o projecto que elle offereceu seja o mais proprio para isso. Não quer entrar agora na discussão do projecto: do contrario demonstraria que de facto o estado da população ficaria muito mais prejudicado com medidas deste genero. »

Na de 11 de julho ainda o mesmo ministro fazia ante a camara a seguinte declaração:

« Se apparecesse a idéa de que alguns melhoramentos são precisos no sentido de fazer com que os

brazileiros tenham mais importante parte nos diversos trabalhos da sociedade, esta idéa seria muito justa, o governo procuraria os meios de a effectuar; *mas os meios directos* que se apresentam não pódem ter os resultados que se deseja. O que se pede? Que cada uma casa nacional ou estrangeira seja obrigada a ter um caixeiro nacional. Terá o paiz pessoal sufficiente para apresentar de um dia para outro caixeiros brazileiros para todas as cazas de commercio? Mas suppondo que o paiz tem o pessoal necessario, suppondo que poderia o trafico a retalho ser feito pelos brazileiros, tem elles desde logo as habilitações necessarias, e os capitaes necessarios?

« O orador passa a mostrar que o commercio do Brazil, assim como o de todo o paiz que começa, é quasi todo feito com capitaes estrangeiros, que grandes prejuisos teria o paiz com a adopção do projecto, porque difficultaria a entrada dos capitaes, diminuiria a concurrencia, impediria o augmento da população, e traria a carestia do genero. Entende que muito se póde fazer em beneficio dos brazileiros, mas nota que os meios de que se lança mão não são os mais convenientes, porque não se deve tratar de difficultar a entrada dos capitaes que vem enriquecer o paiz. »

O sr. Taques orava no mesmo sentido na sessão de 14 de julho, e são muito para notar as seguintes expressões delle:

« Nota que na camara se disse que as idéas do sr. Nunes Machado eram a expressão de um voto do paiz, e clamores populares; a questão não é se as idéas do nobre deputado estão de accordo com esses clamores; a questão é se esses clamores são fundados. Um homem de estado não é um humilde servo dos clamores publicos; elle primeiro deve ter em vista a razão, procurar satisfazer as necessidades do paiz, conter, esclarecer e guiar a opinião publica, quando ella não vai de accordo com o que prescreve a razão. A idéa da exclusão do commercio estrangeiro e da chamada de toda a industria aos nacionaes é uma grande mina de popularidade, os partidos nas provincias do norte tem mais ou menos explorado esta mina.... »

E para concluir, tambem nesta occasião o *Correio Mercantil*, cujas opiniões progressistas são bem conhecidas, se dirigia aos seus compatriotas (veja-se o *Publicador Maranhense* n.° 714) pelo modo que se vai vêr:

« Desde muito tencionámos dar a nossa opinião a respeito das questões que fazem o objecto deste artigo; tão melindrosa, porém, a consideramos, que tremiamos de o fazer; mas ao lermos o que a respeito se tem ultimamente escripto no norte do imperio, e ao vermos o que se diz nesta capital, assentámos de não demorar por mais tempo a publicação de nossos sentimentos a respeito, a de procurar, quanto em nós cabe, firmar a opinião publica que de taes materias se occupa com empenho; tanto mais porque ainda os interessados nutrem receios de que uma decisão imprudente os prejudique em seus interesses, e involva o paiz em difficuldades internas e em questões exteriores.

« E o melindre da questão provem menos della em si mesma, do alcance embora mui vasto e extenso a que póde ir, que das vistas apaixonadas dos que, em objecto tão importante, só procuram attender ao lado pelo qual a odiosidade póde atacar mais de frente seus adversarios politicos. E nós, que nas questões desta ordem perdemos de vista os interesses de partido, para sómente consultar os da tranquillidade e futuro engrandecimento do imperio, havemos de aconselhar a uns mais circumspecção na adopção de theorias que a experiencia tem por vezes condemnado, e havemos ainda com mais severidade censurar aquelles que adulteram, afeiam mesmo terrivelmente, intenções que devem acreditar talvez erroneas, mas nunca criminosas.

« A opposição, é nossa intima convicção, está persuadida como nós, que esta theoria de restricções á introducção de braços e capitaes estrangeiros pela limitação imposta á sua occupação dentro do paiz, provém em grande parte de doutrinas erroneas sobre a producção e distribuição da riqueza, e não do desejo de damnificar o paiz para beneficio individual ou de certas classes. E se é esta sem duvida alguma a opinião dos directores opposicionistas, por que a contrariam em seus discursos e publicações pela imprensa, e desacreditam o paiz aos olhos do estrangeiro? Questões desta ordem não pódem, não devem nunca servir para manejos de opposição ao governo, ou á politica dominante.

« Por toda parte em que a mão da providencia favorecendo a um paiz com terrenos saudaveis, ferteis e bem situados, convida a que o venham explorar os habitantes de outros mais antigos na civilisação, e nos quaes a concorrencia de população excessiva e capitaes abundantes obriga parte delles a retirar-se, a emigração se estabelece e os capitaes a acompanham e vão desenvolver as riquezas dos paizes novos, e nas condições descriptas. A consequencia é, pois, que esta introducção de novos braços e capitaes, melhor dirigidos pela experiencia, melhor aproveitados com o soccorro de mais adiantados processos e machinas empregadas na industria, na agricultura, no proprio commercio, enriquecem o paiz de sua nova adopção, derramam e melhoram a instrucção publica, desenvolvem a civilisação, e asseguram força e poder ao estado.

« Mas é consequencia destes factos, que ou em virtude dos capitaes que importam comsigo, ou de mais subido credito para com os seus possuidores, ou por diversas outras rasões, são em regra os estrangeiros os que mais lucros tiram destes mesmos capitaes e dos meios productivos do paiz, e portanto os que mais promptamente enriquecem e ganham vantajosas posições. E dahi as comparações desfavoraveis aos nacionaes, ou pelo menos áquella parte dos nacionaes que não tem sido tão feliz, e como consequencia o ciume dos estrangeiros, as queixas contra o governo ou legislação que assim os favorecem, e os felicitam mais do que os proprios naturaes do paiz.

« São factos observados no antigo como em o novo mundo, nas épocas recentes como nas da antiga e da media idade. É a estas causas se pódem attribuir em parte a expulsão e máu tratamento que teem soffrido os judeus em todo o orbe, a expulsão dos mouros da Hispanha, dos huguenotes da França, e as medidas restrictivas do trabalho e commercio estrangeiro que nos ultimos annos adoptaram algumas das republicas da America.

« Em todos estes casos tem vindo a experiencia demonstrar aos incautos sustentadores destas erroneas theorias, que ensinam como meio de favorecer os nacionaes a adopção de medidas restrictivas contra a livre entrada de braços e capitaes estrangeiros no paiz, e sua applicação aos trabalhos de sua escolha, os pessimos resultados que acarretam. Em todos elles, e é regra sem excepção, são tão promptos e visiveis os desvantajosos effeitos das restricções, que o arrependimento e revogação das medidas não se fazem esperar por muito tempo.

« A comparação do estado das provincias do imperio que, situadas no litoral e mui frequentadas pelo commercio estrangeiro prosperam e enriquecem, com as do interior que pela rasão inversa continuam atrasadas e pobres, é para conveniencia das vantagens da entrada de braços e capitaes importados do exterior; e não menos se reconhece nellas essas vantagens que sobre grande parte dos nacionaes gozam grande numero de estrangeiros.

« No Rio de Janeiro, por exemplo, veem-se grandes fortunas adquiridas pelo commercio exterior e interior, e quasi exclusivamente por estrangeiros, e a par delles que não pequeno numero de brasileiros continuam na pobreza, faltos de occasião e meios de desenvolverem seus recursos. Mas em Goyaz, no Matto-Grosso, no Espirito-Santo e em tantos outros pontos do imperio, se não ha estrangeiros ricos por um commercio que quasi falta a esses pontos, tambem os brazileiros que os habitam continuam em pobreza ainda mais desgraçada que a das cidades do littoral.

« E a differença vem então a consistir em que por toda a parte onde o commercio estrangeiro leva seus meios, seus braços e seus capitaes, felicita-se o paiz em geral, augmenta-se a renda publica, ha novos meios de trabalho para os nacionaes do paiz que o desejem e saibam aproveitar; e com o volver dos annos vem toda essa riqueza, os soberbos edificios, os moveis sumptuosos e em geral todos os objectos de luxo e usos da vida a passar para mãos nacionaes, por algum desses meios de transmissão de propriedade, heranças, casamentos, doações, compras, que passam as riquezas para as novas gerações.

« E a differença consiste em que esses pontos favorecidos pelo commercio estrangeiro e introducção livre de braços e capitaes, como seja a cidade do Rio de Janeiro, se enriquecem e adiantam: seus naturaes tornam-se, com o volver dos annos, ricos e poderosos; no entretanto que o Goyaz, Cuyabá, Espirito-Santo e tantos outros pontos do imperio continuam atrasados e pobres, e seus habitantes, os filhos do paiz, não sabem nunca da pobreza em que viveram seus pais.

« É, pois, necessario concluir que principalmente ao commercio estrangeiro, á entrada de mais braços e capitaes que os existentes no paiz, deve o Rio de Janeiro, a Bahia, Pernambuco e outros pontos do imperio o desenvolvimento que vão tendo, que, para que as outras o obtenham, convêm muito facilitar-lhes egualmente a entrada livre e desembaraçada de mais capitaes e braços; e que toda a theoria que procure o melhoramento do paiz nas idéas contrarias, nas restricções propostas ao commercio estrangeiro, deve ser proscripta como tendendo aos resultados oppostos, isto é, ao empobrecimento do paiz,

« E não se diga que se não difficulta a entrada de braços ou colonos estrangeiros quando se limitam os trabalhos a que se pódem applicar. Se hoje, porque todas as industrias lhe estão facilitadas, entram 8 ou 10:000 estrangeiros por anno e vão os $\frac{1}{5}$ dar-se aos diversos ramos do commercio, se amanhã lhe fôr este vedado em parte, se não poderem ser caixeiros, se não contarem com a possibilidade deste ultimo recurso ainda aquelles que se destinem á agricultura, ás artes e a outros diversos misteres, em logar de 8 a 10:000 entrados por anno, teremos que só entraram 2 ou 3:000, e será a perda para o imperio a diminuição annual de 6 a 7:000 emigrados.

« E se hoje com inteira liberdade de commercio, e porque pódem os importadores dirigir, como melhor lhes apraz, seus capitaes, e os confiar a quem lhes convêm, entram cerca de 60:000 contos de réis por anno, e se demoram por tão longo tempo, que podemos com o sr. Souza Franco, ministro dos negocios estrangeiros, orçar em 100:000 contos de réis os capitaes que continuam sempre a credito no paiz; se fôr limitada aquella liberdade, teremos muito reduzidas aquellas entradas, serão mais curtos os prasos, e pelo menos haverá para o imperio a perda do uso de metade destes capitaes, isto é de 50:000 contos de réis annuaes. »

Como o meu verdadeiro intento não é discutir se ao Brazil convêm ou não vedar aos estrangeiros o commercio a retalho, senão expór as causas que suscitaram esta questão, e demonstrar que os portuguezos foram a ella arrastados injustamente, e com intentos meramente politicos, abandonal-a-hei para voltar ao meu proposito.

Em outro logar disse eu que os portuguezes residentes no imperio, dedicando-se ao commercio por miudo e ás profissões mecanicas, não faziam senão o que os brazileiros por perguiça, ou pelas preoccupações da educação recusam fazer. Desenvolverei agora este pensamento.

As infimas classes do povo brazileiro que habitam do Rio de Janeiro para o norte, ou sejam oriundas da raça indigena, ou da africana, geralmente fallando não sentem os aguilhões da ambição, nem aspiram a viver senão como os seus passados. A benignidade do clima quasi totalmente lhes dispensa o uso das roupas: um casebre ergue-se ahi em qualquer canto sobre meia duzia de esteios que os matos gratuitamente fornecem; em quanto para tectos, portas e janellas lá está a inapreciavel pindoba, que nasce e prospera em toda a parte: o mar, os rios, e as matas encarregam-se de quasi toda a subsistencia indispensavel. O cachimbo, e algumas bebidas espirituosas, para as quaes ainda o paiz contribue com os necessarios ingredientes, eis todo o luxo dos individuos destas classes disseminados pelo interior. Ora, para o satisfazer, assim como para acudir a tão diminutas precisões, essa gente não carece nem de se afadigar, nem de comprometter a sua selvagem independencia, pelo que voluntariamente quasi nunca se presta ao serviço do exercito ou da marinha, nem a outro algum.

A antipathia destas classes para o trabalho, e para a sujeição é tal, que a generalidade daquelles mesmos individuos dellas que vivem nos grandes povoados, e ahi testemunham as commodidades da opu-

lencia, e até da abundancia, não se abalam com isso, e passam o dia, o mez, o anno, e toda a vida, balançando-se na rede, e cachimbando, sem se lembrarem, senão das necessidades do momento, como a fome e a sêde, apasiguadas as quaes recahem na costumada indolencia. Daqui resulta que a physionomia da plebe brazileira em nada se assemêlha á da plebe europea. Esta vive sempre na sujeição e dependencia, é um soberbo viveiro para as profissões industriaes, mecanicas e commerciaes, para as da marinha, para as da guerra, e mesmo para as scientificas; presta-se a todos os serviços domesticos, trabalha incessantemente, e ás vezes mais do que póde; mas apezar disso cabe-lhe quasi sempre em patrimonio a indigencia, a penuria, e todos os sacrificios. Aquella não é indigente, por que não multiplica as suas necessidades, e com pouco satisfaz ás da natureza, mas não lida, não faz sacrificios, senão quando a constragem a lidar. Vereis ahi milhares destes homens na mais absoluta e enojosa ociosidade, porém entre tantos não encontrareis um que queira ser vosso creado, seja qual fôr o salario que lhe offereçaes.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIII.

NEM SÓ A ROSA E' FLÔR.

(Continuado de pag. 455.)

Os olhos de Thereza eram verdes, daquelle verde fino e transparente, cujo brilho é magnetico e invencivel. Ha tão poucos, e pedindo podem tanto, que ditosas as damas se possuem com elles o condão de captivar.

A. côr engana. Como a do mar é cheia de mysterio. Se o verde nos olhos de esmeralda fosse esperança, o tormento de os adorar era menor. Falsos nas promessas, inconstantes na paixão, rindo matam, e sérios enlouquecem. Tranquillos, sempre dizem menos do que escondem; irados cortam o coração com o seu rigor... E apesar de tudo, feliz do homem que elles querem illudir, fazendo-o seu captivo!

Ha dissonancias, e harmonias raras nesta côr, que não tem rival. Serena reve-se no silencio e no devaneio; é a imagem adoravel da poesia e da solidão. Exhala-se della o suspiro da alma, quando meia chorosa sobe procurando o enlevo dos seus sonhos. Ainda humida de saudade, se a vista pensativa se illumina de repente, e o sentimento dardeja um raio dentre a chamma quasi extincta, não é como o sol nascente beijando com o primeiro osculo sobre as rosas trementes os orvalhos da aurora? Aquelle verde assetinado esmorecido na cristalina pupilla, não aquece, allegrando-se á sua luz, todos os prodigios de uma belleza fascinante?

Como reflecte, em mil variações sublimes, agora o mimo da planta, logo o aveludado amoroso da peonia, depois o requebro e a frescura esquiva da anemola! E se uma faisca, mais forte, a incendêa, se passou pelo coração o arido sopro da cholera ou do ciume, como em um momento o brilho se turva, a meiguice se torna altiva, e a doçura se faz orgulho! É o mar, levantado com a ira, sacudindo com as vagas arremessadas o socego em que adormecia! Como então correm por estes olhos, seus iguaes na magestade e no poder, os reflexos voluveis, zebrando a iris inflammada de tons caprichosos, de cambiantes admiraveis! Que belleza até no odio!

A vista, que trespassa de uns olhos verdes, nem é diaphana que descubra os abysmos do coração, nem discreta que os deixe ignorar. Rara vez uma lagrima virá suspender-se no sorriso, que brinca na pupilla; mas se o amor chega em fim a arder nelles, o sol é pallido ao pé dos fulgores de que a vista magnetica doura o sentimento.

Que segredos de ineffavel ternura até então encerrados não descobre! Que extremos de carinho e de sensibilidade nos offerece entre as delicias destas mudas declarações, mais firmes do que os juramentos!

Quem a viu baixar do céu, trazendo na doce luz quanto a paixão e o amor exprimem, sabe se a ventura não foi barata á custa do martyrio.

Como é suave o seu affecto, vacillando entre o pejo e os desejos! Como e transparente o véu do pudor não cobrindo, mas revelando entre suspiros, as palpitações do amor! Que eloquencia no silencio: que voluptuosidade até na timidez! Aos olhos meridionaes, em que brilham, não é o verde felino que é exotico, mas o verde que reflecte no brilho esplendido os veios assetinados da malaquite; pedindo elles, ousará alguem dizer que não, ou cuidar que lhes resiste? É o que succedia com Thereza.

As sobrancelhas desenhavam a purissima curva, avivando as arcadas; e as palpebras delicadas tinham a graça e o requebro virginal que provam que a vida ainda não é senão flôr. Bastava obser-

var, para se conhecer que estavam mimosas do halito das paixões, não se molhando senão de lagrimas innocentes. Nos olhos um pouco fundos, o claro-escuro da orbita, e as ramosas pestanas, accusando o branco imperceptivelmente anilado, faziam sombra á pupilla, esfumando de leve os toques de rosa fina, esmorecidos, e não pizados, que os circulavam. Quando se erguia a vista, reflectindo a maviosa ternura da alma, o fluido luminoso, em que se perdia, dava-lhe a suavidade casta, a persuasão divina, que o galantéio não imita, porque ha segredos do coração, que illudem até ao fim a arte.

Na vista de Thereza, o amor, se existisse, como seria eloquente! mas no logar delle o sentimento dizia o que estremece o coração, quando por sobresaltado, ou por ingenuo, atraiçoa os sonhos, que o deleitam. Observando aquelles olhos orientaes e rasgados, tão cheios de silencio e de expressão; e notando a innocencia, com que umas vezes se entregavam, e a malicia com que outras se escapavam altivos ou ironicos, facil era conhecer que a alma isenta estava virgem; e que as palpebras tão ciosas em lhes moderar o fogo, nunca se tinham cerrado, fatigadas pelos osculos do amor.

A magoa ainda os não pizara tambem. Estava muito longe da sua viveza o cançaço livido, que murcha e queima, aonde pousa, botão ou planta. Via-se na sua pureza, na transparencia da côr, e no rosto viçoso a casta formosura, infantil ainda hontem, da mulher que apenas sabe adivinhar que é já mulher.

O pé de Thereza era estreito e arqueado como o de Cecilia; as mãos finas e de uma alvura quasi diaphana; e os dedos, de um jaspe corado e afilados, tinham o geito seductor, e a gentileza aristocratica, que não deixa nada a desejar. A cintura flexivel e delgada cedia sem esforço, cabendo no mais delicado circulo. O seio, palpitando debaixo da telilha, modelava-se, deixando adivinhar os seus thesouros; e as mangas largas e ornadas de espiguilha descobriam o braço torneado quasi até ao cotovello. Ao menor gesto desenhava-se o corpo em toda a elegancia, realçando o meneio e o garbo pela naturalidade dos movimentos. As posições da cabeça, ora meigas e pensativas, ora orgulhosas e arrebatadas, ou dominavam ou seduziam. Os musculos tenros não tinham nada de seccos; e a perfeição dos contornos indicava a mulher feita, rica de toda a seiva, mas mimosa daquelle melindre menineiro que adoçando o que ha de mais firme e arredondado nas fórmas pela suavidade e frescura da carnação une o requebro e a meiguice ás outras graças, para lhes realçar ainda mais a innocencia virginal.

Raras damas seriam mais airosas no andar; os pés, breves e ligeiros, quasi que não se pousavam no chão; todos os gestos eram dotados de elegancia facil, raro segredo das mulheres seductoras. Exceptuando Cecilia, ninguem talvez podia igualar a melodia da voz, cuja doçura vibrava dentro da alma. As menores palavras repassava-as de agrado fascinante; e puras como as notas crystalinas de um instrumento, caíam do ouvido no coração para não esquecerem nunca. A similhança entre as filhas de Filippe da Gama reduzia-se a isto; mas era tão grande que em as duas conversando, a falla confundia-se, e o observador attento era incapaz de as distinguir.

Entre o caracter e a physionomia de Thereza havia toda a analogia. Os olhos, quasi desgostosos, que se elevavam ao céu tantas vezes, eram o espelho da alma, que procurava ao longe e inquieta as visões da phantasia. Mais velha do que sua irmã tres ou quatro annos, e muito mais serena de genio na apparencia, Thereza vivia muito com o seu coração, e quasi nada com o mundo. Discreta, sabia guardar um segredo; se o rosto pensativo corando trahia repentina commoção, era prompta em a esconder depois. Observada sem exame não parecia tão animada como sua irmã. Menos jovial, contendo melhor a malicia do sorriso, e a viveza da vista, se ella queria, nenhuma bocca era mais engraçada; e poucos olhos grocejavam tão delicadamente. Filha do Meio-dia, o sol peninsular, que lhe dourava a pelle de um fino reflexo moreno, dotava-a do calor da alma, e do fogo da imaginação, que tanto suspira nos seus raios.

A tendencia para a melancholia serena projectava-lhe uma sombra no semblante, tornando mais expressiva depois a vivacidade do espirito, mais elevado do que o nascimento. Mulher nas prendas e ua sensibilidade, o seu peito era inexhaurivel na dedicação e no affecto. Mas quem estudasse de perto o geito altivo, em que se increspava o labio superior, e o comparasse ás posições magestosas da cabeça, e ao olhar dominador e incisivo, descobria logo entre as joias de tantas qualidades um espinho, rasteiro ainda, mas que depressa se faz alto — o orgulho!

Eram raras as coisas que pareciam grandes á esta imaginação fogosa, que arrebatariam apenas as magnificencias da lampada de Aladino. Em

segredo, e accusando-se muitas vezes a si mesma, escapava-lhe um suspiro, e pungia-lhe uma dôr vaga : — o berço em que nascera era modesto de mais para a altura das ambições. Como a ave no captiveiro geme saudosa dos soberbos palmares da India, ella quasi chorava a humildade do nascimento no regaço da própria mãe, entre os beijos e caricias do seu amor. A ternura attraía-a; o orgulho magoava-a. N'outra esphera (pensava Thereza) a vida não se offuscaria em obscuros deveres e seria radiosa de adorações e de grandezas. Era o germen funesto depositado na confusa inquietação de um coração ainda novo, aberto a todas as illusões, e tão delicado no sentimento, como generoso em tudo o que não cabia nestas vaidades da esperança e do capricho.

Creada desde pequena com sua irmã e com Jeronymo, vira desabotoar-se sem inveja a mimosa belleza della, e applaudira quasi com paixão o arrojo e os distinctos feitos que illustravam o mancebo. Entretanto, se lh'o perguntasse alguma vez, e quizesse a verdade, o seu coração pouco lhe diria dos affectos, que estremecem o amor, e dos cuidados e ciumes, que lhe avivam as doçuras ineffaveis. Era mais irmã do que noiva, a ponto de facilmente se consolar de qualquer infidelidade, embora a deixasse sem o esposo promettido desde os brincos da infancia.

Amaria outro? Não! Ainda conservava a tranquillidade d'alma, na qual parece tudo frio, e indifferente. Mas os olhos, que não suspiravam, mas o sorriso que tanto adormecia, quando, fugindo ao mundo, corriam atraz de um sonho, ou de um desejo, bem deixavam perceber o que seria aquelle coração e aquelle rosto se a calma e a bonança um dia se exaltassem com as primeiras agitações do amor.

Na alma de Thereza havia já a lucta e a tentação: ardendo sobre si mesma, se não amava ainda com a adoração exclusiva das grandes paixões, o seu espirito nutria-se das miragens da imaginação, e procurava no mundo com esperança uma realidade para os seus caprichos. O homem da sua escolha não o tinha visto nunca, mas já o conhecia; era o enlevo e o confidente de mais de metade da sua vida, a vida da alma e do sentimento. Acreditava que elle havia de vir e esperava-o, como se espera e deseja a volta do irmão, que mal nos appareceu na infancia, e que a ausencia e a saudade enriqueceram de todas as affeições e qualidades.

Não menos firme do que Cecilia, cheia de abnegação e de enthusiasmo como ella, a sua timidez era mais viril, a sua paixão ardente e excessiva. Tinha-lhe Deus concedido a força que faz luctar com heroismo e não caír senão com o ultimo suspiro. Mais perigosa e resoluta, Thereza tinha no seu orgulho aquelle poder que nas mulheres é a origem dos grandes sacrificios, tornando-as admiraveis, quando se levantam soberbas do seu amor, ou vingativas e fortes do seu ciume!

A opposição entre a vida moral e a realidade é que dava a Thereza a melancholia serena, que lhe notámos. Ainda tudo era problema para ella. Na immensidade do desejo, e no infinito da ambição, por mais alto que subisse, ainda não tinha encontrado senão trevas e distancia. Na hora em que estamos seria incapaz de definir as aspirações variaveis da sua alma. Não podia suppôr-se infeliz, e apesar disso faltava-lhe muito para se dizer ditosa. Tinha tudo o que faz as delicias de uma existencia socegada, e entretanto suspirava ainda; ía ser noiva e esperava pelo amor; era já mulher, e sonhava como a infancia; tinha os mimos e ternuras de filha e de amante, e apesar disso procurava sempre, e mais longe cada dia, a chamma verdadeira do affecto que adivinhava, e não sentia! Queria-se enganar ás vezes, e attribuir os receios que a entristeciam aos timidos suspiros do pudor, mas uma voz do fundo d'alma respondia-lhe: se amasses verdadeiramente eram seculos as horas até o possuires!

Por isso, tentando distrahir-se, acceitava com jovialidade as travessuras de Cecilia; e esta beijando-a loucamente, e abraçando-a extremosa, não cessava de a ferir com a malicia das allusões, e o chiste das perguntas, apesar das censuras de Catharina, prompta em estranhar á educanda a finura dos seus gracejos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Sobre o destino do palacio de cristal.— Ainda em Londres se ventila a questão de conservar ou demolir o famoso edificio da exposição industrial. Á frente dos que desejam mantel-o de pé figura o sr. Benjamin d'Oliveira. Escreve aos jornaes inglezes, celebra reuniões numerosas, profere eloquentes discursos, reproduz dados irrefragaveis, e arrasta apos si a opinião publica. O seu projecto de conservação do palacio de cristal é nobre, engenhoso, e util á propagação dos conhecimentos humanos. Propoem que a parte interior seja convertida n'um vasto conservato-

rio, com fontes, passeios, plantas e arbustos, que pódem medrar n'uma temperatura moderada, e comprehenda tambem collecções de mineralogia, de botanica, de geologia, modelos de architectura, desenhos de toda a especie para serem interessantes e instruirem a toda classe de concurrentes; e além disso eschólas de desenho, e cadeiras de outras materias de instrucção popular etc.

Para alcançar os fundos necessarios á manutenção, propoem um modico preço de entrada, e uma subscripção annual, paga pelos que quizerem gosar o privilegio de passear a cavallo dentro deste magnifico recinto; recursos estes que produziriam mais do que o sufficiente para cubrir as despezas.

Mina de cobalto. — Uma carta recente de Granada diz o seguinte: — « Está chamando a attenção dos que se dedicam a estudos ou a especulações de mineração a mina de cobalto é de nickel que se explora ha poucos mezes nos prados de Lopera, termo da povoação de Albunuelas, distante obra de cinco leguas da costa maritima. O mineral que produz é abundantissimo, e da mais excellente qualidade. Dá cobalto todo de primeira sorte, misturado com nickel, cuja producção é de 34 por cento, segundo a analyse feita pelo distincto chimico, sr. de Roura, em Barcelona.

Sabido é entre os naturalistas que as minas de cobalto não são mui abundantes, e que este mineral se extrahe e se estanca a poucas varas de profundidade; porém, na mina de que se tracta, quanto mais se profunda mais ricas são as camadas, e melhor é tanto o cobalto como o nickel. A mina chama-se a Carmela, e é explorada por uma sociedade pouco numerosa, que tem por presidente o general Gavarre.

Profusão de novellas. — Os romances ou novellas publicadas até o presente por Alexandre Dumes compoem 592 volumes, as de Balzac 215, as de Eugenio Sue 293, as de Paulo Feval 252, e as do pseudonymo Jorge Sand 95; pelos manuscriptos pagaram os editores mais de dois milhões e meio de francos.

Estudos quimicos. — Mr. Dumas, o ex-ministro, remetteu á Academia das Sciencias de Paris, curiosas notas sobre a composição das côres das antigas pinturas arabes da Alhambra.

Os adornos interiores das salas principaes dos reis mouros de Granada são de alabastro, e consistem em molduras e desenhos em relevo, com os quaes a religião de Mafoma prohibe misturar flores, animaes, ou outro qualquer objecto que represente estes dois reinos organicos da natureza, pela consideração de ser isso um ataque aos attributos da divindade, sendo a creação obra do Omnipotente Senhor dos ceus e terra. Sem embargo desta falta de decorações, as formas geometricas, repetidas constantemente, não carecem de certa elegancia e delicadeza.

Desde que se construiu a Alhambra, não soffreram as suas pinturas alteração notavel, devendo-se isto ao excellente clima da Andaluzia: n'algumas das salas e galerias que circumdam o famoso pateo dos leões se percebem, todavia, as côres applicadas n'outro tempo pelos arabes: estas pinturas em que predomina o vermelho e o azul, conhece-se serem anteriores ao seculo 13.°

A substancia azul, tirada do alabastro, purifica-se com a potassa, e perde a côr no acido chlorhydrico, sem deixar o menor signal do azul do ultramar. — A côr verde, tractada pelos mesmos reagentes, acha-se composta de dois elementos, um azul outro amarello: o azul tem as propriedades do de ultramar, o amarello aquecido levemente á luz de lampada sobre platina, destroe-se immediatamente com uma substancia organica de gomma ou laca vegetal.

Finalmente, o vermelho sendo tratado por meio do mercurio reconheceu-se ser vermelhão ou sulphuro de mercurio.

Vestigios da expedição de Franklin. — Inspira actualmente summo interesse em Inglaterra uma revelação que acaba de ser feita ao almirantado. Parece que conversando ha poucas semanas o capitão de um navio com um official da marinha de guerra lhe contou que na viagem que fizera a Quebec em abril de 1851, tinha avistado sobre um banco de gelo nas proximidades da Terra Nova duas embarcações de tres mastros. Esta revelação deu suspeitas de que fossem as de sir John Franklin; e os lords do almirantado, apezar das poucas probabilidades que pódem deduzir-se desta circumstancia, assentaram fazer as mais completas averiguações.

Escreveu-se aos directores das alfandegas dos differentes portos de Irlanda e de Inglaterra, para informarem se algum navio baleeiro das dimensões indicadas pelo capitão de navio tinha faltado em 1850 ou em 1851. Eis as noticias que se colligiram: — « O contramestre do *Sampson* da marinha real, actualmente em Portsmouth, participa as particularidades de uma conversação que tivera com um capitão mercante de Tynemouth, por nome Storey; isto é; — « quanto á historia dos bancos de gelo, conheço um capitão, que está agora no porto de Schields, o qual me referiu que navegando para a America do Norte na primavera de 1851, o official de quarto annunciou um banco de gelo; e tendo-se approximado quanto o permittia a prudencia, foram vistos tres navios de tres mastros em bom estado de conservação, porém não se divisou nenhuma creatura humana.

O contramestre do *Sampson* suppõe que encalhando as embarcações no banco de gelo, se apossaria da tripulação o terror tão natural das funestas consequencias da ruptura do mesmo gelo, e provavelmente procuraria refugio em logar mais seguro, deixando abandonados os navios.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO ELEMENTAR DE BOTANICA, por *J. J. de Sousa Telles*, pharmaceutico formado pela nova escóla, professor particular de materia medica e pharmacia.

Assigna-se por 400 rs. para a obra completa, em brochura, na rua Augusta n.^{os} 1, 2, 8, 13, 2, e 188, e rua do Oiro n.° 212.

N. B. Publicou-se a 11.ª e 12.ª folhas.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 40. QUINTA FEIRA, 13 DE MAIO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

Portugal.

Illm.º e exm.º sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª, para ser presente a sua magestade a rainha, a inclusa relação rectificada dos premios conferidos a Portugal pelo jury da grande exposição de Londres, e a conta com que julguei dever acompanhar a referida relação.

Tendo dirigido a v. ex.ª, em 13 do corrente, o relatorio dos actos que precederam os trabalhos da minha commissão, julgo-me obrigado, antes de findar o relatorio dos actos que acompanharam esses trabalhos, a levar ao conhecimento de v. ex.ª que os productos portuguezes foram muito apreciados em Londres, e mereceram a seria attenção do commercio. Deve-me ser permittido, ao presente, o cumprimento deste dever, porquanto a prova das minhas informações é auctorisada pelas 15 medalhas e 35 menções honrosas, a que se refere a relação dos premios conferidos a Portugal; — sendo muito para notar que esta somma de 50 premios se deve considerar avultada em relação ao numero dos expositores portuguezes, o qual não excedia a 160.

Julgo dever informar a v. ex.ª de que os productos portuguezes, que voltaram da exposição, teem sido devidamente entregues aos expositores, estando completamente realisada a entrega de quanto se refere ao districto de Lisboa.

Tenho empregado toda a diligencia possivel no desempenho dos deveres da minha commissão para completar a entrega das medalhas que pertencem a Portugal, como v. ex.ª verá pelo extracto incluso, n.º 1, do meu officio de 27 de fevereiro, dirigido aos membros da commissão executiva da exposição de Londres, e pelas copias, tambem inclusas, n.ºs 2 e 3, dos meus officios de 8 e 18 do corrente, dirigidos aos mesmos commissarios. Em resultado destas minhas diligencias tenho a honra de poder passar ás mãos de v. ex.ª mais quatro medalhas, e a cópia, n.º 4, do officio que as acompanhou, pelo qual v. ex.ª verá que as restantes, que são quatro, ainda se não receberam.

Parecendo-me de vantagem publica que alguns dos documentos, que já existem na secretaria do reino, com referencia á exposição de Londres, se publiquem, á similhança do que se tem praticado em outras nações, e para satisfazer aos desejos que muitos expositores me tem manifestado a este respeito, rogo a v. ex.ª que me permitta chamar a illustrada attenção de v. ex.ª sobre a muita utilidade de se publicar no Diario do Governo, com o titulo de — *Exposição universal de Londres — Portugal* — os seguintes documentos:

Officio do commissario portuguez de 12 de fevereiro.
Portarias de 17 do mesmo mez, em referencia a esse officio.
Relatorio, de 13 de março, do commissario portuguez, sobre os actos que precederam os trabalhos da sua commissão.
Relação rectificada dos premios conferidos a Portugal e a conta que a acompanha.
E o presente officio.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa, 27 de março de 1852. — Illm.º e exm.º sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino. — O commissario regio á exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá.*

Traducção.

N.º 1.

Ao sr. doutor Lyon Playfair. — Sr. — Tenho a honra de vos remetter inclusa a lista das recompensas conferidas aos expositores portuguezes, que me tinheis dirigido em vossa carta de 13 de janeiro ultimo. Junto a esta lista outra escripta em inglez, contendo as rectificações que julguei dever fazer, a fim de que fosse conforme ao catalogo dos productos portuguezes e ás notas que eu possuo..........

Chamo a vossa attenção sobre a necessidade de publicar a lista que tenho a honra de vos enviar assim rectificada, cuja exactidão vos affianço, e pela qual me faço responsavel. O meu governo tem o maior

desejo de receber as medalhas que pertencem a Portugal; e para desempenhar os deveres da minha commissão, rogo-vos me informeis se já foram entregues, e quando o não tenham sido, muito obsequio me fareis entregando-as a M. Van Zeller.

Tende a bondade de dirigir a vossa resposta á « Portugueese Financial Agency, Finsbury Chambers. » Recebei, sr., o testimunho de minha alta consideração. Lisboa, 27 de fevereiro de 1852. — O commissario regio de Portugal á exposição em Londres, *S. J. Ribeiro de Sá*.

Está conforme.

N.º 2.

Aos srs. membros da commissão executiva da exposição de Londres. — Srs. — Não tendo ainda recebido o Governo portuguez as medalhas conferidas aos expositores que foram recompensados pelo jury internacional, permitti-me, na minha qualidade de commissario regio de Portugal, sollicitar a entrega das medalhas, se ainda não foi feita. Peço desculpa do empenho com que as sollicíto; mas bem avaliareis o justo desejo dos expositores premiados, de possuirem um documento que tanto os honra. Tende a bondade de dirigir a resposta á « Portugueese Financial Agency, Finsbury Chambers. » Acceitai, srs., o testimunho da minha subida consideração. Lisboa, 8 de março de 1852. — O commissario regio de Portugal na exposição de Londres, *S. J. Ribeiro de Sá*.

Está conforme.

N.º 3.

Aos srs. membros da commissão executiva. — Srs. — Tenho a honra de vos participar que recebi sete das medalhas pertencentes aos expositores portuguezes. Ainda faltam oito para completar a lista das que foram conferidas a Portugal. Rogo-vos, srs., na qualidade de commissario regio de Portugal, de fazer entregar o mais cedo possivel as medalhas que faltam a M. Van Zeller, agente da commissão portugueza, a fim de que em seguida se faça a distribuição em Lisboa. Acceitai, srs., o testimunho da minha subida consideração. Lisboa, 18 de março de 1852. — O commissario regio de Portugal na exposição de Londres, *S. J. Ribeiro de Sá*.

Está conforme.

N.º 4.

16 de março de 1852. — Cavalheiro. — Sou encarregado pela commissão executiva de vos enviar as medalhas de premio conferidas aos expositores portuguezes, que já estão promptas. Tenho, pois, a satisfação de vos remetter quatro, como da relação no verso desta, e remetterei as outras logo que chegarem a meu poder. Continúo a ser vosso obediente criado. — *John Lyon*.

Sr. Ribeiro de Sá.

Está conforme.

Senhora! Os deveres que em relação á industria nacional me impoem o decreto de 13 de setembro do anno findo me permittem a honra de mui respeitosamente elevar á augusta presença de Vossa Magestade uma relação rectificada dos premios conferidos a Portugal pelo jury da grande exposição.

As rectificações feitas, e que resultam do cumprimento dos deveres a que já me referi, augmentam o numero das medalhas de premio e das menções honrosas comprehendidas na relação que em 16 de outubro fiz subir ao soberano conhecimento de Vossa Magestade.

A maternal sollicitude com que Vossa Magestade tão altamente protege os interesses industriaes do paiz dará a estes premios o grande valor que tem; porquanto, real senhora, são um louvor dado pelas differentes nações, representadas no jury, aos productos do solo e do trabalho em Portugal.

Deus guarde a preciosa vida de Vossa Magestade. Lisboa, 27 de março de 1852. — O commissario regio de Portugal á exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá*.

Premios conferidos a Portugal.

PREMIOS	NOMES	OBJECTOS PREMIADOS
Menção honrosa....	Mattheus Feuerheerd........	Chumbo da mina do Braçal no districto de Aveiro.
Menção honrosa....	Manuel Antonio da Silva.....	Chumbo granisado, Lisboa.
Menção honrosa..	Dejant..................	Pedra lithographica da serra da Arrabida. Pedra lithographica junto a Coimbra.
Menção honrosa....	Contracto do tabaco.........	Pedra lithographica da serra da Arrabida.
Medalha de premio..	Alexandre Pinto da Fons.ª Vaz	Figos passados, Sardoal.
Medalha de premio..	....	Fructos seccos doces, Villa-real de Tras-os-Montes.
Medalha de premio..	J. L. Gomes..............	Figos passados, Algarve.
Medalha de premio..	Contracto do tabaco.........	Charutos e tabaco, Lisboa.
Menção honrosa....	Visconde de Fonte Boa.......	Azeitonas pretas, Santarem.
Menção honrosa....	J. B. de Mattos............	Mel, Santarem.
Menção honrosa....	Marquez de Loulé..........	Cyperus esculentus, Estremadura.
Medalha de premio..	Governador d'Angola em 1850	Pau de tacula, Angola.
Medalha de premio..	F. M. Cardoso Leal.........	Collecção de oleos fixos e volateis.

PREMIOS	NOMES	OBJECTOS PREMIADOS
Medalha de premio	Marquez de Loulé	Madeira de azerola.
Medalha de premio	Marquez de Loulé	Madeira de alfarroba.
Menção honrosa	Francisco Tavares d'A. Proença	Azeite de oliveira, Castello-branco.
Menção honrosa	Almeida Silva & Comp.ª	Azeite de oliveira, Estremadura.
Menção honrosa	Francisco Rodrigues Batalha	Gomma copal, Angola.
Menção honrosa	Manuel Ferreira Bretes	Céra branca, Torres-Novas.
Menção honrosa	J. de Albuquerque e Mello	Azeite de oliveira, Beira.
Menção honrosa	João Lopes Calheiros	Azeite de oliveira, Estremadura.
Menção honrosa	J. J. da Costa de Macedo	Azeite de oliveira, Gollegã.
Menção honrosa	Manuel Lucas de Carvalho	Cêra branca.
Menção honrosa	Marquez de Ficalho	Pita, Serpa.
Menção honrosa	Marquez de Ficalho	Gomma de Evora.
Menção honrosa	Marquez de Ficalho	Azeite de oliveira, Serpa.
Menção honrosa	Genoveva Gonçalves	Ornatos de folhas de fetos, Ilha da Madeira.
Menção honrosa	Manuel Maria Holbeche	Pós de gomma, Santarem.
Menção honrosa	J. Larcher	Azeite de oliveira, Portalegre.
Menção honrosa	Conde de Linhares	Azeite de oliveira, Alpiarça.
Menção honrosa	A. de Sá Nogueira	Algodão, Estremadura.
Menção honrosa	José Borges Pinto	Azeite de oliveira, Folgosa.
Menção honrosa	José Ferreira Pinto Basto	Carvão animal, Lisboa.
Menção honrosa	Duque de Palmella	Canhamo, Calhariz.
Medalha de premio	Antonio Polycarpo	Estojo de instrumentos cirurgicos, Lisboa.
Medalha de premio	Comp.ª de fiação e tecidos lisb.	Chales e cobertores de algodão, Lisboa.
Menção honrosa	José Barbosa	Cotins de algodão e linho para calças, Porto.
Menção honrosa	Daupias & Comp.ª	Tecid. de lã e alg. escocezes, e chales estamp., Lisbôa.
Menção honrosa	Antonio Polycarpo	Instrumentos proprios para agricultura, Lisboa.
Menção honrosa	Manuel Joaquim Affonso	Copos e garrafas de cristal, Leiria.
Menção honrosa	Bernardino Gonçalves Mamede	Aderece de filagrana de ouro e amethistas, Porto.
Menção honrosa	Antonio da França	Cordões de trancelim de filagrana de ouro, Porto.
Menção honrosa	J. F. Pinto Basto & Comp.ª	Vidraça pintada, Aveiro.
Medalha de premio	J. F. Pinto Basto & Comp.ª	Bacia e jarro dourado de porcelana, Aveiro.
Medalha de premio	J. F. Pinto Basto & Comp.ª	Prato de porcelana, Aveiro.
Medalha de premio	Dejeant	Collecção de marmores de differentes local. de Portug.
Menção honrosa	Joaquim de Figueiredo	Marmore de Vianna do Alemtejo.
Medalha de premio	A. P. Rangel	Tonel — modêlo.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Figos doces.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Ameixas doces.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Peras doces.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Ameixas doces.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Damascos em caldas
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Tangerinas em calda.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Figos em calda.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Ginjas em calda.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Pecegos em calda.
Medalha de premio	A. M. Castellar & C.ª	Peras em calda.
Medalha de premio	Relig. de St.ª Anna de Coimbra	Diversas qualidades de fructas em doce, Coimbra.
Medalha de premio	Relig. de St.ª Clara do Funchal	Flôres de pennas.
Menção honrosa	Vicente Russel	Larangeira artificial.

Lisboa 27 de Março de 1852.

O commissario regio de Portugal á exposição de Londres,

Sebastião José Ribeiro de Sá.

O CALENDARIO.

I

Dos escriptos do sabio M. Arago, venerado como mestre nas sciencias physico-mathematicas, tomamos a seguinte noticia, que poderá parecer diminuta aos versados no assumpto, mas que de certo ha de ser util a grande numero de leitores.

Quem escreve *Kalendario* funda-se n'uma etymologia grega, havida por falsa pelos eruditos mais investigadores. Os gregos não tinham calendas na sua divisão do anno; e dahi a expressão proverbial — adiar para as calendas gregas, — isto é, descartar-se de alguem com promessa illusoria.

Os romanos chamavam *calendas* ao primeiro dia de cada um dos seus mezes. A palavra *calendario* designa uma collecção de preceitos ou de tabuas, em que as subdivisões do tempo são contempladas nas suas relações naturaes ou convencionaes de posição e duração.

Entre as unidades que os homens de todas as epochas e de todos os paizes empregaram para medir o tempo, ha de por-se em primeiro logar o dia e as suas subdivisões, as horas ou vigessimas quartas partes do dia, os minutos ou sexagessimas partes da hora, os segundos ou sexagessimas partes de minuto.

Fallemos primeiro do dia syderal. A totalidade das estrellas semeada no firmamento parece impellida do oriente para o occidente; este movimento, de que todas participam, chama-se *movimento diurno*: em virtude delle as estrellas nascem e se poem, e nas epochas intermediarias, entre o nascimento e o occaso, chegam a diversas alturas acima do horisonte.

O firmamento appresenta-se sob a fórma apparente de uma esphera. Um observador, seja qual fôr o logar da terra que occupe, póde suppor-se, sem erro de monta, tratando-se das estrellas e mesmo do sol, no centro dessa esphera.

Os dois pontos da esphera celeste, que chamamos immoveis, denominam-se *pólos*: o pólo visivel em o nosso hemispherio tem o nome de *arctico*; o que está situado abaixo do horisonte chama-se *antarctico*.

A linha que passar por estes dois pólos, e em torno da qual parece que todos os astros fazem as suas revoluções do oriente para o occidente, tambem indica, sem erro sensivel, passar por um ponto qualquer do globo terrestre. Com pequena reflexão se verá que isto significa serem as dimensões da nossa terra inteiramente imperceptiveis, comparadas ás distancias que nos separam dos astros.

Supponhamos agora que n'um logar dado se faça passar, pela linha dos pólos e pela vertical do logar, um plano que se considere immovel; esse plano vertical é o que se chama *plano meridiano*. O plano meridiano corta a esphera celeste seguindo um circulo maximo [1] que vae rematar nos dois pólos.

Assentado isto, vamos examinar o equador celeste, isto é, o circulo maximo da esphera, que dista igualmente dos dois pólos, e que contém no seu circuito grande numero de estrellas. Contando de qualquer destas estrellas dividamos o equador em 360 partes iguaes, isto é, em 360 graus.

Por essas divisões, cada uma de per si, e pela linha dos pólos celestes façamos passar planos: cada um desses planos cortará a esphera seguindo um semi-circulo maximo, terminando nos dois pólos. O todo desses 360 semi-circulos reparte a esphera em 360 projecções, similhantes a talhadas de melão, iguaes entre si, largas no equador e que se estreitam gradualmente para os pólos arctico e antactico.

Os planos ou circulos terminadores dessas diversas projecções, ou, voltando á minha primeira comparação, dessas diversas talhadas de melão, estarão, n'um instante qualquer do dia, inclinados uns para o oriente, outros para o occidente; só um delles, por seu turno, será vertical e coincidirá com o plano meridiano. Cada um desses circulos passará por uma serie particular de estrellas, sempre as mesmas, das quaes umas serão equatoriaes, e as outras mais ou menos proximas dos pólos. Esta permanencia das estrellas no circulo que uma vez tem occupado, faz com que o movimento do firmamento se effectue como uma só peça, e como se as estrellas estivessem invariavelmente pregadas n'uma esphera solida.

O equador celeste e as estrellas que contem são levadas, no movimento geral do ceu, do oriente para o occidente. Durante a revolução da esphera celeste, cada um dos 360 planos mencionados, cada um dos 360 semi-circulos com as estrellas por onde passa, virá coincidir e confundir-se com o plano immovel do meridiano, ou com a secção circular meridiana.

O momento em que um astro vem entrar no plano do meridiano chama-se, em todos os tratados de astronomia, o momento da passagem desse astro pelo meridiano. O momento da passagem pelo meridiano observa-se facilmente ou com a simples vista ou com instrumentos particulares de grandissima exacção.

O numero maior ou menor dos graus do equador, comprehendido entre dois daquelles circulos, passando por dois astros marcados, determina os tempos comparativos, as horas comparativas, em

[1] Tendo de repetir-se muitas vezes nestas explicações a expressão — arco de circulo grande ou maximo — é bom dar a a sua definição rigorosa. Toda a secção feita na esphera por um plano que a corte dá um circulo: desses planos, os que passam pelo centro produzem secções circulares as maiores de todas, e necessariamente iguaes entre si: a estas secções dá-se o nome de *circulos maximos* da esphera, e ás outras o de *circulos menores*.

que se effectuarão as passagens desses astros pelo meridiano. Aqui está a rasão porque esses circulos se chamam planos é circulos horarios.

Supponhamos que o tempo da revolução da esphera estrellada, que o tempo que empregam os 360 graus do equador em atravessar o meridiano, seja de 24 horas. Vinte e quatro horas igualam a 1:440 minutos, ou quatro minutos multiplicados por 360 graus. Portanto, um grau gastará quatro minutos em atravessar o meridiano. Os diversos circulos horarios succeder-se-hão ao meridiano, virão coincidir com elle depois de intervallos de quatro minutos.

O tempo da revolução da esphera celeste, o tempo que decorre entre duas passagens successivas de qualquer estrella no meridiano, o tempo comprehendido entre duas coincidencias successivas de um mesmo circulo horario com o meridiano, constitue o que se denomina *dia syderal.*

As vinte e quatro horas de que se compõe o dia syderal não devem confundir-se com as vinte e quatro horas de outra especie de dia, de que já vamos fallar.

Para conhecer se uma pendula está certa ou regular com o dia syderal, e se marca exactamente vinte e quatro horas durante um tal dia, é mister observar duas passagens successivas, duas passagens em dois dias consecutivos, da mesma estrella pelo meridiano; ou então a passagem de uma estrella em certo dia com a passagem do dia seguinte de qualquer das estrellas situadas n'um mesmo circulo horario. Esta ultima observação dá o meio de decidir se um relojo, se uma pendula, regulam pelo tempo syderal, ainda quando alguma nuvem no momento da sua passagem pelo meridiano occulta a estrella observada na vespera.

O tempo da revolução da esphera estrellada é o mesmo em todos os seculos, o mesmo seja qual fôr o logar em que se faça a observação. O dia syderal, igual ao tempo desta revolução, gosa, portanto, da principal qualidade que devem ter todas as unidades de medida. Por isso, os astronomos usam delle geralmente, quer em rasão desta qualidade inapreciavel, quer pela facilidade que acham de transformar o tempo em graus.

Pelo angulo comprehendido entre dois planos, ou o que vem a ser o mesmo, entre dois circulos horarios, entende-se o numero de graus, de minutos, de segundos, que separam os pontos em que estes circulos vem encontrar o equador. Um angulo é de um, dez, ou vinte graus, conforme o arco de circulo maximo, que fixa a maior largura da projecção, é de 1, de 10, ou de 20 gráos. Por isso, quando se tem determinado as horas comparativas da passagem de duas estrellas pelo meridiano, tem-se o angulo formado pelos seus planos horarios, na rasão de 15 graus por hora, de 15 divisões do grau por minuto, e de 15 segundos do mesmo por segundo.

Indiquemos aqui tambem uma vantagem mui preciosa do dia syderal e que lhe pertence exclusivamente. Se um relojo estiver bem regulado pela duração deste dia, uma estrella que passar pelo meridiano em certa hora, passará por elle á mesma hora no dia seguinte, e assim no immediato, etc., e indefinidamente. Lançando a vista para um relojo syderal, o astronomo sabe que estrellas vão chegar ao meridiano, e a que observações deve preparar-se.

Para os usos astronomicos é indifferente que o dia syderal comece quando esta ou aquella estrella passar pelo meridiano; por isso, prevendo sem duvida a impossibilidade de se entenderem quanto á escolha da estrella, cuja passagem pelo meridiano coincidir com as horas, minutos e segundos da pendula syderal, escolheram os astronomos por origem desse dia, por circulo inicial horario, o circulo que corresponde a um ponto do equador, determinado por um phenomeno astronomico saliente, o circulo horario que remata no ponto do equador que o sol encontrou, passando do sul ao norte desse plano.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIV.

AS TRES GRAÇAS.

Na posição em que as deixámos, as tres meninas inclinadas uma para a outra, tinham as mãos unidas. As suas confidencias, meias sumidas ao ouvido eram risonhas; e a malicia juvenil de Cecilia, alegrando-as, tingia de escarlate as faces de Thereza e de Catharina.

— « A tua prophecia não me tenta — exclamava a educanda. — Antes morrer solteira! Rica, sem amor? Deus me livre! Olha, o casamento e a mortalha no céu se talha, conta o adagio. O coração diz-me que hei de esperar, mas que no fim... hei de arrecadar. Não te rias, é assim. »

— « E Therezinha é do teu parecer? » — acudiu Catharina, passando a mão pelo cabello da sua amiga.

— « Não sei. Mas quem ri primeiro depressa chora. Deixa estar, mana da minha alma! Um dia me dirás o resto. Veremos se não falla o coração, e se não lhe perguntas nada! Catharina, li hontem uns versos bonitos, lindos... E o que é mais raro, verdadeiros tambem. Não julguei que

os poetas tivessem juiso... dizem coisas delles! »

— « Posso ouvir, minha alegria? »

— « Promettes estar séria? »

— « Farei a diligencia... não ha outro remedio. »

— « Então bem! São assim:

« Aquelle tempo que vi,
« Que só posso chamar meu,
« Como sonho se perdeu,
« Como verdade o senti.

— « Que dizes agora? »

— « Que os sonhos mentem... se permittes! »

— « Nem sempre. Por signal — accrescentou córando — o meu, se foi sonho, dura ainda, e espero que não acabe tão cedo. Não acreditas?... Má! »

— « Eu?... Digo só: Deus queira! Mas... »

— « Ah, esse *mas!*... És teimosa. Nem vendo te convences... »

— « De quê, minha joia?... De que sonhas em verso, quando a vida é prosa? Olha, vou responder-te em verso tambem... »

— « É mais galante. São bonitos?

— « São verdadeiros; em quanto o amor... »

— « Engana, aposto eu? — atalhou Cecilia rindo — E tu, Thereza? Uma formosa e querida tambem se queixará do amor? »

— « Não; callo-me. Tenho medo de peior. »

— « Então!... Mas é divertido! Casa-se um dia destes, é amada, é feliz, e não está contente... tem medo de peior! Aonde é o paraiso, menina? Quero ir lá! Catharina, deu-te a melancholia? E os versos? »

— « Não gostas, asseguro-te... »

— « Não importa, dize! »

— « Ah! Como pedes não te queixes depois:

« Aquelle suave engano
« Que um momento me deu,
« Como era sonho em meu damno,
« Como sonho se perdeu!

— « E chamas verdade a isso?... Olha, a mentira é mais bonita! Credo! Tu, uma noiva dizeres tanto mal do amor... Pobre conde, tenho dó. Catharina, é feio ser ingrata. Não devias fallar assim, quando tens nos braços o *teu engano* (assim queres que seja!) e sabes que não é sonho, mas a vida e a ventura!... Não digo mais nada, Deus me livre! E o conto de ainda agora? Aonde ficámos nós? Espera! Não me lembres... Ah! Foi na occasião em que os genios deitaram o principe da Persia adormecido outra vez dentro do seu palacio... »

— « Pouco falta — observou a noviça. — O principe, accordando, achou os vestidos reaes ao pé de si. D'ahi a um momento os camaristas entraram no quarto, conheceram-n'o, e subiu ao throno... bem ouviste que seu pae tinha morrido de paixão, depois delle desapparecer. »

— « Sim, mas não é isso. A historia não diz mais nada? — redarguiu a educanda com um geito provocador na bocca, que exprimia impaciencia.

— « Diz, Abu-Beker reinou em Bagdad muitos annos... »

— « Não me importa!... Não é o meu cuidado. E Flôr dos Corações, estou anciosa, reinou com elle? Por força! Não se amaram sempre, e não morreram muito amigos e muito idosos? A historia não acaba assim? »

— « Era mais bonita, mas não acaba. O livro conta que Flôr dos Corações, como soube que o seu amante era rei, e ella tinha os merecimentos e não o sangue, como não podia ser rainha... »

— « Não podia!... Dir-me-has por quê? » — gritou arrebatadamente Cecilia.

— « É simples; porque as *pastoras não são princezas.* » — replicou a noviça, *olhando séria* para a sua amiga.

— « Então deixou-a, e ella morreu de pena? » — acudiu Thereza, dardejando um raio de ira com os olhos inflammados.

— « Era mãe, menina. Viveu para crear seu filho. »

Cecilia tinha a cabeça encostada quasi no hombro de Catharina. Ouvindo isto, affastando-se com impeto, levantou-se, e foi sentar-se defronte, com a face esquecida na mão. A vista humida e quasi extatica fugia reflectindo enlevo e ternura. Ao mesmo tempo, o seio palpitava tanto que se via o justilho arfando sobre elle. A noviça, pensativa como a irmã de Thereza, fitou os olhos n'aquelle rosto de uma pureza rara, e adivinhou todas as saudades do magoado coração. Thereza, tambem, apesar de não perceber o motivo, cravou um olhar cheio de suspensão no semblante de ambas, e elevando-o lentamente acompanhou na languida aspiração a vista quasi chorosa, que a irman mais nova levantava ao ceo.

Instantes depois, Cecilia, exhalando um suspiro sumido, meia jovial, meia melancolica, virou-se para Catharina, dizendo com volubilidade.

— « Que negra historia, minha consolação! Jesus! Nem de proposito. O principe é um ingrato! Estou contra elle que não podes imaginar. Mal empregado amor de Flor dos Corações! Olha no caso della não tornava a lembrar-me de tão máu homem... Ai, como sou creança! Lembrava, lembrava! E mais do que nunca, póde ser. O coração acostuma-se, entretem-se com a saudade, e depois... não tem remedio. Mas a elle, aborreço-o, detesto-o! Não a trazer a Bagdad, não a fazer sultana? Estás certa de que não ha engano? Os genios não levariam o pastor em logar do principe? Deus me não castigue! Mas, se me interessei por um ingrato, tenho pena. »

— « Olha, Cecilia, o livro diz tal e qual eu contei; mas a historia é que ainda não acabou. Escuta! O rei não deixou um dia só de se lembrar de Flor dos Corações; e as saudades foram a mais, a mais, a tanto que adoeceu, e mandou que a procurassem pelo seu imperio com promessa de grandes honras a quem a descubrisse. »

— « Bem feito! » — gritou Cecilia impaciente.

— « Masninguem achava noticia della; — proseguiu a noiva — e Abu-Beker, triste e encerrado, não fazia senão chorar. Porfim os medicos pronosticaram que a morte era infallivel, se Flor dos Corações não apparecesse, e o salvasse!.. »

— « Estimo! » — tornou Cecilia com jubilo infantil.

— « E Flor dos Corações sabia de el-rei a procurar? » — perguntou Thereza que tinha ouvido attentamente.

— « Sabia! Morava em uma casa humilde, mesmo defronte do palacio, com seu filho de sete annos: e todas as manhãs, regando de lagrimas um limoeiro, que tinha na janella, mandava um beijo e um suspiro ao seu principe, que nunca lhe esquecia... »

— « Coitadinha! Tenho um dó della! Vê que magoa não sería a sua! Thereza — proseguiu a educanda muito vermelha. — Catharina não disse mais nada, mas não é preciso; já sei a historia até ao fim. Flor dos Corações salvou-o! Não podia ter animo de o ver morrer. Depois, menina, bem sabes, ella amava! »

— « Não ia eu, ainda que soubesse que o matava! O perfido! Achar a pastora fidalga para a seduzir e não se atrever a premiar um coração que lhe foi tão fiel na sua desgraça! — E fallando assim a vista de Thereza fuzilava com orgulho. — Quem me despresasse, morresse embora, não tornavam os meus olhos a abaixar-se para elle! » — concluiu severamente.

— « Era o pae do teu filho, ias! Era o primeiro, o unico amor da tua vida, tornavas! — replicou Cecilia empallidecendo e inclinando a cabeça. — Therezinha, verás um dia! Estala-se de paixão; e cança-se de chorar; é uma dor da alma que não se explica... mas odio, o odio mortal que tu julgas, finge-se, não existe. Não acredites! Mesmo enganada, nenhuma de nós tem animo de chegar ao seu coração, e arrancal-o. O odio, se o amor foi verdadeiro, sabes o nome que tem? Chama-se ciume, saudade, afflicção! Tudo o mais deixa dizer, é falso. Deixa fallar; o orgulho mente! »

— « Estas tão adiantada nestas coisas, Cecilia! — acudio a irman sorrindo. — Ha dois annos quasi sou noiva; estimo e amo Jeronymo... e sinto o que uma paixão custa: apesar disso agora vejo que não sei nada. »

A educanda, fazendo-se côr de rosa, olhou pensativa para Thereza, cuja serenidade a assustava! Meneando a cabeça depois com tristeza, e pegando-lhe na mão com impeto, exclamou:

— « Thereza, tambem eu não vejo, mas adivinho! O que sentes, o que palpita no teu peito, nunca foi amor... Se duvidas, pergunta a Catharina. »

— « Como se chama, então? » — redarguiu a irman quasi enfadada.

— « Amisade, carinho, tudo, menos amor! Catharina, querida, dize-lhe se o nome do homem que prezamos se ouve sem o coração sobresaltado se comprimir, e o rosto dar signal... Dize-lhe, se deixando de o vêr, a saudade não é mais forte do que nós; e se estando elle ao pé, o jubilo não chega a ser loucura? Conta-lhe que ausente nunca nos esquece, porque vive dentro da nossa alma, e nos acompanha a toda a parte! Thereza, a alegria e a tristeza que temos, o amor é que a faz! Se o coração nos não pertence!... Catharina, vês aquelles olhos, este sorriso? Repara? Falla da sua paixão e está de marmore sem se alterar. Põe-lhe a mão no peito e vê o socego! Um dia, querida irman, se a tua alma se entregar, os cuidados te dirão se hoje tens amor! Por ora sonhas com elle, é o que fazes. »

Assustada da exaltação da educanda, Catharina procurou tranquilisal-a, distrahindo ao mesmo tempo sua irman: mas não era preciso. Thereza não estava alli. Suspensa, duvidosa, diante do véu das suas illusões rasgado de repente, olhou

pela primeira vez para dentro de si, e com a pallidez do terror na face, repetiu a pergunta, que acabava de ouvir. Era amor, era amisade, o seu affecto por Jeronymo? O coração ficou mudo e em presença da verdade ella adivinhou que se enganava. A ternura de irman, as affeições da infancia e da creação, não se pareciam nada com o sentimento absoluto que lhe descreviam com tanto ardor, e nos sonhos da imaginação confusamente concebia!.. Tinha-se illudido, e abraçado a nuvem. Inerte e fria a sua alma nunca amara!

A contar deste momento a sensibilidade extrema fazia-a desgraçada. Dentro de poucos dias, jurava sem o coração, ligando-se para sempre a um homem cujo amor nem sabia, nem podia premiar. A paixão adormecida á sua hora havia de arder, quando o mais leve pensamento affectuoso fosse um crime?!... Pobre Thereza! a flor dos seus annos, a doce flor da vida, dada ao homem que se estima mas não se quer, ia secar-se, regada das lagrimas do remorso, entre suspiros e pesares!

Um gemido soffocado revelou a angustia, agitando-lhe o seio, aonde a imagem das suas illusões principiava a avivar-se e a crescer. As palavras de Cecilia, innocentes e indiscretas, tinham patenteado tudo. Meditando sobre a immensidade do sacrificio, percebeu que o ultimo dia de liberdade e de esperança era o dia do noivado. Depois, só restava morrer, ou das agonias de uma dor occulta, ou nos transes de um suicidio lento.

— « É verdade. — Exclamou deixando pender a fronte desfalecida. — Fui eu que me enganei! O amor não era isto, devia conhecer; por força é mais. Mas dize-me, Cecilia, confessa-te comigo: tu sentes! tu para saber tanto já amaste e ainda amas? Não te accuso; é um segredo entre nós. Tu amas!.. Não sei a quem; não pergunto; mas percebe-se nos olhos: vê-se no rosto... quem adora e crê não é a noiva pedida e captiva, é a menina que todos julgamos tão ligeira de coração!.. Possa elle ser digno do teu amor, Cecilia. Antes de prometter, o meu dever era estudar melhor o estado da minha alma; fui credula: assentei que amava, e o coração estava mudo, porque dormia! »

— « Minha irman! — acudiu Cecilia, apertando-a nos braços — Tem confiança em Deus; dize tudo a nossa mãe... »

— « Não sabes que a palavra de meu pae é sagrada, e que elle a deu? »

— « Não importa. Chama Jeronymo, conta-lhe tudo. Queres que o desengane? »

— « É tarde! — respondeu Thereza magoada. — Agora despresava-me... E eu morria, se elle me desprezasse. Depois, conheço-o; é capaz de se vingar, ficando no primeiro encontro; Deus me livre do sangue de meu segundo irmão a accusar-me. »

— « Não, não! tu nunca podes ser sua esposa, a doce metade da sua alma, a companhia da sua vida... Thereza, no teu logar eu era mais sincera, mais estouvada, como dizes! Chegava-me a elle e fallava-lhe assim: — Jeronymo, ser amigos não é amar-se; quero-lhe muito; mas não o amo. Sejamos irmão e irman, já que não podemos ser mais; hei de estimal-o como a Cecilia, a nossa Cecilia! Quer? — Aqui tens o que lhe dizia, e acredita, elle custava-lhe menos agora do que depois, se conhecer que te fez desgraçada? »

Thereza escutava a recolhida na mais profunda tristeza. Neste ancioso transe a alma media a extensão do infortunio, pesando qual seria maior golpe para o mancebo, se a crueldade desta confissão inesperada, se o doloroso supplicio da sua vida, quando descubrisse que só um sacrificio a tinha lançado nos seus braços.

Catharina tambem meditava. Nas mulheres, cuja organisação é delicada como a della, a sensibilidade predomina; e os bellos olhos azues enchiam-se de lagrimas. A idéa de que o seu mais ditoso dia seria de luto para outra, era uma idea que se lhe tornava insupportavel. Com ar de riso melancolico, a noviça tomando a mão das duas irmans entre as suas, uniu-as ao peito e disse com ternura:

— « Cecilia, vaes muito longe, menina! Dame licença, Therezinha; quer um conselho? »

— « Possa elle salvar-me! » — respondeu ella com abatimento.

— « Experimente sempre! Conhece o estado da sua alma: sente-se capaz de ser irman extremosa e não tem forças para ser esposa? a verdade é esta, não? »

— « Oxala não fosse! »

— « Antes de tempo não diga nada. Ás vezes capricho; eu tenho visto grandes indifferenças acabando em paixões. O seu coração ainda não fallou; se não ama tambem não aborrece... Esperemos. »

— « Não, não; sinto que nunca o hei de amar! A imagem que vejo é tão diversa! D. Catharina, o homem que o meu coração deseja o que

ha de fazer-me feliz ou desgraçada... não é Jeronymo. »

— « Para que diz isso? Não ama, por ora, é o que sabe; deixe o mais. Não se fie na imaginação. Olhe, Therezinha, não ha menina galante, um pouco viva e pensativa, que não tenha uma paixão assim, e acredite-me, passando algum tempo, a gente ri-se dessas loucuras de creança e com um suspiro despede-se dellas, dizendo: o sonho foi agradavel, era lindo mesmo. No mundo accorda-se por força mais cedo ou mais tarde!!... »

— « Nem sempre, minha consolação! — atalhou Cecilia enfadada. — Ha paixões teimosas. »

— « Ah agora tenho-te contra! Callo-me já — acudiu a noviça mais alegre. — Em finezas, minha joia, Deus nos acuda, não posso competir. O que lhe dizia, Therezinha — proseguiu tornando-se seria — é que por ora sente, deseja e está esperando. Quer que lhe repita o que eu fazia no seu logar?.. Pedia um anno, mais um anno de experiencia, para me resolver. Jeronymo é bem nascido, o commendador é rasoavel, estimam-a muito, e hão de consentir... Assim, não dá de repente um golpe no coração do seu noivo, nem o illude, concedendo-lhe a mão antes de lhe ter amor, porque eu ateimo que ainda ha de ter ciumes delle. Agrada-lhe o conselho? »

— « É o unico. Mas falta-me o valor?.. Jeronymo está contando os minutos, e se lhe digo... »

— « São coisas que se não ensinam. Conhece-o; sabe o que menos o magôa. Siga uma regra. Ouça o seu coração; falle-lhe como irman e verá que ainda se illude... Demais, certa repugnancia, alguma timidez na sua idade, não admira... Os caprichos não nos ficam tão mal como os homens dizem. Elle cuida que a convence, ou que a demora é de dias, e faz-nos a vontade. Therezinha, não se arrependa; evite maiores desgostos. Jeronymo escusa de saber tão depressa que tem uma irman de mais. »

— « Está decidido! — exclamou Cecilia batendo as palmas — não casas sem eu casar. Vês! Seremos duas noivas bem bonitas, e... »

— « E o que Cecilia? » — perguntou Catharina vendo-a callar de repente muito vermelha.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXV.

O INQUISIDOR GERAL.

Eram apenas oito horas da manhã, quando uma enorme liteira pintada de vermelho com seus cupidos dourados nos cantos, e armas reaes nas portinholas, guiada por dois liteireiros vestidos de vermelho, desembocando da rua dos Escudeiros, e atravessando o rocio de Lisboa na sua maior extensão, foi parar á porta do negro e sombrio edificio, onde se passavam os terriveis e cruentos mysterios da inquisição.

Mal um dos liteireiros abriu a liteira, logo de dentro saltou o conde de Castello-Melhor, embuçado n'uma capa á franceza, e com o chapéu de plumas enterrado até aos olhos; e, entrando na portaria, tocou uma sineta que sustinham dois varões de ferro pregados na parede. Ao som da sineta, acudiu logo o porteiro, e com uma voz rude e seca disse ao conde.

— Que manda, meu fidalgo?

— Quero fallar ao sr. inquisidor geral — respondeu o Castello-Melhor.

— O sr. arcebispo agora mesmo se levantou, e já está trabalhando no serviço de Deus e do santo tribunal.

— Vae dizer ao alcaide dos carceres secretos que o conde de Castello-Melhor deseja fallar ao sr. D. Verissimo de Lancastre.

— É V. E.! então póde entrar. Entre V. E.; vá subindo, que lá em cima está o meirinho na casa da espera.

O valido subiu a larga escada de pedra, que levava á sala de espera do *santo* tribunal; casa immensa, de abobada, forrada de azulejo, cercada toda em roda de um assento de pedra, e com uma cruz negra, que apanhava de alto a baixo a parede que ficava no intervallo das duas enormes janellas, fechadas por uma rotula cuberta de pó e de teas de aranha, por onde entrava luz baça e frouxa, mesmo áquella hora: ahi encontrou a cabecear a um canto o meirinho, que, para compostura, apertava entre os dedos os enormes bogalhos de um rosario monstruoso. Foi preciso que o conde o sacudisse por duas vezes, e outras tantas lhe explicasse o que queria, para elle se levantar do banco, em que a preguiça o havia pregado: por fim, poz-se de pé, e esfregando os olhos, bocejando, e resmungando uma ave maria, foi dar parte a D. Verissimo de Lancastre, que o ministro de Affonso VI lhe desejava fallar.

Um instante depois, o conde de Castello-Melhor, tendo atravessado um extenso corredor, entrou no gabinete do inquisidor geral. O gabinete do velho arcebispo era uma casa grande, triste, fria, e mal alumiada por uma dessas janellas, cujo vão é egual a uma das nossas salas de hoje, e que parecem possuir a singular propriedade de darem passagem a uma quantidade de luz, que está sempre na rasão inversa da sua grandeza. As paredes eram forradas de damasco encarnado agaloado e franjado de ouro, a que o pó, a humidade, e o tempo haviam feito desbotar, n'alguns sitios, ennegrecer n'outros, atramar-se e rasgar-se em muitos: quatro cadeiras de espaldar, tambem de damasco, estavam symetricamente dispostas em roda de uma meza de pau santo com pés torneados, sobre a qual havia um grande numero de in-folios abertos, rumas de autos, rollos de pergaminhos, e no meio de tudo isto um tinteiro de prata collossal. Dois quadros grandes de côr carregada e escura, de desenho incorrecto, de composição absurda, um representando S. Domingos com o crucifixo alçado, a assistir á matança dos albigenses na tomada de Bessiers, o outro representando um auto de fé no terreiro do paço, onde se viam representados mais de vinte hereges a arder, augmentavam ainda o caracter sinistro e funebre daquelle gabinete.

O inquisidor estava sentado no vão da janella, de modo que o allumiava de perfil a restia de sol, que entrava pelas malhas da estreita geluzia. Era um velho magro, curvado pelos annos, tremulo, com a cabeça calva, e um rosto por extremo agudo e anguloso. Quando o conde de Castello-Melhor entrou, D. Verissimo fez um esforço para se levantar, mas com um gesto o conde pediu-lhe que se não incommodasse, e elle deixou-se cair outra vez sobre a cadeira.

— Não se incommode sr. D. Verissimo — disse o conde — não se incommode v. s. Eu venho só para ter novas certas da sua saude, e para fallarmos...

— Isto vae como Deus é servido, até que venha o dia do descanço. Mas sente-se v. ex. aqui ao pé de mim. Traz uma cadeira para o sr. conde — proseguiu D. Verissimo voltando-se para o meirinho que ficára á porta — traz uma cadeira e depois podes-te ir embora.

O meirinho obedeceu, e o Castello-Melhor sentou-se defronte do inquisidor, depois de lhe haver respeitosamente beijado o annel.

— Disseram-me que v. s. ha dias não passa de seus achaques como nós todos desejamos, e quiz vir eu mesmo, antes da hora da audiencia, saber novas suas — principiou o valido.

— Achaques de velho, sr. conde! — respondeu o inquisidor. — Vai a gente arrastando-se com elles, até que chegue o remedio verdadeiro, que é a morte.

— E quando a morte nos acha com a consciencia desasombrada, como está a de V. S., não faltam motivos para nos consolar-mos della. Porém Deus ha de nos conservar a sua preciosa vida, para que estes reinos fiquem de todo purificados de hereges e inimigos da fé.

— Não ouso esperar que Nosso Senhor me conceda tanta gloria: não lhe mereço tanto.

— Apesar de haver quem anda trabalhando para mudar os estilos da santa inquisição, e para alcançar um perdão geral para a gente de nação — acudiu o escrivão da puridade, com fingida tristeza — espero que sua santidade, e estou certo que El-rei não consentirão nunca em tal, sabendo os males que dahi pódem vir para a religião.

— Ha muitos campeões, a quem os judeus dão lança de prata, e que os defendem por toda a parte com coragem e ardor. As lanças de prata são muito fortes — proseguiu D. Verissimo — poucos são os peitos que se cobrem com um escudo rijo bastante para lhe resistir aos golpes. Atrevem-se a accusar o santo tribunal de obrar contra o direito das gentes, e até contra o direito divino. Se lhes dessemos ouvidos, convencer-nos-iam de que o santo tribunal não faz senão condemnar innocentes. A lingua do calumniador consome tudo: *Et lingua ejus ignis est*.

— *Detractores Deo odibiles* — acudiu o Castello-Melhor. — As calumnias, e os esforços dos máos não lhe hão de aproveitar. Sejamos sinceros. Estamos sós, podemos fallar com o coração nas mãos; e de mais a mais é do serviço de Deus que se tracta. Sejamos sinceros; os padres da companhia querem dominar tudo no temporal como no espiritual, e o santo officio assombra-os: não os deixa publicar livremente as suas heresias, e os seus erros.

— É verdade, é bem verdade isso, conde — interrompeu o inquisidor animando-se. — Lá está o padre Vieira, que tem sido o nosso mais incansavel, mais ardente inimigo, na inquisição de Coimbra, por ter escripto erros sem conto, heresias sem numero naquelle seu papel intitu-

lado — Quinto imperio: *sapiens hæresim.* Quiz fazer do Bandarra, do çapateiro de Trancoso, um propheta como os que Deus alumiou outr'ora, com o seu espirito, para.... para fins, que só os jesuitas sabem.

— Bem vê V. S. para que elles querem fazer acreditar o povo nas profecias de Bandarra: é porque no tempo do quinto imperio, que elle promette ao mundo, hão de aparecer as dez tribus de Israel, para serem apresentadas ao summo pontifice.

— *Ut fiat unum ovile, et unum pastor.*

— É tudo para favorecer a causa dos judeus, e amortecer no povo o amor que elle consagra á santa inquisição.

— E até se atreveu esse padre Vieira a comparar a igreja christã a Lia, mais fecunda, mas não tão amada por Jesus Christo como Rachel, a igreja antiga, a igreja do povo hebreu.

— Esta protecção aos christãos novos, esta contínua guerra ao santo officio não é um acto espontaneo e isolado de um ou outro jesuita...

— Os jesuitas, sr. conde, bem sabe V. Ex.ª que não tem acto algum espontaneo e livre; são jesuitas e não homens do seculo.

— Tem rasão, sr. arcebispo. Se houvesse uma nação toda de jesuitas, não me seria difficil governal-a.

— Sendo V. Ex.ª geral da companhia. — E D. Verissimo de Lancastre riu-se com satisfação por ter deixado perceber o seu pensamento, sem comtudo se ter expressado com clareza em assumpto tão melindroso.

O conde de Castello-Melhor ficou mais de um minuto callado a meditar, antes de poder progredir na sua conversação com o arcebispo inquisidor. A nação que elle governava, Portugal, era naquelle tempo uma nação dirigida, dominada, fanatisada pelos jesuitas, era uma nação jesuita emfim, e elle sentia já que não tinha força para se manter no poder contra a vontade da omnipotente companhia de Jesus.

— Como lhe faltou o padre Vieira, — disse por fim o conde — os christãos novos tomaram para defensor o padre Manuel Fernandes, o confessor de Sua Alteza; e já trabalham para conquistar o animo do sr. D. Pedro.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Os ex. — Um sapateiro que n'outros tempos teve muita fama no officio, e que por fim achou-se baldo de freguezes, vive actualmente n'um arrabalde de Paris, e na sua modesta loja inscreveu na taboleta este lettreiro: *ex-sapateiro do ex-rei dos francezes Luiz Filippe.*

O mez passado appareceu-lhe um lacaio vestido de luto, que levava a concertar umas botas de seu amo, militar velho, e homem completo quanto o permittiam sel-o as balas da campanha da Russia, que lhe haviam supprimido uma perna e um braço. A perna, graças aos aperfeiçoamentos orthopedicos, foi substituida por uma de páu, das de patente privilegiada já se sabe, e que segundo dizia o inventor tornava desnecessarias as pernas de carne e osso, mas que, no dizer do consumidor, de nada lhe teria servido para entrar em Moscow, nem se quer para virar frente á retaguarda e por-se em polvorosa quando o caso fosse feio, e houvesse de appellar para o privilegio da sola expedita.

— « Aqui trago umas ex-botas do meu ex-amo (disse o lacaio) para remontar. »

— « Muito bem: (respondeu o ex-sapateiro) mas, em tão mau estado vem, que melhor fôra ter vosso amo o incommodo de vir tomar medida, porque eu não posso agora largar a loja.

— « Meu amo deixou-se ir hoje para o outro mundo; acho que não póde vir.

— « Visto isso pouco importa que lhe assentem melhor ou peior; não hão-de molestal-o.

— « Com que ámanhã está feita a obra, e virei por ella?

— « Diga-me onde mora que eu lá as levo. »

O ex-sapateiro foi pontual; no dia seguinte deu comsigo em casa do ex-militar com a obra prompta; bateu á porta e perguntou: — « Assistia aqui um cavalheiro que falleceu hontem. »

— « Sim, senhor, e eu sou o seu creado. »

Entrou o mestre no quarto, onde vestido de uniforme rico fazia estendido no ataude o antigo official do tempo do imperio; tirou-lhe umas chinellas que tinha e poz-se a geito de calçar-lhe as botas; a do pé direito entrou bem, mas a do esquerdo não ia nem á força, não se dobrando a articulação do tarso.

— « O seu ex-amo tem já esta perna mui rija.

— « Sim, senhor; o meu ex-amo era homem muito rigido, mas muito honrado.

— « Não digo isso; não me avenho a calçar-lhe a bota.

— « Esquecia-me dizer-lhe que a perna esquerda é de páu.

— « Pois diga a seu ex-amo, sr. ex-lacaio, se é que elle o ouve, que eu não arranjo botas para ex-pernas. »

Acaba a historia, segundo os jornaes francezes, pela scena de erguer-se e sentar-se na eça o ex-militar, que não estava morto, mas sómente tomado de um ataque de catalepsia, acto com que fugiram espavoridos o ex-lacaio e o ex-sapateiro, o primeiro para não voltar, e o segundo para correr aos tribunaes a reclamar o preço do remonte das botas.

Em consequencia deste lance o ex-amo é hoje designado geralmente pela alcunha de ex-morto.

Terremoto nos Açôres. — Este archipelago, de origem volcanica, tem sido a miudo flagellado pelos abalos interiores do solo, muitas vezes assás destruidores como ainda não ha muitos annos aconteceu na Villa da Praia, da ilha Terceira.

Os ultimos jornaes de S. Miguel dão noticia, ainda que por ora pouco circumstanciada, do tremor do dia 16 do mez passado. — Depois de pezadas chuvas e ventanias amanheceu este dia secco e caloroso: de tarde a atmosphera estava carregada. Ás 10 horas e cinco minutos da noite sentiu-se um violento repellão subterraneo, acompanhado do ruido precursor dos terremotos. Com a vehemencia do abalo desabaram muitos edificios, outros soffreram mais ou menos, desmoronaram-se muros, obstruiram-se e ficaram intransitaveis os caminhos; e o povo atterrado implorava a Misericordia divina, procurando nos sitios espaçosos e descobertos a salvação das vidas.

Parece que tantos estragos foram obra de cinco segundos (conforme se lê na *Ilha.*) Ás 4 horas e 25 minutos da madrugada do dia 17 sentiu-se outro repellão, muito menos violento do que o primeiro.

Os edificios publicos, sobretudo os paços do concelho, de Ponta-Delgada, estão em ruinas. A balaustrada da torre da parochia de S. Pedro desabou com tal violencia que rachou e metteu pela terra o lagedo do adro. Só pereceu nas ruinas uma menina de 5 annos.

O povo dirigiu logo fervorosas supplicas á milagrosa imagem do Santo Christo que se venera na igreja das religiosas, da invocação de N. Sr.ª da Esperança, cujo convento fica a um lado do largo de S. Francisco, onde no primeiro impulso do terror se juntaram perto de duas mil pessoas de ambos os sexos. Fizeram-se numerosas e devotas procissões de penitencia; e o prelado da diocese ordenou preces publicas por tres dias, a que assistia grandissimo concurso de fieis.

Havia familias inteiras fóra de suas casas pelo estado de ruina destas. Em geral as propriedades soffreram por toda a ilha. No logar das Feteiras ficou de todo arruinada a capella-mór da freguezia, e as casas todas aluidas e algumas desabaram; mas, não consta de perda de vidas. Em Rabo de Peixe cahiram quasi todos os muros das quintas e algumas casas; foram tiradas dos entulhos 12 pessoas vivas, postoque algumas com ferimentos, e uma creança mòrta. Nas Calhetas houve estrago de predios e uma morte. No sitio de Santo Antonio pereceram duas pessoas, e tres no da Bretanha. Dizia-se que para o norte da ilha aconteceram maiores desgraças.

THEATRO DE S. CARLOS.

Em breve estará terminada a presente épocha theatral, e teremos um intervallo de alguns mezes, para começarem as representações neste theatro, sob a direcção da nova empreza.

A preferencia dada pelo governo á proposta do sr. Domingos José Marques Guimarães está plenamente justificada pelas vantagens que o publico ha de lucrar, se as condições estipuladas forem escrupulosamente cumpridas. Estamos convencidos que o sr. Antonio Porto, encarregado de escripturar a nova companhia não se poupará a diligencias para bem servir o publico e desempenhar honrosamente a commissão que lhe foi commettida, escripturando artistas de reconhecido merecimento, que satisfaçam plenamente as exigencias da nossa scena lyrica. É por isso que nos causou muita surpresa saber que não fôra escripturada a sr.ª Sannazzaro. Não podemos de certo comprehender os motivos que levaram o sr. Porto a não fazer a acquisição da joven e interessante *prima donna*, que pelo seu elevado e raro talento, tem sabido conquistar todas as sympathias, attrahir a admiração geral dos frequentadores do theatro de S. Carlos, tornar-se emfim a artista predilecta do nosso publico. Negar o prestigio de que gosa entre nós a sr.ª Sannazzaro seria negar a evidencia.

Uma das primeiras obrigações de uma empreza theatral é prestar homenagem á opinião do publico: ora, não se tem esta bem claramente pronunciado a respeito da sr.ª Sannazzaro? Examinem-se um a um todos os jornaes da capital, e nelles se encontrarão os merecidos louvores que a imprensa indistinctamente tem tributado á illustre cantora. Observem-se as operas que tem agradado durante a épocha actual, e ver-se-ha que são exclusivamente aquellas em que figura a sr.ª Sannazzaro.

Para melhor avaliar o merecimento desta dama, basta considerar as circumstancias especiaes em que ella fez a sua apparição entre nós. Sem ser precedida de uma reputação artistica, pois ella está ainda no principio da sua carreira, sem outra recommendação mais do que a do seu talento, fez a sua estrêa entre nós, quando estavam recentes ainda os triumphos de Novello e Stoltz. A sr.ª Sannazzaro teve, pois, a luctar com as saudosas recordações daquellas duas damas, e além disso com a hostilidade que então se havia declarado da parte de uma fracção do nosso publico contra a empreza. Vencer tantos obstaculos, agradar, causar enthusiasmo, nestas circumstancias, só um talento insigne, só um genio o poderia conseguir.

Consta-nos que o sr. Porto se propõe a apresentar uma *dama de cartello*, que esteja no caso de executar as operas em que se requer força e agilidade de voz. Somos de opinião que elle obra judiciosamente trazendo uma *primeira dama* distincta neste genero de canto, porém, não intendemos que elle nos queira privar do genero sentimental e dramatico. O canto *fiorito* e de agilidade causa admiração, póde arrancar um *bravo* espontaneo, porém o canto dramatico é o que falla ao coração, é o que vibra as cordas da sensibilidade, que nos arrebata, e muitas vezes nos faz misturar as nossas lagrimas com as do artista.

As operas deste genero ninguem melhor do que a sr.ª Sannazzaro as poderá desempenhar, e appellamos para a opinião do publico, que é unanime a este respeito.

Mas se além de tudo o que deixamos dito, a voz unisona da imprensa, e os desejos claramente manifestados pelos frequentadores do theatro de S. Carlos, não conseguirem conservar entre nós a sr.ª Sannazzaro, resta-nos a intima convicção de que ella não tardará a reapparecer sobre a nossa scena, onde a esperam novos louros e novos triumphos.

D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 41. QUINTA FEIRA, 20 DE MAIO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

REVISÃO DAS PAUTAS.

Senhora! As pautas das nossas alfandegas, objecto da mais subida importancia pelas suas relações com a riqueza nacional e com a fazenda publica, reclamam uma especial attenção do governo de vossa magestade.

Publicadas pela primeira vez em janeiro de 1837, e reformadas em parte em 1841, as pautas, que devem, de sua natureza, variar, segundo o movimento economico e industrial do paiz, estão hoje bem distantes do que elle era quando foram concebidas, e bem oppostas a muitas lições, que uma serie de experiencias nos tem dado, neste periodo de oscillação, de transição, e de ensaios.

Muitas industrias que não existiam entre nós, na época da promulgação das pautas, se crearam depois della. Algumas destas industrias viveram e prosperaram, outras morreram á nascença. Outras ainda, que se esperava vêr apparecer e desenvolver com a protecção efficaz que lhes affiançavam as pautas, não chegaram nunca a fazer a mais pequena tentativa a fim de se estabelecer.

O preço dos nossos salarios variou. Novas instituições, e novos costumes, estendendo successivamente a sua influencia, fizeram mudar muitas precisões, e muitos habitos dos nossos consumos. A producção da agricultura portugueza augmentou com um progresso immenso.

Ao passo que estas causas alteraram, de um modo visivel, as condições da nossa situação economica, deram-se ao mesmo tempo, em outros paizes, outras causas, diversas sim, mas poderosas e efficazes nos seus resultados, que vieram affectar as relações commerciaes, que o nosso paiz tem de manter com elles.

Os governos dos estados da Europa e da America, com os quaes o commercio de Portugal tem relações mais extensas e mais frequentes, fizeram, nestes ultimos annos, alterações radicaes nas suas pautas. Ainda todos os homens de estado, e de sciencia, estão contemplando as reformas cheias de grandeza e de arrojo que a Inglaterra fez na sua legislação commercial. A Hespanha, vencendo as suas repugnancias inveteradas, e dominando os interesses parciaes, que, em outra épocha, clamaram tão alto, entrou emfim no caminho das reformas commerciaes; e as pautas que o seu governo acaba de publicar, e que, por muitos motivos, merecem um sério exame da nossa parte, não pódem deixar de influir muito nas relações quotidianas e intimas que unem estes dois paizes.

Mas entre os caracteristicos que assignalam a presente época commercial, ha um que sobresae e domina a todos, e de cujo espirito está bem pouco penetrada a legislação das nossas pautas.

É a tendencia decidida para a baixa dos preços, assim das materias primas, como dos productos manufacturados, que felizmente se observa na marcha da industria de todos os povos.

Por uma fatalidade deploravel, os calculos exagerados dos preços, sobre os quaes assentaram as nossas pautas, e o augmento successivo dos nossos direitos de alfandegas, quasi nos tem excluido dos beneficios que resultam daquella baixa de preços, de que gosam os outros povos; e por uma excepção unica na Europa, o consumidor portuguez, consome hoje mais caro do que consumia dantes o que todos os outros consumidores compram hoje mais barato.

Vossa magestade permittirá que o seu governo insista em indicar á alta sabedoria de vossa magestade este mal, como o mais grave e o mais fecundo em consequencias desastrosas, que tem resultado do systema vicioso das nossas pautas.

A diminuição dos preços, que tem tido nos mercados estrangeiros, durante os ultimos quinze annos, a maior parte das materias primas, que alimentam a nossa industria, e quasi todos os artigos manufacturados, que nós não podemos produzir, esta diminuição como que não tem existido para nós, porque os direitos já pezados das pautas, muito superiores aos que pagavamos antes de 1837, aggravados pelos impostos addicionaes, e por alguns impostos novos, e vexatorios, aos quaes erradamente temos ido pedir allivio nas nossas agonias financeiras, tudo isto priva o grande numero dos consumidores portuguezes, dos commodos e dos gósos, que em um paiz bem governado, devem estar ao alcance de todas as classes;

impede o desenvolvimento do nosso commercio; condemna a nossa civilisação e o trabalho nacional a uma infancia prolongada, e, fundando um systema contrario á natureza das cousas, e oppressor de todos os interesses, em breve tempo fará desapparecer uma somma avultada da receita publica.

Alguns exemplos, escolhidos dentre os muitos que se apresentam por toda a parte, pois que a natureza deste relatorio não permitte mencionar a maior parte delles, virão confirmar as conclusões que o governo de vossa magestade tirou do juizo que formou a respeito do systema das nossas pautas — juizo que tem a honra de elevar á presença de vossa magestade no presente relatorio.

O ferro em bruto, foi sempre, e é hoje mais do que nunca, a materia prima, por excellencia, de todas as industrias, e a materia essencial da mais vasta, da mais util, da mais nacional das nossas industrias — a agricultura.

Tambem é uma materia indispensavel para outro ramo extenso da industria portugueza, a navegação de alto mar, e da cabotagem. O consumo de ferro é tido hoje como o principal indicio, pelo qual se avalia o progresso industrial de qualquer povo.

Em todas as nossas aldêas o ferro é consumido por milhares de pequenas officinas, onde se preparam os instrumentos do trabalho, e principalmente do trabalho das classes pobres.

Temos nas grandes cidades fabricas importantes de fundição, e de serralheria de ferro. Não temos, porém, uma unica mina de ferro que se explore.

E, comtudo, os direitos do ferro *forjado em barras, varões e verguinha*, que eram de 100 réis por quintal, foram elevados, pela lei de 9 de outubro de 1841, a 240 réis, e pela lei de 22 de novembro de 1844 a 360 réis. Accrescentando a estes direitos precipuos, os direitos addicionaes, que são aproximadamente 25 por cento daquelles direitos, é o imposto que paga o ferro forjado, como materia prima, 450 reis, direito superior ao que, em muitos paizes, paga a introducção do ferro convertido em obras.

O ferro *coado ou fundido* em bruto, *lingoados ou barras*, paga por quintal 300 réis de direitos, quando o custo desta materia prima nos mercados estrangeiros regula de 600 a 700 réis por quintal.

A exportação dos artigos de ferro fabricados em Portugal, que. por muitos annos, depois da independencia do Brazil, continuou a fazer-se para aquelle imperio, hoje mal póde ter logar, porque, gravado de direitos na sua entrada em Portugal, o ferro, materia prima, sobre a qual o nosso fabricante trabalha, já os seus productos não pódem sustentar a concorrencia com os das fabricas estrangeiras que exportam para o Brazil.

Quasi a mesma observação se póde fazer a respeito do linho, considerado como materia prima, e que nós importamos para dar alimento a uma industria caseira, espalhada por todo o reino, a qual o emprega no seu trabalho diario.

Outro tanto se póde dizer dos direitos que gravam muitas das materias que entram na manipulação dos productos chimicos, e na tinturaria, especie de industria esta, que por tantas vezes tem forcejado aclimatar-se entre nós.

Um desenvolvimento immenso de riqueza está entorpecido por este systema de imposição, que não deixa chegar, com abundancia e barateza, ás mãos do trabalhador as materias primas que ellé reclama para o seu trabalho, e os instrumentos com que o quer exercer.

Outros inconvenientes secundarios vem fazer ainda aggravar este mal.

Os productos exemplares e modêlos, que em toda a parte são admittidos, para servirem de padrões de imitação e de estimulo para todas as industrias, não pódem entrar no nosso paiz: e, quando entram, é através de mil difficuldades: ou porque não temos regras, que regulem a sua entrada, ou porque as temos tão mesquinhas, e tão subordinadas ao arbitrio, que tornam uma especie de graça e de mercê o que devia ser um direito commum e igual para todos.

Centenares de portarias, inevitaveis pela imperfeita redacção das pautas, teem alterado as disposições dellas. Destas portarias, umas tem sido publicadas na folha official, outras não. — Muitas das suas resoluções apresentam uma manifesta contradicção entre si. E o commercio, que tanto precisa de clareza, e de certeza na legislação que regula as suas operações, acha-se a este respeito em um labyrintho de contradicções e obscuridades que lhe fazem experimentar muitos damnos.

O methodo seguido para o despacho e escripturação de muitos direitos addicionaes, que se cobram por diversos titulos, tambem torna complicado um serviço, que para proveito do estado e dos particulares deve ser o mais simples e rapido.

À sombra dessa legislação viciosa tem nascido a industria criminosa do contrabando, que vaé medrando e tomando proporções assustadoras. E não é possivel evitar, nem pelo zelo das auctoridades, nem pelo rigor de penas que se decretem, e ás quaes se opporão os nossos costumes, um contrabando que acha o seu estimulo no premio avultado que lhe resulta de infringir as leis.

Senhora! Este estado de coisas não póde continuar. Conhecido como está o mal, é urgente remedial-o, com prudencia, mas com coragem.

Seria faltar a todos os deveres o occultar estas verdades ao paiz, e procurar conservar-lhe illusões que o arruinam, ou dirigir-lhe adulações que o desvairam. — Mas o governo de vossa magestade, adoptando com franqueza o principio da reforma das nossas pautas, quer ao mesmo tempo manifestar os principios pelos quaes intende que deve ser feita uma similhante reforma. Não convém que, em materia tão grave, se deixe dominar, por tempo algum, um estado de duvida, que seria assustador para muitos intèresses.

A legislação das pautas creou no pais muitos interesses novos que a ellas devem a sua existencia, e que só com a protecção dellas podem continuar a viver. Estes interesses occupam hoje milhares de braços. Capitaes avultados foram consagrados para fundar muitos estabelecimentos industriaes, alguns dos quaes enchem de satisfação a todo o coração portuguez. Temos algumas industrias florescentes, como são entre outras, as dos algodões, e dos lanificios que acabariam se quizessemos hoje diminuir-lhes a protecção que se lhes deu para as crear.

Todas estas industrias, pois, devem ser sagradas, como o é a fé publica na qual confiaram os que as fundaram. Se ellas tem de soffrer uma diminuição na protecção que se lhes deu, a épocha de fazer essa diminuição ainda está muito distante.

Mas, salva esta excepção, ou para melhor dizer, esta regra, e salva na sua maior amplitude, é preciso fazer desapparecer das pautas a exorbitancia dos direitos, que grava as materias primas; é preciso reduzir a proporções rasoaveis os direitos que pagam centenares de artigos, que nós nem fabricamos, nem fabricaremos nunca; é preciso tirar ao contrabando as causas que o excitam; é preciso attender ao que tem ultimamente feito as nações, com as quaes temos relações commerciaes; é preciso, em summa, tornar as nossas pautas uma lei de civilisação e de progresso, uma lei benefica e protectora, e não fazer dellas uma lei estacionaria de oppressão e de cegueira.

Feitas com discernimento e sobre estudos praticos estas reducções, longe de diminuir, augmentarão a receita total das nossas alfandegas.

É este o pensamento do governo, e para o desenvolver julga elle dever crear uma commissão especial, que lhe apresente os seus trabalhos em conformidade com os principios contidos neste relatorio, e que depois se occupe de codificar o acervo immenso da nossa legislação de alfandegas corrigindo-a e aperfeiçoando-a.

Para conseguir tão importantes resultados, tenho a honra de apresentar a vossa magestade o projecto de decreto seguinte.

Secretaria de estado dos negocios da fazenda, em 6 de maio de 1852. — *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.*

Tomando em consideração o relatorio do ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.° É creada uma commissão revisora das pautas, que devem regular os direitos de importação e exportação, que se pagam em todas as alfandegas do continente do reino, e ilhas adjacentes.

Art. 2.° Á commissão revisora das pautas serão prestados, por todas as repartições, quaesquer esclarecimentos que ella julgue conveniente pedir-lhes, para o bom desempenho dos seus trabalhos.

Art. 3.° A commissão revisora das pautas, propôr-me-ha, se o julgar conveniente, a creação de diversas commissões especiaes para a ajudarem nos seus trabalhos.

Art. 4.° Concluida a revisão das pautas das alfandegas, a dita commissão codificará em um codigo das leis das alfandegas, todas as disposições de natureza legislativa, relativas a este objecto, e, em um codigo dos regulamentos das alfandegas, todas as disposições de natureza regulamentar, relativas ao mesmo objecto, propondo nas disposições que existem todas as alterações necessarias para harmonisar entre si e para emendar o que a experiencia tenha mostrado vicioso.

Art. 5.° A commissão revisora das pautas é composta do ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, presidente, — e de mais oito vogaes, que são: Antonio de Oliveira Marreca — Diogo José de Oliveira Silva e Carneiro — Joaquim Larcher — José Joaquim da Costa Macedo — José Maria Eugenio de Almeida — Manuel da Silva Passos — Sebastião José Ribeiro de Sá — e visconde de Castellões.

Art. 6.° O secretario da commissão será nomeado, sobre proposta della, pelo ministro secretario de estado dos negocios da fazenda, de entre os empregados que actualmente servem nas diversas repartições daquelle ministerio. O dito secretario não terá voto. Do mesmo modo se procederá a respeito da nomeação dos mais empregados, que forem necessarios para o serviço da commissão.

O ministro secretario de estado dos negocios da fazenda, o tenha assim intendido e faça executar. Paço, em seis de maio de mil oitocentos cincoenta e dois. — Rainha. — *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.*

NOVO SYSTEMA DE IMPRENSA PARA O FABRICO DO AZEITE, CONSTRUIDA NO CORRENTE ANNO EM CALHARIZ.[1]

Não ha agricultura sem mechanica, nem trabalho em que não entre a mechanica, sciencia que applicada ás artes tudo facilita. Bem conhecia as suas vantagens o sr. duque de Palmella, de sempre saudosa memoria, que se esmerava em tornar faceis e perceptiveis as verdades uteis, segregando-as convenientemente da bem assentada theoria, para ficarem ao nivel da capacidade do agricultor e do artista.

Dependendo a agricultura immediatamente da mechanica, muito lucraria se os encarregados de dirigir fazendas territoriaes possuissem os elementos de tão util sciencia, que faz conhecer as forças e os atritos, e ganhar brevidade de tempo, de que resulta economia, principal fim a que deve attender o agricultor. Por isso mesmo, satisfazendo os designios do exm.° duque, emprehendi na sua quinta de Calhariz a construcção de um lagar por systema novo para a moagem da azeitona, que tambem podesse servir para vinho, e que désse os seguintes resultados:

1.° Economisar espaço:

2.° Augmentar a producção do azeite:

3.° Melhorar a qualidade do azeite comparativamente ao antigo systema.

S. ex.ª vendo que a antiga abegoarie só tinha 12 bois, e que isto era incompativel com o adiantamento e impulso que elle pertendia dar á agricultura desta sua propriedade, quiz mandar construir outra abegoaria mais vasta, que contivesse 40 a 50 cabeças de gado. — Obedecendo a esta boa inspiração, sem todavia entrar em avultadas despezas, mas attendendo sempre á divisa da verdadeira economia agricola — *gastar dinheiro para poupar e lucrar mais* — propuz o seguinte:

Erigir uma imprensa de novo systema para azeite no lagar existente do vinho, que podesse servir para ambos os fabricos, obtendo tambem a desejada collocação de maior numero de gado. Apoiou s. ex.ª esta idéa e incumbiu-me de fazer os desenhos da nova imprensa e engenhos relativos, como tambem da fórma dos lagares, indicando as diversas reformas nos mes-

[1] Artigo communicado pelo sr. J. Gagliardi.

mos, e acompanhando tudo de um orçamento das despezas. Agradou o meu plano a s. ex.ª e logo ordenou que se executasse, recommendando especialmente a grande abegoaria.

Construiu-se esta com o seu correspondente andar superior para deposito de forragens, e com 42 logares para cabeças de gado. A despesa foi apenas de algumas duzias de moedas, poupando a exm.ª casa mais de 4:000$000 a 5:000$000 réis, que de outro modo gastaria.

Reunido o lagar de azeite ao lagar do vinho, e servindo para ambos os usos no mesmo local, por ser o primeiro de pequeno vulto, poupou-se a despeza de um grande edificio que aliás se precisaria, trabalhando-se pelo antigo systema.

A segunda vantagem, a maior producção d'azeite, obtem-se mediante a grande força que a nova imprensa exerce sobre a massa da azeitona, sendo construida pelo principio do celebre Archimedes que dizia a respeito da alavanca: — «dai-me um ponto de apoio que levantarei o mundo.» — Esta força póde graduar-se para mais ou para menos, segundo fôr preciso, alongando o braço da alavanca, de maneira que se extrahe todo o azeite que o bagaço póde conter. Em prova disto citarei o resultado de duas experiencias feitas neste sentido com o bagaço de Calhariz e da Quinta dos Arcos, tendo comprado de proposito este ultimo, ambos já trabalhados pelo antigo systema.

O de Calhariz depois de ter dado 18 potes ou alqueires, termo medio de azeite na proporção de uma moedura de 18 cestos de fanga, tirei-lhe ainda com a nova imprensa mais tres potes e 2 canadas e do bagaço da Quinta dos Arcos, na mesma porporção, 3 potes e 2 canadas. Total 7 potes.

Termo medio 3 potes e 6 canadas: o que equivale a mais um sexto.

Se as duas sobreditas partidas de bagaço fossem escolhidas frescas, e não velhas e de ha muito salgadas, teriam deitado seguramente em logar de um sexto um quinto de producção a maior. A imprensa que executa este trabalho torna-se ainda mais preciosa, considerando-se que o dito augmento de producto deve ser constante em todos os annos, quer a azeitona renda bem como ultimamente que deu 18 termo medio, quer nos de mediocre ou má colheita em que renderá por exemplo só 8; o que vem a ser na rasão de 22 para os primeiros e de 12 para os segundos. Este augmento, mesmo nos annos de má colheita, em vista da pouca quantidade de azeite, dá um lucro pelo preço mais alto, lucro devido a este systema.

A terceira vantagem, isto é, obter-se azeite de melhor qualidade e mais transparente, por consequencia de maior valor, procede das faceis e breves operações seguintes.

Todos sabem que da azeitona colhida no seu verdadeiro grau de madureza; sã, e limpa de todos os corpos estranhos, collocada a sua massa n'uma tina, situada em logar de mais elevada temperatura, sabe naturalmente e se distilla um azeite puro e muito bello. Mas, este processo, além de subministrar pequena quantidade, demanda muito tempo e se fôr muito prolongado a massa toma um mau cheiro de ranço; é, portanto, um fabrico muito pouco conveniente.

O melhor do azeite commum é o que sahe das imprensas ordinarias de varas leves e de pouca força, quando se attende a separar a primeira da segunda pressão, saindo sempre o azeite da primeira de melhor qualidade. Mas, tambem nisto se gastam 24 horas para cada moedura, o que não preenche a desejada economia. Por este motivo muitos proprietarios, para ganhar tempo e evitar despezas, pensaram em adoptar as prensas hydraulicas; porém, obtem um liquido inperfeito, e que não faz vista; sobretudo aquelles que abusando da força das prensas obrigam a sair o azeite de repente e de mais, de modo que vem acompanhado das partes heterogoneas, a parenchyma e a albumina, que dão uma demasiada côr de verde ao azeite, pelo que não é bem acceito no commercio.

Pelo contrario, o meu systema segue a marcha da natureza a respeito da distillação produzindo um azeite de superior qualidade, com economia de tempo e de despezas, tendo-se empregado a força necessaria para augmentar a producção consideravelmente.

O novo lagar consiste n'uma imprensa fixa, conforme o desenho que appresentei na Exposição agricola de Lisboa ultimamente, é de oito carrinhos que oppertunamente fazem as funcções de outras tantas imprensas moveis, os quaes são munidos de quatro parafuzos, formados de uma base e de uma chapeleta de madeira, ambos com duas pranchas de ferro encaixadas na mesma madeira, sahindo dos dois lados em fórma de forquilha, e os dictos parafusos servem para graduar a pressão. A prancha que serve de base tem quatro rodas, com uma cava nas mesmas para poderem correr por um estrado de ferro. Uma caldeira para aquecer agua que deve ser fechada hermeticamente para desenvolver o vapor. Tem tambem uma estufa que se aquece com o vapor da caldeira, para amaciar a azeitona e facilitar lasgar as moleculas para largar o azeite puro.

Esta estufa serve tambem n'outra occasião para fazer morrer as chrysalidas dos casulos dos bichos de seda, que ficam promptos para serem fiados.

O destino deste novo lagar é produzir tres qualidades de azeite; tem por isso tres tanques para receber os azeites de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades; estes são cingidos de muro formando um vão em redor para introduzir o vapôr da caldeira por meio de um canno conductor, e na frente em cada um vão uma torneira para regular, segundo a precisão, o vapôr, afim de conservar o azeite na conveniente temperatura elevada.

Finalmente, é munido o novo lagar de uma especie de caminho de ferro para o facil transporte dos carrinhos ou imprensas moveis, e depois de se ter distillado nos competentes lagares o primeiro azeite, passam debaixo da imprensa fixa, para ahi se espremer o de 2.ª qualidade.

(Continúa.)

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 465.)

Note-se que essa indole perguiçosa e inimiga do

trabalho não é peculiar aos indigenas do Brazil. Quasi todas, senão todas, as tribus americanas são achacadas desta molestia, como se póde vêr em Robertson (History of America), ou em algum outro escriptor. Quanto á raça ethiopica e suas variedades, a preguiça della tambem é bem conhecida. O escravo trabalha porque teme o latego; cessando este temor, o trabalho cessará, e senão olhe-se para a generalidade dos libertos. Tambem elles são incommodos a varias das nações do Novo Mundo, e n'algumas, como os Estados-Unidos da America do Norte, desprezados e aborrecidos. Ora, com homens desta tempera como poderão medrar a agricultura, o commercio, e a industria? O tirocinio destas profissões requer sujeição, soffrimento, trabalho e actividade; mas a elles falta-lhes para tudo isto a resignação. Logo, quem desta gente quizer fazer alguma coisa, deverá começar excitando-lhe a ambição; não aquella ambição que tudo queima e esterilisa, ou, para me servir das expressões do sr. Thiers, aquella ruim ambição que quer elevar-se destruindo; senão a que se eleva edificando. Espero que a ambição consiga supplantar a preguiça.

Nas altas classes, e mui especialmente nas da raça europea pura, não pouco se fazem egualmente sentir as influencias dos ardores equatoriaes: comtudo não se carece de olho mui perspicaz para observar que nestas classes a aversão para as profissões laboriosas e mechanicas ainda provém de outras causas de natureza mui diversa, porém assaz poderosas, bem que não impossiveis de destruir. São certos vicios da educação, incluindo o orgulho que têem os homens pobres, ou apenas abastados, de hombrearem com os mais ricos, e não raramente de os exceder.

Entre os membros destas classes, pouco importa que sejam nacionaes ou estrangeiros, apenas um menino vê a luz do dia, logo se acha rodeado de servos que humildemente se esforçam por lhe adivinhar as necessidades, e mesmo os caprichos. As vozes — sinhosinho, meu senhor — constantemente lhe soam nos ouvidos; os bordados, e outros diversos lavores mui lindos e custosos enfeitam-no com profusão; e quer em casa, quer na rua, sempre um ou mais escravos acompanham o *sinhosinho*, que aos 8 ou 10 annos já não sabe á rua sem a sua casaca. Fallando assim não é minha mente tecer censuras, senão referir verdades.

Ora, quando na casa paterna os meios abundam de feição que o filho possa no futuro satisfazer ás multiplicadas e sempre crescentes exigencias da sua posição, aquelles mimos merecem desculpa, ao menos pela utilidade que a sociedade dahi aufere.

No tempo em que o viver das nações era mais austero; quando Sparta inteira comia a uma meza, ou Fabricio olhava com despreso para o ouro de Pyrrho, o luxo seria uma calamidade capaz de anniquilar os mais famosos imperios. As scenas hoje mudaram. No estado de corrupção em que vivem os povos civilisados, a superfluidade não é unicamente uma conveniencia, é uma necessidade: o luxo é o pae da industria, e o principal estimulo para o commercio. Desgraçado do pobre se pelas creações da fantasia, ou pelo suor do rosto, não podesse arrancar da mão do opulento os meios de haver o seu pão! Com a divisão da propriedade actualmente existente no mundo civilisado, o decreto que supprimisse as artes que alimentam o luxo, seria a certidão d'obito de sete ou oito decimos da população.

Mas o necessario do rico é, como se expressa um acreditado moralista, o superfluo do pobre. O homem rico adquire mil precisões, que ao pobre importa desconhecer. Logo é gravissimo mal que o cidadão de poucos ou nenhuns haveres, querendo a todo o custo equiparar-se ao que tem muitos, e até obscurecel-o, crie seus filhos com um fausto que elles no futuro não pódem sustentar, e que em regra sempre lhes é funesto tanto ao physico, como ao moral. Os resultados de tão deploravel systema são, tornar os mancebos incapazes de sujeição, e de se applicarem ás occupações mais laboriosas; crear-lhes mil necessidades facticias que nem sempre poderão satisfazer, mesmo á custa da honra; e finalmente legar-lhes um futuro pobre e calamitoso.

Dizei a um moço assim creado que vá entre homens de diversas castas sentar-se na tripeça de sapateiro, ou no banco de alfaiate! Dizei-lhe que vá bezuntado de breu trepar-se nas vergas de um navio acossado pela tempestade! Dizei-lhe que é mister aprender na forja do ferreiro a ganhar pão ensopado em suor e pó de carvão! Dizei-lhe que vá na quitanda em mangas de camisa, com as roupas todas ensebadas, e quasi descalço, empunhar o cabo da vassoura para a varrer; que vá nella medir quartilhos de azeite, servir muitos dos que já lhe chamaram — meu senhor — ou fazer outros serviços todos humildes, e em completa desharmonia com os seus habitos! Dizei-lhe que para um dia ser rico é forçoso sujeitar-se ás impertinencias e grosserias de um mestre, ou de um patrão, e que esta sujeição é absolutamente indispensavel a todos os que se dedicam á um officio, ou ao negocio! Elle recusará tudo, e se acaso se submetter, difficilmente será bom caixeiro, bom artifice, ou bom marinheiro.

Em tal conjunctura é-lhe forçoso buscar um rumo de vida mais analogo ás suas propensões; e este individuo que não quiz obedecer a um mestre, ou a um patrão, na esperança de um dia por seu turno ser mestre ou patrão, não duvida de continuo arrastar-se aos pés dos ministros da coróa em cata de um emprego as mais das vezes temporario, que lhe presta modicos salarios, e frequentemente, pela dependencia em que o colloca, lhe tira a dignidade do homem, e a consciencia.

Mas isto ainda não é tudo. Quando nessa posição, o mui natural desejo de a melhorar, nem sempre regulado, como cumpria, pelos dictames da boa moral, a miudo o lança nos partidos, e dahi a pouco tardar, nas voragens da anarchia. E eis ahi a causa porque nas intestinas guerras, que como um abutre desde a independencia teem roido as entranhas do Brazil, sempre figuram muitos empregados, e rarissimos lavradores ou commerciantes. Assim póde-se dizer que nas infimas classes anda ambição de menos, e nas superiores ambição de mais. Esta é pelo menos a minha opinião, a qual emitto sem a mais leve tenção de injuriar a ninguem, e muito menos á corporação dos empregados publicos, cuja quasi totalidade é summamente respeitavel.

São pois aquelles os verdadeiros fundamentos porque o Brazil vê tão poucos filhos seus no commercio

por miudo, a porta por onde commumente se passa para o commercio por atacado; e não as intrigas, nem os conluios dos portuguezes, como por ahi tantas vezes se tem affirmado. São elles ainda que afugentam os brazileiros das artes mechanicas e industriaes, e que nestes desenvolvem uma tão notavel tendencia para os empregos, e para a vida litteraria, como a melhor habilitação para trepar aos mais duradouros e eminentes cargos.

Aos defeitos da educação se devem consequentemente em grande parte os tropeços que estorvam os brazileiros de competir com os portuguezes que aqui vem ter o seu aprendizado commercial. Os ultimos, sendo geralmente pobres, e por tanto avezados ás privações, assim como ao trabalho, quando pela primeira vez entram para um estabelecimento de commercio, ainda dos mais inferiores, melhoram de situação, e sem repugnancia se prestam a serviços, que, comparados com aquelles a que anteriormente eram constrangidos, já são mui suaves. Como vinham affeitos á obediencia, e sem parentes nem protecções se acham na terra alheia, quando a sorte lhes depára patrões nimiamente rabugentos, calam-se e aturam-nos até lhes apparecerem outros melhores; e não conhecendo as superfluidades do luxo, vão dos seus mesquinhos ordenados poupando e accumulando sommas que a miudo transformam o caixeiro em patrão, e o negociante de minguados cabedaes em negociante de grosso trato e rico proprietario. E o numero destes bemaventurados avultaria mais, se muitos estrangeiros, corrompidos pelos vicios que os cercam, não buscassem tão cedo ser patrões. Namorados assaz prematuramente da independencia e da casaca, bastantes delles vão com diminutos fundos abrir loja, quitanda, ou qualquer outro estabelecimento; e como se esse erro ainda não bastasse, despendem mais do que pódem com os novos habitos adquiridos, ou com os vicios; de feição que no fim de poucos mezes ou annos teem dado em pantana com o seu, e, o que é de peior com o alheio. Então arruinado completamente o credito, e perdida a honra, tomam a profissão de vagamundear, e de chafurdar nas sentinas do jogo e da sensualidade, tornando-se os flagellos da sociedade, e a vergonha dos compatriotas.

Deixando porém na sua miseria estes entes infelizes, só olharemos para os que, tendo atravessado um periodo maior ou menor no serviço alheio, á força de lidar e economisar se collocaram em boa posição, e chegaram a possuir bens que lhes ministram as commodidades de que é merecedor o homem que por meios licitos sabe engrandecer-se.

É na realidade um bellissimo espectaculo, o vêr o labrego que aos 10 ou 12 annos de edade abandonara o arado, a enxada, e a humilde aldêa em que era apenas um rapazinho pobre e grosseiro, a poder de perseverança, de trabalho e de economia polir-se, dar um pontapé na pobreza, e pouco a pouco erguer-se até se collocar na altura do negociante acreditado, rico, ou mesmo riquissimo; adquirir então honras e dignidades, e tornar-se o tronco de uma familia distincta ás vezes por muito mais do que pela influencia proveniente dos capitaes!...

Ora, para este espectaculo, que por vulgar nem por isso cessa de ser sublime; que é capaz, elle só, de sanctificar o trabalho, a economia e a propriedade; é que eu entendo que a imprensa brazileira deveria chamar a attenção dos seus conterraneos de todas as classes; deixando, tanto quanto fosse possivel, no abandono essa politica tediosa e esteril, ao menos para o bem, que ha longos annos quasi exclusivamente lhe serve de alimento, e traz tão enfezado o vasto corpo do imperio de Santa Cruz. Mas então, em logar daquella linguagem cynica, desorganisadora e impudente que tantas vezes lhes tem fallado, seria indispensavel usar de est'outra:

« Compatriotas, que viveis na pobreza!... Vêdes o « estrangeiro que habita naquella formosissima casa « construida por elle; que é casado com uma linda « mulher, e que com tanta magnificencia sustenta « uma familia toda composta de brazileiros?... Pois « aportou ás nossas praias sem dinheiro, sem nome, « e sem familia; sujeitou-se porém a ser caixeiro, « percorreu nessa posição os diversos gráos da escala « commercial, supportou com paciencia as incommo- « didades de cada um delles, soube trabalhar, pro- « duzir, e economisar, pelo que já tem nome e fa- « milia, e colhe abundantes fructos da sua activida- « de e intelligencia!... Compatriotas!... reparai « bem nesse estrangeiro; não para lhe invejardes as « riquezas, senão para que o seu proceder, e a sua « fortuna vos estimule. E' pois que na patria que « Deus nos deu ha riqueza, e muita riqueza, para « todo o homem que, como elle, quizer trabalhar e « economisar, trabalhemos, economisemos e enrique- « çamos: nacionalisemos assim o nosso commercio, « bem como a nossa industria, e sem maltratar a « quem nos serve de exemplo e estimulo, façamos « do Brazil a patria dos brazileiros. »

Esta linguagem repizada todos os dias, e a todos os instantes; esta cruzada geral em favor do trabalho, da economia e da publica tranquillidade, seria para a imprensa periodica, e para todas as capacidades brazileiras, a mais honrosa das emprezas, e por certo alcançaria as bençãos da posteridade. O poder legislativo tambem pela sua parte buscaria curar essa terrivel febre que eleva a instrucção superior mui além das forças da população. A tendencia para os empregos energicamente combatida de todos os lados, gradualmente se enfraqueceria; o commercio, a industria, e as artes mechanicas conquistariam muitos cidadãos, e o governo vendo-se livre de um formigueiro que aspira a viver do thesouro, poderia fazer simplificar o pessoal de todos os ramos da publica administração, e applicar aos grandes melhoramentos do solo as sobras da renda annual, ou diminuir o tributo.

Escuso demonstrar que deste complexo de melhoramentos tambem para a sã moral resultaria um magnifico triumpho, só funesto áquelles que, como o peixe fóra d'agua, não vivem fóra das politicas agitações. Estes enfezar se-hiam e morreriam; o paiz prosperaria.

E não se persuada ninguem que o que acabo de escrever seja puro sonho, ou que eu moro no paiz das chimeras. Estas verdades, tão palpaveis, já para muitos brazileiros são sediças; nem eu pertendo as honras da descoberta. Mesmo no parlamento já algumas capacidades reconheceram que a origem dos males que, no tocante ao commercio e á industria opprimem o paiz, está principalmente nos defeitos

da educação da mocidade emanados da escravidão.

O sr. Ferraz na sessão de 28 de junho dizia:

« Ninguem póde contestar que em consequencia « deste mal (a servidão) a maior parte dos cidadãos « não se querem prestar a certos misteres, todos pro- « curam as posições mais elevadas....»

E na sessão de 4 de julho ainda este orador melhor reproduzia o seu pensamento nos seguintes termos:

« Parece-lhe incontestavel que o systema da escra- « vidão é a causa principal de os nossos patricios « não se darem a certos ramos de industria. Será fa- « cil, por exemplo, achar um nacional que vá empre- « gar-se no serviço de conduzir agua pelas ruas? « Apezar das medidas legislativas, que convidam os « nacionaes a se empregarem no serviço das capata- « zias das alfandegas, todo elle recahe sobre os es- « cravos. São conhecidos os nossos prejuizos. Até « certo tempo a profissão de comico era considerada « como infame. Conforme a nossa educação, não to- « leramos o mau trato dos logistas, quando somos « empregados como caixeiros: quando somos tratados « mais asperamente, pegamos no nosso chapeu, e não « continuamos a ser caixeiros. Difficilmente se encon- « tra quem queira ser caixeiro de taverna. É mesmo « uma macula dizer-se que foi ferreiro ou taverneiro « um homem que tem subido a certo grau; e todos « os que tem seguido este, e outros ramos de indus- « tria, o occultam....Insiste ainda no argumento « que apresentou no seu primeiro discurso, mostrando « que não póde existir no paiz industria e commer- « cio, quando não está garantida a liberdade indivi- « dual, e de propriedade....»

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIV.

AS TRES GRAÇAS.

(Continuado de pag. 477.)

— « Nada! — replicou ella confusa. Ainda julgas pouco?... Não quero aqui tristezas. Li n'um conto que, por occasião do casamento de certa princeza, foram convidadas tres fadas, e cada uma fez seu brinde. Catharina, eu e Thereza vamos-te fadar. Fórma um desejo, deixa-me acenar com a varinha, e verás... »

— « Estouvada! »

— « Que mais? »

— « Principia por ti! »

— « Não sou noiva. »

— « É por tua culpa. »

— « Prouvera a Deus!... Olha, meu amor, o padre Ventura, que é fino como um coral, disse uma vez á minha vista, que o coração da menina menos esperta tinha mais que estudar do que a livraria do seu convento... »

— « E o padre Ventura sabe! »

— « Nestas coisas sei eu mais. — Os homens, por muito que trabalhem, em nós não querendo, não adivinham nada. Estudam de cabeça, lêem mais pelos seus livros, mas o coração não está nos livros; e em sentir não se aprende senão cada um pondo o caso em si. »

— « A que proposito trazes isso, minha alegria? » — observou Catharina inquieta, e receiando alguma travessura.

— « A proposito do adagio que diz — não ha rosa sem espinhos. Adivinho o teu desejo, como se o estivesse lendo. »

— « Sim? Porque o não dizes? »

— « Não te enfadas? »

— « Enfadar-me!... »

— « Vê se é verdade! O segredo que os teus olhos, esses olhos que eu gosto tanto de vêr alegres, estão dizendo a quem os percebe, o teu segredo... ha de vir d'alli, e voltar defronte deste mirante... o resto não digo. Adivinhei ou não? Se ha meia hora não vivem senão de desejar esses olhos dissimulados!... Não te faças córada; ficas mais bonita e eu não me callo. Espera! Agora é o coração tambem. Estou-o d'aqui ouvindo palpitar. »

— « Louca! Má! — exclamou a sua amiga com um sorriso. — Sim, mas ouve. Sabes que tenho ciumes do teu noivo? E se elle me não ceder esses olhos que são meus, mal nos daremos, protesto! Lembras-te quando os abrias muito irada e eu os socegava aos beijos e abraços?... Ai! Muito havemos de chorar ainda pelo convento, e até pela regente. Parece que lhe estou ouvindo a tosse!... »

— « Cecilia! — interrompeu Thereza, com os olhos nadando em lagrimas. — E o teu segredo? »

— « Não se diz a quem esconde os seus?!... Demais, querida mana, eu sei o teu desejo; e não o digo, por tu seres má... »

— « Nem pergunto! »

— « Se não perguntas, e fazes essa boquinha, fallo! »

— « Temos loucura nova? »

— « Sim! As loucuras são só minhas! Vou lêr-te a *buena dicha*. O teu desejo é saber se em Lisboa ha um homem parecido ao moço esbelto,

que nunca viste, mas que esperas encontrar... E o peior é que se os teus olhos o não acharem é o mesmo pará Jeronymo... O mal é sem remedio. »

— « Vamos! — observou Catharina rindo; já fomos duas na berlinda. Paga a prenda. Hei de saber o teu desejo. »

— « O meu é tal e qual o de uma menina muito formosa e muito minha amiga, que nos está ouvindo. Desejo vêr alguem. »

— « E crês que vem? »

— « O que te diz o coração? »

— « Que sim. E o teu? »

— « Tambem. Não importa; quero perguntar a esta flôr. »

— « Um mal-me-quer? »

— « Não! Um bem-me-quer. Olha, aposto que tiro a sorte, e que me adivinha se estão com saudades minhas? »

— « Acreditas?... » — acudiu Thereza.

— « Menina, o amor acredita tudo... Vês? A ultima folha é bem-me-quer. Gosto das flores, entendo-as tão bem! Ai, o meu retrato! »

E acudindo com a mão ao peito já não pôde segurar uma lamina de ouro, que servia de caixa á miniatura. Caíndo, o retrato ficou ao pé de Catharina, que foi mais depressa com a mão, e evitou que Cecilia o levantasse. A educanda muito vermelha olhava para a sua amiga com ar de enfado meio coberto por um sorriso.

— « Ah, sonsinha, até que te apanhei! Já sabemos o teu desejo; vamos vêr se tens bom gosto. »

E dizendo isto a noviça ía a tocar na móla para fazer saltar a tampa. Cecilia, com o rosto acceso como um lacre, lançou-se nos seus braços para a atalhar. Ao mesmo tempo Thereza pegou-lhe nas mãos ambas, e segurava-a exclamando:

— « Estás presa! »

— « Deixa-me! Não quero! »

— « Se é segredo, eu fecho já. » — observou D. Catharina muito séria.

— « Pódes vêr; mas agora não. »

— « Agora sim! — atalhou Thereza. — Não chores, meu amor; nós somos de segredo. É bonito? »

— « Não te importe!... »

— « Olha, Cecilia — disse a noviça rindo — não ha remedio. O retrato ha de vêr-se. Queres tu mostral-o. »

— « Mas has de me dar tambem o retrato do conde. »

— « Aqui está. Faço-te as vontades. »

Cecilia, em quanto a noviça tirava do seio a medalha do conde de Aveiras, patenteou a miniatura, que o seu amante lhe dera no convento; e lançando logo os olhos com anciedade para a outra figura, comparou as feições, e fugiu-lhe pelos cantos da bocca aquelle sorriso disfarçado, que a melhor amiga não perdôa a outra, no seu orgulho. Effectivamente o rosto do mancebo era mais nobre e gentil que o do conde; e na fina pintura realçava córado de animação, como no momento em que aos seus pés protestava amal-a sempre.

Da sua parte, D. Catharina, apenas a caixa se abriu, e deixou vêr o retrato, fez-se pallida, estremeceu, e escapou-lhe um suspiro com o sobresalto. D'ahi, contendo-se a custo, levantou ao céu os olhos, foi direita a Cecilia, e apertando-a extremosamente, pousou-lhe na testa um beijo tremulo como a sua alma, assustado como o coração que a sua amiga sentia bater tão rapido, que parecia estalar no peito.

Attonita da allucinação que descobria na vista de Catharina, reparando depois na pallidez das faces, e no tremor dos labios, a educanda recuou, perguntando:

— « Catharina, assusta-me. Jesus! O que tem esse retrato? »

— « É delle, do teu amante? »

— « Deu-m'o a ultima vez em Santa Clara. »

— « E não sabes como se chama? Ainda te não disse quem era? »

— « Disse. Chama-se D. João de Villa Viçosa. »

— « Mais nada! » — insistiu a noviça com extrema agitação.

— « Que mais querias? O nome é bonito. Não achas a figura do teu gosto? » — respondeu Cecilia meia enfadada.

Catharina calou-se, apertou as mãos com ancia, e deixou-se caír quasi desfallecida nos braços de Thereza, que pasmada acudia a amparal-a. As duas irmãs viram a noviça inclinar a cabeça, suffocar-se, e d'ahi, em fio, as lagrimas a correr a gota e gota pelas faces.

— « O que tens, o que te fiz, meu amor? — exclamou a educanda, passando-lhe o braço ao redor do collo, e unindo a sua bocca á della, cujos suspiros apagava com os beijos extremosos. Depois sentada no seu regaço com o mimoso carinho, que era um attractivo irresistivel, accrescentou:

— « Se te offendi, perdão. »

— « Ah, Cecilia, eu bem temia!... Esse retrato sabes o que é? »

— « Porque te assustas? »

— « É a morte, a desesperação, senão morreres. »

— « O meu retrato! »

— « Esse mancebo... pela minha alma te juro, não ha de ser teu esposo! »

— « Se não soubesse, Catharina, dizia que tinhas ciumes! » — gritou a educanda, saltando do cóllo, cheia de ira na vista.

— « Dize o que quizeres. Acreditas que sou tua amiga? Crês que a tua felicidade a desejo tanto ou mais do que a minha propria? »

— « Sim! » — respondeu ella pasmada.

— « Farás por amor de mim um sacrificio? »

— « Todos! »

— « Promettes não tornar a vel-o antes de passarem nove dias? »

— « É impossivel! Não sabes que vém logo, que o espero? Não me dizes nada, e queres!... não entendo, Catharina, em nome do céu: elle é casado? »

— « Não. »

— « É fidalgo? »

— « Muito. »

— « Então? »

— « Menina, mesmo solteiro é como se fosse casado. Põe na tua ideia que o amas, mas que está morto. »

— « Fazes-me viuva sem ser esposa? »

— « Não perguntes! Salva-te, salva-te! Ainda é tempo.

Thereza, entretanto, olhava para o retrato do conde de Aveiras, e não podia tirar os olhos delle; pouco a pouco um rosado vivo subiu do seio ao collo, e do collo esparzia-se pelo rosto. A vista, em torrentes suaves, distilava meiguice e ternura; os beiços entrabertos e anhelantes tremiam com os suspiros, como as folhas, á roda, com a aragem.

— « Está fiel a copia? » — balbuciou sempre com a vista no retrato — Este cavalheiro é parecido ao original? »

— « Tão parecido, Therezinha, que se eu fosse de ciumes o não mostrava. Qual acha melhor? » — acrescentou aproximando as duas miniaturas.

— « Aquelle tem mais presença — talvez será de mais figura; mas este, que olhos insinuantes, que feições nobres!... D. Catharina, a dama a quem jurar amor ha de ser a mais feliz de todas as mulheres. »

— « Não o nego; e dou a Deus infinitas graças! »

— « Elle é assim moço, como no retrato? »

— « Dois annos mais velho, do que eu. Sabe, Therezinha, começo a desconfiar! »... — acudiu rindo e abraçando-a — « Quer-me roubar o meu noivo e metter-me no convento outra vez? O conde será o heroe da sua paixão occulta? »

Thereza fez-se pallida, e depois vermelha. Ao mesmo tempo a noviça, beijando-a affectuosamente, guardava o retrato, sorrindo, e dizendo:

— « Jeronymo tambem é gentil. Deixemos correr o tempo; ainda hei de vel-os namorados. »

— « Nunca!... » — murmurou a irmã de Cecilia, cuja vista se obscureceu.

— « O conde vem logo? » — perguntou Cecilia.

— « Porque?... Bem digo eu; querem tirar-mo todas. »

— « Olhem, dois cavalheiros, que alli vem! » — gritou de repente a educanda.

— « É verdade! » — exclamou Thereza.

E as tres meninas, com os braços enlaçados, a cabeça inclinada sobre o hombro, e o corpo debruçado pela janella do mirante, eram as tres Graças em um grupo arrebatador.

Apenas se aproximaram os cavalleiros, Thereza fez-se branca e encostou-se ao braço da noviça. A vista corria adiante della e o coração batia apressado. Decorridos instantes, a irmã de Cecilia, fazendo um esforço, disse:

— « D. Catharina ou o seu retrato é falso, ou aquelle da esquerda é o conde de Aveiras. »

— « Cecilia » — acudia a noiva ao mesmo tempo — « o cavalleiro da direita é a figura da tua caixa! »

Nenhuma podia fallar. Estavam anhelantes, timidas, e vermelhas como tres rosas. Elles viram-nas, pararam um momento debaixo da janella, e em um sorriso, em um só lance de olhos, cada um enviou á sua as saudades e o amor, que tinha no coração.

— « Sabes porque elle vem com o conde, e á direita? » — perguntou Cecilia pensativa a D. Catharina.

— « São muito amigos, segundo vejo. E tu fazes-me o que eu pedi? » — insistiu esta, cujo semblante tornou a carregar-se de tristeza.

— « Olha, Catharina, ditosa ou infeliz, é a minha sina. Deixa-me viver e morrer com ella. »

— « Cecilia! O que será se um dia a illusão passar, e conheceres o que perdeste, e o que merecias?... »

— « Nesse dia, tenho uma amiga e uma irmã que me consolem, e esses braços affectuosos

para me amparar; olha; conto com um coração igual ao meu, digo-lhe tudo, e choraremos ambas. Deixa-me enganar, se é engano! Se soubesses o amor que eu lhe tenho!»

— « Vae anoutecendo. Queres que entremos para casa?»

— « São horas. Thereza ficas?»

— « Vou já.»

E as duas, uma pelo braço da outra recolheram-se pela rua principal do jardim.

Thereza ainda se demorou um pouco. Tinha tanta oppressão no peito, e uma saudade tão viva na alma, que não a sabia explicar. Desde que vira o retrato, sobre tudo depois que o conde appareceu, esquecia-se a miudo pensando n'elle. Se voltava a vista atraz, e reflectia no amor de Jeronymo, no laço que os devia unir, sentia o coração frio, e as lagrimas como perolas liquidas tremiam-lhe nas palpebras que desfalleciam. Agora é que sabia o quanto a liberdade é doce!

Assentou-se, abismada nas suas reflexões: em um momento o pensamento, ardendo com as recordações, correu no vôo impetuoso os quadros risonhos, os dias innocentes da existencia passada. As esperanças, as illusões, e os desejos de uma donzella, cujo sentimento é melindroso como a sensitiva, passaram, uns apoz outros, diante da idéa; e fugindo, cravavam uma saudade mais naquelle peito, em que já era tudo confusão e e desasocego.

— « Porque não é Jeronymo como o conde?» — exclamou pondo no chão os bellos olhos lacrimosos.

Dahi, fazendo um esforço, levantou-se e a passos tremulos seguiu pela rua do jardim, que ia ter a casa. Andava de vagar, e a cabeça pendida e a vista inclinada diziam mais no silencio do que ella propria ousaria confessar. Thereza tinha medo por ver tão claro dentro do coração.

— « Catharina é bem feliz! — proseguiu suavemente. — Ama, é amada! O homem escolhido por ella não virá illudir-se nos seus braços... Adora-o... tem rasão! Eu fazia outro tanto. A fortuna é assim; dá tudo a uns... Oh, a minha alma, a minha vida!.. Que fiz eu a Deus para merecer este castigo?» — E desatou naquelle pranto espontaneo e quasi infantil, que rebenta sem custo, quando a alma ainda está mimosa e começa a gemer dos primeiros desenganos.

Pobre Thereza! No momento, em que suspiravas os teus queixumes, o conde de Aveiras na sala, e quasi ajoelhado aos pés de Catharina, pousava-lhe na mão aquelle beijo tão longo e soffrego, em que se estremece o affecto dos amantes: se ella os visse assim radiosos talvez que a dor se exacerbasse. Não viu. Recolhida no seu quarto, chorou algumas horas sem testimunhas. Quando appareceu, já o conde tinha sahido; e o rosto da irman de Cecilia, desmaiado e abatido, assustou as suas amigas pela dolorosa pallidez. Parecia que golphara com o pranto todo o sangue do coração.

A educanda e Catharina attribuiram esta alteração á sua indifferença por Jeronymo, e cuidaram de a animar. Ella com um sorriso cheio de suavidade, resignada mas inconsolavel, respondeu-lhes tristemente:

— « Não é nada! Estou melhor... Pensando mais: Jeronymo, se o não amo, hei de vir a amal-o. Resolvi-me! Ainda espero ser feliz.»

A magua, com que disse estas palavras, era tão cortante, que as duas amigas sentiram os olhos humidos, e o coração cuberto de tristeza. É que percebiam no fundo da caliz o veneno das grandes dores. Thereza, depois disto, com o rosto entre as mãos, nem fallava nem levantava a vista. Dentro da sua alma ardia aquelle fogo mal acceso, que o tempo aviva e depois converte em incendio. Por ora o que padecia era apenas a saudade do que deixava. O desejo vago, a aspiração inquieta, que lhe enublava a idéa fazendo esfriar e viver o coração em repentes de profunda anciedade, ainda não tinha motivo nem objecto.

— « Não, não! — exclamou por fim, pondo-se de pé subitamente. — Não posso!.. É a minha vida, a vida inteira que estou matando!.. Catharina, Cecilia! Deus não ha de querer que me sepulte na flor da idade, e a cada hora beba a peçonha, e ria quando a dor é tão cruel... Jeronymo póde consolar-se, amanhã... um dia destes confesso-lhe... digo-lhe... que isto não é possivel.»

Ellas pasmadas beijaram-lhe a face branca de jaspe, e os beiços aonde queimava o sopro das tempestades intimas. Catharina, compassiva e cheia de meiguice, não poude suster as lagrimas, e foi no meio dellas que lhes respondeu:

— « Olhe, Therezinha, eu no seu logar, não me affligia; ha remedio, console-se!»

— « Menos para o que eu sinto... menos para o que eu temo!» — respondeu ella tristemente.

— « Deixa estar, todas tres havemos de ser felizes?» — exclamou Cecilia, enlaçando-a nos seus braços.

— « Olha, Cecilia, tu sim, e Catharina, Eu!.. diz-me o coração, que a minha felicidade não ha de ser deste mundo! Não tenham receio. Isto passa!.. já passou... sinto o coração fraco; mas o espirito... ha de vencel-o. »

O resto da noite correu em doloroso silencio.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

No dia 16 falleceu a ex.^ma^ sr.^a^ D. Maria Magdalena Tenorio Moscoso. Um padecimento aturado foi provação de que a sua alma sahiu triumphante pela resignação e esperança no premio que na mansão eterna espera o justo que não perde a fé no horror do soffrimento. A elevação da sua alma, a affectuosa sensibilidade do coração fazem saudosa a sua memoria e chorada a sua falta. Seu esposo o sr. Antonio da Cunha Sotto Maior recebeu em tão triste acontecimento as provas de estima de que é merecedor.

Extraordinario phenomeno meteorologico. — Escrevem de Bucharest (Valaquia) ao Diario de Constantinopla em data de 27 de fevereiro ultimo. — « A nossa capital presenciou por espaço de quatro dias um phenomeno admiravel. Densas nuvens, vento impetuoso do nordeste, o ceu encoberto, o horisonte inflammado e obscurecido pelos redemoinhos de pó muito basto, interceptavam a luz do sol. A poeira, subtilissima e denegrida tinha mostras de volcanica e um cheiro forte de enxofre; caindo sobre a neve convertia-se n'uma como resina negra ou bitume. O aspecto que appresentava a atmosphera era sinistro e inspirava terror, o vulgo julgava proximo o fim do mundo. »

Antiguidades peruvianas. — Nos fins de abril preterito esteve exposta ao publico em Paris, no museu de Louvre, nova collecção mui interessante de antiguidades americanas, consistindo em vasos, figurinhas, pannos e armas, que se descobriram nos antigos sepulchros do Perú. Nella se vê certo numero de vasos que procedem da épocha mais remota da perdida civilisação americana; os quaes, pela sua estructura e côr dos ornatos se parecem inteiramente com os que se encontram nas sepulturas etruscas das visinhanças de Viterbo; sendo tanto mais apreciaveis para o museu, quanto era limitada a porção que de taes antigualhas até agora possuia.

Diplomas litterarios. — A direcção do Instituto de Coimbra, presidida pelo sr. dr. Forjaz, na occasião em que foi felicitar SS. MM. e AA. e beijar-lhes a mão, apresentou aos exm.^os^ srs. duque de Saldanha, e visconde da Carreira, os diplomas de socios honorarios daquella associação litteraria.

Os diplomas eram escriptos em elegante e primoroso latim, e impressos em formoso typo. Os dignissimos agraciados receberam esta distincção com muito apreço, e agradeceram com muita benignidade tão delicada e honrosa offerenda.

Ninguem poderá contestar o relevante merito litterario dos dois novos socios honorarios do Instituto de Coimbra, e a feliz escolha que houve destas duas illustrações do paiz para ornarem os annaes de uma associação, á qual já pertencem tantas e tão distinctas capacidades.

O sr. Forjaz tambem offereceu a S. M. el-rei dois exemplares do jornal, o *Instituto*, e pediu licença para continuar a remessa, á medida que os numeros se forem publicando. O sr. D. Fernando e os principes acceitaram esta lembrança com muito agrado.

Sabemos, tambem, que já se passaram diplomas para os novos socios honorarios, que são os em.^mos^ srs. cardeal patriarcha de Lisboa, e cardeal arcebispo de Braga, os srs. visconde de Almeida Garrett, visconde de Sá da Bandeira, Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Francisco Freire de Carvalho, conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos, e José Vicente Gomes de Moura.

Vão igualmente ser enviados ao seu destino os diplomas para os seguintes senhores; para a Alemanha, ao dr. José da Silva Tavares *(Sacra Familia)*, e Henrique Schaeffer (auctor de uma excellente historia de Portugal); para Londres, ao conde de Lavradio; e para Paris, ao visconde de Santarem, José Ignacio Roquete, e Ferdinand Denis, todos bem conhecidos pelos importantes serviços prestados á litteratura portugueza.

A entrega destes ultimos diplomas foi encarregada ao sr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, distincto estudante da Universidade de Coimbra, formado nas faculdades de philosophia e medicina, e que actualmente se acha em Paris, seguindo os cursos praticos das sciencias naturaes.

(Observador de Coimbra.)

Emigração. — Sabido é que são os dois focos principaes da emigração a Irlanda, e os paizes da Alemanha occidental, o primeiro por causa da sua miseria, quasi proverbial, e o segundo pela sobra de braços nos trabalhos ruraes.

Os alemães conseguiram estabelecer em certos pontos dos Estados-Unidos uma especie de colonia, onde se reunem os que emigram da Westphalia, da Baviera, dos ducados de Baden, de Hesse, de Posen, e da Pomerania, das provincias do Rheno, do Tyrol, bem como da Alsacia franceza e do norte da Suissa. O numero dos que alli aportaram, tendo sahido dos portos de Bremen, Hamburgo, Lubeck, Antuerpia, e do Havre em 1851, calcula-se em cento e vinte mil pessoas, a buscar trabalho e modo de vida nos estados da União norte-americana.

Cuidado com os phosphoros. — A *Emancipation* de Bruxellas refere um accidente occorrido na linha do caminho de ferro de Wolfenbuttel.

« Um mancebo que ia n'uma das carroagens quiz accender um cigarro ou charuto e ao cortar-lhe a ponta com um canivete, feriu-se no dedo levemente, e sem fazer caso do golpe accendeu um phosphoro,

uma pequena fagulha do mixto inflammado cabiu-lhe desgraçadamente na cortadura : ao cabo de um quarto de hora, o dedo poz-se negro como carvão, e acontecendo ir na mesma carroagem um cirurgião, que presenciou o caso, aconselhou o moço a que deixasse cortar logo o dedo; mas, como este hesitasse, quando chegou o trem a Schapenstedt, levava já a mão toda negra e padecia horrivelmente: então resolveu-se a que lhe amputassem a mão, porque mais tarde seria necessaria a amputação do braço, ou não haveria remedio para a vida.

Minas de prata em Almodovar del Campo. — Pelo que consta de uma memoria de D. Juan Inza, engenheiro director da sociedade de mineração *Victoria*, existe naquelle feliz districto uma digna rival das famosas minas de Hien de la encina e de Jarroso em Almagrera. A sobredita sociedade sob a presidencia do marquez de Caballero, conde de Villahermosa, principal accionista, e mineiro intrepido e constante, explora uma rica veia de galena argentifera n'uma fazenda immediata á aldêa de Navacerrada, cujos trabalhos dirige o citado engenheiro e socio, formando uma mina modelo, tanta é a ordem e tal o acerto com que os tem encaminhado.

A beta, ou veio metallico é da potencia de doze pollegadas termo medio, inteiramente compacta e mineralisada, descoberta n'uma extensão de mais de cem varas castelhanas na galeria de primeiro pavimento, estabelecida a dez varas da superficie; a continuação do veio confirmou-se em trabalhos abertos á profundidade de 400 varas, e vae ainda a mais de mil em que se acham os mais recentes. O termo medio dos productos em chumbo é de 50 por cento; o mineral mais ordinario dá oito onças de prata, e o superior chega a dar vinte e duas e mais onças de prata por quintal; mais do que minas de chumbo devem chamar-se de prata, poisque nas safras ou entulhos antigos acham-se galenas de 66 onças de prata em quintal de chumbo.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicou-se a 15.ª folha do tomo 3.° e contém:

Historia prophana. — Grecia, paz de Nicias, oligarchia de Athenas.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

THEATRO DE S. CARLOS.

O sr. Antonio Porto, poucos dias antes da sua partida, escripturou para a proxima épocha theatral a sr.ª Monticelli, os conjuges Cappon, e a sr.ª Sophia Costanza.

Somos de opinião que o sr. Porto obrou com acerto, fazendo a acquisição daquelles artistas.

A sr.ª Monticelli é uma bailarina de grande e incontestavel merecimento, que tem grangeado a estima e a admiração do publico. Os seus triumphos entre nós tem sido justos e bem merecidos, e todos lhe reconhecem os dotes artisticos que a constituem uma das melhores dançarinas que tem pisado o nosso palco. Por isso felicitâmos a nova empreza por ter feito tão boa acquisição, assim como a do sr. Cappon, que é sem duvida um dançarino de muita habilidade, e que se tem esmerado sempre em agradar ao publico.

Approvamos tambem a escriptura da sr.ª Cappon, e a da sr.ª Costanza. Esta ultima, na qualidade de primeira mimica, nada deixa a desejar, e bem o prova o optimo desempenho de todos os papeis que lhe tem sido confiados, desde o do elegante capitão *Phebus*, em que fez a sua estrêa, até ao do ingenuo e sympathico *Alcindor*.

BENEFICIO DA SENHORA SANNAZZARO.

Na segunda feira passada teve logar o beneficio da sr.ª Sannazzaro. Foi uma noite de verdadeiro triumpho para aquella artista, e de intima satisfação para o publico. O enthusiasmo havia-se apoderado dos espectadores, e poucas vezes temos presenceado demonstrações tão sinceras e espontaneas. O nome da beneficiada attrahiu ao theatro uma concorrencia numerosa, e todos anceavam por testimunhar nesta occasião á joven e sympathica cantora o apreço e a estima que ella tem sabido merecer entre nós.

O palco appareceu por vezes transformado n'um jardim, das flores e *bouquets* que da platea e dos camarotes lançavam sobre a scena, ao mesmo tempo que dos camarotes tambem se espalhavam com profusão lindos versos de alguns dos nossos mais distinctos poetas, e os espectadores prorompiam em applausos estrepitosos, que só cessavam para recomeçarem com mais vigor.

A sr.ª Sannazzaro ternamente commovida por todas estas demonstrações, não poude suster o pranto, e as lagrimas, que copiosas se lhe deslisavam pelas faces nos revelavam o que sentia o seu coração.

Varios dos admiradores do talento desta artista haviam formado entre si uma subscripção, para ainda mais abrilhantarem o festejo desta noite. Alguns dentre elles se encarregaram de distribuir pelos camarotes o retrato da beneficiada, obra primorosa do joven e já distincto artista portuguez o sr. Joaquim Pedro de Sousa, deitando-lhe depois do rondó da *Sapho* uma linda corôa de flores artificiaes.

Cumpre-nos aqui mencionar com a maior satisfação, que a empreza deste theatro, desejando dar um testemunho publico de reconhecimento e homenagem á beneficiada, offereceu-lhe nesta noite uma linda corôa de flores, e um rico bracelete de ouro acompanhado de uma carta em francez concebida nos termos mais lisongeiros. Esta dadiva tão honrosa para a artista não o é menos para a empresa, que teve uma tão delicada lembrança.

Terminado o espectaculo, que constou do 1.° acto da *Nina*, do 3.° do *Juramento*, da dança *O Orphão da aldêa*, e do 3.° acto da *Sapho* foi a sr.ª Sannazzaro cumprimentada no palco por grande numero de pessoas, que depois a acompanharam até a sua habitação, no meio de *vivas* espontaneos e repetidos.

Estamos certos que a noite de 17 de maio em Lisboa, ficará gravada para sempre na memoria da sr.ª Sannazzaro!

D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 42. QUINTA FEIRA, 27 DE MAIO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A AGRICULTURA PROSPÉRA PELA INDUSTRIA.

Um paiz agricola de raro é desprovido de todo o commercio externo, e este commercio substitue, até certo ponto, as manufacturas indigenas, quanto ao augmento do capital, porque estabelece relações dos fabricantes do exterior com os fabricantes do interior. Mas estas relações são parciaes e mui insufficientes; primeiro, porque só recahem sobre alguns productos especiaes e não se estendem senão ao littoral e ás margens dos rios navegaveis; em segundo logar, porque são muito irregulares, e frequentemente as interrompem a guerra, as fluctuações do commercio, as providencias de alfandegas, as colheitas abundantes ou as importações de outro paiz.

O capital material do agricultor não se augmenta em grande escala, regular e indefinidamente, senão a contar do dia em que apparece no meio dos cultivadores uma industria fabril completa.

A parte mais vasta do capital material de uma nação é fixada no terreno. Deve admittir-se como principio, que tudo o que augmenta ou diminue o valor da propriedade em bens de raiz faz crescer ou minguar a massa dos capitaes materiaes da nação. Vê-se que o valor das terras de fertilidade natural é incomparavelmente maior na visinhança de uma pequena cidade que n'um districto remoto, perto de uma grande cidade que proximo a uma mais pequena, n'um paiz fabril do que n'um puramente agricola. Vemos por outro lado que o valor das casas de habitação ou das fabricas, bem como do chão para edificios nas cidades, baixa ou sobe, em geral, segundo as relações da cidade com os agricultores prosperam ou decahem. Segue-se que o augmento do capital agricola depende do augmento do capital industrial e reciprocamente.

Porém, na passagem do estado puramente agricola para o industrial, essa influencia reciproca actua com muito mais força da parte da industria fabril do que da parte da agricultura; porque, assim como em a transmissão da vida de caçador para a pastoril o crescimento do capital resulta principalmente do augmento rapido dos rebanhos, e na passagem da vida pastoril para a agricultura depende sobretudo da rapida acquisição de novas terras ferteis e da sobra de generos, tambem, quando se passa da simples agricultura á industria fabril, o accrescimo do capital material da nação é devido principalmente aos valores e ás forças empregadas nas manufacturas; porquanto, uma quantidade consideravel de forças naturaes e intellectuaes, até alli inuteis, se transformam assim em capitaes materiaes e intellectuaes. A creação das manufacturas fornece á nação o meio de collocar vantajosamente as suas economias agricolas, e é um estimulo para essas economias.

Nas assembléas legislativas da America do Norte frequentemente se tem repetido que, por falta de sahida o trigo perde-se no campo, não valendo as despezas da colheita. Affirma-se que na Hungria o lavrador afoga-se, por assim dizer, no meio da abundancia, ao passo que os objectos manufacturados custam alli tres ou quatro vezes mais do que na Inglaterra. Nos paizes meramente agricolas, todo o excedente da producção rural não constitue capital material: só com o auxilio das manufacturas se torna, pela accumulação nos celleiros, um capital commercial, e pela venda á população fabril um capital industrial. A provisão que seria inutil nas mãos dos agricultores vem a ser capital productivo nas dos industriaes, e reciprocamente.

A producção faz possivel o consumo, e o desejo de consumir excita a produzir. O paiz puramente agricola depende, quanto ao consumo, da situação dos paizes estrangeiros, e quando ella lhe não é favoravel, a producção que o desejo de consumir provocára é anniquilada. Mas, em a nação que reune no seu territorio a industria fabril e a agricultura não cessa de existir a excitação reciproca,

e portanto o accrescimo da producção continúa de ambos os lados, bem como o dos capitaes.

Sendo a nação simultaneamente agricola e fabril muito mais rica em capitaes materiaes do que a nação somente agricola, tem sempre mais baixo o premio do dinheiro, e os emprehendedores acham á sua disposição capitaes mais consideraveis, e por mais suaves condições. De tudo isto infere-se a vantagem na lucta com as fabricas recentes da nação agricola, a innundação constante de productos manufacturados na que é somente lavradora, e as suas dividas permanentes para com as nações fabricantes, e em seus mercados as repetidas fluctuações no valor dos generos, dos objectos manufacturados, e das moedas, que obstam á accumulação de capitaes materiaes, ao mesmo passo que são prejudiciaes á sua moralidade, e á sua economia interna.

NOVO SYSTEMA DE IMPRENSA PARA O FABRICO DO AZEITE, CONSTRUIDA NO CORRENTE ANNO EM CALHARIZ.

(Concluido de pag. 484.)

Para ter um azeite puro e de bom gosto, muito transparente, deverá ser colhida a azeitona quando estiver completamente madura. Transportada ao lagar limpa-se de todo o cisco, e assim mesmo fresca, quero dizer, sem ser salgada, introduz-se na estufa, onde estará submettida á acção do vapor por tempo de uma hora pouco mais ou menos, afim de ter a sua conveniente maceração. Note-se que para obter este vapor não se carece construir segunda caldeira, mas sim aproveitar o que anteriormente se perdia, fechando hermeticamente a caldeira.

Tendo adquirido o devido grau de maceração mette-se nas ceiras e collocam-se umas apoz outras em boa ordem sobre o carrinho ou imprensa movel, cobrindo-as depois com a sua tampa: principiam então a trabalhar os quatro parafusos, comprimindo as ceiras a pouco e pouco e á proporção que diminue a sahida do azeite; esta operação se deverá executar sempre de vagar.

Finda a extracção do azeite de primeira qualidade, todos os carrinhos irão passar á imprensa maior, onde mediante uma força moderada se obterá segunda qualidade de azeite que se collocará separadamente.

Segue-se a ultima operação que dá a terceira qualidade, para o que se procede do seguinte modo.

Remove-se aquella azeitona, reduzida quasi a massa pelas forças que operaram sobre ella; e como esta massa tem ainda azeite e o caroço inteiro, o qual contém um oitavo de azeite, termo medio, passa a ser moida como de costume.

De ter soffrido a azeitona duas pressões resulta outra vantagem, isto é, estando já privada de uma consideravel porção de azeite, a operação da moagem é feita em muito menos tempo; machuca-se melhor porque resiste mais aos attritos das galgas, e não foge para diante e para os lados, como acontece quando tem todo o seu azeite, em que ha dobrada perda de tempo e fica o trabalho imperfeito.

A este respeito digo que se os outros lagares ordinarios tivessem de moer duas vezes, em logar de empregar duas ou tres horas só empregariam metade do tempo.

Moida aquella massa, poem-se novamente dentro das ceiras e vae logo para a imprensa fixa, mediante a qual se extrahe na primeira porção da tarefa o azeite da terceira qualidade; na segunda porção de tempo da tarefa, em que se emprega toda a força da sobredita imprensa (que é certamente superior a qualquer outra, sem exceptuar a prensa hydraulica, e o motor animal) tira-se separadamente outro azeite da ultima qualidade, a mais inferior de todas porque a grande força faz sahir com o azeite outras substancias heterogeneas, especialmente, como disse acima, a parenchyma e a albumina, que lhe dão má côr verde-escura, e o tornam de muito menos valor.

O tempo que emprega a dita maquina em cada pressão é de hora e meia, contando o trabalho de encher e vasar as ceiras, bem como o de apertar e desapertar o que fazem dois homens, no qual tempo outros dois homens, o lagareiro e seu ajudante, executam o trabalho acima indicado. Por vezes se fez a experiencia, e sempre deu em resultado o mesmo espaço de tempo, com differença de minutos, marcado de relogio na mão. Com outros dois homens para os demais serviços secundarios da estufa e carrinhos, esta imprensa de pequeno vulto em 30 horas de trabalho de vagar (comprehendidas seis horas que reputo perderem-se por imprevistas circumstancias), e as oito referidas imprensas moveis secundarias, ou carrinhos, que cada um contém oito cestos, fabricam ao todo sessenta e quatro cestos de azeitona, extrahindo perfeitamente as mencionadas qualidades de azeite.

O estudo dos olivaes e do fabrico do azeite é muito antigo. Sendo a oliveira originaria da Asia, como se diz, foi introduzida na Europa pelos romanos quando conquistaram a Grecia, onde era cultivada e consagrada a Minerva, em rasão da sua grande utilidade. Postoque desde aquelle tempo se fizeram muitos melhoramentos neste ramo de agricultura, ainda não podemos dizer que se tenha alcançado mais do que uma limitada parte do que a rasão recommenda.

Presentemente assegura-se que o melhor azeite é o da Liguria e de Lucca. Esta distincção não póde ser motivada pela natureza do territorio ou pelo clima, porque, se assim fosse, Portugal teria a superioridade. Sendo certo que a oliveira exige um clima temperado, maxime os da Europa meridional, o azeite de Portugal deveria ser o melhor de todos; mas, se tem alguma differença do que se fabrica nos sobreditos paizes, deve ser attribuida ás causas que aponta a Sociedade Patriotica de Milão no tom. 3.° de suas Memorias, pag. 78 § 5.° nos termos seguintes. « Os bons escriptores e mesmo os factos parece terem demonstrado que a estimação do azeite de Lucca e da Liguria procede, sobretudo, da maneira de colher os fructos, e conserval-os, e de extrahir o azeite. »

A imprensa pelo novo systema de que tenho fallado, sendo collocada de um modo permanente, pois que está agora provisoriamente situada em logar apertado proporcionará, em vez de a fazer apertar e desapertar por homens (a quem este trabalho, sendo continuado, entontece a cabeça) o poder ser-lhe applicada

a força de um boi, e ainda mais ser melhorada com uma roda chamada de Re, para desapertar com maior velocidade, e augmentando-lhe as ceiras quadradas, que não pude este anno ter por não achar quem as fizesse em tempo conveniente; mas, que são optimas pela presteza com que se enchem e manejam, de que resultará empregar muito menos tempo ainda.

Se o tempo, neste anno, tivesse dado logar a poder fazer-se o trabalho logo ao principio da colheita, ganhar-se-iam seguramente, em 300 moeduras de azeitona que a exm.ª casa ducal fez aqui no sul pelo antigo systema, mais de 900 potes de azeite que a 1$000 réis produziriam 900$000 réis, e proporcionalmente podia ganhar nas outras fazendas dos arredores de Lisboa, d'Agualva, etc.

Assim tambem poderia augmentar-se a producção do azeite do paiz; sendo calculada a colheita deste anno em 60:000 pipas, se pelo novo methodo aqui recommendado se obtivesse mais a sexta parte, como deixo demonstrado, e estando o preço corrente a 50$000 réis a pipa, haveria um augmento de riqueza de nada menos de 500 contos de réis. Este calculo, baseado em experiencias seguras, mostra o lucro que póde provir ao paiz, adoptando-se o novo systema, que fica exposto.

J. GAGLIARDI.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 487.)

O mesmo desembargador Nunes Machado, não podendo resistir ao peso de similhantes verdades; tributou-lhes na dita sessão de 4 de julho a sua homenagem, concordando em que um dos grandes males do Brazil é a servidão.

E concluindo, para evitar prolixidade, tambem o sr. Tenreiro Aranha na sessão de 28 de julho do mesmo anno, abundando no sentido dos antecedentes oradores dizia:

« Se os caixeiros das casas de commercio do Brazil podessem ser qualificados nas tres ordens de guarda-livros, primeiros caixeiros e principiantes; se suas applicações fossem puramente ao manejo do commercio; se os caixeiros brazileiros podessem gozar dos mesmos direitos de que gozão seus concidadãos, certamente poderiamos ter muito maior numero do que temos presentemente. Examinando a sorte e a condição dos nossos caixeiros, principalmente nas casas de commercio a retalho, por onde de ordinario se principia, poder-se-hia reconhecer com evidencia que elles não são mais do que creados. Se se attender a que a constituição declarou que elles eram creados, não dando o direito de votar nas eleições primarias aos caixeiros que não fossem guarda-livros e primeiros caixeiros; se se attender á indole, educação, e costumes dos brasileiros, reconhecer-se-ha que, habituados a serem senhores, com grande repugnancia se submetteram á triste condição de creados. Acredita que a lei não poderá contrafazer a indole e costumes dos brazileiros......... Acha que esta medida (a prohibição do commercio a retalho) não deve passar; que as medidas de que precisamos são daquellas que dem as garantias necessarias aos estrangeiros para exercerem qualquer ramo de industria. Acredita que o commercio de retalho não deve ser vedado no estrangeiro etc. etc. »

Mas o que significa tudo isto senão o mesmo que eu disse, talvez com mais alguma clareza?

O Brazil não está em situação de exterminar desde já o terrivel cancro que o devora, e provavelmente algumas dezenas de annos se passarão antes de esse dia raiar; se é que sem se arriscar tremendo as abalos, ou mesmo sem aventurar a sua existencia como nação, elle jámais póde realisar esse exterminio, attenta entre outras difficuldades a de povoar os seus sertões de braços europeos dispostos a substituir totalmente os braços escravos. Se lá para o sul da capital do imperio essa substituição se póde ir lentamente operando, cá para o norte ella experimenta no clima formidavel resistencia.

Cumpre no entretanto á imprensa periodica esclarecida, seja qual fôr a sua crença politica, exercer aquelle grande e honroso apostolado. Cumpre-lhe não soprar o fogo da discordia e da inveja entre o rico e o pobre; não alimentar com calumnias, doestos, e crimes imaginarios o odio da população menos abastada e illustrada contra o pacifico estrangeiro que trabalha; senão prégar-lhe as doutrinas de Claudio Gerardo, aquelle mestre escóla na bocca do qual Eugenio Sue ácerca do trabalho põe tão bellas maximas; e fazer em cada cidade, villa e aldêa, plantar centenares de bandeiras, cuja unica divisa seja — ordem, trabalho e economia. — Pregue-se tambem uma e milhares de vezes não ser possivel que continue a crescer o numero dos que vivem só ás expensas do thesouro; que o paiz em toda a parte offerece melhores caminhos para chegar ás honras e á grandeza; que não é vergonhoso descender de uma familia illustre, remediada ou rica, e ir na officina do artista, ou na loja de um patrão trabalhar para ser rico; pregue-se que com trabalho, constancia e actividade, se póde um dia pelo balcão do quitandeiro, ou do logista, bem como pelas escadas de uma officina, subir ás mais brilhantes posições da sociedade, em quanto do leito da preguiça e da ociosidade em geral mui cedo se caminha para as enfermarias de um hospital, ou para o cemiterio. Repita-se incessantemente que o pae do affamado lord Peel soubera pelo trabalho e pela industria elevar seu filho a uma tal altura, que todo o mundo lho via e conhecia: que Alexandre Baring, pelas riquezas adquiridas no commercio, alcançára bastantes conhecimentos e influencia para se fazer nomear deputado, ministro, e lord Aghburston; e que mesmo no Brazil não minguam exemplos de homens que pelas vias commerciaes passaram do nada a occupar mui subidas dignidades. Evangelise-se emfim por toda a parte; acordem-se as infimas classes da inercia em que jazem; inspire-se-lhes uma ambição salutar para ellas e para o paiz, amor á ordem, ás leis, ao trabalho e á economia; corrijam-se os vicios da educação das classes mais elevadas, de geito que a mocidade, deixando de pensar que o trabalho lhe rebaixa o nascimento e a dignidade, se dedique a todas as profissões uteis; e ver-se-ha que a semente da palavra não

cahiu em terreno çafaro. Em 10, 20, ou 30 annos o Brazil se achará industrial e commercialmente assás melhorado: apresentará uma plebe mais util, industriosa e civilisada, contará muitos proprietarios brazileiros enriquecidos pelo negocio ou pela industria, isto é, muitas mais garantias de ordem, e a prosperidade altamente se manifestará por todo o imperio. E em taes circumstancias já a concurrencia de nenhuns estrangeiros poderia assustar os filhos do Brazil. Continuariam estes a supportar os incommodos que em toda a nação traz a qualidade de cidadão; mas esses incommodos seriam bem compensados pela protecção que a legislação patria forçosamente lhes havia de dar em detrimento dos mesmos estrangeiros, como succede na Inglaterra, na França, e n'outros estados.

O *Progresso* tambem louvou a *Revolução de Setembro* por haver desapprovado o procedimento dos seus conterraneos residentes no Brazil; mas do que nesta defeza deixo ponderado infere-se que se aquelle periodico lá em Lisboa aos seus compatriotas d'aquem mar dava os conselhos que o mesmo *Progresso* chama salutares, e que certamente o seriam (não os li), era por ignorar que elles já ha muito faziam, e creio que sempre fizeram, o que nos taes conselhos se lhes recommendava. Os aconselhadores certamente não sabiam que os portuguezes desde a independencia não tomaram nenhuma parte nas questões politicas dos brazileiros, e que tudo quanto uma parte da imprensa contra elles a diversos respeitos ha divulgado, é completamente falso e calumnioso. Lendo em certas gazetas as queixas por um modo tão positivo e energico formadas contra os filhos de Portugal, não imaginou a *Revolução* que se podesse tão despejadamente faltar á verdade, e tratou de nos admoestar; comtudo, se atravez dessas longas, e frequentemente bem grosseiras, tiradas que nos injuriam, ella divisasse a verdade, tenho fé que estigmatisaria a feia ingratidão com que nesta terra são tratados homens que tanto para ella trabalham (o mesmo *Argos Maranhense* confessa que os portuguezes são trabalhadores), e que com a vehemencia com que usualmente falla, buscaria desaffrontal-os de tantos baldões mui a miudo escriptos com o sangue vertido pelas *sangrias largas*, *pelo pitiá bordão, ou pela tatajuba.*

Escreveu ainda o *Progresso*. — Não se diga que os brazileiros acham-se excluidos do commercio por se não darem a elle, por não terem para isso a necessaria aptidão. A causa é mais outra, porque para destruir esta asserção bastam esses poucos caixeiros brazileiros, *quasi todos empregados nas casas inglezas*.... —Mas eu, abandonando a questão da aptidão intellectual que nunca lembrou a portuguez algum, sómente investigarei o que ha de real nas vozes — *quasi todos empregados nas casas inglezas*....

Como nunca residi nas outras cidades do littoral brazileiro, não posso como testimunha ocular dizer o que a tal respeito ahi succede; porém a calcular pelos dados que o Maranhão fornece, aquella asserção é destituida de todo o fundamento.

Na data em que o *Progresso* escrevia o artigo a que respondo, 23 de março, existiam nesta capital os mesmos estabelecimentos inglezes que hoje vemos, quero dizer, dez, incluindo uma quitanda anglolusa. Estas 10 casas empregam 12 caixeiros inglezes, 10 brazileiros, 10 portuguezes, e um alemão. Ora, 10 caixeiros brazileiros em casas inglezas é bem pouca cousa para em relação ao total se escrever — *quasi todos empregados nas casas inglezas.*

Das indagações a que em fins de junho e começos de julho fiz proceder, e cujos resultados, salva alguma ligeira inexactidão, pódem, julgo eu, sem receio ser acreditados, consta existirem nesta capital 512 caixeiros, sendo 343 portuguezes, 154 brazileiros (não comprehendidos os do banco), 12 inglezes, e 3 de outras nações.

Os caixeiros portuguezes acham-se repartidos como se segue.

Os estabelecimentos portuguezes occupam 189; os dos adoptivos 103; os dos brazileiros natos 29; os dos inglezes 10, e 12 os de outras nações. Dos caixeiros brazileiros servem 71 nas casas portuguezas, 44 nas dos adoptivos, 21 nas dos brazileiros natos, 10 nas dos subditos britannicos, e 5 nas de outras nações. Mas se com a gente portugueza e com os adoptivos, isto é, com os homens dos *conluios*, *com os rivaes combinados entre si* para desviar a mocidade brazileira do commercio, servem 115 caixeiros nascidos no imperio, e apenas uns 10 com os bretões, como se ousou dizer — quasi todos empregados em casas inglezas?.... Valia a pena de averiguar melhor estes factos para não se escreverem tamanhos absurdos.

E mais um reparo a este respeito eu devo fazer. Os estabelecimentos brazileiros com caixeiros são nesta cidade sómente 35, os quaes occupam 29 caixeiros portuguezes, e apenas 24 brazileiros. Ora, qual o motivo porque tão poucas casas brazileiras chamaram tantos caixeiros portuguezes? Achar-se-hão ellas conluiadas com os seus compatriotas para da vida commercial desviarem os seus? As asserções do *Progresso* favorecem esta illação, mas haveria nella tanto de ridiculo que ninguem ousaria sustental-a. A causa deve por tanto ser mui diversa, e talvez não leve. Se o homem em terra alheia, como o *Progresso* justamente observa, *obedecendo aos impulsos do coração não póde deixar de agazalhar de preferencia o seu patricio desvalido*, o que está na sua patria, o que tambem possue um coração, cujos impulsos devem movel-o, ha de em identicas circumstancias preferir os seus conterraneos desvalidos aos estrangeiros. Pelo que, se os brazileiros no Maranhão accommodam 29 portuguezes e apenas 24 dos seus, não é seguramente por desobediencia áquella lei, senão por não acharem entre os ultimos quem os queira servir, por encontrarem nos portuguezes menos exigencias e mais obediencia, ou por algum outro motivo plausivel.

Mas se o que aqui se passa já assaz refuta as arguições do *Progresso*, o que em Caxias acontece completamente as anniquila.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXV.

SOBRE QUEDA COUCE.

Filippe da Gama não podia consolar-se!

Desorientado pela revolução, que ía em casa do tio sabio, e coacto nas prerogativas de portuguez pé de boi, e amigo de chamar as cousas pelos seus nomes, arrepelava as bambinellas da cabelléira viuva de barbeiro, e fazia marinhar da sobrancelha para a nuca o portentoso chapéu de tres quinas, reduzido á ultima extremidade pelas violencias que choviam sobre a cópa. No auge da sua dôr, o capitão julgava-se infeliz por não ser aquillo mais do que um chapéu, e lhe faltar a veneravel pessoa do sapientissimo abbade Silva, causa dos seus desgostos; era a elle que o Sindbad portuguez fustigava em effigie, malhando implacavel sobre o casquete inoffensivo.

Apenas Lourenço Telles lhe fez a recommendação, que sabemos, o capitão investiu logo pela escada, sem dar os bons dias a ninguem; e como um raio partiu direito a S. Domingos para depositar no seio do amigo padre mestre o absyntho das suas magoas. Estar a vêr diante de si o abbade empoleirado na erudição irritante, acastelado na gravidade insolente, e não ser senhor de lhe remetter dois ou tres chascos, de o servir de algumas duzias de piparotes! ?...

Obrigado a medir os gestos e as palavras, elle homem velho, e pae de filhas casadoiras! ?... Que lhe importava que uma freira namorada saísse ou entrasse para o convento; que a pedisse um conde; ou que a mettesse el-rei em casa alheia, tendo suas tantas? Porque havia de elle pagar por todos? Se o abbade era indispensavel á mesa para fazer as honras culinarias ao cadaver de um perú, ou na sala de visitas para imitar as curvetas e momices de qualquer bugio, affogassem-no de licôres, banhassem-no em aguas da rainha de Hungria, mas não pozessem a seus pés, e de mordaça na bocca ainda por cima, um homem de bem, sincero, e incapaz de o aturar callado!

Taes eram as reflexões de Filippe pelo caminho; e parece inutil accrescentar que terminavam todas em grosas de estupendas blasfemias contra o erudito investigador das bexigas doudas. No odio da sua alma, o Attila da rua das Arcas, jurava pagar-se das amarguras nas innocentes costellas do mestre de ceremonias de seu tio!

Chegando ao convento, o nosso amigo Filippe enfiou-se pela portaria, peior do que uma rebanada de vento, subiu a tres e tres os degráus da comprida escada, virou para o dormitorio novo, e com um pontapé desalmado na porta da cella de Fr. João livrou-se da canceira de bater, e da impertinencia de estar esperando.

Como vimos no penultimo capitulo, sua reverendissima achava-se de cama, de uma inflammação de garganta, capitulada como angina aguda pelo douto assistente; mas a exactidão ainda manda accrescentar que o procurador estava doente de uma queda desastrosa de amor proprio, e não da molestia que enrugava a testa, quasi suina, do Sangrado do convento.

O capitão ía tão allucinado que ao passar pelo doutor, fugiu delle como se fosse do demonio, e não lhe fez nem uma cruz! O medico, especie de esqueleto collado em pergaminho, e amortalhado em trajos funebres, arredou-se do furacão, encolhendo os hombros, e teve o cuidado de fechar a porta. Atravessando de raspão a casa aonde escrevia o frade, caíu logo sobre duas victimas o nosso amigo Filippe.

Ao escrevente assentou-lhe o tacão do çapato em cheio sobre um pé e espalmou-lho, como se o mettesse na prensa hydraulica. Ao sr. Thomé, cujo focinho assomava á porta do quarto com uma chavena de gargarejo na mão, metteu-lhe o cotovello pelo estomago, e por pouco o não crava no alisar da porta como um sapo. O escrevente, com o pé no ar e as lagrimas nos olhos, deixou caír a garrafa da tinta, e poz de luto um bacamarte theologico. O milagreiro embuxado abriu a bocca e os dedos ao mesmo tempo, e regalou um dos immensos joanetes com a tisana dulcificante, destinada aos gorgomilos do pregador.

Tendo aplanado assim a estrada, Filippe arremetteu pelo quarto, abriu a janella, que estava cerrada para não dar a claridade na vista ao doente, e assentando-lhe na barriga da perna, carregada de sinapismos, uma palmada sonora, berrou como do meio da rua:

— « Ah, mandrião! Upa! Isto são horas de estar no quente? »

Dormitava o frade, quando veio caír sobre elle o trovão das brutalidades. Mal entr'abria os olhos, sobresaltando-se com a estrepitosa entrada, um

clarão de luz cegou-lh'os de repente. Ia ageitar-se para confundir o importuno com a mais severa reprimenda, quando lhe bateu de chapa sobre o caustico a palmada do honrado amigo. O grito furioso do magoado frade achou no ar a apostrophe do capitão sobre a preguiça. Depois encararam-se alguns instantes em silencio; Fr. João escudando a perna de novo ultrage, Filippe fazendo o inventario dos vidros e garrafas de todos os formatos, que povoavam o bofete e o velador do procurador theologo.

D'ahi, apesar da molestia em um, e da quezilia no outro, desataram ambos a rir da figura em que se encontravam.

— « Quem te poz á cabeça uma seladeira? — disse o procurador.

— « Mudaste a adega para o quarto? — gritou o capitão.

— « A culpa é do patife do abbade! »

— « Foi o maldito boticario! »

— « O abbade faz caçarollas? »

— « O boticario vende vinho? »

— « Não vês que estou doente? »

— « Não reparas que venho impando? »

Tornáram a calar-se, observando-se com attenção. Filippe, tirou o chapéu, e reconheceu que os sôcos o tinham reduzido a uma pasta quasi informe, que só por grande favor do frade se elevava ás honras de seladeira. Fr. João, sepultado até aos olhos em um barrete branco, de apagador, com o pescoço enchumaçado de pannos quentes, sentia arder a perna, e torcia-se, como se lhe pozessem fogo nella.

Procurando em todo o quarto uma cadeira inutilmente, o capitão mediu com os olhos a cama, addicionou em calculo mental a sua elasticidade nautica, e formou o pullo para caír sentado em cima della. Sem lhe poder valer, o pobre Fr. João viu-o já pelo ar e fechou os olhos, invocando o divino auxilio. Pareceu-lhe, depois, que ouvia um terremoto. A cama gemeu desconjunctada; os vidros traquinaram no bofete; e o corpo de Filippe com as suas quatro para cinco arrobas bateu-lhe de pancada nas pernas e nos pés, agarrando-se com força, por cumulo de infortunios.

— « Fóra bruto, alarve! » — vociferou o frade, pondo os joelhos á bocca na exasperação do seu martyrio.

— « Sempre digo que subir a esta cama é peior do que subir ao céu sem levar escada! » — observava ao mesmo tempo o capitão, conchegando-se com suprema serenidade.

— « Isto é cem vezes penar no purgatorio! » — exclamava o padre sentado na cama e cuberto de suores frios. Ao mesmo tempo expellia o usurpador amiudando os pontapés.

— « Para que estás nesse batuque, Fr. João? Olha que isto não é de ferro — dizia Filippe. — A ti doe-te alguma coisa? Se queres, chego-me... »

— « Nada, nada, pelo amor de Deus! Não te chegues... »

— « Vê lá... »

— « Tenho visto e sentido por meus peccados... »

— « Acho-te exquisito! Aposto que não te deram de almoçar ainda? »

— « Almoçar eu? »

— « Sim, homem, tu; porque não!? E mais eu, que estou capaz de engulir uma tainha crua... »

— « Filippe, fazes-me um favor?... »

— « Dois! »

— « Não era melhor estares no chão?... »

— « Nego, padre mestre. Aqui, estou sentado, e na casa fico em pé. »

— « Mas eu é que já não posso... comtigo? » — disse o procurador em ancias.

— « Estás muito delicado! Que demonio tens? Deram-te quebranto? Acho-te celebre. Levaste grande sova, por força, Fr. João! »

— « Por meus peccados! » — suspirou o dominico, lembrando-se do seu desastre.

— « E não dizias nada ao teu amigo? Quem te fez a caridade? »

— « Tu, excommungado! » — berrou o frade, vendo as estrellas com segunda palmada do capitão na mesma barriga da perna, victima da antecedente.

— « Ora adeus! »

— « Tu, demonio! » — proseguiu a victima exacerbada — « Da primeira vez tiraste-me a pelle das pernas, da segunda fazes-me os pés n'um molho; e não contente, agora, uf! mettes-me no caixão. Deus te perdoe! »

— « Pois olha, mais leve do que eu ninguem! »

— « Só uma torre. Tens razão, mas viraste-me os sinapismos. Sinto-os no peito do pé e nas canellas.... »

— « Estás de sinapismos e calas-te com isso?... Aposto que se te metteu em cabeça que tinhas gosma? Se não venho cá ficas na cama, e não almoças. Fóra d'ahi já! Upa! É pôr ao fresco! Eu te curo, deixa estar. »

— « Quem me livra deste inferno? » — gritou o frade exasperado — « Vês-me neste estado

e perguntas se estou doente? Olha para alli, bruto, aquillo são remedios! Repara neste pescoço, alarve, isto são unturas! Tenho uma angina aguda, e por tua causa um garrotilho... Queres mais?»

— « Oh lé! Então é outra musica. Das-me tu de almoçar? Olha que estou são como um pero. Pois sempre cuidei que as garrafas eram de vinho, e que tudo isso era perguiça....»

— « É que tu és mesmo um lince!»

— « Obrigado, fr. João. Estás capaz de engulir a gente!»

— « Um Lazaro é que eu estou, por tua causa, selvagem!»

— « Nada de excessos, sentido no garrotilho!»

— « A boas horas! Mas que peccado me atirou comtigo aqui?»

— « Então que queres? historias do abbade... Puzeram-me na rua, fr. João!»

— « Valha-te Deus! Vê se estará ahi fóra o meu Thomé com o gargarejo. Sinto as goellas uma braza.»

— « Aqui estou, reverendissimo» — acudiu o lictor sacro, desenroscando-se á entrada da porta donde escutava por entreter o tempo.

— « Dê cá. Acho-me peior!»

— « O que, sr. padre mestre?»

— « O gargarejo, idiota, o gargarejo!»

— « O gargarejo, valha-nos a Virgem Purissima!.. O sr. capitão quebrou a chavena.»

— « É falso. Eu não quebrei nada. Elle é que a deixou caír...»

— « Não se lembra de me entalar na porta?»

— « Pois sim, mas foi v. mercê, não foi a chicara.»

— « O caso é que o remedio foi-se! — disse o padre com um suspiro. — Peço-te encarecidamente, Filippe...»

— « Outro gargarejo? Prompto! O que tu precisas é um escaldão de agua a ferver e pimenta moida: é muito bom para limpar a garganta. Sei o que digo.»

— « Muito menos! Preciso que vas dar um passeio...»

— « Essa é boa. Até onde?.. Espera, mas a que horas jantas?»

O procurador esgasiou os olhos, attonito com a pergunta.

— « Eu não janto homem!» — replicou tremulo de cholera,

— « Fazes mal; pois eu janto. Conta comigo. Ao meio dia em ponto é a tua hora do costume. Nada de acepipes. Olha: uma perdiz e duas empadas de rôlas gordinhas...»

— « Um dardo, um demonio! — berrou o procurador com impeto. — O selvagem vê-me ás portas da morte, e diverte-se a picar-me com alfinetes!.. Queres morcela de Arouca, pasteis de Santa Clara e bolo de Evora? Sem ceremonia! chegaste mesmo em occasião propicia.»

Esta ironia arrebatou o capitão que tomava tudo a serio, ou como é mais provavel, que fingia enganar-se por seu interesse. Saltando do leito abaixo, correu á cabeceira, e abriu os braços para apertar estremosamente a fr. João, dizendo:

— « Falta só o vinho, e a orelha de porco assada, aquella orelhinha que nós sabemos. Demais o teu beliche é largo, chega bem para dois. Os garrotilhos não se pegam.»

Á palavra garrotilho, o dominico que já se espavoria com as disposições estrategicas do aboletamento, arripiou-se e sentiu ameaços de uma convulsão nervosa. Pareceu-lhe que se tapava mais a garganta, e que a respiração principiava a interromper-se. A ira e o medo ainda deram mais veneno ás suas ironias.

— « É verdade: os garrotilhos não se pegam; matam! Visto isso vens disposto a passar por cá uns tempos? Tenho-te de cama e mesa?..»

— « Dois, tres, quatro dias! É mais um enfermeiro de graça que Deus te manda. Fr. João não posso parar em casa; refugio-me na tua cella, como aquelle heroe de Roma, que o padre Vicente dizia, o Carolano, Crialino, ou... como demonio era o nome delle, tu ha des saber? Um que veio com os Valeques depois e queria dar pontapés na patria?..»

— « Volscos, selvagem!»

— « Isso mesmo. É uma patifaria da seresma do abbade; mas não haja duvida; tem esta bengala mais certa no corpo, do que tu o garrotilho... Até logo. Não esqueça a orelhita de porco e o vinho do Porto. Adeus. Saude e frio para enrijar!»

— « Thomé, prohibo-lhe que torne a abrir a porta ao capitão! — gritou o frade apenas Filippe saiu. — A segunda allusão ao garrotilho tinha-o fulminado. — Faça o que lhe mando se me não quer morto. Chamem o medico. Aquelle demonio foi a tumba que veio aqui.»

— « Mas o sr. capitão vae entrando, nunca espera...» — observou Thome compungido.

— « Se entrar ponha-o fóra.»

— « E se elle me der?»

—« Leve, faça o que entender... O que me resta é acabar de um garrotilho, molestia da minha antipathia.»

—« Sabbado de Nossa Senhora é amanhã! Dizem que é tal e qual como o garrote que o anno passado vi dar ao castelhano... »

—« Cale-se, tremebundo! Não esteja com tolices! Um garrotilho... »

—« É mal que se não cura, reverendissimo! »

—« Peior! » — berrou o frade tremendo todo.

—« Por signal pessoas cheias, com muito sangue, como o padre mestre, passam por serem mais atreitas,.. Mas não nos assustemos, o Menino Deus ha de fazer um milagre. Bem lho tenho pedido! »

—« Pois v. mercê suppõe?.. » — acudiu o padre espavorido e não tendo animo de concluir.

—« Eu nada, reverendissimo. É verdade que o medico hontem receiava uma apoplexia... »

—« Uma apoplexia?.. — exclamou fr. João sentando-se na cama cheio de terror. — Elle receia isso? »

—« Depois das sangrias de hontem menos!.. Mas a sua teima é que v. reverendissima está nutrido e tem sangue de mais... Fallou no dia setimo e torceu o nariz... »

—« Torceu o nariz, amh? » — repetiu o procurador, varado.

—« E gostei pouco de lhe ver a cara... »

—« Então desconfia elle... » — perguntou o dominico soffocado.

—« Fallou de mortes repentinas... de pessoas que tem passado a melhor vida como passarinhos de um instante para o outro. Mas ha de ser erro seu! »

—« Falle-me sem rodeios: — disse o frade em voz sumida — o medico pediu-lhe que me fôsse dispondo, não é isso?.. receia muito, não espera? »

—« Espera, reverendissimo! Espera tudo, espera de mais até!.. sómente não responde por um garrotilho ou por uma apoplexia. O padre mestre sente-se peior? »

—« Nada! o medico e o enfermeiro curaram-me! » — murmurou desfalecido o procurador. Depois metteu a cabeça debaixo da roupa e entrou a suspirar. Na realidade o dilemma era para gelar de horror.

Assim envolto nas dobras da roupa, como Cesar na volta da capa, o padre mestre já sentia ferver nos miollos a terrivel congestão, que ia ser o seu espectro, graças á simplicidade velhaca do sr. Thome das Chagas. Em dois segundos sommou fr. João as dores vagas, as indigestões, e enxaquecas da sua vida, e concluiu que mesmo de aço o cerebro devia de estar usado e gasto. Passou dahi á autopsia moral, contou as vigilias, memorou as fadigas de espirito, os cuidados e os excessos de estudo e de reflexão, e tirou a consequencia logica de que vivendo oincoenta annos tinha vivido quatro idades bucolicas e duas idades rasoaveis. No fim de cada um dos raciocinios apparecia-lhe sempre o medico e a apoplexia.

Se fechava os olhos via tochas, pingos de cera e pannos de caixão. Se os abria as recordações do mundo causavam-lhe uma saudade tal, que sentia vontade de chorar. Era cruel este supplicio, penado entre os frios de uma constipação forte e as picadas de uma angina benigna, tão benigna que foi rebelde aos esforços do medico para a fazer perigosa. O esculapio tentava vincular debalde na garganta do padre mestre o morgado que seus pais lhe não legaram!

O sr. Thome de joelhos e mãos erguidas estava diante do crucifixo que o procurador tinha na cella. O milagreiro resava alto, e a sua estrepitosa devoção era o complemento necessario da astucia nescia que agravara os temores do frade. De repente o escrevente idiota, acabando a tarefa de arrumar a papelada, pegou ao acaso em um livro, e principiou em vez cavernosa a divertida leitura do *Memento homo* accentuado nas inflexões mais lugubres do estilo.

É inutil dizer que a coincidencia exacerbou o pavor do padre mestre, enfraquecido pela doença e pelas copiosas sangrias do doutor. Persuadiu-se de que lhe tinham occultado até alli o perigo, e que o estavam já encommendando. Um symptoma fatal confirmava a sua afflicção. Depois de compostos pelo sr. Thome pouco ardiam na pelle os sinapismos: depois dos esforços de garganta a que o obrigara o capitão Filippe, sentia diminuidas as picadas e tomava a respiração sem difficuldade: era evidente, pois, que a gangrena partindo dos pés e das fauces em poucas horas o levaria á sepultura!

Achada esta explicação terrivel das melhoras repentinas, o padre mestre tirou a cabeça de baixo da roupa, e cuidou de pedir os sacramentos. Mas a bocca não pôde articular e os olhos ficaram espantados: desta vez com rasão! Diante de si, aos pés da cama, achou perfilada a solemne, a engomada, a eterna pessoa do abbade Silva, com a côr mais mimosa na calva, com o sorriso mais scientifico nos labios, e aquelle

abbacial chapeu de borlas verdes, e aquella japoneza bengala antiga, cada um pendente de sua mão! O que significava junto do leito da sua agonia imaginaria a apparição heroe-comica do Magriço dos eruditos?

Era um agouro, era uma boa nova? O frade não sabia o que dissesse!

Fr. João não fallava, porque se julgava morto, e os mortos não cumprimentam. O abbade, tambem se callava, porque o seu capital eram as palavras, e poupava-as como perolas; somente olhavam muito um para o outro, cedendo-se tacitamente as honras do primeiro « Salve-o Deus. »

Cançadas emfim de olhar e de esperar, as duas cabeças veneraveis abaixaram-se em ceremonia e a compasso: a do abbade com uma aurora boreal da testa até ao occipital; a do frade com o barrete phrygio de pasteleiro em derrota para a nuca: o chronista das barbas historicas, serio e taciturno como um bonzo, procurando com a vista a poltrona da hospitalidade e tirando da caixa a pitada refrigerante; o procurador com os olhos na porta do seu quarto, levando de lá até á pessoa do anachronismo sacerdotal uma interrogação, que não soffria reticencias. Entretanto o sr. Thomé resava sempre; e o escrevente repetia com enthusiasmo o « *Resurge Lasarum!* »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

SAPHO.

Soltos ao vento os cabellos,
Pendida a fronte inspirada,
Sem pranto nos olhos bellos,
Que arguem a luz odiada;
A miserrima cantora
Dessa Lesbos, onde outr'ora
Sorriu gloria, enlevo, amor,
Sapho — busca hoje na morte
Refugio aos baldões da sorte,
Um escudo ao seu furor.

Appressa, pára transida
Incertos, tremulos passos:
Quer morrer, porém a vida
Relucta em quebrar seus laços:
Pobre vida! — tam donosa
Cortal-a assim despiedosa
No seu mais puro florir!...
Sim! — de quem ama é condão:
Arrancar-se o coração,
E ao estorcel-o sorrir!...

Fremem as vagas, gemendo
De Leucate no rochedo;
Vão sumir no abysmo horrendo
D'amor o fatal segredo!...
Sapho as vê, não estremece;
Mal um suspiro fenece,
Quasi extincto, a sussurrar;
E sobre a lyra inclinada
Exhala a extrema toada,
Antes da terra deixar:

« Como surge d'aromas banhado
« N'um regaço de flores o sol;
« Espargindo o mais puro arrebol
« No horisonte a c'roar-se de luz!
« Como é lindo este alvor gorgeado
« Como a brisa nas aguas suspira
« E da terra o vergel brando espira
« Terno effluvio que enleia e seduz!...

« Ironia, ironia horrorosa!
« Brinco atroz! — Não vou eu já morrer?
« Não rebrama em cachões a ferver
« A meus pés o indómito mar?...
« Oh! morrer nesta idade viçosa!
« Oh! morrer, quando a fama reboa!
« Oh! morrer, quando a gloria nos coroa
« D'um laurel que não ha de murchar?!...

« Sim, morrer! — porque amaste, infeliz;
« Nesta terra, em que á chamma mais pura
« A vaidade, a frieza, a negrura
« Correspondem com tréda illusão!
« Vaes morrer, quando o vulgo te diz
« Com desdem entre amargo sorrir:
« — Só quer gloria, imagina sentir;
« É poeta, não tem coração!...

« Insensatos! — é o dom que invejaes,
« Como um raio — fulmina, alumía;
« Como em trevas brilhante ardentia,
« Que scintilla nos combros do mar.
« — Estes cantos transformam-se em ais,
« Que se quebram no peito insoffrido;
« E essa gloria, qual ecco perdido,
« Nunca mais a ouvirão rebear!...

« Oh! cantei, como as aves do ceu
« Ao raiar do fulgor matinal;
« Como a lympha no odoro rosal
« Melancholicos sons a tecer;
« Como a aura subtil que gemeu
« No silencio do bosque frondoso;
« Ou da vaga o desliz sonoroso,
« Quando vae sobre a praia morrer!

« Cantei... não sei porque; — era a voz d'alma,
« O perfume do amor;
« E a gloria que anhelei era uma palma
« De martyrio e de dor!...

« Agora o que te resta, pobre vate?
« Existir, olvidar?
« No peito o coração já te não bate
« Em crébro palpitar?

« Agora... a morte! — Barbara piedade
« A do golphão seria;
« Arrojando-me á vida na orphandade
« De tudo o que sentia:

« Á vida?!... E quem não sente porventura
« Vive? — Triste illusão!
« Amar, aborrecer; odio, ou ternura;
« Eis da vida o condão!

« Envolver-me no frio esquecimento,
« Como em mortalha torva;
« Antes o negro horror do passamento
« Que amor e fama absorva.

« Esquecel-o e viver!... Mas se inda o amo
« Esse que me atraiçoa!
« Se ardente o coração com grito insano
« O chama e lhe perdoa!

« Phaon! — Oh que o teu nome inda a despeito
« Acóde aos labios meus!
« Phaon! — como o cingira neste peito,
« E affrontara os ceus!

« Se terno á humilde escrava os olhos bellos
« Te' dignasses volver;
« Se fosses, como outr'ora, em seus cabellos
« Rosas entretecer;

« Anhelante, em delirio, ébria, fremente
« A que matas sem dó,
« Beijára os passos teus, e a face ardente
« Escondera no pó!

« Oh vem, Phaon, sentir como palpita
« Um coração que é teu:
« Vem colmar de delicia a amante afflicta
« Restituir-lhe o ceu.

« O ceu... Ouves?... é o canto mysterioso
« Dos astros a fulgir?
« É de beijos e pranto o som mavioso,
« De gozos o carpir?

« É o empolar da vaga, como o seio
« Da virgem delirante?
« O concerto da esphera, o terno enleio
« D'um premiado amante?

« É o ceu... — O ceu?! — Que dizes, que deliras,
« Mulher de maldição?
« O ceu comtigo apura injustas iras,
« O ceu é uma irrisão!...

....

« Morramos pois, e essa hora
« De meus destinos senhora;
« E essa lyra que inda chora,
« E esse amor que era traição!
« Pereçam!... — Tu, desgraçada,
« Nem campa te seja dada
« Nesta terra maculada
« De feroz ingratidão!....»

Caiou-se: — a lyra gemeu
Ultima vez... — Para o ceu
Inda supplice volveu
Sem sperança o turvo olhar;
Nessa agonía suprêma
Que é da vida a raia extrêma,
Quando a dôr o peito aprêma
Até que o faz estalar!....

E depois.... rebenta em flor
D'um tenro corpo ao pendor
O pégo, que em derredor
Estrellam circulos mil:
E o mar, ha pouco, rasgado,
Um só instante agitado,
Róla brando e descuidado
Serena vaga d'anil!....

....

A. DE LACERDA.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Novo testimunho de consideração ao sr. conselheiro J. S. Ribeiro. — No dia 19 de abril ultimo foi appresentada ao exm.° governador civil da Madeira uma rica salva de prata primorosamente lavrada em Inglaterra, com esta inscripção em inglez:

Dedicada a s. exc.ª o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro governador civil da Ilha da Madeira etc. etc. etc. Pelos consul de S. M. Britannica, e negociantes inglezes da mesma ilha, em testemunho do muito que respeitam a pessoa, e apreciam o merecimento, delicadeza, e sempre egual bondade de s. ex.ª — Março de 1852.

A joia foi acompanhada de uma obsequiosa carta do digno consul de S. M. B. no Funchal, que vertida em portuguez tomamos do jornal a *Ordem*, que se publica naquella cidade, e egualmente transcrevemos a resposta de s. ex.ª

Consulado britannico, 19 de abril de 1852.

Illm.° e exm.° sr.

Cabe-me o agradavel dever de offerecer a v. ex.ª, e de pedir-lhe que acceite, da parte dos negociantes britannicos, residentes nesta ilha, a peça de prata que acompanha esta, como um pequeno tributo de respeito e consideração pessoal, e da appreciação do merecimento, delicadeza, e regular benignidade de v. ex.ª

Não sou eu o mais proprio para exprimir os sentimentos dos offerentes deste penhor de estima para com o caracter e comportamento de v. ex.ª; mas a minha posição impõe-me nesta conjunctura uma tarefa, que outras mãos teriam, por certo, mais satisfactoriamente desempenhado, e feito aos sentimentos daquelles mais cabal justiça. Em todo caso, porém,

não cedo a nenhum dos meus amigos e compatriotas na admiração das optimas e apreciaveis qualidades, que em tão feliz e subido gráu possue v. ex.ª, e foram parte para elles offerecerem a v. ex.ª este documento da consideração em que as teem.

Imperfeitamente executaria eu a incumbencia de que fui encarregado, se não significasse a v. ex.ª os sinceros e bons desejos dos que represento, e a ardente esperança que nutrem de que v. ex.ª continue a persistir em posição de proporcionar á sua soberana, ao seu paiz, e aos subditos de S. M. Britannica, a vantagem dos seus relevantes serviços, desfructando todas as venturas e felicidades privadas e domesticas, a que lhe dão tão bom direito sua integridade e honradez.

Tenho a honra de ser com a mais elevada consideração e respeito,

Illm.º e exm.º sr.

De v. ex.ª

Muito obediente e humilde servo.

Illm.º e exm.º sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, governador civil da Madeira etc. etc. etc. Palacio do governo no Funchal, *Geo. Stoddart.*

Illm.º sr.

Tenho a honra de accusar a recepção da obsequiosa carta, que v. s.ª teve a bondade de endereçar-me em data de hoje, acompanhando uma primorosa peça de prata, que v. s.ª e o respeitavel corpo de commercio britannico desta praça me offerecem.

Fóra mister deixar correr algum tempo, e dar logar a que diminuisse de intensidade a impressão que me domina, para acertar com expressões que pintassem vivamente a minha gratidão. Quando o coração trasborda de affectos, não está o espirito tão assocégado, que permitta dar uma forma conveniente á manifestação do pensamento.

Dividas ha, porém, cuja solução não deve ser demorada. Tal é a divida de reconhecimento em que me sinto constituido.

Embora, pois, corra o risco de ficar muito áquem dos termos do agradecimento, dou-me pressa em significar a v. s.ª, e por sua bondosa intervenção aos srs. negociantes britannicos desta praça, o alto apreço em que tomo a sua magnifica offerenda. Tanto mais honroso reputo eu esse testemunho de sympathia e de benevolencia, quanto vem das generosas mãos de illustres estrangeiros, cuja posição independente, desinteressada, e imparcial com referencia ás cousas e pessoas portuguezas, realça mais e mais o valor da espontanea manifestação de v. s.ªs

As obsequiosas expressões de v. s.ª, e a inscripção gravada na salva que me offerecem, são de tal modo lisongeiras, que talvez me enchessem de orgulho, se não attendesse a que mais acreditam a liberalidade de quem faz o presente do que o merecimento de quem o recebe.

Mas dou em todo o caso muitas graças a Deus pela ventura de haver inspirado alguma affeição aos subditos britannicos residentes na Madeira — a esses estimaveis filhos de um povo brioso e altivo, o qual a Providencia parece conservar sobre a terra, para demonstrar as vantagens da alliança entre a liberdade e a ordem — para fazer sentir o de que são capazes o amor da patria, e todas as solidas qualidades que caracterisam a nação ingleza, e a apresentam ao mundo como um modelo, ou antes, uma quasi maravilha.

Terminarei esta carta, beijando as mãos de v. s.ª e dos seus companheiros, e declarando que a minha gratidão para com todos será eterna.

Deus guarde a v. s.ª — Funchal 19 de abril de 1852. — Illm.º sr. George Stoddart, consul de sua magestade britannica. — O governador civil, *José Silvestre Ribeiro.*

Offerecimento a suas magestades e aos principes no Porto. — O sr. João Baptista Ribeiro, director da Academia Polytechnica desta cidade, tendo obtido licença de suas magestades para lhes offerecer e aos principes algumas producções do seu pincel, e sendo-lhe indicada por s. ex.ª o sr. duque de Saldanha a uma hora da tarde do dia 19 do corrente para esse fim, offereceu a sua magestade a rainha o retrato em miniatura da imperatriz rainha a sr.ª D. Carlota Joaquina, feito no Paço de Queluz em 1824.

A el-rei o sr. D. Fernando um floreiro pintado a oleo e sobre taboa, sendo todas as flores copiadas do natural.

A sua alteza o principe real uma aguia caçada no Gerez, com uma perdiz nas garras, de tamanho natural.

A sua alteza o duque do Porto um floreiro pintado do natural e em madeira, representando plantas de estufas.

Suas magestades e suas altezas mostraram-se mui penhorados com estas offertas; sua magestade el-rei disse que se collocariam na galeria real de Lisboa, e folgou com a lembrança das offertas feitas a seus augustos filhos. *(P. dos P. do Porto.)*

Improvisador italiano. — O *Sol*, de Barcelona, escreve o seguinte: — « O sr. Burdoci, de Sena, famoso improvisador que n'uma noite em Milão improvisou com assombro universal uma tragedia completa, cujo assumpto lhe foi dado ao acaso por um dos circumstantes, acaba de fazer mais uma prova de seus extraordinarios talentos no grande theatro do Lyceu.

« Segundo estava annunciado, foram depositados pelos concurrentes em uma urna numerosos themas, sobre os quaes havia de improvisar o poeta; e sendo excessivo o numero de assumptos, devia decidir a sorte. Oito ou dez foram tirados da urna por um dos espectadores; e o poeta com summa facilidade improvisou em metrificação diversa, acompanhado do piano, umas vezes declamando, outras cantando, sobre os themas seguintes, tirados á sorte: — Homenagem á memoria de Dante. — A morte do conde Ugolo ou de um de seus filhos. — Camões moribundo no hospital de Lisboa. — O amor faz passar o tempo, e o tempo faz passar o amor. — As graças andaluzes. — Ao Tasso — O Cigarrilho hespanhol, etc.

« Em todos os argumentos foi felicissimo, e sobretudo sublime na recordação sobre o Dante. O soneto, que improvisou á memoria de Camões foi de consoantes forçados que lhe deram os circumstantes, e postoque algumas rimas fossem disparatadas para o objecto serio que devia tratar, sem embargo disso sahiu

se airosamente, aproveitando os consoantes com muita opportunidade e talento. O publico applaudiu-o repetidas vezes, e ao retirar-se da scena foi victoriado com uma salva de bravos e palmas.

Trovoada. — No dia 16 do corrente rebentou sobre a povoação da Regua uma trovoada medonha, á hora que se entrava para a missa do meio dia. Um raio privou da vida um individuo por nome Antonio Pinhor, que estava na cama: sua mulher, que estava proximana da soffreu, afigurou-se-lhe ter-se disparado um tiro junto della. A centelha electrica esmigalhou as pernas a um homem de Lobrigos, que naquella occasião passava a cavallo; e causou grandissimo susto a todo o povo.

THEATRO DE S. CARLOS.

Cerraram-se por alguns mezes as portas do nosso theatro lyrico.

Toda a attenção dos *dilettanti* está agora fixada sobre a nova empreza, da qual muito se espera. Já se admitte a probabilidade de admirarmos na nossa scena uma Cruvelli, uma Alboni, um Fraschini, um De Bassini, e outras summidades do mundo lyrico. Verdade é que os desejos dos *dilettanti* vão sempre além dos recursos do nosso theatro, e por isso é de suppor que ainda desta vez elles não sejam plenamente satisfeitos.

Na sexta feira passada teve logar a ultima recita da estação. A concurrencia foi numerosissima tanto nos camarotes como na platea.

Representou-se o 2.° e o 3.° acto da *Sapho*, em que a sr.ª Sannazzaro fez brilhar, como sempre, o seu admiravel talento, e foi acolhida com applausos espontaneos e repetidos.

Deu-se tambem a bella dança *O orphão da aldeia*, que não obstante ter ido tantas vezes á scena, foi sempre vista com prazer. A' sr.ªs Monticelli foi vivamente applaudida no *passo a dous* com o sr. Cappon, e viu cahir a seus pés grande numero de *bouquets*, como um justo tributo prestado ao seu distincto merito artistico.

A sr.ª Sannazzaro cantou a *romanza* em francez *La mère et l'enfant*, de Donizetti, com o sentimento e a expressão dramatica, que caracterisam o canto desta joven e inspirada artista. Os *bravos* e as palmas resoaram de todos os lados; quando, porém, no fim do espectaculo a sr.ª Sannazzaro fez a sua despedida ao publico lisbonense n'uma linda *romanza*, poesia do sr. Mendes Leal, musica do sr. Guilherme Cossoul, o enthusiasmo dos espectadores não conheceu limites.

Ninguem daria mais expressão, mais força de affectos, ás seguintes strophes:

Adeus, ó nobre cidade,
Adeus, amavel nação;
Levo de vós a saudade,
Em vós deixo o coração:

Este sol que a mente inflama
Me inflama as gratas canções...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ó terra da gloria, bemdita dos ceus,
Adeus!
Lisboa, adeus!

Beijo os loiros que na frente
A tua mão me poisou;
Dal-os póde quem no Oriente
Tam bastos loiros ceifou:

Fez-te grande a nobre fama,
Nobre chamam-te as nações...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ó terra da gloria, bemdita dos ceus,
Adeus!
Lisboa, adeus!

Terra de incanto e de gloria,
Vão commigo aonde eu fôr,
No peito, a vossa memoria,
Na bocca, o vosso louvor:

De alto genio a viva chamma
Arde em vossas tradições...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ai! solo das musas, mimoso dos ceus,
Adeus!
Segunda minha patria, adeus!

Ao pronunciar este ultimo *adeus!* houve uma explosão de applausos, o palco appareceu como por incanto juncado de flores: — todos queriam saudar a sympathica artista que visivelmente impressionada por deixar um publico de quem era tão querida, derramava lagrimas de ternura, de reconhecimento e de saudade!....

A composição do sr. Cossoul foi uma feliz inspiração, digna do assumpto, e do concurso numeroso e escolhido que lhe prestava a maior attenção.

Nada faltou nesta noite para que a ovação á sr.ª Sannazzaro fosse completa. Á saida do theatro era esperada por grande numero de seus admiradores, que precedidos de uma banda de musica accompanharam, como na noite do seu beneficio, a carroagem que a conduziu até á sua residencia, ao clarão de archotes, e no meio de *vivas* e applausos enthusiasticos.

A sr.ª Sannazzaro partiu no domingo no paquete com destino a Italia, deixando entre nós as mais saudosas recordações. Ella tambem não poderá jámais esquecer Lisboa, e os muitos obsequios que recebeu de seus habitantes.

Com o maior prazer inserimos em seguida um agradecimento da distincta artista ao publico e á imprensa, pelos favores que lhe prodigalisaram.

D. R.

AGRADECIMENTO.

Carolina Sannazzaro, summamente penhorada pelas provas de apreço e sympathia que recebeu durante a sua estada em Lisboa, julga do seu dever tributar, nesta occasião da sua partida, os mais sinceros e cordeaes agradecimentos ao publico e á imprensa, pela estima e benevola protecção com que se dignaram honral-a, e de que conservará sempre as mais gratas recordações.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 48. QUINTA FEIRA, 3 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

TRATAMENTO DAS OLIVEIRAS ESTRAGADAS E COLHEITA DA AZEITONA.

Quando uma oliveira chega a tal velhice que não dá conveniente lucro, ou por mau tratamento se tornou infructifera, e a deixaram crescer irregularmente, o melhor é cortar os ramos até á altura em que o braço ou tronco se divide em ramos, para não desperdiçar a affluencia da seve.

Os ramos que se tiram, sendo sãos e robustos, pódem servir para estacas. Ainda que o decote seja feito tendo a arvore 40 annos, sempre se acharão mais ou menos estacas capazes de plantar, quando faltem plantas creadas nos viveiros e transplantadas com raizes como deveria ser.

Cumpre advertir que é ruim a pratica de muitos camponezes, que ao plantar a estaca formam em redor da mesma um pequeno monte de terra, de fórma conica e com o vertice adherente á planta. Este methodo é damnoso, porque essa terra chegada ao pé é causa de seccar a estaca, vistoque deitando raizes não andam profundas, mas superficialmente, de maneira que, engrossando, rompe-as a charrua na occasião de lavrar o campo; e por causa destes frequentes golpes a planta torna-se improductiva.

Pelo menos as raizes devem andar sempre abaixo da camada de terra de lavoura, de modo que o campo possa ser amanhado tanto com a charrua como á enxada, sem offender-se aquellas. Se o monticulo é feito para defender do gado a planta, não se consegue esse intento, porque o mesmo gado sobe ao monte, e sendo de corpo volumoso calca e desfaz essas eminencias, não deixando de fazer estrago na planta.

Para evitar, pois, estes dois perjuizos, dever-se-ha fazer em roda da arvore uma pequena cova, da profundidade de um palmo pouco mais ou menos, e de quatro palmos em quadrado, a qual presta ainda outro beneficio á nova planta, conservando a chuva, que repassa a terra e mantém a necessaria fresquidão. A cova defende dos estragos do gado grosso; e evita que brotem ao pé os rebentões que tiram o alimento ao tronco; as raizes se estenderão sempre por baixo da primeira camada de terra, e não incommodarão o lavrador.

Feito o corte dos rebentões novos do primeiro anno, deixam-se só meia duzia pouco mais ou menos em cada ramo. No segundo anno deixam-se dois dos mais fortes em cada braço e dos mais proximos ao tronco mestre; os outros tiram-se todos juntamente, serrando o sobreposto braço velho.

Cobre-se de cal todo o tronco; e depois de alguns mezes cae a cal, e com ella os musgos adherentes, dissipando os damnos feitos pelos insectos, e promovendo ao mesmo tempo maior respiração dos poros da casca.

Menciono a cal para tirar os musgos e lichens, a fim de banir o modo de limpeza que muitos praticam esgaravatando a arvore, pessima operação que a deteriora pelos golpes que lhe fazem impensadamente, chegando até ás vezes ao alburno, onde penetrando o ar e os agentes atmosphericos, apodrece aquella parte, e forma-se um ninho de insectos, que vão abrindo caminho até o centro para achar a parte mais macia da planta, com o que finalmente a matam. Além disto, a despeza é maior, porque em quanto um homem limpa assim uma arvore, outro com um pincel ou broxa grossa póde caiar oito ou dez; e aquella operação não é tão perfeita, nem obra tão efficazmente como a cal, que entrando nas mais pequenas rugas e fendas da casca destroe o mais insignificante musgo. Em summa, é como se um homem sujo querendo limpar-se se esfolasse até fazer sangue, quando podia servir-se de agua e sabão.

Quando se veja que algum dos ramos que se deixaram ficar excede em altura os outros, deve cortar-se logo para serem todos eguaes, a fim de que os succos sejam repartidos com egualdade. Praticando assim, a arvore braceja e arredonda-se regularmente, mantendo-se em justo equilibrio, sendo certo que depois de dois annos de decotes, ao terceiro ha de haver uma colheita relativamente abundante, as arvores estarão sãs, e darão uma fructificação vigorosa por uma longa serie d'annos.

É pois perjudicial na poda das oliveiras já adultas cortar qualquer ramo, como se diz; a meio ar, deixando-lhe a ramificação velha sobposta. Desse modo, é inutil esperar novos e robustos rebentões, pois que

os velhos lhes impedem o livre curso da lympha alimentar, nem se conseguirá ter arvores regulares e abundantes de fructos.

O tratamento, que deixo indicado, e que é quasi geralmente usado, reprova-o a sociedade patriotica de agricultura de Milão, em o tomo 2.° de seus Annaes, e mr. Gasparin na sua obra tomo 4.° pag. 846, o qual, tendo estudado a cultivação das oliveiras na Italia e particularmente em Niza, aconselha tambem o corte geral, como eu aqui prescrevo, para todas as arvores de quarenta annos, do modo que mostrei no desenho que appresentei em a exposição agricola lisbonense, com os resultados obtidos em Calhariz.

Cumpre advertir que a azeitona, para dar boa qualidade de azeite que possa comparar-se ao que vem de Italia, deve amadurecer bem, e não ser varejada logo que está preta; porque o seu estado de madureza não depende da côr, mas de outros caracteres, sendo este fructo como a laranja e a uva, que por estar amarella uma e preta a outra, não se segue que estejam perfeitamente maduras, antes carecem de esperar pelo tempo opportuno para ficarem capazes de comer. E de que serve varejar com paus tão fortes? A azeitona, estando bem madura, não precisa de rijas pancadas para cair, as quaes reduzem a arvore a estado de não produzir no anno seguinte, e por fim dentro de poucos annos a ponto de não dar fructo.

Todos os agricultores deviam, a exemplo do que se pratica em Italia, colher a azeitona no seu verdadeiro grau de madureza; assim evitam-se tambem os furtos; porque, tendo todos, ninguem vai defraudar as propriedades alheias. Os passaros avidos da azeitona não fariam o mal que fazem em ser irregular a colheita, poisque o fazendeiro que tem a desgraça de ser o ultimo na apanha vê juntarem-se todos no seu olival e causar-lhe perda consideravel.

A minha pratica é colher mais cedo a azeitona dos pés de oliveira que se acham situadas proximo a algum rio ou de vallas que conduzem aguas, pelo receio do damno das cheias. Como os fructos estão bem maduros caem com facilidade varejando-se com cannas os ramos; e quem quer fazer azeite de superior qualidade colhe a azeitona á mão, e onde o homem não alcança com os braços vareja com uma canna. Deste modo, nenhum mal se faz aos rebentões novos que dão fructo para o anno futuro, e que para o tempo da outra colheita se acham muito mais fortes e resistem aos golpes do varejo.

J. GAGLIARDI.
(*Continúa.*)

O CALENDARIO.

II

Dias solares. Colloquemos o sol nessa esphera, que mencionamos, tão regularmente dividida pelos circulos horarios, veremos que esse astro é levado, como todas as estrellas, pelo movimento geral do firmamento do oriente para o occidente, e que a esse movimento são devidos o nascimento e o occaso dos astros. Mas parece que as estrellas não obedecem senão a esse movimento commum; e o sol tem, além disso, um movimento proprio, cuja direcção, considerada absolutamente, é do occidente para o oriente.

As pessoas pouco habituadas ás considerações de mechanica ou de astronomia difficilmente fazem idéa exacta do duplicado movimento do sol, da combinação do movimento diurno com o movimento proprio.

Para fazer apreciar bem a coexistencia destes dois movimentos, não hesitarei em servir-me da mais vulgar das comparações, como precedentemente recorri á das talhadas de melão, quando tractava de explicar a divisão da esphera pelos circulos horarios.

Imaginem-se um desses globos de cartão, moveis em torno de dois pontos oppostos, com o auxilio dos quaes se estuda a geographia ou a cosmographia. O movimento deste globo, dirigido do *oriente para o occidente*, o movimento dos pontos avulsos marcados na superficie convexa do cartão, o movimento dos grandes circulos que rematam nos dois pontos fixos, figurarão muito bem o movimento diurno do ceu, das estrellas e de seus circulos horarios.

Ponde agora nesse globo, mesmo no equador ou nas regiões proximas, uma mosca que se mova lentamente do occidente para o oriente, ao passo que o globo se move no sentido contrario, isto é do nascente para o poente. A mosca será acarretada por esse segundo movimento, todavia menos *do que se* ficasse immovel. Em quanto está adherente ao globo, o insecto é acarretado pelo movimento diurno; quando muda de logar, quando vem tomar no mesmo globo, em rasão do movimento proprio, posições *mais ou* menos orientaes, chega ao meridiano *mais tarde do* que os pontos fixos a que tinha *primitivamente correspondido*: figure-se que essa mosca representa o sol.

Podemos agora, depois desta comparação, de que peço desculpa, fallar do astro radioso.

Chamamos *dia syderal* o intervallo de tempo que decorre entre duas passagens successivas de uma estrella pelo meridiano ou entre duas coincidencias do circulo horario, que vae dar a uma estrella, com esse mesmo meridiano. Chama-se *dia solar verdadeiro* o intervallo de tempo comprehendido entre duas passagens consecutivas do sol pelo meridiano, isto é, entre duas coincidencias com o meridiano dos circulos horarios em que este astro tem estado por dois dias successivos.

O dia solar é evidentemente mais longo que o dia syderal; com effeito, quando voltar hoje ao meridiano o circulo horario em que o sol estava *situado* na vespera, ou o que vem a ser o mesmo, quando o dia syderal estiver completo, esse astro, em virtude da descollocação propria na vespera, achar-se-ha n'um circulo horario mais oriental, será necessario que a esphera estrellada caminhe ainda uma certa porção, do oriente para o occidente, para que o dia solar seja completo, para que o sol pareça ter feito um giro inteiro em virtude do movimento diurno.

A causa da differença, que acabamos de *indicar*, entre o dia solar e o dia syderal, conduz a uma *consequencia*, sobre a qual quero chamar a attenção do leitor.

Supponhamos que o circulo horario de uma estrella e o circulo horario do sol chegam hoje ao

meridiano no mesmo momento; ámanhã quando o dia syderal está findo, o circulo horario do sol está n'uma posição mais oriental; no outro dia o angulo destes dois circulos horarios tem-se ainda augmentado em uma certa quantidade; estes pequenos movimentos accumulados acabarão por trazer os circulos horarios a uma posição rectangular, de sorte que, se o da estrella rematar no zero do equador, o do sol virá dar aos 90 graus.

A estrella, que na origem passava no meridiano ao mesmo tempo que o sol, ahi passará perto de uma quarta parte de dia antes delle. Não é a 90 graus que se limitará o afastamento dos dois circulos horarios mencionados, os pontos do equador onde irão dar acabarão por estar a 180 graus de distancia; nesse dia a estrella precederá o sol, (com quem ella passava no meridiano simultaneamente algum tempo antes) o numero de horas que é necessario para que a esphera faça um meio giro, ou quasi metade de um dia.

Quando os dois pontos do equador, onde vão dar os dois circulos horarios estiverem distantes 270 graus ou tres quartos de toda a circumferencia, decorrerão tres quartos de dia entre a passagem antecipada da estrella e a passagem do sol; finalmente, o circulo horario da estrella e o do sol virão coincidir de novo e passarão pelo meridiano no mesmo instante; mas, cumpre notar bem que, no intervallo entre estas duas coincidencias, a estrella terá passado no meridiano uma vez mais do que o sol.

O dia solar, como o dia syderal, é repartido em 24 horas, sómente com a differença de serem as horas, minutos e segundos de um relogio regulado pelo sol um tanto mais longos do que as horas, minutos e segundos de um relogio regulado pelas estrellas.

Noções relativas ao movimento proprio do sol. Pondo sobre a esphera, uns apos outros, em grandeza e em direcção, os arcos que o sol descreve em virtude de seu movimento proprio diario, acha-se uma curva continua sem zigzag de especie alguma; reconhece-se que o sol pareceu descrever um grande circulo da esphera, do qual metade está situada ao norte do equador e a outra metade ao sul. O plano deste circulo maximo chama-se *ecliptica* por motivos que não carecem de ser aqui explicados, bastando dizer que é a posição do sol e da lua relativamente a este plano que determina quando haverá eclipse do sol ou da lua; e dahi vem o nome de *ecliptica*, dado ao mesmo plano.

O plano da *ecliptica* fórma com o plano do equador um angulo que actualmente é de 23° 27'. Os pontos de encontro do circulo ecliptico com o circulo equatorial chamam-se os *equinoccios*; o ponto que o sol encontra quando vem do sul para o norte do equador tem o nome de *equinoccio da primavera*; o ponto diametralmente opposto por onde o sol passa indo do norte para o sul do equador chama-se *equinoccio do outono*.

Ha outros dois pontos notaveis no circulo ecliptico descripto pelo sol, que foram designados por nomes particulares. O ponto deste circulo situado a 90 graus * do equinoccio da primavera e do equinoccio do outono chama-se *solsticio do verão*. O ponto que reparte em dois arcos de 90 graus a porção austral do circulo ecliptico comprehendida entre os dois equinoccios denomina-se *solsticio do inverno*.

O movimento apparente do sol no plano da ecliptica, medido em graus, minutos e segundos, constitue o que convencionalmente se chama « movimento proprio angular. »

O intervallo de tempo que o sol emprega em voltar ao mesmo equinoccio, ou ao mesmo solsticio, isto é, em fazer em virtude de seu movimento proprio uma revolução ou giro apparente completo, é chamado *anno tropico*. Não se compoem o anno tropico de um numero exacto de dias solares; é egual a 365 desses dias e mais quasi um quarto de dia. Esta duração de anno dá em fracção de grau o valor *medio* do movimento proprio do sol; basta, com effeito, dividir os 360 graus de que se compoem o contorno inteiro do circulo ecliptico, que o sol percorre, pelos 365 dias e um quarto; o resultado é 0° 59' 8,"3.

De proposito omitto um pequeno movimento do equinoccio, chamado pelos astronomos a *precessão*; este pequeno movimento, de perto de 50 segundos por anno, não modificaria de um modo apreciavel o valor que acabamos de achar para a descollocação diurna média do sol.

As distancias angulares variaveis do sol ao equador, medidas nos circulos horarios, constituem o que se chama as *declinações* do sol. Estas declinações são boreaes desde o equinoccio da primavera até o equinoccio do outono; são austraes entre o equinocio do outono e o da primavera. A maior declinação boreal corresponde ao solsticio do verão: é agora em numeros redondos, de 23° 27'. A maior declinação austral tem o mesmo valor e corresponde ao solsticio do inverno.

O sol não percorre o grande circulo contido no plano da ecliptica com um movimento uniforme; aqui (Paris) acha-se que este movimento em 24 horas syderaes tem sido de pouco mais de um grau, n'outras partes acha-se sensivelmente menos. O ponto em que o movimento proprio do sol é mais consideravel chama-se *perigeu*. O ponto em que este movimento é menor tem o nome de *apogeu*; é diametralmente opposto ao primeiro. Como já vimos, termo medio o movimento proprio diario deste astro é de 0° 59' 8'',3.

Dissemos que era só em globo que o sol na sua carreira caminhava do occidente para o oriente. Examinando com attenção a orientação individual dos arcos diurnos percorridos pelo sol em virtude do seu movimento proprio, e parecidos por causa da sua pouca extensão a linhas rectas, a orientação desses arcos que, collocados extremidade com extremidade, nos forneceram o grande circulo elliptico, não acharemos senão dois, situados nos solsticios, que sejam exactamente dirigidos do poente para nascente. Ha outros arcos, particularmente os que tocam nos equinoccios, que são sensivelmente inclinados em relação á linha les-oeste.

* Estes graus são contados na sua propria divisão.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXV.

SOBRE QUEDA COUCE.

(Continuado de pag. 491.)

O abbade ía já tomando medo á cella.

Vendo que nem a boticão era possivel arrancar uma palavra ao dominico ou aos seus acolytos, resolveu-se a encetar o dialogo por uma explicação cathegorica.

— « V. reverendissima perdoará o incommodo!... Bati á porta muito tempo, estava aberta, e ouvia aquelle sr. psalmeando e não me fazendo o favor de se interromper... Como trazia negocio de pressa, por isso entrei. »

O procurador levantou os olhos ao céu com resignação, deu um suspiro, e ficou mudo. Parecia-lhe monstruoso que houvesse negocios mais urgentes do que a sua jornada proxima ao seio de Abraham. O abbade esperou dois minutos, e achando sempre o mesmo silencio, proseguiu um pouco perturbado:

— « Se previsse que o achava na cama, acredite v. reverendissima que havia de escolher uma hora opportuna... Espero que não seja por falta de saude! »

— « Thomé! — disse o dominico em voz expirante — uma cadeira a sua illustrissima! »

Era a primeira vez que fr. João condecorava o abbade com o tractamento que elle namorava desde a puericia. O praser do sabio foi tal que por pouco não abraçou o extenuado prégador.

— « Tem ordens, meu querido? » — continuou o padre mestre sempre em tom desalentado. O abbade deu um pulo, fez-se côr de rosa, e olhou cheio de perplexidade para fr. João.

— « Ordens! A que proposito, pergunta v. reverendissima isso? »

— « Pois não vem prestar-me os auxilios espirituaes? — proseguiu o frade. — Tenho animo para ouvir a minha sentença, creia! Acha-me resignado com a vontade de Deus! »

— « Então v. reverendissima entende? » atalhou o erudito endireitando-se com solemnidade.

— « Eu julgo que está aqui fazendo uma obra de charidade! Diga tudo, falle sem receio, meu rico sr. abbade... A sua presença nesta occasião explica-se pela gravidade do meu estado. Quer que principiemos o officio da agonia? A carne treme, mas o espirito está crente em Deus, meu Salvador! »

O abbade não sabia o que dissesse. Para moribundo achava o padre mestre muito são. Para chasco ou zombaria via-o muito atterrado.

— « Meu douto amigo o objecto desta visita é todo profano » — murmurou elle.

— « Profano? — exclamou fr. João respirando com força e aclarando a voz. — Então não o foram chamar para me ajudar a bem morrer? »

— « A mim?!... Pois v. reverendissima está doente de perigo? »

— « Estou muito mal, estou á morte, sr. abbade! »

— « Somos philosophos, respeitavel e reverendo amigo. Bem sabe o que os Estoicos diziam da morte... É uma illusão como qualquer outra. »

— « O peior, sr. abbade, é que ninguem se cura della! — observou o frade seccamente. Então o que me dá o gosto da sua companhia? Obrigado! Eu não gasto rapé quando tenho febre. D'aqui a pouco terei pó de mais em cima dos ossos. »

— « Em duas palavras o inteiro de tudo — acudiu o auctor da calligraphia regia. — Trazem-me aos seus pés dois casos, dois nós gordios, capazes de experimentar a sabedoria do defuncto Pegas, e a latinidade de um segundo Cicero... »

— « Desculpe v. illustrissima! Já não sou nada. Agora o meu Pegas e o meu Cicero é o temor de Deus... Os malditos livros, se chegasse a levantar-me d'aqui, íam todos para a cosinha crestar galinhas... O estado em que me vê a elles o devo! »

— « Mas acho-o de bom parecer, corado, gordo mesmo... »

— « Congestão, meu amigo, inchação! Sinto-me gangrenado. »

O abbade fez um movimento de retirada, e empallideceu alguma coisa.

— « Mas a sua doença ha de ter nome. De que o curam? »

— « De um garrotilho, primeiro! »

— « Bem! » — observou o sabio, sorrindo-se.

— « Bem, diz v. illustrissima? Pois eu, se dá licença, digo pessimo! » — exclamou fr. João, irado.

— « É só isso; não ha mais nada? » — continuou o erudito, cruzando a perna e cheirando vagarosamente, com o nariz sobre a caixa.

— « Ainda lhe parece pouco?... — rugiu o frade, cada vez mais indignado. — Bagatella! Um garrotilho... Para sua satisfação, porque o vejo divertido, o licenciado espera uma apoplexia ao septimo dia! »

— « Famoso! » — exclamou o erudito, com o maior socego.

Fr. João sentiu grandes tentações de quebrar um vidro de electuario, que tinha á caboceira, na calva do abbade. Este, nos bicos dos pés, dirigia-se, entretanto, ao bofete, e passava miuda revista ás nauseabundas garrafadas, e preparações, que o povoavam.

— « Justamente! — dizia o investigador das bexigas doidas, sacudindo a cabeça tres vezes com a gravidade de um oraculo. — Logo julguei! Cá está a metralha. Xaropes, violebos, emplastos, socracios, gargarejos, unções, saumerios, *et tuti quanti!* Uma botica inteira emfim. Restrictivos, discussivos, mollitivos, e extenuativos?... Vejamos. Ah! A composição purgante de Psilio, çumo de rosas, de cenouras damascenas, maná e diasines! Bello! Famoso para arranjar uma colica. Depois o Eligmato de baço de raposa. Palha! O xarope de nynphea, o de marrabio, e o de calamenta?... Cisco! D'ahi unções, cerotos, dropacios, e pictimas?... Excellente! Um quarteirão de venenos! Todo o charlatanismo de Galeno! »

O procurador, meio debruçado fóra da cama, seguia este inquerito com verdadeira anciedade.

— Então acha » — disse o dominico.

— « O que esperava... replicou o abbade com aspecto serombatico. — Sabe o que me admira? É achar a v. reverendissima ainda vivo! »

O padre mestre deu um salto e sentou-se de repente.

— « Então o garrotilho é incuravel? » — gemeu balbuciando.

— « O garrotilho, não! — observou o abbade levando lentamente a mão á fronte. — Acho só incuraveis os remedios. Meu rico sr. fr. João saiba, se morrer, que não foi de um garrotilho (porque nunca o teve) mas da cura do seu licenciado. A minha opinião é que v. reverendissima está envenenado! »

— « Jesus do céu! » — disse o procurador, deixando-se caír sobre os travesseiros.

O abbade tirava á luz, entretanto, um oitavo de papel dobrado em quatro, e aproximava-o dos olhos do doente, com um batalhão de terrores na vista, na voz, e nos gestos compassados.

— *Ecce caput Holephernis!* — clamou elle em ar triumphante. Aqui está a receita do sangrador! — Perdoe a traducção vulgar. A dose que lhe manda ministrar é capaz de arrebentar um boi em duas horas. »

O frade quiz vêr, mas tinha uma nuvem parda diante dos olhos. O suor gotejava-lhe da testa como se estivesse no mez de agosto.

— « Não me espanto! — proseguiu o antiquario. — Depois do *recipe* e do *Ana* leio o nome da Parca. Dionisio Lopes!... Felizmente o vidro está cheio. »

— « Conhece-o? — acudiu o procurador atterrado:

— « Ha quantos dias vem elle aqui? » — disse o abbade sem responder.

— « Desde hontem. »

— « Dê graças a Deus. Quantas sangrias? »

— « Duas! »

— « Justo! Amanhã deixava-o morto! Sr. Fr. João dos Remedios principio a ter esperanças.... Olhe este vidro? Esta abominavel preparação? É o agarico macho! É um veneno incorrecto! Se o bebesse estava morto. »

— « Ainda não, ainda não! » — gritou o procurador mais reanimado.

— « Dê parabens á fortuna! Conheço o licenciado, sim sr. A sua presença é como a visita da saude aos tisicos; não ha exemplo de se levantar doente que elle tracte. Sangra-os e invenena-os. »

— « Sancta Maria! »

— « Conforte-se; podia ser peior! Aqui a molestia são os remedios, e sobre tudo as sangrias, abertas por esse barbeiro *contra artem*, estando a lua em conjuncção com Saturno!... Que horror, que ignorancia! Mas não tenha receio: algum anjo está a pedir por v. rev.^{ma}! O que ha a fazer agora é seguir o aphorismo precioso de Hypocrates o divino: « acrescentar o que falta e tirar o que sobeja. »

— « V. ill.^{ma} tambem sabe medicina?... » — perguntou o padre mestre com a credulidade de um enfermo, e a veneração devida ao salvador.

— « Estudei e estudo para saber!... » — disse o abbade com solemnidade. — « Sr. Fr. João dos Remedios » — proseguiu emproando-se com desvanecimento — « todas as molestias nascem da descompostura dos quatro humores do corpo, sangue, cholera, melancholia, e fleuma. Em manuscriptos rarissimos tenho achado segredos ignorados da sciencia garraia dos nossos dias.... Receitas divinas de Salomão, o sabio por antonomasia: de Hypocrates, da filha de

Cós, nascido 484 annos antes de Christo, quasi pelo tempo do grande Esdras. . . . Os seus discipulos Diocles, Caristio, Proxagoras. . . . »

— « Pelo amor de Deus, abbade! — exclamou o procurador aturdido por esta nota oral do archaista — deixe os discipulos de Esculapio... »

— « Sr. fr. João não confunda! Esculapio é o douto pai da eschola empirica e os seus discipulos foram Serapião Alexandrino, Glaucio, Menodoto... »

O padre mestre suspirou vendo que tinha caído de Scylla em Carybdes.

— « Faço justiça ao saber de v. illustrissima: — disse elle — mas tire-me de cuidados. Diga-me: julga que posso escapar?.. »

— « Dos remedios do licenciado?.. — atalhou o abbade. — Parece-me que sim. Tenho uma receita mirifica, descuberta nas extravagantes de Cornelio Celso, manuscripto unico que só eu possuo no mundo, e com ella o hei de curar. É um especifico para os humores... Vê esta cestinha com fitas côr de rosa? Ahi tem o verdadeiro elixir da vida. »

Fr. João arregalou os olhos para a cesta miraculosa aonde viu uma especie de raspa fina, escura e similhante a terra vegetal.

— « Cheire sem agitar! — disse o antiquario, pegando na cesta delicadamente só com o indice e o pollegar das duas mãos. — Não sente o divino aroma? »

— « Cheira-me a raizes velhas! » — respondeu innocentemente o padre mestre.

— « Raizes velhas?! O perfume mais raro que se conhece? Assim quieto é canella de Ceilão. Agite-o, é essencia de rosa. Toque-o, é verbena culta. O cravo, o rosmaninho, a madresilva são ouregãos á vista disso. Uma pitada limpa o cerebro e é antidoto da apoplexia. Sobre a pelle cura as chagas e os tumores. Em xarope violaceo sara as lesões de baço, de coração e do estomago... »

— « E como se chama este remedio? » — interrogou o dominico absorto.

— « Raiz de albafor! Junça cheirosa! — replicou o abbade, pronunciando lentamente. Esta cestinha vae para a marqueza das Minas, minha senhora. Vejo-me perseguido com bilhetinhos todos os dias. As damas estão loucas pelo meu rapé, como ellas dizem. Cheire uma pitada e verá em um instante como lhe desobstrue o cerebro. »

Fr. João obedeceu. Vinte espirros successivos, applaudidos por outras tantas cortezias do investigador das barbas historicas, foram o effeito immediato do especifico. Quando acabou tinha a cabeça pelos ares. Entretanto a fé persuadiu-lhe que estava mais alliviado, e virando-se para o abbade, exclamou:

— « V. illustrissima foi um anjo que me acudiu! O licenciado era o braço da morte... »

— « Diga a lanceta. Dionisio Lopes, por onde passa, deixa tudo em sangue! »

— « Thomé — gritou fr. João em plena voz sacuda-me logo essa peste de casa! Olhe bem; essas garrafadas já pela janella fóra. Estes pannos, estas unturas á rua com ellas! — E ao mesmo tempo arrancava e semeava pelo chão os chumaços gordurentos. — Tire-me os sinapismos, s. illustrissima dá licença! Tudo isso é veneno. »

O abbade estava radioso. Primeiro por ter conquistado o tractamento de illustrissima; depois por vêr acatada a sua monomania de curandeiro. Effectivamente o erudito tinha uma collecção de especificos e de doces cubertos, que eram o recreio dos seus admiradores.

— « V. rev.^{ma} não usa ao menos do gargarejo? » — Insinuou o milagreiro humildemente.

— « Á rua! » — gritou Fr. João com um gesto heroico. — « Tenho medo de tudo. Aquelle provedor dos cemiterios é capaz de meter a morte nos proprios rebuçados. A proposito não esqueçam as pastilhas. . . . »

Thomé fez uma visagem lacrimosa. As pastilhas tinha-as sonegado, contando adoçar com ellas a aspereza da laringe. O nosso devoto era guloso, e não acreditava que o assucar candi fosse veneno.

— « Sr. abbade » — dizia o dominico restaurado pela prelecção medica e pelas virtudes imaginarias do albafor de sete cheiros — « sinto a cabeça mais leve do que uma penna. Estou bom: perfeitamente bom. »

— « Não é o primeiro exemplo! » — observou o oraculo com um sorriso vaidoso — « Já salvei o sr. Lourenço Telles de outra desgraça similhante. Arruinou-se-lhe o ultimo dos seus queixaes, e inchou-lhe a face e a gengiva. O licenciado queria-o lancetar: oppuz-me; e curei-o, arrancando o dente. Não diz a regra: tira a causa e cessará o effeito? »

— « E o licenciado? »

— « Fallou em inflamações, gangrenas, mortes, postemas, e desappareceu. Mas o sr. Lourenço Telles esqueceu-se depressa; e não perde occasião de deprimir essas poucas lettras, que os sabios me fazem a honra de suppor em mim.

Ah, sr. Fr. João! Este seculo não é para nós. Anda uma nuvem de badamecos rabiscando modernices, dizendo loas pelos outeiros, e fazendo gala da ignorancia... Um até, (veja a demencia) em certa casa, atreveu-se a representar o papel de um abbade ridiculo estando eu presente!... E tão descarado, que no outro dia foi pedir-me ainda em cima dez moedas emprestadas.»

—« Mas negou-lh'as?»

—« Tractei-o!... Coitados! Não sabem mais. Fizeram galhofa da minha carta a Lucio Floro! Riem-se? Se tivesse menos charidade dava-lhes uma licção.... Está a minha papeleira cheia dos erros grammaticaes destes sabios feitos á pressa; e que erros, padre mestre, erros de palmatoria! O sr. D. Manuel, o Venturoso, e el-rei D. João, o Perfeito, punham as lettras mais altas. Agora tudo escreve historia, poesia e critica (critica!) sem dois dedos de latim nem uma declinação de grego. *Quousque tandem?* diria outra vez o principe dos oradores romanos.

—É verdade, é verdade!»—respondia o procurador com meia vontade de rir das tribulações desta panoplia litteraria.—« Mas, se me lembro, queria-me contar....»

—« Um caso novo, rarissimo. Venho consultal-o sobre dois pontos, um de leis, outro de latinidade....»

—« Para o que eu prestar....»

—« Muito obrigado. Comecemos pelo mais facil. Saberá v. rev.^ma^ que estando a noite de terça feira no serão da sr.^a^ marqueza, s. ex.^a^ tinha uma rosa na bocca, e ficou-lhe uma folha na lingua. Expelliu-a e saltou-lhe para a face. Pareceu gracioso, e o doutor Henrique Vieira, pessoa muito douta, bateu as palmas e fez dois versos latinos, convidando-nos a traduzil-os immediatamente.»

—« E então?»

—« Choveram trovas!»

—« E v.^a^ illustrissima?»

—« Calei-me! Achei aquillo pouco serio.»

—« E em casa?»

—« Dei algumas voltas: mas o latim do doutor é perro. Quer que lhe diga? Entendo mal o latim de orelha. Estou costumado ao classico puro.»

—« Faz-me favor de repetir os versos?»

—« Estão nesse papel. Pedi-lh'os escriptos para não me esquecerem.»

O procurador sorriu-se. Sabia que o abbade era incapaz de os dizer sem umas poucas de sylabadas, e por isso se descartava, offerecendo a copia. O frade leu:

Quid mirum, ejicias illam nunc, Laura, labellis?
Semper ut eloqueris, fundis ab ore rosam.

—« Estão bonitos, não ha duvida. Traduziu-os alguem?

—« André Serrão; e differentes glosaram-n'os.»

—« E que tal?»

—« Elle como sempre. Entretanto aplaudiram-n'o. Assim o endoudecem! Sabe v. rev.^ma^ que teve o atrevimento de me dizer depois que eu se callava era por não saber fallar?»

—« Em que posso então ser util a v. illustrissima?»

—« Fazendo-me dois versos latinos, e repetindo-m'os até eu os decorar. Quero quebrar os olhos ao sr. André Serrão.»

—« Conte com elles, meu rico sr. abbade... se o meu latim tambem não emperrar. Isso succede aos que sabem mais.»

Dizendo isto o dominico sorria-se de novo, mas desta vez era só de vaidade.

—« Vamos agora ao *casus legis*, ao ponto juridico»—proseguiu muito alegre.—« É grave?»

—« Tenebroso! Vias de facto, sevicias, e expoliações!»—replicou o abbade com aspecto sombrio, e palavras esbrugadas.

—« Com effeito!»

—« São duas palavras»—proseguiu o auctor da Carta a Lucio Floro—« Hontem recolhia-me pelas nove e meia da noite, quando o escudeiro, abrindo, me disse « V.^a^ ill.^ma^ ha de achar gente de mais em casa!» Fiquei pouco satisfeito. V. rev.^ma^ ha de concordar que a hora era pessima.... para mim sobre tudo costumado a aproveitar o tempo....»

—« De certo!»

—« Subi. Abro a porta da sala; e entro no escriptorio; o que hei de achar? Ah, divino Camões, tu o disseste:

« Não sei de nojo como o conte!»

Aquelle bugio, aquelle horrendo macaco de outro dia, que nos arremetteu em casa do sr. Lourenço Telles!..,»

—« Alguma graça de Filippe, aposto eu!»—observou o dominico.

—« Exactamente, meu rico padre mestre. Mais uma brutalidade daquelle selvagem!...»

— « Não se admire. Todos os dias é um cento dellas » — resmungou o frade recordando as palmadas nos sinapismos.

— « O mono » — continuou o archaista em tom dolente — « estava repimpado na minha poltrona de estado, na minha poltrona rica, primor do reinado do sr. D. João, o Piedoso. Deve notar que nem eu mesmo ousei nunca profanar o brocado antigo daquelle regio monumento, assentando-me! »

— « E com rasão! » — acudiu o frade comprimindo o riso.

— « Pois achei-a polluida pelos immundos coiros do macaco! E por cumulo de desaforo, divertia-se, quando entrei, em fazer papelotes das rarissimas gravuras dos sete sabios da Grecia, prenda de annos da marqueza das Minas, minha senhora. Bem vê que por todos os respeitos me eram preciosas. . . . »

Aqui suffocado de dor, o erudito fez uma pausa dramatica, mais lacrimosa do que duas elegias, e limpou os olhos da saudade das gravuras. Fr. João contemplava-o mantendo uma seriedade heroica.

— « Lancei-me ao mono, hallucinei-me, perdi a cabeça em fim! — proseguiu o abbade com ar sombrio. — E consegui arrancar-lhe as estampas; mas em que estado, grande Deus! Quatro amarrotadas, e tres que faziam chorar de dor!.. Um Socrates sem nariz, a feição capital daquelle sabio! Solon degolado! e o meu Thales de Mileto reduzido apenas á orelha esquerda... »

— « Devia ser um golpe!.. » — notou fr. João imperturbavel.

— « Ah padre mestre!.. Ainda não era tudo. Olho casualmente para o bofete e o que hei de vêr?.. Um lago de tinta, um borrão immenso sobre o meu Tractado Monographico da *Origem e Façanhas de Viriato o Libertador*, obra de quinze annos de investigação, com trinta paginas de texto e mais de trezentas notas extrahidas de antiquissimos manuscriptos!.. A minha gloria roubada por um macaco, o monumento de bronze perdido por um *simia satirus!..* »

— « É infelicidade, tem rasão. »

— « Cahi sobre uma cadeira sem luz nos olhos... Apenas lhe toco, sinto amassar-se debaixo de mim uma coisa molle. Levanto-me, observo... *Quis talia fando!* Eram os pecegos cubertos, aquelles preciosissimos pecegos, que nem na casa real se comem, saqueados, çujos, devorados, e por ultimo até feitos n'um pastel por mim proprio, que os tirava como hostias... »

— « Santa Barbara! — gritou o procurador offendido do sacrilegio aos pecegos. — Mas quem demonio foi dar os doces ao macaco? E logo uma caixa inteira! »

— « Ah sr. fr. João, quando não perdi o juiso esta noite, estou salvo de o perder toda a minha vida! » — exclamou o antiquario elevando as mãos ao ceu.

— « Acredito! — replicou o dominico com ar epigrammatico. — Explique-me, porém, como isso foi... »

— « É facil desgraçadamente. O macaco ia ás ordens de um Bertoldo coxo e retorcido, uma especie de arlequim do pateo de bixos, que o sr. Lourenço Telles tem a mania de sustentar... »

— « Ah, um tal Domingos José Chaves? uma parodia de Belzebú, que se cobre com um gral de boticario? »

— « Justamente! »

— « Então entendo. Que patife! »

— « O tal Domingos fez-se muito meu, e metteu na cabeça do escudeiro, um simplorio que tenho em casa só por dó, que vinha por minha ordem trazer o mono, e levar os pecegos para o sr. commendador... O escudeiro caíu no laço levou-o para o escriptorio e entregou-lhe a caixa que eu tive a imprudencia de citar á sobremesa diante do selvagem Filippe da Gama... »

— « Agora explica-se tudo perfeitamente, sr. abbade! E comeram ou estragaram a caixa o macaco e o seu aio? »

— « Tudo!.. Apenas entrei o mono poz-se a saltar. Quiz vingar as lettras e os pecegos, levantei a bengala, aquella bengala egypcia que eu trazia! o macaco põe-se em guarda, quebra-m'a e com os pedaços enche-me de contusões... »

— « Graça pesada! » — exclamou fr. João.

— « Pezadissima!.. moido, transtornado, agarrei-me ao palhaço homem perguntando quem lhe dera a confiança de se introduzir em minha casa com similhante fera? O que julga que teve o arrojo de me responder? Que a casa era de todos como a da comedia, pois era chamada o hospital das lettras! Dito isto rodou na ponta dos pés, escarrou dois ou tres latinorios sordidos, e saíu na companhia do quadrumano... »

— « Pois os seus criados deixaram? »

— « Tenho só um escudeiro; e esse treme da propria sombra. »

— « Devia avisal-o da entrada do macaco... »

— « É verdade: mas o patife capacitou-o de

que era um sobresalto jocoso... Fallou de certa aposta de v. reverendissima... »

— « Minha!.. Protesto-lhe, querido abbade... »

— « Não diga nada. Sei que é incapaz de obscenidades similhantes. Sr. fr. João, estou decidido a ir deitar-me aos pés de el-rei pedindo justiça contra a perseguição do selvagem Filippe da Gama... O que me aconselha? »

— « Falle primeiro ao commendador; explique-se claro com elle; e previna-o de tudo... »

— « Hoje mesmo. Sabe que tem depositada em casa a filha de D. Luiz de Athaide até casar com o conde de Aveiras? »

— « Assim ouvi. »

— « Diz-se que el-rei está peior... »

— « Até hontem não. »

— « Pois hoje falla-se!.. Acha que devo contar tudo a Lourenço Telles e pedir-lhe que me indemnise? »

— « A indemnisação não ha direito; mas a queixa sim. Póde exigir que se obrigue Filippe a bem viver com v. illustrissima. Entendo que é de toda a equidade. »

— « Tem sido guerra de morte, meu amigo. O selvagem jurou desgraçar-me. Quer alguma coisa para a rua das Arcos? Está bom, está salvo, digo-lho eu! »

— « Quasi. A minha verdadeira molestia era o maldito licenciado. Agora vejo. Nunca me hei de esquecer, sr. abbade... Que bulha é esta? »

Um grande estrondo na casa da entrada atrahia a attenção; depressa o explicou a voz de Filippe aos dous amigos.

— « Toma para teu ensino! Isto é para saberes o pezo das bolaxas do capitão Filippe. »

De feito duas bofetadas estouravam ao mesmo tempo na cara do infeliz Thomé, que levara a simplicidade ou a velhacaria ao auge de despedir á porta o illustre sobrinho de Lourenço Telles.

— « Santo Breve da Marca! — gritou o dominico erguendo os braços — Este bruto arraza tudo. »

— « V. revm.ª não terá outra porta por onde eu sáia? » — perguntava o abbade muito encolhido.

Neste ponto chegava Filippe de chapéu na cabeça e bengala ao hombro. Dando com os olhos no auctor da biographia do libertador Viriato, o capitão atirou um pulo e um berro formidavel, seguido da seguinte exclamação civil:

— « Até que te apanhei, carochinho! Um seu criado, sr. abbade. Vamos a ajustar as nossas contas e a pagar os trócos! »

O abbade recuava; o dominico agitava-se; e Thomé banhava a face em agua fria. Um acaso feliz salvou o antiquario. Quando dava o primeiro passo para elle, ouvindo passos atraz de si Filippe voltou-se e viu Diogo de Mendonça Côrte Real.

Era mais uma das occasiões perdidas que formam dous terços da historia dos grandes homens. Um momento depois o capitão desapparecia, e o abbade tornava a achar a voz.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXV.

O INQUISIDOR GERAL.

(Continuado de pag. 479.)

— O padre Fernandes ha de seguir as pegadas que deixou o seu companheiro e mestre. Não faltarão memoriaes, promessas de dinheiro a El-rei, queixas a Sua Santidade, e tambem não faltará, talvez, algum breve mandando exhibir processos á inquisição, como o que já houve. Mas paciencia! *oportet hæreses esse*, como disse o Apostolo.

— Talvez que para os fins, inintelligiveis para nós, da Providencia divina, importe que haja hereges e heresias; mas o que de certo não é vontade de Deus é que os hereges triumphem, e governem o mundo — disse o conde de Castello-Melhor.

— Nem tal póde succeder nunca — accudiu logo D. Verissimo.

— Quem sabe? As coisas parecem encaminhar-se para esse fim. Os jesuitas de dia para dia vão tendo mais influencia no animo do infante, a rainha é governada pelo padre de Villes, e a França de hoje em diante favorecerá as pertenções de sua magestade e por conseguinte as ambições do seu confessor e da companhia de Jesus. A liga com a França está assignada, sr. D. Verissimo, assignou-se ha tres dias como V. S. sabe...

— V. Ex. ha de me permittir que lhe eu faça algumas reflexões a respeito da liga.

— As reflexões de V. S. são conselhos que se não devem perder.

— Porém agora são inuteis já; porque o tratado com a França está assignado. E, franca-

mente, eu tenho para mim que foi uma grande imprudencia o fazer-se um similhante tratado, quando a Hispanha está exhaurida de meios, sem exercito, e quasi sem governo. Ella mesma viria pedir-nos a paz, logo que Luiz XIV rompesse as hostilidades por causa dos direitos que julga ter a Flandres.

— Essa foi tambem por muito tempo a minha opinião — disse o conde — e, na verdade, com a intervenção do ministro inglez, o cavalheiro Fanshaw, estivemos a ponto de vêr acceitar as nossas propostas pelo governo hispanhol. Mas agora as cousas tinham mudado um tanto de aspecto. Os hispanhoes recusaram o nosso *ultimatum*.

— Não quizeram tratar comnosco de rei a rei.

— É verdade, não quizeram reconhecer o sr. D. Affonso VI como legitimo rei de Portugal.

— Deviamos continuar a instar pela paz. Ha vinte e seis annos que temos guerra; a nação precisa descanço para se não perder de todo.

— A paz, era incerto, muito incerto, que a podessemos alcançar sem condições deshonrosas para nós — accudiu o conde. — A guerra entre França e Inglaterra fez cobrar animo aos hispanhoes: em vez de quererem a paz elles só pensavam em nos conquistar, agora que nos viam desajudados e abandonados de todos. Eu bem sei que a fidelidade dos portuguezes ao seu rei, e o seu amor da patria e da independencia, são garantias seguras da nossa existencia politica: já estivemos á beira do abysmo, cançados, exhauridos, com os exercitos hispanhoes no coração do reino, e soubemos resistir-lhe, mais ainda, soubemos vencer. Mas deveremos nós conservar sempre uma tão cega confiança na nossa boa estrella? A paz era impossivel agora; os hispanhoes não a quereriam. Sem dinheiro, e sem exercito a guerra não se póde sustentar: nós estavamos sem dinheiro, e em pouco tempo ficariamos sem exercito se não buscassemos apoio em alguma nação poderosa. Um outro perigo nos estava eminente tambem, contra o qual era preciso tomar precauções. Os inglezes, depois de terem trabalhado como mediadores, para nos fazerem assentar pazes com Hispanha, vendo que esta recusava pôr-se de accordo comnosco, mostraram-se resolvidos a fazer um tratado com os nossos inimigos, a accomodar-se com os hollandezes, e a abandonarem-nos. Não podiamos ter a paz, era indispensavel que nos pozessemos nas melhores condições possiveis para a guerra.

— Mas com esta liga que se fez com a França ficamos obrigados a fazer a guerra, em quanto a guerra convier aos interesses de Luiz XIV. Fomos escravisar-nos. . . Perdão, sr. conde — acudiu o inquisidor, interrompendo-se — eu não devia fallar com esta liberdade, n'um acto politico em que V. Ex. foi o principal agente.

— Eu não fui senão o executor das ordens d'El-rei.

— Sejamos sinceros.

— E da vontade do conselho d'estado, da rainha, do sr. infante, de todos finalmente, porque todos aqui queriam esta liga, todos votaram por ella.

— Todos, sr. conde, todos menos o povo que está cansado de guerras, que já não póde nem combater, nem pagar. A paz era nesta occasião a primeira necessidade para o povo.

— E crê V. S. que eu ignorava isso? Fiz inutilmente todos os esforços por alcançar a paz, uma paz honrosa para a nação portugueza; e, agora mesmo, antes de dar um passo para esta liga com a França, ponderei sempre a El-rei tudo quanto a esse respeito havia de importante, ouvi sempre o conselho d'estado, consultei a rainha, dei conta de tudo ao sr. D. Pedro. E todos, todos votaram pela alliança franceza, e pela continuação da guerra. Se algum dia a nação se houver de queixar deste acto politico. . .

— A nação queixa-se já.

— Não é sobre mim que as suas queixas devem cair. Eu não fui senão o executor das vontades de quem póde mais do que eu. Aqui tudo se vae submetendo á influencia franceza. Portugal é uma nação que hoje, desgraçadamente, não póde viver por si. Deixou de ser conquista hispanhola ha pouco, para se rasgar agora nas mãos da Inglaterra, da França e da Hollanda, que se lhe querem apossar dos ultimos pedaços do seu rico manto de purpura.

— Mas V. Ex., que é o valido d'El-rei, o seu ministro, o seu escrivão da puridade, emfim tudo, não póde evitar a total ruina desta nação, que já foi tão grande, tão poderosa, e a favor da qual Deus tem feito tantos e tão pasmosos milagres? — disse o inquisidor, accentuando e demorando-se em cada uma das palavras, que designavam os titulos e o valimento do conde.

— Quer que eu lhe falle com sinceridade, sr. D. Verissimo?

— Faz-me muita honra nisso, sr. conde.

— Os meus conselhos ainda são escutados por El-rei, ainda sou escrivão da puridade, mas como os jesuitas me fazem tanta guerra a mim como á sagrada inquisição, não sei quanto tempo durará ainda o meu valimento. A companhia que tanto tem podido fazer contra uma instituição tão santa, tão proveitosa para a religião, tão conveniente para a propagação da fé como é o santo officio, o que não poderá contra um pobre ministro, que não tem senão bons desejos, amor da patria, e dedicação pelo seu rei! Já excitaram as desconfianças de sua magestade a rainha contra mim: fizeram crêr ao sr. infante que eu não tenho por elle o respeito e amor que lhe são devidos, alhearam-me as simpathias de parte da nobreza e do povo, e tudo isto para seus sinistros e tenebrosos fins.

— Agora, porém, podia, sr. conde, attender ás necessidades da nação...

— Não podia senão escutar as ordens reiteradas d'El-rei.

— Mas El-rei, V. Ex. bem sabe que El-rei...

— Queria agradecer a sua augusta esposa as esperanças que lhe dera de um herdeiro para a coroa. El-rei desde que veio de Salvaterra não deu ouvidos senão... a quem os devia dar, á rainha.

— E então...

— A rainha minha senhora, desejava, como era natural a uma princesa franceza, a uma parente do Luiz XIV, desejava ligar-nos indisoluvelmente á França. Sua Magestade ficou tão satisfeita por o abade de São-Romão ter alcançado o fim para que fora mandado a Portugal, que logo no dia 31 de março lhe mandou um bilhete dando-lhe os parabens, e já escreveu a El-rei de França pedindo-lhe graças e favores para elle. Infelizmente — proseguiu o conde fingindo-se commovido — para perturbar a alegria da rainha, uma grande desgraça...

— Uma desgraça? Qual foi...

— A esperança que Sua Magestade nutria de dar um herdeiro á coroa acaba de se desvanecer, sem que Sua Magestade mesma possa dizer como passou tantos mezes nessa illusoria esperança.

— É maravilhosa, inexplicavel essa illusão! — exclamou o inquisidor, tomando uma pitada da sua caixa de oiro, para esconder o sorriso que lhe tremia incerto na boca. — *Quid est hoc?*

— Que se ha de fazer já agora? O tratado está assignado — disse o conde — e o que devemos fazer é tirar delle o maior proveito que for possivel. Em estando accomodadas as nossas differenças com os Estados-Geraes da Hollanda ser-nos-hão restituidas Cochim e Cananor. O papa ha de vir tambem agora a melhores termos comnosco e então confirmar-nos-ha os bispos...

— Grande felicidade será essa para este povo; porque nestes annos, em que Roma nos deixou no abandono, uma parte do clero, esquecida da propria modestia, tem-se tornado a vergonha e o escandalo da egreja.

— E com a confirmação dos bispos talvez, é quasi certo que Sua Santidade concedera á El-rei um ou dois barretes cardinalicios, para premiar as virtudes e serviços dos prelados, que tem mostrado mais zelo pela religião e mais amor pela patria.

— V. Ex. espera que Sua Santidade...

— Conto nesta occasião com a coadjuvação do cardeal de Vendome, legado *á latere* do papa, para alcançar os dois barretes, ou ao menos um barrete cardinalicio.

Um pallido sorriso, que exprimia ao mesmo tempo a esperança e a duvida, contraiu as faces rugosas do velho inquisidor.

— E se o papa conceder...

— V. S. é o prelado de mais virtude e de mais lettras de Portugal. El-rei sabe quanto lhe deve, e aprecia o seu zelo, sr. D. Verissimo, pelo altar e pelo throno.

D. Verissimo teve tal alegria com a idéa de se vêr um dia ornado com a purpura sacerdotal, que sentiu fugir-lhe a vista dos olhos; tirou uma pitada da caixa e deixou-a depois caír dos dedos, quando a mão parou n'um instante de reflexão, a meio caminho do nariz: voltou os olhos para o ministro de Affonso VI, e desviou-os logo para olhar para a janella, por onde entrava naquella occasião um sol esplendido apesar da gelosia, e no fim não achando palavras para responder ao seu astucioso interlocutor baixou a cabeça, e murmurou alguns sons ininteligiveis.

O conde leu claramente na alma do inquisidor; e vendo que era então a occasião mais oportuna para lhe fallar no objecto melindroso, que o levara áquella casa de horrores e de martirios, poz-se de pé pegou no chapeo e na capa, que deitara sobre uma das cadeiras que estavam em roda do bofete, e no tom da mais perfeita indifferença, perguntou:

— V. S. teve noticia de uma bruxa, que eu mandei de Salvaterra, para os carceres do santo officio?

— Ouvi fallar nessa peccadora — respondeu D. Verissimo, tornando um pouco em si.

— É uma bruxa muito perigosa, que tem estreito pacto com o diabo.

— Quiz dar feitiços a El-rei?

— Não, senhor. Mas mostrou-lhe, n'uma visão infernal, coisas que muito maguaram Sua Magestade. O sr. D. Affonso que ninguem, porque todos o respeitam, todos o amam, que ninguem é capaz de atraiçoar, viu-se traido por uma pessoa... a quem muito quer.

— Deus de misericordia!

— El-rei mandou entregar a bruxa ao santo officio, para que se faça justiça.

— Far-se-ha justiça.

— Sua Magestade, porém, quer assistir ao interrogatorio que se fizer á ré.

— As vontades d'El-rei são ordens.

— É preciso que a bruxa confesse que quanto Sua Magestade viu foi tudo obra do demonio.

— Ha de confessar tudo, tudo — disse D. Verissimo. — A serva do demonio ha de accusar o seu senhor, para confusão dos hereges, e maior gloria da egreja.

O ministro e o inquisidor olharam um para o outro; mas ambos desviaram logo a vista, porque o rubor lhes subiu ás faces, e o riso lhes assomou aos labios.

O Castello-Melhor despedindo-se então do arcebispo com muita reverencia saiu da inquisição, e encaminhou-se logo para o paço, onde o estava esperando consideravel numero de pertendentes, sobretudo militares e clerigos, por passar já da hora em que ordinariamente se abria o despacho.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Notavel transtorno de clima. — Constava de Rhodes que esta ilha, no primeiro quartel do corrente anno, foi inundada de chuvas torrenciaes e assaltada por furacões que arrancavam as mais corpulentas arvores. No dia 2 de março, cahiu chuva de pedras, cousa de que não havia memoria, e tão intensa que escureceu o ar; as mais pequenas eram do tamanho de avelãs, e algumas se apanharam como ovos de pomba.

Rectificação. — Disse-se que a musica da opera *Cassilda* era composição do principe real da Prussia; lemos, porém, na *Independencia belga* de 13 do corrente o seguinte:

« S. A. R. o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha, sobrinho do rei dos belgas, querendo dar um testemunho da sua estima e benevolencia a M. Gustave Oppelt, auctor do *libretto* francez da *Cassilda*, opera posta em musica por aquelle principe, acaba de condecorar o mesmo litterato com a cruz de merito, afiliada á ordem ducal da casa ernestina de Saxonia.

Aproveitamos esta occasião para rectificar o erro commettido por alguns jornaes. O principe Leopoldo de Saxonia-Coburgo, que ultimamente assistia em Bruxellas á representação da *Cassilda* não é irmão do augusto compositor, como se tinha supposto, mas sim seu primo coirmão e irmão do rei de Portugal. »

Nova região aurifera. — Escrevem de Melbourne (Australia) ao *Times* que as minas d'ouro em a Nova Galles do Sul são de uma fecundidade de que não ha exemplo. O correspondente diz que ainda não chega ao computo verdadeiro, avaliando em cem mil libras esterlinas o contingente fornecido cada semana pela mina do monte Alexandre. Um homem levantou á sua parte 800 libras no termo de tres semanas. Todos os trabalhadores de Melbourne tinham na data de 4 de dezembro abandonado seus trabalhos, e receava-se muito que não se podesse recolher o producto das seáras. As tripulações dos navios que aportam á costa desertam para as minas. Os salarios augmentaram n'uma proporção assombrosa.

Os habitantes julgam inexgotavel a mina; 20 a 30:000 individuos exploram os veios auriferos. Todas as cartas concordam em descrever aquelle paiz como o verdadeiro *El-Dorado*. Não só se ajunta ouro ás mãos cheias, mas tambem a terra é de prodigiosa fertilidade e o clima completamente saudavel.

Maquina util nos paizes do norte. — De Christiania, capital da Noruega, diziam em data de 25 de março que M. Egeberg, engenheiro de primeira classe, inventou recentemente uma machina destinada a cortar o gelo: é movida por vapor, tem a fórma de uma locomotiva e seis rodas dentadas; põe em movimento quatro serras que fazem no gelo incisões profundas como sulcos de carro, e á medida que se effectuam os cortes os trabalhadores quebram a machado o gelo intermedio.

Por meio deste invento os gelos do porto de Christiania foram rotos em grandissima extensão, de modo que deram passagem livre até ao mar, permittindo a sahida de 33 navios para seus respectivos destinos.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 44. QUINTA FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

REFORMA DA PAUTA.

A reforma da pauta está officialmente declarada. Os documentos comprovativos deste facto economico já foram publicados na REVISTA. A maneira como foi recebido o pensamento do governo justifica o facto e torna urgente a sua realisação. Em assumpto que abrange tantos interesses oppostos, que serve de thema a diversas theorias, é já muito indicar-lhe uma solução sem encontrar na frente o alvoroço da opinião, nem as suspeitas da desconfiança. Tudo prova que o governo soube escolher a occasião, e que acertou no modo de a aproveitar.

Os principios da governação publica devem sempre assentar em bases seguras que se possam expôr com franqueza e lealdade. Reduzir ao sigillo, ou á incognita de um problema, a expressão de qualquer principio governativo é mais do que erro, é absurdo. No ponto em questão sustentamos sempre, que o governo devia apresentar-se ao paiz com um pensamento seu, que fosse conhecido, e sujeito á discussão das differentes opiniões. Quanto a nós o governo comprehendeu portanto a sua missão, formulando o pensamento da reforma no relatorio que precede o decreto que a determina; e confiando a uma commissão, presidida pelo respectivo ministro, o desenvolvimento dos principios que estabeleceu.

Temos esperado pelo tempo para entregar ao dominio do publico algumas das nossas considerações ácerca de tão importante questão.

Ao presente já o tempo nos auctorisa para consignarmos que o paiz recebeu satisfactoriamente o acto do governo, e que a industria e commercio, deixando de perturbar o curso dos seus interesses, prestaram testimunho de confiança á projectada reforma

Apesar de que as idéas economicas já difficilmente se confundem, é mister assentar em que o principio protector substancia as ideas racionaes da sciencia governativa, desde que os systemas que falsamente assim o denominaram estão classificados como prohibitivos.

A prohibição é a negação absoluta da liberdade do commercio. A protecção é o unico meio racional e possivel de chegar a esse *desiderátum* da sciencia, a essa doirada esperança de tantos pensadores notaveis.

Quando nos declaramos protecionistas é porque acreditamos nas grandes verdades economicas, é porque ao condemnarmos o monopolio respeitamos a liberdade de acção dos capitaes, e do trabalho de qualquer paiz, sem permittirmos que o systema acanhado e tyranno das aptidões naturaes trace o circulo fatal em que girem as faculdades do entendimento, e os recursos da força.

Em relação a Portugal, somos hoje tão protecionistas como sempre o temos sido; a experiencia do que vimos em outras nações, o effeito da nossa exposição no meio da opulenta e grandiosa exposição dos productos de tantas povos ensinou-nos que ao cabo de tanta decepção politica, de tanta ambição, e de tanta inepcia, podemos orgulhosos respeitar os nomes de Mousinho da Silveira, e de Passos Manuel.

Se antes da nossa sahida do reino, aqui mesmo nas columnas da REVISTA lhes prestamos já a homenagem devida a essas duas altas capacidades, que souberam vêr o largo horisonte, que a civilisação nos offerecia, devemos agora confirmal-a, ante novas provas do que taes intelligencias produziram.

Nenhuma consideração politica, nem das que mais radicalmente dividem os portuguezes nos influe na manifestação do que pensamos.

Curvando-nos ante os actos de arrojo e de saber de Mousinho da Silveira, podemos ousar não approvar algum dos modos como se realisaram. E qualquer allusão que algum partido julgasse menos honrosa para os seus principios, cabe ante esta

nossa franca prevenção. Somos crentes na força dos acontecimentos, e somos scepticos para os prodigios dos partidos. A deducção logica dos factos não é deshonrosa para ninguem; a gloria de qualquer partido é sempre uma censura para o outro. Os verdadeiros homens de estado não se fazem no tirocinio banal de qualquer seita politica, surgem com as armas da intelligencia, como a fabulosa Minerva, da séde em que reside o pensamento gerador de qualquer épocha historica.

Quando a critica sobe a esta altura não é para coroar os soldados do Mindello, nem para censurar os convencionados de Evora Monte; e se o paiz esquecesse com ella estas desgraçadas denominações, todos olhariam para a civilisação deste paiz, como para um facto grandioso, que está clamando por grandes recursos, que não cabem no estreito acampamento de uma tribu, nem nos demarcados limites que pertencem a uma raça.

A idéa politica é para nós impotente, para o bem fragil, e vacillante para combater o mal. A idéa economica é a prodigiosa alavanca adivinhada por Archimedes, ou se desenvolva pelo direito das tradicções, ou pela expressão do sufragio que investe em um o poder de muitos. Tudo quanto na politica existe de pessoal e de egoistico, tudo quanto representa a exaltação da inepcia pelo servilismo, ou da immoralidade pela intriga, tudo é varrido do templo da civilisação pela força redemptora das grandes idéas que esquecem os homens para cuidar da sociedade, que desprezam a ignorancia para exaltar a virtude, e que tem força para fundar o bem, destruindo o mal, sem ceder nem conceder.

Mousinho da Silveira não é para nós o homem de um partido, é o symbolo de uma era distincta na historia economica do paiz, é o representante do principio que assenta na propriedade a morigeração e felicidade publica, e que vê na falta de cultura de qualquer paiz a ignorancia a mirrar-lhe as forças e a sumir-lhe a gloria. As leis que o seu nome referendou entregaram a terra ao trabalho, dividiram sem decomposição que debilite a propriedade territorial, augmentaram a producção, e converteram em cidadãos uteis e trabalhadores muitos proletarios e pobres. Era mister que o progressivo augmento desta producção satisfizesse primeiro ás necessidades do consumo, que nesse tempo não satisfazia a producção agricola do paiz. Depois a sua abundancia, a descida de valor dos seus productos, faria deduzir do facto grandioso da legal liberdade da terra outro facto tambem importante e digno de illustrar um nome. Só os valores criam valores. Portugal dividido em celeiro e adega era um povo de mendigos, sem incremento de população, e sem campo para desenvolver a intelligencia. Ficaria ao pé da tulha e do tonel, estranho ao movimento civilisador do mundo, e sem gosar a iniciação dos prodigios das sciencias, e dos effeitos das artes. A pobreza do espirito, a escravidão das vocações, ainda mesmo sem fome, são um supplicio, que se não soffre sem ignominia, que não dura sem que a victima morra, ou o extinga. O sr. Passos Manuel não é tambem para nós o homem de um partido no assignar as pautas, é o symbolo da era industrial que o marquez de Pombal já tinha visto brilhar, e que Accursio das Neves tão altamente comprehendera como um dos nossos primeiros economistas. E' tambem, portanto, Passos Manuel o representante do principio que assenta no desenvolvimento e variedade das faculdades do trabalho, a fortuna e a ordem publica, e que vê na sujeição de um paiz aos mercados estrangeiros uma nação a privar-se de um meio de receita publica para a sua despeza productiva, deixando sepultar ao mesmo passo na ignorancia e na rotina muitas intelligencias robustas, e muitos espiritos ousados.

A pauta apresentou aos capitaes um novo emprego, desaccumulou os depositos que paralisavam a circulação dos mercados internos, elevou os valores que tinham descido abaixo dos gastos da producção, e promovendo o augmento da população, convocou muitos braços para a nobre e proveitosa vida do trabalho.

A situação nova que se está desenvolvendo nas previsões do futuro, forçosamente deduzirá destes factos:

Um systema completo e geral de instrucção publica.

Uma viação que apaga os traços de um estado barbaro que as nossas estradas representam no paiz.

A reforma do imposto directo pela justa repartição, e pela productiva applicação do seu producto para civilisar o paiz juntamente com a receita do producto indirecto.

A organisação do imposto directo sobre a base solida de uma liga de alfandegas peninsulares.

Na presença destas grandes e verdadeiras necessidades do paiz, a reforma da pauta é apenas uma provisão transitoria, mas do maior alcance para as finanças, e para a industria, sendo feita como o governo a projectou em virtude da combinação do principio protector com os justos direitos dos consumidores.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

APARELHO PROPRIO PARA OBTER DA AGUA DO MAR AGUA DOCE.

M. Normanby, que tem adquirido nome pelas suas innovações e publicações scientificas, no anno passado combinou e construiu um aparelho, que de certo será classificado entre os mais importantes inventos destes ultimos tempos.

Não é só uma theoria que responde a todas as objecções, é um facto de que póde convencer-se qualquer pessoa. A sua machina funccionou em Paris, e tanto pela logica da combinação como pelos

resultados verificados está demonstrada a solução do problema.

Propoz-se obter da agua do mar, por meio de um aparelho simples e de pequeno volume, sem auxilio de motor ou de peças mecanicas e sem reagentes chymicos, grandes quantidades de agua doce, ventilada, inodora, e saudavel, gastando apenas uma quantidade excessivamente pequena de combustivel. Basta dizer que com um kilogramma (34 onças e 7 oitavas mui proximamente) de carvão mineral obtem-se vinte kilogrammas da agua doce.

Nesse aparelho, a agua do mar, distillada a 100 gráus centigrados por meio de vapor a uma pressão pouco superior á da atmosphera, volatilisa-se sem levar as materias organicas que existem em suspensão e em solução na agua do mar e lhe communicam cheiro nauseabundo e gosto desagradavel.

O aparelho consiste n'uma serie de discos sobrepostos, communicando uns com os outros por meio de galerias contornadas em circulos concentricos, mettidos n'um banho de vapor a uma pressão pouco superior á da atmosphera. A agua do mar, circulando nestas galerias aquecidas pelo vapor que as circumda, desprende certa quantidade de vapores, que misturando-se com o ar atmospherico conduzido por um tubo posto em communicação com a atmosphera, condensam-se finalmente em agua doce muito bem arejada chegando a um refrigerante chato em forma de U, que está tambem em communicação com a atmosphera.

É em ponto pequeno uma imitação do que a natureza obra em ponto grande; porquanto, o vapor e a agua, que se combinam assim, como que representam uma nuvem, que chegando ás regiões mais frias do condensador deixa cahir a agua ventilada em fórma de chuva que se ajunta n'uma especie de cano, em que é facil recolhe-la.

Nos aparelhos de distillação ordinaria, chega-se a um ponto em que a agua commum do mar tornando-se sobresaturada deixa depositar-se ou assentar o sal. Este inconveniente, que se dá em todos os processos empregados até hoje e de que nos offerecem frequentes exemplos as caldeiras de vapor alimentadas com agua salgada, não existe no aparelho inventado por M. Normanby, porque a agua do mar circula nelle de um modo não interrompido, e não se evapora senão uma quantidade bastante inferior á que é necessaria para manter em solução os saes que ella contem.

Um aparelho de quatro palmos e meio de altura e dois e quarta de largura fornece facilmente perto de cinco almudes por hora.

Este processo, inteiramente economico, tanto a respeito do aparelho como do combustivel, é portanto destinado a prestar grandissimos serviços, não sómente á marinha, mas, tambem ás povoações maritimas que padecem falta de uma das primeiras necessidades da vida, ou que não podem obter agua saudavel senão de um modo precario e dispendioso.

TRATAMENTO DAS OLIVEIRAS ESTRAGADAS E COLHEITA DA AZEITONA.

(Concluido de pag. 560.)

Ainda outro erro commettem os camponezes, e vem a ser que dias antes da colheita fazem debaixo da arvore uma pequena eira; a azeitona cae naquella terra mechida, e pegam-se-lhe particulas terreas, que depois communicam mau gosto ao azeite; quando, pelo contrario, o chão no seu estado natural tem sempre alguma hervasinha que não deixa sujar de terra a azeitona. Além disso aquella despeza é inutil, e causa demais a mais o trabalho de padejar a azeitona para sacudir-lhe a terra, como se faz nas eiras, processo este que machuca as azeitonas umas contra as outras e não pódem ser bem conservadas e adquirem máu cheiro e gosto de ranço que depois communicam ao azeite.

A apanha da azeitona que cae no chão deve ser dada de empreitada a mulheres e rapazes, no que se poupa dinheiro e tempo.

Juntarei aqui, por agora, as theses derivadas das leis de physica vegetal que o cultivador deve ter sempre na memoria, e que são recommendadas pelos mais distinctos agronomos lombardos.

As principaes são:

1.° A duração e o vigor de uma arvore depende em grande parte do constante equilibrio que deve existir entre os ramos e as raizes. Nisto se funda o preceito de deixar que as raizes se estendam por baixo da terra da lavoura sem serem offendidas, e para que possam receber maior quantidade de alimento, que influindo em toda a arvore fará dilatar os ramos, formando-se uma copa frondosa e fructifera.

2.° O vigor de uma arvore depende em grande parte da igual distribuição do succo nutriente por todos os seus ramos. Portanto, cortar-se-hão todos os que sobrepujam os outros, como já dissemos.

3.° O succo ou seiva desenvolve rebentões muito mais vigorosos no ramo que é podado mais rente, do que no ramo que se deixa mais comprido.

4.° Sendo a direcção da seiva afluir á extremidade dos ramos, desenvolvem-se os olhos ou rebentos da extremidade mais fortes do que os lateraes. Nova rasão para o corte ser feito como se disse.

5.° Se fôr cortado inteiramente um ramo, a seiva que para elle se dirigia redunda em proveito dos ramos visinhos.

6.° Os olhos ou gomos fructiferos, nas arvores de pevide, nascem commummente nos ramos velhos, e nas de caroço, como a oliveira, nos ramos de um anno. Daqui se evidenceia que é grande mal varejar rijamente; e que convem esperar a perfeita madureza do fructo, que depois cahe facilmente com leve pancadas de canas, resultando sahir de melhor qualidade o azeite.

7.° Aquelles ramos em torno dos quaes não pódem circular desembaraçadamente o ar, a luz e o calor, ficam delgados e frouxos, e não dão lenha nem fructo, salvo quando por acaso se certem os ramos visinhos mais grossos; e mesmo neste caso o augmento de fructo e o engrossamento dos ramos serão sempre diminutos e de pouca duração.

Portanto, não se devem deixar na poda os raminhos muito bastos, que sempre ficarão fracos. Para que por toda a arvore possa girar livremente o ar, e exerçam sua acção benefica todos os agentes atmosphericos, cortar-se-hão os raminhos internos.

8.° Quanto mais baixa se conservar a copa da arvore, tanto melhor resistirá á força dos ventos; e tambem a seiva ou succo nutriente não tendo de caminhar muito alimental-a-ha mais efficazmente.

Portanto, causam dois damnos ao mesmo tempo os que costumam cortar indifferentemente os ramos dos braços que ficam mais proximos do tronco, tanto interiores como externos, porque assim promovem maior elevação da arvore, contra a regra que fica exposta. Não me cançarei de repetir que é o peior tratamento, que se póde dar a uma arvore, pois muito depressa a arruina.

9.° Nos olivaes situados em grandes planicies onde as aguas não tem livre escoante ficam empoçadas e o solo não gosa do beneficio das influencias atmosphericas; por isso as arvores ahi dão escaço fructo, definham-se e perecem cedo.

Deve dar-se remedio a este mal, mettendo o arado ao terreno, formando um abaulamento, alteando a terra ao pé de cada uma fileira de plantas, deixando um rego, por onde em todo o tempo possam as aguas escoar-se desembaraçadamente. Assim se melhoram as terras, se tornam porosas e permeaveis á acção atmospherica, e as oliveiras recebem nova vida, do que tenho feliz experiencia nos olivaes denominados Estacal e Asseiro.

10.° O musgo, os bichos e os insectos, que se aninham entre a casca das arvores, causam grave perjuiso, porque, além de serem parasitas destruidores, fecham os poros da mesma casca e impedem que o ar, a luz e o calor penetrem nella. Cumpre, pois, caiar com cal viva todo o tronco ou os ramos infestados; porquanto, ao caír a camada de cal leva comsigo mortos os insectos, e seccos os musgos, e ficando livre a porosidade, e por consequencia a transpiração da arvore, esta se tornará florecente.

11.° O melhor systema de propagar as oliveiras é formar os viveiros com os rebentões novos, tirados das arvores velhas e que tenham pegado um pedaço de tronco velho.

A. GAGLIARDI.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Concluido de pag. 496.)

Pelas informações estatisticas que, relativamente ao pessoal empregado no commercio daquelle emporio do sertão da provincia, pude colher de pessoas que bellamente o conhecem, observo que existem ali 122 estabelecimentos de negocio, sem contar alguns dos infimos. Esses estabelecimentos prestam-se a esta classificação. A brazileiros natos pertencem 50, a brazileiros e portuguezes 4; a brazileiro com adoptivo e portuguez 1; aos adoptivos 22; aos adoptivos com portuguezes 3; a portuguezes 40; e a francezes 2. Os caixeiros que os servem são 177: a saber: 134 brazileiros, e 43 portuguezes. Cumpre declarar que em o n.° dos 134 comprehendem-se varios mancebos, que, por estarem dando o tempo, ainda não vencem ordenado. Os caixeiros brazileiros acham-se deste modo repartidos. Em casas brazileiras 58; nas dos adoptivos 23; nas dos portuguezes 39; nas sociedades brazilico-lusas 6; na de brazileiro com adoptivo e portuguez 3, nas dos adoptivos e portuguezes 3, e nas casas de outras nações 2. Dos caixeiros portuguezes 20 arranjaram-se em casas portuguezas; 9 nas dos adoptivos; 6 nas dos brazileiros, e os 8 restantes nas outras.

Todavia, se a gente nascida em Portugal pozesse a mira em desviar do commercio os filhos do Brazil, empregaria só naquellas duas cidades 185 destes? Ora, eu sei por informações de pessoas que visitaram as principaes povoações maritimas, que em todas ellas avulta o numero dos caixeiros brazileiros ao serviço dos portuguezes, e posso acrescentar que no sertão elles são quasi os unicos com que se servem os meus patricios, nem estes ahi achariam outros: lições mui severas já os convenceram de que lhes era mui nocivo perder de vista as ondas do mar. Mas o *peior é* que as taes lições tambem do interior afugentam a emigração das outras nações, o que talvez produz na beira-mar uma superabundancia de caixeiros tão prejudicial a estes, como ao paiz. É de crer que no Maranhão, em Pernambuco, e na Bahia os estrangeiros que se dedicam á vida caixeiral, a unica em que se lhes offerecem vantagens, excedam as necessidades do commercio; e no Rio de Janeiro tambem se accumulam 20:000 francezes com bastantes milhares de portuguezes e de outros emigrados, em quanto uma boa porção de toda esta gente estaria melhor collocada no interior. Mas o que fará esse pessoal superabundante? Internar-se-ha a um ou dois mezes de caminho dos portos maritimos para ahi ser victima da inveja, ou das rusgas? O que importa a riqueza que por lá se póde ganh r, se a segurança individual e a propriedade correm mil perigos?

Não é, portanto, exacto que quasi todos os caixeiros brazileiros sirvam nas casas inglezas; comtudo não deixa de ser verdade que quasi todos, por um motivo mui attendivel, as prefeririam a quaesquer outras.

A generalidade dos inglezes estabelecidos no imperio negoceiam só por atacado, e pagam bons ordenados. Em casa delles pouco se vive com a escravatura, nem com as ultimas classes; por isso raramente o serviço a fazer repugna aos habitos de creação. Os domingos sempre nessas casas são observados, e nos dias de trabalho o escriptorio regularmente abre-se entre as 7 e as 8 horas para se fechar das 3 para as 4 da tarde, ficando assim bom espaço para folguedos. Ora, isto é bem mais agradavel do que amanhecer todos os dias da semana, sem exceptuar os sanctificados, a um balcão, e permanecer ante elle até ás 8 ou 9 horas da noite, lidando quasi unicamente com a plebe e com escravos. Não podendo, porém, com os subditos britannicos accomodar-se senão um exiguo numero de pertendentes, é indispensavel que a mocidade brazileira com facilidade se amolde ao serviço de quaesquer outras casas de commercio.

Em todos os paizes a gente de negocio pelos seus habitos constitue uma classe mui distincta das outras. Em Londres, e n'outras localidades na Gran-Breta-

nha, no dizer de um escriptor inglez que esse uso censura, costumam-se hoje assalariar caixeiros e caixeiras que, vindo de manhã para as lojas, voltam á noite, comendo e dormindo em suas casas; no Brazil ainda se conserva um pouco daquelles rigidos costumes que os inglezes com a sua usual severidade observavam ha 60 annos. Tanto o negociante brazileiro como o portuguez, salvas poucas excepções, recolhem em sua casa os caixeiros; exigem que as portas se fechem ás 10 da noite, e outras exigencias farão, cuja aspereza talvez sem inconveniente de maior se podesse modificar: em quanto, porém, semelhante modificação não se realisar, que remedio senão amoldar-se cada um ao genio, ao viver de quem lhe paga? Em attenção a isto eu creio que mais valeria aconselhar os mancebos a ser soffridos do que lisongear-lhes os flatos dizendo-se-lhes que teem direito a ser bem tratados. Sim, todo o homem que serve outro tem direito a ser bem tratado; comtudo é mister soffrer para menos soffrer, e a profissão commercial como a do artista, a do litterato, e todas, póde equiparar-se a um edificio, a cuja cupula se não chega sem percorrer todos os seus degráos. Consequentemente quem do atrio pertender trasladar-se ao tôpo, ha de resignar-se ás fadigas e aos dissabores que em tão enfadonho transito se costumam experimentar. Soffrimento, perseverança, trabalho e economia, eis ainda o repito, a escadaria para o pobre com prospero exito chegar ao fim da vida commercial. Não são os patrões que hão de andar a geito dos caixeiros, senão os caixeiros que hão de andar ao dos patrões.

Fora-me indispensavel compor um volume do tamanho de uma prosodia, se houvesse de refutar quantas criminações aos filhos de Portugal teem sido feitas, pelo que desta vez ficarei aqui. Estou intimamente convencido de que já disse assás para a todo o mundo fazer conhecer a iniquidade com que no Brazil se lhes move guerra tão implacavel.

Deixo escriptas algumas verdades talvez bem amargas; porém, os brazileiros em geral hão de fazer-me justiça, e reparar que a divulgação dessas verdades era mui necessaria ao meu fim. Além disso, o direito de accusar é correlativo da obrigação de ouvir a defeza, a qual dentro do honesto e do justo não conhece limites alguns. Desde a independencia que os portuguezes são aqui á sua revelia vilipendiados: uma voz portugueza ainda não havia energicamente soado em seu favor, pois que se d'além do Atlantico já alguns brados de indignação se soltaram em beneficio delles, o echo desses brados, já quasi abafado pelo bramido das vagas, acabou de sumir-se nos rochedos da praia. E demais, aquelles clamores eram soltos por gente mui arredada destas latitudes, a qual difficilmente podia apreciar bem os factos contra os quaes clamava, nem graduar a culpa que o Brazil tinha nos infortunios dos portuguezes. Dahi proveio certamente o imputar se alguma vez a todo o paiz a culpa de excessos que elle presenciou com dôr, mas não póde reprimir. Eu não podia commetter similhante erro; por isso dou a cada um o que lhe pertencer; e por isso reconheço que o povo brazileiro, sempre benefico e generoso no geral, detesta as scenas de horror em que os portuguezes mais de uma vez mui ao vivo representaram como victimas.

Mas para em tudo ser justo, pertendo ainda fazer confissões, e dar agradecimentos.

A propaganda que ultimamente, mais feroz do que nunca, no Maranhão e em todo o imperio se renovou contra os nascidos em Portugal, foi pelo *Progresso* duas ou tres vezes altamente reprovada, e por isso grandes louvores lhe cabem: comtudo quem na estacada pelejou com mais generosidade, valor e assiduidade em favor dos perseguidos, foi o sr. Francisco Sotero dos Reis, então mui digno redactor da *Revista*, e hoje do *Correio de Annuncios*. Este illustrado brazileiro, que a ninguem cede o amor ás instituições, á independencia, e á prosperidade da sua patria, erguendo-se quasi só contra aquella atrocissima perseguição, constantemente na *Revista* a combateu com as armas do raciocinio que tão destramente maneja, e houvera derrotado os antagonistas, se com taes armas elles podessem ser derrotados. Em nome pois de todos os portuguezes, da rasão, e da boa moral, eu para sempre aqui tributo ao sr. Francisco Sotero dos Reis um voto de sincero agradecimento.

Se mais alguem houve, quer nesta provincia, quer nas outras, que então pela imprensa se pozesse do lado dos accusados contra os accusadores, isto é, do lado do fraco contra o forte, saiba que a gratidão dos portuguezes é para todos.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVI.

IR BUSCAR LÃ E VIR TOSQUEADO.

Agora voltando atraz, é preciso explicar a verdadeira causa da inflamação de garganta do padre mestre. Demosthenes padeceu de rouquidão politica e curou-o milagrosamente o chasco de um rival. S. reverendissima vendo-se cortado nas evoluções forenses, deixou arder as fauces de raiva extravasada. Em resumo, a sua molestia foram diabruras jesuiticas.

Seriam nove horas da manhã, quando o sr. fr. João dos Remedios pediu a capa e o chapeo ao piedoso Thome, que lhos entregou mastigando uma oração ao Anjo Custodio. O milagreiro commungava com Deus, o frade impava de latim e de textos romanos, e apesar dos revezes ainda acreditava na boa estrella. Vaidade das vaidades! Deitando o pé fóra da cella, o Pegas tonsurado sentia impetos de atterrar a sombra eloquente do proprio Cicero!

Isto passava-se um dia antes do solemne deposito regio de D. Catharina de Athaide em casa

de Lourenço Telles. Na vespera tinha tido logar a confissão desaforada do honrado Thome; á noite o padre Ventura tomara posse da benevolencia de el-rei; finalmente a ordem de s. magestade a Diogo de Mendonça entregava-lhe a chave de condão, que devia abrir os mysteriosos arcanos do secretario das mercês. Bastou um grão de areia para desmontar a inconstante roda da fortuna. Um chocalheiro (era o vicio do sr. Thome estamos auctorisados a dizel-o!) passando por Santo Antão, tinha derrotado planos amadurecidos em longas meditações... Mas não antecipemos.

Compondo no hombro a vistosa capa e armando-se de zelo para resistir ao frio, o padre mestre desceu a escada, que se encaracolava da portaria até ao dormitorio. A fé, a alacridade, e a vantajosa opinião que formava do seu merito, davam-lhe azas. Recebendo a benção, o leigo admirou-se das cores sadias daquelle apostolico semblante: outra vez tremia de gosto o sorriso entre as roscas da bocca, rubicunda como nos dias venturosos. O barretinho na coroa da cabeça descançava em paz dos repellões irosos. Os olhos não dormentes, mas activos, batalhavam com o sol fittando-o com viveza. Em fim o corpo firme e direito parecia remoçado. Que prodigios faz a esperança!

De S. Domingos á Calcetaria não era longe, mas a Providencia no caminho mais curto sabe repetir os avisos. Ao descer o ultimo degrau para a portaria a fivella anti-canonica do çapato estalava no peito do pé. Entrando no Rocio em jejum natural um torto pedia-lhe esmola. Ao virar para a rua Nova dos Ferros, o chapeo achatado de um jesuita fazia eclipse, passando pelo seu e ainda riscava a garrida aba do dominico! Estes presagios não lhe descoraram o animo. O primeiro despresou-o como philosopho; o segundo esconjurou-o como christão; o terceiro detestou-o como frade. Amiudou sómente o passo e apertando mais a capa, disse como Cesar: — Vae aqui fr. João e a gloria do seu convento!

Naquelle tempo era a rua da Calcetaria uma rua aristocratica e sacerdotal. Aristocratica porque no chão privilegiado assentavam em parte os paços da Ribeira; sacerdotal porque se elevava em uma das suas frentes a casa da Congregação, aonde se fundou ao depois o collegio dos srs. Principaes da Patriarchal, quando a piedade de D. João V ornou das purpuras cardinalicias a antiga egreja ulisiponense. Entre o palacio da Congregação, aonde a rua se alargava, e os paços da Ribeira, estavam as casas de Diogo de Mendonça Corte Real, altas de tres andares, levantadas em pedraria e tendo toda a vista para a rua principal. Um passadiço interior fazia a communicação com a residencia regia; um pateo escuro dava-lhe entrada particular para o palacio da Congregação. Estas casas eram da coroa, e o secretario das mercês, estando o monarcha em Lisboa, podia dizer-se que tinha sempre os pés no paço. O digno jurisconsulto provavelmente que não escolhera por acaso uma posição tão estrategica.

Ao portão de volta baixa, mesmo dentro do arco, achava-se perfilado o velho escravo preto, que servia de cerbero. Sentinella official, o negro desde o romper até ao por do sol enxarcava-se na divina ambrosia, chamada cachaça pelos filhos dos torridos sertões. Preto encyclopedico nas artes domesticas tinha acompanhado a seu senhor desde a aula de primeiras lettras até ás enviaturas mais honrosas; e possuia a sua complacencia. Podemos affirmar que o habito de Christo empalmado a Domingos Pires, se fosse dirigido ao Achates fusco, talvez excitasse menos epigrammas da parte do ministro.

O certo é que o pae Milciades (deram-lhe este nome heroico!) era um compendio de virtudes negativas e de qualidades positivas. Mentia em tudo (menos a seu amo) com um denodo irreprehensivel. Manejava o ferro de frizar e a borla dos poz como a barbeiro mais perito. Era uma pega no geito de vazar da copa para as tendas quanto lhe caía debaixo dos dedos. Se a visita agradava em casa, Milciades rasgando até as orelhas a bocca de tubarão dava-lhe as boas vindas; se era impertinente, estendendo o beiço pendente, que parecia uma tromba, affugentava-a. Discreto, flexivel e carregado de annos e de admoestações tinha descido um a um os degraus da fortuna até parar no desterro da guarda exterior do capitolio. Seria um negro perfeito sem a invencivel propensão alcoholica, a qual no fim da tarde o deitava serenamente debaixo do banco, insensivel como um rochedo. Seria um servo impagavel sem a exquisita mania da transmutação dos garfos e culheres de prata em aguardente de cachaça. Ommittidas estas fraquezas podia-se admirar nelle um escravo exemplar.

Vendo endireitar para a entrada o passo esperto do nosso fr. João, Milciades sacudiu com agrado a lan crepida e quasi branca da veneravel carapinha. Mostrou os dentes de marfim e revirou o beiço elephantino em signal de jubilo. Depois de lhe beijar a manga e de o bajular com

as momices ebrias do seu affecto, entre gorgeios de riso pardo e precipitações de zelo, fez-lhe a honra de o preceder por um dedalo de escadas e de corredores até ao sancta sanctorum do secretario das mercês. Ahi puchou o cordel da campainha, levantou depois a tranqueta da porta e com benevola violencia introduziu o frade na sala da espera.

Este, se acreditasse em agouros, devia perder todas as illusões nesta manhã fatal, digna, como depois disse, de ser memorada em negra lapide. Diogo de Mendonça não se achava na sala, quadrilongo sombrio, forrado de couro vermelho com lavores de oiro. Dois tremós de espelho esguio e painel bucolico por cima, postos um defronte do outro, sustinham diversos monstros de barro japonez, cuja horrenda fealdade só podia competir com a grossaria do oleiro e a barbaridade da pintura. Desta casa, aonde jazia quasi despido da opulencia antiga um camapé, em tempos felizes cuberto de veludo roxo, é que se passava á livraria; e della é que um escuro e longo corredor abria passagem para o paço da Ribeira desembocando mesmo diante da porta dos primeiros quartos de Roque Monteiro Paim, alojado como o seu emulo a expensas regias.

A livraria era extensa, alta de tectos contra o costume, e mais ostentosa do que elegante. Toda em roda estava vestida de estantes. Uma grega arrendada em talha circumdava cada corpo, rodeando os lados e o fundo, e ornando-se de espaço a espaço de grandes pinhas de flores de esculptura primorosa. Adiante, uma especie de frontão entrelaçado de folhas caprichosas offerecia em revelo a figura quasi lacrimosa de uma das nove musas. De cada parte do frontão dois grupos de anjos, assoprados de faces e roliços de membros, recordavam aquelles papudos cherubins, que appareciam como accessorio obrigado no cimo dos respeitaveis armarios holandeses.

Os obesos seraphins das estantes batiam as azas seccas para o tecto, aonde em molduras separadas por filetes doirados um pincel boçal tentara a Deus, copiando differentes scenas mythologicas. No meio deste pandemonio, em que o desenho e as cores brigavam em dissonancia, a Venus Cyprea dentro de uma gloria de açafrão rematava o opprobrio do paganismo. O rosto da mãe dos amores, assanhado em carmim, parecia a face descomposta de uma bachante, e dos labios em que Marte furtava o osculo prohido, saía a argola denegrida de um candelabro pelo menos tão antigo como o inventor das lampadas. Quem quer que tinha mobilado a casa e delineado os ornatos era de certo mutilado do sexto sentido intellectual, que Topfer exige absolutamente para se não confundir o rocim com a sereia.

Fr. João sabia a casa de cor; e as estantes da curiosa livraria eram tão suas conhecidas como do proprio secretario das mercês. Passando pelo immenso bufete e pela poltrona abbacial do ministro nem sequer deitou os olhos para a grande tela, que representava a adoração dos Santos Magos. Ouvia fallar no quarto immediato e ardia em desejos de apparecer... Se podesse adivinhar, como seria prompto em sumir na manga a mão que já tenteava a argola da porta, apenas cerrada sobre o fecho!

Uma das vozes tinha a inflexão vibrante e agradavel de Diogo de Mendonça: a outra pareceu-lhe desconhecida. Fr. João scismou sobre quem poderia ser, mas não lhe occorria. Avançando e retirando a mão, pondo o pé adiante e tornando a recuar, hesitou alguns instantes se usaria dos foros de amigo velho interrompendo repentinamente um colloquio, cuja importancia ignorava. Deliberou-se por fim; bateu de rijo com os nós dos dedos; tossiu, raspou os pés, e ao grito de — entre quem é! — do secretario das mercês, introduziu-se no apposento intimo, no verdadeiro Tibur de Diogo de Mendonça.

— « *Me, me, adsum*. . . . » — Estacou engasgado. Horror! Escandalo! O sorriso que vinha á flor dos labios, fazendo alas á citação, foi cuspido fóra em uma expectoração de ancia. O verbo, a chave da phrase classica, foi engulido por uma convulsão nervosa. O procurador tinha entrado cedo, ou tarde de mais. Mesmo defronte da porta, na cadeira de braços mais fofa, com a chavena de chocolate mais fino adiante de si, quem havia de encontrar? Um dos da companhia de Judas! Um dos novissimos dos dominicos! Um jesuita todo inteiro e completo desde a roupeta até á capa.

Estava Troya occupada! E por cumulo de desgraça via Eneas abraçando Ulisses!

Diogo de Mendonça esperava tudo, menos a apparição do reverendissimo. Achando-se com elle, sobresaltou-se, deu um pulo na poltrona, e partindo a prezilha fez dos oculos duas lunetas. Ao mesmo tempo escapava-lhe por entre os dentes a seguinte exclamação:

— « Maldito preto! Demonio! Como hei de eu accommodar agora isto? »

Foi somente eclipse parcial. Depressa chamou

ao rosto o agrado da amizade, e poz nos olhos mais de uma explicação maligna da presença do jesuita . ... Sorriu para cada um dos padres com metade da bocca, e o sorriso bifronte a nenhum delles disse a mesma coisa. Levantando-se mais desazado da parte esquerda do que o costume; dando ao pescoço maior queda sobre o hombro, signal da paciente expectação do holocausto, esta victima imaginaria parecia accusar a Deus e aos homens, offerecendo o collo á espada do algoz. Quem teria animo de exhalar a sua ira diante de tanta resignação?

O jesuita era o padre Ventura. Escusado é acrescentar portanto, que dos tres sinceramente tranquillo e satisfeito só elle estava. Ninguem sabia os fios do labyrintho melhor; e, dahi procedia o ar sereno com que sustentava o seu papel. A figura do dominico, espavorido, de braços abertos, e bocca engatilhada, não podia entristecer ninguem: e o visitador estudou-a alguns momentos com bastante curiosidade, sem lhe escapar nenhuma das phases por que passava o espirito de fr. João. A hypocrisia de Diogo de Mendonça, apanhado em flagrante, e recordando o seu Plutarcho na vida de Annibal, divertia-o tambem pela habilidade do actor, e sobretudo pela perfeição da mascara humana, em que o ministro conseguira transformar o semblante.

A principio, quasi insensivel, o padre procurador deixou-se guiar á cadeira do costume pelo seu amigo velho; deixou assestar diante de si a salva dos biscoutos e a chavena do chocolate; e ouviu quasi sem perceber as melifluas perguntas do secretario sobre o estado da saude vacillante. O seu espirito não estava com elle; peregrinava dentro do bolso, revendo as linhas garrafaes do recurso a el-rei contra a companhia de Jesus. Um demonio travesso, revoando-lhe em torno e distilando na sua alma os venenos da adulação, insinuava a gloria de se começar d'alli a lucta, repetindo em presença de um roupeta, ignaro talvez, (não conhecia o padre Ventura!) o papel fulminante, acerado pelo buril da satyra. Pouco a pouco esta ideia apoderando-se das suas faculdades, restituiu as cores sensuaes ás faces, a audacia critica aos olhos, e o sorriso ironico á bocca.

Erguendo a cabeça de repente, e atravessando com a vista provocadora o olhar humilde e cauto do visitador, intimou-lhe um duello proximo. Respondendo, depois, concisa mas amigavelmente, a Diogo de Mendonça, deixou-o entender que era por infelicidade sua o juiz designado para decidir um pleito, cujo alcance a solemnidade do arguente revelava que havia de ser immenso.

O chocolate era saboreado. entretanto, em tragos compassados, e o biscouto mastigado com a pausa do amador gastronomo; e apezar desta occupação interessante o dominico, mais socegado, ia-se informando com instancia da molestia de D. Pedro II, dos chascos do infante D. Francisco ao confessor e ao conde de S. João, e das contestações do principe com seu augusto pai. O ministro, em talas, jogava a maroma politica aparando os botes do interrogatorio impertinente. Por fóra parecia doce de mel; mas por dentro sentia repellões de pingar os couros do illustre Milciades com lacre derretido, supplicio china de que o estimavel Fernão Mendes Pinto, de curiosa memoria, se lembra muito com horror.

O secretario das mercês, experiente por tacto e por estudo no conhecimento dos homens, padecia, notando a ingenuidade quasi boçal de que o padre Ventura tinha a bondade de revestir o rosto espirituoso; e lendo nos olhos baixos e compungidos de sua paternidade mais de uma risada interna á custa da parodia, em que elle Diogo de Mendonça se via obrigado a figurar. Este quarto de hora pareceu-lhe um seculo; e daria até a sua traducção de Propercio, tentada com as illusões da mocidade, para se vêr a mil leguas do douto padre mestre e do lince jesuita, que por instincto achava mais perigoso do que todos os seus inimigos juntos. Fr. João deu por concluido finalmente o almoço; e o ministro vendo-o recostar-se com basofia ao espaldar da cadeira e expectorar com força duas ou tres vezes, sentiu o calafrio nervoso do caçador noviço, que desfecha da primeira vez a espingarda, e treme com os olhos ouvindo bater o cão na caçoleta. Effectivamente a physionomia do procurador estava uma epopeia.

Entufado nos habitos, crescendo com a ideia da proxima derrota dos emulos, mimoseava o jesuita, que de proposito se fazia muito pequeno, com um olhar mortifero, em que unia o sentimento da superioridade olympica ao desdem homerico, á comiseração, á charidade até. Era tal a persuasão de que o golpe seria mortal, que chegou a entrar em escrupulo sobre o dever de prevenir uma desgraça, tecendo algum prologo, a fim de ir dispondo a victima. A sua boa estrella poupou-lhe este ridiculo.

Diogo de Mendonça, que pela expressão do rosto adivinhava os segredos do seu amigo, e que o estimava sinceramente, teve medo do exordio mudo, e dava-se a tractos cavando na imaginação para descubrir qualquer ardil que pozesse fóra de combate o discurso, ou o que quer que era, ruminado por fr. João nas vinganças fradescas. Um presentimento vago advertia-o de que o jesuita (como elle) não se fazia humilde senão porque era grande: e, por isso, previa que a scena acabava por força com um lance, ao qual de todos os actores só o padre Ventura conhecia a força e a importancia.

Infelizmente, fr. João andou mais ligeiro do que o ardil do ministro, e a tosse preparatoria dos grandes rasgos oratorios do dominico annunciou o começo da batalha. Suspirando e compungindo-se, convertendo o rosto em uma interjeição dolorosa, Diogo de Mendonça derrubou as sobrancelhas hirsutas e fechadas como as da raposa, e com a unha do indicador entregou-se á autopsia de uma verruga parasita, que servia de pretexto ao acto machinal, abaixo da canna do nariz, aquilino e pronunciado, como o nariz heroico de Scipião ou de Marcello.

— « Sr. Diogo de Mendonça » — dizia o procurador com solemnidade — « hoje não é fr. João dos Remedios, familiar desta casa, e criado antigo della, quem visita um amigo sabio e benevolente: é o procurador de S. Domingos, ordem illustre e veneravel, que vem requerer audiencia do secretario das mercês de el-rei nosso senhor, porque precisa dizer de sua justiça! »

Ouvindo o prologo campanudo, o padre Ventura não pôde conter um ar de risó. O ministro esmorecido apanhou o sorriso, e deu á cabeça a oscillação, que era um geito seu, quando se dispunha para representar. Antes de responder, enterrou-se mais na cadeira, e seguindo por baixo das pestanas os imperceptiveis movimentos do jesuita, procurou formar o seu juiso, e calcular a sua tactica. O visitador, apercebendo as evoluções, tinha-se tornado a estatua da attenção.

— « Dás licença, fr. João! » — exclamou o secretario com a seriedade mimica, cortejo obrigado das suas facecias — « Pelo que vejo pões aqui o areopago, e nada auctorisa tanto a presidencia do archonte, como um bom par de oculos. . . . Agora, faze favor, continua a dizer de tua justiça. »

O padre Ventura riu-se com gosto e claramente do episodio dos oculos, sustentado pelo ministro com imperturbavel e magestosa dignidade; porém o procurador, por isso mesmo, carregou-se de mais tres athmospheras de solemnidade.

— « O negocio de que venho tractar » — disse enfadado — « é muito serio; e espero que v. s.ª. . . . »

— « Adeus! Vae dormir e as tuas senhorias! . . . Perdoa o equivoco, fr. João! Sempre tens coisas. . . »

— « Peço justiça, repito! » — insistiu o dominico exacerbado. — « Requeiro attenção. »

— « Pois falle v. rev.^ma! Estou callado. . . Sempre lhe observo, porém, que a justiça que faz chorar é mais pezada do que a que se póde levar a rir. Passemos á tragedia. »

— « Exporei o caso *simpliciter* » — continuou fr. João, assoando-se estrepitosamente e cheirando uma pitada.

— « Sou todo ouvidos! » — replicou o secretario, fazendo uma visagem de resignação.

— « A ordem dos pregadores tinha alugado os seus arcos no Rocio. . . . »

— « Ah, fr. João! compadece-te deste infeliz amigo. Esses malditos arcos é a centesima vez que m'os mettes na cabeça ás martelladas... Eternos arcos, sancto nome de Deus! »

— « Fallo como sei. Começo pelo principio... »

— « Oxalá! . . . Dás licença? Antes foras tu bernardo, perdoa o meu desejo. Esses dão ovas frescas aos hospedes, e desculpam-se dizendo que não houve peixe. Até queria um que o marisco se julgasse fructo por ser de casca. . . Tolos! Mas ao menos se não desatam, não nos moem. . . . »

— « Posso continuar? » — exclamou o procurador irritado e fustigando-o com a vista.

— « Falla; mas dos arcos para baixo. . . Tem caridade, fr. João! »

— « O sr. padre, é da Companhia de Jesus, se me não engano? » — perguntou o dominico com um sorriso aggressivo.

— « Para servir a v. rev.^ma! » — respondeu o visitador com o maior acatamento.

— « Então, é natural, deseja saber o negocio desde a *causa litis?* . . . »

— « Deixa a causa, homem, e tracta dos effeitos! . . . Seriamente, tenho muito que fazer. . . »

— « Sinto a impaciencia de v. s.ª! » — accudiu o frade engomando a voz e empapando as faces — « Mas espero que apezar disso me conceda o *jus dicendi*, a voz de justiça, que é

de direito para todos os vassallos de el-rei nosso senhor... Sua paternidade pertence á companhia e como tal é parte, e tem direito a ser informado... »

— « Eu por mim, com todo o gosto; desejo só que v. rev.^{ma} se não enfade » — disse o padre Ventura muito assucarado.

— « Ah, serpente... » — rosnava o secretario — « Agora, fr. João levanta mais seis arcos! »

— « Não me enfada nada. » — redarguia este — « Conhece de certo uma demanda entre o convento de S. Domingos, e os adelos do Rocio?... »

— « Tenho ideias vagas! — Agora o que não sei dizer é quem venceu... Havia de ser por força o convento?! »

— « Hum! » — tossiu o frade corando de paixão — « Eu lhe conto a historia e logo ha de lembrar-se. A ordem dos pregadores foi metida debaixo dos pés, foi condemnada em provisão do desembargo do paço... e isto hoje é a pedra de escandalo da cidade; só admiro... »

— « Como é cousa obscura e panica não dei attenção, não se admire v. rev.^{ma} O processo continua?... Não suppunha!? »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS INEDITAS DE OTTONI.

José Eloy Ottoni é o menos conhecido de todos os poetas contemporaneos de Bocage. Parece que tendo pertencido á seita encyclopedista, assaltado depois de remorsos voltara ás idéas religiosas a que na sua mocidade fora muito afferrado. Dahi vem que as suas ultimas composições versam todas sobre assumptos religiosos.

A uma respeitavel familia, muito da amisade do poeta, devemos, por intervenção do nosso amigo A. J. de Andrade e Figueiredo, as poesias que vamos publicar; e de uma noticia inserta em varios n.^{os} do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, no anno proximo passado, extrahiremos uma compendiosa biographia do auctor. Não publicou este durante a sua vida (que nós saibamos) mais do que um folhetinho de versos lyricos com o titulo *Annalia de Josino* e um pequeno *Drama allusivo ao caracter e dotes poeticos de Bocage.* Nas modernas compilações de poesias brazileiras, que temos visto, em varios escriptos relativos a Bocage e seus amigos não encontramos menção do Ottoni. É um poeta quasi geralmente ignorado, e que pela força das expressões, pela harmonia da metrificação merece ser mais conhecido.

O psalmo que precede as poesias ineditas que começamos a dar á luz, foi composto durante a residencia de Ottoni em Hispanha, na manhãa immediata a uma noite de trabalhosa lucta de espirito, e em que se lhe apresentaram visões medonhas, que deram causa á sua conversão ás antigas idéas e crença religiosa.

A noticia historica que vamos extractar é escripta por um parente do poeta, o sr. Theophile Benedicto Ottoni.

« Nasceu José Eloy Ottoni no 1.° de dezembro de 1764 na villa do Principe (hoje cidade do Serro) da provincia de Minas Geraes.

Filho legitimo de Manuel Vieira Ottoni, e D. Anna Felizarda Paes Leme, José Eloy Ottoni descendia pelo lado paterno de Jorge Benedicto Ottoni e de seu pae Manuel Antão Ottoni, que em principio do seculo passado, foragido de Genova, se asylára em Portugal, e que depois de 15 annos de residencia em Lisboa obtivera honrosa carta de naturalisação com data de 7 de dezembro de 1725, registada em 12 de julho de 1727 no senado da camara da cidade de S. Paulo, para onde se transportára a familia Ottoni.

Pelo lado materno descendia de João Gomes de Abreu Rego, natural de Braga e de sua mulher D. Rita de Godoy Moreira, natural de S. Paulo.

O pae de José Eloy Ottoni, fiel ás tradições que seus antepassados trouxeram da Italia, desvelou-se em dar a seus filhos uma educação liberal. Tinha numerosa familia, e apenas 400$000 rs. de ordenado, como fundidor que era na intendencia do ouro da villa do Principe; mas, inspirado pelo amor paterno, soubera multiplicar os seus recursos trabalhando incansavel n'uma officina de ourives, em quanto os filhos cultivavam sua intelligencia, applicando-se ás bellas-letras.

Depois que completarem os seus estudos, dizia em familia o velho Manuel Vieira Ottoni fallando dos filhos, um será ferreiro, outro alfayate, se de outro modo não puderem ganhar honradamente a vida; mas o filho de Manuel Vieira, ferreiro ou alfayate, ha de obter no mundo mais alguma consideração do que o commum dos ferreiros e alfayates.

Cedo o velho ourives principiou a colher o fructo da sua ternura e desvelos paternaes. O joven José Eloy, tendo cursado com louvor a aula de latinidade no arrayal do Tejuco, hoje cidade Diamantina, e sendo dado por prompto pelo professor, reclamou perante o pae contra a approvação do mestre, e obteve ser enviado ao collegio de Cattas-Altas, então muito afamado, dizendo que desejava familiarisar-se com todos os segredos e bellezas da lingua latina e encetar o aprendizado de outras humanidades. Tal era, porém, o adiantamento do estudante do Tejuco, que o director do collegio de Cattas-Altas, ouvida a sua primeira lição, o tomou por collega no magisterio

da grammatica latina, e a seu pai escreveu, não só agradecendo o auxilio que lhe déra em um tal discipulo, como, demais, franqueando gratuitamente o internato do collegio a todos os seus outros filhos, em quanto alli estudasse e ensinasse o primogenito.

Facilitada assim a educação de seus filhos, e lisongeado em seu amor proprio de pae com as glorias que José Eloy Ottoni conquistára no collegio de Cattas-Altas, o velho ourives multiplicando as economias e o trabalho, conseguiu surtir um peculio com que o filho, ainda adolescente, podesse viajar e instruir-se na patria das letras, e berço de seus antepassados.

Foi sob o sol risonho da Italia que desabrocharam os talentos e genio poetico do joven Ottoni. E quem, se lhe arder n'alma uma centelha só do estro divino, aspirando as auras deliciosas da Ausonia, não revelará em versos eloquentes essas sensações indefiniveis que mad. de Stael empresta a Corinna no seu improviso do capitolio?

José Eloy Ottoni, profundo conhecedor da latinidade, quiz pois ensaiar-se na metrificação, estudando nos proprios logares as bellas descripções de Virgilio, e vertendo as Georgicas em verso portuguez. Infelizmente deste, como de muitos trabalhos seus, não restam vestigios.

Entregue simultaneamente aos seus ensaios poeticos, aos estudos, e á contemplação das maravilhas de Roma; afferrado ás idéas religiosas em que fôra educado, e a que se conservou sempre fiel; enlevado nas abstracções contemplativas de um espirito enthusiasta, o joven Ottoni esteve por vezes resolvido a tomar o estado ecclesiastico; não chegou, porém, a fixar-se nesta resolução, e voltando por Lisboa para a sua terra natal, acceitou, na falta de outro meio de vida, a cadeira de latim da villa do Bom Successo, hoje cidade de Minas Novas.

No anno de 1791 ou 1792 encetou o exercicio deste emprego, e pouco depois desposou-se com a sr.ª D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do coronel Manuel José Esteves. Teve dois filhos, o sr. Honorio Esteves Ottoni, e D. Hedwiges Esteves Ottoni, que ainda existem em Minas Novas em companhia de sua veneravel mãe.

(*Continúa.*)

PSALMO.

Perdão, oh Deus de amor! Sou réo de morte;
A sentença fatal bebi de um sorvo;
Teu sangue profanei, bebi teu sangue;
Fui sacrilego, e surdo ao ceo, e á terra;
Perjuro t'implorei; e ouvi meus votos
Como eu perjuros retumbar no inferno!
Perdão, oh Deus de amor!... Quem te confessa
No inferno, aonde confusão é tudo?
É na estancia da luz, n'um templo vivo,
Que humilhado a teus pés recorro... invoco
Poder supremo, que desata, ou liga!
Mas... oh Deus de vingança! Oh recto! Oh justo!
A esperança infiel não vive, morre;
Essa vem do temor, a crença é fria:
O Cordeiro sem mancha, oh dor! me acolhe,
Amoroso me off'rece a vida, o sangue,
Que deu, que derràmou por mim, por todos.
Eu vacillo..., e prometto. Incerto o passo...
Tremula a voz... — Pequei! — dos labios voa,
Setta pungente, que reflecte, e pára
No ponto opposto á direcção, que fére.
N'um osculo de paz se envolve o crime!
O temor me conduz!... Tropeço, e rola
Voragem negra, que vai dar no abysmo.
Reprova o coração; consciencia é tudo;
O remorso me opprime; os labios mentem
— Pequei! — Se amor o arranca, a emenda o segue;
Seguro de peccar, não amo, eu temo;
O qu'inspira o temor, nos labios morre.
Perdão, oh Deus de amor! Eu quero... eu sinto...
A minha alma fluctua, a dor me acena.
O que fui... o que sou, detesto. Ingrato,
Sacrilego, traidor, profano, injusto
Na taça, qu'empunhei, a morte eu bebo!
Mas á fonte da vida eu corro, eu chego:
Seqûioso d'amor... suspiro... encontro
Ser, que não vejo, Essencia, que não toco.
Firme, oh Deus! em te amar, não temo, espero...
A victima da Cruz foi dada ao crime;
Da humana Redempção teu sangue é o preço;
Por mim o Eterno recebeu teu sangue,
Não mais pertendes do que amor? Eu amo.
É tempo, oh Deus de amor! Perdão! Salvai-me.

Á SS. EUCHARISTIA.

Eu te adoro, eu te louvo, oh Divindade,
Sob as especies, onde occulta existes;
Quando invoco teu ser, meu ser se abate;
Se o contemplo, eu suspiro... eu desfalleço.
Maior que as sensações consulto a crença,
Basta-me ouvir teu Nome, escuto e creio;
Disse o Filho do Eterno, um Deus, e basta.
O verbo... esta expressão — verdade — exprime,
Occultastes na Cruz, que és Deus sómente,
Mas occultas aqui tambem que és homem;
Eu confesso que és Deus, que és homem creio;
Que te lembres de mim, te imploro, e peço,
Assim como Thomé, não toco as chagas,
Convencido sem ver-te adoro, e temo.
Por ti cada vez mais eu creia, eu ame;
Sendo a crença de amor, quem ama espera.
Monumento da morte, oh pão da vida,
Penhor da Redempção, hostia incruenta,
Vivendo só por ti, cumpre que eu gose
O doce bem, que gosa só quem vive.
Pelicano amoroso, em fim teu sangue
De meus crimes, Senhor, lave a torpeza:
Uma gota sómente expia, e salva
O mundo inteiro do commum naufragio.
Se hipostatica união confesso occulta
Nas especies, que adoro, oh Deus, permitte
Que franca a entrada de Sião superna
Eu te goze sem veo na vida eterna.

Á SS. EUCHARISTIA.

Oh mysterio d'amor!.. prostrado o povo,
O templo, o sanctuario, o musgo, as pedras,

A luz escassa, o gothico desenho,
Uma alampada... o symbolo dos seculos,
Do sol da eternidade annuncio antigo,
Que de dia e de noite ao ar suspensa,
Alumia ao Eterno... um Deus... as preces,
O pranto, o incenso, que o altar perfuma..
A belleza innocente, as virgens... tudo
Que no seio materno inspira, e sente
Amor, religião, ternura, e pompa;
Silencio... echo de um orgão que se calla,
Invisivel união de um Deus e o homem...
Tudo inflama e engrandece a alma sensivel.
Então volvendo ao ceo, descobre aonde
Ao som das harpas de ouro, ao som dos hymnos,
Louvor a Jehovah sem fim retumba:
Então conhece um Deus, que immenso existe,
Aos humildes patente, ao sabio occulto:
E que prova maior, quando a alma o sente?

NOTICIAS E COMMERCIO.

Verdade que parece HISTORIA. — Haverá 16 annos que na roda da santa casa da misericordia entrou uma exposta com recommendação particular de se guardar a recordação dos signaes que a acompanharam. Trasia junto a si um bilhete com o pedido de que fosse baptisada com o nome de Mathilde do Carmo. Chegado o tempo de servir foi para uma casa na rua da Rosa — depois para casa da viuva do sr. Soares Franco, na companhia de quem esteve em Coimbra, e ultimamente servia em casa de um marceneiro na rua Formosa aonde ganhava 500 réis mensaes. A benemerita administração da misericordia sabendo que duas pessoas procuravam informações de uma exposta, que parecia com muito justificado fundamento aquella a que nos estamos referindo — mandou-a buscar a casa do marceneiro. Parece que terá de ser senhora de uma fortuna de 60 mil libras. Na presença de uma fortuna tão explendida é para notar que o seu peculio ao entrar na misericordia constava, além do fato que trazia vestido, de duas camisas, dois pares de meias e 370 réis em dinheiro. Está no recolhimento de S. Pedro de Alcantara recebendo por ordem da misericordia licções de excellentes mestras, e parece que por em quanto apenas sabe que sua avó a procura. Esta noticia de encontrar a fortuna de uma familia lhe tem causado grande prazer. Tem uma phisionomia interessante a que dão realce cabellos loiros e olhos azues, é de caracter alegre e de boa indole. No proximo paquete se esperam de sua avó que reside em Inglaterra as instrucções que provavelmente a farão senhora de um grande patrimonio. Depois que esta noticia corre na cidade é para notar a saudade que se desenvolveu na ultima casa que servio, tendo já a sua ultima ama procurado occasião de lhe fazer ver a estima que por ella tem.

Homem de bem. — Ha dias ia pela Moita um viandante com direcção a Beja: eis que ao mesmo tempo lhe saltam ante o cavallo quatro homens armados. O viandante pára e um delles aproximando-se-lhe pergunta:

— Que dinheiro tem?

— Meia moeda e duas libras...

— Quanto ás libras silencio, accudiu o que se tinha aproximado, em voz baixa; ao receber o dinheiro reparte só com os companheiros os 2400 rs.

— Venha o relojo.

— Eil-o, mas olhem que tem o meu nome e como o querem para o venderem, vejam que os póde comprometter.

— Antes de partir dê cá os alforges com o que leva.

— Pódem ficar com tudo com tanto que me deixem um corte de vestido de seda que levo para minha mulher.

— O ladrão que tinha feito de parlamentario tirou a seda do alforge e entregando-a com o relojo ao roubado disse:

— Ah bem! siga seu caminho e veja por esta acção que *somos homens de bem.*

A ordem de Malta. — Consta-nos que o governo tracta de reconstruir a — *ordem de malta* — sendo destinada ás sciencias e ás lettras. Não nos parece indiscrição attribuir este louvavel pensamento ao sr. visconde de Almeida Garrett.

Invasão de cães. — Se a policia da cidade evita que se ande armado por causa dos ladrões, o espantoso augmento dos cães exige precauções para quem anda de noite. Ha dias que na calçada da Gloria um homem foi por tal forma atacado por uma matilha de cães que esteve sangrado e muito mal de saude. Em quanto a couve e o perum não escapam ás leis fiscaes, seria menos para admirar que os que querem ter cães, paguem algum imposto.

Casas religiosas. — Pelo relatorio ultimamente apresentado pelo sr. ministro da justiça consta — que o numero actual das casas religiosas, incluindo alguns recolhimentos, no continente do reino é de 119, que o numero de freiras professas não excede a 1500; que o rendimento annual de todas estas casas orça por perto de 200:000$000 rs.; e que entre o numero referido ha 200 freiras prestacionadas com 7:200 rs. por mez pela fazenda publica.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 45. QUINTA FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO DE GADOS EM BELEM.

O louvavel empenho com que S. M. El-rei se dedica a tudo quanto póde promover os interesses economicos do paiz está mais uma vez manifestado na exposição de gados, que domingo se abriu na real quinta de Belem. Lamentamos que estes importantes factos economicos não tenham ponto de apoio na lei, no orçamento, e na obrigada influencia do governo. O esforço individual não póde, por mais zeloso e intelligente que seja, supprir tudo quanto para taes factos nos falta dos preceitos e praticas que regulam a acção governativa. Os nossos governos sempre desviados pelas sendas perigosas das luctas politicas, sempre fortemente preoccupados com os interesses de partido, não dispoem de tempo, nem de intelligencia para o que em outros paizes occupa em primeiro logar todo o cuidado governativo. Só muita fé e muita abnegação podem resistir á fria indifferença com que se retribuem todos os esforços contra a paralisação das nossas verdadeiras forças civilisadoras.

A exposição de Belem, observada na presença destas considerações, é um resultado muito feliz das diligencias feitas para aclimatar entre nós este seguro meio de promover e melhorar a creação de gado, tão importante para o engrandecimento da agricultura. A grande actividade do sr. Ayres de Sá alcançou um resultado que merece muita consideração. O patriotico auxilio de El-rei, sem o qual nada se teria feito, deve ser registado como mais um motivo da sympathia geral que S. M. tem sabido inspirar a todos os portuguezes, que se julgam por muito felizes com a honra de o ter por concidadão. El-rei que presta auxilio ao talento, que se associa a todas as idéas uteis, devia com satisfação presenciar no ultimo domingo as provas de manifestação que a augusta presença de toda a real familia fez apparecer na brilhante rèunião de pessoas de todas as classes, que em grande numero concorreram á abertura da exposição. Apesar de que o numero dos productos expostos não seja muito avultado. Sentimos bastante a falta de um catalogo a que podessemos recorrer, para mais especial noticia da exposição. Nos animaes domesticos os coelhos expostos pelo sr. infante D. João, e nas aves, os pombos expostos pelo sr. infante D. Luiz, e as gallinhas do sr. Vasconcellos, pareceram-nos digna de attenção. Nas flores são concorrentes á exposição a real quinta de Belem, a camara municipal. Os cravos expostos, pela variedade de côres e de matizes são muito notaveis. Na exposição de gado se incluem 45 productos do gado cavallar e muar. A maxima parte, pertencente a El-rei, consta do producto da raça de Alter e de crusamentos da raça de Alter com a raça arabe, e da raça ingleza com a arabe. Pondo de parte a incontestavel primazia que na Peninsula se dá á raça de Alter, parece-nos que o ultimo crusamento a que nos referimos, tem productos de muita valia. Nos productos expostos pelo sr. Rafael José da Cunha, notamos as eguas que se podem classificar raça para trabalho. Tem aspecto corpulento e denotam força — talvez a raça careça de mais sangue para ter mais viveza — para apresentar a força da organisação mais pronunciada por meio dos musculos que devam sobresahir mais á carne; mas o producto é bom e util para as necessidades da nossa viação, que não póde continuar como está. Os srs. Pintos Bastos apresentaram alguns productos que acreditam as creações da Vista Alegre. Uma parelha de cavallos ruços apresenta todo o garbo e força dos cavallos alemães, usados para tiros: esta parelha e outra muar são ambas de excellente estructura. Tambem é para notar um corpolento cavallo baio do sr. Chichorro; e dois poldros da mesma raça merecem attenção. Os productos da raça dos bois da Asia, vindos da real quinta de Mafra, são muito notaveis. Vimos algumas vaccas de boa raça, pertencentes ao sr. Maillart. E' muito curioso o casal de bois, da ilha do Pico, e que pertencem ao sr. Eugenio de Almeida. Com prazer se observam alguns exemplares de car-

neiros merinos, pertencentes ao sr. duque de Palmella.

A exposição prova que no paiz se comprehende a importancia da creação dos gados, e que muito se deve esperar da sua repetição no futuro, em periodos determinados, e conforme o que se pratica em todos os paizes que entendem quaes são os verdadeiros meios de promover a prosperidade publica.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

DO MODO DE LAVRAR AS TERRAS.

Parecerá a muitas pessoas desnecessario este artigo pelo seu objecto, persuadidas de que póde qualquer lançar mão de um arado e abrir os regos. Mas o caso é saber fazer este trabalho como deve ser, porque cumpre attender ás differentes profundidades dos regos conforme as qualidades das terras, uma das cousas principaes na agricultura para se alcançar boa colheita. Quanto mais fundo é o sulco mais aproveita aos cereaes que recebe, porque tomam da terra maior porção de alimento.

Não costumo fazer lavrar as terras fortes, pretas, ou cretosas, quando são muito embebidas das aguas da chuva; neste caso deve ficar a terra de pouzio, ser aberta pelo arado repetidas vezes, e estrumada até perder a crueza que tinha tomado. Quando se lavram terras das sobreditas qualidades, o agricultor pode dar ao rego a profundidade que o arado permitte, comtanto que o terreno seja composto da mesma terra tanto á superficie como em a camada inferior. Algumas vezes encontram-se camadas diversas da que se vê á superficie, como saibrosas, de gesso, e outras, que sendo cruas e frias por serem privadas da influencia atmospherica produzem um effeito tão mau nas terras, que ás vezes é preciso passarem annos para se tornar boa a superficie. Deve, portanto, graduar-se a fundura do rego conforme a altura dos stratos ou camadas da terra. Nas ditas terras de gesso, etc., sendo todos os stratos da mesma qualidade, póde tambem profundar-se o rego, mas se os inferiores forem de diversa tempera, o agricultor terá muita cautela em não trazer á superficie as terras mais frias, que para se beneficiarem e afinal ficarem boas carecem pelo menos de tres annos de continuos amanhos, resultando mui consideravel perda de tempo, de trabalho, e de estrumes.

Tratando-se de arar terras paludosas, devem construir-se em primeiro logar vallas profundas e bem adaptadas á localidade, afim de que as aguas estagnadas possam escoar-se livremente. Depois attender-se-ha tambem á natureza da camada inferior do terreno para regular a fundura dos regos. Vendo-se que a terra por baixo é compacta, abandona-se o plano de a profundar. Similhantes terras, que por sua natureza eram humidas e enxarcadas, e que passado algum tempo tornam-se duras, sendo lavradas de novo formam torrões, que é necessario quebrar com massos de pau, e depois passar-lhes uma grade pezada ou nivellador. Sabido é que em todo o caso se ha de attender a dar escoante ás aguas da chuva, que nunca se deixam estagnar com prejuizo da sementeira, praticando-se para esse effeito os convenientes deregos conforme o declive do terreno, podendo-se dividir em quarteirões com certo abaulamento.

Costumo dar ás terras duas lavouras, tanto para as sementeiras de março, como para as do outono, com as circumstancias, porém, que para a cultura de março dou uma lavoura no outono, e deixo passar a invernada, que depura a terra; a outra lavoura é antes da sementeira e com repetidas passagens da grade. Para a cultura propria do outono, mando lavrar logo depois da colheita dos generos produzidos em março; a segunda lavra é na occasião de semear; com a primeira nascem as hervas, que á segunda são tiradas com o extirpador; praticando assim consegui ter sempre os campos livres de ruins hervas, e sahindo melhores os productos, porquanto os grãos semeados podem lançar á vontade suas raizes.

Vi uma terra, que tinha sido alqueivada com o arado, estorroada depois de dois mezes e logo semeada; como póde, pois, em similhante terra nascer a semente com regularidade, se as chuvas que lhe cahiram em cima tiraram toda a soltura e porosidade da terra, que conservava ao findar os trabalhos?

O trigo quer lançar as suas raizes á profundidade requerida, que como todos sabem é de 10 centimetros (obra de tres pollegadas), e então a planta deita filhos. Mas, sendo a terra dura e cheia de torrões, não póde nascer a semente com regularidade, nem tem ficado bem coberta, porque os torrões o impedem. Demais disso, tendo sido lavrado uma só vez o dito terreno, a luzerna que lá esteve rebentando novamente, e alargando as suas fortes raizes, roubava a nutrição ao trigo e á cevada que ficavam abafados.

O arado que julgo melhor é o adoptado em França, na Hollanda, na Italia, e que vae agora ser introduzido em Portugal; o de Dombasle, que é capaz para todos os trabalhos, podendo profundar muito ou pouco segundo fôr necessario, e ser puchado a dois, a quatro, e a seis bois, alongando mais ou menos a corrente; e por todas estas rasões se recommenda a todos os agricultores.

Os animaes mais proprios para lavrar as terras são os bois; n'algumas provincias adoptam os cavallos para maior ligeireza; porém, o que se ganha em tempo se perde muitas vezes em producto. Os bois teem um passo igual e certo, e o abegão póde por isso com maior facilidade dirigir bem o arado, e sustêl-o fixo, dando logar a abrir melhor a terra e dispôr os regos em perfeita igualdade; ao passo que os cavallos pela sua agilidade e presteza dão puxões ao arado, que foge á mão do abegão ou este não o póde dirigir bem na terra, de que resulta frequentemente ser desigual a lavoura.

Prefiro os cavallos quando ha muito grande porção de terras a lavrar, porque não caberia no tempo para serem semeadas adoptar o serviço dos bois, como exemplo nas lezirias do Téjo, que, attendendo ás cheias do inverno, é sempre diminuto o tempo de lavrar para depois se effectuar a extensa sementeira da primavera. J. GAGLIARDI.

FOGO DENOMINADO DE PATENTE.

Fomos á instituição polytechnica em Londres vêr o fogo de patente do doutor Bachhoffner: fomos introduzidos no sallão das leituras e vimos uma grande porção de senhores conversando e rindo á roda d'um fogão com fogo ardendo vivamente, porém ardendo sem bulha. Era um fogão de salla commum com grelhas e aberto todo na frente, com grelhas tambem, dentro das quaes estava um fogo regular, que nos pareceu ser alimentado pelo melhor carvão de pedra. Não vimos cousa particular ou fóra do estylo, sómente observando-se um canno de gutta-percha, tecido, por detraz da fornalha e serpenteando até algum sitio distante da mysteriosa instituição.

O doutor Bachhoffner affavelmente expoz que elle tinha applicado uma bem conhecida combinação a usos communs; que isso que nós tomavamos pelo melhor carvão de pedra, eram simplesmente pedaços chatos de metal (platina), por cima e pelo meio dos quaes passava uma corrente de gaz, de agua simples. Quando se acendia o fogo com uma vela acesa, estas tiras de metal, deitavam um calor muito maior, do que se obtinha do carvão em volume igual; que no entanto, o monte de pedaços de metal era indestructivel; e podemos asseverar que não havia cheiro. As tiras de metal estavam em braza; e a grande porção de chamas radiantes, que se apresentavam a jogar umas por cima das outras, completava a illusão de um fogo vivissimo, do melhor carvão de pedra

O novo fogo póde desde já ser usado em todas as casas, aonde o gaz se acha introduzido; e em todos os casos similhantes haveria uma economia grande, comparada com o custo do carvão de pedra, involvendo o carvão de pedra tambem a economia com lenha, para acender o lume. Porém, os possuidores da patente tem tenção de applicar gaz, não carbonisado, obtido pela decomposição da agoa; e com esta tenção, estão formando uma companhia, para fornecer as cidades e villas. Calculam que este gaz lhes custará perto de duzentos réis por mil pés cubicos. A economia seria levada á habitação do mais pobre, e o carvão de pedra, para usos domesticos, seria desnecessario. Haveria economia tambem em diminuir o perigo de conflagração, e a reducção consequente nos termos das companhias de seguro. De certo, todos os serviços de cosinha serão effectuados pelo metal, (qualquer metal) *tão bem* como pelo carvão de pedra. É igualmente applicavel á geração do vapor, com toda a certeza nos engenhos de vapor estacionarios, e talvez que a seu tempo nas locomotivas.

Campo Grande 29 de abril de 1852.

Aniceto Ventura Rodrigues.

QUARENTENAS.

As vantagens das nossas relações com o Brazil exigem que se não exagere a devida vigilancia pela saude publica: e o respeito e consideração que merece o nosso corpo de commercio tambem não permittem que da parte de qualquer auctoridade se falte ao tracto civil que sempre se deve usar. Chamamos a attenção do Governo sobre a seguinte representação, assignada pelos mais respeitaveis negociantes desta praça. Depois do que se passou nas conferencias sanitarias de Paris, é impossivel deixar de rever a tabella de 1821.

Senhora. — Os abaixo assignados, negociantes desta praça, tendo ouvido differentes pessoas intendidas na suspeição dos differentes artigos que se importam do Brazil, e que podem trazer a este reino a febre que grassa naquelle paiz; vem respeitosamente pedir a Vossa Magestade Haja por bem fazer rever por pessoas competentes a tabella de 3 de janeiro de 1821, por que actualmente se qualificam os generos susceptiveis e insusceptiveis, pois que os supplicantes se persuadem que dessa revisão deve necessariamente resultar beneficio ao commercio, sem prejuiso para a saude publica, sendo reputado insusceptiveis alguns artigos como o piassava, os saccos em que vem o assucar, por se acharem impregnados de melaço e este ser insusceptivel; e outros que melhor conhecerão as pessoas competentemente habilitadas. — P. a Vossa Magestade Haja de lhes Deferir. — E R. M.

Seguem-se muitas assignaturas.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVI.

IR BUSCAR LÃ E VIR TOSQUEADO.

(Continuado de pag. 526.)

Se a vista podesse devorar, os olhos do dominico eram um minotauro contra o jesuita. Tremiam-lhe os beiços de cholera e foi necessaria a confiança que tinha no seu papel, para não manchar a polemica com improperios. Diogo de Mendonça agitava-se e pedia misericordia para o frade com tregeitos sentimentaes. O visitador, na contricção da falsa innocencia, parecia assombrado do effeito da sua venenosa ignorancia.

—« Pois não quer que eu admire a estu-

penda falta de memoria de v. paternidade? » — gritou o procurador, accionando com impeto — « A ordem dos pregadores está enxovalhada; e em S. Roque, n'aquelle deserto, vive-se tão fóra do mundo que nada sôa? É miraculoso! Asseguro-lho eu; o caso ha de ser fallado, eu o tornarei memoravel! O meu nome é fr. João dos Remedios, e graças a Deus ainda posso com esta demanda... mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e á sua companhia. V. paternidade se me conhecesse... »

— « De nome tenho essa honra ha muito tempo: louvo a Deus por me dar o gosto de admirar de perto a v. rev.^{ma} »

A civilidade do jesuita era tão correcta na accentuação e no gesto; e o seu ar de ingenuidade tão expansivo que fr. João attribuiu a resposta capciosa a uma grande simplicidade de espirito. Teve até a crueldade de se regosijar de poder escarnecer a sociedade de Jesus na pessoa de um irmão idiota. O secretario das mercês, que não fazia Recursos, é que descorou fulminado com a pericia do mestre.

— « Muito obrigado a v. paternidade! » — replicou o dominico uma oitava acima com jactancia — « São louvores que não mereço. O que lhe prometto, e espero em meu padre S. Domingos, é que um dia cedo saibam mais em S. Roque do negocio *obscuro... panico!* como teve a bondade de lhe chamar. Digo-lhe que ha tres semanas não descanço... »

— « É natural » — observou o jesuita cheio de doçura.

— « Natural? » — exclamou fr. João recrudescendo — « Acha natural? Não dormir nem socegar? Em S. Roque usam da receita?.. »

— « Estou em Santo Antão; mas posso perguntar. »

— « Obrigado! S. Roque ou Santo Antão tudo é igual. Dois gemeos... »

— « Ao negocio, fr. João! Sabe da malfadada feira do Rocio — « acudiu o secretario, offerecendo a mediação faceta.

— « Bem! Iremos á rasão final, *ultima ratio*, como dizem os jurisconsultos. A demanda foi revista contra nós. O desembargo do paço condemnou a egreja e deu a palma aos vendilhões. Iniquidade, subrepção, heresia! *Quid inde?* O que resta? As leis offerecem um meio de reformar a sentença e de obter o provimento... »

— « Ha meia hora nos aggravas tu! Ah! fr. João, porque não começaste logo pelo meio? Não sabias que a virtude consiste nelle? » — observou o ministro cruzando a perna e sorrindo-se do espanto, com que o seu amigo devorava a affronta da interrupção jocosa.

— « Julguei que estavamos tratando serio. O caso é grave, gravissimo, e sinto que v. s.^{a} lhe ache tanto sal.... »

— « Eu? Pobre de mim... Tenho a bocca insipida desde que me fugiste para os arcos... »

— « São arcos de mais, sr. Diogo de Mendonça! » — gritou o frade encholerisado.

— « Outro tanto digo eu. Vamos para a planicie. »

Fr. João encolheu os hombros. Conhecia o secretario das mercês, e entendeu que era inutil quanto lhe dissesse para o obrigar a ficar serio, visto teimar em levar o caso a rir.

— « Como ia dizendo » — proseguiu o frade — « as leis concedem um meio ao aggravado. É a queixa immediata ao principe, arbitro supremo, pae e tutor dos seus vassallos. É recorrer-se directamente a el-rei, provando o dolo e malicia de terceiro, prepotente no animo dos juizes... Eis o objecto do papel que lancei em nome da justiça e da moralidade, em defeza da religião e da patria, e para confusão e castigo dos hypocritas, manicheus, e conspiradores... »

Aqui o dominico fez uma pausa para respirar, e ao mesmo tempo para medir o terror no semblante da sua victima. O jesuita, longe disso, batia pacificamente com a cabeça o compasso das phrases do rev.^{mo}, e parecia encantado da opulencia dos seus periodos. Fr. João irritou-se de tanta simplicidade. Engrossando a voz e subindo pelo assento da cadeira, continuou:

— Accuso no meu recurso a companhia de Jesus por ter induzido a má fé dos aggravados e ennegrecido as virtudes dos aggravantes. Provo-lhe que entregue á cubiça e á soberba, por vias criminosas, attenta contra a magestade de el-rei, e na sua *terribilidade* põe em perigo a santa religião, machína a queda do tribunal do sancto officio; e vende a patria aos judeus e aos francezes.... O que diz a isto, v. paternidade?... »

— « O que disse um padre nosso vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre: — Bella obra se não fosse de papel! »

O procurador indignado sentiu impetos de estafar o adversario com uma verrina tirada dos amplos pulmões segundo todas as regras. A comparação do seu recurso a um plano louco de architectura feria-o no mais sensivel amor proprio.

Entretanto conteve-se; e chegou a compadecer-se do visitador, persuadido de que tudo era boçal e desorientado nelle.

— « Socegue v. paternidade » — exclamou com ironia — « esta obra não é tão leve como julga! Cada um dos meus artigos accusatorios está sustentado em uma dissertação de vinte paragraphos, como verá da sua leitura. Estas bases não veem apezar de serem de papel. É um recurso que espero eu dará brado, sem orgulho o digo: e este, asseguro-lhe, que não teve chocalheiro... O sr. secretario das mercês ha de pol-o desde logo, de officio, aos pés de el-rei: e por isso v. paternidade será o primeiro que leve a noticia para S. Roque. »

— « Se fôr do gosto de v. rev.^{ma} » — observou o padre Ventura principiando a sorrir de modo que devia fazer scismar o dominicano. Diogo de Mendonça já tinha formado o seu juizo, e aguardava calado o desenlace.

— « Não violento consciencias! » — acudiu fr. João, tirando o bacamarte juridico com que ia fuzilar a companhia — « Levo a generosidade ao ponto de prevenir a v. paternidade de que poderá ouvir amargas verdades; e talvez fosse melhor... »

— « Lêr eu o papel de v. rev.^{ma}?... — atalhou o jesuita cheio de candura — « É mais seguro para a memoria; entretanto a grande attenção faz o mesmo effeito. »

O dominico vacillou em presença deste sangue frio incalculavel; e se não fosse a persuasão de que o padre era imbecil, desde logo fugia pela porta fóra. Assim, apenas destacou do seu recurso um olhar clemente e compassivo; depois estrangulou o pigarro na garganta, aclarou a voz, e recolheu-se para dar começo á sua leitura. Absorvido nestes preludios perdeu de vista o jesuita, preparando-se para saborear o seu terror, quando chegasse aos *malhões* como chamava a alguns periodos da Philipica forense, cunhados com eloquencia mais feroz. Diogo de Mendonça, que vigiava disfarçadamente o padre Ventura, e principiava a percebel-o, viu-o tirar outro papel de igual volume, e assumir a posição attenta de quem vae conferir a copia com o original.

Fr. João, entretanto, com magestade, com emphase, com movimentos theatraes, leu as primeiras paginas sem levantar os olhos. Principiava o retrato da companhia, e afinando a voz, subia com a antiphona, quando uma interrupção quasi timida do jesuita atirou com o seu espirito das nuvens ao profundo charco da mais completa *mistificação*. S. paternidade muito sereno, todo risonho, e como se estivesse revendo um thema nas aulas, perguntava-lhe:

— « O sr. padre mestre dá licença? A paginas treze, no segundo paragrapho, artigo terceiro, ouvi-lhe lêr assim: « E será tambem « provada outra maior *terribilidade* no progresso « dos seus planos para a monarchia universal, « com exemplos e noticias *das duas Indias*... » Foi de certo precipitação da leitura, porque o seu papel ha de dizer — *e noticias das Indias e America*. A minha copia está fiel. »

É impossivel descrever o que seguiu. O procurador cahia da altura da imaginaria superioridade. O seu papel, o segredo, a salvação do convento apparecia de repente nas mãos dos inimigos, e dava-lhes tanto cuidado, que se divertiam em o conferir com o proprio auctor! O seu orgulho tinha servido de espectaculo aos jesuitas, o pintado por elles ia ser a fabula, o recreio da corte maliciosa! Com os olhos nebulosos, a bocca pasmada, e as faces apopleticas, fr. João poz-se de pé, largou o papel no chão, e quiz ir direito á janella com tentações de sahir por ella. Os miolos deram-lhe uma volta na cabeça, confessou depois; os ouvidos cantavam; e tudo para elle era verde ou encarnado.

— « O meu recurso!... Tem uma copia do meu recurso?!... » — bramiu em um tremulo de voz medonho.

— « Desde hontem, pela manhã! » — respondia o jesuita, placido e reverente sempre, levantando o original, e dando a sua copia ao dominico. — « E tambem me tinham dito que v. rev.^{ma} vinha hoje aqui. Por isso cheguei primeiro. »

Por entre o arco iris, que o frade tinha já na vista, assim mesmo leu, soletrou, ou verificou a copia fiel da « Queixa *immediata ao principe* » e uma nota fatal, que lhe explicou a tranquillidade do algoz. — « A contrariedade será entregue a el-rei ás oito horas da manhã pelo padre Sebastião de Magalhães » — Ainda teve força de se affirmar e viu na longa margem do papel a minuta de uma contestação, que opunha artigo a artigo, paragrapho a paragrapho. Assim, em quanto elle na Calcetaria dava conhecimento do recurso ao secretario das mercês, o confessor de el-rei no paço apresentava á mesma hora a sua contrariedade! Quem lhe roubára esta ultima arma, fechada tantos dias no mais inviolavel segredo, entre elle e Deus?

O papel tornou a escapar-lhe das mãos, e as lagrimas rebentaram pelos olhos. O pezo da desgraça anniquilou-lhe o animo; e quasi que perdeu os sentidos, descahindo na cadeira.

— « V. paternidade matou-me o frade! » — gritava Diogo de Mendonça, que rira a principio da comedia, mas que já a ia achando seria nos effeitos.

— « Eu? Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer? «

— « Talvez seja; mas com as suas doçuras todas meteu-lhe no corpo uma apoplexia. O pobre homem não escapa della. Foi uma crueldade, sr. padre Ventura! Deixal-o enganado até ao fim? »

— « Se elle não queria desenganar-se! Então nós em lhe ouvir lêr o seu papel é que ficavamos consolados? Umas poucas de vezes o avisamos, teimou sempre; será nossa a culpa? Queria que elle ferisse e não lhe aparassemos ao menos os bicos á penna? . . »

— « V. paternidade póde ter mil rasões, mas é o meu parceiro de jogo, o censor do meu Propercio, o capellão da minha missa!.. Foi muito pesada, srs. padre da companhia! »

— « Socegue; aquillo passa... é sangue que subiu á cabeça. »

— « Agua, agua! » — exclamou o ministro. — « Ah fr. João! Eu bem disse que davas grande queda daquelles arcos! »

O padre mestre não era dos espiritos que os desastres retemperam e confirmam; pelo contrario era dos animos faceis que o triumpho exalta e a derrota humilha. O choque repentino quebrou-lhe o orgulho, e prostrando a vaidosa esperança que o entretinha, deixou-o abismado diante do infortunio. Estava inteiramente vencido. Os jesuitas iam tornar-se para elle um objecto de terror depois de serem muito tempo o pasto do seu odio.

Em quanto o secretario pedia agua e o lamentava, ia-se elle recuperando da vertigem, e meditando no modo de saír com menos pejo do laço, em que o tinham apanhado. De repente, decidiu-se por uma resolução franca e decorosa. Levantou-se, apertou a mão a Diogo de Mendonça, e dirigindo-se ao padre Ventura, com dignidade triste, disse-lhe:

— « Ha tempo que eu desconfiava disto! A mão occulta que regia a companhia de Jesus era a sua. Agora experimentei!.. Ganhou v. paternidade. O modo não sei; excede a minha comprehensão; é de esperar que fosse christão e catholico... »

O jesuita sorriu-se e Diogo de Mendonça igualmente.

— « Acho-me em perfeito juiso, acreditem! » — proseguiu observando o sorriso. — « Mas se tivessem dictado um papel, fechados com um escrevente idiota, sem mais ninguem saber, e lhes succedesse o que me succede a mim, o que diriam? Se ha magicos e feiticeiros, um delles por força operou este prodigio... »

— « Creia mais em si, sr. fr. João! » — acudiu o jesuita. — « Os meios foram humanos, mas era-lhe impossivel prevenil-os. Fez o que estava da sua parte... »

— « Estou resignado !.. » — replicou o frade abaixando a cabeça — « Confiei de mais em mim e sou castigado. É uma advertencia cruel, mas salutar. »

— « Sr. fr. João, agora que nos conhecemos de perto, e que sabemos que um não deseja opprimir o outro, porque não ha de haver paz entre S. Domingos e S. Roque? Ninguem lucra com a discordia. VV. reverendissimas porque perdem sem gloria; nós porque nos cançamos sem proveito. Acabemos isto. »

— « E o santo officio? » — acudia o procurador vivamente, erguendo a cabeça.

— « Se estiver bem comnosco, julga que nos poremos mal com elle? Defenda a fé; não desejamos outra coisa. A companhia é catholica apostolica romana... »

— « Bem! E a provisão do desembargo? »

— « Ah, fr. João dos meus peccados! Ahi tornam os maldictos arcos; não te passam da garganta! » — exclamou rindo Diogo de Mendonça.

— « Dava os arcos se me tirassem a vergonha. »

— « Veremos! Talvez o remedio seja facil » — disse o jesuita.

— « Os remedios de v. paternidade » — acudiu sorrindo o pobre fr. João — « são tão fortes!.. Tenho medo que alguem me levante agora de mais os arcos que o outro ia arrazando. »

— « Então queria que a nossa vida se fosse nisto? V. reverendissima a atirar-nos ao coração e nós a fugir dos tiros? Pareceu melhor procurar por lá quem roubasse as balas... »

— « Fogo de polvora secca ! ? » — acudiu Diogo de Mendonça a rir e a esfregar a mãos. »

— « Senão aonde estaria a companhia? » — replicou o jesuita.

— « Poderei saber o nome do meu denunciante? » — disse o frade com um peso de odio immenso na voz e na physionomia.

— « Que é isso, Thomé das Chagas, o que faz ahi? » — exclamava o ministro ao mesmo tempo, apercebendo colladas á porta entre-cerrada as longas orelhas do devoto.

— « Estava em baixo, pediu-se agua, e mandaram-me com ella. É coisa de cuidado? Nosso Senhor seja comnosco? »

— « Nada, passou. Leve a agua. Tome sentido. Domingo temos visitas á missa. Quero o oratorio e a sachristia como um palmito, percebe? »

— « Sr. fr. João » — respondia entretanto o padre Ventura — « deixemos o peccador que elle se entregará. Asseguro-lhe que não torna a tel-o á sua ilharga... se formos amigos. Esta meia hora aqui não hade ser perdida. Os antigos, que eram muito doutos como sabe, disseram por isso que dois reis inimigos deviam conversar um dia antes de se declarar a guerra. »

— « De certo! Mas o peior de tudo é que eu não percebo. Sei só que levei uma licção. »

« Assim é bom, fr. João!.. » — atalhou o secretario. Vae descançado; não ha de transpirar nada. »

— « Nem deve! » — acudiu o visitador.

— « Quanto aos maldictos arcos... » — continuou Diogo de Mendonça.

— « É negocio concluido. O hospital levanta a renda, obrigo-me eu. » — disse o jesuita. — « Os adelos estão quatro palmos fóra do alinhamento; e o senado obriga-os a recolher; está prompto a fazel-o. Ora recolhidos os logares, os adelos entram por força para dentro e ahi estão na propriedade do convento... »

— « E pagam irremissivelmente! » — gritou fr. João.

— « Assim parece. Então o que diz? »

— « Acho excellente! E no meio dos meus planos passar-me este, de todos o mais simples?!.. »

— « As coisas simplices nem sempre occorrem. Depois faltava convencer o senado e o hospital, e não é facil! »

— « Fr. João, estás a tremer de frio, estás pallido, não abuses » — observou o secretario das mercês. — « Eu mando pôr a sege e vae para o teu convento. Olha que domingo é o jantar de Lourenço Telles e elle morre se nós faltamos. »

— « Adeus! » — disse o dominico, que tinha a consciencia do triste papel e mostrava repugnancia em deixar os dois aos piparotes na sombra. — « Sinto-me constipado e com ardores de garganta... Sr. padre Ventura, a licção foi um pouco pesada, e peço tempo para convalescer... »

— « Mas o dito dito? »

— « De certo. Espero que não julgue de mim por esta infeliz campanha... »

— « Os bons generaes nem sempre ganham... »

— « Mas fica-lhes a honra da retirada! Eu perdi tudo, armas e carretas. »

— « Acredite-me: digo-lhe que venceu mais do que podia esperar. »

— « Talvez! » — respondeu já da porta o frade com certa jovialidade. — « Mas Deus me livre de outra victoria similhante. »

Os dois riram de boa vontade; e dahi a pouco ouvio-se rodar a sege. O visitador, chegando á janella, olhou por ella; Diogo de Mendonça imitou-o. Dahi voltaram-se um para o outro muito serios, repetindo ao mesmo tempo:

— « Estou ás suas ordens! »

Queria dizer isto que o intermedio comico tinha acabado, e que o verdadeiro drama ia começar. Vejamos como foi.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVI.

UM INTERROGATORIO.

Aos que bem conhecem a physionomia, aos que são dotados da rara faculdade de lêr no rosto dos homens as qualidades, os vicios, as propriedades do seu espirito, deve-lhes ser possivel muitas vezes perceber intuitivamente, ao verem o retrato de um rei, a tendencia, e indole historica do seu reinado.

Quem observar attentamente os retratos dos reis de Portugal não deixará de encontrar grande concordancia entre a fórma, a expressão do rosto de muitos delles, e o caracter que manifestaram nos seus actos politicos, nas suas sympathias pela guerra ou pela paz, no seu cégo fanatismo, ou no seu zelo sincero e louvavel pela religião. Em nenhum, porém, essa concordancia se manifesta de um modo mais evidente, mais incontestavel, do que em D. João III. Quem, ao attentar bem naquella physionomia triste, severa, sombria, quasi monastica, não sentirá logo, que

no reinado daquelle principe a grandeza das armas portuguesas acabou, e que o poder do fanatismo, da intolerancia, e da cobiça, sobrepujou todos os outros poderes, tolheu para sempre todos os esforços na nação para conservar a liberdade, a independencia, a riqueza, e a gloria? Quem não verá que a decadencia começou alli, que essa serie de catastrophes, rapida, constante, fatal, irreparavel, que fez da nação mais feliz e poderosa da Europa uma nação fraca, desmoralisada, esquecida e desestimada de todos, principiou no reinado de D. João III?

Foi este rei quem, para fallar exactamente, extorquiu ao papa a auctorisação para estabelecer em Portugal o terrivel e cruento tribunal da inquisição; e com esse tribunal vieram a pobreza, a devassidão, a vingança, o terror cobrir de ruinas este reino. O anjo da custodia de Portugal, vendando com as azas immaculadas os olhos para não vêr o clarão sinistro das fogueiras homicidas da inquisição, fugiu espavorido e horrorisado.

Havia neste reino naquelles tempos grandissimo numero de judeus, de pouco convertidos á fé de Christo; maus catholicos talvez, mas emfim tão baptizados como os melhores christãos, que viviam em segurança e em paz, confiados na promessa que solemnemente lhes fizera D. Manuel e D. João III « de os favorecer e tratar como os proprios christãos velhos, sem delles serem distinctos, e apartados em coisa alguma. » Esses taes, a que chamavam a *gente de nação*, haviam-se enriquecido pelo commercio, porque eram a parte activa, industriosa, commerciante, laboriosa do povo portuguez, que então vivia como um morgado rico na indolencia e na dissipação. Quizeram despojal-os de seus haveres e riquezas, tirar-lhes a influencia, que lhes davam as vastas relações commerciaes que mantinham com todos os povos do mundo, quizeram sacrifical-os em nome da religião christã, á cubiça do clero, á ambição e avareza dos fidalgos, e instituiram para esse fim um tribunal iniquo, atroz, sem consciencia, que condemnando promiscuamente innocentes e criminosos á deshonra, á tortura, á morte, fez fugir de Portugal o commercio, a industria, e a riqueza, lançou a desconfiança nas familias, a delação, a vingança, o fanatismo na sociedade, destruiu todos, fez de uma nação grande e conquistadora uma nação miseravel, pobre e deshonrada pelos estrangeiros, fez de um povo robusto e ousado um povo de fanaticos e judeus.

Naquelle tribunal, a que se dava como por atroz escarneo o nome de *santo officio*, tudo parecia combinado para satisfazer a crueldade, a injustiça, e a devassidão de inquisidores sem probidade. O modo por que se recebiam as delações, por que se interrogavam os denominados réos, por que se instauravam e levavam por diante os processos, o segredo, e mysterio, que envolvia todos os actos do tribunal, as causas por que se infligiam os supplicios mais crueis, causam indignação, asco, horror, a quem tem no coração o sentimento da justiça e da moralidade, a quem comprehende as santos e puros dogmas da religião de Jesus Christo.

Para se apossarem dos bens de alguns homens de nação, ou para se vingarem de um inimigo, os inquisidores e todos os outros agentes e adherentes do santo officio não recuavam diante de nenhuma infamia, não hesitavam em commetter a mais repugnante immoralidade. Um inquisidor para levar ao supplicio um negociante rico ameaça uma filha delle que apenas tinha dez annos de lhe queimar as mãos n'um brazeiro, senão confessar que seu pae flagellou a Christo: outro, com o baculo do bispo, fere na cabeça uma pobre serva, para a obrigar a calumniar seus amos. Esposas castas, candidas e innocentes donzellas, são arrastadas pelas mãos sacrilegas dos familiares da inquisição a carceres medonhos, e ahi, quando as carnes dessas fracas mulheres são dilaceradas pelos tormentos, a sua formosura serve de incitamento para as paixões brutaes e impudicas de hypocritas e despiedosos algozes. Muitas das victimas daquelle abominavel tribunal, para escaparem á deshonra, aos tormentos do potro, ao pez ardente, as retaliações, e ás mutilações, recorrem ao suidicio, outras ao perjurio e á calumnia contra os mais intimos e mais proximos parentes.[1]

Que tribunal se póde comparar na injustiça, na arbitrariedade, no continuo postergar todos os principios da moralidade e do christianismo ao *santo* tribunal? Bastava o incoherente depoimento de testimunhas não contestas, para levar um desgraçado á inquisição; depois o processo todo estava compendiado nos dois adagios, que o povo repetia naquelles tempos, e que os proprios inquisidores não tomavam por affrontosos, antes consideravam como devendo servir de norma aos seus julgamentos: — « Dai-me vós christão novo, dizia um dos adagios, que eu

[1] Informações ao papa — *Symmicta Lusitanea. Ex ms. codicibus bibliothecæ apostolicæ vaticanæ.*

vol-o darei judeu» — outro adagio resava da seguinte maneira:

Dame-lo confesso
Qu'yo te lo dare quemado.
Deja-me haver el processo
Y juzgue-lo su padre.

Eis a theoria da inquisição como o povo a intendia, formulada com horrivel singeleza, porém com exacta verdade.

Nos seus julgamentos os inquisidores não seguiam nem o direito civil, nem o canonico, nem leis particulares dadas pelos reis de Portugal, nem bullas dos papas a quem por vezes recusaram obediencia: eram elles que faziam as leis e julgavam por ellas, involvendo tudo, leis e processos, de tenebroso e impenetravel segredo. Era um homem accusado por falsos delatores, de não comer carne de porco, nem de coelho, nem de lebre, nem peixe de pelle, de vestir camisa lavada aos sabbados, e de outras coisas, que hoje nos fazem rir, mas que o *santo* tribunal reputava verdadeiros crimes; e ficava provado assim que esse homem *judiava*. Se vendo-se accusado por calumniadores e inimigos seus, elle recusava confessar *um crime* de que estava innocente, por ser verdadeiro christão e ter consciencia e probidade, ia a morrer por *negativo*. Se depois de haver, para salvar a vida, declarado ser judeu e pedido perdão, não acertava, não adivinhava os nomes de todas as testimunhas que deposeram contra elle, ia a queimar por *diminuto*. Se conhecendo que não escapava á morte mesmo depois de ter confessado culpas que não cometera e pedido misericordia, se desdizia de tudo, então era justiçado por *variante*, *revogante*, *ficto*, *falso*. [1]

Era deste modo, era offendendo os mais singelos e universaes principios da justiça e da moral, era profanando sacrilegamente o nome do direito para satisfazerem ruins paixões e apossarem-se das riquezas da nação, que os inquisidores, esses possessos da gente de fanatismo, diziam querer destruir o judaismo e tornar Portugal a nação mais ortodoxa do mundo.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

---

[1] Padre Vieira. Obras manuscriptas. — *Collecção de discursos politicos.*

NOTICIAS E COMMERCIO.

Noticia official do terremoto de S. Miguel. — Governo civil do districto de Ponta Delgada — 2.ª repartição — numero 40 — illm.º e exm.º sr. Em data de 23 de abril proximo passado, tive a honra de levar ao conhecimento de v. ex.ª o que nesta cidade se tinha passado por occasião do violento terremoto, que teve logar nesta ilha no dia 16 do predito mez, e não podendo então dar a v. ex.ª mais do que uma leve idéa, dos estragos por elle occasionados, agora o faço mais detalhadamente, á vista das informações obtidas de todos os pontos deste districto.

O terremoto sentiu-se com violencia em toda a ilha, e em toda a parte causou mais ou menos ruina. Nesta cidade soffreram sem excepção todas as casas, e grande parte dellas não resistiriam de certo a um outro abalo, que por desgraça tivesse sobrevindo igual áquelle. A igreja de S. Pedro, desta cidade, acha-se em estado de grande ruina, e todas as mais igrejas abriram algumas fendas. As freguezias ruraes deste concelho soffreram muito, e com especialidade o logar das Feteiras, ficando muito arruinada a igreja de Santa Luzia daquelle logar, bem como a igreja de S. Roque, do logar de Rasto de Cão. Segundo as indagações colhidas, calcúlo os estragos, que tiveram logar neste concelho, no valor de 35 a 40 contos de réis.

Na Villa da Lagôa todos os edificios soffreram varios estragos, e com especialidade o convento dos extinctos franciscanos; não havendo comtudo perda de vida alguma a lamentar naquelle concelho.

Em Villa Franca do Campo todos os edificios soffreram mais ou menos, e com especialidade a igreja de S. Pedro, que sendo de abobada abriu uma grande fenda de nascente a poente, abatendo duas pollegadas para o lado do sul.

Nos concelhos da Ribeira Grande e Capellas, foi de certo aonde o tremor se sentiu com maior violencia; é tristissimo o quadro que apresentam os administradores daquelles concelhos, relatando os estragos que nelles tiveram logar.

Na villa das Capellas foram demolidas meia duzia de casas de fraca construcção, ficando arruinadas muitas outras, sendo igualmente demolidas a maior parte das paredes e tapumes de differentes predios. Na freguezia de Santo Antonio a igreja daquelle logar soffreu consideraveis fendas; a capella e altar da ermida de N. S. do Rosario, perto da rocha, e junto ao cemiterio publico, abateu-se ficando as santas imagens envoltas nas ruinas, sendo dahi tiradas sem maior estrago, e conduzidas para a parochia onde existem por se achar o resto da ermida em estado de se não suster em pé por muito tempo, caindo igualmente varios pedaços do muro do dito cemiterio.

Os moinhos daquelle logar, que são edificados na rocha não soffreram estrago algum; porém, um grande rochedo que em seguida ao abalo, desabou do cimo della cortou todo o caminho da parte do norte, obstruindo um outro igual, o da parte do sul, e ficando dest'arte alli cortadas para cima de vinte pessoas, que pela beira-mar e atravessando grande distancia

de altos calhaus, poderam desta forma escapar-se ao emminente perigo que alli corriam. Posteriormente cahiram alguns rochedos, que obstruiram inteiramente a communicação para as fontes, de que aquelles habitantes se servem no estio, desabando igualmente varias barreiras, que obstruiram aquellas estradas.

No sitio da Cruz dos Moinhos, em Santa Barbara, todas as casas que não foram demolidas se acham em estado de ruina, tendo cabido algumas depois do abalo. Neste sitio foram desgraçadamente victimas duas raparigas, que ficaram sepultadas nas ruinas de suas casas.

No logar da Bertanha a igreja parochial de N. S. d'Ajuda soffreu grandes estragos, abrindo consideraveis fendas, e a torre da mesma igreja corre grande risco de abater-se, tendo cahido do cimo della varias pedras, que arrombando o tecto da dita igreja, foram cahir em um corredor defronte da capella do Santissimo, e ficando a dita torre de tal forma desconjuntada, que não permitte que os sinos dobrem.

Neste logar pereceu um rapaz sepultado nas ruinas de uma empena da casa em que morava, presenceando seus afflictos paes esta scena de horror, e perecendo de igual maneira uma mulher creada de servir.

O geral das casas deste logar, que não cahiram, no todo ou em parte soffreram tambem grandes ruinas, que algumas dellas foram abandonadas por seus donos e moradores.

Nas freguezias de S. Vicente e Fanaes da Luz houveram igualmente grandes ruinas, demolindo-se algumas casas de mais fraca construcção.

Na villa da Ribeira Grande e freguezia da matriz, foram derribadas em parte quatro casas, e soffreram todas as outras da villa mais ou menos estragos, soffrendo igualmente a torre da igreja matriz.

No logar da Ribeirinha acham-se em geral arruinadas todas as casas, ficando levemente ferido um individuo.

No logar das Gramas, da mesma freguezia matriz, foi completamente derribada uma casa, ficando sepultada em suas ruinas uma menina de cinco annos, e sua mãe em perigo de vida; quasi todas as casas soffreram grandes ruinas, e grande parte dos caminhos ficaram obstruidos.

No valle das Caldeiras quatro casas das melhores soffreram derribação em parte, ficando todas as outras arruinadas.

No Porto Formoso foram derribadas em parte sete casas, sem que felizmente perigasse pessoa alguma, ficando arruinados todos os demais edificios. Na freguezia de S. Pedro pela derribação de tres casas, foram feridas cinco pessoas e destas tres gravemente. Na Lomba de Santa Barbara da mesma freguezia foram derribadas completamente oito casas, achando-se em estado de completa ruina a igreja de Santa Barbara do referido logar, ficando ferido gravemente neste desastre um individuo; mais nove casas foram derribadas proximas a esta freguezia sem que comtudo por essa occasião perigasse alguem. A ermida da Mãe de Deus da freguezia de S. Pedro foi derribada em parte, e todas as casas e muros se acham arruinados.

No logar de Rabo de Peixe foram em parte derribadas nove casas, ficando sepultadas nas ruinas de uma dellas por espaço de meia hora uma familia de seis pessoas, escapando cinco com graves contusões, e perecendo apenas uma creança de quatro mezes de idade. Na freguezia da Conceição foram derribadas em parte cinco casas, perecendo sepultadas em suas ruinas duas infelizes creaturas e maltratadas outras duas. Nas freguezias da Maia e Lomba, cahiram dez casas em parte sem que comtudo perigasse alguem.

Em todos os outros concelhos nada de notavel occorreu, que mereça especial menção, nem tão pouco me consta até hoje que tenha morrido pessoa alguma, das que ficaram maltratadas.

Devo levar ao conhecimento de v. ex.ª que nomeei logo nesta cidade uma commissão, encarregada de colher esmolas dos seus habitantes, a fim de se suavisar por alguma forma a triste situação de alguns desgraçados, que ficaram sem ter ao menos uma triste choça aonde se abrigar.

A commissão tem-se esmerado em cumprir com o maior zelo a nobre missão de que foi encarregada, não tem ella para isso poupado esforços; mas fracos teem sido os recursos obtidos para acudir a tamanho mal. Todos soffreram, os rendimentos da laranja de que immensas familias se sustentam nesta ilha, foram para muitas escacissimos, para outras nenhuns, o que tudo me fez logo prever que fracos recursos obteria por aquelle meio.

Nomeei igualmente uma commissão em cada concelho para igual fim, devendo algumas esmolas por essas commissões colhidas serem remettidas á commissão central desta cidade, para por ella serem distribuidas pelos pobres que mais soffreram.

Não me posso dispensar de rogar a v. ex.ª, ainda uma vez, queira levar ao conhecimento de sua magestade o triste relatorio que acabo de fazer a v. ex.ª para que a Mesma Augusta Senhora se digne soccorrer, por qualquer forma, os habitantes pobres deste districto, que por esta occasião tanto soffreram.

No meu ultimo officio fiz ver a v. ex.ª o proposito em que estava de fazer remover os presos das cadêas desta cidade, e agora cumpre-me me dizer a v. ex.ª que de combinação com o exm.º presidente da relação fiz com que elles fossem removidos para a cadêa de Villa Franca do Campo, aonde ao menos não correm o imminente risco de ficarem sepultados em ruinas.

Além disto, trato de ver se arranjo, no sitio da Madre de Deus desta cidade, aonde existem uns fornos do estado, um local seguro para poder guardar provisoriamente alguns presos, que tenham de responder a processos nesta cidade bem como qualquer individuo, que de um para outro momento seja necessario guardar em custodia.

Cumpre-me declarar a v. ex.ª que taes medidas, filhas unicamente da mais urgente necessidade, são um triste remedio para o nosso mal, pois que achando-se as cadêas de Villa Franca a cinco leguas desta cidade, bem póde v. ex.ª imaginar o grão de transtorno, que vae causar a estada daquelles presos a tamanha distancia da capital deste districto, sendo além de tudo o mais necessario conservar alli uma força de 40 homens, quando é tão diminuto o numero de praças que tem o batalhão existente nesta cidade.

A prisão provisoria que me vejo forçado a fazer

no sitio da Madre de Deus, é de certo um tristissimo recurso, de que lancei mão por não encontrar outro algum, pois nem aquelle local tem a commodidade devida, nem tão pouco é proprio, por ser aquelle sitio o unico passeio, o unico ponto de recreio, que tem esta cidade, accrescendo a tudo isto não ter sufficiente logar, nem espaço para mais de dez ou doze pessoas.

Lancei mão deste unico recurso tambem de combinação com o exm.° presidente da relação, e sei que s. ex.ª nesta data se dirije ao exm.° sr. ministro das justiças, em conformidade com tudo o que levo expendido.

Eu bem vejo que sou importuno, mas certo estou que v. ex.ª ha de desculpar-me se de novo lhe fizer ver a absoluta necessidade, que ha da edificação de uma cadêa na capital do districto judicial dos Açôres, e a urgencia que reclama similhante obra.

Para este fim confio, e todos os habitantes deste districto, no prompto remedio que dará a este mal o governo de sua magestade, que tanto tem attendido ás suas necessidades.

Deus guarde a v. ex.ª, governo civil de Ponta-Delgada 18 de maio de 1852.

Illm.° e exm.° sr. ministro e secretario de estado dos negocios do reino.

O governador civil
Felix Borges Medeiros.

Expedição ao Japão. — Este imperio tem sido um livro fechado ás diversas nações cultas da Europa, porque pouco se conheceu de seus recursos e costumes, nos periodos de nossas relações e dos hollandezes com aquelle paiz remoto. Todo o trafico que estes alli faziam limitava-se á entrada de dois navios por anno no porto de Nangasaki; o valor das duas carregações podia ser de 300:000 pezos duros; e consistiam em assucar, estanho, fio de algodão, pimenta preta, cravo da India, chumbo, pannos, lãs, camelões, e muitos outros objectos menos importantes; traziam em troca cobre e camphora.

A politica exclusiva do Japão não é só applicavel aos povos do occidente; todos os do oriente, excepto os chinas, igualmente eram repellidos. Os juncos chinezes são admittidos no porto de Nangasaki.

A dynastia tartara por muito tempo se gloriou de excluir o mundo de relações honrosas com a China. Uma frota britannica felizmente poz termo a essas pertenções arbitrarias. Agora os Estados-Unidos do Norte da America emprehendem a mesma obra quanto ao Japão. A expedição foi resolvida em Washington; dirige-a o commodoro Perry, sendo composta de tres fragatas a vapor, a *Susquehannah*, o *Mississipi*, e o *Princetown*, uma fragata de véla e uma chalupa. O bom exito da empreza parece seguro; esta força maritima dictará ordens em Nangasaki. e Jeddo. Ainda que os japonezes são de casta mais bellicosa do que a raça chim, nada poderão contra a artilheria das fragatas; demais disso, as costas são perfeitamente conhecidas dos baleeiros americanos, bem como o estreito de Sangara que divide Niphon de Jesso.

A Inglaterra pouco sabe do Japão. Quando em 1616 o imperador desta região lhe facultou o estabelecimento de uma feitoria. a companhia das Indias acceitou a offerta, mas em breve largou o campo em consequencia do pouco resultado das primeira diligencias. Em 1672 tentou renovar as relações interrompidas; mas, o Japão recusou-se, diz-se que por odio a Portugal, que lá quisera introduzir o christianismo, tendo então Carlos de Inglaterra casado com uma princeza nossa, D. Catharina que nos levou em dote Tanger e Bombaim. Pelos fins do seculo 18.° uma commissão especial foi encarregada de proceder a um inquerito sobre a utilidade do commercio com as ilhas do Japão. Houve nessa época seis industriaes inglezes que reprovavam a idéa de novas relações, a pretexto de que sendo o cobre o unico genero que se podia extrair daquelle imperio, tal importação seria perjudicial ao cobre indigena. Os hollandezes ainda conservaram o monopolio do commercio com o Japão, mas por negligencia deixaram perder todas as vantagens.

É provavel que a expedição americana abra ao commercio do mundo esse novo mercado. A rasão directa do ataque dos Estados-Unidos é esta. — O governo japonez não se limita a excluir os estrangeiros; nem sequer consente aos navios passarem ao alcance da artilheria de suas praias, e no anno passado 121 baleeiros foram obrigados a ficar nos portos das ilhas de Sandwich, longe do local da pesca, pela impossibilidade de se approximarem das costas japonezas.

Vapores entre Liverpool, Lisboa e Brasil. — *Companhia anglo-brazileira de navegação a vapor.* — Os novos e excellentes barcos a vapor. — *Cleopatra*, de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos. — *Miranda* de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos. — *Viola* de 1:500 toneladas, e força de 300 cavallos.

O primeiro barco da companhia *Cleopatra* sairá de Liverpool no fim de junho, e apenas se demorará em Lisboa 24 horas (o dia preciso da saida será fixado á chegada do proximo paquete) com destino para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Preços de passagens, incluindo sustento, á excepção de vinhos e liquores.

De Lisboa a Pernambuco — lb. 22»0»0 na 1.ª camara; lb. 16»0»0 na 2.ª camara.

De Lisboa á Bahia — lb. 27»0»0 na 1.ª camara; lb. 18»10»0 na 2.ª camara.

De Lisboa ao Rio de Janeiro — lb. 32»0»0 na 1.ª camara: lb. 21»0»0 na 2.ª camara.

As salas e camarins são grandes e elegantes com quartos de banhos juntos, e todo o melhoramento no arranjo e ventilação tem sido adoptado para commodidade e bem estar dos passageiros.

Tem a bordo cirurgião, e criadas para as senhoras; os passageiros portuguezes terão criados e cosinheiros portuguezes.

Todas as mais informações dão-se no escriptorio do agente George A. Hancock, rua do Arco de Bandeira n.° 15, 1.° andar.

O cavalheiro Luiz Cibrario. — É o novo ministro da fazenda da Sardenha que substituiu o muito intelligente mr. Cavour. O cavalheiro Cibrario é um dos mais distinctos escriptores da Sardenha, e é geralmente considerado como um dos primeiros escriptores da litteratura contemporanea em Italia. É

auctor de uma historia da casa de Saboya, bem conhecida e apreciada pelos sabios da Europa. Foi outrora conselheiro do tribunal de contas e por algum tempo chefe de uma repartição no ministerio da fazenda. Era membro e secretario do senado. Ha pouco foi nomeado secretario da ordem real de S. Mauricio e S. Lazaro. Em 1848 esteve em Portugal, tendo sido enviado ao Porto juntamente com mr. Collegno, agora ministro da Sardenha em Paris, para da parte do senado cumprimentar o rei Carlos Alberto. Escreveu uma interessante relação da sua viagem e da sua visita ao augusto proscripto.

O nosso correspondente de Pernambuco nos informa o seguinte em data de 21 de maio. — Tinha chegado de Lisboa no dia 18 o brigue portuguez *Tarujo* 1.°, e saido para Loanda no dia 12 o brigue portuguez *Oriente*. Ficavam alli, além do *Tarujo* 1.°, quatro embarcações portuguezas; destas a sahir para o Porto até ao fim de maio o brigue *Maria Feliz*, a galera *Bracharense*, e o brigue *Bom Pastor*, o qual devia tocar na Parahiba afim de receber 600 saccas de assucar; e para Lisboa a barca *Olimpia*.

Do azeite doce de Portugal havia abundancia. Os preços dos nossos vinhos com direitos pagos eram, de Lisboa tinto 125$000 rs. por pipa, dito branco de 115$000 rs. da marca PRR, os tintos de outras marcas, de 110$000 a 140$000 rs. da Figueira de rs. 118$000 a 128$000 rs. Vinagre de Portugal de 56$000 a 70$000 rs. a pipa. Toucinho de Lisboa de 8$000 a 8$500 rs. a arroba; havia falta de paios de Lisboa, mas tinham o preço de 1$920 rs. a duzia, pagando 100 rs. de direito por libra.

Preços dos principaes generos de exportação. Assucar branco de 2.ª sorte 2$300 rs. por arroba, de 3.ª 1$950 a 2$200, de 4.ª 1$850 a 1$900 ultimas qualidades 1$750 a 1$800 rs. Mascavo escolhido 1$400 e 1$150, dito regular 1$300 a 1350 rs. Algodão 1.ª sorte 5$400 a 5$500, dito 2.ª sorte 5$000 a 5$100. Couros salgados a 105 rs. a libra.

Cambio sobre Lisboa 92 a 95 por cento. Fretes do assucar para Lisboa 200 rs. a arroba para o Porto 250 rs.: do algodão 600 rs. por arroba para Lisboa, e para o Porto o mesmo.

Venda dos quadros do marechal Soult. — O resultado desta venda foi 1.477:830 fr. A familia do marechal ficou ainda com bons quadros de Murillo a saber: *O nascimento da Virgem* — *O milagre de S. Diogo* — *A glorificação da Virgem*. Além destes ficou tambem com 3 quadros de Zurbaran, com o *Milagre do Crucifixo* de Ribera e o *Abraham* de Navarrete — *A Natividade* que é talvez do mesmo valor que a *Conceição*, a qual foi vendida por 586 mil francos, apenas chegou a 90 mil. *O ultimo dos Cesares* de Ticiano foi vendido a um inglez por 63 mil francos. O duque de Galliera entre outros quadros de merito comprou um quadro pequeno de Murillo, *S. Antonio de Padua*, por 10:200 francos: é um verdadeiro primor d'arte

M. de Bruni director da galeria imperial de S. Petersburgo comprou o *S. Pedro* de Murillo — *Jesus e S. João* infantes pelo mesmo — *Christo levando a Cruz* por Sebastião del Piombo e um *S. Francisco* por Sebastião Gomes. É facto averiguado que um agente do governo hespanhol estava encarregado de comprar a celebre *Conceição* de Murillo. O agente da Russia e lord Hertfort chegaram até 500 mil francos, e foi o agente da Hespanha que lançou até 585 mil francos. Não sabemos se o governo portuguez tractou de averiguar se na collecção havia algum quadro de auctor portuguez e se no caso de o haver cuidou em auctorisar alguem para o comprar. As nossas finanças não poderiam servir de desculpa em vista do nobre exemplo da Hespanha.

M. Pouillet. — Este distincto membro do instituto, que estava desempregado desde que foi dimittido de director do conservatorio das artes e officios, acaba de ser empregado no banco de França, approveitando por tal forma o banco este grande talento.

Praça de Lisboa. — 16 *de junho*. — Inscripções de 5 por cento, 41 a 42. — Inscripções de 4 por cento, 32 a 33. — Inscripções de 3 por cento, 31 a 32. — Acções do Banco de Portugal, 355$000 rs. a 360$000. — Acções da Companhia União Commercial, 72 a 75. — Recibos capitalizados pelo decreto de 3 de dezembro, 21 e meio a 22 e meio. — Acções sobre o fundo de amortisação, 34 a 36.

Navegação transatlantica. — Os portos do Havre, de Nantes, de Bordéus e de Marselha disputam a concessão da linha de navegação transatlantica. Nantes foi ao principio escolhido para ponto de partida da linha do Brazil. Marselha pertende ainda esta concessão. E nós deixamos as nossas communicações com o Novo Mundo em poder dos estrangeiros!

THEATRO DE S. CARLOS.

O theatro de S. Carlos vae de novo tornar-se o *rendez-vous* da sociedade escolhida de Lisboa. Não é, porém, a uma representação lyrica que iremos assistir, mas sim a um espectaculo de um genero inteiramente novo entre nós.

É uma viagem que se nos proporciona por um preço bem modico, e que transportando-nos nada menos do que á America do Norte, nos faz contemplar no curto espaço de pouco mais de duas horas as margens deliciosas e pittorescas do Mississipi, o maior e mais bello rio do universo. É um panno de quatro milhas de cumprimento e quatorze pés de altura, que se desenrola aos olhos dos espectadores, e lhes faz ver as margens daquelle famoso rio, desde as cataractas de S. Antonio até ao golfo do Mexico.

Este panorama que nos representa a parte mais interessante dos Estados-Unidos, é devido ao talento e á extraordinaria perseverança do insigne pintor americano M. John Smith. Foi á custa de quatorze annos de trabalhos consecutivos, que aquelle artista conseguiu realisar esta obra grandiosa, que lhe tem grangeado uma reputação.

O nome de M. Smith não nos era desconhecido, e frequentes vezes temos lido nas folhas estrangeiras pomposas descripções deste panorama, que tem causado a mais viva sensação nas principaes cidades da Europa.

Tal é o espectaculo que vae dentro em poucos dias prender a nossa attenção, e nós felicitamos por isso o publico de Lisboa. D. R.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 46. QUINTA FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

DAS PAUTAS DOS ESTADOS-UNIDOS.

Quando muitos professores de economia politica se cançavam em demonstrar que a liberdade de commercio é a panacea universal, o presidente da republica dos Estados-Unidos a respeito da questão das pautas exprimia-se nos seguintes termos, na mensagem annual do anno de 1851.

« Commercio de exportação. — O valor das nossas exportações em productos domesticos durante o passado anno fiscal comparado aos dos annos anteriores, dá um excedente de 43 milhões 646:322 dollars. A' primeira vista, o estado do nosso commercio com as nações estrangeiras parece offerecer a mais lisongeira esperança de prosperidade. Um exame circumstanciado das nossas exportações demonstrará, todavia, que o augmento do valor durante o anno fiscal ultimo vem do preço alto do algodão durante o primeiro semestre; mas, esse preço baixou depois perto de metade.

A politica que inspirou uma pauta de direitos mui tenues sobre as fazendas estrangeiras, se acreditarmos os que trabalharam para estabelecel-a, devia redundar em proveito da população agricola do paiz, augmentando a procura e fazendo subir o preço dos productos agricolas nos mercados estrangeiros.

Comtudo, os factos que precedem parece que mostram de um modo irrefragavel que este systema está longe de haver produzido os resultados com que se contava. Ao contrario, não obstante a derogação das leis dos cereaes em Inglaterra, a procura dos productos da agricultura americana no estrangeiro tem diminuido rapidamente, depois que as minguadas colheitas e a fome, consequencia sua, felizmente foram substituidas por bellas searas e pela abundancia.

Consultando as estatisticas commerciaes do anno passado, ver-se-ha que só o algodão em rama augmentou 40 milhões de dollars o valor de nossas exportações comparado ao do anno precedente. Este resultado não é devido ao augmento da procura geral desse genero, mas simplesmente á insufficiencia da colheita do anno anterior, que produziu maior procura, e fez subir os preços da ultima colheita: se a do algodão que chega actualmente aos nossos mercados fôr somente igual em quantidade á do anno findo, e se vender pelos preços correntes de hoje, haverá então provavelmente na somma das nossas exportações uma quebra de 40 milhões pelo menos, comparativamente ao que montaram durante o anno que acabou em 30 de junho de 1851.

A producção do ouro na California, durante aquelle anno, parece prometter para o futuro largos fornecimentos deste metal. O augmento annual deste meio de circulação no mundo terá as suas consequencias naturaes. Estas já se experimentaram em parte na alta dos preços e no espirito aventureiro de especulação que começa a dominar, cujo resultado será, tanto no interior como em o exterior, um excesso de transacções commerciaes. Salvo oppor-se a esta tendencia um obstaculo salutar, é de temer que as importações estrangeiras excedam muito as precisões reaes, venham a parar em retirar das nossas mãos aquelle precioso metal, o que acarretaria, como temos visto em epochas anteriores, as mais desastrosas consequencias para os negocios e os capitaes do povo americano.

As exportações de especies destinadas a liquidar a nossa divida estrangeira elevaram-se durante o anno fiscal que acaba de terminar a uma somma que excede 24 milhões 263;979 dollars o total das importações das especies. Durante o primeiro trimestre do presente anno fiscal exportaram-se 14 milhões 651:827 dollars em numerario: se as cousas continuarem neste pé durante os tres trimestres que vão seguir-se, o anno que findar em 30 de junho de 1852 verá fugir das nossas mãos a enorme somma de 58 milhões 607:300 dollars em especies amoedadas.

« Pauta americana. » — Na minha ultima men-

sagem annual, que respeitosamente vos rogo que consulteis, expuz em breves termos as rasões que me obrigavam a recommendar-vos a modificação da pauta actual, substituindo o direito especifico ao direito *ad valorem* todas as vezes que o genero importado o permittir, e estabelecendo uma escala differencial que seria um fomento da producção indigena sem ferir com exclusão a concorrencia estrangeira.

As numerosas fraudes que continuam a praticar-se em detrimento da receita publica, por meio de avaliações mui baixas por exemplo, são uma rasão inquestionavel para adoptar os direitos especificos em vez dos direitos *ad valorem* todas as vezes que a natureza do genero não tornar isso impraticavel. Exemplos frisantes dessas fraudes vos serão fornecidos pelo relatorio do secretario da thesouraria, que vos mostrará — entre as avaliações declaradas na alfandega de generos importados em virtude de uma lei anterior que estipulava direitos especificos, quando não havia motivo algum para accusar um preço inferior ao preço real, e as avaliações dos mesmos generos feitas em virtude do systema dos direitos *ad valorem* — differenças tão consideraveis e tão extraordinarias que não pode negar-se a existencia de abusos enormes. Estas praticas fraudulentas, combinadas com a situação frouxa de alguns dos grandes interesses do paiz, causada pelo excesso das importações, e pela sua consequencia, a baixa do preço; e sobretudo isso a difficuldade que temos de achar sahida ás sobras dos nossos cereaes e das nossas provisões, me obrigam a recommendar-vos de novo a modificação da pauta actual. »

No anno antecedente, M. Fillmore tivera occasião de tratar a questão por um modo ainda mais directo.

« A experiencia demonstrou a sabedoria do systema que consiste em procurar uma porção consideravel dos fundos, que reclama o governo, nos direitos sobre as importações. O jus de impor esses direitos é incontestavel, e o seu principal objecto encher o thesouro. Ora, se, conseguindo esse fim, se pode incidentalmente fomentar a industria nacional, é dever nosso aproveitar essa vantagem.

O direito lançado n'um genero que o paiz não pode produzir, como por exemplo o chá e o café, augmenta o custo do genero, e é pago principalmente ou na totalidade pelo consumidor; ao passo que o direito imposto n'um genero que pode ser produzido em o nosso paiz estimula a nossa habilidade e a nossa industria para produzir o mesmo genero, que se appresenta no mercado em concorrencia com o estrangeiro; o importador é obrigado assim a reduzir seu preço ao nivel do que obtem o genero indigena, e uma parte do direito vae recahir sobre o productor estrangeiro.

A applicação continua deste systema estimula a industria e convida os capitaes, terminando por nos collocar nas circumstancias de produzir o genero muito mais barato do que se póde obter do estrangeiro, de modo que o productor e o consumidor nacionaes lucram conjunctamente. A consequencia do facto é que o artista e agricultor acham-se em contacto directo; cada um delles offerece aos productos do outro uma venda certa, o que reflecte na geral prosperidade. »

O CALENDARIO.

III

Dias e horas. — A palavra *dia* na sua mais geral accepção applicou-se sempre ao tempo que parece gastar o sol em dar volta redonda ao firmamento. A mesma palavra significa tambem o intervallo comprehendido entre dois nascimentos, entre dois occasos consecutivos do sol. A unidade de tempo, seguindo-se qualquer destas definições, não tem, estudando-se a marcha annual do sol, a regularidade e igualdade convenientes.

Na linguagem vulgar, a palavra *dia* indica o tempo em que o sol nos allumia, o tempo decorrido entre o nascimento e o occaso deste astro: a noite é o intervallo comprehendido entre o occaso e o nascimento seguinte. Os gregos tinham na expressão *nyctemero*, isto é noite e dia, o meio de prevenir os equivocos das linguas modernas.

De tempo immemorial o *nyctimero* foi dividido em vinte e quatro partes ou horas. Alguns povos contavam-nas seguidas, de uma a vinte e quatro. N'outros povos aquelle espaço de tempo compunha-se de dois periodos consecutivos de doze horas cada um. Ponhamos de parte a tentativa feita (em França) em 1793 de dividir a duração do dia em dez horas sómente, cada uma das quaes se compunha de cem minutos; esta divisão não foi adoptada, e tornaram ao dia de 24 horas.

As vinte e quatro horas, quando as contavam de uma a vinte e quatro, e não em dois grupos de doze horas, eram em geral iguaes entre si. Em certa epocha acha-se na Grecia, para o dia propriamenre dito, para o tempo da presença do sol sobre o horisonte, um grupo de doze horas iguaes; a noite, o tempo comprehendido entre o pôr e o nascer do sol, era repartida em doze horas igualmente iguaes.

Evidentemente se vê que no verão as horas do primeiro grupo ou divisão eram mais compridas que as do segundo; no inverno, pelo contrario, as horas da noite excediam em duração as do dia. Não havia igualdade perfeita entre estas duas especies de horas senão em 21 de março e 23 de setembro, porque nestas duas epochas o dia e a noite tem a mesma duração. Para calcular as observações, Ptolomeu não deixava de transformar as horas temporarias em horas equinocciaes.

Tem havido muitas variações na escolha do momento reputado mais conveniente para fixar o começo do dia civil. Os judeus, os antigos athenienses, os chinas, os italianos etc. começavam o dia desde o pôr do sol. Quasi até os nossos dias os italianos contavam seguidamente vinte e quatro horas entre dois occasos successivos do sol, e não dois periodos de doze horas.

Os babylonios, os syrios, os persas, os gregos modernos etc. tomaram por começo do dia o nascer do sol. Esta escolha não podia ser feita senão em tempos de ignorancia. Um relogio bem regulado não podia marcar a mesma hora por muitos dias consecutivos, no momento do nascer do sol. Entre os phenomenos astronomicos, nenhum ha cuja observação esteja sujeita a mais incerteza, e mais erros do que a do nascimento e occaso dos astros.

Conforme os antigos arabes, seguidos nesta parte pelo auctor do *Almagesto* e Ptolomeu, o dia começava ao meio dia. Os astronomos modernos geralmente adoptaram este uso. O momento de mudar de data acha-se então marcado sem equivoco, por um phenomeno facil de observar quando o ceu está sereno. A passagem do sol n'um plano orientado segundo o meridiano, o caminho ou o comprimento da sombra de um ponteiro, mesmo n'um quadrante ou mostrador imperfeito, indicam com a precisão conveniente o momento em que termina um dia verdadeiro, e aquelle em que principia o dia seguinte verdadeiro: os mesmos processos de observação, attendendo-se á equação do tempo, determinam tambem o começo e o fim dos dias solares medios.

Os astronomos modernos, contam, do mesmo modo que contava Ptolomeu, vinte e quatro horas consecutivas entre dois meio-dias.

Finalmente, como se até nisso se prove que todas as variedades possiveis se encontram nas escolhas abandonadas ao livre arbitrio dos homens, os egypcios, entre elles Hipparco, os antigos romanos, os francezes, os inglezes, os povos da peninsula occidental da Europa e outros, invariavelmente fixaram na meia noite o começo do dia civil. Entre os astronomos modernos Copernico seguia este uso.

Note-se que o começo do dia astronomico quando é regulado pelo meio dia é posterior doze horas ao começo do dia civil.

A semana. Goguet adoptando sem reserva as opiniões de Philon, de Josepho, de S. Clemente de Alexandria, pertendia que era do uso de todos os povos da antiguidade um periodo de sete dias. Outros, por exemplo Costard, sustentaram que só os judeus tiveram a semana (*septimane*, ou sete manhãas) nesses tempos remotos. Ha muitos, bastando citar Daunou, que rejeitam as duas opiniões extremas. Segundo estes, a semana foi divisão do tempo entre os chinas antigos, os judeus, os egypcios, os chaldeus e os arabes. Por outra parte, essa instituição parece ter sido desconhecida na Persia, na Grecia, em Roma, em Carthago; não vale a pena discutir o que não se estriba em bases solidas quanto á diversa maneira de computo desses diversos povos.

Geralmente se presume que a semana foi admittida na Grecia e no occidente ahi pelo terceiro seculo da nossa era. Daremos a etymologia dos nomes dos dias da semana usados pelas nações modernas.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVII.

A PAZ, OU A GUERRA?

Tinham apenas tornado a assentar-se, depois da sahida do dominico, quando o jesuita, voltando-se para o secretario das mercês: disse:

— « Sabe que estimo muito mais o nosso padre mestre, depois do encontro aqui?... Sr. Diogo de Mendonça, agora percebo porque gosta de jogar com elle da sua parte. É bom parceiro, ninguem era capaz de se levantar tão depressa e com tanto brio. Faça-se-lhe justiça! »

— « É bom frade, é muito honrado » — atalhou o ministro fugindo á allusão.

— « E grande sabio, segundo mostram os seus papeis.... Deu-nos que fazer. Ora bem; com elle está concluido; faltamos nós. Quer que hoje seja o dia da paz universal? »

— « Pois acha-me cara de inimigo, sr. padre Ventura? Eu, tão devoto da companhia e terceiro da Senhora da Cadeia!... Esperava mais justiça. »

— « Não o accusei! desejo a paz universal; e creio que desejo uma cousa sancta. Se a quer como eu, estamos de accordo, não ha necessidade de justificação. »

Houve alguns momentos de pausa, em quanto ambos recolhiam as forças, dispondo-se para o conflicto. Nenhum delles ignorava que a lucta era com um gigante.

Se o olhar podesse romper segredos bem guardados, a vista penetrante que trocaram descubria os pensamentos mais reconditos; mas eram phisionomias costumadas a não trahir a alma, quando queriam occultál-a. Quando baixaram os olhos estavam certos de que na maior partida da sua vida achavam um parceiro, que sabia o jogo, e não mostrava as cartas.

No jesuita, o unico signal de apprehensão, era a luz mais intensa na vista, e a ruga frontal mais funda entre os sobrôlhos. Conhecia-se que o espirito se exercitava, que a memoria se acerava, e que a rasão lucida e poderosa escolhia no thesouro da experiencia e do saber as mais finas e provadas armas.

Prevendo a força do assalto, Diogo de Men-

donça preparava-se, para manter a defensiva, com a serenidade quasi opaca do sorriso e a igualdade calculada da expressão, decidido a aproveitar o menor descuido.

Esta pausa duraria alguns instantes. O secretario das mercês tornando a crusar a vista com o jesuita, pasmou do poder que elle tinha sobre si. O semblante parecia inalteravel; na espaçosa fronte não havia nuvens; e os olhos brilhavam sem uma sombra que lhes offuscasse a serenidade. Se fosse escutar o coração, não o sentia o ouvido bater mais forte do que antes, quando brincava, sorrindo-se, com o orgulho irritavel do padre mestre. Era como se não houvesse nem sangue nem nervos naquella organisação privilegiada, em que tudo obedecia á vontade, e unicamente dominavam a intelligencia e o espirito!

O padre Ventura, tambem, consultava o rosto de Diogo de Mendonça, e ia animando o seu de um ar de riso, mais perigoso do que a ira. Principiando a fallar, a voz desafectada e natural parecia sustentar uma conversação indifferente. Ninguem diria que estes dois homens jogavam os maiores interesses da ambição e da monarchia, porque o instituto ainda era mais para o jesuita do que a corôa para o ministro.

— « Pelo que noto » — disse o padre, dirigindo-se ao interlocutor com a maior candura — « ambos queremos a mesma cousa; v. s.ª porque é politico e sabe que a paz sempre fez milagres; eu, (a todos os respeitos humilde) porque espero o cumprimento das sagradas promessas. Quando Jesus Christo veio ao mundo, os anjos só cantaram « Gloria a Deus nas alturás e aos homens paz na terra ! » Bem meditado, no Evangelho não ha mais; é verdade que dizendo isto, tudo está dito... Queira desculpar! Parece-me que ia fazendo um dos meus sermões de missões... Puz-me a ensinar a lei ao mestre. »

— « Discipulo obscuro de v. paternidade... Faz-me grande obsequio! Tambem entendo assim a religião, e prezo-me de a praticar, quanto permittem as infinitas imperfeições de um peccador... »

— « Sempre fiz esse conceito de v. s.ª Um sabio e um catholico zeloso não podia fallar de outra maneira... »

Diogo de Mendonça ficou inalteravel; nem um só gesto ou movimento lhe escapou. Agradecendo com uma cortezia profunda parecia responder com a malicia dos olhos: « Percebo a [illegible]: mas sou de bronze ! »

O padre Ventura olhava para elle e sorria-se muito; este sorriso é o que perturbava o secretario das mercês. Por fim illuminando o rosto de toda a intelligencia e sagacidade do seu espirito, o jesuita exclamou:

— « Estamos sendo injustos, não lhe parece? Ha meia hora que a desconfiança nos tolhe, e com medo de nos desentender-mos, escapa-nos o tempo que é precioso. Dez minutos, cinco mesmo, sobejam para uma explicação clara. Sr. Diogo de Mendonça, supponha, que somos dois embaixadores, ajustando uma alliança, conhecendo cada um a força e a fraqueza do outro, e percebendo que devem auxiliar-se para não cahir. Quer que fallemos abrindo o coração, e pondo a mascara em cima da meza? Deixo as finuras aos principiantes; homens da nossa experiencia riem-se dellas. Cartas na mão? Verdade e lizura! Não arriscamos nada. »

— « A proposta é séria? » — disse Diogo de Mendonça sem mover um musculo da face.

— « Positiva! » — respondeu o padre, estendendo a mão.

— « Acceito! » — concluiu o ministro, rindo e apertando os dedos do italiano entre os seus mais cheios e nervosos.

— « Abaixo a mascara! » — exclamou o visitador rindo com igual franqueza. E fez o gesto de tirar a sua, passando a mão pelo rosto.

Diogo de Mendonça imitou-o, acrescentando: — « agora que a comedia findou, dir-me-ha v. paternidade o segredo com que endoudeceu o pobre fr. João, tirando-lhe cópia de papeis fechados á chave? »

— « Mais de vagar, um instantinho, se dá licença! » — replicou o jesuita sempre muito jovial — « Antes de sabermos se é alliado, neutro, ou inimigo, não era imprudencia mettel-o dentro de casa, e mostrar-lhe os cantos?.. Ha mais alguem no caso de fr. João, e em peiores circumstancias mesmo... »

— « Eu não por certo! » — acudiu o secretario sorrindo-se na apparencia, mas estremecendo com a lembrança da sciencia infusa, que ha tempos admirava no padre confessor Sebastião de Magalhães.

— « Não diga nada sem vêr, sr. Diogo de Mendonça; é o meu conselho. »

— « Pomos outra vez a mascara? » — gritou o ministro alegre, mas um pouco sobre posse.

— « Porque? » — acudiu o padre.

— « Porque antes de a tirar estava menos ás escuras. »

— « Não creia. »

— « É o que vejo. Demos só dois passos, e v. paternidade tira de repente a mão e deixa-me no labyrintho!.. Faço a primeira pergunta e põe o dedo na bocca, sorrindo-se de um modo que me faz suppor... »

— « Estar menos forte do que julgava?... Ahi tem a utilidade de jogar com boas cartas. Se eu ainda tivesse mascara, dizia-lhe que sim, ou talvez que não, e deixava-o precipitar... »

Diogo de Mendonça mordeu-se interiormente. O parceiro já tinha duas vasas e elle nenhuma. Entretanto continuou a conversação no mesmo tom.

— « Muito bem! Ficaremos ás escuras já que v. paternidade não quer luz... »

— « É por ora... Depois tanta será ella que nos cegue. »

— « Mas em quanto esperamos » — disse o secretario das mercês com ironia — « ainda somos embaixadores para ajustar a alliança das duas potencias? Se percebi, esta foi a proposta de v. paternidade? »

— « Percebeu, e excellentemente, como sempre. »

— « Nesse caso devemos ter poderes bastantes, e o estylo manda apresentar as credenciaes. — Veremos como elle apara este bote! » — murmurou o cortezão.

— « Estou ás suas ordens! » — respondeu serenamente o jesuita. » — Trago aqui as minhas. »

Diogo de Mendonça levantou-se, foi a um contador da India embutido de ebano e madre perola, e tirou da gaveta um pergaminho com sellos pendentes. Ao mesmo tempo o padre sacava do bolso da roupeta um papel dobrado. Ambos passaram os diplomas de mão para mão.

— « É a carta de nomeação do logar de secretario das mercês, datada de 24 de março de 1704... Quatro mezes a contar da sua volta de Hispanha, em fins de dezembro de 1703! Muito bem: acha as minhas tambem em regra? »

— « Certamente. É o sello e a divisa do geral da companhia, authenticando a nomeação do padre Julio Ventura, na qualidade de visitador assistente nas provincias de Hispanha e Portugal... Diga-me v. paternidade, parece-lhe que não ha omissão nenhuma?... »

— « Em quaes? »

— « Em ambas, suppunhamos. »

— « Hoje, não: amanhã Deus sabe!... Póde haver de mais em uma e de menos n'outra. »

— « Como? »

— « O sr. D. Pedro II... »

— « Está melhor! » — exclamou o ministro apressadamente.

— « Passou mal hontem e está peior hoje; receio que nos dê grande desgosto por estes dias proximos » — proseguiu o padre Ventura sem fazer menção das contorsões negativas do secretario — « Ora, fallecendo el-rei, a observação de v. s.ª póde sahir certa, achando-se de mais talvez o seu nome nessa carta, se o principe real fizer menos caso do seu serviço do que seu augusto pae. »

Diogo de Mendonça por mais esforços que empregasse para se conter, empallideceu visivelmente. O jesuita sorria continuando.

— « Estão muito sujeitos a quedas os logares altos. É a rasão porque lhe dizia ainda agora que ha força e fraqueza relativa em cada um de nós. »

— « Então a proposta final de v. paternidade?... »

— « Quer sabel-a, verdadeiramente? »

— « Estou ancioso. »

— « Pois eu digo. Se nos entendermos, é fazel-o primeiro ministro do novo rei, o sr. D. João V... Se quizer ser neutro, propor-lhe uma enviatura para Londres ou para Italia... E se formos inimigos ensinar-lhe a estrada do conde de Castello Melhor, com uma volta pelas Pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio. »

— « A viagem, sobre tudo, pouco agradavel me parece! » — respondeu o secretario acerando o sorriso e tornando os olhos duas setas na penetração. — « Entretanto v. paternidade creio que se esqueceu de uma cousa; e é raro, porque vejo que o seu costume é lembrar-se de tudo.... »

— « Talvez... somos homens. Qual?.. » — observou o jesuita gravemente.

— « A difficuldade, não digo de proposito e impossivel, de haver um meio elastico de elevar o mesmo homem a primeiro ministro, ou de o desterrar no dia seguinte para a Costa de Africa.... O despacho era preciso ser el-rei. »

— « Ou saber levar el-rei! »

— « Seja! mas o degredo, é preciso provar-me o crime de lesa magestade... »

— « Exactamente. »

— « Ora esse crime capital, sinto dar desgosto a v. paternidade, não me accusa a consciencia de o ter commettido, nem acho ninguem capaz de mo provar. »

— « Engana-se! O crime existe, e tambem as provas! »

— « V. paternidade falla serio? » — exclamou Diogo de Mendonça com extrema agitação.

— « Não lhe disse que tirei a mascara? A luz dá-lhe nos olhos, bem se vê. Paciencia! Ainda ha de ser mais forte logo. »

O secretario de um impeto levantou-se da cadeira, branco como a tira da camisa.

Depois olhou irreflectidamente para uma caixa marchetada, aonde tinha duas pistolas. Por outra precipitação, instinctiva tambem, foi á porta; verificou estar fechada, e correu o reposteiro sobre ella. D'ahi, voltou a passos lentos, cravou os olhos no padre, como dois punhaes, e sentando-se outra vez contemplou-o em silencio alguns instantes.

O jesuita tinha observado tudo. Quando o secretario fez o primeiro movimento para as armas, os olhos do visitador despediram um grande clarão; quando o ministro se rodeou de maior segredo, o padre apenas tinha o sorriso á flor da bocca. Esperou assim calado as palavras do adversario.

— « V. paternidade sabe que disse uma cousa que póde matar a um de nós? » — exclamou Diogo de Mendonça. — « E se lhe exigir as provas, se o obrigar a convencer-me?.. » — proseguiu em ar de mofa.

— « Faço-lhe a vontade! » — replicou o visitador com uma tranquillidade fulminante.

— « Faz-me a vontade?.. » — gritou o secretario, na testa do qual borbulhavam já algumas gotas de suor. — « Veja bem! um crime de lesa-magestade, pena de morte ou degredo perpetuo? »

— « Vejo perfeitamente! » — observou o padre com extrema serenidade.

— « E com tal segredo na mão ainda me propõe alliança?.. Nada de falsa generosidade! V. paternidade póde dictar a lei... » — exclamou o ministro com ironia, e tentando a diversão para conhecer melhor o inimigo. O jesuita adivinhou a tactica e repelliu-a com a sua agudeza habitual.

— « Deixe-me dar metade do partido. Gosto do jogo assim. Não tenha dó... Se eu quizesse, não lhe dizia nada, e duas horas depois da morte de el-rei, v. s.ª ia por um dos alçapões da torre. »

— « Noto da sua parte » — acudiu Diogo de Mendonça — « sympathias que não mereço... como hei de explicar?... »

— « Não explique... é melhor. Olhe, nem é sympathia nem outra cousa que o pareça. Não se cance; os motivos não os descobre, se eu os não disser. »

— « O que admiro mais é o sangue frio de v. paternidade... Se não estivesse bem certo de mim quasi que tinha medo. Não posso fazer-lhe maior elogio. »

— « Deixemos as subtilezas, sr. Diogo de Mendonça; não estamos creanças, e os homens como nós sempre são mais velhos do que a sua idade. »

— « Póde ser, mas eu nasci em 1658. Infinitas graças darei a Deus se me fizer mais velho » — disse o secretario rindo.

— « Não conte assim senão até aos vinte. Serviu em duas enviaturas; passou trabalhos; tem tido grandes cuidados e tem-se visto em não pequenos perigos: viveu o dobro desse tempo. Não se fie na folhinha, porque se ha de achar muito mais velho do que ella diz. Depois andou sobre as aguas do mar, e duas vezes fez naufragio; por signal mostrou muito valor nessa occasião... »

— « Obrigado a v. paternidade!.. Noto que sabe de cór a minha vida. »

— « Um embaixador a primeira cousa que estuda é a historia das potencias. Seguem-se as memorias secretas... Tambem tenho as suas que não são vulgares. »

— « Póde afoutamente dizel-o » — acudiu o ministro em tom equivoco. — « Possue uma obra que nem o proprio auctor conhece. »

— « Ou que receia dar a conhecer? » — atalhou o padre com ironia meliflua. — « Em todo o caso peço justiça. Suppõe que venho como charlatão, encarecer os meus elixires e perturbar o seu socego?.. O que digo provo. Quando affirmo cousas deste perigo (chamo-lhe o que é!) sei com toda a certeza que não não hei de ser desmentido... Acredite-me, sr. Diogo de Mendonça, existe o crime de lesa magestade, e é facil convencel-o delle, tão facil como provar que é dia agora. »

— « Então porque não diz v. paternidade tudo? » — exclamou o ministro estremecendo por dentro, mas forte e animado na apparencia.

— « V. s.ª manda!.. Lembra-se de receber confidencialmente de el-rei nosso senhor um maço lacrado e sellado com ordem de o não abrir, e de o entregar fechado, depois da sua morte, nas proprias mãos de seu augusto filho o principe D. João? »

— « Perfeitamente! Até me foi entregue uma quinta feira á noite 13 de abril de 1705, estando presente o padre Sebastião de Magalhães »

— disse o secretario carregando com affectação sobre o nome do confessor.

— « Exactamente!.. Este maço eram as cartas autographas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca e sua irman a duqueza de Saboia escreveram grandes confidencias de estado... por signal encerram o mais triste segredo do governo de sua magestade. É o que ainda hoje ignora o padre Sebastião e o que v. s.ª tambem não sabia então. »

O secretario fez-se pallido e tornou-se grave. Assumindo um ar mais attento não poude conter-se que não exclamasse:

— « A noticia é curiosa!.. Quem a revelaria a v. paternidade!?.. »

— « Naturalmente quem a foi dizer ao ouvido de v. s.ª... O segredo era para todos e estamos aqui dois sabendo-o como el-rei, que o occulta... Continuo com o meu caso. O maço, além disso, tinha copias das cartas do prior Jacomo Spinelli á princeza sua ama, e como o prior observava tudo na corte e era muito propenso á satyra, ha mais de uma historia e de um retrato desagradavel nas suas cartas... sobre tudo a respeito de s. magestade el-rei nosso senhor. »

— « Mas é um prodigio! » — gritou o ministro assombrado — « O negocio mais secreto!.. »

— « E o peior de tudo é ser o mais desairoso do governo de el-rei D. Pedro! » — acudiu o jesuita friamente.

— « Mas quem o disse a v. paternidade?!. » — instou o secretario transtornado.

— « Ahi torna v. s.ª ás perguntas capciosas!? Não importa o modo. Se m'o não disse el-rei (e não era provavel) ou v. s.ª m'o não revelou... »

— « Eu?.. » — clamou o ministro recuando a cadeira.

— « Por força o li em alguns papeis, não podia ser outra cousa. E até em uma dessas cartas, a setima do primeiro maço, achei a causa da morte da princeza D. Isabel, a filha de el-rei que esteve justa... »

— « V. paternidade é magico?.. »

— « Não sr., sou só curioso, e por isso vi o projecto de casamento da infanta, que Deus tem, com Victor Amedeo II, duque de Saboia, e sobrinho da rainha. É de 1678. O duque de Cadaval chegou a ir depois a Nizza em uma náu para trazer o noivo e voltou sem elle. No fim de uns poucos de annos rompeu-se a negociação, a rainha falleceu e a corte de Turim desculpou-se com a má saude do principe encubrindo assim a sua falta de palavra... A victima de tudo foi a infanta, que tomou a peito a recusa de Saboya e morreu apaixonada. »

— « Não ha duvida » — gritou Diogo de Mendonça hallucinado — v. paternidade leu as cartas!.. Mas como, de que maneira, santo Deus?!. »

— « Da maneira porque li os recursos de fr. João dos Remedios! Não lhe observei ha pouco a temeridade com que negava antes de vêr? »

— « As minhas gavetas são mais seguras! »

— « E se eu lhe disser que não? »

— « Ainda pedirei licença para duvidar. Antes de por a mão nos papeis ha dois impossiveis a vencer: descubrir a chave aonde a guardo; e depois da chave, adivinhar o segredo com que ella abre. Como só um homem no mundo o conhece e é Diogo de Mendonça Corte Real, servo de v. paternidade, estou inteiramente socegado. »

— « Faz mal! »

— « Posso jurar que tenho o deposito fiel e intacto. »

— « Jura falso! O deposito não está fiel porque lhe levantaram o sello. Não está intacto, porque delle nem a capa sequer ficou na sua mão! »

— « Sr. padre Ventura, isto é uma scena de Moliere? » — gritou o secretario, aterrado por dentro, mais ainda da confiança do visitador do que do sentido das palavras.

— « Não faça escarneo de Moliere! Apesar de nosso inimigo era grande poeta. Lembre-se v. s.ª que algumas das suas comedias são mais verdadeiras do que muitos livros serios. Occorre-me que se elle fosse vivo e estivesse aqui entre nós dois, compunha de certo uma peça nova, por exemplo *O Infiel Depositario.* »

— « Repito a v. paternidade, hei de restituir os papeis como os recebi. »

— « E eu repito a v. s.ª que não, porque os não tem. »

Diogo de Mendonça, apesar de tudo, sentiu uma dor no coração e pareceu-lhe que um arrepio de gelo lhe levantava os cabellos sobre a raiz. Com a precipitação do homem, que sonha com a morte, e accordando espavorido se apalpa para repellir a illusão, levantou-se da cadeira arrebatadamente, e de pé exclamou virado para o jesuita:

— « Se promette não revelar, vou convencel-o! »

— « Póde ficar certo. Em saindo daqui tudo me esqueceu. »

— « Desengane-se pois! »

E o secretario dirigiu-se á livraria, e ainda confuso e perturbado parou um pouco junto da primeira estante. Ao mesmo tempo o padre Ventura, risonho e obsequioso, dizia-lhe do meio da porta do gabinete particular aonde tinha estado até então:

— « Se procura a chave do seu cofre é na segunda estante, a columna da parede; o botão escondido pelo volume das obras de Santo Agostinho. Acha-a no vasado do pedestal, um pouco para o fundo. »

Diogo de Mendonça, no instante em que as palavras do visitador lhe entraram pela cabeça como balas; ainda nem tinha olhado para o sitio indicado. Ouvindo-o fez-se pallido, desfigurou-se-lhe o rosto e deitou-lhe um olhar de odio, de agonia e de terror, como Lucifer devia lançar ao archanjo, quando o venceu. Depois com um mar de fogo diante da vista e o coração aos pulos dentro do peito precipitou-se, abriu o segredo, tirou a chave e com ella fechada nos dedos tornou a entrar no gabinete, aonde ficou na dolorosa suspensão de quem antes de se atirar de uma grande altura calcula que de noventa probabilidades só uma poderá cair a seu favor.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS DE OTTONI.

Talvez que algumas das composições que publicamos se encontrem já impressas, porquanto sabemos pela continuação da biographia de José Eloy Ottoni (que só ha poucos dias nos veio á mão) que alguns jornaes brasileiros, com especialidade a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar recentemente os versos devotos deste auctor; comtudo não deixam de ser em certo modo ineditas para Portugal, onde escreveu grande numero de suas composições, como as tres que já estampámos, e a versão que se segue do psalmo 30 do propheta rei.

Imprimiu tambem em sua vida (em 1815) residindo na Bahia, uma traducção dos Proverbios de Salomão, de que daremos alguns specimens « *a qual logo se vulgarisou nas escholas de primeiras lettras da provincia de Minas, porque foi protegida e officialmente recomendada pelo ultimo capitão general, o integerrimo D. Manuel de Portugal e Castro* (2.º artigo da já citada *Noticia biographica*).

Paraphrase do Psalmo — Miserere mei Deus.

Compadece-te, Senhor,
Dos meus enormes delictos,
Segundo a graça que outhorgas
Aos peccadores afflictos.

Do crime as nodoas se apaguem
Na fonte viva de amor,
Do livro da iniquidade
Risca o meu nome, Senhor.

Mais e mais lava-me oh Deus,
Purifica-me, e consente
Que eu vista de novo a graça
Que veste uma alma innocente.

A convicção, e o remorso
Da iniquidade me opprime;
A culpa me impoz a pena,
É meu verdugo o meu crime.

A ti só, presente e justo,
Te offendi, Deus de vingança:
Os teus decretos aggravam
Do meu castigo a lembrança.

Por transcendencia de origem
Fui concebido em peccado,
E com o ferrete da morte
Logo ao nascer fui marcado,

És por essencia verdade.
És puro amor por essencia,
Tu me franqueias e abres
Os livros da sapiencia.

Lava, Senhor, o meu seio,
A dôr e a graça me envia;
Serei mais puro que a neve,
E mais brilhante que o dia.

Verei meus ossos no centro
Da humiliação exultar,
Ao som dos hymnos d'amor,
Que o prazer deve entoar.

Aparta, Senhor, teus olhos,
Da torpeza do meu crime;
A iniquidade se annulla,
Se um Deus, que é forte, a reprime.

Cria em mim um ser mais puro,
Dá-me paz, dá-me energia,
Vigor de espirito recto,
Nas minhas entranhas cria.

Não me lances com despreso,
Sou tua imagem, Senhor,
A creatura não prives
Da essencia do Creador.

Ao simples toque da graça
Exulte minha alma, oh Deus!
Da santa alegria o fogo
Abrase os suspiros meus;

Farei que os máos reconheçam
Os teus caminhos desertos,
Verás o impio seguindo-os
Depois de planos, e abertos.

Livra-me, Deus de minha alma,
Do sangue que derramei;
Tua justiça exaltando,
O teu nome exaltarei.

Unge meus labios, Senhor,
Voarei á Divindade,
Será o Eterno meu canto,
Meu instrumento a verdade.

Se o holocausto me acceitas
Eu vou erguer-te um altar;
Victima impura, Senhor,
Jámais te póde agradar.

De um animo attribulado
Acceitas o sacrificio;
A quem se humilha és affavel,
És a quem chora propicio.

Exalta benigno, oh Deus
Em vontade, e amor Sião:
Em torno a Jerusalem
As muralhas se erguerão.

Oblações ao Grande, ao Justo
Vão tocar o throno teu;
Verás o incenso de amor
Subindo em globos ao céu.

Gloria ao Pae, ao Filho gloria,
Gloria ao Ser, que tudo encerra,
Que no céu, no mar, na terra
Fórma um circulo d'amor;

Assim como agora e sempre,
Existiu, existe e cremos,
Sem cessar, sem fim louvemos
Do universo o Creador.

Ave Maria.

Formoso botão de rosa
Que nasce ao romper do dia,
Ó pura, e cheia de graça,
Eu te saúdo, Maria.

Ave, Pomba sempre illesa
De contagio, e de perigo:
Teu seio será fecundo,
O Deus de Abraham é comtigo.

És bemdita entre as mulheres
É bemdito o fructo teu,
Jesus, o tenro Jesus,
Que de uma Virgem nasceu.

Mãe de Deus, nós te pedimos,
Escudo de mulher forte,
Que nos protejas na vida,
Que nos ampares na morte.

Já que és Mãe, ao Filho pede
O perdão dos peccadores,
Para que unidos na gloria
Dêmos ao Filho louvores.

GALERIA DO MARECHAL SOULT.

A venda em hasta publica e em lotes dispersou esta preciosa collecção de escolhidas pinturas, obras magistraes que perfeitamente representavam a historia da arte hespanhola nas suas mais formosas epochas.

Jamais houve collecção que transplantada para fóra do solo nacional caracterisasse no mesmo grau uma eschola estrangeira e melhor proporcionasse a apreciação do variado talento dos grandes artistas que a illustraram. O genio hespanhol alli está todo inteiro com o seu fervoroso e soturno asceticismo, suas crenças apaixonadas, suas aspirações extaticas, suas sublimes e immateriaes glorificações. Basta lançar os olhos sobre composições de estylos tão distinctos para perceber-se que o primeiro movel de seus auctores era a fé. Quantos delles pintaram, tendo vestido o habito de cenobita! Quantos, a exemplo de Luiz de Vargas e de Vicente Joannes, não tomavam o pincel sem se terem preparado ao trabalho com o jejum e a communhão! A religião era para elles o principio e a meta; pintar era glorificar o creador, orar.

Na Hespanha, como em Italia, a arte moderna desenvolveu-se á sombra do sanctuario, só com a differença de que entre os italianos a tradição remonta ás pinturas das catacumbas e aos mosaicos das primeiras basilicas christãs: entre os hespanhoes, em consequencia da invasão sarracena, acha-se interrompida a contar do 7.° seculo. Internados nas montanhas das Asturias, e nas provincias ao norte do Ebro, os christãos levaram para os seus asylos as imagens consagradas pelo culto. Todavia, só por conjectura se poderiam considerar reproducção das sagradas imagens as composições informes com que cobriram as paredes das igrejas de Saragoça, e dos conventos de Aragão, os pintores aragonezes, Raymundo Torrente e Miguel Fort, que floreceram de 1300 a 1350, e Reinaldo de Ortiga e Pedro da Ponte, seus continuadores no seculo 15.°

Igualmente se podem citar só como raridades, e de nenhum modo como obras comparaveis ás pinturas dos Cimabue e dos Giotto, os grosseiros esboços de Fernando Gonçalves e os retabulos de João Alfon, que pintavam em Toledo no começo do seculo 15.° De 1500 a 1550 appareceram Morales, cognominado o *divino*, e o flamengo Pedro Campana; porém, as obras authenticas destes artistas são extremamente raras, porque tiveram pouco incentivo; com effeito, os historiadores da pintura hespanhola referem que Morales, para o fim de sua vida, chegára a tal estado de miseria que em 1581 encontrando-o o rei Filippe II e dizendo-lhe: « Estás bem velho, Morales? » « Sim, meu senhor; e bem pobre » lhe respondeu o artista. Commovido o rei por esta resposta concedeu-lhe uma pensão de 300 ducados.

Francisco de Olanda, architecto, illuminador e chronista assaz ingenuo, que trabalhava no meado do seculo 16.°, de quem o sr. conde de Raczynski publicou um manuscripto mui curioso, achado na bibliotheca do convento de Jesus em Lisboa, dizia que

se havia cousa que escurecesse a gloria de Hespanha e Portugal era não ser cultivada com vantagem nem estimada nestes paizes a pintura, e contava as conversações que durante a sua estada em Roma tivera com Miguel Angelo a esse respeito. « Sei que na Hespanha não ha tanta generosidade para com a pintura como na Italia. Acostumado a receber tenues remunerações deveis admirar-vos das grandes recompensas que se conferem aqui aos pintores (lhe dizia Miguel Angelo); vereis por toda a parte hespanhoes, ostentando excellentes sentimentos; extasiarem-se diante de quadros, pôl-os nas nuvens em seus elogios; e se apertaes com elles não tem animo de encommendar a mais pequena obra e de pagal-a. Mestre Francisco de Olanda, se esperaes distinguir-vos pela arte da pintura na Hespanha ou em Portugal, digo-vos que vos embalaes com uma esperança illusoria: se me acreditardes, antes vos decidireis a viver em França ou na Italia, onde são prezados os talentos e subidamente estimada a pintura de superior genero. » Miguel Angelo insiste muitas vezes neste assumpto, e mestre Francisco d'Olanda confessa que não póde contradizel-o.

Em 1548 se exprimia Miguel Angelo naquelles termos; dahi a alguns annos a severa opinião do famoso artista italiano era estrepitosamente contradicta. A exemplo de Francisco d'Olanda, varios pintores da peninsula, dentre os quaes citaremos Vicente Joannes, Berruguete, Valdeviva, Gaspar Becerra, Fernandes Navarrete, haviam seguido os exercitos hespanhoes que dominavam a Italia, e estudado com mestres insignes, cujo talento achava-se em todo o seu vigor nessa epocha. Por outro lado, as obras primas das escólas italianas e flamengas, adquiridas com grande dispendio, ornavam os palacios dos reis de Hespanha. Não devemos admirar-nos se, pelo fim do seculo 16, uma arte inteiramente nova, de esplendor e força incomparaveis, brotou subitamente nessa terra até alli ingrata, e as tres grandes escholas de Valencia, de Sevilha, e de Madrid succederam á velha e tosca eschola de Toledo. Este periodo foi tão curto quanto brilhante; encerra-se no espaço de pouco mais de um seculo, desde 1560, epocha do regresso de Italia de Fernandez de Navarrete, o mudo talentoso, até 1682, anno da morte de Murillo.

A collecção do marechal Soult comprehendia numerosas peças dos principaes mestres de cada uma das grandes escholas hespanholas. Os pintores primitivos eram alli representados por Luiz de Vargas, Vicente Joannes, e Morales. Energicas composições de Sanchez Coelho, de Roelas, de Fernandez de Navarrete, indicam a transição dessas antigas escholas para a grande e bella epocha da arte illustrada por Murillo, Ribera, Zurbaran, Alonzo Cano, Velasquez. Quinze composições de Murillo, sete de Ribera, vinte de Zurbaran, sete de Alonzo Cano, e muitos quadros dos dois Herreras, de Pacheco e de Ribalta, resumem este periodo da arte no seu apogeu. Seguem-se os brilhantes imitadores dos mestres; Pareja, alumno de Velasquez, Gomez o mulato, alumno de Murillo, Ayala, discipulo de Ribera, Mendez Osorio, Llano y Valdo, Solis, Valdez Leal, Tobar, Antolinez, que todos se distinguem por suas qualidades originaes, cujo defeito consiste em virem mais tarde, quando apenas havia que respigar no campo da arte.

Não pertendemos examinar aqui senão as mais importantes e interessantes dessas composições. É a primeira na data a *Via dolorosa*, de Morales, appelidado o divino. Será o mesmo quadro que Filippe II mandou collocar nos Jeronymos de Madrid, e que tinha o sobredito nome, e era reputada a obra prima desse mestre? Não nos foi possivel verifical-o. Todavia é uma peça mui notavel; e o nome foi bem posto, porque nunca o pincel exprimiu de modo mais pathetico a afflicção humana. A Santa Virgem, encostada á Cruz, segura com uma das mãos a cabeça do Filho, que tem apagada a luz dos olhos, e roxos os labios, a corôa deixou na frente de Christo alguns dos espinhos que se entreveem debaixo da pelle, gotas de sangue estão pegadas ao longo das fontes. É a morte em todo o seu horror, a morte depois da longa agonia da Paixão e o supplicio da Cruz. Os semblantes da Virgem, da Magdalena e de S. João contrastam admiravelmente com a face livida e flaccida de Christo. Todos gemem, todos pranteiam, todos contemplam o corpo inanimado do Salvador com uma expressão de magua e de summa dôr.

Um *Ecce Homo* de Vicente Joannes, corypheu da eschola de Valencia, approxima-se muito mais dos primitivos mestres italianos do que da *Via dolorosa*, de Morales, certos accessorios da qual, a barba por exemplo, parecem tocados por Alberto Durer. Vicente Joannes havia estudado os primeiros mestres da eschola romana. Palomino o declara igual a Raphael, contra o qual tentou por vezes uma lucta corajosa, mas desigual.

Um dos mais extraordinarios quadros da galeria do marechal Soult é o *Abraham perante os anjos*, de Fernandez de Navarrete, o mudo. Este pintor, que visitou a Italia pelo meado do seculo 16.° e que estudou com o Ticiano, soube não obstante isso conservar-se original: o seu estylo, simples e grandioso ao mesmo tempo, tem um tanto da sublime familiaridade dos *romanceiros;* o seu colorido, onde os methodos venezianos se combinam com a austera simplicidade dos antigos mestres nacionaes, tem certa energia aspera e phantasiosa, que constitue este pintor distincto de todos os outros; o quadro de *Abraham perante os anjos* é das suas mais afamadas obras. Abraham acaba de reconhecer os tres divinos mensageiros, prostra-se-lhes aos pés, e offerece-lhes hospitalidade; Sara os contempla com ingenua admiração, e não ousa juntar sua voz á voz de seu esposo. Os tres anjos estão de pé, vestidos de tunicas similhantes; mas, a sua bella estatura, a sua attitude *tão* nobre, e a suave magestade de seu olhar revelam entes sobrehumanos; até mesmo os resplendores mysteriosos que illuminam os personagens prestam a esta composição um caracter sobrenatural. Palomino denomina Navarrete o Ticiano hespanhol; e sem duvida alguma existe certa analogia entre este pintor e o auctor dos *Discipulos de Emaús*; mas ha tambem nestes anjos uma reminiscencia, das mais directas do *Christo* de Leonardo da Vinci. Um historiador da pintura hespanhola nos informa que em 31 de agosto de 1576 o rei Filippe II mandou dar a Navarrete 500 ducados de ouro pelo seu quadro de Abraham. Navarrete tinha-o pintado tres annos antes

da sua morte, que aconteceu em 1579. Um dos paineis deste artista representa *um mancebo* de physionomia austera e triste, de cabellos bastos e crespos, beiços sombreados por um pequeno bigode, olhar fixo e cheio de um fogo soturno, com uma belida que cobre em parte a pupilla do olho esquerdo: é o retrato de Fernandez de Navarrette, feito por elle mesmo. Esta pintura extremamente franca dá lembranças de Velasquez, a quem Navarrete precedeu mais de meio-seculo.

As composições de Ribera expostas na sala Lebrun são em numero de sete, quatro dellas, o *Livramento de S. Pedro*, o *S. Sebastião*, o *Senhor com a Cruz*, e a *Sacra Familia* pódem qualificar-se entre as melhores obras. Os dois primeiros paineis são da maneira vigorosa deste mestre, e recordam os effeitos violentos do Caravaggio. A *Sacra Familia* é por um systema inteiramente differente, e deve ser da epocha em que Ribera, seduzido pela suavidade do colorido do Corregio, modificou o seu estylo tratando de o amaciar e de tornal-o mais correcto. Ribera, neste painel, deixou-se daquelles arrebatados contrastes de luz e de sombra que lhe são familiares, e a que devem a maior parte de suas composições o seu poderoso effeito. As carnes recebem a luz em cheio, as sombras são transparentes e douradas, e comtudo os semblantes tem um maravilhoso relevo, que devem a uma riqueza de empaste nunca assaz admirado.

Muitas composições de Roelas, de João Joannes, filho de Vicente Joannes, de Francisco Pacheco, de Herrera senior, e de Ribalta preenchem, com os Riberas, o intervallo que separa a eschola antiga da eschola do seculo 17.° A *Ceia* do Ribalta, um dos melhores pintores da eschola de Valencia, provavelmente é o primeiro pensamento da Ceia que pintou nesta cidade para o altar-mór do collegio de Corpus-Christi: é uma composição encantadora, de um colorido mais variado do que estudado, e que recorda os vividos esboços dos maiores mestres de Italia. O *S. Basilio* de Herrera o velho nenhuma dessas reminiscencias italianas appresenta; é uma obra inteiramente hespanhola, onde se encontra aquelle estylo austero e magestoso, aquella expressão agreste, que fizeram famoso este mestre entre todos os artistas energicos que produziu a Hespanha. Herrera, no momento da composição, levava o ardor do enthusiasmo até ao furor; os discipulos receiavam approximar-se delle quando armado de brochas como vassouras, auxiliado de uma creada, mettia as côres na tela, enchendo, como ao acaso, os contornos das figuras que delineava com juncos. Postoque de um vigor de relevo sem igual, o S. Basilio parece pintado com maior regularidade: o que distingue esta composição é um grande sentimento da realidade; nada foi alli cedido ao charlatanismo do effeito; mas, tambem nada é trivial ou falso. Recommenda se o estudo deste quadro aos pintores naturalistas.

Em nosso entender grande é a sem-rasão com que se tem feito á eschola hespanhola a accusação de materialismo. Os meios são humanos sem duvida, porém o objecto é sempre elevado e espiritual. Seus pintores ainda os mais apaixonados da natureza consagraram seus pinceis ao serviço de uma idéa donde tomaram a inspiração de suas obras primas mais sublimes; a idéa religiosa. A influencia irresistivel que em tempo de Carlos V e de Filippe II a religião exercia sobre a politica, cujo dominio é todo mundano, devia naturalmente estender-se ás Bellas-artes, que em todo o tempo foram um dos modos de exprimir o sentimento. O paganismo tinha povoado os seus templos com as estatuas dos seus numes. O catholicismo cobriu as paredes das igrejas com as sagradas imagens que ainda hoje as revestem. Na Hespanha esta applicação da arte foi ainda mais exclusiva do que na Italia. Houve epocha em que o artista, que a exemplo dos Raphaeis, dos Ticianos, dos Corregios, tomasse da mythologia assumptos para suas composições, em vez de admiradores acharia criticos carrancudos e talvez juizes severos. A arte hespanhola é sobretudo religiosa. Só mais tarde, no momento da explosão do genio no seculo 17.°, o pincel do artista tomou a liberdade de se dedicar a assumptos prophanos; mas, ainda então Velasquez e Murillo, como os mestres de Toledo e Valencia, e o mais substancial da eschola es consagraram aos triumphos do dogma.

(*Continúa.*)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Curiosas noticias dos Estados-Unidos. — Os resultados geraes, que ha pouco se publicaram, do recenseamento da população de 1850, são summamente dignos de menção.

A população tem continuado com vigor na carreira ascendente que tem seguido desde a independencia da união norte-americana. De 1840 a 1850 o augmento foi de 36½ por cento, ou termo medio 4 por cento em cada anno, isto é, oito ou nove vezes mais do que em França. O total no 1.° de junho de 1850 era 23.245:301 pessoas, ou 6.176:848 mais do que em igual epocha de 1840. De 1800 a 1810 o augmento havia sido de quasi 36½ por cento; mas, esta proporção notavel só representava um effectivo de algum tanto menos de dois milhões de almas. Por este andar é provavel que daqui a 40 annos a população dos Estados-Unidos exceda a da Europa occidental, limitando esta á Inglaterra, França, Belgica, Hollanda e Peninsula Iberica.

A situação da casta branca a respeito da dos negros excita particular attenção naquelles dados estatisticos: a dos brancos é a que mais progride. Os brancos augmentaram ha dez annos a esta parte algum tanto mais de 38 por cento, e os individuos de côr, tanto livres como escravos, somente na proporção de 26 por cento. É verdade que a emigração avulta muito no crescimento natural da casta branca, pois que no ultimo decenio os emigrados desta raça chegaram ao numero de milhão e meio.

O numero de africanos e mestiços é de 3.612:899, dos quaes sete oitavas partes são escravos: a população livre e de côr, monta só a 428:637. Em resumo, ha 526 brancos por 100 negros e mestiços; e em 1790 havia somente 420. O numero dos escravos fugidos em 1850 ascende a 1:011; e isto deve attribuir-se a que o escravo, ainda que sob o aspecto moral e politico existe summamente reprimido nos Estados-Unidos, é na parte material bem tratado e

não o occupam em trabalho superior ás suas forças.

Um dos phenomenos mais notaveis é a extensão que diariamente adquire a população urbana. Em 1790 só havia em todo o paiz tres aglomerações de mais de 20:000 almas: Philadelphia, que occupava o primeiro logar, contava 43:000, Nova-York, que se lhe seguia, tinha apenas 33:000. Actualmente ha nos Estados da União sete cidades de mais de 100:000 almas: Nova-York com Broocklyn e Jersey-City, seus arrabaldes, separados della só pelo rio, contém 650:000: é a terceira cidade da civilisação occidental, porque na Europa só Londres e Paris excedem este algarismo.

As quatorze cidades mais populosas do imperio austriaco sommam 1.372:000 almas; os quatorze principaes centros da União norte-americana montam a a pertó de dois milhões. Este progresso inaudito da população urbana naquelles estados, tão superior á rural, produz o maior consumo de trigo, apesar da abundancia deste: a sua extracção, desde que o mercado inglez começou a abrir-se aos cereaes estrangeiros, subministra á Grã-Bretanha menor quantidade de trigo do que a França.

A porção do paiz em estado de cultura chega a uma oitava parte da superficie total da França, porém, não comprehende mais do que a decima oitava parte do territorio da União, Os Estados-Unidos só produzem 40 a 45 milhões de hectolitros de trigo (8,28 hectolitros correspondem a um moio de 60 alqueires); porém, gozam de uma colheita de 200 milhões de hectolitros de milho, o que não sómente proporciona alimento para os homens, mas tambem para os gados. Existem pelo menos 900 cabeças de gado vaccum e 1:800 de gado suino por mil habitantes; por isso é que exportam para a Europa grande porção de carne salgada. Produzem 32.759:000 libras de assucar, muito e bom arroz, e pouquissimo vinho e esse mesmo de pessima qualidade.

Os Estados-Unidos são o paiz que mais abunda em jornaes, havendo 2:650, e 150 *Revistas*, isto e, um jornal para cada 7·161 pessoas livres, porque os escravos não sabem ler.

THEATRO DE S. CARLOS.

Exposição do panorama do Mississipi.

Assistimos á exposição das duas primeiras secções do grande panorama movel do Mississipi, e cumprenos dizer que é realmente uma obra prima no seu genero, e que bem merece ser vista. Nada mais commodo do que imaginar o espectador que está suavemente navegando, e sem risco, nas aguas daquelle famoso rio; tal é o effeito que produz aquelle panorama desenrolando-se pouco a pouco a nossos olhos, e apresentando-nos as mais bellas vistas, e os quadros mais pittorescos.

Além disso, para melhor avaliarmos o merecimento desta obra devemos considerar que não é uma ficção do auctor, mas sim uma copia fiel e exacta da natureza, que nos representa com toda a verdade as extensas margens do Mississipi, e que custou a Mr. Smith muitos annos de estudo e fadigas.

Resta-nos ainda ver a terceira secção, que não será por certo inferior ás duas que temos admirado.

D. R.

Noticias theatraes. — Foi escripturado para o theatro de *la Scala*, de Milão, para a época do proximo carnaval, o insigne coreographo Theodoro Martin, tão vantajosamente conhecido entre nós pelas suas excellentes composições, que não só lhe grangearam a estima e a admiração do nosso publico, mas fizeram que o seu nome ainda hoje seja recordado com saudade.

M. Martin tenciona reproduzir sobre a scena de *la Scala* as duas lindas danças *Palmina*, e *Emeth*, que elle compoz expressamente para o theatro de S. Carlos em 1846, e em que muito se distinguia Madame Zimmann-Martin, na parte de protogonista.

Sabemos que o sr. Bordallo Pinheiro está encarregado de desenhar e expedir para Milão os figurinos e accessorios da dança *Emeth*, taes e quaes, os que o mesmo distincto artista extrahio naquelle anno da famosa obra de Panckoucke sobre o Egypto.

Admiradores do merito de M. Martin, compraz-nos registrar esta escriptura que lhe é summamente honrosa, e que lhe vae proporcionar novos e brilhantes louros.

A eximia bailarina Madame Zimmann-Martin estava em ajustes para um dos primeiros theatros da Italia, não tendo sido escripturada para *la Scala*, em consequencia de ter a empreza daquelle theatro dado já a prerogativa de primeira bailarina *absoluta* a Mademoiselle Sophia Fuoco.

A nova opera em 3 actos, *Giralda*, do *maestro* Cagnoni, auctor do *D. Bucefalo*, teve um exito mui feliz no theatro de Santa Radegonda, em Milão. A parte de Gines foi optimamente desempenhada pelo baixo comico Luiz Rocco.

O author do *libretto*, o conhecido poeta Giorgio Giacchetti, reproduzio o assumpto que deo logar á linda opera, do mesmo nome, de Adam.

O imperador do Brasil condecorou o *maestro* Frederico Ricci com a ordem de cavalleiro da rosa.

O *maestro* Mercadante foi agraciado com a ordem da legião de honra.

A insigne *prima donna* Cruvelli continua a causar enthusiasmo em Londres. Diz-se que a empreza do real theatro do Oriente, de Madrid, lhe fizera propostas summamente vantajosas, que ella não acceitára.

Partiu para a America a famosa Alboni, e Jenny Lind dispunha-se a voltar para a Europa.

Diz o *Pirata*, de Turim, que o encarregodo da empreza do nosso theatro lyrico, o sr. Porto, tratava de escripturar em Londres a primeira dama madame Anaide Castellan. Estimaremos que se realise aquella escriptura, porque madame Castellan goza de muita reputação no mundo theatral.

D. R.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 16.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia prophana. — Grecia, e Macedonia, vida de Socrates, Perdiccas colhendo raios do sol.

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume. nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 47. QUINTA FEIRA. 1 DE JULHO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O COMMERCIO E OS ABUSOS DAS QUARENTENAS.

Tem sido muitos os clamores e as representações do corpo do commercio de Lisboa contra os abusos das quarentenas. Insistimos na qualificação de abusos que damos aos actos contra os quaes clamam os respeitaveis negociantes da nossa praça, para que o sophisma não venha enfraquecer a força da sua justiça. O corpo do commercio respeita, e não podia deixar de respeitar as quarentenas, nos pontos em que a sciencia ainda não as condemnou, e nas praticas que possam offerecer garantia á saude publica; em tudo mais as deve condemnar como abusos que servem de pasto a interesses sordidos e illicitos. E não se pense que o commercio procedendo assim representa o interesse isolado da sua classe — a sua missão neste ponto sóbe mais alto, e vem converter-se na defeza dos mais solidos interesses do paiz.

A enfermidade que por desgraça do tão rico e esperançoso imperio do Brazil lhe rouba bastantes braços e intelligencias promove uma emigração forçada de muitos dos seus habitantes. A maioria dos que tomam esta resolução são nossos compatriotas, que á força de privações e de trabalho chegaram a accumular capitaes, mais ou menos avultados. Todas as suas recordações, todos os seus desejos, os trazem naturalmente para a patria, ao dirigirem-se para a Europa. Observar a seu respeito as regras que a sciencia aconselha — que a experiencia ainda não condemnou — como precauções contra os contagios — é dever de humanidade — e alta rasão governativa, que ninguem póde impugnar; mas transformar em ridiculo um caso serio, por meio de praticas absurdas, mudar o deposito para observação em carcere com privações, e perigos de uma nova epidemia — são factos não só ineptos mas deshumanos, e diametralmente oppostos aos interesses que ligam Portugal ao Brazil, e que tanto se devem promover. Quanto ás materias susceptiveis e não susceptiveis, as conferencias sanitarias de Paris concordaram em pontos que são uma solemne e competente condemnação da nossa anachronica tabella que ainda vigora.

O modo como a praça de Lisboa se tem havido neste negocio de grande utilidade publica faz-lhe muita honra. Ao diante publicamos dois requerimentos seus, sobre o assumpto, sendo um dirigido ao Governo, e outro á Camara dos Srs. Deputados. O commercio em ambos colloca o negocio com toda a clareza na sua verdadeira posição.

Querem-se as salutares providencias do lazareto — pugna-se pela sua fiel observancia, mas representa-se contra o que é absurdo, ridiculo e insustentavel.

Em nome da humanidade requer-se a pratica dos verdadeiros principios da sciencia contra os vexames da inutilidade e as prepotencias do abuso.

Urge e muito que os nossos irmãos do Brazil saibam que os não repellimos ineptamente das nossas praias, que os não recolhemos em um carcere nos primeiros dias de hospitalidade — que não complicamos e fazemos abortar as especulações do commercio, por meio de despezas enormes que se pagam para processos inuteis.

As representações do commercio exigem portanto uma solução prompta e justa.

Sabemos que a convenção sanitaria sendo ratificada acabaria com muitas destas justas queixas, mas tambem sabemos que ha casos como este em que a espera é impossivel — em que o Governo não póde nem deve deixar de dar uma prova especial de que attende e considera os votos de uma das maís uteis e respeitaveis classes da sociedade.

A nomeação de uma commissão de homens competentes para reverem a tabella de 1821 é um recurso que dá a este negocio uma solução favoravel, e qual o Governo não poderá deixar de pôr em pratica, pois que assim o reclama o seu credito e a consideração que lhe deve merecer o commercio.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SENHORA.

Os abaixo assignados, negociantes desta praça, tendo ouvido varias pessoas intendidas na suspeição dos differentes artigos que se importam do Brasil, e que podem trazer a este reino a febre que grassa naquelle paiz; vem respeitosamente pedir a Vossa Magestade haja por bem fazer rever por pessoas competentes a tabella de 3 de janeiro de 1821, por que actualmente se qualificam os generos susceptiveis e insusceptiveis, pois que os supplicantes se persuadem, que dessa revisão deve necessariamente resultar beneficio ao commercio, sem prejuiso para a saude publica, sendo reputados insusceptiveis alguns artigos, como o piassaba, os sacos em que vêm o assucar, por se acharem impregnados de melaço, e este ser insusceptivel; e outros que melhor conhecerão as pessoas competentemente habilitadas. — Pedem a Vossa Magestade haja de lhes deferir — E R. M. — (*Seguem-se as assignaturas*).

SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA.

Dizem os abaixo assignados, negociantes da praça desta cidade de Lisboa, que tendo o sr. deputado Antonio Corrêa Caldeira exigido esclarecimentos do governo para o interpellar sobre a deliberação que o mesmo governo tomou em dar pratica no fim de 5 dias de quarentena aos passageiros vindos pelo vapôr inglez *Tay*, não podem os abaixo assignados deixar de apresentar a esta camara, para seu conhecimento, uma fiel exposição dos vexames que soffrem os passageiros que vêm do Brazil, assim como o commercio em geral, em virtude das determinações do conselho de saude publica do reino.

Pelo edital do conselho em data de 17 d'abril do corrente anno são sujeitos á quarentena de 5 dias os passageiros vindos em embarcações procedentes de portos infeccionados, uma vez que não tragam carga de generos susceptiveis e que não tenham tido caso de morte a bordo. — Em contradicção á doutrina do mesmo edital, determinou o conselho que os passageiros vindos no vapor inglez *Teviot* tivessem a quarentena de 8 dias sob pretexto de que tinha havido a bordo um caso de morte, que se comprovou pelo attestado dos facultativos que tractaram o doente no Rio de Janeiro, declarando o estado em que embarcou, e pelo que passou o cirurgião de bordo do vapôr inglez, ser de origem de uma tisica, molestia muito vulgar entre nós, e que não póde nem deve dar motivo a quarentena, sendo por isso arbitraria a determinação do Conselho, em desharmonia com as suas proprias deliberações.

Os homens que fazem no lazareto a descarga dos generos das fragatas para os armazens no mesmo lazareto vêm da parte superior do edificio á praia para verificarem as descargas, e findas ellas tornam a ser recolhidos. Aos passageiros quarentenarios não lhes é permittido saírem da parte superior do mesmo edificio, aonde tambem são recolhidos, quando nenhum inconveniente ha em similhante concessão; porque seria escolhida pelo inspector do lazareto e cirurgião, que está tambem debaixo de quarentena em observação dos mesmos passageiros, a hora mais propria, em que, com as devidas vigias para evitar o contacto com as pessoas em livre pratica, lhes fosse suavisado o incommodo de estarem encerrados, servindo de reconhecida vantagem á saude dos mesmos passageiros, e evitando-se assim qualquer epidemia, que a falta de ar novo e livre póde desinvolver.

Ha generos que pelo antiquissimo regulamento, ainda hoje em vigor, são julgados não susceptiveis; por exemplo — o assucar —, mas o conselho exige que aquelle que vêm em saccos descarregue para o lazareto, porque está no mesmo regulamento declarado que a linhagem é julgada susceptivel, não attendendo o conselho a que os saccos que vêm impregnados em assucar, e que por isso mesmo são isentos de todas as susceptibilidades, vão para um armazem no lazareto aonde se lhes não faz, porque não é possivel, beneficio algum, e donde vêm para a alfandega; é apenas

uma escala que demora a posse da propriedade, augmenta consideravelmente a despeza, e vexa o commercio sem vantagem publica conhecida.

Outros generos ha, que tambem são julgados não susceptiveis pelo regulamento em vigor, e que só por trazerem um papel forrando por dentro a tara, vão tambem ao lazareto.

Estas e outras miserias ou prejuizos exige o conselho que se executem, ao que se póde julgar, por sustentar o regulamento, que é defeituoso e antiquissimo, e não está em harmonia com o adiantamento da sciencia no presente seculo, nem com o que se pratica em França e Inglaterra aonde os regulamentos de quarentenas estão muito modificados, sendo notorio que havia toda a tendencia para levar por diante essas modificações nos diversos delegados de muitas nações, que para tractarem deste assumpto se reuniram em Paris em 1851, apesar de não se ter tomado uma deliberação.

Em vista, pois, do que expõe os abaixo assignados, recorrem a esta camara para que se deem providencias que evitem a continuação de tantos e tão repetidos vexames inuteis que o commercio soffre com as deliberações do conselho, nomeando-se uma commissão de facultativos estranhos á repartição do Conselho de Saude, que avaliando bem todas as circumstancias reveja o regulamento, e a pauta dos generos julgados susceptiveis e não susceptiveis, e o inutilise na parte em que só servir de embaraço ao commercio, sem utilidade alguma publica, e o modifique em tudo que seja possivel, conciliando-se o bem publico com os interesses do commercio, não só em referencia ás embarcações e seus carregamentos, como aos passageiros vindos em paquetes a vapôr, ou em embarcações de véla, attendendo a que estas trazem sempre mais longa viagem. — E. R. M. — *Antonio Joaquim d'Oliveira.* — *Bernardo Miguel d'Oliveira Borges, Sobrinhos.* — *Manuel José Dias Monteiro.* — *Miranda & Filhos.* — *Domingos Affonso.* — *João José Machado.* — *Luiz Dally.* — *Nicoláo Ribeiro da Silva.* — *Pedro José da Silva.* — *Serzedello & C.ª* — *Custodio José Ferreira Braga.* — *João de Brito.* — *Viuva Tarujo & Filhos.* — *Domingos Antonio d'Abreu.* — *José d'Almeida Vidal.* — *Sebastião José d'Abreu.* — *G. J. R. de Carvalho.* — *Augusto Frederico Ferreira.* — *José Antonio Teixeira da Costa.* — *Nicolá Covacichi.* — *Viuva de Manuel Ribeiro da Silva & Filhos.* — *Antonio José de Seixas.* — *Luiz Antonio d'Abreu.* — *Alves & Carvalho.* — *Feliciano José Collares.* — *Manuel José Pereira Bastos.* — *José Maria Camillo de Mendonça.* — *Manuel Pires.* — *Camillo Martins Cardoso.* — *Mattheus José Vilella.* — *José de Brito.* — *Martinho José dos Santos.* — *Roque Luiz da Silveira.* — *José Joaquim das Neves.*

CASAS DE ASYLO DA 1.ª INFANCIA DESVALIDA.

A instituição das casas de asylo para a infancia, sendo uma das mais sublimes praticas do Evangelho é tambem uma das mais fructiferas obras da charidade de qualquer povo.

A infancia é o futuro, é a esperança que morre nos andrajos da miseria, que se perverte no crime, ou que se robustece pelo ensino e se regenera pela pratica da virtude. São grandes e tremendos os deveres dos instituidores de taes estabelecimentos; o paiz de quem sollicitam o concurso da esmola deve ser rigoroso na apreciação dos seus actos. Se o premio dos seus desinteressados serviços só póde vir do ceu, o julgamento dos seus actos é do direito da opinião publica.

Em Portugal as casas de asylo começaram com feliz exito e a instituição tem-se conservado, o que honra bastante os seus fundadores e administradores.

Uma augusta senhora, respeitavel pelas suas virtudes e pela elevação do seu espirito, tem o primeiro logar entre as almas grandes que se entregam ao santo cuidado de promover a sustentação de tão evangelicos estabelecimentos. Muitas senhoras respeitaveis se associam nesta grande obra da charidade e da civilisação a S. A. a Sr.ª Duqueza de Bragança.

Desejamos que esta instituição não só dure, mas que prospere e que se engrandeça.

A charidade publica ainda não foi em vão convidada em seu favor. E para elogio do povo portuguez deve dizer-se que avultada tem sido a esmola sempre que a voz da innocencia a tem pedido. Onde este grito da alma se ouve, este povo caridoso e pacifico lá corre em ondas para se mostrar digno daquelles sentimentos christãos que seus maiores tão sabiamente provaram.

A direcção das casas do asylo não póde deixar de ter presentes os deveres que taes factos lhe impõem, e o aviso que ao diante publicamos é disso uma prova. Sabemos que algumas senhoras fazem ha pouco parte desta direcção, e sem duvidar do seu zelo, e confiando plenamente na sua boa vontade, ousaremos pedir-lhe e a seus

illustres collegas bastante firmeza e imparcialidade no desempenho desta sua missão.

Da escolha das mestras depende a sorte futura da infancia que a pobreza confia aos seus cuidados.

A parcialidade, o favor em casos destes seria até um crime perante Deus. — Lembrai-vos que não podeis favorecer com o que não é vosso, que não podeis proteger amisade ou dedicação, por mais justificadas que sejam, em prejuiso da innocencia.

Sabemos que as senhoras que tão gostosamente se investiram de uma jurisdicção que as faz altamente responsaveis para com a consciencia e para com o publico, comprehendem perfeitamente o que a imprensa tem obrigação de lembrar.

Ha pouco o digno arcebispo de Paris, assistindo á abertura de um asylo de infancia dizia, chamando para si os innocentes desvalidos: — vinde ao pé de mim, que sou a mãe que vos falta. — Esta singela phrase com que uma grande intelligencia representou o pensamento que eleva o homem á contemplação da divindade, resume tambem os deveres que tivemos intento de esboçar dando publicidade ao seguinte aviso.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

AVISO.

O conselho de direcção da sociedade das casas de asylo da 1.ª infancia desvalida desta capital annuncia que estando vago o logar de mestra e o de ajudanta de uma das mencionadas casas, resolveu provêl-o por concurso, para o qual se recebem os requerimentos, com declaração da morada, até o dia 15 de proximo mez de julho, e que deverão ser entregues na rua da Emenda n.º 6.

Exige-se a aptidão necessaria para ensinar ás creanças a lêr, escrever e contar correntemente, a doutrina christã, e os rudimentos ao alcance da primeira infancia, e bem assim a costura e mais ensino proprio das meninas. Além disso, é condição essencial para a admissão o serem duas pessoas da mesma familia, por exemplo, mãe e filha, tia e sobrinha, ou duas filhas, admittindo-se neste caso a companhia de sua mãe.

As pessoas que se acharem nas circumstancias de servir estes logares, apresentarão os documentos que comprovem o seu bom procedimento, e serem isentas de molestias contagiosas.

Lisboa 25 de junho de 1852.

SOBRE A SEMENTEIRA DO TRIGO EM TERRAS QUE TIVERAM MILHO.

Não trato de censurar absolutamente o systema de similhante cultura, mas pertendo demonstrar os maus resultados que delle provém, pois que segundo a minha experiencia e as theorias dos professores de agricultura oppoem-se a muitas rasões economicas.

Entende-se por economia, neste caso, obter abundante colheita com a minima despeza possivel, e não o fazer despeza menor tendo colheita mesquinha, que não chega a cobrir os gastos ou pouco mais produz. Tratarei, por isso, de mostrar a insufficiencia e inefficacia do sobredito systema.

Examine-se, por exemplo, um campo de optima qualidade de terra, da que nós os lombardos denominamos *volpina*, abundante de partes calcareas, o qual foi mettido de milho tendo sido lavrado com ruim arado de pau. Chegada a primavera foi semeado de trigo, e alqueivado com o mesmo arado de pau, que rompe ou antes arranha o solo a pequena profundidade, indo os homens atraz preparando-o em pequenas leivas. Como pode, neste caso, o trigo deitar suas raizes devidamente profundas, se o chão está endurecido por causa das chuvas que o fizeram abater, dos carros que lhe passaram por cima na occasião da colheita do milho, do transito dos bois e homens, e finalmente do gado que se deitou a pastar nesse campo? Como pode nascer a seara com regularidade, se a semente do trigo fica uma muito enterrada, outra muito á superficie? Se o arado de pau, em logar de virar a terra de cima para baixo, não faz senão movel-a de uma banda para a outra, e os homens que formam as leivas puxam o trigo ao centro da leiva, de maneira que n'um caso o arado deita para dentro desta o trigo, e n'outro os homens, que veem depois com as enxadas cobrem principalmente o primeiro, e deixam á superficie do chão o que puxam com as mesmas enxadas?

Parecerá a alguem proveitoso este systema, porque a terra recebeu duas sachas e uma rechêga; mas, por isso mesmo, insisto em que, quando o milho está em planta, a terra não pode receber as influencias atmosphericas senão em parte, sendo a maior porção absorvida pela planta cereal; além de que as causas que ficam apontadas tornam muito duro o terreno, e supprimem aquella porosidade de que precisa para alimentar o trigo, o qual requer, como todos sabem, dez centimetros de profundidade (pouco menos de meio palmo) para as raizes, e outros dez centimetros para alimento; e melhor ainda se mais fosse, porquanto se o calor do verão achar a terra bem rota, os raios puxarão acima toda a fresquidão que deixaram as chuvas do inverno, e esta irá alimentar o trigo de modo que elle quasi não sinta a secca do estio.

Para obter os resultados economicos satisfactorios para o cultivador e o dono da fazenda, é necessario lavrar as terras com os arados de ferro de Dombasle, os quaes voltam a terra de alto a baixo e dão a profundidade que o bom lavrador entende ser conveniente ao terreno; ao contrario dos sim-

ples arados de pau, que não fazem senão romper levemente a superficie do chão, e não produzem o que principalmente se deseja, que é tornar a terra porosa e solta, afim de subministrar sufficiente humidade como já se disse. Demais disso a construcção do arado não permitte profundar muito pela sua fraqueza, e não póde esse arado, em rasão da fórma das aivecas, revolver a terra como os de Dombasle.

Para a terra ficar bem lavrada deve guardar-se entre a largueza dos sulcos e sua profundidade a proporção de 7 para 5, afim de expor maior superficie á acção do ar; o que com o arado de pau não se póde obter, por sua diversa fórma e insufficiente força.

Tambem é inutil dispôr as terras em pequenas leivas; servindo só estas para as situadas em baixas ou muito humidas, a fim de que as aguas da chuva, ou que enxarcam, não prejudiquem as sementeiras, antes possam escoar-se livremente.

Alguns fazem as leivas nas terras altas e de muito declive, e ao contrario dispoem as baixas em grandes quarteirões. Terão para isso rasões sufficientes, mas, confesso que não sei comprehendel-as. Ha na verdade terras altas e de muito declive onde se podem pôr em pratica as leivas, porque são sujeitas a resumbrar nellas as aguas; mas, este mal deve-se remediar por meio de vallas abertas transversalmente; tirado desta excepção devem-se formar os taboleiros que melhor se prestam ao fabrico das terras. Deste modo obtem-se copiosa colheita que cobre as despezas do cultivo, e dá o desejado lucro, tendo sido preparadas as terras com duas lavouras, e submettidas á cultura *agostana*, que já n'um dos precedentes artigos foi explicada, e á rotação agraria ou afolhamento.

Quanto á economia é evidente; porquanto, tendo alguns alcançado pelo seu particular systema cinco a seis sementes, eu obtive até dez, e mesmo quatorze e dezeseis sementes, que cobrem as despezas das duas lavouras e deixam sufficiente ganho.

Aqui costumam acabar de compor as leivas com enxadas; porém, eu tenho uma grade arqueada que prepara o terreno muito melhor, e faço todo o trabalho com bois, poupando assim jornaes de trabalhadores.

Com as duas lavras dadas ás terras e com o afolhamento ficam muito limpas de ruins hervas, de maneira que os campos semeados de trigo ou de cevada não carecem de monda, e se alguma se faz é por uma vez e de pouca despeza. Não pequena vantagem é para o agricultor dispensar a monda, porque esta não só consome bastante dinheiro, como tambem não sendo feita por gente zelosa causa grande damno á sementeira.

Os lombardos costumam dar ás sementeiras do trigo uma sacha, a qual lhe é muito proveitosa, fazendo-a gente que tenha interesse pela prosperidade da colheita; e não causa damno algum ao trigo já existente.

Nas terras montuosas e de forte declive devem-se azer os regos, não segundo a inclinação, mas transversal ou horisontalmente, a fim de que as aguas corram á superficie e não se embebam em baixo, e por outras causas que já noutra parte indicamos, tratando da lavoura; sendo para notar o facto de que se observa na raiz dos outeiros cultivados maior força de vegetação do que nas encostas.

J. GAGLIARDI.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVII.

A PAZ, OU A GUERRA?

(Continuado de pag. 548.)

— « O cofre é aquelle » continuou o jesuita « bonita peça! Sé lhe tirar as duas carrancas douradas, e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá tres voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa. Vi já um contador similhante: toda a differença era ser a volta para a esquerda. »

O secretario das mercês parecia um defuncto; caíu-lhe a chave; injectaram-se os olhos; e nos cantos da boca, repuxados pelas convulsões da afflicção, apparecia a espuma, manchada do sangue, que vertiam os beiços, mordidos com ancia. Esteve assim minutos. Depois com a desesperação resoluta de quem joga a vida, abriu o cofre e meteu a mão. Estava completamente vasio. O crime de lesa-magestade existia! O depositario tinha trahido o rei!

Na primeira refrega a dôr fez vergar o ministro sobre os joelhos, e sentiu que o sangue, acceso em torrentes de lume, lhe subia á cabeça relampejando a vista, e apagando-se a idêa. Machinalmente, o primeiro impeto foi estender a mão para as pistolas postas perto do cofre, e satisfazer o instincto da vingança. Se voassem os miollos do jesuita, o segredo da sua ruina ficaria morto com elle, e restava-lhe o tempo de se evadir ao castigo. Foi só um impeto; um accesso de loucura instantanea, acalmada logo pela reflexão. Depois, envergonhado de si, assentou-se com o rosto entre as mãos, e os olhos baixos, deixando correr o espirito por cima do abysmo das paixões com que luctava. Aquelle engenho, firme e orgulhoso momentos antes, rastejava agora, fus-

tigado pela angustia, como na segunda infancia da velhice o entendimento se prostra e o animo se quebra, sentindo-se fraco para levar sem descahir a vida e o seu peso.

O padre Ventura contemplava-o sem soberba. A sua fisionomia triste e meditativa era a elegia muda desta immensa queda. O cortesão primoroso, o ministro previdente e sabio, o commediante consummado em representar todos os sentimentos, estava nú de coração, despido de disfarce, inerme, e vencido na presença delle, e á sua voz! Por um lado que triumpho; por outro que licção!... O jesuita assim o intendeu. Pouco a pouco os olhos, e as mãos foram-se elevando ao céu com o espirito, e pelo silencio solemne, que havia em torno d'aquelle martyrio, passou o murmurio das orações que o padre enviava aos pés de Deus. Eram acções de graças, eram supplicas?

Talvez ambas!... Deste dia em diante Diogo de Mendonça era seu e da companhia. O visitador acabava de confirmar com esta victoria por mais um reinado a dominação quasi omnipotente do instituto, cuja gloria era a unica paixão de uma vida laboriosa e agitada.

Levantando os olhos de repente, o ministro ainda encontrou erguidas para o céu as mãos e a vista do jesuita. Apesar da tempestade desencadeada no cerebro, o ouvido percebeu o murmurio das orações. Assim contricto e humilhado diante da suprema sabedoria, com a fronte radiosa de fé, a figura do padre tinha a nobreza, a inspiração, e a poesia da grande imagem de um antigo patriarcha. Diogo de Mendonça, vendo pequeno diante de Deus o homem forte, teve pejo da sua fraqueza, e ousou elevar o coração ás consolações da esperança, e subir com a intelligencia á dignidade do dever. O sentimento moral venceu. A consciencia fortificou-o. A alma crente rompeu as trevas da tribulação e do desespero para se ir abraçar com Deus, pedindo constancia para a lucta, e graça para o sacrificio.

Quando se levantou estava salvo. Era outra vez o homem antigo, menos o artificio e a duplicidade; e tornava-se capaz de grandes acções, porque tinha reassumido a força donde ellas emanam. Medindo os perigos e os abysmos, que o rodeavam, com a serenidade do valor, preparou-se para o ultimo combate, resolvido a perder tudo menos a honra, e o respeito de si mesmo. Por um esforço quasi sobrenatural obrigou o espirito a socegar e a obedecer; o rosto a compôr-se grave e resoluto; a vista a não esconder nada, mas a mostrar-se firme na verdade. Percebeu, com a sua intuição superior, que a maneira de não succumbir era verem-no disposto a soffrer tudo. Em vez de o retirar levou com decisão á bocca o calix da amargura.

Assim, nesta scena intima, ambos os actores se elevavam pela grandeza d'alma. O jesuita adorando a Deus no seu triumpho; Diogo de Mendonça levantando um throno com as ruinas do seu poder.

A revolução moral, nos dois, operou-se em poucos instantes: e olhando um para o outro, passada ella, disseram comsigo » achei um homem! »

— « V. paternidade tinha rasão » disse o secretario tornando a sentar-se no seu antigo logar, e convidando o padre a fazer o mesmo. « Os papeis foram roubados. O crime existe... »

— « Bem vê! Então percebe as consequencias da publicação deste segredo?... »

— « Que póde custar-me a cabeça... Entendo perfeitamente! Accrescentarei só uma cousa. Erraram em contar com o medo do criminoso... Em que não tiveram razão foi em se persuadir de que Diogo de Mendonça se lhes deitava aos pés com temor da morte, ou se vendia com o susto de caír na maior desgraça... Tirado isto o plano é digno de elogio. »

O visitador não póde occultar a sombra do cuidado, que lhe passou neste momento, como uma nuvem, pela espaçosa fronte. No fundo do coração applaudia o secretario das mercês, mesmo prevendo que o combate se renovava, e desta vez com vantagem do contrario. Este proseguiu:

— « Sei que estou perdido; não me illudo. Dentro de um mez, de duas semanas, de alguns dias, não sei como nem quando, a revelação do segredo de estado, ha de cahir-me de repente sobre a cabeça, e anniquilar-me... »

— « Supponha, por exemplo, que o maço ía ter ás mãos de el-rei de França, ou de seu neto o pertendente de Hespanha?... » observou o padre com intenção.

É o que me estava occorrendo agora. Uma gazeta patentêa aos olhos da Europa o desaire da corôa de Portugal, e as cartas do prior Spinelli contra as conhecidas virtudes do sr. D. Pedro II, que Deus guarde? V. paternidade desejava insinuar-me isso? Apenas achei de menos os papeis, logo previ. Avalio o uso que póde fazer a companhia das armas que possue... Mas, como vê, tenho valor para encarar a verdade, e não a disfarço... Resta, pois, o optar entre uma

desgraça e uma infamia; e tenho a escolha! Se eu me fizer seu escravo, e fôr traidor a el-rei, promettem accudir-me: são os termos do pacto? Bem! a minha resposta é que estou resolvido a ir para o presidio, para as Pedras d'Angoxe, ou para a prisão perpetua da torre!... Já que tive a primeira imprudencia hei de consolar-me com a segunda. Prefiro a desgraça, mas não quero a deshonra. Estou prompto! Quando fôr tempo mandem o roteiro da viagem do conde de Castello Melhor... Fiquem certos; não hei de fugir.»

—« Ainda ha uma terceira cousa, que ommittiu, e que não lhe fica mal!» accudiu o padre Ventura com apparente serenidade.

—« A enviatura para fóra do reino?... Tirâmos a macara, sr. padre visitador, e não devo illudil-o. A enviatura é o desterro disfarçado, e a minha neutralidade póde ser mais infame do que uma traição... Recuso! Se o julgar preciso, v. paternidade responderá em S. Roque que Diogo de Mendonça Côrte Real disse que se não queria vender. É provavel que lá se admirem. Contavam com isso.

—« E sabe se a companhia pede cousa que fique mal ao seu caracter?»

—« Nem pergunto! cartas na mão, disse v. paternidade. Bem! Dou as que tenho; entrego o jogo; que mais exige? Os meios porque me roubaram o deposito de el-rei... (por grandeza de alma, não desejo abater os meus vencedores) asseguro-lhe só que os não invejo, nem para adquirir dois palmos de terra!.. A minha unica vingança é ter dó delles e de quem os emprega. Do mais não digo; tenho experiencia e uso do mundo. Incommodava-os; desviam-me; não posso queixar-me.»

—« Então suppõe a companhia capaz de se introduzir em sua casa, e de lhe devassar os segredos? Accusa-me talvez a mim proprio de ser o agente principal?..»

—« Torno a repetir a v. paternidade, despreso isso!»

—« Seja mais justo! A companhia quer amigos e precisa delles, mas não os compra. Os traidores são instrumentos, e não amigos... Sr. Diogo de Mendonça, veja aquelle espelho alli defronte dessa estante e dessa porta? Quer o delator mais claro? Ponha alguem a espreitar e o segredo foi descuberto. Agora diga: não ha ninguem que tenha um cofre similhante?»

—« Não conheço!»

—Examine melhor e ha de achar. Se me não engano até bem perto de sua casa, no fim daquelle corredor...»

—« Como?.. É possivel que...»

—« Pois, tão previsto, anda procurando o ladrão na rua, e não lhe occorre que o peior de todos é o ladrão de casa?.. Roque Monteiro Paim não será o mais interessado em se desfazer do unico emulo capaz de o offuscar?»

—« Roque Monteiro!..» exclamou o secretario fulminado. « A minha honra, o meu segredo nas mãos de Roque Monteiro!?. V. paternidade está certo?»

Desta vez é que Diogo de Mendonça se julgou completamente perdido. A rasão era simples. A companhia dava-lhe a escolher entre a paz a a guerra; o secretario de estado, inimigo capitàl, não se contentava senão com a sua ruina. Apesar de toda a constancia, mesmo com toda a grandeza de alma que o sustinha de cahir em abjecções, perdeu quasi a luz dos olhos, e a palidez a cada momento maior fez-lhe o semblante de jaspe. Os beiços tremiam como as folhas com o vento.

O jesuita compadeceu-se. Admirava as faculdades do ministro; e as sombras do artificio, que tantas vezes desmanchavam a verdadeira elevação do seu espirito, não podiam achar muito austero censor em um politico italiano. Diogo de Mendonça, convertendo a sua desgraça em defeza e resistencia, e depois de vencido não se entregando indecorosamente, era o homem indispensavel da companhia aos olhos deste competente apreciador. Percebia o plano, e applaudia-o! Nesta occasião o secretario com a verdade na bocca e a honra por escudo, parecia-lhe mais habil, mais invulneravel e diplomatico, do que nunca.

Usando dos foros da desgraça tomara de direito o melhor papel e deixava o peior á companhia pela evidencia da coacção. Depois de a perceber, restava contrariar a manobra, difficil para o padre Ventura mesmo.

Uma vez ainda, durante este duello cheio de lances a cada instante novos, o jesuita viu quasi escapar-lhe a victoria quando á julgara ganha. Não tinha vindo allí assistir á ruina de um inimigo, nem comprar um servo por mais uma ou duas convulsões de medo, por maiores ou menores promessas de fortuna; tinha vindo fazer um amigo, e esses ganham-se pela estimação e pelo respeito. Queria convencer o estadista de que as idéas de ambos eram as mesmas, e que os interesses do reino e os da sociedade de Santo Ignacio

podiam ser communs. Para isto devia seduzir o coração, e atrahir o espirito pela decifração sincera do instituto.

Coegida não acceitava a amisade do ministro. Revelando-lhe o roubo dos papeis tinha tentado uma experiencia sobre a força da alma delle, mostrando-lhe ao mesmo tempo que os braços da companhia eram compridos e sabiam chegar longe; nunca lhe passou pela mente mais do que isto. Se orou a Deus em acção de graças diante da sua derrota e o julgou decidido a contar daquella hora, é porque lhe podia tornar clara como o dia a necessidade de se unir com a sociedade para não succumbir só. Em todo o caso a sua idéa era obter o espontaneo auxilio de um alliado, e não o serviço venal de um escravo; e o visitador não era homem que cedesse facilmente de um plano assente, porque o não formava sem rasão.

Esperou por isso a opportunidade e lançou de repente no meio dos calculos do ministro o nome de Roque Monteiro. Appellando para a verdade tambem, e partindo da dignidade moral puxou esta carta, a ultima, e confiou-lhe a sorte da partida. O effeito foi qual o desejava. Desde que não era auctora, mas apenas sabedora do facto, a companhia de Jesus, sem deshonrar o ministro aos seus proprios olhos, podia estender-lhe a mão e assignar com elle o seu tractado. Eram duas potencias que se estimavam e se uniam, marchando juntas a fins em geral diversos, porém communs a alguns respeitos; — ella da sustentação da sua monarchia religiosa, elle da gloria da coroa e da pacificação geral. Qualquer das missões merecia inveja!

Portanto, dando á expressão tranquilla da physionomia um caracter mais severo o jesuita exclamou :

— « Sr. Diogo de Mendonça, não accuse a companhia, accuse os seus inimigos que tambem o são *por ora* della. Roque Monteiro pagou a um judas para o entregar. Não faça juizos temerarios, não se precipite com suspeitas condemnando o innocente!.. ainda não é tempo de apparecer a verdade. O seu espelho descubriu o maior segredo, como lhe disse; e o outro era facil de achar, sendo irmãos os cofres. »

— « E quem disse a Roque Monteiro, que eu tinha os papeis? »

— « Provavelmente el-rei! »

— « Agora me occorre! Faz tres semanas abri o segredo. Por inadvertencia deixei encostada a porta... »

— « E alguem queria ver, e viu? Lembra-se do dia? »

— « Era sanctificado. Tinha havido missa. »

— « Assim o suppuz tambem. »

— « E v. paternidade como o soube? » perguntou o secretario com um resto de desconfiança na vista.

— « Como Christo sabia que o vendiam, fallando com judas. Ahi tem porque ainda agora lhe disse que estava na mão da companhia fazel-o primeiro ministro, ou deixal-o desterrar para os presidios de Africa. Agora acha-se no caso de julgar. Não lhe menti sustentando que uns sem os outros eramos relativamente fracos. Quer que sejamos sempre os mesmos plenipotenciarios unidos para ajustar o mutuo auxilio, que nos é preciso, e debellarmos o inimigo commum? Assigna-se o tractado nos termos em que o propuz? »

O secretario das mercês estava comovido. Depois de irremissivelmente arruinado offereciam-lhe como antes as mesmas condições. Esta generosidade, esta confiança rara, acabou de o vencer. O coração já tinha accedido; arrasados de lagrimas os olhos já tinham fallado; e ainda a bocca era muda e a fronte pensativa pendia sobre o peito! Porfim, involvendo o padre em um olhar profundo e lento, disse-lhe:

— « De duas potencias que pareciamos no principio agora ha uma só: é v. paternidade. A outra bem viu o que era de fragil; a uma palavra sua cahiu por terra! Com que posso concorrer para a alliança, se amanhã, se hoje mesmo, estou sujeito a ir jazer em uma torre?.. »

— « Concorre com a pessoa, com o saber, com o seu coração, sobretudo!.. Sr. Diogo de Mendonça, respeito os escrupulos justos, estimo a probidade. Assim, com a alma nas mãos, o homem e a humanidade não lhe parece que ganham mais? Desgraçadamente não é possivel sempre! Ha venenos que nos matam se tirarmos a mascara. Paciencia! O mundo todos os dias se melhora, deixe dizer os mysanthropos... Estou percebendo as suas aprehensões... Cuida que vou pedir grandes sacrificios como prova da amisade? Socegue!., Sei o que offereço e o que dou, mas tambem conheço o que recebo. V. s.ª acceitando põe-me quasi em divida... »

— « Padre Ventura — exclamou o ministro — se a companhia se lhe assemelha no coração e na doutrina digo que a tenho calumniado! »

— « Veja o que são as cousas!.. Ha mais gloria para mim e para ella em a verdade lhe

arrancar essa confissão, do que em honrar-mos um acto de justiça com o seu nome!... Olhe, eu sou o fructo, e a sociedade a arvore. Medite as palavras de Christo, e ha de achar que a obra é sempre menos do que o auctor... Perdoe a comparação. A companhia sabe o que precisa? É mais homens e menos terras. Está rica; occupa muito logar nos dois mundos; eis o seu mal e o seu perigo. Devemos obrigal-a a ser zelosa e charitativa fazendo-a mais pobre. Convém levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltal-os piedosos para a vida de Jesus Christo, cuja imitação foi o seu voto... Esta grande reforma que a ha de salvar, e a nós com ella, deve tentar-se! Acredite-me: depois de mais de dois seculos de gloria e de dominio, a companhia cahirá, mas não ha de cahir só!... uma empreza tal, emprehendida em unidade de ideias e de meios por um ministro sabio, amigo e não lisongeiro nosso, e por um prelado forte de vontade, como o geral que represento, sinto, adivinho que não póde ficar obscura nem ser esteril na acção do mundo.... Quer ajudar-nos a povoar os desertos e a fazer homens dos selvagens? Auxilia-nos para um terceiro cheio de cubiça e de inveja não pôr mãos violentas no thesouro alheio, destruindo em um dia o que levantámos em muitos annos?... Dê á companhia força e auctoridade no Brazil e na India, para que Roma não converta a Asia e a America em feitorias apostolicas, e em troca offereço-lhe mais de tres milhões de homens instruidos e civilisados por nós... Com elles e comnosco el-rei de Portugal não ha de achar impossiveis. Por mais alto que ponha o desejo poderá realisal-o... Acaso sabia D. Manuel que havia de morrer tendo metade do mundo por seu vassallo ou tributario? »

O ministro olhava para o padre, e deixava abraçar o seu espirito com o delle. Este plano profundo, que tendia a cubrir a monarchia com os abrigos da unidade absoluta, foi exposto pelo jesuita em toda a simplicidade de um pensamento lucido, e acabou de captivar a Diogo de Mendonça. Admirando a grandeza da ideia, e concebendo a elevação do seu papel no drama projectado, rendeu-se á sociedade de Jesus tão convencido de intelligencia como vencido de coração. Effectivamente nos primeiros annos do seculo dezoito quem ousaria subir mais alto do que estes dois homens em um plano de reforma? Ramos diversos do mesmo tronco, o poder absoluto era a formula, em que acreditavam; a soberania do direito divino, a unica origem de que a derivavam. Na unidade de movimentos e de ideias resumiam tudo. Um porque a obediencia passiva era o dogma fundamental do seu instituto. O outro, porque não podia vêr além do seu tempo, e da sua educação.

— « Quando quer v. paternidade que a paz universal se proclame? » disse o ministro sorrindo e apertando a mão do jesuita.

— « No dia em que o primeiro secretario de estado se chamar Diogo de Mendonça. »

— « E até lá? »

— « Segredo! »

— « E os nossos inimigos? »

— « Se nos julgarem a dormir elles é que resonam. »

— « Mas Roque Monteiro Paim?... »

— « Deixe! Dias depois da morte de el-rei D. Pedro, que Deus avivente muitos annos, prophetiso-lhe que Roque Monteiro uma bella manhã acha o tempo lindo e tem saudades da provincia.... faz de certo uma jornada. Verá se não succede. »

— « Então os papeis de estado?.. »

— « Elle é temente a Deus, ha de restituil-os... e em pessoa. A lição deve ser grande. »

— « E a companhia?.. »

— « Só pede que a julgue pelas suas obras; e se tiver espaço e quizer, que lhe despache até depois de amanhã o negocio dos quindenios, que veio de D. Thomaz de Almeida para a sua mão. »

— « Mas eu aconselhei el-rei a que prohibisse o pagamento! »

— « Optimo! Excellente! Tambem eu disse a mesma cousa. Resolva desse modo, mas resolva depressa; é o essencial. »

— « Se el-rei está tão mal, não vejo a utilidade... »

— Vejo eu! Olhe, se el-rei podesse escapar pedia-lhe que atirasse com os papeis para o fundo da gaveta... mas assim toda a brevidade é demora. Os tres dias de um reinado novo são como as sentenças do juiz de fóra na primeira instancia. Aonde outro poz *sim*, escreve elle *não*, para se mostrar senhor das leis!.. »

— « Percebo, padre visitador! A companhia quer pagar os quindenios? »

— « A companhia não; o prelado da provincia não sei. São negocios caseiros em que não entro. Em todo o caso é com elle e com el-rei. Quer um conselho? »

— « Ouvirei com gosto. »

— « Esta tarde passe pela Corte Real e beije

a mão ao principe D. João. S. alteza ha de estimar; e estas cousas costumam servir depois... » disse o pádre pegando no chapeu.

— « Então julga v. paternidade?... » acudiu o secretario acompanhando-o.

— « Que dia é hoje? » interrompeu o jesuita sahindo já do quarto.

— « Quinta feira! » replicou o ministro admirado.

— « Julgo » murmurou-lhe ao ouvido o visitador « que dentro de poucos dias ha rei e ministro novo: e nessa tarde, espero em Deus, assignamos o tractado de paz universal na varanda de S. Roque... Não se esqueça v. s.ª de me recommendar com muitas lembranças ao padre procurador de S. Domingos, fiquei muito seu affeiçoado... Quanto á nossa ida a Santa Clara, de que lhe fallei antes de elle vir, — ámanhã de manhã ás nove horas! »

Diogo de Mendonça fez a ultima cortezia e recolheu-se. Passando pelo espelho, olhou, e achou-se com o rosto livido, as olheiras tão fundas que parecia ter-se levantado do leito da morte.

— « Estou salvo! » exclamou respirando alto e desopprimido « mas que homem, que homem aquelle! Mais duas campanhas assim, e duvido que Cesar, mesmo, resistisse... Milciades! » acrescentou ao escravo preto que chamára com a campainha « dirás a todos que me procurarem, a todos, ouves? menos ao sr. Roque Monteiro Paim, *meu particular amigo*, que teu senhor sahiu á quinta e não volta senão á noute. »

Dito isto fechou o cofre dos papeis ainda aberto, e pegando no seu Horacio principiou a reler a famosa ode — *Justum et tenacem*, — limpando a miudo a testa do suor frio, que ainda lhe fazia borbulhar a ideia dos passados perigos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

POESIAS DE OTTONI.

Professor da lingua latina em Minas Novas passou o poeta alguns annos, limitado a reger a sua aula e aos cuidados do lar domestico, sem deixar de entregar-se aos estudos a que era mais propenso. Sendo, porém, este theatro mui limitado para seus talentos, desejoso de melhorar de posição, e tambem com o intuito de cobrar seus ordenados, cujo atrazo o obrigára a viver e sua familia dependentes de seu sogro, resolveu dirigir-se a Portugal ahi pelos ultimos annos do seculo passado.

Deixaremos fallar o seu parente e biographo.

« Em Lisboa viveu José Eloy Ottoni vida de poeta e de pertendente. Entregue ás inspirações das musas, foi muito tempo companheiro inseparavel de Bressane e de Boçage. Na sua velhice commemorava elle com saudade as noites de uma certa Arcadia poetica, em que o primeiro logar era disputado pelos tres vates amigos, e contava anecdotas muito curiosas de suas excursões com Bocage aos arrabaldes de Lisboa. Conquistou nesse tempo a amizade do conde dos Arcos, de Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, e de outros litteratos e poetas de nomeada, entre os quaes mencionava com enthusiasmo a fallecida marqueza de Alorna, então condessa de Oyenhausen. O talento poetico desta senhora era tido em grande apreço por José Eloy Ottoni, que manifestou a sua admiração em muitas poesias a ella dedicadas: d'entre estas conservo uma epistola, escripta de seu proprio punho, em a qual, saudando com vivos applausos a traducção que a condessa fisera dos quatro primeiros cantos do celebre poema — Oberon, — empenhava seu valimento de poeta para que a filha das musas enriquecesse tambem o idioma vernaculo com a traducção do 5.º canto. Darei uma amostra da epistola (a Lilia):

Sobre um Vesuvio de Apollineo fogo,
Na quinta estancia de Oberon te espero.
Vôa sobre os heroes, aguia do Pindo,
Os seres immortaes te acenam, vôa,
Não suspendas o canto, ó vate, ó vate,
Cheio do Deus... o Deus por ti inspira...
Ás cordas de oiro me resoam n'alma...
Lilia! Lilia! eu te invoco, attende, attende,
Meus votos ouve, meu delirio acolhe.

E depois de analysar os cantos traduzidos, insiste o poeta pelo 5.º que então faltava.

Chega o termo fatal, o heroe que assoma
Nutrindo a fragua d'um suspiro ardente,
A esperança de Resia, occulto, envolve,
Do ameno harem á scena deleitosa.
Tu me elevas, me encantas, me arrebatas.
Dá-me, oh Lilia, o heroe, a acção o exige.
Entregue ao somno ainda Hugon repousa.
. . . .
Tu reforças o vôo, a chamma accendes...
Ah! não tardes, afouta o plectro empunha,
Do festim nupcial desprende a lyra;
Teu estro encantador meu estro fôra!
Sobre o bifido monte eu me inflammára,
Mysterios de Oberon só te pedira.
. . . .
Quanto póde Oberon teus versos podem.
. . . .
Tu não deves negar á patria os loiros;
Eia, Lilia, Oberon... prosegue, acaba.

Da epistola mencionada supponho coéva, até por estarem ambas escriptas no mesmo papel, uma outra, que vou aqui estampar, e que no meu humilde parecer justifica o juizo de um illustrado critico, o espiritoso e suave traductor de Ernani, o qual, escrevendo uma noticia fugitiva sobre a vida e talentos de José Eloy Ottoni, entendeu que em poesias de

amor nunca houve poeta mais terno, e que soubesse convencer com mais philosophia e ternura que os sexos nasceram para se amarem. »

E, seja dito de passagem, essas flôres com que o illustre poeta fluminense amenisou recentemente a lousa do poeta mineiro, são condigna retribuição de bellos versinhos em latim e portuguez, com que José Eloy honrára outr'ora as cinzas do nosso padre Antonio Pereira de Sousa Caldas.

EPISTOLA.

Soprando a chamma do aquecido engenho,
Batendo as azas da rasão liberta,
Desprende o vate a supprimida penna
Da força occulta que lhe tolhe o rasgo.
Não teme o vento rugidor, não teme
A nuvem grossa que o trovão despeja;
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afouto sobre o livre espaço.
Não cuides, Lilia, que eu avance ousado
Além da meta circumscripta aos vates;
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito as leis, a religião, o estado,
Quando cheio de Apollo ás nuvens mando
Meus pobres versos, da desgraça filhos;
O mesmo numen, que os inspira e move,
Bafeja, e manda que inspirados devam
Partir de um ponto, que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infecção, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastam.
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.
Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio o voz da natureza.
As plantas vivem porque as plantas amam;
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam,
Brotam as verdes trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o cello, e demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Ss o fido esposo que de longe exhala
O succo ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja, expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lha nega e foge:
Não vive a esposa quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva perde
O vigor da união que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.

Reflecte, ó Lilia, nos purpureos gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,
Que acende o pejo da engraçada Flora.
Vê, como a força vegetal rebenta.
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado,
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavam firmes os solemnes votos
Que exige a prole de brincões amores.
Depois que a tocha nupcial accende,
O purpureo hymeneo dá vida ás flôres,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos incham,
Rebenta o calix, e os amantes soltam
Do peito o aroma que perfuma os ares.

Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possivel desligar-se um ente,
Que á mesma especie de outro ente é unido!
Os volateis no céu, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do universo... ou nada existe,
Ou cada especie á sua espécie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se uma hydraulica mais sublime o nutre,
Que efficaz attracção, que força activa
Dispõe de um ente, que o auctor dos entes
Manda que impere aos entes do universo,
Não por orgulho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre.

(*Continúa.*)

(Continuação das Poesias Sacras.)

A seguinte é a glosa da paraphrase do versiculo *Domine, labia mea aperies*, etc. do *Miserere* que imprimimos em o n.º precedente.

Unge meus labios, Senhor,
Voarei á Divindade,
Será eterno o meu canto,
Meu instrumento a verdade.

A lyra que á flor dos annos
Consagrei cantando objectos,
Tão futeis como indiscretos,
Hoje é so prestigios, damnos:
Encontra só desenganos
Quem busca em trevas amor,
Mas eu persinto calor
De nova luz que me inspira,
Agora dá-me outra lyra,
Unge meus labios, Senhor.

Manda a luz que aponte a lei,
Dá-me o tom que o plectro afaga,
E os caracteres apaga
Que por delirio gravei;
Tambem quantos entoei
Hymnos d'amor, oh vaidade!
Seguindo a luz da verdade,
Que brilha de quando em quando,
Ao pó da terra escapando,
Voarei á Divindade.

Heroes, fortuna e grandeza,
Que o tempo eleva e consome,
Graças que morrem sem nome,
Atractivos de belleza,
Tudo é pó, tudo é fraqueza,

É tudo miseria e pranto.
Ou desdobre a noite o manto,
Ou desponte a luz do dia,
Desinvolvendo a harmonia,
Será eterno o meu canto.

De que a terra e céu me inspiram
Os pregoeiros são estes,
Todos os corpos celestes,
Que em curvas orbitas giram:
Que innumeros os soes se viram
No centro da immensidade!
Na extensão da eternidade,
Se eu abrangesse a harmonia
A luz meu echo seria,
Meu instrumento a verdade.'

NOTICIAS E COMMERCIO.

ESCHOLAS DIRIGIDAS PELO SR. DR CASTILHO (ANTONIO).

O nome deste eximio litterato é por si só uma recomendação; os desvelos que tem empregado na educação da mocidade, já na Ilha de S. Miguel, onde é lembrado com viva saudade, já no continente do reino, onde todos acatam seu muito saber e prendas, manifestam-se nos escriptos rudimentaes a que tem descido o seu elevado talento só no intuito de amenisar, e tornar mais perceptivel o estudo conveniente ás tenras idades. São conhecidos e apreciados seus incansaveis esforços; o seu methodo de leitura tem produzido optimos resultados, que ultimamente se conheceram tambem nas casas de asylo da infancia. Julgamos, por isso, prestar um serviço ao publico, inserindo os seguintes annuncios.

Collegio do Portico. — Este estabelecimento, dirigido por Antonio Feliciano de Castilho, acha-se hoje transferido para a rua dos Navegantes n.° 40 a 43, junto ao Largo da Estrella. Excellente casa, com todos os requisitos hygienicos, e, pela tranquillidade e silencio do sitio, inteiramente propria para o bom estudo. As primeiras letras alli são ensinadas pelo methodo de *Leitura repentina* e *Escripta repentina*, sob a immediata inspecção do auctor. As classes de portuguez, francez e latim, são regidas pessoal e assiduamente pelo mesmo A. F. de Castilho.

Todas as pessoas que desejem conferir e julgar por si mesmos os methodos que neste collegio se empregam para o ensino das diversas disciplinas, assim como o gosto e não vulgar aproveitamento com que os alumnos as seguem, não só são admittidas, mas até convidadas (como desde o principio até agora o tem sido) a assistirem ás prelecções e exercicios, todas as vezes, e por quanto tempo lhes agradar.

Gratuito. — ENSINO DE PRIMEIRAS LETTRAS. — No palacio da rua dos Navegantes á Estrella n.° 41 se vai abrir a 15 de julho proximo um curso nocturno *gratuito* de leitura pelo methodo de *Antonio Feliciano de Castilho*; são convidados a approveitar-se delle com especialidade os operarios, creados de servir, e quaesquer pessoas que não possam dispôr das horas do dia para se instruirem.

Os individuos que até ao praso supra-indicado não tiverem ido dar o seu nome não serão recebidos.

Obras publicas em Hespanha. — A alienação dos bens proprios dos municipios para applicar seu producto aos caminhos de ferro, é idéa que vai ganhando muito terreno no reino visinho. O governo auctorisou para esse fim os povos da provincia de Ciudad Real; e o *ayuntamiento* de Cadiz tambem deliberou igual venda para inverter o producto em acções do caminho de ferro andaluz.

Já se procede ao traçado da linha que ha de seguir o caminho de ferro de Valhadolid á corte, e breve começaram os trabalhos tão esperançosos para a Castella. Tambem se começavam os reconhecimentos e mais trabalhos preliminares para os estudos de uma secção do caminho de ferro do norte, a qual ligará o Bidassoa com o Ebro, comprehendendo uma linha de 30 leguas; todavia, parece que não satisfaz os desejos de todos os partidarios da linha do norte, porque dizem que vai deixar fóra do seu raio precisamente os povos que foram os primeiros em promover este pensamento.

Annunciou-se ter-se arrematado em Malaga a construcção do caminho entre Antequera e os limites da provincia de Cordova; e diz-se que o municipio da capital do principado tinha pedido a competente auctorisação para formar a companhia que ha de levar a cabo a construcção da importantissima via ferrea de Barcelona a Saragoça.

A deputação provincial de Toledo resolveu promptificar seis mil duros annuaes, e mais se fôr preciso, para abono dos juros das acções que se emittirem, chegando a realisar-se o pensamento de construir um caminho de ferro que atravesse parte da Estremadura passando por Talavera de la Reina.

Em Castellon discutiu-se n'uma reunião das pessoas mais notaveis da terra o projecto tendente a formar uma linha de caminho de ferro que va desde essa cidade prender-se com a linha de Valencia. Continuavam as obras do caminho do Trocadero de Cadiz para Xerez, que estiveram suspensas por exigencias do *ayuntamiento* de Puerto de Santa Maria.

As obras das estradas reaes tiveram grande impulso e algumas novas se vão abrir; na provincia da Corunha já começaram as duas que se dirigem desta cidade ao Ferrol e a Cartallo, e as de Santiago para Orense e para Lugo. Os caminhos vicinaes tambem se melhoram, e os povos auxiliam as disposições tomadas pelos delegados do governo.

A canalisação do Guadalmedina em Malaga e o canal de irrigação de Urgel são duas empresas de mui esperançoso futuro e que se activam com perseverança e efficacia. Quanto á navegação do Ebro, espera-se que qualquer dia se faça no Banco de S. Fernando o deposito de nove milhões de reales para emprehender as obras.

2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 48. QUINTA FEIRA, 8 DE JULHO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

UMA VISITA AO ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA—SITUADO NA RUA DOS CALAFATES.

Em quanto o trabalho ou a miseria estão na casa do pobre, seus filhos carecem tanto ou mais ainda do que os filhos dos ricos, de cuidados, e de ensino.

O estado social seria iniquo, seria tyrannico senão fosse a confirmação solemne do direito que a infancia tem aos cuidados e ao ensino, e os velhos ao descanço dos ultimos dias de uma vida gasta pelo soffrimento e pelo trabalho.

Estas convicções que tão constantemente manifestamos desde que somos jornalista, tiveram occasião de se robustecer ao visitar a casa de asylo da infancia desvalida, situada na rua dos Calafates e dirigida pela sr.ª D. Maria Leocadia Barros Gomes.

Entrando naquelle modesto, mas mui aceiado recinto, tivemos a satisfação de vêr 70 a 80 creanças, desde 22 mezes até 10 annos de idade, com os rostos sadios e alegres. Essas 80 creanças assemelham-se aos livros tão respeitaveis do antigo testamento, que em poucas paginas contém muita sciencia. — Interrogar cada uma é lêr nas paginas de um livro escripto com infinito saber e verdadeiro amor da caridade. Vidas que se traçam com tres ou quatro phrases dão assumpto para horas de meditação.

Entre mais de 70, escolheremos um exemplo: — Seja a mais linda, a mais esbelta, a que na infancia e na pobreza, parece por certa predisposição impossivel de descrever, estar mais formada para uma sala do que para uma officina. — É orphã de pae: a mãe está moribunda — outra irmã, quasi tão nova como ella, partilha da sua miseria e do seu abandono.

Quereis saber qual a esperança daquella mãe moribunda, qual o desejo que como ultimo alento lhe entretem o sopro da vida? Ahi nessa mesma casa o ouvimos. Espera e deseja uma carta assignada pela digna e virtuosa senhora, que dirige o asylo, a qual garanta a entrada das pobres orphãs na casa pia, quando a infeliz tiver morrido.

Vêde que altas considerações não nascem de tão poucas palavras!

A mãe que expira na pobreza, deixando no mundo dois anjos a chorar sobre o seu cadaver, só com um desejo, e uma esperança recorda á sociedade o que ella deve ao desvalido desde o berço até ao tumulo; recorda a este paiz que deve proteger, conservar e fundar quantas dessas instituições beneficas á similhança de oasis possam dar animo ao pobre para sempre caminhar ávante no deserto da sua vida.

Continuar este triste estudo da infancia desvalida, é para alli ficar horas inteiras suffocado em lagrimas entre aquella santa e descuidosa alegria que anima e cora tantos rostos de anjos. Vamos rir com elles ao passarem sobre tapetes de rosas pelos agudos espinhos do ensino. Riem e aprendem, batem palmas com que marcam os passos, que vão dando sem o sentir no infinito caminho do saber, e essas palmas parecem como aplausos á elevada e caridosa intelligencia que resolveu o problema de acabar com o enfado de aprender.

Façamos como elles: distrahem-se do exemplar que tem diante para desafogarem com olhar de fina gratidão á digna inspectora que alli tão bem representa, segundo a phrase do arcebispo

de Paris, mãe que a todas falta porque a morte ou o trabalho a desviaram dos seus cuidados maternaes. Deixemos por momentos o espectaculo agradavel do ensino, e louvemos o zelo illustrado dessa senhora — o seu cuidado de verdadeira mãe dos desvalidos, a satisfação que a cerca qual aureola de luz divina, ao desempenhar tão santa e tão civilisadora missão. E sem offensa de ninguem, não serão esta senhora, e as que procedem do mesmo modo exemplos que o dedo de Deus aponta á sociedade que vive na abundancia e no fausto?

No meio da infancia pobre, cercada pelas modestas paredes de um asylo, pareceu-nos vêl-a em um templo de gloria bem invejavel, tendo em cinzas a seus pés os trajes mais gabados de um baile, os ditos mais maldizentes de um salão, e as corôas mais viçosas de um triumpho artistico.

Protectora, mestra, e mãe, eis aqui a trilogia que esta senhora plenamente nos demonstrou.

Vejamos erguer contentes as creanças; passeiam em roda da aula, soletram, pronunciam em côro as mais difficeis palavras da nossa lingua. A maioria ha 15 dias não conhecia uma letra.

Perdoe-nos o auctor destas e outras maravilhas se agora lhe prestamos a homenagem que desde o principio destas linhas lhe deviamos. Sabemos que é bastante cavalheiro, e que mui gostoso aqui, e em toda a parte, cederá logar a uma senhora, mormente quando esta é como vimos um modelo de caridade. O cuidado que a exm.ª sr.ª D. Maria Leocadia Barros Gomes prestou sempre ao ensino na direcção do seu asylo a levou a desejar praticar ahi o methodo de ensino do sr. Castilho. Este desejo não podia ser melhor acceite, nem comprehendido. O sr. Castilho com a fé de apostolo de uma nova idéa, com o coração tambem transbordando de amor por aquelles desvalidos veio á casa de asylo dar a primeira licção, e tudo pareceu mudar nos pobres innocentes. Ao cabo de algumas horas o sr. Castilho é para essas creanças um amigo velho de que se não podem separar. Quando elle os deixe, os rastos da luz já ficam marcando a passagem da sciencia; e para muitas dessas certas intelligencias começa o crespusculo de uma bella aurora.

As visitas repetem-se com enthusiasmo, e o proveito renasce ao mesmo tempo. Passadas 15 destas visitas está feito o milagre da sciencia e da perserverança. As letras do alphabeto são conhecidas, o seu valor comprehendido, as suas combinações avaliadas. Trabalhos de mezes para todos, de annos para alguns, está feito em 15 dias! Os prodigios de que fomos testimunha nesta visita, provam que o methodo da leitura repentina é não só para lêr, mas para todo o ensino, uma realidade. De que serve que o seja? Deixai-o ser?

Bem sabemos que é esta a observação que fariam á nossa palavra essa massa inerte ambiciosa e decomposta, que inutilisa ha tanto com paixões más todos os verdadeiros interesses moraes e physicos desta terra. E tereis rasão: é melhor fazer revoluções do que estradas, convém mais fazer eleições do que educar a infancia; — é mais preciso ter um partido do que uma crença; ganha mais a sociedade quando a politica absorve todas as attenções do que se por acaso uma só intelligencia se dedicasse ao seu melhoramento. É assim que mataes todas as vocações, que desanimaes a fé que encaminha muitos animos em emprezas trabalhosas.

Acima deste mundo de miseria está felizmente o mundo da luz, que projecta sobre o futuro a esperança que não podeis confiscar em vosso proveito.

Fujamos de tão tristes e desconsoladoras recordaçoes, e vejamos o socego com que depois da licção de lêr se segue a costura. Examinae a letra com que já muitas escrevem com bastante correcção, graças ao methodo do sr. Castilho, a palavra que lhe foi dictada: admirae as contas que todas fazem por meio do contador movel, e vêde desde 3 até 10 annos como á vista dos quadros do antigo e novo testamento repetem, em relação a cada um, algumas dessas maximas que para a regra da vida são licções eternas.

É chegada a hora do descanço e do alimento. Um hymno festivo leva as desvalidas ao refeitorio. Depois de recitarem uma breve oração sentam-se, e uma refeição saudavel e perfeitamente bem feita lhes é abundantemente servida.

Deixámol-as entregues a si, e visitámos a eschola deserta dos que a enchiam á nossa entrada. Em um ultimo olhar contemplámos os dois ornamentos unicos que tem — um oratorio simples, e um modesto relojo. A Divindade ao lado do marcador do tempo, em que a sua imagem se representa na evangelica instituição das casas de asylo.

Trazemos com prazer á mente estas lembranças, porque os homens não poderão acabar esta união devida a mães e esposas.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

PROJECTOS UTEIS PARA O COMMERCIO.

Estão pendentes da approvação da Camara dos Srs. Deputados dois projectos de grande importancia commercial. Um é do sr. conselheiro Vellez Caldeira, ácerca da restituição de direitos aos algodões estampados, e tintos no paiz; e o outro assignado pelos srs. Custodio Manuel Gomes, Joaquim Honorato Ferreira, e Faustino da Gama, tem por fim acabar com o tropeço inutil das certidões e termos para cada carregador, exigidos pelo decreto de 16 de janeiro de 1837.

A materia da restituição dos direitos de importação nos algodões estampados, e tintos no paiz, está discutida até á saciedade. Nas paginas da REVISTA e nos *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional* estão publicados quantos esclarecimentos se possam carecer a tal respeito. É uma providencia reclamada pelos justos interesses do trabalho nacional, e pela vantagem que nos podia dar de augmentar muito as nossas importações na Africa, offerecendo-nos ao mesmo passo um novo mercado no Brazil, onde o nosso genero carregado com o direito da materia primeira não póde competir com o artefacto estrangeiro, sobre o qual não pésa tal encargo. Muito louvor merece o sr. Vellez Caldeira, por haver renovado a discussão de uma providencia tão precisa, contra a qual nenhuma opinião valiosa se pronunciou. Consta-nos que as secções já nomearam os differentes membros para a commissão que tem de examinar este projecto, e ousamos invocar o seu zelo pelo bem publico, para que não demorem a solução de uma questão simples que está sufficientemente estudada, e que para bem da nossa industria e do commercio já devia estar ha muito resolvida.

Quanto ao projecto dos termos e certidões são tão convincentes as rasões que a defendem como inuteis as provisões que tende a acabar. O erro do legislador quando póde ser emendado não deve premanecer sem que nenhum fundamento o justifique. Foi de grande proveito para o commercio o decreto de 10 de janeiro de 1837, que permitiu a livre sahida dos generos nacionaes ou nacionalisados de um para outros portos portuguezes. Por este decreto as alfandegas exportadoras tem que lavrar um termo para cada partida de generos que vae para cada navio, isto é, em relação a cada um dos carregadores; e as alfandegas importadoras tem que passar nma certidão para a liquidação de cada termo: devendo esta servir para em um praso fixo o commerciante dar baixa na sua responsabilidade na alfandega exportadora. Um termo para cada navio assignado pelo capitão, o aviso official da alfandega importadora á exportadora, sobre a conformidade ou não conformidade da descarga, suppre todos esses termos que na maioria estão em aberto, carregando sobre o commercio como uma responsabilidade inutil e illusoria. É por isso que o projecto remedeia os inconvenientes do decreto. Fazemos votos para que a Camara approve este projecto verdadeiramente util para o nosso commercio.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

O CALENDARIO.

IV

Só com o pezo de uma grande dose de scepticismo se poderá duvidar da origem da denominação dos dias da semana entre os antigos gregos e romanos, e que com pouca alteração e corrupção dos vocabulos passou para as nações christãs, excepto nós os portuguezes. A gentilidade poz aos dias os nomes dos planetas, que conhecia. O domingo era consagrado ao sol, o dia 2.° á lua, o 3.° a Marte, o 4.° a Mercurio, o 5.° a Jupiter, o 6.° a Venus e o 7.° a Saturno. As nações modernas, por exemplo, os francezes e os hespanhoes, seguiram esta nomenclatura, mudando-a somente no sabbado e no domingo.

Os judeus referiam a sua semana aos seis dias da creação, e como no setimo Deus descançou (segundo a expressão da Biblia) consagraram este dia especialmente ás ceremonias do culto e nelle se abstinham de todas as obras servis, e por isso o denominaram *sabbado*, isto é, *dia de descanço*; os mais dias designavam-nos numericamente.

Os christãos referindo a sua semana á mysteriosa obra da Redempção do genero humano, passaram a sanctificação do sabbado, conservando a denominação deste, para o domingo, que assim se chama por ser consagrado ao Senhor (*Dominus*); e continuando os outros povos a dar aos cinco dias restantes os nomes dos planetas, Portugal affastou-se delles para seguir o uso ecclesiastico, que denominou o 2.° dia *secunda feria*, o 3.ª *tertia feria*, e assim por diante. Os inglezes ainda denominam o domingo dia do sol (*Sunday*).

Mezes. Para não carregar a memoria com os numeros consideraveis a que seria necessario recorrer, se todos os intervallos de tempo devessem exprimir-se em dias, successivamente se imaginaram sommas de dias, grupos que tomaram as denominações de semana, mez, e anno.

É provavel que a lua, pela duração da serie de transformações por que passa antes de voltar a qualquer de suas phases tomada como ponto de partida, daria a primeira idêa da subdivisão do anno que é chamada *mez*. Neste ponto as etymologias e a arithmetica conduzem á mesma con-

sequencia. Em grego, *mene* e *men* significam lua, e mez, e *neomenia* lua nova ou primeiro dia do mez. A antiga relação da lua e do mez continúa tambem perfeitamente manifesta na lingua ingleza, porque *moon* quer dizer lua, e *month* significa mez.

O tempo que decorre entre duas luas novas, entre duas luas cheias, etc., o tempo da revolução synodica do nosso satellite é de quasi 29 dias e meio,

Os egypcios contavam por periodo de doze mezes iguaes entre si, e de 30 dias cada um, e não repetiam esse periodo senão tendo ajuntado no fim do precedente cinco dias *epagomenes* ou complementares. Temos, pois, fundamento para dizer que esse povo repartia o tempo em periodos de 13 mezes, dos quaes doze eram iguaes entre si, compondo-se o decimo terceiro de cinco dias somente.

Os mezes gregos foram a principio em numero de 12 sem contar o mez intercalar de que se usou mais tarde: estes mezes eram successivamente de 30 e de 29 dias. Dividiam-se em tres partes ou decadas, bem intendido que nos mezes de 29 dias, a terceira parte ou terceira *decada*, por uma contradicção de palavras, sómente se compunha de *nove* dias:

Durante a primeira decada, a do principio do mez, contava-se de um a dez; o primeiro dia sempre tinha o nome particular de *neomenia*. Os dias da decada intermedia eram enumerados, da mesma maneira, de um a dez. Os da decada final eram contados de modo mui diverso.

Este ultimo periodo via sempre desapparecer gradualmente a lua; eis-ahi porque o designavam por uma palavra grega, que significava — decahimento. — Os dez ou nove dias da decada de decahimento ou desfalcamento no curso da lua, eram referidos numericamente, por sua ordem, ao dia da desapparição completa do astro. Não nos deteremos neste ponto, porque a chronologia dos gregos ainda é objecto de duvidas entre os eruditos. Passaremos aos nomes dos mezes romanos, porque delles derivam os dos nossos.

O fundador de Roma instituiu um periodo de dez mezes, findo o qual se tornava a contar pela mesma ordem. O primeiro era consagrado a Marte, numen de quem Romulo se inculcava descendente. O nome do segundo mez tem origem menos certa; uns o fazem derivar do verbo *aperire*, abrir, porque então desabrocham as flores; outros, seguindo Ovidio, o consideram uma corruptela de *Aphrodite*, que era um dos nomes de Venus.

O terceiro mez foi dedicado a Maia, mãe de Mercurio; o quarto a Juno; as denominações dos restantes seis mezes exprimiam simplesmente a sua ordem numerica: *quintilis*, o quinto, *sextilis*, o sexto, *september*, o setimo, *october*, o oitavo, *november*, o nono, *december*, o decimo.

O segundo rei de Roma, Numa Pompilio, accrescentou dois mezes aos dez que instituira o seu antecessor, Romulo, e denominou o primeiro *januarius* em honra do numen bifronte, Jano; conforme alguns antiquarios o nome do segundo deriva dos sacrificios expiatorios (*februalia*) pelos erros commettidos durante o anno; dizem outros que fevereiro vem de *Februo*, numen dos mortos, ao qual era consagrado.

Os mezes de março e maio, e os de julho e outubro tinham cada um 31 dias e os outros sómente 30; por tanto, o primitivo anno romano não contava mais de 304 dias. Numa ou Tarquinio (por quanto os eruditos não ousam decidir qual dos dois reis fez a modificação) accrescentou 51 dias aos 304 de Romulo, que serviram para constituir dois mezes novos; o periodo veio então a ser de 355 dias. Não sendo os 51 dias sufficientes para dar aos dois mezes novamente estatuidos uma extensão pouco differente da que tinham já os antigos mezes, fizeram nestes alguma diminuição. Os quatro, março, maio, julho e outubro, conservaram os seus 31 dias; os seis mezes de 30 dias é que soffreram a reducção contando-se dahi por diante de 29 dias; os 6 dias juntos aos 51 prefizeram 57, assim distribuidos, janeiro 29, e fevereiro 28.

Digamos duas palavras sobre a extravagancia destas coordenações numericas. Os gregos contavam por periodos de 354 dias; portanto, ajuntando 50 aos 304 de Romulo resultaria o mesmo algarismo. Accrescentaram, porém, 51 por superstição, não querendo que o total fosse numero par, na persuasão de que os numeros impares eram mais felizes, mais acceitos á divindade. Tal foi tambem o motivo da singular repartição dos dias pelos diversos mezes, havendo 4 de 31 dias, 7 de 29, e só o mez de fevereiro de 28: este mez tinha dois defeitos, era o mais curto, e constava de um numero par caso grave para os romanos. Tal era, segundo observa o distincto historiador, M. Daunou, a sabedoria romana no tempo do *divino* Numa!

Cada um dos mezes romanos era repartido em

tres secções desiguaes, separadas por dias que tinham os nomes de *calendas*, *nonas*, e *idos*. As *calendas* eram invariavelmente fixadas no primeiro dia de cada mez; as *nonas* cahiam a 5 ou a 7, e os *idos* a 13 ou a 15.

Os rapazes tendo a attenção principalmente fixa no proximo dia de sueto, o domingo, designam muitas vezes os dias da semana conforme distam dessa época tão desejada. Não é raro ouvir-lhes dizer: — estamos a dois, a tres, a quatro dias etc. do domingo. — Assim contavam os romanos; caracterisavam cada dia conforme a sua distancia da festa immediata do mesmo mez. Logo depois das *calendas* de qualquer mez, as datas referiam-se ás nonas, e dizia-se 7 dias, 6, 5 etc. antes das nonas. Do dia seguinte ás nonas contava-se por idos; finalmente, os dias que terminavam um mez referiam-se ás calendas do mez seguinte: por exemplo, os ultimos dias de fevereiro chamavam-se o setimo, o sexto, o quinto etc. antes das calendas de março. Quando os idos cahiam a 13, havia de contar-se até 17 dias antes das calendas do mez seguinte.

Consignaremos aqui uma observação, que fará sobresahir ainda mais a incrivel extravagancia deste modo de contar. O dia que precedia immediatamente os idos, as nonas, as calendas chamava-se, como era de rasão, a *vigilia* ou vespera dos idos, a vespera das nonas, a vespera das calendas. A antevespera de cada um desses dias deveria tomar respectivamente o nome de segundo dia antes das nonas, antes dos idos, antes das calendas, chamavam-lhe porém o *terceiro*; o que precedia a antevespera era denominado *quarto*, e assim por diante com o erro de uma unidade para mais.

Na verdade aborrece ver nesta numeração retrógrada o dia das nonas, por exemplo, tomado como verdadeiro ponto de partida, não figurar na conta quando se trata da vespera, e figurar, ao contrario, como uma unidade na fixação da serie da antevespera.

Os romanos reconheceram, como os egypcios, a necessidade de recorrer a mezes intercalares. De dois em dois annos ajuntava-se um mez supplementar aos doze mezes ordinarios. Este mez chamava-se *mercedonius*, *merkedonius* ou *merkedinus*. Por uma extravagancia inexplicavel, o mez *mercedonius* intercalava-se todo inteiro entre o 23 e o 24 de fevereiro; de forma que apoz 23 de fevereiro seguiam-se o 1.°, o 2.°, o 3.° etc. de mercedonio; só depois de decorridos os dias do mez supplementar se proseguia a serie 24, 25, 26, 27 e 28 de fevereiro.

No calendario republicano, adoptado em 1793, contavam-se 12 mezes, compostos cada um de 30 dias, e dias epagomenos ou complementares em numero de cinco ou de seis, que não entravam em nenhum dos 12 mezes. Cada mez era dividido em tres decadas, cujos dias tinham os nomes de *primidi*, *duodi*, *tridi*, *quartidi*, *quintidi*, *sextidi*, *septidi*, *octidi*, *decadi*. Esta divisão tinha uma vantagem de que é privada a semana; o nome do dia da decada fazia conhecer logo e sem calculo quantos eram do mez.

Deram-se aos mezes, a começar pelo primeiro do anno republicano, os seguintes nomes: *vendimiaire*, *brumaire*, *frimaire*, *nivose*, *pluviose*, *ventose*, *germinal*, *floreal*, *prairial*, *messidor*, *thermidor*, *fructidor*. Os etymologicos criticaram estas denominações; respondeu-se-lhes que tinham a vantagem de ter a mesma terminação para os mezes de cada estação, e de se combinarem com os factos meteorologicos ou agricolas annuaes; deste modo *fructidor* correspondia á maturidade dos fructos, *vendimiaire* ás vindimas, *pluviose* ao tempo das chuvas, etc.

Porém, nestas denominações dava-se o inconveniente de serem relativas sómente ao clima da França; singularmente se illudiram, pois, os que imaginaram que seriam adoptadas em todos os paizes. Este calendario durou apenas treze annos.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXVIII.

NÃO HA GOSTO SEM PEZAR.

A manhã estava linda. Os raios do sol, escapando-se por entre as cortinas da janella esperguiçavam-se sobre o velador, que Lourenço Telles tinha diante de si. O erudito, em trajos caseiros, rodeado de livros, levantava a miudo os olhos envidraçados nos oculos, pasmando-os no tecto com regosijo expansivo. Ao lado direito da sua poltrona via-se a peanha com a gaiola do inevitavel papagaio. Aos seus pés encaracolava-se o indolente e fiel Minette em beatifica som-

nolencia. Os mandarins de porcelana tremiam as cabeças veneraveis em cima dos contadores; e a escrevaninha, com a penna esquecida no tinteiro, era alvo dos gestos frequentes e contradictorios do commentador. De repente o latinista pousando o volume, e extasiando a vista, exclamou:

« Audax Japeti genus
« Ignem fraude mala gentibus intulit! »

—« Um critico vulgar » murmurou meneando a cabeça « abraçava aqui a nuvem pela deusa Japeto? Que achado!... É o patriarcha hebreu?! Haracio conheceu a Biblia.... E não lhes occorre que se tracta do Titão que roubou ao ceu a luz da vida.... Hei de propôr a duvida ao abbade Silva. Aposto já que sua illustrissima responde que tirou o caso a limpo em algum manuscripto rarissimo, daquelles que sempre acha!... É um inventor! Em fim, defeitos todos os tem. Que é isso, louro? O almoço tarda?.. Ah, Minette, se não te accommodas!.. Quero apalpar o padre italiano; veremos como explica a allusão de Horacio. Diogo de Mendonça faz-lhe grandes elogios, e apezar de se enganar algumas vezes, os seus juisos em critica merecem muito credito... *Audax genus!* Que phrase! Quantos volumes em duas palavras! Mas o abbade põe os modernos superiores; ri-se de Tacito; e não sei se lhe chegou a vaidade de deprimir o proprio Cicero... É capaz disso! »

O soliloquio parou aqui. Os olhos do commendador tornaram a pousar-se na famosa ode, da qual novamente levantaram ao ceu uma interrogação extatica. Declinando das alturas, a vista do antiquario encontrou subitamente a longa e solemne figura do seu escudeiro, perfilada entre portas com um cartaz de más noticias nos esguios e escaveirados queixos.

—« Ah, Jasmin!.. Temos novidade?.. Entre! »

Revestindo-se de ar prazenteiro, Lourenço Telles marcou o livro mettendo os oculos entre as folhas; d'ahi, encostando os cotovellos aos braços da cadeira, e afagando a barba com os dedos, a bocca meia sorvida ornou-se de um sorriso benigno, indicio de que o espirito se dignava baixar das regiões sublimes aos cuidados prosaicos. Neste meio tempo, o escudeiro aproximando-se a passos lentos, aproveitava a pausa para restabelecer o equilibrio entre os rabichos recalcitrantes da montanhosa cabelleira.

Cheirando a sua pitada com deleite, e vagarosamente, o erudito principiou o dialogo por um interrogatorio.

—« Visitou a cópa, Jasmin? Os quatro fruteiros de prata, que eu disse? »

—« Estão promptos. Falta o doce. »

—« Está no meu quarto. Aquellas duas caixas douradas... »

—« O sr. commendador quer dizer que estavam!? » observou Jasmin fazendo uma visagem.

—« Sei o que disse, Jasmin! » acudiu o latinista um pouco severo. Procure em cima da papeleira as duas caixás, e traga-as! »

—« Vasias?! » exclamou o escudeiro inflexivel.

—« Vasias? » exclamou o amo, dando um pulo « Como? Se ainda se não abriram? »

—« Prouvera a Deus! As caixas estão lá, mas o doce é que se foi. »

—« Foi-se?... As melhores escorcioneiras de Portugal? » gritou o antiquario saltando com impeto e aclarando a falla. « Jasmin, ordeno-lhe que me declare o nome do salteador... Quem saqueou o doce? »

—« O creado do sr. capitão Filippe! »

—« E comeu tudo? Sepultou no immundo estomago as delicias da minha sobremesa? »

—« Deixou as mortalhas das caixas para memoria! » concluiu Jasmin com admiravel concisão.

Lourenço Telles ergueu os olhos e as mãos ao tecto. Depois com a vista chammejante, e batendo o pé raivoso, gritou:

—« São diabruras de meu sobrinho! Filippe é que tem a culpa! Nesta casa não ha socego, em quanto elle não sahir, ainda que vá pela janella...— Não contente de me arruinar por suas mãos, introduziu-me em casa um flagello, que é um lacaio goloso como as arpias, e feio como Asmodeo... o terror de Minette e o escarneo da visinhança... Para graça basta! Estou divertido de mais! Jasmin chame Domingos José Chaves e despeça-o da minha parte. »

—« Hoje? » perguntou o escudeiro reprimindo o jubilo.

—« Immediatamente! » insistiu o erudito.

A verdade era que Jasmin detestava o honrado Domingos José Chaves, pela libertinagem da lingua, e pela insubordinação dos actos. Primeiro ministro na economia domestica não podia sopportar os chascos, as momices, e as contrafacções burlescas, com que o Diogenes de

Filippe o perseguia, em casa, na rua, e até na igreja, arremedando-lhe a gravidade do gesto, e a seriedade infallivel de rosto. Por cumulo de audacia, o delinquente levara o arrojo a ponto de lhe sonegar a cabelleira, em quanto dormia, e de enfeitar com os seus empoados cachos a caveira do demonio de buxo tentador de Eva, que servia de ornato a um dos angulos do jardim. Desde esse dia, o escudeiro protestou esmagar Domingos; seguiu-lhe os passos silenciosamente, e facilitou as occasiões.

Não era preciso muito. A gula e a ligeireza de mãos do aborto precipitaram-no irremissivelmente. Depois da aventura em casa do abbade Silva, e do martyrio das ameixas doces e dos sete sabios da Grecia, Domingos dedicou-se ás caixas de escorcioneira do commendador saqueando-as sem misericordia. Jasmin deu pelo assalto, mas fingiu-se desapercebido. Deixou consummar o crime, tomando a precaução de colligir as provas. Foi assim que Domingos José Chaves perdeu o seu decimo nono amo, por ter feito de um demonio de buxo a publica fórma do escudeiro francez de Lourenço Telles.

O erudito estava enfiado. Voltando-se com vivacidade para Jasmin exclamou:

— « Aonde foi esta gente? Minha sobrinha Magdalena? »

— « Acompanha o sr. capitão ao almoço! » respondeu o escudeiro gravemente.

— « Oh! Para lhe tirar o fastio? E minha neta Cecilia? »

— « Foi pregar a tira do sr. capitão. »

— « Excellente! Aquelle Adonis! As Graças são poucas para o servir » gritou o antiquario exacerbado. « Aposto que Theresa... »

— « Fechou-se no seu quarto para acabar os punhos do sr. capitão. »

— « Cada vez melhor! E o almoço do papagaio? Justo! Primeiro os punhos do sr. capitão: — *avant tout le roi!* E Jeronymo?.. »

— « Disse que ia arranjar um espadim novo para o sr. capitão... »

— « O sr. capitão é eterno? » bradou fóra de si o latinista, dando com o punho fechado uma pancada em cima do velador. « Note Jasmin, o unico hospede nesta casa é o dono della! Não me dirão quando é o beijamão do sr. Filippe? »

O escudeiro coffiou de leve a peruca encolhendo os hombros. Era evidente que o relatorio havia de ser extenso, vista a perplexidade do orador. Lourenço Telles, abordoando-se á bengala, passeava, soltando imprecações classicas, e murmurando por entre as gengivas algumas palavras menos cortezes, arrancadas pela ira, e contidas pela polidez, que não se esquecia de guardar, mesmo diante de um famulo. No fim de algumas voltas pela casa, tornou a sentar-se, e dirigindo-se ao creado valido, perguntou:

— « Que horas são? »

— « Nove em ponto. »

— « E o jantar é?... »

— « Antes da uma. »

— « Dê-me o chambre de setim-primavera. »

— « Levou-o hontem o sr. capitão » disse Jasmin serenamente.

— « O meu chambre?... » accudiu o antiquario espantado. Elle cuida que a guarda roupa é herança-jacente?

— « Achou-o bonito e disse-me que lhe parecia muito claro para a idade do sr. commendador... »

— « Famoso! — interrompeu o velho sabio n'uma convulsão de raiva e esfregando as mãos com rapidez. — Qualquer dia põe-me por demente, e declara-se meu tutor... Isto não póde ser! O selvagem arruina-me, despe-me no fim. Sancto nome de Deus!... Nem os chambres deixa... O sr. abbade Silva não veio? »

— « O sr. abbade está na cópa. »

— « Ai!... Então as desgraças deste funesto dia estão ainda no principio!... O abbade encarrega-se de azedar as compotas, e de envenenar de colicas os confeitos!... Um homem que accusa Tacito de obscuro, e acha o Ariosto incomparavel!?... Jasmin, por bons modos, acuda á cópa. Sahe de lá desastre grande se o abbade se demora. *Caveant consules!* »

— « Está bem acompanhado! Depois de ensinar a desossar os dois perús de recheio á italiana, ajuda a armar uma gallera de alcorce ao pastelleiro. É um *triumpho* lindo para o meio da meza. »

— « Bem! E meu sobrinho? Acautelle-se, delle Jasmin!... »

— « O sr. capitão para o almoço tirou as duas melhores perdizes? »

— « Alarve! »

— « É o que elle disse ao cozinheiro... E bebeu da garrafa verde, lacrada... »

— « Ah! O turco! — O sacrilego! » exclamou o commendador apertando as mãos na cabeça. — Querem vêr que entornou no estomago o meu vinho precioso? Animo, Jasmin! Diga

tudo; eu tenho valor. Era o lacrima-Christi, o meu nectar com tantos annos de casa? »

O escudeiro com uma nenia no semblante inclinou a cabeça; a este aceno funebre o velho erudito desfalleceu e recostou-se na cadeira. O golpe excedia toda a longanimidade.

— « Mas, quem deu o vinho ao selvagem do sr. Filippe? — gritou levantando-se como um possesso. »

— « Ninguem! O sr. capitão aprisionou-o. »

— « Aonde! Como? »

— « Nas mãos do sr. abbade. »

— « *Hac fonte derivata clades!* — Dessa origem nasceo a ruina! » — observou Lourenço Telles desanimado!.. « Fui profeta. O maior desastre veio da mão do abbade... O meu vinho profanado por Filippe, por um glutão nescio!.. conte-me como foi. »

— « O sr. abbade estava na copa passando o nectar com mil cuidados; nisto entra pé ante pé o sr. Filippe, mettido no chambre do sr. commendador... »

— « Arlequim! »

— « Estende a mão, tira a garrafa, e pondo-a á bocca... não a largou senão enchuta... »

— « Malvado!., O brinde do jantar; a perola da minha copa! um vinho raro que nem el-rei... Sabe, Jasmin!.. Quasi que tenho dó do abbade... havia de ficar!.. »

— « Imagine o sr. commendador! sua illustrissima parece inconsolavel. »

— « Acredito. Percebo a sua magoa. É rasoavel e justa! Conhecia o valor do vinho que meu sobrinho... que o selvagem tragou como a zurrapa do porão... Jasmin, tracta-se de remediar a brutalidade de Filippe. Aonde acharemos uma garrafa de lacrima-Christi? E eu que a promettia com tanto orgulho?! »

— « Se procurar-mos bem, pode ser que appareça! » — observou o escudeiro sumindo a face na volta da gravata com a modestia de Alexandre depois de Arbellas.

— « Obrigado!.. Tira-me de mil cuidados!.. Jasmin, lembra-se do nome do cosinheiro francez, que se traspassou, por lhe faltar o peixe a horas dadas?.. Era?.. »

— « M. Vatel! O maior homem deste seculo » — exclamou o escudeiro crescendo sobre os descarnados joanetes, e dando ao rosto a sublimidade epica de uma sentença da posteridade. — « Principiou em casa de M. Fouquet, e deu licções a M. Regnard... »

— « O meu querido poeta da rua de Richelieu! » — disse Lourenço Telles, passando-lhe pela pupilla a chamma de uma grata recordação. — « Tem rasão M. Regnard é o primeiro cosinheiro... »

— « Depois de Vatel e Fontange! » — interrompeu o escudeiro precipitadamente.

— « E o melhor poeta comico, depois de Moliere » — observou seu amo, estendendo-se na poltrona com delicias. Oh! os bons dias que passamos eu e elle na quinta de Grillon, aonde se representavam as bellas peças do seu repertorio. Que excellente vinho de Joigny bebemos, quebrando nozes e rindo de lhe ouvir contar as historias do captiveiro de Argel... Ninguem recheava um cabrito melhor... nem Vatel, quero apostar! »

— « Ah sr. commendador, Vatel não era um homem, era quasi um Deus! Não comparemos... »

— « E deixou alguem?.. »

— « Fontange, o grande Fontange, seu discipulo e meu mestre!.. mas a que distancia! »

— « Foi com que elle que aprendeu a assar os borrachos á argelina?.. »

— « Fomos dois irmãos, ou mais se é possivel, sr. Lourenço Telles! » — respondeu Jasmin com grande explosão de sensibilidade e limpando os olhos. — « O que sei a elle o devo. Porque o perdi tão moço!.. »

— « Honra-o a sua ternura, Jasmin!.. De que falleceu o seu amigo?.. »

— « De uma congestão de tubaras... » disse o lachrimoso Achates.

— « Queria dizer indigestão? » — observou o erudito com amabilidade.

— « Sr. commendador, os grandes mestres, como Vatel e Fontange, não morrem de indigestão. A colica respeita-os. A apoplexia, a perfida apoplexia, eis o desastre que os espera. »

— « Seja! Acha o cozinheiro que ahi está capaz de não nos envergonhar? »

— « Soffrivel! Toleravel! boa pratica, nada mais! » — respondeu o fanatico de Vatel afilando os labios com desdem. — « O sr. commendador deseja que eu dê um passeio pela cosinha? »

— « Obrigar-me-ha, Jasmin! Recorde-nos em algum dos pratos raros a arte do defuncto mestre... » — acudiu sorrindo o velho sabio. — « O sr. Diogo de Mendonça viajou, e o jesuita italiano, o padre Ventura tem visto bastante mundo... »

— « Creio que me hão de conhecer a mão!.. Mesmo o sr. abbade Silva! Tem paladar!.. Pode-

se ouvir um conselho seu no artigo doces e recheios sobre tudo... Era o segredo do immortal Vatel... »

— « Que Deus tenha á sua vista! » — murmurou o sabio cançado do elogio eterno.

— « Hoje » — proseguiu o amador — « ninguem faz um recheio... A arte perde-se. »

— « Jasmin, salve os doces mais o vinho das garras de Filippe!.. Encommende-se aos manes de Vatel, e honre aquella sombra illustre... olhe, peça da minha parte ao sr. abbade dois minutos de audiencia. Aqui para nós; receio que me transtorne tudo. Não acredito no gosto delle; e o gosto é o rei dos sentidos, como diz o meu amigo Regnard. Quem prefere os modernos a Tacito e a Horacio é capaz de chamar truta a uma lampreia, e beringela a uma alcachofra. »

O escudeiro retirou-se. Instantes depois entrava o abbade, em passo funebre, trazendo no rosto a nuvem presaga de que Van-Dik entristece as phisionomias destinadas a papel tragico na scena do mundo. Com um abraço mudo, Lourenço Telles disse tudo. A defloração do vinho teve exequias dignas dos grandes infortunios.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVI.

UM INTERROGATORIO.

(Continuado de pag. 537.)

É no triste e lugubre edificio da inquisição de Lisboa, descendo lenta e cautelosamente uma longa escada que a humidade e os musgos tornavam escorregadia, que vamos encontrar agora El-rei D. Affonso VI, encostado ao braço do seu ministro o conde de Castello-Melhor. Precedia-os um guarda dos carceres com uma tocha acesa na mão, porque naquellas escadas que levavam ás prisões subterraneas não penetrava quasi a luz do dia; e seguiam-nos D. Verissimo de Lancastre, o inquisidor da segunda cadeira, e um deputado do santo officio.

— Não tem fim esta maldita escada — exclamou D. Affonso impaciente.

— Já falta pouco — disse o deputado do santo officio. — São sessenta e dois degraus, e já descemos quarenta e nove.

— V. M. quer entrar na casa dos tormentos? — perguntou D. Verissimo de Lancastre.

— Não. Não me disseram que havia uma janellinha d'onde se via e ouvia tudo?

— Sim, senhor. A janella dos inquisidores.

— É aqui — disse do extremo do corredor subterraneo, onde El-rei acabava de dar entrada, uma voz grossa a que a resonancia da abobeda dava um timbre quasi metalico.

— Quem está alli? — exclamou sua magestade, detendo-se com hesitação.

— É o alcaide dos carceres secretos, que espera por V. M. — respondeu o velho D. Verissimo socegadamente.

A este tempo já o luciferario havia parado á porta baixa fechada por uma grade de ferro, que estava no fim do corredor. Logo que El-rei se aproximou, a porta abriu-se e o alcaide vindo-lhe ao encontro poz-se de joelhos e offereceu-lhe o molho das chaves dos carceres. El-rei transpoz a porta sem nem sequer olhar para o alcaide.

O cubiculo em que Affonso VI entrou com o seu escrivão da puridade, e os juizes do santo officio, era tão estreito que nelle mal poderiam caber dez pessoas, e alumiado apenas por um clarão vivo e vermelho que entrava pelas malhas da adufa da janella, onde os inquisidores vinham ás vezes vêr o que se passava na casa dos tormentos.

Esta era uma casa quadrada e espaçosa, com abobada de volta de sarapanel e de arestas, em cujo feixo havia um florão de que pendia uma corrente terminada por um annel de bronze. Em roda, pendurados pelas paredes, e espalhados pelo chão, havia instrumentos de fórmas monstruosas, tenazes de ferro com dentes incisivos e agudos como os do tigre, vasos enormes cheios de liquido negro e denso, caldeirões de cobre, facas agudas e pulidas que reflectiam a luz como espelhos. N'uma chaminé, cujo vão occupava quasi todo um dos lados do carcere, ardiam alguns troncos de arvore, sobre os quaes estava uma caldeira onde o pez fervia em cachão, trasbordava ás vezes, e caia em chuva de fogo mal se lhe aproximavam as labaredas. De roda da fogueira, similhantes a reptis negros e hediondos que se estendiam pelo lar escondendo as medonhas cabeças nas chammas, oito ou dez instrumentos de tortura estavam simetricamente dispostos.

Esta casa pavorosa não era deserta: havia alli algozes, e uma victima. O dr. Estevão de Brito Foyos, promotor da inquisição, estava ao canto do carcere sentado a uma mesa, do lado opposto da qual se via o notario com a penna na mão

e uma folha de papel amarellado diante de si. Dois guardas, de aspecto carrancudo e sinistro, seguravam uma velha pallida e descarnada, apenas cuberta em parte por uma tunica despedaçada, e cuja face repugnante estava em harmonia perfeita com a dos outros actores daquella scena infernal. Outro guarda, mancebo ainda imberbe, com a alegria nos olhos e o riso na bocca, como quem sabia saborear o inquisitorial prazer da martirisar o proximo, corria de um lado para o outro da casa, ora atiçando o lume, ora dispondo em roda da victima os instrumentos da tortura, ora dizendo em voz baixa aos seus companheiros alguma chocarrice nefanda, que os fazia rir. Todos pareciam esperar por alguma coisa para darem principio á sua tarefa horrorosa.

E com effeito, quando o alcaide dos carceres entrou na casa da tortura, e disse algumas palavras ao ouvido do dr. Foyos, este, indireitando-se com solemnidade fradesca, e limpando estrondosamente a laringe do incommodo pigarro, como pregador que depois de dizer um texto latino se prepara para entrar no exordio do seu sermão, deu com as seguintes palavras signal de que se ia dar principio ao terrivel drama:

— Sr. notario, escreva as confissões da ré.

Depois, voltando-se para a velha que os guardas seguravam, disse-lhe:

— A misericordia do santo tribunal está sempre prompta para perdoar e absolver os que confessam os seus peccados sem reserva, nem excepção. Confessa as tuas culpas, Zaida, e mostra arrependimento dellas, porque se forem tão graves que não possam sêr perdoadas neste mundo, talvez no outro Deus se compadeça de ti.

Via-se, no tom, na phrase, no gesto do dr. Foyos, o desejo de brilhar diante dos invisiveis espectadores do interrogatorio.

Zaida, que tinha estado até áquelle momento como em lethargia, ergueu-se de pé quando ouviu as palavras do promotor, e com voz firme, e vibrante, respondeu:

— Já confessei o que tinha a confessar; agora não me resta nada que dizer.

— Confessas ser bruxa, e ter relações com o demonio?

— Já o confessei.

— Confessas ter dado juramento de obediencia ao demonio no livro negro, em que não ha nenhuma folha branca?

— Sim.

— E ter ido nas sextas feiras aos ajuntamentos das bruxas e dos demonios, depois de te haveres untado com o unguento feito de sangue de crianças mortas por ti, tambem confessas?

— Já sobre aquelle potro me arrancaram essa confissão.

— Confessas ter tomado parte em todas as torpezas e infamias, que se fazem nesses malditos ajuntamentos.

— Confesso.

— E ter adorado o maioral dos demonios, que está sentado em cadeira negra de espaldar, a presidir ao banquete de carne de bode preto, com que rematam essas festas infernaes?

— Confesso.

— Confessas saber advinhar, e ter *feitiçarias* para bem e mal querer, para se haverem as coisas, e saber-se o que ha de ser, com esconjuros, convocações dos demonios, e *chamamentos* de almas?

— Confesso.

Aqui o dr. Foyos sacudiu gravemente a cabeça, tomou uma larga inspiração, limpou de novo a garganta, e proseguiu com solemnidade:

— Falta confessar ainda um crime gravissimo, o mais grave de todos; um crime contra Deus e contra El-rei. Com as tuas artes diabolicas, e para fins sinistros, quizeste enganar Sua Magestade, fazendo-lhe vêr o que não existiu nunca, e que não *póde existir: mostrando*-lhe, como criminosa, uma dama innocente, e... virtuosa.

O promotor depois de ter dito com esforço estas ultimas palavras, tossiu estrepitosamente, e olhou para a janella onde estava Affonso VI.

— Confessas tambem este crime — proseguiu elle depois de uma pausa — para remir a tua alma?

— Não.

— Depois de ter confessado todos os crimes de que serve querer negar este? — acudiu o dr. Foyos, assustado com esta negativa. — Os outros são bastantes para levar á fogueira; o negar este não te póde salvar o corpo, e póde-te perder a alma.

— Não confesso isso porque o não fiz — disse a velha Zaida quasi com o riso de prazer na bocca — O que El-rei viu era realidade e não illusão. El-rei é trahido por essa mulher, por todas as mulheres que elle julga amarem-no.

— Mulher, a santa inquisição tem meios de te arrancar a verdade — exclamou o promotor.

— A verdade é esta, e eu não direi outra coisa senão o que é verdade.

— Persistes em negar esse crime?

— Sim.

— Ao potro a bruxa excommungada para que confesse o crime — bradou o dr. Foyos, perdendo a paciencia.

A ordem do promotor foi zelosamente obedecida. A velha Zaida, posta no potro, começou a soffrer em silencio o horrivel tormento. Os ossos deslocados estalavam, as carnes dilaceradas confrangiam-se, mas a bocca apenas deixava sair a espaços algum gemido, a que se não misturava sequer uma palavra, uma queixa.

— Teimas em negar o crime? — perguntou o promotor.

Zaida não respondeu.

— Vamos ao pez para a fazer fallar.

— Como está liquido talvez as palavras lhe escorreguem bem por elle — disse a meia voz para os seus companheiros aquelle guarda dos carceres, moço e risonho, que tinha andado a dispôr artisticamente em roda da victima todos os instrumentos da tortura. Os outros riram da atroz chocarrice; e a scena infame progrediu.

O tormento do pez ardente era um desses requintes da crueldade, que nenhuma féra, a não ser a féra civilisada, imaginativa, beata, e hypocrita, a que chamam o homem, ousaria *inventar* e applicar a um ente vivo, e muito menos a um ente da sua propria especie. Naquella lucta entre os inquisidores e as suas victimas, eram sempre aquelles quem venciam; porque *de um lado* havia a crueldade incansavel, uma variedade, um luxo de martyrio, prodigioso; e do outro só havia a paciencia e a resignação, que são frageis, que não podem quasi nunca resistir á dôr physica levada ao seu auge maior.

Zaida não poude resistir ao novo tormento: n'um ai de agonia pediu misericordia aos seus algozes.

— Confessas o crime que commeteste contra Deus, e contra El-rei? — perguntou o promotor do santo officio.

— Tudo, confesso tudo — respondeu ella.

Então o dr. Foyos ordenou, com um gesto, aos guardas dos carceres que desatassem a sua victima do potro, e estes, obedecendo promptamente, deixaram cair a bruxa velha semi-morta no chão.

— Escreva, sr. notario — disse o promotor. — A ré declara espontaneamente ter, por arte diabolica e poder de Satanaz, feito vêr a El-rei o que nunca existiu nem podia existir; evocando para isso do outro mundo a alma penada do capitão Francisco d'Albuquerque.

Aqui o dr. Foyos tornou a ólhar para a janella onde estava D. Affonso VI, e deu a sessão por acabada.

El-rei assistira ao interrogatorio de Zaida sem dizer palavra. Quando viu porem-se de pé o dr. Foyos e o seu notario, levantou-se tambem, e encaminhou-se com o seu passo lento e arrastado para a escada por onde uma hora antes descera aos carceres secretos.

— V. M. ouviu as confissões da bruxa — perguntou o conde de Castello-Melhor.

— Ouvi tudo — respondeu El-rei secamente.

E ninguem mais ousou interromper o silencio de Sua Magestade.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Casas de asylo. — Na ultima assembléa geral foram nomeadas directoras dos seguintes asylos:

Da Cordoaria — Exm.ª sr.ª condessa da Ribeira Grande.

Da Lappa — Exm.ª sr.ª D. Maria Isabel de Magalhães e Cabral.

De Santa Isabel — Exm.ª sr.ª marqueza de Fronteira.

Das Portas da Cruz — Exm.ª sr.ª duqueza da Terceira.

Dos Anjos — Exm.ª sr.ª D. Maria Luiza Agar.

Da rua dos Calafates — Exm.ª sr.ª D. Maria Leocadia Barros Gomes.

Da Esperança — Exm.ª sr.ª D. Augusta Sarmento.

Sendo da nossa intenção que a REVISTA preste ás casas de asylo uma attenção especial, formamos o proposito de as visitar á proporção que nos seja possivel. Tendo sido a primeira a que nos dirigimos a da rua dos Calafates, informamos-nos dos nomes das inspectoras locaes, que muita parte tem na perfeita organisação deste asylo, e soubemos que são em cada dia da semana:

Segunda feira — Exm.ª sr.ª D. Henriqueta Gomes de Araujo.

Terça feira — Exm.ª sr.ª D. Josephina Clarisse de Oliveira.

Quarta feira — Exm.ª sr.ª D. Ludovina O'Neill.

Quinta feira — Exm.ª sr.ª D. Antonia de Soure.

Sexta feira — Exm.ª sr.ª D. Maria José Munró.

Sabbado — a Directora.

Carlota dos Paineis. — É este o nome de guerra, que escondendo o nome de uma filha de gente de bom trato e costumes ficou celebre na historia da criminalidade dos nossos tribunaes. A causa crime em que ficou celebremente registado, julgou-se sabbado 3 do corrente. Do processo constava que a ré

tinha 22 annos, que sendo sabedora de que um tal *Mulatinho* dissera a seu amante algumas palavras que lhe não eram favoraveis — ella ao vêl-o ou procural-o em uma taberna, descarregára sobre esse homem, conhecido pelo *Mulatinho*, uma navalhada de que morreu no hospital. E isto estando presentes cerca de 10 ou 12 pessoas. Teve tempo de se evadir, e só no dia seguinte foi presa. Durante a accusação esteve mui senhora de si, e com pasmosa indifferença ouviu mais de uma vez contar as testimunhas a triste scena de que a diziam auctora. Respondeu ao juiz com altivez e até com desenvoltura. O jury deu o crime como provado, e o juiz a condemnou em 15 annos para Cabo Verde. Ao ouvir a sentença ficou como antes, sem a menor comoção, observando que lhe não faria cabellos brancos, pois que 15 e 22 eram 37, e a esta edade contava voltar a Lisboa de perfeita saude. Em seguida, fora da audiencia, esteve fumando e conversando alegremente. Perguntaremos agora de que servem estas sentenças, sem penitenciarias e de systema cellular, onde no recolhimento de um silencio jámais interrompido pelo remorso se depura a alma dos instinctos do crime, e se prepara para receber o castigo?

THEATRO DE S. CARLOS.

Tem continuado neste theatro a exposição do grande panorama movel do Mississipi. A concorrencia dos espectadores tem ultimamento augmentado, mas ainda assim estranhamos que não seja em muito maior escala, considerando que é voz unanime que este panorama é bem digno de ser visto.

É que realmente algumas das scenas que se nos apresentam são de um effeito admiravel, e se a monotonia que reina na sala, produzida pelo silencio, obscuridade e falta de animação neste genero de espectaculo, não causasse uma certa apathia entre os espectadores, estamos certos que algumas dellas seriam vivamente applaudidas.

Não entraremos em particularidades, mas diremos que admiramos sobretudo no panorama de Mr. Smith a perfeição e naturalidade das agoas e dos ares, que são de uma illusão completa. As vistas nocturnas tambem produzem bello effeito, e a tempestade que se vê na 2.ª secção imita muito o natural.

Admiramos, além disto, as cidades de S. Luiz, do Cairo, de Nova Orleans, e outras muitas edificadas como por encanto em menos de cincoenta annos, — o commercio que alli reina, — o grande numero de navios ancorados naquelles portos, — a infinidade de vapores de uma construcção particular, e alguns delles de proporções gigantescas, que navegam no Mississipi e conservam viva e animada a convivencia naquelle immenso littoral, — as officinas e theatros ambulantes que sobem e descem o rio; — todas estas bellas vistas, emfim, que nos transportam por poucas horas á America Septentrional, e nos fazem ajuizar practicamente do gráu de civilisação e prosperidade a que tem chegado aquelles povos.

Cumpre-nos, pois, recommendar esta agradavel e commoda viagem, a quem ainda a não tiver emprehendido, particularmente agora que a consideravel reducção nos preços do transpor e a põe ao alcance de todos.

Nova empreza.

É geral a anciedade do publico por saber quem são os artistas que devem figurar no nosso theatro lyrico para a primeira época da nova empreza. Não se tendo até hoje publicado noticia alguma positiva a este respeito, tem-se alimentado a curiosidade dos *dilettanti* de um sem numero de conjecturas sobre os nomes dos artistas que se diz terem sido escripturados em Londres pelo sr. Porto.

Abstemo-nos de transcrever aqui o que temos ouvido sobre este ponto, e só diremos que não faltou quem annunciasse a Cruvelli já escripturada para Lisboa, ignorando talvez que as exigencias desta primeira dama, e de alguns outros artistas de igual nomeada, são absolutamente incompatíveis com os recursos do nosso theatro.

Folgamos, porém, de podermos hoje citar uma carta de Paris recebida pelo paquete, e escripta por pessoa que julgamos bem informda, que nos annuncia ter o sr. Porto escripturado já as damas Anaide Castellan, Rossi-Cacia, e as duas irmãs Agostini; assim como o primeiro baritono Bartolini.

O sr. Porto havia partido para *Berlim*, e tencionava passar depois á Italia, a completar alli a companhia.

De mad. Castellan, sabemos que é uma primeira dama vantajosamente conhecida nos theatros de Paris e Londres, e muito elogiada pela imprensa daquellas capitaes.

O baritono Bartolini está actualmente escripturado em Londres no theatro de *Covent-Garden*, onde acaba de agradar muito, desempenhando a parte de *Asthon* na *Lucia*.

Em quanto a mad. Rossi-Caccia, é uma artista bem conhecida do nosso publico.

D. R.

ANNUNCIO.

PRIMEIRAS NOÇÕES DE PHYSICA PARA A GERAL INSTRUCÇÃO DO PUBLICO, pelo lente de physica da escóla polytechnica *Guilherme J. A. D. Pegado.*

Esta publicação faz-se por livretes: o 1.º acaba de sahir, e acha-se á venda na loja da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres n.º 45, e na de Lavado, rua Augusta n.º 8. Contém, entre outros objéctos a descripção do

SYSTEMA METRICO.

São muito dignos de louvor os esforços que o sr. dr. Pegado emprega para propagar o conhecimento de uma sciencia que tantas applicações tem nos variados usos da vida.

O primeiro livrete das *Noções de Physica* divide-se deste modo: — Primeira divisão. Physica dos ponderaveis. — Capitulo 1.º, Ideias preliminares. — Cap. 2.º Extensão. Neste se tracta do *systema metrico* com as equivalencias dos pezos e medidas francezas em relação ás nossas e de algumas nações, com uma estampa que representa o *decimetro* e suas subdivisões, na verdadeira escala. Pelo corpo da obra vão as necessarias estampas intercaladas no texto, que é explicado ou ampliado nos logares convenientes com copiosas notas. — Cap. 3.º Impenetrabilidade.